

Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita



Federação Espírita Brasileira

Livro
I

Estudo aprofundado da Doutrina Espírita

Cristianismo e Espiritismo



Estudo
aprofundado da
Doutrina Espírita

Estudo aprofundado da Doutrina Espírita

Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas ao estudo do aspecto religioso do Espiritismo

livro I Cristianismo e Espiritismo

Organização
Marta Antunes de Oliveira de Moura



Copyright © 2013 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 10ª impressão – 2,6 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-7328-770-7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 - comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

Estudo aprofundado da doutrina espírita: cristianismo e espiritismo. Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas ao estudo do aspecto religioso do espiritismo / organizado por Marta Antunes de Oliveira de Moura. – 1. ed. – 10. imp. – Brasília: FEB, 2019.

V.1; 366 p.; 25 cm

Inclui referências

ISBN 978-85-7328-770-7

1. Espiritismo. 2. Estudo e ensino. 3. Educação. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.04.00

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	7
<i>Esclarecimentos</i>	9
Módulo I – Antecedentes do Cristianismo	13
Roteiro 1 – Evolução do pensamento religioso	15
Roteiro 2 – As religiões não cristãs (1)	23
Roteiro 3 – As religiões não cristãs (2)	33
Roteiro 4 – O Judaísmo	43
Roteiro 5 – Moisés, o mensageiro da Primeira Revelação	57
Módulo II – O Cristianismo	67
Roteiro 1 – Nascimento e infância de Jesus	69
Roteiro 2 – Maria, mãe de Jesus	81
Roteiro 3 – João Batista – o precursor	89
Roteiro 4 – A missão de Jesus – guia e modelo da humanidade	97
Roteiro 5 – Os apóstolos de Jesus. A missão dos doze apóstolos.....	113
Roteiro 6 – A escritura dos Evangelhos. Os evangelistas	129
Roteiro 7 – Fenômenos psíquicos no Evangelho	143
Roteiro 8 – Os discípulos de Jesus.....	155
Roteiro 9 – A última ceia.....	167
Roteiro 10 – O calvário, a crucificação e a ressurreição de Jesus.....	179
Roteiro 11 – Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo	191
Roteiro 12 – Conversão e missão de Paulo de Tarso	199
Roteiro 13 – As viagens missionárias do apóstolo Paulo	211

Roteiro 14 – As epístolas de Paulo (1).....	223
Roteiro 15 – As epístolas de Paulo (2).....	237
Roteiro 16 – As epístolas de Paulo (3).....	251
Roteiro 17 – As epístolas de Tiago e de Pedro.....	265
Roteiro 18 – Epístolas de João e de Judas.....	275
Roteiro 19 – Atos dos apóstolos (1).....	283
Roteiro 20 – Atos dos apóstolos (2).....	291
Roteiro 21 – O apocalipse de João	299
Roteiro 22 – A igreja cristã primitiva	311
Roteiro 23 – Igreja Católica Apostólica Romana e Ortodoxa	321
Roteiro 24 – Islamismo.....	337
Roteiro 25 – A reforma protestante	353

APRESENTAÇÃO

Disponibilizamos ao Movimento Espírita a terceira edição de Cristianismo e Espiritismo, Livro I, que faz parte do Curso Aprofundado da Doutrina Espírita – EADE.

Esta nova edição, revista e ampliada, conta com 25 roteiros, resultado da inclusão de três novos temas (Maria, mãe de Jesus; João Batista, o precursor; Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo) e do desdobramento de outros.

Agradecemos as oportunas sugestões de aperfeiçoamento deste material e as expressivas manifestações de apoio enviadas por confrades espíritas.

Brasília (DF), janeiro de 2013.

ESCLARECIMENTOS

Organização e Objetivos do Curso

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) é um curso que tem como proposta enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, estudado de forma geral nos cursos de formação básica, usuais na Casa Espírita.

O estudo teórico da Doutrina Espírita desenvolvido no EADE está fundamentado nas obras da Codificação e nas complementares a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente por Jesus e por Allan Kardec.

Os conteúdos do EADE priorizam o conhecimento espírita e destaca a relevância da formação moral do ser humano. Contudo, sempre que necessário, tais as orientações são comparadas a conhecimentos universais, filosóficos, científicos e tecnológicos, presentes na cultura e na civilização da Humanidade, com o intuito de demonstrar a relevância e a atualidade da Doutrina Espírita.

Os objetivos do Curso podem ser resumidos em dois, assim especificados:

- » Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico.
- » Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita tem como público-alvo todos os espíritas que gostem de estudar, que desejam prosseguir nos seus estudos doutrinários básicos, realizando aprofundamentos de temas que conduzam à reflexão, moral e intelectual.

Neste sentido, o Curso é constituído por uma série de cinco tipos de conteúdos, assim especificados:

- » Livro I: Cristianismo e Espiritismo.
- » Livro II: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 1
- » Livro III: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 2

- » Livro IV: O Consolador prometido por Jesus
- » Livro V: Filosofia e Ciência Espíritas

Fundamentos espíritas do curso

- » A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. [...]
- » O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, do seu passado e do seu futuro [...]. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. I, item 56.
- » O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão V.
- » [...] O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força, pois aí é invulnerável. [...] Allan Kardec: *Revista espírita*, 1861, novembro, p. 495.
- » [...] Ainda uma vez [o Espiritismo], é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião e, na moral do Cristo [...]. Allan Kardec: *Revista espírita*, 1862, maio, p. 174-175.
- » Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VIII.
- » Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais.
- » A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo de nobres investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do

homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual. Emmanuel: *O consolador*. Definição, p. 13-14.

- » A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução, item 17.
- » Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais [...]. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. [...] Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade [...]. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VI.
- » O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Allan Kardec: *O que é o espiritismo*. Preâmbulo.
- » [...] o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VIII.
- » O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VII.

Sugestão de Funcionamento do Curso

a) Requisitos de admissão: os participantes inscritos devem ter concluído cursos básicos e regulares da Doutrina Espírita, como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ou ter conhecimento das obras codificadas por Allan Kardec.

b) Duração das reuniões de estudo: sugere-se o desenvolvimento de uma reunião semanal, de 1 hora e 30 minutos a 2 horas.

Atividade extraclasse: é de fundamental importância que os participantes façam leitura prévia dos temas que serão estudados em cada reunião e, também, realizem pesquisas bibliográficas a fim de que o estudo, as análises, as correlações e reflexões, desenvolvidas no Curso, propiciem melhor entendimento dos conteúdos.

EADE LIVRO I | MÓDULO I

ANTECEDENTES DO CRISTIANISMO

ANTECEDENTES DO CRISTIANISMO

Roteiro 1

EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO

Objetivos

- » Elaborar uma linha histórica da evolução da ideia de Deus na Humanidade.
- » Explicar politeísmo e monoteísmo à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » O homem primitivo entendia Deus como um ser antropomórfico: [...] *Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 667.*
- » O politeísmo é a crença em vários deuses e o culto a eles prestado. Chamando [...] *“deus” a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham por deuses os Espíritos. Daí veio que, quando um homem, pelas suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, por sua morte, lhe rendiam culto. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 668.*

- » [...] *Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XVIII, item 2.

Subsídios

O desenvolvimento da ideia de Deus e do processo religioso da Humanidade acompanha a evolução, intelectual e moral, do próprio ser humano. Uma conquista está inerente à outra.

Quando [...] os homens, fisicamente, pouco dessemelhavam dos antropitecos, suas manifestações de religiosidade eram as mais bizarras, até que, transcorridos os anos, no labirinto dos séculos, vieram entre as populações do orbe os primeiros organizadores do pensamento religioso que, de acordo com a mentalidade geral, não conseguiram escapar das concepções de ferocidade que caracterizavam aqueles seres egressos do egoísmo animalesco da irracionalidade.⁸

As primeiras manifestações de religiosidade estão, pois, relacionadas à realização de sacrifícios que poderiam agradar a Deus.

Primeiramente, porque não compreendia Deus como a fonte da bondade. Nos povos primitivos a matéria sobrepuja o espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem. Por isso é que, em geral, são cruéis; é que neles o senso moral ainda não se acha desenvolvido. Em segundo lugar, é natural que os homens primitivos acreditassem ter uma criatura animada muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi isto que os levou a imolarem, primeiro, animais e, mais tarde, homens. De conformidade com a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima.⁴

A ideia primitiva de Deus é de natureza antropomórfica. Isto é, Deus é concebido e descrito sob a forma humana ou com atributos humanos.

Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e,

desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma potência sobrenatural. Daí a crer em tantas potências distintas quantos os efeitos que observava, não havia mais que um passo.²

A concepção de Deus único, criador do Universo, dos seres e coisas estava muito distante, em termos evolutivos, para ser cogitada pelos primeiros habitantes do Planeta. Tudo que lhes causavam impacto e extrapolava o seu entendimento era venerado como um deus.

Sem dúvida, porquanto, chamando deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham por deuses os Espíritos. Daí veio que, quando um homem, pelas suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, por sua morte, lhe rendiam culto.³

O homem primitivo reverenciava os espíritos (“deuses”), simbolizados por animais, vegetais e seres inanimados. Encontrava-se diante de um processo de adoração rudimentar, anímico e antropomórfico.

O significado filosófico de *animismo* indica que alma é considerada como princípio e sustentação de todas as atividades orgânicas, especialmente das percepções, sentimentos e pensamentos. O antropólogo Tylor (1896–1980) demonstra em sua obra “Cultura primitiva” (*Primitive culture*), publicada em 1934, que o animismo é o primeiro estágio da evolução religiosa da Humanidade, no qual o homem primitivo crê que todas as coisas ou elementos da Natureza são animados porque possuem uma alma. De qualquer forma, o animismo caracteriza o estágio primordial da atividade racional e cognitiva da espécie humana. O termo animismo, na verdade, foi utilizado pelo médico e químico alemão Georg Ernst Stahl (1660–1734) para explicar o funcionamento do corpo humano.

O período anímico da evolução religiosa da humanidade terrestre, faz nascer diferentes tipos de adoração: *litolatria* (adoração de pedras, rochas e relevos dos solos); *fitolatria* (adoração dos vegetais); *zoolatria* (adoração de animais); *idolatria* (adoração de ídolos). A consequência natural da idolatria é o nascimento da mitologia, com a sua forma clássica de politeísmo. Mitologia é o conjunto dos mitos de um povo. Mito, por sua vez, é o relato fantástico da tradição oral, gerado e protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica,

as forças da Natureza e os aspectos gerais da condição humana, esclarece o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

As lendas e as fábulas constituem o acervo mitológico de um povo. Os mitos refletem a experiência vivida pelos nossos ancestrais, mas que nos alcançam na atualidade. São também símbolos que revelam os diferentes estágios evolutivos da caminhada humana. Por esse motivo, os mitos apresentam representações mentais diferentes na infância, na adolescência e na vida adulta.

Politeísmo

Por definição, *politeísmo* é um sistema de crença religiosa que admite mais de um deus. Em geral, as manifestações politeístas são acompanhadas de idolatrias, refletindo a visão fragmentária que o homem tem da vida e do mundo. A mitologia de cada povo adquire feição própria. A mitologia grega e os ensinamentos órficos — de grande impacto na civilização Ocidental — são desenvolvidos por mestres do saber os quais, no entanto, mantêm-se isolados das massas populares.⁹

Importa considerar que o desenvolvimento da ideia de Deus acompanha outra: a da imortalidade do ser.

Desde os pródromos da civilização a ideia da imortalidade é congênita no homem. Todas as concepções religiosas da mais remota antiguidade, se bem que embrionárias e grosseiras em suas exteriorizações, no-la atestam. Entre as raças bárbaras abundaram ideias terroristas de um Deus, cuja cólera destruidora se abrandaria à custa dos sacrifícios humanos e dos holocaustos de sangue, e, por toda parte, onde os homens primitivos deixaram os vestígios de sua passagem, vê-se o sinal de uma divindade a cuja providência e sabedoria as criaturas entregavam confiadamente os seus destinos.¹⁰

Merece destaque o fato de que nas religiões politeístas, do passado e do presente, exista uma hierarquia das divindades: um deus maior e mais poderoso que governa deuses menores, em poder, inteligência e moralidade. Indica uma forma de transição do politeísmo, propriamente dito, para o monoteísmo.

A palavra *deus* tinha, entre os antigos, aceção muito ampla. Não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser

existente fora das condições da Humanidade. Ora, tendo-lhes as manifestações espíritas revelado a existência de seres incorpóreos a atuarem como potência da Natureza, a esses seres deram eles o nome de deuses, como lhes damos atualmente o de *Espíritos*. Pura questão de palavras, com a única diferença de que, na ignorância em que se achavam, mantida intencionalmente pelos que nisso tinham interesse, eles erigiram templos e altares muito lucrativos a tais deuses, ao passo que hoje os consideramos simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despidas de seus invólucros terrestres. Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos, sem esforço, todos os de que vemos dotados os Espíritos nos diferentes graus da escala espírita, o estado físico em que se encontram nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e os papéis que desempenham nas coisas da Terra.³

Monoteísmo

O monoteísmo, consequência natural, e oposta, do politeísmo é doutrina religiosa que defende a existência de uma única divindade, culto ou adoração de um único Deus, Pai e Criador supremo.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens superiores ao vulgo conceberam a ideia da unidade de Deus, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, em parte nenhuma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu de mistério, impenetrável para as massas populares. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espargir-se pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade *espiritual* “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento.” Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: a prática do culto exterior.¹

O monoteísmo representa o ápice da escala evolutiva religiosa da humanidade terrestre. Foi uma conquista lenta, seguida de estágios preparatórios, nascida no seio das próprias doutrinas politeístas.

Cabe ao povo judeu o mérito da implantação do monoteísmo na Terra.

Dos Espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações. Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida. [...] Entretanto, em honra da verdade, somos obrigados a reconhecer que Israel, num paradoxo flagrante, antecipando-se às conquistas dos outros povos, ensinou de todos os tempos a fraternidade, a par de uma fé soberana e imorredoura.⁵

O monoteísmo é consolidado com os Dez Mandamentos, ou Decálogo, recebidos por Moisés, no monte Sinai.

O protegido de Termutis [irmã do faraó egípcio e mãe adotiva de Moisés], depois de se beneficiar com a cultura que o Egito lhe podia prodigalizar, foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito[...].⁹

Moisés, com a expressão rude da sua palavra primitiva, recebe do mundo espiritual as leis básicas do Sinai, construindo desse modo o grande alicerce do aperfeiçoamento moral do mundo; e Jesus, no Tabor, ensina a Humanidade a desferir, das sombras da Terra, o seu voo divino para as luzes do Céu.⁶

Independentemente das práticas indicadas pela legislação moisaica, algumas até desumanas, mas compatíveis com a mentalidade da época, Moisés teve o mérito de difundir à multidão que o seguia na árdua peregrinação no deserto, verdades espirituais acessíveis apenas aos indivíduos aceitos como “iniciados” nos diferentes templos religiosos do passado.

O grande legislador dos hebreus trouxera a determinação de Jesus, com respeito à simplificação das fórmulas iniciáticas, para compreensão geral do povo; a missão de Moisés foi tornar acessíveis ao sentimento popular as grandes lições que os demais iniciados eram compelidos a

ocultar. E, de fato, no seio de todas as grandes figuras da antiguidade, destaca-se o seu vulto como o primeiro a rasgar a cortina que pesa sobre os mais elevados conhecimentos, filtrando a luz da verdade religiosa para a alma simples e generosa do povo.⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 123. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.18, item 2, p. 289.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 667, p. 322-323.
3. _____. _____. Questão 668, p. 323.
4. _____. _____. Questão 669, p. 324.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 7 (O povo de Israel), p. 65-66.
6. _____. _____. Item: O Judaísmo e o Cristianismo, p. 68.
7. _____. _____. Item: O monoteísmo, p. 69.
8. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A ascendência do Evangelho), p. 25.
9. _____. _____. Cap. 2 (A ascendência do Evangelho), item: A lei moisaica, p. 27.
10. _____. _____. Cap. 15 (A ideia da imortalidade), item: A ideia de Deus, p. 86.

Orientações ao monitor

Elaborar uma linha história, em conjunto com a turma, que contenha os principais marcos evolutivos da ideia de Deus na Humanidade. Analisar, em seguida, as ideias que efetivamente, os caracterizaram.

ANTECEDENTES DO CRISTIANISMO

Roteiro 2

AS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS (1)

Objetivos

- » Identificar nos mensageiros das diferentes religiões os porta-vozes de Jesus no Planeta.
- » Apresentar as principais características do Hinduísmo e do Budismo.

Ideias principais

- » *Todas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: estes, assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores.* Allan Kardec: *O céu e o inferno*. Primeira parte, cap. I, item 12.
- » O Hinduísmo abrange várias expressões religiosas desenvolvidas na Índia, há três ou quatro mil anos que apresentam manifestações tipicamente politeístas, monolatrístas, panteístas e animistas. Não existe um fundador do Hinduísmo. Os seus livros sagrados são os *Vedas* e os *Upanishads*.
- » O fundador do Budismo foi *Sidarta Gautama* (560–480 a.C.), o Buda, que significa “o iluminado”. O Budismo tem como base doutrinária

a lei do carma ou dos renascimentos sucessivos, e tem como meta alcançar o estado de plenitude espiritual ou *nirvana*.

Subsídios

Deus jamais deixou de revelar suas leis. A orientação divina chega à Humanidade em todas as épocas, utilizando todos os meios, direta ou indiretamente pelo trabalho dos missionários, ou porta-vozes do Senhor.

Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, *messias*. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso.¹

Percebemos então que todas as revelações religiosas foram transmitidas de acordo com o nível de entendimento e de moralidade dos habitantes do Planeta. Estes, “[...] assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores.”²

Cada coisa acontece no tempo propício, pois o processo evolutivo é lento, sobretudo no homem primitivo ou de pouca evolução moral e intelectual. “A verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, fica deslumbrado.”³

Importa considerar que o sentimento religioso é inerente ao ser humano, ainda que rejeitado por algumas correntes filosóficas e científicas, de natureza materialista.

A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios; dignas de todo acatamento pelo sopro de inspiração superior que as faz surgir, são como gotas de orvalho celeste, misturadas com os elementos da terra em que caíram.¹⁵

O desenvolvimento da consciência religiosa está claramente identificada na história de cada povo.

Vamos encontrar, historicamente, as concepções mais remotas da organização religiosa na civilização chinesa, nas tradições da Índia védica e bramânica, de onde também se irradiaram as primeiras lições do Budismo, no antigo Egito, com os mistérios do culto dos mortos, na civilização resplandecente dos faraós, na Grécia com os ensinamentos órficos e com a simbologia mitológica, existindo já grandes mestres, isolados intelectualmente das massas, a quem ofereciam os seus ensinamentos exóticos, conservando o seu saber de iniciados no círculo restrito daqueles que os poderiam compreender devidamente.¹³

Entendemos que essas tradições não surgiram por acaso no Planeta. Há um plano divino que direciona todo o processo de melhoria da humanidade terrestre. Sob a supervisão de Jesus, missionários renascem para transmitir aos encarnados não somente lições de progresso científico ou filosófico, mas também ensinamentos morais e religiosos.

Fo-Hi, os compiladores dos Vedas, Confúcio, Hermes, Pitágoras, Gautama, os seguidores dos mestres da antiguidade, todos foram mensageiros de sabedoria que, encarnando em ambientes diversos, trouxeram ao mundo a ideia de Deus e das leis morais a que os homens se devem submeter para a obtenção de todos os primores da evolução espiritual. Todos foram mensageiros daquele que era o Verbo do Princípio, emissários da sua doutrina de amor. Em afinidade com as características da civilização e dos costumes de cada povo, cada um deles foi portador de uma expressão do “amai-vos uns aos outros”. Compelidos, em razão do obscurantismo dos tempos, a revestir seus pensamentos com os véus misteriosos dos símbolos, como os que se conheciam dentro dos rigores iniciáticos, foram os missionários do Cristo preparadores dos seus gloriosos caminhos.¹⁴

Num esforço de síntese, apresentaremos as principais manifestações religiosas não cristãs, neste roteiro e no próximo.

1. Hinduísmo

O Hinduísmo, palavra que significa *indiano*, não possui um fundador, propriamente dito, nem um credo fixo. Projeta-se na história como uma religião atemporal, pela capacidade de incorporar novos pensamentos e novas práticas religiosas. Na verdade, o Hinduísmo abrange várias expressões religiosas que se desenvolveram na Índia, há três ou quatro mil anos.⁴ Nesse caldo religioso, encontramos

manifestações tipicamente politeístas, monolatristas, panteístas e animistas. No monolatrismo encontramos práticas religiosas situadas entre o politeísmo e o monoteísmo: adora-se um deus único, considerado o mais importante, mas sem negar a existência de outros deuses. O panteísmo tem como princípio a crença de que todas as coisas e seres são uma partícula de Deus. O animismo ensina que os elementos da natureza são animados por espíritos que devam ser cultuados.

As diferentes formas de expressão do Hinduísmo atual abrange uma variedade de cultos e rituais, existindo, em comum, a aceitação do sistema de castas, dos princípios do *carma* (ou *karma*) e a adoração da vaca como animal sagrado. O regime de castas define a existência de quatro classes sociais básicas ou *varna*, que significa “cor”: 1. sacerdotes (brâmanes); 2. guerreiros; 3. agricultores, comerciantes e artesãos; 4. servos (párias). Essa classificação deu origem a especificações tão detalhadas que, surpreendentemente, no início do século vinte existiam cerca de três mil castas.⁵

As organizações hindus são de origem anterior à própria civilização egípcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas, de onde saíram mais tarde personalidades notáveis, como as de Abraão e Moisés. As almas exiladas naquela parte do Oriente muito haviam recebido da misericórdia do Cristo, de cuja palavra de amor e de cuja figura luminosa guardaram as mais comovedoras recordações, traduzidas na beleza dos Vedas e dos Upanishads. Foram elas as primeiras vozes da filosofia e da religião no mundo terrestre, como provindo de uma raça de profetas, de mestres e iniciados, em cujas tradições iam beber a verdade os homens e os povos do porvir [...].¹²

Segundo o entendimento hinduísta, *carma* (*karma* = ato) é uma lei natural, fundamentada na crença de que todas as ações do homem têm consequências e que serão expressas numa próxima reencarnação.

A adoração da vaca como animal sagrado é outra concepção universal das tradições hindus, visto que são animais que suprem todas as necessidades de manutenção da vida biológica. Essa adoração é claramente manifestada durante as festividades religiosas da Índia, existindo até nos *Vedas* hinos para as vacas.⁶

Há pontos concordantes entre as diferentes seitas hindus, como é natural. Entretanto as discordâncias são maiores, em razão da natureza de cada tipo de interpretação religiosa: politeísta, monolatrista, anímica,

panteísta ou monoteísta. Entre os monoteístas hindus temos os que abraçam concepções cristãs e os que seguem a orientação islâmica.

Em geral, as manifestações religiosas hinduístas tem como base o livro sagrado *Veda* (ou *Vedas*). A palavra “Veda” significa *saber* ou *conhecimento*.

Trata-se de uma sabedoria transmitida de forma oral, cujas raízes remontam de 1500 a 1000 a.C. Assim, quando se faz citações dos Vedas se afirma: “está ouvido” (representa uma forma sacra do “ouvir dizer”). Em oposição, se a referência provém de um texto religioso escrito, tendo ou não como base a tradição oral, se expressa: “está escrito”. As tradições védicas estão anotadas em livros, daí a utilização da forma plural “Vedas”. O livro védico *Rig-Veda* é o mais antigo, sendo considerado a bíblia mais antiga da Humanidade.

O Hinduísmo apresenta um sistema de adoração a diferentes entidades espirituais, denominados deuses. Os mais populares são *Civa* (ou *Shiva*) e *Vishnu*, os quais já encarnaram, respectivamente, como *Rama* e *Krishna*, de acordo com a tradição hindu. No Hinduísmo existe também um grande número de divindades menores, uma variedade de animais, árvores e rios sagrados, animados por Espíritos. O rio sagrado mais conhecido é o Ganges.

No período védico tardio, entre 1000 e 500 a.C., ocorreu na Índia uma reforma religiosa que recebeu o nome de *Bramanismo*. O Bramanismo é uma religião ortodoxa, praticada por iniciados em práticas védicas, os *brâmanes*, conhecidos como “sacerdotes-mágicos”. Os livros sagrados do Bramanismo são os *Bramanas* e os *Upanishads*. Ambos são considerados como revelações de *Brama* ou *Brahman* (Deus supremo).

Os *Upanishads*, livros hinduístas mais lidos pelos indianos, estão escritos sob a forma de diálogos entre o mestre e o discípulo. Transmitem a noção de ser Brahman a força espiritual essencial em que se baseia todo o universo. “Todos os seres vivos nascem do Brahman, retornam no Brahman e ao morrer voltam ao Brahman”⁴ O carma é um conceito-chave da filosofia religiosa dos *Upanishads* que, considerando o homem como ser imortal, pode renascer numa casta mais alta ou mais baixa, ou, também, habitar o corpo de um animal.⁶ Os *Upanishads* trazem, segundo a interpretação hindu, a síntese da moral universal.

Outro texto religioso de grande valor para as religiões hindus é o *Bhagavad Gita* (“A Canção do Senhor”). Faz parte da obra épica

Mahabharata (em sânscrito, “grande Índia”) que, segundo a tradição, foi ditado por Krishnna-Dwaipayana Vyasa, o compilador, possivelmente no século IV a.C. O *Bhagavad Gita* foi incluído no *Mahabharata* possivelmente no século VIII a.C.¹⁷

O *Bhagavad Gita*, escrito em sânscrito, relata o diálogo de Krishna, uma das encarnações do deus Vishnu, com Arjuna, seu discípulo guerreiro, em pleno campo de batalha. Arjuna representa o papel de uma alma confusa sobre seu dever, e recebe iluminação diretamente de Krishna. No desenrolar da conversa são inseridos pontos importantes da filosofia indiana oriundos dos Vedas e do Bramanismo. A obra é uma das principais escrituras sagradas da cultura da Índia, e compõe a principal obra da religião Vaishnava, popularmente conhecida como movimento *Hare Krishna*.¹⁷

Hare Krishna (ou, mais apropriadamente, Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna) é uma cultura monoteísta hindu oriunda da tradição védica e que tem por base os ensinamentos do guru Sri Krishna Chaitanya Mahaprabhu (1486–1534). Esse movimento foi introduzido no Ocidente em 1965 por Bhaktivedanta Swamo Prabhupada. Os membros da Sociedade *Hare Krishna* participam dos serviços nos templos e realizam suas práticas (chamadas de *bhakti-yoga* ou yoga da devoção), em casa, ou se dedicam inteiramente ao serviço de devoção à “Suprema Personalidade de Deus”, que é Krishna, levando uma vida monástica. Krishna é um nome de Deus e significa o *Todo-Atraente*, em sânscrito. O seus membros não podem consumir álcool, fumar e usar outras drogas, seguindo uma dieta lacto-vegetariana. Dedicam-se ao estudo das escrituras védicas e à entoação de mantras. Os mantras são considerados sons transcendentais, cantados repetidamente como auxílio à meditação e autorrealização. Durante o canto, podem manifestar estados de êxtase transcendental, que resultarão na libertação da alma do corpo.¹⁶

Posteriormente à reforma bramânica, surgiram dois movimentos religiosos, por volta do século VI a.C., opostos ao Bramanismo: o *Janaísmo* — mantido circunscrito à Índia e que persiste nos dias atuais — e o *Budismo*, que se difundiu pela Ásia. Essas duas manifestações religiosas são semelhantes: repudiam o ritual indicado pelo Bramanismo, são indiferentes às tradições védicas e às suas divindades. São também contrárias ao regime das castas. Seus fundadores apresentam-se como homens comuns, não aceitando como a reencarnação de qualquer divindade.

O Janaísmo tem como fundador *Mahâvîra Jina* (*Mahâvîra* = “o grande herói”; *Jina* = “o vitorioso”). *Mahâvîra Jina* era descendente da família dos *Kshatryas* (de guerreiros e de príncipes) e teve uma vida de asceta, não usando nem mesmo roupa. Difundiu a sua doutrina no meio da nobreza a que pertencia. O Janaísmo admite a ideia da transmigração das almas, tendo como primeira proposta moral: *não fazer o mal a qualquer ser vivo*.

O religioso hindu, independentemente da seita a que pertença, tem um altar doméstico onde cultua os deuses de sua devoção e procura seguir o caminho sagrado indicado pelo Bhagavad Gita: cumprimento dos deveres para com a família, os membros da sua casta e da comunidade associados às virtudes da compreensão e da adoração.⁷

É importante assinalar que a tradição hinduísta representa a base da formação religiosa e social da humanidade terrestre.

Dos Espíritos degredados no ambiente da Terra, os que se gruparam nas margens do Ganges foram os primeiros a formar os pródomos de uma sociedade organizada, cujos núcleos representariam a grande percentagem de ascendentes das coletividades do porvir. As organizações hindus são de origem anterior à própria civilização egípcia e antecederam de muito os agrupamentos israelitas [...].¹²

2. Budismo

O fundador do Budismo foi *Sidarta Gautama* (560–480 a.C.), o *Buda*, que significa “o iluminado”. Gautama era filho de um rajá indiano e até a idade adulta viveu no palácio compartilhando as vantagens materiais destinadas à nobreza. O Budismo apareceu na mesma época que o Janaísmo, mas sempre teve papel mais significativo.

Conta-se que Buda, ao percorrer o país, em certa ocasião, encontrou “[...] os mendigos, os enfermos, os desditosos. Confrangeu-se-lhe o coração, e, certa noite, deixou o seu palácio, no esplendor de uma festa, para compartilhar a sorte dos desgraçados.”⁹

Foi no trato com as pessoas sofredoras e vivendo em contato com a natureza que Buda encontrou a inspiração para organizar a sua doutrina.

Começou por combater as superstições e os sacrifícios. A seus discípulos nada ensinou sobre Deus, porque eles não podiam formar

de Deus uma ideia justa e precisa. Mas declarou que a alma renascia constantemente até a completa depuração de suas impurezas. Libertada do cárcere corporal, iria para o nirvana, que é a completa tranquilidade do Espírito.¹¹

Ensinava que a miséria humana tem origem nas ambições egoísticas.

O Hinduísmo e o Budismo têm como pontos comuns: a reencarnação, o carma e a salvação. Para Buda, o ser humano está preso a uma série de renascimentos, e, como todas as ações têm consequências, o que determina o carma são os pensamentos, palavras e atos. Para o Budismo, o homem colhe o que plantou, não existindo um “destino cego” nem uma “divina providência”: uma existência está inexoravelmente presa à outra. No entanto, ao longo de uma série de renascimentos encontra o homem a passagem (porta) para a salvação, para a perfeição ou nirvana (palavra que significa “apagar”).

A busca pelo *nirvana* é meta primordial budista, uma vez que essa doutrina ensina que durante a reencarnação não há uma verdadeira autonomia: tudo é transitório e pleno de sofrimento. Com o nirvana, a pessoa alcança uma vida sem sofrimento, de iluminação espiritual (*bodhi*), em que o carma e a necessidade de renascimento já não mais existiriam.⁸

Com a morte de Buda surgiram divergências entre os discípulos a respeito da interpretação dos ensinamentos búdicos. Assim, por volta de 380 a.C., realizou-se um concílio que provocou uma cisão entre os monges conservadores e os monges liberais, constituindo-se em diferentes correntes de organização religiosa.

Os ensinamentos de Buda podem ser resumidos no seguinte:¹⁰

- » *A Lei do Carma* — para Buda, enquanto a pessoa não atingir o nirvana, estará escravizada à necessidade da reencarnação. Como todas as ações humanas têm consequências, é preciso que a pessoa aprenda a se depurar, pelos renascimentos sucessivos.
- » *Visão da Humanidade* — o Budismo não aceita a ideia de uma alma individual e eterna, como é difundida nas tradições hindus. O fato de o ser humano achar que é um “eu”, ou que tem uma alma, reflete ignorância, e essa ignorância pode lhe trazer graves consequências, uma vez “que cria o desejo, e é o desejo que cria o carma”. A alma, para o Budismo, é algo tão fugaz como qualquer coisa que existe no mundo.

- » *As quatro nobres verdades do sofrimento* — fazem parte do sermão de Benares, proferido por Buda. As quatro nobres verdades são: tudo é sofrimento; a causa do sofrimento é o desejo; o sofrimento cessa quando cessa o desejo; só assim se segue o caminho das oito vias: perfeita compreensão, perfeita aspiração, perfeita fala, perfeita conduta, perfeito meio de subsistência, perfeito esforço, perfeita atenção e perfeita contemplação.

O Budismo mantém atualmente duas tendências principais: *Theravada* (“a escola dos antigos monges”) que enfatiza a salvação individual pela meditação, sendo predominante no sul da Ásia (Birmânia, Tailândia, Sri Lanka, Laos e Camboja); *Mahayana* (“o grande veículo”) que ensina ser possível a salvação das pessoas. Essa escola é mais encontrada no norte da Ásia (China, Japão, Mongólia, Tibet, Coreia e Vietnã). Na China surgiu o *Zen-budismo*, uma derivação da escola Mahayana, que dá ênfase à meditação como forma para alcançar a iluminação e, conseqüentemente, alcançar o nirvana. Atualmente, o Zen-budismo é mais praticado no Japão, onde existem cerca de vinte mil templos e cinco milhões de adeptos.⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 6, p. 24.
2. _____. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 59. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte, cap. 1, item 12, p. 19.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 88. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 628, p. 348.
4. HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 40-41.
5. _____. _____. p. 41-42.
6. _____. _____. p. 43.
7. _____. _____. p. 49-51.
8. _____. _____. Item: Budismo, p. 59.
9. _____. _____. Item: A difusão do Budismo, p. 67-68.
10. _____. _____. Os ensinamentos de Buda, p. 54-57.
11. IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Item: O Buda, p. 185.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 5 (A Índia. A organização hindu), p. 49.

13. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A ascendência do Evangelho), item: As tradições religiosas, p. 26.
14. _____. _____. Item: Os missionários do Cristo p. 26-27.
15. _____. _____. Cap. 4 (A base religiosa), item: Religião e religiões p. 37.
16. http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Hare_Krishna
17. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bhagavad_Gita

Orientações ao monitor

Dividir a turma em grupos para estudar os itens: Hinduísmo e Budismo. Após o trabalho, realizar amplo debate sobre o assunto, em plenária, destacando as principais características dessas diferentes interpretações religiosas não cristãs e os pontos que lhes são comuns.

ANTECEDENTES DO CRISTIANISMO

Roteiro 3

AS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS (2)

Objetivos

- » Apresentar as principais características do Taoísmo e do Confucionismo; do Islamismo e do Zoroastrismo; do Xintoísmo e das religiões primais.

Ideias principais

- » O *Taoísmo* é uma doutrina elaborada por Lao Tsé. *Tao te King* é o livro básico do Taoísmo que define a existência do Tao ou caminho, manifesto sob três formas: caminho da realidade íntima que é o Criador supremo, caminho do universo, da norma, do ritmo da Natureza e o caminho da existência humana.
- » *Confucionismo* é o sistema filosófico chinês, de natureza moral e religiosa, criado por Kung-Fu-Tzu (Confúcio), que se fundamenta no Taoísmo. Valoriza a educação, uma vida reta, o culto dos antepassados, a ideia do aperfeiçoamento contínuo, entre outros.
- » O *Xintoísmo* é uma integração religiosa nascida no Japão, no século VI d.C. É de natureza anímica miscigenada com totemismo. Tem como princípio o culto dos mortos e a educação da família.

- » As religiões tribais, ainda existentes em várias partes do Planeta, não possuem textos escritos, mas uma tradição oral que se modifica à medida que as gerações se sucedem.

Subsídios

1. Taoísmo

A palavra *Taoísmo* (ou *Daoísmo*) é geralmente empregada para traduzir dois termos chineses distintos: “Daojiao” que se refere aos “ensinamentos ou à religião do Dao” e “Daojia”, que se refere à “escola do Dao”, uma linha de pensamento filosófico chinês.

Segundo a tradição, o Taoísmo (Tao = caminho) teve origem nas ideias do mestre chinês Lao Tsé (ou “velho mestre”), nascido entre 550 e 604 a.C., contemporâneo de Confúcio, outro sábio chinês que iria desenvolver uma doutrina chamada Confucionismo. Lao Tsé pregava a necessidade de bondade no coração humano como condição de felicidade. A bíblia do Taoísmo é *Tao te King*, que prega a existência de três caminhos: a) o Tao como caminho da realidade íntima (refere-se ao Criador, de onde brota a vida e ao qual toda a vida retorna); b) o Tao como caminho do universo, da norma, do ritmo da Natureza, enfim; c) o Tao como caminho da vida humana. No contexto taoísta, “Tao” pode ser entendido como o caminho, inserido no espaço-tempo da vida, isto é, o local ou a ordem em que as coisas acontecem. Pode referir-se, também, ao mundo real em que a história humana se desenvolve — daí ser, algumas vezes, nomeado como o “grande Tao”. Neste aspecto teria, talvez, o sentido de existência humana com as conotações morais que lhe são peculiares.¹⁶

O Taoísmo é um sistema filosófico de crenças politeístas em que se procura unir elementos místicos do culto dos antepassados com rituais do exorcismo, alquimia e magia. Entretanto, antes de Lao Tsé outros missionários, enviados ao Planeta por Jesus, lançaram as bases da organização religiosa da civilização chinesa.

As raças adâmicas ainda não haviam chegado ao orbe terrestre e entre aqueles povos já se ouviam grandes ensinamentos do plano espiritual, de sumo interesse para a direção e solução de todos os problemas da vida. A História não vos fala de outros, antes do grande Fo-Hi, que

foi o compilador de suas ciências religiosas, nos seus trigramas duplos, que passaram do pretérito remotíssimo aos estudos posteriores. Fo-Hi refere-se, no seu “Y-King”, aos grandes sábios que o antecederam no penoso caminho das aquisições de conhecimento espiritual. Seus símbolos representam os característicos de uma ciência altamente evolutiva, revelando ensinamentos de grande pureza e da mais avançada metafísica. Em seguida a esse grande missionário do povo chinês, o divino Mestre envia-lhe a palavra de Confúcio ou Kong-Fo-Tsé, cinco séculos antes da sua vinda, preparando os caminhos do Evangelho no mundo, tal como procedera com a Grécia, Roma e outros centros adiantados do planeta, enviando-lhes elevados Espíritos da ciência, da religião e da filosofia [...].⁸

Lao Tsé foi um elevado mensageiro do Senhor para os povos da raça amarela. Suas lições estão cheias do perfume de requintada sabedoria moral. No *Kang-Ing*, Lao Tsé oferece inúmeras lições, como esta: “O Senhor dos Céus é bom e generoso, e o homem sábio é um pouco de suas manifestações. Na estrada da inspiração, eles caminham juntos e o sábio lhe recebe as ideias, que enchem a vida de alegria e de bens.”²⁰

Como um dos porta-vozes de Jesus, desenvolveu uma filosofia religiosa, avançada e superior, preparando o caminho do Senhor que, seis séculos depois, iria trazer o seu Evangelho à Humanidade.¹⁰

À medida em que o Taoísmo se espalhou pela população da China, seus ensinamentos se misturaram a algumas crenças preexistentes, como a teoria dos cinco elementos, a alquimia e o culto aos ancestrais. Os seus sacerdotes trabalhavam com feitiços e poções com a finalidade de obterem maior longevidade. Algumas ideias taoístas foram também absorvidas pelo Confucionismo e pelo Budismo. Muitas práticas da antiga medicina tradicional chinesa foram enraizadas no pensamento taoísta. A medicina chinesa moderna, assim como as artes marciais chinesas, se fundamentam em conceitos taoístas, como o Tao, o Qi, e o equilíbrio entre o yin e o yang.¹⁶

O Taoísmo forma um corpo de doutrina que tem origem nas seguintes fontes primordiais:

Máximas morais e orientações do “Imperador Amarelo” ou Huang Di. Trata-se de um dos cinco imperadores chineses, reis lendários sábios e moralmente perfeitos, que teriam governado a China. O Imperador Amarelo teria reinado de 2698 a.C. a 2599 a.C.

É considerado o ancestral de todos os chineses da etnia Han. Conta a tradição que desde criança Huang Di era muito perspicaz, dotado de uma inteligência fora do comum e capaz de estabelecer raciocínios avançados sobre os mais variados temas. Durante o seu reinado Huang Di interessou-se especialmente pela saúde e pela condição humana, questionando os seus médicos sobre como a medicina era praticada.¹⁷

- » Livro de aforismos místicos, o *Dao De Jing* (*Tao Te Ching*), cuja escrita é atribuída a Lao Zi (Lao Tsé). *Tao Te Ching* ou *Dao de Jing*, comumente traduzido pelo nome de *O livro do caminho e da sua virtude*, é um dos escritos chineses mais antigos e conhecidos. A tradição diz que o livro foi escrito em cerca de 600 a.C. por um sábio que viveu na dinastia Zhou, Lao Tsé. É um livro de provérbios relacionados ao Tao, mas que acabou servindo de obra inspiradora para diversas religiões e filosofias, em especial o Taoísmo e o Budismo Chan, ou chinês, e sua versão japonesa (Zen Budismo).¹⁸
- » Trabalhos do maior filósofo chinês Zhuang Zi (*Chuang Tsé*), literalmente denominado “Mestre Zhuang”, que viveu no século IV a.C. Ele era da Cidade de Meng, no Estado de Song, hoje Shângqiú. A sua filosofia influenciou o desenvolvimento do Budismo Chan (chinês) e do Budismo Zen (japonês).¹⁹
- » Antigo *I Ching*, ou *O livro das mudanças* (ou das *Mutações*), que é tido como uma fonte extra do Taoísmo, assim como de práticas de divinação da China antiga. O *I Ching* é um texto clássico chinês composto de várias camadas que foram superpostas ao longo dos tempos. É um dos mais antigos e um dos únicos textos chineses que chegaram até os nossos dias. *Ching*, significando “clássico,” foi o nome dado por Confúcio à sua edição. Antes de Confúcio era chamado apenas de I, que tem origem no ideograma e é traduzido de muitas formas. No século XX, ficou conhecido no Ocidente como “mudança” ou “mutação”. O *I Ching* pode ser compreendido e estudado como um oráculo ou como um livro de sabedoria. Na própria China é alvo de estudos diferenciados, realizados por religiosos, eruditos e praticantes da filosofia de vida taoísta.⁹

O Taoísmo tem significados diferentes no Ocidente: a) pode ser entendido como uma escola de pensamento filosófico chinês fundamentada nos textos do *Tao Te Ching* atribuídos a Lao Tsé e nos escritos de Chuang Tsé; b) é aceito como movimento religioso chinês que tem sua origem nos ensinamentos de *Zhang Daoling*, no final da dinastia Han,

estruturado em seitas como a *Zhengyi* (ou “Ortodoxa”) e *Quanzhen* (ou “realidade completa”); c) visto como manifestação da tradição religiosa chinesa, mas de caráter popular, em que se integram elementos do Taoísmo, do Confucionismo e do Budismo.

O Taoísmo é de natureza politeísta, daí as igrejas taoístas possuírem panteões de divindades, incluindo Lao Zi, Zhang Daoling, o Imperador Amarelo, o Imperador Jade, Lei Gong (“O Deus do Trovão”) e outros. As duas maiores igrejas taoístas da atualidade pertencem à seita *Zhengyi* (evoluída de uma seita fundada por Zhang Daoling) e o *Taoísmo Quanzhen* (fundado por Wang Chongyang).

2. Confucionismo

Confucionismo é um sistema filosófico chinês, de natureza moral e religiosa, criado por Kung-Fu-Tzu (Confúcio) e que tem por base os princípios ensinados por Lao Tsé. Entre as preocupações do Confucionismo estão a moral, a política, a educação e a religião. São conhecidas pelos chineses como *Junchaio* (ensinamentos dos sábios). O Confucionismo se tornaria a doutrina oficial do império chinês durante a dinastia Han (séculos III a. C. – III d. C.). Vários seguidores dessa doutrina moral deram continuidade aos ensinamentos de Confúcio, após esse período.

Donz Zhong Shu, por exemplo, fez uma reforma no Confucionismo, fundamentando-se na teoria cosmológica dos cinco elementos. O pensamento taoístico ensina que existem na Natureza cinco elementos, os quais se interagem e se relacionam, sendo necessários à manutenção da vida: metal, madeira, terra, água e fogo.

Tais elementos não devem ser vistos apenas como representações materiais, mas como símbolos e metáforas. A interação desses cinco elementos é feita por meio de dois ciclos: da produção e do controle.²¹

Wang Chong utilizou-se de um ceticismo lógico para criticar as crenças infundadas e os mitos religiosos. Meng Zi (Mêncio ou Mâncio) e Xun Zi desenvolveram e expandiram o Confucionismo na sociedade chinesa, ensinando a doutrina dentro de uma perspectiva mais naturalista. Essa renovação doutrinária foi denominada de *neconfucionismo*. Mêncio, em particular, acreditava na importância da educação para modificar a natureza humana, que se transvia em função dos conflitos e das necessidades impostas pela vida. Acreditava que, a despeito do

ser humano possuir instintos naturais comuns aos animais, como o de preservação, a inteligência educada poderia conduzir o ser humano ao bem. Xun Zi, ao contrário, via na natureza perversa do homem uma herança ancestral dos instintos de preservação dos animais. Entretanto, entendia que no interior do homem há uma inteligência capaz de articular meios pelos quais se poderia evitar a manifestação da natureza instintiva.

O Confucionismo foi uma filosofia moral de profundo impacto na estrutura social e cotidiana da sociedade existente na Antiguidade. O valor ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o Confucionismo implantou na mentalidade chinesa.

A história da China remonta a épocas remotíssimas, no seu passado multimilenário, e esse povo, que deixa agora entrever uma certa estagnação nos seus valores evolutivos, sempre foi igualmente acompanhado na sua marcha por aquela misericórdia infinita que, do céu, envolve todos os corações que latejam na Terra. [...] A cristalização das ideias chinesas advém, simplesmente, desse insulamento voluntário que prejudicou, nas mesmas circunstâncias, o espírito da Índia, apesar de fascinante beleza das suas tradições e dos ensinamentos. É que a civilização e o progresso, como a própria vida, dependem das trocas incessantes.⁶

“Confúcio, na qualidade de missionário do Cristo, teve de saturar-se de todas as tradições chinesas, aceitar as circunstâncias imperiosas do meio, de modo a beneficiar o país na medida de suas possibilidades de compreensão.”²⁰ A doutrina de Confúcio foi dirigida à razão humana, rejeitando o misticismo e as prerrogativas dos poderes sobrenaturais. Segundo os historiadores, por se ocupar com o homem e com as coisas humanas, Confúcio ficou conhecido como o “Sócrates chinês”, preparando o solo da China, no começo da Era Cristã, para a penetração do Budismo que iria introduzir novos conhecimentos aos que foram ensinados pelos missionários chineses.

De um modo geral, é o culto dos antepassados o princípio da sua fé [do Budismo]. Esse culto, cotidiano e perseverante, é a base da crença na imortalidade, porquanto de suas manifestações ressaltam as provas diárias da sobrevivência. [...] A ideia da necessidade de aperfeiçoamento espiritual é latente em todos os corações, mas o desvio inerente à compreensão do Nirvana é aí, como em numerosas correntes do Budismo, um obstáculo ao progresso geral. O Nirvana,

examinado em suas expressões mais profundas, deve ser considerado como a união permanente da alma com Deus, finalidade de todos os caminhos evolutivos; nunca, porém, como sinônimo de imperturbável quietude ou beatífica realização do não ser. A vida é a harmonia dos movimentos, resultante das trocas incessantes no seio da natureza visível e invisível. Sua manutenção depende da atividade de todos os mundos e de todos os seres.¹¹

3. Xintoísmo

Religião surgida no Japão, oriunda de prática anímica ancestral miscigenada com o totemismo. A palavra *Xintó* (“via dos deuses” ou “caminho divino”), utilizada no século VI d.C., substituiu o termo búdico *Butsúdo* (“caminho de Buda”).

O Xintoísmo tem sua base no culto dos mortos, chamados de *Kami*. Os *Kami* são Espíritos divinizados que adquiriram poderes sobrenaturais, após a morte. Circulam entre os encarnados, participando de suas alegrias e de suas dores, vigiando-lhes a conduta.

Os historiadores informam que o Xintoísmo é uma religião que não comporta um código moral ou um decálogo, propriamente dito, porque os seus seguidores consideram o povo japonês uma raça divina, daí não existir a necessidade de um código moral.

O Xintoísmo prescreve, na veneração dos seus mortos, os deveres religiosos de: a) purificar o coração — por meio do arrependimento das ofensas praticadas contra os Espíritos; e b) o de tornar puro o corpo pela higiene física.

No início da Era Cristã, chega ao Japão o Confucionismo, trazido da China. Sua influência, limitada aos círculos cultos, alcança o século XVII. O livro de lendas confucianas, denominado *Os vinte e quatro modelos de piedade filial*, exerceu forte influência na educação japonesa, por retratarem uma moral familiar e conservadora, compatíveis com as tradições xintoístas, as quais, por sua vez, têm como princípios o amor à família e o respeito aos ancestrais.

Com a introdução do Budismo no Japão, feita por coreanos, surgiram divergências entre os xintoístas e os budistas, tais como: a) o Xintoísmo admite vários deuses: o Budismo, em sua origem, não admite qualquer deus; b) o Xintoísmo prega a sobrevivência definitiva, sem reencarnação dos Espíritos dos mortos, não existindo, para os

mortos, punição ou recompensa, independentemente da vida que aqui levaram; o Budismo prega a transmigração das almas (reencarnação) até que estas se purifiquem e atinjam o nirvana. Somente a partir desse estágio é que a reencarnação não mais ocorre.

4. Islamismo e Zoroastrismo

De todas as religiões não cristãs, o Islamismo é a mais próxima das do Ocidente, em termos geográficos e religiosos, pois, como religião, tem origem judaica e, como filosofia, sofreu influência helênica.

O Islamismo foi fundado pelo profeta Maomé, da tribo *Koreish*, nascido em Meca, há aproximadamente 570 anos d.C. No roteiro 29 estudaremos com maiores detalhes a doutrina do Islã.

O *Masdeísmo*, ou *Zoroastrismo*, é uma religião fundada na Pérsia por Zoroastro, ou Zaratustra, cujas origens se perderam no tempo, mas que foi inspirada no deserto e na solidão.

A base de sua doutrina era a grande luta entre o bem e o mal, vivendo as criaturas influenciadas por bons e maus Espíritos. O homem é livre em suas ações — já Zoroastro pregava o livre-arbítrio — o homem é livre, mas se vê sujeito às influências das forças do mal. Conservando a ação, a palavra e pensamento puros, afastava-se do mau Espírito e se aproximava do bom. Devia conservar limpos o corpo e a alma. [...] Na morte, cabia-lhe um lugar que estava em relação com o que praticara em vida. Os atos do homem, na vida, iam determinar a sua situação na morte. A religião de Zoroastro, afirmam os historiadores e mitólogos, tinha leis morais de extraordinária elevação.²

Há quem afirme que Zoroastro nunca existiu; mas pela leitura do Zend Avesta e dos hinos antiqüíssimos temos notícias que ele não foi a um mito, mas um homem que, à semelhança dos grandes profetas ou de pessoas de maior envergadura moral, muito lutou e sofreu: “Segui o bem, fazei o bem, pensai no bem, assim falou Zaratustra.”³

5. Religiões primais

As religiões primais, ou tribais, são manifestações primitivas da religiosidade humana. São encontradas em várias partes do mundo, como África, Austrália, sudeste Asiático, Ilhas do Pacífico, Sibéria e entre os índios da América do Norte, Centro e do Sul. Em geral, tais

religiões não possuem textos escritos. Os mitos representam a sua base religiosa, tendo sobrevivido em razão da tradição oral. Como toda religião tribal, sofre influência de fatores externos, sendo as suas histórias alteradas ao longo das gerações. As religiões tribais africanas acreditam na existência de um Deus supremo, apresentando-o sob diversos nomes, como criador de todas as coisas e seres. Acreditam também em outros deuses menores, ou Espíritos, encontrados nas florestas, planícies e montanhas, lagos, rios e no céu. Esses deuses estão intimamente associados aos fenômenos da natureza (chuva, raios, trovões etc.). Outra característica das religiões primitivas diz respeito ao culto dos antepassados. Acreditam que os antepassados se mantêm invisíveis, guardando a mesma aparência que tinham em vida. Atualmente, muitas das religiões tribais da África adotam práticas cristãs e islâmicas em seus rituais.

Os milênios, com as suas experiências consecutivas e dolorosas, prepararam os caminhos daquele que vinha, não somente com a sua palavra, mas, principalmente, com sua exemplificação salvadora. Cada emissário trouxe uma das modalidades da grande lição de que foi teatro a região humilde da Galileia. É por esse motivo que numerosas coletividades asiáticas não conhecem a lição direta do Mestre, mas sabem do conteúdo da sua palavra, em virtude das próprias revelações do seu ambiente, e, se a Boa Nova não se dilatou no curso dos tempos, pelas estradas dos povos, é que os pretensos missionários do Cristo, nos séculos posteriores aos seus ensinamentos, não souberam cultivar a flor da vida e da verdade, do amor e da esperança, que os seus exemplos haviam implantado no mundo: abafando-a nos templos de uma falsa religiosidade, ou encarcerando-a no silêncio dos claustros, a planta maravilhosa do Evangelho foi sacrificada no seu desenvolvimento e contrariada nos seus mais lídimos objetivos.¹²

Referências

1. IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Item: Brama, p. 178-179.
2. _____. _____. Item: Zoroastro, p. 181.
3. _____. _____. p. 182.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8 (A China milenária), item: A China, p. 73.
5. _____. _____. p. 74.

6. _____. _____. Item: A cristalização das ideias chinesas, p. 74.
7. _____. _____. p. 75 (Fo-Hi).
8. _____. _____. p. 75-76.
9. _____. _____. Item: Confúcio e Lao Tsé, p. 76-77.
10. _____. _____. p. 77.
11. _____. _____. p. 77-78.
12. _____. _____. p. 85-86 (As revelações gradativas).
13. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A ascendência do Evangelho), item: As tradições religiosas, p. 26.
14. _____. _____. Item: Os missionários do Cristo p. 26.
15. _____. _____. cap. 4 (Religião e religiões), p. 37.
16. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tao%C3%ADsmo>
17. http://pt.wikipedia.org/wiki/Imperador_Amarelo
18. http://pt.wikipedia.org/wiki/Dao_De_Jing
19. http://pt.wikipedia.org/wiki/Chuang_Tse
20. http://pt.wikipedia.org/wiki/I_Ching
21. http://pt.wikipedia.org/wiki/teoria_dos_cinco_elementos

Orientações ao monitor

Dividir a turma em grupos para estudo e debate das religiões não cristãs inseridas neste Roteiro. Concluído o trabalho, destacar as principais características dessas religiões, registrando-as em cartazes que deverão ser afixados no mural da sala.

ANTECEDENTES DO CRISTIANISMO

Roteiro 4

O JUDAÍSMO

Objetivos

- » Destacar as principais características do Judaísmo.

Ideias principais

- » Segundo as tradições, o patriarca Abraão, considerado o pai do povo judeu, partiu de Ur, sua cidade natal, porque recebera de Deus as seguintes instruções: *Ora, o Senhor disse a Abraão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra. (GÊNESIS, 12:1-3.)*
- » A religião judaica tem como princípio a ideia de Deus único. Trata-se de sua pedra fundamental. *A lei moisaica foi a precursora direta do Evangelho de Jesus. O protegido de Termutis (mãe adotiva de Moisés) [...], foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito. Emmanuel: Emmanuel. Cap. 2.*
- » *Na lei moisaica, há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés.*

Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. I, item 2.

Subsídios

1. Informações históricas

É surpreendente a influência exercida pelos judeus na cultura ocidental, quando se considera a simplicidade de suas origens e o tamanho minúsculo do território onde se fixaram: cerca de 250 quilômetros de extensão e 80 quilômetros de largura na parte mais ampla.

A palavra judeu deriva de Judeia, nome de uma parte do antigo reino de Israel. A religião é também chamada de moisaica, já que considera Moisés um dos seus fundadores. O Estado de Israel define o judeu como alguém cuja mãe é judia, e que não pratica nenhuma outra fé. Aos poucos, porém, esta definição foi ampliada para incluir o cônjuge. O Judaísmo não é apenas uma comunidade religiosa, mas também étnica.¹⁰

O povo de Israel acredita-se descendente dos patriarcas Abraão, Isaac (Isaque) e Jacob (ou Jacó), e das matriarcas Sarah (Sarai ou Sara), Rebeca, Raquel e Lia, os quais teriam moldado os caracteres da raça pela aliança que fizeram com Deus.

Segundo as tradições, Abraão, um habitante da alta Mesopotâmia, deixou a cidade de Ur, em Harã — atualmente situada no sul do Iraque —, partindo com sua esposa Sara e Ló, um sobrinho e demais pessoas do seu clã, em busca de terra habitada pelos cananeus, onde criaria os seus filhos. Abraão teria recebido de Deus a inspiração de estabelecer-se nesse país, fundando ali uma descendência, cumulada de favores por Deus e objeto de sua especial predileção. (GÊNESIS, 12) O local onde Abraão foi viver recebeu o nome de Canaã ou Terra Prometida. O poder patriarcal de Abraão foi, com a sua morte, transferido ao seu filho Isaque e deste para Jacó, que, por sua vez, o passou para seus doze filhos.⁷ (GÊNESIS, 35)

Sabe-se, porém, que o primeiro filho de Abraão não foi Isaque, este era filho que teve com Sara, sua esposa (GÊNESIS, 21:1-8), gerado após o nascimento do primogênito Ismael com a escrava egípcia Hagar ou Agar (GÊNESIS, 16:1-16). Após a morte de Sara, Abraão casa com

Quetura que lhe geraram seis filhos: Zinrã, Jocsã, Meda, Mídia, Isbaque e Suá (GÊNESIS, 25: 1-7). Abraão, entretanto, considerou o seu herdeiro legítimo apenas Isaque (GÊNESIS, 25: 5).

Os doze filhos de Jacó, considerados os legítimos descendentes de Abraão formam as doze tribos judaicas. Um dos filhos de Jacó com Raquel (Gênesis, 30:22-26), chamado José, foi vendido como escravo ao faraó egípcio, mas, em razão da fama e autoridade por ele conquistadas, tornou-se vice-rei do Egito.

Por volta de 1700 a.C., o povo judeu migra para o Egito em razão da fome, onde é escravizado por aproximadamente 400 anos (ÊXODO, 1:1-14). A libertação do povo judeu ocorre por volta de 1300 a.C., seguida da fuga do Egito, comandada por Moisés — um judeu, criado por Termutis, irmã do faraó, após tê-lo recolhido das águas do rio Nilo. (ÊXODO, 2:1-20) Saindo do Egito, os ex-cativos atravessam o Mar Vermelho, vivendo 40 anos no deserto e submetendo-se a todo tipo de dificuldades, próprias da vida nômade. O grande êxodo dos israelitas foi, segundo a *Bíblia*, de 603.550 homens¹⁹ (NÚMEROS, 1:46).

Durante a peregrinação pelo deserto, Moisés recebe as *Tábuas da Lei*, também chamadas *Decálogo* ou *Dez Mandamentos*, no monte Sinai, cadeia montanhosa de Horeb, fundando, efetivamente, a religião judaica (ÊXODO, 20:1-17; 34:1-4; DEUTERONÔMIO, 5:1-21).

As Tábuas da Lei foram guardadas em uma arca — *Arca da Aliança* —, especialmente construída para abrigá-las. (ÊXODO, 25: 10-16; 37: 1-5); haveria ainda um tabernáculo para a arca (ÊXODO, 25:1-9); um propiciatório de ouro que deveria ser colocado acima da Arca (ÊXODO, 25: 17-22). e uma mesa de madeira de lei, coberta de ouro, contendo castiçais, também de ouro, e outros objetos necessários ao cerimonial religioso (ÊXODO, 25: 23-40). A Arca e os Dez Mandamentos acompanharam os judeus durante o tempo em que permaneceram no deserto com Moisés. Antes de morrer, logo após ter localizado Canaã, Moisés nomeou Josué, filho de Num, seu sucessor, cumprindo, assim, a profecia de que encontraria a Terra Prometida antes de sua morte (DEUTERONÔMIO, 34:1-5).

Josué foi inspirado a atravessar o rio Jordão, levando consigo os filhos de Israel à terra que lhe foi prometida por Deus, segundo relatos de suas escrituras (I SAMUEL, 1:20-28; 2:18-26). Do deserto, rio Jordão até o Líbano, daí até o rio Eufrates, abrangendo o território dos heteus, estendendo-se até o mar, em direção ao poente (JOSUÉ, 1: 4). Acontece

que essa terra já era habitada por diferentes povos (cananeus, heteus, heveus, ferezeus, gergaseus, amorreus e os jebuseus), que foram dominados pelos judeus (JOSUÉ, 3:10; 5:1). Tudo isso aconteceu no século XIII a.C., aproximadamente. As terras conquistadas são divididas em doze partes e entregues a cada uma das tribos judaicas. Os cananeus e outros povos continuaram em luta com os judeus conquistadores por algum tempo, até serem contidos pelo representante da tribo de Judá (JUÍZES, 1:1-36).

Após a morte de Josué, cada tribo é governada por juízes, como Samuel (I SAMUEL, 20-28; 2:18-26). Os juizes passaram a governar as tribos porque os judeus, abandonando o culto a Deus, passaram a adorar outros deuses, como Baal e Astarote (JUÍZES, 2:11-16). Posteriormente, os juizes foram substituídos por reis (I Samuel, 8: 1-6; 9-12) como Saul, da tribo de Benjamin (I SAMUEL, 10: 1-27), Davi (I SAMUEL, 16: 1; 10-13; II SAMUEL, 5: 1-4. I REIS, 2: 11) e Salomão (I REIS, 1:46-48), filho de Davi (II SAMUEL, 5:13-14; II CRÔNICAS, 9: 30-31), que constrói o primeiro templo de Jerusalém, entre 970 e 931 a.C. Com a morte de Salomão, Roboão, seu filho, torna-se rei, mas no seu reinado acontece a revolta das tribos de Israel (II CRÔNICAS, 10), separando-se a tribo de Davi (ou de Israel) das demais (II CRÔNICAS, 10:18-19), definitivamente.

As tribos se organizam em dois reinos: o de *Judá* e o de *Israel*.

O reino de [...] Judá manteve a antiga capital do rei Davi (Jerusalém) e com ela o templo histórico do rei Salomão, o que lhe acarretou ascendência religiosa, embora a cidade de Jerusalém viesse a ser conquistada pelo babilônio Nabucodonosor [em 586 a.C.] e mais tarde pelo romano Pompeu.¹⁶

Nabucodonosor, então rei da Babilônia, destrói o templo de Salomão e deporta a maioria do povo de Judá. A partir desse exílio na Babilônia é que se pode falar de Judaísmo ou religião judaica, propriamente dita. O reino de Israel, na Samaria, é destruído em 721 a.C. No ano 586 a.C., mantendo-se a divisão das tribos judaicas em dois reinos, nascem a esperança e a fé no advento de um messias, o enviado de Deus, capaz de restaurar a unidade do povo, garantindo-lhe soberania divina sobre a humanidade.⁹

Os judeus voltam à Palestina em 538 a.C. Reconstróem aí o templo de Salomão, vivendo breves períodos de independência, interrompidos pelas constantes invasões das potências estrangeiras. Entre

os séculos II e IV a.C., migrações voluntárias difundem a religião e a cultura judaicas por todo o Oriente Médio. Em 63 a.C., Jerusalém é conquistada pelos romanos, sob o comando de Pompeu.

Jerusalém [...] figurou como capital do reino da Judeia, sob a dinastia de Herodes. Em consequência de sublevação dos judeus, foi [Jerusalém] novamente cercada e incendiada por tropas romanas, sob o comando do general e futuro imperador Tito. Reduzida a colônia no tempo do imperador Adriano (sob o nome de Élia Capitolina), restaurou-lhe a denominação tradicional (Jerusalém) o imperador Constantino.¹⁵

No ano 6 d.C., a Judeia torna-se uma província de Roma. Em 70 d.C. os romanos destroem o templo e, em 135, Jerusalém é arrasada. Com a destruição do templo de Jerusalém pela segunda vez, e da própria cidade, inicia-se o período da grande dispersão do povo judeu, conhecida como *Diáspora*.

Espalhados por todos os continentes, os judeus mantêm sua unidade cultural e religiosa. A Diáspora termina em 1948, com a criação do Estado de Israel.⁹ Existem atualmente cerca de 13 milhões de judeus em todo o mundo; 4,5 milhões vivem no Estado de Israel.

2. A religião judaica

O Judaísmo é a primeira religião monoteísta da Humanidade. Fundamenta-se na revelação dos Dez Mandamentos transmitidos por Deus (*Yaweh*) a Moisés. O Decálogo é considerado o evento fundador da religião de Israel. Religião que tem como princípio a ideia da existência de Deus único, Criador supremo.

Dos Espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações. Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida. Conscientes da superioridade de seus valores, nunca perdeu a oportunidade de demonstrar a sua vaidosa aristocracia espiritual, mantendo-se pouco acessível à comunhão perfeita com as demais raças do orbe. Entretanto,

[...] antecipando-se às conquistas dos outros povos, ensinou de todos os tempos a fraternidade, a par de uma fé soberana e imorredoura.²⁰

Um dos maiores teólogos do Judaísmo, Moses Maimônides (1135–1204), desenvolveu treze artigos de fé, intrinsecamente fundamentados na crença em Deus único, e que são aceitos como o referencial da religião pelo Judaísmo tradicional.

O Judaísmo possui uma unidade doutrinária simbolizada: a) na *Torá* (ou *Torah*), ou lei judaica — revelação representada pelo Pentateuco de Moisés (não possuindo, durante séculos, um país considerado como próprio, os judeus mantiveram a coesão religiosa pelo estudo dos livros *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*); b) na conquista da liberdade, obtida pela retirada do Egito, travessia do Mar Vermelho e conquista de Canaã; c) libertação do cativo egípcio, conhecida como *Páscoa judaica*; d) no conceito de nação, constituído durante a peregrinação de quarenta anos no deserto, e na chegada à Terra Prometida (Canaã); e) na crença de serem os judeus o povo eleito por Deus (entendem que, ao serem escolhidos por Deus, eles assumiram o fardo de ser povo antes de experimentar os prazeres e a segurança da nacionalidade).¹⁴

A noção de povo escolhido pela Divindade é uma tradição religiosa que passa, de geração a geração, como artigo de fé.

Era [...] crença comum aos judeus de então (época do Cristo) que a nação deles tinha de alcançar supremacia sobre todas as outras. Deus, com efeito, não prometera a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas, como sempre, atendo-se à forma, sem atentarem ao fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material. [...] Entretanto [...], os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: a prática do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas [...].³

Um ponto doutrinário fundamental da religião judaica é que não é a fé nem a contemplação que solidificam a relação entre o homem e Deus, mas a ação: isto é, Deus determina, o homem cumpre a sua vontade. Sendo assim, o judeu deve conhecer Deus não por meio da especulação mística ou filosófica, mas pelo estudo de sua palavra escrita — a *Torá* —, pela prece, pela prática da caridade, e pelas ações que promovem a harmonia.⁸

A lei moisaica foi a precursora direta do Evangelho de Jesus. O protegido de Termutis [...] foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito. Moisés [...] foi o primeiro a tornar acessíveis às massas populares os ensinamentos somente conseguidos à custa de longa e penosa iniciação, com a síntese luminosa de grandes verdades.²⁴

Para a fé judaica, Deus é uma presença ativa no mundo, de forma abrangente, e na vida de cada pessoa, isoladamente. Deus não criou simplesmente a Humanidade e dela se afastou, deixando-a entregue a si mesma. Ao contrário, a Humanidade é totalmente dependente de Deus para evoluir e para ser feliz. Como Deus é também pessoal, está envolvido diretamente em todos os aspectos da vida de cada pessoa, podendo responder, em particular, às aspirações individuais durante a prece. Por este motivo, os judeus oram três vezes ao dia (manhã, tarde e noite), nas práticas do *Shabat* (sétimo dia da semana, reservado ao descanso) e nas festas religiosas.

Os judeus não aceitam o dogma do pecado original, defendido pelos católicos e protestantes. Analisam que esses religiosos fizeram interpretação literal do livro *Gênesis*. Os rabinos escreveram no *Talmud*, item 31: “O sentimento profundo de nossa liberdade moral se recusa a essa assimilação fatal, que tiraria a nossa iniciativa, que nos acorrentaria [...] num pecado distante, misterioso, do qual não temos consciência [...]. Se Adão e Eva pecaram, só a eles cabe a responsabilidade de seu erro.”²⁶

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação.²

É importante assinalar que, a despeito de os judeus representarem uma raça de profetas e médiuns notáveis, em DEUTERONÔMIO, 18:9-12, existe a proibição moisaica de evocar os mortos.

“A proibição feita por Moisés tinha então a sua razão de ser, porque o legislador hebreu queria que o seu povo rompesse com todos os hábitos trazidos do Egito, e de entre os quais o de que tratamos era objeto de abusos.”⁴

Haja vista que se “Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é uma prova de que eles podem vir; do contrário, essa interdição seria inútil.”⁵

É importante não confundir a lei civil, estabelecida por Moisés para administrar o povo judeu, nos distantes tempos da sua organização, com a Lei divina, inserida nos Dez Mandamentos, recebidos mediunicamente por ele. “Na lei moisaica, há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.”¹

Há, na atualidade, uma corrente do Judaísmo — denominada *Judaísmo Messiânico* — que procura unir o Judaísmo com o Cristianismo, conscientes de que Jesus é o Messias do povo judeu.

3. Os livros sagrados do Judaísmo

Os ensinamentos religiosos do Judaísmo estão consolidados nas obras que se seguem, consideradas sagradas.

Torah – A palavra *Torah* significa a *correta direção* e, por extensão, “ensinamento”, “doutrina” ou “lei”. A base da *Torah* é o pentateuco moisaico, existente no Velho Testamento, e que representa a Lei escrita de Deus, cujo núcleo central é o Decálogo. O primeiro livro é *Gênesis* (*Bereshit*), que trata da origem do mundo e do homem; o segundo é *Êxodo* (*Shemot*), que narra a fuga dos judeus do cativo do Egito; o terceiro é *Levítico* (*Vayikra*), que trata das práticas sacerdotais; o quarto é *Números* (*Bamidbar*), que traz o recenseamento do povo judeu; o quinto livro é *Deuteronômio* (*Devarim*), com discursos de Moisés e o código de leis familiares, civis e militares. Existe também a *Torah oral* (Lei oral ou *Mishnah*), que explica o Pentateuco moisaico. A *Torah* é um rolo de pele de animal *Kosher* (diz-se de animais ruminantes que possuem pata fendida, tais como: boi, cervo e ovelha/carneiro), contendo os cinco primeiros livros bíblicos. As cópias da *Torah*, existentes em todas as sinagogas do mundo, têm exatamente o mesmo texto.⁹

Os Profetas (Neviim)

Trata-se da mais antiga história escrita de que há registro no mundo. Esses livros surgiram muito antes de haver algo como a história comparada ou a análise de fontes. No entanto, o objetivo dos livros históricos do Antigo Testamento não era propriamente registrar a história, e sim dar a ela uma interpretação religiosa. Dois dos livros históricos receberam nomes de mulher. Os livros de *Rute* e de *Ester* são histórias curtas e belas, com mulheres no papel principal. Os livros proféticos são *Isaias*, *Jeremias*, *Ezequiel* e os *Doze Profetas Menores*, assim chamados por causa da brevidade de suas obras: Oséas, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Segundo seu próprio testemunho, os profetas foram chamados para proclamar a vontade de Deus. Muitas vezes eles usam a fórmula: “Diz o Senhor”.¹¹

Escritos poéticos – Entre estes, há os 150 *Salmos*, que representam os escritos de maior significado histórico e religioso do Velho Testamento. Surgiram, possivelmente, em 587 a.C., antes da destruição de Jerusalém. Foram elaborados para os serviços do templo e para a comemoração das festas judaicas. Cerca de metade dos salmos é de Davi, significando isto que muitos foram escritos por este ou para este rei. Outro escrito poético, reconhecidamente de notável beleza, é o *Livro de Jó*, que aborda o significado do sofrimento e a justiça de Deus.¹²

Talmud/Talmute ou “estudo”, é a principal obra do Judaísmo rabínico, porque, segundo a tradição, Moisés não recebeu apenas a Lei escrita de Deus (Torah), mas também a Lei falada, que deveria ser transmitida oralmente para complementar o entendimento do que está escrito. Essa é a forma que os rabinos orientam os seus fiéis e estudam os ensinamentos do Judaísmo. Do Talmute originam-se todas as normas *haláquicas* (fundamentos das leis judaicas) e as orientações não haláquicas (*aggaadah*): ensinamentos éticos e interpretação de textos bíblicos. O Talmute expressa a essência da cultura e da religião judaicas, assim como o caminho espiritual que o povo judeu deve seguir. Há dois tipos de Talmute: o da Babilônia e o de Jerusalém. O *Talmud Babilônico* consiste na compilação das leis, inclusive a Torah, tradições, preceitos morais, comentários, interpretações e debates registrados nas academias rabínicas da Babilônia e de Israel, por volta do século quinto, abrangendo um período de mil anos (do século V a.C. ao V d.C.), aproximadamente. O *Talmud de Jerusalém* foi publicado um século antes do Babilônico.^{13, 7}

4. A cabala judaica. O calendário religioso

A Cabala é uma das correntes místicas do Judaísmo. O termo significa literalmente recepção e, por extensão, *tradição*. Também pode ser traduzido como *recebimento*, e *transmissão de ensinamentos*, porque os judeus místicos afirmam que a Lei escrita só poderia ser explicada pela Lei oral, ensinada de acordo com as pessoas e circunstâncias, secretamente. Essa tradição oral é transmitida de geração a geração durante milênios. Trata-se de um tema tão misterioso que, durante séculos, só homens casados e com mais de quarenta anos eram autorizados a estudá-lo. Esta regra já não é totalmente aceita e, hoje, homens e mulheres estudam os princípios básicos da Cabala.¹⁷

Exige-se um certo grau de sabedoria e de maturidade espirituais para um judeu aprender “interpretá-lo fielmente, nas épocas remotas. [...] Os livros dos profetas israelitas estão saturados de palavras enigmáticas e simbólicas, constituindo um monumento parcialmente decifrado da ciência secreta dos hebreus.”²¹

Poucos judeus conhecem ou conheceram profundamente a Cabala. Moisés foi um deles. Para os místicos judeus, somente através da Cabala conseguiremos eliminar definitivamente a guerra, as destruições e as maldades existentes no mundo. O primeiro cabalista teria sido o patriarca Abraão. Ele teria visto as maravilhas da existência humana e dos mundos mais elevados. O conhecimento adquirido por Abraão teria sido transmitido oralmente aos seus descendentes. O primeiro trabalho sobre a Cabala, o *Sefer Yetzirah*, ou *Livro da criação*, é atribuído a Abraão. Esse texto básico da Cabala ensina que existem *trinta e dois caminhos da sabedoria* organizados, por sua vez, em dez itens denominados *Sefirot* ou *Luzes divinas*. Estas luzes divinas, representadas nas 22 letras do alfabeto hebraico, são canais que o Criador utilizou na obra da criação. As letras são consideradas os alicerces ou vasos da criação, e incluem todas as combinações e permutações através das quais Deus criou o mundo com palavras. A Cabala procura, essencialmente, descobrir a origem de tudo o que existe: o Universo e a Terra; o ser humano, sua vida e morte; o mal; a senda do bem; o poder da prece etc.¹⁸

O Antigo Testamento é um repositório de conhecimentos secretos, dos iniciados do povo judeu, e somente os grandes mestres da raça poderiam. A grande contradição do Judaísmo é, sem dúvida, a não aceitação do Cristo como o seu Messias.

A verdade, porém, é que Jesus, chegando ao mundo, não foi absolutamente entendido pelo povo judeu. Os sacerdotes não esperavam que o Redentor procurasse a hora mais escura da noite para surgir na paisagem terrestre. Segundo a sua concepção, o Senhor deveria chegar no carro magnífico de suas glórias divinas, trazido do Céu à Terra pela legião dos seus tronos e anjos; deveria humilhar todos os reis do mundo, conferindo a Israel o cetro supremo da direção de todos os povos do planeta; deveria operar todos os prodígios, ofuscando a glórias dos Césares.²²

Para os judeus, a vinda do Messias à Terra, surgindo sobre nuvens, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, tinha um significado muito maior do que a simples vinda de uma entidade investida apenas de poder moral. Por isso mesmo, os judeus, que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar-lhes a nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e o de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material. No entanto, estejamos certos:

Jesus acompanha-lhe a marcha dolorosa através dos séculos de lutas expiatórias regeneradoras. Novos conhecimentos dimanam do Céu para o coração dos seus patriarcas e não tardará muito tempo para que vejamos os judeus compreendendo integralmente a missão sublime do verdadeiro Cristianismo e aliando-se a todos os povos da Terra para a caminhada salvadora, em busca da edificação de um mundo melhor.²³

O Judaísmo possui um calendário litúrgico ou religioso, conhecido como Círculo Sagrado, cujas festas principais são:⁹

- » *Rosh Hashaná*: Ano-novo (mais ou menos em setembro). É o dia da comemoração do aniversário da criação do mundo e o dia em que o eterno abre o livro da vida e da morte, escrevendo nele os atos que todos os viventes realizaram durante o ano.
- » *Yom Kippur*: Dia da Expição (também em setembro). Esse é o dia mais sagrado do ano. Os judeus adultos passam-no na Sinagoga, em orações e súplicas, observando um rigoroso jejum de 25 horas, buscando o perdão divino para os seus pecados. Reza a tradição que neste dia Deus fecha o livro da vida e da morte, selando o destino de cada indivíduo para o ano seguinte.

- » *Pessach*: Páscoa. É celebrada aproximadamente em 14 de abril, no início da primavera. Comemorando-se a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito. São oito dias de comemoração.
- » *Shavuot*: Festa das Semanas (mais ou menos em maio). É a festa máxima do Judaísmo, pois comemora a entrega da Torá (feita por Deus) a Moisés, no monte Sinai. Ela também é conhecida como *Hag ha Bicurim* (Festa das Primícias).

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 2, p. 55.
2. _____. _____. Cap. 4, item 4, p. 90-91.
3. _____. _____. Cap. 18, item 2, p. 325-326.
4. _____. *O que é o espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, p. 139 (Terceiro diálogo – o padre).
5. _____. _____. p. 140.
6. _____. *Revista espírita*: jornal de estudos psicológicos. Ano XI, 1868/publicada sob a direção de Allan Kardec. Tradução de Evandro Noleto Bezerra (poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima). Rio de Janeiro: FEB, 2005. Novembro de 1868. Nº 11, p. 456-459 (Do pecado original segundo o Judaísmo).
7. ALGAZ, Isaac. *Síntese da história judaica*. <http://www.tryte.com.br/judaismo/coleção/br/livro2/sintese.htm>.
8. BRIAN, Lancaster. *Elementos do judaísmo*. Tradução de Marli Berg. 1.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, p. 15-16.
9. <http://www.conhecimentosgerais.com.br>. Acessar os itens: Religiões reveladas e Judaísmo.
10. HELLERN, V. Notaker, H. GAARDER, J. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Maria Lando. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Cap. (Religiões surgidas no oriente médio: monoteísmo), item: Judaísmo, p. 98.
11. _____. _____. p. 105-106.
12. _____. _____. p. 106-107.
13. _____. _____. p. 108.
14. LAMM, Maurice. *Judaísmo*. Tradução de Dagoberto Mensch. 1.ed. São Paulo: Sefer, 1999, p. 256.
15. MACEDO, Roberto. *Vocabulário histórico-geográfico dos romances de Emmanuel*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Vervete: Jerusalém, p. 122.
16. _____. _____. p. 123 (Judá).
17. PROPHET, Elisabeth Clare. *Cabala: o caminho da sabedoria*. Tradução de Urbana Rutherford. ed. Rio de Janeiro, Record-Nova Era, 2002. Contracapa.

18. _____. _____. Cap. 1, 3, 6, 7 e 8.
19. <http://www.suapesquisa.com/judaismo/>
20. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 7 (O povo de Israel), item: Israel, p. 65-66.
21. _____. _____. Item: O Judaísmo e o Cristianismo, p. 67.
22. _____. _____. Item: A incompreensão do Judaísmo, p. 70.
23. _____. _____. Item: No porvir, p. 72.
24. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2, (A ascendência do evangelho), item: A lei moisaica, p. 27.

Orientações ao monitor

Realizar uma exposição ilustrativa sobre o contexto histórico da formação do povo judeu, destacando fatos significativos. Dividir a turma em grupos para troca de ideias sobre as principais características do Judaísmo.

ANTECEDENTES DO CRISTIANISMO

Roteiro 5

MOISÉS, O MENSAGEIRO DA PRIMEIRA REVELAÇÃO

Objetivos

- » Esclarecer, em linhas gerais, a missão desempenhada por Moisés.
- » Justificar a importância do Decálogo para a Humanidade.

Ideias principais

- » Moisés foi um judeu criado na casa real do faraó egípcio. Estando Moisés com 40 anos fugiu para o deserto, após ter agredido um egípcio que maltratou um judeu (ÊXODO, 2:11-12. ATOS DOS APÓSTOLOS, 7:23-24).
- » *Na lei moisaica há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. A Lei de Deus está formulada nos Dez Mandamentos.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. I, item 2.
- » *Moisés [...] foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina [...].* Emmanuel: *Emmanuel*. Cap. 2.

Subsídios

1. Informações históricas

A *Bíblia* nos relata que Abraão teve dois filhos: Isaque, nascido de sua esposa Sara, e Ismael, de sua escrava egípcia, Hagar. (GÊNESIS, 21:1-21; ATOS DOS APÓSTOLOS, 7: 2-8) Isaque, considerado o legítimo herdeiro, casou-se com Rebeca (GÊNESIS, 24) e teve dois filhos: Esaú e Jacó. Este, cuja progenitura ganhou do irmão em troca de um prato de lentilhas, casou-se com Raquel, com quem teve dois filhos: José e Benjamim. No entanto, Jacó teve mais dez filhos, cinco de Lia, irmã de Raquel, com quem se casara primeiro, e cinco de escravas. (GÊNESIS, 35: 23-26).

Os hebreus, descendentes de Jacó, chamavam a si próprios de *filhos de Israel* ou *israelitas*, e formaram as doze tribos de Israel. Os irmãos de José venderam-no como escravo ao faraó egípcio, mas, em razão de sua sabedoria e influência, tornou-se vice-rei do Egito (GÊNESIS, 37:1-36. ATOS DOS APÓSTOLOS, 7:8-10).

Devido à fome reinante, os judeus foram viver no Egito, inclusive os irmãos de José (GÊNESIS, 42 a 50). Por influência deste, os judeus se tornaram numerosos no Egito. No entanto, ocorrendo substituição no trono egípcio, o novo faraó temendo que os filhos de Israel se tornassem demasiadamente poderosos, como estava acontecendo, tornou-os escravos (ATOS DOS APÓSTOLOS, 7:11-18).

O povo hebreu esteve cativo no Egito por cerca de 400 anos, oprimido por penosos trabalhos de construção e de cultivo de cereais. Mais tarde, o faraó determinou que se lançassem ao Nilo todos os meninos hebreus, recém-nascidos para que não se mantivesse a progenitura racial judaica (ÊXODO, 1:15-22; ATOS DOS APÓSTOLOS, 7).

Uma das mães israelitas, da casa de Levi (um dos filhos de Jacó), teve um filho, escondendo-o durante três meses. Porém, não podendo conservá-lo oculto por mais tempo, tomou um cesto de junco betumado com resina e pez, acomodou dentro o menino e deixou o cesto boiar entre os canaviais, à margem do rio Nilo. A irmã do menino conservou-se escondida a alguma distância para ver o que aconteceria. Chegou a filha do faraó e, vendo o cesto no meio do canal, mandou uma criada buscá-lo. Abriu-o e viu o menino

chorando. Ficou cheia de pena e disse: “É um filho de hebreus”. A irmã da criança aproximou-se e perguntou: “Quereis que vá chamar uma mulher israelita para amamentar esse menino?” Ela respondeu: “Vai, sim”. A menina foi chamar a própria mãe, que, sob a proteção da filha do faraó, amamentou o menino e acompanhou de perto sua educação, sem revelar o parentesco que havia entre ambos. A mãe adotiva de Moisés deu-lhe este nome porque das águas o tinha tirado (ÊXODO, 2:1-10).

Moisés, judeu de nascimento, foi, portanto, educado por uma egípcia da casa real (Atos dos Apóstolos, 7:20-22) Estando Moisés com aproximadamente 40 anos, não suportava mais ver a aflição dos israelitas, cativos do rei do Egito. Certa vez, ao ver um judeu sendo maltratado, Moisés defendeu o irmão de raça, matando ou ferindo o egípcio (ÊXODO, 2:11-12. ATOS DOS APÓSTOLOS, 7:23-24).

Sentenciado à morte pelo faraó, Moisés fugiu para a terra de Midian (ou Madian), vivendo com a família de Jetro, um sacerdote. Moisés casa-se, então com Zípora, uma das seis filhas do sacerdote, com quem teve um filho chamado Gérson (ÊXODO, 2:15-22) e, mais tarde, outro de nome Elieser.

Na solidão do deserto, cuidando de ovelhas, Moisés meditava a respeito de tudo o que lhe tinha ocorrido, desde o nascimento. Elaborou então um plano que serviria, no futuro, de base para a constituição da fé judaica. O sofrimento e a solidão do deserto fizeram Moisés entender que os deuses egípcios jamais ajudariam os hebreus, cujas práticas devocionais eram muito simples, se comparadas com os rituais egípcios. Percebeu, assim que todos os descendentes de Jacó adoravam ídolos caseiros, os *therafins* tribais, e os obscuros deuses da natureza, os *elohins*. Moisés concluiu, por inspiração, que, na verdade, existia apenas um único e poderoso Deus, capaz de agir sobre os demais e sobre todas as coisas, tal como um século antes afirmara o faraó Amenotep IV, que pregava a existência de um único Deus (a divindade solar *Athen/Athon*)⁴ (ÊXODO, 3 e 4).

2. Moisés: o mensageiro da primeira revelação divina

Certo dia, andando pelo deserto com suas ovelhas, perto do monte Sinai, pertencente à cadeia montanhosa do Horeb, Moisés viu um anjo, que surgiu numa chama de fogo, dentro de uma sarça. Reparou que o fogo ardia, mas a sarça não se consumia. Então, o anjo disse:

Moisés, Moisés! Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó! Certamente vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor. Conheço-lhe o sofrimento. [...] Vem, agora, e eu te enviarei a faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. Então disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir ao faraó e tirar do Egito os filhos de Israel? Deus lhe respondeu: Eu serei contigo; e este será o sinal de que eu te envie: depois de haver tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte. (ÊXODO, 3:1-22)

Conta a tradição judaica que, a partir daquele instante, Deus concedeu poderes a Moisés, permitindo, com o auxílio de seu irmão Aarão, o resgate dos judeus das terras egípcias. A retirada dos judeus ocorreu após árduas lutas, entremeadas com as manifestações da prodigiosa mediunidade de Moisés, que culminaram no surgimento das dez pragas, a saber: transformação das águas dos reservatórios naturais e dos utensílios em sangue; invasão de rãs; disseminação de piolhos; invasão de enxames de moscas; peste nos animais; úlceras e tumores nos homens e animais; chuva de pedras; invasão de gafanhotos; surgimento das trevas, transformando o dia em noite; condenação à morte de todos os filhos primogênitos dos egípcios, inclusive o filho de faraó (ÊXODO, 4-14).

Ao sair do Egito, transportando uma multidão de judeus, os exércitos de faraó fazem a última tentativa de mantê-los prisioneiros, mas Moisés consegue, pela sua mediunidade, o prodígio de abrir caminho nas águas do Mar Vermelho (ÊXODO, 14: 1-31).

Contam, ainda, as tradições do Judaísmo que Moisés conduziu os israelitas pelo deserto, durante 40 anos, antes de localizarem a Canaã, a terra prometida por Deus a Abraão (ÊXODO, 17 a 40). A vida dos judeus no deserto foi dura, repleta de grandes e pequenos obstáculos, antes de se organizarem como nação e de se unirem em torno de uma única religião, fundada com o recebimento do Decálogo ou Dez Mandamentos, no monte Sinai (ÊXODO, 20: 1-26).

Consta que, para suprir a fome de milhares de judeus (cerca de 600 mil), Deus teria concedido o *manah*, alimento que caía do céu em forma de chuva (ÊXODO, 16:4-5). Estando Moisés com o povo num lugar sem água, viu-se em extrema dificuldade, já que as pessoas ameaçavam apedrejá-lo. Ele, então, recorre a Deus no sentido de solucionar o problema. O Senhor orienta Moisés a ir até a pedra de Horeb e feri-la com a mesma vara com a qual ele tocara o rio.

Moisés segue as orientações dadas pelo Senhor, e a água surge para saciar a sede do povo (ÊXODO, 15: 23-27; 17).

No terceiro mês após a saída do Egito, diz a tradição, que os israelitas chegaram ao pé do Sinai, armaram suas tendas e Moisés subiu até o cimo, onde o Senhor lhe disse: “Manda que lavem as vestes e estejam prontos para o terceiro dia. Nesse dia, quando soar a trombeta, que todos se aproximem do monte”. Moisés obedeceu ao Senhor e, na madrugada do terceiro dia, houve trovões e relâmpagos, e uma espessa nuvem envolveu o Sinai. Ouviu-se o som estridente de trombetas. Todos se atemorizaram (ÊXODO, 19).

Moisés levou os israelitas para perto da montanha, e o Senhor promulgou, então, o *Decálogo*, pelas mãos de Moisés, em duas tábuas de pedra (ÊXODO, 20: 1-21; DEUTERONÔMIO, 5:6-21).

Na lei moisaica há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A Lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tereis, diante de mim, outros deuses estrangeiros. Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas *águas* sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano.

II. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor, vosso Deus.

III. Lembrai-vos de santificar o dia do sábado.

IV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.

V. Não mateis.

VI. Não cometais adultério.

VII. Não roubeis.

VIII. Não presteis testemunho falso contra o vosso próximo.

IX. Não desejeis a mulher do vosso próximo.

X. Não cobiceis a casa do vosso próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu asno, nem qualquer das coisas que lhe pertençam.¹

Esclarecem, ainda, os Espíritos da Codificação:

É de todos os tempos e de todos os países essa lei e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas só a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, nas quais ainda pouco desenvolvidos se encontravam o senso moral e o sentimento de uma justiça reta.¹

Com o Decálogo inicia-se verdadeiramente a religião judaica, organizada por Moisés, ficando estabelecidas as bases da teocracia do Judaísmo.

Além de médium, Moisés era legislador e homem como os demais. A grande lei, diz ele, foi transmitida diretamente por Deus. Mas conhecidos como hoje se conhecem, os fenômenos psíquicos, logo se percebe que um Espírito elevado foi o mensageiro daqueles mandamentos, que o profeta transmitiu à posteridade com as falhas infalíveis do crivo humano e os acréscimos que a época impunha.³

Devemos considerar que, devido ao nível evolutivo de Moisés, é improvável que ele conversasse diretamente com Deus.

A [...] Lei ou a base da Lei, nos dez mandamentos, foi-lhe ditada pelos emissários de Jesus, porquanto todos os movimentos de evolução material e espiritual do orbe se processaram, como até hoje se processam, sob o seu augusto e misericordioso patrocínio.⁸

É importante destacar também o seguinte:

As [...] seitas religiosas, de todos os tempos, pela influência dos seus sacerdotes, procuram modificar os textos sagrados; todavia, apesar das alterações transitórias, os dez mandamentos, transmitidos à Terra

por intermédio de Moisés, voltam sempre a ressurgir na sua pureza primitiva, como base de todo o direito no mundo, sustentáculo de todos os códigos da justiça terrestre.⁷

Moisés possuía uma mediunidade prodigiosa, desenvolvida na intimidade do templo egípcio. Todavia, o seu Espírito ainda tinha muito o que evoluir.

Por esse motivo há discrepâncias entre o que ensinava, tendo como base o Decálogo, e o que exemplificava.

A legislação de Moisés está cheia de lendas e de crueldades compatíveis com a época, mas, escoimada de todos os comentários fabulosos a seu respeito, a sua figura é, de fato, a de um homem extraordinário, revestido dos mais elevados poderes espirituais. Foi o primeiro a tornar acessíveis às massas populares os ensinamentos somente conseguidos à custa de longa e penosa iniciação, com a síntese luminosa de grandes verdades.⁶

A saída do Egito é comemorada como a Páscoa judaica. É uma das tradições primitivas mais festejadas, mas sem o cerimonial e a concepção extremista do passado. A tradição transmitida às gerações futuras diz que essa festa foi, até a morte de Moisés, comandada por Miriam, sua irmã (a que ficou vigiando-o quando, em criança, foi colocado numa cesta no Nilo), e se caracterizava por danças e cânticos alegres, animados pelos sons de tamborins.⁴

Moisés era possuidor de uma personalidade magnética, dominadora, hábil manipulador das massas e grande líder. Sabia incutir nas almas supersticiosas e ignorantes os temores animistas de um Deus vingador e zeloso. A sua prodigiosa mediunidade de efeitos físicos, associada à de outros auxiliares diretos, sobretudo a do seu irmão Aarão, que tinha o dom da fala e do convencimento, foram fatores que contribuíram para organizar a nação e a religião judaicas. Contudo, Moisés era um produto do meio onde fora criado em que o conhecimento espiritual era usado para obter domínio junto às mentes vacilantes. Outro costume herdado da sua educação egípcia está relacionado à infidelidade conjugal, incomum entre os judeus, mas difundida entre os não hebreus. Acredita-se que Moisés desentendeu vezes sem conta com a sua irmã Miriam a este respeito, pois, é sabido que o missionário teve outras esposas, além de Zipporah [Zípora]⁴ (NÚMEROS, 12:1-16; JUÍZES, 4:11).

Acredita-se que Moisés, educado na cultura egípcia, teria sido um sacerdote de Osíris.² Ele julgava o ritual da religião faraônica muito complicado e que merecia ser simplificado. Para ele os rituais mais significativos estavam diretamente relacionados aos números, fazendo surgir, assim, as bases da Cabala judaica.

Este foi o ponto inicial da cisão ocorrida entre Moisés e os egípcios. Dessa forma, rompe com a tradição dos chamados iniciados. Ele ensinou, a todos, os mistérios da Cabala, mas sob o véu do simbolismo, de forma que somente os Espíritos mais adiantados ou argutos conseguiram entendê-la. Por essa razão é que muitos livros de Moisés podem parecer infantis aos que desconhecem o lado oculto dos ensinamentos, transmitidos de forma oral.^{2, 4 e 5}

A tradição ora da Cabala não é repassada a qualquer adepto do Judaísmo. É, antes, confiada a 70 discípulos escolhidos segundo as ideias existentes em NÚMEROS, 11:16-17 e 25. A esotérica iniciação judaica acontece com a compreensão do *Livro da criação*, ou *Sepher Jersirah*, e do *Livro dos princípios*, ou *Zohah*. São obras de leitura e entendimento difíceis, uma vez que a linguagem abstrata é incompreensível para quem não tem a chave da iniciação (transmitida oralmente). Um dos mestres do pensamento esotérico moderno, Eduardo Schuré, não tem dúvidas de que Moisés teria escrito o livro *Gênesis* em hieróglifos, em três sentidos diferentes, confiando a chave da interpretação e a explicação dos mesmos, oralmente, aos seus sucessores.

A chave e as explicações estariam relacionadas não apenas aos números, mas à sonoridade da pronúncia das palavras que, parece, induziriam a um estado de transe e ligação com Espíritos. Ainda segundo este estudioso, na época de Salomão o livro *Gênesis* teria sido traduzido em caracteres fenícios e, quando em cativo na Babilônia, Esdras o teria redigido em caracteres arianos caldaicos. Os tradutores gregos da *Bíblia* tinham uma informação superficial da chave e explicações de Moisés. São Jerônimo, que fez a versão da Bíblia para o latim, nada sabia das tradições. Foi assim que se perdeu, pelo menos para os religiosos não-judeus, o entendimento esotérico dos ensinamentos de Moisés.^{2, 4 e 5}

Até agora, a Humanidade da Era Cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão de Justiça; o Evangelho, a revelação de insuperável Amor, e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo Redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade.

No centro das três revelações encontra-se Jesus Cristo, como o fundamento de toda a luz e de toda a sabedoria. É que, com o Amor, a Lei manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo; a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização, com aquele Cordeiro de Deus, alma da redenção de toda a Humanidade. A Justiça, portanto, lhe aplainou os caminhos, e a Verdade, consequentemente, esclarece os seus divinos ensinamentos [...].⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2005. Cap. 1, item 2, p. 53-55.
2. DURVILLE, Henri. *A ciência secreta*. Tradução. de um membro do círculo esotérico. São Paulo: O Pensamento, s/d, p. 293-340.
3. IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. O Espiritismo entre as religiões, item Moisés, p. 173.
4. POTTER, Charles. *História das religiões*. Tradução de J. Sampaio Ferraz. São Paulo: Ed. Universitária. 1994. Cap. 1 (Moisés), p. 41-80.
5. SMITH, Huston. *As religiões do mundo*. Tradução de Merle Scoss. São Paulo, Editora Cultrix, 2002. Cap. 7 (Judaísmo), p. 261-301.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A ascendência do evangelho), item: A lei moisaica, p. 27.
7. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 268, p. 161.
8. _____. _____. Questão 269, p. 161.
9. _____. _____. Questão 271, p. 162.

Orientações ao monitor

Dinamizar o estudo por meio de pequenos grupos que deverão ser orientados a ler, analisar e debater a missão desempenhada por Moisés e a importância do Decálogo.

EADE LIVRO I | MÓDULO II

O CRISTIANISMO

O CRISTIANISMO

Roteiro 1

NASCIMENTO E INFÂNCIA DE JESUS

Objetivos

- » Elaborar uma síntese histórica a respeito das previsões da vinda do Cristo, do seu nascimento e da sua infância.

Ideias principais

- » *Além das afirmações de Jesus e da opinião dos apóstolos, há um testemunho cujo valor os crentes mais ortodoxos não poderiam contestar, pois que o apontam constantemente como artigo de fé: é o próprio Deus, isto é, o dos profetas falando por inspiração e anunciando a vinda do Messias. Allan Kardec, Obras póstumas. Primeira parte. Item 7, Predição dos profetas com relação a Jesus.*
- » *E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: achareis, o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura. E no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão de exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra, boa vontade para com os homens!” (LUCAS, 2:10-14.)*
- » *E o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele (LUCAS, 2:40).*

Subsídios

1. Previsões sobre a vinda de Jesus

O estudo dos fatos históricos, relacionados às previsões da vinda do Cristo, tem como base as afirmações de Jesus e a opinião dos apóstolos. Há, porém, “[...] um testemunho cujo valor os crentes mais ortodoxos não poderiam contestar, pois que o apontam constantemente como artigo de fé: é o do próprio Deus, isto é, o dos profetas falando por inspiração e anunciando a vinda do Messias”¹.

No Velho Testamento encontramos algumas profecias que anunciam o advento do Cristo. Citaremos algumas:

- » Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta; [...] e Ele anunciará paz às nações; e o seu domínio se estenderá de um mar a outro mar e desde o rio até às extremidades da terra (ZACARIAS, 9:9-10).
- » Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmeoras de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete (NÚMEROS, 24:17).
- » Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel (ISAÍAS, 7:14).
- » Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem-fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos exércitos fará isto (ISAÍAS, 9:6-7).

Dele asseveraram os profetas de Israel, muito tempo antes da manjedoura e do calvário: “levantar-se-á como arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando

sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergando ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as sua feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniquidades” [...].¹⁰

Confirmando as profecias, Jesus nasceu na Terra, em um ambiente de lutas e conspirações. Viveu na Palestina durante o reinado de Herodes Antipas (4 a.C.–37 d.C.) — filho de Herodes, o Grande, e de Maltace —, era também irmão de Arquelau, nomeado tetrarca da Galileia e da Pereia, em 4 a.C. Depois que Arquelau foi deposto, “[...] Antipas recebeu o título dinástico Herodes, que tinha grande significação internamente e em Roma.”²

O nascimento de Jesus está também previsto no Novo Testamento.

E, no sexto mês [de gravidez de Isabel, mãe de João Batista e prima de Maria santíssima], foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim. E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão? E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril. Porque para Deus nada é impossível. Disse, então, Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo ausentou-se dela (LUCAS, 1:26-38).

Os textos evangélicos informam que confirmada a gravidez de Maria, ela resolve fazer uma visita à sua prima Isabel, que também estava grávida no segundo trimestre de gestação.

E, naqueles dias, levantando-se Maria, foi apressada às montanhas, a uma cidade de Judá, e entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel. E aconteceu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo, e exclamou com grande voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e é bendito o fruto do teu ventre! E de onde me provém isso a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? Pois eis que, ao chegar aos meus ouvidos a voz da tua saudação, a criancinha saltou de alegria no meu ventre (LUCAS, 1:39-44).

2. O nascimento de Jesus

A gestação de Maria aproximava-se do final quando o imperador César Augusto ordenou se realizasse o recenseamento do povo judeu.

E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria). E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu da Galileia também José, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem (LUCAS, 2:1-7).

O momento do nascimento de Jesus foi percebido por pastores que se encontravam nas proximidades de Belém.

Ora, havia, naquela mesma comarca, pastores que estavam no campo e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. E eis que um anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura. E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens! E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém e vejamos isso que aconteceu e que o

Senhor nos fez saber. E foram apressadamente e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura. E, vendo-o, divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita (LUCAS, 2:8-17).

Jesus nos fornece inestimável lição quando escolhe a manjedoura como local do seu nascimento.

A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes. Começava a era definitiva da maioridade da humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.⁸

Os textos sagrados nos relatam como ocorreu o nascimento de Jesus e as primeiras implicações daí decorrentes.

E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, e perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos a adorá-lo. E o rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e toda a Jerusalém, com ele. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe disseram: Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá, porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel (MATEUS, 2:1-6)

A presença dos magos em Jerusalém, à procura do Messias aguardado, provocou temor ao rei Herodes, supondo que poderia ser despojado do cargo.

“Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo” (MATEUS, 2:7-8).

Os magos seguiram, então, para Belém.

E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o *lugar* onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande júbilo. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua

mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra. E, sendo por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho (MATEUS, 2:9-12).

Percebe-se claramente que os sábios do Oriente, ou magos, desconheciam as profecias no Velho Testamento sobre a vinda e local de nascimento de Jesus.

A tradição da existência dos três magos baseia-se em seus três presentes: ouro, olíbano (espécie de incenso feito de resina aromática) e mirra (unguento usado como balsâmico e em perfumes). Como são guiados por uma estrela, os magos parecem ter sido astrólogos, possivelmente da Pérsia. Magos, como são chamados, é o plural de *magus*, palavra grega para feiticeiro ou mágico. Só muito tempo depois, foram os sábios chamados de reis e receberam os nomes de Gaspar, Melquior e Baltazar.⁴

Após a partida dos magos, José recebe em sonho a visita do anjo do Senhor, que lhe adverte:

Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga, porque Herodes há de procurar o menino para o matar. E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. E esteve lá até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. Então, Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos (MATEUS, 2:13-16).

A matança das crianças foi uma entre muitas atitudes insanas de Herodes. Ávido pelo poder e pelos benefícios materiais, não vacilou em praticar ações criminosas, ignorando que, em consequência, enfrentaria nas futuras reencarnações dolorosos processos reparadores, assinalados pela lei de causa e efeito.

Em relação às origens familiares de Jesus, o evangelista Mateus elaborou uma genealogia que, partindo de Abraão, soma-se 42 gerações até José.

Mateus começa afirmando que Jesus é o Messias, ou Cristo, um título que significa “o ungido”. Este refere-se à acalentada esperança dos judeus de que um dia enviaria um rei ungido, descendente do rei Davi, para restaurar Israel como nação e cumprir a promessa feita por Deus de que a dinastia de Davi “será firme para sempre” (2 SAMUEL, 7:16). A primeira afirmação do Evangelho de Mateus é que na verdade Jesus cumpre essa promessa feita há longa data: Ele é o Messias.

Mateus teve que sacrificar um pouco a exatidão de sua genealogia, omitindo várias gerações e incluindo alguns nomes duas vezes. Mas para o autor a importância simbólica do padrão, expressando a verdade de que Deus se envolveu nos acontecimentos que levaram ao nascimento de Jesus, era mais significativa do que a lista exata de nomes, que, em sua maioria, qualquer pessoa poderia consultar nas genealogias do *Primeiro Livro das Crônicas*.⁵

Fato curioso é que as genealogias da época eram elaboradas a partir de ancestrais do sexo masculino. Mateus, entretanto, introduz uma inovação quando inclui na sua lista nomes das mulheres Tamar, Raab, Rute e Betsabée, esposa de Urias. Tal fato se revela especialmente singular porque essas mulheres não eram israelitas.⁵

Lucas refere-se às particularidades que rodearam o seu nascimento [de Jesus] em Belém de Judá, num estábulo abandonado, tendo por berço tosca e rude manjedoura. Marcos apresenta o Mestre já em contato com o Batista, iniciando a sua missão exemplificadora. João deixa de parte tudo o que se liga à parte material com que o Messias se apresenta no cenário do mundo, para considerar o seu Espírito, isto é, o “ser” propriamente dito, sede da inteligência, do sentimento e de todas as faculdades psíquicas, dizendo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (JOÃO, 1:1) Verbo é a palavra por excelência, visto que anuncia ação. Jesus é Verbo, paradigma por onde todos os verbos serão conjugados. É o modelo, é o exemplo, é o caminho cujo percurso encerra o destino de toda a infinita criação.⁶

A história da humanidade terrestre está dividida em dois grandes períodos: antes e depois do Cristo, indicativos de que, com Jesus, o ser humano inicia, efetivamente, a sua caminhada evolutiva em termos de aprendizado moral.

Com o nascimento de Jesus, há como que uma comunhão direta do Céu com a Terra. Estranhas e admiráveis revelações perfumam as

almas e o enviado oferece aos seres humanos toda a grandeza do seu amor, da sua sabedoria e da sua misericórdia.⁸

Ao término do reinado de Herodes Antipas, Maria, José e Jesus retornam do Egito, onde se haviam refugiado.

Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu, num sonho, a José, no Egito, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, porque já estão mortos os que procuravam a morte do menino. Então, ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel. E, ouvindo que Arquelau reinava na Judeia em lugar de Herodes, seu pai, recebeu ir para lá; mas, avisado em sonhos por divina revelação, foi para as regiões da Galileia. E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno (MATEUS, 2:19-23).

3. A infância de Jesus

A infância de Jesus é marcada por percepções e revelações mediúnicas. Anteriormente, antes do seu nascimento, foram assinalados os sonhos de José e a aparição do anjo a Maria, anunciando-lhe a vinda do Senhor. Outros acontecimentos merecem destaque, como os que se seguem:

- » E, quando os oito dias foram cumpridos para circuncidar o menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que pelo anjo lhe fora posto antes de ser concebido (LUCAS, 2:21).
- » E, cumprindo-se os dias da purificação, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor. Havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem era justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor. E, pelo Espírito, foi ao templo e, quando os pais trouxeram o menino Jesus, para com ele procederem segundo o uso da lei, ele, então, o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra, pois já os meus olhos viram a tua salvação, a qual tu preparaste perante a face de todos os povos, luz para alumiar as nações e para glória de teu povo Israel (LUCAS, 2:22; 25-32).

- » De modo semelhante, Ana, profetiza de idade avançada que vivia no Templo, deu graças a Deus quando viu Jesus, afirmando ser Ele o que todos esperavam para a redenção de Jerusalém (LUCAS, 2:36-37).

A despeito da indiferença ou das críticas ferinas que o Cristo e os seus auxiliares diretos têm recebido, ao longo dos séculos, sabemos que o amor do Senhor por todos nós está acima dessas pequenas questões. cedo ou tarde a Humanidade reconhecerá a excelsitude do seu Espírito, o seu extremado amor e a sua orientação maior. A propósito esclarece Emmanuel:

Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável.⁷

Aos 12 anos Jesus surpreende a todos, inclusive aos seus pais, quando dialoga com os doutores da Lei.

“Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à Festa da Páscoa. E, tendo Ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa. E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o souberam seus pais. Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia e procuravam-no entre os parentes e conhecidos. E, como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dele. E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas” (LUCAS, 2:41-47).

“E sua mãe guardava no coração todas essas coisas. E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens” (LUCAS, 2:51-52).

Permanece a incógnita, para os historiadores e para todos nós, os acontecimentos da vida de Jesus ocorridos entre os seus 13 e 30 anos. Existem muitas especulações, mas sem nenhuma comprovação efetiva.

Há [...] quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas. O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênicas, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.⁹

Em todos os momentos da vida do Cristo, um fato se evidencia: Ele sempre dá “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (MATEUS, 22:21). Neste sentido, submete-se ao batismo proposto por João Batista.

Então, veio Jesus da Galileia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por Ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu. E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. [...] Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia. E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: A terra de Zebulom e a terra de Naftali, junto ao caminho do mar, além do Jordão, a Galileia das nações, o povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou. Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus (MATEUS, 3:13-17; 4:12-17).

Referências

1. KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte, Item 7: Predição dos profetas com relação a Jesus, p. 145.
2. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. *As pessoas e os lugares*. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2002, p. 112.

3. FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador [BA]: LEAL, 1987. Item: Respingos históricos, p. 20-21.
4. SELEÇÕES DO Reader's Digest. *Guia completo da Bíblia: as sagradas escrituras comentadas e ricamente ilustradas*. Tradução de Alda Porto... [et al.] Rio de Janeiro: Reader's Digest, 2003, p. 312.
5. _____. _____. p. 313.
6. VINICIUS. *Na seara do mestre*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. No princípio era o Verbo, p. 177.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica de natal*. Por diversos Espíritos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 69 (A Vinda de Jesus – mensagem do Espírito Emmanuel), p. 190.
8. _____. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 12 (A vinda de Jesus), item: A manjedoura, p. 105.
9. _____. _____. Item: O Cristo e os essênios, p. 106.
10. _____. _____. Item: O cumprimento das profecias de Israel, p. 10.

Orientações ao monitor

Realizar breve exposição introdutória do assunto, seguida de trabalho em grupo, focalizando o estudo dos seguintes itens: a) as previsões da vinda do Cristo; b) o nascimento de Jesus; c) a infância de Jesus; d) o início da missão de Jesus.

O CRISTIANISMO

Roteiro 2

MARIA, MÃE DE JESUS

Objetivos

- » Destacar a importância de Maria de Nazaré, segundo o pensamento espírita.

Ideias principais

- » Buscando [...] *alguém no mundo para exercer a necessária tutela sobre a vida preciosa do Embaixador divino, o supremo poder do Universo não hesitou em recorrer à abnegada mulher, escondida num lar apagado e simples...* Emmanuel: *Religião dos espíritos*, p. 132.
- » *Então disse Maria: Aqui está a serva do Senhor, que se cumpra em mim conforme a tua palavra* (LUCAS, 1:38).

Subsídios

Maria, segundo informações das fontes cristãs antigas, era filha de pais judeus, Joaquim e Ana. Há dúvidas quanto ao local exato do seu nascimento — ocorrido entre 18 ou 20 a.C. — , em Jerusalém ou em Séforis, na Galileia. Possivelmente, ela casou aos 14 anos, como era comum à época.⁴

Durante a sua infância viveu em Nazaré, onde ficou noiva do carpinteiro José, da tribo de Davi.⁴

Algumas fontes históricas indicam que Maria e José tiveram outros filhos, depois de Jesus. Não há, porém, provas ou evidências concretas. O Evangelho segundo Lucas é a principal fonte bíblica sobre Maria cuja referência é feita em momentos específicos: na aparição do anjo para anunciar a vinda de Jesus; na visita de Maria à sua prima Isabel; no nascimento de Jesus, em uma estrebaria da cidade de Belém; na chegada dos magos, logo após o nascimento do Cristo; na fuga para o Egito, em razão da perseguição de Herodes; no retorno à Galileia, após a morte de Herodes; na visita ao templo, durante o período da purificação, quando encontra Simeão e Ana, a profetiza; no diálogo de Jesus com os doutores; nas bodas de Caná; na crucificação de Jesus e no dia de Pentecostes.

As tradições cristãs revelam que Maria ficou sob o amparo do apóstolo e evangelista João, em Jerusalém e em Éfeso, atendendo a orientação de Jesus. Acredita-se que ela tenha morrido em Jerusalém.⁵

Há quem afirme, porém, que sua “ascensão aos céus” ocorreu em Éfeso.

Esta questão deve ser analisada com cuidado. A ascensão de Maria, em termos espíritas, deve ser vista como num desdobramento seguido de materialização — à semelhança do que acontecia com Antônio de Pádua — , ou materialização do seu Espírito, após a desencarnação. Não se sabe ao certo quando ela morreu.

Maria (ou Miriam) é um nome de origem hebraica, significando: *Senhora da Luz*. Sua figura no Novo Testamento é discreta, o que não diminui seu valor e a sua importância.

Buscando [...] alguém no mundo para exercer a necessária tutela sobre a vida, preciosa do Embaixador divino, o supremo poder do Universo não hesitou em recorrer à abnegada mulher, escondida num lar apagado e simples...

Humilde, ocultava a experiência dos sábios; frágil como o lírio, trazia consigo a resistência do diamante; pobre entre os pobres, carregava na própria virtude os tesouros incorruptíveis do coração, e, desvalida entre os homens, era grande e prestigiosa perante Deus.¹⁵

Vemos, também, que a sua figura é reverenciada com carinho e profunda gratidão, como a sublime mãe de Jesus ou, simplesmente, Maria de Nazaré.

No Espiritismo — doutrina que se assenta em bases científicas, filosóficas e religiosas, nesta última, como Cristianismo redivivo, caracteriza o Consolador prometido por Jesus — também aprendemos a reconhecer em Maria uma Entidade evoluidíssima, que já havia conquistado, há (mais de) 2000 anos, elevadas virtudes, tornando-a apta a desempenhar na crosta terrestre tão elevada missão, recebendo em seus braços o Emissário de Deus que se fez menino para se transformar “no modelo da perfeição moral que a Humanidade pode pretender sobre a Terra”.

Além do que se conhece nas antigas tradições religiosas, especialmente no Novo Testamento, encontramos na literatura espírita outros importantes dados biográficos de Maria, que vieram até nós por via mediúnica, naturalmente extraídos de arquivos fidedignos do mundo espiritual, revelando-nos que ela continua até hoje zelando com muito carinho pela humanidade terrestre, encarnada e desencarnada.¹

Maria de Nazaré simboliza “[...] terras de virtudes fartas, o mesmo não sucede aos apóstolos que, a cada passo, necessitam recorrer à fonte das lágrimas que escorrem do monturo de remorsos e fraquezas [...]”.¹⁴

Por ser um Espírito de grandes conquistas evolutivas e virtudes, consciente de sua tarefa, curva-se, humilde, diante do anjo que, em nome do Pai, lhe anuncia que será a mãe de Jesus, o Salvador, dizendo: “Eis aqui a serva do Senhor, cumpra-se em mim segundo a tua palavra” (LUCAS, 1:38).

Maria profere um dos mais belos cânticos de louvor e agradecimento a Deus, após a visita do anjo que lhe informou sobre a vinda do Cristo.

A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque atentou na humildade de sua serva; pois eis que, desde agora, todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Porque me fez grandes coisas o Poderoso; e Santo é o seu nome. E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem. Com o seu braço, agiu valorosamente, dissipou os soberbos no pensamento de seu coração, depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes; encheu de bens os famintos, despediu vazios os ricos, e auxiliou a Israel, seu servo, recordando-se da sua misericórdia (como falou a nossos pais) para com Abraão e sua posteridade, para sempre (LUCAS, 1:46-55).

Muitas obras espíritas enfocam a figura de Maria como de grande importância para os cristãos.

No artigo “Notícias de Maria, a mãe de Jesus”, publicado no *Anuário espírita* de 1986, encontramos informações a respeito dessa figura ímpar da história do Cristianismo. No livro *Boa nova*, o Espírito Humberto de Campos destaca:

Maria foi cognominada de “bendita” ou “bem-aventurada” porque foi a escolhida para ser a mãe de Jesus. Esta informação está em Lucas, em dois momentos diferentes:

- » Quando o anjo anuncia a vinda de Jesus: “Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres” (LUCAS, 1:28).
- » Quando da visita à prima Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres, e é bendito o fruto do teu ventre” (LUCAS, 1:42).

Além dos relatos evangélicos, Maria é também mencionada nos escritos de alguns pais da Igreja Católica Romana, entre os quais, Justino Inácio, Tertuliano e Atanásio. Em obras cristãs, não incluídas nos cânones da igreja de Roma, isto é, nas escrituras apócrifas, encontramos referências sempre respeitosas a Maria. No evangelho de Tiago e na deliberação do Concílio de Éfeso (431 E.C.), ela foi proclamada *Theotokos*, isto é, “Portadora de Deus”. Importa considerar, como referência histórica, a existência de uma escritura apócrifa denominada “O evangelho gnóstico de Maria”, e outra produzida na Idade Média, intitulada “Evangelho do nascimento de Maria.”⁶

Essas e outras obras serviram de base para o culto a Maria, existente, em especial, nas igrejas católica romana e ortodoxa.⁶

O autor de *Boa nova*, nos revela momentos pungentes da vida de Maria, como, por exemplo, durante a crucificação de Jesus.

Humberto de Campos descreve a dor profunda e silenciosa de Maria, que comove e causa admiração, nos fazendo refletir a respeito da grandiosidade desse Espírito.

Junto da cruz, o vulto agoniado de Maria produzia dolorosa e indelével impressão. Com o pensamento ansioso e torturado, olhos fixos no madeiro das perfídias humanas, a ternura materna regredia ao passado em amarguradas recordações. Ali estava, na hora extrema, o filho bem-amado.

Maria deixava-se ir na corrente infinda das lembranças. Eram as circunstâncias maravilhosas em que o nascimento de Jesus lhe fora anunciado, a amizade de Izabel, as profecias do velho Simeão, reconhecendo que a assistência de Deus se tornara incontestável nos menores detalhes de sua vida. Naquele instante supremo revia, a manjedoura, na sua beleza agreste, sentindo que a Natureza parecia desejar redizer aos seus ouvidos o cântico de glória daquela noite inolvidável. Através do véu espesso das lágrimas, repassou, uma por uma, as cenas da infância do filho estremecido, observando o alarma interior das mais doces reminiscências.

Nas menores coisas, reconhecia a intervenção da Providência celestial; entretanto, naquela hora, seu pensamento vagava também pelo vasto mar das mais aflitivas interrogações. [...]

Que profundos desígnios haviam conduzido seu filho adorado à cruz do suplício?

Uma voz amiga lhe falava ao espírito, dizendo das determinações insondáveis e justas de Deus, que precisam ser aceitas para a redenção divina das criaturas. Seu coração rebentava em tempestades de lágrimas irremediáveis; contudo, no santuário da consciência, repetia a sua afirmação de sincera humildade: “Faça-se na escrava a vontade do Senhor!”⁹

Resignada diante do maior testemunho da sua missão, Maria sente uma mão amiga tocar o seu ombro. Era o apóstolo João a lhe estender os braços amorosos e reconhecidos. Ambos, compungidos por tanta dor, buscam o olhar de Jesus como a suplicar entendimento. Fala, então, Maria a Jesus:

“Meu filho! Meu amado filho!...” [...]

O Cristo pareceu meditar no auge de suas dores, mas, como se quisesse demonstrar, no instante derradeiro, a grandeza de sua coragem e a sua perfeita comunhão com Deus, replicou com significativo movimento dos olhos vigilantes:

“Mãe, eis aí teu filho!...” — E dirigindo-se, de modo especial, com um leve aceno, ao apóstolo, disse: Filho, eis aí tua mãe!¹⁰

Tempos depois, relata o Espírito amigo, que João, recordando-se das observações feitas pelo Mestre, vai ao encontro de Maria e conta-lhe sobre sua nova vida entre almas devotadas e sinceras no exercício dos ensinamentos cristãos. Num misto de reconhecimento e ventura Maria se instala junto ao dedicado apóstolo, em Éfeso.

A casa de João [...] ao cabo de algumas semanas, se transformou num ponto de assembleias adoráveis, onde as recordações do Messias eram cultuadas por espíritos humildes e sinceros.

Maria externava as suas lembranças. Falava dele com maternal enternecimento, enquanto o apóstolo comentava as verdades evangélicas, apreciando os ensinamentos recebidos. [...] Decorridos alguns meses, grandes fileiras de necessitados acorriam ao sítio singelo e generoso. A notícia que Maria descansava, agora, entre eles, espalhou um clarão de esperança por todos os sofredores. Ao passo que João pregava na cidade as verdades de Deus, ela atendia, no pobre santuário doméstico, aos que a procuravam exibindo-lhe suas úlceras e necessidades.

Sua choupana era, então, conhecida pelo nome de “Casa da Santíssima”.¹¹

Os anos passaram sem que Maria deixasse, um dia, de amparar e transmitir ao coração do povo as mensagens da Boa Nova. Ao chegar à velhice não sente cansaço nem amarguras. E num dia, durante as suas orações, relata-nos, ainda, Humberto de Campos:

Enlevada nas suas meditações, Maria viu aproximar-se o vulto de um pedinte.

— Minha mãe — exclamou o recém-chegado, como tantos outros que recorriam ao seu carinho —, venho fazer-te companhia e receber tua bênção.

Maternalmente, ela o convidou a entrar, impressionada com aquela voz que lhe inspirava profunda simpatia. O peregrino lhe falou do céu, confortando-a delicadamente. Comentou as bem-aventuranças divinas que aguardam a todos os devotados e sinceros filhos de Deus, [...]. Maria sentiu-se empolgada por tocante surpresa. Que mendigo seria aquele que lhe acalmava as dores secretas da alma saudosa, com bálsamos tão dulçorosos? Nenhum lhe surgira até então para dar; era sempre para pedir alguma coisa. [...] Seus olhos se umedeceram de ventura, sem que conseguisse explicar a razão de sua terna emotividade.

Foi quando o hóspede anônimo lhe estendeu as mãos generosas e lhe falou com profundo acento de amor:

— Minha mãe, vem aos meus braços!

Nesse instante, fitou as mãos nobres que se lhe ofereciam, num gesto da mais bela ternura. Tomada de comoção profunda, viu nelas duas chagas, como as que seu filho revelava na cruz, e instintivamente,

dirigindo o olhar ansioso para os pés do peregrino amigo, divisou também aí as úlceras causadas pelos cravos do suplício. Não pôde mais. Compreendendo a visita amorosa que Deus lhe enviava ao coração, bradou com infinita alegria:

— Meu filho! Meu filho! As úlceras que te fizeram!...

[...] Num ímpeto de amor, fez um movimento para se ajoelhar. Queria abraçar-se aos pés do seu Jesus e osculá-los com ternura. Ele, porém, levantando-a, cercado de um halo de luz celestial, se lhe ajoelhou aos pés e beijando-lhe as mãos, disse em carinhoso transporte:

— Sim, minha mãe, sou eu!... Venho buscar-te, pois meu Pai quer que sejas no meu reino a Rainha dos anjos...¹²

Maria sempre dedicou assistência aos sofredores, como registrou Yvonne Pereira no livro *Memórias de um suicida*. A obra descreve a assistência aos suicidas, em profundo sofrimento no Além pela Legião dos servos, “chefiada pelo grande Espírito Maria de Nazaré,³ ser angélico e sublime que na Terra mereceu a missão honrosa de seguir, com solitudes maternais, aquele que foi o redentor dos homens!”^{3 e 7}

Muitas são as histórias que envolvem a ação de Maria de Nazaré em benefício dos que sofrem. No livro *Ação e reação*, André Luiz relata o caso de uma senhora que orava fervorosamente, rogando a proteção de Maria de Nazaré pelos filhos transviados. O instrutor Silas, citado na referida obra explica a André Luiz: “[...] Petições semelhantes a esta elevam-se a planos superiores e aí são acolhidas pelos emissários da Virgem de Nazaré, a fim de serem examinadas e atendidas, conforme o critério da verdadeira sabedoria.”⁸

Em diversas obras os Espíritos superiores fazem referência à dedicação de Maria aos sofredores. Lembramos, a propósito, a reverência que o Espírito Bittencourt Sampaio faz à mãe de Jesus em tocante oração:

Anjo dos bons e Mãe dos pecadores,
Enquanto ruge o mal, Senhora, enquanto
Reina a sombra da angústia, abre o teu manto,
Que agasalha e consola as nossas dores.
Nos caminhos do mundo, há treva e pranto.
No infortúnio dos homens sofredores,

Volve à Terra ferida de amargores
O teu olhar imaculado e santo!
Ó Rainha dos anjos, meiga e pura,
Estende tuas mãos à desventura
E ajuda-nos, ainda, Mãe piedosa!
Conduze-nos às bênçãos do teu porto
E salva o mundo em guerra e desconforto,
Clareando-lhe a noite tormentosa...¹³

Referências

1. ANUÁRIO ESPÍRITA. Diversos autores. Ano XXIII, nº 23. Araras: IDE, 1986. Item: Fatos mediúnicos (Notícias de Maria, mãe de Jesus), p. 13.
2. _____. _____. p. 14.
3. _____. _____. p. 18.
4. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2002, p. 195.
5. _____. _____. p. 195-196.
6. _____. _____. p. 196.
7. PEREIRA, Yvonne A. *Memórias de um suicida*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 3 (No hospital “Maria de Nazaré”), item: Departamento de vigilância, p. 57.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 11 (O templo e o parlatório), p. 200-201.
9. _____. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 30 (Maria), p. 196-197.
10. _____. _____. p. 198.
11. _____. _____. p. 201-202.
12. _____. _____. p. 204-205.
13. _____. *Mãe*. Diversos Espíritos. 3. ed. Matão, SP. Casa Editora O Clarim. 1974. Item: Súplica à Mãe Santíssima, p. 43.
14. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 121 (Monturo), p. 257-258.
15. _____. *Religião dos espíritos*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item: A mulher ante o Cristo, p. 132.

Orientações ao monitor

Promover uma ampla troca de ideias com os participantes, destacando a excelssitude do Espírito Maria, mãe de Jesus.

O CRISTIANISMO

Roteiro 3

JOÃO BATISTA – O PRECURSOR

Objetivos

- » Identificar a missão de João Batista como precursor de Jesus

Ideias principais

- » *Então, um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso.*
E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe (LUCAS, 1:11-15).
- » *Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele (MATEUS,11:11).*

Subsídios

1. O nascimento de João Batista

O nascimento de João Batista foi revestido de um clima de expectativas e surpresas, uma vez que Isabel, sua mãe, encontrava-se numa idade em que, usualmente, as mulheres não engravidam.

Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão; o nome dela era Isabel. E eram ambos justos perante Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade. E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma, segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso. Então, um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem-disposto. Disse, então, Zacarias ao anjo: Como saberei isso? Pois eu já sou velho, e minha mulher, avançada em idade. E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que estas coisas aconteçam, porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir. E o povo estava esperando a Zacarias e maravilhava-se de que tanto se demorasse no templo. E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tivera alguma visão no templo. E falava por acenos e ficou mudo. E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa. E, depois daqueles dias, Isabel, sua mulher, concebeu e, por cinco meses, se ocultou, dizendo: Assim me fez o Senhor,

nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens (LUCAS, 1:5-25).

Foi necessário que ocorresse a mudez de Zacarias, não como um castigo, mas para que se cumprisse as predições anunciadas pelo anjo. O povo deveria perceber que alguém especial iria nascer, um Espírito consagrado a Deus; um profeta enviado para anunciar a vinda do Messias, previsto nas escrituras e ardentemente aguardado pelos judeus.

E completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e teve um filho. E os seus vizinhos e parentes ouviram que tinha Deus usado para com ela de grande misericórdia e alegraram-se com ela. E aconteceu que, ao oitavo dia, vieram circuncidar o menino e lhe chamavam Zacarias, o nome de seu pai. E, respondendo sua mãe, disse: Não, porém será chamado João. E disseram-lhe: Ninguém há na tua parentela que se chame por este nome. E perguntaram, por acenos, ao pai como queria que lhe chamassem. E, pedindo ele uma tabuinha de escrever, escreveu, dizendo: O seu nome é João. E todos se maravilharam. E logo a boca se lhe abriu, e a língua se lhe soltou; e falava, louvando a Deus. E veio temor sobre todos os seus vizinhos, e em todas as montanhas da Judeia foram divulgadas todas essas coisas. E todos os que as ouviam as conservavam em seu coração, dizendo: Quem será, pois, este menino? E a mão do Senhor estava com ele (LUCAS, 1:57-66).

João Batista desenvolvia-se plenamente, preparando-se para a sua missão. O menino crescia e se robustecia em espírito, e esteve nos desertos até o dia em que havia de mostrar-se a Israel (LUCAS, 1:80).

As mãos de Deus, indiscutivelmente, pousavam sobre o seu lar. Depois... Ao seguir para o deserto, vestiu-se como o antigo profeta Elias: uma pele de camelo no corpo, em volta dos rins um cinto de couro... Iniciara o ministério por volta do ano 15 do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos, governador da Judeia e Herodes Antipas tetrarca da Galileia...¹

2. João Batista, o precursor

Apareceu João batizando no deserto e pregando o batismo de arrependimento, para remissão de pecados. E toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados.

E João andava vestido de pelos de camelo e com um cinto de couro em redor de seus lombos, e comia gafanhotos e mel silvestre, e pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias. Eu, em verdade, tenho-vos batizado com água; Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo (MARCOS, 1:4-8).

João Batista veio de uma linhagem sacerdotal, mas não seguiu o sacerdócio, pelo menos na forma como o seu pai praticava. Adotou um modo de vida simples, ascético, alimentando-se com frugalidade (de mel e gafanhotos) e vivendo, mais tempo, no deserto da Judeia. Foi um profeta.

Pregador rude, homem de viver austeríssimo, desprezou as comodidades da vida, a ponto de se alimentar com o que achava no deserto e de se vestir com a pele de animais. Assim, impressionou fortemente o povo, que acorria a ouvi-lo e a pedir-lhe conselhos. Poderoso médium inspirado, foi o transmissor das mensagens do Alto, pelas quais se anunciava a chegada do Mestre e o começo dos trabalhos de regeneração da Humanidade. A todos que queriam tornar-se dignos do reino dos céus, João aconselhava que fizessem penitência. Qual seria essa penitência, primeiro passo a ser dado em direção ao reino de Deus? Não eram as longas orações, nem os donativos e esmolas; nem as peregrinações aos lugares santos; nem as construções de capelas; nem jejuns; nem votos; nem as promessas; não era a adoração de imagens nem a entronização delas. A penitência não consistia em formalidades exteriores, mas sim na reforma do caráter e na retificação dos atos errados que cada um tinha praticado.⁴

Após o período passado no deserto, João Batista inicia a sua pregação. Com zelo profético ele anuncia a vinda do Reino dos céus.

Transcorridos alguns anos, vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à Verdade, precedendo o trabalho divino do amor, que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

João, de fato, partiu primeiro, a fim de executar as operações iniciais para a grandiosa conquista. [...] esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da misericórdia e da bondade. O Mestre dos mestres quis colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos e, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os símbolos

imortais do Cristianismo. [...] João era a verdade, e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magoa, deixando-se levar aos sacrifícios extremos.⁸

A pregação de João Batista, todavia, era contundente, desagradando a muitos, em consequência. Revelava um temperamento ardente, apaixonado.

Como a dor que precede as poderosas manifestações da luz no íntimo dos corações, ela recebe o bloco de mármore bruto e lhe trabalha as asperezas para que a obra do amor surja, em sua pureza divina. João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo rude da verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o Reino de Deus prevaleça nos corações. Expressando a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as próprias imperfeições do seu mundo interior, a fim de estabelecer em si mesmo o santuário de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos”.⁸

A fama de João Batista chega, então até os sacerdotes judeus e aos levitas que resolvem interrogá-lo.

Quem és tu? E confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. E perguntaram-lhe: Então, quem és, pois? És tu Elias? E disse: Não sou. És tu o profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe, pois: Quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo? Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. E os que tinham sido enviados eram dos fariseus, e perguntaram-lhe, e disseram-lhe: Por que batizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? João respondeu-lhes, dizendo: Eu batizo com água, mas, no meio de vós, está um a quem vós não conheceis. Este é aquele que vem após mim, que foi antes de mim, do qual eu não sou digno de desatar as correias das sandálias. Essas coisas aconteceram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando. No dia seguinte, João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Este é aquele do qual eu disse: após mim vem um homem que foi antes de mim, porque já era primeiro do que eu (João, 1:19-30).

Posteriormente, vamos ver que é o próprio Cristo quem testemunharia a respeito de João Batista, enaltecendo a sua missão: “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista” (MATEUS, 11:11).

Enfim, João Batista arcaria com a responsabilidade de abrir para a Humanidade a era evangélica. Por isso é que Jesus diz que dos nascidos de mulher, nenhum foi maior do que João Batista; isto é, não se encarnou ainda nenhum Espírito com missão maior do que a de João Batista. [...] Jesus, conquanto justifique o amor que o povo consagrava a João Batista, adverte-o de que no mundo espiritual existiam Espíritos ainda maiores, por serem mais evoluídos que João Batista.⁵

O Espiritismo aceita a ideia de ser João Batista a reencarnação do profeta Elias. Há muitas semelhanças na personalidade de ambos, indicativas de que se tratava do mesmo Espírito. O próprio Jesus afirma, segundo as anotações de Mateus: “Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir que ouça” (MATEUS, 11:13-15). Em um outro momento, após o fenômeno da transfiguração, os apóstolos Pedro, Tiago e João, ao descenderem do monte, são orientados por Jesus a guardarem silêncio sobre o que presenciaram (transfiguração).

E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos. E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem, então, os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. Então, entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista (MATEUS, 17:9-13).

As pregações de João Batista, a despeito de agradarem o povo, eram criticadas pelos sacerdotes e familiares do rei Herodes.

A mensagem de João Batista caiu em Israel como fogo na palha. [...] As multidões que o ouviam incluíam publicanos e prostitutas. [...] O Judaísmo nunca se deparara com nada exatamente igual a isso [...].²

João Batista desagradava os sacerdotes porque introduziu modificações nas práticas religiosas do Judaísmo. Em primeiro lugar estabelece, no batismo pela água, uma forma de renascimento ou metáfora da redenção espiritual. Segundo as suas orientações, a pessoa nascia judeu, mas para se redimir deveria passar por um processo simbólico de renascimento. “O rito de João era tão singular que foi nomeado segundo ele (“Batista”), e Jesus claramente o vê como dado a João por Deus mediante revelação.”²

Outro ponto, provocador de sérias controvérsias religiosas entre o clero judaico, foi o fato de João não fazer caso do templo judaico e dos seus ritos; talvez a rejeição dos sacerdotes a João tenha relação primordial com a onda generalizada de repulsa à corrupção do templo e dos seus sacerdotes no século I d.C., e que foi asperamente criticada pelo precursor.²

A família real também detestava João Batista porque dele recebia, em público, constantes críticas a respeito do modo indecoroso em que viviam.

Festejando-se, porém, o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante dele e agradou a Herodes, pelo que prometeu, com juramento, dar-lhe tudo o que pedisse. E ela, instruída previamente por sua mãe, disse: Dá-me aqui num prato a cabeça de João Batista. E o rei afligiu-se, mas, por causa do juramento e dos que estavam à mesa com ele, ordenou que se lhe desse. E mandou degolar João no cárcere, e a sua cabeça foi trazida num prato e dada à jovem, e ela a levou a sua mãe. E chegaram os seus discípulos, e levaram o corpo, e o sepultaram, e foram anunciá-lo a Jesus (MATEUS, 14:6-12).

O nascimento e vida de João Batista teve uma única finalidade, segundo o Espiritismo: anunciar a vinda do Cristo, daí ser ele chamado — com justiça — o precursor.

João Batista é o símbolo do cristão que se sacrifica pela Verdade. Todavia João Batista não sofreu unicamente pela Verdade que pregava. Em virtude da lei de causa e efeito, sabemos que não há efeito sem causa. Por conseguinte, para que João Batista sofresse a pena de decapitação é porque ainda tinha dívidas de encarnações anteriores a pagar. Apesar do alto grau de espiritualidade que tinha alcançado, João teve de passar pela mesma pena que infligira aos outros. De fato, se João Batista era Elias, poderemos ver nessa decapitação o saldo da

dívida que tinha contraído quando, como Elias, mandou decapitar os sacerdotes de Baal. É Justiça divina que se cumpre, nada deixando sem pagamento.⁷

Após João Batista, o povo judeu não teve outro profeta. Foi o último de uma linhagem que se preparou para trazer ao mundo a mensagem de Jesus.

João é o último profeta enviado pelo Senhor para ensinar os homens a viverem de acordo com os mandamentos divinos. De agora em diante Jesus legará o Evangelho ao mundo, como um roteiro seguro que o conduzirá a Deus. E hoje temos o Espiritismo, um profeta que está em toda parte, falando ao coração e à inteligência de todas as criaturas: aos humildes e aos letrados, aos pobres e aos ricos, aos sãos e aos doentes, espalhando ensinamentos espirituais de fácil compreensão.⁶

Referências

1. FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador [BA]: LEAL, 1987, p. 20-21 (Respingos históricos).
2. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 161.
3. GODOY, Paulo Alves. *O evangelho por dentro*. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1992, p. 133 (João Batista – o precursor de Jesus Cristo).
4. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Editora Pensamento – Cultrix, 2003. Cap. 3, p. 17.
5. _____. _____. Cap. 11, p. 104.
6. _____. _____. p. 104-105.
7. _____. _____. Cap. 14, p. 142-143.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (Jesus e o precursor), p. 24.

O CRISTIANISMO

Roteiro 4

A MISSÃO DE JESUS – GUIA E MODELO DA HUMANIDADE

Objetivos

- » Explicar porque Jesus é o guia e o modelo da humanidade terrestre.
- » Fazer um resumo dos principais ensinamentos da mensagem cristã.

Ideias principais

- » *Tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina (a do Cristo), em toda a pureza, pode exprimir esse pensamento. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, it. 26.*
- » *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas (MATEUS, 22:37-40)*

Esse ensinamento de Jesus [...] é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XI, item 4.

- » Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para servir de guia e modelo?

“Jesus”.

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. [...] Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 625.

Subsídios

1. Jesus, guia e modelo da Humanidade

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos puros e eleitos pelo Senhor supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.¹⁷

Vemos, dessa forma, a excelsitude de Jesus, o construtor da nossa moradia, planeta destinado à nossa melhoria espiritual .

Jesus [...], com as suas legiões de trabalhadores divinos, lançou o escopo da sua misericórdia sobre o bloco de matéria informe, que a sabedoria do Pai deslocara do Sol para as suas mãos augustas e compassivas. Operou a escultura geológica do orbe terreno, talhando a escola abençoada e grandiosa, na qual o seu coração haveria de expandir-se

em amor, claridade e justiça. Com os seus exércitos de trabalhadores devotados, estatuiu os regulamentos dos fenômenos físicos da Terra, organizando-lhes o equilíbrio futuro na base dos corpos simples de matéria, cuja unidade substancial os espectroscópios terrenos puderam identificar por toda a parte no universo galáctico. Organizou o cenário da vida, criando, sob as vistas de Deus, o indispensável à existência dos seres do porvir. Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo [...]. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engendrando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias.¹⁸

Por ignorar o amor de Jesus e o trabalho que vem realizando ao longo dos milênios, em nosso benefício, permanecemos imersos em sofrimentos atrozes.

A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do Globo. Substituíram-lhe a providência com a palavra “natureza”, em todos os seus estudos e análises da existência, mas o seu amor foi o Verbo da criação do princípio, como é e será a coroa gloriosa dos seres terrestres na imortalidade sem-fim. [...] Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra. Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens.¹⁹

Precisamos conhecer e sentir mais Jesus, estudar com dedicação os seus ensinamentos, aceitar o seu jugo, divulgando a sua mensagem de amor.

Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras, personificando a sabedoria e o amor, tem orientado todo o desenvolvimento da humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos, aos agrupamentos humanos e [...] desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo a ideia da sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do Espírito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger.²²

Entendemos, dessa forma, por que os Espíritos superiores afirmam ser Jesus guia e modelo da Humanidade.

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo Ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito divino o animava.¹¹

2. A mensagem cristã

Jesus tem por missão encaminhar a humanidade terrestre ao bem, disponibilizando condições para que o ser humano evolua em conhecimento e em moralidade. “Tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina, em toda a pureza, pode exprimir esse pensamento. Por isso foi que Ele disse: *Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*”⁶

A vinda de Jesus foi assinalada por uma época especial. Os historiadores do Império Romano sempre observaram com espanto os profundos contrastes da gloriosa época de Augusto (Caio Júlio César Otávio), o primeiro imperador romano, com os períodos anteriores e posteriores.

É que os historiadores ainda não perceberam, na chamada época de Augusto, o século do Evangelho ou da Boa Nova. Esqueceram-se de que o nobre Otávio era também homem e não conseguiram saber que, no seu reinado, a esfera do Cristo se aproximava da Terra, numa vibração profunda de amor e de beleza.¹³

Jesus chegou ao Planeta no reinado do sobrinho de Júlio César, Otávio, também conhecido como Augusto César.

Acercavam-se de Roma e do mundo não mais Espíritos belicosos [...], porém outros que se vestiriam dos andrajos dos pescadores, para servirem de base indestrutível aos eternos ensinamentos do Cordeiro. Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda do Senhor e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos divinos. É por essa razão que o ascendente místico da era de Augusto se traduzia na paz e no júbilo do povo que, instintivamente, se sentia no limiar de uma transformação celestial. Ia chegar à Terra o sublime Emissário. Sua lição de verdade e de luz ia espalhar-se pelo

mundo inteiro, como chuva de bênçãos magníficas e confortadoras. A Humanidade vivia, então, o século da Boa Nova.¹⁴

A vinda do Cristo mostra que a Humanidade estava em condições de receber ensinamentos superiores. “Começava a era definitiva da maioridade espiritual da humanidade terrestre, uma vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.”²⁰

Jesus nasceu num momento em que o mundo estava mergulhado numa miscelânea de ideias religiosas, predominantemente politeístas. O “[...] mundo era um imenso rebanho desgarrado. Cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidades, salientando-se que muitos cultos religiosos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade [...]”²¹

O [...] Cristo vinha trazer ao mundo os fundamentos eternos da verdade e do amor. Sua palavra, mansa e generosa, reunia todos os infortunados e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres e mais desataviados para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário suntuoso dos areópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações, na praça pública, verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do Judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando às criaturas terrestres que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis humanas. Sua palavra profunda, enérgica e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, aclarou o caminho das ciências e já teria irmanado todas as religiões da Terra, se a impiedade dos homens não fizesse valer o peso da iniquidade na balança da redenção.²¹

A mensagem cristã causa impacto por ser límpida e cristalina, livre de fórmulas iniciáticas ou de manifestações de culto externo.

Não se reveste o ensinamento de Jesus de quaisquer fórmulas complicadas. Guardando embora o devido respeito a todas as escolas de revelação da fé com os seus colégios iniciáticos, notamos que o Senhor desce da Altura, a fim de libertar o templo do coração humano para a

sublimidade do amor e da luz, através da fraternidade, do amor e do conhecimento. Para isso, o Mestre não exige que os homens se façam heróis ou santos de um dia para outro. Não pede que os seguidores pratiquem milagres, nem lhes reclama o impossível. Dirige-se a palavra dele à vida comum, aos campos mais simples do sentimento, à luta vulgar e às experiências de cada dia.³²

A despeito do caráter reformador que Jesus imprimiu à Lei de Deus, recebida mediunicamente por Moisés e conhecida como os Dez Mandamentos, na verdade o Cristo ensinou como compreendê-la e demonstrou como praticá-la.

Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depara, nessa lei, os princípios dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. [...] combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar, do que as reduzindo a esta única prescrição: “Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo”, e acrescentando: aí estão a lei toda e os profetas.¹

3. Ensinamentos da mensagem cristã

A mensagem cristã nos esclarece que o “[...] Velho Testamento é o alicerce da Revelação divina. O Evangelho é o edifício da redenção das almas. Como tal, devia ser procurada a lição de Jesus, não mais para qualquer exposição teórica, mas visando cada discípulo o aperfeiçoamento de si mesmo, desdobrando as edificações do divino Mestre no terreno definitivo do Espírito.”²³

Neste sentido, é importante compreender que o Cristianismo é “[...] a síntese, em simplicidade e luz, de todos os sistemas religiosos mais antigos, expressões fragmentárias das verdades sublimes trazidas ao mundo na palavra imorredoura de Jesus.”²⁴

Sendo assim, o cristão verdadeiro “[...] deve buscar, antes de tudo, o modelo nos exemplos do Mestre, porque o Cristo ensinou com amor e humildade o segredo da felicidade espiritual, sendo imprescindível que todos os discípulos edifiquem no íntimo essas virtudes, com as quais saberão remontar ao calvário de suas dores, no momento oportuno.”²⁴

Assinalamos, em seguida, alguns ensinamentos que caracterizam a mensagem cristã, sem guardarmos a menor pretensão de termos esgotado o assunto.

A humildade

“A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.”¹⁹ Por essa razão, afirmou Jesus: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus* (MATEUS, 5: 3).

Dizendo que o reino dos céus é dos simples, quis Jesus significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a simplicidade de coração e humildade de espírito; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele.²

A lei de amor

O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. [...] E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiro os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra — amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.⁵

A mensagem cristã é um poema sublime de amor que Jesus trouxe à Humanidade.

Descendo à esfera dos homens por amor, humilhando-se por amor, ajudando e sofrendo por amor, passa no mundo, de sentimento erguido

no Pai excelso, refletindo-lhe a vontade sábia e misericordiosa. E, para que a vida e o pensamento de todos nós lhe retratem as pegadas de luz, legou-nos, em nome de Deus, a sua fórmula inesquecível: “Amai-vos uns aos outros como eu vos ame!”³¹

Amor e justiça de Deus

O amor puro é o reflexo do Criador em todas as criaturas. Brilha em tudo e em tudo palpita na mesma vibração de sabedoria e beleza. É fundamento da vida e justiça de toda a Lei. Surge, sublime, no equilíbrio dos mundos erguidos à glória da imensidade, quanto nas flores anônimas esquecidas no campo. Nele fulgura, generosa, a alma de todas as grandes religiões que aparecem, no curso das civilizações, por sistemas de fé à procura da comunhão com a bondade celeste, e nele se enraíza todo impulso de solidariedade entre os homens.²⁹

A mensagem cristã reflete o amor e a justiça de Deus, daí ser importante compreender as suas lições.

O amor, repetimos, é o reflexo de Deus, nosso Pai, que se compadece de todos e que a ninguém violenta, embora, em razão do mesmo amor infinito com que nos ama, determine estejamos sempre sob a lei da responsabilidade que se manifesta para cada consciência, de acordo com as suas próprias obras. E, amando-nos, permite o Senhor per-lustrarmos sem prazo o caminho de ascensão para Ele, concedendo-nos, quando impensadamente nos consagramos ao mal, a própria eternidade para reconciliar-nos com o Bem, que é a sua regra imutável. [...] Eis por que Jesus, o Modelo divino, enviado por Ele à Terra para clarear-nos a senda, em cada passo do seu Ministério tomou o amor ao Pai por inspiração de toda a vida, amando sem a preocupação de ser amado e auxiliando sem qualquer ideia de recompensa.³⁰

Fidelidade a Deus

Ensina-nos Jesus que a primeira qualidade a ser cultivada no coração, acima de todas as coisas, é a fidelidade a Deus.¹⁵

Na causa de Deus, a fidelidade deve ser uma das primeiras virtudes. Onde o filho e o pai que não desejam estabelecer, como ideal de união, a confiança integral e recíproca? Nós não podemos duvidar da fide-

dade de nosso Pai para conosco. Sua dedicação nos cerca os espíritos, desde o primeiro dia. Ainda não o conhecíamos e já Ele nos amava. E, acaso, poderemos desdenhar a possibilidade da retribuição? Não seria repudiarmos o título de filhos amorosos, o fato de nos deixarmos absorver no afastamento, favorecendo a negação?¹⁵

Registra o livro *Boa nova*, em relação ao assunto, que Jesus aconselhou o apóstolo André nestes termos:

André, se algum dia teus olhos se fecharem para a luz da Terra, serve a Deus com a tua palavra e com os ouvidos; se ficares mudo, toma, assim mesmo, a charrua, valendo-te das tuas mãos. Ainda que ficasses privado dos olhos e da palavra, das mãos e dos pés, poderias servir a Deus com a paciência e a coragem, porque a virtude é o verbo dessa fidelidade que nos conduzirá ao amor dos amores!¹⁶

A fidelidade a Deus é também sinônimo de amor, prédica resumida por Jesus, segundo atesta o registro de Mateus (MATEUS, 22:37-39).

Amor ao próximo

O amor aos semelhantes é um dos princípios basilares do Cristianismo, incessantemente exemplificado por Jesus. Neste sentido, nos recorda o apóstolo João, citando Jesus, respectivamente, em sua primeira epístola e no seu evangelho: “Amados, amemo-nos uns aos outros” (1 JOÃO, 4:7). “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (JOÃO, 13:35).

Nem um só monumento do passado revela o espírito de fraternidade nas grandes civilizações que precederam o Cristianismo. Os restos do Templo de Carnaque, em Tebas, se referem à vaidade transitória. Os resíduos do Circo Máximo, em Roma, falam de mentirosa dominação. As ruínas da Acrópole, em Atenas, se reportam ao elogio da inteligência sem amor. [...] Antes do Cristo, não vemos sinais de instituições humanitárias de qualquer natureza, porque, antes dele, o órfão era pasto à escravidão, as mulheres sem títulos, eram objeto de escárnio, os doentes eram atirados aos despenhadeiros da imundície e os fracos e os velhos eram condenados à morte sem comiseração. Aparece Jesus, porém, e a paisagem social se modifica. O povo começa a envergonhar-se de encaminhar os enfermos ao lixo, de decepar as

mãos dos prisioneiros, de vender mães escravas, de cegar os cativos utilizados nos trabalhos de rotina doméstica, de martirizar os anciãos e zombar dos humildes e dos tristes. [...] Sem palácio e sem trono, sem coroa e sem títulos, o gênio da fraternidade penetrou o mundo pelas mãos do Cristo, e, sublime e humilde, continua, entre nós, em silêncio, na divina construção do Reino do Senhor.³²

É por essa razão que Jesus indica quais são os mandamentos mais importantes da sua Doutrina: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas (MATEUS, 22:37-40).

Entendemos, assim, que esse ensino de Jesus representa “[...] a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos.”⁴

O Reino de Deus

Afirma Jesus: “O Reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o Reino de Deus está entre vós” (LUCAS, 17:20-21).

Exegetas e teólogos, historiadores e pensadores, estudiosos e simples leitores, em significativa maioria, parecem concordar em que a pregação de Jesus gira em torno da noção básica do Reino de Deus, que Ele estabelece como meta a atingir, objetivo pelo qual devem convergir todos os esforços, sacrifícios, renúncias e anseios. O caminho para o Reino de Deus não é largo, amplo e fácil, contudo: é estreito e difícil. O instrumento para sua realização é o amor a Deus e ao próximo, tanto quanto a si mesmo, um amor total, universal, paradoxalmente uma extensão modificada do egoísmo, uma transcendência, uma sublimação do egoísmo, pois amando aos outros tanto quanto amamos a nós mesmos, estaremos doando o máximo, em termos humanos, tão poderosa é a força da autoestima em nós. Acima disso — “de todas as coisas” — disse Ele — só o amor de Deus. Esse programa, o roteiro, a metodologia que nos levam à conquista do Reino, que — outro paradoxo — está em nós mesmos. Podemos, portanto, dizer que há duas

tônicas, duas dominantes, como objetivo da vida e a prática do amor como programa para essa busca, como seu instrumento e veículo.¹²

A necessidade do perdão

Aproximando Pedro de Jesus, perguntou-lhe: “Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete” (MATEUS, 18: 21-22).

O [...] ódio e o rancor denotam alma sem elevação, nem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de fel; a outra é calma, toda mansidão e caridade. [...] Há, porém, duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que evita, com delicadeza, ferir o amor-próprio e a suscetibilidade do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: vede como sou generoso! Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho.³

Vemos, assim que o perdão é, uma necessidade humana, caminho seguro da felicidade.

Para a convenção do mundo, o perdão significa renunciar à vingança, sem que o ofendido precise olvidar plenamente a falta do seu irmão; entretanto, para o Espírito evangelizado, perdão e esquecimento devem caminhar juntos, embora prevaleça para todos os instantes da existência a necessidade de oração e vigilância.²⁶

O valor da oração

Lembra-nos Jesus: “Por isso, vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis. E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas” (MARCOS, 11: 24-25).

Orienta também Jesus: “E quando orardes, não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que esta oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará. E orando, não useis vãs repetições, como os gentios, que pensam que, por muito falarem, serão ouvidos” (MATEUS, 6: 5-7).

Jesus nos ensina como orar, dizendo: “Pai-nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na Terra, como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal” (MATEUS, 6: 9-13).

“A oração é divino movimento do espelho de nossa alma no rumo da Esfera superior, para refletir-lhe a grandeza.”²⁶

Orar é identificar-se com a maior fonte de poder de todo o Universo, absorvendo-lhe as reservas e retratando as leis da renovação permanente que governam os fundamentos da vida. A prece impulsiona as recônditas energias do coração, libertando-as com as imagens de nosso desejo, por intermédio da força viva e plasticizante do pensamento, imagens essas que, ascendendo às Esferas superiores, tocam as inteligências visíveis ou invisíveis que nos rodeiam, pelas quais comumente recebemos as respostas do plano divino, porquanto o Pai Todo-Bondoso se manifesta igualmente pelos filhos que se fazem bons. A vontade que ora, tange o coração que sente, produzindo reflexos iluminativos através dos quais o Espírito recolhe em silêncio, sob a forma de inspiração e socorro íntimo, o influxo dos mensageiros divinos que lhe presidem o território evolutivo, a lhe renovarem a emoção e a ideia, com que se lhe aperfeiçoa a existência.²⁸

Os ensinamentos de Jesus representam, pois, “[...] a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo”.⁷

Sendo assim, chegará o dia em que estas palavras do Cristo se cumprirão: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor”⁸ (JOÃO, 10:16).

Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que os homens um dia se unirão por uma crença única; mas como poderá efetuar-se essa união? Difícil parecerá isso, tendo-se em vista as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus adeptos, a obstinação que manifestam em se acreditarem na posse exclusiva da verdade. [...]

Entretanto, a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem. Os povos do mundo inteiro já confraternizam, como os das províncias de um mesmo império. Pressente-se essa unidade e todos a desejam. Ela se fará pela força das coisas, porque há de tornar-se uma necessidade, para que se estreitem os laços de fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana, que se tornará apta a compreender a puerilidade de todas as dissidências; pelo progresso das ciências, a demonstrar cada dia mais os erros materiais sobre que tais dissidências assentam e a destacar pouco a pouco das suas fiadas as pedras estragadas. Demolindo nas religiões o que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis de Natureza, a Ciência não poderá destruir, malgrado à opinião de alguns, o que é obra de Deus e eterna verdade. Afastando os acessórios, ela prepara as vias para a unidade.

A fim de chegarem a esta, as religiões terão que encontrar-se num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conformemente à multiplicidade dos seus dogmas particulares.⁹

[...]

No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião, que terá de congregar um dia todos os homens sob o mesmo estandarte, será a que melhor satisfaça à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca deixar que a ultrapassem; que não for nem exclusivista, nem intolerante; que for a emancipadora da inteligência, com o não admitir senão a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais lógico, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na

Terra o reinado do Bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.¹⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 3, p. 58.
2. _____. _____. Cap. 7, item 2, p.146-147.
3. _____. _____. Cap. 10, item 4, p. 186-187.
4. _____. _____. Cap. 11, item 4, p. 203.
5. _____. _____. Item 8, p. 205.
6. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17, item 26, p. 432.
7. _____. _____. Item 28, p. 433.
8. _____. _____. Item 31, p. 436.
9. _____. _____. Item 32, p. 436-437.
10. _____. _____. p. 437-438.
11. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 88. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 625, comentário, p. 346.
12. MIRANDA, Hermínio C. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. ed. Matão [SP]: O Clarim, 1988. Cap. 12 (Cristianismo e a doutrina de Jesus), p. 294.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 33. ed. Rio de Janeiro, 2005. Cap. 1 (Boa nova), p. 17-18.
14. _____. _____. p. 18.
15. _____. _____. Cap. 6 (Fidelidade a Deus), p. 44.
16. _____. _____. p. 48.
17. _____. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1 (A gênese planetária), item: A comunidade dos espíritos puros, p. 17-18.
18. _____. _____. Item: O divino escultor, p. 21-22.
19. _____. _____. Item: O verbo na criação terrestre, p. 22-23.
20. _____. _____. Cap. 12 (A vinda de Jesus), item: A manjedoura, p. 105.
21. _____. _____. Item: A grande lição, p. 107-108.
22. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A ascendência do evangelho), p. 25.
23. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 282, p.168.
24. _____. _____. Questão 286, p. 169.

25. _____. _____. Questão 293, p. 172.
26. _____. _____. Questão 340, p. 193.
27. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 26 (Oração), p. 119.
28. _____. _____. p. 121-122.
29. _____. _____. Cap. 30 (Amor), p. 136-137.
30. _____. _____. p. 138-139.
31. _____. _____. p. 139.
32. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 1ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 13 (A mensagem cristã), p. 59.
33. _____. *Segue-me*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. ed. Matão [SP]: O Clarim, 1992. Item: Fraternidade, p. 135-136.

Orientações ao monitor

No início da reunião explicar porque Jesus é considerado guia e modelo da Humanidade. Em sequência, dividir a turma em oito pequenos grupos para leitura do texto e troca de ideias sobre os assuntos contidos no item 3 dos subsídios, promovendo amplo debate, em plenária.

O CRISTIANISMO

Roteiro 5

OS APÓSTOLOS DE JESUS. A MISSÃO DOS DOZE APÓSTOLOS

Objetivos

- » Citar dados biográficos dos apóstolos de Jesus.
- » Analisar, à luz do Espiritismo, a missão dos apóstolos.

Ideias principais

- » *E, Chamando os seus doze discípulos, deu-lhes poder sobre os Espíritos imundos, para os expulsarem, e para curarem toda a enfermidade e todo o mal. Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: O primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o zelote, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu (MATEUS, 10:1-4).*
- » *Jesus enviou esses doze com estas recomendações: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai, dizendo: É chegado o Reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai.*

Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos; nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento. E, em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, procurai saber quem nela seja digno e hospedai-vos aí até que vos retireis. E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a; e, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz. E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que, no Dia do Juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade. Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas (MATEUS, 10:5-16).

Subsídios

1. O colégio apostolar

No cumprimento de sua missão, Jesus contou com a colaboração dos apóstolos e de outros discípulos. *Apóstolo* é uma palavra derivada do grego que significa *enviado*. *Discípulo* é um vocábulo de origem latina que significa *aluno*. Jesus escolheu doze apóstolos e os enviou a diversos lugares para pregarem a Boa Nova (Evangelho). Contou também com o apoio direto de cerca de setenta discípulos.

Jesus chamou a equipe dos apóstolos que lhe asseguraram cobertura à obra redentora, não para incensar-se e nem para encerrá-los em torre de marfim, mas para erguê-los à condição de amigos fiéis, capazes de abençoar, confortar, instruir e servir ao povo que, em todas as latitudes da Terra, lhe constitui a amorosa família do coração.³²

A missão de Jesus, propriamente dita, começa com a organização do seu colégio apostolar. O evangelho de Mateus relata: “E Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles, deixando logo as redes, seguiram-no. E, adiantando-se dali, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes; e chamou-os.

Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no” (MATEUS, 4:18-22).

Lucas nos esclarece que Levi ofereceu-lhe, após o convite, então uma grande festa em sua casa, e com eles estava à mesa numerosa multidão de publicanos e outras pessoas (LUCAS, 5:29).

O evangelista Marcos informa que, terminada a refeição, Jesus faz um debate sobre o jejum; alerta sobre a inconveniência de colocar remendo novo em roupa velha, ou vinho novo em odres velhos; explica que o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado, e cura um homem de mão atrofiada. Diante desses fatos, uma grande multidão passa a segui-lo, chamando-o *filho de Deus*. Marcos nos fala também que, depois, Jesus “subiu à montanha, e chamou a si os que Ele queria, e eles foram até Ele. E constituiu Doze para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar, e terem autoridade para expulsar os demônios [Espíritos maléficos]. Ele constitui, pois, os Doze, e impôs a Simão o nome de Pedro; a Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão; depois André, Filipe, Bartolomeu, Tiago, o filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o zelota, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu” (MARCOS, 2:18-27; e 3, 1-19).

2. A missão dos apóstolos

De conformidade com a narrativa de Mateus, as recomendações iniciais do Messias definem a ação que os discípulos deveriam executar.

— Amados — entrou Jesus a dizer-lhes, com mansidão extrema —, não tomareis o caminho largo por onde anda tanta gente, levada pelos interesses fáceis e inferiores; buscareis a estrada escabrosa e estreita dos sacrifícios pelo bem de todos. Também não penetrareis nos centros das discussões estéreis, à moda dos samaritanos, nos das contendas que nada aproveitam às edificações do verdadeiro reino nos corações com sincero esforço. Ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de nosso Pai que se encontram em aflição e voluntariamente desterradas de seu divino amor. Reuni convosco todos os que se encontram de coração angustiado e dizei-lhes, de minha parte, que é chegado o Reino de Deus.

Trabalhai em curar os enfermos. Limpai os leprosos, ressuscitai os que estão mortos nas sombras do crime ou das desilusões ingratas

do mundo, esclarecei todos os Espíritos que se encontram em trevas, dando de graça o que de graça vos é concedido.

Não exibais ouro ou prata em vossas vestimentas porque o Reino dos céus reserva os mais belos tesouros para os simples.

Não ajunteis o supérfluo em alforjes [...] porque digno é o operário do seu sustento.

Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, buscai saber quem deseja aí os bens do Céu [...].

Quando penetrardes nalguma casa, saudai-a com amor.

[...]

Se ninguém vos receber, nem desejar ouvir as vossas instruções, retirai-vos [...], sem conservardes nenhum rancor e sem vos contaminardes da alheia iniquidade.

[...]

É por essa razão que vos envio como ovelhas ao antro dos lobos, recomendando-vos a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes.

Acautelai-vos, pois, dos homens, nossos irmãos, porque sereis entregues aos seus tribunais e sereis açoitados nos seus templos suntuosos, no qual está exilada a ideia de Deus.

[...]

No entanto, nos dias dolorosos da humilhação, não vos dê cuidado como haveis de falar, porque minha palavra estará convosco e sereis inspirados quanto ao que houverdes de dizer.

Porque não somos nós que falamos; o Espírito amoroso de nosso Pai é que fala em todos nós.²⁷

3. Dados biográficos dos apóstolos

André – Mencionado em MATEUS, 4:18; 10:2; MARCOS, 3:18; LUCAS, 6:14; João, 1:40; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Irmão de Pedro.

Como Pedro ou Simão Barjona era filho de Jona, também seria André, a menos que ocorra uma das hipóteses: parente ou irmão por parte de mãe. Investigações de filiação materna carecem de apoio, pois nem

sempre textos bíblicos retiram a mulher da penumbra, conservando anônimas a sogra de Pedro, a mãe dos filhos de Zebedeu, a mãe dos Macabeus etc. Pescador; integrante do grupo inicialmente convocado, isto é, um dos primeiros, entre os doze.⁹

Em geral, aceita-se que André era irmão de Pedro. Não existem dúvidas a respeito.

A sua atitude, durante toda a vida de Jesus, foi de ouvir o Mestre, observar os seus atos, estudar os seus preceitos, seguindo-o sempre por toda parte. A não ser certa vez que saiu com outro companheiro para pregar a Boa Nova ao mundo, segundo ordem que o Mestre deu aos doze, nenhuma outra ação aparece de André, enquanto Jesus se achava na Terra.²¹

Poucas são as referências sobre André nas escrituras. Ele se destaca, porém, por ser um dos primeiros a fazer parte do colégio apostolar.

Embora menos proeminente que seu irmão (Pedro), André está presente ao milagre da multiplicação dos pães de Jesus e à fala apocalíptica do monte das Oliveiras. [...] De acordo com a tradição medieval tardia, André foi martirizado pela crucificação numa cruz em forma de xis, que mais tarde aparece na bandeira da Grã-Bretanha representando a Escócia, de que André é o padroeiro.⁶

Celebrado pela tradição ortodoxa grega como *Protocletos* (o primeiro a ser chamado) dentre os doze (João, 1:40), André cujo nome significa varonil, nasceu em Betsaida Julias, às margens do Mar da Galileia.² Antes de seguir o Mestre, era discípulo de João Batista. “Aparentemente André ocupava-se mais dos assuntos da alma do que propriamente de suas pescarias, tanto que abandonou suas redes para seguir os passos de João Batista.”³ Segundo o historiador Eusébio (*História eclesiástica III*), André teria desenvolvido extenso apostolado na Palestina, Ásia Menor, Macedônia, Grécia e regiões próximas do Cáucaso. As antigas narrativas indicam que, supostamente, se encontram em *Patras*, cidade grega, os restos mortais do apóstolo, guardados numa igreja ortodoxa grega.³

Bartolomeu – Mencionado em MATEUS, 10:3; MARCOS, 3:18; LUCAS, 6:14; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. É possível que Bartolomeu tenha nascido na cidade de Caná da Galileia.^{21, 27}

“Se Bartolomeu quer dizer filho de Ptolomeu (Bar-Ptolomeu), temos pelo menos presumível filiação [...]. Não se comprova nitidamente que o apóstolo se chamasse Natanael Bartolomeu. O nome de Natanael aparece em João sem indicações (1:45 a 51) e como “discípulo”, originário de “Caná da Galileia” (21:2)10”. A origem familiar de Bartolomeu permanece, entretanto, obscura. Alguns escritores cristãos primitivos informam que o apóstolo seria descendente da família Naftali, embora outros autores, como São Jerônimo, acreditem que ele seja descendente dos *Talmái*, rei de Gesur (2 SALOMÃO, 3:3).

Como a maior parte dos discípulos, Bartolomeu parece ter sido um homem profundamente sintonizado com as expectativas messiânicas de sua época. O notável testemunho de Jesus a seu respeito (JOÃO, 1:47) deixa transparecer o perfil de alguém que serviu a Lei e aos profetas não apenas para orientar suas esperanças na glória de Israel, mas também para desenvolver em seu íntimo uma espiritualidade frutífera, determinada pelas diretrizes da sabedoria divina, sobre o qual comenta o apóstolo Tiago¹ (TIAGO, 3:7).

O seguinte relato de João, que Filipe teria falado sobre Jesus a Bartolomeu (ou Natanael), apresentando-o, posteriormente, ao Mestre: Temos achado aquele, de quem escreveu Moisés na lei, e de quem falaram os profetas, Jesus de Nazaré, filho de José. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair coisa que seja boa? Respondeu Filipe: Vem e vê. Jesus vendo aproximar-se Natanael, disse: Antes de Filipe chamar-te, eu vi, quando estavas debaixo da figueira. Replicou-lhe Natanael: Mestre, tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel. Disse-lhe Jesus: Por eu te ver debaixo da figueira, crês? Maiores coisas do que esta verás. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem. Natanael, após esse encontro com o Mestre, o seguia, tornando-se um dos seus discípulos.²²

Há indicações de que o apóstolo teria “pregado o Evangelho na Arábia, na Pérsia (atual Iraque), na Etiópia e depois na Índia, donde regressou para Liacônia, passando depois a outros países.”²¹ Conta-se que, ao desenvolver o trabalho apostolar na Armênia, junto do Mar Negro, teria sido esfolado vivo, antes de morrer.

Filipe – Aparece rapidamente nos Evangelhos, não nos deixando muitas informações sobre ele. As referências evangélicas sobre o apóstolo são as seguintes: MATEUS, 10:3; MARCOS, 3:18; LUCAS, 6:14;

JOÃO, 1:40; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. É citado também nos ATOS DOS APÓSTOLOS, 21:1-9, quando Paulo e Lucas o encontram na cidade de Cesareia, juntamente com as suas quatro filhas, todas possuidoras da mediunidade de profecia.

Nasceu em Betsaida, Galileia. Era pescador. “Depois do desencarne do Mestre ficou em Jerusalém até a dispersão dos Apóstolos, indo, segundo a tradição, pregar o Evangelho na Frígia, recanto da Ásia Menor, ao sul de Bitínia. Foi Filipe que apresentou a Jesus Natanael (Bartolomeu), um homem ilustre e de caráter lapidado que residia na Galileia.”²² Parece que evangelizou na Itureia, reunindo-se a André, no Mar Negro, sendo morto, já muito idoso, na Frígia, em Hierápolis.

Há uma lenda que vincula o apóstolo Filipe à França. Alguns escritores cristãos do passado falam da presença de Filipe na Gália (antigo nome da França). Um deles é Isidoro, bispo de Sevilha, que, entre os anos 600 e 636 d.C., escreveu, em seu livro *De Ortu et Orbitu Patrum*, cap. 73:

Filipe, de Betsaida, de onde também provinha Pedro, apregoou Cristo nas Gálias e nas nações vizinhas, trazendo seus bárbaros, que estavam em trevas, à luz do entendimento e ao porto da fé. Mais tarde, foi apedrejado, crucificado e morto em Hierápolis, uma cidade da Frígia, onde foi sepultado de cabeça para baixo, ao lado de suas filhas.⁵

Filipe era muito ligado aos apóstolos Bartolomeu, João, Pedro e Tiago Maior (os três últimos apóstolos formavam uma espécie de estado-maior do colégio apostolar).

É importante não confundir Filipe, um dos doze apóstolos, com Filipe, o evangelista, companheiro de Paulo de Tarso.

Este [...] não compunha o rol dos doze discípulos, entra em cena num momento em que a Igreja de Jerusalém se debate com a delicada questão da discriminação sofrida por judeus-cristãos, de língua grega e provenientes da Diáspora, também conhecidos como helenistas. [...] Diante da possibilidade de uma divisão sem precedentes, os doze [apóstolos] sugeriram à congregação local a escolha de sete varões cheios de Espírito Santo e de sabedoria, que pudessem solucionar aquela questão de cunho administrativo, enquanto eles próprios se dedicariam ao ensino e a pregação da Palavra.⁴

Dessa forma, Filipe, assim como Estêvão e mais cinco judeus da Dispersão (Diáspora) ficaram responsáveis pelas tarefas administrativas da congregação (ATOS DOS APÓSTOLOS, 6:5; 8:5-40 e 21:8-9).

Os [...] necessitados que procuravam valer-se da obra assistencial dos discípulos [...]. O serviço de cada dia consistia não só nas pregações evangélicas, mas também na distribuição de sopa e alimentos aos pobres, dentre os quais dedicavam especial atenção às viúvas desamparadas.¹⁹

O apóstolo Filipe deve também ser distinguido de Filipe, o Tetrarca (LUCAS, 3:1).

João ou João Evangelista – São referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 4:21, 10:3; MARCOS, 3:17; LUCAS, 6:14; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Era filho de Zebedeu e irmão de Tiago, o maior. Sua mãe, Salomé, é citada duas vezes, uma em MARCOS(15:40 e 16:1), outra em MATEUS (20:20 e 27:56).

Alguns estudiosos suspeitam que Salomé tenha sido irmã de Maria santíssima (JOÃO,19:25). Dessa forma, Jesus seria primo dos filhos de Zebedeu, explicando, em parte, a fraterna intimidade existente entre eles. Nasceu em Betsaida, na Galileia. É autor do quarto Evangelho, de três cartas destinadas aos cristãos e do livro *Apocalipse*. O seu Evangelho difere dos outros três, chamados sinópticos ou semelhantes, porque a narrativa de João enfoca mais o aspecto espiritual da mensagem de Jesus. João considera-se o *discípulo amado* (JOÃO, 13:23; 20:2 e 26; 21:7 e 20), afirmação admissível, se generalizada.

Era muito jovem à época do Mestre, e, na crucificação, foi designado por Jesus para tomar conta de Maria. João viveu o final de sua existência em Éfeso, onde teria escrito o seu evangelho e as suas epístolas. Durante o governo do imperador romano Domiciano, foi exilado na Ilha de Patmos, escrevendo aí o *Apocalipse*. Morreu idoso, tomando conta da igreja que ali existia, possivelmente no ano 100 da Era Cristã. João e seu irmão Tiago Maior foram chamados por Jesus de Boanerges (*filhos do trovão*). Integrava o núcleo inicialmente convocado por Jesus, participando destacadamente, junto a Tiago Maior e a Pedro, do principal grupo do colégio apostolar.^{11, 26}

Judas Iscariote ou Iscariotes – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 10:4; MARCOS, 3:19; LUCAS, 6:16; JOÃO, 12:4; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:16.

Originário de *Kerioth* (ou *Carioth*), localidade da Judeia, era filho de Simão Iscariote (JOÃO, 13:2). Era comerciante de pequeno negócio, em Cafarnaum. Segundo as tradições, este apóstolo foi designado para cuidar do dinheiro comum (espécie de tesoureiro) do colégio apostolar, “[...] cujos escassos recursos se destinavam a esmolas. Transportava o saco alongado (bolsa), que habitualmente israelitas atavam à cinta, para recolher pecúnia.”¹² (JOÃO, 12:6; 13:29).

Judas deixou-se conduzir pela [...] embriaguez de seus sonhos ilusórios. Entregaria o Mestre aos homens do poder, em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilégios políticos. Satisfaria às suas ambições, aparentemente justas, com o fim de organizar a vitória cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utilizá-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos. O Mestre, a seu ver, era demasiadamente humilde e generoso para vencer sozinho, por entre a maldade e a violência.²⁸

Judas representa o tipo de pessoa preocupada com a vida material.

Não obstante amoroso, Judas era, muita vez, estouvado e inquieto. Apaixonara-se pelos ideais do Messias, e, embora esposasse os novos princípios, em muitas ocasiões surpreendia-se em choque contra Ele. Sentia-se dono da Boa Nova e, pelo desvairado apego a Jesus, quase sempre lhe tomava a dianteira nas deliberações importantes. Foi assim que organizou a primeira bolsa de fundos da comunhão apostólica e, obediente aos mesmos impulsos, julgou servir à grande causa que abraçara, aceitando perigosa cilada que redundou na prisão do Mestre.³¹

Ao presenciar o sofrimento de Jesus, durante a prisão e posterior crucificação, o apóstolo entendeu, tardiamente, o seu lamentável equívoco. “De longe, Judas contemplou todas as cenas angustiosas e humilhantes do Calvário. Atroz remorso lhe pungia a consciência dilacerada. Lágrimas ardentes lhe rolavam dos olhos tristes e amortecidos. Malgrado à vaidade que o perdera, ele amava imensamente o Messias.”²⁹

Desse momento em diante é que Judas começou a entender o caráter essencialmente espiritual da missão de Jesus. E sinceramente arrependido, confessa publicamente o seu crime. Mas era tarde. O Mestre já estava nas mãos de seus algozes, os quais eram inflexíveis.

O suicídio de Judas (acontecido em seguida à condenação de Jesus) lhe custou séculos de sofrimentos nas zonas inferiores no mundo espiritual, porque tentou corrigir um erro com outro erro. Todavia, ajudado espiritualmente por Jesus e seus companheiros de apostolado, depois de inúmeras reencarnações na Terra, dedicadas ao trabalho de fazer triunfar o Evangelho, Judas conseguiu reabilitar-se; e hoje está irmanado com Jesus em sua tarefa esplendorosa¹⁸ (MATEUS, 27:1-10).

Entregue a profundo remorso, Judas Iscariotes se suicida quando percebe que a crucificação de Jesus seria irreversível. “Matias foi o substituto de Judas Iscariote no apostolado. Nada sabemos nos primeiros tempos sobre Matias, senão que ele foi um dos setenta e dois discípulos que o Senhor enviou, dois a dois, adiante de si a todas as cidades e lugares que pretendia visitar.”²⁵

Judas Tadeu ou Tadeu – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 10:3; MARCOS, 3:18; JOÃO, 14:22; LUCAS, 6:16; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. É um dos doze citados nominalmente por Mateus e Marcos. Há indicações de que ele seria também filho de Alfeu e de Cleofas (parenta de Maria santíssima), portanto, irmão de Levi (Mateus) e de Tiago Menor, todos eram nazarenos e amavam Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados de “os irmãos do Senhor”.²⁶

Judas é identificado pela tradição antiga como o autor da epístola de Judas, que foi escrita a uma igreja ou grupo de igrejas desconhecido para combater o perigo representado por certos mestres carismáticos que estavam pregando e praticando libertinagem moral. O autor procura denunciar esses mestres como pessoas ímpias cuja condenação foi profetizada, e insta seus leitores a preservar o evangelho apostólico vivendo segundo as suas exigências morais.⁷

Contam as tradições que trabalhou na Mesopotâmia e na Pérsia.

Mateus ou Levi – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 10:3; MARCOS, 2:14; LUCAS, 5:27 e 6:15; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Era filho de Alfeu e de Cleofas, tendo como irmãos Tiago Menor. Nasceu na Galileia e era publicano (cobrador de impostos). “Os publicanos, conquanto gente de representação oficial, eram malvistas pelo povo, pois julgavam que extorquiam dinheiro dos contribuintes. Por isso se enriqueciam.”²⁰

A escolha de Mateus, por Jesus, para compor o colégio apostolar provocou murmurações. Denominavam-se publicanos, no império dos Césares, os empresários de rendas públicas, membros da poderosa ordem dos cavaleiros (*ordo equester*); dominada pelos romanos a Palestina, também nesta se intitularam publicanos os cobradores de impostos, destinados ao patrimônio do invasor.

Era um símbolo de vassalagem, inconciliável com a noção de povo eleito. Em linguagem atual, colaboracionismo com o vencedor.^{13,26}

Escreveu o primeiro evangelho, no qual dá ênfase aos aspectos humano e genealógico de Jesus. Pregou no norte da África, depois da morte do Mestre, prosseguindo até a Etiópia, onde foi morto.

Pedro, Simão, Simão Pedro ou Cefas – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 4:18 e 10:2; MARCOS, 1:16 e 3:16; LUCAS, 6:14 e 9:20; JOÃO, 1:40; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13.

Pescador em Cafarnaum, na Galileia, era irmão do apóstolo André (MATEUS, 4:18; LUCAS, 6:14; JOÃO, 1:40). Pedro, nome dado por Jesus, (MATEUS, 4:18; 10:2) ou Cefas, são cognomes do apóstolo, palavras que significam *pedra*, em grego e hebraico, respectivamente. JOÃO (1:40-42) chama-o de Simão Pedro. É também conhecido como Simão Bar-Jonas, que significa Simão, filho de Jonas (MATEUS, 16:18). Em suas epístolas apenas se autointitula apóstolo ou servo. Pedro, Tiago e João Evangelista faziam parte do círculo íntimo de Jesus, participando dos mais importantes atos do Mestre.^{14,27}

Pedro é muito lembrado pelo episódio, anunciado por Jesus, de que ele o negaria por três vezes.

A negação de Pedro sempre constitui assunto de palpitante interesse nas comunidades do Cristianismo. Enquadrar-se a queda moral do generoso amigo do Mestre num plano de fatalidade? Por que se negaria Simão a cooperar com o Senhor em minutos tão difíceis? Útil, nesse particular, é o exame de sua invigilância. O fracasso do amoroso pescador reside aí dentro, na desatenção para com as advertências recebidas. Grande número de discípulos modernos participam das mesmas negações, em razão de continuarem desatendendo. Informa o Evangelho que, naquela hora de trabalhos supremos, Simão Pedro seguia o Mestre “de longe”, ficou no “pátio do sumo sacerdote”, e “assentou-se entre os criados” deste, para “ver o fim”.

Leitura cuidadosa do texto esclarece-nos o entendimento e reconhecemos que, ainda hoje, muitos amigos do Evangelho prosseguem caindo em suas aspirações e esperanças, por acompanharem o Cristo a distância, receosos de perderem gratificações imediatistas; quando chamados a testemunho importante, demoram-se nas vizinhanças da arena de lutas redentoras, entre os servos das convenções utilitaristas, assentando binóculos de exame, a fim de observarem como será o fim dos serviços alheios.³⁰

A dolorosa experiência de Pedro não se resume às perseguições que sofreu, ou nas lutas que enfrentou na divulgação do Evangelho. Está, antes, relacionada ao fato de ter negado Jesus. A tradição evangélica nos informa que, replicando ao Mestre, Pedro lhe diz que seria capaz de dar a própria vida por Ele. Ouvindo essa afirmativa, observa o Cristo: “Pedro, a tua inquietação se faz credora de novos ensinamentos. A experiência te ensinará melhores conclusões, porque, em verdade, te afirmo que esta noite o galo não cantará sem que me tenhas negado por três vezes.”²⁶ (MATEUS, 26: 69-75).

A teologia católica afirma ser Pedro o fundador da igreja cristã de Roma, considerando-o o primeiro Papa. Simbolicamente pode-se admitir tal fato, porque, em termos históricos, Pedro não a poderia ter fundado. Depois da morte de Jesus, despontou como líder dos doze apóstolos, aparecendo, praticamente, em todas as narrativas evangélicas. Exerceu autoridade na recém-nascida comunidade cristã, tendo apoiado a iniciativa de Paulo de Tarso de incluir os não judeus na fé cristã.

Foi morto em Roma, crucificado de cabeça para baixo, no ano de 64 d.C., durante a perseguição feita por Nero aos cristãos. A forma de crucificação do apóstolo foi, segundo a tradição, escolhida por ele mesmo, que não se julgava digno de morrer como Jesus morreu. Supõe-se que o seu túmulo se encontra sob a catedral de São Pedro, no Vaticano.

Tiago Maior – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 4:21 e 10:3; MARCOS, 3:17; LUCAS, 6:17; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Pescador, nascido em Betsaida (Galileia), irmão de João, o Evangelista, filho de Zebedeu, fazia parte do círculo mais íntimo de Jesus.²⁷ Existem suposições, fundamentadas nos textos de LUCAS, 6:16 e dos ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13, de que Tiago Maior seja, também irmão de Judas Tadeu, por parte de mãe.¹⁶

Quatro pessoas no Novo Testamento têm o nome Tiago (grego Iakobos), que é uma de duas formas gregas do nome hebraico Jacó (a outra sendo a simples transliteração Iakob). Como Jacó era um ancestral referenciado em Israel, Tiago foi um nome comum entre os judeus no período romano. Tiago, filho de Zebedeu, era um pescador galileu na área de Cafarnaum no mar da Galileia, um sócio (juntamente com seu irmão João) de Simão Pedro. Estava trabalhando no negócio encabeçado por seu pai quando foi chamado por Jesus para ser seu discípulo. Tiago e João formaram, ao lado de Pedro, o núcleo mais estreito de três entre os Doze apóstolos: eles testemunharam a ressurreição da filha de Jairo, estiveram presentes à transfiguração e observaram (e em parte dormiram enquanto ela ocorria) a agonia de Jesus em Getsemâni. Ao que parece, Tiago e João expressavam-se explosivamente, ou esperavam que Deus lançasse um súbito julgamento sobre os inimigos de Jesus, porque foram apelidados Boanerges (sons de trovões) [...]. Fora dos Evangelhos sinóticos, Tiago, filho de Zebedeu, aparece somente em Atos. Estava presente na sala superior com o grupo que esperava Pentecostes. A única outra referência a ele no Novo Testamento é a notícia enigmática de que Herodes (Agripa I) o havia matado. Ele foi, assim, o segundo mártir registrado da igreja (depois de Estêvão) e o primeiro do grupo apostólico a morrer (com exceção de Judas Iscariotes, que havia sido substituído como apóstolo).⁸

Os demais tiagos citados no Novo Testamento são: Tiago, filho de Alfeu ou Tiago Menor, apóstolo de Jesus; Tiago, pai do apóstolo Judas Tadeu, e um outro Tiago, chamado irmão de Jesus,⁸ citado por MATEUS, 13:55 e MARCOS, 6:3.

Tiago Menor – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 10:3; LUCAS, 6:15; MARCOS, 3:18; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Era filho de Alfeu e de Cleofas (parenta de Maria Santíssima), portanto, irmão de Levi (Mateus). Quase nada se sabe sobre Tiago Menor, do ponto de vista das Escrituras, além do simples registro do seu nome no rol dos apóstolos e do fato de ser filho de Alfeu e ser irmão de um certo José (MATEUS, 10:3 e MARCOS, 15:40).

Simão, o zelote – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 10:9; MARCOS, 3:18; LUCAS, 6:15 e ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Era chamado assim porque pertencia à seita dos zelotes, zelosos, ou zeladores, seita ultranacionalista e não religiosa, a qual

lutava para a libertação de Israel do jugo romano. Vivia da profissão de pescador.²⁷

O apóstolo “[...] era Galileu, parece que nascido em Caná [daí ser chamado também de Simão, o Cananeu], onde Jesus, nas bodas transformou a água em vinho. [...] O historiador grego Nicéforo diz que ele percorreu o Egito, a Cirenaica e a África; que anunciou a Boa Nova na Mauritânia e em toda a Líbia, e depois nas ilhas Britânicas fez muitos milagres.”²⁴

Tomé ou Dídimo – Referências evangélicas sobre o apóstolo: MATEUS, 10:3; MARCOS, 3:18; LUCAS, 6:15; ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:13. Era chamado Dídimo, o Gêmeo, embora não haja qualquer registro de que tenha tido um irmão gêmeo. Descendente de antigo pescador de Dalmanuta, não seguiu, no entanto, essa profissão.²⁶

“Ficou famoso por duvidar da ressuscitação de Jesus, afirmando que só vendo, acreditaria. Jesus, então, apareceu-lhe, oito dias depois, mostrando-lhe as cicatrizes dos pés e das mãos, e a chaga do lado. Julga-se que Tomé foi pregar, após a dispersão, o Evangelho aos persas, hindus e árabes [...]”²³ Acompanhou Jesus durante os três anos de sua prédica, mostrando-se-lhe muito afeiçoado.¹⁷

Referências

1. DE BARROS, Aramis C. *Doze homens e uma missão*. 1. ed. Curitiba: Editora Luz e Vida, 1999. (Bartolomeu), p. 43.
2. _____. _____. (Tomé), p. 119.
3. _____. _____. (André), p. 120.
4. _____. _____. (Filipe), p. 136.
5. _____. _____. p. 150.
6. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. VOL. *As pessoas e os lugares*. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 14.
7. _____. _____. p. 173.
8. _____. _____. p. 319.
9. MACEDO, Roberto. *Vocabulário histórico geográfico dos romances de Emmanuel*. 3.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, (André), p. 42.
10. _____. _____. (Bartolomeu), p. 43.
11. _____. _____. (João), p. 44-46.

12. _____. _____. (Judas Iscariote), p. 46.
13. _____. _____. (Mateus), p. 47.
14. _____. _____. (Pedro), p. 48-49.
15. _____. _____. (Tadeu), p. 52.
16. _____. _____. (Tiago Menor), p. 53-54.
17. _____. _____. (Tomé), p. 54-55.
18. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2003. Cap. 27 (O suicídio de Judas), p. 249.
19. _____. *O evangelho da mediunidade*. 7. ed. São Paulo Editora Pensamento, 2000. Cap. 6, (A instituição dos diáconos), p. 47.
20. SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 6. ed. Matão [SP]: O Clarim, 1976, Item: Mateus, p. 233.
21. _____. _____. Item: André e Bartolomeu, p. 234.
22. _____. _____. Item: Filipe e Tomé, p. 236.
23. _____. _____. p. 237.
24. _____. _____. Item: Simão-Judas e Matias, p. 238.
25. _____. _____. p. 240-241.
26. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 5 (Os Discípulos), p. 38-39.
27. _____. _____. p. 39-41.
28. _____. _____. Cap. 24 (A ilusão do discípulo), p.162. 29.
29. _____. _____. p. 163.
30. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 89 (O fracasso de Pedro), p. 193-194.
31. _____. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 44 (Do aprendizado de Judas), p. 187.
32. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 39 (Espíritas, meditemos – mensagem de Emmanuel), p. 223-224.

Orientações ao monitor

Realizar breve explicação sobre a organização do colégio apostolar, tendo como base os *subsídios* deste Roteiro. Em sequência, dividir a turma em pequenos grupos para leitura, troca de ideias e resumo sobre a vida e obra dos apóstolos.

O CRISTIANISMO

Roteiro 6

A ESCRITURA DOS EVANGELHOS. OS EVANGELISTAS

Objetivos

- » Explicar como foram redigidos os textos evangélicos.
- » Analisar o papel desempenhado pelos evangelistas na divulgação do Cristianismo.

Ideias principais

- » [...] *os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos [do Evangelho], com vistas ao futuro, não somente junto aos apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender.* Emmanuel: *A caminho da luz*. Cap. 14, item A redação dos textos definitivos.
- » Entre os anos 60 e os 80 da Era Cristã aparecem os primeiros escritos evangélicos de Marcos, considerados os mais antigos. No final do século I, entre os anos 80 e 98, surge o Evangelho de Lucas, assim como o de Mateus. Este foi possivelmente escrito em hebraico, atualmente

perdido. Finalmente, entre os anos de 98 e 110, aparece, em Éfeso, o evangelho de João. Ao lado desses evangelhos, únicos reconhecidos pela Igreja Católica, grande número de outros vinha à luz [são os evangelhos apócrifos]. *Por que razão foram esses numerosos documentos declarados apócrifos e rejeitados? Muito provavelmente porque haviam constituído num embaraço aos que nos séculos I e II imprimiram ao Cristianismo uma direção que o devia afastar, cada vez mais, de suas formas primitivas [...].* Léon Denis: *Cristianismo e espiritismo*. Cap. 1.

- » *A grandeza da doutrina [cristã] não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações.* Emmanuel: *A caminho da luz*. Cap. 14, item A redação dos textos definitivos.

Subsídios

O ambiente histórico em que o Evangelho surgiu é o do Judaísmo, formado e alimentado pelos livros sacros do Antigo Testamento, condicionado pelos acontecimentos históricos, pelas instituições nas quais se encontrou inserido, e pelas correntes religiosas que o especificaram.

A palavra *evangelho*, do grego *euangélion*, quer dizer boa-notícia ou boa-nova, por extensão. O sentido mais antigo da palavra está relacionado a uma gorjeta que era dada aos que traziam “boas-notícias”. Nas cidades gregas empregava-se o vocábulo *evangelho* quando ecoava a notícia de uma vitória militar, ou nascimento do filho de um rei ou imperador. Uniam-se à notícia cânticos e cerimônias festivas, dando-se uma conotação de alegria.⁹

O Novo Testamento abrange quatro conjuntos de livros, assim discriminados: a) Evangelhos; b) Atos dos Apóstolos; c) Epístolas; d) Apocalipse. Neste roteiro estão inseridas informações sobre o Evangelho de Jesus, segundo os registros de Mateus, Marcos, Lucas e João.

O Evangelho [Boa Nova], cerne doutrinário do Cristianismo, contém aspectos da biografia terrena de Jesus Cristo e seus principais ensinamentos de caráter moral, coligidos segundo informações de Mateus, Marcos, Lucas e João. Mateus e João, discípulos diretos (apóstolos), de contato pessoal com o Mestre, escreveram respectivamente em hebraico e em grego; Marcos e Lucas, redigiram seus textos em grego,

o primeiro transmitindo reminiscências de Pedro, o segundo investigando e recolhendo informações por via indireta. Harmonizam-se os quatro textos num todo orgânico, composto sem acomodações, sob inspiração mediúnica, cujo influxo não derogou a liberdade volitiva e os pensadores psíquicos: Mateus, menosprezado funcionário, atende ao aceno do novo chefe e nele passa a vislumbrar o diretor supremo, o rei em nomenclatura humana, embora em nível do *reino dos céus*; Marcos, atemorizado quando jovem com a intensidade da tarefa, sublima depois, vendo em Jesus o servo incansável, paradigma da fraternidade a serviço divino; Lucas, mais intelectualizado, apresenta Jesus como entidade imaculada, presa pela genealogia ao pai Adão, porém subtraída ao pecado pela redenção no Pai Criador. João, mais espiritualizado, portanto mais próximo da essência dos ensinamentos de Jesus, tem olhos de ver no Cristo a entidade celestial, o verbo mesmo de Deus, não apenas o *rei*, o servo, o *homem*, sinopse da biografia terrena.^{1, 15}

O Cristo nada escreveu. Suas palavras, disseminadas ao longo dos caminhos, foram transmitidas de boca em boca e, posteriormente, transcritas em diferentes épocas, muito tempo depois da sua morte. Uma tradição religiosa popular formou-se pouco a pouco, tradição que sofreu constante evolução até o século IV [...]. Durante [...] meio século depois da morte de Jesus, a tradição cristã, oral e viva, é qual água corrente em que qualquer se pode saciar. Sua propaganda se fez por meio da prédica [sermão, discurso religioso], pelo ensino dos apóstolos, homens simples, iletrados, mas iluminados pelo pensamento do Mestre. Não é senão do ano 60 ao 80 que aparecem as primeiras narrações escritas, a de Marcos a princípio, que é a mais antiga, depois as primeiras narrativas atribuídas a Mateus e Lucas, todas, escritos fragmentários e que se vão acrescentar de sucessivas adições, como todas as obras populares.³

Foi somente no fim do século I, de 80 a 98, que surgiu o evangelho de Lucas, assim como o de Mateus, o primitivo, atualmente perdido; finalmente, de 98 a 110, apareceu, em Éfeso, o evangelho de João. Ao lado desses evangelhos, únicos depois reconhecidos pela Igreja, grande número de outros vinha à luz. Desses, são conhecidos atualmente uns vinte; mas, no século III, Orígenes os citava em maior número. Lucas faz alusão a isso no primeiro versículo da obra que traz o seu nome.¹⁰

Os textos evangélicos utilizados pelos povos não anglo-saxônicos originam-se da *Vulgata* (divulgada) *Latina*, fixada a partir do século

IV, quando o erudito Jerônimo, secretário do papa Dâmaso I, verteu do grego para o latim textos autenticáveis, e separa os considerados de autoria obscura ou apócrifa. Sabemos, no entanto, que existiu a chamada *Bíblia dos Setenta*, corpo doutrinário traduzido, ao que se diz, por setenta sábios de Alexandria, do qual se teria tirado setenta cópias.

O grego, em que os evangelhos foram escritos, foi o popular dialeto alexandrino chamado *kini*, que era a língua mais falada ou, pelo menos, compreendida pelos homens cultos de todas as localidades do Oriente e do Ocidente do Império Romano. Por essa razão os evangelistas usaram o grego e não o hebraico para escrever os evangelhos, tornando-os, assim, acessíveis a um maior número de pessoas.

Naquele tempo, não havia pontuação nem separação de palavras na escrita. Os textos utilizavam apenas as letras maiúsculas do alfabeto grego. As palavras eram redigidas com letras minúsculas e sem espaçamentos. A colocação de espaços entre as palavras e as frases foi adotada a partir do século IX d.C. A pontuação surgiu com o aparecimento da imprensa no século XV. A organização dos textos bíblicos em capítulos foi introduzida no Ocidente pelo cardeal inglês Hugo, no século XIII. A subdivisão dos capítulos em versículos foi criação do tipógrafo parisiense Roberto Stefen, no século XVI.

Não obstante a existência de várias traduções inglesas da Bíblia, empreendidas durante a Idade Média, somente no século XVI a História registra a tradução definitiva da Bíblia inglesa, na forma que conhecemos atualmente. Na conferência de *Hampton Court*, em 1604, foi proposta uma nova tradução da Bíblia. Cinquenta e quatro tradutores foram convidados para o empreendimento dessa tarefa em Oxford, Cambridge e Westminster. Essa tradução, dedicada ao rei James I, foi publicada em 1611, em volumes grandes. Trata-se de uma tradução, também conhecida como a *Versão Autorizada*, que se enraizou de tal forma na história religiosa e literária dos povos de língua inglesa que as edições posteriores cuidavam apenas de simples revisões, e não de substituições.

Algumas dessas revisões foram: a *Revisão Inglesa* de 1885 e a *Versão-Padrão Americana* (*American Standard Version*) de 1901. Esta última foi vigorosamente revisada pela *Revised Standard Version* de 1946–1952. Os textos bíblicos publicados em língua inglesa — que têm como base a tradução de William Tyndale, de 1525–1526 —, sobretudo o Novo Testamento, apresentam diferenças das edições

publicadas pelos demais povos. É que a tradução inglesa foi realizada diretamente do original grego e não do latim (*Vulgata*).¹⁷

1. Os evangelhos canônicos e os apócrifos

Os evangelhos são narrativas cuidadosamente escritas sobre o nascimento, a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré. Não podemos jamais esquecer que os textos existentes em o Novo Testamento retratam, além dos ensinamentos do Cristo, a pregação e a vida dos apóstolos e discípulos diretos.

Estudos críticos (e sérios) demonstram que nos textos evangélicos há diferenças que evidenciam a influência pessoal do escritor, sem deixar de lado a inspiração divina. Assim, os três primeiros evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) — chamados de evangelhos sinóticos — têm muitos aspectos comuns e também muitas diferenças. As semelhanças vão de algumas palavras a textos inteiros. As diferenças são encontradas nas narrativas de fatos e de acontecimentos relacionados à vida e à missão do Cristo, percebendo-se discrepâncias, aqui e ali. Em termos numéricos, podemos representar a questão sinótica assim:

- » dos 661 versículos do evangelho de Marcos, 600 estão no de Mateus e 350 no de Lucas;
- » os evangelhos de Mateus e Lucas têm 240 versículos em comum, os quais não constam do evangelho de Marcos;
- » Mateus e Lucas inseriram outros versículos, segundo interpretação própria.

Os evangelistas Mateus e João foram apóstolos de Jesus. Lucas e Marcos não conviveram com Ele. Os escritos evangélicos, também chamados de *Escrituras Gregas*, foram divididos em “canônicos” — textos que fazem parte do Novo Testamento — e “apócrifos” (palavra que significa coisa escondida, oculta). Os apócrifos (ou deutero-canônicos), definidos no Concílio de Niceia, são manuscritos redigidos pelos discípulos de Jesus e que não foram (nem são) reconhecidos pela Igreja Católica, sob a alegação de que a veracidade dos mesmos não poderia ser comprovada.^{9,16}

Existem cerca de 112 textos, apócrifos, 52 no Antigo Testamento e 60 no Novo Testamento. A tradição contabiliza um número maior.

Exemplos de livros apócrifos:^{19,20}

1. Evangelhos: de Maria de Madalena; de Tomé; de Filipe; o árabe que trata da infância de Jesus; do pseudo-Tomé; de Tiago; da morte e assunção de Maria.

2. Atos: de Pedro; de Tecla; de Paulo; dos 12 apóstolos; de Pilatos.

3. Epístolas: de Pilatos a Herodes; de Pilatos a Tibério; de Pedro a Filipe; de Paulo aos laodicenses; epístola aos coríntios, de Aristeu.

4. Apocalipses: de Tiago; de João; de Estêvão; de Pedro; de Elias; de Esdras; de Baruc; de Sofonias.

5. Testamentos: de Abraão; de Isaac; de Jacó; dos 12 Patriarcas; de Moisés; de Salomão; de Jó.

6. Outros livros: A filha de Pedro; a descida do Cristo aos infernos; declaração de José de Arimateia; vida de Adão e Eva; jubileus, 1, 2 e 3; Henoque; Salmos de Salomão; Oráculos Sibílicos.

Os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas são chamados de *sinópticos*, porque apresentam, entre si, muitas semelhanças, podendo ser dispostos em colunas paralelas e “abarcados com um só olhar”. Quanto ao quarto evangelho, o de João, este permanece único, pois se distingue significativamente dos demais em conteúdo, estilo e forma.¹ A hipótese mais aceita para justificar as similaridades existentes nos evangelhos sinóticos é denominada “teoria das duas fontes”. Nessa teoria, Marcos teria utilizado uma fonte (possivelmente originária de Pedro), a qual serviria de subsídios para os relatos de Mateus e Lucas. A outra fonte, utilizada por estes dois evangelistas, é totalmente desconhecida e se chama *Fonte Q* (inicial da palavra alemã *quelle* = fonte).² Os textos evangélicos sofreram, ao longo dos tempos três grandes modificações: no texto original, escrito pelos evangelistas, durante a elaboração da *Vulgata* e na redação final, que é a que temos atualmente.

Por entre essas fases, ocorreram influências em variados sentidos, levando a relações literárias, de semelhança ou de diferenças, que são observadas entre os evangelhos no seu estado atual. Assim, pode-se perceber, que a redação de Marcos deve ter sofrido influência do documento — fonte de Mateus — daí verifica-se as semelhanças onde é dependente — onde, por sua vez, deve ter influenciado a última redação do primeiro evangelho.³

Os evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas mencionam os ensinamentos de Jesus sobre o *Reino de Deus* mais de noventa vezes, o que é bastante significativo. O evangelho de João desenvolve a ideia

de crença nas 99 citações, o que também nos fornece um material para reflexão.

2. O Evangelho segundo Marcos

Conforme a mais antiga tradição, esse evangelho foi escrito por João Marcos (João do hebraico, Marcos do latim), sobrinho de Pedro e primo de Barnabé. Ao que se sabe, vivia em Jerusalém com seus pais. Supõe-se que o texto de Marcos foi o que serviu de fonte para as escrituras de Lucas e de Mateus, tendo ele próprio, por sua vez, utilizado outras fontes (Pedro, por exemplo). Foi o primeiro evangelho a ser escrito, num tempo não muito distante da destruição de Jerusalém, ocorrida no ano 70 d.C., possivelmente entre os anos 60 e 70. É um evangelho que apresenta pouca evolução da doutrina cristã, e não conduz a maiores reflexões teológicas. É provável que Marcos tenha acompanhado os acontecimentos da paixão e morte do Cristo.

Para escrever o seu evangelho, Marcos deve ter recorrido a três fontes: às suas lembranças, às recordações de pessoas que conviveram com o Mestre e aos documentos que circulavam na jovem comunidade cristã da época. A tradição informa que Marcos teria sido discípulo de Pedro, de quem teria recebido os esclarecimentos evangélicos (I PEDRO, 5:13; ATOS DOS APÓSTOLOS, 12:12).

O evangelho de Marcos está escrito em estilo muito simples e de pouca precisão histórica. Descuida-se da sequência cronológica. Há muitas palavras aramaicas, revelando proximidade com os aramaísmos dos originais em que se baseou. São exemplos de aramaísmo as seguintes palavras ou expressões: *boanerges* (MARCOS, 3:17); *talita cumi* (MARCOS, 5:41); *efeta* (MARCOS, 7:34); *aba* (MARCOS, 14:36); *eloi, eloi* (MARCOS, 15: 34). Mostra também vestígios da tradição oral.

Há indícios de que Marcos teria redigido o seu texto em Roma. Os historiadores que defendem este ponto de vista se fundamentam nos seguintes indícios: a) na questão sobre o divórcio (MARCOS, 10: 1-12) — um problema que afligia apenas os romanos da época; b) na utilização de palavras latinas como *kenturiôn* (centurião) e *pretorion* (tribunal), entre outras (MARCOS, 6:27; 7:4; 12:42; 15:39, 44,45); c) nome latino para designar a moeda (ou óbulo) ofertada pela viúva (MARCOS, 12:41).

O evangelho de Marcos quer mostrar que Jesus é o Messias prometido e aguardado pelos judeus. Tem como escopo apresentar Jesus como *filho de Deus* (MARCOS, 1:11; 3:11; 15:39), sua condição divina, demonstrando que os milagres realizados por Jesus asseguravam ser Ele o Messias prometido. Esclarece também que Jesus é recebido favoravelmente pelas multidões, mas que seu messianismo, humilde e espiritual, decepciona e diminui a expectativa popular.

No propósito de nos apresentar Jesus como filho de Deus, incompreendido e rejeitado pelo povo, Marcos se preocupa menos em explicar o ensino do Mestre, fazendo poucas referências aos seus ensinamentos. Escrito em linguagem popular, de estilo vivo, o texto de Marcos deixa de lado o que interessava apenas aos Judeus, focalizando também os interesses dos pagãos recém-convertidos na fé, após a morte de Pedro e Paulo (entre os anos 62 e 63). No entanto, há no Evangelho de Marcos explicações que nem mesmo os gentios compreendiam (MARCOS, 3:17; 5:41; 7:34; 10:46; 14:36; 15:34), assim como relatos de costumes judaicos (MARCOS, 7:3-4; 14:12; 15:42). O autor faz poucas referências ao Antigo Testamento. Destaca as várias emoções dos personagens (MARCOS, 3:34; 8:12; 10:14, 21,32; 16:5-6). O ponto culminante do seu evangelho é a confissão de Pedro, em Cesareia (MARCOS, 8:27-30) e a resposta do Cristo, que não declarara antes ser o Messias por causa do falso conceito de libertador temporal, atribuído ao enviado de Deus. Alguns autores afirmam que Marcos usou este “segredo messiânico” para evitar explicações embaraçosas sobre o fato de ter o Cristo morrido da forma como morreu, quando deveria, no entender dos judeus, ser o libertador de um povo.

A tradição diz que a casa, citada em ATOS DOS APÓSTOLOS, 12:12, pertencia a Marcos, e é a mesma em que foi celebrada a última ceia de Jesus (MARCOS, 14:4).

Supõe-se também que o Jardim de Getsêmani lhe pertencia, que ele (Marcos) era o homem do cântaro (MARCOS, 14:13), sendo igualmente o jovem nu, retratado unicamente em seu Evangelho (MARCOS, 14:51-52).

Marcos acompanhou Paulo e Barnabé na primeira viagem do apóstolo dos gentios — de Jerusalém à Antioquia (ATOS DOS APÓSTOLOS, 13:5) —, mas não completa a viagem, voltando a Jerusalém (ATOS DOS APÓSTOLOS, 13:13). Com Barnabé foi a Chipre (ATOS DOS APÓSTOLOS, 15:39), todavia, permaneceu mais tempo com Pedro,

servindo de intérprete e de secretário. Tendo participado de trabalho missionário no Egito, morreu vítima de martírio.^{4, 14 e 16}

3. O Evangelho segundo Mateus

O evangelho de Mateus foi escrito entre 80 e 100 d.C. Seguramente foi depois de 70, após a destruição de Jerusalém, e posterior ao evangelho de Marcos. O texto conhecido nos dias atuais, surgiu na Palestina, escrito em grego, em bom estilo literário, para leitores de língua grega. Posteriormente foi traduzido para o latim (*Vulgata*). Alguns estudiosos acreditam que o texto original de Mateus foi escrito em aramaico e, mais tarde, traduzido para o grego. Se, efetivamente, esse texto existiu, foi perdido.

As linhas gerais da vida do Cristo, encontradas no evangelho de Marcos, são reproduzidas no de Mateus, mas segundo um novo plano, por que os relatos e os discursos se alternam. Por exemplo, em Mateus, 1:4, há o relato da infância e início do ministério de Jesus. Em Mateus, 5:7 vem em discurso: o sermão do monte, as bem-aventuranças e a entrada no Reino.⁵

No tempo em que foi escrito, a igreja cristã já ultrapassara os limites de Israel.

Mateus foi um dos apóstolos e testemunha de vários acontecimentos. Cobrador de impostos para o Império Romano, era menos-prezado pelos judeus, porque consideravam impura a sua profissão. Foi o apóstolo mais intelectual do grupo dos Doze.

Percebe-se que o seu evangelho era o de um cristão vindo do Judaísmo, conhecedor das Escrituras, fiel à tradição. Mateus escreve entre os judeus para judeus, procurando defender a tese de que Jesus era o Messias previsto nas escrituras. A sua origem judaica fica evidente quando ele emprega, por exemplo, a expressão *reino dos céus*, em lugar de *reino de Deus*, já que o nome Deus não era pronunciado pelos judeus.

A narrativa do texto de Mateus dispensa explicações sobre os costumes judaicos, por serem considerados corriqueiros e do entendimento dos seus compatriotas.

Na composição literária do seu evangelho, o autor empregou como fontes o evangelho de Marcos e outros escritos particulares. Fez um trabalho de compilação bastante pessoal (é um texto rico de hebraísmos), adaptando e completando as fontes com os próprios

conhecimentos. Mateus é chamado *o homem dos discursos*, por ser quem mais cita as fontes. Mostra aos judeus que Jesus é filho de Davi e de Abraão, portanto, o Messias de Israel. Exorta os fiéis a aceitarem Jesus como o Messias prometido por Deus ao seu povo. Refere-se constantemente ao Antigo Testamento. Fala na universalidade da mensagem cristã, convidando judeus e não judeus a aceitarem os seus ensinamentos. Do ponto de vista cristológico, considera Jesus como *Rei*, Messias que foi rejeitado e que criou outro povo ou comunidade, que é a *Ecclesia* (Igreja). Emprega o termo *kyrios* (Senhor), enquanto os outros usam o termo *Mestre*.^{6, 14 e 15}

4. O Evangelho segundo Lucas

O médico Lucas era natural de Antioquia, fato que ele cita várias vezes nos Atos dos Apóstolos. Não foi discípulo direto do Cristo, ficando isso claro desde o início do seu texto, pois que se coloca fora das testemunhas oculares. Utilizou como fontes o evangelho segundo Marcos bem como outras particulares da região onde viveu, incluindo-se nessas últimas, documentos da época e testemunhos dos fatos ocorridos. Lucas também teria recebido esclarecimentos de Paulo, por ocasião de um encontro em Antioquia. Paulo fala sobre Lucas em suas epístolas (COLOSSENSES, 4:14), (FILIPENSES, 24) (II TIMÓTEO, 4:11). Pode-se situar o aparecimento do evangelho de Lucas entre os anos 70 e 80 d.C.

O mérito particular do terceiro evangelho lhe vem da personalidade muito cativante do seu autor, que nele transparece continuamente. [...] Lucas é um escritor de grande talento e uma alma delicada. Elaborou sua obra de modo original, com um esforço de informação e de ordem (LUCAS, 1:3) Seu plano reproduz as grandes linhas de Marcos, com algumas transposições ou omissões. Certos episódios são deslocados (LUCAS, 3:19-20; 4:16-30; 5:1-11; 6:12-19; 22: 31-34).

Seu plano retoma as grandes linhas do de Marcos com algumas transposições ou omissões. Alguns episódios são deslocados (3, 19-20; 4, 16-30; 5, 1-11; 6, 12-19; 22, 31-34 etc), ora por preocupação de clareza e de lógica, ora por influência de outras tradições, entre as quais deve-se notar a que se reflete igualmente no quarto evangelho. Outros episódios são omitidos, seja como menos interessantes para os leitores pagãos (cf. Mc 9, 11-13), seja para evitar duplicatas (cf. Mc 12, 28-34 em comparação com Lc 10, 25-28).⁷

É tido como um bom escritor pelo estilo elegante da língua (o grego) usada no prólogo, considerado um clássico da época. O próprio costume de escrever prólogos, dedicando o livro, era comum entre os grandes escritores. Corrige o grego de Marcos, substituindo termos vulgares ou banais por palavras eruditas. À vista dos acontecimentos da época, procurou relacionar os acontecimentos narrados com fatos conhecidos da história, obedecendo a detalhes cronológicos. Alguns estudiosos procuram ver no seu Evangelho um certo *olho clínico*, por ser ele um médico. Vê-se isto, por exemplo, nos episódios da sogra de Pedro, do Samaritano, da hemorroíssa.

Lucas nos apresenta Jesus como o Messias dos pobres, dos humildes, dos desprezados, dos doentes e dos pecadores. Em LUCAS, 19: 10, fala em salvar o que estava perdido; em 7: 36-50, traz o relato da pecadora que banhou os pés do Cristo; em 15:1-32, narra ensinamentos sobre a ovelha ou dracma perdidas, e o retorno do filho pródigo; em 18: 9-14, fala da prece do publicano e a do fariseu; em 16: 19-31, faz referências sobre o rico avarento e sobre o pobre Lázaro; em 11: 41; 12: 33 e em 14:13, mostra a necessidade das esmolas.

Nota-se, ainda, em Lucas, uma preocupação com a valorização das mulheres, tendo em vista o conceito que delas tinha a sociedade da época. Assim, refere-se a Ana e a Isabel; às mulheres que acompanhavam os apóstolos; a Maria e Marta de Betânia; à viúva de Naim e à mulher da multidão que exaltou a mãe de Cristo. Cita também Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, e Joana, mulher de Cuza, alto funcionário de Herodes; Susana e várias outras mulheres, que ajudavam a Jesus e aos discípulos com os bens que possuíam (LUCAS, 8: 1-3). E num lugar todo especial está Maria, mãe de Jesus. Fornece muitos detalhes da vida familiar do Mestre, fato que levanta a hipótese de Lucas ter entrevistado Maria de Nazaré. Corrige certas referências extraordinárias a respeito de Jesus, que pudessem escandalizar os não judeus (multiplicação dos pães, sogra de Pedro, discussão no caminho etc.). Faz a genealogia de Cristo diferente da de Mateus, começando por Adão.^{13, 16 e 18}

5. O Evangelho segundo João

O evangelho de João só foi escrito em torno do ano 100 d.C. João é o canal de Deus para nos fazer compreender a presença de Jesus, o

Verbo divino. Esse evangelho é uma obra unitária: as partes só podem ser compreendidas na sua relação com o todo. Portanto, na leitura da obra deve-se ficar atento ao seu conjunto e não somente às unidades que a compõem, tomadas isoladamente. O plano que estrutura o evangelho de João é espiritual e não histórico-narrativo. A pessoa e a obra de Jesus são interpretadas por uma comunidade no seio da sua experiência de fé.

A história de Jesus no evangelho de João é apresentada como um drama composto de um prólogo, dois atos principais e um epílogo. Considerando-se o evangelho sob essa luz, sua característica distintiva pode ser vista como seu ensinamento iluminado.¹¹

João proclama a messianidade de Jesus e a sua filiação divina, esclarecendo que, para ter vida, é preciso ter fé em Jesus. Os traços característicos do evangelho joanino — e que o diferenciam dos demais — mostram a forte influência de uma corrente de pensamento amplamente difundida em certos círculos do judaísmo: os ensinamentos dos essênios. Neles se atribuía importância especial ao conhecimento (*gnose*), expresso por meio de dualismos: luz-trevas, verdade-mentira, anjo da luz-anjo das trevas. João insiste na mística da unidade com o Cristo e na necessidade do amor fraterno.

Mais ainda: o quarto evangelho, mais do que os sinóticos, quer dar a entender o sentido da vida, dos gestos e das palavras de Jesus. Os acontecimentos de Jesus são *sinais*, cujo sentido não transpareceu logo de início, só sendo compreendido após a glorificação do Cristo (JOÃO, 2:22; 12:16; 13:7); muitas palavras de Jesus eram dotadas de significação espiritual, que não foram percebidas senão mais tarde⁸ (JOÃO, 2: 19).

Caberia ao apóstolo falar em nome de Jesus ressuscitado, recordando e ensinando aos discípulos o que Jesus lhes havia dito: “conduzi-los à verdade completa” (JOÃO, 14:26 e seguintes). Por outro lado, João nos mostra uma faceta da personalidade de Jesus, não percebida nos demais evangelistas: seus ensinamentos ocorrem no contexto da vida judaica, nas festas e no templo, deixando claro ao povo que ele, Jesus, é o centro de uma religião renovada, *em espírito e em verdade* (JOÃO, 4:24).

Para o evangelista, Jesus é a *Palavra* (o *Verbo*) enviada por Deus à Terra, e deve regressar ao Pai uma vez cumprida a sua missão (JOÃO, 1:1 e seguintes). Trata-se de uma missão que consiste em anunciar aos homens os mistérios divinos: Jesus é a testemunha do que viu e ouviu

junto ao Pai (JOÃO, 3:11 e seguintes). Jesus é a Água Viva (JOÃO,7:37). É a Luz do mundo (JOÃO, 8:12). Jesus é o Bom Pastor (João, 10:1-18) e é também o Caminho, a Verdade e a Vida (JOÃO, 14:6).

João se move assim acima dos testemunhos dos outros escritores do evangelho, explorando a natureza de Jesus em relação a Deus e à Humanidade, e os fundamentos para a crença cristã e para a vida espiritual, que é a sua consequência. Jesus, no retrato de João, é ao mesmo tempo um com o Pai e um com sua igreja na Terra.¹²

Há detalhes, no quarto evangelho, que nos fazem supor haja entre o apóstolo e Jesus uma maior proximidade. Por exemplo, ao descrever o encontro do Mestre com Nicodemos, (JOÃO 3:1-15) o evangelista nos transmite a certeza de estar presente, testemunhando a conversa. Uma testemunha que talvez estivesse à porta, como quem se encontra à espreita, até surpreender o esclarecedor colóquio entre o Rabi Galileu e o doutor da lei. Noutro momento, quando narra o episódio das Bodas de Caná (JOÃO 2:1-12), João parece reviver o adolescente maravilhado, colocado perante o Rabi pleno de sabedoria, que abençoa a união matrimonial com sua luminosa presença.

Em outras passagens evangélicas a presença de João é percebida claramente, como se ele fosse a sombra de Jesus: acompanha o Rabi na íngreme subida de 562 metros (LUCAS, 9:28-36) até o cume do monte Tabor. Após as quatro horas de marcha, dorme junto a Pedro e Tiago. Na madrugada que avança, escuta vozes que vibram no ar. A sublime visão de Jesus, vestido de luz o faria, mais tarde, evocar a cena inesquecível, ao iniciar a sua narrativa evangélica: “Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam” (JOÃO, 1:4-5).

Finalmente, é oportuno lembrar que a promessa do advento do Consolador consta apenas do Evangelho de João, que assim nos transmite o feliz anúncio de Jesus: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, testificará de mim. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio” (JOÃO, 14:15-18; 15:26-27).

Referências

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1689.
2. _____. _____. p. 13.
3. _____. _____. p. 1692-1693.
4. _____. _____. (O evangelho segundo são Marcos), p. 1696.
5. _____. _____. (O evangelho segundo são Mateus), p. 1694. 6.
6. _____. _____. p. 1698.
7. _____. _____. (O evangelho segundo são de Lucas), p. 1699.
8. _____. _____. (O evangelho segundo são João), p. 1835-1836.
9. BATTAGLIA, O. *Introdução aos evangelhos* — um estudo histórico-crítico. Rio de Janeiro, Vozes, 1984, p. 19 a 21.
10. DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 9. ed. Rio de Janeiro: 2004. Cap. 1 (Origem dos evangelhos) p. 25-26.
11. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. VOL. *As pessoas e os lugares*. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 156.
12. _____. _____. p. 157.
13. _____. _____. p.193-194.
14. _____. _____. p. 197-198.
15. MACEDO, Roberto. *Vocabulário histórico geográfico dos romances de Emmanuel*. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, p 78-79.
16. http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/bible6_p.htm
17. <http://www.geocities.com/Athens/Agora/1417/Biblia/Lucas.htm1>
18. <http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/apocnt.htm>
19. http://www.pt.wikipedia.org/wiki/livros_ap%C3%B3crifos
20. <http://www.vivos.com.br/197.htm>

Orientações ao monitor

Realizar um amplo debate a respeito do assunto desenvolvido no Roteiro, procurando destacar o trabalho executado pelos evangelistas.

O CRISTIANISMO

Roteiro 7

FENÔMENOS PSÍQUICOS NO EVANGELHO

Objetivos

- » Conceituar milagre segundo a Doutrina Espírita.
- » Analisar alguns fenômenos psíquicos provocados por Jesus.

Ideias principais

- » *Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com exclusão das leis naturais. É tanto essa a ideia que se lhe associa, que, se um fato milagroso vem encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por muito espantoso que seja. Allan Kardec: A gênese. Cap. XIII, item 1.*
- » *O Espiritismo, pois, vem, a seu turno, fazer o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseqüentemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis. Esses fenômenos, é certo, se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material e isso é, dizem, o em que consiste o sobrenatural. Mas, então, fora mister se provasse que os Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que aí não há, nem pode haver, a ação de uma dessas leis. Allan Kardec: A gênese. Cap. XIII, item 4.*

- » *A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acha hoje completamente demonstrada pelo Magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais. Allan Kardec: Obras póstumas. Primeira parte, p. 140.*

Subsídios

1. Milagres

Os Fenômenos psíquicos realizados por Jesus, por seus apóstolos e demais discípulos eram tidos como milagres ou de ordem sobrenatural. A Doutrina Espírita veio esclarecer quanto à origem e à forma de manifestação desses fenômenos, provando a possibilidade deles.¹³

Na acepção etimológica, a palavra milagre (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. [...] Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral, que era, se tornou de aplicação restrita a uma ordem particular de fatos. No entender das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extra natural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. Tal, com efeito, a acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora a palavra se aplica às circunstâncias ordinárias da vida. Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o ser inexplicável, por isso mesmo que se realiza com exclusão das leis naturais. É tanto essa a ideia que se lhe associa, que, se um fato milagroso vem a encontrar explicação, se diz que já não constitui milagre, por muito espantoso que seja. O que, para a Igreja, dá valor aos milagres é, precisamente, a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. [...] Outro caráter do milagre é o ser insólito, isolado, excepcional. Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea, quer voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode haver milagres.¹

É por este motivo que certos fatos científicos são, igualmente, considerados milagrosos, uma vez que o vulgo desconhece as leis que regem a sua manifestação. Da mesma forma, o desconhecimento dos mecanismos que originam os fenômenos psíquicos, mediúnicos ou anímicos, induz as pessoas a considerá-los como misteriosos ou sobrenaturais.

Entretanto [...] o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia geral, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, facultou a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos não constituem, mais do que os outros, exceções das leis da Natureza, que, ao contrário, decorrem quase sempre de aplicações destas leis. Todos os efeitos do magnetismo, do sonambulismo, do êxtase, da dupla vista, do hipnotismo, da catalepsia, da anestesia, da transmissão do pensamento, a presciência, as curas instantâneas, as possessões [subjugações], as obsessões, as aparições e transfigurações etc., que formam a quase totalidade dos milagres do Evangelho, pertencem àquela categoria de fenômenos. Sabe-se agora que tais efeitos resultam de especiais aptidões e disposições psicológicas; que se têm produzido em todos os tempos e no seio de todos os povos e que foram considerados sobrenaturais pela mesma razão que todos aqueles cuja causa não se percebia.¹⁵

Sendo assim, o Espiritismo não produz milagres nem prodígios de qualquer natureza. Há uma explicação lógica e racional para a manifestação dos fenômenos psíquicos.

Do [...] mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia e a Geologia revelaram as leis do mundo material, ele revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são leis da Natureza. Facultando a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. [...] Esse é um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, de sobre muitos mistérios levanta ela o véu.¹⁷

A Doutrina Espírita esclarece “[...] o que cada ciência fez no seu advento: revelar novas leis e explicar, conseqüentemente, os fenômenos compreendidos na alçada dessas leis. Esses fenômenos, é certo, se prendem à existência dos Espíritos e à intervenção deles no mundo material e isso é, dizem, em que consiste o sobrenatural.”²

O Espiritismo desmistifica o caráter sobrenatural dos fenômenos psíquicos, explicando-os de forma simples e consistente.

A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos devidos a

agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral. Esclarecendo-nos acerca dessa força, o Espiritismo faculta a elucidação de uma imensidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, por isso, passaram por prodígios nos tempos idos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, melhor dizendo, conheciam-se os efeitos, porque eles em todos os tempos se produziram, porém não se conhecia a lei e foi o desconhecimento desta que gerou a superstição. Conhecida essa lei, desaparece o maravilhoso e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais.³

2. Jesus e os fenômenos psíquicos

Os fenômenos psíquicos intermediados por Jesus, em razão da excelcitude do seu Espírito, são por demais complexos para supô-los como de natureza mediúnica. É difícil imaginar que Jesus tenha agido como médium de outro Espírito.

Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas. Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes [...].¹⁸

Os fatos relatados no Evangelho nada tiveram de milagroso, no sentido teológico do termo. Estavam fundamentados nas faculdades e nos atributos excepcionais do seu Espírito.

Jesus como [...] homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres. Sua alma,

provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se, nele, com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem. Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, porquanto o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados e o Cristo não precisava de assistência, pois que era ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, em certos casos, os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, ao demais, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se algum influxo estranho recebia, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.⁴

Contudo, independentemente de o Espiritismo explicar com clareza como se realiza um fenômeno mediúnicos, não podemos esquecer que o próprio Jesus qualificou alguns dos seus feitos como milagrosos.

É [...] que nisto, como em muitas outras coisas, lhe cumpria apropriar sua linguagem aos conhecimentos dos seus contemporâneos. Como poderiam estes apreender os matizes de uma palavra que ainda hoje nem todos compreendem? Para o vulgo, eram milagres as coisas extraordinárias que Ele fazia e que pareciam sobrenaturais, naquele tempo e mesmo muito tempo depois. Ele não podia dar-lhes outro nome. Fato digno de nota é que se serviu dessa denominação para atestar a missão que recebera de Deus, segundo suas próprias expressões, porém nunca se prevaleceu dos milagres para se apresentar como possuidor de poder divino.¹⁶

3. Alguns fenômenos psíquicos provocados por Jesus

3.1 Fenômeno de dupla vista

Este fenômeno pode ser atestado, a título de exemplo, nas seguintes citações evangélicas:

- » “Ide à aldeia que está defronte de vós e logo encontrareis uma jumenta presa e um jumentinho com ela; desprendei-a e trazei-mos” (MATEUS, 21:2).
- » “E, chegada a tarde, assentou-se à mesa com os doze. E, enquanto eles comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me há de trair” (MATEUS, 26, 20:21).
- » “E, quando acabou de falar, disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas, lançarei a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede” (LUCAS, 5:4-6).

Nada apresentam de surpreendentes estes fatos, desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade. Jesus a possuía em grau elevado e pode dizer-se que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande número de atos de sua vida, os quais, hoje, têm a explicá-los os fenômenos magnéticos e o Espiritismo. A pesca qualificada de miraculosa igualmente se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde não os havia; ele viu, com a vista da alma, como teria podido fazê-lo um lúcido vîgil, o lugar onde se achavam os peixes e disse com segurança aos pescadores que lançassem aí suas redes.⁵

3.2 Fenômenos de cura

De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, não há contestar, as curas. Queria Ele provar dessa dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias. Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros, do que se apenas os maravilhasse com espetáculos para os olhos.⁹

- » “E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior, ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na sua vestimenta. Porque dizia: Se tão somente tocar nas suas vestes, sararei. E logo se lhe secou a fonte do seu sangue, e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal. E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão e disse: Quem tocou nas minhas vestes?”

E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? E ele olhava em redor, para ver a que isso fizera. Então, a mulher, que sabia o que lhe tinha acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dele, e disse-lhe toda a verdade. E Ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal” (MARCOS, 5: 25-34).

Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra*, são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operara de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se. É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.⁶

- » “E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego e rogaram-lhe que lhe tocasse. E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspidolhe nos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. E, levantando ele os olhos, disse: Vejo os homens, pois os vejo como árvores que andam. Depois, tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele, olhando firmemente, ficou restabelecido e já via ao longe e distintamente a todos” (MARCOS, 8:22- 25).

Aqui, é evidente o efeito magnético; a cura não foi instantânea, porém gradual e conseqüente a uma ação prolongada e reiterada, se bem que mais rápida do que na magnetização ordinária. A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobrem a vista. Por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.⁷

- » “E aconteceu que, indo Ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galileia; e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe. E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E Ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos. E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz” (LUCAS, 17:11-15).

Os samaritanos eram cismáticos, mais ou menos como os protestantes com relação aos católicos, e os judeus tinham em desprezo, como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, dava Jesus, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância;

e fazendo ressaltar que só o samaritano voltara a glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de fé e de reconhecimento, do que nos que se diziam ortodoxos.⁸

3.3 Ressurreições

- » “E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o, prostrou-se aos seus pés, e rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare e viva. E foi com ele, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava. [...] E, tendo chegado à casa do principal da sinagoga, viu o alvoroço e os que choravam muito e pranteavam. E, entrando, disse-lhes: Por que vos alvoroçais e chorais? A menina não está morta, mas dorme. E riam-se dele; porém ele, tendo-os feito sair, tomou consigo o pai e a mãe da menina e os que com ele estavam e entrou onde a menina estava deitada. E, tomando a mão da menina, disse-lhe: *Talitá cumi*, que, traduzido, é: Menina, a ti te digo: levanta-te. E logo a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto” (MARCOS, 5: 21-24; 38-42).
- » “E aconteceu, pouco depois, ir ele à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos e uma grande multidão. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela e disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, eu te digo: Levanta-te. E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe. E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo. E correu dele esta fama por toda a Judeia e por toda a terra circunvizinha” (LUCAS, 7:11-17).

Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou. Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato. É, pois, de todo ponto provável que, nos dois casos acima, apenas síncope

ou letargia houvesse. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: *Esta menina*, disse Ele, *não está morta, está apenas adormecida*. Dado o poder fluídico que Ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que na realidade havia era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo.¹⁰

3.4 Transfiguração

- » “E, seis dias depois, Jesus tomou consigo a Pedro, a Tiago e a João, e os levou sós, em particular, a um alto monte, e transfigurou-se diante deles. E as suas vestes tornaram-se resplandecentes, em extremo brancas como a neve, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear. E apareceram-lhes Elias e Moisés e falavam com Jesus. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três cabanas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Pois não sabia o que dizia, porque estavam assombrados. E desceu uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e saiu da nuvem uma voz, que dizia: Este é o meu Filho amado; a Ele ouvi. E, tendo olhado ao redor, ninguém mais viram, senão Jesus com eles” (MARCOS, 9:2-8).

É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transfiguração [...] é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor. Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero. [...] De todas faculdades que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranhas às condições da Humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos.¹¹

3.5 Aparição de Jesus, após a sua crucificação

- » “Chegada, pois, a tarde daquele dia, o primeiro da semana, e cerradas as portas onde os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado, chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco! E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. De sorte que os discípulos se alegraram, vendo o Senhor. Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. E, havendo dito isso, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. [...] E, oito dias depois, estavam outra vez os seus discípulos dentro, e, com eles, Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco! Depois, disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram! (JOÃO, 20:19-22; 26-30).

Antes da aparição aos discípulos, Jesus se manifesta perante Maria Madalena e outras mulheres (MARCOS, 16:1-7), confirmando, assim, a sua ressurreição. Aparece, mais tarde, aos dois discípulos, no caminho de Emaús (LUCAS, 24:13-35).

Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não [...]. Jesus, portanto, se mostrou com seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo. Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado.¹²

Como reflexão final, refletimos que os fatos extraordinários da vida de Jesus marcaram a sua passagem entre nós, no plano físico. Entretanto, esses não foram os seus maiores feitos.

O maior milagre que Jesus operou, o que verdadeiramente atesta a sua superioridade, foi a revolução que seus ensinamentos produziram no mundo, malgrado à exiguidade dos seus meios de ação. Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, no seio de um povo pequenino, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, apenas durante três anos prega a sua doutrina, [...] Tinha contra si tudo o que causa o malogro das obras dos homens, razão por que dizemos que o triunfo alcançado pela sua doutrina foi o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo que prova ser divina a sua missão. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Ele apenas houvesse legado à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez hoje mal o conhecessem de nome.¹⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 13, item 1, p. 297-298.
2. _____. _____. Item 4, p. 299.
3. _____. _____. Item 13, p. 305.
4. _____. _____. Cap. 15, item 2, p. 354-355.
5. _____. _____. Item 9, p. 359.
6. _____. _____. Item 11, p. 361.
7. _____. _____. Item 13, p. 362.
8. _____. _____. Item 17, p. 364.
9. _____. _____. Item 27, p. 372.
10. _____. _____. Item 39, p. 379-380.
11. _____. _____. Item 44, p. 383-384.
12. _____. _____. Item 61, p. 398.
13. _____. _____. Item 62, p. 399.
14. _____. _____. Item 63, p. 399-400.
15. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte. (Estudo sobre a natureza do Cristo). Cap. 2, p. 140.

- 16._____._____. p. 141.
- 17._____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21, item 7, p. 362-363.
- 18.XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB. 2006, q. 283, p. 168.

Orientações ao monitor

Debater, inicialmente, o conceito milagre, destacando o significado espírita. Dividir a turma em pequenos grupos, orientando-os na realização de leitura e análise dos fenômenos psíquicos produzidos por Jesus, incluídos neste roteiro. Após o trabalho em grupo, os participantes devem apresentar a conclusão do trabalho, em plenária.

O CRISTIANISMO

Roteiro 8

OS DISCÍPULOS DE JESUS

Objetivos

- » Identificar as características dos verdadeiros discípulos de Jesus.
- » Destacar os pontos mais importantes da missão dos *Setenta Discípulos* e dos *Quinhentos da Galileia*.

Ideias principais

- » Deus [...] só confia missões importantes aos que Ele sabe capazes de as cumprir, porquanto as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Em todas as coisas, o mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XXI, item 9.
- » [...] o discípulo da Boa Nova tem de servir a Deus, servindo à sua obra neste mundo. Ele sabe que se acha a laborar com muito esforço num grande campo, propriedade de seu Pai, que observa com carinho e atenta com amor nos seus trabalhos. Humberto de Campos: *Boa nova*. Cap. 6.
- » Designou o Senhor ainda outros setenta e mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir. (LUCAS, 10:1.)

- » [...] foi *confiado aos quinhentos da Galileia o serviço glorioso da evangelização das coletividades terrestres, sob a inspiração de Jesus Cristo*. Humberto de Campos: *Boa nova*. Cap. 29.

Subsídios

1. Os discípulos do Cristo

O termo *discípulo*, significando literalmente “aluno”, aparece no Novo Testamento somente nos evangelhos e em Atos dos Apóstolos. De emprego, em particular, para identificar os doze apóstolos, designa, em geral, a ampla variedade dos seguidores de Jesus. Entretanto, nem todos os seguidores do Cristo se constituíram em seus legítimos discípulos, aceitando a mensagem cristã e colocando-se a serviço de Jesus. Grande parte da população seguia o Mestre em busca de alívio dos problemas que lhes afligiam a existência.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir aquela misericordiosa exortação: “Vinde a mim, vós todos que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei”. E da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida. A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia aos povos da Judeia, que lhe ouviram diretamente os ensinamentos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Ásia Menor, na Grécia, na África, e mesmo nas Gálias, como em Roma, falava-se dele, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacrossantas do reino de Deus e da sua justiça. Sua doutrina de perdão e de amor trazia nova luz aos corações e os seus seguidores destacavam-se do ambiente corrupto do tempo, pela pureza de costumes e por conduta retilínea e exemplar.⁶

Ao lado das criaturas que seguiam o Mestre em busca de alívio para os seus males, havia os servidores fiéis, que abraçaram de corpo e alma a causa do Cristo, conforme rezam as escrituras e a tradição. Em todas as épocas renasceram no Planeta discípulos sinceros de Jesus, almas valorosas que, em razão do trabalho por elas desenvolvido, se

constituíram em guardiões e disseminadores da mensagem cristã, estimulando o progresso da Humanidade, ao longo dos séculos.

Deus [...] só confia missões importantes aos que Ele sabe capazes de as cumprir, porquanto as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Em todas as coisas, o Mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas noutras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, nula lhes resultaria a ação.¹

Neste sentido, o verdadeiro missionário, justifica-se “[...] pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador.”¹ E como poderemos nos transformar em legítimos discípulos do Cristo? O que é necessário fazer? É o próprio Jesus que nos ensina:

Ama a Deus, nosso Pai [...], com toda a tua alma, com todo o teu coração e com todo o teu entendimento. Ama o próximo como a ti mesmo. Perdoa ao companheiro quantas vezes se fizerem necessárias. Empresta sem aguardar retribuição. Ora pelos que te perseguem e caluniam. Ajuda os adversários. Não condenes para que não sejas condenado. A quem te pedir a capa cede igualmente a túnica. Se alguém te solicita a jornada de mil passos, segue com Ele dois mil. Não procures o primeiro lugar nas assembleias, para que a vaidade te não tente o coração. Quem se humilha será exaltado. Ao que te bater numa face, oferece também a outra. Bendize aquele que te amaldiçoa. Liberta e serás libertado. Dá e receberás. Sê misericordioso. Faze o bem ao que te odeia. Qualquer que perder a sua vida, por amor ao apostolado da redenção, ganhá-la-á mais perfeita, na glória da eternidade. Resplandeça a tua luz. Tem bom ânimo. Deixa aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos. Se pretendes encontrar-me na luz da ressurreição, nega a ti mesmo, alegra-te sob o peso da cruz dos próprios deveres e segue-me os passos no calvário de suor e sacrifício que precede os júbilos da aurora divina!¹⁶

Percebemos, assim, que a existência de cada servidor fiel se resume na adoção de um determinado tipo de conduta que o caracteriza como homem de bem.

A [...] vida de cada criatura consciente é um conjunto de deveres para consigo mesma, para com a família de corações que se agrupam em torno dos seus sentimentos e para com a Humanidade inteira. E não é tão fácil desempenhar todas essas obrigações com aprovação plena das diretrizes evangélicas. Imprescindível se faz eliminar as arestas do próprio temperamento, garantindo o equilíbrio que nos é particular, contribuir com eficiência em favor de quantos nos cercam o caminho, dando a cada um o que lhe pertence, e servir à comunidade, de cujo quadro fazemos parte. Sem que nos retifiquemos, não corrigiremos o roteiro em que marchamos. [...] Se buscamos a sublimação com o Cristo, ouçamos os ensinamentos divinos. Para sermos discípulos dele é necessário nos disponhamos com firmeza a conduzir a cruz de nossos testemunhos de assimilação do bem, acompanhando-lhe os passos.¹⁵

2. Os discípulos e sua missão

2.1 A missão dos setenta discípulos da Galileia

Lucas nos relata que, após a transfiguração no Tabor e a cura de um epilético obsidiado, Jesus designou setenta discípulos (alguns códices, como a *Bíblia de Jerusalém*, mencionam 72), que deveriam anunciar os ensinamentos de Jesus, fornecendo-lhes instruções precisas de como deveriam agir.

- » Primeiramente “mandou-os adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir” (Lc 10:1).
- » Asseverou que os enviava “como cordeiros ao meio de lobos” (Lc 10:3).
- » Orientou-lhes: “Não leveis bolsa, nem alforje, nem sandálias; e a ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10:4).
- » Instruiu-os a como proceder ao chegar a uma residência: “onde entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa. E, se ali houver algum filho de paz, repousará sobre ele a vossa paz; e, se não, voltará para vós. E ficai na mesma casa, comendo e bebendo do que eles tiverem, pois digno é o obreiro de seu salário. Não andeis de casa em casa”. (Lc 10: 5-7).
- » Esclareceu-lhes agir como hóspedes educados: “E, em qualquer cidade em que entrardes e vos receberem, comei do que vos puserem diante” (Lc 10: 8).

- » Pediu-lhes: “E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: É chegado a vós o Reino de Deus. Mas, em qualquer cidade em que entrardes e vos não receberem, saindo por suas ruas, dizei: Até o pó que da vossa cidade se nos pegou sacudimos sobre vós. Sabei, contudo, isto: já o Reino de Deus é chegado a vós” (Lc 10: 9-11).
- » Informou-lhe, ainda: Quem vos ouve a vós a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lc 10: 16).

Lucas nos esclarece também que o empreendimento dos setenta discípulos foi coroado de êxito, que retornaram felizes, dizendo: “Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam. E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu. Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum” (Lc 10: 17-19). Jesus, porém, os alertou: “Mas não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos, antes, por estar o vosso nome escrito nos céus” (Lc 10: 20).

Percebe-se nesse texto do Evangelho que a despeito de ser Jesus o Governador espiritual do Planeta, não dispensa a cooperação de servidores que, à semelhança de “batedores”, seguem à frente anunciando a *Boa Nova*.

Jesus [...] não prescinde da participação de outros Espíritos de condição espiritual inferior a dele para o desenvolvimento de sua tarefa. [...] Em tarefa de redenção espiritual de elevado porte, faz-se acompanhar de uma falange invisível e de um punhado de homens e mulheres carregando consigo conquistas e débitos espirituais. Atua em conjunto, investindo no potencial do grupo, ainda que reconhecesse suas fragilidades. Dá o apoio, mas deixa que cada um cumpra a cota de serviço necessária ao processo de crescimento individual e coletivo.³

Outro ponto relevante, evidenciado nessa passagem evangélica, diz respeito às instruções que Jesus transmitiu aos seus discípulos. O Mestre não se limita a dizer-lhes “o que fazer” mas, também, “o como fazer”, tendo em vista as diferentes situações que surgiriam na execução do trabalho. O êxito da missão foi, assim, garantido tanto pelas sábias orientações prestadas pelo Senhor quanto pelo esforço dos discípulos em cumpri-las.

Os [...] os grandes operários da Espiritualidade; cheios de coragem e de austeridade, sulcaram as estradas de vila em vila, de aldeia em aldeia,

sem se preocuparem com haveres, com roupas, com bolsas, com alforjes nem com sandálias, no cumprimento das ordens que receberam, já curando enfermos e levando a paz às multidões sufocadas pelas tribulações, já anunciando à viva voz e sem desejar outros valores, a chegada do Reino de Deus, que, deveria dominar os corações.⁴

É, pois, necessário o desenvolvimento de valores morais para sermos considerados discípulos de Jesus: “desinteresse, abnegação, sacrifício, mansidão, coragem, dignidade, humildade, amor [...]”⁴

A lição evangélica nos faz refletir também sobre a carência de liderança positiva no mundo atual. As pessoas, em geral, estão muito envolvidas com aquisição de bens transitórios.

A ausência de objetivos superiores é um dos grandes males humanos. Estacionados na rotina, os homens tendem a preocupar-se com ninharias, emprestando demasiada importância a acontecimentos banais, a fenômenos naturais de desgaste orgânico e ao procedimento alheio, transformando-se em eternos inquietos, em doentes crônicos e amigos da maledicência. Quando resolvem mudar, não cogitam de olhar para o Alto. Preferem descer ao rés-do-chão, resvalando para a inconstância e o vício.⁵

Em razão da nossa acanhada evolução, moral e intelectual, ainda nos empenhamos em servir a Jesus por meio de práticas exteriores, adiando para o grande amanhã a verdadeira transformação íntima.

Também nós, sensibilizados com os propósitos de elevação, permanecemos vinculados aos dispositivos da Boa Nova. No entanto, aguarda o Mestre que as atitudes exteriores de seus seguidores possam, um dia, acionarem-se objetivamente, despreendendo seus corações das imantações milenares, mediante decisiva disposição de se elevarem espiritualmente.²

2.2 A missão dos quinhentos discípulos da Galileia

Depois do Calvário, verificadas as primeiras manifestações de Jesus no cenáculo singelo de Jerusalém, apossara-se de todos os amigos sinceros do Messias uma saudade imensa de sua palavra e de seu convívio. A maioria deles se apegava aos discípulos, como que querendo reter as últimas expressões de sua mensagem carinhosa e imortal. [...] Foi quando Simão Pedro e alguns outros salientaram a necessidade do

regresso a Cafarnaum, para os labores indispensáveis da vida. Em breves dias, as velhas redes mergulhavam de novo no Tiberiades, por entre as cantigas rústicas dos pescadores. [...] Mas, ao pé do monte onde o Cristo se fizera ouvir algumas vezes, exalçando as belezas do Reino de Deus e da sua justiça, reuniam-se invariavelmente todos os antigos seguidores mais fiéis, que se haviam habituado ao doce alimento de sua palavra inesquecível. [...] Numa tarde de azul profundo, a reduzida comunidade de amigos do Messias, ao lado da pequena multidão, reuniu-se em preces, no sítio solitário. João havia comentado as promessas do Evangelho, enquanto na encosta se amontoava a assembleia dos fiéis seguidores do Mestre. Viam-se, ali, algumas centenas de rostos embevecidos e ansiosos. Eram romanos de mistura com judeus desconhecidos, mulheres humildes conduzindo os filhos pobres e descalços, velhos respeitáveis, cujos cabelos alvejavam da neve dos repetidos invernos da vida.¹⁰

As tradições cristãs nos relatam que, naquele dia, Jesus apareceu a aproximadamente quinhentas pessoas — denominadas, mais tarde, de *Os Quinhentos da Galileia* —, prestando-lhes os seguintes esclarecimentos:

— Amados [...] —, eis que retorno a vida em meu Pai para regressar à luz do meu Reino!... Enviei meus discípulos como ovelhas ao meio de lobos e vos recomendo que lhes sigais os passos no escabroso caminho. Depois deles, é a vós que confio a tarefa sublime da redenção pelas verdades do Evangelho. Eles serão os semeadores, vós sereis o fermento divino. Instituo-vos os primeiros trabalhadores, os herdeiros iniciais dos bens divinos. Para entrardes na posse do tesouro celestial, muita vez experimentareis o martírio da cruz e o fel da ingratidão... Em conflito permanente com o mundo, estareis na Terra, fora de suas leis implacáveis e egoísticas, até que as bases do meu Reino de concórdia e justiça se estabeleçam no espírito das criaturas. Negai-vos a vós mesmos, como neguei a minha própria vontade na execução dos desígnios de Deus, e tomai a vossa cruz para seguir-me.¹¹

Assinalando na mente e no coração os seus ensinamentos imorredouros, e voltando o olhar para o futuro o Mestre lhes alerta:

Séculos de luta vos esperam na estrada universal. É preciso imunizar o coração contra todos os enganos da vida transitória, para a soberana grandeza da vida imortal. Vossas sendas estarão repletas de fantasmas

de aniquilamento e de visões da morte. O mundo inteiro se levantará contra vós, em obediência espontânea às forças tenebrosas do mal, que ainda lhes dominam as fronteiras. Sereis escarnecidos e aparentemente desamparados; a dor vos assolará as esperanças mais caras; andareis esquecidos na Terra, em supremo abandono do coração. Não participareis do venenoso banquete das posses materiais, sofrereis a perseguição e o terror, tereis o coração coberto de cicatrizes e de ultrajes. A chaga é o vosso sinal, a coroa de espinhos o vosso símbolo, a cruz o recurso ditoso da redenção. Vossa voz será a do deserto, provocando, muitas vezes, o escárnio e a negação da parte dos que dominam na carne precível. Mas, no desenrolar das batalhas incruentas do coração, quando todos os horizontes estiverem abafados pelas sombras da crueldade, dar-vos-ei da minha paz, que representa a água viva. Na existência ou na morte do corpo, estareis unidos ao meu Reino.¹²

Prosseguindo nas suas orientações, Jesus enfatiza:

Amados, eis que também vos envio como ovelhas aos caminhos obscuros e ásperos. Entretanto, nada temais! Sede fiéis ao meu coração, como vos sou fiel, e o bom ânimo representará a vossa estrela! Ide ao mundo, onde teremos que vencer o mal! Aperfeiçoemos a nossa escola milenária, para que aí seja interpretada e posta em prática a lei de amor do nosso Pai, em obediência feliz à sua vontade augusta!¹³

Esclarece-nos o Espírito Humberto de Campos que, a partir daquela “[...] noite de imperecível recordação, foi confiado aos quinhentos da Galileia o serviço glorioso da evangelização das coletividades terrestres, sob a inspiração de Jesus Cristo.”¹⁴

[...] Mal sabiam eles, na sua mísera condição humana, que a palavra do Mestre alcançaria os séculos do porvir. E foi assim que, representando o fermento renovador do mundo, eles reencarnaram em todos os tempos, nos mais diversos climas religiosos e políticos do planeta, ensinando a Verdade e abrindo novos caminhos de luz, por meio dos bastidores eternos do Tempo.

Foram eles os primeiros a transmitir a sagrada vibração de coragem e confiança aos que tombaram nos campos do martírio, semeando a fé no coração pervertido das criaturas. Nos circos da vaidade humana, nas fogueiras e nos suplícios, ensinaram a lição de Jesus, com resignado heroísmo. Nas Artes e nas Ciências, plantaram concepções novas de despreendimento do mundo e de belezas do Céu e, no seio das mais

variadas religiões da Terra, continuam revelando o desejo do Cristo, que é de união e de amor, de fraternidade e concórdia.

Na qualidade de discípulos sinceros e bem-amados, desceram aos abismos mais tenebrosos, redimindo o mal com os seus sacrifícios purificadores, convertendo, com as luzes do Evangelho, à corrente da redenção, os Espíritos mais empedernidos. Abandonados e desprotegidos na Terra, eles passam, edificando no silêncio as magnificências do Reino de Deus, nos países dos corações e, multiplicando as notas de seu cântico de glória por entre os que se constituem instrumentos sinceros do bem com Jesus Cristo, formam a caravana sublime que nunca se dissolverá.¹⁴

Cedo ou tarde a Humanidade terá que optar por Jesus, mantendo-se fiel ao seu Evangelho.

— Na causa de Deus, a fidelidade deve ser uma das primeiras virtudes. Onde o filho e o pai que não desejam estabelecer, como ideal de união, a confiança integral e recíproca? Nós não podemos duvidar da fidelidade do nosso Pai para conosco. Sua dedicação nos cerca os espíritos, desde o primeiro dia. Ainda não o conhecíamos e já Ele nos amava. E, acaso, poderemos desdenhar a possibilidade da retribuição? [...]⁷

A respeito deste assunto, relata ainda o Espírito Humberto de Campos que, em diálogo com Jesus, Judas Tadeu inquiriu do Mestre: “De que modo, porém, se há de viver como homem e como apóstolo do Reino de Deus na face deste mundo?”⁸

A resposta de Jesus, luminosa e firme, como não poderia deixar de ser, foi:

— Em verdade [...] ninguém pode servir, simultaneamente, a dois senhores. Fora absurdo viver ao mesmo tempo para os prazeres condenáveis da Terra e para as virtudes sublimes do Céu. O discípulo da Boa Nova tem de servir a Deus, servindo à sua obra neste mundo. Ele sabe que se acha a laborar com muito esforço num grande campo, propriedade de seu Pai, que o observa com carinho e atenta com amor nos seus trabalhos. [...] É certo que as forças destruidoras reclamarão a indiferença e a submissão do filho de Deus; mas o filho de coração fiel a seu Pai se lança ao trabalho com perseverança e boa vontade. Entrará em luta silenciosa com o meio, sofrer-lhe-á os tormentos com heroísmo espiritual, por amor do Reino que traz no coração plantará uma

flor na qual haja um espinho; abrirá uma senda, embora estreita, em que estejam em confusão os parasitos da Terra; cavará pacientemente, buscando as entranhas do solo, para que surja uma gota de água onde queime um deserto. Do íntimo desse trabalhador brotará sempre um cântico de alegria, porque Deus o ama e segue com atenção.⁸

Esses edificantes esclarecimentos nos conduzem a outro diálogo de Jesus com um dos apóstolos, no caso, com André. Este apóstolo perguntou a Jesus: “Como poderei ser fiel a Deus, estando enfermo?” Obteve do Senhor a seguinte resposta à sua indagação:

[...] Nos dias de calma, é fácil provar-se fidelidade e confiança. Não se prova, porém, dedicação, verdadeiramente, senão nas horas tormentosas, em que tudo parece contrariar e perecer. [...]

André, se algum dia teus olhos se fecharem para a luz do Terra, serve a Deus com a tua palavra e com os teus ouvidos; se ficares mudo, toma, assim mesmo, a charrua, valendo-te das tuas mãos. Ainda que ficasses privado dos olhos e da palavra, das mãos e dos pés, poderias servir a Deus com a paciência e a coragem, porque a virtude é o verbo dessa fidelidade que nos conduzirá ao amor dos amores!⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21, item 9, p. 366-367.
2. GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL. *Luz imperecível*. Estudo interpretativo do evangelho à luz da doutrina espírita. Coordenação de Honório Onofre de Abreu. Edição comemorativa aos 40 anos do Grupo Espírita Emmanuel, Belo Horizonte: Grupo Espírita Emmanuel, 1997. Cap. 171 (Trabalho e redenção), p. 469.
3. PEREIRA, Sandra B. *Refletindo sobre Jesus e os recursos humanos*. <http://www.fern.org.br/artigoago.htm>
4. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001, Cap. 15 (A missão dos setenta), p. 106.
5. SIMONETTI, Richard. *Para viver a grande mensagem*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Item: Para abrir alas, p. 103.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14 (A edificação cristã), item: Os primeiros cristãos, p. 121-122.
7. _____. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 33. ed. Rio de Janeiro, 2005. Cap. 6 (Fidelidade a Deus), p.44. 8.
8. _____. _____. p. 47.

9. _____. _____. p. 48.
10. _____. _____. Cap. 29 (Os quinhentos da Galileia), p. 190-191.
11. _____. _____. p. 192-193.
12. _____. _____. p. 193.
13. _____. _____. p. 194.
14. _____. _____. p. 195.
15. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 58 (Discípulos), p. 145-146.
16. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 1ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 13 (A mensagem cristã), p. 60-61.

Orientações ao monitor

Solicitar aos participantes que se organizem em grupos, cabendo-lhes a tarefa de elaborar um mural, de forma que os grupos apresentem as principais características: a) dos verdadeiros discípulos de Jesus; b) da missão dos *Setenta Discípulos*; c) da missão dos *Quinhentos Discípulos da Galileia*.

O CRISTIANISMO

Roteiro 9

A ÚLTIMA CEIA

Objetivos

- » Identificar os principais ensinamentos e orientações transmitidos por Jesus na última ceia.
- » Interpretar à luz do Espiritismo acontecimentos significativos que ocorreram antes da crucificação de Jesus.

Ideias principais

- » *E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e, com ele, os doze apóstolos. E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça, porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus. E, tomando o cálice e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós, porque vos digo que já não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus. E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós (LUCAS, 22:14-20).*
- » *Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa. E, na verdade, o Filho do Homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído! E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isso (LUCAS, 22: 21-23).*

- » *Levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois, pôs água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido (JOÃO, 13:4-5).*
- » *Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós [...] (JOÃO 13:34).*
- » *Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa do Pai há muitas moradas; se não fosse assim eu vo-lo teria dito, pois vou prepararvos o lugar (JOÃO 14:1-2).*
- » *Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre [...] (JOÃO, 14:15-16).*

Subsídios

1. A última ceia

A última ceia de Jesus com os seus apóstolos representa mais um apelo do Mestre à vivência da lei de amor, segundo os princípios da verdadeira fraternidade que devem reinar na Humanidade. Nessa ceia, o Mestre transmite também orientações finais aos discípulos, anuncia acontecimentos e empenha, mais uma vez, o seu amor e proteção a todos que o aceitarem como orientador maior.

Jesus, ao iniciar a última ceia destaca a sua importância: “E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e, com Ele, os doze apóstolos. E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça, porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus. E, tomando o cálice e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti-o entre vós, porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus. E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós (LUCAS, 22:14-20).

— Amados — disse Jesus, com emoção —, está muito próximo o nosso último instante de trabalho em conjunto e quero reiterar-vos as minhas recomendações de amor, feitas desde o primeiro dia do apostolado. Este pão significa o do banquete do Evangelho; este vinho é o sinal do

espírito renovador dos meus ensinamentos. Constituirão o símbolo de nossa comunhão perene, no sagrado idealismo do amor, com que operaremos no mundo até o último dia. Todos os que partilharem conosco, através do tempo, desse pão eterno e desse vinho sagrado da alma, terão o espírito fecundado pela luz gloriosa do Reino de Deus, que representa o objetivo santo dos nossos destinos.⁷

O simbolismo do pão e do vinho, que seria posteriormente incorporado ao ritual da missa católica, sob o nome de eucaristia, tem significado específico, segundo o Espiritismo.

A verdadeira eucaristia evangélica não é a do pão e do vinho materiais, como pretende a igreja de Roma, mas, a identificação legítima e total do discípulo com Jesus, de cujo ensino de amor e sabedoria deve haurir a essência profunda, para iluminação dos seus sentimentos e do seu raciocínio, através de todos os caminhos da vida.¹⁴

A mensagem evangélica demonstra claramente, ainda que sob o véu do símbolo, que Jesus não estava fazendo referência ao pão, alimento material, nem ao vinho, “[...] mas de sua doutrina, que é o alimento do Espírito, e precisa ser repartido com todos, para que todos os Espíritos não sintam fome de conhecimentos religiosos; para que todos sejam saciados com esse Pão que nos dá um corpo novo, incorruptível, imortal.”²²

Cairbar Schutel esclarece assim:

As duas espécies: *pão* e *vinho*, não são mais que alegorias, que dão ideia da *letra* e do *espírito*; assim como a *carne* e o *sangue* especificam a mesma ideia: *letra* e *espírito*. Queria Jesus mais uma vez lembrar a seus discípulos que o seu corpo — que é a sua Doutrina — não pode ser assimilada unicamente à letra, mas precisa ser estudada e compreendida em *espírito* e *verdade* [...].²

Os registros existentes no plano espiritual nos fornecem detalhes a respeito dos fatos acontecidos naquele dia inesquecível, de conformidade com as anotações do Espírito Humberto de Campos.

Reunidos os discípulos em companhia de Jesus, no primeiro dia das festas da Páscoa, como de outras vezes, o Mestre partiu o pão com a costumeira ternura. Seu olhar, contudo, embora sem trair a serenidade de todos os momentos, apresentava misterioso fulgor, como se sua alma, naquela instante, vibrasse ainda mais com os altos planos do Invisível.

[...]

Em dado instante, tendo-se feito longa pausa entre os amigos palra-
dores, o Messias acentuou com firmeza impressionante:

— Amados, é chegada a hora em que se cumprirá a profecia da Escritura. Humilhado e ferido, terei de ensinar em Jerusalém a necessidade do sacrifício próprio, para que não triunfe apenas uma espécie de vitória, tão passageira quanto as edificações do egoísmo ou do orgulho humanos. Os homens têm aplaudido, em todos os tempos, as tribunas douradas, as marchas retumbantes dos exércitos que se glorificaram com despojos sangrentos, os grandes ambiciosos que dominaram à força o espírito inquieto das multidões; entretanto, eu vim de meu Pai para ensinar como triunfam os que tombam no mundo, cumprindo um sagrado dever de amor, como mensageiros de um mundo melhor, onde reinam o bem e a verdade. Minha vitória é a dos que sabem ser derrotados entre os homens, para triunfarem com Deus, na divina construção de suas obras, imolando-se, com alegria, para a glória de uma vida maior.⁵

Lucas afirma que, em seguida, Jesus anuncia a traição que lhe aconteceria: “Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa. E, na verdade, o Filho do Homem vai segundo o que está determinado; mas ai daquele homem por quem é traído! E começaram a perguntar entre si qual deles seria o que havia de fazer isso” (Lucas, 22:21-23).

O impacto de tais palavras provocou angústias e ansiedades nos apóstolos. O Mestre, porém, lhes tranquiliza, dizendo:

— Não vos perturbeis com as minhas afirmativas, porque, em verdade, um de vós outros me há de trair!... As mãos, que eu acariciei, voltam-se agora contra mim. Todavia, minha alma está pronta para execução dos desígnios de meu Pai.

A pequena assembleia fez-se lívida. Com exceção de Judas, que entabulara negociações particulares com os doutores do Templo, faltando apenas o ato do beijo, a fim de consumir-se a sua defecção, ninguém poderia contar com as palavras amargas do Messias. Penosa sensação de mal-estar se estabelecera entre todos. O filho de Iscariotes fazia o possível por dissimular as suas dolorosas impressões, quando os companheiros se dirigiam ao Cristo com perguntas angustiadas:

— Quem será o traidor? — disse Filipe, com estranho brilho nos olhos.

— Serei eu? — indagou André ingenuamente.

— Mas, afinal — objetou Tiago, filho de Alfeu, em voz alta —, onde está Deus que não conjura semelhante perigo?

Jesus, que se mantivera em silêncio ante as primeiras interrogações, ergueu o olhar para o filho de Cleofas e advertiu:

Tiago, faze calar a voz de tua pouca confiança na sabedoria que nos rege os destinos. Uma das maiores virtudes do discípulo do Evangelho é a de estar sempre pronto ao chamado da Providência divina. Não importa onde e como seja o testemunho de nossa fé. O essencial é revelarmos a nossa união com Deus, em todas as circunstâncias. É indispensável não esquecer a nossa condição de servos de Deus, para bem lhe atendermos ao chamado, nas horas de tranquilidade ou de sofrimento.

A esse tempo, havendo-se calado novamente o Messias, João interveio, perguntando:

— Senhor, compreendo a vossa exortação e rogo ao Pai a necessária fortaleza de ânimo; mas, por que motivo será justamente um dos vossos discípulos o traidor de vossa causa? Já nos ensinastes que, para se eliminarem do mundo os escândalos, outros escândalos se tornam necessários; contudo, ainda não pude atinar com a razão de um possível traidor em nosso próprio colégio de edificação e de amizade.⁶

Judas Iscariotes passou para História como o traidor do Cristo. (JOÃO, 13:21-30). Entretanto, o apóstolo amava profundamente Jesus, jamais imaginando que o Mestre seria aprisionado, condenado e crucificado. Isso não lhe passara pela cabeça. Foi um discípulo que se deixou levar pelas ilusões do mundo. Não conseguiu compreender a profundidade da mensagem cristã. Entendia que o Evangelho somente poderia “[...] vencer com o amparo dos prepostos de César ou das autoridades administrativas de Jerusalém”.³ Na sua concepção o Messias deveria deter em suas mãos todos os poderes, não compreendendo que: “As ideias do Mestre são do Céu e seria sacrilégio misturarmos a sua pureza com as organizações viciadas do mundo!...”⁴

O Espírito Irmão X também explica:

Não obstante amoroso, Judas era, muita vez, estouvado e inquieto. Apaixonara-se pelos ideais do Messias, e, embora esposasse os novos princípios, em muitas ocasiões surpreendia em choque contra Ele. Sentia-se dono da Boa Nova e, pelo desvairado apego a Jesus, quase sempre lhe tomava a dianteira nas deliberações importantes.¹⁰

Entretanto, conhecendo-lhe as fraquezas, Jesus sempre permaneceu “em missão de auxílio a Judas.”¹¹

2. Ensinos e orientações de Jesus pronunciados na última ceia

» Advento de outro consolador

Jesus identifica a sinceridade nos pronunciamentos dos apóstolos, relativa ao anúncio da traição. Percebe, porém, que eles ainda não têm condições de compreenderem os acontecimentos em toda a sua extensão. Prorroga essa compreensão para o futuro, anunciando-lhes o advento de outro consolador, que lhes forneceria todos os esclarecimentos: “Se me amardes guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia, conhecereis que estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a Ele. [...] Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (JOÃO, 14:14-21; 26).

Jesus promete outro consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo há dito. [...]

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados filhos da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

[...]

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.¹

» O maior será menor no Reino dos céus

Concluídas as elucidações sobre o pão e o vinho, e o anúncio da traição, os apóstolos começaram a discutir quem, entre eles, seria o maior: “E houve entre eles contenda. E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Mas não sereis vós assim; antes, o maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve. Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós, sou como aquele que serve” (LUCAS, 22:24-27).

Altamente tocados pelas suas exortações solenes, porém, maravilhados ainda mais com as promessas daquele reinado venturoso e sem-fim, que ainda não podiam compreender claramente, a maioria dos discípulos começou a discutir as aspirações e conquistas do futuro.

Enquanto Jesus se entretinha com João, em observações afetuosas, os filhos de Alfeu examinavam com Tiago as possíveis realizações dos tempos vindouros, antecipando opiniões sobre qual dos companheiros poderia ser o maior de todos, quando chegasse o Reino com as suas inauditas grandiosidades. Filipe afirmava a Simão Pedro que, depois do triunfo, todos deviam entrar em Nazaré para revelar aos doutores e aos ricos da cidade a sua superioridade espiritual. Levi dirigia-se a Tomé e lhe fazia sentir que, verificada a vitória, se lhes constituía uma obrigação a marcha para o Templo ilustre, em que exibiriam seus poderes supremos. Tadeu esclarecia que o seu intento era dominar os mais fortes e impenitentes do mundo, para que aceitassem, de qualquer modo, a lição de Jesus.

O Mestre interrompera a sua palestra íntima com João, e os observava. As discussões iam acirradas. As palavras “maior de todos” soavam insistentemente aos seus ouvidos. Parecia que os componentes do sagrado colégio estavam na véspera da divisão de uma conquista material e, como os triunfadores do mundo, cada qual desejava a maior parte da presa. Com exceção de Judas, que se fechava num silêncio sombrio, quase todos discutiam com veemência. Sentindo-lhes a incompreensão, o Mestre pareceu contemplá-los com entristecida piedade.⁸

» Jesus exemplifica que o maior discípulo é o que se torna servidor

“Levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois, pôs água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim?

Respondeu Jesus e disse-lhe: O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Porque bem sabia ele quem o havia de trair; por isso, disse: Nem todos estais limpos. Depois que lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes: Entendeis o que vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Se sabeis essas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (JOÃO, 13: 4-17).

Entregando-se a esse ato [lavar os pés dos apóstolos], queria o divino Mestre testemunhar às criaturas a suprema lição da humildade, demonstrando, ainda uma vez, que, na coletividade cristã, o maior para Deus seria sempre aquele que se fizesse o menor de todos.¹²

Da mesma forma, ao cingir o corpo com a toalha, reproduz Jesus a forma de agir dos escravos, em relação aos seus senhores. Na verdade, “[...] quis proceder desse modo para revelar-se o escravo pelo amor à Humanidade [...], na abnegação e no sacrifício supremos”.¹³

» Jesus anuncia novo mandamento

Em dois momentos, na última ceia, Jesus expressa que o amor deve ser o fundamento que deve guiar as relações dos seus discípulos: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (JOÃO, 13:34-35).

“O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (JOÃO, 15:12-13).

» Jesus destaca o valor da confiança no seu amor e na sua proteção

Jesus esclarece que o amor deve estar fundamentado na confiança, mesmo perante as adversidades: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim

mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também. Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho. Disse-lhe Tomé: Senhor, nós não sabemos para onde vais e como podemos saber o caminho? Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis e o tendes visto. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta. Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (JOÃO, 14:1-14).

» Jesus é o caminho, e a verdade e a vida

Cedo ou tarde iremos compreender que somente por Jesus atingiremos o estágio de Espíritos iluminados.

Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Sua luz imperecível brilha sobre os milênios terrestres, como o Verbo do princípio, penetrando o mundo, há quase vinte séculos. Lutas sangüinárias, guerras de extermínio, calamidades sociais não lhe modificaram um til nas palavras que se atualizam, cada vez mais, com a evolução multiforme da Terra. Tempestades de sangue e lágrimas nada mais fizeram que avivar-lhes a grandeza. Entretanto, sempre tardios no aproveitamento das oportunidades preciosas, muitas vezes, no curso das existências renovadas, temos desprezado o Caminho, indiferentes ante os patrimônios da Verdade e da Vida.

O Senhor, contudo, nunca nos deixou desamparados. Cada dia reforma os títulos de tolerância para com as nossas dívidas; todavia, é de nosso próprio interesse levantar o padrão da vontade, estabelecer disciplinas para uso pessoal e reeducar a nós mesmos, ao contato do Mestre divino. Ele é o amigo generoso, mas tantas vezes lhe olvidamos o conselho que somos suscetíveis de atingir obscuras zonas de adiamento indefinível de nossa iluminação interior para a vida eterna.¹⁵

» Jesus é a videira

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda vara em mim que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto,

para que dê mais fruto. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem. Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos” (JOÃO, 15:1-8).

Jesus é o bem e o amor do princípio. Todas as noções generosas da Humanidade nasceram de sua divina influência. Com justiça, asseverou aos discípulos, nesta passagem do Evangelho de João, que seu espírito sublime representa a árvore da vida e seus seguidores sinceros as frondes promissoras, acrescentando que, fora do tronco, os galhos se secariam, caminhando para o fogo da purificação. Sem o Cristo, sem a essência de sua grandeza, todas as obras humanas estão destinadas a perecer.

A ciência será frágil e pobre sem os valores da consciência, as escolas religiosas estarão condenadas, tão logo se afastem da verdade e do bem. Infinita é a misericórdia de Jesus nos movimentos da vida planetária. No centro de toda expressão nobre da existência pulsa seu coração amoroso, repleto da seiva do perdão e da bondade.

Os homens são varas verdes da árvore gloriosa. Quando traem seus deveres, secam-se porque se afastam da seiva, rolam ao chão dos desenganos, para que se purifiquem no fogo dos sofrimentos reparadores, a fim de serem novamente tomados por Jesus, à conta de sua misericórdia, para a renovação. É razoável, portanto, positivemos nossa fidelidade ao divino Mestre, refletindo no elevado número de vezes em que nos ressecamos, no passado, apesar do imenso amor que nos sustenta em toda a vida.¹⁶

» O valor da prece

Concluídas as orientações aos apóstolos, Jesus se retira para orar a Deus. Segue para o Horto das Oliveiras (Getsêmani) acompanhado de Pedro, João e Tiago Maior. Mais tarde, Judas os encontraria, vindo acompanhado dos oficiais e soldados dos principais sacerdotes que iriam aprisioná-lo (JOÃO, 18: 1-11).

Antes de se entregar à elevadas vibrações da prece, Jesus pede aos três apóstolos para orarem em conjunto.

— Esta é a minha derradeira hora convosco! Orai e vigiai comigo, para que eu tenha a glorificação de Deus no supremo testemunho!

Assim dizendo, afastou-se, a pequena distância, onde permaneceu em prece, cuja sublimidade os apóstolos não podiam observar. Pedro, João e Tiago [Maior] estavam profundamente tocados pelo que viam e ouviam. Nunca o Mestre lhes parecera tão solene, tão convicto, como naquele instante de penosas recomendações. Rompendo o silêncio que se fizera, João ponderou:

— Oremos e vigiemos, de acordo com a recomendação do Mestre, pois, se Ele aqui nos trouxe, apenas nós três, em sua companhia, isso deve significar para o nosso espírito a grandeza da sua confiança em nosso auxílio.

Puseram-se a meditar silenciosamente. Entretanto, sem que lograssem explicar o motivo, adormeceram no decurso da oração.⁹

No momento em que Jesus vai ser preso, ocorre o conhecido episódio de Pedro cortar a orelha direita de Malco, servo do sumo sacerdote. Jesus aproveita o ensejo para nos legar mais uma das suas preciosas lições quando, repreendendo o apóstolo, anuncia: “Mete a tua espada na bainha; não beberei eu o cálice que o Pai me deu?” (JOÃO, 18:11).

Sustentando a contenda com o próximo, destruidora tempestade de sentimentos nos desarvora o coração. Ideais superiores e aspirações sublimes longamente acariciados por nosso espírito, construções do presente para o futuro e plantações de luz e amor, no terreno de nossas almas, sofrem desabamento e desintegração, porque o desequilíbrio e a violência nos fazem tremer e cair nas vibrações do egoísmo absoluto que havíamos relegado à retaguarda da evolução.

Depois disso, muitas vezes devemos atravessar aflitivas existências de expiação para corrigir as brechas que nos aviltam o barco do destino, em breves momentos de insânia... Em nosso aprendizado cristão, lembremo-nos da palavra do Senhor: “Embainha tua espada...”

Alimentando a guerra com os outros, perdemo-nos nas trevas exteriores, esquecendo o bom combate que nos cabe manter em nós mesmos.

Façamos a paz com os que nos cercam, lutando contra as sombras que ainda nos perturbam a existência, para que se faça em nós o reinado da luz. De lança em riste, jamais conquistaremos o bem que desejamos. A cruz do Mestre tem a forma de uma espada com a lâmina voltada

para baixo. Recordemos, assim, que, em se sacrificando sobre uma espada simbólica, devidamente ensarilhada, é que Jesus conferiu ao homem a bênção da paz, com felicidade e renovação.¹⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 6 (O Cristo consolador), item 4, p. 140-141.
2. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 13. ed. Matão, SP: O Clarim. 2000. Item: A ceia pascoal, p. 258.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 24 (A ilusão do discípulo), p. 160.
4. _____. _____. p. 161.
5. _____. _____. Cap. 25 (A última ceia), p. 165-166.
6. _____. _____. p. 166-167.
7. _____. _____. p. 168.
8. _____. _____. p. 169-170.
9. _____. _____. Cap. 27 (A oração do horto), p. 180.
10. _____. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.44 (Do aprendizado de Judas), p.187.
11. _____. *Pontos e contos*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB. Cap. 35 (Nas palavras do caminho), p. 186.
12. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 314, p. 182.
13. _____. _____. Questão 315, p. 182.
14. _____. _____. Questão 318, p. 183.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB. 2006. Item: Interpretação dos textos sagrados (Introdução do livro), p. 13-14.
16. _____. _____. Cap. 55 (As varas da videira), p. 125-126.
17. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB. 2006. Cap. 114 (Embainha tua espada), p. 291-292.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes que realizem leitura silenciosa dos subsídios deste roteiro, analisando, em seguidas as ideias aí desenvolvidas.

O CRISTIANISMO

Roteiro 10

O CALVÁRIO, A CRUCIFICAÇÃO E A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Objetivos

- » Relatar os principais acontecimentos ocorridos no calvário, na crucificação e na ressurreição de Jesus, interpretando-os à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » *E os que prenderam Jesus o conduziram à casa do sumo sacerdote Caifás, onde os escribas e os anciãos estavam reunidos (MATEUS, 26:57).*
- » *E foi Jesus apresentado ao governador, e o governador o interrogou, dizendo: És tu o Rei dos judeus? E disse-lhe Jesus: Tu o dizes. E, sendo acusado pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu (MATEUS, 27:11-12).*
- » *Disse-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Disseram-lhe todos:
Seja crucificado! O governador, porém, disse: Mas que mal fez ele? E eles mais clamavam, dizendo: Seja crucificado! Então, Pilatos, vendo*

que nada aproveitava, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste justo; considerai isso. E, respondendo todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos (MATEUS, 27:22-25).

- » *E, despiendo-o, cobriram com uma capa escarlate. E, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, em sua mão direita, uma cana; e, ajoelhando diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus! E, cuspido nele, tiraram-lhe a cana e batiam-lhe com ela na cabeça. E, depois de o haverem escarnecido, tiraram-lhe a capa, vestiram-lhe as suas vestes e o levaram para ser crucificado. E, quando saíam, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz. E, chegando ao lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, deram-lhe a beber vinho misturado com fel; mas ele, provando-o, não quis beber (MATEUS, 27:28-34).*
- » *E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras (MATEUS, 27:50-51).*
- » *Após a crucificação e sepultamento do corpo de Jesus (MARCOS, 15:27-37, 42-47), o Senhor ressuscita, aparecendo a Maria de Madalena, aos apóstolos e a alguns discípulos (JOÃO, 20:11-31; 21:1-20).*

Subsídios

1. O calvário de Jesus

O calvário de Jesus começa quando Ele é aprisionado, no Getsêmani (Horto das Oliveiras), no momento em que orava na companhia de Pedro, João, e seu irmão Tiago (LUCAS, 22:39; MATEUS, 26:36-41; JOÃO, 18:1-11).

Nesse momento, os soldados e oficiais romanos chegam acompanhados de sacerdotes, assim como do apóstolo Judas Iscariotes. Este se aproxima do Mestre, beija-o na face para ser identificado pelas autoridades presente (LUCAS, 22:47-48).

Em seguida à prisão de Jesus, os apóstolos se revelam apreenhivos, temendo que alguma coisa ruim poderia lhes acontecer. Pedro,

inclusive, nega conhecer Jesus quando, por três vezes, é inquirido, conforme Jesus tinha previsto (LUCAS, 22:54-62; JOÃO, 13:38).

A negação de Pedro serve para significar a fragilidade das almas humanas, perdidas na invigilância e na despreocupação da realidade espiritual, deixando-se conduzir, indiferentemente, aos torvelinhos mais tenebrosos do sofrimento, sem cogitarem de um esforço legítimo e sincero, na definitiva edificação de si mesmas.¹⁴

A excelsitude do Espírito Jesus é especialmente notada durante o seu calvário e crucificação. O amor e a renúncia são expressivamente demonstrados, sobretudo após a traição, a humilhação e o abandono a que foi submetido.

[...] poucos sabem partir, por algum tempo, do lar tranquilo, ou dos braços adorados de uma afeição, por amor ao Reino que é o tabernáculo da vida eterna! Quão poucos saberão suportar a calúnia, o apodo, a indiferença, por desejarem permanecer dentro de suas criações individuais, cerrando ouvidos à advertência do Céu para que se afastem tranquilamente!... [...] os discípulos necessitam aprender a partir e a esperar aonde as determinações de Deus os conduzam, porque a edificação do Reino do céu no coração dos homens deve constituir a preocupação primeira, a aspiração mais nobre da alma, as esperanças centrais do Espírito!...⁹

Aprisionado, Jesus foi conduzido pelos mensageiros dos sacerdotes, manietando-lhe as mãos, como se ele fosse um criminoso vulgar.¹⁰

Depois das cenas descritas com fidelidade nos Evangelhos, observamos as disposições psicológicas dos discípulos, no momento doloroso. Pedro e João foram os últimos a se separarem do Mestre bem-amado, depois de tentarem fracos esforços pela sua libertação.

No dia seguinte, os movimentos criminosos da turba arrefeceram o entusiasmo e o devotamento dos companheiros mais enérgicos e decididos na fé. As penas impostas a Jesus eram excessivamente severas para que fossem tentados a segui-lo. Da Corte Provincial ao palácio de Ântipas, viu-se o condenado exposto ao insulto e à zombaria. Com exceção do filho de Zebedeu, que se conservou ao lado de Maria até o instante derradeiro, todos os que integravam o reduzido colégio do Senhor debandaram. Receosos da perseguição, alguns se ocultaram nos sítios próximos, enquanto outros, trocando as túnicas habituais,

seguiram, de longe, o inesquecível cortejo, vacilando entre a dedicação e o temor.

O Messias, no entanto, coroando a sua obra com o sacrifício máximo, tomou a cruz sem uma queixa, deixando-se imolar, sem qualquer reprovação aos que o haviam abandonado na hora última. Conhecendo que cada criatura tem o seu instante de testemunho, no caminho de redenção da existência, observou às piedosas mulheres que o cercavam, banhadas em lágrimas:

— Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e por vossos filhos!...

Exemplificando a sua fidelidade a Deus, aceitou serenamente os desígnios do Céu, sem que uma expressão menos branda contradissesse a sua tarefa purificadora.

Apesar da demonstração de heroísmo e de inextinguível amor, que ofereceu do cimo do madeiro, os discípulos continuaram subjugados pela dúvida e pelo temor, até que a ressurreição lhes trouxesse incomparáveis hinos de alegria.¹¹

Na manhã seguinte, Jesus é levado à presença de Pilatos, o governador romano da Galileia, para ser interrogado.

E Pilatos lhe perguntou: Tu és o Rei dos judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes. E os principais dos sacerdotes o acusavam de muitas coisas, porém ele nada respondia. E Pilatos o interrogou outra vez, dizendo: Nada respondes? Vê quantas coisas testificam contra ti. Mas Jesus nada mais respondeu, de maneira que Pilatos se maravilhava. Ora, no dia da festa costumava soltar-lhes um preso qualquer que eles pedissem. E havia um chamado Barrabás, que, preso com outros amotinadores, tinha num motim cometido uma morte. E a multidão, dando gritos, começou a pedir que fizesse como sempre lhes tinha feito. E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que vos solte o Rei dos judeus? Porque ele bem sabia que, por inveja, os principais dos sacerdotes o tinham entregado. Mas os principais dos sacerdotes incitaram a multidão para que fosse solto antes Barrabás. E Pilatos, respondendo, lhes disse outra vez: Que quereis, pois, que faça daquele a quem chamais Rei dos judeus? E eles tornaram a clamar: Crucifica-o. Mas Pilatos lhes disse: Mas que mal fez? E eles cada vez clamavam mais: Crucifica-o. Então, Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes

Barrabás, e, açoitado Jesus, o entregou para que fosse crucificado (MARCOS, 15: 2-15).

Antes da crucificação, os soldados conduziram Jesus ao Pretório, no interior do palácio governamental, e convocaram toda a coorte. Em seguida, vestiram-no de púrpura e tecendo uma coroa de espinhos, lha impuseram. E começaram a saudá-lo: Salve, rei dos judeus! E batiam-lhe na cabeça com um caniço. Cuspiam nele e, de joelhos, o adoravam. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a púrpura e tornaram a vesti-lo com as suas próprias vestes (MARCOS, 15: 16-20).

Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça dizendo: Ah! tu, que destróis o Templo e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo, descendo da cruz! Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, caçoando dele entre si e com os escribas diziam: A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! O Messias, o Rei de Israel... que desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos! E até os que haviam sido crucificados com ele o ultrajavam (MARCOS, 15: 29-32).

Um dos malfeitores que suspensos à cruz insultava, dizendo: Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo, e a nós. Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: Nem sequer temas a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça, pagarmos por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal. E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino. Ele respondeu: Em verdade, te digo, que hoje estarás comigo no Paraíso (LUCAS, 23: 39-43).

2. A crucificação de Jesus

Proseguindo com os relatos do Evangelho, vimos que Pilatos entregou Jesus para ser crucificado. Ele saiu, carregando sua cruz e chegou ao chamado *Lugar da Caveira* — em hebraico, chamado Gólgota —, onde o crucificaram; e, com Ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos redigiu também um letrero e o fez colocar sobre a cruz; nele estava escrito: “*Jesus, Nazareno, rei dos judeus*. [...] E estava escrito em hebraico, latim e grego” (JOÃO, 19:17-20).

Depois da crucificação os soldados repartiram entre eles, as vestes e a túnica de Jesus. Ora a túnica era inconsútil [peça inteira, sem costura]. Disseram entre si: não a rasguemos, mas, lancemos sorte sobre elas, para ver de quem será” (JOÃO, 19:23-24).

Perto da cruz permaneciam Maria, a mãe de Jesus, sua irmã, mulher de Clopas e Maria Madalena. Vendo Jesus a sua mãe e, próximo a ela, o apóstolo João, disse: “Mulher, eis aí o teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa” (JOÃO, 19:25-27).

Após a crucificação, alguns judeus não querendo permanecer mais tempo ali porque era o dia da Preparação da Páscoa, pediram a Pilatos para autorizar quebrassem as pernas dos crucificados (Jesus e os dois ladrões). Os soldados, porém, transpassaram uma lança no corpo de Jesus, de onde jorrou sangue e água (JOÃO, 19:31-34).

A ingratidão recebida por Jesus, após os inúmeros benefícios que proporcionou, nos conduzem a profundas reflexões. Percebemos, de imediato o sublime amor por todos nós.

[...] o amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensas. A renúncia é o seu ponto de apoio, como o ato de dar é a essência de vida. [...] Todavia, quando a luz do entendimento tardar no espírito daqueles a quem amamos, deveremos lembrar-nos de que temos a sagrada compreensão de Deus, que nos conhece os propósitos mais puros.[...]⁸

Um pouco antes da sua morte, conforme foi mencionado, Jesus entrega Maria aos cuidados de João, filho de Zebedeu. Trata-se de outra valiosa lição, como todas as que o Mestre nos legou.

[...] ensinava que o amor universal era o sublime coroamento de sua obra. Entendeu que, no futuro, a claridade do Reino de Deus revelaria aos homens a necessidade da cessação de todo egoísmo e que, no santuário de cada coração, deveria existir a mais abundante cota de amor, não só para o círculo familiar, senão também para todos os necessitados do mundo, e que no templo de cada habitação permaneceria a fraternidade real, para que a assistência recíproca se praticasse na Terra, sem serem precisos os edifícios exteriores, consagrados a uma solidariedade claudicante.¹²

No momento da morte de Jesus, relata o Evangelho que, à hora sexta, surgiram trevas sobre a Terra, até a hora nona. Jesus, então, dando um grande grito, expirou. E o véu do Santuário (do Templo) se rasgou em duas partes, de cima a baixo. O centurião, que se achava bem defronte dele, vendo que havia expirado deste modo, disse: “Verdadeiramente, este homem era filho de Deus” (MARCOS, 15:33,37-39).

Quanto ao fenômeno das trevas, Kardec nos elucida:

É singular que tais prodígios, operando-se no momento mesmo em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, pois que nenhum historiador os menciona. Parece impossível que um tremor de terra e o ficar toda a Terra envolta em trevas durante três horas, num país onde o céu é sempre de perfeita limpidez, hajam podido passar despercebidos. A duração de tal obscuridade teria sido quase a de um eclipse do Sol, mas os eclipses dessa espécie só se produzem na lua nova, e a morte de Jesus ocorreu em fase de lua cheia, a 14 de Nissan, dia da Páscoa dos judeus. O obscurecimento do Sol também pode ser produzido pelas manchas que se lhe notam na superfície. Em tal caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, porém, nunca ao ponto de determinar obscuridade e trevas. Admitido que um fenômeno desse gênero se houvesse dado, ele decorreria de uma causa perfeitamente natural. [...] Compungidos com a morte de seu Mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida ligaram a essa morte alguns fatos particulares, aos quais noutra ocasião nenhuma atenção houveram prestado. Bastou, talvez, que um fragmento de rochedo se haja destacado naquele momento, para que pessoas inclinadas ao maravilhoso tenham visto nesse fato um prodígio e, ampliando-o, tenham dito que as pedras se fenderam. Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco ponderado entendeu de cercá-lo.¹

Em relação aos sofrimentos de Jesus, Emmanuel acrescenta:

A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais. Homens do mundo, que morreram por uma ideia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal. Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.¹³

Ainda na tormenta dos seus últimos instantes, seu ânimo era de paciência, de benignidade, de compaixão. Já pregado na cruz, tendo o corpo e a alma lanceados, com os pregos a lhe dilacerarem as carnes, e os acúleos da ingratidão a lhe ferirem o espírito, vendo a seus pés, indiferentes ou raivosos, aqueles a quem abençoara, protegera, ensi-

nara e curara, pedia ao Pai que lhes perdoasse, porque eles não sabiam o que estavam fazendo. E assim partiu o Salvador da Humanidade. Este homem, este herói, este mártir, este santo, este Espírito excelso foi que regou com suas lágrimas e seu sangue a árvore hoje bendita do Cristianismo.⁶

3. A ressurreição de Jesus

Os exemplos de Jesus são roteiros que nos ensinam agir perante as provas. No sábado, Maria de Magdala e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem ungir o corpo. De madrugada, no primeiro dia da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do Sol. E diziam entre si: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” E erguendo os olhos, viram que a pedra fora removida. Ora, a pedra era muito grande. Tendo entrado no túmulo, elas viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto. Ele, porém, lhes disse: “Não vos espanteis! Procurais Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito (MARCOS, 16:1-7).

Estava, então, Maria junto ao sepulcro, de fora, chorando. Enquanto chorava, inclinou-se para o interior do sepulcro e viu dois anjos, vestidos de branco, sentados no lugar onde o corpo de Jesus fora colocado, um à cabeceira e outro aos pés. Disseram-lhe então: “Mulher, por que choras?”. Ela lhes diz: “Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram!”. Dizendo isso, voltou-se e viu Jesus de pé. Mas não sabia que era Jesus. Jesus lhe diz: “Mulher, por que choras? A quem procuras?”. Pensando ser o jardineiro, ela lhe diz: “Senhor, se foste tu que o levaste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar!”. Diz-lhe Jesus: “Maria!”. Voltando-se, ela lhe diz em hebraico: “Rabboni!”, que quer dizer Mestre. Jesus lhe diz: “Não me toques, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor, e as coisas que ele lhe disse” (JOÃO, 20: 11-18).

Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis

fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico.²

A ressurreição do Cristo nos oferece oportunas lições.

Jesus [...] essa alma poderosa, que em nenhum túmulo poderia ser aprisionada, aparece aos que na Terra havia deixado tristes, desanimados e abatidos. Vem dizer-lhes que a morte nada é. Com a sua presença lhes restitui a energia, a força moral necessária para cumprirem a missão que lhes fora confiada.

As aparições do Cristo são conhecidas e tiveram numerosos testemunhos. Apresentam flagrantes analogias com as que em nossos dias são observadas em diversos graus, desde a forma etérea, sem consistência, com que aparece à Maria Madalena e que não suportaria o mínimo contato, até a completa materialização, tal como a pôde verificar Tomé, que tocou com a própria mão as chagas do Cristo.³

Após a aparição a Maria Madalena, Jesus reencontra os discípulos: fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: “A paz esteja convosco!” Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor. Ele lhes disse de novo: “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou também eu vos envio”. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo”. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos. Um dos Doze, Tomé, chamado Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus. Os outros discípulos, então, lhe disseram: Vimos o Senhor! Mas ele lhes disse: Se eu não vir em suas mãos o lugar dos cravos e se não puser meu dedo no lugar dos cravos e minha mão no seu lado, não creerei. Oito dias depois, achavam-se os discípulos, de novo, dentro da casa, e Tomé com eles. Jesus veio, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: A paz esteja convosco! Disse depois a Tomé: Põe teu dedo aqui e vê minhas mãos! Estende tua mão e põe-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas crê! Respondeu-lhe

Tomé: Meu Senhor e meu Deus! Jesus lhe disse: Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram! (João, 20: 19-29).

Jesus aparece e desaparece instantaneamente. Penetra numa casa a porta fechadas. Em Emaús conversa com dois discípulos que o não reconhecem, e desaparece repentinamente. Acha-se de posse desse corpo fluídico, etéreo, que há em todos nós, corpo sutil que é o invólucro inseparável de toda alma e que um alto Espírito como o seu sabe dirigir, modificar, condensar, rarefazer à vontade. E a tal ponto o condensa, que se torna visível e tangível aos assistentes.⁴

As provas da ressurreição de Jesus são incontestáveis. Não há como ter dúvidas.

As aparições diárias de Jesus àquela gente que deveria secundá-lo no ministério da divina Lei, haviam abrasado seus corações; e seus suaves e edificantes ensinamentos, cheios de mansidão e humildade, tinham exaltado aquelas almas, elevando-as às culminâncias da espiritualidade, saneando-lhes o cérebro e preparando-os, vasos sagrados, para receber os Espíritos santificados pela Palavra, como antes lhes havia Ele prometido, conforme narra o evangelista João. [...] Avizinhava-se o momento da partida. Ele iria, mas com ampla liberdade de ação. Sempre que lhe aprouvesse viria observar o movimento que se teria de operar entre as “ovelhas desgarradas de Israel”, as quais Ele queria reconduzir ao “sagrado redil”. [...] Deveriam os discípulos identificar-se com o Espírito e conhecer o Espírito de Verdade, para, com justos motivos, anunciar às gentes, a Nova da Salvação que libertá-las-ia do mal.⁷

Todos esses acontecimentos, relatados pelos evangelistas depois da crucificação de Jesus, servem de base para o conhecimento histórico do Cristianismo, daí ter Paulo afirmado: “Se o Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé.”

O Cristianismo não é uma esperança, é um fato natural, um fato apoiado no testemunho dos sentidos. Os apóstolos não acreditavam somente na ressurreição; estavam dela convencidos. [...] O Cristo, porém, lhes apareceu e a sua fé se tornou tão profunda que, para a confessar, arrostaram todos os suplícios. As aparições do Cristo depois da morte asseguraram a persistência da ideia cristã, oferecendo-lhe como base todo um conjunto de fatos.⁵

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15, item 55, p. 392-393.
2. _____. _____. Cap. 15, item 61, p. 349.
3. DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 5 (Relações com os espíritos dos mortos), p. 53-54.
4. _____. _____. p. 54.
5. _____. _____. p. 54-55.
6. IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB. 2002. Cap. O Espiritismo entre as religiões, item: (O Cristo), p. 204.
7. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão, SP: O Clarim. 2004. Cap. A ressurreição — o espírito e a fé, p. 340.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos 33. ed. Rio de Janeiro: FEB. 2005. Cap. 12 (Amor e renúncia), p. 82.
9. _____. _____. p. 84.
10. _____. _____. p. 181.
11. _____. _____. Cap. 27 (A oração do horto), p. 181-182
12. _____. _____. Cap. 30 (Maria), p. 198-199.
13. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB. 2006. Questão 287, p. 169-170.
14. _____. _____. Questão 320, p.183.

Orientações ao monitor

Introduzir o tema por meio de breve exposição. Formar grupos para estudo e resumo das principais ideias relativas ao calvário, à crucificação e à ressurreição de Jesus.

O CRISTIANISMO

Roteiro 11

ESTÊVÃO, O PRIMEIRO MÁRTIR DO CRISTIANISMO

Objetivos

- » Elaborar breve biografia de Estêvão.
- » Destacar a importância do seu trabalho na edificação da igreja cristã.

Ideias principais

- » Estêvão foi o nome adotado por Jeziel quando se converteu ao Cristianismo.
Judeu helenista de Corinto, era filho de Jochedeb e irmão de Abigail, futura noiva de Saulo de Tarso. Emmanuel: *Paulo e Estêvão*. Primeira parte. Cap. 2.
- » No ano de 34, os judeus que viviam em Corinto — cidade incorporada ao Império Romano — sofreram atormentada perseguição conduzida pelo Precônsul Licínio Minúcio, preposto de César, na província de Acaia, que culminou com o assassinato de Jochedeb, prisão e encaminhamento de Jeziel a trabalho forçado nas galeras (galés) romanas. Abigail fugiu para Jerusalém, mantida sob a proteção do casal Zacarias e Ruth, que a adotou como filha. Emmanuel: *Paulo e Estêvão*. Primeira parte. Cap. 2.

- » Libertado do serviço forçado pelo generoso romano Sérgio Paulo, Jeziel chega extremamente enfermo a Jerusalém onde é acolhido por Simão Pedro na “Casa do Caminho”, instituição de auxílio aos necessitados, fundada pelo apóstolo. Emmanuel: *Paulo e Estêvão*. Primeira parte. Cap. 3.
- » Estêvão foi um dos mais destacados cristãos nos primeiros tempos da edificação da igreja cristã. Um “Espírito cheio de graça e de poder que operava prodígios e grandes sinais entre o povo” (ATOS DOS APÓSTOLOS, 6:8).

Subsídios

1. Dados biográficos de Estêvão

Estêvão era um judeu helenista, nascido na cidade de Corinto, província de Acaia, dominada pelos romanos.

A cidade, reedificada por Júlio César, era a mais bela joia da velha Acaia, servindo de capital à formosa província. Não se podia encontrar, na sua intimidade, o espírito helênico em sua pureza antiga, mesmo porque, depois de um século de lamentável abandono [...], restaurando-a, o grande imperador transformara Corinto em colônia importante de romanos, para onde ocorrera grande número de libertos ansiosos de trabalho remunerador, ou proprietários de promissoras fortunas. A estes, associara-se vasta corrente de israelitas e considerável percentagem de filhos de outras raças que ali se aglomeravam, transformando a cidade em núcleo de convergência de todos os aventureiros do Oriente e do Ocidente.²

Descendente da tribo de Issacar,¹⁰ Estêvão se revelou, desde jovem, destacado estudioso das escrituras, apreciando, em especial, os ensinamentos de Isaías que anunciavam a promessa da vinda do Messias.¹⁰ A sua vida foi marcada por grandes sacrifícios e renúncias, sobretudo quando se converteu ao Cristianismo. A partir deste momento, Jeziel rompe definitivamente com as tradições do Judaísmo, adotando o pseudônimo de Estêvão, o primeiro mártir do movimento cristão.

Possuidor de personalidade envolvente, Estêvão “cheio de graça e de força, operava grandes prodígios e sinais entre o povo” (ATOS DOS APÓSTOLOS, 6:8).

No ano de 34 d. C., os habitantes de Corinto sofreram dolorosa perseguição do Procônsul romano, Licínio Minúcio, que,

[...] cercado de grande número de agentes políticos e militares e estabelecendo o terror entre todas as classes, com seus processos infamantes. [...]

Numerosas famílias de origem judaica foram escolhidas como vítimas preferenciais da nefanda extorsão.³

A família de Estêvão se resumia ao pai Jochedeb e a irmã Abigail — que futuramente seria noiva de Paulo de Tarso —, uma vez que a sua mãe era falecida. Essa família foi diretamente atingida pela perseguição do preposto de César, quando o idoso Jochedeb foi covardemente assassinado, Estêvão foi feito prisioneiro e atirado ao trabalho forçado nas galeras (galés) romanas.^{4, 5, 7} Abigail fugiu para Jerusalém sob a proteção de uma família judia, Zacarias e Ruth, também vítima de perseguição, que teve os filhos mortos. Esse casal adotou a jovem irmã de Jeziel como uma filha querida.⁶

Estêvão, ou Jeziel, enfrentou com coragem e grande fortaleza moral as provações que a vida lhe reservara. Nas galés romanas o valoroso seguidor do Cristo foi submetido às mais ásperas privações, mas, estoicamente, tudo suportou, jamais perdendo a fé em Deus.

Voltando de Cefalônia, a galera recebeu um passageiro ilustre. Era o jovem romano Sérgio Paulo, que se dirigia para a cidade de Citium, em comissão de natureza política. [...] Dada a importância do seu nome e o caráter oficial da missão a ele cometida, o comandante Sêrvio Carbo lhe reservou as melhores acomodações.

Sérgio Paulo, entretanto [...] adoeceu com febre alta, abrindo-se-lhe o corpo em chagas purulentas. [...] O médico de bordo não conseguiu explicar a enfermidade e os amigos do enfermo começaram a retrair-se com indisfarçável escrúpulo. Ao fim de três dias, o jovem romano achava-se quase abandonado. O comandante, preocupado por sua vez, com a própria situação e receoso por si mesmo, chamou Lisipo [feitor da galera], pedindo-lhe que indicasse um escravo dos mais educados e maneiros, capaz de incumbir-se de toda assistência ao passageiro ilustre. O feitor designou Jeziel, incontinenti, e, na mesma tarde, o moço hebreu penetrou o camarote do enfermo, com o mesmo espírito de serenidade que costumava testemunhar nas situações díspares e arriscadas.⁸

Estêvão cuidou do romano com extremada dedicação, conquistando-lhe a simpatia. Entre ambos estabeleceu-se laços de amizade sincera, de sorte que usando do prestígio político que possuía, Sérgio Paulo obteve a libertação do seu dedicado enfermeiro, fazendo-o aportar em Jerusalém.⁹

Estêvão chegou em Jerusalém extremamente enfermo, pois contraíra a estranha doença que atingira o seu libertador. Um desconhecido, denominado Irineu de Crotona, encaminhou a Efraim, um cristão, conhecido como seguidor do “Caminho” (designação primitiva do Cristianismo) que, por sua vez, o conduziu à “Casa do Caminho”, moradia do apóstolo Pedro, transformada em local de atendimento a todos os necessitados.¹⁰

Na Casa do Caminho, Estêvão recebeu o amparo que necessitava, encontrando no apóstolo Pedro um verdadeiro amigo, que lhe prestou esclarecimentos a respeito de Jesus e da sua iluminada mensagem de amor.¹²

O valoroso Simão Pedro, após tomar conhecimento do drama vivido por Jeziel, desde a perseguição ocorrida em Corinto até a liberdade alcançada por intercessão de Sérgio Paulo, recomenda-lhe manter-se em anonimato, afirmando:

[...] Jerusalém regurgita de romanos e não seria justo comprometer o generoso amigo que te restituiu à liberdade.

[...]

— Serás meu filho, doravante — exclamou Simão num transporte de júbilo.

[...]

— Para que não te esqueças da Acaia, onde o Senhor se dignou de buscar-te para o seu ministério divino, eu te batizarei no credo novo com o nome grego de Estêvão.¹³

A partir desse momento, Estêvão absorveu-se no estudo dos ensinamentos do Cristo, participando da difusão da mensagem da Boa Nova na modesta moradia da Casa do Caminho, cujos serviços de alimentação, enfermagem e de sementeira da palavra divina cresciam celeremente.

Com a ampliação dos serviços prestados à comunidade, surgiu, então, a necessidade de dividir as tarefas, evitando que um servidor ficasse mais sobrecarregado que outro.

Na primeira reunião da Igreja humilde, Simão Pedro pediu, então, nomeassem sete auxiliares para o serviço de enfermarias e dos refeitórios, resolução que foi aprovada com geral aprazimento. Entre os sete irmãos escolhidos, Estêvão foi designado com a simpatia de todos.

Começou para o jovem de Corinto uma vida nova. Aquelas mesmas virtudes espirituais que iluminavam a sua personalidade e que tanto haviam contribuído para a cura do patrício, que o restituíra à liberdade, difundiam entre os doentes e indigentes de Jerusalém os mais santos consolos. [...]

Simão Pedro não cabia em si de contente, em face das vitórias do filho espiritual. Os necessitados tinham a impressão de haver recebido um novo arauto de Deus para o alívio de suas dores.

Em pouco tempo, Estêvão tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quase miraculosos. Considerado o escolhido do Cristo, sua ação resoluta e sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. [...] ¹⁴

2. Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo

Após a crucificação de Jesus numerosos judeus se converteram ao Cristianismo. Os sacerdotes e membros do Sinédrio, entretanto, temiam que a propagação dos preceitos cristãos provocasse desestabilização no Judaísmo.

Sendo assim, iniciou-se um movimento de perseguição aos cristãos, a princípio realizado portas adentro das sinagogas, posteriormente em público, nas ruas e no interior das residências, durante as festividades corriqueiramente, ou nas atividades diárias.

Vieram então alguns da sinagoga chamada dos Libertos, dos Cirineus e Alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estêvão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que o levavam a falar. Pelo que subornaram homens que atestassem: “Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfematórias contra Moisés e contra Deus”. Amotinaram assim o povo, os anciãos e os escribas e, chegando de improviso, arrebataram-no e levaram-no à presença do Sinédrio. Lá apresentaram falsas testemunhas que depuseram: “Esse homem não cessa de falar contra o Lugar Santo e contra a Lei. Ouvimo-lo dizer que Jesus Nazareno destruiria este lugar e modificaria as tradições que Moisés nos legou”. Ora, todos os membros

do Sinédrio estavam com os olhos fixos nele, e viram-lhe o rosto semelhante ao de um anjo.¹

Essa farsa montada contra Estêvão, foi apoiada por Saulo de Tarso. O apóstolo dos gentios aparece no cenário da história cristã como o principal elemento do julgamento, condenação e morte, por apedrejamento, de Estêvão, considerado o primeiro mártir do Cristianismo.

Esses fatos aconteceram no ano 35 de nossa Era.

O jovem Saulo apresentava toda a vivacidade de um homem solteiro, bordejando os seus trinta anos. Na fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percucientes, próprios dos temperamentos apaixonados e indomáveis, ricos de agudeza e resolução. Trajando a túnica do patriciato, falava de preferência o grego, a que se afeiçoara na cidade natal, ao convívio dos mestres bem-amados, trabalhados pelas escolas de Atenas e Alexandria.¹⁵

Chegando a Jerusalém, vindo de Damasco, Saulo se encontra com o amigo Sadoque que lhe fornece informações a respeito de Estêvão e o efeito que este provocava nas pessoas. Cheio de zelo religioso, interpreta equivocadamente as preleções de Estêvão, considerando-o blasfemador. Influenciando o espírito de Saulo, acrescenta:

— Não me conformo em ver os nossos princípios aviltados e proponho-me a cooperar contigo [...], para estabelecermos a imprescindível repressão a tais atividades. Com as tuas prerrogativas de futuro rabino, em destaque no Templo, poderás encabeçar uma ação decisiva contra esses mistificadores e falsos taumaturgos.¹⁶

Tempos depois, num sábado, Saulo e Sadoque se dirigem até a humilde igreja de Jerusalém para ouvirem a pregação de Estêvão. Os apóstolos “Tiago [Maior], Pedro e João surpreenderam-se com a presença do jovem doutor da Lei, que se popularizara na cidade pela sua oratória veemente e pelo acurado conhecimento das Escrituras”.¹⁷

A despeito de ter ficado impressionado com a pregação de Estêvão, Saulo interpela o expositor, por meio de ríspida conversa, na tentativa de desacreditá-lo perante a assembleia. Estêvão, porém,

manteve-se sereno, respondendo com gentileza e firmeza os apartes do doutor da Lei.

Desse momento em diante destacam-se, nas sinagogas, os debates religiosos entre Saulo, o orgulhoso fariseu, e Estêvão, o humilde e iluminado cristão.

Gamaliel, o generoso e brilhante rabino, orientador de Saulo, sempre presente aos debates, contribuía com palavras ponderadas, buscando acalmar os ânimos.

Incorformado com as serenas proposições de Estêvão, Saulo perturbou-se, e, deixando levar-se pelo orgulho, denunciou Estêvão ao Sinédrio, onde montou um ardiloso esquema de condenação com apoio de amigos.¹⁸

Durante o julgamento, a defesa de Estêvão no Sinédrio foi brilhante, revelando a grandeza do seu Espírito. Teve oportunidade também de demonstrar o domínio que possuía das Escrituras, discursando com serenidade e segurança (ATOS DOS APÓSTOLOS, 7:11-54).

Foi, entretanto, implacavelmente julgado e condenado à morte por apedrejamento, homicídio aprovado por Saulo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 7:55-60). Mesmo sendo acusado de blasfemador, caluniador e feiticeiro¹⁹ Estêvão manteve-se firme até o final, quando entregou sua alma a Deus.

Nessa hora suprema, recordava os mínimos laços de fé que o prendiam a uma vida mais alta. Lembrou de todas as orações prediletas da infância. Fazia o possível por fixar na retina o quadro da morte do pai supliciado e incompreendido. Intimamente, repetia o *Salmo* 23 de Davi, qual fazia junto da irmã, nas situações que pareciam insuperáveis. “O Senhor é meu pastor. Nada me faltará...” As expressões dos Escritos Sagrados, como as promessas do Cristo no Evangelho, estavam-lhe no âmago do coração. O corpo quebrantava-se no tormento, mas o Espírito estava tranquilo e esperançoso.²⁰

Antes de emitir o último suspiro, Estêvão perdoa Saulo e os demais perseguidores, adentrando vitorioso no mundo espiritual. Para o futuro Apóstolo dos Gentios, entretanto, iniciava-se a sua *via crucis*, marcada por uma dor extrema: acabara de perseguir, condenar e aprovar a matança do irmão de Abigail, o seu amor adorado.²¹ Compreendeu, assim, que os seus sonhos conjugais e familiares estavam definitivamente comprometidos.

Referências

1. A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Atos dos Apóstolos, 6:8-15.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte. Cap. 1 (Corações flagelados), p. 11.
3. _____. _____. p. 13.
4. _____. _____. p. 13-38.
5. _____. _____. Cap. 2 (Lágrimas e sacrifícios), p. 39-52.
6. _____. _____. p. 55-57.
7. _____. _____. Cap. 3 (Em Jerusalém), p. 58-59.
8. _____. _____. p. 61-62.
9. _____. _____. p. 63-66.
10. _____. _____. p. 68-72.
11. _____. _____. p. 75.
12. _____. _____. p. 74-79.
13. _____. _____. p. 80-81.
14. _____. _____. p. 82-83.
15. _____. _____. Cap. 4 (Nas estradas de Jope), p. 84.
16. _____. _____. p. 90.
17. _____. _____. Cap. 5 (A preparação de Estêvão), p. 102.
18. _____. _____. 120-121.
19. _____. _____. Cap. 6 (Ante o Sinédrio), p. 129-131.
20. _____. _____. Cap. 8 (A morte de Estêvão), p. 190. 21.
21. _____. _____. p. 191- 96.

Orientações ao monitor

Debater em grupo, e, em plenária, características da personalidade de Estêvão, reveladoras da grandeza do seu Espírito.

O CRISTIANISMO

Roteiro 12

CONVERSÃO E MISSÃO DE PAULO DE TARSO

Objetivos

- » Elaborar breve biografia de Paulo, o apóstolo dos gentios.
- » Identificar características da conversão e da missão de Paulo de Tarso.

Ideias principais

- » Paulo de Tarso é conhecido como o *Apóstolo dos Gentios* (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:15. GÁLATAS, 1:15-23. EFÉSIOS, 3:1-6). Nasceu em Tarso, capital da Cilícia, no início do séc. I da nossa Era (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:11; 21:39; 22:3). Fazia parte de uma família judaica da tribo de Benjamim (FILIPENSES, 3:5 e ROMANOS, 11:1). Era também cidadão romano (ATOS DOS APÓSTOLOS, 16:37-40; 22:25-28; 23:27). Era fariseu e teve como preceptor o rabino Gamaliel (ATOS DOS APÓSTOLOS, 5:34 e 22:3).
- » A conversão de Saulo de Tarso ao Cristianismo, que teve início numa viagem de perseguição aos cristãos, representa [...] *a dádiva santa da visão gloriosa do Mestre, às portas de Damasco* [...].
- » [...]

- » *O Mestre chama-o da sua esfera de claridades imortais. Paulo tateia na treva das experiências humanas e responde:*

— *Senhor, que queres que eu faça?* Emmanuel: *Paulo e Estêvão*. Breve Notícia.

- » A missão de Paulo pode ser resumida em três palavras: fé, esperança e caridade.

[...] *Coloca assim sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XV, item 7.

Subsídios

1. Dados biográficos de Saulo de Tarso

Paulo é conhecido como o *Apóstolo dos Gentios* (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:15; GÁLATAS, 1:15-23; EFÉSIOS, 3:1-6), em razão do devotado trabalho evangélico que realizou junto aos povos pagãos. Nasceu em Tarso, capital da Cilícia, no início do séc. I da nossa Era (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:11; 21:39; 22:3), recebendo o nome hebraico de Saulo. Fazia parte de uma família judaica helenística, da tribo de Benjamim (FILIPENSES, 3:5 e ROMANOS, 11:1), cujos integrantes eram judeus da diáspora. Na infância, aprendeu sobre a sua herança judaica na sinagoga local de Tarso. No entanto, obteve os estágios finais de sua educação religiosa em Jerusalém, sob a orientação do rabino Gamaliel (ATOS DOS APÓSTOLOS, 5:34 e 22:3). Era também cidadão romano, por ter nascido numa província de Roma (ATOS DOS APÓSTOLOS, 22:25-28; 23:27). A Cilícia era um distrito da Ásia Menor, situado próximo da Síria, pertencendo à província de Acaia.

O limite, ao norte, era o monte Tauro [ou Taurus]. Estava dividida em duas províncias: Cilícia Traquéa e Cilícia Pádias, a primeira muito montanhosa e agreste, e a segunda, embora também em parte coberta de rochedos, dispunha de algumas planícies férteis. Importante estrada cortava o país de este a oeste, passando pela cidade de Tarso. [...] Nos tempos romanos a Cilícia exportava grande quantidade de lã caprina, chamada *cilicium*, da qual se faziam tendas. Esse foi, aliás o ofício de

Saulo, uma vez que era praxe entre os de sua raça, inclusive os mais ricos e ilustrados, aprender sempre um ofício manual.⁴

Atualmente, a Cilícia pertence à Turquia. Pelo Ocidente se liga a Europa, através do estreito de Bósforo; pelo Oriente, com o Irã e a Rússia; fazendo fronteira com o Iraque e a Síria, ao sul.⁵ A terra natal do apóstolo contava com cerca de 500 mil habitantes, na época do seu nascimento, possuindo um bom porto e um centro comercial movimentado e importante. Era uma cidade cosmopolita que desempenhou relevante papel nas guerras civis dos romanos e estava isenta de pagar impostos a Roma. Tarso era formada de uma população heterogênea de marcada influência grega.

A Cilícia era altamente civilizada ao longo da costa, mas bárbara nos altiplanos do monte Taurus. Tarso, a capital, era famosa pelos seus filósofos e por suas escolas. Os judeus da diáspora estabeleceram ali importante colônia, como também em Antioquia, Mileto, Éfeso, Esmirna [...].⁶

Essas cidades faziam parte do roteiro da pregação evangélica do apóstolo. Em Jerusalém, conquistou uma posição de importância, como fariseu (ATOS DOS APÓSTOLOS, 23: 6; 26:5 e FILIPENSES, 3:5), tornando-se membro do Sinédrio. Paulo possuía poderosa inteligência e considerável cultura, fatores que muito o favoreceram em suas viagens missionárias. Falava fluentemente o grego, o latim, além do hebraico. Elevado à posição de doutor da Lei, vivia em Jerusalém, desfrutando do prestígio que a posição lhe impunha, junto ao sinédrio, e em razão das relações de sua família.

2. A perseguição de Saulo de Tarso aos cristãos

Com a morte de Estêvão, a vida do impetuoso doutor da Lei sofre profunda e irreversível transformação. Alucinado por descobrir que Estêvão é o mesmo Jeziel, irmão desaparecido da sua amada noiva Abigail, vê desmoronar os seus sonhos matrimoniais.¹²

Abigail, por outro lado, afastada de Saulo, se converte ao Cristianismo, recebendo de Ananias as luzes sagradas da nova revelação.¹⁴

Não muito tempo depois da sua conversão ao Cristianismo, Abigail cai irremediavelmente doente, vindo a morrer nos braços de um Saulo enlouquecido de dor.¹⁴

Durante três dias, Saulo deixou-se ficar em companhia dos amigos generosos, recordando a noiva inesquecível. Profundamente abatido, procurava remédio para as mágoas íntimas, na contemplação da paisagem que Abigail tanto amara. [...] Acusava a si próprio de não haver chegado mais cedo para arrebatá-la à enfermidade dolorosa.

Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo de sua perseguição implacável, Estêvão encontrara o suplício terrível; com o orgulho inflexível do coração, atirara a noiva ao antro indevassável do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todas as coincidências penosas àquele Cristo crucificado, que não pudera compreender.¹⁶

Ensandecido pela dor, o orgulhoso fariseu transferiu sua mágoa e revolta para Jesus e para seus seguidores.

[...] Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. Agora que se encontrava só [...] buscava concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei. Julgando-se prejudicado pela difusão do Evangelho, renovaria processos da perseguição infamante. Sem outras esperanças, sem novos ideais, já que lhe faltavam os fundamentos para constituir um lar, entregar-se-ia de corpo e alma à defesa de Moisés, preservando a fé e a tranquilidade dos compatriotas.¹⁵

Elabora então um plano de perseguição aos cristãos, especialmente dirigido a Ananias, responsável direto pela conversão de Abigail.

Posteriormente, apresenta esse plano ao Sinédrio, esclarecendo que, a despeito da paz reinante em Jerusalém, obtida pelo encarceramento dos principais líderes da igreja do “Caminho”, o mesmo não acontecia nas cidades de Jope e Cesareia onde eram frequentes os distúrbios provocados pelos adeptos do Cristo.¹⁵ Concluindo a exposição, afirma:

[...] Não somente nesses núcleos precisamos desenvolver a obra saneadora mas, ainda agora, chegam-se notícias alarmantes de Damasco, a requerem providências imediatas. Localizam-se ali perigosos elementos. Um velho, chamado Ananias, lá está perturbando a vida de quantos necessitam de paz nas sinagogas. Não é justo que o mais alto tribunal da raça se desinteresse das coletividades israelitas

noutros setores. Proponho, então, estendermos o benefício dessa campanha a outras cidades. Para esse fim, ofereço todos os meus préstimos pessoais, sem ônus à causa que servimos. Bastar-me-á, tão só, o necessário documento de habilitação, a fim de acionar todos os recursos que me pareçam acertados, inclusive o da própria pena de morte, quando se julgue necessária e oportuna.¹⁷

3. A conversão de Saulo de Tarso ao Cristianismo

O plano de Saulo foi totalmente aceito pelo Sinédrio que lhe concedeu liberdade para agir livremente.

De posse das cartas de habilitação para agir convenientemente, em cooperação com as sinagogas de Damasco, aceitou a companhia de três varões respeitáveis, que se ofereceram a acompanhá-lo na qualidade de servidores muito amigos.

A fim de três dias, a pequena caravana se deslocou de Jerusalém para a extensa planície da Síria.¹⁸

As ações de Paulo antes da sua conversão, iniciada, propriamente, na estrada de Damasco foram guiadas por uma consciência mal informada. Assume a postura do inquisidor religioso que não oferece espaço mental para as orientações superiores ou para ponderações justas proferidas por amigos, por exemplo, as de Gamaliel. Não satisfeito com a perseguição que promoveu em Jerusalém, pediu cartas ao príncipe dos sacerdotes para aprisionar, nas sinagogas de Damasco, os cristãos que ali buscavam abrigo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:1-2).

Aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Ele perguntou: “quem és, Senhor?”. E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo. Mas levante-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer”. Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. Saulo ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. Esteve três dias sem ver, e nada comeu ou bebeu. Ora, vivia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor lhe disse em visão: “Ananias!”. Ele respondeu: “Estou aqui Senhor!”. E o Senhor prosseguiu: “Levanta-te, vai

pela rua chamada Direita e procura, na casa de Judas, por alguém de nome Saulo, de Tarso. Ele está orando e acaba de ver numa visão um homem chamado Ananias entrar e lhe impor as mãos para que recobre a vista”. Ananias respondeu: “Senhor, ouvi de muitos, a respeito deste homem, quantos males fez a teus santos em Jerusalém. E está aqui com a autorização dos chefes dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome”. Mas o Senhor insistiu: “Vai, porque este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos filhos de Israel. Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é preciso sofrer em favor do meu nome”. Ananias partiu. Entrou na casa, impôs sobre ele as mãos e disse:

“Saulo, meu irmão, o Senhor me enviou, Jesus o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. É para que recuperes a vista e fique repleto do Espírito Santo”. Logo caíram-lhe dos olhos como que umas escamas, e recobrou a vista. Recebeu, então, o batismo e, tendo tomado alimento, sentiu-se reconfortado. Saulo esteve alguns dias com os discípulos em Damasco e, imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que ele é o filho de Deus. Todos os que o ouviam ficavam estupefatos e diziam: “mas não é este o que devastava em Jerusalém os que invocavam esse nome, e veio para cá expressamente com o fim de prendê-los e conduzi-los aos chefes sacerdotes?”. Saulo, porém, crescia mais e mais em poder e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9: 3-22).

Os acontecimentos relativos à conversão de Saulo, merecem reflexões mais aprofundadas.

O socorro concedido a Paulo de Tarso oferece, porém, ensinamento profundo. Antes de recebê-lo, o ex-perseguidor rende-se incondicionalmente ao Cristo; penetra a cidade, em obediência à recomendação divina, derrotado e sozinho, revelando extrema renúncia, onde fora aplaudido triunfador. Acolhido em hospedaria singela, abandonado de todos os companheiros, confiou em Jesus e recebeu-lhe a sublime cooperação.

É importante notar, contudo, que o Senhor, utilizando a instrumentalidade de Ananias, não lhe cura senão os olhos, restituindo-lhe o dom de ver. Paulo sente que lhe caem escamas dos órgãos visuais e, desde então, oferecendo-se ao trabalho do Cristo, entra no caminho

do sacrifício, a fim de extrair, por si mesmo, as demais escamas que lhe obscureciam as outras zonas do ser.¹⁹

É raro alguém transformar-se tão rapidamente, como aconteceu com Saulo. Sob o influxo da presença e chamamento do Mestre, na estrada de Damasco, o impetuoso fariseu muda radicalmente a sua posição na vida: de perseguidor passa a ser protetor de todos os cristãos.

Não é difícil imaginar os sacrifícios e conflitos que o doutor de Tarso vivenciou para se transformar em discípulo sincero do Evangelho. Deve ter experimentado enormes dificuldades nos inevitáveis testemunhos. Importa considerar, porém, o significativo amparo fraternal que recebeu de muitos, um bálsamo para aliviar as suas chagas morais. Neste sentido, esclarece Emmanuel:

O Mestre, para estender a sublimidade do seu programa salvador, pede braços humanos que o realizem e intensifiquem. Começou o apostolado, buscando o concurso de Pedro e André, formando, em seguida, uma assembleia de doze companheiros para atacar o serviço da regeneração planetária.

[...]

Ainda mesmo quando surge, pessoalmente, buscando alguém para a sua lavoura de luz, qual aconteceu na conversão de Paulo, o Mestre não dispensa a cooperação dos servidores encarnados. Depois de visitar o doutor de Tarso, diretamente, procura Ananias, enviando-o a socorrer o novo discípulo.¹¹

4. A missão de Paulo

Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos; mas, se esses pescadores valorosos eram elevados Espíritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influências do meio a que foram conduzidos. Tão logo se verificou o egresso do Cordeiro às regiões da Luz, a comunidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influência do Judaísmo, e quase todos os núcleos organizados, da doutrina, pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.

É então que Jesus resolve chamar o Espírito luminoso e enérgico de Paulo de Tarso ao exercício do seu ministério. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na história do Cristianismo. As ações e as epístolas de Paulo tornam-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestígio, fala do Mestre, inflamando os corações. A princípio, estabelece entre ele e os demais apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e pureza.¹⁰

Concluindo o seu período em Damasco, em que recebeu o auxílio de Ananias e conheceu a mensagem de Jesus, Saulo parte para o deserto, vivendo no oásis de Palmira como humilde tecelão de tendas. Nessa localidade, prossegue no seu aprendizado, tendo oportunidade de vir a conhecer o idoso Esequias, irmão de Gamaliel, cristão valeroso, assim como o casal Prisca (Priscila) e Áquila, judeus também convertidos ao Cristianismo. (Veja, a propósito, maiores informações sobre esse período da vida de Saulo, no livro de Emmanuel, *Paulo e Estêvão*, segunda parte, capítulos 1 e 2).

Retornando a Jerusalém, após estágio no deserto, os cristãos fugiam dele, temerosos. Por influência de Barnabé, Saulo foi conduzido aos apóstolos que, após ouvirem o relato dos acontecimentos na estrada de Damasco, passaram a aceitá-lo como discípulo. Sendo, porém, ameaçado de morte por alguns judeus, os apóstolos levaram-no a Cesareia e, depois, a Tarso (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9: 2-30).

Os cristãos que se dispersaram após a morte de Estêvão, em consequência da perseguição de Saulo, espalharam-se pela Fenícia, Chipre e Antioquia, pregando, nessas localidades, os ensinamentos de Jesus. A notícia desta pregação, porém, se espalhou, chegando aos ouvidos de Barnabé, que se encontrava em Jerusalém. Entusiasmado, este apóstolo partiu para Tarso em busca de Paulo e, durante um ano, pregaram juntos o Evangelho na igreja recém-criada de Antioquia, para judeus e gentios. Foi em Antioquia, que os discípulos, pela primeira vez, foram chamados de “cristãos” (ATOS DOS APÓSTOLOS, 11: 25-26) A palavra cristão significa “[...] partidários ou sectários do Cristo (gr. *Khristós*, forma popular de *Chrestós*). Ao criarem esta alcunha, os

gentios de Antioquia tomaram o título de ‘Cristo’ (Ungido, Messias) por um nome próprio”.²

A missão de Paulo não foi fácil. Sofreu toda sorte de atribulações. No entanto, a partir da sua conversão na estrada de Damasco, por volta do ano 36 da nossa Era, [...] ele vai consagrar toda a sua vida ao serviço de Cristo que o “conquistou” (FILIPENSES, 3:12). Depois de uma temporada na Arábia e do regresso a Damasco (GÁLATAS, 1:17), onde ele já prega (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:20), sobe a Jerusalém pelo ano 39 (GÁLATAS, 1:18; ATOS DOS APÓSTOLOS, 9: 30), de onde é reconduzido a Antioquia por Barnabé, com o qual ensina (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:26-27 e 11: 25-26).³

A missão de Paulo pode ser resumida em três palavras: fé, esperança e caridade. “Agora, portanto, permanecem fé, esperança e caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade” (I CORÍNTIOS, 13:13).

A fé é uma posse antecipada do que se espera, um meio de demonstrar as realidades que não se veem. E para demonstrá-lo, discorreu longamente sobre todas as coisas maravilhosas que os hebreus haviam aceitado, no passado, pelo puro e singular testemunho da fé. Ancorava-se a fé na retidão do homem, pois o justo vive pela sua fé, sustentando-se nela, confiante nela. Não, contudo uma fé passiva, de braços cruzados, nem uma fé apoiada simplesmente nos velhos preceitos da lei de Moisés. A fé precisava ser ativa, construtiva, fraterna, atuante, fortalecida na esperança, dinamizada na caridade.⁷

A esperança, em Paulo, está intimamente ligada à fé “[...] que, por sua vez, vem do testemunho daqueles que viram e falaram com um ser oficialmente morto.”⁹

A ressurreição do Cristo é o seu argumento decisivo em relação à esperança. Na estrada de Damasco, ele viu o Cristo vivo e recoberto de luz, depois de estar oficialmente morto há vários anos. Dessa forma, para Paulo, a descoberta mais retumbante foi que o ser não morre para sempre; que existe a grandeza da imortalidade, a existência de outro corpo leve e luminoso que permite a sobrevivência do Espírito; de que há um reino de glórias e alegrias à espera de cada um de nós; de que é preciso aceitar a leve tribulação do momento que passa, como Ele afirmava, em troca de um enorme caudal de glória eterna.

A fé e esperança, porém, embora pessoais, e, muitas vezes, incomunicáveis, intransferíveis por simples tradição, não seriam conquistas inativas, estáticas e infrutíferas. Na dinâmica do amor, convertido em caridade, elas poderiam expandir-se, acendendo em outros corações o fogo sagrado. Da esperança primeiro, para, só mais tarde, chegar à terceira irmã: a fé, como um retorno sobre si mesma. [...] A fé e o amor devem contemplar o futuro com o olhar da confiança e, portanto, da esperança. A fé, unida à esperança, pode ser apenas egoísmo. A esperança e o amor podem não ser suficientes para construir a fé e, nesse caso, a felicidade seria apenas uma hipótese. É preciso as três, como acentuou Paulo, e todos aspirassem às três, mas a maior delas é o amor...⁸

Fica claro, assim, porque um dos mais belos textos de sua autoria é o capítulo 13, da primeira epístola aos coríntios, que versa sobre a caridade e o amor. Assim como o capítulo 11, epístola aos hebreus, que trata da fé.

Não nos esqueçamos, contudo, de que, balanceado as duas, em sua mente privilegiada, ele conclui que o amor ainda é mais importante do que a própria fé, especialmente a dinâmica do amor que se expressa na caridade, no serviço ao próximo, a tônica do pensamento de Jesus.⁷

A fé foi, sem dúvida, o instrumento que garantiu a Paulo a força moral para vencer as vicissitudes da vida. Todavia, soube compreender que somente o amor faz o homem elevar-se aos píncaros da felicidade verdadeira.

[...] Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença em particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.¹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 15, item 7, p. 249.

2. A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1922 (Atos dos Apóstolos, 11:26 e nota de rodapé; “h”).
3. _____. _____. ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:26-27, p. 1918; 11:25-26, p. 1922.
4. MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. Volume 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, p. 25.
5. _____. _____. p. 26.
6. _____. _____. p. 27.
7. _____. *Cristianismo: a mensagem esquecida*. 1.ed. Matão: O Clarim, 1998. Cap. 11 (Fé, esperança e caridade) p. 22
8. _____. _____. p. 221-222.
9. _____. _____. p. 226-227.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14 (A edificação cristã) p. 125-126 (A missão de Paulo).
11. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17 (Cristo e nós).
12. _____. *Paulo e Estêvão: episódios históricos do Cristianismo primitivo*. Pelo Espírito Emmanuel. 43 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Primeira parte, cap. 8 (A morte de Estêvão), p. 175-207.
13. _____. _____. p. 217.
14. _____. _____. Cap. 9 (Abigail cristã), p. 227.
15. _____. _____. Cap. 10 (No caminho de Damasco), p. 230.
16. _____. _____. p. 237.
17. _____. _____. p. 237-238.
18. _____. _____. p. 238-239.
19. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 149 (Escamas).

Orientações ao monitor

Organizar grupos de estudo para analisar e debater as características da conversão e missão de Paulo de Tarso.

O CRISTIANISMO

Roteiro 13

AS VIAGENS MISSIONÁRIAS DO APÓSTOLO PAULO

Objetivos

- » Destacar os acontecimentos significativos que marcaram as viagens do apóstolo Paulo.

Ideias principais

- » As viagens missionárias de Paulo revelaram a sua missão especial como “Apóstolo dos gentios”. Iniciadas, aproximadamente, no ano 33 da Era Cristã, Paulo consagrou toda a sua existência ao serviço do Cristo. *Bíblia de Jerusalém: As epístolas de Paulo*, p. 1954.
- » Paulo realizou quatro viagens missionárias. *A primeira missão apostólica, no início dos anos 40, fá-lo anunciar o evangelho em Chipre, Pontífia, Psídia e Licaônia (At 13-14), foi então, segundo Lucas, que ele começou a usar seu nome romano Paulo, de preferência ao nome judaico Saulo (At 13:9) [...]. Bíblia de Jerusalém: As epístolas de Paulo*, p. 1954.
- » Na segunda viagem apostólica, Paulo se separa de Barnabé e João Marcos, que seguem para Chipre (At 15:36-39), enquanto o apóstolo dos gentios, em companhia de Silas, vai para a Síria e Cilícia; Derbe e Listra (onde encontra Timóteo — não o apóstolo); Frígia e Galácia; Mísia e Trôade (At 15:40-41; 16:1-8).

- » A terceira viagem de Paulo ocorreu ao longo das localidades situadas no mediterrâneo, saindo de Antioquia, indo a Éfeso, Filipos, Tessalônica, Acaia e seguindo o roteiro que o conduziria a Jerusalém, passando por Tiro e Cesareia.
- » A última viagem missionária foi a Roma, saindo de Jerusalém, passando por Chipre, Rodes e Creta, na Grécia, alcançando a Sicília e o sul da Itália. Após a sua estadia em Roma, segue viagem para a Espanha, segundo informações de Emmanuel.

Subsídios

Paulo estava convencido que na estrada de Damasco o Senhor o encarregara de levar o Evangelho aos povos gentílicos. Entretanto, compreendia que os judeus, seus irmãos de raça, deveriam também conhecer a mensagem de Jesus. Segundo relata Atos dos Apóstolos, “[...] sua prática usual era ir primeiro à sinagoga local. GÁLATAS, 2:7-9, no entanto, indica que sua atividade era, de maneira manifesta, dirigida aos gentios”.²

Nas suas viagens visitou a maioria dos centros urbanos de destaque do mundo antigo, como os da Grécia, da Ásia Menor, além de Roma e Espanha.

Passou por muitas atribulações, mas, de Espírito inquebrantável, conseguiu levar o Evangelho a inúmeros corações sequiosos de paz e de esclarecimento.

Por onde passava, fundou igrejas ou núcleos de estudo do Evangelho.

Os convertidos ao Cristianismo e seguidores de Paulo eram, em geral, escravos do Império Romano. A sua oratória exuberante atraía, também, romanos cultos, pertencentes à classe alta.

Alguns eram claramente pessoas influentes, do tipo que levava litígios pessoais aos tribunais de justiça, e que podia se permitir fazer doações para as boas causas. Os companheiros de trabalho de Paulo desfrutavam também do estilo de vida tipicamente móvel das classes mais altas; na ausência das igrejas instaladas em prédios, a comunidade cristã dependia da generosidade de seus membros mais ricos para fornecer instalações para o culto coletivo e hospitalidade para

pregadores ambulantes. Ao mesmo tempo, Paulo tinha a convicção de que o Evangelho transcendia as barreiras de raça, sexo e classe, e insistia na igualdade de todos os crentes.³

1. As viagens missionárias do apóstolo Paulo

1.1 A primeira viagem

A missão apostólica, propriamente dita, tem início em Antioquia, entre os anos de 45 e 49. Paulo e Barnabé — seguidos do jovem João Marcos, autor do segundo evangelho — partem para propagar a Boa Nova, em terras distantes (ATOS DOS APÓSTOLOS, 12:25).

De Antioquia vai a Chipre e Salamina; daí seguem até Pafos, onde encontra um mago, falso profeta, chamado Bar-Jesus (ou Elimas) que tudo fez para impedir o Procônsul Sérgio Paulo de ouvir a pregação de Paulo e Barnabé. Paulo, entretanto, neutralizou a ação de Elimas, de forma que o Procônsul ficou maravilhado pela Doutrina do Senhor (ATOS DOS APÓSTOLOS, 13:4-12).

De Pafos, alcançam Perge, da Panfília. João Marcos se separa do grupo, retornando a Jerusalém.

Paulo e Barnabé saem de Perge e chegam a Antioquia da Psídia (ATOS DOS APÓSTOLOS, 13:13-14).

Nessa localidade, os apóstolos atraíram grande multidão para ouvi-los. Entretanto, os judeus encheram-se de inveja e promoveram acirrada perseguição, obrigando Paulo e Barnabé seguirem viagem para Icônio (ATOS DOS APÓSTOLOS, 13:44-52).

Em Icônio, os dois mensageiros do Evangelho sofrem ultrajes e apedrejamentos por parte dos membros da sinagoga, enciumados da boa receptividade dos judeus e gregos que se maravilharam com os ensinamentos de Jesus. Paulo e Barnabé fogem então, para Listra e Derbe, cidades da Licaônia (ATOS DOS APÓSTOLOS, 14: 1-7).

Devido à boa recepção dos povos pagãos, o apóstolo começa a usar o “[...] seu nome grego Paulo, de preferência ao nome judaico Saulo [...], e é também então que ele suplanta seu companheiro Barnabé, em razão de sua preponderância na pregação.”¹ (Atos dos Apóstolos, 14:12).

Retornando a Antioquia, levanta-se ali a primeira controvérsia entre os cristãos, procedentes de Jerusalém e ainda presos às tradições

do Judaísmo, que pretendiam impor a observância da lei moisaica aos cristãos convertidos, provenientes do paganismo. Os cristãos de Antioquia decidem, então, enviar Paulo e Barnabé a Jerusalém, para discutir o assunto com os apóstolos (ATOS DOS APÓSTOLOS, 15:2). Assim, 14 anos após a sua conversão (GÁLATAS, 2:1), em 49, volta Paulo a Jerusalém para participar de um concílio apostólico, onde seria aceito como apóstolo, com missão junto aos gentios, oficialmente reconhecida¹ (GÁLATAS, 2:2). Reuniram-se Pedro, Tiago e seus colaboradores, constituindo o chamado “Assembleia ou Concílio de Jerusalém”.

Nesse concílio ficou determinado que os cristãos de origem gentílica ou judaica, teriam total liberdade para seguir, ou não, os rituais disciplinares impostos pela lei moisaica, evitando, porém, manifestações idólatras (ATOS DOS APÓSTOLOS, 15:1-30).

1.2 A segunda viagem de Paulo

Esta viagem ocorreu, possivelmente, entre os anos 50 e 52. Paulo se encontrava em Antioquia (ATOS DOS APÓSTOLOS, 15:30-35) em companhia do apóstolo Barnabé, do evangelista João Marcos e de mais dois amigos: Silas — cristão da igreja de Antioquia — e Timóteo, discípulo da igreja de Listra (Licaônia), que seriam seus companheiros de viagem, uma vez que Barnabé e Marcos foram pregar em Chipre.

Os três viajantes (Paulo, Silas e Timóteo), por onde passavam fundavam igrejas “[...] confirmadas na fé e crescidas em número, de dia a dia” (ATOS DOS APÓSTOLOS, 16:4-5). Mais tarde, os três atravessaram a Frígia, indo até Listra e Icônio. Seguiram para o norte passando pela região da Galácia: Trôade, Filipos, Anfípolis, Bereia chegando à Ásia Menor (ATOS DOS APÓSTOLOS, 16:6-10). Em Trôade Paulo teve uma visão de um macedônio que pedia-lhe auxílio (ATOS DOS APÓSTOLOS, 16:9-10). Ao acordar, seguiu viagem para a Macedônia que até a sua principal cidade, Filipos, uma colônia romana. Aí, Paulo libertou uma mulher, que praticava a arte da adivinhação, subjugada por um Espírito malévolo. A libertação espiritual da médium, porém, provocou ira nos que se beneficiam das consultas mediúnicas. Assim, aprisionaram Paulo e Silas, levando-os à presença dos magistrados sob alegação que eles estavam perturbando a ordem imposta pelos romanos, relacionada às pregações religiosas. Os dois discípulos sofreram graves agressões físicas, inclusive uma surra de vara, antes de serem jogados na prisão, com os pés amarrados a um cepo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 16: 16-24). À noite, Paulo e Silas puseram-se a orar dentro da prisão. De repente,

sobreveio um terremoto de tal intensidade que abalou os alicerces do cárcere. Imediatamente abriram-se todas as portas e os grilhões se soltaram, libertando-os (ATOS DOS APÓSTOLOS, 16: 25-40).

Saindo de Filipos, partiram para Tessalônica, atravessando Anfípolis e Apolônia. Por três sábados seguidos pregou na sinagoga tessalonicense, explicando que Jesus era o Messias aguardado (ATOS DOS APÓSTOLOS, 17: 1-4). A opinião dos judeus ficou, então, dividida, ocorrendo conflitos que obrigaram Paulo e Silas a partirem para Bereia, onde foram bem recebidos. No entanto, os convertidos de Beréia providenciaram a partida dos dois para Atenas, uma vez que os judeus enfurecidos da Tessalônica haviam seguido Paulo e Silas para prendê-los (ATOS DOS APÓSTOLOS, 17:10-14).

O sonho de Paulo era pregar em Atenas, terra dos filósofos e de homens cultos. A sua pregação no areópago, no entanto, a despeito de fervorosa e bela, não mereceu a devida atenção dos intelectuais, vaidosos e superficiais, que zombaram das sinceras convicções do pregador do Cristo, especialmente quando este abordou a questão da ressurreição. Raros, como Dionísio, o areopagita (membro do tribunal, juiz), e uma mulher por nome Dâmaris, ouviram e aceitaram as ideias expostas por Paulo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 17:15-34).

O contato de Paulo com os atenienses, no Areópago, apresenta lição interessante aos discípulos novos. [...] É possível que a assembleia o aclamasse com fervor, se sua palavra se detivesse no quadro filosófico das primeiras exposições. Atenas reverenciá-lo-ia, então, por sábio [...]. Paulo, todavia, refere-se à ressurreição dos mortos, deixando entrever a gloriosa continuação da vida, além das ninharias terrestres. Desde esse instante, os ouvintes sentiram-se menos bem e chegaram a escarnecer-lhe a palavra amorosa e sincera, deixando-o quase só.

O ensinamento enquadra-se perfeitamente nos dias que correm. Numerosos trabalhadores do Cristo [...] são atenciosamente ouvidos e respeitados por autoridades nos assuntos em que se especializaram; contudo, ao declararem sua crença na vida além do corpo, em afirmando a lei de responsabilidade, para lá do sepulcro, recebem, de imediato, o riso escarninho dos admiradores de minutos antes, que os deixam sozinhos, proporcionando-lhes a impressão de verdadeiro deserto.⁴

Saindo de Atenas, Paulo foi para Corinto, onde conheceu o casal Áquila e Priscilla, judeus recém-chegados da Itália. Ficou quase dois

anos em Corinto, pregando na sinagoga e dedicando-se à fabricação de tendas. Muitos se converteram ao Cristianismo e aceitaram Jesus como o Messias (ATOS DOS APÓSTOLOS, 18:1-4). Em Corinto, ele escreveu as duas cartas aos tessalonicenses. Sendo continuamente hostilizado por alguns judeus, regressa a Antioquia, acompanhado, até Éfeso, por Áquila e Priscila (ATOS DOS APÓSTOLOS, 18:19-22), permanecendo algum tempo em Cesareia.

1.3 A terceira viagem de Paulo

Esta viagem aconteceu no período de 53 a 58 da nossa Era. Começa em Antioquia e termina em Jerusalém. De Antioquia Paulo viaja para Éfeso. Por dois anos anda por toda a Ásia Menor, anunciando o Evangelho, fundando inúmeras igrejas e promovendo a conversão de inúmeros gentios. Os seus companheiros de viagem, apoio imprescindível na difusão do Cristianismo, foram Timóteo (não um dos doze apóstolos) e Erasto (ATOS DOS APÓSTOLOS, 19:1-22). Nesse período escreve as cartas aos gálatas e a primeira aos coríntios. Retorna a Éfeso onde fica algum tempo com João, o evangelista.

O progresso do Cristianismo em Éfeso produziu um decréscimo no movimento comercial e religioso, do célebre santuário de Artemis (Artemisa ou Diana) ali existente. Tal situação provocou um motim, encabeçado pelos ourives e negociantes devocionais, obrigando Paulo abandonar a cidade (ATOS DOS APÓSTOLOS, 19:23-41). Seguiu, então, para Macedônia e Acaia, acompanhado por alguns discípulos: Sócrates, Aristarco, Segundo, Gaio, Timóteo, Tíquico e Trófimo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 19:21-40; 20:1-6).

Embarcando em Filipos, escreve a Segunda Epístola aos Coríntios, e empreende viagem para Jerusalém.

Fez escalas em Trôade, Mileto, Tiro e outras cidades, chegando a Jerusalém, no ano 58. Paulo e seus companheiros foram bem recebidos pelos irmãos cristãos, e por Tiago e Pedro (ATOS DOS APÓSTOLOS, 20:7-38; 21:1-26).

Antes de seguir viagem para Jerusalém, Paulo sofreu perseguição de alguns judeus enfurecidos que o mantiveram prisioneiro em Cesareia por dois anos. Nessa cidade, Paulo estreitou os laços de amizade com Filipe, um dos doze apóstolos, que ali vivia com as suas quatro filhas profetisas (ATOS DOS APÓSTOLOS 21:8-10).

Chegando em Jerusalém Paulo foi até a casa de Tiago (possivelmente, Tiago filho de Alfeu) e, indo ao Templo, foi preso (ATOS DOS APÓSTOLOS, 21:17- 34).

Percebendo que seria morto se permanecesse prisioneiro em Jerusalém, Paulo apela ao Procurador da Galileia (Festo) para ser submetido ao julgamento de César uma vez que era cidadão romano (ATOS DOS APÓSTOLOS, 21:34-40; 22:1-29).

Após os esclarecimentos que Paulo prestou ao tribuno romano, foi, então, enviado a Roma para ser julgado (ATOS DOS APÓSTOLOS, 23:10-11).

1.4 A última viagem de Paulo (viagem a Roma)

Lucas narra todas as peripécias dessa viagem marítima: o naufrágio, o refúgio em Malta e chegada em Roma (ATOS DOS APÓSTOLOS, 27:3-28;15). Ali permaneceu em prisão domiciliar durante dois anos, recebendo visitas e trabalhando na pregação do Evangelho (ATOS DOS APÓSTOLOS, 28:30-31). São deste período as cartas do cativoiro: a Filemon, aos colossenses, aos efésios e aos filipenses.

Há indicações que Paulo foi libertado no ano 63, situação que lhe permitiu executar antigo projeto de pregar o Evangelho na Espanha, “nos confins do mundo”, como afirmou em sua epístola aos ROMANOS, 15:24.

Alguns estudiosos têm dúvidas se, efetivamente, Paulo pregou a Boa Nova na Espanha, até porque não é fácil reconstruir o itinerário dessa última viagem. Sabemos que ele voltou a Éfeso e dali partiu para Macedônia. Também esteve em Creta (I TIMÓTEO, 1:5), em Corinto e em Mileto (II TIMÓTEO, 4:19-20). Nesse período escreveu duas cartas: a primeira a Timóteo e a de Tito. Foi preso em 66 e levado de volta a Roma.

Emmanuel esclarece que Paulo foi à Espanha onde difundiu o Evangelho, partindo para este país quando da chegada de Pedro a Roma.

Alegando que Pedro o substituía com vantagem, deliberou embarcar no dia prefixado, num pequeno navio que se destinava à costa gaulesa. [...] Acompanhado de Lucas, Timóteo e Dimas, o velho advogado dos gentios partiu ao amanhacer de um dia lindo, cheio de projetos generosos. A missão visitou parte das Gálias, dirigindo-se ao território espanhol, demorando-se mais na região de Tortosa.⁵

Enquanto Paulo estava na Espanha ocorreu a prisão do apóstolo João, que ficou mantido sob vigilância nos cárceres imundos do Esquilino; Pedro envia mensagem a Paulo, suplicando-lhe intercessão junto às autoridades romanas, seus conhecidos, em benefício do filho de Zebedeu. Paulo interrompe, então, seu trabalho evangélico na Espanha e retorna imediatamente a Roma. O ano 64 seguia o seu curso normal, indiferente às aflições que se abatiam sobre numerosos cristãos.⁶

Tempos depois, Paulo é outra vez aprisionado em Roma.

Este segundo cativo foi mais penoso do que o primeiro, pois o apóstolo ficou em prisão comum, considerado malfeitor (desde o ano de 64, o nome cristão era sinônimo de marginal por ordem do imperador Nero). Escreve a segunda epístola a Timóteo. O texto existente em II Timóteo, 4:11, é considerado o testamento do apóstolo. Supõe-se que escreveu a epístola aos hebreus entre os anos 64–66, em Roma, ou talvez em Atenas. Segundo a tradição, foi decapitado no ano 67, em Roma.

São tocantes momentos finais do apóstolo Paulo. Emocionadíssimo, escreve a sua última epístola (a segunda, destinada a Timóteo), amparado pela presença amiga de Lucas.⁷ A firmeza de sua fé, a convicção irredutível no amor do Cristo são grandiosas, envolvendo Tigilino, seu carrasco, que, trêmulo, lastima ter que decapitá-lo.⁸

Do outro lado, no plano espiritual, amigos sinceros o aguardavam, sendo inicialmente abraçado por Ananias, aquele que lhe restituiu a visão nos idos tempos, após os acontecimentos na estrada de Damasco.⁹ Mais tarde, encontra Gamaliel que, reunidos em caravana, viajam por todos os lugares onde peregrinou, chegando em Jerusalém, no calvário, local onde Jesus foi crucificado. A luminosa caravana espiritual ora fervorosamente, envolvidos em júbilos elevados. Paulo vê, então, surgir à sua frente a radiante figura de Jesus que tem, ao seu lado, Estêvão e Abigail. “[...] Deslumbrado, arrebatado, o Apóstolo apenas pôde estender os braços, porque a voz lhe fugia no auge da comoção.”¹⁰

Referências

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. *As epístolas de São Paulo*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1954.
2. DICIONÁRIO DA BIBLIA. *Vol. 1: As pessoas e os lugares*. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 247.
3. _____. _____. p. 247-248.

4. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 114 (Novos atenienses), p. 243-244.
5. _____. *Paulo e Estêvão*. Episódios históricos do Cristianismo primitivo. Pelo Espírito Emmanuel. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte, cap. 10 (Ao encontro do Mestre), p. 648.
6. _____. _____. p. 650-652.
7. _____. _____. p. 678-679.
8. _____. _____. p. 683.
9. _____. _____. p. 684-685.
10. _____. _____. p. 688-689.

Orientações ao monitor

Realizar um estudo que tenha como base o levantamento dos fatos mais importantes que caracterizem as viagens de Paulo, em seu trabalho de evangelização. Veja, em anexo, o roteiro das viagens.

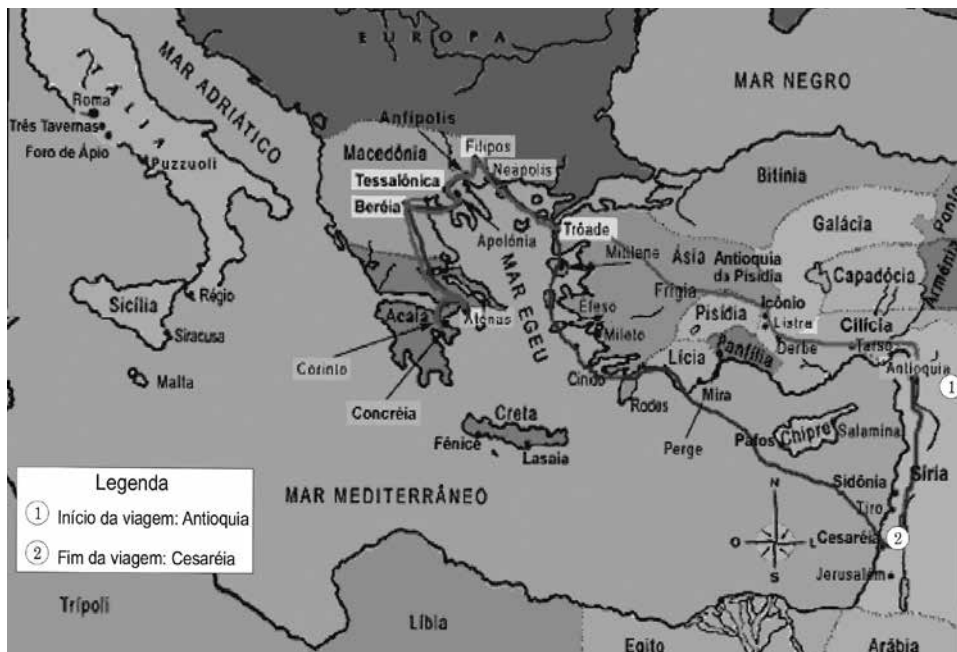
Anexo

Primeira viagem de Paulo



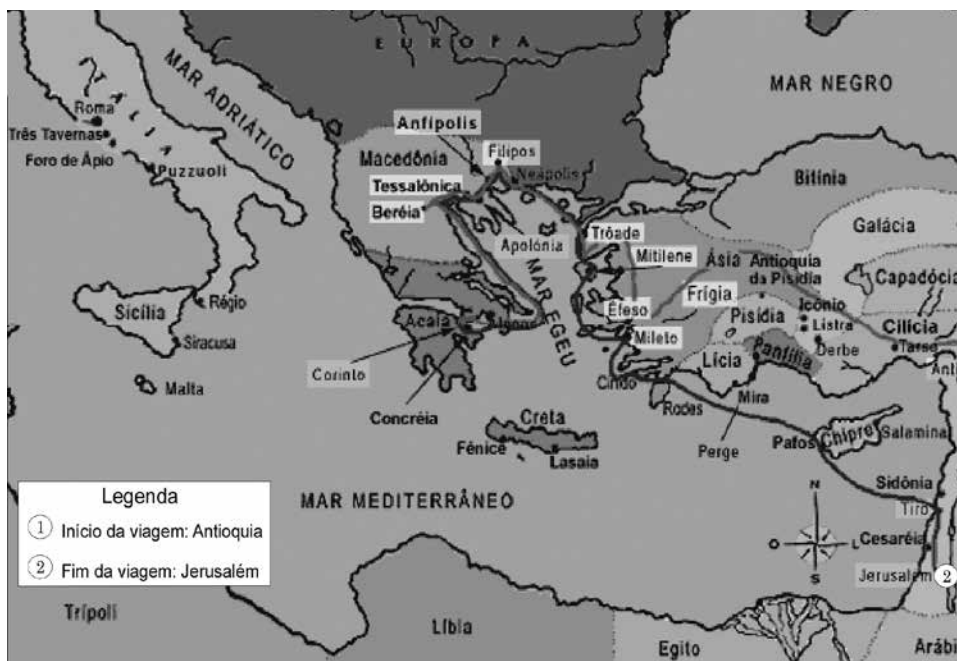
http://www.teos.com.br/bibliaonline/bi_mapas.php

Segunda viagem de Paulo



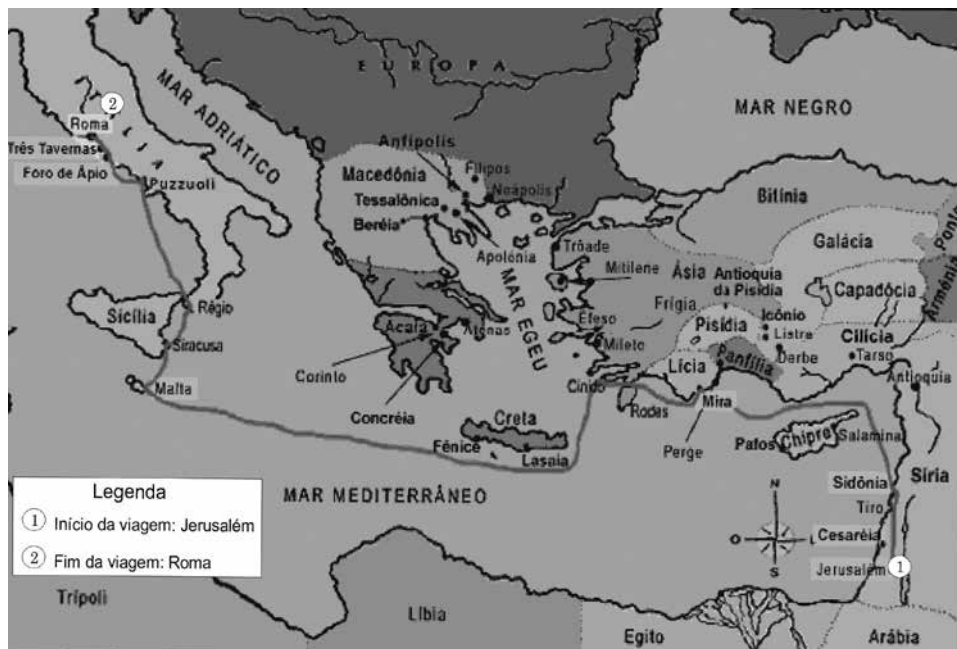
http://www.teos.com.br/bibliaonline/bi_mapas.php

Terceira viagem de Paulo



http://www.teos.com.br/bibliaonline/bi_mapas.php

Quarta viagem de Paulo



http://www.teos.com.br/bibliaonline/bi_mapas.php

O CRISTIANISMO

Roteiro 14

AS EPÍSTOLAS DE PAULO (1)

Objetivos

- » Assinalar características da personalidade de Paulo.
- » Identificar os motivos que conduziram Paulo a escrever epístolas.
- » Analisar os principais ensinamentos existentes nas epístolas destinadas aos romanos e aos coríntios.

Ideias principais

- » *As epístolas que Paulo [...] não são tratados de teologia, mas respostas a situações concretas. Verdadeiras cartas que se inspiram no formulário então em uso [...], não são nem “cartas” meramente particulares, nem “epístolas” puramente literárias, mas explicações que Paulo destina a leitores concretos e, para além deles, a todos os fiéis de Cristo. Bíblia de Jerusalém. Item: Introdução às epístolas de Paulo, p. 1956.*
- » Paulo iniciou o movimento das [...] *cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da esfera do Cristo, por intermédio da contribuição [espiritual] amorosa de Estêvão [...]. Emmanuel: Paulo e Estêvão. Segunda parte, cap. 7.*
- » Na epístola aos Romanos Paulo analisa as divergências existentes entre os judeus e gentílicos convertidos ao Cristianismo. Representa, porém

[...] *uma das mais belas sínteses da doutrina paulina. Bíblia de Jerusalém.* Item: Introdução às epístolas de Paulo, p. 1959-1960.

- » Nas duas epístolas aos coríntios Paulo faz uma reflexão do Cristo como a sabedoria de Deus. *Bíblia de Jerusalém.* Item: Introdução às epístolas de Paulo, p. 1959.
- » Na epístola aos gálatas, assim como na que foi dirigida aos romanos, Paulo revela o Cristo como a justiça de Deus. *Bíblia de Jerusalém.* Item: Introdução às epístolas de Paulo, p. 1959.

Subsídios

1. As epístolas de Paulo

Através de suas epístolas, Paulo transmitiu aos seus discípulos uma fervorosa fé em Jesus Cristo e na sua ressurreição. As cartas ou epístolas de Paulo são denominadas *pastorais* porque estão dirigidas a um destinatário específico. Trata-se de instruções, conselhos, repreensões ou exortações do apóstolo aos seus discípulos. As demais epístolas existentes no Evangelho (Pedro, João, Judas Tadeu), ao contrário, são de caráter *universal* porque destinadas aos cristãos, em geral.

Quem pretenda conhecer Paulo deve estudar as suas epístolas e os Atos dos Apóstolos “[...] duas fontes independentes que se confirmam e se completam, não obstante algumas divergências em pormenores”¹

As epístolas e os Atos [dos Apóstolos] nos traçam também um retrato surpreendente da personalidade do Apóstolo. Paulo é apaixonado, alma de fogo que se consagra sem limites a um ideal. E esse ideal é essencialmente religioso. Para ele, Deus é tudo e ele o serve com uma lealdade absoluta, primeiro perseguindo aqueles que ele tem na conta de hereges (Gl 1:13; At 24: 5, 14), depois pregando o Cristo, após haver entendido por revelação que só nele está a salvação. Esse zelo incondicional traduz-se pela abnegação total ao serviço daquele que ama. Trabalhos, fadigas, sofrimentos, privações, perigos de morte (1 Cor 4:8-13; 2 Cor 4:8; 6:4-10; 11:23-27), nada lhe importa, contando que cumpra a missão pela qual sente responsável (1 Cor 9:16). [...] O ardor do seu coração sensível se traduz bem nos sentimentos que demonstra por seus fiéis.²

Há historiadores que enxergam aspectos místicos no caráter de Paulo, outros o consideram, sob certas circunstâncias, exaltado e doentio.

Nada é menos fundamentado. [...] Ele nada tem do imaginativo, se julgarmos pelas imagens pouco numerosas e corriqueiras que emprega [...]. Paulo é, antes, cerebral. Nele se une a um coração ardente inteligência lúcida, lógica, exigente, preocupada em expor a fé segundo as necessidades dos ouvintes. [...] Paulo argumenta muitas vezes como rabino, segundo métodos exegéticos que recebeu do seu meio e da sua educação (por exemplo, Gl 3:16; 4:21-31). [...] Além disso, esse semita tem boa cultura grega, recebida talvez desde a infância em Tarso, enriquecida por repetidos contatos com o mundo greco-romano, e esta influência se reflete na sua maneira de pensar, bem como em sua linguagem e no estilo.³

É possível que Paulo tenha escrito muitas outras cartas, mas somente 14 chegaram até nós. As epístolas paulinas são as seguintes, segundo a ordem existente no Novo Testamento:

1. Romanos
2. Coríntios (primeira e segunda)
3. Gálatas
4. Efésios
5. Filipenses
6. Colossenses
7. Tessalonicenses (primeira e segunda)
8. Timóteo (primeira e segunda)
9. Tito
10. Filemon
11. Hebreus

As epístolas paulinas [...] não são tratados de teologia, mas respostas a situações concretas. Verdadeiras cartas que se inspiram no formulário então em uso [...], não são nem “cartas” meramente particulares, nem “epístolas” puramente literárias, mas explicações que Paulo destina a leitores concretos e, para além deles, a todos os fiéis de Cristo. Não se deve, pois, buscar aí exposição sistemática e completa do pensamento do Apóstolo; sempre se deve supor, por detrás delas, a palavra viva, de que são o comentário em pontos particulares.[...] Embora dirigidas em ocasiões e a auditórios diferentes, descobre-se nelas uma mesma

doutrina fundamental, centrada em torno de Cristo morto e ressuscitado, mas que se adapta, se desenvolve e se enriquece no decurso desta vida consagrada totalmente a todos⁴ (1 Cor 9:19-22).

Emmanuel esclarece como e por que Paulo teve a ideia de escrever as suas cartas. Onde quer que o apóstolo estivesse sempre chegavam emissários das igrejas por ele fundadas, portadores de assuntos urgentes, que solicitavam a presença de Paulo, na localidade, para resolver conflitos ali existentes. Evidentemente, ele não podia atender a todos, pois os deslocamentos, de uma cidade para outra, eram demorados e nem sempre os dedicados discípulos, Silas e Timóteo, estavam disponíveis para substituí-lo. Preocupado com a situação e sem saber como atender às rogativas dos fiéis, Paulo orou fervorosamente a Jesus, pedindo-lhe solução para o problema.¹⁰ Após a prece, ouviu, sob inspiração, Jesus dizer-lhe:

Não te atormentes com as necessidades de serviço. É natural que não possas assistir pessoalmente a todos, ao mesmo tempo. Mas é possível a todos satisfazeres, simultaneamente, pelos poderes do espírito. [...] Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender, porque o valor da tarefa não está na presença pessoal do missionário, mas do conteúdo espiritual do seu verbo, da sua exemplificação e da sua vida. Dora-vante, Estevão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo. [...] Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da esfera do Cristo, através da contribuição amorosa de Estêvão — companheiro abnegado e fiel daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo.¹¹

Há escritores que contestam a genuinidade de algumas epístolas de Paulo, tendo como base razões teológicas, de estilo e literárias. É possível que algumas epístolas, por exemplo, aos dirigidas aos efésios, aos colossenses e aos tessalonicenses, tenham sido escritas por um discípulo que teria servido de secretário ao apóstolo dos gentios. Entretanto, nada disso diminui o trabalho missionário de Paulo nem ofusca a sua fenomenal missão.⁷

2. Epístola aos romanos

Nessa epístola, encontramos os seguintes assuntos: a) desejo de Paulo de viajar a Roma para encontrar com os membros desta a igreja cristã; b) o homem justificado pela fé está a caminho da salvação; c) combate a idolatria e vida dissoluta dos gentios e impenitência dos judeus.

Paulo se encontrava em Corinto, em vias de partir para Jerusalém, quando escreveu a sua epístola aos romanos (no inverno de 55–56 d.C.).⁵ Por essa carta se percebe que Paulo não esteve presente, nem fundou a igreja cristã de Roma, como já se pensou no passado. Na verdade, parece que ele tinha escassas informações a respeito dessa comunidade.

As [...] raras alusões de sua epístola deixam apenas vislumbrar uma comunidade em que os convertidos do Judaísmo e do paganismo correm o perigo de se desentenderem. Assim, para preparar sua chegada acha útil enviar por sua patrona Febe (Rm 16:1) uma carta em que expõe sua solução do problema judaísmo-cristianismo, tal como acaba de amadurecer devido à crise gálata.⁵

Romanos “[...] oferece explicação continuada, em que algumas grandes seções se concatenam harmoniosamente com o auxílio de temas que primeiro anunciam e depois são retomados.”⁵ Não existem dúvidas relacionadas à autenticidade da epístola aos romanos. Apenas se tem perguntado se os capítulos 15 e 16 não teriam sido acrescentados posteriormente. Supõe-se que o capítulo 16, repleto de saudações, teria sido, originalmente, um bilhete que o apóstolo enviou à igreja cristã de Éfeso.⁵

O desenvolvimento das ideias sobre a fé é, nessa carta, mais elaborado e mais completo do que em qualquer outra, escrita por Paulo. Neste sentido, começa por afirmar que não se envergonha do Evangelho, porque ele é força de Deus para a salvação de todos os que creem, independentemente se é judeu ou grego. “O justo viverá pela fé”, afirma (ROMANOS, 1:16-17) Em seguida, apresenta uma tese e ardorosa defesa sobre a salvação do homem pela fé (ROMANOS, 1 a 5).

Os membros da igreja cristã romana, formada de judeus e gentílicos convertidos ao Cristianismo, se desentendiam continuamente. O motivo básico, que produzia intranquilidade a Paulo, era o culto, idolatria e costumes que os romanos e demais gentios tinham dificuldades de abandonar: “E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem

coisas que não convém; estando cheios de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes ao pai e à mãe; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia. [...] E bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade sobre os que tais coisas fazem. E tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, cuidas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo e Deus? (Rm 1:28-31; 2:2-3).

2.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola aos romanos

» A Justiça de Deus

Para que ocorra a salvação, Paulo esclarece que todos os seres humanos devem estar cientes de que, sendo julgados por Deus, devem agir de acordo com os princípios da sua justiça (Rm 2:1-16). Os homens que se afastaram de Deus, ou que o desconhecem, que trazem o coração impenitente, que pecam contra a Lei, serão submetidos à justiça divina “a qual recompensará cada um segundo as suas obras” (Rm 2:7). A justiça de Deus se fundamenta naquilo que o homem faz ou deixa de fazer: “Porque todos os que sem lei pecaram sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados. Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados” (Rm 2:12-13). Os que têm conhecimento espiritual e não o colocam em prática, serão julgados com mais rigor.

Eis que tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade, e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei; tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtrar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós. Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura, a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará, porventura, a ti,

que pela letra e circuncisão és transgressor da lei? Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus (ROMANOS, 2:17-29).

- » A fé em Jesus como medida de salvação

Paulo reconhece que no atual estágio evolutivo da Humanidade, todos somos pecadores, “como está escrito: não há um justo, nenhum sequer” (Rm 3:10). Entretanto, analisa que podemos nos salvar pela fé em Jesus: “Mas, agora, se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o testemunho da Lei e dos Profetas, isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que creem; porque não há diferença” (Rm 3:21-22).

- » A fé em Jesus e a paz com Deus

“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança” (Rm 5: 1-4).

- » O homem sem o Cristo vive em pecado

“Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito, para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. [...] E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça” (Rm 8: 1-6; 10).

3. Epístolas aos coríntios

Paulo escreveu duas epístolas aos coríntios, destacando, em ambas, Jesus como a sabedoria de Deus.

Corinto, capital da província romana de Acaia, foi importante cidade fundada pelos gregos. Situada no istmo que separa as duas cidades portuárias de Lecaion, no golfo de Corinto, de Cencreia, no golfo Sarônico, foi centro de grande trânsito de viajantes e imenso posto comercial da antiguidade. As duas epístolas aos coríntios compõem-se, provavelmente, de várias pequenas cartas ou bilhetes escritos por Paulo à igreja cristã de Corinto, no início da quinta década d.C. Por causa do seu conteúdo, e extensão, essas epístolas se situam entre as mais importantes.⁶

Revela preocupação com as ideias e os costumes gregos, amplamente difundidos em Corinto.⁶ Um dos problemas, era a imoralidade sexual, como o incesto, mantida pelos convertidos ao Cristianismo. Outro problema era a prática, herdada dos costumes romanos, de cobrir a cabeça quando se orava ou profetizava, como sinal de culto e devoção. Uma terceira dificuldade era o hábito que existia em certos cristãos de fazer refeições, na forma de banquetes, no templo de algum deus. Por último, havia o uso e abuso dos poderes mediúnicos.⁶

Existia, pois, na igreja de Corinto, fortes disputas entre os cristãos: os de origem judaica abominavam as práticas politeístas gentílicas, consideradas bárbaras e imorais. Foi uma comunidade continuamente sacudida por escândalos, mas que recebeu muita atenção e cuidados por parte do apóstolo dos gentios.

O [...] ex-doutor da Lei procurou enriquecer a igreja de Corinto de todas as experiências que trazia da instituição antioquense. Os cristãos da cidade viviam num oceano de júbilos indefníveis. A igreja possuía seu departamento de assistência aos que necessitavam de pão, de vestuário, de remédios. Venerandas velhinhas revezavam-se na tarefa santa de atender os mais desfavorecidos. Diariamente, à noite, havia reuniões para comentar a passagem da vida do Cristo; em seguida à pregação central e ao movimento das manifestações de cada um, todos entravam em silêncio, a fim de ponderar o que recebiam do Céu através do profetismo. Os não habituados ao dom das profecias possuíam faculdades curadoras, que eram aproveitadas a favor dos enfermos, em uma sala próxima. O mediunismo evangelizado, dos tempos modernos, é o mesmo profetismo das igrejas apostólicas.¹²

A igreja cristã de Corinto, à época de Paulo, foi muito protegida pela presença de certos romanos ricos, como Tito Justo. “Os israelitas pobres encontravam na igreja um lar generoso, onde Deus se manifestava em demonstrações de bondade, ao contrário das sinagogas, em

cujo recinto [...] encontravam apenas a rispidez de preceitos tirânicos, nos lábios de sacerdotes sem piedade.”¹³

3.1 Síntese dos principais ensinamentos da primeira epístola aos coríntios

» Necessidade da concórdia e união no Cristo

Paulo suplica aos cristãos “Eu rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer. [...] Porque Cristo enviou-me não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. [...] Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Cor 1: 10-11;17-18; 22-24).

» A missão dos pregadores

“Pois quem é Paulo e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão, segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Cor 3:5-11).

» Necessidade de vida moral reta

“Geralmente, se ouve que há entre vós fornicção e fornicção tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados e nem ao menos vos entristecestes, por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação. [...] Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade

e da verdade. Já por carta vos tenho escrito que não vos associeis com os que se prostituem” (1 Cor 5:1-2; 7-9).

“Ora, quanto às coisas que me escrevestes, bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido. O marido pague à mulher a devida benevolência, e da mesma sorte a mulher, ao marido. [...] Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se (1 Cor 7:1-3; 8-9).

- » O cristão não é idólatra, nem faz sacrifícios aos ídolos

“Ora, no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos ciência. A ciência incha, mas o amor edifica. E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber. Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele. Assim que, quanto ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo e que não há outro Deus, senão um só. Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na Terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele. [...] Portanto, meus amados, fugi da idolatria” (1 Cor 8: 1-6; 10:14).

- » Os dons do Espírito ou carismas

“Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. Vós bem sabeis que éreis gentios, levados aos ídolos mudos, conforme éreis guiados. Portanto, vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema! E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo. Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil. Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas. Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer” (1 Cor 12: 1-11).

» A necessidade da caridade

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria. E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria. A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca falha; mas, havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque, agora, vemos por espelho em enigma; mas, então, veremos face a face; agora, conheço em parte, mas, então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três; mas a maior destas é a caridade” (1 Cor 13: 1-13).

3.2 Síntese dos principais ensinamentos da segunda epístola aos coríntios

» O caráter do ministério cristão

“E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento. Porque para Deus somos o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. Para estes, certamente, cheiro de morte para morte; mas, para aqueles, cheiro de vida para vida. E, para essas coisas, quem é idôneo? Porque nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus; antes, falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus. [...] E é por Cristo que temos tal confiança em Deus; não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum Novo Testamento, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, e o Espírito vivifica. [...] Como não será de maior glória o ministério do Espírito? [...] Ora, o

Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Cor 2:14-17; 3: 4-6, 8 e 17).

» As tribulações decorrentes da divulgação do Cristianismo

“Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. [...] Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos. E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossa carne mortal” (2 Cor 4:1-2, 5-11).

» Necessidade do bom ânimo; deter nas coisas espirituais

“Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. [...] Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E, por isso, também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados, não porque queremos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isso mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito. Pelo que estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor (2 Cor 4:16-18; 5: 1-6).

» Cuidados com os falsos profetas

“Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, com razão o sofrereis. Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos. E, se sou rude na palavra, não o sou, contudo, na ciência; mas já em tudo nos temos feito conhecer totalmente entre vós. Pequei, porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus?[...] Mas o que eu faço o farei para cortar ocasião aos que buscam ocasião, a fim de que, naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós. Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras” (2 Cor 11: 3-7, 12-15).

A epístola aos romanos é uma maravilhosa apologia à fé, defendida por Paulo, que afirma que o justo viverá pela fé.

Não poucos aprendizes interpretaram erradamente a assertiva. Supuseram que viver pela fé seria executar rigorosamente as cerimônias exteriores dos cultos religiosos. Frequentar os templos, harmonizar-se com os sacerdotes, respeitar a simbologia sectária, indicariam a presença do homem justo. Mas nem sempre vemos o bom ritualista aliado ao bom homem. E, antes de tudo, é necessário ser criatura de Deus, em todas as circunstâncias da existência. Paulo de Tarso queria dizer que o justo será sempre fiel, viverá de modo invariável, na verdadeira fidelidade ao Pai que está nos céus. Os dias são ridentes e tranquilos? Tenhamos boa memória e não desdenhemos a moderação. São escuros e tristes? Confiemos em Deus, sem cuja permissão a tempestade não desabaria. Veio o abandono do mundo? O Pai jamais nos abandona. Chegaram as enfermidades, os desenganos, a ingratidão e a morte? Eles são todos bons amigos, por trazerem até nós a oportunidade de sermos justos, de vivermos pela fé, segundo as disposições sagradas do Cristianismo.⁸

As epístolas aos coríntios reflete o compromisso de Paulo de sempre confiar e esperar no Cristo, como também nos aconselha Emmanuel.

É natural confiar no Cristo e aguardar nele, mas que dizer da angústia da alma atormentada no círculo de cuidados terrestres, esperando egoisticamente que Jesus lhe venha satisfazer os caprichos imediatos? [...] É imprescindível, portanto, esperar em Cristo com a noção real da eternidade. A filosofia do imediatismo, na Terra, transforma os homens em crianças. Não vos prendais à idade do corpo físico, às circunstâncias e condições transitórias. Indagai da própria consciência se permanecéis com Jesus. E aguardai o futuro, amando e realizando com o bem, convicto de que a esperança legítima não é repouso e, sim, confiança no trabalho incessante.⁹

Referências

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Item: Introdução às epístolas de São Paulo, p. 1954.
2. _____. _____. p. 1954-1955.
3. _____. _____. p. 1955-1956.
4. _____. _____. p. 1956.
5. _____. _____. p. 1959.
6. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger, Michael D. Coogan. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, Item: Corinto, p. 44.
7. _____. _____. Item: Paulo. Epístolas, p. 248.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 23 (Viver pela fé), p. 61-62.
9. _____. _____. Cap. 123 (Esperar em Cristo), p. 261-262.
10. _____. *Paulo e Estêvão: episódios históricos do Cristianismo primitivo*. Pelo Espírito Emmanuel. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte, cap. 7 (As epístolas), p. 525-528.
11. _____. _____. p. 529-530.
12. _____. _____. p. 531.
13. _____. _____. p. 531.

Orientações ao monitor

Realizar exposição introdutória do assunto, assinalando características da personalidade de Paulo e identificando os motivos que conduziram o apóstolo dos gentios a escrever epístolas. Em seguida, formar grupos para o estudo dos principais ensinamentos existentes nas epístolas aos romanos e aos coríntios, cujas conclusões devem ser analisadas em plenária.

O CRISTIANISMO

Roteiro 15

AS EPÍSTOLAS DE PAULO (2)

Objetivos

- » Analisar os principais ensinamentos existentes nas epístolas destinadas aos gálatas, aos efésios, aos filipenses e aos colossenses.

Ideias principais

- » Na epístola aos gálatas, Paulo faz uma súplica continuada e apaixonada sobre as necessidades dos cristãos se manterem fiéis ao Evangelho.
- » Em efésios, o missivista evidencia preocupação de a comunidade cristã de Éfeso não se deixar conduzir pelas ideias dos filósofos, artistas, retóricos e historiadores contrárias aos ensinamentos evangélicos.
- » Na carta dirigida aos filipenses encontramos refletidos o amor e consideração que o apóstolo dos gentios tinha pelos cristãos de Filipos, dedicados servidores do Cristo.
- » A epístola de colossos recebe de Paulo alertas contra ideias estranhas, oriundas das práticas pagãs, que poderiam contaminar a mensagem do Evangelho.

Subsídios

1. Epístola aos gálatas

Os gálatas viveram na Galácia, antiga província romana, região situada no centro da Ásia Menor (atualmente, fica próxima de Ancara, na Turquia). A Galácia original era formada de diversos povos e abrigava várias comunidades cristãs primitivas.¹

Os gálatas originais eram celtas que, vindo da Europa central, tinham invadido a Ásia Menor e se estabeleceram ali no século III a.C. Mas os soberanos da Galácia estenderam seu poder sobre os territórios vizinhos, povoados por outros grupos étnicos; esses grupos foram incluídos na província da Galácia e eram gálatas no sentido político, embora não no sentido étnico. Alguns desses grupos pertenciam as cidades de Antioquia da Psídia, Icônio, Listra e Derbe, que foram evangelizadas por Paulo e Barnabé por volta de 47d.C.²

Nessa carta, escrita, possivelmente, entre 48 e 55, foi enviada, em especial às igrejas de Antioquia da Psídia, Icônio, Listra e Derbe e, talvez, à Galácia étnica. Paulo faz uma apaixonada súplica aos cristãos das diferentes igrejas para que não se desviem do Evangelho.³

Eles [...] estavam propensos a dar ouvidos a certos mestres que os exortavam a acrescentar à sua fé em Cristo alguns traços característicos do Judaísmo, em particular a circuncisão. Esses mestres tentavam também diminuir a autoridade de Paulo, insistindo em que ele estava em dívida para como os líderes eclesiais de Jerusalém por sua delegação apostólica e não tinham nenhum direito de desviá-los da prática [judaica] de Jerusalém. A epístola pode ser lida contra o pano de fundo do ressurgimento do nacionalismo militante da Judeia nos anos após 44 d.C. Esses militantes (que vieram a ser chamados de zelotes) tratavam os judeus que confraternizavam com gentios como traidores.³

1.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola aos gálatas

A análise dos ensinamentos que se seguem deve considerar, sempre, a ação dos zelotes que desejavam, por um lado, que os judeus convertidos voltassem ao Judaísmo, e, por outro, desmoralizar a mensagem cristã e a Paulo, considerado traidor por ter-se tornado cristão.

» Constância na fé cristã

“Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema. Porque persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo. Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo. [...] Nós somos judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios. Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada. Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo, nós mesmos também somos achados pecadores, é, porventura, Cristo ministro do pecado? De maneira nenhuma. [...] Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já representado como crucificado? Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gl 1:8-12; 2:15-17; 3:1-4).

» Fidelidade ao Cristo

“É evidente que, pela lei, ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá da fé. Ora, a lei não é da fé, mas o homem que fizer estas coisas por elas viverá. [...] De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados. Mas, depois que a fé veio, já não estamos debaixo de aio. Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa” (Gl 3: 11-12, 22-29).

» O homem com o Cristo é livre

“Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou e não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão. Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. [...] Porque nós, pelo espírito da fé, aguardamos a esperança da justiça. Porque, em Jesus Cristo, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas, sim, a fé que opera por caridade. [...] Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade. Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. [...] Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra essas coisas não há lei. E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito (Gl 5: 1-2, 5-6, 13-14, 22-25).

A carta aos gálatas sintetiza a necessidade de se manter fiel ao Cristo em benefício do próprio progresso espiritual.

Um dos maiores desastres no caminho dos discípulos é a falsa compreensão com que iniciam o esforço na região superior, marchando em sentido inverso para os círculos da inferioridade. Dão, assim, a ideia de homens que partissem à procura de ouro, contentando-se, em seguida, com a lama do charco. [...] Observamos enfermos que se dirigem à espiritualidade elevada, alimentando nobres impulsos e tomados de preciosas intenções; conseguida a cura, porém, refletem na melhor maneira de aplicarem as vantagens obtidas na aquisição do dinheiro fácil. [...] Numerosos aprendizes persistem nos trabalhos do bem; contudo, eis que aparecem horas menos favoráveis e se entregam, inertes, ao desalento, reclamando prêmio aos minguados anos terrestres em que tentaram servir na lavoura do Mestre divino e plenamente despreocupados dos períodos multimilenários em que temos sido servidos pelo Senhor. Tais anomalias espirituais que perturbam consideravelmente o esforço dos discípulos procedem dos filtros venenosos compostos pelos pruridos de recompensa. Trabalhem, pois, contra a expectativa de retribuição, a fim de que prossigamos na tarefa começada, em companhia da humildade, portadora de luz imperecível.¹¹

2. Epístola aos efésios

Os efésios eram os habitantes de Éfeso, cidade situada na costa ocidental da Ásia Menor, atualmente pertencente à Turquia. Era [...] sede da comunidade cristã a que a Epístola aos efésios é dirigida. Geralmente reconhecida como a primeira e a mais notável metrópole da província romana da Ásia. Éfeso desempenhou um papel histórico no movimento do Cristianismo desde a Palestina até Roma. Atos [dos Apóstolos] descreve Éfeso como o ponto culminante da atividade missionária de Paulo, e foi de Éfeso que Paulo escreveu as Epístolas aos coríntios. [...] Do período clássico ao bizantino, Éfeso exerceu hegemonia na região jônica. Era famosa pelos seus filósofos, artistas, poetas, historiadores e retóricos. [...]. Não admira que Paulo seja visto ensinando “todos os dias na escola de Tirano”, em Éfeso, durante dois anos (Atos, 19:9), que João tenha, ao que se conta, escrito o Quarto Evangelho em Éfeso, e que tenha sido o local da conversão de Justino Mártir, o primeiro filósofo cristão.⁴

À época da instalação do Cristianismo primitivo, Éfeso possuía cerca de 250 mil habitantes, constituindo-se um dos centros urbanos e comerciais que mais rapidamente cresceram nos domínios romanos do Oriente. Segundo Flávio Josefo, embora na cidade existisse uma expressiva comunidade judaica, de onde saíram inúmeros cristãos convertidos, a cidade também era famosa como centro de magia e taumaturgia. Havia inúmeros exorcistas, judeus e gentílicos, como o famoso pagão Apolônio de Tiana. Existiam também, ali, inúmeros templos e panteões, objeto de cultos e rituais aos deuses, sendo o mais importante o templo consagrado à deusa Artemisa, que foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.⁴

A epístola aos efésios foi escrita entre os anos 61–63, quando Paulo estava preso, possivelmente em Roma, e faz parte do grupo das cartas denominadas “epístolas do cativoiro”⁴ (Ef 1:1; 3:1-13; 4:1; 6: 19-22).

A autenticidade dessa epístola é questionada. Em 1729, o teólogo inglês Edward Evanson colocou publicamente, pela primeira vez, a questão. No século 19, estudiosos alemães chegaram à mesma conclusão: a epístola não era de Paulo. Este é o pensamento atual, mantido pela maioria dos pesquisadores.

A autoria da carta é atribuída a Onésimo, “[...] o escravo foragido mencionado na epístola de Paulo a Filemon, que é depois identificado também com o bispo de Éfeso que usava o nome Onésimo [...]”⁵

2.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola aos efésios

» A salvação pela graça

Trata-se de pensamento, existente no capítulo dois da epístola, que contraria a salvação pela fé, defendido por Paulo na epístola aos romanos e na aos gálatas. Este deve ter sido um dos pontos que suscitaram dúvidas nos estudiosos. O estilo e a linguagem são também diferentes (são de natureza mais teológica). Analisemos a seguinte ordem de ideias: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que, noutra época, andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que, agora, opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também, antes, andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também. Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus [...]. Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2: 1-6, 8).

» A unidade da fé no Cristo

“Portanto, lembrai-vos de que vós, noutra época, éreis gentios na carne e chamados incircuncisão pelos que, na carne, se chamam circuncisão feita pela mão dos homens; que, naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo. Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um [...] Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz: há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual

é sobre todos, e por todos, e em todos. Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo” (Ef 2: 11-14; 4: 1-7).

» Santidade dos costumes

“E digo isto e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus, pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração, os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para, com avidez, cometerem toda impureza. [...] Pelo que deixai a mentira e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros. Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo. Aquele que furtava não furte mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade. Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (Ef 4:17-19, 25-29).

» A armadura de Deus

“No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo [...]. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça, e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus [...]” (Ef 6:10-11, 13-17).

A epístola aos efésios indica que os aprendizes do Evangelho devem procurar levar uma vida simples e desprendida, vigiando os pensamentos e atos.

Cada criatura dá sempre notícias da própria origem espiritual. Os atos, palavras e pensamentos constituem informações vivas da zona mental de que procedemos. Os filhos da inquietude costumam abafar quem os ouve, em mantos escuros de aflição. Os rebentos da tristeza espalham o nevoeiro do desânimo. Os cultivadores da irritação fulminam o espírito da gentileza com os raios da cólera.

Os portadores de interesses mesquinhos ensombram a estrada em que transitam, estabelecendo escuro clima nas mentes alheias. Os corações endurecidos geram nuvens de desconfiança, por onde passam. Os afeiçoados à calúnia e à maledicência distribuem venenosos quinhões de trevas com que se improvisam grandes males e grandes crimes.

Os cristãos, todavia, são filhos da luz. E a missão da luz é uniforme e insofismável. Beneficia a todos sem distinção. Não formula exigências para dar. Afasta as sombras sem alarde. Espalha alegria e revelação crescentes. Semeia renovadas esperanças. Esclarece, ensina, ampara e irradia-se.¹²

3. Epístola aos filipenses

Filipenses eram os habitantes de Filipos.

Importante [...] cidade da Macedônia oriental, na Grécia, sede da comunidade cristã a que a Epístola de Paulo aos filipenses é dirigida. Após a batalha decisiva de 42 a.C., nas proximidades da cidade, o imperador Otaviano havia feito de Filipos uma colônia romana e dado a seus cidadãos os direitos e privilégios dos que nasciam e viviam em Roma. Segundo o relato de Atos, a igreja de Filipos começou assim: Paulo, em sua segunda viagem missionária, deixou Ásia Menor pela Macedônia, foi a Filipos, pregou o Evangelho; Lídia, uma mulher proeminente daquela região, e alguns outros se tornaram cristãos. Ao que parece a igreja foi abrigada inicialmente na casa de Lídia. Apesar dos seus começos modestos, cresceu e se tornou uma ativa comunidade cristã, desempenhando importante papel no evangelismo, partilhando prontamente suas próprias posses materiais, mesmo em meio a extrema pobreza, e enviando generosamente um dos seus para ajudar Paulo em seu trabalho para auxiliá-lo quando estava na prisão. Paulo visitou essa igreja em pelo menos três ocasiões [...].⁶

A epístola traz um apelo do apóstolo aos cristãos, pedindo-lhes “[...] que vivam de maneira condigna do Evangelho, em unidade, harmonia e generosidade, sem lamúrias nem queixas, mantendo sempre diante de si Jesus Cristo como modelo supremo de toda ação moral [...]”.⁷

A epístola destaca as qualidades de Timóteo e Epafrodito, exemplos de trabalhadores cristãos fiéis, prometendo enviá-los a Filipos.

“[...] Adverte-os contra evangelistas judeus ou judaizantes cujos ensinamentos e práticas são contrários ao Evangelho [...]”⁷

A autenticidade da epístola aos filipenses não é posta em dúvida. O que se supõe é que, originalmente, existiu um conjunto de bilhetes ou três pequenas cartas, posteriormente reunidos numa única epístola.⁸

A comunidade de Filipos devotava especial afeto ao apóstolo dos gentios, cumpriram fielmente as suas orientações e o auxiliou, dentro das suas possibilidades, quando caiu prisioneiro na Tessalônica e em Corinto.⁷ Paulo lhes escreve agradecendo o auxílio, recebido por intermédio de Epafrodito (Fl 4, 10-20).

Filipenses faz parte do grupo das “epístolas do cativo”. Paulo se encontrava prisioneiro quando a escreveu, não se sabe exatamente onde: em Roma, em Cesareia da Palestina ou em Éfeso.⁷

A carta aos filipenses é de natureza pouco doutrinária. “[...] É uma efusão do coração, uma troca de notícias, uma advertência contra os “maus operários” que destroem alhures os trabalhos do Apóstolo e bem poderiam atacar também os seus caros filipenses [...]”⁸ A epístola destaca também o valor da humildade.⁸

3.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola aos filipenses

» Exemplo de vivência do Evangelho

Os filipenses cristãos formavam uma comunidade pobre de bens materiais, mas sinceramente devotada ao Evangelho. Os filipenses jamais esqueceram as lições que lhes foram ensinadas por Paulo, auxiliando-o quando esteve preso e, recebendo deste, os sentimentos de afeto e reconhecimento. Os filipenses foram cristãos que souberam colocar em prática a vivência da caridade.

“Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós, fazendo, sempre com alegria, oração por vós em todas as minhas súplicas, pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora. Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até o Dia de Jesus Cristo. Como tenho por justo sentir isto de vós todos, porque vos retenho em meu coração, pois todos vós fostes participantes da minha graça, tanto nas minhas prisões como na minha defesa e confirmação do evangelho. Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho, em entranhável

afeição de Jesus Cristo. E peço isto: que a vossa caridade aumente mais e mais em ciência e em todo o conhecimento” (Fl 1: 3-9).

- » Exortação à perseverança, ao amor fraternal e à humildade

“Somente deveis portar-vos dignamente conforme o Evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho. [...] Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. [...] De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio duma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo; retendo a palavra da vida, para que, no Dia de Cristo, possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão” (Fl 1: 27; 2: 3, 12-16).

- » Cuidados contra os maus obreiros. Cultivo dos bens espirituais

“Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor. Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós. Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão! [...] Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. [...] Portanto, meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa, estai assim firmes no Senhor, amados. [...] Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos. Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor. Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus. Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai” (Fl 3:1-2, 13-14; 4:1, 4-8).

A carta de Paulo aos filipenses atesta que estes representavam um exemplo de cristão que absorveu o sentido espiritual do Evangelho: fora da caridade não há salvação.

A caridade é, invariavelmente, sublime nas menores manifestações, todavia, inúmeras pessoas muitas vezes procuram limitá-la, ocultando-lhe o espírito divino. Muitos aprendizes creem que praticá-la é apenas oferecer dádivas materiais aos necessitados de pão e teto. Caridade, porém, representa muito mais que isso para os verdadeiros discípulos do Evangelho. [...] Caridade essencial é intensificar o bem, sob todas as formas respeitáveis, sem olvidarmos o imperativo de autossublimação para que outros se renovem para a vida superior, compreendendo que é indispensável conjugar, no mesmo ritmo, os verbos dar e saber.[...] Bondade e conhecimento, pão e luz, amparo e iluminação, sentimento e consciência são arcos divinos que integram os círculos perfeitos da caridade. Não só receber e dar, mas também ensinar e aprender.¹³

4. Epístola aos colossenses

Paulo enviou três cartas às comunidades cristãs da província romana da Ásia. Colossos foi uma delas, cidade localizada a aproximadamente 200 km de Éfeso.

Colossos localizava-se no oeste da Ásia Menor, ao sul do rio Meandro (atual Menderes), 6,4 km a leste de Denizli na Turquia de hoje. Era uma cidade comercial até ser incorporada pela vizinha Laodiceia, e abrigou a comunidade cristã a quem foi dirigida a epístola aos colossenses.⁹

Paulo teve contato com os colossenses a partir do seu trabalho missionário em Éfeso (ATOS DOS APÓSTOLOS, 19) e auxiliado por muitos companheiros, através dos quais diversas igrejas cristãs foram erguidas na Ásia romana, como as do Vale do Lico, da Laodiceia e de Hierápolis. As comunidades cristãs fundadas nessas localidades dependeram do esforço de Epafras, dedicado discípulo de Paulo, que o via como “leal ministro do Cristo.”⁹

A epístola aos colossenses faz parte do grupo das “epístolas do cativo”.

Paulo estava na prisão (provavelmente em Roma) [...]. A epístola aos colossenses parece ter sido escrita bastante cedo no período que Paulo

estava na prisão, por volta de 60–61 a.C. Epafra fizera uma visita a Paulo em Roma e o informara do estado das igrejas no vale do Lico. Embora grande parte do relato fosse animador, uma característica inquietante era o ensinamento atraente, mas falso recentemente introduzido na congregação; se não fosse contido, subverteria o Evangelho e poria os colossenses numa servidão espiritual.⁹

A dificuldade relatada por Epafra estava relacionada à idolatria e aos maus costumes pagãos (liberalidade sexual), uma vez que as comunidades cristãs, da região, eram basicamente constituídas de gentios convertidos.

Existem dúvidas se a carta aos colossenses é de autoria de Paulo. Alguns estudiosos entendem que o estilo pesado e repetitivo não é o usualmente utilizado pelo apóstolo. Há dúvidas também relacionadas a certas ideias teológicas, principalmente as que fazem alusão ao corpo do Cristo, ao Cristo como cabeça do corpo e à igreja universal.⁸ São ideias semelhantes às divulgadas pelos gnósticos no século II d.C. Outras ideias que são combatidas, pretensamente por Paulo, estão relacionadas a conceitos essênicos, comuns entre os judeus que seguiam os preceitos dos essênios (poderes celestes e cósmicos), seita existente à época do Cristo.¹⁰

4.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola aos colossenses

» Exortação à espiritualidade e ao amor fraternal

“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra [...]. Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a Terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência e a avareza, que é idolatria [...]. Mas, agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos. [...] Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros e perdoados uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição.

E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração. E, quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. (Cl 3: 1-2, 5, 8-9, 12-17).

A carta dirigida à comunidade cristã de Colossos evidencia o amor fraternal, o espírito de cooperação que deve reger as relações interpessoais.

É impossível qualquer ação de conjunto, sem base na tolerância. Aprendamos com o Cristo. A queixa desfigura a dignidade do trabalho, retardando-lhe a execução. Indispensável cultivar a renúncia aos pequenos desejos que nos são peculiares, a fim de conquistarmos a capacidade de sacrifício, que nos estruturará a sublimação em mais altos níveis. Para que o trabalho nos eleve, precisamos elevá-lo. Para que a tarefa nos ajude, é imprescindível nos disponhamos a ajudá-la. Recordemos que o supremo orientador das equipes de serviço cristão é sempre Jesus. Dentro delas, a nossa oportunidade de algo fazer constitui só por si valioso prêmio. Esqueçamo-nos, assim, de todo o mal, para construirmos todo o bem ao nosso alcance. E, para que possamos agir nessas normas, é imperioso suportar-nos como irmãos, aprendendo com o Senhor, que nos tem tolerado infinitamente.¹⁴

Referências

1. BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Item: Introdução às epístolas de São Paulo, p. 1960.
2. _____. _____. p. 1961.
3. _____. _____. p. 1962.
4. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger, Michael D. Coogan. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, Item: Colossos, p. 43.
5. _____. _____. Item: Éfeso, p. 65.
6. _____. _____. p. 66.
7. _____. _____. Item: Filipos, p. 92-93.

8. _____. _____. Item: Galácia, p. 95.
9. _____. _____. p. 95-96.
10. _____. _____. p. 96.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 163 (Aprendamos com Jesus), p. 397- 398.
12. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 155 (Contra a insensatez), p. 325-326.
13. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 116 (Não só), p. 263-264.
14. _____. _____. Cap. 160 (Filhos da luz), p. 357-358.

Orientações ao monitor

Realizar exposição introdutória e panorâmica do assunto.
Formar grupos para o estudo dos principais ensinamentos existentes nas epístolas citadas neste Roteiro, destacando o pensamento espírita.

O CRISTIANISMO

Roteiro 16

AS EPÍSTOLAS DE PAULO (3)

Objetivos

- » Analisar os principais ensinamentos existentes nas epístolas destinadas aos tessalonicenses, a Timóteo, a Tito, a Filemon e aos hebreus.

Ideias principais

- » As duas epístolas dirigidas aos tessalonicenses são consideradas os escritos mais antigos do Novo Testamento. Abrangem instruções para as comunidades cristãs recém-criadas.
- » As duas epístolas endereçadas a Timóteo, assim como a que foi enviada a Tito, são chamadas de “pastorais” porque trazem orientações ao trabalho missionário desses dois cooperadores e amigos de Paulo.
- » A carta a Filemon é, na verdade, um pedido de perdão que Paulo faz em benefício de Onésimo, um escravo fugitivo.
- » Ao contrário de todas as precedentes, a epístola aos hebreus teve a sua autenticidade posta em dúvida desde a antiguidade. Emmanuel, porém, afirma que esta carta foi, efetivamente, escrita pelo próprio Paulo que a redigiu com grande emoção.

Subsídios

1. Epístolas aos tessalonicenses

As duas epístolas dirigidas aos tessalonicenses são consideradas os primeiros escritos de Paulo, e, também, os mais antigos do Novo Testamento. Tessalônica, cidade litorânea, capital da Macedônia, na Grécia, foi visitada por Paulo, Silas e Timóteo, durante a segunda viagem missionária do apóstolo (ATOS DOS APÓSTOLO, 16 a 18).

Após deixar Filipos, Paulo e seus companheiros passaram ali um tempo breve, mais longo o suficiente para ganhar vários convertidos entre judeus e gregos que frequentavam a sinagoga e fundar uma igreja. Segundo Lucas, a oposição forçou os missionários a partir precipitadamente. Eles seguiram para Acaia e trabalharam brevemente em Atenas e depois, por um longo período, em Corinto. Foi durante esse período que Timóteo fez a visita mencionada em I Tessalonicenses, 3:1-6 e que Paulo escreveu a primeira epístola, sem dúvida de Corinto.⁹

A duas epístolas foram redigidas em linguagem simples, focalizando problemas surgidos na comunidade, ainda na infância da fé, a braços com costumes e ideias do paganismo circundante, que ameaçavam penetrá-la. Revela o tipo de pregação usual na igreja primitiva: sermões que se caracterizavam pela simplicidade e clareza, denominados prédiga. Percebe-se, igualmente, que Paulo se encontrava na primeira fase de compreensão do Evangelho.⁵

O enfoque principal da primeira epístola é a futura vinda do Cristo, chamada de *parusia*. Há indicações de que os tessalonicenses não compreenderam o real sentido da ressurreição e a forma de como o Cristo poderia retornar. Daí a razão das explicações contidas nessa carta. Não há dúvida de que Paulo foi o seu autor.¹⁰

A segunda epístola suscita problemas para os quais não há respostas consensuais. Sua linguagem e conteúdo são suficientemente semelhantes aos de Tessalonicenses para indicar que, se autêntica, foi provavelmente escrita não muito tempo depois da primeira epístola. [...] A pungência da linguagem de Paulo pode sugerir também que ele próprio estava sendo alvo de ataque particular de pessoas de fora da

igreja. [...] Na parte final da carta, encontramos indícios de que alguns membros da igreja estava vivendo na ociosidade, à custa dos outros. [...] Isso provocou forte censura de Paulo, que acreditava firmemente que os cristãos deviam trabalhar para o seu sustento.¹⁰

1.1 Síntese dos principais ensinamentos das epístolas aos tessalonicenses

» Exortação a uma vida simples e santificada

Costumes dissolutos e práticas sexuais ultrajantes (incesto, por exemplo) foram os maiores desafios enfrentados por Paulo junto aos povos gentílicos. Eles se convertiam ao Cristianismo, mas tinham dificuldades em abrir mão das práticas às quais estavam acostumados. Resulta o apóstolo lhes falarem com veemência: “Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradecer a Deus, assim andai, para que continueis a progredir cada vez mais; porque vós bem sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus. Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra, não na paixão de concupiscência, como os gentios, que não conhecem a Deus. Ninguém oprima ou engane a seu irmão em negócio algum, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também, antes, vo-lo dissemos e testificamos. Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação” (1Ts 4:1-7).

» Ressurreição do Cristo

Percebe-se que os habitantes da Tessalônica acreditavam que as pessoas mortas permaneciam dormindo, nada sabendo sobre a ressurreição nem sobre a reencarnação, ideias comuns que os demais gregos tinham informações, ainda que rudimentares.

“Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos,

seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (1Ts 4:13-18).

» A outra vinda do Cristo

“Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o Dia de Cristo estivesse já perto. [...] Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco? [...] Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. E o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, e nosso Deus e Pai, que nos amou e em graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança” (2 Ts 2: 1-2, 5, 15-16).

Dirigindo-se aos irmãos de Tessalônica, o apóstolo dos gentios rogou-lhes concurso em favor dos trabalhos evangélicos, para que o serviço do Senhor estivesse isento dos homens maus e dissolutos, justificando apelo com a declaração de que a fé não é de todos. Através das palavras de Paulo, percebe-se-lhe a certeza de que as criaturas perversas se aproximariam dos núcleos de trabalho cristianizante, que a malícia delas poderia causar-lhes prejuízos e que era necessário mobilizar os recursos do espírito contra semelhante influência. O grande convertido, em poucas palavras, gravou advertência de valor infinito, porque, em verdade, a cor religiosa caracterizará a vestimenta exterior de comunidades inteiras, mas a fé será patrimônio somente daqueles que trabalham sem medir sacrifícios, por instalá-la no santuário do próprio mundo íntimo. A rotulagem de cristianismo será exibida por qualquer pessoa, todavia, a fé cristã revelar-se-á pura, incondicional e sublime em raros corações.¹⁴

2. Epístolas a Timóteo

As duas epístolas a Timóteo são classificadas de *pastorais* porque salientam a firmeza doutrinária e a consagração ao ministério do Senhor. “O caráter que se diria hoje dogmático e moralista destas cartas é julgado pelos críticos como sinal de que não saíram da pena do mesmo autor de Romanos ou Gálatas.”¹⁵ Timóteo foi importante e dedicado servidor do evangelho, além de grande amigo de Paulo.

Nascido na Ásia Menor de mãe judia e pai gentio, tornou-se companheiro de Paulo e, segundo Atos, acompanhou-o em sua primeira viagem à Grécia e mais tarde serviu como emissário junto a comunidades cristãs ali, inclusive Corinto. Paulo chama Timóteo seu “irmão e colaborador”¹¹ (1 TESSALONICENSES, 3:2; 2 CORÍNTIOS, 1:1; ROMANOS, 16:21).

A autoria dessas epístolas é contestada. As dúvidas estão relacionadas, primeiro, ao vocabulário e o estilo, muito diferente do existente em outras epístolas, como romanos e coríntios. Segundo há conceitos teológicos referentes à respeitabilidade pública, próprio das ideias de padres católicos. Terceiro há uma ordenação eclesiástica, não encontrada nas demais epístolas paulinas, semelhante aos escritos à existentes no século I d.C. (de Policarpo, por exemplo). Quarto há trechos em que o autor discute teologicamente com os opositores, quando Paulo jamais procedeu assim, limitando-se, apenas, a repreendê-los.¹¹

2.1 Síntese dos principais ensinamentos das epístolas a Timóteo

» Valor da oração

“Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador [...]. Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda” (1Tm 2:1-2, 8).

» Precauções contra os Espíritos enganadores

“Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças [...]” (1Tm 4: 1-3).

» Cuidados com os velhos e as viúvas

“Não repreendas asperamente os anciãos, mas admoesta-os como a pais; aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães, às moças, como a irmãs, em toda a pureza. Honra as viúvas

que verdadeiramente são viúvas. Mas, se alguma viúva tiver filhos ou netos, aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria família e a recompensar seus pais; porque isto é bom e agradável diante de Deus” (1Tm 5:1-3).

» Exortação à firmeza e constância no ministério

“Timóteo, meu amado filho: graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai, e da de Cristo Jesus, Senhor nosso. Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com uma consciência pura, porque sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, noite e dia; desejando muito ver-te, lembrando-me das tuas lágrimas, para me encher de gozo; trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti. Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos. Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação. [...] Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade, paciência [...]” (2 Tm 1:2-7; 3:10).

O discípulo sincero do Evangelho vive em silenciosa batalha no campo do coração. [...] A vitória do espírito exige esforço integral do combatente. E, mais tarde, o lidador cristão é convidado a testemunhos mais ásperos, compelido à batalha solitária, sem o recurso de outros tempos. A lei de renovação modifica-lhe os roteiros, subtrai-lhe as ilusões, seleciona-lhe os ideais. [...] Quando o aprendiz receber a dor em si próprio, compreendendo-lhe a santificante finalidade, e exercer a justiça ou aceitá-la, acima de toda a preocupação dos elos consanguíneos, estará atingindo a sublime posição de triunfo no combate contra o mal.¹⁸

3. Epístolas a Tito

A epístola a Tito é também chamada de “pastoral”. O discípulo foi importante associado de Paulo que, como Timóteo, esteve sempre muito próximo do apóstolo.

Acompanhou Paulo em sua segunda viagem a Jerusalém, serviu como seu emissário a Corinto e foi por ele designado para supervisionar a igreja de Jerusalém. Paulo se refere a Tito como seu “parceiro e colaborador” (2 Cor 8:23). Embora Tito fosse um gentio, não se exigiu

dele que se circuncidasse, a despeito da opinião de alguns líderes cristãos judeus. Tito simboliza assim a crescente separação entre o Cristianismo e o Judaísmo à medida que cristãos como ele não eram obrigados a observar muitos aspectos da lei judaica.¹²

Os assuntos abordados na epístola a Tito são semelhantes aos existentes nas cartas dirigidas a Timóteo. Trata-se de diretivas para a organização e conduta das comunidades confiadas a esses discípulos. Da mesma forma, o estilo de Paulo, ao se dirigir aos dois amigos, “[...] não é mais apaixonado e entusiasta, mas mitigado e burocrático. O modo de resolver problemas mudou. Paulo simplesmente condena falso ensinamento em lugar de argumentar persuasivamente contra ele”¹

Em razão dessa drástica mudança de estilo e de argumentação, é compreensível o questionamento a respeito da autenticidade da epístola.¹ Supõe-se que a carta tenha sido escrito por um outro discípulo de Paulo, no fim do século I d.C.¹

3.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola a Tito

» O discípulo do Cristo deve exemplificar

“Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina. Os velhos que sejam sóbrios, graves, prudentes, sãos na fé, na caridade e na paciência. As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem, para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada. Exorta semelhantemente os jovens a que sejam moderados. Em tudo, te dá por exemplo de boas obras; na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós. Exorta os servos a que se sujeitem a seu senhor e em tudo agradem, não contradizendo, não defraudando, antes mostrando toda boa lealdade [...]” (Tt 2:1-10).

O homem enxerga sempre, através da visão interior. Com as cores que usa por dentro, julga os aspectos de fora. Pelo que sente, examina os sentimentos alheios. Na conduta dos outros, supõe encontrar os meios

e fins das ações que lhe são peculiares. Daí, o imperativo de grande vigilância para que a nossa Consciência não se contamine pelo mal.

[...] Quando a treva se estende, na intimidade de nossa vida, deploráveis alterações nos atingem os pensamentos. Virtudes, nessas circunstâncias, jamais são vistas. Os males, contudo, sobram sempre. Os mais largos gestos de bênção recebem lastimáveis interpretações. Guardemos cuidado toda vez que formos visitados pela inveja, pelo ciúme, pela suspeita ou pela maledicência. Casos intrincados existem nos quais o silêncio é o remédio bendito e eficaz, porque, sem dúvida, cada espírito observa o caminho ou o caminheiro, segundo a visão clara ou escura de que dispõe.¹⁵

4. Epístolas a Filemon

Filemon foi um cristão que viveu na Frigia no primeiro século da Era Cristã.

O principal interesse da breve carta é o destino do escravo de Filemon, Onésimo. [...] Parece que esse escravo havia sido de início útil a seu senhor, mas tornara-se inútil porque, tendo considerado suas condições intoleráveis, fugira de Colossos, provavelmente levando consigo certos objetos de valor pertencentes a seu patrão. A epístola fala do que se seguiu à fuga. Tendo se dirigido para uma cidade maior, Onésimo fora detido e posto na prisão, onde encontrou Paulo. Ali o escravo foi convertido e logo se fez útil a Paulo. Ao ser libertado, o novo cristão teve de decidir o que fazer com relação aos direitos de seu senhor prejudicado. Voltar para ele era correr o risco de severa punição, pois fugir da escravidão era uma transgressão capital e Filemon teria todo direito de lhe infligir a pena que quisesse. Encorajado por Paulo, contudo, o escravo decidiu retornar e partiu para Colossos, na companhia de Tíquico, e levando essa carta de Paulo. [...] Quando a carta foi entregue, o senhor deve ter enfrentado um dilema. A violação de seus direitos de propriedade teria gerado indignação, apoiados como eram pela lei romana e o costume universal. [...] Paulo pedia ao proprietário que acolhesse seu escravo como um irmão, aceitasse a restituição do que havia perdido e o tratasse como se fosse o próprio Paulo. [...] o que estava em jogo era mais que perdão, pois Paulo parece ter pedido a Filemon não só libertasse Onésimo, mas que até o enviasse de volta a ele, Paulo, para ajudá-lo no trabalho missionário [...]. Nada se sabe sobre a história posterior dos dois personagens [...].⁷

Emmanuel faz significativos comentários a respeito da fraterna atitude de intercessão, operada por Paulo.

Enviando Onésimo a Filemon, Paulo, nas suas expressões inspiradas e felizes, recomendava ao amigo lançasse ao seu débito quanto lhe era devido pelo portador. Afeiçoemos a exortação às nossas necessidades próprias. Em cada novo dia de luta, passamos a ser maiores devedores do Cristo. Se tudo nos corre dificilmente, é de Jesus que nos chegam as providências justas. Se tudo se desenvolve retamente, é por seu amor que utilizamos as dádivas da vida e é, em seu nome, que distribuímos esperanças e consolações. Estamos empenhados à sua inesgotável misericórdia. Somos dele e nessa circunstância reside nosso título mais alto. Por que, então, o pessimismo e o desespero, quando a calúnia ou a ingratidão nos ataquem de rijo, trazendo-nos a possibilidade de mais vasta ascensão? Se estamos totalmente empenhados ao amor infinito do Mestre, não será razoável compreendermos pelo menos alguma particularidade de nossa dívida imensa, dispendo-nos a aceitar pequenina parcela de sofrimento, em memória de seu nome, junto de nossos irmãos da Terra, que são seus tutelados igualmente? Devemos refletir que quando falamos em paz, em felicidade, em vida superior, agimos no campo da confiança, prometendo por conta do Cristo, porquanto só Ele tem para dar em abundância. Em vista disso, caso sintas que alguém se converteu em devedor de tua alma, não te entregues a preocupações inúteis, porque o Cristo é também teu credor e deves colocar os danos do caminho em sua conta divina, passando adiante.¹³

5. Epístolas aos hebreus

Hebreus é um termo étnico, aplicado aos antigos israelitas ou judeus, como são denominados no Novo Testamento. Os judeus convertidos ao Cristianismo preservavam, em geral, traços de sua herança judaica e falavam a língua hebraica ou aramaica.⁸

Discute-se, ainda hoje, o verdadeiro gênero literário desse documento, escrito e dirigido aos hebreus: carta, discurso, tratado escrito sob forma epistolar? Há pontos que sugere um discurso espontâneo, característico da língua falada.⁴

Ao contrário de todas as precedentes, a epístola aos hebreus teve a sua autenticidade posta em dúvida desde a Antiguidade.

Raramente se contestou sua canonicidade, mas a Igreja do Ocidente (romana), até o fim do século IV, recusou atribuí-la a Paulo. A Igreja Ortodoxa aceitou com reservas a sua forma literária, conforme escritos de Clemente de Alexandria e de Orígenes. Com efeito, a linguagem e o estilo desta carta possuem uma pureza e elegância diferentes dos demais escritos de Paulo. Pode-se, todavia, reconhecer a ressonância do pensamento paulino onde foi desenvolvido o tema fé.²

Essas considerações levaram muitos críticos católicos e protestantes a admitir um redator que se inscreve na ambiência paulina, mas não há acordo quando se trata de identificar o autor anônimo. Todo tipo de nomes foram propostos, tais como Barnabé, Aristião, Silas, Apolo, Priscila e outros. Parece simples tentar traçar seu retrato: trata-se de um judeu de cultura helenística, familiar na arte oratória, atento a uma interpretação pontual das passagens veterotestamentárias que utiliza, frequentemente segundo versão dos LXX [Bíblia dos Setenta Sábios ou Septuaginta], para apoiar os seus argumentos.

[...] Parece que o escrito foi enviado da Itália [...] e redigido antes da destruição de Jerusalém [ano 70 d.C.] [...].²

Emmanuel, entretanto, nos afiança que enquanto Paulo aguardava o seu julgamento, em Roma, gozando de relativa liberdade por ser cidadão romano, mantinha um encontro com os judeus que residiam na cidade imperial. O esclarecido benfeitor, autor do livro *Paulo e Estêvão*, nos informa que após o referido encontro, o apóstolo dos gentios iniciou o registro de sua Epístola aos hebreus.

[...] aproveitando as últimas horas de cada dia, os companheiros de Paulo viram que ele escrevia um documento a que dedicava profunda atenção. Às vezes, era visto a escrever com lágrimas, como se desejasse fazer da mensagem um depósito de santas inspirações. Em dois meses entregava o trabalho a Aristarco [cooperador e companheiro de prisão, em Roma] dizendo:

— Esta é a *Epístola aos hebreus*. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração.¹⁷

5.1 Síntese dos principais ensinamentos da Epístola aos hebreus

As preocupações destacadas na epístola são: o perigo da apostasia (Hb 6:4-8; 10:19-39); necessidade de confortar os convertidos que lamentam o abandono do esplendor dos cultos judaicos; fortalecer e tranquilizar as jovens comunidades cristãs² (Hb 19:9-10).

Os destinatários da epístola são judeus convertidos que viviam no meio helenístico ou gentios fascinados pela cultura hebraica. De alguma forma, esses leitores estavam familiarizados com a Septuaginta, assim como com certas interpretações tradicionais³ (Hb 7:1-3; 11:17-19).

» A superioridade do Cristo

“Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles. [...] Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão, sendo fiel ao que o constituiu, como também o foi Moisés em toda a sua casa. [...] Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão” (Hb 1:1-4; 3:1-2; 4:14).

» Inutilidade dos cultos exteriores

“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo? E, por isso, é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hb 9:11-15).

- » É necessário perseverar na fé

“Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa, retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras [...]. Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem. Porque, por ela, os antigos alcançaram testemunho. Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hb 10:19-24; 11:1-3).

- » Não temer as provações

“Portanto, nós também, pois, que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo, para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos. Ainda não resististes até o sangue, combatendo contra o pecado. [...] Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados, e fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja se não desvie inteiramente; antes, seja sarado” (Hb 12: 1-4;12-13).

- » Ser caridoso permanentemente

“Permaneça a caridade fraternal. Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram anjos. Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles, e dos maltratados, como sendo-o vós mesmos também no corpo. [...] Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei. [...] E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada” (Hb 13:1-3, 5,16).

Aceitar o poder de Jesus, guardar certeza da própria ressurreição além da morte, reconfortar-se ante os benefícios da crença, constituem fase rudimentar no aprendizado do Evangelho.

Praticar as lições recebidas, afeiçoando a elas nossas experiências pessoais de cada dia, representa o curso vivo e santificante.

[...]

Não basta situar nossa alma no pórtico do templo e aí dobrar os joelhos reverentemente; é imprescindível regressar aos caminhos vulgares e concretizar, em nós mesmos, os princípios da fé redentora, sublimando a vida comum.

[...]

Existem milhares de crentes da Boa Nova nessa lastimável posição de estacionamento. São quase sempre pessoas corretas em todos os rudimentos da doutrina do Cristo. Creem, adoram e consolam-se, irrepreensivelmente; todavia, não marcham para diante, no sentido de se tornarem mais sábias e mais nobres. Não sabem agir, nem lutar e nem sofrer, em se vendo sozinhas, sob o ponto de vista humano.

Precavendo-se contra semelhantes males, afirmou Paulo, com profundo acerto: “Deixando os rudimentos da doutrina de Jesus, prossigamos até à perfeição, abstendo-nos de repetir muitos arrependimentos, porque então não passaremos de autores de obras mortas”¹⁶

Referências

1. BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Item: Introdução às epístolas de São Paulo, p. 1963.
2. _____. _____. Item: Introdução a epístola aos hebreus, p. 2083.
3. _____. _____. p. 2083-2084.
4. _____. _____. p. 2084.
5. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Melhoramentos, 1995. Volume 4 (verbete Bíblia: As epístolas), p. 1347.
6. _____. _____. p. 1347-1348.
7. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: as pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger, Michael D. Coogan. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, Item: Filêmon, p. 92-93.
8. _____. _____. Item: Hebreus, p. 107.
9. _____. _____. Item: Tessalônica, p. 317-318.

10. _____. _____. p. 318.
11. _____. _____. Item: Timóteo, p. 322.
12. _____. _____. Item: Tito, p. 323.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17 (Por Cristo), p. 49-50.
14. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 23 (Não é de todos), p. 61-62.
15. _____. _____. Cap. 34 (Guardemos o cuidado), p. 85-86.
16. _____. _____. Cap. 83 (Avancemos além), p. 217-218.
17. _____. *Paulo e Estêvão: episódios históricos do cristianismo primitivo*. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. esp. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte, cap. 9 (O prisioneiro do cristo), p. 558.
18. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 79 (Em combate), p. 181-182.

Orientações ao monitor

Formar grupos para o estudo dos principais ensinamentos existentes nas epístolas citadas neste Roteiro. Apresentar, ao final da reunião, uma síntese dos principais ensinamentos, analisados à luz da Doutrina Espírita.

O CRISTIANISMO

Roteiro 17

AS EPÍSTOLAS DE TIAGO E DE PEDRO

Objetivos

- » Analisar, à luz do Espiritismo, os principais ensinamentos existentes nas epístolas escritas por Tiago e por Pedro.

Ideias principais

- » A epístola de Tiago se resume num conjunto de exortações morais sobre a paciência nas provações, a origem da tentação, o cuidado no falar, a importância da fé com obras, do bom relacionamento, da misericórdia e da oração. *Bíblia de Jerusalém*. p. 2103.
- » A primeira epístola de Pedro tem como finalidade [...] *sustentar a fé dos seus destinatários em meio às provações que os assaltam*. *Bíblia de Jerusalém*. p. 2104.
- » Na segunda epístola, Pedro coloca os seus leitores de [...] *sobreaviso contra os falsos doutores e responde à inquietação existente sobre a vinda (parusia) do Cristo*. *Bíblia de Jerusalém*. p. 2005.

Subsídios

As epístolas escritas pelos apóstolos Tiago e Pedro, João e Judas são denominadas *católicas* ou *universais*, porque, diferentemente das

de Paulo, se dirigem aos cristãos em geral, e não a comunidades ou pessoas particulares.

1. Epístola de Tiago

Duas dificuldades surgem quando se propõe a estudar essa epístola. A primeira está relacionada à histórica resistência religiosa de incorporá-la aos textos canônicos do Novo Testamento. A segunda diz respeito às dificuldades, também de natureza histórica, para identificar quem, de fato, é Tiago, autor dessa carta.

A epístola de Tiago, foi aceita progressivamente na Igreja [Católica]. Se sua canonicidade não parece ter criado problemas no Egito, onde Orígenes a cita como Escritura inspirada, Eusébio de Cesareia, no começo do século IV, reconhece que ela ainda é contestada por alguns. Nas Igrejas de língua siríaca, foi a penas no decurso do século IV que foi introduzida no cânon do N.T. [Novo Testamento]. Na África, Tertuliano e Cipriano a desconhecem e o catálogo de Mommsen (cerca do ano 360) ainda não o contém. Em Roma, ela não figura no cânon de Muratori, atribuído a santo Hipólito (pelo ano 200) e é muito duvidoso que tendo sido citada por são Clemente de Roma, e pelo autor dos Pastor de Hermas. Portanto, só se impõe ao conjunto das Igrejas do Oriente e do Ocidente pelo fim do século IV.¹

Outra dúvida está relacionada à autoria da epístola. Quem é Tiago, autor desta epístola? No primeiro momento, somos levados a pensar em Tiago Maior, irmão de João, ambos membros do colégio apostolar. Pensa-se também em Tiago Menor, também um dos doze apóstolos. As duas hipóteses, porém, são contestadas por estudiosos. Na verdade, esse escrito é atribuído a um certo Tiago, nomeado como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg. 1:1). Na Antiguidade, as igrejas identificaram como seu autor o Tiago “irmão de Jesus” (Mc 6:3; Mt 13:55) que teve função marcante na primeira comunidade cristã de Jerusalém (At 12:17; 15: 13-21; 21:18-26; 1Cor 15:7; Gl 1:19). Esse Tiago teria sido assassinado, por judeus, no ano 62. Acredita-se que o autor da epístola não seja também Tiago Maior, irmão de João, porque Herodes o mandou matar em 44. Pode-se pensar que a autoria da carta é, de fato, de Tiago Menor, filho de Alfeu, um dos apóstolos de Jesus.¹

Supondo-se que a carta tenha sido escrita por Tiago Menor, que também foi o chefe da igreja cristã de Jerusalém, a data deste escrito seria anterior ao ano 62. Entretanto, a opinião predominante é de que se trata de um escrito do final do século I ou início do século II. A aceitação atual é de que a carta foi escrita por Tiago Menor, até 62, ano da morte do apóstolo.¹

Seja qual for a sua origem, este escrito é dirigido às “12 tribos da Diáspora” (Tg 1:1), que são certamente os cristãos de origem judaica, dispersos no mundo greco-romano, sobretudo nas regiões próximas à Palestina, como a Síria ou o Egito. Que esses destinatários sejam convertidos do Judaísmo é o que confirma o corpo da carta. O uso constante que o autor nela faz da *Bíblia*, supõe que esta lhe é familiar, tanto mais que ele procede, nas suas argumentações, menos pelo modo de argumentações, a partir de citações explícitas [...] do que por reminiscências espontâneas e alusões subjacentes por toda parte. Ele se inspira particularmente na literatura sapiencial, para extrair dela lições de moral prática. Mas depende também profundamente dos ensinamentos do Evangelho, e seu escrito não é puramente judaico, como algumas vezes se tem afirmado. Ao contrário, aí se encontram continuamente o pensamento e as expressões prediletas de Jesus. [...] Em suma, trata-se de sábio judeu-cristão que repensa, de maneira original, as máximas da sabedoria judaica em função do cumprimento que elas encontram na boca do Mestre. Vemos seu ponto de vista cristão sobretudo no enquadramento apocalíptico em que situa seus ensinamentos morais. Esses ensinamentos mostram também sua afinidade com os do Evangelho de Mateus, mais judaico-cristão.²

1.1 Síntese dos principais ensinamentos da epístola de Tiago

» O benefício das provações

“Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações, sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma. [...] Mas glorie-se o irmão abatido na sua exaltação, e o rico, em seu abatimento, porque ele passará como a flor da erva. Porque sai o sol com ardor, e a erva seca, e a sua flor cai, e a formosa aparência do seu aspecto perece; assim se murchará também o rico em seus caminhos. Bem-aventurado o varão que sofre

a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam” (Tg 1:2-3, 9-12).

» A fé com obras

“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras? Porventura, a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras [...] Vedes, então, que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé” (Tg 2:14-18, 24).

A fé inoperante é problema credor da melhor atenção, em todos os tempos, a fim de que os discípulos do Evangelho compreendam, com clareza, que o ideal mais nobre, sem trabalho que o materialize, em benefício de todos, será sempre uma soberba paisagem improdutiva. [...] A crença religiosa é o meio. O apostolado é o fim. [...] Guardar, pois, o êxtase religioso no coração, sem qualquer atividade nas obras de desenvolvimento da sabedoria e do amor, consubstanciados no serviço da caridade e da educação, será conservar na terra viva do sentimento um ídolo morto, sepultado entre as flores inúteis das promessas brilhantes.

» Cuidado no falar

“Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo. Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, o tal varão é perfeito e poderoso para também refrear todo o corpo. Ora, nós pomos freio nas bocas dos cavalos, para que nos obedeçam; e conseguimos dirigir todo o seu corpo. Vede também as naus que, sendo tão grandes e levadas de impetuosos ventos, se viram com um bem pequeno leme para onde quer a vontade daquele que as governa. Assim também a língua é um pequeno membro e gloria-se de grandes coisas. Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia. A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, e é inflamada pelo inferno. Porque toda a natureza, tanto de bestas-feras como de aves, tanto de répteis como de animais do mar, se amansa e foi domada pela natureza humana; mas nenhum homem pode domar a língua. É um

mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal. Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus de uma mesma boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não convém que isto se faça assim” (Tg 3:1-10).

O pensamento que direciona a epístola de Tiago está expresso nestas suas palavras: “Mas todo homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tg 1:19).

Analisar, refletir, ponderar são modalidades do ato de ouvir. É indispensável que a criatura esteja sempre disposta a identificar o sentido das vozes, sugestões e situações que a rodeiam. Sem observação, é impossível executar a mais simples tarefa no ministério do bem. Somente após ouvir, com atenção, pode o homem falar de modo edificante na estrada evolutiva. Quem ouve, aprende. Quem fala, doutrina. Um guarda, outro espalha. Só aquele que guarda, na boa experiência, espalha com êxito. O conselho do apóstolo é, portanto, de imorredoura oportunidade. E forçoso é convir que, se o homem deve ser pronto nas observações e comedido nas palavras, deve ser tardio em irar-se. Certo, o caminho humano oferece, diariamente, variados motivos à ação enérgica; entretanto, sempre que possível, é útil adiar a expressão colérica para o dia seguinte, porquanto, por vezes, surge a ocasião de exame mais sensato e a razão da ira desaparece. Tenhamos em mente que todo homem nasce para exercer uma função definida. Ouvindo sempre, pode estar certo de que atingirá serenamente os fins a que se destina, mas, falando, é possível que abandone o esforço ao meio, e, irando-se, provavelmente não realizará coisa alguma.⁵

2. Epístolas de Pedro

As duas epístolas de Pedro foram aceitas sem contestação desde a Antiguidade. O apóstolo escreve de Roma, também chamada de “Babilônia” (alusão à devassidão moral), entre os anos 64 e 67, onde se encontra em companhia de João Marcos, o evangelista, a quem considera como filho.³

Escreve aos cristãos “da Diáspora”, especificando os nomes das cinco províncias que representavam praticamente o conjunto da Ásia Menor (1 Pe 1:1). O que diz do passado deles sugere que são convertidos do paganismo, embora não se exclua a presença de judeu-cristãos entre eles (1 Pe 1:18; 2:9; 4:3). É por isso que lhes

escreve em grego; e, se esse grego, simples, mas correto e harmonioso, parece de qualidade boa demais para o pescador galileu, conhecemos o nome do discípulo secretário que pode tê-lo assistido na redação: Silvano[...]”³ (Pe 5:12).

“A finalidade dessa epístola é sustentar a fé dos seus destinatários em meio às provações que os assaltam. [...] Trata-se, antes, de prepotências, injúrias e calúnias que os convertidos sofrem [...]”³

Outras ideias que norteiam a carta dizem respeito à corajosa perseverança nas provações, tendo Cristo como modelo (1 Pe 2:21-25; 3:18; 4:1); os cristãos devem sofrer com paciência como Jesus sofreu, revelando a fé que possuem (1 Pe 2:19; 3:14; 4:12-19; 5:9) e agir com mansidão (1 Pe 3:8-17; 4:17-11).

A primeira epístola, é um escrito de natureza prática, mas que possui apreciável riqueza da doutrina cristã. “Nele se encontra um maravilhoso resumo da teologia em voga na época apostólica, teologia de comovente ardor na sua simplicidade.”⁴

Na segunda epístola, Pedro alerta os leitores contra os falsos doutores e faz comentários sobre a demora da parusia (segunda vinda do Cristo).⁴

2.1 Síntese dos principais ensinamentos das epístolas de Pedro

» Exortação à uma vida santificada

“Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo, como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver. [...] Purificando a vossa alma na obediência à verdade, para caridade fraternal, não fingida, amai-vos ardentemente uns aos outros, com um coração puro [...]. Deixando, pois, toda malícia, e todo engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações [...]. Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis, que combatem contra a alma, tendo o vosso viver honesto entre os gentios, para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem. [...] Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei” (1 Pe 1:13-15; 22; 2:1; 11-12; 17).

» Exortação ao amor fraternal

“E, finalmente, sede todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavelmente misericordiosos e afáveis, não tornando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, sabendo que para isto fostes chamados, para que, por herança, alcanceis a bênção. Porque quem quer amar a vida e ver os dias bons, refreie a sua língua do mal, e os seus lábios não falem engano; aparte-se do mal e faça o bem; busque a paz e siga-a. Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos, atentos às suas orações; mas o rosto do Senhor é contra os que fazem males. E qual é aquele que vos fará mal, se fordes zelosos do bem?” (1 Pe 3:8-1).

A sublime exortação constitui poderosa síntese das teorias de fraternidade. O entendimento e a aplicação do “amai-vos” é a meta luminosa das lutas na Terra. [...] O amor a que se refere o Evangelho é antes a divina disposição de servir com alegria, na execução da Vontade do Pai, em qualquer região onde permanecemos.⁸

» Cuidados contra os falsos mestres

“E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertadamente heresias de perdição e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade; e, por avariza, farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita. [...] Estes são fontes sem água, nuvens levadas pela força do vento, para os quais a escuridão das trevas eternamente se reserva; porque, falando coisas mui arrogantes de vaidades, engodam com as concupiscências da carne e com dissoluções aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro, prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção. Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo” (2 Pe 2:1-3; 17-19).

» A vinda do Senhor

“Amados, escrevo-vos, agora, esta segunda carta, em ambas as quais desperto com exortação o vosso ânimo sincero, para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos, sabendo primeiro isto: que nos últimos dias virão escarnekedores,

andando segundo as suas próprias concupiscências e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a Terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste; pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a Terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o Dia do Juízo e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a Terra e as obras que nela há se queimarão. Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do Dia de Deus, em que os céus, em fogo, se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova Terra, em que habita a justiça” (2 Pe 3:1-13).

As duas epístolas de Pedro destacam a importância suportarmos com bom ânimo as provações e a convivência fraterna. Para o sucesso dessa empreitada é necessário que identifiquemos os males da vida e suas origens.

O esclarecimento íntimo é inalienável tesouro dos discípulos sinceros do Cristo. O mundo está cheio de enganos dos homens abomináveis que invadiram os domínios da política, da ciência, da religião e ergueram criações chocantes para os espíritos menos avisados; contam-se por milhões as almas com eles arrebatadas às surpresas da morte e absolutamente desequilibradas nos círculos da vida espiritual. Do cume falso de suas noções individualistas precipitam-se em despenhadeiros apavorantes, onde perdem a firmeza e a luz. Grande número dos imprevidentes encontram socorro justo, porquanto desconheciam a verdadeira situação. Não se achavam devidamente informados. Os homens abomináveis ocultavam-lhes o sentido real da vida. Semelhante benemerência, contudo, não poderá atingir os aprendizes que conhecem, de antemão, a verdade. O aluno do Evangelho somente se alimentará de equívocos deploráveis, se quiser. Rodopiará, por isso

mesmo, no torvelinho das sombras se nele cair voluntariamente, no capítulo da preferência individual.

O ignorante alcançará justificativa. A vítima será libertada.

O doente desprotegido receberá enfermagem e remédio.

Mas o discípulo de Jesus, bafejado pelos benefícios do Céu todos os dias, que se rodeia de esclarecimentos e consolações, luzes e bênçãos, esse deve saber, de antemão, quanto lhe compete realizar em serviço e vigilância e, caso aceite as ilusões dos homens abomináveis, agirá sob a responsabilidade que lhe é própria, entrando na partilha das aflitivas realidades que o aguardam nos planos inferiores.⁷

Referências

1. BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Item: Introdução às epístolas Católicas. São Paulo, p. 2102.
2. _____. _____. p. 2103.
3. _____. _____. p. 2104.
4. _____. _____. p. 2105.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 77 (Convém refletir), p. 169-170.
6. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 39 (Fé inoperante), p. 95-96.
7. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 43 (Vós, portanto...), p. 105-106.
8. _____. _____. Cap. 90 (De coração puro), p. 203-204.

Orientações ao monitor

Formar grupos para o estudo dos principais ensinamentos existentes nas epístolas citadas neste Roteiro. Apresentar, ao final da reunião, uma síntese do assunto analisado, à luz da Doutrina Espírita.

O CRISTIANISMO

Roteiro 18

EPÍSTOLAS DE JOÃO E DE JUDAS

Objetivos

- » Analisar, à luz do Espiritismo, os principais ensinamentos existentes nas epístolas escritas por João e por Judas.

Ideias principais

- » As três Epístolas de João apresentam uma preocupação do apóstolo e evangelista relacionado a conflitos existentes nas comunidades cristãs de Éfeso e da Ásia Menor, em razão do comportamento de certos membros das igrejas de tentavam conciliar as ideias cristãs a outras, provenientes do gnosticismo, de filosofias gregas e de práticas de magia.
- » A Epístola de Judas foi destinada a comunidades cristãs que estariam sofrendo a influências de falsos doutores. O autor procura denunciá-los [...] *como pessoas ímpias cuja condenação foi profetizada, e insta os seus leitores a preservar o Evangelho apostólico vivendo segundo suas exigências morais. Dicionário da Bíblia. p. 173.*

Subsídios

1. Epístola de João

Além do seu evangelho, João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago Maior, escreveu três epístolas e o livro do apocalipse.

Há muita semelhança, literária e doutrinária, entre as epístolas e o evangelho de João, de forma que é praticamente impossível negar a sua autoria. É verdade que a segunda e a terceira epístolas deram lugar a certas dúvidas, cujo eco se encontra em Orígenes, Eusébio de Cesareia e Jerônimo.¹

As três epístolas joaninas formam uma unidade de composição, embora cada uma possua a sua especificidade.

A terceira epístola é provavelmente a primeira na data; procura resolver um conflito de autoridade que surgira em uma das igrejas sob a autoridade de João. A segunda epístola põe de sobreaviso uma ou outra igreja particular contra a propaganda de falso doutores que negam a realidade da encarnação. Quanto à primeira epístola, sem dúvida a mais importante. Apresenta-se como mais como uma carta encíclica destinadas às comunidades [cristãs] da Ásia, ameaçadas pelos dilaceramentos das primeiras heresias. João nela condensou o essencial de sua experiência religiosa.¹

É quase certo que essas cartas foram escritas em Éfeso, na virada do século I para o II, à mesma época da escritura do seu evangelho.⁴

As três Epístolas de João apresentam um ponto em comum, relacionado aos conflitos existentes nas comunidades cristãs de Éfeso e da Ásia Menor.

“Pode-se supor que, nas diversas comunidades joaninas, tenham começado a aparecer grupos religiosos influenciados pelo gnosticismo.”² A influência das ideias gnósticas provocam divisões nas igrejas. As cartas de João representam um tipo de reação a essa situação, apelando para a necessidade de manter a mensagem cristã intocável.⁴

Gnosticismo foi um movimento histórico e religioso *cristão*, fundamentado na *gnose* (palavra grega que significa conhecimento), surgido nos séculos II e III, e de natureza filosófica e inspirada

nas ideias do neoplatonismo e dos pitagóricos. Originou-se provavelmente na *Ásia menor* a partir de pensamentos existentes na *Babilônia, Egito, Síria e Grécia*. O gnosticismo combinava alguns elementos da *Astrologia* e mistérios das religiões gregas, como os *mistérios de Elêusis*, com as doutrinas do Cristianismo. Em seu sentido mais abrangente, gnosticismo significa “a crença na salvação pelo conhecimento.”⁸

O apóstolo João enfrentou sérias dificuldades para manter a mensagem cristã livre do intelectualismo, gnóstico e de outras ideias, especialmente na cidade de Éfeso. “Geralmente reconhecida como a primeira e a mais notável metrópole da província romana da Ásia, Éfeso desempenhou um papel histórico no movimento do Cristianismo desde a Palestina até Roma.”⁵

Do período clássico ao bizantino, Éfeso exerceu hegemonia na região jônica. Era famosa por seus filósofos, artistas, poetas, historiadores e retóricos. Deu nítidas contribuições para a história intelectual e religiosa desde o período pré-socrático até os ressurgimentos filosóficos do Império Romano mais tardio. Não admira que [...] João tenha, ao que se conta, escrito o quarto Evangelho em Éfeso, e que tenha sido o local de conversão de Justino Mártir, o primeiro filósofo cristão. [...] A cidade era [também] famosa como um centro de magia e taumaturgia. A expressão grega *Ephesia grammata* (letras efésias) tornou-se uma designação genérica para toda sorte de palavras mágicas e encantações apotropaicas [orações ou frases para afastarem influências malélicas]. A cidade atraía exorcitas judeus bem como seus equivalentes gentios, como Apolônio de Tiana.⁵

1.1 Síntese dos principais ensinamentos das epístolas de João

João apela aos cristãos, nas três cartas, no sentido de preservarem a pureza doutrinária do Cristianismo, superando as divergências pela legítima prática do amor. O apelo do apóstolo atravessa os séculos e chega até nós, mantendo uma atualidade surpreendente, nos faz ver as dificuldades para se manter a pureza doutrinária dos ensinamentos superiores.

Percebe-se, nas três epístolas, a tentativa do apóstolo de encontrar uma solução para evitar que a crença cristã seja adulterada por ideias gnósticas e outras ideias correntes nas comunidades cristãs da Ásia Menor.

- » “Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo. Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos” (1 JOÃO, 2:9-11).

Quem ama o próximo sabe, acima de tudo, compreender. E quem compreende sabe livrar os olhos e os ouvidos do venenoso visco do escândalo, a fim de ajudar, ao invés de acusar ou desservir. É necessário trazer o coração sob a luz da verdadeira fraternidade, para reconhecer que somos irmãos uns dos outros, filhos de um só Pai.¹⁰

- » “Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?” (1 JOÃO, 5:5).
- » “Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou. Quem crê no Filho de Deus em si mesmo tem o testemunho; quem em Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu” (1 JOÃO, 5:9-10).
- » “Todo aquele que prevarica e não persevera na doutrina de Cristo não tem a Deus; quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras” (2 JOÃO, 1:9-11).

Em todos os lugares e situações da vida, a caridade será sempre a fonte divina das bênçãos do Senhor. [...] Assistência, medicação e ensinamento constituem modalidades santas da caridade generosa que executa os programas do bem. São vestiduras diferentes de uma virtude única. Conjugam-se e completam-se num todo nobre e digno. [...] Antes, porém, da caridade que se manifesta exteriormente nos variados setores da vida, pratiquemos a caridade essencial, sem o que não poderemos efetuar a edificação e a redenção de nós mesmos. Trata-se da caridade de pensarmos, falarmos e agirmos, segundo os ensinamentos do divino Mestre, no Evangelho. É a caridade de vivermos verdadeiramente nele para que Ele viva em nós.¹²

- » “O presbítero ao amado Gaio, a quem, na verdade, eu amo. Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos e para com os estranhos, que em presença da igreja testificaram da tua caridade, aos quais, se conduzires como é digno para com Deus, bem farás; porque

pelo seu nome saíram, nada tomando dos gentios. Portanto, aos tais devemos receber, para que sejamos cooperadores da verdade. Tenho escrito à igreja; mas Diótrefes, que procura ter entre eles o primado, não nos recebe. Pelo que, se eu for, trarei à memória as obras que ele faz, proferindo contra nós palavras maliciosas; e, não contente com isto, não recebe os irmãos, e impede os que querem recebê-los, e os lança fora da igreja. Amado, não sigas o mal, mas o bem. Quem faz bem é de Deus; mas quem faz mal não tem visto a Deus” (3 JOÃO, 1:1, 9-11).

A sociedade humana não deveria operar a divisão de si própria, como um campo em que se separam bons e maus, mas sim viver qual grande família em que se integram os espíritos que começam a compreender o Pai e os que ainda não conseguiram pressenti-lo. Claro que as palavras “maldade” e “perversidade” ainda comparecerão, por vastíssimos anos, no dicionário terrestre, definindo certas atitudes mentais inferiores; todavia, é forçoso convir que a questão do mal vai obtendo novas interpretações na inteligência humana.[...] Muita gente acredita que o “homem caído” é alguém que deve ser aniquilado. Jesus, no entanto, não adotou essa diretriz. Dirigindo-se, amorosamente, ao pecador, sabia-se, antes de tudo, defrontado por enfermo infeliz, a quem não se poderia subtrair as características de eternidade. Lute-se contra o crime, mas ampare-se a criatura que se lhe enredou nas malhas tenebrosas. O Mestre indicou o combate constante contra o mal, contudo, aguarda a fraternidade legítima entre os homens por marco sublime do Reino Celeste.¹¹

2. Epístola de Judas

Esta Epístola [...] foi escrita a uma igreja ou grupo de igrejas desconhecido para combater o perigo representado por certos mestres carismáticos que estavam pregando e praticando libertinagem moral. O autor procura denunciar esses mestres como pessoas ímpias cuja condenação foi profetizada, e insta os seus leitores a preservar o Evangelho apostólico vivendo segundo suas exigências morais. Apesar de sua brevidade, a carta é rica em conteúdo, graças à composição primorosa e sua economia de expressão, que por vez alcança um efeito quase poético.⁶

Judas, o autor da epístola, é usualmente identificado como “irmão de Jesus” (MATEUS 13:55). O autor também se identifica como “irmão de Tiago” (versículo 1 da carta). “Nada nos obriga a identificá-lo

com o apóstolo que tem o mesmo nome (Lc 6;16; At 1:13); ele mesmo também se distingue do grupo apostólico.”²

O autor tem evidentemente grande respeito pelo livro de Henoc, que é citado nos versículos 14–15 e ressoa em outras passagens. O versículo 9 refere-se a um texto apócrifo não mais existente, talvez o final perdido do testamento de Moisés. O uso desse tipo de literatura pode situar a carta num contexto judaico-palestino, em que essas obras eram extremamente valorizadas. Outra indicação que aponta na direção do Cristianismo judaico-palestino, como o meio em que Judas escreveu, são seus métodos exegéticos, a confiança que deposita no texto hebraico da *Bíblia* em detrimento de sua tradução grega (a Septuaginta), a importância maior que confere à obrigação ética que à ortodoxia doutrinal, e sua perspectiva apocalíptica, que espera a parusia [nova vinda do Cristo] no futuro próximo.⁷

Essa epístola, aceita no cânone da igreja romana e da oriental, como escrita no ano 200. “A intenção de Judas é unicamente estigmatizar os falsos doutores que colocam em perigo a fé cristã. Ameaçá-los com um castigo divino ilustrado com precedentes da tradição judaica [versículos 5-7].”³ Censura-lhes, igualmente, a impiedade e a licenciosidade moral, particularmente suas blasfêmias contra Jesus e os anjos (versículos 4, 8-10).³

2.1 Síntese dos principais ensinamentos das epístolas de Judas

A Epístola de Judas foi endereçada aos “que foram chamados, amados por Deus e guardados em Jesus Cristo. (Jd 1.) O tema básico, desenvolvido em 25 versículos, sem divisão por capítulos, se resume num alerta contra os falsos doutores e o perigo que suas ideias podem ocasionar às comunidades cristãs.

- » “Amados, procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da comum salvação, tive por necessidade escrever-vos e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos. Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo.” (Jd 3-4.)
- » “Estes, porém, dizem mal do que não sabem; e, naquilo que naturalmente conhecem, como animais irracionais, se corrompem. Ai deles! Porque entraram pelo caminho de Caím, e foram levados pelo engano do prêmio de Balaão, e pereceram na contradição de Corá. Estes são manchas em

vossas festas de caridade, banqueteadando-se convosco e apascentando-se a si mesmos sem temor; são nuvens sem água, levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas; ondas impetuosas do mar, que escumam as suas mesmas abominações, estrelas errantes, para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas. E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele. Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências, e cuja boca diz coisas mui arrogantes, admirando as pessoas por causa do interesse” (Jd 10-16).

- » “Estes são os que causam divisões, sensuais, que não têm o Espírito. Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, conservai a vós mesmos na caridade de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna” (Jd 19-21).

Em todos os lugares, encontramos pessoas sempre dispostas ao comentário desairoso e ingrato relativamente ao que não sabem. Almas levianas e inconstantes, não dominam os movimentos da vida, permanecendo subjugadas pela própria inconsciência. E são essas justamente aquelas que, em suas manifestações instintivas, se portam, no que sabem, como irracionais. Sua ação particular costuma corromper os assuntos mais sagrados, insultar as intenções mais generosas e ridicularizar os feitos mais nobres. Guardai-vos das atitudes dos murmuradores irresponsáveis. Concedeu-nos o Cristo a luz do Evangelho, para que nossa análise não esteja fria e obscura. O conhecimento com Jesus é a claridade transformadora da vida, conferindo-nos o dom de entender a mensagem viva de cada ser e a significação de cada coisa, no caminho infinito. Somente os que ajuízam, acerca da ignorância própria, respeitando o domínio das circunstâncias que desconhecem, são capazes de produzir frutos de perfeição com as dádivas de Deus que já possuem.⁹

Referências

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Item: Introdução ao evangelho epístolas de João. São Paulo, p. 1841.

2. _____. _____. Item: Introdução às epístolas católicas, p. 2103-2104.
3. _____. _____. p. 2104.
4. CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS. Cartas pastorais e cartas gerais. São Paulo: Paulus, 2000. Item: Introdução às cartas joaninas, p. 97.
5. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: as pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger, Michael D. Coogan. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, Item: Éfeso, p. 65.
6. _____. _____. Item: Judas, p. 173.
7. _____. _____. p. 174.
8. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gnosticismo>
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 48 (Guardai-vos), p. 111-112.
10. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 159 (Na presença do amor), p.389.
11. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 122 (Pecado e pecador), p. 259-260.
12. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 110 (Caridade essencial), p. 252-252.

Orientações ao monitor

Formar grupos para o estudo dos principais ensinamentos existentes nas epístolas citadas neste Roteiro. Apresentar, ao final da reunião, uma síntese do assunto analisado, à luz da Doutrina Espírita.

O CRISTIANISMO

Roteiro 19

ATOS DOS APÓSTOLOS (1)

Objetivos

- » Identificar os principais ensinamentos existentes em Atos dos Apóstolos.

Ideias principais

- » *Atos dos Apóstolos é um dos livros do Novo Testamento, escrito em grego pelo evangelista Lucas, o autor do 3º evangelho. Este livro contém a história do Cristianismo, desde a ascensão de Jesus Cristo, até a chegada de Paulo, em Roma, segundo dizem, no ano 63. [...] Consta de 28 capítulos. Cairbar Schutel: Vida e atos dos apóstolos. p. 14.*
- » *O terceiro evangelho e o livro dos Atos [dos Apóstolos] eram primitivamente as duas partes de uma só obra. [...] Os doze primeiros capítulos do livro dos Atos contam a vida da primeira comunidade reunida ao redor de Pedro depois da Ascensão [capítulo 1 a 5] e os inícios de sua expansão graças às iniciativas missionárias de Filipe (8:4-40) e dos “helenistas” (6: 1-8; 11:19-30; 13:1-3), e enfim do próprio Pedro (9:32; 11; 18) [...]. Para a segunda parte dos Atos, o autor teria usado os relatos da conversão de Paulo, de suas viagens missionárias, e de sua viagem por mar para Roma como prisioneiro. Bíblia de Jerusalém: Introdução aos Atos do Apóstolos, p. 1896-1897.*

Subsídios

1. Atos dos apóstolos

1.1 Informações históricas

Atos dos Apóstolos é um dos livros do Novo Testamento, escrito em grego pelo evangelista Lucas, o autor do terceiro evangelho. Este livro contém a história do Cristianismo, desde a ascensão de Jesus Cristo, até a chegada de Paulo, em Roma, segundo dizem, no ano 63 [...]. Consta de 28 capítulos. Se quisermos resumi-lo, nele veríamos a história da fundação dos primeiros núcleos cristãos (igrejas) até a morte de Herodes: o cumprimento de muitas promessas do Cristo; a prova da ressurreição e aparições do divino Mestre; a difusão do Espírito no cenáculo de Jerusalém [Pentecostes]; o desinteresse, a caridade dos primeiros apóstolos, enfim, o que sucedeu a estes até a sua dispersão, para pregarem o Evangelho em todos os lugares ao seu alcance.⁸

Consta na *Bíblia de Jerusalém*, várias informações sobre origem, organização, autoria e princípios doutrinários de Atos dos Apóstolos.

O terceiro evangelho e o livro de Atos eram primitivamente as duas partes de uma só obra, à qual daríamos hoje o nome de “História das origens cristãs”. Logo o segundo livro ficou conhecido com o título de “Atos dos Apóstolos” ou “Atos de Apóstolos”, conforme o modo da literatura helenística que conhecia os “Atos” de Aníbal, os “Atos” de Alexandre etc.; no cânon do N.T. [Novo Testamento] é separado do evangelho de Lucas pelo de João, que é interposto. A relação original desses dois livros do N.T. é indicada por seus Prólogos e por seu parentesco literário. O Prólogo dos Atos, que se dirige como o do terceiro evangelho (Lc 1,1-4), a certo Teófilo (At 1,1) remete a esse evangelho como o “primeiro livro”, de que ele resume o objeto e retoma os últimos acontecimentos (aparições do Ressuscitado e Ascensão) para encadeá-los à sequência do relato. A língua é outro laço que liga estreitamente os dois livros um ao outro. Não somente suas características (de vocabulário, de gramática e de estilo) se reencontram ao longo dos Atos, estabelecendo a unidade literária dessa obra, mais

ainda se reconhecem no terceiro evangelho, o que não permite mais duvidar que um mesmo autor escreve, aqui e lá.¹

Atos dos apóstolos têm um único destinatário, explicitamente nomeado: é Teófilo, a quem o evangelho de Lucas também foi dedicado (LUCAS,1:3).

Não sabemos praticamente nada sobre ele. Sua designação “excelentíssimo” pode assinalá-lo como um membro da ordem equestre (a segunda ordem mais elevada na sociedade romana), ou ser simplesmente um título de cortesia. Seria possível vê-lo como um representante da classe média de Roma, a quem Lucas desejava apresentar uma exposição confiável da ascensão e do progresso do Cristianismo.⁶

Desde o ano 175 há um consenso das igrejas em aceitar Lucas como o autor dos Atos dos Apóstolos. Este consenso está impresso no documento romano, chamado “Cânon Muratori” e nos seguintes Prólogos: o “Antimarcionita”, o de santo Irineu, o de Tertuliano e os Alexandrinos.¹

Segundo seus escritos, o autor deve ser cristão da geração apostólica, judeu bem helenizado, ou melhor, grego de boa educação, conhecendo a fundo as realidades judaicas e a Bíblia grega [Septuaginta]. Ora, o que sabemos de Lucas a partir das epístolas paulinas concorda bem com esses dados. Ele é apresentado pelo Apóstolo como companheiro querido que está ao seu lado durante seu cativeiro. (COLOSSENSES, 4: 10-14; FILEMON, 24; II TIMÓTEO, 4:11) Lucas é de origem pagã (de Antioquia na Síria, segundo uma antiga tradição), e médico, o que implicaria certa cultura [...]. Para fixar a data em que se escreve, não encontramos nada de firme na tradição antiga. O livro termina com o cativeiro romano de Paulo, provavelmente 61–62. Em todo caso sua composição deve ser posterior à do terceiro Evangelho (antes de 70? ou por 80? mas nada impõe uma data posterior a 70) [...]. Antioquia e Roma são propostas como lugar de composição.¹

Há indicações de que Lucas, ao escrever os Atos dos Apóstolos, estaria movido por um objetivo, além de apenas registrar informações sobre a igreja cristã primitiva. Teria procurado conciliar as críticas e tendências adversas ao Cristianismo, surgidas em decorrência da pregação de Pedro e de Paulo.

1.2 Estrutura dos atos dos apóstolos

A despeito da atividade literária, sempre vigilante, que imprimiu em todo lugar a sua marca e assegura a unidade do livro, percebem-se, facilmente, algumas correntes principais nas tradições recolhidas por Lucas. Os doze primeiros capítulos do livro dos Atos contam a vida da primeira comunidade reunida ao redor de Pedro depois da Ascensão (1-5), e os inícios de sua expansão graças às iniciativas missionárias de Filipe (8:4-40) e dos “helenistas” (6:1-8, 3; 11:19-30; 13:1-3), e, enfim, do próprio Pedro (9, 32, 11,18). As tradições petrinhas subjacentes seriam aparentadas ao “evangelho de Pedro”, que é conhecido na literatura da Igreja antiga. Para a segunda parte dos Atos, o autor teria usado os relatos da conversão de Paulo, de suas viagens missionárias, e de sua viagem por mar para Roma como prisioneiro.²

Na escritura de Atos dos Apóstolos, Lucas emprega, corriqueiramente, a primeira pessoa do plural. Dessa forma, muitos exegetas viram, no “nós”, uma prova de que Lucas teria acompanhado Paulo nas segunda e terceira viagens, bem como na que Saulo fez, por mar, a Roma.

Entretanto, é notável que Lucas nunca é mencionado por Paulo como companheiro de sua obra de evangelização. Esse “nós” parece mais o traço de um diário de viagem feito por um companheiro de Paulo (Silas?) e utilizado pelo autor de Atos.³

De qualquer forma, o trabalho realizado por Lucas foi ao mesmo tempo excepcional quanto fascinante. Nos fornece uma visão geral do trabalho realizado pelos primeiros cristãos, as suas lutas, desafios e extrema dedicação à causa do Cristo.

O valor histórico dos Atos dos Apóstolos não é igual. De uma parte, as fontes de que Lucas dispunha não eram homogêneas; de outra, para manejar as suas fontes, Lucas gozava de liberdade muito grande segundo o espírito da historiografia antiga, subordinando seus dados históricos a seu desígnio literário e sobretudo a seus interesses teológicos.³

A descrição das viagens de Paulo muito nos esclarecem sobre a vida no primeiro século da Era Cristã: “administração romana, cidades gregas, cultos, rotas, geografia política, topografia local”³

De valor histórico também inestimável são os relatos que Lucas nos transmite sobre a organização e administração da igreja cristã

primitiva, assim como a forma como se realizava a pregação nas comunidades cristãs nascentes, em que se utilizava, essencialmente da pregação ou explanação discursiva. Essa pregação tinha como base o *kerygma* [ensinamento essencial]: a pregação doutrinária dos apóstolos, a fé em Jesus Cristo — o Messias crucificado e ressuscitado, o servidor divino, um novo Moisés e um novo Elias³ (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:24-32; 3:13-26; 4:27-30; 7:20, 8:32-33; 13:34-36).

Atos dos Apóstolos demonstram, com clareza, como se realizou a propagação das ideias cristãs.

1. A pregação dos apóstolos representava as “testemunhas” confiáveis dos ensinamentos do Cristo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:8; 2:1-41), a despeito das imperfeições que ainda possuíam.

Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos; mas, se esses pescadores valorosos eram elevados Espíritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influências do meio a que foram conduzidos.¹¹

2. Formação e desenvolvimento da igreja de Jerusalém (1:1-5, 42): os integrantes da igreja de Jerusalém reuniram-se, primeiro, ao redor de Pedro e, posteriormente, de Tiago Maior, mas permaneceram fieis à tradição judaica (ATOS DOS APÓSTOLOS, 15:1-5; 21:20). Esse fato dificultou a adesão dos gentílicos, provocando muitas discussões, sobretudo entre os judeus helenistas.⁷ Os helenistas eram judeus convertidos ao Cristianismo, que não aceitavam a lei judaica, nem seus ritos e práticas.

Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro às regiões da Luz, a comunidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influência do Judaísmo, e quase todos os núcleos organizados, da doutrina, pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e a associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.¹²

3. A ascensão e atividade dos judeus helenistas na igreja de Jerusalém. Esta questão, colocada no Concílio de Jerusalém, foi muito debatida, optando-se, então, por uma solução conciliadora. Por exemplo, foi dispensada aos convertidos a necessidade de realizar a circuncisão. Pedro, Tiago, Barnabé e Paulo muito contribuíram para conciliar as diferentes correntes de ideias existentes no Cristianismo

nascente. Mesmo assim, os helenistas foram perseguidos e expulsos de Jerusalém pelos judeus não convertidos. Um helenista, muito famoso, foi Estêvão, preso e morto por apedrejamento, sob as ordens de Saulo de Tarso⁴ (ATOS DOS APÓSTOLOS, 6:1-15; 15:1-31).

A doutrina do crucificado propaga-se com a rapidez de um relâmpago. Fala-se dela tanto em Roma como nas gálias e no norte da África. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as ideias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada apóstolo, ou de cada discípulo mais destacado e estudioso.¹⁰

4. A pregação apostólica procura, junto aos judeus, mostrar que Jesus é o Messias esperado, exortando-os a não resistirem ao recebimento desta graça: aceitar o Cristo como o enviado de Deus (ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:1-11; 7:2-53; 13:16-41). A pregação junto aos povos politeístas, por outro lado, tenta justificar a supremacia do amor do Cristo (ATOS DOS APÓSTOLOS, 14:15-17; 17:22-31).

Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferência das massas. É que o divino Mestre selara com exemplos as palavras de suas lições imorredouras.¹⁰

Os povos antigos eram submetidos a contínuas privações, morais e materiais, sobretudo a maioria deles, que era escrava. Dessa forma, a mensagem cristã surgia como um alento, um raio de esperança.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir aquela misericordiosa exortação: “vinde a mim, vós todos que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei” — e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida.⁹

5. Fazia parte das atividades doutrinárias da igreja cristã primitiva o culto de ação de graças. Esse culto caracterizava-se pelas das pregações dos apóstolos, seguida de comunhão fraterna, pela prece e pela partilha do pão e dos bens (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:42-47). Envolvidos pelo espírito da caridade, abnegação e fraternidade que a mensagem cristã lhes transmitia, os primeiros cristãos procuravam conviver de forma solidária: “Tudo possuíam em comum” e “eram queridos de todo o povo”⁴ (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:44-47; 4:32-36).

Referências

1. BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Item: Introdução ao Atos dos Apóstolos. p. 1896.
2. _____. _____. p. 1896.-1897.
3. _____. _____. p. 1897.
4. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: as pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger, Michael D. Coogan. Traduzido por Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, Item: Lucas, p. 186.
5. _____. _____. p. 186-187.
6. _____. _____. p. 187.
7. DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. I (Origem do evangelho), item 4 (Doutrina secreta), p. 60-61.
8. SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 9. ed. Matão: O Clarim, 2001. Item: Atos dos apóstolos, p. 14.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14 (A edificação cristã), item: Os primeiros cristãos, p. 121-122.
10. _____. _____. Item: A propagação do Cristianismo, p. 123.
11. _____. _____. Item: A missão de Paulo, p. 125-126.
12. _____. _____. p. 126.

Orientações ao monitor

Fazer uma exposição introdutória, que proporcione uma visão panorâmica do roteiro. Em seguida, solicitar aos participantes que formem pequenos grupos para leitura, troca de ideias e síntese dos principais pontos dos subsídios deste Roteiro. Ao final, destacar a importância de Atos do Apóstolos na organização e difusão do Cristianismo.

O CRISTIANISMO

Roteiro 20

ATOS DOS APÓSTOLOS (2)

Objetivos

- » Destacar a importância do fenômeno de pentecostes, relatado em Atos dos Apóstolos.

Ideias principais

- » *Pentecostes é uma palavra grega que significa quinquagésimo dia. Os judeus, depois que partiram do Egito, gastaram quarenta e nove dias até o monte Sinai; e no quinquagésimo dia, Moisés recebeu o Decálogo; em memória disto, instituiu-se a festa de Pentecostes, que no Cristianismo tomou um novo sentido: comemora a descida do Espírito Santo, ou seja, a recepção da mediunidade pelos Apóstolos no quinquagésimo dia após a ressurreição de Jesus, e também o início das lutas pela divulgação do Evangelho, [...]. Eliseu Rigonatti: O evangelho da mediunidade. p. 19-20.*
- » *A lição colhida pelos discípulos de Jesus, no Pentecostes, ainda é símbolo vivo para todos os aprendizes do Evangelho, diante da multidão. Emmanuel. Vinha de luz. Cap. 103.*

Subsídios

1. Pentecostes

Pentecostes é uma palavra grega que significa quinquagésimo dia. Os judeus depois que partiram do Egito, gastaram quarenta e nove

dias até o monte Sinai; e no quinquagésimo dia, Moisés recebeu o Decálogo; em memória disto, instituiu-se a festa de Pentecostes, que no Cristianismo tomou um novo sentido: comemora a descida do Espírito Santo, ou seja, a recepção da mediunidade pelos Apóstolos no quinquagésimo dia após a ressurreição de Jesus, e também o início das lutas pela divulgação do Evangelho, as quais se prolongam até hoje e ainda estão longe de terminar.¹

O que vem a ser, efetivamente a descida do Espírito Santo?

As [...] antigas Escrituras não continham o qualificativo santo quando se falava do Espírito. [...] Foi só com a tradução das antigas escrituras e constituição da Vulgata que esse qualificativo foi acrescentado, com certeza para fortificar o Mistério da Santíssima Trindade [da teologia católica], tirado de uma lenda hindu, aventado por comentadores das Escrituras, que desde logo após à morte de Jesus, viviam em querelas, em discussões sobre os modos de se interpretar as Escrituras. Essa mesma trindade é que foi proclamada como artigo de fé, pelo Concílio de Niceia, em 325, após ter sido rejeitado por três concílios.⁴

Os fenômenos de pentecostes estão descritos em ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:1-11. Trata-se de um texto marcado por simbolismos: 50 dias depois da ascensão do Cristo acontece o fenômeno conhecido como a descida do *Espírito Santo* sobre os apóstolos, materializado na forma de línguas de fogo; explode a mediunidade de xenoglossia (poliglota) nos apóstolos; Pedro é envolvido pelas forças superiores e discursa sob forte inspiração; lança-se então a pedra fundamental da primeira igreja cristã do Planeta.

Após o impacto inicial, provocado pelos fenômenos de efeitos físicos (línguas de fogo e xenoglossia), o discurso de Pedro demonstra, de forma contundente, uma ação programada do plano espiritual superior, conseguindo transformar o ânimo dos apóstolos e dos demais discípulos de Jesus — antes inseguros e medrosos — em cartas vivas do Evangelho.

É por este motivo que o *pentecostes* cristão tem um significado especial para todos nós, os seguidores do Cristo: marca o início da pregação e da difusão do Evangelho, na Terra, pelos cristãos que, fazem surgir a primeira *ekklesia* (igreja) de Jerusalém, uma humilde comunidade formada de judeus convertidos ao Cristianismo.

Pedro foi, possivelmente, o primeiro chefe desta igreja, seguido de Tiago.

As palavras textuais dos Atos do Apóstolos, sobre o *pentecostes*, são as seguintes:

“Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judeia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses, e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus.

E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto” (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:1-13).

Ouvindo tais comentários, o apóstolo Pedro tomou a palavra e falou eloquente, dominado por inspiração superior:

“Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça.

O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor; e acontecerá que todo aquele que

invocar o nome do Senhor será salvo. Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela.

Porque dele disse Davi: Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja comovido; por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; e ainda a minha carne há de repousar em esperança. Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção. Fizeste-me conhecidos os caminhos da vida; com a tua face me encherás de júbilo. Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. Sendo, pois, ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono, nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no Hades, nem a sua carne viu a corrupção.

Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas. De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés. Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

Ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar. E com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa. (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:14-40).

Os fenômenos mediúnicos ocorridos no dia de pentecostes foram notáveis. Os pontos luminosos que a multidão percebeu

sobre a cabeça de cada apóstolo nos revelam o conhecido fenômeno mediúnicos de efeitos físicos. Na verdade, tais pontos nada mais eram do que Espíritos “[...] que não se mostraram visíveis de todo, mas apenas o suficiente para serem percebidos; e como brilhasse a parte que os discípulos puderam ver, interpretaram-na como línguas de fogo”.²

A mediunidade poliglota (*xenoglossia*), permitiu que os representantes estrangeiros entendessem, na própria língua, “as maravilhas de Deus” (At 11). Um grupo de peregrinos, porém, ouvindo o mesmo ensinamento espiritual que os outros ouviram, preferiu acreditar que os apóstolos e os discípulos de Jesus estavam embriagados (At 12).

Estamos aqui diante de duas classes de pessoas: uma que, ao se defrontar com o fenômeno, pergunta o que é e põe-se seriamente a estudá-lo para compreendê-lo e descobrir-lhe as causas. Outra que se não dá nem mesmo ao trabalho de perguntar o que é: ante o fenômeno, tece considerações infantis, desairosas, e passa. Estas duas classes de pessoas acompanham o desenvolvimento dos trabalhos evangélicos até os nossos dias e vemo-las com a mesma atitude perante o Espiritismo: há os que o estudam para compreendê-lo e há os que, sem nunca tê-lo estudado ou mesmo lido algo sério a respeito, escarnecem dele.³

O discurso de Pedro foi, portanto, de grande significância naquele momento. Inspirado, a venerável figura do apóstolo se ergue, exalta o nome de Jesus e explica o que estava, efetivamente, acontecendo. A preleção evangélica de Pedro, majestosa e bela, assinala o marco da difusão do Evangelho, após a partida do Mestre. No seu discurso, fala da importância da mediunidade, que caracteriza o nascimento de um novo ciclo na evolução espiritual humana.

A humanidade terrestre não mais seria a mesma, a partir daquele momento, pois o trabalho dos apóstolos e dos discípulos de Jesus iniciaria poderoso movimento revolucionário no Planeta: “[...] o Evangelho é portador de gigantesca transformação do mundo. Destina-se à redenção das massas anônimas e sofredoras. Reformará o caminho dos povos.”⁵

Emmanuel nos oferece uma belíssima interpretação do fenômeno de pentecostes.

A lição colhida pelos discípulos de Jesus, no Pentecostes, ainda é um símbolo vivo para todos os aprendizes do Evangelho, diante da multidão.

A revelação da vida eterna continua em todas as direções.

Aquele “som como de um vento veemente e impetuoso” e aquelas “línguas de fogo” a que se refere a descrição apostólica, descem até hoje sobre os continuadores do Cristo, entre os filhos de todas as nações. As expressões do Pentecostes dilatam-se, em todos os países, embora as vibrações antagônicas das trevas.

Todavia, para milhares de ouvintes e observadores, apenas funcionam alguns raros apóstolos, encarregados de preservarem a divina luz.

Realmente, são inumeráveis aqueles que, consciente ou inconscientemente, recebem os benefícios da celeste revelação; entretanto, não são poucos os zombadores de todos os tempos, dispostos à irreverência e à ironia, diante da verdade.

Para esses, os leais seguidores do Mestre estão embriagados e loucos. Não compreendem a humildade que se consagra ao bem, a fraternidade que dá sem exigências descabidas e a fé que confia sempre, não obstante as tempestades.

É indispensável não estranhar o assédio desses pobres inconscientes, se te dispões, efetivamente, a servir ao Senhor da Vida. Cercar-te-ão o trabalho, acusando-te de bêbado; criticar-te-ão as atitudes, chamando-te covarde; escutar-te-ão as palavra de amor, conservando a ironia na boca. Para eles, a tua abnegação será envilecimento, a tua renúncia significará incapacidade, a tua fé será interpretada à conta de loucura.

Não hesites, porém, no espírito de serviço. Permaneces, como os primeiros apóstolos, nas grandes praças, onde se acotovelam homens e mulheres, ignorantes e sábios, velhos e crianças...

Aperfeiçoa tuas qualidades de recepção, onde estiveres, porque o Senhor te chamou para intérprete de sua voz, ainda que os maus zombem de ti.⁶

Referências

1. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho da mediunidade*. 7. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2005. Cap. 2 (A descida do espírito santo), p. 19-20.
2. _____. _____. p. 20.
3. _____. _____. p. 21.
4. SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 9. ed. Matão: O Clarim, 2001. Item: Atos dos Apóstolos, p. 18-19.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 46 (A revolução cristã), p. 195.
6. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 103 (Perante a multidão), p. 235-236.

Orientações ao monitor

Realizar uma discussão circular, debatendo exaustivamente o fenômeno de pentecostes. Preparar com antecedência questões que facilitem o debate.

O CRISTIANISMO

Roteiro 21

O APOCALIPSE DE JOÃO

Objetivos

- » Analisar, sob a ótica da Doutrina Espírita, o Apocalipse de João.

Ideias principais

- » *O divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João [...] e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica invisível. [...] Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 14.*
- » *O autor do apocalipse abre seu livro apresentando-o como uma revelação de Jesus Cristo sobre as coisas que haviam de acontecer, inclusive a futura vinda do Mestre à terra, em Espírito, e cercado da glória de seus anjos. Cairbar Schutel: Interpretação sintética do apocalipse. p.16.*

Subsídios

Introdução

Os textos apocalípticos, nos dois séculos que precederam a vinda do Cristo, tiveram muito êxito em alguns ambientes judaicos. Tendo sido anteriormente elaborados pelas visões dos profetas como

Ezequiel e Zacarias, esse gênero de escritura desenvolveu-se também no livro de Daniel. Apenas um apocalipse ficou registrado no Novo Testamento. Seu autor é o apóstolo João, autor do quarto Evangelho, escrevendo-o quando de seu exílio na Ilha de Patmos.

No fim do Novo Testamento está a Revelação de João, que, assim como o Livro de Daniel, é um *apocalipse*, um tipo de literatura conhecido na época. O Apocalipse se compõe de uma série de visões que evocam imagens de uma dramática cena final. Distingue-se do Livro de Daniel, que é seu equivalente apocalíptico judaico, de duas maneiras importantes. Em primeiro lugar, é um livro *cristão*, no qual Cristo irá assumir definitivamente o controle e vencer o mal; em segundo lugar, no Apocalipse o fim do mundo [fim do mal] já começou. Não se trata de algo que ocorrerá num futuro distante. Depois da obra de Jesus pela salvação, já teve início a batalha decisiva entre o bem e o mal. O Apocalipse de João é, pois, mais que uma escritura profética. Redigido durante as perseguições contra os cristãos travadas no reinado do (81-96), do imperador Domiciano, descreve a situação dos cristãos da época, constantemente ameaçados de martírio. Acima de tudo, portanto, é uma *escritura consoladora* destinada aos cristãos que viviam naquele período atribulado. Nela, o Estado romano é chamado de a “besta”, “o dragão” ou “a grande prostituta”. Mas, no embate final Cristo, o Cordeiro, vencerá as forças da escuridão. O livro chega então ao final com uma visão de “um novo céu e uma nova terra”. Com suas imagens nascidas de uma necessidade histórica, o Apocalipse é pouco familiar aos leitores modernos e já recebeu variadas interpretações através dos tempos. Pode-se dizer que nenhum outro livro da Bíblia tem sido tão mal empregado. Com sua fé em Deus claramente expressa, levando a uma vitória final do bem sobre o mal, ele é, mesmo assim, uma conclusão apropriada para a maneira como a Bíblia descreve a grave situação do mundo.⁸

1. Orientações para o estudo do apocalipse

A linguagem simbólica do Apocalipse de João desestimula, em geral, a sua leitura. É possível, porém, torná-la compreensível, observando-se alguns pontos importantes: o entendimento do significado de *apocalipse*, quanto à etimologia e ao conceito; a visualização do contexto histórico da Igreja nascente, e a razão do advento do Apocalipse.

1.1 Significado de apocalipse

O termo “apocalipse” é a transcrição duma palavra grega que significa revelação; todo apocalipse supõe, pois, uma revelação que Deus fez aos homens, revelação de coisas ocultas e só por Ele conhecidas, especialmente de coisas referentes ao futuro. É difícil definir exatamente a fronteira que separa o gênero apocalíptico do profético, do qual, de certa forma, ele não é mais que prolongamento; mas enquanto os antigos profetas ouviam as revelações divinas e as transmitiam, oralmente, o autor de um apocalipse recebia suas revelações em forma de visões, que consignava em livro. Por outro lado, tais visões não têm valor por si mesmas, mas pelo *simbolismo* que encerram, pois em apocalipse tudo ou quase tudo tem valor simbólico: os números, as coisas, as partes do corpo e até os personagens que entram em cena. Ao descrever a visão, o vidente traduz em símbolos as ideias que Deus lhe sugere, procedendo então por acumulação de coisas, cores, números simbólicos, sem se preocupar com a incoerência dos efeitos obtidos. Para entendê-lo, devemos, por isso, apreender a sua técnica e retraduzir em ideias os símbolos que ele propõe, sob pena de falsificar o sentido de sua mensagem.⁴

No livro *Como ler o apocalipse*, o autor explica o estilo e a forma de escritura do apocalipse.

O apocalipse foi [...] um modo de escrever muito popular nos dois séculos antes de Cristo e nos dois séculos depois dele. [...] O mais importante escritor apocalíptico do Antigo Testamento é o autor do Livro de Daniel. Ele viveu na época da dominação selêucida na Palestina, mas especificamente no tempo de Antíoco Epifanes IV (175-162 a.C.). Esse rei impôs, pela força, a cultura e a religião dos gregos. Esse fato provocou a revolta dos Macabeus. A função do Livro de Daniel era apoiar e incentivar a resistência dos Macabeus contra a dominação estrangeira. [...] Ninguém podia dizer as coisas às claras. Era necessário usar uma linguagem camuflada, incentivando a resistência e driblando a marcação do poder opressor.⁶

Foi assim que surgiu a literatura apocalíptica.

1.2 O contexto histórico da Igreja nascente

É indispensável inserir o Apocalipse no seu ambiente histórico para compreendê-lo um pouco mais.

É [...] indispensável [...] reinseri-lo no ambiente histórico que lhe deu origem: um período de perturbações e de violentas perseguições contra a Igreja nascente. Pois, do mesmo modo que os apocalipses que o precederam (especialmente o de Daniel) e nos quais manifestamente se inspira, é escrito de circunstância, destinado a reerguer e a robustecer o ânimo dos cristãos, escandalizados, sem dúvida, pelo fato de que perseguição tão violenta se tenha desencadeado contra a Igreja daquele que afirmara: “Não temais, eu venci o mundo” (João, 16:33).⁴

No momento em que João escreve o seu livro de visões, a igreja primitiva sofre terrível perseguição de Roma e dos cidadãos do Império Romano (a “besta”), por instigação de “satanás” (o adversário, por excelência, do Cristo — ou anticristo).⁵ O próprio João se encontrava prisioneiro na Ilha de Patmos, quando escreveu o seu Apocalipse, na época (81-96) do imperador Domiciano. Solidário com os companheiros submetidos aos martírios das perseguições, o Apocalipse de João nos apresenta três conteúdos básicos: o protesto contra as injustiças sociais, o sofrimento que aguardam os perseguidores e a vitória do bem, manifestada no amor do Cristo pela Humanidade.

1.3 A razão do advento do Apocalipse de João

Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargosa do mundo, em face do porvir. Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de esgotamentos.

O divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível. Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que frequentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar

fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.¹⁷

2. Plano geral da obra

O apocalipse de João é constituído de um prólogo, de duas partes e de um epílogo:

2.1 Prólogo

No prólogo (1:1-3), João faz a abertura do seu livro, apresentando-o como uma revelação de Jesus Cristo sobre “as coisas que devem acontecer” (1:1, 3). Indica quem são os destinatários: “os servos de Jesus Cristo” (1:1); a forma como a revelação divina se deu: “Ele a manifestou com sinais por meio do seu anjo, ao seu servo João” (1:1); fornece uma dimensão temporal — ainda que imprecisa — sobre a concretização dos fatos revelados: “o tempo está próximo” (1:3).

2.2 Primeira parte (capítulos: 1, 2 e 3)

A primeira parte do Apocalipse está escrita na forma de diálogo. Apresenta três subdivisões: a) saudação às comunidades (1:4-8); b) confiança na ressurreição do Cristo (1:9-20) e c) cartas às sete igrejas da Ásia (2:1-22; 3:1-22). Revela uma ação pastoral do apóstolo para com os cristãos — representados simbolicamente pelas “sete igrejas da Ásia” (1:4) —, e expressa uma mensagem de apoio aos que sofrem perseguições em nome do Cristo.

O propósito da mensagem [...] é encorajar a comunidade cristã que passa por uma terrível provação: após o magnífico desenvolvimento na época de sua fundação, agora a Igreja parece seriamente ameaçada na unidade de sua fé (movimentos heréticos), na pureza dos costumes (relaxamento da vida religiosa, diminuição da caridade). Devido as perseguições, João pretende sustentar a coragem dos cristãos “até a morte” (2:14), garantindo-lhes a presença divina do Cristo, que vencerá o Dragão.²⁰

João narra como ocorreu a sua percepção mediúnica.

As [...] palavras que ouviu “como a voz de trombeta” (1:10), e a recomendação que teve de se dirigir às “sete igrejas”, representadas por “sete candeeiros”, assistidas por “sete espíritos” (1:10-20).¹¹

Cada carta é específica e contém elogios e críticas, advertências e incentivos, como convinha. Mas o plural “igrejas” no final de cada carta mostra que se pretendia que fosse lida por todas as igrejas.⁸

“Nessa visão salienta-se “espada de dois gumes” que sai da boca do excelso Espírito (Jesus).”¹¹

2.3 Segunda parte (capítulos: 4 a 21)

Representa a essência da obra, tem um caráter profético-escatológico (previsões sobre o fim do mundo) e abrange duas visões paralelas: a primeira (4,18; 11,1) diz respeito aos destinos do mundo; a segunda (11: 9; 21:5) informa sobre o futuro da Igreja.²⁰

Podemos considerar cinco subdivisões (ou seções) nessa parte:

a) *introdutória* (4:1-5; 14) — fala sobre o trono, o Cordeiro e sobre o livro com sete selos;

b) *seção dos selos* (6:1-7, 17) — são pontos importantes sobre a abertura dos quatro primeiros selos, sobre o clamor dos mártires (quinto selo) e a resposta de Deus ao clamor (sexto selo);

c) *seção das trombetas* (8:1-11; 14) — o toque da trombeta anuncia o julgamento de Deus;

d) *seção dos três sinais* (11; 15; 16:16) — são sinais que marcam acontecimentos: o sinal da mulher, o sinal dos dragões e o sinal dos anjos com pragas;

e) *sessão conclusiva* (16; 17; 2:5) — mostra que o Cristo julga e vence o mal.

No capítulo IV, o autor continua escrevendo sobre a sua visão, cheia de quadros que se desdobram às suas vistas e que representam as letras com que se escrevem as “coisas espirituais”, que as palavras humanas não podem traduzir. A linguagem espiritual se manifesta por meio de símbolos que ferem a imaginação e dão uma ideia relativa das coisas que existem. Entretanto, não podem ser percebidas pelos nossos sentidos materiais, grosseiros.¹³

Revela a existência de uma comunidade de Espíritos puros, representados por “vinte e quatro anciãos”, os “Espíritos de Deus”, indicados por “sete lâmpadas de fogo”.

O seguinte resumo fornece informações gerais sobre a segunda parte do Apocalipse:

A primeira visão começa com a apresentação do trono de Deus (4:1-11) e do Cordeiro vitorioso (5:1-14) e concentra-se em dois motivos: a abertura dos 7 selos (6:1; 8:1), símbolo da preparação no céu dos flagelos que recairão sobre o mundo (dos primeiros 4 selos sairão os famosos 4 cavalos), e o som das 7 trombetas (8:2; 11:18) que significam a execução daqueles flagelos na Terra. A segunda visão começa com um duplo acontecimento: no céu, a luta do dragão (satanás) contra a mulher (que representa o povo eleito) (12:1-18); na Terra, as duas bestas (que simbolizam o Império Romano e os falsos profetas) (13:1-18). A esta dupla cena contrapõe-se a aparição do Cordeiro no monte Sião* seguido da multidão de fiéis (14:1-5). O juízo escatológico é expresso por meio de várias representações: os 7 flagelos e as 7 taças (15-16), acompanhados da “condenação da grande prostituta” (Roma também chamada Babilônia ou nova Babilônia) (17-18), depois a vitória sobre as bestas (19:11-21) e sobre o Dragão com que se inaugura o reinado “de mil anos” de Cristo (20:1-10) e por fim a vitória definitiva sobre o mal (20:11-25).²⁰

2.4 O epílogo (22:16-21)

No epílogo há uma recomendação severa, uma proibição categórica àqueles que lerem o livro, ou que o reimprimirem, de alterar qualquer coisa do que nele se acha escrito. O apóstolo previa as mistificações sectárias, os enxertos, as mutilações que havia de sofrer a *Árvore da Vida*, pelos papas e pelos concílios, e ameaçou, severamente, àqueles que modificassem o seu Apocalipse.¹⁶

3. Análise espírita do apocalipse

3.1 As sete igrejas

São as comunidades cristãs cujas características indicam os diferentes tipos de cristãos: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia.

* Sião: outro nome de Jerusalém.

A igreja de Éfeso, que fora fundada por Paulo, e continuou sendo por muitos séculos um dos principais centros da Igreja Oriental, era zelosa em guardar-se contra a heresia, mas carecia de amor cristão. A igreja de Esmirna parece ter resistido bem à importunação (perseguição) e, por vezes, prisão dos seus membros. Pérgamo era um centro religioso importante, com um famoso santuário de Zeus, um templo de Asclépio com uma renomada escola de medicina, e um templo de Augusto; “o trono de Satã” pode designar qualquer um desses, mas provavelmente refere-se ao culto do imperador. [...] A igreja de Tiatira abundava em amor e fé, serviço e resignação paciente, mas tolerava os ensinamentos malignos de uma profetisa, Jesabel. A igreja de Sardes estava florescendo externamente, mas não sem sério dano para a sua vida espiritual. Filadélfia, por outro lado, era uma cidade em que os cristãos estavam isolados do restante da comunidade, mas a igreja permanecera fiel. Em Laodiceia a igreja parecia estar florescendo, mas era espiritualmente pobre.⁹

O conjunto formado pelas sete igrejas, simbolicamente representadas pela luz dos sete candelabros, revela a imagem da Igreja do Cristo, “[...] com suas heresias, disputas, e fé débil, mas também com sua fé, esperança e amor”.¹⁰

3.2 A besta apocalíptica

Refere-se tanto ao Império Romano (o poder constituído que fere, persegue e maltrata) quanto aos falsos profetas — também chamados de “dragão” —, mistificadores que deturpam a mensagem do Evangelho. Emmanuel nos esclarece a respeito do assunto:

[...] a Besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Ap 13, 5-18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1.260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos ro-

manos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de *Vicarivs generalis Dei in Terris*, *Vicarivs Filii Dei* e *Dvx Cleri* que significam “Vigário-geral de Deus na Terra, Vigário do Filho de Deus e Príncipe do clero”. Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles. Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da humanidade terrestre.¹⁸

3.3 A espada de dois gumes

É o símbolo do poder e da justiça. É a palavra divina, que no dizer de Paulo, é poderosa arma, com a qual será restabelecida o reinado do Cristo na Terra. É, finalmente, o Evangelho, o Verbo, essa espada que vibra golpes arrojados matando a hipocrisia, aniquilando o erro e defendendo os espíritos de boa vontade na luta terrível das “trevas” contra a “luz”.¹²

3.4 A obra divina

O céu está representado pelo mar: “um mar de vidro semelhante ao cristal” (4:6). O poder, a criação, a sabedoria e a eternidade são simbolizados, respectivamente, por quatro criaturas viventes: “o leão, o novilho, o homem e a águia voando” (4:7-8).¹³

3.5 O livro dos selos

É entendido como:

O [...] “livro do futuro”, que, fechado para todos, só podia ser aberto pelo “Cordeiro”, Jesus, o Cristo, que “venceu ao romper os 7 selos”. (5:5) Então, aparece, a João, o “Cordeiro com sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a Terra”. O número sete simboliza a perfeição, é o número completo, dá ideia do desenvolvimento integral do espírito. Vemos sete virtudes, que encarnam a perfeição; as sete cores, os sete sons, as sete formas (cone, triângulo, círculo, elipse, parábola, hipérbole, trapézio); os sete dias etc. O chifre, na velha poesia hebraica, é o símbolo da força.¹⁴

3.6 A abertura dos selos

Está escrito assim: “e vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi uma das quatro criaturas viventes dizendo, como em voz

de trovão: Vem! Olhei, e eis um cavalo branco, e o que estava montado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e ele saiu vencendo e para vencer” (6:1-2). Existem inúmeras interpretações para essas palavras de João: umas mais seguras, outras nem tanto. Não é fácil encontrar um consenso. Podemos, no entanto, dizer que todo o sentido teológico do Apocalipse fundamenta-se em três pilares: Deus, Cristo e a Igreja. Deus é “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” (1:8); é “Aquele que vive nos séculos dos séculos” (10:5); é o “Senhor do Universo” (1:8). Jesus Cristo é o tema central do Apocalipse, que é, verdadeiramente, a sua “revelação”; Ele é o Filho do homem, é o Cordeiro imolado que redimiu os homens “de todas as tribos, línguas e povos” (5; 9), ao mesmo tempo é o vitorioso sobre os inimigos debelados (19:11-16). Cristo é o “Logos de Deus” (19:13), que está junto de Deus. Os animais citados nos textos, sobretudo os cavalos, ora são interpretados como forças positivas atuando na sociedade, ora são forças negativas, dependendo da interpretação que se lhes dê.⁷ Por exemplo: há quem suponha que o cavalo branco e o cavaleiro, portando um arco, citados na abertura do primeiro selo, sejam alusões à ganância — sempre presente na história humana — e, também, aos partos, povo que usava o arco como arma de guerra, criava cavalos brancos e era inimigo dos romanos.⁷ Por outro lado, Cairbar Schutel afirma que a abertura do primeiro selo representa a vinda do Espiritismo e que o cavaleiro com o arco teria sido Allan Kardec.¹⁵ Há, porém, um consenso de que o cavalo vermelho do segundo selo simboliza a guerra (6:3); o cavalo negro do terceiro selo representa a fome e a carestia que a guerra acarreta (6:5); o quarto cavalo, o esverdeado, retrata a peste e a morte (6:7). O quinto selo reinterpreta os mártires pedindo a Deus justiça para a Terra, ou o fim da desordem que campeia no mundo.

Reproduzem o clamor dos justos de todos os tempos, ansiosos de que termine a inversão dos valores na história da Humanidade.

3.7 A prostituta

Na segunda parte do apocalipse aparece, em diferentes capítulos, a figura de duas mulheres, uma delas está vestida de púrpura escarlata, usa pérolas, tem na mão um cálice cheio de abominações, e em sua testa está escrito: “mistério”, “a grande babilônia”; “a prostituta”; “a grande prostituta”. Supõe-se que seja uma alusão à Igreja Católica Romana, em razão de esta ter dado as costas à Lei de Deus e ter incorporado, à mensagem cristã, práticas dos povos pagãos. A propósito, esclarece Emmanuel.

A Igreja Católica [...], que tomou a si o papel de zeladora das ideias e das realizações cristãs, pouco após o regresso do divino Mestre às regiões da Luz, faliu lamentavelmente aos seus compromissos sagrados. Desde o concílio ecumênico de Niceia, o Cristianismo vem sendo deturpado pela influência dos sacerdotes dessa Igreja, deslumbrados com a visão dos poderes temporais sobre o mundo. Não valeu a missão sacrossanta do iluminado da Úmbria [Francisco de Assis], tentando restabelecer a verdade e a doutrina de piedade e de amor do Crucificado para que se solucionasse o problema milenar da felicidade humana.

As castas, as seitas, as classes religiosas, a intolerância de clericalismo constituíram enormes barreiras a abafarem a voz da realidade cristã. A moral católica faliu aos seus deveres e às suas finalidades.¹⁹

3.8 O juízo final

A doutrina religiosa que trata das “últimas coisas” é conhecida como *escatologia*. Todas as religiões cristãs, à exceção do Espiritismo, acreditam, pregam e divulgam a ideia do “Juízo ou Julgamento Final”, do “Fim do mundo ou dos Tempos”. São interpretações literais do Velho e do Novo Testamentos. Neste último, a parábola dos bodes e das ovelhas (MATEUS, 25:31-46) é uma das mais citadas.

A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição.¹ Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento, e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo.²

3.9 A humanidade nova

O capítulo 21 nos fala de uma “Jerusalém celeste” ou “Jerusalém libertada”, símbolo da Humanidade regenerada. Durante milênios, a civilização humana amargou dolorosas provações em razão dos erros cometidos contra a Lei de Deus. Uma geração nova surge, afinal, na Terra. “Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do *progresso moral*”.³

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17, item 64, p. 398.
2. _____. _____. Item 66, p. 399.
3. _____. _____. Cap. 18, item 6, p. 404.
4. BIBLIA DE JERUSALÉM. Diversos tradutores. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2139.
5. _____. _____. p. 2140.
6. BORTOLINI, José. *Como ler o apocalipse*. 63. ed. São Paulo: Paulus, 2003. Introdução, p. 8.
7. _____. _____. Segunda parte, cap. 3, p.58.
8. HELLEN, V., NOTAKER, H. E GAARDER, J. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Item: O apocalipse (ou Revelação), p. 223-224.
9. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. 1: as pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger, Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002, p. 295-296 (As sete igrejas).
10. _____. _____. p. 296.
11. SCHUTEL, Cairbar. *Interpretação sintética do apocalipse*. 6. ed. Matão [SP]:2004. Introdução ao Apocalipse, p. 16.
12. _____. _____. p. 16-17.
13. _____. _____. p. 17.
14. _____. _____. O livro dos sete selos, p. 19.
15. _____. _____. O primeiro selo p. 21.
16. _____. _____. Conclusão, p. 105.
17. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14 (A edificação cristã), item: O Apocalipse de João, p. 126-127.
18. _____. _____. Item: A besta do apocalipse, p. 128.
19. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 6 (Pela revivescência do cristianismo), item: A falha da igreja romana, p 44-45.
20. http://www2.uol.com.br/jubilaem/historia_linha.htm
21. <http://www.veritatis.com.br/artigo.asp?pubid=1436>

Orientações ao monitor

Fazer uma explanação inicial sobre o apocalipse de João, sua organização e finalidades. Sugerir a formação de grupos para estudar e apresentar conclusões dos conteúdos existentes nos itens 2 e 3 dos *subsídios* deste Roteiro.

O CRISTIANISMO

Roteiro 22

A IGREJA CRISTÃ PRIMITIVA

Objetivos

- » Relatar fatos históricos significativos relacionados à igreja cristã primitiva.
- » Analisar, à luz do Espiritismo, as principais causas que produziram deturpações na mensagem cristã.

Ideias principais

- » *De uso especificamente cristão, adotado pelas comunidades cristãs logo no seu início, o termo “igreja” certamente queria dizer mais do que “reunião”, uma vez que assinalava a diferença entre os adeptos que viam Jesus como Messias e os judeus que não o aceitavam. Enciclopédia mirador. vol. 11, p. 5962.*
- » Desde a fundação da igreja primitiva, em Jerusalém, percebe-se a existência de duas correntes religiosas. Ambas aceitavam a aplicação da lei de Israel aos cristãos de origem judaica, divergindo, no entanto, quanto à sua aplicação aos gentios, convertidos ao Cristianismo.
- » *O Evangelho do divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A má-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspirarão contra Ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Emmanuel: Emmanuel. Cap. 2.*

Subsídios

Introdução

A palavra “igreja” (do grego *ekklesia* e do latim *ecclesia*) significa uma assembleia que se reúne por força de uma convocação.

De uso especificamente cristão, adotado pelas comunidades cristãs logo no seu início, o termo “igreja” certamente queria dizer mais do que “reunião”, uma vez que assinalava a diferença entre os adeptos que viam Jesus como Messias, e os judeus que não o aceitavam. O vocábulo relacionava-se com expressões do Antigo Testamento, sobretudo com a palavra hebraica “gahal” (assembleia, congregação, multidão), que a versão grega dos setenta (a septuaginta) traduz quase sempre para *ekklesia*.²

A palavra *ekklesia*, porém, tem origem no Judaísmo.

No Novo Testamento, onde ocorre cerca de 114 vezes (das quais 65 nas epístolas de Paulo), mostra a sua correlação histórica e linguística com o Judaísmo; a sua frequência, porém, corresponde ao desenvolvimento próprio e original de uma nova instituição — cujo ponto de referência é agora Jesus de Nazaré, chamado o Cristo —, significa uma ruptura com uma situação anterior [...]. De modo geral, a *ekklesia* para o Novo Testamento foi essencialmente a vivência da fé dos primeiros grupos cristãos. Trata-se, no início, de expressar a unidade no amor em vista da instauração do reino e do advento iminente do Senhor. Cada igreja primitiva institucionalizava-se progressivamente em função de condições concretas, em grande parte de significado local [...].²

É nítida a mudança de conceito de igreja nas epístolas de Paulo, indo desde o significado elementar de assembleia ou reunião, evoluindo para o de comunidade ou grupo, de forma concreta, até chegar ao sentido teológico de que Cristo é a cabeça do corpo que é a própria Igreja (EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES, 1:18, 24).

Em Mateus, o conceito de uma Igreja estruturada parece evidente e é coerente com a “teologia do povo” elaborada pelo evangelista. A ideia de ruptura com a oficialidade judaica está claramente expressa na parábola dos viticultores homicidas² (MATEUS, 21:33-45).

Neste aspecto, a expressão o “reino dos céus” é retirado de um povo — o judeu — e entregue a uma nova humanidade, formada de judeus e gentios.

João utiliza a palavra igreja de maneira diversa em seus escritos (evangelho, epístolas e apocalipse). Apresenta um significado simbólico, mais espiritualizado, de união com Jesus. Os cristãos são, para o apóstolo, testemunhas da mensagem do Cristo. Somente em Atos dos Apóstolos iremos encontrar a palavra *igreja* no sentido de um grupo de pessoas que se reúnem e que professam a fé cristã (ATOS DOS APÓSTOLOS, 6:1-6; 15:22).

1. A igreja primitiva

A igreja primitiva começa com a fundação da igreja de Jerusalém, após o pentecostes; abrange, em seguida, o trabalho realizado pelos doze apóstolos e seus discípulos na difusão do Cristianismo, inclusive as atividades desenvolvidas por Paulo; atravessa o período de grandes provações que os cristãos sofreram durante a perseguição do estado imperial romano e se completa no início da Idade Média com a constituição da igreja apostólica romana (Ocidental) e a ortodoxa (Oriental).

A era apostólica é obscura, pois não há muitas informações a respeito. De concreto, temos as informações de Lucas, inseridas em Atos dos Apóstolos. A documentação existente sobre a igreja primitiva focaliza dois personagens: Pedro e Paulo. Inegavelmente, muitas das informações que chegaram até nós deve-se ao trabalho de Paulo. Percebe-se que, desde a constituição das primeiras comunidades, as divergências entre os adeptos foram marcantes. Construíram grupos separados e, muitos deles, rivais.

Logo após o martírio de Estêvão a relativa paz dos cristãos foi perturbada por uma cruel perseguição movida por Herodes Agripa I, em 44 d.C. O apóstolo Tiago foi decapitado, enquanto Pedro era preso, o que o levou, posteriormente, a afastar-se de Jerusalém [...].³

Há fortes evidências de que tanto Pedro quanto Paulo tenham sido martirizados em Roma, na época de Nero, na grande perseguição ocorrida no ano 64. No ano 100 morre o apóstolo João, possivelmente.

Desde a fundação da igreja primitiva, em Jerusalém, percebe-se a existência de dois partidos religiosos.

Ambos aceitavam a aplicação da lei de Israel aos cristãos de origem judaica, divergindo quanto à sua aplicação aos conversos do paganismo. Paulo afirmava que os cristãos-gentios deviam gozar de liberdade quanto à lei antiga, uma vez que não estavam a ela obrigados. Tal problema, que se torna mais agudo com o estabelecimento da Igreja em Antioquia, em Chipre e na Galácia, provocou a interferência do apóstolo Paulo, que se reuniu com os líderes da Igreja em Jerusalém, onde se realizou um Concílio, de que não resultaram possibilidades de acordo. Paulo, favorável a um cristianismo não legalista, passa a trabalhar em favor de uma Igreja universal, tornando-se um fundador de uma teologia cristã.³

Importa considerar que não existia, nos primeiros tempos do Cristianismo nascente, uma coesão doutrinária entre os cristãos. As primeiras pregações caracterizavam-se por depoimentos sobre a pessoa e os ensinamentos do Cristo. Com a crucificação e ressurreição de Jesus, surge um novo elemento doutrinário: o Espírito Santo, manifestado no dia de pentecostes (ATOS DOS APÓSTOLOS, 4:8-12). Com o pentecostes, começa, então, a expansão do Cristianismo para o mundo pagão, a partir do foco inicial de Jerusalém. Os principais eventos dessa expansão podem ser resumidos em dois:

- » Fundação em Antioquia (Síria) de uma nova comunidade que acabou por se transformar em um centro de divulgação da religião helenista, base da organização da futura Igreja Católica Ortodoxa (Oriental). Foi nessa igreja que, pela primeira vez, os galileus (ATOS DOS APÓSTOLOS, 1:11) ou nazarenos (ATOS DOS APÓSTOLOS, 24:5) foram chamados de *cristãos*.
- » Constituição do Cristianismo, em Roma, pelos judeus da diáspora presentes aos acontecimentos de pentecostes (ATOS DOS APÓSTOLOS, 2:10).

No primeiro século da cristandade os conquistadores romanos não fazem diferença entre cristãos e judeus, porém, quando começam a ter essa percepção, institucionalizam as perseguições. Desta forma, a vida do cristão se revelou muito difícil, uma vez que a nova religião era perseguida tanto por judeus — que viam no Cristianismo uma grande ameaça aos privilégios dos doutores da lei judaica — quanto pelos romanos, que não conseguiam aceitar uma religião que pregava a liberdade, o respeito à dignidade do ser humano e o amor e o perdão como regras de conduta moral.

As classes mais abastadas não podiam tolerar semelhantes princípios de igualdade, quais os que preconizavam as lições do Nazareno, considerados como postulados de covardia moral, incompatíveis com a orgulhosa filosofia do Império, e é assim que vemos os cristãos sofrendo os martírios da primeira perseguição, iniciada no reinado de Nero de tão dolorosas quão terríveis lembranças.⁷

Os cristãos, em consequência, passaram a viver longos períodos de tempo às escondidas, mas preservando a união entre eles. Possuíam um sentimento de irmandade, caridade e fé, inegavelmente muito maior do que se percebe no cristão de hoje.

2. Os pais da Igreja

“Pais” ou “padres” foram, na Antiguidade, os guardiões da mensagem cristã. Mais tarde, a expressão foi substituída por “patriarcas” e, na Idade Média, por “doutores da Igreja”.

2.1 Os pais apostólicos

São representados pelos doze apóstolos e por dedicados discípulos de Jesus, como Paulo e Lucas. Historicamente, abrange os anos do primeiro século da Era Cristã, de 30 a 100, fechando, possivelmente, com a morte de João, em Éfeso, o último dos apóstolos a retornar ao mundo espiritual. As principais características deste período são a difusão do Cristianismo e a construção da igreja cristã. Além dos apóstolos, destaca-se, no Ocidente, a figura de Clemente de Roma, e no Oriente, as de Inácio, Policarpo, Barnabé, Papias e Hermas. Surge o *Didaquê*, uma espécie de catecismo, com prescrições litúrgicas para o batismo, preceitos sobre o jejum, a oração e o dia de domingo. A *tradição apostólica de Hipólito*, também deste período, trata dos ofícios e ministérios na comunidade, como eleição e sagração de bispos e ordenação de presbíteros e diáconos.⁶

2.2 Os apologistas

Compreende o período de 120 a 220 da Era Cristã, segundo e terceiro séculos, respectivamente. Os apologistas foram pensadores cristãos que se dedicavam à tarefa de escrever apologias do Cristianismo, com o intuito de defendê-lo. Era preciso, nessa época, defender a doutrina cristã nascente de três correntes distintas, que lhe faziam oposição: a

religião judaica, o estado romano e a filosofia pagã. Contra os judeus, era necessário afirmar, argumentativamente, o messianismo de Jesus Cristo. Contra os romanos, era preciso convencer o imperador quanto ao direito de legalização da prática do Cristianismo dentro do Império, e contra os filósofos pagãos, a tarefa dos apologistas era a de apresentar a religião cristã como uma verdade total, ao contrário dos erros ou verdades parciais presentes, segundo esses autores, na filosofia helenística. Os apologistas criaram um tipo de literatura denominada *apologética*, de cunho científico e filosófico. Tertuliano se destaca, no Ocidente. Justino, o Mártir, Taciano, Teófilo, Aristides e Atenágoras, no Oriente.⁶

2.3 Os polemistas

Os polemistas defendiam as ideias cristãs contra as várias doutrinas que marcaram o período compreendido entre os anos 180 e 250 d.C. A principal doutrina combatida por eles foi o gnosticismo, interpretação filosófica que tem como base os ensinamentos de filósofos gregos, especialmente os neoplatônicos. O gnosticismo se desenvolveu em mais de 30 sistemas diferentes, mas quase todos eles tratam da oposição entre fé e razão, misturando conceitos da filosofia grega com preceitos da cultura oriental e do Cristianismo. Os polemistas mais proeminentes pertenciam à Escola de Alexandria, tais como: Atanásio, Basílio de Cesareia e Cirilo.⁶

2.4 Os teólogos científicos

Os teólogos científicos aparecem no quarto século (325–460) e têm a intenção de explicar a *Bíblia* por meio da Ciência. Parece ser a primeira tentativa de unir a Religião e a Ciência, ou a fé à razão. Os temas Deus, criação dos seres, dos Espíritos e do universo são estudados de forma racional. São vultos proeminentes deste grupo: no Ocidente, Jerônimo, Ambrósio e Agostinho. No Oriente, Crisóstomo e Teodoro. Em Alexandria, Atanásio, Basílio de Cesareia e Cirilo.⁶

3. Deturpações na mensagem cristã

Se, por um lado a integração do Cristianismo ao Estado livrara os cristãos das perseguições, por outro obrigava a igreja cristã a fazer concessões políticas que, como sabemos, se responsabilizaram pela desconfiguração da mensagem cristã.

As fronteiras ideológicas do Cristianismo tornavam-se frágeis e se diluíam em tendências heterogêneas. Estas, ao se afirmarem, criaram uma confrontação inevitável entre as múltiplas interpretações doutrinárias e as várias tradições cristãs. Como todas as correntes reivindicavam a legitimidade apostólica, tratava-se de definir o que estaria de acordo ou contra a pregação tradicional dos Apóstolos. Essa confrontação veio a caracterizar a divisão entre elementos ortodoxos e heterodoxos no pensamento cristão elaborado.⁶

No final do século I, a própria constituição da Igreja modificara-se substancialmente e as primeiras formas litúrgicas aparecem, assim como o ascetismo e o legalismo. Nesse mesmo período, a Igreja estava presente na Ásia Menor, na Síria, na Macedônia, na Grécia, em Roma e talvez no Egito. Se por um lado o Cristianismo se expandia geograficamente através da vivência das igrejas organizadas, por outro perdia em profundidade [...].⁴

O ascetismo, entendido como uma prática filosófica ou religiosa, de desprezo ao corpo e às sensações corporais, e que tende a assegurar, pelos sofrimentos físicos, o triunfo do Espírito sobre os instintos e as paixões, revelou-se como uma forma deprimente de viver o Cristianismo. O ascetismo, surgido na igreja primitiva, serviu de base para o monasticismo, estabelecido nos séculos posteriores. “Por trás do movimento monástico, achava-se o zeloso cristão empenhando-se fervorosamente para conseguir a união de sua alma com Deus [...]”⁵

O ascetismo preconizava, e preconiza, uma vida solitária, de completa renúncia às atividades existentes no mundo material, e aceitação voluntária de privações e sofrimentos.

O [...] impulso para o ascetismo e o monasticismo não é peculiar ao Cristianismo [igrejas cristãs]. Aparece em outras religiões, tanto antes como depois do tempo de Cristo, e entre alguns indivíduos que não professam qualquer religião. No terceiro e quarto séculos, outras influências deram acrescida força ao impulso para o ascetismo e o monasticismo e levaram esses ideais a uma realização prática. Uma delas foi a influência das filosofias dualistas do gnosticismo e do neoplatonismo [...].⁵

O legalismo é definido como um conjunto de regras ou preceitos rigorosos que contrariam a vivência pura e simples de qualquer interpretação religiosa, inclusive a cristã. O legalismo, em qualquer

época, representa uma forma de escravidão, que conduz ao fanatismo, e, sobretudo, afasta o homem da prática da caridade. A seguinte passagem do Evangelho mostra o que Jesus tinha a dizer sobre o legalismo judaico: “partindo dali, entrou na sinagoga deles. Ora, ali estava um homem com a mão atrofiada. Então lhe perguntaram, a fim de acusá-lo: é lícito curar nos sábados?” Jesus respondeu: “quem haverá dentre vós que, tendo uma ovelha, e caindo ela numa cova em dia de sábado, não vai apanhá-la e tirá-la dali? Ora, um homem vale muito mais do que uma ovelha! Logo, é lícito fazer bem aos sábados” (MATEUS, 12:9-12).

A hegemonia da Igreja de Roma, em relação à de Constantinopla, concedeu àquela poder suficiente para se transformar numa monarquia papal. Se na Idade Antiga os principais acontecimentos da história da Igreja se deram no Mediterrâneo e no Oriente, na Idade Média os centros mais importantes localizam-se na Itália, França, Inglaterra e Alemanha. A razão histórica é a invasão islâmica no mediterrâneo e a adoção do Cristianismo pelos povos germânicos e eslavos.

Em consequência, surgem no campo doutrinário sérias deturpações da mensagem cristã pela incorporação de rituais pagãos, de preceitos filosóficos e de deliberações conciliares, de natureza cada vez mais políticas e menos evangélicas. Os principais desvios ocorridos na igreja primitiva foram:

- » *Trindade divina*: é uma crença de que Deus é formado por uma trindade representada como o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sendo cada uma uma expressão da perfeição.
- » *A natureza divina e humana de Jesus*: como homem, Jesus era filho de uma virgem e sofreu os martírios da crucificação. Como Deus, ofereceu-se em sacrifício para redimir os homens dos seus pecados.
- » *Fora da Igreja não há salvação*: todos os cristãos são membros de uma só Igreja, que está sob a guarda divina. Revela nítido conflito com o ensinamento de Jesus, fielmente interpretado por Paulo: “Fora da caridade não há salvação” (1 CORÍNTIOS, 13:1-7,13).

Enquanto a máxima — Fora da caridade não há salvação — assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma — Fora da Igreja não há salvação — se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém “numa fé especial”, em “dogmas particulares”; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus,

separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos [...].¹

Emmanuel conclui, destacando o sublime consolo que a Humanidade encontra no Evangelho de Jesus.

O Evangelho do divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A má-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspirarão contra ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Nos dias de flagelo e de provações coletivas, é para a sua luz eterna que a Humanidade se voltará, tomada de esperança. Então, novamente se ouvirão as palavras benditas do Sermão da Montanha e, através das planícies, dos montes e dos vales, o homem conhecerá o caminho, a verdade e a vida.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 125. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15, item 8, p. 270-280.
2. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. São Paulo, 1995. Vol. 11, p.5961.
3. _____. _____. p. 5962.
4. _____. _____. p. 5963.
5. <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/historia-do-cristianismo-08.html>
6. <http://www.igrejahttp://www.sepoangol.org/biogra-p.htm>
7. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32, ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15 (A evolução do cristianismo), item: Os mártires, p.134.
8. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 2 (A ascendência do evangelho), item: o Evangelho e o futuro, p. 28.

Orientações ao monitor

Organizar junto com a turma um painel que retrate os principais fatos históricos relacionados à igreja cristã primitiva. Em seguida, destacar algumas causas que produziram deturpações na mensagem cristã.

O CRISTIANISMO

Roteiro 23

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA E ORTODOXA

Objetivos

- » Identificar fatos históricos relevantes relacionados à organização da igreja católica romana e da ortodoxa.
- » Analisar, à luz do entendimento espírita, o compromisso espiritual assumido por essas instituições.

Ideias principais

- » *Retirando-se para Salona, exausto da tarefa governista, ocorre a rebelião militar que aclama Augusto a Constantino [...]. Junto dele, o Cristianismo ascende à tarefa do Estado, com o edito de Milão.* Emmanuel: *A caminho da luz*. Cap. 15, item: Constantino.
- » *Mas, por volta do ano 381, surge a figura de Teodósio, que declara o Cristianismo religião oficial do Estado, decretando, simultaneamente, a extinção dos derradeiros traços do politeísmo romano.* Emmanuel: *A caminho da luz*. Cap. 16, item: Vitórias do Cristianismo.
- » *A Igreja católica [...], deturpando nos seus objetivos as lições do Evangelho, se tornou uma organização política em que preponderaram as características essencialmente mundanas.* Emmanuel: *Emmanuel*. Cap. 3.

- » A Igreja Ortodoxa, uma das três grandes divisões do Cristianismo, [...] *também denominada Igreja do Oriente (ou Igreja Ortodoxa do Oriente)*, designa o grupo de igrejas que se consideram depositárias da doutrina e do ritual dos padres apostólicos [guardiões da moral cristã]. *Enciclopédia mirador*, vol. 11, p. 5969.

Subsídios

1. Igreja Católica Apostólica Romana

Os Anais de Tacitus nos informam que na noite de 18 para 19 de julho do ano de 64, três quartos da cidade de Roma foram devastados por um incêndio que só seria dominado seis dias depois. Acusado da autoria do incêndio, o imperador Nero não só nega como responsabiliza os cristãos pelo atentado. Assim, na noite de 15 de agosto de 64, vários cristãos são punidos no *circo de Nero* — situado no local onde hoje se ergue a basílica de São Pedro —, reduzidos a tochas vivas que serviram de iluminação à realização dos jogos e das diversões que se seguiram ao suplício.

A partir desse acontecimento, as perseguições se tornaram corriqueiras por mais de dois séculos consecutivos, nos governos de Domiciano (81–96) a Diocleciano (184–302). A despeito dos suplícios e toda a sorte de infelicidades, o número de cristãos aumentava, dia após dia, ao longo dos anos. Em meados do século III, mais de um funcionário do Império é convertido ao Cristianismo. “Nós enchemos os campos, as cidades, o Fórum, o Senado, o Palácio”, escrevia o orgulhoso Tertuliano.

É importante considerar que nessa época começou a surgir a palavra *católico* associada aos cristãos. O cognitivo *católico* (ou *católico*), significando universal, foi incorporado às ações e aos escritos das igrejas do Ocidente (romana) e do Oriente (ortodoxa).

O termo “*católico*” foi utilizado antes da Era Cristã por alguns escritores (Aristóteles, Zanoão, Políbio), com o sentido de universal, oposto a particular. Não aparece na *Bíblia*, nem no Antigo nem no Novo Testamento, embora nela se encontre, como conceito fundamental, a ideia de universalidade da salvação [...]. Aplicado à Igreja [romana e ortodoxa], o termo aparece, pela primeira vez, por volta do ano 105 d.C., na carta de Inácio, bispo de Antioquia, aos erminenses.⁸

Os escritores cristãos posteriores passaram a empregar o substantivo *catholica* como sinônimo de igreja cristã, associando a essa palavra as ideias de universalidade geográfica e de unidade de fé. Entretanto, somente com o *Concílio Ecumênico de Constantinopla* (no ano 381) foi, oficialmente, aplicada às igrejas romana e ortodoxa a designação “católica”. Este qualificativo, considerado como artigo de fé, assim deve ser entendido e aceito pelos fiéis: *Creio na una, santa, católica e apostólica Igreja*. Com a *reforma protestante*, e pela determinação do *Concílio de Trento* (em 1571), restringiu-se o significado à expressão “católica”, que passou a designar, especialmente, a igreja de Roma. À denominação “igreja católica” acrescentou-se a palavra “romana”.⁸

As primeiras raízes do catolicismo surgem, provavelmente, no governo do imperador Valeriano (253–260) que promoveu impiedoso ataque contra as comunidades cristãs, buscando atingir, em especial, os seus líderes religiosos — bispos, padres e diáconos —, com o propósito de eliminar a fé cristã do império.

A doutrina cristã, todavia, encontrara nas perseguições os seus melhores recursos de propaganda e de expansão. Seus princípios generosos encontravam guarida em todos os corações, seduzindo a consciência de todos os estudiosos de alma livre e sincera. Observa-se-lhe a influência no segundo século, em quase todos os departamentos da atividade intelectual, com largos reflexos na legislação e nos costumes. Tertuliano apresenta a sua apologia do Cristianismo, provocando admiração e respeito gerais. Clemente de Alexandria e Orígenes surgem com a sua palavra autorizada, defendendo a filosofia cristã, e com eles levanta-se um verdadeiro exército de vozes que advogam a causa da verdade e da justiça, da redenção e do amor.¹³

O trauma resultante das perseguições impeliu os cristãos a desenvolverem estratégias que, de certa forma, pudessem neutralizar os constantes ataques de que eram vítimas. Delineia-se, então, a partir desse período, uma organização institucional que será conhecida como a *monarquia papal*. Importa considerar que a organização da Igreja Católica nos conduz, necessariamente, à organização da igreja cristã primitiva, em Roma, que, por sua vez, reflete a estrutura organizacional das sinagogas. Originalmente, a igreja cristã consistia de uma constelação de igrejas independentes cujos adeptos se “[...] reuniam nas casas dos membros abastados da comunidade. Cada uma dessas casas contava com seus próprios líderes, os anciãos ou “presbíteros”⁴

Os membros da igreja eram, na maioria, imigrantes, escravos e pessoas livres. Essa diversidade cultural favorecia a existência de uma malha de rituais e de doutrinas confusas e conflitantes, ortodoxas e heréticas (pagãs). Diante desse panorama — perseguições de um lado, conflitos doutrinários de outro —, foi natural a aceitação, pelos cristãos de Roma, do “episcopado monárquico”.

Esse episcopado, que antecede a monarquia papal, determinou que a direção da igreja romana caberia a um bispo, sistema oposto ao existente de administração da igreja por um colégio de anciãos, comuns nas demais igrejas cristãs do Império. A administração por parte dos anciãos estava fundamentada nos preceitos da assembleia (*ecklesia*), herdados das tradições judaicas.⁵

2. O Cristianismo como religião do Estado

No século III, o Império Romano estava dilacerado pela guerra civil, pela epidemia da peste e pela vertiginosa sucessão de imperadores, todos apoiados num exército esgotado pelos ataques inimigos. A instabilidade política chegou ao extremo de, em 47 anos, elevar ao poder 25 imperadores.

As forças espirituais que acompanham todos os movimentos do orbe, sob a égide de Jesus, procuram dispor os alicerces de novos acontecimentos, que devem preparar a sociedade romana para resgates e para a provação. A invasão dos povos considerados bárbaros é então entrevista. Uma forte anarquia militar dificulta a solução dos problemas de ordem coletiva, elevando e abatendo imperadores de um dia para outro. Sentindo a aproximação de grandes sucessos e antevendo a impossibilidade de manter a unidade imperial, Diocleciano organiza a Tetrarquia, ou governo de quatro soberanos, com quatro grandes capitais. Retirando-se para Salona, exausto da tarefa governativa, ocorre a rebelião militar que aclama Augusto a Constantino [285–337], filho de Constâncio Cloro, contrariando as disposições dos dois Césares, sucessores de Diocleciano e Maximiano. A luta se estabelece e Constantino vence Maxêncio às portas de Roma, penetrando a cidade, vitorioso, para ser recebido em triunfo. Junto dele, o Cristianismo ascende à tarefa do Estado, com o edito de Milão.¹⁴

A história registra que Constantino foi proclamado imperador na Bretanha, em 306, enquanto Maxêncio conspirava em Roma.

Constantino prosseguiu com suas campanhas na Gália e entrou em Roma com seu exército em 312, derrotando Maxêncio às margens do rio Tibre. Em 324 fez-se imperador do Ocidente e do Oriente. Em 330 converteu a cidade grega de Bizâncio em capital do império, com o nome de Constantinopla (em 1453, sob o domínio turco, foi rebatizada de Istambul).

Embora não fosse cristão, pois só foi batizado em seu leito de morte, Constantino declarava-se protetor da Igreja. O Cristianismo foi declarado religião oficial do império. O Concílio de Niceia (o primeiro concílio ecumênico) foi convocado pelo imperador e realizou-se, em 325, numa sala do palácio imperial de veraneio. As conclusões do concílio, compendiadas no símbolo de fé, foram promulgadas como lei do império.⁶

Transformar o Cristianismo em religião foi um ato político do imperador, amparado por suas percepções psíquicas.

O imperador Constantino era pessoalmente dotado de faculdades mediúnicas e sujeito à influência dos Espíritos. Os principais sucessos de sua vida [...] assinalam-se por intervenções ocultas. [...] Quando planejava apoderar-se de Roma, um impulso interior o induziu a se recomendar a algum poder sobrenatural e invocar a proteção divina, com apoio das forças humanas. [...] Caiu, então, em absorta meditação das vicissitudes políticas de que fora testemunha. Reconhece que depositar confiança na “multidão dos deuses” traz infelicidade, ao passo que seu pai Constâncio, secreto adorador do Deus único, terminara seus dias em paz. Constantino decidiu-se a suplicar ao Deus de seu pai que prestasse mão forte à sua empresa. A resposta a essa prece foi uma visão maravilhosa, que ele próprio referia, muitos anos depois, ao historiador Eusébio, afirmando-a sob juramento e com as seguintes particularidades: “Uma tarde, marchando à frente das tropas, divisou no céu, acima do sol que já declinava para o ocaso, uma cruz luminosa com esta inscrição: “Com este sinal vencerás.” Todo o exército e muitos espectadores, que o rodeavam viram com ele, estupefatos, esse prodígio. Logo foram chamados ourives e o imperador lhes deu instruções para que a cruz misteriosa fosse reproduzida em ouro e pedras preciosas.”³

Foi assim que Constantino, em seu caminho de realizações, consegue proteger o Cristianismo e os cristãos das perseguições.

Consegue [...] levar a efeito a nova organização administrativa do Império, começada no governo de Dioclesiano, dividindo-o em quatro Prefeituras, que foram as do Oriente, da Ilíria, da Itália e das Gálias, que, por sua vez, eram divididas em dioceses dirigidas respectivamente por prefeitos e vigários. [...] Findo o reinado de Constantino, aparecem os seus filhos, que lhe não seguem as tradições. [...] Mas, por volta do ano 381, surge a figura de Teodósio, que declara o Cristianismo religião oficial do Estado, decretando, simultaneamente, a extinção dos derradeiros traços do politeísmo romano. É então que todos os povos reconhecem a grande força moral da doutrina do Crucificado, pelo advento da qual milhares de homens haviam dado a própria vida no campo do martírio e do sacrifício.¹⁷

3. A monarquia papal

Durante o governo de Constantino os bispos de Roma alcançaram um prestígio jamais imaginado.

Eles [...] se tornaram celebridades comparáveis aos mais prestigiados senadores da cidade. Era de se esperar que os bispos de todo o mundo romano assumissem, agora, o papel de juizes, governadores, enfim, de grandes servidores do Estado. [...] No caso do bispo de Roma, tais funções se tornavam ainda mais complexas, pois se tratava de liderar a Igreja numa capital pagã que era o centro simbólico do mundo, o foco do próprio sentido de identidade do povo romano. Constantino lavou as mãos com relação a Roma, em 324, e tratou de criar uma capital no Leste. Caberia aos papas criar uma Roma cristã. Eles deram início a tal empreendimento construindo igrejas, transformando os modestos *tituli* (centros eclesiais comunitários) em algo mais grandioso e criando edifícios novos e mais públicos, se bem que a princípio em nada rivalizassem com as grandes basílicas imperiais de Latrão e de São Pedro [esta mandada construir por Constantino]. Nos cem anos seguintes, as igrejas se espalharam pela cidade [...].⁶

Emmanuel, na obra *A caminho da luz*, nos esclarece o seguinte:

A [...] indigência dos homens não compreendeu a dádiva do plano espiritual, porque, logo depois da vitória, os bispos romanos solicitavam prerrogativas injustas sobre os seus humildes companheiros de episcopado. O mesmo espírito de ambição e de imperialismo, que de

longo tempo trabalhava o organismo Império, dominou igualmente a igreja de Roma, que se arvorou em suserana e censora de todas as demais do planeta. Cooperando com o Estado, faz sentir a força das suas determinações arbitrárias. Trezentos anos lutaram os mensageiros do Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pelas estradas da sombra, para o esforço de salvação e experiência, e, tão logo a abandonaram ao penoso trabalho de aperfeiçoar-se a si mesma, eis que o imperador Focas favorece a criação do Papado, no ano 607. A decisão imperial faculta aos bispos de Roma prerrogativas e direitos até então jamais justificados. Entronizam-se, mais uma vez, o orgulho e a ambição da cidade dos Césares. Em 610, Focas [imperador romano que viveu entre 602 e 610] é chamado ao mundo dos invisíveis, deixando no orbe a consolidação do Papado.¹⁶

4. A tradução da *Bíblia* para o latim

Aproveitando-se das costumeiras disputas políticas existentes entre as igrejas do Ocidente e as do Oriente, e desejoso de estabelecer a hegemonia do Cristianismo, segundo as orientações da igreja de Roma, o papa Dâmaso determina ao seu secretário que traduza para o latim a *Bíblia*, pois, no seu entender, “era necessário que a Igreja do Ocidente se tornasse latina”.

O secretário de Dâmaso era Eusebius Hieronymus Sophronius, embora fosse mais conhecido na igreja por Jerônimo. Ele foi treinado nos clássicos em latim e grego e reprendia severamente a si mesmo por sua paixão pelos autores seculares. Jerônimo já havia se tornado um dos maiores estudiosos na época em que começou a trabalhar para Dâmaso. Desse modo, Dâmaso sugeriu que seu secretário produzisse uma tradução latina da *Bíblia*, que eliminasse as imprecisões das traduções mais antigas.¹

Em 382 Jerônimo inicia a sua obra, terminando a tradução em 405, não sendo esta, porém, a única.

Durante aqueles 23 anos, ele também produziu comentários e outros escritos. [...] Jerônimo começou sua tradução trabalhando a partir da *Septuaginta*, versão grega do Antigo Testamento. Porém, logo estabeleceu um precedente para todos os bons tradutores do Antigo Testamento: passou a trabalhar a partir dos originais em hebraico.

Jerônimo consultou muitos rabinos e procurava com isso atingir um alto grau de perfeição. Jerônimo ficou surpreso com o fato de as Escrituras hebraicas não incluírem os livros que chamamos hoje apócrifos. Por terem sido incluídos na *Septuaginta*, Jerônimo foi compelido a incluí-los também em sua tradução, mas deixou sua opinião bastante clara: eles eram *liber ecclesiastici* (livros da igreja), e não *liber canonici* (livros canônicos). Embora os canônicos pudessem ser usados para a edificação, não poderiam ser utilizados para estabelecer doutrina alguma [...].¹

A biblioteca divina, termo pelo qual Jerônimo se referia à *Bíblia*, foi finalmente disponibilizada em uma versão precisa e muito bem escrita, na linguagem usada comumente nas igrejas do Ocidente. Ficou conhecida por *Vulgata* (do latim *vulgus*, comum). [...] Ironicamente, a tradução da *Bíblia* no idioma que toda a igreja ocidental pudesse usar, provavelmente, fez com que a igreja tivesse um culto de adoração e uma *Bíblia* que nenhum leigo podia entender [...].²

5. As Cruzadas

As Cruzadas, tradicionalmente, são conhecidas como expedições de caráter militar, mas que foram organizadas pela Igreja, com o objetivo de combaterem os inimigos do Cristianismo. Esse movimento teve início no final do século XI e se estendeu até meados do século XIII. Os Espíritos superiores relatam que esse processo começou, na verdade, em séculos anteriores em que a vaidade e o orgulho contaminaram os responsáveis pelo Catolicismo.

Em todo o século VI, de acordo com as deliberações efetuadas no plano invisível, aparecem grandes vultos de sabedoria, contratando a vaidade orgulhosa dos bispos católicos, que em vez de herdarem os tesouros da humildade e amor do Crucificado, reclamam para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes eclesiásticos, guindados à mais alta preponderância política, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostólica, nem das palavras do Messias, que afirmara não ser o seu reino ainda deste mundo.¹⁹

O movimento cristão passa então a contar com uma série de modificações, fundamentadas nas interpretações pessoais dos padres que procuravam adequar a religião cristã aos seus interesses.

O Cristianismo [...] não aparecia com aquela mesma humildade de outros tempos. Suas cruzes e cálices deixavam entrever a cooperação do ouro e das pedrarias, mal lembrando a madeira tosca, da época gloriosa das virtudes apostólicas. Seus concílios, como os de Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia, não eram assembleias que imitassem as reuniões plácidas e humildes da Galileia. A união com o Estado era motivo para grandes espetáculos de riqueza e de vaidade orgulhosa, em contraposição com os ensinamentos daquele que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida. As autoridades eclesiais compreendem que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhe suas ideias e suas concepções, e, longe de educarem a alma das massas na sublime lição do Nazareno, entram em acordo com a sua preferência pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo, tão do gosto dos antigos romanos pouco inclinados às indagações transcendentais.¹⁸

Dessa forma, com a expansão muçulmana, entre 622–1089, iniciam-se as *Cruzadas*, guerra religiosa estabelecida para combater, inicialmente, os seguidores do Islã, mas que atingiu todos os povos não cristãos, cognominados *infieis*. As cruzadas foram em número de oito.

A primeira, decidida no Concílio de Clermont, sob a direção do papa Urbano II, em abril de 1096, foi comandada por Pedro, o Eremita, e Gautier Sans Avoir, produzindo o massacre dos judeus na Renânia. A segunda, realizada em 14 de dezembro de 1145, por ordem do papa Eugênio III, é coordenada pelo rei da França Luís VII e pelo imperador alemão Conrado III. Surge a figura muçulmana de Saladino, que muito trabalho deu aos cruzados. A terceira Cruzada foi organizada em 1188, por Frederico *Barba-Roxa*, imperador alemão, Filipe Augusto, rei de França, e Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, a pedido do papa Gregório VIII. A quarta Cruzada, proclamada em 1198 pelo papa Inocêncio III, é dirigida por Bonifácio I de Montferrat e Balduino IX de Flandres. A quinta Cruzada inicia-se em 1215, após apelo do papa Inocêncio III, no quarto concílio de Latrão. Foi dirigida por João de Brienne, rei de Jerusalém e André II, rei da Hungria. A sexta Cruzada, sob o domínio do papa Gregório IX, começa em novembro de 1225, tendo como comandante o imperador Frederico II, de Hohenstaufen. A sétima Cruzada é decidida no concílio de Lyon, em 1248, e tem o comando do rei francês Luís IX (São Luís). A última Cruzada, iniciada em março de 1270, também é comandada por Luís IX, mas o exército cruzado, em três meses, é arrasado pela peste, e o que sobrou, foi dizimado por uma tempestade.²⁰

A igreja de Roma [...] herdando os costumes romanos e suas disposições multisseculares, procurou um acordo com as doutrinas consideradas pagãs, pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificáveis e organizando, finalmente, o Catolicismo sobre os escombros da doutrina deturpada. [...] É assim que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinárias, o culto dos ídolos nas igrejas, as espetaculosas festas do culto externo, copiados quase todos os costumes da Roma anticristã.¹⁶

6. Igreja Católica Apostólica Ortodoxa

Nos começos do Cristianismo havia cinco patriarcas. Cada um deles era o cabeça de um centro de expansão da nova fé, e cada um deles tinha como função expandir o Cristianismo numa certa direção geográfica. Primeiro o Patriarca de Jerusalém, no Centro, onde Jesus morreu e ressuscitou. Ao norte, o Patriarca de Constantinopla. Ao sul, o Patriarca de Alexandria, no Egito. Ao Oriente, o Patriarca de Antioquia. E a Ocidente, o Patriarca de Roma.²¹

O Patriarca de Roma, nos séculos posteriores, passou a ser chamado de Papa. A Igreja Ortodoxa, uma das três grandes divisões do Cristianismo, “[...] também denominada Igreja do Oriente (ou Igreja Ortodoxa do Oriente), designa o grupo de igrejas que se consideram depositárias da doutrina e do ritual dos padres apostólicos [guardiões da moral cristã].”¹⁰ Foram eles: Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Hermes de Roma e Barnabé de Alexandria.

Representando a fé histórica da cristandade oriental a Igreja Ortodoxa é mais limitativa do que as Igrejas orientais, não somente por excluir os cristãos orientais que se reuniram à Igreja Católica Apostólica Romana *uniatas*, como também por não compreender as Igrejas que se separaram no século V por motivos doutrinários (nestorianismo, monofisismo). Oficialmente chamada Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, ou Igreja grega, em oposição à Igreja latina, católica e romana. A Igreja Ortodoxa abrange os grupos que se originaram do grande cisma de 1054 e que dependem historicamente de Bizâncio (Constantinopla).¹⁰

As igrejas orientais se subdividem, por sua vez, em três grupos: a Ortodoxa do Oriente, as igrejas nestorianas e as dos monofisistas. As igrejas orientais, embora se aglutinem em torno da igreja Romana, apresentam diferenças quanto aos ritos e às normas disciplinares.

As igrejas orientais nestorianas têm como base as interpretações de Nestor (ou Nestório), patriarca de Constantinopla no ano de 428. Nestor afirmava que em Jesus havia dois “Eu” ou duas pessoas: uma divina, com a sua natureza divina, e outra, humana, com a sua natureza humana.

Ele rejeitava a utilização do termo *Theotokos*, uma palavra muito usada para referir-se a Maria e que significa literalmente Mãe de Deus. Nestor se opôs ao termo não porque exaltasse a pessoa da Virgem Maria, mas porque abordava a divindade de Cristo de tal maneira que poderia ofuscar sua natureza humana. Para solucionar o problema Nestor sugeriu um novo termo — *Cristotokos* (Mãe de Cristo), querendo com isso afirmar que Maria não era progenitora da divindade mas apenas da humanidade de Cristo. A discussão promoveu intrigas e manobras políticas que terminaram na convocação do terceiro concílio ecumênico, que ocorreu em Éfeso no dia 7 de junho de 431. A polêmica ficou mais uma vez em torno dos alexandrinos e antiocanos, estes apoiavam Nestor enquanto os primeiros se opuseram fortemente. O concílio terminou em 433 com parecer favorável a Alexandria, quando o patriarca de Constantinopla foi exilado e posteriormente transferido para um oásis no deserto do Líbano onde ficou até o fim de sua vida. O termo *Theotokos*, designado a Virgem Maria, se tornou dogma da igreja, como sinal de ortodoxia, tanto para a igreja do Oriente quanto à do Ocidente.²²

Os monofisistas representavam uma corrente — ainda relativamente numerosa nos dias atuais — de teólogos cristãos, dirigida por Dióscoro de Alexandria, que propôs (século quinto) uma doutrina contrária à de Nestor: que em Jesus haveria um só Eu divino e uma só natureza divina. A sua tese foi rejeitada, em 451, pelo Concílio de Calcedônia, que decretou: em Jesus há uma só pessoa divina, ou um só Eu, mas duas naturezas (a divina e a humana).²³

Historicamente, essas igrejas têm origem nas comunidades cristãs de Antioquia, Alexandria, Corinto e Tessalônica. A cisão, ocorrida definitivamente no século XI, se deu pelo fato de os cristãos orientais não aceitarem a supremacia dos bispos de Roma, quando a sede do Império Romano foi transferida para Constantinopla, no ano 330.

As divergências se acentuam doutrinária e politicamente, sobretudo nos séculos V e VI. Após o segundo Concílio de Niceia (em 787), os orientais não aceitam mais o ecumenismo dos concílios, o celibato dos padres nem a santíssima trindade.¹¹

A hierarquia sacerdotal é composta de diáconos, padres, bispos, arcebispos, metropolitas e patriarcas. O celibato é obrigatório apenas para os bispos, não para os padres, embora o casamento deva ocorrer antes da ordenação. A Igreja Ortodoxa tem claustros e monges. Costuma ser chamada de *Igreja da Ressurreição*, porque dá ênfase à ressurreição do Cristo, em suas prédicas. Tem sete sacramentos e acredita no Dia do Juízo Final. Os serviços religiosos atraem a curiosidades popular pela beleza que oferecem. As igrejas são construídas como o Templo de Salomão, em Jerusalém: há um vestíbulo com a pia batismal; a nave, onde a congregação permanece durante o ofício religioso; o santuário, oculto atrás de um biombo, e que corresponde ao “Santo dos santos” do templo judaico. Apenas o padre tem permissão de entrar no santuário. Durante o serviço religioso a congregação pode ver, a distância, o santuário. O biombo que oculta o santuário se chama iconostas (parede de imagens), porque é coberto de pinturas religiosas, ou ícones, típicos da Igreja Ortodoxa.¹²

Referências

1. CURTIS, A. Kenneth, J. Stephen Lang, Randy Petersen. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo*. Tradução de Emirson Justino. 1 ed. São Paulo: Editora Vida, 2003. Ano 405, p. 51-52.
2. _____. _____. p. 52.
3. DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 5 (Relação com os espíritos dos mortos), p. 63-64.
4. DUFY, Eamon. *Santos e pecadores; história dos papas*. Tradução de Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac e Naify, 1998. Cap. 1 (Sobre esta pedra), item 1: de Jerusalém a Roma, p. 6.
5. _____. _____. Item 2: Os bispos de Roma, p. 9.
6. _____. _____. Item 3: Constantino, p. 16-22.
7. _____. _____. Item 4: O nascimento da Roma papal, p. 28-29.
8. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo, 1995. Vol.
9. _____. _____. Itens 1 e 2, p. 2176.
10. _____. _____. Item 11, p. 2178.
11. _____. _____. Vol. 11, p 5969.

12. _____. _____. p. 5969-5970.
13. HELLEN, V., NOTAKER, H. E GAARDER, J. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Item: a igreja ortodoxa, p. 191-194.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15, item Constantino, p. 162-163.
15. _____. _____. Item: Constantino, p. 137.
16. _____. _____. Item: o papado, p. 138.
17. _____. _____. Cap. 16 (A Igreja e a invasão dos bárbaros), item: vitórias do Cristianismo, p. 139-140.
18. _____. _____. Item: Primórdios do catolicismo, p. 140-141.
19. _____. _____. Item: A igreja de Roma p. 141-142.
20. _____. _____. Cap. 17 (A idade medieval), item: Os mensageiros de Jesus, p. 147.
21. <http://www.arqnet.pt/portal/universal/cruzadas>.
22. <http://www.eduquenet.net/ritoscristianismo.htm>.
23. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nest%C3%B3rio>.
24. 18 <http://www.veritatis.com.br/artigo.asp?pubid=1670>.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em dois grupos, cabendo a cada um o estudo, a troca de ideias e resumo dos dois assuntos constantes deste Roteiro (Igreja Católica Romana e Igreja Católica Ortodoxa). Após a apresentação dos relatos do trabalho em grupo, fazer considerações espíritas sobre o assunto.

Anexo

A Igreja Católica Romana

A igreja católica é, entre as organizações cristãs, a que possui a mais rígida e organizada hierarquia administrativa, formada pelo papa, pelos bispos e padres. Papa é uma palavra latina, de afeto e respeito, que significa “pai”. O papa é também denominado “sumo pontífice”, título latino pagão (*pontifex* = construtor de pontes). A igreja católica destaca a posição do papa porque, segundo a sua teologia, ele é o sucessor de Pedro, o apóstolo. Em 1870, foi proclamado o dogma da infalibilidade papal em questões de fé.

O vocábulo *bispo*, do grego *episcopos*, quer dizer “supervisor”. O bispo, na hierarquia católica, é considerado o principal pastor e centro da igreja cristã. O território sobre o qual governa um bispo é chamado de “diocese”. O papa é o bispo de Roma. Assim como o papa é sucessor de Pedro, os bispos seguem as pegadas dos apóstolos. Uma das funções mais importantes de um bispo é ordenar padres em sua diocese.

Pontífice é sinônimo de sacerdote ou padre. Foi um termo amplamente empregado na igreja cristã primitiva para designar os bispos. A principal tarefa de um padre é dirigir sua paróquia ou comunidade pela pregação e pelo serviço divino, sobretudo pela administração dos sacramentos (considerados as manifestações materiais da graça de Deus). Os padres devem dedicar sua vida a Deus, à Igreja e à Humanidade, razão por que permanecem no celibato e não podem constituir família.

A Igreja Católica se considera uma expressão visível do reino de Deus no plano físico. A teologia católica ensina que a Igreja tem as quatro características que distinguiram a primeira igreja cristã: é *única* (existe apenas uma Igreja fiel à palavra de Jesus); *santa* (é santa porque ensina uma doutrina santa e oferece todos os meios para a santidade: os sacramentos); *católica* (quer dizer universal, mundial, para todos) e *apostólica* (a Igreja é dirigida por pessoas que são sucessoras dos apóstolos).

A Igreja Católica possui sete sacramentos, a saber: *batismo* da criança (por meio dele a criança ingressa na Igreja); *confirmação* (sacramento administrado por um bispo quando a criança tem, mais ou menos, 12 anos. A criança é untada com óleo e, assim, confirma sua fé católica. Trata-se de uma cerimônia realizada perto da festa de Pentecostes); *eucaristia* (parte do serviço divino do sacerdote que entrega ao crente o pão consagrado ou hóstia. A hóstia representa o corpo do Cristo. A eucaristia é também chamada comunhão); *penitência* (consiste na confissão, absolvição e atos de contrição); *unção de enfermos* (o padre unge a pessoa enferma na testa e nas mãos, para curá-lo); *ordem* (é a ordenação sacerdotal, realizada por um bispo, utilizando orações e imposição de mãos); *matrimônio* (aqui o elemento crucial não é a bênção do sacerdote, mas os votos mútuos que os noivos fazem na presença do sacerdote e das testemunhas).

Os católicos acreditam que o “povo de Deus” é formado pela comunidade de crentes, que formam a “comunhão dos santos”, fazendo parte desta comunidade os vivos, os mortos que se encontram no

purgatório e os bem-aventurados do céu. Os católicos oram a Jesus, a Maria santíssima e aos santos. Os santos são pessoas que dedicaram a vida a honrar a Deus de maneira excepcional, por exemplo, morrendo como mártires ou fazendo milagres. Até o ano 1172 os bispos podiam dizer quem podia ser canonizado; a partir de então somente o papa tem autoridade para isso.

Desde 1960 a Igreja Católica vem passando uma série de renovações, iniciadas pelo papa João XXIII, quando realizou um encontro geral dos bispos (concílio) no Vaticano. Algumas dessas mudanças são significativas: campanha de leitura da *Bíblia*, formando grupos de estudo; relacionamento com outras igrejas cristãs; participação em atividades ecumênicas, não necessariamente cristãs; participação do Conselho Mundial de Igrejas, como observadora.

A Igreja Católica possui vários dogmas de natureza teológica. Dogma (do latim *dogma*, e do grego *dóigma*), significa ato ou decisão. Trata-se de um ponto fundamental e indiscutível de uma doutrina religiosa, e, por extensão, de qualquer doutrina ou sistema. O dogma da santíssima trindade afirma que há um só Deus em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O dogma do pecado original ensina que os males da humanidade terrestre se reportam a Adão e Eva que comeram o fruto proibido da árvore da vida, razão por que foram expulsos do Paraíso. O homem pecador foi resgatado do erro pela imolação ou crucificação do Cristo. O dogma das penas eternas liberta o homem do sofrimento eterno, em razão dos erros cometido, se este aceitar as instruções do Catolicismo que determina: “Fora da igreja não há salvação”.

O CRISTIANISMO

Roteiro 24

ISLAMISMO

Objetivos

- » Elaborar uma linha histórica do Islamismo.
- » Analisar os principais ensinamentos da religião islã, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » O [...] *Islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que surgiu e para o país onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria.* Allan Kardec: *Revista espírita. Jornal de estudos psicológicos.* Novembro de 1866.
- » O Islamismo, ou *Islã* é uma religião monoteísta — revelada por Deus ou Allah ao profeta Maomé, segundo a tradição islâmica —, cujos ensinamentos estão contidos no livro *Alcorão*. Ao contrário do que se pensa, o Islã (ou Islam) não foi enviado a um só povo, os árabes. As suras 21:107 e 7:158 dizem: “E não lhe enviamos, senão como misericórdia para a Humanidade”.
- » A revelação divina, base da crença islâmica, está resumida no seguinte artigo de fé: *Não há um Deus senão Alá, e Maomé é seu profeta.*
- » *Numerosos Espíritos reencarnam com as mais altas delegações do plano invisível.*

- » *Entre esses missionários, veio aquele que se chamou Maomé, ao nascer em Meca no ano 570. Filho da tribo dos Coraixitas, sua missão era reunir todas as tribos árabes sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho do Cristo, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 17.*

Subsídios

1. Informações básicas

Allan Kardec nos esclarece que há poucas informações sobre Maomé e a religião que ele fundou: o Islamismo. Mas considera importante estudá-la. Esclarece, ainda, que, a “[...] despeito de suas imperfeições, o Islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que surgiu e para o país onde nasceu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria.”⁴

Destacamos, em seguida, informações básicas para o entendimento da fé islâmica.

Islamismo ou Islã: religião monoteísta, supostamente revelada por Deus, ou Allah, ao profeta Maomé, cujos ensinamentos estão contidos no livro *Alcorão*. Ao contrário do que se pensa, o Islã (ou Islam) não foi enviado a um só povo, os árabes. As *suras* 21:107 e 7:158 dizem: “E não lhe enviamos, senão como misericórdia para a Humanidade. digo, ó gentes, eu sou o mensageiro de Allah para todos vocês”.

Trata-se de uma religião que não possui o sistema sacerdotal comum a muitas interpretações religiosas, cristãs e não cristãs. Entretanto, os *imãs*, líderes de orações nas mesquitas e responsáveis por sermões, têm boa educação teológica e são funcionários das mesquitas.¹⁵

Allah ou Alá: palavra árabe que significa Deus, e que se relaciona, etimologicamente, à palavra hebraica *El* (ou *Al*, por corruptela), usada na *Bíblia* para nomear o “Deus dos hebreus”. Para a religião Islã, Allah é um Juiz Onipotente, mas repleto de amor e de compaixão, daí a razão de todas as *suras* (versículos) do Corão se iniciarem com as palavras: “Em nome de Alá, o Misericordioso, o Compassivo”. Alá não é apenas o Deus a que todos os homens devem se submeter, é também o único que pode perdoar e auxiliar.¹¹

Islã ou Islam: palavra árabe com dupla significação: paz (sentido etimológico) e *submissão* (sentido religioso). Trata-se de uma doutrina que teve origem na Arábia e que, ainda hoje, guarda íntima relação com a cultura desse país, embora atualmente só uma minoria dos muçulmanos seja árabe. A palavra “submissão” tem um sentido muito específico para o Islamismo: o de que o homem deve se entregar a Deus e se submeter a Sua vontade em todos os instantes e setores da vida social. Esta é a condição para ser muçulmano.¹⁰

Mahommad ou Maomé: nome que significa “o altamente louvado”, representa o sumo profeta dos muçulmanos. Descende de Ismael, filho de Abraão com a escrava árabe Hagar. Nasceu por volta de 570 d.C., em Meca, importante centro comercial de Hedjaz — região da Península Arábica, situada ao longo do Mar Vermelho. Faleceu em Medina, com a idade de 63 anos. Na época em que Maomé recebeu a revelação Islã, a região era habitada por povos nômades, organizados em estirpes, por sua vez divididas em tribos, linhagens (clãs) e famílias poligâmicas. Maomé — cognominado o *Muhamad* ou o *glorificado* — pertencia à estirpe dos *Kinanas* da tribo de *Banu Quraysh*, já adaptada à vida urbana, em Meca, e descendente da linhagem de *Banu Abd manâf*.⁷

Maomé vivia do transporte de caravanas e do comércio, em toda a extensão da Península Arábica. Órfão de pai antes do nascimento, Maomé foi criado, até os seis anos, por sua mãe. Após o falecimento desta, foi educado pelo avô e tio paternos, ambos politeístas. Aos 25 anos conheceu Khadija, sua futura esposa, mulher bonita e rica, que também organizava caravanas. Teve muitos filhos com ela. Aos 40 anos sentiu a necessidade de se refugiar nas grutas de Meca para meditar sobre os destinos do homem, uma vez que se encontrava insatisfeito com a prática politeísta da religião de sua família.

A história do Islã nos informa que, certa vez, Maomé meditava na caverna do monte Hira, no início do ano 610 d.C., quando o anjo Gabriel lhe apareceu e disse: “Tu és o escolhido”. Em seguida, lhe transmitiu os primeiros versículos da revelação corânica.⁸ O instante do contato de Maomé com o anjo é chamado de *Noite do Poder*, porque, segundo a tradição islâmica, nessa noite foi possível “ouvir o mato crescer e as árvores falando, e as pessoas que presenciaram essas coisas enxergavam pelos olhos de Deus”.

Maomé relata que durante o contato com Gabriel, entrou em profundo transe e que sua alma foi marcada, como por ferro em brasa, pelas palavras pronunciadas pelo anjo. Desfazendo a sintonia, saiu

aterrorizado da caverna, correu para casa, e lá foi tomado de espasmos de agonia, imaginando que, daí em diante, se transformaria num profeta, num louco ou num possesso. Reza a tradição que sua esposa lhe teria dito: “Rejubila-te, caro esposo meu, e enche o teu coração de alegria, pois serás o profeta deste povo”.²⁷

Maomé acreditava que somente o Islamismo conduziria a Humanidade à salvação, porque o Judaísmo e o Cristianismo haviam corrompido o significado da Revelação de Deus.

Corão ou Alcorão: os vocábulos têm o significado literal de “leitura por excelência” ou “recitação”. É o livro sagrado do Islamismo, escrito em língua árabe, e teria sido revelado por Alá a Maomé por intermédio do anjo Gabriel. Após a revelação, Maomé passou a ser reconhecido pelos muçulmanos como o maior dos profetas, o último mensageiro divino. O Corão foi documentado, durante a vida do profeta, por cerca de 43 escribas, que receberam o título de califas. À medida que Maomé recebia a revelação, os registros eram feitos em pedaços de couro, em folhas de tamareiras e em pedras polidas. Maomé não escreveu nada, por ser iletrado.⁵

O Corão possui 114 *suratas* ou *suras* — semelhantes a capítulos bíblicos —, cada uma delas contendo um número variável de versículos. Nas *suratas* encontramos relatos da história dos povos antigos; leis que regulamentam a vida do muçulmano; fatos científicos; previsões sobre a vida futura, e várias explicações para entender o Criador. As *suratas*, reveladas, respectivamente, em Meca e em Medina, são classificadas em *suratas* antes da *hégira* (dispersão árabe), e em *suratas* após a *hégira*.

As *suratas* reveladas em Meca abrangem normas sobre a crença em Deus, em seus anjos, em seus livros, em seus apóstolos (mensageiros) e sobre o Dia do Juízo Final. As *suratas* reveladas em Medina dizem respeito aos rituais e à jurisprudência da religião Islã.⁶ O Corão só é considerado legítimo se escrito em árabe, uma vez que qualquer tradução significa deturpação do texto original. Assim, o seguidor da doutrina do Islam, ou muçulmano, tem como obrigação saber a língua árabe para poder ler o Corão.²²

Umma ou uma: comunidade de crentes islâmicos, coordenadora do movimento islâmico. Quando Maomé sofreu perseguição em Meca, cidade onde vivia, teve que fugir com os seus seguidores para o norte da Península Arábica. Na cidade de Medina, em Yatrib,

fundou a primeira umma de crentes islâmicos, que se tornou famosa por suas atividades. Essa cidade ficou conhecida como “a cidade do profeta” (*Madīnat anabi*).

Muçulmanos ou islamitas: são pessoas que professam o Islamismo. Podem ser árabes, de origem árabe ou de qualquer outra etnia.

Caaba ou Ka’ba: palavra árabe que significa *cu*bo. Situada em Meca, a caaba é o santuário e a mais antiga mesquita dos muçulmanos. Trata-se de um edifício quadrado coberto por um pano negro, que os muçulmanos acreditam ter vindo do céu. Num canto da Caaba fica uma pedra negra incrustada na parede, de enorme significado simbólico. Essa pedra é adorada como o último pedaço da morada celeste, sucessivamente restaurada por Abraão e por Ismael no fim do Dilúvio Universal.¹⁸

Mesquita: templo muçulmano de oração e de ofícios religiosos.

Minarete: torre da mesquita, de onde parte o *chamado da oração*. Antigamente, ali havia uma pessoa — o *muezim* — que fazia o chamamento; hoje, porém, ouve-se uma fita gravada. O “chamado da oração”, feito em diversas horas do dia, é assim: *Alá é Grande, não há outro Deus senão Alá, e Maomé é seu profeta. Vinde para a oração, vinde para a salvação, Alá é Grande, não há outro Deus senão Alá.*

Meca, Mekka, Makkat ou Makkah: cidade da Arábia Saudita, capital da província de *Hedjaz*. É a cidade santa dos muçulmanos, desde o século VII da Era Cristã, por ter sido o local onde Maomé nasceu e onde está localizada a mesquita mais importante dos islâmicos (Caaba). Geograficamente, está localizada na parte ocidental da Península Arábica, próxima do Mar Vermelho, cerca de 72 Km de Djidda (ou Jidda). Ocupa uma área situada entre colinas e o vale do rio *Uuede Ibraim*. Inicialmente foi chamada Macoraba ou Makoraba, por Ptolomeu, rei do Egito. Depois recebeu o nome de Bakka e, finalmente, Meca. No século XX a cidade foi transformada num emirado árabe e capital do reino de *Hedjaz*, em 1916. No ano de 1924 Meca foi conquistada por Ibn Saud e passou a fazer parte do seu reino, que ele chamaria de Arábia Saudita, em 1932.

Din: é, para a religião mulçumana, um sistema de vida, um conjunto de princípios e práticas que regem o relacionamento do homem com o Criador; consigo mesmo, com o seu semelhante, com outros seres da natureza, e com o ambiente em que vive. O Din deve propiciar um estado de equilíbrio às vidas material e espiritual. Os seus

princípios são simples, em harmonia com a lógica, fornecendo respostas a todas as questões, sejam elas referentes à família, ao trabalho, à política, enfim, a tudo que diz respeito à existência do ser humano.²⁰

2. A filosofia do Islã

A doutrina Islã possui três princípios, ou artigos de fé, indissociáveis:

- » o credo: trata-se de uma revelação divina e de uma religião monoteísta;
- » os deveres religiosos: estão resumidos em cinco, sendo considerados os pilares da revelação;
- » as relações pessoais: são princípios éticos e políticos ensinados pelo islamismo.

2.1 O credo Islã

Sempre se julga mal uma religião quando se toma como ponto de partida exclusivo suas crenças pessoais, porque então é difícil justificar-se um sentimento de parcialidade na apreciação dos princípios. [...] Se nos reportarmos ao meio onde ela surgiu, aí encontramos quase sempre, se não uma justificativa completa, ao menos uma razão de ser. É necessário, sobretudo, penetrar-se no pensamento inicial do fundador e dos motivos que o guiaram. Longe de nós a intenção de absolver Maomé de todas as suas faltas, nem sua religião de todos os erros que chocam o mais vulgar bom senso. Mas a bem da verdade, devemos dizer que também seria pouco lógico julgar essa religião conforme o que dela faz o fanatismo, como o seria julgar o Cristianismo segundo a maneira por que alguns cristãos o praticam. É bem certo que, se os mulçumanos seguissem em espírito o Alcorão, que o Profeta lhes deu por guia, seriam, sob muitos aspectos, completamente diferentes do que são.² Para apreciar a obra de Maomé é preciso remontar à sua fonte, conhecer o homem e o povo ao qual ele se havia dado a missão de regenerar, e só então se compreende que, para o meio onde ele vivia, seu código religioso era um progresso real.³

A revelação divina, base da crença islâmica, está resumida no seguinte artigo de fé: *Não há um Deus senão Alá, e Maomé é seu Profeta*. Esta coluna mestra da religião islâmica é a unicidade de Allah, chamada de *Tauhid*. A crença na unicidade de Deus é entendida sob

três enfoques: a) unicidade do Criador ou *Arububia*. Significa que Alá criou e mantém o universo, coisas e seres, pois Ele é o Senhor de tudo e de todos; b) unicidade da divindade ou *Tahid al uluhia*. Expressa que Alá é o Único que devemos adorar e somente a Ele devemos dirigir nossas súplicas, dispensando intermediários entre Ele e os homens; c) unicidade dos nomes e atributos de Alá ou *Tauhid al assmá ua sifát*. Esclarece que a Alá pertencem todos os nomes e atributos da perfeição, razão suficiente para nos submetermos totalmente a Ele, pois é “*Allah, o Único! O Absoluto! Jamais gerou ou foi gerado. E nada é comparável a Ele*” (Alcorão, surata 112).²¹

O credo em Deus único produz, como consequência, a crença na existência de anjos que, nos livros sagrados do Islamismo, são entendidos como mensageiros divinos que executam as determinações de Alá. Esses mensageiros são feitos de luz, possuem mãos, pés e asas. Incansáveis, jamais agridem; possuem poderes sobrenaturais, são extremamente virtuosos, têm várias ocupações e podem assumir a forma humana.²²

Quando revestidos de corpo físico, os mensageiros divinos se revelam como pessoas especiais, portadoras de uma missão divina, apesar de possuírem corpos de carne e ossos, de sentirem o que nós sentimos, de adoecerem e morrerem, como qualquer um de nós.²²

O credo islâmico aceita e venera alguns livros, considerados sagrados, porque foram revelados por Alá, por meio dos mensageiros que assumiram a forma física. Os principais livros sagrados são: *Torah*, de Moisés; *Salmos*, de Davi; *Evangelho*, de Jesus e Alcorão, o último dos livros santos, o qual permanece inalterado. Abraão, Moisés, Jesus e Maomé são mensageiros divinos, entre os 25 citados no Corão.²²

A crença no Dia do Juízo Final é outro artigo de fé islâmica. Acredita-se que, após a morte, seremos ressuscitados, e, nesse dia, todos os nossos atos serão julgados por Alá. A justiça, então, será feita e quem tiver seguido o caminho revelado por Alá, terá o paraíso como morada eterna. As pessoas que preferiram atender os desejos inferiores e os caprichos terão o inferno como morada na eternidade. Os mortos aguardam, dormindo, o dia do julgamento.

A crença na predestinação, outro artigo de fé, significa ter convicção que Alá é o Senhor e que Ele colocou tudo no seu devido lugar, criando a felicidade e o sofrimento. Dessa forma, o tempo da vida de cada um está nas mãos de Alá. O homem possui livre-arbítrio,

mas não pode sair do círculo permitido por Ele; deve esforçar-se para conseguir de maneira lícita o que deseja para mudar uma situação, não devendo acomodar-se e nem culpar o destino pela sorte ou azar.²⁴

O céu e o inferno estão descritos com detalhes no Corão, e dão margem a diferentes tipos de interpretação muçulmana.¹¹

Uma das críticas mais severas do Islamismo contra o Cristianismo é que, por este centralizar a palavra de Deus em Jesus (“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” — JOÃO 1:14), a religião cristã teria produzido uma ruptura na essência do monoteísmo. Tal fato não aconteceu com o Islamismo, já que o Corão é, literalmente, a palavra de Deus. Na verdade, são equívocos de interpretação, pois, se no Cristianismo a palavra de Deus está centralizada numa pessoa (Jesus), no Islamismo está num livro (Alcorão). Sendo assim, os muçulmanos não consideram correto comparar Jesus com Maomé e a Bíblia com o Corão. Aceitam que há um paralelo entre o Evangelho e o Corão, porque ambos são de origem divina, revelados por mensageiros de Alá.

Consideram a *Bíblia*, como um todo, mais como um texto histórico, ao passo que o Corão é “incriado e existe de sempre”.

É ofensivo chamar os seguidores do Islã de maometanos. Eles se dizem muçulmanos, ou seguidores do Islã, uma vez que Maomé foi apenas um profeta (o maior deles), não criou uma religião, mas revelou a religião verdadeira.¹²

2.2 Os deveres religiosos

São práticas, resumidas em cinco pilares que se complementam e devem ser aceitas integralmente pelo muçulmano. Significa dizer que aquele que nega parcial ou totalmente um pilar, não é considerado muçulmano.²¹ Tais práticas podem ser assim resumidas:

Credo ou Shahada: também chamado de *testemunho*, está resumido na expressão: “Não há Deus senão Alá e Maomé é seu profeta”. Este testemunho deve ser repetido pelos fiéis, várias vezes durante o dia, e também deve ser proclamado do alto dos minaretes na hora de cada oração. Este ato de fé encontra-se registrado nas paredes das mesquitas. O *Shahada* é porta de entrada para o Islam, considerado a chave do paraíso.²⁵ É o primeiro testemunho que deve ser sussurrado aos ouvidos do recém-nascido e o último que o moribundo ouve.¹³ A crença islâmica é clara, simples, indo ao encontro do *filtra* (conhecimento inato do ser humano). Não aceita acréscimos nem que se retire algo dela.²¹

Oração ou Salat: representa a comunicação direta dos homens com Alá, sem intermediários. A oração é proferida por meio de um ritual que envolve movimentos, recitações do Corão e louvores a Alá. Para o muçulmano, quando ele se posiciona para orar e diz *Allahu Akbar* (Alá é o Maior) ele sai, então, da esfera mundana para o plano superior.²⁶

As orações são pronunciadas cinco vezes ao dia. Antes de cada oração, propriamente dita, ouve-se o chamado vindo dos minaretes, dando tempo ao crente para, ritualmente, se tornar limpo. Os muçulmanos acreditam que as atividades biológicas tornam as pessoas naturalmente impuras. A purificação consiste em lavar o corpo inteiro em água corrente. Às vezes é permitido lavar apenas o rosto e as mãos. É comum a existência de casas de banhos próximas às mesquitas.

A maioria das orações islâmicas são fórmulas fixas, embora haja também a oração espontânea, na qual o fiel diz a Deus algo pessoal. As preces são acompanhadas de gestos específicos. Os gestos têm mais valor do que as palavras. As cinco orações diárias podem ser ditas em qualquer lugar, desde que a pessoa se ajoelhe e ore voltada para Meca.

É recomendável que o fiel faça uma das preces diárias na mesquita, ou que aí ore, pelo menos, uma vez por semana. É especialmente relevante a oração de sexta-feira, ao meio-dia, porque nesta prática religiosa está incluído um sermão. Os que comparecem às mesquitas devem estar respeitosamente vestidos, tirar os sapatos antes de entrar e acompanhar os gestos de quem dirige as orações, de forma ordenada e disciplinada. O líder das orações posiciona-se à frente do grupo, direcionado para Meca, de costas para a congregação. Somente os homens oram no salão principal da mesquita, reservando-se as galerias para as mulheres, as quais podem, também, ficar escondidas atrás de uma cortina, existente no fundo do templo. Qualquer homem adulto muçulmano pode ser um *imã*, ou dirigente das preces.¹⁴

Caridade ou Zakat: trata-se de uma taxa, ou imposto formal, obrigatório, fixado em 2,5%, sobre a riqueza e a propriedade do muçulmano,¹⁶ que este deve doar à mesquita.

O Jejum ou Siám: é o quarto dever islâmico. O Corão proíbe aos muçulmanos de comerem carne de porco, de cachorro, raposa, asno — alimentos de uso comum em certa culturas orientais —, por considerarem estes animais impuros. Proíbe também a ingestão de sangue sob qualquer forma. Assim, o abate de animais utilizados na alimentação segue normas ritualísticas, para que não sobre qualquer resíduo de sangue. O vinho e outras bebidas alcoólicas são também proibidas.⁹

No nono mês do ano muçulmano — o *Ramadã* —, mês sagrado do jejum, há um dia de jejum especial. Entre o nascer e o pôr do sol desse dia é proibido desenvolver qualquer tipo de atividade. Após o poente, o jejum é suspenso com boa comida e bebida em todas as residências. Em geral, é costume os homens ficarem na mesquita durante a noite especial do *Ramadã*, ouvindo o Corão, alimentando-se e bebendo festivamente. O *Ramadã* foi o mês em que Maomé teve a sua primeira revelação. O jejum simboliza o retiro que todo muçulmano deveria fazer, como Maomé fez.¹⁷

Peregrinação a Meca ou Hajj: é o quinto dever religioso. Cabe a todo muçulmano adulto, que tenha condições, realizar peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida. Para os muçulmanos, Meca e Caaba são o centro do mundo. Não só os fiéis se voltam para Meca quando oram: também as mesquitas são construídas com o eixo mais longo apontando para lá. Os mortos igualmente são enterrados voltados para Meca. Esta cidade é visitada anualmente por cerca de 1,5 milhão de peregrinos, metade dos quais vem de fora da Arábia. A grande mesquita foi reconstruída para receber, atualmente, 600 mil peregrinos. Somente as pessoas que conseguem provar que são muçulmanas entram na cidade santa.

Em Meca, o primeiro rito é caminhar em torno da Caaba sete vezes. Nessa ocasião muitos peregrinos tentam beijar a pedra negra. Outro rito importante acontece entre o meio-dia e o pôr do sol, quando os peregrinos se postam no monte Arafat, sem permissão de proteger a cabeça do sol intenso, renovando, assim, o seu pacto com Deus. Segundo a tradição, foi no monte Arafat que Adão e Eva se encontraram de novo, depois de expulsos do jardim do Éden. O ponto máximo dos rituais são os sacrifícios. Em geral, os peregrinos matam um animal (carneiro, boi, bode, camelo) com o propósito de lembrar como Abraão foi obediente a Deus, quando se dispôs a sacrificar seu próprio filho.¹⁸

2.3 As relações pessoais

São normas relativas à convivência social, ética e política. Tradicionalmente, não há no Islã distinção entre religião e política, entre fé e moral. Todas as obrigações religiosas, morais e sociais estão estabelecidas na sagrada lei muçulmana, a *xariá*. Trata-se de um conjunto de leis que se fundamentam no Corão, e também no *Suna* e no *haddif*. No Corão há instruções fixas e rígidas sobre o governo, a política, a sociedade, a economia, o casamento, a moral, o *status* da mulher etc.

Se o Corão não fornecer instruções precisas sobre assuntos específicos, os muçulmanos as pesquisam no *Suna* (muito usado pelos sunitas, uma das divisões islâmicas). *Suna* são relatos de ações, palavras e reflexões definidas por Maomé e pelos califas. A outra fonte legalista de consulta é o *haddit*, coletâneas que tratam da vida e das pregações de Maomé.

Essas fontes, inclusive o Corão, se reportam a uma vida em sociedade que não mais existe, surgindo, pois, a necessidade de se fazer adaptações no presente. As adaptações seguem dois princípios: o da *similaridade*, ou *analogia*, e o do *consenso*. O princípio da similaridade ou analogia, procura solucionar um problema atual, a partir de um exemplo análogo existente no Corão ou nas demais fontes. O princípio do consenso parte da afirmação de Maomé de que os fiéis nunca podem concordar, coletivamente, sobre algo errado. Assim, as decisões estabelecidas pelos fiéis, em assembleias específicas, são automaticamente aceitas pelos líderes religiosos (especialistas legais).

Por exemplo: certa ocasião alguns líderes religiosos quiseram proibir a ingestão do café, proibição que foi totalmente rejeitada pelos fiéis numa assembleia convocada para resolver esse assunto (solução foi dada pelo princípio da similaridade).

Uma das subdivisões do movimento Islã, os xiitas, aceitam, além dessa três fontes citadas (Corão, Suna e Haddit), a interpretação dos *imans*. Já os sunitas não aceitam qualquer interpretação islâmica ocorrida após Maomé.

O Corão não questiona o direito à propriedade privada, mas impõe certas limitações ao acúmulo de riquezas e bens, porque “sendo a riqueza uma tentação, afasta os homens de Deus”.

As mulheres representam um capítulo à parte nas relações pessoais. Na verdade, no Corão há duas afirmações que se contradizem: a da sura 4:31 e a da sura 2:228, respectivamente expressas assim: “os homens têm autoridade sobre as mulheres, porque Deus os fez superiores a elas”; “as mulheres devem, por justiça, ter direitos semelhantes àqueles exercidos contra elas”. Esta última citação dificilmente é utilizada.

É notória a diferença de tratamento que é dado aos homens daquele que as mulheres recebem, sobretudo dentro do casamento. A poligamia é permitida na maioria dos estados muçulmanos, não existindo na Turquia nem na Tunísia. O divórcio é possível, desde que iniciado pelo homem, mas, em geral, é dificultado, pois, segundo

Maomé “é a atividade legal menos preferida por Deus”. Devemos lembrar que o índice de divórcio nos países árabes é o mais alto do mundo.

A circuncisão é obrigatória. A mutilação sexual das mulheres não encontra qualquer referência no Corão. No entanto, é praticada em alguns países muçulmanos, notadamente nos do norte da África. A tradição de usar o véu, ou *chador*, não encontra apoio no Corão, foi uma tradição iniciada pelas mulheres pertencentes a famílias ricas. Entretanto, o Corão orienta os maridos no sentido surrarem as esposas: “Quanto àquelas de quem temes desobediências, debes admoestá-las, enviá-las a uma cama separada e bater nelas”¹⁹ (sura 4).

3. A doutrina Islã e o Espiritismo

Antes da fundação do Papado, em 607, as forças espirituais se viram compelidas a um grande esforço no combate contra as sombras que ameaçavam todas as consciências. Muitos emissários do Alto tomam corpo entre as falanges católicas no intuito de regenerar os costumes da Igreja. Em balde, porém, tentam operar o retorno de Roma aos braços do Cristo, conseguindo apenas desenvolver o máximo de seus esforços no penoso trabalho de arquivar experiências para gerações vindouras. Numerosos Espíritos reencarnam com as mais altas delegações do plano invisível. Entre esses missionários, veio aquele que se chamou Maomé, ao nascer em Meca no ano 570. Filho da tribo dos Coraixitas, sua missão era reunir todas as tribos árabes sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho do Cristo, em oposição aos abusos romanos, no ambiente da Europa. Maomé, contudo, pobre e humilde no começo de sua vida, que deveria ser de sacrifício e exemplificação, torna-se rico após o casamento com Khadidja e não resiste ao assédio dos Espíritos da sombra, traindo nobres obrigações espirituais com as suas fraquezas. Dotado de grandes faculdades mediúnicas inerentes ao desempenho dos seus compromissos, muitas vezes foi aconselhado por seus mentores do Alto, nos grandes lances de sua existência, mas não conseguiu triunfar das inferioridades humanas. É por essa razão que o missionário do Islã deixa entrever, nos seus ensinamentos, flagrantes contradições. A par do perfume cristão se evola de muitas das suas lições, há um espírito belicoso, de violência e de imposição; junto da doutrina fatalista encerrada no Alcorão, existe a doutrina da responsabilidade individual, divisando-se através de tudo isso uma

imaginação superexcitada pelas forças do bem e do mal, num cérebro transviado do verdadeiro caminho. Por essa razão o Islamismo, que poderia representar um grande movimento de restauração do ensino de Jesus, corrigindo desvios do Papado nascente, assinalou mais uma vitória das Trevas contra a Luz e cujas raízes era necessário extirpar.²⁸

Certas práticas, impostas por Maomé, não encontraram apoio na revelação islâmica.

Maomé, nas recordações do dever que o trazia à Terra, lembrando os trabalhos que lhe competiam na Ásia, a fim de regenerar a Igreja para Jesus, vulgarizou a palavra *infiel*, entre as várias famílias do seu povo, designando assim os árabes que lhe eram insubmissos, quando a expressão se aplicava, perfeitamente, aos sacerdotes transviados do Cristianismo. Com o seu regresso ao plano espiritual, toda a Arábia estava submetida à sua doutrina, pela força da espada; e, todavia os seus continuadores não se deram por satisfeitos com semelhantes conquistas. Iniciaram no exterior as “guerras santas”, subjugando toda a África setentrional, no fim do século VII. Nos primeiros anos do século atravessaram o estreito de Gibraltar, estabelecendo-se na Espanha, em vista da escassa resistência dos visigodos atormentados pela separação, e somente não seguiram o além dos Pirineus porque o plano espiritual assinalara um limite às suas operações, encaminhando Carlos Martel para as vitórias de 732.²⁹

Importa considerar que Ismael, guia espiritual do Brasil, filho de Hagar e Abraão, deu origem à descendência árabe, assim como Isaque, filho de Abraão com a judia Sara, formou a raça judaica. Ambos, Ismael e Isaque são aparentados, portanto, de Maomé.

Narra Humberto de Campos que Jesus, dirigindo-se a Ismael, um dos seus mais elevados mensageiros do Orbe, teria dito:

Ismael, manda o meu coração que doravante sejas o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado da minha seara, como a recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do nosso Pai. Reúne as incansáveis falanges do Infinito, que cooperam nos ideais sacrossantos de minha doutrina, e inicia, desde já, a construção da pátria do meu ensinamento. Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo. Ela será a doce paisagem dilatada do Tiberíades, que os homens aniquilaram na sua voracidade de carnificina. Guarda

este símbolo da paz e inscreve na sua imaculada pureza o lema da tua coragem e do teu propósito de bem servir à causa de Deus e, sobretudo, lembra-te sempre de que estarei contigo no cumprimento dos teus deveres, com os quais abrirás para a humanidade dos séculos futuros um caminho novo, mediante a sagrada revivescência do Cristianismo.

Ismael recebe o lábaro bendito das mãos compassivas do Senhor, banhado em lágrimas de reconhecimento, e, como se entrara em ação o impulso secreto da sua vontade, eis que a nívea bandeira tem agora uma insígnia. Na sua branca substância, uma tinta celeste inscrevera o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”. Todas as almas ali reunidas entoam um hosana melodioso e intraduzível à sabedoria do Senhor do Universo. São vibrações gloriosas da espiritualidade, que se elevam pelos espaços ilimitados, louvando o artista inimitável e o matemático supremo de todos os sóis e de todos os mundos.³¹

Todas as suas realizações e todos os seus feitos, forros dos miseráveis troféus de glórias sanguinolentas, tiveram suas origens profundas no plano espiritual, de onde Jesus, pelas mãos carinhosas de Ismael, acompanha desveladamente a evolução da pátria extraordinária, em cujos céus fulguram as estrelas da cruz. São elas, ainda um grito de fé e de esperança aos que estacionam no meio do caminho.³⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Ano 1866. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano 9, agosto de 1866, nº 8, Item: Maomé e o Islamismo, p. 304.
2. _____. _____. p. 304-305.
3. _____. _____. p. 305.
4. _____. _____. Novembro de 1866, nº 11, item: Maomé e o Islamismo (2º artigo), p. 432.
5. ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek. São Paulo: Tangará, 1975, p. XI-XII (apresentação).
6. _____. _____. p. XIX.
7. JACONO, Claudio Lo. *Islamismo*. Tradução de Anna Maria Quirinol. São Paulo: Globo, 2002. A História, item: Maomé e a umma islâmica, p. 6.
8. _____. _____. p. 7-8.
9. _____. _____. As instituições mulçumanas, item: outros preceitos, p. 70.
10. HELLEN, V., NOTAKER, H. E GAARDER, J. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, item: Islã: p. 118.

11. _____. _____. Item: o credo, p. 123-124.
12. _____. _____. p. 125-126.
13. _____. _____. p. 126.
14. _____. _____. Item: obrigações religiosas – os cinco pilares, p. 127-128.
15. _____. _____. p. 128.
16. _____. _____. p. 128-130.
17. _____. _____. p. 129.
18. _____. _____. p. 129-130.
19. _____. _____. Item: relações humanas — ética e política, p. 130-134.
20. MUNZER, Armed Isbelle. *Descobrendo o Islam*. Rio de Janeiro: Azaan, 2002. Cap. 1 (O conceito de Din), p. 1.
21. _____. _____. Cap. 2. (A crença islâmica), p. 5.
22. _____. _____. (O Tauhid), p. 5-6.
23. _____. _____. (A crença nos anjos), p. 6.
24. _____. _____. (A crença nos livros. A crença nos mensageiros), p. 6-8.
25. _____. _____. (A crença no juízo final), p. 8-9.
26. _____. _____. Cap. 3 (As obrigações do Islam), p. 13.
27. _____. _____. (O salat. O zocat), p. 13-14.
28. SMITH, Huston. *As religiões do mundo*. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2001. Cap. 6 (Islamismo), item: o selo dos profetas, p. 220.
29. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17, (A idade medieval), item: o Islamismo, p. 149-151.
30. _____. _____. Item: as guerras do Islã, p. 151.
31. _____. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, item: esclarecendo, p. 16-17.
32. _____. _____. Cap. 3 (Os degredados), p. 36-37.

Orientações ao monitor

Realizar exposição introdutória que abranja o item 1 (Informações básicas) dos subsídios deste Roteiro. Orientar, em seguida, a formação de grupos para estudar o item 2 dos subsídios. Concluir o estudo com explanação a respeito do item 3 (A doutrina do Islã e o Espiritismo).

O CRISTIANISMO

Roteiro 25

A REFORMA PROTESTANTE

Objetivos

- » Elaborar uma linha histórica que retrate os marcos significativos da Reforma Protestante.
- » Citar dados biográficos dos principais reformadores.
- » Explicar a importância da Reforma Protestante no contexto da evolução do pensamento religioso, segundo a visão espírita.

Ideias principais

- » *O plano invisível determina, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionários com o objetivo de levar a efeito a renascença da religião [...]. Assim, no século XVI, aparecem as figuras veneráveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchton e outros vultos notáveis da Reforma, na Europa Central e nos Países Baixos. Emmanuel: A caminho da luz. Cap. 20.*
- » *A Reforma e os movimentos que se lhe seguiram vieram ao mundo com a missão especial de exumar a “letra” dos Evangelhos [...] a fim de que, depois da sua tarefa, pudesse o Consolador prometido, pela voz do Espiritismo cristão, ensinar aos homens o “espírito divino” de todas as lições de Jesus. Emmanuel: O consolador. Questão 295.*

- » A [...] *ideia da reforma não estava só na cabeça de Lutero, mas na de milhares de cabeças, de onde deveriam sair homens capazes de a sustentar.* Allan Kardec: *Revista espírita. Jornal de estudos psicológicos.* Ano de 1866, agosto, p. 321.

Subsídios

1. O contexto histórico

A Idade Média, em contraste com outros períodos da história, foi caracterizada por uma cultura religiosa que influenciava e impregnava todas atividades sociais.

A política, a economia, as artes e a filosofia eram de competência direta da Igreja. O papado era, ao mesmo tempo, uma potência religiosa e política. Grande parte da vida econômica estava organizada ao redor das igrejas paroquiais e dominada por elas. As artes eram, por definição, religiosas: a pintura e a arquitetura refletiam a preocupação pelo transcendente, não havendo evidência mais clara disso que o impulso vertical das catedrais. Mesmo o redescobrimto e a aceitação de Aristóteles não alteraram o quadro geral. Por isso não é estranho que a civilização europeia fosse caracterizada como o *Corpus Christianum*.³

Nesse sentido, Emmanuel esclarece que:

Essa renascença, iniciada do Alto, clareou a Terra em todas as direções. A invenção da imprensa facultava o mais alto progresso no mundo das ideias, criando as mais belas expressões da vida intelectual. A literatura apresenta uma vida nova e as artes atingem culminâncias que a posteridade não poderia alcançar. Números artífices da Grécia antiga, reencarnados na Itália, deixam traços indelévels da sua passagem, nos mármore preciosos. Há mesmo, em todos os departamentos das atividades artísticas, um pronunciado sabor da vida grega, anterior às disciplinas austeras do Catolicismo na idade medieval, cujas regras, aliás, atingiam rigorosamente apenas quem não fosse parte integrante do quadro das autoridades eclesiásticas.¹⁸

A História, destaca grandes mudanças nesse período.

O [...] século XV e o começo do XVI, em Roma, foram a idade do humanismo, uma grande era de renovado aprendizado clássico, de redescobrimto dos princípios da arte clássica, de florescimento da criatividade na pintura, na escultura e na arquitetura e de um prazer pela vida e pela beleza que representava não só uma sublime extravagância, mas um novo sentido da glória da criação. Tratava-se, em grande medida, de uma visão religiosa: para compreendê-la, precisamos levar em conta o primeiro e de certo modo o mais atraente dos papas humanistas, Nicolau V. [...] O movimento conciliar vinha perdendo a força à medida que os monarcas europeus faziam seus próprios e vantajosos arranjos com o papado, a fim de controlar as igrejas nacionais, e cessavam de apoiar as rebeliões eclesiásticas.⁵

A capital do Império Romano foi totalmente em beleza.

Nicolau inaugurou também a transformação física de Roma. Simbolizou a recuperação do controle papal da cidade ao restaurar o Castel Sant'Angelo e ao reformar o medieval palácio dos Senadores, no Capitólio. Mas as suas maiores obras estavam no Vaticano, que ele transformou na principal residência papal, abandonando o precário Latrão. [...] Porém, a sua iniciativa mais radical foi a de projetar a reconstrução da própria São Pedro.⁶

As seguintes palavras do papa Nicolau justificam a sua incansável necessidade de reformas e de embelezamentos arquitetônicos.

Para [...] criar convicções sólidas e estáveis na mente das massas incultas, deve haver um apelo aos olhos; uma fé popular baseada unicamente em doutrinas sempre há de ser débil e vacilante. Mas se a autoridade da Santa Sé estiver visualmente exposta em construções majestosas, em memoriais imperecíveis, em testemunhos como plantados pela própria mão de Deus, a fé há de crescer e fortalecer-se qual uma tradição que passa de uma geração a outra, e o mundo inteiro há de aceitá-la e reverenciá-la.⁷

Emmanuel nos esclarece, porém, que no plano espiritual medidas são tomadas para conter os desregramentos perpetrados pelos condutores do Catolicismo.

A essas atividades reformadoras não poderia escapar a Igreja, desviada do caminho cristão. O plano invisível determina, assim, a vinda ao mundo de numerosos missionários com o objetivo de levar a efeito a renascença da religião, de maneira a regenerar os seus relaxados centros de força. Assim, no século XVI, aparecem as figuras veneráveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchton e outros vultos notáveis da reforma, na Europa Central e nos Países Baixos.¹⁹

2. A reforma protestante

No século XVI uma grande revolução eclesiástica ocorreu na Europa Ocidental, levando a mudanças consideráveis na esfera religiosa que, durante todo o período medieval, estivera sob o domínio da Igreja Católica. Essa revolução nas mentalidades teve tanto causas políticas como religiosas. Muitos monarcas estavam insatisfeitos com o enorme poder que o papa exercia no mundo, ao mesmo tempo que muitos teólogos criticavam a doutrina e as práticas da Igreja, sua atitude para com a fé e seu feitiço organizacional. Ideias e razões distintas deram origem a diversas comunidades eclesiais novas.

- » Na Inglaterra, o rei Henrique VIII rompeu com o papa porque este se negou a lhe dar permissão para que se divorciasse. O rei se tornou, então, chefe da Igreja da Inglaterra (Igreja Anglicana). Não houve cisma, mas a Igreja da Inglaterra aos poucos foi adotando várias ideias da Reforma. Hoje, o anglicanismo é uma Igreja que engloba diferentes tendências e até mesmo seitas [...].
- » Foi um monge alemão, Martinho Lutero, o maior responsável por esse conflito teológico. Ele deu forte destaque à fé e à palavra (a *Bíblia*), como elementos mais significativos. Diversos príncipes eleitores, nobres governantes alemães, insatisfeitos com o poder do papa, apoiaram Lutero e transformaram as igrejas de seus próprios domínios em igrejas estatais, partindo do princípio de que a religião do eleitor também era a de seus súditos.
- » Os reformadores suíços Calvino e Zuínglio defendiam um rompimento mais radical com o Catolicismo. Davam menos valor ao batismo e à eucaristia do que os católicos e os luteranos, mas julgavam vital mexer na organização da Igreja. Queriam seguir aquilo que consideravam os preceitos do Novo Testamento. A Igreja é dirigida por representantes eleitos que, juntamente com os ministros, constituem a Assembleia Geral. Esta é conhecida como presbitério

(da palavra grega que significa “conselho dos anciãos”), e por isso a Igreja reformada é chamada presbiteriana. Essa Igreja logo se tornou a principal seita protestante em países cujos soberanos não instituíram o Cristianismo como religião do Estado; por exemplo, Holanda, Suíça e Escócia.⁸

O Espiritismo, por meio de informações apresentadas por Emmanuel, revela:

A Reforma e os movimentos que se lhe seguiram vieram ao mundo com a missão especial de exumar a “letra” dos Evangelhos, enterrada até então nos arquivos da intolerância clerical, nos seminários e nos conventos, a fim de que, depois da sua tarefa, pudesse o Consolador prometido, pela voz do Espiritismo cristão, ensinar aos homens o “espírito divino” de todas as lições de Jesus.²²

A Reforma Protestante provocou profundos e irreversíveis impactos na Igreja Católica.

Por ocasião dos primeiros protestos contra o fausto desmedido dos príncipes da Igreja, ocupava a cadeira pontifícia Leão X, cuja vida mundana impressionava desagradavelmente os espíritos sinceramente religiosos. Sob a sua direção criou-se, em 1518, o célebre “Livro das Taxas da Sagrada Chancelaria e da Sagrada Penitenciaria Apostólica”, onde se encontrava estipulado o preço de absolvição para todos os pecados, para todos os adultérios, inclusive os crimes hediondos. Tais rebaixamentos da dignidade eclesiástica ambientaram as pregações de Lutero e seus companheiros de apostolado. De nada valeram as perseguições e as ameaças ao eminente frade agostiniano.²⁰

O protestantismo foi um movimento que surgiu, no século XVI, para conter os abusos do clero católico, sobretudo em relação às indulgências.

Embora rompessem com a Igreja, os reformadores não pensaram estar criando uma nova Igreja. Em vez disso, sustentavam a necessidade de recolocar a igreja cristã em suas verdadeiras bases. Levados à ação quase sempre em virtude de abusos e distorções da vida eclesiástica no período medieval, logo compreenderam, no entanto, que a sua interpretação do Evangelho era radicalmente diferente

da sustentada pela Igreja existente. Baldados seus esforços para renová-la, não tiveram outro recurso senão constituir instituição independente da que consideravam sob “o jugo romano”. A história do protestantismo, portanto, deve começar com uma compreensão dessa tentativa da recuperação, segundo se entendia, da vida da Igreja à luz do Evangelho, dentro, contudo, do contexto sociocultural do período medieval.³

Outros fatos históricos foram decisivos para a ocorrência da Reforma Protestante.

A [...] derrocada do feudalismo e o surgimento de classes médias ocupadas com o comércio e a indústria criaram um novo setor na sociedade, independente da influência direta da Igreja. A imprensa foi inventada em meados do século XV e na última década do mesmo século Colombo descobria o Novo Mundo. Nos mesmos dias em que Magalhães circunavegava o globo (1519–1522). [...] Pequenos povoados se convertiam em centros urbanos onde os homens já não dependiam da agricultura para sua sobrevivência. Embora a Igreja ainda fosse poder dominador, muitas forças novas, além do trabalho dos reformadores, estavam operando para derrocar seu domínio sobre os homens.⁴

1. Os reformadores protestantes

1.1 Martinho Lutero

Fundador da Igreja Luterana, nasceu em Eisleben a 10 de novembro de 1483, na Turíngia, desencarnando em 1546.

Seus pais, Hans Luther e Margaret Ziegler [...] eram gente modesta do campo, embora livres, vindo de Möhra, na Turíngia. [...] Lutero nunca se envergonhou de seus antecedentes sociais; ao contrário, falava com orgulho de seus ancestrais camponeses. Gente sólida, física e moralmente, algo rude, de uma religiosidade firme, mas não especulativa.¹¹

Por ser de família católica, assim que nasceu foi batizado na igreja chamada “Peter-Paulkirche”, Igreja de São Pedro e São Paulo.

Durante [...] 13 anos, Martim viveu com os seus em Mansfeld, onde iniciou seus estudos ainda bem jovem. [...] A disciplina era rigorosa, mais do que o currículo, pois os mestres jamais hesitaram em usar a vara para castigar as menores faltas [...].¹² Aos 14 anos [...] foi enviado a Magdeburg, pois já havia esgotado os recursos dos currículos disponíveis em Mansfeld, e seu pai queria fazer dele um sábio. As [...] dificuldades financeiras eram muitas e o menino frequentemente ia de porta em porta, cantando em companhia de seus colegas, para ganhar um pão aqui e ali. No ano seguinte, regressou a casa. Dias depois, seguia para Eisenach, onde se matriculou na escola de São Jorge. [...] Lutero era estudioso e teve ali bons mestres.¹³

Concluídos os estudos e devido a inteligência que Lutero revelava, foi encaminhado à universidade.

De Eisenach Lutero foi enviado à Universidade de Erfurt [...]. A faculdade era das mais importantes e bem reputadas da Alemanha. [...] Estudava sem parar e só deixava as salas de aula para dirigir-se à biblioteca. Leu os clássicos, meditou e absorveu tudo quanto podia reter sua memória fabulosa. Ao cabo de um ano, em 1502, recebeu o primeiro grau acadêmico, o bacharelado em filosofia. Tinha apenas 19 anos. [...] Era, no entanto, um espírito inquieto e especulativo, que buscava a companhia de homens sérios e instruídos, dos quais pudesse absorver sempre algum conhecimento. No terceiro ano de sua vida acadêmica, o jovem [...] Martim descobriu uma velha Bíblia latina na biblioteca. O livro foi uma revelação e um impacto emocional. Lutero havia chegado, afinal, aos textos em torno dos quais toda a sua vida haveria de girar. Só então descobriu que apenas trechos diminutos e escassos eram mencionados nos púlpitos e nas cátedras, enquanto um verdadeiro manancial de ensinamentos e de História permanecia ignorado. Decidiu que haveria de ter sua própria Bíblia para estudo e meditação.¹⁴

Concluídos os estudos teológicos, Lutero torna-se padre, mas não exerce o ofício.

Em 2 de maio de 1507, Lutero foi ordenado sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana (na ordem dos agostinianos). A primeira missa foi um momento de ternura e emoção [...]. No entanto, suas dúvidas estavam longe de serem resolvidas. O próprio ritual da missa deixa-o atônito, ante a facilidade, que raia pelo desrespeito, com que Deus

Todo-Poderoso é tratado pelos sacerdotes, que recitam palavras cujo sentido parecem ignorar.¹⁵

A mente inquiridora de Lutero não conseguia aceitar a forma como o Catolicismo era praticado.

No auge dessa crise espiritual que ameaçava precipitá-lo no desespero total, surge o homem que lhe estenderia as mãos generosas: Johannes Von Staupitz, [...]. Ele presidiu a todas as novidades, a todos os primeiros combates da Reforma. Ele buscou Lutero na sua cela, conduziu-o passo a passo no conhecimento do Evangelho, abriu sua alma à verdade, armou-a para a luta, inspirou-lhe um espírito de resistência, contribuiu para fazer dele o homem dessa grande revolução.¹⁶

É importante destacar que a noção de purgatório, defendida pela Igreja Católica, somente foi admitida no ano de 593.

“O purgatório originou um comércio escandaloso das indulgências, por intermédio das quais se vende a entrada no céu. Este abuso foi a causa primária da Reforma, levando Lutero a rejeitar o purgatório.”¹

[...] Alguns historiadores enxergavam na sua missão uma simples expressão de despeito dos seus companheiros da comunidade, em face da preferência de Leão X encarregando os dominicanos da pregação das indulgências. A verdade, contudo, é que o humilde filho de Eisleben tornou-se órgão da repulsa geral aos abusos da Igreja, no capítulo da imposição dogmática e da extorsão pecuniária. Os postulados de Lutero constituíram, antes de tudo, modalidade de combate aos absurdos romanos, sem representarem o caminho ideal para as verdades religiosas. Ao extremismo do abuso, respondia com o extremismo da intolerância, prejudicando a sua própria doutrina. Mas o seu esforço se coroou de notável importância para os caminhos do porvir.²¹

A Reforma de Lutero foi um movimento de retorno às fontes primitivas do Cristianismo, cuja pureza se comprometera no cipoal da teologia meramente especulativa, perdendo-se na palavra fria e morta a luz e o calor do espírito vivo.¹⁷

1.2 João Calvino

Jurista e teólogo, um dos maiores vultos da Reforma, nasceu em Noyon, França, em 10 de julho de 1509, e morreu em Genebra em 27 de maio de 1564. Tendo ingressado na Universidade de Paris, estudou latim, filosofia e dialética, formando-se em Direito. Homem culto, portador de profundo sentimento moral, autor de livros, Calvino vivia cercado de humanistas e de reformadores, em Paris. A conversão de Calvino foi rápida, e se pode atribuir a três causas: o estudo das escrituras, a influência de amigos e os bons exemplos que muitos membros da reforma deram quando perseguidos. Por defender sua ideia, fugiu para Basileia, na Suíça, onde escreveu sua grande obra sobre a reforma: *Os estatutos da religião cristã*, obra que representa uma espécie de enciclopédia teológica. Passando a viver em Genebra, dedicou-se ao trabalho de explicar as escrituras, reformar o cerimonial do casamento, e de utilizar mais os Salmos nas prédicas.

Dentre os reformadores do século XVI (inclusive Lutero), foi Calvino quem mais se destacou como argumentador e conhecedor da *Bíblia*. As ideias de Calvino fizeram surgir uma reforma na Reforma, denominada presbiterianismo.

1.3 John Knox

É conhecido como o reformador da Escócia. Nascido em Haddington, em 1505, cursou universidade em Glasgow. Em 1540 foi ordenado padre. Tomou contato com a Reforma em finais de 1545. O instrumento imediato da sua conversão foi, provavelmente, o erudito reformador George Wishart. Knox seguia-o incansavelmente, levando consigo, segundo dizem, uma espada que ele estaria disposto a usar para defender Wishart. John Knox morreu em 1570, em Edimburgo.

1.4 John Wyclif ou Wycliffe

Nasceu em Hipswell, Yorkshire, possivelmente em 1328 e morreu em 31 de dezembro de 1384, perto de Leicester. Foi um teólogo inglês, considerado o precursor da Reforma Protestante no século XIV. Ele iniciou a primeira tradução da *Bíblia* para o inglês numa edição completa (a *Bíblia* tinha sido traduzida para o inglês anteriormente, mas por partes).

1.5 Jan Hus ou Huss

O famoso reformador da Boêmia (República Tcheca), nasceu em Husinec, a 75 km de Praga, possivelmente a 6 de julho de 1369. Atraído pela profissão clerical, estudou em Praga. Nos seus escritos usava frequentemente citações de Wyclif. Em 1393 fez o bacharelato em letras; em 1394 tornou-se bacharel em Teologia e, em 1396, tornou-se mestre em Teologia. Ordenou-se padre em 1400 e, no ano seguinte, foi nomeado reitor da faculdade de Filosofia de Praga. Exercia também o ofício de pregador na igreja de Belém, em Praga, proferindo sermões em língua tcheca, contrariamente ao usual, em latim. Foi queimado vivo em Constança, a 6 de junho de 1415.

2. As igrejas protestantes

2.1 Igreja Luterana

Hoje, “[...] na Alemanha, a Igreja Luterana é a mais importante, ao lado do catolicismo romano. É apenas nos países escandinavos que predomina o luteranismo (mais de 90% da população)”.⁹ Os principais princípios do luteranismo são os seguintes:

- » Igreja é “a assembleia dos santos na qual o Evangelho é considerado de maneira pura e os sacramentos do batismo, administrados de maneira correta”.
- » A igreja do Cristo é invisível e pode facilmente aceitar pessoas de várias igrejas.
- » Um ministro luterano não ocupa posição especial em relação à sua congregação, porque, mediante a fé e o batismo, cada cristão se torna seu próprio sacerdote.
- » Algumas igrejas luteranas — da Alemanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, entre outras — aceitam pastores do sexo feminino.
- » Todas as igrejas luteranas são estatais, ou seja, a nomeação de seus funcionários é feita pelo governo.
- » Os fundamentos religiosos derivam apenas da *Bíblia* (“A palavra de Deus”). As pessoas só podem justificar-se perante Deus somente pela sua fé em Cristo (princípio “sola fide”).
- » Existem dois sacramentos na Igreja Luterana: o batismo — que conduz o indivíduo à comunhão com Deus —, e a eucaristia: “o corpo e

o sangue do Cristo estão presentes na eucaristia, mas os elementos da eucaristia são apenas pão e vinho”.

- » A vida é um dom de Deus, mas a vida é também um dever, isto é, valoriza-se a vida pelo trabalho e pela atividade social.

2.2 Igreja Metodista

Trata-se de uma igreja oriunda do movimento moderno dos princípios da Reforma, denominado de “reavivamento” e de “conversão individual”, surgidos a partir do século XVII. Os cultos e as reuniões caracterizam-se por uma maior liberdade, isto é, não existe uma liturgia fixa, e o interior da igreja e as vestes sacerdotais são simplificadas.

A igreja Metodista foi fundada pelo pastor anglicano John Wesley (1703–1791). É um movimento religioso democrático e forte na Inglaterra, nos Estados Unidos, Canadá e Austrália.

Existe uma organização sacerdotal formada de padres e bispos, definida e eleita pela congregação. A *Bíblia*, o credo apostólico e os 35 artigos religiosos, elaborados por John Wesley, representam o credo doutrinário. A Igreja Metodista tem como artigo de fé o fato de que o Cristo morreu por todos os homens e de que Deus oferece salvação a qualquer pessoa que a aceitar. Os metodistas dão ênfase à “consciência da graça”, ou seja, a capacidade da pessoa perceber a salvação por meio de uma experiência espiritual. A “santificação” é igualmente destacada no metodismo, e acontece pelo batismo e pela conversão. Ensinam que as pessoas devem crescer em amor e justiça para conseguir amar a Deus e ao próximo. O metodismo revela uma tendência puritana ao impor a seus adeptos uma vida disciplinada, com rejeição dos prazeres mundanos. Por outro lado, desenvolvem significativos serviços sociais, tais como orfanatos, asilos de idosos, ajuda aos alcoólatras. Seguem a *Bíblia*.¹⁰

2.3 Igreja Batista

Trata-se de um movimento radical da reforma, originário dos anabatistas (grupo de religiosos protestantes, que surgiu no século XVI, durante a Reforma. Diziam que o batismo na infância não era válido, por isso rebatizavam os crentes que se juntavam a eles). Existem várias seitas batistas difundidas na Inglaterra e nos Estados Unidos, em especial entre os negros americanos. Formam congregações

independentes com pastores empregados pelos membros da congregação. A *Bíblia* é interpretada literalmente.¹⁰

2.4 Igreja Pentecostal

Surgiu pela primeira vez nos Estados Unidos, no século XIX, a partir de derivações das igrejas metodistas e batistas. O movimento pentecostal se difundiu pela Europa, mas é um movimento forte no Brasil, Chile e em vários países da América latina. A organização religiosa é rígida, no estilo militar. Os pentecostais utilizam como princípios religiosos a *Bíblia* e o credo pentecostal, formado de “artigos de guerra”. O primeiro passo para a pessoa ser salva é a conversão; o segundo é o batismo, de pessoas adultas, pela água (imersão total na água) e o último passo, definitivo e mais importante, é o batismo feito pelo Espírito Santo, que acontece apenas com a manifestação de um ou mais dons do espírito, tal como aconteceu com os apóstolos em Pentecostes (ATOS, 2).¹⁰

2.5 Igreja Adventista ou Adventista do Sétimo Dia

Foi fundada, nos Estados Unidos, pelo ex-sacerdote batista William Miller (1782–1849). O nome “adventista” está relacionado à crença na segunda vinda (ou “advento”) de Jesus. O movimento difundiu-se pela Europa e há missionários em várias partes do mundo. A base da igreja está na congregação: ela elege representantes (delegados) para conferências distritais, regionais e mundiais. A *Bíblia* e o livro de Ellen White — *Passos até o Cristo* — constituem a fundamentação doutrinária dessa igreja.

Os adventistas valorizam o “dom da profecia” graças ao qual certas pessoas preveem o futuro. Preocupam-se em provar que as profecias bíblicas aconteceram, e que a nossa época está prevista nas escrituras. Acreditam que estamos vivendo os “últimos dias” do julgamento final, antes do advento do Cristo. Os adventistas condenam bebidas alcoólicas, tabaco, chá, café etc. e indicam o vegetarianismo como alimentação.¹⁰

Existem outros movimentos protestantes, considerados por alguns estudiosos como igrejas “paralelas à reforma”: a) *Testemunhas de Jeová*, cujo nome vem de Isaías, 43:10. Difundem a sua fé de porta em porta, fazendo circular a *Bíblia* e suas revistas. Acreditam que o reino de Deus é um governo do Cristo e de 114 mil indivíduos escolhidos e, b) *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias* ou

Mórmons: fundada pelo americano Joseph Smith (1805–1844), que, supostamente, teria recebido uma revelação de Jesus, por intermédio do anjo Moroni, cuja doutrina consta do *Livro de mórmons*.¹⁰

Os movimentos religiosos da reforma fazem parte do “Conselho Mundial de Igrejas”, fundado em Amsterdam, na Holanda, em 1948. Trata-se de uma comunidade que reconhece Jesus Cristo, como Deus e Salvador, de acordo com a interpretação que fazem da *Bíblia* e das Escrituras Sagradas.

Devemos sempre ter uma atitude de respeito pelo trabalho dos reformadores, ainda que tenhamos consciência da existência de desvios ou deturpações.

Se os reformadores só exprimissem as suas ideias pessoais, não reformariam absolutamente nada, porque não encontrariam eco. Um homem só é impotente para agitar as massas se estas forem inertes e não sentirem em si vibrar alguma fibra. É de notar que as grandes renovações sociais jamais chegam bruscamente; como as erupções vulcânicas, são precedidas por sintomas precursores. As ideias novas germinam, então em efervescência numa porção de cabeças; a sociedade é agitada por uma espécie de estremecimento, que a põe à espera de alguma coisa. É nesses movimentos que surgem os verdadeiros reformadores, que assim se veem como representantes, não de uma ideia individual, mas de uma ideia coletiva, vaga, à qual o encontra espíritos prontos a recebê-la. Tal era a posição de Lutero, mas Lutero não foi o primeiro, nem o único promotor de reforma. Antes dele houve apóstolos como Wicklef, Jan Hus, Jerônimo de Praga [...].²

Referências

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manoel Justiniano Quintão. 54. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. primeira parte, cap. 5 (O purgatório), nota, p. 63.
2. _____. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Ano 1866. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano 9, agosto de 1866, n.º 8, Item: os profetas do passado, p. 320-321.
3. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. São Paulo, 1995. Vol. 17, p. 9363 (Protestantismo).
4. _____. _____. p. 9364.

5. DUFY, Eamon. *Santos e pecadores; história dos papas*. Tradução de Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac e Naify, 1998. Cap. 4 (Protesto e divisão) item 1: os papas do renascimento, p.134.
6. _____. _____. p. 137.
7. _____. _____. p. 139.
8. HELLEN, V., NOTAKER, H. E GAARDER, J. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Item: a reforma protestante, p. 194-195.
9. _____. _____. p. 195.
10. _____. _____. p. 200-214.
11. MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do cristo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Vol. 2, p. 42.
12. _____. _____. p. 43-44.
13. _____. _____. p. 47.
14. _____. _____. p. 50.
15. _____. _____. p. 59-60.
16. _____. _____. p. 61-62.
17. _____. *Candeias na noite escura*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. 29, p. 148.
18. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 20 (Renascença do mundo) p. 174.
19. _____. _____. p. 175.
20. _____. _____. p. 175-176.
21. _____. _____. p. 176.
22. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 295, p. 173.

Orientações ao monitor

Apresentar uma síntese que proporcione uma visão geral do Roteiro. Em seguida, solicitar aos participantes que formem pequenos grupos para leitura, troca de ideias e síntese dos principais pontos dos subsídios deste Roteiro. Ao final, destacar a importância da Reforma Protestante no movimento Cristão.

EADE - LIVRO 1

EDIÇÃO	IMPRESSÃO	ANO	TIRAGEM	FORMATO
1	1	2013	5.000	18x25
1	2	2013	2.000	18x25
1	3	2014	5.000	17x25
1	4	2015	2.500	17x25
1	5	2016	6.000	17x25
1	6	2017	3.000	17x25
1	7	2018	2.000	17x25
1	8	2018	1.500	17x21
1	9	2019	1.500	17x21
1	10	2019	2.600	17x25



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Ana Luiza de Jesus Miranda
Elizabete de Jesus Moreira

Capa:

Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Luciano Carneiro de Holanda

Diagramação:

Luisa Jannuzzi Fonseca

Foto de Capa:

<http://www.istockphoto.com/Jasmina007>

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 2,6 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 140x205 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 11,5/14,5 e os títulos em Zurich Cn BT 14/16,8. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*

Livro
II

Estudo aprofundado da Doutrina Espírita

Ensinos e parábolas de Jesus

parte 1



ESTUDO APROFUNDADO DA
DOUTRINA ESPÍRITA

ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas ao estudo do aspecto religioso do Espiritismo

Livro II
Ensinos e parábolas de Jesus
Parte I

Organização
Marta Antunes de Oliveira de Moura



Copyright © 2013 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 9ª impressão – 2 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-7328-771-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — FEB
SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 (61) 2101-6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

Estudo aprofundado da doutrina espírita: Ensinos e parábolas de Jesus – Parte I. Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas ao estudo do aspecto religioso do espiritismo / Marta Antunes de Oliveira de Moura (organizadora). – 1. ed. – 9. imp. – Brasília: FEB, 2019.

V. 2; pt. 1; 303 p.; 25 cm

ISBN 978-85-7328-771-4

1. Espiritismo. 2. Estudo e ensino. 3. Educação. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.04.00

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	7
<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Esclarecimentos</i>	11
Módulo I – Metodologia para o estudo do evangelho à luz da doutrina espírita .	15
Roteiro 1 – A doutrina espírita e o evangelho	17
Roteiro 2 – As três revelações divinas: Moisés, Jesus e Kardec	21
Roteiro 3 – Critérios de estudo e interpretação do evangelho (1)	25
Roteiro 4 – Critérios de estudo e interpretação do evangelho (2)	29
Roteiro 5 – Interpretação de textos evangélicos.....	39
Módulo II – Ensinos diretos de Jesus	47
Roteiro 1 – As bem-aventuranças	49
Roteiro 2 – Discípulos: sal da terra e luz do mundo.....	61
Roteiro 3 – Não vim trazer paz, mas espada	69
Roteiro 4 – Nicodemos.....	77
Roteiro 5 – Verdade e libertação	87
Roteiro 6 – A inspiração de Pedro	93
Roteiro 7 – Instruções aos discípulos	105
Módulo III – Ensinos por parábolas.....	117
Roteiro 1 – O semeador.....	119
Roteiro 2 – O bom samaritano	129
Roteiro 3 – A rede	139

Roteiro 4 – O trigo e o joio	147
Roteiro 5 – A candeia.....	157
Roteiro 6 – O fariseu e o publicano	165
Módulo IV – Aprendendo com as curas	177
Roteiro 1 – O paralítico de Cafarnaum	179
Roteiro 2 – O cego de Betsaida.....	193
Roteiro 3 – A cura da sogra de Pedro e dos endemoniados	207
Roteiro 4 – O homem da mão mirrada.....	217
Módulo V – Aprendendo com os fatos cotidianos	229
Roteiro 1 – João Batista	231
Roteiro 2 – Zaqueu, o publicano	237
Roteiro 3 – O chamamento de Levi (Mateus), Pedro, André, João e Tiago maior.....	245
Roteiro 4 – O centurião de Cafarnaum	255
Roteiro 5 – A caminho de Emaús	265
Módulo VI – Aprendendo com fatos extraordinários.....	277
Roteiro 1 – A pesca maravilhosa.....	279
Roteiro 2 – As bodas de caná.....	285
Roteiro 3 – A tempestade acalmada	295

APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria e gratidão a Deus que colocamos à disposição do Movimento Espírita o segundo livro do *Curso Aprofundado da Doutrina Espírita – EADE, Ensinos e parábolas de Jesus*, Livro II.

Estudar o Evangelho de Jesus, procurando acompanhar de perto a riqueza e a excelsitude dos seus ensinamentos; refletir sobre o seu legado de amor, em nosso benefício, ao longo de sua luminosa trajetória que as dobras do tempo conseguiram ocultar, é uma experiência abençoada e inesquecível que desejamos compartilhar com todos os confrades espíritas.

Dirigimos o nosso pleito de gratidão a todos os companheiros dedicados que não mediram esforços para que esse material viesse a lume.

Brasília (DF), 20 de janeiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a Honório Onofre Abreu (1930–2007), valoroso trabalhador espírita e amigo querido que, no Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, elaborou o programa e os textos dos livros II e III – Ensinos e Parábolas de Jesus, partes 1 e 2, analisados à luz da Doutrina Espírita.

Somos tomados por profundas e felizes emoções quando, voltando ao passado, recordarmos os primeiros contatos com Honório e a sua imediata aceitação em realizar o trabalho. Por dois anos consecutivos, de 2003 a 2005, estabeleceu-se entre nós fraterna convivência, período em que tivemos a oportunidade de aprender estudar o Evangelho de Jesus, ampliando o entendimento do assunto que extrapola interpretações literais ainda comuns, inclusive no meio espírita.

Conviver com Honório foi, efetivamente, uma jornada de luz. Ele não foi apenas um simples interpretador do Evangelho, causa a que se dedicou ao longo da última existência. Realizava a tarefa com simplicidade, conhecimento e sabedoria que encantavam os ouvintes, independentemente do nível sociocultural que apresentassem. Contudo, importa destacar, efetivamente Honório soube vivenciar os ensinamentos de Jesus junto a todos os que foram convocados a compartilhar, direta ou indiretamente, a sua última reencarnação.

Dirigimos também o nosso agradecimento a outro amigo, Haroldo Dutra Dias, dedicado estudioso espírita do Evangelho, que transcreveu os textos gravados por Honório, adequando-os à linguagem escrita.

MARTA ANTUNES MOURA

Brasília(DF), 29 de janeiro de 2013.

ESCLARECIMENTOS

Organização e Objetivos do Curso

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) é um curso que tem como proposta enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, estudado de forma geral nos cursos de formação básica, usuais na Casa Espírita.

O estudo teórico da Doutrina Espírita desenvolvido no EADE está fundamentado nas obras da Codificação e nas complementares a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente por Jesus e por Allan Kardec.

Os conteúdos do EADE priorizam o conhecimento espírita e destaca a relevância da formação moral do ser humano. Contudo, sempre que necessário, tais as orientações são comparadas a conhecimentos universais, filosóficos, científicos e tecnológicos, presentes na cultura e na civilização da humanidade, com o intuito de demonstrar a relevância e a atualidade da Doutrina Espírita.

Os objetivos do Curso podem ser resumidos em dois, assim especificados:

- » Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico.
- » Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano.

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita tem como público-alvo todos os espíritas que gostem de estudar, que desejam prosseguir nos seus estudos doutrinários básicos, realizando aprofundamentos de temas que conduzam à reflexão, moral e intelectual.

Neste sentido, o Curso é constituído por uma série de cinco tipos de conteúdos, assim especificados:

- » Livro I: Cristianismo e Espiritismo.
- » Livro II: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 1

- » Livro III: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 2
- » Livro IV: O Consolador prometido por Jesus
- » Livro V: Filosofia e Ciência Espíritas

Fundamentos espíritas do curso

- » A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. [...]
- » O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, do seu passado e do seu futuro [...]. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. I, item 56.
- » O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão V.
- » [...] O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força, pois aí é invulnerável. [...] Allan Kardec: *Revista Espírita*, 1861, novembro, p. 495.
- » [...] Ainda uma vez [o Espiritismo], é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião e na moral do Cristo [...]. Allan Kardec: *Revista Espírita*, 1862, maio, p. 174-175.
- » Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VIII.
- » Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais.
- » A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo de nobres investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do

homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual. Emmanuel: *O consolador*. Definição, p. 13-14.

- » A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução, item 17.
- » Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais [...]. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. [...] Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade [...]. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VI.
- » O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Allan Kardec: *O que é o espiritismo*. Preâmbulo.
- » [...] o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VIII.
- » O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VII.

Sugestão de Funcionamento do Curso

a) Requisitos de admissão: os participantes inscritos devem ter concluído cursos básicos e regulares da Doutrina Espírita, como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ou ter conhecimento das obras codificadas por Allan Kardec.

b) Duração das reuniões de estudo: sugere-se o desenvolvimento de uma reunião semanal, de 1h 30 min a 2 h.

c) Atividade extraclasse: é de fundamental importância que os participantes façam leitura prévia dos temas que serão estudados em cada reunião e, também, realizem pesquisas bibliográficas a fim de que o estudo, as análises, as correlações e reflexões, desenvolvidas no Curso, propiciem melhor entendimento dos conteúdos.

EADE LIVRO II | MÓDULO I

**METODOLOGIA PARA O
ESTUDO DO EVANGELHO À
LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA**

METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO EVANGELHO À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Roteiro 1

A DOCTRINA ESPÍRITA E O EVANGELHO

Objetivos

- » Reconhecer os ensinamentos espíritas como um roteiro seguro para o entendimento do Evangelho de Jesus.

Ideias principais

- » *O Espiritismo [termo criado por Allan Kardec] é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Allan Kardec: O que é o espiritismo. Preâmbulo, p. 50.*
- » *[...] a maioria dos espíritistas entende e aceita o Evangelho de Jesus, à luz do Consolador, como o grande roteiro de redenção humana [...]. Juvanir Borges de Souza: Tempo de transição. Introdução, p. 13.*
- » *Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Sua luz imperecível brilha sobre os milênios terrestres, como o Verbo do princípio [...]. Emmanuel: Caminho, verdade e vida. Introdução, p. 13.*

Subsídios

O Espiritismo é compreendido como a manifestação da misericórdia divina em benefício da humanidade terrestre.

O Espiritismo [termo criado por Allan Kardec] é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.⁴

[...] É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.¹

As orientações da Doutrina Espírita são seguras e diretas, nos projetando na horizontalidade do conhecimento das leis que nos regem. O alcance de suas claridades nos revela o impositivo da renovação imprescindível e inadiável. Como Cristianismo Redivivo, faz ecoar a palavra de Jesus veiculada nos primeiros tempos, sem as contaminações nela impregnadas pela insensatez e irreflexões dos homens ao longo dos tempos.

[...] o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.²

Em vários arraiais da atividade espírita séria, já se ouve que a hora atual é a da vivência do Evangelho. Não mais como uma norma religiosa, superada e fanatizante, mas como cartilha de vida.

Percebemos,

[...] com íntima satisfação, que a imensa maioria dos espiritistas entende e aceita o Evangelho de Jesus, à luz do Consolador, como o grande roteiro da redenção humana, no esforço continuado de cada um para aumentar a capacidade de amar, servir e compreender.⁵

Com lucidez, assim fala Emmanuel:

Muitos discípulos, nas várias escolas cristãs, entregaram-se a perquirições teológicas, transformando os ensinamentos do Senhor em relíquia morta dos altares de pedra; no entanto, espera o Cristo venhamos todos a converter-lhe o Evangelho de amor e sabedoria em companheiro da prece, em livro escolar no aprendizado de cada dia, em fonte inspiradora de nossas mais humildes ações no trabalho comum e em código de boas maneiras no intercâmbio fraternal.⁶

Investindo neste terreno substancial e desafiador, acrescenta Vicente de Paulo numa mensagem dada em Paris, em 8 de junho de 1858:

Não vos disse Jesus tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos males provêm todos do abandono voluntário a que votais esse resumo das leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditai-as.⁸

Ensinamentos e parábolas de Jesus, segundo tomo do Programa Religião à Luz do Espiritismo, tem como proposta realizar o estudo dos principais temas do Evangelho de Jesus, segundo a ótica espírita. Sendo assim, guardemos com zelo as seguintes orientações de Emmanuel:

Muitos escutam a palavra do Cristo, entretanto, muito poucos são os que colocam a lição nos ouvidos.

Não se trata de registrar meros vocábulos e sim fixar apontamentos que devem palpitar no livro do coração.

Não se reportava Jesus à letra morta, mas ao verbo criador. Os círculos doutrinários do Cristianismo estão repletos de aprendizes que não sabem atender a esse apelo. Comparecem às atividades espirituais, sintonizando a mente com todas as inquietações inferiores, menos com o Espírito do Cristo. Dobram joelhos, repetem fórmulas verbalistas, concentram-se em si mesmos, todavia, no fundo, atuam em esfera distante do serviço justo.

A maioria não pretende ouvir o Senhor e, sim, falar ao Senhor, qual se Jesus desempenhasse simples função de pajem subordinado aos

caprichos de cada um. São alunos que procuram subverter a ordem escolar.

Pronunciam longas orações, gritam protestos, alinhavam promessas que não podem cumprir.

Não estimam ensinamentos. Formulam imposições.

E, à maneira de loucos, buscam agir em nome do Cristo.

Os resultados não se fazem esperar. O fracasso e a desilusão, a esterilidade e a dor vão chegando devagarinho, acordando a alma dormente para as realidades eternas.

Não poucos se revoltam, desencantados...

Não se queixem, contudo, senão de si mesmos.

“Ponde minhas palavras em vossos ouvidos”, disse Jesus.

O próprio vento possui uma direção. Teria, pois, o divino Mestre transmitido alguma lição, ao acaso?⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 5, p. 57.
2. _____. _____. Cap. 6, item 4, p. 129.
3. _____. _____. Cap. 13, item 12, p. 222-223.
4. _____. *O que é o espiritismo*. 53. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Preâmbulo, p. 50.
5. SOUZA, Juvanir Borges. *Tempo de transição*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Introdução, p. 13.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução (Interpretação dos textos sagrados), p. 15.
7. _____. *Vinha de luz*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 70 (Guardemos o ensino), p. 153-154.

Orientações ao monitor

Destacar a importância do Espiritismo no entendimento dos ensinamentos evangélicos.

METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO EVANGELHO À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Roteiro 2

AS TRÊS REVELAÇÕES DIVINAS: MOISÉS, JESUS E KARDEC

Objetivos

- » Citar as três revelações divinas, destacando as suas principais características.
- » Indicar os três aspectos da Revelação Espírita.

Ideias principais

- » *Até agora, a humanidade da Era Cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo Redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. Emmanuel: O consolador, questão 271.*
- » *Podemos tomar o Espiritismo, simbolizando [...] como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. Emmanuel: O consolador. Definição, p. 19.*

Subsídios

1. As revelações divinas

Examinando a presença de Jesus no processo evolutivo da humanidade, recordemos as esclarecedoras informações do benfeitor Emmanuel:

Até agora, a humanidade da Era Cristã recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais: Moisés trouxe a missão da Justiça; o Evangelho, a revelação insuperável do Amor, e o Espiritismo, em sua feição de Cristianismo Redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade. No centro das três revelações encontra-se Jesus Cristo, como o fundamento de toda luz e de toda sabedoria. É que, com o Amor, a Lei manifestou-se na Terra no seu esplendor máximo; a Justiça e a Verdade nada mais são que os instrumentos divinos de sua exteriorização [...]. A Justiça, portanto, lhe aplainou os caminhos, e a Verdade, conseguintemente, esclarece os seus divinos ensinamentos. Eis porque, com o Espiritismo simbolizando a Terceira Revelação da Lei, o homem terreno se prepara, aguardando as sublimadas realizações do seu futuro espiritual, nos milênios porvindouros.²

Cada Revelação representa uma síntese dos ensinamentos espirituais necessários ao aprimoramento da humanidade.

O Velho Testamento é a revelação da Lei. O Novo é a revelação do amor. O primeiro consubstancia as elevadas experiências dos homens de Deus que procuravam a visão verdadeira do Pai e de sua Casa de infinitas maravilhas. O segundo representa a mensagem de Deus a todos os que O buscam no caminho do mundo.³

Esclarece André Luiz que

Moisés instalara o princípio da Justiça, coordenando a vida e influenciando-a de fora para dentro. Jesus inaugurou na Terra o princípio do amor, a exteriorizar-se do coração, de dentro para fora, traçando-lhe a rota para Deus.⁴

Detectada a maturidade espiritual da humanidade terrestre, novas luzes chegam ao campo terrestre, marcando o advento da terceira

revelação divina: a Doutrina Espírita. Caberia a Allan Kardec, o seu codificador, a laboriosa e abençoada tarefa de reunir as verdades anteriormente reveladas para, então, estruturar o corpo doutrinário do Espiritismo, sob a assistência desvelada dos trabalhadores da seara de Jesus.

2. O tríptico aspecto da Doutrina Espírita

Elegendo a fé raciocinada como fator básico de evolução, a Doutrina Espírita se expressa no tríptico aspecto de ciência, filosofia e religião, proporcionando-nos segura orientação e clareando-nos a mente no rumo das legítimas conquistas espirituais.

Assevera Emmanuel:

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.¹

3. Obras básicas e subsidiárias da Codificação Espírita

Os livros da Codificação Kardequiana, aos quais se acrescenta obras subsidiárias, devidamente selecionadas, são os instrumentos de que se serve o aprendiz na tarefa interpretativa da mensagem de Jesus. Por esta razão, terá que se dedicar com afinco a esse estudo, abrindo novas perspectivas quanto aos seus objetivos de aprendizado.

As obras da Codificação Espírita, traduzidas e publicadas pela Federação Espírita Brasileira (FEB) são:

- » *O livro dos espíritos*. 1ª edição: 1857.
- » *O livro dos médiuns*. 1ª edição: 1861.
- » *O evangelho segundo o espiritismo*. 1ª edição: 1864. Obs.: a tradução da FEB é a da 3ª edição francesa, de 1866, revista e corrigida por Kardec.

» *O céu e o inferno*. 1ª edição: 1865.

» *A gênese*. 1ª edição: 1868.

Além dessas obras, que formam o núcleo básico da Codificação, Allan Kardec escreveu outras obras, também publicadas pela FEB:

» *Revista Espírita*: jornal de estudos psicológicos. 12 exemplares anuais, publicados no período de 1858 a 1869.

» *Instrução prática sobre as manifestações espíritas*. 1ª edição: 1858.

» *O que é o espiritismo*. 1ª edição: 1859.

» *O espiritismo na sua expressão mais simples*. 1ª edição: 1862.

» *Viagem espírita de 1862*. 1ª edição: 1862.

» *Obras póstumas*. 1ª edição: 1890.

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Definição, p. 19-20.
2. _____. _____. Terceira parte, cap. 1, questão 271, p. 162.
3. _____. *Coletânea do além*. Por diversos Espíritos. 3. ed. São Paulo: FEESP, 2001. Item: O velho e o novo testamento, p. 99.
4. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap. 20, p. 206.

Orientações ao monitor

Destacar as principais características das três revelações. Analisar o tríplice aspecto da Revelação Espírita.

METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO EVANGELHO À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Roteiro 3

CRITÉRIOS DE ESTUDO E INTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO (1)

Objetivos

- » Identificar pontos principais da mensagem espírita que facilitam o estudo e a interpretação do Evangelho.

Ideias principais

- » *Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculta se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Introdução, p. 27.*

Subsídios

Esclarece-nos *O evangelho segundo o espiritismo*, em sua Introdução:

Muitos pontos dos Evangelhos, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo [...].¹

A chave espírita analisa os textos bíblicos em espírito e em verdade, ou seja, não considera os sentidos literais.

Allan Kardec nos apresentou a Doutrina Espírita perfeitamente ajustada aos novos tempos. Erguida sobre os fundamentos da mensagem do Cristo, dela não se pode distanciar.

A propósito, esta citação de João nos faz refletir a respeito: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14:26).

Esclarece-nos também o Codificador que se

[...] o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar e desenvolver*, não no de juntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras.²

Pontos Principais do Espiritismo úteis ao estudo do Evangelho

1. *Deus* – “Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”³ Eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.⁴
2. *Jesus* – Guia e modelo mais perfeito para o homem.¹⁷
3. *Espírito* – Seres inteligentes da criação.⁶
4. *Perispírito* – substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo.¹¹ “Tem a forma que o Espírito queira.”⁹
5. *Evolução* – “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”¹⁰
6. *Livre-arbítrio* – O homem tem “[...] a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.”¹⁸

7. *Causa e efeito* – “Deus tem suas leis a regerem todas as vossas ações. Se as violais, vossa é a culpa.” A punição é o resultado da infração da lei.²⁰
8. *Reencarnação* – “[...] consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas [...]”¹⁴ São existências ao “[...] melhoramento da humanidade. Sem isto, onde a Justiça?”¹³
9. *Pluralidade dos mundos habitados* – São habitados todos os globos que se movem no espaço. E o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição.⁵
10. *Imortalidade da alma* – A existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.⁷
11. *Vida futura* – “O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens [...]. A vida futura implica a conservação de nossa individualidade, após a morte.”¹⁹
12. *Plano espiritual* – No instante da morte, a alma volta “[...] a ser Espírito, isto é, volve ao mundo dos Espíritos, donde se apartara momentaneamente”.¹² “Os Espíritos estão por toda parte.”⁸
13. *Mediunidade* – Faculdade inerente ao homem. “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium.”²¹
14. *Influência dos Espíritos na nossa vida* – “Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”¹⁵
 “Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes.”⁸
15. *Ação dos Espíritos na natureza* – “Deus não exerce ação direta sobre a matéria”.¹⁶ “[...] Os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais.”⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 27.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 28, p. 27.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 1, p. 51.

4. _____. _____. Questão 13, p. 54.
5. _____. _____. Questão 55, p. 69.
6. _____. _____. Questão 76, p. 80.
7. _____. _____. Questão 83, p. 82.
8. _____. _____. Questão 87, p. 83.
9. _____. _____. Questão 95, p. 86.
10. _____. _____. Questão 114, p. 95.
11. _____. _____. Questão 135-a, p. 105.
12. _____. _____. Questão 149, p. 112.
13. _____. _____. Questão 167, p. 121.
14. _____. _____. Questão 171, comentário, p. 122.
15. _____. _____. Questão 459, p. 246.
16. _____. _____. Questão 536-b, p. 272.
17. _____. _____. Questão 625, p. 308.
18. _____. _____. Questão 843, p. 387.
19. _____. _____. Questão 959, p. 446.
20. _____. _____. Questão 964, p. 447.
21. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14, item 159, p. 203.

Orientações ao monitor

Identificar nos pontos principais da Doutrina Espírita a chave de entendimento do Evangelho.

METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO EVANGELHO À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Roteiro 4

CRITÉRIOS DE ESTUDO E INTERPRETAÇÃO DO EVANGELHO (2)

Objetivos

- » Definir critérios para o estudo e a interpretação do Evangelho.

Ideias principais

- » São critérios de estudo e interpretação do Evangelho de Jesus:
 1. Saber retirar o espírito da letra.
 2. Situar-se na mensagem, no tempo e no espaço.
 3. Orientar-se por meio de um esquema que considere: aspectos históricos e geográficos; cargos e ocupações dos personagens citados; sentido geral e particular de um acontecimento ou circunstâncias; palavras e expressões utilizadas no texto.

Subsídios

O estudo e a interpretação do Evangelho deve, necessariamente, considerar o seu sentido espiritual. É preciso aprender separar a exposição puramente literal — de entendimento relativo e às vezes controvertido — do sentido espiritual que oferece conclusões lógicas à nossa perquirição. Se apegados à letra, poderemos ser conduzidos a caminhos complicados, a conclusões totalmente equivocadas e até mesmo contrárias aos ensinamentos de Jesus.

O entendimento espírita nos fornece excelente base para compreensão do significado das lições evangélicas, pois nos ensina: a) retirar o espírito da letra; b) situar-se no conteúdo da mensagem, no tempo e no espaço; c) elaborar esquema de estudo que considere aspectos históricos e geográficos, sentido geral e particular das circunstâncias ou da ocorrência de um fato, atribuições relativas a cargos e ocupações, assim como a interpretação de palavras e expressões utilizadas no texto.

1. Extrair o espírito da letra

O exemplo, apresentado em seguida, ilustra como retirar o espírito da letra.

- » *Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus mortos (Mt 8:22).*

Repugna-nos à razão, pelo senso natural de caridade, a ideia de não darmos a bênção da sepultura ao corpo de alguém que morreu. Entretanto, Jesus orienta “deixa aos mortos o sepultar os mortos”. Obviamente, cadáver não pode enterrar cadáver. Logo, não é este o sentido da orientação de Jesus. O Mestre se refere aos “mortos de espírito” que ainda não se despertaram para o trabalho de conscientização espiritual. “Os mortos que sepultam mortos” são Espíritos prisioneiros das ilusões da matéria, que trazem a consciência adormecida.

O benfeitor Emmanuel nos esclarece, a propósito:

Espiritualmente falando, apenas conhecemos um gênero temível de morte — a da consciência denegrida no mal, torturada de remorso ou parálitica nos despenhadeiros que marginam a estrada da insensatez e do crime.²

Ainda segundo Emmanuel:

No concerto das lições divinas que recebe, o cristão, a rigor, apenas conhece, de fato, um gênero de morte, a que sobrevém à consciência culpada pelo desvio da Lei; e os contemporâneos do Cristo, na maioria, eram criaturas sem atividade espiritual edificante, de alma endurecida e coração paralítico.¹

Nesse sentido, é proveitosa a advertência contida em João: “O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são Espírito e são Vida.” (Jo 6:63).

2. Situar-se na mensagem para simplificá-la

A nossa localização no seio das narrativas evangélicas, escoimada de interesses pessoais e dosada da vontade de aprender, supera o sentido puramente histórico da mensagem do Cristo, e nos conduz ao esforço concreto no plano da renovação espiritual, porque nos facilita o raciocínio e entendimento, na assimilação da insuperável mensagem cristã, agora compreendida e sentida à luz da Doutrina Espírita.

- » *E aconteceu que, chegando Ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo. E disseram-lhe que Jesus, o Nazareno, passava (Lc 18:35-37).*

Neste exemplo identificamos vários registros suscetíveis de espelhar a nossa posição atual. “Aproximando Ele (Jesus) de Jericó...” indica que qualquer pessoa disposta a realizar o processo autoeducativo terá de manter, inspirada no Cristo, incessante atividade renovadora no íntimo do ser, para que as suas ações beneficiem os demais.

É óbvio que não possuímos a capacidade, revelada pelo Cristo, na sua constante movimentação construtiva, muitas vezes expressa em formas verbais, tais como: chegando, partindo, continuando, parando para atender, curando, levantando-se. Entretanto, é necessário reconhecer que essas atitudes indicam ação construtiva ou ativa no bem. Tais ações não apresentam um simples movimento, deslocamento de um lugar para outro, em termos físicos. Representa, sim, o rompimento das algemas da inércia, da acomodação e do desinteresse, as quais nos mantêm cativos de sofrimentos.

“Estava um cego assentado junto do caminho, mendigando...” Se Jesus é a mais viva expressão de realização e atividade no bem, que ainda não temos capacidade de imitar, nos é mais lógico, natural e cabível, tomar a posição do cego que vivia da esmola e da caridade dos transeuntes, revelando, assim, as nossas dificuldades de visão no campo da alma.

A posição do cego é uma circunstância que ocorre à maioria das criaturas. Interagindo com as ideias expressas no texto, aprendemos a movimentar as mínimas reservas de boa vontade e de decisão para colocá-las a serviço de nossa cura. O cego, reconhecendo o próprio estado de necessidade, se aventurou a perguntar o que estava acontecendo. Esta simples indagação revela uma disposição de sair do estado de imobilidade em que se encontrava, reunindo o que possuía de melhor, pedindo a Jesus que lhe concedesse condições de “ver”.

“E, ouvindo passar a multidão.” Se a posição de cego não é ideal, ainda que demonstre consciência do que carece, não é muito tranquila também a nossa colocação perante a multidão. Quantas vezes, até mesmo como espíritas, já cômicos de nossas necessidades, ainda integramos impensadamente a massa, sempre indecisa e sem posição definida: a mesma que repreendia o cego para que não importunasse Jesus.

“Disseram-lhe que Jesus Nazareno passava...” indica que em meio a nossa indiferença, conseguimos identificar emoções, fatos e circunstâncias que nos encaminham para o bem, e que podem ser aproveitadas como lições valiosas. Este é o papel ocupado por pessoas que, aparentemente, surgem por acaso na nossa vida, mas que nos impulsionam para frente, realizando às vezes, cooperação mínima, porém eficiente. Em geral, são pessoas anônimas que nos indicam ser o momento propício para a nossa melhoria, ou cura, porque Jesus está passando.

3. Esquema de estudo e interpretação do Evangelho

O estudo e a interpretação do Evangelho podem ser conduzidos por meio de um esquema, simples e eficiente, que considere aspectos relevantes da mensagem evangélica.

Necessário também considerar que todos os fatos ou ensinamentos, embora se revistam de características históricas inerentes ao

tempo em que ocorreram, se refletem nos dias atuais, uma vez que os ensinamentos do Cristo são atemporais.

Na apreciação de uma passagem do Novo Testamento podemos perceber conceitos de ordem geral e, seguindo para uma verificação mais particularizada, encontramos orientações substanciadas em um versículo, numa determinada expressão ou até mesmo numa só palavra.

É importante, assim, aprender a identificar características de que as expressões e as palavras se revestem, extraindo-as da forma literal com que se apresentam.

Lugar, cargos e funções, circunstâncias, gestos, atitudes, pessoas, verbos (tempo e pessoa) são itens que possuem uma mensagem intrínseca e que não podem passar despercebidos ao estudioso do Evangelho.

3.1 Critérios históricos e geográficos

O conhecimento dos fatos históricos e das posições geográficas nos auxilia na interpretação do Evangelho, favorecendo o entendimento da sua essência espiritual.

Por exemplo, na Parábola do Bom Samaritano temos estas informações:

- » *E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele (Lc 10:30-34).*

A análise desta parábola exalta, com razão, a figura do samaritano, religioso considerado herege pelo fato de ser da Samaria e de seguir apenas os preceitos do Pentateuco moisaico. O texto destaca também que um homem fora assaltado e que outros religiosos, ao vê-lo caído na estrada, ferido e quase morto, não se dispuseram auxiliar.

Examinando as expressões que identificam pontos geográficos “Jerusalém” e “Jericó”, muito podemos apreender: Jerusalém, representa o centro das cogitações religiosas, local onde se erguia o templo

de Salomão. Assume igualmente o sentido de referência espiritual, simbolizando o ponto central do monoteísmo. A parábola revela, assim, que a nossa iniciação espiritual tem início na compreensão de Deus único, Pai e Criador supremo. Numa concepção mais ampla, Jerusalém representa marco de aquisições espirituais, obtida ao longo da nossa jornada evolutiva. A Jerusalém política, geograficamente assentada no Oriente Médio, miscigenada de tradições religiosas dogmáticas e que valorizam os cultos externos, não tem significado para quem deseja progredir espiritualmente.

Jericó, próxima de Jerusalém, era uma cidade antiga, cercada por muralhas praticamente intransponíveis.

Era conhecida, sobretudo, como célebre via de intensa movimentação comercial. Simboliza, no contexto, o campo dos interesses materiais e transitórios. Retrata o plano de sensações imediatistas que devemos abandonar. Jericó, podemos deduzir, revela o estado de queda moral do ser humano, que vive à cata de aventuras em planos vibratórios inferiores, e que se submete aos ataques das trevas, por conta e risco próprios.

Na parábola, o Mestre evidencia tanto a disposição de servir do samaritano quanto o perigo a que estamos expostos, em razão da nossa invigilância, quando “descemos” dos planos de relativo entendimento que já conquistamos para o campo de ações menos edificantes, as quais nos sujeitam ao assédio de forças inferiores.

3.2 Cargos, funções, ocupações

Na elucidação da mensagem de Jesus, reveste-se de importância o conhecimento a respeito de cargos, funções e outras ocupações exercidas pelos personagens citados nos textos evangélicos.

O seguinte exemplo é ilustrativo:

- » *E o centurião, respondendo disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra e o meu criado sarará (Mt 8:8).*

As deduções espirituais deste texto se dilatam quando percebemos que um centurião, oficial romano e, por isso mesmo, não sintonizado com os conhecimentos e condições inerentes ao povo judeu, pede um favor em benefício de outrem: não para um familiar ou amigo, mas para um criado.

Além disso, as deduções que fez, com base em suas atividades normais, não se prendendo às normas, convicções e tradições judaicas, nos mostram como é simples e natural o entendimento das coisas de Deus, quando vibra em nosso ser a vontade de ver, escutar, sentir e servir com simplicidade, humildade e amor, como o centurião testemunhou.

A observação cuidadosa das funções e dos cargos mencionados pelos evangelistas, tais como: publicanos, príncipe dos sacerdotes, procurador, pescador, e outros, proporciona, como vimos, maior amplitude à compreensão da mensagem.

3.3 Circunstâncias e fatos: sentido geral e específico

A apreciação das duas passagens evangélicas que se seguem mostra a força do aprendizado oferecido pelas circunstâncias da vida.

- » *E, Jesus chamando os seus discípulos, disse: Tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho. E os seus discípulos disseram-lhe: Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão? E Jesus disse-lhes: Quantos pães tendes? E eles disseram: Sete e uns poucos peixinhos. Então mandou à multidão que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães e os peixes e dando graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos, à multidão. E todos comeram e se saciaram, e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços (Mt 15:32-37).*

Na apreciação desta passagem, relacionada à multiplicação dos pães, notamos que o fator “circunstância” sobressai na narrativa de Mateus. Pelo fato de haver fome, Jesus pôde gravar preciosos ensinamentos para os discípulos, e para todos nós. Assim, enquanto o Senhor identificava necessidades (multidão com fome), procurando recursos para solucioná-las e aplicando medidas concretas, os discípulos apenas enxergavam barreiras e problemas, interrogando: “Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão?”

- » *E, entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco a multidão. E, quando acabou de falar, disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas lançarei a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede (Lc 5:3-6).*

A leitura desse fato põe em evidência, sem muito esforço, temas gerais que estão embutidos no ensinamento de Jesus, tais como: fé, obediência, trabalho, conhecimento. No sentido específico, ou particular, encontramos subsídios para valiosos aprendizados. Vejamos: “E, respondendo Simão disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob tua palavra, lançarei a rede”. Esclarecidos pela orientação da Doutrina Espírita, percebemos que o trabalho “de toda a noite” reflete o esforço evolutivo desenvolvido ao longo das reencarnações. Indica que, sem o entendimento evangélico, as nossas aquisições espirituais são infrutíferas, mas, tendo fé na palavra de Jesus, sempre encontramos os elementos necessários para iniciar a nossa ascensão espiritual.

O trabalho a que se refere Simão não havia oferecido os frutos que se esperavam porque fora realizado “à noite”, isto é, em meio às trevas da ignorância e da incompreensão, muitas delas ainda vinculadas ao nosso Espírito. A noite caracteriza-se por ausência de luz. É um símbolo da escuridão que ainda prepondera no nosso Espírito, indicativo dos diferentes tipos de imperfeições que albergamos. Esta situação, entretanto, pode ser alterada se decidirmos agir sob o peso da “palavra de Jesus”.

A nossa transformação moral-intelectual demonstra que não é suficiente estarmos sintonizados com a Luz. É imperioso reconhecer a nossa pequenez e adotar atitudes renovadoras resolutas, seguindo o exemplo do apóstolo Pedro. Este devotado servidor se propôs a lançar “a rede” numa demonstração de humildade e de consciente confiança no Senhor.

Ao compararmos as duas condições distintas de trabalho, antes e após o conhecimento da mensagem do Cristo, o estudo nos assinala uma das mais belas expressões de fé raciocinada, fundamentada na lógica dos enunciados de Jesus, e que inspiraram o apóstolo a se expressar: “mas sob a tua palavra lançarei a rede”.

3.4 O sentido das expressões

Continuando na análise do texto de Lucas, anteriormente citado, localizamos no versículo três o seguinte: “pediu-lhe que o afastasse um pouco da praia”.

Sabemos que Simão, sendo um pescador, utilizava o seu barco como instrumento de trabalho. Da mesma forma, nas várias posições

em que somos colocados na vida, identificamos também, em nós, e à nossa volta, recursos de ação para que possamos atuar no plano que nos é próprio. O lar é o ambiente inicial, mas que se prolonga nos centros de interesse profissional, e se configura em outras formas: nas relações sociais, nas facilidades disponíveis, nas informações que ouvimos ou sabemos, nas manifestações do falar ou do agir etc.

À medida que nos dedicamos à aquisição de valores espirituais, mais se acentua a necessidade de nos colocarmos à disposição do Cristo. Para isso, cabe-nos tão somente atender ao seu pedido: “afastar um pouco da praia”, ou seja, das cogitações materiais puramente transitórias, para que as autênticas expressões de espiritualidade, que partem das esferas mais altas, circulem entre nós, clareando os caminhos e favorecendo o entendimento da Boa-Nova.

O afastamento da “praia”, porém, não pode ser demasiado para que não se percam as possibilidades de auxílio a quantos possam, por nosso intermédio, ser beneficiados pela bondade do Criador, conforme se deduz da colocação de Jesus.

Além do mais, as coisas materiais são úteis à ação do Espírito desde que não se viva em função delas.

3.5 O sentido das palavras

Analisemos, ainda, nesse texto de Lucas os dois significados do verbo “lançar”: no primeiro momento Jesus utiliza a forma imperativa (“lançai as vossas redes para pescar”); no segundo, Pedro emprega o tempo futuro do modo indicativo (“sob a tua palavra lançarei a rede”). O imperativo existente na frase de Jesus indica a sua autoridade moral que determina usemos dos nossos valores para “pescar” benefícios espirituais. Já o “lançarei” de Pedro aponta para uma possibilidade de algo vir a contecer.

Esclarecidos pelas verdades da Doutrina Espírita, percebemos que o Evangelho concita-nos a lançar a nossa rede. Lançar é agir, movimentar mais além.

Não há construção de vida consciente sem que apliquemos todas as nossas possibilidades em busca da realização de alguma coisa útil. Cabe, pois, a cada um acionar tais valores sob a inspiração do Cristo, porque, se o esclarecimento ou informação nos auxiliam de fora para dentro, cada ação edificante é um passo efetivo no esforço evolutivo a iniciar-se no campo íntimo de cada um. É preciso que cada um acione tais valores sob a inspiração do Cristo.

No mesmo texto podemos ainda destacar, igualmente: “barco”, instrumento de trabalho de Simão, traz a ideia de posição, de local que contém todos os valores reunidos no trânsito pelos “mares” da vida. “Redes”, “peixes”, “colheram” e outras palavras, contidas na citação de Lucas, são vocábulos igualmente portadores de muitas ideias, cujo entendimento imprime esforço de renovação com o Cristo.

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 108 (Reencarnação), p. 231.
2. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 42 (Sempre vivos), p. 99.

Orientações ao monitor

Formar pequenos grupos de estudo para exercitar a localização de passagens bíblicas.

METODOLOGIA PARA O ESTUDO DO EVANGELHO À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Roteiro 5

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS EVANGÉLICOS

Objetivos

- » Realizar exercícios de interpretação de textos evangélicos, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » A interpretação espírita do *Novo Testamento* tem como base *O evangelho segundo o espiritismo* que traça uma diretriz segura, em espírito e verdade, para o estudo da *Boa-Nova*.
- » *A Parábola do Semeador* (Mc 4:3-9), ensinada por Jesus, foi também por ele interpretada (Mc 4:14-20), atendendo ao pedido dos apóstolos. (Mc 4:10-13.)
- » *A Parábola da Figueira que Secou* (Mc 11:12-14; 20-23) foi interpretada por Allan Kardec em *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XIX, item 9.
- » O Espírito Emmanuel é um estudioso do Evangelho de Jesus, e em seus livros encontramos tanto interpretações gerais quanto análises detalhadas.

Subsídios

1. Saber localizar o texto no livro bíblico

É necessário saber localizar na *Bíblia* os textos que se deseja interpretar. Neste sentido, é importante recordar que os livros do *Velho Testamento* e do *Novo Testamento* estão divididos em capítulos e versículos. Os capítulos são textos maiores, que se encontram subdivididos em versículos, numerados sequencialmente, a fim de facilitar sua consulta e estudo. É variável o número de capítulos de um livro ou de versículos nos capítulos. O Evangelho de Mateus, por exemplo, está dividido em 28 capítulos, o capítulo 3 tem 17 versículos e o capítulo 26 tem 75.

No programa *Ensinos e Parábolas de Jesus* estaremos utilizando textos da *Bíblia* da tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida, de 1995, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Sabemos que a *Bíblia* está dividida em duas partes: *Velho Testamento* (V. T.) e *Novo Testamento* (N. T.). O Velho Testamento contém livros que tratam das *leis*, das *profecias*, da *história* e da *sabedoria*. O Novo Testamento possui: a) quatro interpretações do Evangelho de Jesus, segundo Mateus (Mt), Marcos (Mc), Lucas (Lc) e João (Jo); b) os Atos ou Atos dos Apóstolos (redigidos por Lucas); c) Epístolas ou Cartas: catorze de Paulo, uma de Tiago, duas de Pedro, três de João e uma de Judas Tadeu; d) Apocalipse ou Revelação de João Evangelista.

Normalmente a indicação de um trecho do Evangelho é feita, por extenso ou abreviada, na seguinte ordem: nome do livro, número do capítulo e do versículo. Assim: *Marcos*, 10:4 ou *Mc* 10:4 que expressa: Evangelho de Marcos, capítulo 10, versículo 4.

Algumas traduções inserem referências após o título do capítulo, indicando que este assunto está repetido em outro livro do Evangelho, exemplo: *A Vocação de Mateus*, ou *O chamado de Mateus* (Mt 9: 9-13), é também relatada em *Marcos*, 2:13-14 e em *Lucas*, 5:27-28.

Outras versões, como a *Bíblia de Jerusalém*, possuem um sistema de referências mais detalhado: a) relacionam assuntos ou ideias existentes em um mesmo livro; b) explicam o significado de palavras ou expressões.

A referência de ideias existentes num mesmo livro é feita mediante a inscrição de pequenos números no desenvolvimento da narrativa — colocados à margem direita ou esquerda da página. Veja o exemplo:

- » Em Mt 6:1 está escrito, na *Bíblia de Jerusalém*, assim:
 - a) *Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Se o fizerdes, não recebereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus* (23,5 Lc 16:14-15, Jo 5:4).
- » Interpretação: os números 23,5 — colocados à direita — indicam que há ideias semelhantes no capítulo 23, versículo 5 deste mesmo livro (Evangelho de Mateus). As referências de Lc 16:14-15 e Jo 5:44, também citadas à margem direita, indicam que o mesmo assunto é encontrado, respectivamente, no Evangelho de Lucas, cap. 16, vers. 14-15, e no Evangelho de João, cap. 5, vers. 44. Observamos, igualmente, neste exemplo (Mt 6:1), que ao final da palavra justiça há uma letra “b” sobrescrita. Em nota de rodapé, a *Bíblia de Jerusalém* explica o sentido desta palavra:

b) *Lit.: “fazer a vossa justiça” (var.: “dar esmola”), isto é, praticar as boas obras que tornam o homem justo diante de Deus. Na opinião dos judeus, as principais eram a esmola (vv. 2-4), a oração (vv 5-6) e o jejum (vv. 16-18).*

Em outros textos, do Velho ou do Novo Testamento, encontramos um numeral que antecede a ordem cronológica de um escrito. Este número indica que há mais de um texto redigido por um mesmo autor. Veja os exemplos.

- » I CORÍNTIOS, 3:1-11 (I Co 3:1-11) significa: primeira epístola de Paulo aos coríntios, capítulo três, versículos um a onze.
- » III JOÃO, 1-15 (III Jo 1-15). A leitura é: terceira epístola de João, versículos um a quinze. Observa-se que esta epístola não tem capítulos.
- » ATOS DOS APÓSTOLOS, 6:1-7 (At 6:1-7). Leitura: Atos dos Apóstolos, capítulo seis, versículos um a sete. A numeração de Atos é semelhante à forma existente nas quatro versões do Evangelho: são 28 capítulos, subdivididos em versículos.

2. Interpretação do Novo Testamento

A interpretação espírita do Novo Testamento tem como base *O evangelho segundo o espiritismo* que traça uma diretriz segura, em espírito e verdade.

A mensagem de Jesus é entendida como valiosa ação de “higienização” do nosso campo mental, constituindo-se em divino recurso para a construção dos nossos legítimos sentimentos de realização no Bem. Apresenta-se, também, como trabalho reeducador que deve estar presente nos nossos processos de libertação espiritual.

A mensagem evangélica não comporta, pois, apenas leituras ou comentários de superfície. O Evangelho de Jesus necessita ser apreendido, assimilado e acima de tudo vivido. A propósito, assim se expressa Emmanuel:

A lição do Mestre, além disso, não constitui tão somente um impositivo para os misteres da adoração. O Evangelho não se reduz a brevíssimo para o genuflexório. É roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência. O Cristo não estabelece linhas divisórias entre o templo e a oficina. Toda a Terra é seu altar de oração e seu campo de trabalho.²

3. Exemplos de interpretação de textos evangélicos

A *Parábola do Semeador* (Mc 4:3-9), foi ensinada e interpretada por Jesus, atendendo pedido dos apóstolos (Mc 4:10-13).

Apresentamos, em seguida, os dois textos evangélicos: a parábola e a sua interpretação.

Parábola do Semeador

Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear; e aconteceu que, semeando ele, uma parte da semente caiu junto do caminho, e vieram as aves do céu, e a comeram; E outra caiu sobre pedregais, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque não tinha terra profunda; Mas, saindo o sol, queimou-se; e, porque não tinha raiz, secou-se. E outra caiu entre espinhos e, crescendo os espinhos, a sufocaram e não deu fruto. E outra caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu; e um produziu trinta, outro sessenta, e outro cem (Mc 4:3-9).

A Parábola do Semeador interpretada por Jesus

E, quando se achou só, os que estavam junto dele com os doze interrogaram-no acerca da parábola. E ele disse-lhes: A vós vos é dado saber os mistérios do reino de Deus, mas aos que estão de fora todas essas

coisas se dizem por parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam, para que se não convertam, e lhes sejam perdoados os pecados. E disse-lhes: Não percebeis esta parábola? Como, pois, entenderéis todas as parábolas? O que semeia semeia a palavra; e os que estão junto ao caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; mas, tendo eles a ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que foi semeada no coração deles. E da mesma sorte os que recebem a semente sobre pedregais, que, ouvindo a palavra, logo com prazer a recebem; mas não têm raiz em si mesmos; antes, são temporãos; depois, sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam. E os outros são os que recebem a semente entre espinhos, os quais ouvem a palavra; mas os cuidados deste mundo, e os enganos das riquezas, e as ambições de outras coisas, entrando, sufocam a palavra, e fica infrutífera. E os que recebem a semente em boa terra são os que ouvem a palavra, e a recebem, e dão fruto, um, a trinta, outro, a sessenta, e outro, a cem, por um (Mc 4:10-20).

Já a *Parábola da Figueira que Secou* (Mc 11:12-14; 20-23) foi interpretada por Allan Kardec, em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XIX, item 9.

A Parábola da Figueira que Secou

E, no dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. Vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos. E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. e os seus discípulos ouviram isso. E eles, passando pela manhã, viram que a figueira se tinha secado desde as raízes. E Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Mestre, eis que a figueira que tu amaldiçoaste se secou. E Jesus, respondendo, disse-lhes: Tende fé em Deus, porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito.

Allan Kardec interpreta esta parábola da seguinte forma:

A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, revelem, quando perscrutadas, algo de substancial

para os corações. [...] Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida. O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, porquanto dia virá em que se acharão secas até à raiz.¹

O ensinamento evangélico sobre o *lançamento da rede pelo lado direito do barco* (Jo 21:6) é interpretado por Emmanuel no livro *Caminho, verdade e vida*.

Lançamento da rede

E Ele lhes disse: Lançai a rede à direita do barco e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes (Jo 21:6).

Emmanuel interpreta, em linhas gerais este ensino, conforme as seguintes explicações contidas no seu livro *Caminho, verdade e vida*.

Figuradamente, o Espírito humano é um pescador dos valores evolutivos, na escola regeneradora da Terra. A posição de cada qual é o barco. Em cada novo dia, o homem se levanta com a sua rede de interesses. Estaremos lançando a nossa rede para a banda direita? Fundam-se os nossos pensamentos e atos sobre a verdadeira justiça? Convém consultar a vida interior, em esforço diário, porque o Cristo, nesse ensinamento, recomendava, de modo geral, aos seus discípulos: Dedicai vossa atenção aos caminhos retos e achareis o necessário.³

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 19, item 9, p. 303.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução, p. 15.
3. _____. _____. Cap. 21 (Caminhos retos), p. 58.

Orientações ao monitor

Favorecer a participação efetiva do grupo durante a apresentação dos exemplos, desenvolvendo, assim, a capacidade de interpretar textos evangélicos. Exercitar a interpretação da mensagem cristã por meio de outros exemplos retirados do livro *Caminho, verdade e vida*, de autoria de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, publicação da FEB.

EADE LIVRO II | MÓDULO II

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 1

AS BEM-AVENTURANÇAS

Objetivos

- » Explicar as bem-aventuranças à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » As bem-aventuranças fazem parte dos ensinamentos proferidos por Jesus no *Sermão do Monte*.

Tais ensinamentos, de uma beleza sem par e de uma profundidade que abarca todas as lições evangélicas, têm as características da prática da vida, com sabor pessoal para cada um de nós, desde que entendidos em sua alta significação espiritual. A interpretação não deve ser literal, porque “a letra mata, mas o espírito vivifica” [...]. Assim, “pobres de espírito”, “terra”, “mansos”, “reino dos Céus”, “justiça” e tantas outras expressões não devem ser entendidas na sua acepção literal hodierna, porque perderam seu primitivo sentido, pelo decurso dos séculos e em função das traduções imperfeitas. Juvanir Borges de Souza: Tempo de renovação. Cap. 43, p. 322-323.

Subsídios

1. Texto evangélico

Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; e, abrindo a boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres de espírito, por que deles é o reino dos Céus; bem-aventurados os que choram, por que eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, por que deles é o reino dos Céus; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós (Mt 5:1-12).

As “bem-aventuranças” constituem um extraordinário cântico de amor e de compaixão dirigido, em especial, aos sofredores, oferecendo-lhes a esperança de dias melhores. Neste contexto, o espírito e todas as pessoas que já exercitam “os olhos de ver”, encontram nelas uma rota de redenção espiritual.

A multidão a quem Jesus se dirige são os cansados e os oprimidos pelo peso das provações que, esperançosos, aguardam o momento de melhoria evolutiva com o Cristo.

Considerando o texto evangélico, registra Humberto de Campos:

Difundidas as primeiras claridades da Boa-Nova, todos os enfermos e derrotados da sorte, habitantes de Corazim, Magdala, Betsaida, Dalmanuta e outras aldeias importantes do lago enchiam as ruas de Cafarnaum em turbas ansiosas. Os discípulos eram os mais visados pela multidão, por motivo do permanente contato em que viviam com o seu Mestre. [...] Todos queriam o auxílio de Jesus, o benefício imediato da sua poderosa virtude.⁶

Para esses Espíritos, saturados de sofrimento, quanto para nós, aplicam-se os esclarecimentos que Jesus transmitiu a Levi:

Precisamos amar e aceitar a preciosa colaboração dos vencidos do mundo!... Se o Evangelho é a Boa-Nova, como não há de ser a mensagem divina para eles, tristes e deserdados na imensa família humana? Os vencedores da Terra não necessitam de boas notícias. Nas derrotas da sorte, as criaturas ouvem mais alto a voz de Deus [...]. Quem governa o mundo é Deus. [...] e o amor não age com inquietação.⁷

Mais adiante, continua Jesus em suas elucidações ao apóstolo:

Até que a esponja do Tempo absorva as imperfeições terrestres, através de séculos de experiência necessária, os triunfadores do mundo são pobres seres que caminham por entre tenebrosos abismos. É imprescindível, pois, atentemos na alma branda e humilde dos vencidos. Para os seus corações Deus carrega bênçãos de infinita bondade. Esses quebraram os elos mais fortes que os acorrentavam às ilusões e marcham para o Infinito do amor e da sabedoria. O leito de dor, a exclusão de todas as facilidades da vida, a incompreensão dos mais amados, as chagas e as cicatrizes do espírito são luzes que Deus acende na noite sombria das criaturas. Levi, é necessário amemos intensamente os desafortunados do mundo. Suas almas são a terra fecundada pelo adubo das lágrimas e das esperanças mais ardentes, onde as sementes do Evangelho desabrocharão para a luz da vida.⁸

2. Interpretação do texto evangélico

» *Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os discípulos (Mt 5:1).*

Quem, efetivamente, deseja ajudar necessita “elevar-se”. Elevação que define segurança, autoridade, sem perda da humildade. A subida ao monte indica esforço, capacitação, saber colocar-se acima, isto é, com humildade e adequação, em nível de entendimento dos que necessitam de auxílio e de esclarecimentos.

No ato de “assentar-se”, o Mestre promove o necessário ajuste vibracional para que ocorra uma melhor e efetiva possibilidade de atender à grande massa que se eleva, pelos fios da fé e da esperança, estabelecendo-se, então, vigoroso processo de sintonia.

Vemos na frase: “aproximaram-se os discípulos”, a capacidade de saber valer-se das boas oportunidades, oferecidas pelas circunstâncias, em razão da misericórdia divina. É no campo fértil das ocorrências diárias que se manifestam as bênçãos do Criador em favor das criaturas, canalizando recursos de aprendizagem, necessários ao trabalho de crescimento espiritual. O aprendizado dos discípulos foi veiculado por Jesus que, aproveitando as circunstâncias, os orientou com sabedoria.

» *E, abrindo a boca, os ensinava, dizendo (Mt 5:2).*

A boca, além da função ligada à ingestão de alimentos e ao início do processo digestivo, é o instrumento de manifestação da palavra. Neste sentido, os ensinamentos de Jesus derramavam amor e profundas vibrações de consolação à multidão, além de estimularem valiosas induções ao estudo e ao trabalho naqueles que se mantinham sintonizados com as suas orientações. O esclarecimento emoldurado pelo carinho, pelo envolvimento afetivo de Jesus, tocava a quantos já se achavam predispostos às mudanças, empenhados na própria melhoria espiritual.

Vemos, assim, que a fala é o mais importante veículo de comunicação educativa de que dispomos. Com a fala denegrimos, caluniamos, ironizamos, amaldiçoamos, abençoamos ou ensinamos, educamos...

A palavra ilumina, convence, edifica, converte. Ela penetra o recesso das consciências, sonda o abismo dos corações. Não há poder que a detenha, não há força que a neutralize: basta que seja a expressão da verdade.⁵

» *Bem-aventurados os simples porque deles é o reino dos Céus (Mt 5:3).*

Bem-aventurados é uma expressão de Jesus que significa “os felizes”, sob o aspecto espiritual. Do ponto de vista material, porém, está mais relacionada às pessoas que possuem bens, poder ou posição de destaque na sociedade.

Por pobres de espírito Jesus não entende os baldos de inteligência, mas os humildes, tanto que diz ser para estes o reino dos Céus e não para os orgulhosos.

Os homens de saber e de espírito, no entender do mundo, formam geralmente tão alto conceito de si próprios e da sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de lhes merecer a atenção. Concentrando sobre si mesmos os seus olhares, eles não os

podem elevar até Deus. Essa tendência, de se acreditarem superiores a tudo, muito amiúde os leva a negar aquilo que, estando-lhes acima, os depreciaria, a negar até mesmo a Divindade. Ou, se condescendem em admiti-la, contestam-lhe um dos mais belos atributos: a ação providencial sobre as coisas deste mundo, persuadidos de que eles são suficientes para bem governá-lo. Tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a tudo compreender, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem. [...] Dizendo que o reino dos Céus é dos simples, quis Jesus significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a *simplicidade de coração e humildade de espírito*; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que dele afastam a criatura, e isso por uma razão muito natural: a de ser a humildade um ato de submissão a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele. Mais vale, pois, que o homem, para felicidade do seu futuro, seja *pobre de espírito*, conforme o entende o mundo, e rico em qualidades morais.²

A expressão “reino dos Céus” merece maiores esclarecimentos.

Durante muito tempo, o vocábulo “céu” foi entendido como um lugar circunscrito. Esta concepção é ainda alimentada por muitos, que costumam delimitá-lo, como regiões superiores dos planos espirituais. “Céus” (no plural ou singular) sugere a ideia de plano mais elevado. As faixas inferiores (“inferno”), por sua vez, são os campos vibracionais trevosos, infelizes.

Podemos nos ligar às vibrações superiores quando nosso Espírito se vincula aos componentes da paz e da segurança, no alicerce da humildade operante. Compreendemos, então, que “céu” ou “inferno” são estados de alma, resultantes da harmonia ou dos desequilíbrios íntimos.

Operar nos “céus” significa educar-se, renovar-se, desenvolvendo a capacidade de elevar-se, de forma que o estado de bem-aventurança se torne uma realidade.

» *Bem-aventurados os que choram porque serão consolados* (Mt 5:4).

A marginalização era, a época de Jesus, vala comum na comunidade dos pobres e desvalidos. A austeridade da lei moisaica cede lugar à misericórdia, sufocada pela intolerância político-religiosa.

Os que choram são considerados bem-aventurados porque as lágrimas que derramam funcionam como uma catarse, jamais como manifestação de desespero. Neste sentido esclarece Emmanuel:

Podemos classificar o sofrimento do Espírito como a dor-realidade e o tormento físico, de qualquer natureza, como a dor-ilusão.

Em verdade, toda dor física colima o despertar da alma para os seus grandiosos deveres, seja como expressão expiatória, como consequência dos abusos humanos, ou como advertência da natureza material ao dono de um organismo.

Mas, toda dor física é um fenômeno, enquanto que a dor moral é essência.

Daí a razão por que a primeira vem e passa, ainda que se faça acompanhar das transições de morte dos órgãos materiais, e só a dor espiritual é bastante grande e profunda para promover o luminoso trabalho do aperfeiçoamento e da redenção.⁸

A consolação, referida pelo texto evangélico, é mais do que uma palavra, atitude de reconforto ou simples balsamização. Representa uma oportunidade de trabalho em benefício dos que sofrem por promover a vivência da caridade.

» *Bem-aventurados os mansos por que herdarão a Terra (Mt 5:5).*

A inteligência e a lucidez da mensagem do Evangelho não pretendem apontar os mansos como passivos ou apáticos. Os mansos são aqueles que têm aberto o coração às claridades espirituais. São os que atendem aos chamamentos da mansuetude, no trabalho incessante do bem. São pessoas que abrem mão de padrões personalístico em favor da doação de valores que, por certo, agasalharão os filhos do calvário, ao influxo da verdadeira solidariedade.

Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Condena, por conseguinte, a violência, a cólera e até toda expressão descortês de que alguém possa usar para com seus semelhantes.³

A promessa de que os mansos herdarão a Terra, tem expressivas conotações, já que herança é receber algo por sucessão.

A humanidade da Terra recebe, como legado da Bondade superior, a vivência no orbe para desfrutar dos seus benefícios materiais e espirituais. A marcha evolutiva revela que, por força do aprendizado

espiritual, quanto mais a pessoa compreende, menos quer, menos possui e mais desfruta da vida: são os altruístas e os desprendidos que confiam nas promessas do Cristo.

O legado do Cristo é a mensagem de amor, consubstanciada no seu Evangelho. Desta forma, torna-se necessário, para sermos felizes, seguir as suas orientações como um roteiro de vida.

- » *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão fartos (Mt 5:6).*

A lei de causa e efeito concede, aos que não conseguem ajustar-se ao bem, angústias, dores e frustrações. Neste sentido, os que têm fome e sede de justiça surgem no cenário reencarnatório como os antigos infratores da lei de Deus. Equivocados nas suas experiências passadas, renascem oprimidos, cansados, famintos e sedentos da Justiça divina a fim de que possam reajustar sua caminhada evolutiva.

Esclarece Allan Kardec, a propósito:

A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura.

Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Põe-se então o homem a dizer: “Se no começo dos meus dias eu soubera o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! *Se houvesse de recomeçar*, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!”. Como o obreiro preguiçoso, que diz: “Perdi o meu dia”, também ele diz: “Perdi a mi-

nha vida”. Contudo, assim como para o obreiro o sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.¹

O brado dos famintos e sedentos de justiça dimana do anseio por uma vida feliz, embora, nem sempre sejam merecedores do atendimento ao que almejam. É por este fio de esperança, no entendimento e equacionamento das causas de seus sofrimentos, pela adesão ao esforço de melhoria interior, que eles acabarão por alcançar a condição de fartos.

- » *Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão a misericórdia (Mt 5:7).*

Ser misericordioso é proposta abençoada para quantos, identificados com o imperativo da colaboração e da caridade, são convocados a aplicá-la no seu dia a dia. Os Espíritos superiores nos esclarecem:

A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas.⁴

Sendo assim, a capacidade para amar e operar no bem está na base de todo o sistema de elevação para Deus.

Humberto de Campos nos informa o que é ser misericordioso:

Bem-aventurados os misericordiosos, que se compadecem dos justos e dos injustos, dos ricos e dos pobres, dos bons e dos maus, entendendo que não existem criaturas sem problemas, sempre dispostos à obra de auxílio fraterno a todos, porque no dia de visitação da luta e da dificuldade receberão o apoio e a colaboração de que necessitem.¹¹

Se somos carentes de misericórdia, precisamos, para recebê-la, exercê-la com parentes, amigos e inimigos, superiores e subalternos, porque “é dando que se recebe”, ou seja, o que oferecemos à vida, a vida nos restitui. Praticando o perdão, experimentamos o consolo de sermos perdoados. Situados como devedores perante a Lei, a misericórdia por nós operada voltará em nosso benefício, atenuando, por sua vez, os nossos débitos.

- » *Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus (Mt 5:8).*

Os limpos de coração são os que não possuem manchas morais, são os puros. O esforço de purificação, desenvolvido ao longo das reencarnações, é o objetivo essencial daqueles que se encontram conscientes da necessidade de aperfeiçoamento espiritual. Uma superfície limpa é capaz de refletir a luz. Quanto mais límpida mais nítido é o reflexo. Da mesma forma, um coração puro reflete a Luz divina.

A má utilização do livre-arbítrio nos macula, fazendo com que gravitemos ao redor de Espíritos impuros, em razão da lei de afinidade. Pela assepsia de pensamentos como pela seleção de atitudes, nos tornamos pessoas melhores.

Um coração limpo é, no dizer evangélico, o sentimento destituído de maldade, capaz de perceber, sentir e operar no bem pela prática da caridade. Para tanto, é importante se ajustar aos princípios evangélicos e espíritas, incorporando-os como regra de conduta. Um coração limpo reflete, sempre, a grandeza e a bondade do Criador.

Em síntese:

Bem-aventurados os limpos de coração que projetam a claridade de seus intentos puros sobre todas as situações e sobre todas as coisas, porque encontrarão a “parte melhor” da vida, em todos os lugares, conseguindo penetrar a grandeza dos propósitos divinos.¹⁰

» *Bem-aventurados os pacificadores porque eles serão chamados filhos de Deus (Mt 5:9).*

Há uma diferença fundamental entre “pacífico” e “pacificador”. Pacífico é um amigo da paz. Pacificador é aquele que, além de pacífico, trabalha, age, em favor da paz. O pacífico, às vezes, pode ser passivo. O pacificador, necessariamente, tem que ser ativo, atuante.

Jesus, aceitando, por amor, a cruz do calvário, revelou-se pacífico. Perdoando os algozes, os agentes da crucificação, tornou-se pacificador.

Sabemos que Deus é Pai de todos nós, mas, por orgulho ou amor próprio, nem sempre o homem reconhece a paternidade divina. À medida, porém, que se estreitam os laços entre a criatura e o Criador, passamos a nos ver como irmãos. Tomamos consciência, assim, da posição de “filho de Deus”. A pessoa que trabalha na redução de dificuldades e de discórdias, produz paz e entendimento entre os homens. Reflete o pensamento divino, no campo em que está posicionado,

agindo como verdadeiro filho, ao honrar, com todos os méritos, o Pai de bondade e misericórdia.

O trabalho de pacificação deve ser inspirado num profundo amor aos semelhantes, livre de amarras do sentimentalismo, desenvolvido por uma mentalidade esclarecida e equilibrada, que só se manifesta plenamente quando alicerçada na paz.

Bem-aventurados os pacificadores que toleram sem mágoa os pequenos sacrifícios de cada dia, em favor da felicidade de todos, que nunca atacam o incêndio da discórdia com a lenha da injúria ou da rebelião, porque serão considerados filhos obedientes de Deus.¹⁰

» *Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus (Mt 5:10).*

Em nosso mundo, raramente acatamos o código de justiça trazido por Jesus, ilustrado com os próprios exemplos. O discípulo fiel, porém, deve insistir na vivência do Evangelho, ainda que sob o peso de sacrifícios.

Bem-aventurados os que sofrem a perseguição ou a incompreensão, por amor à solidariedade, à ordem, ao progresso e à paz, reconhecendo, acima da epiderme sensível, os sagrados interesses da humanidade, servindo sem cessar ao engrandecimento do espírito comum, porque, assim, se habilitam à transferência justa para as atividades do plano superior.¹⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 5, item 5, p. 100.
2. _____. _____. Cap. 7, item 2, p. 133-134.
3. _____. _____. Cap. 9, item 4, p. 161.
4. _____. _____. Cap. 10, item, p. 170.
5. VINÍCIUS. *Em torno do mestre*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Segunda parte, Cap. A palavra, p. 295.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11 (O sermão do monte), p. 74.
7. _____. _____. p. 76.

8. _____. _____. p. 77-78.
9. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 239, p. 144.
10. _____. *Relicário de luz*. Por diversos Espíritos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. Versão moderna (mensagem do Irmão X), p. 62.

Orientações ao monitor

Complementar o estudo das bem-aventuranças com os esclarecimentos existentes em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulos V, VII a X. Utilizar, também, como recurso didático, o texto do Irmão X, intitulado *Versão moderna*, existente no livro *Cartas e crônicas*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, capítulo 39, p. 175-177, edição FEB.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 2

DISCÍPULOS: SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO

Objetivos

- » Interpretar, à luz do Espiritismo, a citação evangélica que informa serem os discípulos do Cristo o sal e a luz do mundo.

Ideias principais

- » Jesus afirma que os seus discípulos são o “sal da terra” porque, ao viverem a mensagem cristã em sua plenitude, conseguem dar sabor à vida, temperando-a com os valores das virtudes morais.
- » Afirma, igualmente, o Mestre que os praticantes de seus ensinamentos são a “luz do mundo”, os que afastam as trevas reinantes. Somente o Evangelho é [...] *a luz que ilumina, que dá significado à Vida e a valoriza*. Richard Simonetti: *A voz do monte*, p. 62.

Subsídios

1. Texto evangélico

Vós sois o sal da terra; se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa Luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus (Mt 5:13-16).

É interessante observar que este texto está posicionado logo após as bem-aventuranças, levando-nos a interpretar que Jesus, após levantar o ânimo dos caídos, se dirige aos discípulos que o acompanhavam para apontar-lhes responsabilidades e conscientizá-los quanto aos compromissos que deveriam assumir como seus colaboradores diretos.

Vós sois o sal da terra. Singular analogia. Que relação haverá entre o sal e os discípulos do Senhor? Que pretenderia o Mestre dizer com essas palavras?

Vejam, segundo abalizada autoridade, o papel que o sal representa em nosso meio: O sal é um mineral precioso, difusamente espalhado em nosso globo, segundo as necessidades previstas pela natureza.

Nós o vemos em abundância desde as camadas secas, cristalizadas em certas regiões, até a formidável quantidade que dele se encontra diluída nessa massa enorme de água de que se compõem diversos lagos e todos os mares de nosso orbe. A influência que o sal exerce em nosso organismo, para lhe manter o equilíbrio fisiológico, é de capital importância, dependendo de seu indispensável concurso a manutenção de nosso bem-estar físico.

Examinado sobre outro aspecto, a Química nos ensina que onde quer que o encontremos, seja na terra ou no mar, ele é sempre o mesmo: inalterado, inalterável. Dotado de qualidades essencialmente conservadoras, mantém-se incorruptível, preservando ainda os corpos que com ele entram em contato.

Eis aí precisamente o que quer Jesus que sejam seus discípulos: elementos preciosos, de grande utilidade na economia social, tipos de

honestidade, incorruptíveis e preservadores da dissolução moral no meio em que se encontrarem. Ele quer, em suma, que seus discípulos se distingam na esfera espiritual pelos mesmos predicados por que se distingue o sal no plano físico.⁵

2. Interpretação do texto evangélico

» *Vois sois o sal da terra* (Mt 5:13).

Na condição de condimento, o sal deve ser utilizado de maneira adequada, de modo balanceado. Se utilizado abaixo da quantidade necessária torna a alimentação insípida, se em doses altas torna a alimentação excessivamente salgada.

Semelhantemente, o aprendiz e o auxiliar dos núcleos espíritas devem agir, junto às pessoas com necessidades ou sofrimentos, de forma comedida, discreta, equilibrada e temperante. A imagem do sal é a de um componente que explicita essa postura no campo do trabalho que nos é disponibilizado pelo Plano Maior. Simboliza o imperativo do equilíbrio, principalmente das emoções, assim como a utilização dos valores morais e intelectuais de que já dispomos com segurança, a fim de que possamos cooperar de modo coerente e eficiente, na tarefa que nos é confiada.

Outro aspecto que o sal sugere é o da conservação, pois o ensino de Jesus deve permanecer inalterável.

Por tudo o que representa, o Evangelho é de aplicação indispensável para dar sabor à existência, tornando-a saudável e feliz. Sem ele a Vida fica insípida; sem atrativos, monótona, tediosa, complicada, ainda que as circunstâncias sejam as mais favoráveis, ainda que a aparência seja magnífica. [...] Em verdade, nada na existência terá sabor de felicidade autêntica; nenhuma associação humana, seja no lar, no trabalho, na comunidade, se fará com equilíbrio e proveito; jamais estaremos em paz com a própria consciência, sem uma pitada de Evangelho em tudo o que fizermos, o que significa o empenho de aplicar, de conformidade com as circunstâncias, um pouco de tolerância, um pouco de carinho, um pouco de bondade, um pouco de sacrifício, um pouco de renúncia em favor do semelhante.²

» *Ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens* (Mt 24:13).

Se o sal for destituído do seu componente ativo, torna-se insosso. No sentido espiritual, a pessoa que se desperta para o Cristo é ativa. Não se abate perante os fracassos e enfrenta com bom ânimo os desafios da vida. Só quem se nutre desta dinâmica incansável consegue atingir as metas delineadas, como nos adverte o Evangelho: “Aquele, que perseverar até o fim será salvo” (Mt 24:13).

Se o sal se tornasse insípido, isto é, se perdesse as qualidades especiais que o caracterizam, tornar-se-ia de todo imprestável, visto como não se poderia aplicar a outras funções além daquela que lhe é essencialmente própria.

Outro tanto sucede com relação à fé que faz o cristão. Se ela se desnatura dos predicados que a exornam, tornar-se-á de todo anódina, inválida, inútil.

A religião que não promove o aperfeiçoamento do espírito, que não constrói, e não consolida o caráter do homem, não é religião: é sal insípido que, mais cedo ou mais tarde, cairá fatalmente no desprezo.⁷

Se os discípulos do Cristo são o “sal da terra” não devem se tornar “insípidos”, isto é, corruptíveis ou contaminados pelas influências inferiores que os afastam da vivência do Evangelho.

O legítimo servidor do Senhor, onde quer que se encontre, está sempre orando e vigiando para não cair em tentações.

Não permanece um instante inativo: age sempre. Dá-se a conhecer como as árvores, pelos frutos que produz, isto é, pela ação que exerce. Não se oculta: é uma revelação permanente. Pelo exterior, pode confundir-se com outros minerais; mas, entrando-se em relação com ele, sua essência revela-se pronta e distintamente. Nunca assimila as impurezas de outrem; transmite invariavelmente seu poder purificador. Não se macula ainda que mergulhado na imundície. Sai ileso de todas as provas, vence em toda a linha. Tem uma função determinada, precisa, distinta, inconfundível. No exercício dessa função está todo o seu valor, toda a sua incomparável importância.⁶

» *Vós sois a luz do mundo* (Mt 5:14).

Esta afirmativa evidencia, mais uma vez, a proposta educacional. A própria evolução dos seres é um caminho que vai das trevas para a luz.

A luz é o ponto de referência, também, do sistema evolucionar que se irradia por todo o universo. No Planeta, é, em nome do Criador,

a dispensadora dos recursos da vida . Nos planos mais profundos da alma é o foco clareador da mente em suas nuances de razão e sentimento, garantindo esclarecimento, segurança e reconforto.

Posicionados como aprendizes de Jesus, os discípulos sinceros serão sempre os elementos refletos, de maior ou menor limpidez, da luz soberana que irradia, em plenitude, do próprio Cristo.

Neste sentido, a questão 622 de *O livro dos espíritos*, propõe:

“Confiou Deus a certos homens a missão de revelarem a sua lei?”

Os Espíritos veneráveis esclarecem: “Indubitavelmente. Em todos os tempos houve homens que tiveram essa missão. São Espíritos superiores, que encarnam com o fim de fazer progredir a humanidade”.¹

» *Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte (Mt 5:14).*

Diante da multidão sofrida que caminha em sua marcha evolutiva, é importante que aqueles que mais sabem não guardem consigo o conhecimento adquirido. Este conhecimento precisa ser espalhado, compartilhado com os irmãos em humanidade. São conquistas grandiosas que não podem ser escondidas ou guardadas egoisticamente.

Iniciados na luz da Revelação Nova, os espiritistas-cristãos possuem patrimônios de entendimento muito acima da compreensão normal dos homens encarnados. Em verdade, sabem que a vida prossegue vitoriosa, além da morte; que se encontram na escola temporária da Terra, em favor da iluminação espiritual que lhes é necessária; [...] que toda oportunidade de trabalho no presente é uma bênção dos Poderes divinos; que ninguém se acha na Crosta do Planeta em excursão de prazeres fáceis, mas, sim, em missão de aperfeiçoamento; [...] que a existência na esfera física é abençoada oficina de trabalho, resgate e redenção e que os atos, palavras e pensamentos da criatura produzirão sempre os frutos que lhes dizem respeito, no campo infinito da vida.⁹

» *Nem se acende uma candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa (Mt 5:15).*

Jesus compara os seus ensinamentos como a luz que afugenta as trevas.

É a luz que ilumina, que dá significado à Vida e a valoriza, mas, se procurarmos em suas lições apenas conforto e bem-estar para nós,

sem compreender o seu apelo maior, convocando-nos à Fraternidade, então sua claridade ficará aprisionada no vaso do egoísmo e de nada valerá, pois, apesar de detê-la continuaremos na escuridão de nossas mazelas.³

A luz simboliza o esclarecimento, a orientação, o processo educativo, capazes de nos transformar para melhor, nos libertando do vale de lágrimas e de dores onde, usualmente, estamos relegados.

A candeia deve ser colocada, não debaixo do alqueire, encoberta pela indiferença ou interesse pessoais, mas no velador, para que possa oferecer luz a todos. É óbvio que cada um assimila de acordo com a sua percepção e com o seu piso evolutivo. A plena capacidade de irradiação da luz indica, também, o espírito de solidariedade, amor e cooperação que deve estar presente nas relações humanas.

Neste sentido, os núcleos espíritas vêm oferecendo, ao lado dos programas de estudo, oportunidade de se viver a mensagem cristã com simplicidade e modéstia, “[...] uma vez que o *luzir do Evangelho* em nós está condicionado à prática do Bem. Por isso, o verdadeiro cristão é alguém cujo comportamento é invariavelmente edificante [...]”.³

» *Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras* (Mt 5:16).

Jesus nos convoca a resplandecer a luz das nossas conquistas evolutivas em benefício dos companheiros de jornada. Saindo do nosso egocentrismo crônico, estabelecemos, assim, canais de entendimento e compreensão mútuos.

O vocábulo “resplandeça” possui significativa carga magnética, imprimindo sentimentos de fé e de esperança, em nós próprios e nas pessoas que nos cercam. O esforço de resplandecer os nossos sentimentos mais puros será sempre percebido e aceito por alguém.

A esse propósito, lembramos a extraordinária figura de Alcíone, do livro *Renúncia*, autoria de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier. Atingindo estágios angelicais da evolução, eximira-se de voltar à Terra, mas voltou, por iniciativa própria, a fim de ajudar um grupo de tutelados seus. Sua presença em nosso mundo, embora no anonimato de condição humilde, tornou-se tão marcante que todos quantos com ela conviveram foram invariavelmente influenciados por ela.⁴

» *E glorifiquem a vosso Pai que está nos céus* (Mt 5:16).

O Pai está sempre nos “céus”, isto é, nos planos de vibrações mais elevados.

Será sempre honrado e louvado todas as vezes que praticarmos o bem e nos mantivermos fiéis às manifestações de sua vontade. Os tributos da glorificação, devem, pois, ser encaminhados ao Senhor, que é o legítimo doador, autor e direcionador da vida.

Se sentirmos Deus como nosso Pai, reconheceremos que os nossos irmãos se encontram em toda parte e estaremos dispostos a ajudá-los, a fim de sermos ajudados, mais cedo ou mais tarde. A vida só será realmente bela e gloriosa, na Terra, quando pudermos aceitar por nossa grande família a humanidade inteira.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 622, p. 307.
2. SIMONETTI, Richard. *A voz do monte*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. O tempero da vida, p. 57-59.
3. _____. _____. Cap. O brilho do bem, p. 62.
4. _____. _____. p. 62-63.
5. VINÍCIUS. *Em torno do mestre*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. O sal da terra, p. 265.
6. _____. _____. p. 266.
7. _____. *Nas pegadas do mestre*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. O sal da terra, p. 191.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1 (Pai nosso que estás nos céus), p. 11.
9. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 60 (Que fazeis de especial?), p.141-142.

Orientações ao monitor

É importante que durante a aula seja dada ênfase à interpretação das palavras “sal” e “luz”, presentes no ensinamento de Jesus.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 3

NÃO VIM TRAZER PAZ, MAS ESPADA

Objetivos

- » Interpretar, à luz do entendimento espírita a afirmação de Jesus: “Não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10:34).

Ideias principais

- » *É indispensável não confundir a paz do mundo com a paz do Cristo. A calma do plano inferior pode não passar de estacionamento. A serenidade das esferas mais altas significa trabalho divino, a caminho da Luz Imortal. [...] Emmanuel: Vinha de luz, cap. 105.*
- » A espada citada no texto evangélico está também representada na cruz, símbolo do Cristianismo. A cruz encravada no alto do Gólgota revela a vitória do bem sobre o mal, mostrando que por meio dos sacrifícios, das renúncias e dos exemplos no bem a criatura humana pode regenerar-se.
- » Quando Jesus declara: “Não creais que eu tenha vindo trazer a paz, mas, sim, a divisão”, seu pensamento era este: *Não creais que a minha doutrina se estabeleça pacificamente [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo, cap. XXIII, item 16.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Não cuideis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada; porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra.

E, assim, os inimigos do homem serão os seus familiares (Mt 10:34-36).

Observamos, em *O evangelho segundo o espiritismo*, o cuidado de Kardec e dos Espíritos orientadores em analisar o sentido moral dos textos da Boa-Nova, relacionando-os às reais necessidades do aprendiz, ainda carente de renovação espiritual. No capítulo XXIII, intitulado *Estranha moral*, itens 9 a 17, observamos o zelo do Codificador em tornar claro o entendimento do leitor em relação ao texto de Mateus, acima citado, de modo a que não venha, sob o jugo da letra, interpretar o Evangelho fora do seu amplo sentido educativo, como “cartilha de vida”. Mesmo assim, não são poucos os que se detendo na superfície dos ensinamentos, partem para discussões estereis, desenvolvendo polêmicas inúteis.

A despeito de o apóstolo Paulo ter afirmado que “a letra mata e o espírito vivifica” (II Cor 3:6), tem sido ela, a letra, o casulo que vem mantendo guardada a essência dos ensinamentos ao longo dos séculos. Faz-se necessário, no entanto, que se realize o trabalho de extrair o espírito da letra.

Entendemos que a Doutrina Espírita pode realizar essa tarefa, uma vez que, confiando nas promessas do Cristo, ensina que o Espiritismo é o Consolador

Prometido, de acordo com esta afirmativa de Jesus: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14:26).

Dessa forma, cabe aos espíritas agir como cristãos autênticos e realizar essa tarefa, a despeito do reconhecimento das próprias carências espirituais, mas com a compreensão de que as verdades

espirituais são, em geral, percebidas pelos “pequeninos” e ocultas aos “sábios e entendidos”.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Não cuideis que vim trazer a paz à Terra; não vim trazer paz, mas espada* (Mt 10:34).

Este texto chama a atenção pela aparente contradição que encerra: não é Jesus chamado de *O príncipe da paz*? Como é possível Ele, o Governador espiritual do orbe, nos oferecer uma proposta de “paz” inerte, de ordem parasitária, ou beatífica, fundamentada na violência?

Inúmeros leitores do Evangelho perturbam-se ante essas afirmativas do Mestre divino, porquanto o conceito de paz, entre os homens, desde muitos séculos foi visceralmente viciado. Na expressão comum, ter paz significa haver atingido garantias exteriores, dentro das quais possa o corpo vegetar sem cuidados, rodeando-se o homem de servidores, apodrecendo na ociosidade e ausentando-se dos movimentos da vida. Jesus não poderia endossar tranquilidade desse jaez [...].²

É preciso muito cuidado na análise dessa citação evangélica, pois uma interpretação literal pode favorecer manifestações de lutas externas sob o jugo da “espada”, fato que não deixa de representar uma perigosa insensatez, considerando-se ser Jesus, guia e modelo da humanidade.

O Espírito Emmanuel, lucidamente, esclarece este texto evangélico.

É indispensável não confundir a paz do mundo com a paz do Cristo. A calma do plano inferior pode não passar de estacionamento. A serenidade das esferas mais altas significa trabalho divino, a caminho da Luz imortal. [...] Nos círculos da carne, a paz das nações costuma representar o silêncio provisório das baionetas; a dos abastados inconscientes é a preguiça improdutiva e incapaz; a dos que se revoltam, no quadro de lutas necessárias, é a manifestação do desespero doentio; a dos ociosos sistemáticos, é a fuga ao trabalho; a dos arbitrários, é a satisfação dos próprios caprichos; a dos vaidosos, é o aplauso da ignorância; a dos vingativos, é a destruição dos adversários; a dos maus, é a vitória da crueldade; a dos negociantes sagazes, é a exploração inferior; a dos

que se agarram às sensações de baixo teor, é a viciação dos sentidos; a dos comilões, é o repasto opulento do estômago, embora haja fome espiritual no coração.⁶

O versículo de Mateus mostra que a paz deve ser compreendida como o estado da consciência tranquila, obtida pelo cumprimento do dever e decorrente da constante vigilância sobre as nossas imperfeições. É na terra do coração que se trava a verdadeira guerra de melhoria dos sentimentos. A “espada” é, neste sentido, um instrumento de progresso que “corta” as nossas más inclinações, num processo de intensa batalha íntima.

Até agora, há Espíritos imperfeitos que querem implementar a evolução sob o impacto das paixões, em atendimento às exigências dos sentidos, mas que produzem sofrimentos e dificultam a manifestação da felicidade, ansiosamente aguardada. Por esta razão, o Espiritismo nos mostra que é medida de bom senso aprender para viver com acerto e eficiência uma vida digna, feliz, amando e servindo ao próximo. Devemos, então, buscar a “[...] paz do Senhor, paz que excede o entendimento, por nascida e cultivada, portas a dentro do Espírito, no campo da consciência e no santuário do coração.”⁷

A espada aludida pelo Cristo é, pois, um simbolismo.

Em contraposição ao falso princípio estabelecido no mundo, trouxe consigo a luta regeneradora, a espada simbólica do conhecimento interior pela revelação divina, a fim de que o homem inicie a batalha do aperfeiçoamento em si mesmo.³

É a espada que elimina o que há de ruim nas nossas experiências e nos faz selecionar pensamentos, palavras e ações que garantem a vitória sobre nós mesmos na caminhada ascensional. Laborar no regime das causas geradoras de desarmonias, buscando desativá-las, é sempre mais gratificante, é medida de bom senso pela utilização dos recursos da fé raciocinada e do conhecimento.

A espada citada no texto evangélico está também representada na cruz, símbolo do Cristianismo. A cruz encravada no alto do Gólgota revela a vitória do bem sobre o mal, mostrando que, por meio dos sacrifícios, das renúncias e dos exemplos no bem, a criatura humana pode regenerar-se. Compreendemos, assim, que a felicidade é uma conquista individual, que passa, necessariamente pelo reconhecimento das próprias imperfeições e se prolonga nas batalhas travadas na

intimidade do ser. Tal é o preço da paz, marcada pelas lutas íntimas, pelos processos da reeducação e por trabalho intenso, pois como nos lembra Emmanuel, buscar “[...] a mentirosa paz da ociosidade é desviar-se da luz, fugindo à vida e precipitando a morte.”⁴

- » *Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra (Mt 10:35).*

Jesus veio à terra para abrir novas perspectivas ao ser humano, estabelecendo um novo sistema de vida e melhoria no relacionamento entre as pessoas. Enfatiza o perdão e o amor aos inimigos, o auxílio aos semelhantes, a perseverança, sem desfalecimento. Destaca o papel das reencarnações, que aproximam as pessoas, mostrando que no plano familiar se encontra, na maioria das vezes, não somente afetos, mas também desafetos. A “dissensão” passa a ser compreendida como divergência entre pessoas que pensam de forma diferente, ainda que unidas pelos laços do parentesco.

A família consanguínea, entre os homens, pode ser apreciada como o centro essencial de nossos reflexos. Reflexos agradáveis ou desagradáveis que o pretérito nos devolve.⁵

A dissensão que o texto assinala pode, também, ser vista como mudança de atitudes e de hábitos, demonstrados pelos comportamentos renovados para o bem. Tais mudanças produzem num primeiro momento conflitos, desavenças ou incompreensões nas relações interpessoais. É dessa forma que os descendentes se levantam contra os seus ascendentes: “o homem contra seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra.”

Quando a orientação espiritual elevada penetra a intimidade do indivíduo instaura-se, de imediato, uma luta íntima. Os novos conceitos chocam-se com as concepções caducas, ali existentes, filhas de uma mentalidade que não produz paz nem ameniza a cota de sofrimento da criatura.

O homem terá, assim, que lutar contra o homem velho cujas ideias e ações traz albergadas no íntimo. Os conflitos gerados por esta batalha interior produzem transformações significativas no ser, tornando-o criatura melhor, pouco a pouco.

As transformações individuais, sob o impacto da dor ou do aprendizado, costumam seguir esta regra: ensinados apreendidos

conduzem a novo aprendizado. Novo aprendizado produz conflitos íntimos. Conflitos íntimos geram dissensões. Dissensões fazem surgir o homem novo, transformado pela força do bem. Este processo é, em geral, paulatino, pois o homem que adquire entendimento superior terá de lutar, continuamente, contra o homem velho, portador de viciações e equívocos.

Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa (Mt 10:36).

O registro deve ser examinado sob dois aspectos: o da família consanguínea e o da própria pessoa. A Doutrina Espírita nos ensina que as pessoas que se desentenderam em outras reencarnações estão hoje, em geral, congregadas dentro de uma mesma família, buscando o resgate e a harmonização indispensáveis. No âmbito familiar, os inimigos ou adversários agem e reagem uns sobre os outros, criando obstáculos à união e ao respeito mútuos, ainda que disto não se deem conta. Por acréscimo da misericórdia divina, os envolvidos nos processos de reajuste espiritual dificilmente recordam os acontecimentos do passado, ocorridos em outras existências. Entretanto, as antipatias, os ódios, os ciúmes, as desconfianças etc., são impulsivamente manifestadas, a ponto de ocorrerem separações, perseguições e outros problemas. É comum constatar que, ao contrário, muitos parentes desenvolvem convivência harmoniosa com estranhos ao ninho familiar: são os amigos e benfeitores de outras existências.

A pessoa esclarecida sobre as causas dessas inimizades aprende a administrar as desarmonias com humildade e, aos poucos, percebe que as dificuldades podem ser reduzidas ou eliminadas. Tal entendimento conduz à ação cristã que, tendo como base o perdão, a renúncia e a bondade, auxilia na superação de obstáculos e o polimento de arestas, úteis à manutenção do equilíbrio nas relações familiares.

Por outro lado, há de se considerar a presença dos “inimigos” que cada um traz dentro de si, representados pelas próprias imperfeições, más tendências e outras deficiências que conspiram contra a saúde, obliterando a manifestação da felicidade integral: física, emocional e espiritual. Os pontos negativos que imperam em nosso psiquismo são elementos complexos que precisam ser desativados, pois conspiram, continuamente, contra a nossa paz de espírito, nos atormentando a existência.

Certos tormentos íntimos nos fazem sofrer mais que outros, conforme o nosso estágio evolutivo. A respeito desses tipos de tormentos, o Espírito Fénelon comenta:

Haverá maiores do que os que derivam da inveja e do ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão perpetuamente febricitantes. O que não têm e os outros possuem lhes causa insônias. Dão-lhes vertigem os êxitos de seus rivais [...]. Que de tormentos, ao contrário, se poupa aquele que sabe contentar-se com o que tem, que nota sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é. Esse é sempre rico, porquanto, se olha para baixo de si e não para cima, vê sempre criaturas que têm menos do que ele. É calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas. E não será uma felicidade a calma, em meio das tempestades da vida?¹

A renovação espiritual representa, nesse aspecto, uma espécie de caridade essencial que devemos ter para conosco. Neste particular, o conhecimento espírita amplia de modo considerável a nossa visão do mundo e da vida, indicando quais são as nossas reais necessidades, de forma que possamos redirecionar a existência, com discernimento e convicção, eliminando dificuldades que minam o bom relacionamento pessoal e o nosso bem-estar.

Faz sentido, então, recordar a recomendação de Jesus: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10:28).

Podemos afirmar, como conclusão desse estudo:

O Cristo trouxe ao mundo a espada renovadora da guerra contra o mal, constituindo, em si mesmo, a divina fonte de repouso aos corações que se unem ao seu amor. Esses, nas mais perigosas situações da Terra, encontram, nele, a serenidade inalterável. É que Jesus começou o combate de salvação para a humanidade, representando, ao mesmo tempo, o sustentáculo da paz sublime para todos os homens bons e sinceros.⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 5, item 23, p. 118.

2. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 104 (A espada simbólica), p. 223.
3. _____. _____. p. 223-224.
4. _____. _____. p. 224.
5. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 12 (Família), p. 59.
6. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 105 (Paz do mundo e paz do Cristo), p. 239-240.
7. _____. _____. p. 240.

Orientações ao monitor

Realizar estudo em grupo para analisar as informações de Kardec constantes em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XXIII, itens 16 e 17, correlacionando esta análise com as ideias desenvolvidas no Roteiro.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 4

NICODEMOS

Objetivos

- » Identificar os ensinamentos existentes no diálogo ocorrido entre Jesus e Nicodemos (Jo 3:1-6).

Ideias principais

- » No diálogo ocorrido entre Jesus e Nicodemos extraímos, entre outras, valiosa lição: *A lei da reencarnação estava proclamada para sempre, no Evangelho do Reino.* Humberto de Campos: *Boa nova.* Cap. 14.
- » *Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhe restituirá o sentido verdadeiro.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo.* Cap. XIV, item 17.

Subsídios

1. Texto evangélico

E havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos, príncipe dos judeus.

Este foi ter de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és mestre vindo de Deus, porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.

Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito (João 3:1-6).

Registra Humberto de Campos, no livro *Boa nova*, como ocorreu o encontro e o elucidativo diálogo entre Jesus e Nicodemos, registrado pelo apóstolo João.

Todavia, sem embargo das dissensões naturais que precedem o estabelecimento definitivo da ideias novas, alguns Espíritos acompanhavam o Messias, tomados de vivo interesse pelos seus elevados princípios. Entre estes, figurava Nicodemos, fariseu notável pelo coração bem formado e pelos dotes da inteligência. Assim, uma noite, ao cabo de grandes preocupações e longos raciocínios, procurou a Jesus, em particular, seduzido pela magnanimidade de suas ações e pela grandeza de sua doutrina salvadora. O Messias estava acompanhado apenas de dois dos seus discípulos e recebeu a visita com a sua bondade costumeira. Após a saudação habitual e revelando as suas ânsias de conhecimento, depois de fundas meditações, Nicodemos dirigiu-se-lhe respeitoso: “Mestre, bem sabemos que vindes de Deus, pois somente com a luz da assistência divina poderíeis realizar o que tendes efetuado, mostrando o sinal do céu em vossas mãos. Tenho empregado a minha existência em interpretar a lei, mas desejava receber a vossa palavra

sobre os recursos de que deverei lançar mão para conhecer o reino de Deus!”. O Mestre sorriu bondosamente e esclareceu: “Primeiro que tudo, Nicodemos, não basta que tenhas vivido a interpretar a lei. Antes de raciocinar sobre as suas disposições, deverias ter-lhe sentido os textos”⁹

É importante destacar as últimas palavras do diálogo: “deverias ter-lhe sentido os textos”. Trata-se, naturalmente, de valiosa observação feita por Jesus, uma vez que é muito difícil o êxito, em qualquer empreendimento, se os sentimentos não estão envolvidos. Da mesma forma, devemos agir perante os ensinamentos do Cristo: é preciso se deixar envolver por um sentimento puro para que possamos compreender, de acordo com as nossas possibilidades, o significado das narrativas evangélicas.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E havia entre os fariseus, um homem, chamado Nicodemos, um príncipe dos judeus (Jo 3:1).*

Nicodemos pertencia à casta dos fariseus, ordem religiosa e política, caracterizada pela intolerância, pelo apego às leis moisaicas e pelas manifestações de culto externo. Os fariseus apresentavam as seguintes características:

Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem a seus fins, do que como objeto de fé sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por uma e outras, exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Daí o serem muito poderosos em Jerusalém.¹

Encontramos, ainda hoje, pessoas que, à semelhança dos fariseus, têm conhecimento das coisas espirituais, mas as mantêm ocultas sob o símbolo das práticas exteriores ou se deixam conduzir pelos meandros da política religiosa.

A expressão “um homem” imprime, no ensino, uma característica universal representativa do ser humano imperfeito. Este, em processo de evolução, transita por diferentes ambientes, ao longo das reencarnações. Usa, em cada uma delas, um tipo de vestimenta, mas o processo evolutivo é lento, porque, se de um lado acumula considerável bagagem de conhecimento, revela dificuldades para aplicá-la. Esta dicotomia entre o que se sabe e o que se faz, produz profundos conflitos à consciência humana.

Em todo homem repousa a partícula da divindade do Criador, com a qual pode a criatura terrestre participar dos poderes sagrados da Criação. O Espírito encarnado ainda não ponderou devidamente o conjunto de possibilidades divinas guardadas em suas mãos, dons sagrados tantas vezes convertidos em elementos de ruína e destruição. Entretanto, os poucos que sabem crescer na sua divindade, pela exemplificação e pelo ensinamento, são cognominados na Terra santos e heróis, por afirmarem a sua condição espiritual, sendo justo que todas as criaturas procurem alcançar esses valores, desenvolvendo para o bem e para a luz a sua natureza divina.¹⁰

Importa considerar que a despeito de ser Nicodemos chamado “príncipe dos judeus”, em razão de ser alguém bem situado no campo social, politicamente influente e membro do sinédrio, percebia que algo profundo e verdadeiro lhe faltava.

Vemos nesse personagem do Evangelho uma pessoa que, por contingências reencarnatórias, estava presa às tradições religiosas vigentes, mas que procura superar as barreiras das convenções e procura o Mestre, ainda que “tarde da noite”.

Nicodemos era, pois, um homem bom, e, por esse motivo, desejava imensamente encontrar-se com Jesus, para conversar com o Mestre sobre assunto religioso, porque tivera notícias das pregações do Nazareno e das curas que ele fazia.⁷

A história se repete, semelhantemente, conosco. Convocados à aproximação da mensagem do Amor, depois das desilusões e da constatação da ineficiência dos títulos e valores do mundo, procuramos outros padrões que possam nos colocar na rota segura da existência. Investindo em novos conhecimentos espirituais, aprendemos que

qualquer vinculação a novas propostas implica desvinculação das velhas, como bem nos esclarece o orientador espiritual:

Cada um tem no planeta o mapa das suas lutas e dos seus serviços. O berço de todo homem é o princípio de um labirinto de tentações e de dores, inerentes à própria vida na esfera terrestre, labirinto por ele mesmo traçado e que necessita palmilhar com intrepidez moral. Portanto, qualquer alma tem o seu destino traçado sob o ponto de vista do trabalho e do sofrimento, e, sem paradoxos, tem de combater com o seu próprio destino, porque o homem não nasceu para ser vencido; todo Espírito labora para dominar a matéria e triunfar dos seus impulsos inferiores.¹¹

Busquemos, pois, nos guiar por esta lição do Evangelho, ilustrada no diálogo ocorrido entre Jesus e Nicodemos, uma vez que é sempre útil vencer os obstáculos e procurar Jesus.

» *Este, foi ter de noite com Jesus e lhe disse: Rabi, bem sabemos que és Mestre vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele (Jo 3:2).*

Preso aos interesses do mundo e encoberto pelo manto das sombras, oferecido pelas convenções sociais, Nicodemos apoia-se na esperança e vai até Jesus. O Mestre o acolhe sob o influxo de sua luz e sabedoria espirituais, a fim de esclarecê-lo.

Do ponto de vista histórico, o fato se deu à noite. Entretanto, retirando da letra o sentido espiritual, entendemos que a palavra “noite” indica trevas, escuridão, em oposição a “dia”, indicativo de luz, claridade. No contexto da passagem evangélica, Nicodemos simboliza alguém que já identificou os pontos obscuros (de trevas) existentes em si mesmo, representados pela ignorância que ainda possuía.

Procurar Jesus foi um ato de sabedoria, reconhecendo o Senhor como o mestre capaz de conceder-lhe as orientações seguras de que tanto necessitava.

Se alguém é movido pelo impulso de aprender, sempre parte de um ponto de referência. Foi o que aconteceu a Nicodemos, ao afirmar: “Rabi, bem sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus”. Ora, “Rabi” é uma expressão cujo significado é “meu mestre”. Quer dizer que mesmo antes de conversar com Jesus, Nicodemos reconhecia a grandeza do Senhor. Ele acreditava na origem divina de Jesus, na

sua superioridade espiritual, diferente do julgamento existente entre os seus irmãos de religião. É oportuno destacar também a postura humilde desse doutor da lei .

Dizendo: “bem sabemos que és Mestre”, Nicodemos dá testemunho das limitações espirituais que possuía, embora fosse orientador em Israel; acreditava em Jesus, mas ainda não compreendia a sua mensagem. Por meio de reflexões íntimas consequentes da fé raciocinada, entendeu que as ações de Jesus tinham procedência divina.

Não basta dizer que os fatos vêm de Deus. E para chegar ao conhecimento desses fatos, temos de estudar justamente o que Jesus fazia questão que fosse estudado, ou seja, a Vida eterna.⁸

A atitude de Nicodemos nos transmite outra lição, não menos valiosa: a de alguém que, tendo como base as noções espirituais que possuía, soube observar Jesus, refletir sobre os seus ensinamentos para, convicto, afirmar que o Senhor era um Espírito “vindo de Deus” porque “ninguém pode fazer estes sinais [...], se Deus não for com ele”.

» *Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (Jo 3:3).*

Jesus repete a expressão “na verdade” duas vezes. Trata-se de uma forma de mostrar firmeza ou convicção. De constatar a evidência de um fato. É forma de demonstrar também a autoridade moral de Jesus, guia e modelo da humanidade,⁶ é como se o Mestre dissesse: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:31-32).

Quando Jesus transmite a Nicodemos o ensinamento espiritual básico — “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” — causa perplexidade ao doutor da lei que, admitindo sua ignorância, não entende como é possível alguém nascer de novo.

Nicodemos, como se vê no texto do Evangelho, embora não fosse mau homem, [...] estava tão impregnado dos ensinamentos da religião farisaica, consistentes quase que só de cultos e práticas exteriores, que vacilava a respeito da outra vida, duvidava que o homem, depois de morto o corpo, pudesse continuar a viver, e que houvesse, de fato, uma vida real *além do túmulo*.⁷

Não obstante o texto demonstrar, igualmente, o sentido renovador do nascimento espiritual, sob as luzes do Evangelho, o conteúdo explícito é, sem dúvida, relativo à ideia reencarnacionista, mecanismo de progresso espiritual e instrumento de manifestação da justiça de Deus. Sem a reencarnação não é possível atingir o aperfeiçoamento, segundo nos esclarece a questão 132 de *O livro dos espíritos*: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição.”⁵

Sem a reencarnação, o homem “Não pode ver o reino de Deus”, o que significa dizer: não alcançaremos a plenitude espiritual se nos mantivermos presos aos dogmas, aos cultos, aos falsos ensinamentos, às sensações da matéria. Com a reencarnação, abrem-se novas oportunidades de aprendizado e de renovação espirituais, propiciando impulsos evolutivos significativos. As reencarnações nos propiciam oportunidades para entender que o reino de Deus está em nós (Lc 17:21), não alhures.

» *Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?* (Jo 3:4).

A expressão: “Perguntou-lhe Nicodemos” evidencia a relação de respeito e de fraternidade que, usualmente, se estabelece entre orientador e orientado. Esta interação é mais verdadeira e harmônica quando existem respeito, confiança e humildade.

Percebe-se que a conversação se desenvolvia entre duas autoridades, obviamente cada uma situada em planos evolutivos diferentes. Entre Jesus e Nicodemos há uma distância evolutiva inimaginável. Entretanto, Jesus chega até o representante da autoridade da Terra, envolve-o amorosamente, e lhe presta orientações seguras. Nicodemos, por sua vez, curva-se humilde e reverente à autoridade celestial, submetendo-se aos seus esclarecimentos.

Na continuação do diálogo, vemos o “homem velho” surgir quando pergunta ao Mestre: “como pode um homem nascer, sendo velho?”. E o Filho do homem, com humildade e sabedoria, lhe esclarece devidamente.

A pergunta de Nicodemos retrata o que acontece, na atualidade, quando o Espiritismo nos revela quem somos, donde viemos e para onde vamos. Ante essas informações queremos saber: “Como isso se dá?”, “Qual é o mecanismo?”, “Como pode?”.

A resposta dada por Jesus à perplexa pergunta de Nicodemos suscita novas dúvidas, produzindo novos ensinamentos. Nicodemos, arraigado aos elementos restritivos da lei de Moisés, indaga a Jesus. O Filho do homem, reunindo componentes simples e eficientes, mas de natureza sublime, responde, afastando-o da horizontalidade simplista dos interesses imediatos e passageiros. A forma de indagação utilizada pelo doutor da lei reflete uma mente ainda presa às tradições religiosas. Jesus ouve com a paciência de quem sabe e prontifica-se a atendê-lo.

Continua Nicodemos em seus argumentos: “Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?”. O texto evidencia que, ao mesmo tempo em que ele faz inquirições, também tira as próprias conclusões, sem medo do ridículo, nos mostrando que estamos diante de um discípulo, ávido por conhecimento, que encontrou o seu mestre.

O registro feito pelo apóstolo João nos faz refletir sobre a imensa capacidade de ensinar, revelada por Jesus. Jesus não só esclareceu as dúvidas imediatas do doutor da lei, como estende o ensinamento para ângulos jamais imaginados pelo indagador; não enfoca apenas a ideia reencarnacionista, mas de forma sutil são apontadas elucidações sobre a natureza do Espírito, a formação do corpo físico, origem, existência e sobrevivência do Espírito etc.

- » *Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito (Jo 3:5-6).*

Nós, os Nicodemos da atualidade, podemos compreender, pelos registros seguros da Doutrina Espírita, alguns detalhes a respeito da reencarnação. Passados vários séculos desse admirável colóquio, podemos dizer que muito se abriu ao entendimento dos homens. Entretanto, permanecem, ainda, sob o véu da desinformação muitos outros. Felizes são aqueles que, apesar de encobertos pelas trevas passageiras da desinformação, conseguem encontrar Jesus e com ele dialogar.

Nesse sentido, por obra e misericórdia do Senhor, chegou até nós o Consolador prometido, representado na bênção do Espiritismo que esclarece, ensina, alivia dores e sana aflições.

O “nascer da água” é a forma simbólica de dizer que a água representa o elemento material de onde o Espírito renascerá ou emergirá.² As características naturais existentes no nosso planeta determinam que os animais mamíferos, inclusive o ser humano, estejam protegidos

dentro de uma bolsa (placenta) que possui líquido (amniótico) em abundância, durante o período gestacional.

Por extensão, vemos que o planeta Terra tem uma aparência física nitidamente aquática, formada de três partes de água e uma parte de terra. O corpo humano é, igualmente, formado de maior percentual de água (80%).

A orientação de Jesus a Nicodemos de que “o que é nascido de carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. “[...] indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.”³

O “nascer da água”, traz, pois a ideia explícita da reencarnação, ou seja, o retorno em um novo corpo físico. O “nascer do Espírito”, tem significação mais ampla: reporta-se à capacidade de transformação ou de renovação moral e intelectual. No primeiro caso (“nascer da água”) estão evidentes os processos de concepção biológica, gestação e renascimento físico. No segundo (“nascer do Espírito”) temos as possibilidades do progresso espiritual.

A reencarnação e os benefícios decorrentes indicam, também, a manifestação da justiça e misericórdia divinas, as quais não condenam o Espírito infrator ao sofrimento eterno. Trazendo em seus mecanismos, não apenas as propostas de aprendizado, mas, também os impositivos da lei de causa e efeito, a reencarnação proporciona ao Espírito devedor, na maioria das vezes, condições de refazimento do seu destino, sobretudo se há empenho, deste, em se melhorar.

Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à humanidade; numa palavra: como lei da natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem donde ele vem, para onde vai, porque está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 38-39.
2. _____. _____. Cap. 4, item 8, p. 86.

3. _____. _____. p. 86-87.
4. _____. _____. Item 17, p. 89-90.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 132, p. 103.
6. _____. _____. Questão 625, p. 308.
7. SCHUTTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão [SP]: O Clarim, 2004. Segunda parte, item: Colóquio de Jesus com Nicodemos, p. 318.
8. _____. _____. p. 320.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 14 (A lição a Nicodemos), p. 94.
10. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, questão 302, p. 177.
11. _____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 32, item: O homem e o seu destino, p. 167.

Orientações ao monitor

Dinamizar o estudo por meio da formação de pequenos grupos que deverão ser orientados a ler, analisar e debater os diferentes trechos do diálogo ocorrido entre Jesus e Nicodemos.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 5

VERDADE E LIBERTAÇÃO

Objetivos

- » Explicar, à luz da Doutrina Espírita, o ensinamento de Jesus: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8:32).

Ideias principais

- » *Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele. Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. (Jo 8:31-32.)*
- » *A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XV, item 9.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará (Jo 8:31-32).

A palavra do Mestre é clara e segura. Não seremos libertados pelos aspectos da verdade ou pelas verdades provisórias de que sejamos detentores no círculo das afirmações apaixonadas a que nos inclinemos.⁸

Sendo assim, elucida Kardec:

Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam ideias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos de categoria mais elevada e a humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa [parcial] e proporcionada ao seu adiantamento.²

2. Interpretação do texto evangélico

» *Jesus dizia, pois aos judeus que criam nele... (Jo 8:31).*

A palavra “judeu” (do hebraico *yehudi*) apresenta conotação especial. Antes da diáspora, os judeus eram denominados representantes da tribo de Judá. Após a dispersão por todo o globo, o termo “judeu” passou a ser usado por todos os descendentes dessa etnia, no seu aspecto religioso ou identificados com ele, independente de raça ou nacionalidade.

Inicialmente, o vocábulo refletia não apenas o aspecto de nacionalidade, mas também o interlocutor que possuía certos valores espirituais fornecidos pelo conhecimento da lei moisaica.

Em situação oposta, conviviam os judeus com os “gentios”, isto é, qualquer pessoa que não professava o Judaísmo.

Do ponto de vista histórico, sabemos que havia reações dos judeus aos gentios, a despeito das conexões políticas, comerciais e até mesmo relativas à práticas religiosas existentes entre eles: alguns gentios tornavam-se prosélitos (convertidos), atraídos pelas práticas do judaísmo.⁵

Não obstante as dúvidas quanto aos ensinamentos do Cristo, os judeus, referidos nessa passagem evangélica, demonstram possuir algum conhecimento espiritual e, de certa forma, depositavam fé no Mestre porque “criam nele”. Eram judeus que já não se encontravam presos à lei civil ou disciplinar de Moisés, mas à Lei de Deus formulada nos Dez Mandamentos.¹ Estavam, pois, abertos, a novos aprendizados.

» *Se vós permanecerdes na minha palavra...* (Jo 8:31).

Merece destaque, aqui, a expressão “se permanecerdes na minha palavra”, indicativa da condição de “prosseguir existindo”, de “continuar sendo” ou de “persistir”. Neste último sentido, a perseverança surge como um preceito de conduta, útil à reestruturação da vida, pois em todo processo de aprimoramento espiritual não se comportam improvisações e desgastes de qualquer natureza. Ao contrário, é durante a luta renovadora que somos convocados a fazer escolhas mais acertadas, administrar o tempo, ampliar sentimentos, desenvolver virtudes, cultivar, sobretudo, a solidariedade e prestar-se à prática da caridade, fugindo dos extremos do intelectualismo e das emoções.

Sabemos, entretanto, que há um número significativo de pessoas que se encontra sob o embalo das oscilações espirituais, vacilando entre o “crer e o fazer”. São criaturas que, ainda que vinculadas ao Espiritismo, não conseguem administrar certas paixões inferiores por não terem o necessário domínio sobre si mesmas.

A maioria dos Espíritos, caracterizada pela heterogeneidade de caracteres e temperamentos, das aspirações e propósitos, impede a compreensão integral da realidade cotidiana. Assim, há “[...] que esperar pela passagem das horas. Nos círculos do tempo, a semente, com o esforço do homem, provê o celeiro; e o carvão, com o auxílio da natureza, se converte em diamante.”¹⁰

Somente conseguiremos renovar nosso psiquismo e imprimir valores edificantes à nossa alma se apreendermos o verdadeiro significado de “permanecer na palavra do Cristo”. Receberemos, então, o atestado de maturidade espiritual, prosseguindo sem cansaço, mas com inteligência e devoção, jamais duvidando das promessas de Jesus.

Entendamos que a disciplina que deve nortear as mudanças comportamentais, para melhor, é apenas um estágio de transição e de adaptação, uma vez que a disciplina antecede a espontaneidade.

É válido também considerar que não se trata, aqui, de uma simples movimentação de elementos informativos, mas de ênfase na mudança de hábitos, caracterizada por uma prática persistente. Somente “permanecendo” no plano aplicativo dos ensinamentos é que efetivamente progredimos.

» *Verdadeiramente, sereis meus discípulos* (Jo 8:31).

O advérbio “verdadeiramente” nos conduz a novas reflexões. Está ligado ao sentido expresso pelo substantivo “verdade”, ou pelo adjetivo “verdadeiro”, como autenticidade, de conformidade com os fatos ou com a realidade. Obviamente, é oposto de tudo o que é fictício ou enganoso.

A palavra sábia de Jesus é luz para o nosso Espírito que, se vivenciada, nos confere a posição de aprendizes e, ao mesmo tempo, de usufrutuários dos seus abençoados ensinamentos.

O discípulo da Boa-Nova, que realmente comunga com o Mestre, antes de tudo compreende as obrigações que lhe estão afetas e rende sincero culto à lei de liberdade, ciente de que ele mesmo recolherá nas leiras do mundo o que houver semeado.⁶

Os discípulos de Jesus se esforçam para realizar algo de bom e útil na vida, segundo as suas possibilidades. Serão sempre reconhecidos por muito se amarem.

Jesus elegeu doze apóstolos entre os seus discípulos porque apresentavam recursos e posturas diferenciadas, não obstante a existência de extraordinária unidade quanto ao exercício do amor e do trabalho em seu nome.

Neste sentido, “verdadeiramente sereis meus discípulos” é mensagem inspiradora de todos os que se revelam sensibilizados pelos ensinamentos do Evangelho. São aprendizes que não temem a luta renovadora, incorporando oportunidades de melhoria espiritual, consoante o espírito renovador proposto pelo Evangelho. Guardadas as devidas proporções, esses discípulos serão chamados de novos apóstolos do Cristianismo.

“Sereis meus discípulos” deixa de ser uma escolha pessoal do Mestre, mas do próprio indivíduo, que, frente às orientações da

consciência, se entrega ao trabalho digno, caracterizado por serviços ao semelhante. O verdadeiro discípulo do Cristo percebe, então, que a despeito das próprias imperfeições, é necessário ser bom.

A construção do bem comum é obra de todos. Todos necessitamos trabalhar no sentido de aprender e construir, auxiliando os companheiros esclarecidos para que se tornem cada vez mais fiéis à execução dos compromissos nobilitantes que abraçam: os valorosos para não descerem ao desânimo; os retos para que não se transviem; os fracos para que se robusteçam; os tristes para que se consolem; os caídos para que se reergam; os desequilibrados para que se recomponham; os grandes devedores para que descubram a trilha da solução aos problemas em que se oneram. Todos nós, Espíritos em evolução no Planeta, somos ainda imperfeitos, mas úteis.⁹

» *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará* (Jo 8:32).

Conhecer, segundo a sentença evangélica, não se traduz como mera informação, mas assimilação de conhecimentos que favoreçam o combate às imperfeições.

Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só a suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.³

Neste sentido nos esclarecem os orientadores da Codificação Espírita:

À medida que avançam, compreendem o que os distanciavam da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.⁴

Em relação à sentença “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, explica Emmanuel:

Muitos, em política, filosofia, ciência e religião, se afeiçoam a certos ângulos da verdade e transformam a própria vida numa trincheira de luta desesperada, a pretexto de defendê-la, quando não passam de prisioneiros do ponto de vista.

Muitos aceitam a verdade, estendem-lhe as lições, advogam-lhe a causa e proclamam-lhe os méritos, entretanto, a verdade libertadora é aquela que conhecemos na atividade incessante do eterno Bem.

Penetrá-la é compreender as obrigações que nos competem.
 Discerni-la é renovar o próprio entendimento e converter a existência num campo de responsabilidade para com o *melhor*.
 Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido. Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida.
 E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes. Observa, desse modo, a tua posição diante da Luz...
 Quem apenas vislumbra a glória ofuscante da realidade, fala muito e age menos. Quem, todavia, lhe penetra a grandeza indefinível, age mais e fala menos.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 2, p. 53.
2. _____. _____. Cap. 15, item 9, p. 250.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 115, p. 95-96.
4. _____. _____. Questão 118, p. 96.
5. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Volume 1: As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 101.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8 (Obreiros atentos), p, 31.
7. _____. _____. Cap. 173 (Ante a luz da verdade), p. 417.
8. _____. _____. p. 417-418.
9. _____. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 28 (Imperfeitos, mas úteis), p.104-105.
10. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 175 (A verdade), p. 387.

Orientações ao monitor

Debater o sentido de “verdade” desenvolvido no texto, promovendo uma troca de ideias a respeito das ideias dos conteúdos expressos pelo Espírito Emmanuel (veja Referências 7 a 10).

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 6

A INSPIRAÇÃO DE PEDRO

Objetivos

- » Esclarecer a respeito desta afirmativa de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:16).
- » Interpretar o sentido das palavras de Jesus: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16:18).

Ideias principais

- » **Quem dizeis vós que eu sou?**

À pergunta que nos serve de epígrafe, dirigida por Jesus aos seus discípulos, Pedro, iluminado pelas luzes do Alto, assim respondeu: Tu és o Cristo, filho do Deus vivo. A despeito, porém, dessa clara e concisa revelação, a cristandade, mal conduzida e mal orientada, faz da individualidade do Mestre tema de controvérsias e, pior do que isso, pedra de tropeço e pomo de discórdias. Vinícius [Pedro de Camargo]: Na seara do mestre, p. 75.
- » Com a afirmativa “tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”, [...] *Jesus confia a Pedro a orientação dos primeiros passos do Cristianismo e a direção dos primeiros trabalhos da disseminação do Evangelho. Eliseu Rigonatti. O evangelho dos humildes, p. 155-156.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E, chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? E eles disseram: Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas. Disse-lhes Ele: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos Céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus. Então, mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Cristo (Mt 16: 13-20).

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E, chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo... (Mt 16:13).*

O estudo do Evangelho apresenta nuances que merecem ser destacadas. “Chegando” é a conjugação do verbo chegar no gerúndio. Trata-se de uma forma nominal do verbo, usada para exprimir uma *circunstância*, já que o gerúndio não está conjugado com verbos auxiliares (andar, estar, ir, vir).

É importante considerar, a propósito, que Jesus sempre valorizou as circunstâncias para ensinar com acerto. Daí ser usual encontrarmos no seu Evangelho verbos flexionados no gerúndio, tais como: partindo, operando, cumprindo, falando, dirigindo, voltando, retirando etc.

Cesareia de Filipe (ou de Filipo) era um lugar pacato e afastado, situado ao pé do Monte Hermon, norte da Palestina. Esta cidade foi ampliada e embelezada por Filipe, tetrarca de Itureia, em honra de Tibério César. Localizada na cabeceira do rio Jordão, foi assim nomeada para distinguir de outra Cesareia, a marítima. Por estar mais

distante do foco político e religioso das demais cidades e povoados, Cesareia de Filipe se afigurava como um lugar ideal para as pessoas emitirem opinião sobre Jesus, falando despreocupadamente e de forma autêntica. Vemos, ainda hoje, que quando se diminui o poder das atrações exteriores, com mais naturalidade expressamos os nossos reais sentimentos e ideias.

“E chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe” se concretiza também, na “cesareia” de nosso campo pessoal, na intimidade do nosso ser, em momentos mais tranquilos favoráveis à reflexão. Sob o influxo da meditação e da autoanálise, nos identificamos com Jesus.

A outra frase, “interrogou os seus discípulos”, é sugestiva de que Jesus procurava aferir o nível de aprendizado desenvolvido pelos seus discípulos em relação às suas orientações e à sua pessoa, propriamente dita. O Mestre, como todos os demais benfeitores que nos tutelam com amor, acompanham de perto o nosso desenvolvimento, verificando se nós, efetivamente, estamos seguindo os seus passos.

“Discípulo” significa aprendiz, mas só há mestre onde existe discípulo. Por sua vez, o verdadeiro discípulo é consciente das próprias carências e tem necessidade de ser guiado por um bom mestre, submetendo-se com humildade e prudência às suas orientações. O texto nos mostra que os discípulos devem se portar como atentos observadores do seu orientador (guia ou mestre) e dos ensinamentos que este lhes transmite como diretrizes de vida.

Ao interrogá-los, Jesus deu a entender que eles deveriam se posicionar como observadores atentos. Esta é também a proposta da Doutrina Espírita quando, pela fé raciocinada, nos fornece seguros padrões de conhecimento impulsionadores da nossa melhoria espiritual, e nos concede também condições para avaliar o progresso adquirido, segundo a nossa posição evolutiva. Além disso, a fé raciocinada viabiliza condições para entender e respeitar o grau de progresso de cada criatura que nos compartilha a existência.

» *Quem dizem os homens ser o Filho do Homem? (Mt 16:13).*

Em outras palavras: “o que falam os homens relativamente à minha pessoa?” Ambas indagações indicam processo avaliativo que, partindo-se do exame global ou coletivo, se atinge o específico ou pessoal.

Em todos os instantes da vida encontramos pessoas que nos inquiram, buscando informações ou orientações. Nós mesmos, em

inúmeras ocasiões, também nos questionamos. Embora o vasto conhecimento oferecido pela Doutrina Espírita, existem conceituações diferentes acerca de Jesus: há os que o ignoram e há os que o enxergam segundo as concepções do imediatismo humano. Entretanto, existem aqueles, que à semelhança de Pedro, lhe percebe a grandeza e a dimensão espiritual, atestadas nestas suas palavras: “Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou” (Jo 13:13).

“Filho do Homem” é expressão comum no Evangelho. Participando da ascendência divina como filho de Deus, Ele, como “Filho do Homem”, mostra sua identificação com as faixas de aprendizado dos seres em evolução no orbe. O Filho do Homem é, portanto, o exemplo de perfeição que podemos aspirar. O homem por excelência que, amadurecendo seus potenciais, penetra nas linhas sutis de assimilação das revelações espirituais superiores. Trata-se de alguém ajustado à sintonia ideal do eterno Bem que, pela utilização dos conteúdos existentes no seu superconsciente, liga-se diretamente às fontes inesgotáveis da Vida Maior. É Espírito portador de evolução humana completa caracterizada pela angelitude. Dessa forma, “Filho do Homem” é aquele que nasce, cresce e se evidencia pela capacidade de transformação de si mesmo, sob a tutela amorável de Deus.

» *E eles disseram: Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas (Mt 16:14).*

Este texto evidencia que a ideia da reencarnação era corrente à época. Faltava, no entanto, um maior entendimento dos seus processos. Tal como acontece nos dias atuais, é significativo o número de pessoas que entende e aceita a ideia da reencarnação, mas nem sempre compreende os seus mecanismos.

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e de sua ligação com o corpo. Criam eles que o homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos

desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. [...] Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista é Elias, o corpo de João Batista não poderia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*.³

O retorno do Espírito ao corpo, supostamente tido como morto — conhecido atualmente como *fenômeno de quase morte* — era denominado ressurreição. Há no Evangelho dois relatos que tratam da ressurreição: a história de Lázaro e a da filha de Jairo (respectivamente, Jo 11:1 a 46 e Lc 8:49 a 56). Nos dois casos, o Espírito já se encontrava em processo de desligamento físico, abeirando-se da morte, mas, por ainda existirem ligações perispirituais com o corpo físico, foi possível a Jesus impedir que se completasse a desencarnação.

- » *Disse-lhes Ele: E vós, quem dizeis que eu sou? E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16:15 e 16).*

Vimos no texto anterior que a multidão emite opiniões diversificadas a respeito de pessoas e acontecimentos, segundo o conhecimento que cada um possui. Relativamente, porém, a esta passagem evangélica a questão é outra. Na condição de seguidores próximos de Jesus e com Ele mais bem identificados, os discípulos deveriam estar aptos a refletir com maior clareza a efetiva posição espiritual do Mestre. Se antes, Jesus lhes testou o senso de observação quanto ao pensamento da multidão, agora revela a intenção de aferir-lhes o nível de conhecimento que possuíam a respeito dele, o Messias divino, e dos seus ensinamentos cristãos.

A resposta proferida por Pedro à indagação de Jesus é sublime, refletindo divina inspiração.

Sim! O Cristo é bem o Messias divino. A sua palavra é bem a palavra da verdade, fundada na qual a religião se torna inabalável, mas sob a condição de praticar os sublimes ensinamentos que ela contém e não de fazer do Deus justo e bom, que nela reconhecemos, um Deus faccioso, vingativo e cruel.²

Iluminado por inspiração superior, Pedro age como médium perfeitamente associado às forças do bem quando reconhece, em Jesus, o Messias divino.

Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito divino o animava.⁷

Entretanto, será que a humanidade atual apresentaria uma resposta tão pronta como a que foi dada pelo apóstolo? Possivelmente não. Certas questões ainda pairam no ar sem soluções definitivas: quem é Jesus? Como compreendê-lo, efetivamente? Como cristãos — devemos admitir — ainda possuímos limitações relativas a estes assuntos, que se expressam na forma de dúvidas, atavismos ou preconceitos. A despeito de os espíritas serem portadores de relativo conhecimento espiritual e endossarem a orientação existente em *O livro dos espíritos* de que Jesus é guia e modelo da humanidade,⁷ nem todos consideram esta questão com a devida profundidade. Presos a atavismos ou a ideias cristalizadas, oriundas de existências pretéritas, ainda cultivam uma moral periférica, de caráter utilitarista, que os mantém afastados do Cristo e dos seus ensinamentos.

Neste particular, a pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Não obstante ser uma indagação formulada no plural, guarda, no tempo, uma resposta inteiramente individual. É necessário que, racional e afetivamente, aceitemos Jesus de forma transcendente. Estudando os seus ensinamentos, à luz do entendimento espírita, aprendemos a compreendê-lo sem misticismos, religiosidade perniciosa ou fanatismo, mas enxergando que o seu Evangelho é cartilha de vida.

A vida moderna, com suas realidades brilhantes, vai ensinando às comunidades religiosas do Cristianismo que pregar é revelar a grandeza dos princípios de Jesus nas próprias ações diárias. O homem que se internou pelo território estranho dos discursos, sem atos correspondentes à elevação da palavra, expõe-se, cada vez mais, ao ridículo e à negação. [...] É nesse quadro obscuro do desenvolvimento intelectual da Terra que os aprendizes do Cristo são expoentes da filosofia edificante da renúncia e da bondade, revelando em suas obras isoladas a experiência divina daquele que preferiu a crucificação ao pacto com o mal.¹⁰

Coube a Simão Pedro, entre os demais discípulos, veicular a resposta do Alto, demonstrando, assim, a sua desenvolvida sensibilidade

mediúnica: “Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo” reflete elevada intuição. A resposta revela a sublimidade e a grandeza do Mestre. Por Ele, Jesus, a misericórdia e a majestade de Deus, se dinamizam no Filho, nos ajudando a compreender o Criador como Pai incansável e operante na extensão do universo.

A inspiração mediúnica de Pedro nos leva a ponderar quanto à necessidade de estarmos atentos às indagações que nos chegam, e, principalmente, em saber respondê-las de forma direta e objetiva. Recordemos que como candidatos ao esforço de renovação com o Cristo, seremos testados continuamente, convocados a dar o testemunho da nossa fidelidade aos princípios que acatamos como regra de vida, tal como ocorreu aos discípulos de Jesus.

- » *E Jesus, respondendo, disse-lhe: Bem aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus (Mt 16:17).*

Simão Barjonas significa filho de Jonas. Assim falando, Jesus personifica o apóstolo em sua condição humana, genealógica, estabelecida nas linhas da reencarnação. Esclarece, porém, em seguida, que não foi a herança genética (“não foi carne nem sangue”) que lhe concedeu condições para identificar o Messias divino, mas, sim, a sua percepção espiritual que extrapola a matéria. Pedro demonstra possuir uma soma de recursos psíquicos úteis ao acolhimento da orientação que veio do Alto. Por certo, percebera Jesus a sensibilidade do seu valoroso cooperador, felicitando-o pelo fato de ter o apóstolo reconhecido, em plena existência física, o Governador espiritual do orbe.

A frase: “porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus”, indica que somente quem atingiu este piso evolutivo consegue captar padrões de ordem transcendente. Entretanto, tais valores nos chegam continuamente do Alto, na forma de esclarecimentos e vibrações geradoras de segurança, equilíbrio e paz. Significa também dizer que a inspiração superior não está na dependência da “carne e sangue”, mas nos mecanismos impalpáveis da intuição e outras percepções psíquicas.

O processo evolutivo desempenha, igualmente, o papel extraordinário de preparar a instrumentalidade humana para, no devido momento, poder assimilar com propriedade o conteúdo de ordem sublimada oriundo dos planos superiores da vida. Verificamos, então,

que é na aprendizagem rotineira, desenvolvida, passo a passo, ao longo do caminho, que se enriquece a mente e fortalece o Espírito.

Importa considerar que Jesus emprega o singular na expressão “Mas meu Pai” referindo-se, obviamente, ao Criador supremo.

“Que está nos céus”. Não se trata, aqui, do céu religioso, tradicional, dos compêndios espirituais da retaguarda, fundamentados em interpretações teológicas e dogmáticas. Urge compreender “céus” como um estado vibracional da alma, em sua feição positiva de amor. É óbvio, que esse território está fora dos limites estreitos da matéria, mas vinculado aos meandros profundos do superconsciente. “Céus” é palavra que diz respeito ao estado de bem-aventurança. Estado em que a “[...] suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da Criação, que nenhuma linguagem humana jamais poderia descrever, que a imaginação mais fecunda não poderia conceber.”¹

São “céus” que se expressam no que existe de bom, de belo, de equilibrado e de harmônico, na medida em que avançamos em conhecimento e moralidade, pelo trabalho incessante.

A verdadeira percepção de Deus e do reino dos Céus é atributo dos Espíritos crísticos, como Jesus.

Os puros Espíritos são os messias ou mensageiros de Deus pela transmissão e execução das suas vontades. Preenchem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do universo, tarefa gloriosa a que se não chega senão pela perfeição. Os [Espíritos] da ordem elevada são os únicos a possuírem os segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento, de que são diretos representantes.¹

» *Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16:18).*

O apóstolo Pedro, ao identificar Jesus como o Cristo (Messias ou Enviado) de Deus, simboliza, de um lado, o médium Simão, filho de Jonas, mas por outro faz emergir “Pedro”, a nova personalidade que deverá alicerçar a edificação do templo de Deus vivo.

É importante destacar que a frase “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” reflete que a construção do Cristianismo não está assentada na pessoa de Simão Pedro, propriamente dita — como faz crer algumas interpretações religiosas cristãs —, mas na “pedra”,

no sentido de revelação ou de fundamento espiritual, que não se ergue da falibilidade dos conceitos humanos, mas da fé raciocinada, alicerce dos planos imortais da própria revelação de Jesus.

Dessa forma, a “[...] palavra de Jesus se torna a pedra angular, isto é, a pedra da consolidação do novo edifício da fé, erguido sob as ruínas do antigo.”⁵

Sabemos que após a crucificação de Jesus, Pedro inicia, em Jerusalém, a missão de divulgar o Evangelho que lhe fora confiado pelo Senhor. Mais tarde, “[...] ao lado de Paulo em Roma, Pedro articula os trabalhos evangélicos que se desenvolviam na grande cidade trabalhando fielmente até cair vítima da perseguição.”⁸

A palavra “igreja” citada na afirmativa: “edificarei a minha igreja”, nada tem a ver com templos de pedra, nem com organização teológica. Traz o sentido de congregação dos ensinamentos do Cristo, interpretados em espírito e verdade, concretizados nas manifestações de amor ao próximo. A “igreja” de Jesus deve refletir a luz dos seus ensinamentos que cresce em eficiência, à medida que cada um se conscientize dos postulados do Evangelho e os coloque em prática.

O Espiritismo esclarece que a palavra *inferno* na frase: “E as portas do inferno não prevalecerão contra ela” tem o significado de ignorância, treva, erro ou conflito. Não devemos esquecer que, em qualquer situação, cedo ou tarde, a treva sempre é absorvida pela luz e que a verdade sempre sobrepõe a mentira. O desenvolvimento do Cristianismo, em sua simplicidade e pureza, amplia-se na atualidade, com o advento da Doutrina Espírita. Com isso, mais criaturas estão sendo retiradas do desespero e da revolta para as faixas do entendimento e da harmonia, fechando de vez as portas largas da desilusão, abertas há milênios.

» *E eu te darei as chaves do reino dos Céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus (Mt 16:19).*

A Doutrina Espírita, em seu trabalho de cristianização de consciências, explica o simbolismo das “chaves”, usualmente considerado no sentido literal e místico.

Destacamos o seguinte na análise do texto evangélico: a) o sujeito da oração está na primeira pessoa do singular (“Eu”), indicando que é Jesus quem nos fornece os meios de libertação do cativeiro moral em que teimamos em permanecer; b) o beneficiário está no singular

(“te” ou “a ti”), revelando que o movimento dos seres no painel da grande renovação, proposto pelo Cristianismo, não pode estar na dependência de quem quer que seja. É de ordem pessoal, intrínseco e intransferível. Cada pessoa terá de exercitar o livre-arbítrio, realizando escolhas cada vez mais acertadas na medida que incorpora os ensinamentos de Jesus, revividos pelo Espiritismo; c) os instrumentos de libertação estão escritos no plural (“as chaves”), esclarecendo que “chaves” é um código que, ao ser desvendado, transforma propostas e cogitações de espiritualização humana em realidade tangível, sob os fundamentos da fé raciocinada; d) o verbo dar, indicativo de ação, está conjugado no futuro (“darei as chaves”) revelando que, em decorrência do bom uso do livre-arbítrio, alguns Espíritos já conseguiram a liberdade aguardada; outros estão no processo, trabalhando para obtê-la; muitos, entretanto, terão sucesso mais à frente, nos tempos futuros.

O sucesso ou insucesso espiritual depende do uso adequado ou incorreto das “chaves” ou livre-arbítrio. A promessa do Cristo é atemporal, estará sempre disponível. Cabe exclusivamente a nós abrir as portas do entendimento, e alcançar a libertação por meio dos recursos seguros do Evangelho. O Espiritismo, na sua feição de Cristianismo redivivo, nos ensina como fazer escolhas corretas. O entendimento espírita orienta que Jesus “[...] espera que a verdade emancipe os homens; ensina que a justiça atribui a cada um pelas próprias obras e anuncia que o Criador será adorado, na Terra, em espírito. [...] Jesus, a porta. Kardec, a chave.”⁹

“E tudo o que ligares na terra será ligado nos céus” se traduz como a criatura responsável que alcança o estágio de consciência iluminada. O ser esclarecido não tem como alegar desconhecimento dos fatos. Se por um lado a ignorância tem sido usada para atenuar certas ações humanas, o conhecimento confere, por outro, o atestado inarredável de responsabilidade. Sendo assim, os gravames e os atenuantes se refletem no futuro por força da lei de causa e efeito, uma vez que a “[...] Lei está escrita na consciência.”⁶

“E tudo o que desligares na terra será desligado nos céus” tem outros significados, já que “ligar” e “desligar” se expressam como: o mal escraviza, prende, limita, reduz e degrada o ser humano; o bem liberta, expande, dinamiza, eleva o ser. A experiência de cada pessoa se efetiva na esteira de vinculações e desvinculações, com ressonâncias de paz ou de sofrimento, segundo a qualificação de que se reveste. Se a justiça se impõe à revelia do ser, o amor lhe concede a faculdade de “ligar” e “desligar” por meio de pensamentos, palavras e ações.

Somente quem se liga de maneira segura aos ideais que elege, às propostas elevadas que se delineiam para a sua vida, poderá obter forças para desligar-se e desvincular-se das dificuldades ou dos equívocos a que se jungiu no passado.

- » *Então, mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Cristo (Mt 16:20).*

Ao instruir que se guardasse sigilo quanto ao fato de ser Ele o Cristo, o Mestre evidenciou, mais uma vez, que só o amadurecimento e a iniciação espirituais poderiam favorecer o entendimento de que era o Messias aguardado. Revela maturidade espiritual quem sabe identificar o momento em que um fato ou informação devam ser divulgados. Imaginemos no caso do Cristo!

Havia um clima de contenda entre os discípulos resultante das características individuais e dos interesses de cada um. Mesmo entre os apóstolos, nem todos compreenderam, de imediato, a missão de Jesus e quais seriam as consequências do Evangelho nas comunidades judaicas e gentílicas. Era importante, pois, que o povo, sobretudo os sacerdotes, membros do Sinédrio e mandatários romanos ignorassem, naquele momento, quem de fato era Jesus.

Os acontecimentos não devem ser precipitados, como bem nos esclarecem os Eclesiastes:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz (Ec 3:1-8).

Referências

1. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 58. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap. 3, item 12, p. 34.
2. _____. _____. Cap. 10, item 19, p. 154.

3. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 4, item 4, p. 84.
4. _____. _____. Cap. 14, item 4, p. 236.
5. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17, item 28, p. 379.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, questão 621, p. 307.
7. _____. _____. Questão 625, p. 308.
8. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003. Item: A confissão de Pedro, p. 155.
9. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 4. ed. Uberaba: 1973. Cap. 2 (O mestre e o apóstolo – mensagem ditada por Emmanuel), p. 25.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 7 (Aos discípulos), p. 31-32.

Orientações ao monitor

Analisar de forma dinâmica o texto evangélico, destacando, ao final, os pontos citados nos objetivos deste Roteiro.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 7

INSTRUÇÕES AOS DISCÍPULOS

Objetivos

- » Fazer uma análise espírita das instruções dadas por Jesus aos seus discípulos.

Ideias principais

- » Jesus instrui os doze apóstolos a iniciar a difusão do seu Evangelho entre os judeus afastados do Judaísmo, por insatisfação ou desilusão. Orienta-os a se manterem afastados dos samaritanos, considerados dissidentes do judaísmo, e dos gentios, politeístas por formação cultural.
- » Esclarece-os também que, por onde passarem, devem curar os doentes do corpo e do espírito, de forma gratuita, agindo sem discussões e desentendimentos, mas, ao contrário, pregando o Evangelho e anunciando o advento do reino dos Céus num clima de paz e harmonia.

Subsídios

1. Texto evangélico

Jesus enviou estes doze e lhes ordenou dizendo: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos Céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos; nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento. E, em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, procurai saber quem nela seja digno e hospedai-vos aí até que vos retireis. E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a; e, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vos a vossa paz. E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés (Mt 10:5-14).

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Jesus enviou estes doze, e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da Casa de Israel (Mt 10:5-6).*

Na época de Jesus e em consequência das ideias acanhadas e materiais então em curso, tudo se circunscrevia e localizava. A Casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e espiritualizam. A luz nova não constitui privilégio de nenhuma nação; para ela não existem barreiras, tem o seu foco em toda a parte e todos os homens são irmãos. Mas, também, os gentios já não são um povo, são apenas uma opinião com que se topa em toda parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como do Paganismo triunfou o Cristianismo. Já não são combatidos com armas de guerra, mas com a força da ideia.⁵

Considerando, porém, a época, vemos que as instruções de Jesus aos seus discípulos foram claras: procurar as ovelhas perdidas da Casa

de Israel, evitando os povos gentílicos. Que motivo justificava essa orientação específica? A resposta é simples: os seus discípulos não possuíam condições para lidar com as diferentes interpretações religiosas existentes, uma vez que conheciam, apenas, os ensinamentos da lei judaica. Eles, os discípulos, deveriam focalizar suas pregações aos irmãos de raça.

Importa considerar também que Jesus, de certa forma estava submetendo os seus discípulos a um teste, treinando-os para as futuras lutas que haveriam de passar na difusão do Cristianismo.

Durante algum tempo, os discípulos se dedicam ao aprendizado junto ao Mestre. Espíritos de alto progresso espiritual, fácil lhes fora assimilar as lições que Jesus lhes ministrava diariamente, não só pelas palavras, como também pelo exemplo. Fortificados pela fé que Jesus lhe acendera nos corações, estavam preparados para continuar a obra evangélica, que Jesus lhes confiaria.⁶

A missão dos doze apóstolos começa, pois, entre os próprios judeus, afastados do Judaísmo (“ovelhas perdidas da Casa de Israel”). O trabalho com os gentios (“as gentes”) caberia, em especial, ao apóstolo Paulo de Tarso, em época posterior.

Importa refletir um pouco mais sobre o sentido, de “ovelhas perdidas da Casa de Israel”, de “caminho das gentes” e “cidade dos samaritanos” citados no texto evangélico. As ovelhas perdidas eram os judeus afastados do judaísmo; os caminhos das gentes são as comunidades gentílicas; cidade dos samaritanos é a Samaria, capital do reino dissidente de Israel.

Os israelitas eram, naturalmente, os indicados para primeiro receberem o Evangelho, dado ao longo preparo espiritual que a lei de Moisés os tinha submetido. Dirigindo-se a eles, os discípulos encontrariam um terreno propício à sementeira.⁷

A história nos relata que muitos judeus estavam insatisfeitos com os seus sacerdotes, marcadamente voltados para as práticas exteriores; com as intrigas religiosas existentes entre o clero e os membros do sinédrio; com a servidão a Roma e os acordos políticos. Dessa forma, mantinham-se afastados das sinagogas. Existiam também os judeus que já não se contentavam com as práticas do Judaísmo oficial, por julgá-las falsas, inadequadas ou sem sentido. Entre os últimos estavam os samaritanos, considerados dissidentes do Judaísmo.

Após o cisma das dez tribos, Samaria [“cidade dos samaritanos”] se constituiu a capital do reino dissidente de Israel. [...] Os samaritanos estiveram quase constantemente em guerra com os reis de Judá. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas.¹

Além do mais, os samaritanos somente “[...] admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram posteriormente anexados.”²

Havia, assim, profunda divergência religiosa entre os judeus ortodoxos que os consideravam heréticos.¹

O “caminho das gentes” representam, no texto evangélico, a comunidade dos povos gentílicos que viviam próximos aos judeus. Considerados pagãos, eram politeístas por formação cultural.

Em muitas circunstâncias, prova Jesus que suas vistas não se circunscrevem ao povo judeu, mas que abrangem a humanidade toda. Se, portanto, diz a seus apóstolos que não vão ter com os pagãos, não é que desdenhe da conversão deles, o que nada teria de caridoso; é que os judeus, que já acreditavam no Deus uno e esperavam o messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, a lhes acolherem a palavra. Com os pagãos, onde até mesmo a base faltava, estava tudo por fazer e os apóstolos não se achavam ainda bastante esclarecidos para tão pesada tarefa.⁴

Extrapolando o sentido literal do texto, podemos dizer que as “ovelhas perdidas da Casa de Israel” representavam as pessoas que, possuindo uma base de espiritualização, estavam perdidas porque não encontraram na religião que adotavam como norma de conduta, respostas às suas indagações íntimas e aos seus anseios de crescimento espiritual.

O “caminho das gentes” indica outro tipo de pessoas, situadas em oposição às “ovelhas perdidas da Casa de Israel”: são os materialistas, descrentes por convicção ou por espírito de sistema. Encontram-se num estágio evolutivo onde as sensações da matéria lhes satisfazem o sentido e nada mais desejam. São pessoas que ainda não estão habilitadas à verdadeira transformação espiritual, por força do piso evolutivo em que se encontram. Entretanto, reconhecemos que entre estes podem surgir indivíduos decididos, dispostos a superar os limites impostos pela vida material.

A “cidade dos samaritanos” simboliza os discutidores religiosos, os dissidentes e os polêmicos. Vivem à parte, não se misturando com os que pensam de forma diferente. Entre eles, também, surgem os que impulsionam o progresso, que valorizam a união e a paz entre as criaturas.

- » *E, indo, pregai, dizendo: É chegado o reino dos Céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos; nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento (Mt 10:7-10).*

Qualquer pregação tem o sentido de despertar, de atrair o interesse de quantos estão predispostos a ouvir. Com Jesus, a pregação manifesta-se, não só por palavras, mas principalmente pela irradiação de sua personalidade superior, e, sobretudo pelos exemplos que Ele soube ilustrar.

“Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios” revela o quadro de enfermidades existentes no mundo. Os imperativos “curai”, “limpai”, “ressuscitai” e “expulsai” indicam o tratamento que deve ser aplicado aos doentes, não esquecendo que a proposta de Jesus envolve, necessariamente, atendimento aos desajustados da alma e do corpo.

A capacidade de expulsar “demônios” começa com o esforço de assepsia mental, perseverante e paciente, da seleção dos próprios pensamentos. Lembramos, assim, a orientação de *O evangelho segundo o espiritismo*: “Reconhece-se o verdadeiro espírito pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.³

“De graça recebestes, de graça dai” indica que toda doação deve ser espontânea e sem exigência, não esperando qualquer tipo de recompensa ou agradecimento. Os condicionamentos aos padrões materiais do mundo nos fazem desejar receber algo em troca de benefícios concedidos, expressos sob a forma de valores amoedados ou mesmo de um simples “muito obrigado”.

O Mestre desvincula o trabalho espiritual de qualquer recompensa, seja financeira, seja de outra espécie, quando afirma: “Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos”. Os bens materiais são valores necessários ao contexto vivencial da humanidade, no plano

físico. Por serem imprescindíveis, deles necessitamos. O que pesa, na verdade, é o apego e a forma de utilização desses bens.

O verbo “possuir” apresenta conotação especial na frase. Ouro, prata, cobre, alparcatas, túnicas etc., são, em determinados momentos, perfeitamente dispensáveis, quando a necessidade que se revela é de natureza essencialmente espiritual.

Registra o livro *Atos dos apóstolos*, 3:1-12, o episódio no qual Pedro e João são solicitados a auxiliar um coxo que, costumeiramente, era colocado na porta do templo para pedir esmola aos transeuntes. Consta que ao ver Pedro e João entrando no templo, o coxo lhes pediu uma esmola. Os apóstolos, porém, falaram ao necessitado que lhes olhassem nos olhos. Feita esta ligação, Pedro afirmou: “Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo seus pés e tornozelos se firmaram. E, saltando ele, pôs-se em pé.”

Percebe-se, na lição, que a mais importante necessidade do coxo era de natureza espiritual. Libertando-se daquele estado de limitação física pode, a partir daquele momento, cuidar da própria subsistência.

Existem, muitas vezes, preocupações exacerbadas, relacionadas ao suprimento de materiais em nossas tarefas. Entretanto, vem elas sendo atendidas, na medida do possível, sob o amparo superior. O suprimento material é necessário, mas o grande desafio é a presença de quem se dedica, com amor, sem o que a atividade se enfraquece.

“Nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcatas, nem bordão”, são ideias que simbolizam os suprimentos dos viajantes em trânsito de um lugar para outro. Estar vestido, calçado ou ter apoio estratégico (“bordão”) é medida de prudência. Sem dúvida, necessitamos desses recursos, até pelo fato de estarmos integrados ao campo reencarnatório. Mas superestimar o ouro, a prata, o cobre ou investir em valores acima do que é justo e necessário é colocar em plano secundário o trabalho espiritual a ser desenvolvido.

“Porque digno é o operário do seu alimento” quer dizer que não se deve subtrair da prática do bem os recursos de subsistência material. O trabalhador (“operário”) recebe o seu pagamento (“alimento”) como consequência natural do seu labor. O serviço de caridade ao semelhante, porém, se opera no íntimo do coração e se expressa como um gesto de benevolência ao próximo. Tudo isso revela fundamentação sábia da matemática divina.

- » *E, em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes procurai saber quem nela seja digno, e hospedai-vos aí até que vos retireis. E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a...* (Mt 10:11-12).

“E, em qualquer cidade ou aldeia”, Jesus mostra que não devemos ter preferência ou preocupação quanto ao local onde o bem deva ser realizado, pois em todos os lugares existem Espíritos necessitados: nos ambientes pobres ou nos prósperos, em pequenas ou grandes localidades. Da mesma forma, quando estamos identificados com a mensagem do Cristo, somos convocados a agir sem discriminações, nos colocando à disposição do próximo, segundo as determinações do Alto.

A “cidade” é constituída por aglomeração humana de certa importância, localizada numa área geográfica circunscrita, organizada e com infraestrutura essencial à sobrevivência e às facilidades da vida de seus habitantes. “Aldeia” é uma povoação de pequenas proporções, rural, menor que uma vila. Em geral, é local onde há construções simples e econômicas. O texto evangélico não discrimina o tamanho ou a qualidade do local mas enfatiza a necessidade de nos mantermos filiados a pessoas dignas favorecendo, assim, a manutenção de plano vibratório elevado.

Se na dinamização e distribuição dos recursos espirituais somos convocados a sair de nós mesmos, na busca de solução e superação dos problemas que nos são inerentes, necessitamos, por outro lado, “entrar” território adentro da aldeia íntima, selecionando conceitos, pensamentos e tendências, sem prescindir da vigilância.

“Procurai saber quem nela seja digno”, mostra que cabe a cada um a iniciativa de selecionar padrões morais que garantam sintonia elevada. Esta seleção não implica a busca por privilégios, mas a nossa identificação com quem favoreça a manutenção do processo educativo, uma vez que, na categoria de aprendizes, somos também portadores de numerosas fraquezas e imperfeições. Em qualquer situação de trato com os semelhantes ou no exame de suas ações, é imperioso distinguir o que é digno, porque digno será aquele que se afirma no bem.

A expressão “e hospedai-vos aí”, implica a ideia de alojamento com infraestrutura mínima para se proteger das intempéries. Hospedar um viajante era um dever, um hábito existente na sociedade judaica, representando um ato de caridade. Implica igualmente em acomodar-se, estabelecer-se. Espiritualmente, expressa a permanência na pauta

da cooperação. É, também, abrigar-se sob o teto dos pensamentos e atitudes dignas, com discernimento, perseverança e bom ânimo.

“Até que vos retireis” revela que a pessoa identificada com o Evangelho vive em constante dinâmica: auxiliando o próximo ou superando os problemas é lícito, imperioso mesmo, que procure novas experiências. Quando uma situação é resolvida, é preciso que se desligue dela, retendo apenas o aprendizado daí decorrente que, por sua vez, servirá de base para a vivência de novas experiências.

“E, quando entrardes nalguma casa, saudai-a” indica entrar em relação ou sintonia com alguém. A sintonia será tanto maior quanto maiores forem os laços de simpatia. A palavra “casa” tem dois sentidos: o de habitação ou abrigo material, local de vivência comum; e o de casa mental, residência íntima em que nos abrigamos, ininterruptamente, todas as horas do dia.

Estamos sempre entrando e saindo da casa mental das pessoas: durante uma simples conversa, numa palestra, num estudo; na permuta de vibrações, ideias e sentimentos.

O “saudai-a” implica felicitar, testemunhar respeito, louvar o que se nota de positivo, de criativo ou de edificante nas pessoas. A saudação indicada por Jesus, extrapola as convenções sociais porque utiliza os ingredientes do amor e do respeito. Esta saudação pode simbolizar um bálsamo que alivia dores; um esclarecimento que elucida ou um apaziguamento que estimula a concórdia.

É de bom alvitre que, ao entrar na casa material ou na mental de alguém, tenhamos “olhos de ver” e “ouvidos de ouvir”. É preciso enxergar o que é bom e ouvir o que é útil. Adotar a discrição ou silêncio ante as vibrações inferiores, porventura ali reinantes, é atestar sabedoria.

- » *E, se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz. E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó dos vossos pés (Mt 10:13-14).*

O conceito de dignidade nos padrões do Evangelho extrapola as convenções sociais e as aparências. Deixa de ser uma condição que toca o exterior, atingindo assim, a intimidade do ser.

“Desça sobre ela a vossa paz”, na ação consequente da sintonia no bem, significa aquilo que desejamos para quem nos abriga ou nos

auxilia. Há, neste sentido uma associação de vibrações, quando as ideias ou atitudes de uma pessoa encontram ressonância na outra. A paz não se traduz apenas como expressão de bons votos, ou de vibrações harmônicas, mas no trabalho efetivo e permanente da alegria de conviver.

“Mas, se não for digna”, explica o cultivo de ideias inferiores ou indignas em nossa casa mental, mantendo-a refratária aos valores espirituais. Mesmo como espíritas, ainda vivemos sob o impacto de recaídas quando, invigilantes, alimentamos “indignidades” e introduzimos desarmonias no psiquismo próprio e alheio.

“Torne para vós a vossa paz.” É da lei: a doação do bem produz recebimento do bem. Não existe na vida ganhos e perdas; há, sim, ação e reação, causa e efeito. As ações, boas ou más, voltam para nós, acrescidas das vibrações de natureza semelhante.

Ainda que bem-intencionados, não devemos menosprezar a ponderação no ato de ajudar, evitando nos guiar por impulsos ou emoções intempestivas. A ausência de esclarecimento e de controle emocional impõe restrições ao exercício da caridade. O benfeitor esclarecido sabe operar com humildade, sem exigências ou constrangimentos, garantindo, em quaisquer circunstâncias, a paz que cultiva nas bases do entendimento e da compreensão.

“E, se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras...”, mostra que nem todas as pessoas mantêm sintonia com as nossas ideias e atitudes. Não há motivos para atritos ou conflitos se alguém não nos recebe bem. A reencarnação explica os sentimentos de simpatia e antipatia existentes nos inter-relacionamentos humanos. Exercitemos a capacidade de fixar as lições que as pessoas nos trazem, detendo o que é bom.

“Saindo daquela casa ou cidade”, revela que no terreno da comunicação humana atuam forças internas, irradiadas pelas próprias pessoas, e forças externas, provenientes do ambiente, bem como de outros personagens que se encontram fora do processo. Tais forças determinam as ações de atração e repulsão, aceitação ou rejeição de ideias e atitudes.

“Saindo da casa” implica, também, retirada física ou vibratória do ambiente. Isto é aconselhável quando as paixões são exacerbadas e existe o risco de conflitos desagregadores. Recuar e afastar, nesta situação, é medida de bom senso, ainda que se entenda que as melhores disposições de auxílio ou cooperação foram adiadas.

Há situações, porém, que o afastamento pode ser traduzido como “manter-se num compasso de espera”. Nem sempre as pessoas revelam condições para absorver um ensinamento. É preciso, pois, dar tempo ao tempo, a exemplo de como faz Jesus: permanece nos aguardando há milênios até que a maturidade espiritual nos alcance e estejamos prontos a aceitar o seu jugo.

“Sacudi o pó dos vossos pés” significa não guardar mágoas nem ressentimentos. É esquecer todas as lembranças infelizes, agindo com bom ânimo, empregando energias construtivas no trabalho de todos os dias, evitando compromissos ou vinculações com o mal.

Natural é o desejo de confiar a outrem as sementes da verdade e do bem, entretanto, se somos recebidos pela hostilidade do meio a que nos dirigimos, não é razoável nos mantenhmos em longas observações e apontamentos, que, ao invés de conduzir-nos a tarefa a êxito oportuno, estabelecem sombras e dificuldades em torno de nós.⁸

Se alguém não reconheceu a tua boa vontade ou intenção, porque perder tempo com sentenças acusatórias? Tal atitude não soluciona problemas nem resolve conflitos. Ignoras, acaso, que o negador e o indiferente serão igualmente chamados pela morte do corpo à nossa pátria de origem? Encomenda-os a Jesus com amor e prossegue, em linha reta, buscando os teus sagrados objetivos. Há muito por fazer na edificação espiritual do mundo e de ti mesmo. Sacode, pois, as más impressões e marcha alegremente.⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução 3, p. 41.
2. _____. _____. p. 41-42.
3. _____. _____. Cap. 17, item 4, p. 276.
4. _____. _____. Cap. 24, item 9, p. 349.
5. _____. _____. Item 10, p. 350.
6. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, item: Os doze e sua missão, p. 83.
7. _____. _____. p. 84.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 71 (Sacudir o pó), p. 157-158.
9. _____. _____. p. 158.

Orientações ao monitor

Analisar de forma dinâmica o texto evangélico, favorecendo a participação de todos.

EADE LIVRO II | MÓDULO III

ENSINOS POR PARÁBOLAS

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 1

O SEMEADOR

Objetivos

- » Interpretar a Parábola do Semeador segundo o entendimento espírita.

Ideias principais

- » A Parábola do Semeador, também conhecida como da semente, mostra que ninguém [...] *julgue fácil a aquisição de um título referente à elevação espiritual. O Mestre recorreu sabiamente aos símbolos vivos da natureza, favorecendo-nos a compreensão.* Emmanuel: *Caminho, verdade e vida.* Cap. 102.
- » *A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. XVII, item 6.

Subsídios

1. Texto evangélico

Tendo Jesus saído de casa naquele dia, estava assentado junto ao mar. E ajuntou-se muita gente ao pé dele, de sorte que, entrando num

barco, se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. E falou-lhe de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear. E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na; e outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda. Mas, vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na. E outra caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outro, a sessenta, e outro, a trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça (Mt 13:1-9).

A semente, citada no texto evangélico, retrata os ensinamentos de Jesus, contidos no seu Evangelho. Os diferentes locais onde a semente foi semeada simbolizam a diversidade evolutiva dos seres humanos. O semeador é Jesus, nosso orientador maior, guia e modelo da humanidade terrestre.

A Parábola do Semeador exprime perfeitamente os matizes existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, com efeito, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá! Não menos justa aplicação encontra ela nas diferentes categorias espíritas.¹

Neste sentido esclarece Emmanuel:

Jesus é o nosso caminho permanente para o divino Amor. Junto dele seguem, esperançosos, todos os Espíritos de boa vontade, aderentes sinceros ao roteiro santificador. Dessa via bendita e eterna procedem as sementes da Luz celestial para os homens comuns. Faz-se imprescindível muita observação das criaturas, para que o tesouro não lhes passe despercebido. A semente santificante virá sempre, entre as mais variadas circunstâncias.⁴

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Tendo Jesus saído de casa naquele dia, estava assentado junto ao mar (Mt 13: 1).*

A expressão: “Tendo Jesus saído de casa” revela a incansável dinâmica da forma dele agir (levantar-se, sair, dirigir-se, entrar, chegar etc.) e uma lição que nos alerta quanto ao imperativo do trabalho e da perseverança. Refletindo, vemos que o ato de “sair de casa” não se

resume a mera rotina externa. Simboliza, também, a saída de nosso casulo mental, onde costumamos permanecer recolhidos, às vezes, por séculos, no culto do egocentrismo, e de onde necessitamos afastar-nos, sob novos fundamentos, para cultivar os legítimos valores de vida.

A outra informação do versículo, “estava assentado junto ao mar”, revela o local onde Jesus se posicionou para atender a multidão necessitada. Este local pode ser entendido como o “mar das experiências humanas”, ponto propício ao crescimento espiritual do ser humano.

A saída se deu “naquele dia”, indicando que sempre surge o momento ou circunstância favorável à renovação individual. Tais ocorrências se manifestam nos acontecimentos corriqueiros, no dia a dia da existência, e representam bênçãos oferecidas pela Bondade superior, mas que dependem da capacidade de a pessoa “ver” e “ouvir” para saber aproveitá-las com êxito.

Assim, “tendo Jesus saído de casa naquele dia, estava assentado junto ao mar”, nos revela um episódio perfeitamente natural na vida de um habitante de uma cidade próxima ao Tiberíades. O local — “junto ao mar” — indica, para os que ouvem o chamamento ao trabalho de realização espiritual, o ponto adequado para se viverem novas experiências. Jesus estava assentado junto ao mar, mantendo-se na posição tranquila que lhe caracterizava o Espírito, aguardando o instante de atender os Espíritos necessitados e encaminhá-los aos ajustes necessários, consoante a manifestação da lei de causa e efeito.

» *E ajuntou-se muita gente ao pé dele, de sorte que, entrando num barco, se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia (Mt 13:2).*

Eis aqui um atestado fiel das ações de quem possui autoridade moral. Percebemos que todo coração que se lança ao esforço de renovação e trabalho efetivo no bem “ajunta” outros corações em torno de si, sem restrições de qualquer natureza. Dessa forma, a multidão, carente de segurança e amparo, aproxima-se de Jesus, atraída pela sua poderosa vibração de amor.

Da mesma forma, os princípios da caridade nos indicam que os laços de simpatia são importantes nas atividades de auxílio e cooperação com o Cristo. Sendo assim, é normal sejamos solicitados, buscados. Como a caridade extrapola qualquer horário para ser exercida, é imperioso manter o Espírito pulsando na cadência da doação, porque o amor, sustentáculo do universo, pulsa em ritmo de eternidade, onde quer que se manifeste. A Doutrina Espírita nos auxilia esclarecendo.

A vida, pródiga de sabedoria em toda parte, demonstra o princípio da cooperação, em todos os seus planos. [...] Cada criatura é peça significativa na engrenagem do progresso. Todos possuímos destacadas obrigações no aperfeiçoamento do Espírito. Alma sem trabalho digno é sombra de inércia no concerto da harmonia geral.⁷

Naturalmente, o magnetismo de Jesus tinha uma feição não apenas terapêutica, mas de alta ressonância no que diz respeito ao redirecionamento da vida de muitos corações sofredores, oferecendo-lhes diretrizes mais felizes e mais gratificantes na condução da própria existência.

A frase seguinte mostra que Jesus “se assentou, e toda a multidão estava em pé na praia”. A multidão, pelo fato de estar em pé, define a sua disposição de aprender, de receber ou acolher as orientações vindas do Mestre: estava em pé, isto é, pronta, preparada para aprender com segurança.

- » *E falou-lhe de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear (Mt 13:3).*

A utilização de parábolas para ensinar indica que Jesus se encontrava perante uma multidão heterogênea, imbuída do desejo de crescer, mas ainda despreparada para absorver verdades espirituais em toda a sua plenitude. O ensino por parábolas lhes atendia as necessidades imediatas, preservando, porém, as orientações superiores, sem ocultá-las, as quais seriam utilizadas no futuro pelo Espírito, quando estivesse numa posição evolutiva melhor.

“Eis que o semeador saiu a semear” é expressão que encerra profundo magnetismo. Trata-se de um convite dirigido aos Espíritos abertos ao aprendizado, já que a mensagem do Cristo implica o lançamento de sementes nos diferentes “solos humanos”, uma vez que o Evangelho de Jesus, assim como a Doutrina Espírita, trabalham sempre a “semente”, raramente o “fruto”.

O verbo sair implica significativa dinâmica operacional: semear sempre o Evangelho, independentemente dos solos e das circunstâncias, sem aguardar resultados dessa semeadura.

Para tanto, é preciso abrir as portas do coração e sair do casulo cristalizado das conveniências, alimentadas e realimentadas ao longo dos tempos.

- » *E, quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves e comeram-na (Mt 13:4).*

Este tipo de solo, ou local onde as sementes caíram, simbolizam as pessoas que permanecem à margem das orientações espirituais que lhes chegam durante a existência.

Aqui vemos os indiferentes; achegam-se ao Evangelho, ouvem as lições e retiram-se; seus corações não sentem os ensinamentos e, por comodismo, acham mais fácil abandoná-los; são terrenos ainda não preparados para a semeadura.²

São pessoas que, alheias, “ouvem” falar do Evangelho, mas que se mantêm indiferentes aos seus ensinamentos. Guardam, em si, a promessa de produzir quando as provas ou o conhecimento lhes marcarem a existência.

Independentemente do indiferentismo humano, o semeador continua na sua missão de semear, oferecendo oportunidades a todos os que estiverem dispostos a conhecer o Evangelho.

O texto fala que as sementes caídas ao pé do caminho serviram de alimento às aves. Não chegaram, pois, a germinar. Ou seja, as pessoas representadas pelo terreno situado à beira da estrada foram totalmente refratárias ao Evangelho. Representam, sem dúvida, os materialistas de todos os tempos.

Somente as reencarnações sucessivas associadas ao aprendizado desenvolvido no plano espiritual poderão reajustar os situados ao “pé do caminho” para as realidades espirituais e para a importância do Evangelho.

- » *E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda. Mas, vindo o sol, queimou-se e secou-se, porque não tinha raiz (Mt 13:5-6).*

As pessoas representadas pelo terreno pedregoso se encontram numa situação melhor que as anteriores. As pedras indicam formações mentais cristalizadas ainda existentes em todos nós, Espíritos imperfeitos, mas que precisam ser removidas ou desfeitas, seja pelo conhecimento de verdades imortais seja pela melhoria moral, bênçãos concedidas pela bondade do pai Celestial. As pedras podem, também, ser vistas como condicionamentos ou reflexos dominantes da personalidade que se expressam sob a forma de interesses passageiros e superficiais, e que não cedem espaço a entendimentos mais profundos.

As pessoas simbolizadas pelo terreno pedregoso, são as entusiasmadas de primeiro momento que, ante os menores obstáculos que surgem no exercício do bem, não conseguem se manter fiéis aos ensinamentos de Jesus, deles se afastando.

O texto informa que as sementes foram semeadas “onde não havia terra bastante”. Sabe-se que o terreno existente entre as formações rochosas milenares (pedras) é poroso e leve (“fofo”). São áreas que favorecem rápida germinação e morte das sementes, por lhes faltarem profundidade. Esses terrenos assemelham-se às pessoas que, de imediato, abrigam e desalojam boas intenções: são os pródigos que surgem em muitas frentes e não se mantêm ali; são pessoas que revelam emoções de periferia; são candidatos a todo tipo de cursos; são pessoas que aportam às reuniões com entusiasmo, mas que delas rapidamente se afastam; são companheiros de jornada que desistem ou desanimam ante os mais insignificantes obstáculos.

Percebe-se, pois, que não basta à semente germinar, é preciso que ela cresça e frutifique.

A sabedoria de Jesus acrescenta, em seguida: “e logo nasceu, porque não tinha terra funda, mas, vindo o sol, queimou-se. E secou-se, porque não tinha raiz”. A “terra” das boas intenções se revela, muitas vezes, carente de persistência, não conseguindo sobreviver aos desafios da vida. Indica a personalidade dos que se mantêm nos interesses horizontais do conhecimento superficial, sem revelarem maior capacidade de aprofundamento.

O fato de “secar por não ter raiz” mostra que faltam ao terreno, além da terra, nutrientes e água, necessários à germinação e ao equilíbrio da semente. Trazendo este simbolismo para a nossa própria condição espiritual, percebemos que, se não existem raízes nas nossas manifestações de mudança para melhor, é natural que a sementeira fracasse ou que a transformação seja adiada.

Quando nos reportamos ao problema da transformação espiritual, a comunidade dos discípulos do Evangelho concorda conosco, quanto a semelhante necessidade, mas nem todos demonstram perfeita compreensão do assunto. [...] A renovação indispensável não é de plano exterior flutuante. Transformar-se-á o cristão devotado, não pelos sinais externos, e sim pelo entendimento, dotando a própria mente de nova luz, em novas concepções. Assim como qualquer trabalho

terrestre pede a sincera aplicação dos aprendizes que a ele se dedicam, o serviço de aprimoramento mental exige constância de esforço no bem e no conhecimento.⁶

Fica claro, assim, que toda disposição de melhoria, não se deve restringir às boas intenções, fáceis de serem dissolvidas nas lutas do cotidiano. É necessário que construamos uma boa base (com “terra funda”) de conhecimento doutrinário que possa alimentar a nossa sincera vontade de melhorar, criando empecilhos ao desânimo e ao abandono do trabalho.

- » *E outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e sufocaram-na (Mt 13:7).*

Os espinhos indicam outro tipo de solo onde as sementes foram semeadas. São viciações, más inclinações ou imperfeições que ainda abrigamos.

Devemos ter cuidado com esses espinhos, já que podem colocar em risco a boa produção da sementeira, além de sufocarem os mais valorosos projetos e as mais nobres intenções.

Temos aqui aqueles que ao ouvirem a palavra divina, comparam as coisas materiais com as espirituais e se decidem pelas materiais, por parecer-lhes um caminho mais fácil e mais cômodo; são almas de pequenino desenvolvimento espiritual, que se acomodam melhor nas facilidades que a matéria proporciona.³

Os espinhos representam, também, o egoísmo, a intolerância, a maledicência, o autoritarismo, o orgulho, a vaidade, o personalismo, entre tantos outros vícios, que criam obstáculos ao processo de evangelização da criatura humana.

- » *E outra caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outro, a sessenta, e outro, a trinta. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça (Mt 13:8-9).*

Quando o terreno está devidamente preparado, a produção está assegurada, num processo contínuo.

A “boa terra” representa a terra fértil que possui condições propícias à germinação da semente, ao surgimento e amadurecimento da planta, assim como a produção do fruto.

Os ensinamentos do Evangelho quando alcançam as pessoas simbolizadas pela “boa terra”, são assimilados e difundidos, num

processo natural. O terreno fértil produz uma lavoura de significativo valor caracterizada por frutos suculentos e nutritivos.

Entretanto, é importante considerar que nem todo terreno fértil produz igualmente: “E outra caiu em boa terra e deu fruto: um, a cem, outra a sessenta, e outro, a trinta.” Esse trecho mostra que toda semente que encontra terreno qualificado pela bondade do Cristo produz incessantemente, por atestar a sua origem. “Outro a sessenta e outro a trinta” revela que o percentual de produção pode ser menor em uns, mas que não deixa de dar a sua resposta, sempre positiva. “Outro a trinta”: nesta faixa se localizam aqueles que se posicionam no sublime momento do despertar para as realidades espirituais. Estão dispostos a oferecerem cotas, porém menores, no redirecionamento de sua existência, no plano das lutas evolutivas.

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”, é o alerta que nos informa ser preciso, não apenas escutar orientações, propriamente ditas, mas, aprender a identificar oportunidades de crescimento.

“Quem tem ouvidos para ouvir”, não perde tempo com lamentações, gemidos ou clamores. Conhece as dificuldades que envolvem os que produzem bons frutos, mas não se detém: trabalha incessantemente, guiando-se pelas elevadas intuições que lhes inspiram os benfeitores espirituais, sem medos, pressas ou retardamentos. Palmilha o caminho da efetiva libertação, transformando-a em reservas de bom ânimo e encorajamento em bálsamos que aliviam as dores do próximo.

Os adeptos sinceros do Evangelho de Jesus são, assim, a “boa terra”, inspirados nos ensinamentos da Boa-Nova, esforçam-se em vivenciá-los, sem medir sacrifícios.

Os quatro campos de semeadura, citados na parábola, simbolizam os diferentes tipos de mentalidade espiritual. A semente é o Evangelho de Jesus, entendido como roteiro de vida, mesmo quando chega até nós e não encontra a devida ressonância. Quando isto acontece, as sementes caídas às margens do caminho servem de alimento aos pássaros, porque os condicionamentos seculares — representados por valores fugidios e vinculados ao plano puramente material — falam mais alto. A segunda situação nos reporta à terra rasa, sem profundidade, que favorece a germinação da semente lançada, mas que não permite que se crie raiz devido à presença de pedras — que são as cristalizações de ideias e de

comportamentos, heranças de experiências passadas. As sementes germinadas entre os espinhos, por sua vez, originaram o crescimento de uma frágil planta que logo morre sufocada. Os “espinhos” são os hábitos menos felizes, de feições acentuadamente transitórias. Um pensamento negativo ou a supervalorização de coisas materiais, por exemplo, podem crescer desordenadamente, abafando, por egoísmo ou comodismo, os valores imortais que nos chegam do Alto. A semente que cai no terreno fértil é a que foi semeada num coração mais amadurecido e receptivo ao Evangelho, disposto a acatar novos aprendizados e a renunciar às antigas e infelizes aquisições. Mesmo neste solo fértil, cada um produz de acordo com o seu piso evolutivo ou grau de adiantamento espiritual: uns produzem mais, outros produzem menos.

A propósito, elucidada o esclarecido benfeitor espiritual Emmanuel:

Se o terreno de teu coração vive ocupado por ervas daninhas e se já recebeste o princípio celeste, cultiva-o, com devotamento, abrigando-o nas leiras de tua alma. O verbo humano pode falhar, mas a Palavra do Senhor é imperecível. Aceita-a e cumpre-a, porque, se te furtas ao imperativo da vida eterna, cedo ou tarde o anjo da angústia te visitará o espírito, indicando-te novos rumos.⁵

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17, item 6, p. 277.
2. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 16. ed. São Paulo: O Pensamento, 2004. Cap. 13 (A parábola do semeador), p. 131.
3. _____. _____. p. 132.
4. XAVIER. Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 25 (Nas estradas), p. 65.
5. _____. _____. p. 66.
6. _____. _____. Cap. 167 (Entendimento), p. 349-350.
7. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 32 (Colaboração), p.135-136.

Orientações ao monitor

Interpretar, de forma dialogada, a Parábola do Semeador (Mt 13:1-9), constante deste roteiro, correlacionando-a com ideias referenciadas em obras de Emmanuel, Cairbar Schutel, Eliseu Rignatti, Vinícius e outros.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 2

O BOM SAMARITANO

Objetivos

- » Interpretar a Parábola do Bom Samaritano segundo o entendimento espírita.

Ideias principais

- » A Parábola do Bom Samaritano é um exemplo de como se deve praticar a caridade.
- » *Ser caridoso é ser profundamente humano e aquele que nega entendimento ao próximo pode inverter consideráveis fortunas no campo de assistência social [...], mas terá que iniciar, na primeira oportunidade, o aprendizado do amor cristão, para ser efetivamente útil.* Irmão X: *Lázaro redivivo*, cap. 19.
- » A Parábola do Samaritano não [...] *considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XV, item 3.

Subsídios

1. Texto evangélico

E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar (Lc 10:30-35).

A parábola do Bom Samaritano é um exemplo que ilustra a moral do Evangelho, fundamentada na prática da caridade.

Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Ele aponta essas duas virtudes como as que conduzem à eterna felicidade: Bem-aventurados, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos Céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que queríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, Ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.³

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto (Lc 10:30).*

Jerusalém (do hebraico *urusalim* que significa “a fundação de Salém”) é uma cidade bíblica espalhada entre dois montes (altitude média de 750 m), limitada ao sul e a oeste pelo vale do Enom e a leste pelo vale do Cedron, que a separa do Monte das Oliveiras. Jerusalém começou a ser habitada desde o terceiro milênio a.C. Depois da conquista do local pelos israelitas, Jerusalém foi ocupada pela tribo de Benjamin (uma das doze tribos de Israel) que, sob o comando do rei Davi, subjuguou os habitantes nativos, formados por uma população racial heterogênea: os jebuseus, os amorreus e os hinitas. Davi transformou Jerusalém na capital independente das 12 tribos, fez dela um centro de tradição cultural e espiritual do Judaísmo, levando para lá a arca da aliança, a que todas as tribos prestavam vassalagem. O primeiro templo da religião judaica foi erguido nesta cidade por Salomão, em 960 a.C.

Jerusalém sofreu vários ataques de povos conquistadores, os mais importantes foram: o babilônico (587-586 a.C.); o do Egito (guerra dos ptolomeus) e da Síria (guerra dos selêucitas), entre os anos 201, 199 e 198 a.C. Em 63 a.C. os romanos dominam a região e designam Herodes rei da Judeia, em 40 a.C.

Espiritualmente falando, Jerusalém é considerada a sede do Monoteísmo, simbolizando para o Judaísmo uma cidade santa, da mesma forma que Meca para os muçulmanos e Roma para os católicos. Nos dias atuais, Jerusalém é a capital de Israel e, também, para os palestinos, a capital do Estado Palestino. Esta situação representa um foco de contínuos conflitos religiosos e políticos, acerbado pelas ideologias fanáticas e extremistas ali existentes.⁵

Jericó (do hebraico *yareath* que significa “lua”) situa-se a 12 km ao norte do Mar Morto, a oeste do vale do Jordão. Em termos de altitude, é uma das cidades mais baixas da Terra, localizando-se a 258 metros abaixo do nível do mar... Cidade muito antiga — com vestígios da presença de caçadores mesolíticos nove mil anos antes do Cristo —, sempre mereceu a atenção dos viajantes por ter um dos maiores oásis da região; pelas suas fontes de águas medicinais; pelos palácios

construídos no período helenístico e à época de Herodes; pelo enorme aqueduto rodeado de palmeiras e pela beleza e luxo das moradias, erguidas por famílias ricas de Jerusalém.⁴

A rota de Jerusalém para Jericó, no passado e no presente, se caracteriza pela movimentação comercial. A parábola nos relata a história de um homem que viajando de Jerusalém para Jericó foi assaltado, espancado e deixado quase morto à beira da estrada. O episódio nos conduz a algumas reflexões, fundamentadas nas orientações espíritas.

Destaca-se, em primeiro lugar, a violência a que o viajante foi submetido, característica de um mundo de expiações e provas, onde o mal predomina.

A Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência.²

Uma via comercial, como a existente entre Jerusalém e Jericó, de intenso trânsito e movimentação de bens materiais, atrai a presença de trabalhadores honestos que com esforço e dedicação garantem a sua subsistência, quanto a permanência de pessoas inescrupulosas, descomprometidas com o bem, que não hesitam em prejudicar os desavisados que por ali transitam.

Na tentativa de retirar o “espírito da letra” entendemos, em segundo lugar, que a descida de Jerusalém para Jericó pode ser analisada noutro contexto. Indica a queda de um padrão vibratório mais elevado para um plano de vibrações inferiores, em decorrência da invigilância moral. Nesse processo de descida, podemos manter sintonia com entidades perturbadoras que, tomando de assalto a nossa casa íntima, rouba a nossa paz, nos fere profundamente e nos deixa quase mortos à margem da vida.

A descida de um padrão vibratório, de forma invigilante, sempre ocasiona prejuízos. Descer, porém, para auxiliar os que se encontram em planos vibracionais inferiores, é medida de auxílio ao próximo, desde que se concretize num plano harmônico e de entendimento. Sendo assim, aconselha Emmanuel:

Desce elevando aqueles que te comungam a convivência, para que a vida em torno suba igualmente de nível. [...] nesse sentido, não te esqueças do Mestre que desceu, até nós, revelando-nos como sublimar a existência. [...] Todavia, por descer, elevando quantos lhe não podiam compreender a refulgência da altura, é que se fez o caminho de nossa ascensão espiritual, a verdade de nosso gradativo aprimoramento e a vida de nossas vidas, a erguer-nos a alma entenebrecida no erro, para a vitória da luz.¹²

- » *E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo. E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo (Lc 10: 31 a 32).*

Apesar de ser detentor de vários recursos, o coração desse sacerdote se mantinha fechado à prática da solidariedade, ensinada por todas as interpretações religiosas, cristãs e não cristãs. “Vendo-o” indica mera observação superficial, desinteresse de quem nada sente, porque não há sentimentos envolvidos.

O [...] sacerdote e o levita significam os padres das religiões que, em vez de tratarem dos interesses da coletividade, tratam dos interesses dogmáticos e do culto de suas igrejas [...].⁶ É muito comum encontrarmos pessoas que se declaram cansadas de praticar o bem. Estejamos, contudo, convictos de que semelhantes alegações não procedem de fonte pura. [...] É indispensável muita prudência quando essa ou aquela circunstância nos induz a refletir nos males que nos assaltam, depois do bem que julgamos haver semeado ou nutrido. [...] Se nos entediarmos na prática do bem, semelhante desastre expressará em verdade que ainda nos não foi possível a emersão do mal de nós mesmos.⁹

Daí ser sempre atual a exortação de Paulo: “E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem” (II Ts 3:13).

“Passar de largo” reflete ociosidade mental, enfatiza postura de quem está acostumado a cultivar o interesse pessoal e a indiferença para com as necessidades dos que sofrem. Cedo ou tarde, esta atitude repercutirá no íntimo do ser, gerando processos de culpa.

Quando fugimos ao dever, precipitamo-nos no sentimento de culpa, do qual se origina o remorso, com múltiplas manifestações, impondo-nos brechas de sombra aos tecidos sutis da alma.¹⁰

É nesse estado negativo que, martelados pelas vibrações de sentimentos e pensamentos doentios, atingimos o desequilíbrio parcial ou total da harmonia orgânica, enredando corpo e alma nas teias da enfermidade [...]. Cair em culpa demanda, por isso mesmo, humildade viva para o reajustamento tão imediato quanto possível de nosso equilíbrio vibratório, se não desejamos o ingresso inquietante na escola das longas reparações.¹¹

- » *Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão. E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. E, partindo ao outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar (Lc 10:33-35).*

Os samaritanos eram os habitantes da Samaria que, após a separação das tribos de Israel, se tornou a capital do reino dissidente.

Os samaritanos estiveram quase que constantemente em guerra com os reis de Judá [que tinham em Jerusalém sua sede]. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas. Aqueles, para tornarem maior a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram posteriormente anexados. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos.¹

Na verdade, os samaritanos representavam o grupo conservador dentro da religião judaica; a Samaria pode ser entendida como um símbolo de transição entre o Judaísmo, os gentílicos e o Cristianismo.

É importante considerar porque Jesus escolheu o samaritano como um exemplo da verdadeira prática da caridade, sendo os habitantes da Samaria desprezados e mantidos à distância pelos demais judeus.

Pelo fato de os samaritanos representarem uma minoria, que interpretavam de forma diferente os livros básicos do Judaísmo, e terem práticas religiosas que contrariavam as orientações existentes no templo de Salomão, em Jerusalém, não implicam que eram pessoas más. Ao contrário, as citações evangélicas e as constantes de *Atos*

dos apóstolos, indicam que Jesus e seus apóstolos os consideravam pessoas de bem.

Talvez pelo fato de serem tão desprezados pelos seus irmãos de raça, tivessem os samaritanos desenvolvido uma vigilância maior, relativamente ao comportamento e conduta de vida. Entretanto, algo se destaca quando o bom samaritano vê a pessoa ferida, quase morta, caída no caminho. Esse “algo” é o sentimento de compaixão que ele sentiu pelo ferido.

Jesus nos mostra, assim, que a verdadeira caridade só é praticada quando nos compadecemos dos que sofrem. Todos os benefícios que o samaritano produziu ao ferido (atar-lhe as feridas, levá-lo a uma hospedaria e garantir-lhe cuidados suplementares para o restabelecimento da saúde) foram gestos de bondade, desencadeados pela compaixão.

O Espírito Irmão X nos transmite informações sobre os personagens dessa parábola.

Segundo aprendi, o homem que descia de Jerusalém para Jericó, no episódio do bom samaritano, ao cair em poder dos ladrões, que o deixaram semimorto, apelou, em prece muda, para a bondade de Deus. Compadecido, o Todo-misericordioso expediu, sem detença, um mensageiro, que naturalmente carecia de instrumento humano a fim de expressar-se. O preposto da Providência, colocou-se ao lado da vítima, aguardando, ansiosamente, a chegada de alguém que se dispusesse a colaborar com ele no piedoso mister. Justamente um sacerdote de grande ciência nas Escrituras, educado nos princípios do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, foi o primeiro a aproximar-se... O encarregado da bênção tentou induzi-lo à benevolência; todavia, o titular da Fé, receando atrapalhações, tratou de estugar o passo e seguiu adiante. Logo em seguida, um levita, igualmente culto, apareceu no sítio e o benfeitor das alturas rogou-lhe cooperação, de balde, porque o zelador da Lei, temendo complicar-se, negou-se a considerar o pedido mental, afastando-se, rápido. Mas um samaritano desconhecido, que viajava sem qualquer rótulo que lhe honorificasse a presença, ao passar ali assinalou no coração a rogativa que o Emissário divino lhe endereçava e, deixando-se tomar por súbita compaixão, passou junto dele ao trabalho da assistência imediata. Limpou o infeliz, estancou-lhe o sangue das feridas e, logo após, acomodando-o no cavalo, conduziu-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, desembolsou o dinheiro necessário, pagou-lhe a

estalagem e, antes de partir, responsabilizou-se, de modo espontâneo, por todas as despesas que viessem a ocorrer no tratamento exigido, correspondendo, eficientemente, à expectativa do enviado que viera praticar a beneficência em nome de Deus...⁷

Percebemos, na parábola, que o samaritano agiu com critério e bom senso quando atendeu o homem ferido, caído à beira da estrada.

Vemos que a bondade do atendimento não dispensou o conhecimento ou maneira correta de agir. Primeiro prestou os cuidados emergenciais ao doente, limpando e fazendo a assepsia das feridas pela utilização dos recursos disponíveis (vinho e azeite); segundo improvisou um transporte (o cavalo), já que o doente estava incapacitado de andar; terceiro levou-o para uma stalagem onde recebeu alimento e o conforto de um leito, afastando-o das intempéries; quarto cuidou do ferido, auxiliando-o na recuperação da saúde; quinto, e por último, garantiu a continuidade do atendimento, fazendo um adiantamento monetário ao hospedeiro e assumindo uma dívida, se mais recursos financeiros fossem despendidos.

Há, pois uma nítida preocupação do bom samaritano: de que o doente se recupere integralmente, cuidando dele diretamente ou, à distância, por intermédio do hospedeiro. Este é um exemplo de como se pode descer aos planos vibratórios onde a dor reside, sem que ocorra prejuízos de qualquer natureza.

Descer, a serviço do bem é programa de aprendizado e de trabalho. Os benfeitores espirituais fazem isso frequentemente. Saem de suas esferas superiores e descem à Jericó dos nossos corações, ainda presos aos interesses transitórios do mundo.

Nem sempre é possível ajudar na posição em que nos encontramos, daí ser necessário descer aos locais de sofrimento maior, dos desequilíbrios mais intensos, a fim de cooperar com eficiência. Aliás, o processo evolutivo se dá pela subida, caracterizada pela apreensão de conhecimento e, também pela descida aos núcleos de necessidade e dor, a fim de que sejam operacionalizadas as propostas de amor que já visitam o nosso entendimento.

Comprendemos, assim, que, se o papel do samaritano é digno de ser imitado; se o homem caído aprendeu com sua própria queda; se o levita e o sacerdote ainda terão que evoluir nas reencarnações sucessivas, o hospedeiro é alguém que presta ou disponibiliza o seu serviço, ainda que remunerado. Mas nem por isto sem méritos porque

o plano de aprendizagem e melhoria espiritual se dá, também, na intimidade de nossa atuação profissional.

A Parábola do Bom Samaritano é lição preciosa que merece ser refletida e aplicada no dia a dia.

Em todos os tempos, há exércitos de criaturas que ensinam a caridade; todavia, poucas pessoas praticam-na verdadeiramente.[...] É por isso que a caridade, antes de tudo, pede compreensão. Não basta entregar os haveres ao primeiro mendigo que surja à porta, para significar a posse da virtude sublime. É preciso entender-lhe a necessidade e ampará-lo com amor. Desembaraçar-se dos aflitos, oferecendo-lhes o supérfluo, é livrar-se dos necessitados, de maneira elegante, com absoluta ausência de iluminação espiritual. A caridade é muito maior que a esmola. Ser caridoso é ser profundamente humano e aquele que nega entendimento ao próximo pode inverter consideráveis fortunas no campo de assistência social, transformar-se em benfeitor dos famintos, mas terá que iniciar, na primeira oportunidade, o aprendizado do amor cristão, para ser efetivamente útil.⁸

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item: Samaritanos, p. 41.
2. _____. _____. Cap. 3, item 15, p. 78-79.
3. _____. _____. Cap. 15, item 3, p. 246-247.
4. METZGER, Bruce M e COOGAN, Michael D. (orgs). *Dicionário da bíblia*. Tradução de Maria Luiza X. e A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, vol 1 (As pessoas e os lugares). Verbetes: Jericó, p. 130-131.
5. _____. _____. Verbetes: Jerusalém, p. 131-135.
6. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O clarim, 2000. Item: Parábola do bom samaritano, p. 105.
7. XAVIER. Francisco Cândido. *Cartas e crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 15 (Auxílio do senhor), p. 70-71.
8. _____. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 19 (Caridade), p. 95-97.
9. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11 (O bem é incansável), p. 37-38.
10. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 22 (Culpa), p. 103.

11. _____, p. 105-106.
12. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Desce elevando, p. 71-72.

Orientações ao monitor

Proporcionar ampla reflexão sobre a Parábola do Bom Samaritano, se necessário estudando-a em duas reuniões. Utilizar as lições existentes em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XVII, item 3 (O homem de bem) e no livro *O espírito da verdade*, psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, edição FEB, item 86 (Os novos samaritanos), mensagem de Eurípedes Barsanulfo.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 3

A REDE

Objetivos

- » Interpretar a Parábola da Rede, segundo o entendimento espírita.

Ideias principais

- » A Parábola da Rede nos fala do momento de mudanças que a humanidade terrestre deverá passar, decorrentes da lei de progresso. Ocorrerá, então, uma significativa transformação moral.

É o fim do mundo velho, com suas confusões, suas discórdias, seus convencionalismos, suas iniquidades sociais, seus ódios, suas lutas armadas, e o advento de um mundo novo, sob a égide da verdade, do bom entendimento, da lisura de caráter, da equidade, do amor, da paz e da fraternidade universal. Rodolfo Calligaris: Parábolas evangélicas, p. 25-26.

Subsídios

1. Texto evangélico

Igualmente, o reino dos Céus é semelhante a uma rede lançada ao mar e que apanha toda qualidade de peixes. E, estando cheia, a puxam para a praia e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora. Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes (Mt 13:47-50).

A Parábola da Rede nos fala do momento de transformação que a humanidade terrestre deverá passar.

Significa, [...], o fim deste ciclo evolutivo da humanidade terrena, com o desaparecimento de todos os seus usos, costumes e instituições contrários à moral e à justiça.⁴

A humanidade tem realizado, até o presente incontáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho.³

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Igualmente, o reino dos Céus é semelhante a uma rede lançada ao mar e que apanha toda qualidade de peixes (Mt 13:47).*

A expressão *reino dos Céus*, muito usada por Jesus em suas lições, têm dois sentidos: o sentido *objetivo* e o sentido *subjetivo*. Quando

usada objetivamente designa o mundo exterior, isto é, o universo, do qual a Terra faz parte e onde habitamos. Reserva-se, então, a denominação *reino dos Céus* para os lugares felizes do universo, que são os mundos regenerados, os felizes e os divinos. [...] Tomada no sentido *subjetivo*, a expressão *reino dos Céus* designa a tranquilidade de consciência, a paz interior, a felicidade íntima, a suavidade no coração, a calma interna, a fé viva em Deus, tudo isso originado da perfeita compreensão das leis divinas e de completa submissão à vontade do Senhor.⁶

O religioso tradicional costuma ver “céus” como um lugar específico, a ser conquistado após a morte, de acordo com a sua conduta moral durante a existência física. Para nós, espíritas, abre-se uma nova concepção: o “reino dos Céus” é um estado de alma, reflexo da soma de caracteres positivos que já detemos e operacionalizamos na existência.

Na parábola, o reino dos Céus é comparado a uma rede. Não se trata, porém, de uma rede enrolada e encostada à margem, sem utilidade. Mas de um instrumento em perfeita condição de uso, que é lançado ao mar com técnica e sabedoria. “Lançar” envolve trabalho meticuloso, operação inteligente e bem direcionada. Neste sentido, a rede deve estar sempre pronta e bem cuidada, apta para o trabalho.

A rede representa a lei de amor, inscrita por Deus em todas as consciências, e os peixes de toda a espécie apanhados por ela são os homens de todas as raças e de todos os credos, que serão julgados de acordo com as suas obras.⁵

De um lado está a rede a ser lançada do barco e, do outro, o mar, precioso celeiro de onde podem emergir elementos valiosos. O barco é a nossa posição perante a vida.

A lei de amor, aqui representada pela rede, nos oferece, em qualquer situação e época, os instrumentos necessários para navegarmos no “mar da vida” com segurança. Tais instrumentos são: a inteligência, a saúde, a palavra, os recursos financeiros, o aprendizado, a família, os amigos, o apoio religioso etc. São elementos que se bem aproveitados e aplicados, poderão suprir o nosso Espírito, concedendo-nos sustentação para ascender a novos patamares de progresso. A rede é “lançada” num plano onde vige a heterogeneidade; num mundo que, além de escola é, também, fonte inesgotável de recursos, onde se pode capturar auxílio de toda natureza.

A arte da convivência pacífica demonstra que é importante saber qual é a condição espiritual das pessoas que nos são apresentadas, trazidas ao nosso barco existencial. Dentre elas, encontramos as de caráter digno, ilibado. Outras, mais despreparadas, ainda estão presas aos interesses materiais. Algumas, entretanto, já se identificam com os processos de melhoria espiritual. É lógico que todos os que compartilham, direta e indiretamente, a jornada de nossa vida, devem merecer compreensão e serem vistos como irmãos. Devemos estar sempre atentos ao que cada pessoa tem a nos oferecer.

Entretanto, ainda que guiados pelos valores da moralidade e do conhecimento, temos a liberdade para agir, fato que define a nossa conduta perante a sociedade. O correto é seguir as diretrizes do bem, realizando escolhas acertadas, observando com atenção as pessoas e os acontecimentos, como nos orienta Emmanuel.

Observa em derredor de ti e reconhecerás onde, como e quando Deus te chama em silêncio a colaborar com ele, seja no desenvolvimento das boas obras, na sustentação da paciência, na intervenção caridosa em assuntos inquietantes para que o mal não interrompa a construção do bem, na palavra iluminativa ou na seara do conhecimento superior, habitualmente ameaçada pelo assalto das trevas. Sem dúvida, em lugar algum e em tempo algum, nada conseguiremos, na essência, planejar, organizar, conduzir, instituir ou fazer sem Deus; no entanto, em atividade alguma não nos é lícito olvidar que Deus igualmente espera por nós.⁷

» *E, estando cheia, a puxam para a praia e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora (Mt 13:48).*

Uma vez arregimentados os valores evolutivos dessa pesca simbólica, a rede é puxada a fim de dar início ao esforço seletivo. Isto é fato rotineiro no encaminhamento da existência. A cada momento fazemos nossas escolhas, operando nas mais variadas frentes, pela seleção de companhias, situações, interesses e desejos. Em consequência, nos deparamos sempre com os resultados do uso do livre-arbítrio: positivos ou negativos.

Os pontos positivos são vitórias espirituais que nos fazem ascender a mais um degrau na escada evolutiva. Os resultados negativos serão “lançados fora”, no mar da existência, para que ocorram as devidas retificações, no momento apropriado, determinado pela lei de causa e efeito.

Essa é uma contextualização da parábola no plano individual. Entretanto, o processo de seleção — simbolizado na triagem dos peixes bons e ruins que o texto evangélico especifica — pode ser aplicado às transformações que, coletivamente acontecem na humanidade.

Fisicamente, o globo terráqueo há experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. [...] De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma lenta, gradual e insensível; a outra, caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados, *quanto às particularidades*, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo, fatais em seu conjunto [...].²

As convulsões físicas e morais que presentemente assolam o planeta são indicativas da existência de um estado de transição que a humanidade passa. É preciso, pois, muita prudência no agir, uma vez que “as redes” do Evangelho foram lançadas há tempo. Se nos mantivermos fiéis aos ensinamentos do Cristo, agora esclarecidos pela Doutrina Espírita, não há razão de temermos os acontecimentos futuros: o bem prevalecerá na Terra.

A propósito, Jesus nos orienta: “Pedi e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Lc 11:9). Emmanuel, por sua vez, analisando esta orientação de Jesus esclarece:

Pedi, buscai, batei... Estes três imperativos da recomendação de Jesus não foram enunciados sem um sentido especial. No emaranhado de lutas e débitos da experiência terrestre, é imprescindível que o homem aprenda a pedir caminhos de libertação da antiga cadeia de convenções sufocantes, preconceitos estéreis, dedicações vazias e hábitos cristalizados. É necessário desejar com força e decisão a saída do escuro cipoal em que a maioria das criaturas perdeu a visão dos interesses eternos. Logo após, é imprescindível buscar. A procura constitui-se de esforço seletivo. O campo jaz repleto de solicitações inferiores, algumas delas recamadas de sugestões brilhantes. É indispensável localizar a ação digna e santificadora [...]. É imperativo aprender a buscar o bem legítimo. Estabelecido o roteiro edificante, é chegado

o momento de bater à porta da edificação; sem o martelo do esforço metódico e sem o buril da boa vontade, é muito difícil transformar os recursos da vida carnal em obras luminosas de arte divina, com vistas à felicidade espiritual e ao amor eterno.⁸

- » *Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos (Mt 13:49).*

À primeira vista, este versículo sugere que estamos destinados a aguardar o momento da consumação ou julgamento final, sempre de sentido punitivo. Mas a “consumação dos séculos” é um fato de natureza evolutiva.

Significa, apenas, o fim de um período e início do outro, marcados pelas inevitáveis transições.

Tendo que reinar na Terra o bem, necessário é sejam dela excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que possam acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores.¹

Jesus, como governador do Planeta, presidirá essas transformações, auxiliado pelos seus servidores diretos, os Espíritos puros, citados como “anjos” na parábola.

Esses prepostos celestiais, por sua vez, contam com o apoio de Espíritos esclarecidos, benfeitores e entidades amigas que, assumindo missões e compromissos, como encarnados ou desencarnados, saberão aliviar dores, administrar perturbações e conflitos.

Ser-nos-á sempre fácil discernir a presença dos mensageiros divinos, ao nosso lado, pela rota do bem a que nos induzam. Ainda mesmo que tragam consigo o fulgor solar da Vida celeste, sabem acomodar-se ao nosso singelo degrau nas lides da evolução, ensinando-nos o caminho da Esfera superior. E ainda mesmo se alteiem a culminâncias sublimes na ciência do universo, ocultam a própria grandeza para guiar-nos no justo aproveitamento das possibilidades em nossas mãos. Sem

ferir-nos de leve, fazem luz em nossas almas, a fim de que vejamos as chagas de nossas deficiências, de modo a que venhamos saná-las na luta do esforço próprio.⁹

» *E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes (Mt 13:50).*

Efetivamente, a humanidade terrestre passa por ocorrências difíceis, vivendo sob o impacto de dores e de sacrifícios. Neste sentido, é sempre válida esta advertência de Paulo aos coríntios: “E não murmureis, como também alguns deles murmuraram e pereceram pelo destruidor. Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos” Paulo (I Co 10:10-11).

O “pranto” e o “ranger de dentes” são as provações amargas que os Espíritos endividados, perante Deus e si mesmos, deverão passar. O fogo depurador das reencarnações reparadoras, determinado pela lei de causa e efeito, lhes reajustarão a marcha evolutiva.

No momento de transição por que passa o Planeta, caracteriza-se uma aferição de valores morais e de impulsos progressivos da inteligência humana, marcados, sim, por prantos e ranger de dentes, necessários ao processo de transformação da humanidade.

Nesse sentido, é preciso aprender a glorificar as tribulações, evitando lamentá-las.

Recordemos que a tribulação produz fortaleza e paciência e, em verdade, ninguém encontra o tesouro da experiência, no pântano da ociosidade. É necessário acordar com o dia, seguindo-lhe o curso brilhante de serviço, nas oportunidades de trabalho que ele nos descortina. A existência terrestre é passagem para a luz eterna. E prosseguir com o Cristo é acompanhar-lhe as pegadas, evitando o desvio insidioso.¹⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17, item 63, p. 397-398.
2. _____. _____. Cap. 18, item 2, p. 402.
3. _____. _____. Item 5, p. 403-404.

4. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. Parábolas da rede, p. 25.
5. _____. _____. p. 26.
6. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 16. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004. Cap. 13, item: O reino dos Céus, p. 139.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 16 (Deus e nós), p. 60.
8. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 109 (Três imperativos), p. 233-234.
9. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Mensageiros divinos, p. 87.
10. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 142 (Tribulações), p. 318.

Orientações ao monitor

Possibilitar ampla análise da parábola e complementar o estudo com uma breve exposição sobre os capítulos XVII e XVIII, de *A gênese*, que tratam, respectivamente, do “Juízo final” e dos “Sinais dos tempos”.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 4

O TRIGO E O JOIO

Objetivos

- » Interpretar a Parábola do Trigo e do Joio à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » A Parábola do Trigo e do Joio simboliza a luta entre o bem e o mal, ainda existente no nosso planeta.
- » *Quando Jesus recomendou o crescimento simultâneo do joio e do trigo, não quis senão demonstrar a sublime tolerância celeste, no quadro das experiências da vida.*

O Mestre nunca subtraiu as oportunidades de crescimento e santificação do homem e, nesse sentido, o próprio mal, oriundo das paixões menos dignas, é pacientemente examinado por seu infinito amor, sem ser destruído de pronto.

Importa considerar, portanto, que o joio não cresce por relaxamento do Lavrador divino, mas sim porque o otimismo do celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem. Emmanuel: Vinha de luz. Cap. 107.

Subsídios

1. Texto evangélico

Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos Céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se. E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Por que tem, então, joio? E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres, pois, que vamos arrancá-lo? Porém ele lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo, ajuntai-o no meu celeiro (Mt 13:24-30).

Esta parábola tem um significado que pode ser assim expresso:

O campo somos nós, a humanidade; o semeador é Jesus; a semente de trigo — o Evangelho; a erva má — as interpretações capciosas de seus textos; e o inimigo — aqueles que as tem lançado de permeio com a lúdima doutrina cristã.²

O crescimento do joio junto ao trigo representa a luta entre o bem e o mal, comum em mundos de expiação e provas como o nosso. Indica também as dificuldades e as bênçãos existentes na luta cotidiana. Importa considerar que muitos “joios” encontrados na pauta da existência ocorrem como produto da nossa invigilância ou decorrentes de processos atávicos ainda não superados.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos Céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo; mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou o joio no meio do trigo, e retirou-se (Mt 13:24-25).*

Os ensinamentos: “Propôs-lhes outra parábola, dizendo: O reino dos Céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no

seu campo” indicam que o homem que semeia é Jesus, nosso orientador maior e agricultor divino. A boa semente é o seu Evangelho de luz e amor que nos concede os meios de nos libertarmos das nossas imperfeições. A humanidade, representada pelo campo, indica os Espíritos, encarnados e desencarnados, em processo de aperfeiçoamento no Planeta.

O “homem que semeia a semente no seu campo” é uma assertiva, aplicada a nós próprios, noutra sentida. Demonstra que possuímos um campo de atuação, característico do nosso nível evolutivo, onde desenvolvemos experiências importantes de aprimoramento espiritual. À medida que evoluímos descobrimos a necessidade da seleção de valores que devem ser aplicados nesse campo. A “boa semente” representa, pois, a semeadura de valores morais e intelectuais.

Jesus tem o seu campo de serviço no mundo inteiro.

Nele, naturalmente, como em todo o campo de lavoura, há infinito potencial de realizações, com faixas de terra excelente e zonas necessitadas de arrimo, corretivo e proteção.¹²

Semelhantemente, nos esforços de semear a boa semente devemos estabelecer condições propícias ao surgimento e manutenção da harmonia, da segurança e da paz na própria vida.

A outra assertiva: “Mas, dormindo os homens, veio o seu inimigo, e semeou joio no meio do trigo, e retirou-se,” nos conduz a duas reflexões: uma relativa à necessidade de repouso, após as atividades laborais. Outra, associada à preguiça. Em *O livro dos espíritos* aprendemos que o descanso físico e mental é lei da natureza: “[...] O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria.”¹ Entretanto, devemos aprender discernir descanso de ociosidade.

Urge, pois, que saibamos fugir, desassombrados, aos enganos da inércia, porque o espelho ocioso de nossa vida em sombra pode ser longamente viciado e detido pelas forças do mal que, em nos vampirizando, estendem sobre os outros as teias infernais da miséria e do crime.⁹

“Veio o seu inimigo...” pode simbolizar adversário, pessoa que não simpatiza conosco ou paixões e vícios que ainda albergamos. A despeito de ambos serem um instrumento avaliador do progresso que

tenhamos alcançado, não devem ser objeto de inquietações. Perante qualquer tipo de inimigo devemos dar “[...] sempre o bem pelo mal, a verdade pela mentira e o amor pela indiferença...”⁷ O adversário, em qualquer contexto, representa as perigosas infiltrações do mal.

O mundo está cheio de enganos dos homens abomináveis que invadiram os domínios da política, da ciência, da religião e ergueram criações chocantes para os Espíritos menos avisados [...].

Mas o discípulo de Jesus, bafejado pelos benefícios do Céu todos os dias, que se rodeia de esclarecimentos e consolações, luzes e bênçãos, esse deve saber, de antemão, quanto lhe compete realizar em serviço e vigilância e, caso aceite as ilusões dos homens abomináveis, agirá sob responsabilidade que lhe é própria, entrando na partilha das aflitivas realidades que o aguardam nos planos inferiores.¹⁰

As imperfeições morais são ferrenhos adversários. Quando menos esperamos, somos envolvidos pelas tramas das próprias imperfeições. Daí a importância do conselho de Jesus sobre o “vigiai e orai” (Mt 26:41).

Mencionamos com muita frequência que os inimigos exteriores são os piores expoentes de perturbação que operam em nosso prejuízo. Urge, porém, olhar para dentro de nós, de modo a descobrir que os adversários mais difíceis são aqueles que não nos podemos afastar facilmente, por se nos alojarem no cerne da própria alma. Dentre eles, os mais implacáveis são o egoísmo, que nos tolhe a visão espiritual, impedindo vejamos as necessidades daqueles que amamos; o orgulho que não nos permite acolher a luz do entendimento [...]; a vaidade, que nos sugere superestimação do próprio valor [...]; o desânimo, que nos impele aos princípios da inércia; a intemperança mental que nos situa na indisciplina; o medo de sofrer, que nos subtrai as melhores oportunidades de progresso, e tantos outros agentes nocivos que se nos instalam no Espírito, corroendo-nos as energias e depredando-nos a estabilidade mental.⁴

É importante estarmos atentos porque as investidas do mal, alheias ou próprias, não marcam hora: surgem subitamente. O joio, caracterizado pela erva daninha, representa a ação contrária ao bem. Semeado quando estivermos desatentos (“dormindo”) pode gerar resultados funestos.

O homem enxerga sempre, através da visão interior.
 Com as cores que usa por dentro, julga os aspectos de fora.
 Pelo que sente, examina os sentimentos alheios.
 [...]

Daí, o imperativo de grande vigilância para que a nossa consciência não se contamine pelo mal.⁶

A frase: “E semeou joio no meio do trigo” tem significado específico. Jesus poderia ter escolhido outra semente, que não o joio, para ilustrar o adversário do bem. O joio, porém, é uma erva daninha que se parece com o trigo, e que se desenvolve no meio dele. Assim também acontece na vida: encontramos ações infelizes ao lado de sublimes realizações humanas.

Quando Jesus recomendou o crescimento simultâneo do joio e do trigo, não quis senão demonstrar a sublime tolerância celeste, no quadro das experiências da vida.

O Mestre nunca subtraiu as oportunidades de crescimento e santificação do homem e, nesse sentido, o próprio mal, oriundo das paixões menos dignas, é pacientemente examinado por seu infinito amor, sem ser destruído de pronto.

Importa considerar, portanto, que o joio não cresce por relaxamento do Lavrador divino, mas sim porque o otimismo do celeste Semeador nunca perde a esperança na vitória final do bem.¹³

A luta da vida, como processo educativo, nos oferece contínuas oportunidades para semearmos o bem, evitando o mal. Empenhados nesse propósito, é comum termos que enfrentar padrões menos edificantes da própria personalidade, que surgem no caminho como poderosos adversários.

Jesus, porém, manda aplicar processos defensivos com base na iluminação e na misericórdia. O tempo e a bênção do Senhor agem devagarinho e os propósitos inferiores se transubstanciam.¹⁴

O texto de Mateus nos fala que após a semeadura do joio o inimigo “retirou-se”. Percebemos, assim, que em todos os acontecimentos infelizes e decorrentes da invigilância ou da insinuação de forças inferiores, o mal opera às escondidas. Instaurado o processo de desarmonia, o agente causador da perturbação “retira-se”, observando, à distância, os seus efeitos.

Ante as devastações do mal, apoia o trabalho que objetive o retorno ao bem.

[...]

Onde haja desastre, auxilia a restauração.

[...]

Se a maldade enodoa essa ou aquela situação, faz o melhor que possas para que a bondade venha a surgir.⁸

- » *E, quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio. E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Por que tem, então, joio? E ele lhes disse: Um inimigo é quem fez isso. E os servos lhe disseram: Queres, pois, que vamos arrancá-lo? Porém ele lhes disse: Não; para que, ao colher o joio, não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo, ajuntai-o no meu celeiro (Mt 13:26-30).*

Na natureza não há saltos evolutivos: semeia-se, germina-se, cresce e frutifica-se. O mesmo ocorre com o bem e o mal. Quem planta, colhe a seu tempo, segundo a qualidade da sua semente. Toda semente semeada irá crescer e frutificar, cedo ou tarde. Por este motivo devemos ter cuidado com nossos pensamentos, palavras, gestos e ações, pois receberemos da vida aquilo que oferecemos a ela. Nem sempre, todavia, conseguimos perceber a presença do mal, sendo necessário, então, que este cresça para que possa ser enxergado. Por esta razão, nos alerta Jesus: “E quando a erva cresceu e frutificou, apareceu também o joio”.

Vemos, assim, que no plano evolutivo onde nos situamos é preciso que o bem esteja ao lado do mal. Não somente para que possamos exercitar a capacidade de discernimento, entre um e outro, mas permitir que os bons exemplos ajam sobre o mal, tornando-o melhor.

A parábola nos relata que os servos, surpreendidos com a presença do joio no meio do trigo, indagaram ao Senhor se deveriam arrancá-lo. A orientação que o Senhor lhe ofereceu foi sábia: “não, deixai-os crescer juntos até a ceifa”.

Analisando este trecho do registro de Mateus, percebemos que “os servos” citados são os trabalhadores da seara divina. O “pai de família” é Deus, o Criador supremo. Neste sentido, os servos são os instrumentos utilizados por Jesus, o semeador da boa semente, nas

múltiplas expressões de serviço existentes em sua seara bendita. Metaforicamente, os servos podem ser entendidos também como mãos operantes ou inteligência sublimada, subordinadas aos ditames da lei de amor.

A gleba imensa do Cristo reclama trabalhadores devotados, que não demonstrem predileções pessoais por zonas de serviço ou gênero de tarefa.

Apresentam-se muitos operários ao Senhor do Trabalho, diariamente, mas os verdadeiros servidores são raros.

A maioria dos tarefeiros que se candidatam à obra do Mestre não seguem além do cultivo de certas flores, recuam à frente dos pântanos desprezados, temem os sítios desertos ou se espantam diante da magnitude do serviço, recolhendo-se a longas e ruinosas vacilações ou fugindo das regiões infecciosas.

Em algumas ocasiões costumam ser hábeis horticultores ou jardineiros, no entanto, quase sempre repousam nesses títulos e amedrontam-se perante os terrenos agressivos e multiformes.¹¹

A ceifa expressa o momento final da produção agrícola. No plano individual, trata-se do momento em que a criatura colhe o que cultivou. Gratificados seremos quando os frutos positivos puderem superar, na colheita, os valores menos felizes que a invigilância permitiu crescessem no transcurso das experiências.

Merece destaque a seguinte afirmativa de Jesus: “E, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio”. Observemos que antes da colheita os trabalhadores eram denominados “servos”. Por ocasião da ceifa, porém, o Mestre os nomeia de “ceifeiros”. Os segundos são diferentes dos primeiros. Ceifeiros, no conceito geral, são trabalhadores que exercem atividades específicas. São, no contexto interpretativo do ensinamento de Jesus, os cooperadores conscientes, detentores de responsabilidades maiores. O plantio pode ser feito por qualquer um de nós, a ceifa, porém, cabe a tarefeiros sintonizados com as fontes do eterno bem.

Essa ceifa tem um significado especial, considerando o sentido não literal do texto evangélico.

O joio, ao brotar, é muito parecido com o trigo e arrancá-lo antes de estar bem crescido seria inconveniente, por motivos óbvios. Na hora de produção de frutos, em que será perfeita a distinção entre ambos,

já não haverá perigo de equívoco: será ele, então, atado em feixes para ser queimado.

Coisa semelhante irá ocorrer com a humanidade.

Aproxima-se a época em que a Terra deve passar por profundas modificações, física e socialmente, a fim de transformar-se num mundo regenerador, mais pacífico e, conseqüentemente, mais feliz.³

A seguinte orientação de Jesus define o programa que deverá ser executado pelos Espíritos ceifeiros, na ocasião propícia: “e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo, ajuntai-o no meu celeiro”. Chegada a inevitável hora da colheita, joio — representado pelas lágrimas, dores e amarguras, decepções, desilusões e conturbações — é reunido e expurgado da seara do Senhor, pelo funcionamento natural da engrenagem de quitação dos débitos adquiridos. A lei de causa e efeito, agindo de forma inderrogável, encaminha o ser a novas experiências.

O joio, reunido em feixes para ser queimado, simboliza os momentos de real aferição do aprendizado desenvolvido pelo Espírito. Percebe-se, então, que as dificuldades não vêm isoladas, mas formam, quase sempre, um conjunto de apreensões e desafios que devemos superar.

[...] Muitas plantas espinhosas ou estéreis são modificadas em sua natureza essencial pelos filtros amorosos do Administrador da Seara, que usa afeições novas, situações diferentes, estímulos inesperados ou responsabilidades ternas que falem ao coração; entretanto, se chega a época da ceifa, depois do tempo de expectativa e observação, faz-se então necessária a eliminação do joio em molhos.

[...]

Eis por que, aparecendo o tempo justo, de cada homem e de cada coletividade exige-se a extinção do joio, quando os processos transformadores de Jesus foram recebidos em vão. Nesse instante, vemos a individualidade ou o povo a se agitarem em razão de aflições e hecatombes diversas, em gritos de alarme e socorro, como se estivessem nas sombras de naufrágio inexorável.[...]¹⁵

O último ensino de Jesus (“Mas o trigo, ajuntai-o no meu celeiro”) do texto em estudo, mostra que no Celeiro divino só há espaço para o bem, para o Evangelho do Reino, representado pela semente de trigo. Praticando o bem estaremos dando expansão ao que há de divino em nós, e, em consequência, experimentando a felicidade

plena. É imperioso guardar confiança no Senhor, tendo fé em suas promessas e contando com a sua proteção, sobretudo nos momentos de sofrimento em que se faz necessário separar o joio do trigo e aquele seja atado em molhos para serem queimados.

O seguinte cântico-oração de Davi expressa a confiança no Senhor, concedendo-nos a fortaleza moral para superar os obstáculos que surgem na nossa caminhada evolutiva:

O Senhor é o meu pastor; nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam. Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor por longos dias (Sl 23:1-6).

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 682, p. 330.
2. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 8 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item Parábola do joio e do trigo. p. 14.
3. _____. _____. p. 15-16.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Almas e coração*. São Paulo: Pensamento, 1969. Cap. 31 (Inimigos outros), p. 71.
5. _____. *Dicionário da alma*. Por diversos Espíritos. 5 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Verbete: Inimigo (mensagem do Espírito Agar), p. 210.
6. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 34 (Guardemos cuidado).
7. _____. _____. Cap. 152 (Vem!), p. 373.
8. _____. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 67 (Falibilidade), p. 157-158.
9. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 27 (Obsessão), p. 126.
10. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 43 (Vós, portanto...), p. 105-106.
11. _____. _____. Cap. 68 (No campo), p.157-158.
12. _____. _____. p. 157.

13. _____. _____. Cap. 107 (Joio), p. 243.
14. _____. _____. p. 244.
15. _____. _____. p. 244-245.

Orientações ao monitor

Após a análise do texto evangélico, em plenária ou em grupo, fazer uma reflexão sobre o texto *Parábola do servo*, do Espírito Irmão X, constante do livro de *Estante da vida*, capítulo 36, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 5

A CANDEIA

Objetivos

- » Interpretar a Parábola da Candeia (Lc 11: 33-36), à luz da Doutrina Espírita.

Ideias principais

- » *É de causar admiração diga Jesus que a luz não deve ser colocada debaixo do alqueire, quando ele próprio constantemente oculta o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que nem todos podem compreender. Ele se explica, dizendo a seus apóstolos: “Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Fora, pois, inútil tudo dizer-lhes, por enquanto. Digo-o, porém, a vós, porque dado vos foi compreender estes mistérios”. Procedia, portanto, com o povo, como se faz com crianças cujas ideias ainda se não desenvolveram. Desse modo, indica o verdadeiro sentido da sentença: “Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos os que entrem a possam ver. Tal sentença não significa que se deva revelar inconsideradamente todas as coisas. Todo ensinamento deve ser proporcionado à inteligência daquele a quem se queira instruir, porquanto há pessoas a quem uma luz por demais viva deslumbraria, sem as esclarecer.” Allan Kardec: O evangelho segundo o Espiritismo. Cap. XXIV item 4.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E ninguém, acendendo uma candeia, a põe em oculto, nem debaixo do alqueire, mas no velador, para que os que entram vejam a luz. A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso. Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas. Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te alumia com o seu resplendor (Lc 11:33 a 36).

A Parábola da Candeia revela o quanto é importante fazer a divulgação de verdades espirituais.

Descendo o Cristo das esferas de luz da Espiritualidade superior à Terra, teve por escopo orientar a humanidade na direção do aperfeiçoamento. “Brilhe a vossa luz” — eis a palavra de ordem, enérgica e suave, de Jesus, a quantos lhe herdaram o patrimônio evangélico, trazido ao mundo ao preço do seu próprio sacrifício. A infinita ternura de sua angelical alma sugere-nos, incisiva e amorosamente, o esforço benéfico: “Brilhe a vossa luz”. O interesse do Senhor é o de que os seus discípulos, de ontem, de hoje e de qualquer tempo, sejam enobrecidos por meio de uma existência moralizada, esclarecida, fraterna.

O Evangelho aí está, como presente dos céus, para que o ser humano se replete com as suas bênçãos, se inunde de suas luzes, se revigore com as suas energias, se enriqueça com os seus ensinamentos eternos. O Espiritismo, em particular, como revivescência do Cristianismo, também aí está, ofertando-nos os oceânicos tesouros da Codificação. Pode-se perguntar: de que mais precisa o homem, para engrandecer-se, pela cultura e pelo sentimento, se lhe não faltam os elementos de renovação, plena, integral e positiva?!...⁵

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E ninguém, acendendo uma candeia, a põe em oculto, nem debaixo do alqueire, mas no velador, para que os que entram vejam a luz (Lc 11:33).*

Está claro, neste versículo, que pessoas conscientes sabem que todo o conhecimento destinado à melhoria moral e intelectual do ser humano não deva permanecer oculto, mas ser amplamente divulgado. A candeia simboliza instrumento de iluminação cuja chama, alimentada pelo óleo que a abastece, afasta a escuridão reinante. Do ponto de vista espiritual, a candeia assemelha-se à mente esclarecida e enobrecida de valores morais que afasta as trevas da ignorância existentes na humanidade. O Espíritos superiores não mantêm ocultos os conhecimentos que possuem, mas disponibiliza-os a qualquer pessoa.

Mantêm-se na retaguarda espiritual quem acredita que conhecimentos superiores, destinados à melhoria humana, devam permanecer ocultos, em círculos fechados, inacessíveis às massas populares. Por força da lei do progresso a verdade chega, à medida que o ser humano evolui.

Se, pois, em sua previdente sabedoria, a Providência só gradualmente revela as verdades, é claro que as desvenda à proporção que a humanidade se vai mostrando amadurecida para as receber. Ela as mantém de reserva e não sob o alqueire. Os homens, porém, que entram a possuí-las, quase sempre as ocultam do vulgo com o intento de o dominarem. São esses os que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. [...] Não podem existir mistérios absolutos e Jesus está com a razão quando diz que nada há secreto que não venha a ser conhecido. Tudo o que se acha oculto será descoberto um dia e o que o homem ainda não pode compreender lhe será sucessivamente desvendado, em mundos mais adiantados, quando se houver purificado. Aqui na Terra, ele ainda se encontra em pleno nevoeiro.¹

A palavra alqueire, citada no texto, é antiga medida de capacidade (13,8 litros para cereais e 8 litros para óleo e líquidos) que servia também para guardar a reserva do óleo destinada a abastecer a candeia. Segundo Jesus, a candeia acesa deve ser colocada no velador, utensílio formado de uma haste de madeira apoiada numa base, tendo na parte superior uma espécie de disco onde se coloca o candeeiro, candeia ou uma vela. Colocando a candeia no velador a luz se espalha de maneira uniforme, facilitando a visão das pessoas. Tais ensinamentos do Mestre “[...] dão-nos a entender, claramente, que as leis divinas devem ser expostas por aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-las, pois sem esse conhecimento paralisar-se-ia a marcha da evolução humana.³

Sabemos que nem todos estão predispostos a acolher a luz. Por isso, quem mais sabe ou quem mais possui valores morais deve, com

naturalidade, irradiar pensamentos, palavras, ações, atitudes e gestos que atinjam os circunstantes de modo agradável e edificante, como chama abençoada.

Manda a prudência, entretanto, que se gradue a transmissão de todo e qualquer ensinamento à capacidade de assimilação daquele a quem se quer instruir, uma vez que uma luz intensa demais o deslumbraria, ao invés de o esclarecer. Cada ideia nova, cada progresso, tem que vir na época conveniente. Seria uma insensatez pregar elevados códigos morais a quem ainda se encontrasse em estado de selvageria, tanto quanto querer ministrar regras de álgebra a quem mal dominasse a tabuada.⁴

Esta é a razão de Jesus colocar parte dos seus ensinamentos, os mais complexos, sob o véu do símbolo.

O Espiritismo, hoje, projeta luz sobre uma imensidade de pontos obscuros; não a lança, porém, inconsideradamente. Com admirável prudência se conduzem os Espíritos, ao darem suas instruções. Só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes já conhecidas da Doutrina, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade. Se a houvessem apresentado completa desde o primeiro momento, somente a reduzido número de pessoas se teria ela mostrado acessível; houvera mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-la, do que resultaria ficar prejudicada a sua propagação. Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente, não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados possam penetrar, nem porque eles coloquem a lâmpada debaixo do alqueire; é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno. Eles dão a cada ideia tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresente outra, e aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra.²

- » *A candeia do corpo é o olho. Sendo, pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso. Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas. Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te alumia com o seu resplendor (Lc 11:34-36).*

O benfeitor Emmanuel assim se expressa a respeito da candeia do corpo:

Atentemos para o símbolo da candeia. A claridade na lâmpada consome força ou combustível. Sem o sacrifício da energia ou do óleo não há luz. Para nós, aqui, o material de manutenção é a possibilidade, o recurso, a vida. Nossa existência é uma candeia viva. É um erro lamentável desperdiçar nossas forças, sem proveito para ninguém, sob a medida de nosso egoísmo, de nossa vaidade ou de nossa limitação pessoal. Coloquemos nossas possibilidades ao dispor dos semelhantes. Ninguém deve amealhar as vantagens da experiência terrestre somente para si. Cada Espírito provisoriamente encarnado, no círculo humano, goza de imensas prerrogativas, quanto à difusão do bem, se persevera na observância do amor universal.

Prega, pois, as revelações do Alto, fazendo-as mais formosas e brilhantes em teus lábios; insta com parentes e amigos para que aceitem as verdades imperecíveis; mas, não olvides que a candeia viva da iluminação espiritual é a perfeita imagem de ti mesmo. Transforma as tuas energias em bondade e compreensão redentoras para toda gente, gastando, para isso, o óleo de tua boa vontade, na renúncia e no sacrifício, e tua vida, em Cristo, passará realmente a brilhar.⁷

O Espírito que já amealhou recursos no bem retira dos acontecimentos cotidianos, preciosas lições, inacessíveis ao cidadão comum. Isso acontece porque ele tem desenvolvida a visão interior, resultante das inúmeras experiências acumuladas ao longo das reencarnações. O seu centro coronário reflete à distância, consoantes os valores intelectuais e morais incorporados ao seu Espírito.

No que diz respeito ao centro coronário, esclarece André Luiz:

Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do Espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas. Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, ideias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.⁶

Jesus destaca, porém, a importância de termos todo “o corpo luminoso não tendo em trevas parte alguma”. Ou seja, é preciso saber

que há “[...] ciência e há sabedoria, inteligência e conhecimento, intelectualidade e luz espiritual.”⁸

A pessoa que não sabe fazer essa distinção está sujeita a muitos reveses na existência.

Geralmente, todo homem de raciocínio fácil é interpretado à conta de mais sábio, no entanto, há que distinguir. O homem não possui ainda qualidades para registrar a verdadeira luz. Daí a necessidade de prudência e vigilância. Em todos os lugares, há industriosos e entendidos, conhecedores e psicólogos. Muitas vezes, porém, não passam de oportunistas prontos para o golpe do interesse inferior. Quantos escrevem livros abomináveis, espalhando veneno nos corações? Quantos se aproveitam do rótulo da própria caridade visando extrair vantagens à ambição? Não bastam o engenho e a habilidade. Não satisfaz a simples visão psicológica. É preciso luz divina.⁹

Perante o desejo de auxiliar o próximo, devemos aprender a irradiar o bem de forma contínua, independentemente da pessoa ou situação, libertando-nos das manifestações nebulosas do personalismo.

Nem sempre a luz reside onde a opinião comum pretende observá-la. Sagacidade não chega a ser elevação, e o poder expressivo apenas é respeitável e sagrado quando se torna ação construtiva com a luz divina. Raciocina, pois, sobre a própria vida. Vê, com clareza, se a pretensa claridade que há em ti não é sombra de cegueira espiritual.¹⁰

Na medida em que há perseverança na luta educativa, as sugestões negativas do mal não atingem a criatura humana. Caminhando em direção ao bem, o Espírito se liberta pouco a pouco das paixões inferiores, revelando um corpo luminoso de virtudes. Perseverante. Por outro lado, mantendo-se envolvido pela túnica da humildade, da benevolência, do perdão e da fé, aprende a incorporar a luz em si mesmo.¹

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 24, item 5, 347.
2. _____. _____. Item 7, p. 348.

3. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. Parábola da candeia, p. 58.
4. _____. _____. p. 59.
5. PERALVA, Martins. *Estudando o evangelho*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3 (Renovação), p. 30-31.
6. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, cap 2 (Corpo espiritual), item: Centro coronário, p. 32.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 81 (A candeia viva), p. 213-214.
8. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 33 (Vê, pois), p. 85.
9. _____. _____. p. 85-86.
10. _____. _____. p. 86.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes que analisem o texto do evangelista Lucas, citado neste Roteiro, tendo como base as ideias desenvolvidas nos *Subsídios*. Contar, ao final da reunião, a história “Parábola simples”, escrita pelo Irmão X, existente no livro *Contos e apólogos*, cap. 10, psicografia de Francisco Cândido Xavier e editado pela FEB. Correlacionar as ideias desenvolvidas no conto com as existentes no texto evangélico estudado.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 6

O FARISEU E O PUBLICANO

Objetivos

- » Interpretar a Parábola do Fariseu e do Publicano à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » Os fariseus (do hebreu *parush*, divisão, separação) formavam uma das mais influentes seitas judaicas à época de Jesus. *Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios [...].* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Introdução, p. 38.
- » Os publicanos eram, à mesma época, cobradores de impostos. Os [...] *risco a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Introdução, p. 40.
- » A Parábola do Fariseu e do Publicano destaca os malefícios do orgulho e os benefícios da humildade. Esclarece também a respeito das qualidades da prece.

Subsídios

1. Texto evangélico

E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo. O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado (Lc 18:9-14).

A Parábola do Fariseu e do Publicano coloca em evidência os malefícios do orgulho e os benefícios da humildade. Ilustra também a maneira correta de orar.

A parábola nos faz refletir que o processo evolutivo existente em nosso planeta segue um mecanismo básico de autovalorização e autopreservação das experiências humanas que, em síntese, se caracterizam por uma marcha horizontal de aquisição de conhecimento e uma caminhada na verticalidade, necessária à apreensão de valores morais. Por meio das inúmeras experiências reencarnatórias, o ser humano desenvolve os valores da inteligência e o seu aperfeiçoamento moral. Este último passa a ser buscado como processo evolutivo natural a partir do momento que o Espírito começa a valorizar os bons sentimentos, a conduta reta, o respeito ao semelhante e às suas necessidades. Nesse cenário a humildade, reconhecida como um componente essencial à felicidade faz oposição ao orgulho e à vaidade.

O processo da espiritualização humana é marco evolutivo de grande significância. O Espírito, nestas condições, volta-se para Deus buscando vivenciar a religião no sentido pleno e verdadeiro, que é a ligação da criatura com o Criador, assim conceituada por Emmanuel:

Religião é o sentimento divino, cujas exteriorizações são sempre o Amor, nas expressões mais sublimes. Enquanto a Ciência e a Filosofia operam o trabalho da experimentação e do raciocínio [características da caminhada horizontal], a Religião edifica e ilumina os sentimentos [caminhada vertical]. As primeiras se irmanam na Sabedoria, a segunda personifica o Amor, as duas asas divinas com que a alma humana penetrará, um dia, nos pórticos sagrados da espiritualidade.¹⁰

A maneira correta de orar, outro aspecto relevante no estudo da parábola, indica que uma prece deve estar sempre revestida de humildade, tal como agiu “[...] o publicano, e não com orgulho, como o fariseu”.³

A prece é recurso divino em nosso benefício. Não basta, porém, orar é preciso saber como nos dirigir ao Senhor da vida, sintonizando com a falange de Espíritos superiores que, agindo em seu nome, nos concedem o necessário conforto moral para enfrentar as dificuldades e desafios inerentes ao processo ascensional.

A prece deve ser cultivada, não para que sejam revogadas as disposições da lei divina, mas a fim de que a coragem e a paciência inundem o coração de fortaleza nas lutas ásperas, porém necessárias. A alma, em se voltando para Deus, não deve ter em mente senão a humildade sincera na aceitação de sua vontade superior.¹¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros (Lc 18:9).*

Confiar em si mesmo não representa algo condenável. Ao contrário, demonstra confiança no que se sabe e na fé que se abraça. A ponderação de Jesus registrada nesse versículo nos fala, entretanto, do excesso de confiança que conduz a pessoa a julgar-se como referência de justiça. Este tipo de comportamento, em geral alimentado pelo orgulho e pela vaidade, nos transformam em pessoas presunçosas e arrogantes, a ponto de desprezar os outros, o que pensam e o que fazem.

Do orgulho procedem todas as megalomanias, das mais grotescas às mais perigosas, como aquela que tem por escopo o domínio do mundo. São incontáveis os malefícios que o orgulho engendra no coração

humano, ocultando-se e disfarçando-se de todas as formas. É assim que vemos pessoas cujas palavras, escritas ou faladas, são amenas e cheias de doçura; ao sentirem-se, porém, melindradas no seu excessivo amor-próprio, ei-las transformadas em verdadeiras feras, insultando e agredindo, na defesa do que chamam — dignidade.⁹

- » *Dois homens subiram ao templo, a orar; um, fariseu, e o outro, publicano (Lc 18:10).*

Jesus montou um cenário que nos auxilia o entendimento da sua parábola, selecionando o local e personagens bastante conhecidos, para ilustrar os malefícios do orgulho e os benefícios da humildade.

O templo, lugar onde ocorreu o encontro do fariseu e do publicano, é usualmente entendido como um espaço sagrado, destinado às práticas religiosas; ao louvor, agradecimento e súplicas dirigidas a Deus. É sempre visto como um local de oração. Quando alguém, religioso ou não, adentra um templo assume, de forma espontânea, uma postura contrita e respeitosa. Posição esta que foi rejeitada pelo fariseu e assumida pelo publicano.

Templo, porém, tem outro significado, mais subjetivo: indica o centro ou a essência das nossas cogitações íntimas e autênticas, onde trazemos gravados nossos sonhos e ideais. O Espiritismo ensina que à medida que evoluímos santificamos também este templo íntimo, aperfeiçoando sentimentos, pensamentos, palavras e ações.

Os personagens, da parábola, o fariseu e o publicano, eram elementos de destaque na sociedade judaica, à época de Jesus. Identificamos na figura do fariseu as pessoas que não se misturam com as demais, por escrúpulo ou por temor de serem por elas influenciadas. Em geral, são detalhistas, personalistas, isoladas em ideias e posições, inclusive na prática da lei de Deus. Por trazerem a visão focada, passam pela vida quase sempre indiferentes às necessidades dos semelhantes. Costumam ser, também, indivíduos cultos, mas vaidosos do saber que possuem. Mostram-se autoritários e exigentes em relação às pessoas que lhes estão subordinadas. O fariseu ou o espírito do farisaísmo retrata, infelizmente, muitos de nós, estudantes empenhados na luta do crescimento, mas ainda distanciados da capacidade operacional do amor.

Em termos históricos, porém, sabemos que existiram fariseus notáveis, homens piedosos e de grande influência, que souberam

superar os limites do farisaísmo, como é o caso de Nicodemos (Jo 3:1), do homem que acolheu Simão (Lc 7:36), de Gamaliel (At 5:34-35) e do próprio Paulo de Tarso (At 3:5).

Os fariseus (do hebreu *parush*, divisão, separação) formavam uma das mais influentes seitas judaicas à época de Jesus.

Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que teve por chefe *Hillel*, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo [...]. Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem a seus fins, do que como objeto de fé sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por umas e outras, exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Daí o serem muito poderosos em Jerusalém.¹

Os publicanos, por outro lado, não representavam uma casta sacerdotal, mas, sim, cobradores de impostos ou de tributos definidos pelo domínio romano na Palestina.

Os riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos os que superintendiam os dinheiros públicos e aos agentes subalternos. Hoje esse termo se emprega em sentido pejorativo, para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se por vezes: “Ávido como um publicano, rico como um publicano”, com referência a riquezas de mau quilate. [...] Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter com eles intimidade.²

A opção de Jesus de ilustrar a parábola com esses dois personagens sugere ser proposital, nos permitindo refletir se, face o programa de melhoria que estamos empenhados, estamos colocando em prática

as lições edificantes que nos chegam continuamente do plano maior. O nosso desejo, obviamente, é seguir o comportamento do publicano, devemos, porém, ficar atentos de que ainda trazemos muitas características da postura do fariseu nos meandros do nosso psiquismo.

- » *O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo* (Lc 18:11 a 12).

A oração do fariseu tem expressões infelizes que refletem, sobretudo, orgulho religioso, considerado como vaidade perniciosa, já que pode conduzir à falsa crença de que, sendo religioso ou praticante de uma religião, é uma criatura melhor, superior, iluminada ou escolhida por Deus. A vaidade de alguns religiosos pode ser entendida como uma exacerbação do amor-próprio, confiantes de que Deus se sente honrado em tê-los como adeptos.

A posição de pé indica a forma de demonstrar respeito, comum entre os religiosos da Antiguidade. Nos dias atuais, encontramos essa prática nos templos religiosos quando se faz, por exemplo, a leitura de um texto considerado sagrado para os cristãos e para os não cristãos. Na verdade, sabemos que a posição do corpo não confere maior ou menor respeito ao ato de orar, mas, sim, a postura íntima de quem ora.

O [...] objetivo da prece consiste em elevar a nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas nenhuma diferença deve criar entre os que nele creem, nem, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, porquanto Deus as aceita todas quando sinceras. [...] O espiritismo reconhece boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não de lábios somente. Nenhuma impõe, nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é sumamente grande para repelir a voz que lhe suplica ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo e não de outro. [...] A qualidade principal da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são meros adornos de lentejoulas. Cada prece deve ter um alcance próprio, despertar uma ideia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: *deve fazer refletir*. Somente sob essa condição pode a prece alcançar o seu objetivo; de outro modo *não passa de ruído*.⁴

O fariseu não proferiu uma prece, propriamente dita, mas uma vaidosa autolouvação, identificada nas seguintes frases do texto

evangélico: “Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano”. A propósito, esclarece Allan Kardec como devemos orar:

Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orardes, diz Ele, não vos ponhais em evidência; antes, orai em secreto. Não afeteis orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orardes, se tiverdes qualquer coisa contra alguém, perdoai-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinai os vossos defeitos, não as vossas qualidades e, se vos comparardes aos outros, procurai o que há em vós de mau.³

O que vale, dentro das técnicas preconizadas, é o sentimento vigorante. Ironizar, fazer comparações infelizes é fugir aos padrões de que se deve revestir. Orando, devemos nos colocar em estado de humildade e receptividade.

A personalidade orgulhosa e vaidosa do fariseu revela também preconceito e discriminação quando se compara ao publicano. Trata-se de um religioso distanciado do seu papel de orientador espiritual. Este trecho nos faz lembrar o apóstolo Paulo que dizia: “Eu sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes” (Rm 1:14).

De todos os males o orgulho é o mais temível, pois deixa em sua passagem o germe de quase todos os vícios. [...] Desde que penetra as almas, como se fossem praças conquistadas, ele tudo se assenhoreia, instala-se à vontade e fortifica-se até se tornar inexpugnável. Ai de quem se deixou apanhar pelo orgulho! [...] Não poderá libertar-se desse tirano senão a preço de terríveis lutas, depois de dolorosas provações e de muitas existências obscuras, depois de bastantes insultos e humilhações, porque nisso somente é que está o remédio eficaz para os males que o orgulho engendra.⁶

A postura do fariseu transmite significativa lição. Devemos ter cuidado para não nos julgarmos melhores, apenas porque ocupamos posição de destaque no meio social ou profissional que estamos inseridos. O que diferencia uma pessoa da outra são as qualidades do seu Espírito.

Sim, porque aos olhos de Deus não basta que nos abstenhamos do mal e nos mostremos rigorosos no cumprimento de determinadas regrazinhas do bom comportamento social; acima disso, é-nos necessário reconhecer que todos somos irmãos, não nos julgamos superiores a nossos semelhantes, por mais culpados e miseráveis que pareçam, nem tampouco desprezá-los, porque isso constitui, sempre, falta de caridade.⁵

A afirmativa do fariseu: não sou como os demais homens [...] nem ainda como este publicano”, além de ser improcedente, indica o desprezo que ele tinha pelos cobradores de impostos. Revela imaturidade espiritual não aprovar alguém em razão da profissão, até porque, no caso, existiram publicanos que se destacaram no bem, como foi o caso do evangelista Mateus (Lc 5:27-29) ou de Zaqueu, o publicano (Lc 19:1 a 10).

No seu monólogo com o Senhor, o fariseu se vê também como pessoa justa quando afirma: “Jejuo duas vezes na semana e dou os dízimos de tudo quanto possuo”. Percebe-se que o seu foco de interesse não era difusão e vivência da palavra de Deus, mas as manifestações de culto externo.

As práticas religiosas da lei moisaica determinavam o jejum e o pagamento do dízimo como regras de condutas dos fiéis. O jejum, definido como uma abstinência de alimentos por prescrição religiosa ou por espírito de mortificação, ainda é utilizado nos tempos modernos. As igrejas cristãs incorporaram essa prática ancestral em sua ortodoxia como forma de exercitar a disciplina quanto a privação de algo que produz prazer ou alegria, procurando domar os impulsos fisiológicos relativos à alimentação e ao sexo. Figuradamente, o jejum pode ser entendido como qualquer abstinência ou privação física, moral ou intelectual estabelecida por livre iniciativa. Isto é, jejum de maus pensamentos, de palavras e ações contrárias ao bem. É certo que para realizarmos a nossa transformação moral é necessário definirmos um “regime de jejum” contra as imperfeições que ainda possuímos.

Jesus, entretanto, não prescreveu jejum de alimentos aos seus discípulos, como está claramente identificado nesta citação: “Por que jejuamos nós, e os fariseus, muitas vezes, e os teus discípulos não jejuam?” (Mt 9:14).

- » *O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia*

de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado (Lc 18:13-14).

Percebe-se que o publicano mantinha-se numa posição de humilde respeito (“de longe”) ao se dirigir, em prece, a Deus.

É certo que todo trabalho sincero de adoração espiritual nos levanta a alma, elevando-nos os sentimentos. [...] A oração refrigera, alivia, exalta, esclarece, eleva, mas, sobretudo, afeiçoa o coração ao serviço divino. Não olvidemos, porém, de que os atos íntimos e profundos da fé são necessários e úteis a nós próprios. Na essência não é o Senhor quem necessita de nossas manifestações votivas, mas somos nós mesmos que devemos aproveitar a sublime possibilidade da repetição, aprendendo com a sabedoria da vida.¹³

Jesus aprova o comportamento do publicano e diz que este retornou justificado para casa. Além da atitude humilde, o publicano demonstra que conhece os seus defeitos, sabe que é pecador, daí nem ousar levantar os olhos para o céu.

Em [...] seu sentido estritamente etimológico, *humilde* provém de *húmus* — rente com a terra. Entretanto, muitos interpretam o vocábulo como sinônimo de baixeza, servilismo, falta de brio, ausência de dignidade pessoal etc. Ora, é claro que Jesus jamais desejaria que um cristão se tornasse sem dignidade e fosse capaz de rebaixar a condição humana, tornando-se servil. É preciso, portanto, que se entenda *humildade* e *humilde* como condição de pessoa *modesta, sóbria, recatada, discreta, moderada nas atitudes e nas palavras*. Nunca, porém, como baixo de caráter, sem dignidade moralmente rasteiro. Humilde é antônimo de arrogante, presunçoso, parlapatão, agressivo, intrometido, insolente, orgulhoso e atrevido. Humilde é aquele que sabe calar, quando poderia gritar; que sabe tolerar e suportar com grandeza de ânimo o excesso alheio, para depois, serenamente, restabelecer a normalidade de uma situação. É aquele que compreende a superioridade da calma sobre a irritação, a ascendência da tolerância sobre a intolerância, o valor da modéstia sobre a insolência, a coragem da paciência sobre a irritação, a ascendência da tolerância sobre a intolerância, o valor da modéstia sobre a insolência, a coragem da paciência sobre a irritação, a elevação do comportamento ponderado sobre a atuação agressiva.⁸

A humildade é, possivelmente, a mais difícil das virtudes a ser conquistada no mundo atual que, governado pelo materialismo, enfatiza o orgulho e a vaidade.

A humildade se opõe ao orgulho, à vaidade, à presunção, à autossuficiência, causa de tanta ruína, de tanto desespero, de tanta desilusão. Acreditamos que a humildade possa ser conquistada pelo esforço cotidiano pela melhoria do caráter. [...] Para que sejamos fundamentalmente humildes [...] temos que educar a nossa alma, de modo que a ação de cada dia nos favoreça um exame rigoroso do comportamento adotado e, de confronto em confronto, possamos eliminar os pontos fracos e revigorar aqueles que nos mostramos coerentes com Doutrina. Humildade dirigida nem sempre adquire autenticidade. Ela tem de ser espontânea, exercendo-se naturalmente, sem que nos apercebamos que ela se desenvolve à revelia do controle da vontade. A humildade controlada, mas não livre, pode facilitar benefícios, mas não tem a força, o poder de expansão da humildade autêntica, como a que foi revelada por Jesus e praticada por numerosos Espíritos que, na Terra, seguiram de perto, ou tanto quanto possível, o exemplo do Mestre de Nazaré.⁷

O último versículo do texto de Lucas (“porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado”) nos faz refletir que a humildade deve e pode ser exercitada por meio de serviço ao semelhante, em nome de Jesus, como bem nos esclarece o Espírito Irmão X:

Onde está a humildade, há disposição para servir fielmente a Jesus. O verdadeiro humilde, embora conheça a insuficiência própria, declara-se escravo da vontade do Senhor, para atender-lhe aos sublimes desígnios, seja onde for.¹²

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item: Fariseus, p. 38-39.
2. _____. _____. Item: Publicanos, p. 40.
3. _____. _____. Cap. 27, item 4, p. 370.
4. _____. _____. Cap. 28, item 1, p. 385-386.

5. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. Parábola do fariseu e do publicano. p. 122.
6. DENIS, Léon. *Depois da morte*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Parte quinta (O caminho reto), cap. 45 (Orgulho, riqueza e pobreza), p. 262.
7. MENDES, Indalício. *Rumos doutrinários*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. Humildade sempre, p.84.
8. _____. _____. Cap. Somente os fortes são humildes, p. 91-92.
9. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Na seara do mestre*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. (Bem-aventurados os humildes de coração), p. 65-66.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 260, p. 157.
11. _____. *Pérolas do além*. Pelo Espírito Emmanuel. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Verbete “prece”, p. 194.
12. _____. *Pontos e contos*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. 41 (A tarefa recusada), p. 220.
13. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21 (Oração e renovação), p. 61-62.

Orientações ao monitor

Realizar uma exposição dialogada a respeito das ideias desenvolvidas nos *Subsídios*, tendo como base o texto de Lucas, promovendo amplo debate sobre o assunto. Ao final, pedir aos participantes que indiquem como as pessoas podem desenvolver a humildade no mundo atual, governado pelo materialismo.

EADE LIVRO II | MÓDULO IV

APRENDENDO COM AS CURAS

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 1

O PARALÍTICO DE CAFARNAUM

Objetivos

- » Explicar a cura do paralítico de Cafarnaum (Mc 2:3-12), à luz da Doutrina Espírita.

Ideias principais

- » O paralítico de Cafarnaum [...] *era um Espírito em expiação. Num corpo entrevado, resgatava os erros do passado. O sofrimento resignado lhe abriu o coração para o amor e despertara-lhe o desejo de viver nobremente. E por fim, desenvolveu em seu íntimo a fé na bondade divina.* Eliseu Rigonatti: *O evangelho dos humildes*. Cap. 9.
- » A afirmação de Jesus, “filho, perdoados estão os teus pecados”, indica o término da expiação do doente, em decorrência da manifestação da lei de causa e efeito.

Subsídios

1. Texto evangélico

E vieram ter com Ele, conduzindo um paralítico, trazido por quatro. E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. E Jesus, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados. E estavam ali assentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seu coração, dizendo: Por que diz este assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus? E Jesus, conhecendo logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer-lhe: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na Terra poder para perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, e toma o teu leito, e vai para tua casa. E levantou-se e, tomando logo o leito, saiu em presença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos (Mc 2:3-12).

Relata-nos o Evangelho de Marcos a curiosa decisão do paralítico que, localizando a casa em que se achava o Senhor, plenamente sitiada pela multidão, longe de perder a oportunidade, amparou-se no auxílio de amigos, deixando-se resvalar por um buraco, levado a efeito no telhado, de maneira a beneficiar-se no contato do Salvador, aproveitando fervorosamente o ensejo divino.¹²

A leitura atenta do relato de Marcos nos revela alguns ensinamentos que merecem ser destacados: a) o desejo de ser curado acalentado pelo paralítico; b) o dedicado apoio dos quatro amigos; c) as dificuldades que o doente e os seus amigos tiveram que enfrentar; d) a bênção da cura realizada por Jesus; e) a oportuna lição que o Mestre forneceu aos escribas em resposta à crítica que deles recebera.

À época de Jesus as curas tinham um caráter religioso ou mágico, devido ao pouco desenvolvimento da Ciência. Evoluindo esta, afastou-se radicalmente da religião por considerar as suas práticas supersticiosas. Nos dias atuais, porém, sabemos que o apoio espiritual está sendo, aos poucos, aceito pela Ciência e, em “[...] sua luta contra

a doença, a medicina utiliza os mais variados procedimentos e sistemas para a recuperação da saúde e restauração do equilíbrio de um organismo doente.⁸

Neste sentido, assinala o Espírito Bezerra de Menezes:

Raia uma madrugada nova em que a Ciência e a religião dão-se as mãos em benefício da criatura humana. Amanhece dia novo para a sociedade terrestre, cansada de sofrer, voltando-se para Jesus Cristo, *o modelo e guia da humanidade*, a fim de transformar *o mundo de provas e de expiações* em um planeta de *regeneração*. Já não é possível, postergar o surgimento desses gloriosos dias, porque o Consolador que Jesus prometeu encontra-se na Terra para arrancar, pelas raízes, os fatores que levam ao desespero e à alucinação, não apenas para enxugar as lágrimas que os olhos vertem, senão para extirpar as causas das problemáticas aflitivas da criatura humana.⁵

As curas realizadas por Jesus têm como base a sua poderosa vontade, suas elevadíssimas energias magnéticas e o grande amor demonstrado pelos sofredores e desvalidos de todos os tempos.

Como em outros casos, a um impulso de sua vontade poderosíssima, a que se mesclava grande piedade pelo sofrimento daquele homem, as disfunções orgânicas que lhe causavam a paralisia desapareceram por completo, podendo ele levantar-se de pronto e sair caminhando com desenvoltura, sem que subsistissem quaisquer resquícios da doença que até então o retinha preso no leito.⁶

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E vieram ter com Ele, conduzindo um paralítico, trazido por quatro. E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico (Mc 2:3-4).*

No passado como no presente, continuam chegando até Jesus os doentes do corpo e da alma, dele recebendo o amparo para que possam suportar ou solucionar os tormentos que lhes marcam a existência.

O paralítico era um Espírito em expiação. Num corpo entevado, resgatava os erros do passado. O sofrimento resignado lhe abriu o

coração para o amor e despertara-lhe o desejo de viver nobremente. E por fim desenvolveu em seu íntimo a fé na bondade divina.⁹

A frase: “E vieram ter com ele conduzindo um paralítico, trazido por quatro”, destaca a ação caridosa de quatro amigos que, superando todos os obstáculos, chegam até Jesus. Ainda hoje, sabemos da existência de pessoas que, imbuídas de amor e solidariedade, continuam “conduzindo” ao Mestre os portadores de doenças, algumas tão graves que, à semelhança do paralítico de Cafarnaum, não podem sair em busca de auxílio, por si mesmos.

O texto evangélico mostra também que a vida na Terra se caracteriza pela presença de sofredores, de um lado, e de benfeitores, em número reduzido, de outro. Estes benfeitores, representados pelos quatro trabalhadores anônimos, formam uma pequena equipe, unindo esforços para que os obstáculos sejam vencidos, segundo os princípios da lei de cooperação. Trabalham em uníssono, sem medir sacrifícios, garantindo equilíbrio e atendimento aos que se encontram sob o jugo da dor e do desajuste, carentes de tratamento.

A expressão “e vieram ter com Ele” revela que o título de benfeitor é concedido apenas aos que vivem na órbita do Cristo, que sabem conduzir os que sofrem até Ele, encaminhando-os na direção do bem verdadeiro. Nem todas as pessoas conseguem, pelos próprios recursos, caminhar diretamente até o Cristo. Contam, então, com a boa vontade e a dedicação de amigos que por elas intercedem junto ao Senhor.

Há enfermidades que permitem a seus portadores buscar auxílio necessário por si mesmos, outras, no entanto, devido ao agravamento do estado inicial, só podem ser superadas com o auxílio de outrem.⁷

Entretanto, independentemente do tipo de enfermidade, o processo de cura só se concretiza com a devida superação dos obstáculos, simbolizada na palavra “multidão” existente nesta frase: “E não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão”.

Não são poucas as dificuldades que a luta renovadora oferece. Às vezes, os obstáculos se revelam como intransponíveis, em razão dos bloqueios que impomos a nós mesmos quando, na busca do equilíbrio, devemos nos ajustar aos lances da cooperação fraterna ou à orientação das medidas terapêuticas. Com perseverança e confiança no amor do Cristo conseguiremos, porém, superar a “multidão” de dificuldades que surge no nosso caminho.

Existe grande distância entre a mentalidade paralisada, nos processos de reajustes e o auxílio operante do Mestre. É importante considerar que esta situação (mente paralisada *versus* auxílio operante) se conjuga perfeitamente, não só no plano das relações interpessoais como no íntimo de cada um. Isto acontece porque as viciações geradas pelas experiências infelizes do passado, imprimem um padrão comportamental que desencoraja o esforço de se obter a cura que, muitas vezes, deve ocorrer na forma de decisões ousadas e significativas. Na conquista deste objetivo, não se pode prescindir da vontade que alimenta pensamentos, palavras e ações edificantes, por meio dos quais angariamos forças para superar obstáculos.

O texto do evangelista Marcos informa que os amigos do paralítico não se deixaram abater quando, conduzindo o doente até Jesus, depararam com a multidão. Usando da criatividade, abriram um buraco no telhado por onde baixaram o leito em que jazia o doente.

Extraindo o espírito da letra, podemos afirmar que em todo processo de auxílio encontraremos, de forma natural uma “multidão” de desafios. Entretanto, se existir sinceridade de propósitos, saberemos superar as dificuldades, identificando medidas alternativas. Outro ponto que merece comentário diz respeito à solução, encontrada pelos quatro amigos, para conduzirem o paralítico até onde Jesus se encontrava.

Fica evidente que para socorrer os necessitados devemos elevar o nosso padrão vibratório, a fim de que sentimentos inferiores (decepção, ansiedade, angústia etc.) não invalidem as nossas ações. “Subir ao telhado” significa manter-se em sintonia elevada com os benfeitores que se encontram em planos superiores. O buraco no telhado pode indicar uma brecha que foi aberta nos condicionamentos mentais do doente, necessária para conduzi-lo, definitivamente, a Jesus.

Esta abertura mental (no “telhado”), libera concepções cristalizadas e assegura o encontro com o Mestre, cognominado de “a luz do mundo”. Percebemos, assim, que a firme vontade do paralítico encontrou ressonância na louvável disposição dos seus amigos.

A sabedoria dos ensinamentos do Cristo mostra que em todo processo de cura ocorre, primeiramente, uma subida. No caso do paralítico, esta subida foi facilitada pelo auxílio dos seus quatro amigos. Quer isto dizer que é preciso o Espírito oferecer condições (vontade firme) para se libertar do seu passado de erro, claramente evidenciado na paralisia, resultante da manifestação da lei de causa e efeito.

Há, no versículo quatro, a informação de “baixaram o leito em que jazia o paralítico”. Fica claro que o trabalho dos benfeitores foi o de elevar o padrão vibratório do doente, mas como este não possuía recursos espirituais suficientes para se manter num plano de vibrações elevadas, prenderam-no ao leito e, cercado-o de cuidados, puderam levá-lo aos pés do Mestre.

O paralítico, por sua vez, posicionado no piso evolutivo que lhe era próprio, mas mantido sob assistência espiritual superior, consegue assimilar, com equilíbrio, o auxílio que lhe chega.

Vemos, então, que a renovação mental, com base nos enunciados da Boa-Nova e da Doutrina Espírita, é a chave capaz de abrir esta passagem superior, de que nos fala Marcos, para que ocorra nossa “descida” no plano da cura definitiva. Subindo, captamos as vibrações do Alto, conquistáveis e aplicáveis quando se “desce” aos campos operacionais das lutas cotidianas.

A fim de que o operário de Jesus funcione como expressão de clareza na vida, é indispensável que se eleve ao monte de exemplificação, apesar das dificuldades da subida angustiosa, apresentando-se a todos na categoria da construção cristã.¹⁰

- » *E Jesus, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados (Mc 2:5).*

Jesus atendeu o paralítico, fundamentando-se na fé revelada por este e na dos seus intercessores, manifestada em atos de coragem e de abnegação. A fé do enfermo e dos cooperadores, tendo como base a misericórdia divina, culminou em concessão de nova oportunidade para a superação de débitos contraídos em existências pretéritas. Assim, a expressão: “disse ao paralítico”, atravessa os séculos e chega ao presente, nos fazendo ponderar a respeito da força do magnetismo do Cristo que, agindo com amor e sabedoria, concede nova oportunidade àquele companheiro.

Muitas pessoas confessam a necessidade do Cristo, mas frequentemente alegam obstáculos que lhes impedem a sublime aproximação [...]. Todavia, para que nos sintamos na vizinhança do Mestre, como legítimos interessados em seus benefícios imortais, faz-se imprescindível estender a capacidade, dilatar os recursos próprios e marchar ao encontro dele, sob a luz da fé viva.¹¹

A afirmação de Jesus ao parálítico: “Filho, perdoados estão os teus pecados...” expressa que Ele, o Cristo, estava ciente do novo estado de alma do enfermo. “Filho” é expressão carinhosa aplicada ao homem renovado pelas provas, mas capaz de refletir os ensinamentos de Jesus nas suas ações e exemplificações no bem. Sabe este que pela sua atividade no bem, pode provocar efetiva mudança de comportamento, desvinculando-se dos fulcros de sofrimento que o mantêm prisioneiro na esteira das vibrações cármicas. Neste sentido, o perdão só pode ser decretado quando se conhece a extensão das causas e dos efeitos, dos agravantes e dos atenuantes que marcam o processo evolutivo de cada pessoa. A este respeito, informam os Espíritos superiores que o perdão é medida de inteligência e bom senso que nos desoneram de vinculações complexas e indesejáveis.

Allan Kardec nos dá uma explicação clara do significado das palavras do Cristo “perdoados estão os teus pecados”.

Por meio da pluralidade das existências, ele [o Espiritismo] ensina que os males e aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, bem como que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior e, assim, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições, pois que as existências são solidárias *umas com as outras. Se, portanto, a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele praticara, o dizer-lhe Jesus: Teus pecados te são redimidos equivalia a dizer-lhe: pagaste a tua dívida; a fé que agora possuis elidiu a causa da tua enfermidade; consequentemente, mereces ficar livre dela.*³

- » *E estavam ali assentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seu coração, dizendo: Por que diz este assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus? (Mc 2:6-7).*

Quem se dedica ao esforço de superação das próprias imperfeições, se defronta com as reações voltadas contra os propósitos de melhoria. Tais reações caracterizam os interesses imediatistas, as tradições ou o apego, simbolizadas nos “escribas assentados”, citados no texto.

Sabemos que não é fácil desativar tais elementos, muitos dos quais já fixaram moradia em nossa mente, ao longo dos séculos. Acrescentamos que as manifestações de desânimo, de rebeldia e de resistência às mudanças também nos mantêm acomodados, realizando observações interesseiras ou fomentando intolerâncias. Esse estado de

acomodação representa outra forma de imobilidade, além da física, observada no paralítico. Os outros, os “escribas assentados”, ainda que parcialmente imobilizados pela vida que levavam ou pelas aquisições que possuíam, poderiam ainda fazer escolhas mais acertadas, abrindo o templo da alma a uma melhor compreensão da vida, pelo culto do bem e do amor, favorecido pelo trabalho regenerador.

Vemos, de um lado, Jesus conclamando a criatura ao serviço de melhoria espiritual, do outro, as insinuações da própria inferioridade moral plantadas e arraigadas no psiquismo, expressas no “arrazoavam entre si”. A discussão era uma tentativa de abafar os propósitos de edificação espiritual que o Cristo lhes disponibilizava naquele momento. Este raciocínio se confirma na seguinte indagação, proferida pelos escribas: “Por que diz este assim blasfêmias?”. Incapazes de atentar para os mais elevados valores espirituais, adotam atitudes próprias de Espíritos cristalizados em ideias, atitudes e convenções mundanas, desprezando a mais bela expressão do amor que, misericordiosamente, lhes oferecia o Cristo.

Ignorando tal bênção, faz-se logo presente, em consequência, a pressão do homem velho, inconformado e desinformado, mas que se insurge contra a legitimidade dos valores nobres, perguntando: “Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”. Esta indagação revela que os escribas estavam fechados ao entendimento espiritual. Na verdade, é justo admitir, as perguntas proferidas por eles podem também ser indicativas de dúvidas.

Acreditamos que a presença de Jesus no templo, acompanhado da multidão, e os esforços do paralítico e dos seus abençoados intercessores, causaram algum impacto naqueles cultores das leis moisaicas, caso contrário eles não teriam proferido as perguntas. É oportuno observar que, da mesma forma que o doente se apoiou nos amigos para colocá-lo no caminho da cura, os escribas se apoiaram, mutuamente, para neutralizar o esforço de mudança suscitado pelas palavras do Cristo, preferindo continuar presos à interpretação literal dos ensinamentos da lei de Moisés.

De certa forma, esta atitude encontra respaldo no tipo de trabalho executado pelos escribas.

Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentess dos exércitos judeus. Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e as interpretavam para o

povo. Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores. Daí o envolvê-los Jesus nas reprovações que lançava aos fariseus.¹

- » *E Jesus, conhecendo logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração? Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer-lhe: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda? (Mc 2:8-9).*

Apesar da ressonância que as palavras de Jesus “amar a Deus e ao próximo como a si mesmo” provocam em nossa consciência, preferimos, em geral, o “arrazoado” das palavras vãs que abordam os problemas da lei e das tradições, e que nos mantém desinteressados de conquistas sublimes. Jesus, o Mestre por excelência, lê com clareza o pensamento dos escribas, daí ter-lhes perguntado: “Por que arrazoais estas coisas em vossos corações?”.

Este tipo de indagação pode, perfeitamente, nos ser encaminhada nos dias atuais. Se encorajados pelas tarefas de superação das próprias imperfeições — representadas nas expressivas oportunidades de melhoria espiritual — permitimos que longos diálogos e deduções interfiram na tarefa, revelamos, na verdade, que ainda nos encontramos presos a conceitos errôneos e a pontos de vista, capazes de estiolarem as mais puras e esperançosas sementes de renovação.

O desconhecimento dos mecanismos que regem a manifestação da lei de causa e efeito, por parte dos escribas, permitiu que Jesus lhes perguntasse: “Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer-lhe: levanta-te e toma o teu leito e anda?”.

Sabemos que a cura foi efetivada porque Jesus percebeu que o tempo de expiação da doença tinha chegado ao fim. “Estão perdoados os teus pecados” indica também que as causas geradoras da paralisia deixavam de existir, a partir daquele momento, e que a expiação chegava ao seu término. As verdades espíritas nos orientam que nada acontece por acaso e que um axioma governa nossa existência: todo efeito tem uma causa geradora.

Ora, ao efeito precede sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito

noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus. O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem a sua razão de ser, e aquele que se em encontra em sofrimento pode sempre dizer: *perdoa-me, Senhor, porque pequei.*²

O espírita sabe, pois, que o seu comportamento será sempre atestado pelas ações que desenvolve e, de modo mais autêntico, pelos esforços que emprega no sentido de domar as suas más inclinações. Exercitando a lógica (razão) e o bom senso, fundamentados na fé raciocinada, verificamos que os ensinamentos de Jesus nos conduzem a questionamentos sobre o nosso próprio comportamento.

O Espiritismo nos estimula responder: “que”, “porque”, “qual”, “quem”, “onde” etc., necessários à análise, comparação e comprovação dos fatos. Sendo assim, a ideia da reencarnação explica como e porque o enfermo adquiriu a paralisia, e como fazer para dela se libertar. Não é a reencarnação o ensejo de reconstrução do passado delituoso, um verdadeiro perdão de Deus? Entregar-se ao trabalho, dedicar-se ao próximo, amar e compreender, não tangem a mente como auspicioso ensejo de liquidação dos débitos escabrosos, acumulados no decorrer dos séculos?

Perdoando os pecados cometidos pelo paralítico ou, simplesmente, dizendo-lhe: “Levanta-te, e toma o teu leito, e anda”, Jesus nos faz lembrar questões relativas ao livre-arbítrio, à lei de causa e efeito, ao arrependimento, às provas e expiações, à reencarnação, ao trabalho de melhoria espiritual, às manifestações de solidariedade, à misericórdia e à reparação de faltas cometidas, dentre outras.

A expressão imperativa: “Levanta-te” está carregada de grande magnetismo e determinação. A partir daquele momento não existe mais um paralítico e, sim, um Espírito que deve adotar nova atitude, dispor-se ao labor, não esquecendo, no entanto, de que carrega consigo resíduos ou reflexos de uma experiência menos feliz, vivida anteriormente.

A palavra “leito”, inserida na interrogação “e toma o teu leito, e anda?”, revela que é importante transportarmos, com humildade, as

experiências vivenciadas e as lições aprendidas, até que esse “leito” não seja mais necessário à nossa vida.

- » *Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na Terra poder para perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, e toma o teu leito, e vai para tua casa. E levantou-se e, tomando logo o leito, saiu em presença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos (Mc 2:10-12).*

Recordemos que, antes de o enfermo ser colocado à frente de Jesus, ele se encontrava “paralítico” “deitado”, preso num leito. Agora, porém, após a cura operada pelo Mestre, a situação é outra: vemos o beneficiário “andando”, isto é, empreendendo a caminhada em direção ao seu glorioso porvir. Vemos, também, a manifestação de um dos mais sublimes mecanismos de reparação da justiça divina: o perdão. A paralisia simboliza, ao mesmo tempo, o autoperdão (expição aceita e a busca para remediá-la) e perdão de Deus (chance de reparação de erros em nova experiência reencarnatória). O perdão e a misericórdia divinos, em sua sublimidade, não tiram da criatura o mérito da própria reabilitação, mas se revelam como fator de aprendizado, os quais, registrados na memória do Espírito, servirão de base para as suas novas conquistas evolutivas.

“Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na Terra poder para perdoar pecados”, é uma frase que determina a importância de estarmos conscientes (“para que saibais”) de ser o Cristo o guia e modelo da humanidade terrestre.

Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo Ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito divino o animava.⁴

Conhecedor das deficiências do homem, o Mestre visita o “orbe de sombras”, e, descendo de sua culminância espiritual, sem medir esforços e sacrifícios, aporta no campo do aprendizado terrestre para que “saibamos” a extensão da grandeza e da misericórdia do Criador. Como construtor e diretor do Planeta, identificado como “Filho do Homem”, Ele nos revela a lei de amor. Mostra, também, que como guia e modelo o “Filho do Homem” é o que está à frente, imagem representativa da espécie humana do futuro, cujo conhecimento e identificação com o Pai será atingida e sentida pela humanidade.

É digna de nota a frase: “A ti te digo: Levanta-te”. A despeito desta citação evangélica revelar um comando de ordem pessoal dirigido, na ocasião, ao paralítico, ela também nos atinge.

Jesus se dirigiu, diretamente, ao paralítico falando: “A ti te digo”, firmando o propósito de conduzi-lo a um processo de análise mais profunda e que, perpassando os séculos, são captados pelos nossos olhos e ouvidos.

A autoridade do Mestre se evidencia na sua palavra e no exemplo. Esta é a fórmula que devemos aplicar em todo processo de melhoria espiritual. Quando Jesus determina: “toma o teu leito, e vai para tua casa”, expressa orientação segura, como se Ele dissesse ao doente: “aproveita o instrumento de expiação que a reencarnação concedeu, aqui simbolicamente representado pelo leito, e continua no teu progresso espiritual (vai para casa).”

Ao final do relato da história do paralítico de Cafarnaum, o evangelista Marcos registra: “E, levantou-se, e tomando logo o leito, saiu em presença de todos, de sorte que todos se admiraram e glorificaram a Deus, dizendo: Nunca tal vimos”.

Há dois fatos que merecem ser destacados: o primeiro diz respeito à cura do paralítico, manifestada nas afirmativas “levantou-se”, “tomando logo o leito” e “saiu em presença de todos”. O segundo está relacionado à “admiração” que a cura provocou aos circunstantes. A atitude do enfermo que, após ouvir Jesus, levantou-se, pegou o leito e saiu, revela o processo educativo estabelecido pela evolução: quando o aprendizado é efetivo (ouvir Jesus) existe a indicação de que a lição (expiação ou provação) não só foi aprendida como também impulsionou a pessoa a partir para novas conquistas (“levantou-se”). A postura do enfermo de Cafarnaum mostra, igualmente, que Jesus o deixou livre para agir por si mesmo, conferindo-lhe a disposição de caminhar e conduzir, consigo, o instrumento de provação (“o leito”), onde se recolhera por algum tempo.

A “admiração” de todos indica que, de certa forma, a multidão que cercava Jesus aprendeu alguma coisa. O ensino verdadeiro sempre provoca este tipo de reação. Entretanto, o nível de aprendizado é variável: em uns causará apenas a admiração, propriamente dita, em outros provocará reflexão e noutros, finalmente, resultará em transformação espiritual. De qualquer forma, porém, a lição fundamentada no bem deixa marcas eternas, e, por provocar “admiração” se transforma em um exemplo (“nunca tal vimos”) que poderá ser seguido por todos, no momento oportuno.

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, item: Escribas, p. 37.
2. _____. _____. Cap. 5, item 6, p. 101-102.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15, item 15, p. 318.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 625, p. 308.
5. ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA DE MINAS GERAIS. *Das patologias aos transtornos mentais*. 1. ed. Belo Horizonte: INEDE. Prefácio, p. 11
6. CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de espiritismo cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Cap. 47 (O paralítico de Cafarnaum), p. 151.
7. FAJARDO, Cláudio. *Jesus terapeuta*. EDIAME. Belo Horizonte: 2002. Cap. 9 (Cura de um paralítico), p. 227.
8. MARTIN CLARET. *A essência das terapias*. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2002. Item Terapêutica, p. 10.
9. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15.ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003. Cap. 9 (O paralítico de Cafarnaum), p. 72.
10. XAVIER. Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 76 (Edificações), p. 168.
11. _____. _____. Cap. 118 (O paralítico), p. 251.
12. _____. _____. p. 251-252.

Orientações ao monitor

Pedir aos os participantes que se reúnam em grupos, realizem o exercício indicado em seguida, e, em plenária, promovam um debate relacionado às conclusões do trabalho em grupo.

Exercício

- » Analisar o papel dos quatro amigos no processo de cura do paralítico, assim como a fé por este demonstrada.
- » Explicar, à luz do entendimento espírita, o que significam estas palavras de Jesus: “Filho, perdoados estão os teus pecados”.
- » Responder à pergunta, justificando-a: Por que Jesus “tem na Terra poder para perdoar pecados”?
- » Extrair do texto novas lições e reflexões.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 2

O CEGO DE BETSAIDA

Objetivos

- » Explicar a cura do cego de Betsaida (Mc 8:22-26), à luz da Doutrina Espírita.

Ideias principais

- » O processo de cura do cego de Betsaida arregimentou a ação intercessora de benfeitores anônimos e a utilização de original terapia: antes de se fazer a imposição de mãos, como usualmente procedia, Jesus aplicou saliva nos olhos do doente.
- » *A cura operada por Jesus nos faz colher [...] uma lição de inestimável proveito em tudo isso, e refere-se à passagem do Espírito da materialidade em que está, para a espiritualidade, da ignorância para a sabedoria, das trevas para a luz. Ele não adquire, como o cego não adquiriu, repentinamente a vidência da Verdade; passa por um estado de confusão, assim como o cego — vendo, mas vendo homens como árvores, até que possa distinguir claramente a realidade.* Cairbar Schutel: *O espírito do cristianismo*. Cap. 62.
- » *É óbvio que o mundo inteiro reclama visão com o Cristo, mas não basta ver simplesmente; [...] para ver e glorificar o Senhor é indispensável marchar nas pegadas do Cristo, escalando, com Ele, a montanha do trabalho e do testemunho.* Emmanuel: *Vinha de luz*. Cap. 34.

Subsídios

1. Texto evangélico

E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego e rogaram-lhe que lhe tocasse. E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspido-lhe nos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. E, levantando ele os olhos, disse: Vejo os homens, pois os vejo como árvores que andam. Depois, tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele, olhando firmemente, ficou restabelecido e já via ao longe e distintamente a todos. E mandou-o para sua casa, dizendo: Não entres na aldeia (Mc 8:22-26).

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego e rogaram-lhe que lhe tocasse (Mc 8:22).*

Betsaida (“casa da pesca” em hebraico), uma aldeia situada a nordeste do mar da Galileia e a alguns quilômetros de Cafarnaum, terra dos apóstolos Pedro, Felipe e André, foi palco de curiosa cura realizada por Jesus.

A chegada a humilde comunidade de Betsaida representa uma pausa num ambiente acomodado, de acolhimento aos viajantes cansados e desencorajados em prosseguir a jornada, mas que recebe o Mestre que por ali transitava na busca das “ovelhas perdidas” de Israel.

A misericórdia de Jesus se faz presente quando ele encontra uma dessas ovelhas, identificada na figura do cego de Betsaida (“E trouxeram-lhe um cego”). A chegada de Jesus evidencia seu trabalho dinâmico no bem, disposto a auxiliar os necessitados que, à semelhança do cego, abrigam a esperança de serem curados dos seus males.

Importa destacar o gesto de solidariedade de alguns amigos que conduzem o cego, pedindo auxílio ao Senhor. São criaturas humanas, anônimas no texto evangélico, que agem como intercessores junto ao Senhor. São Espíritos benevolentes identificados com a mensagem de amor, que nos ensinam como ajustar a própria vida ao trabalho de cooperação e de caridade.

A propósito, elucida um Espírito protetor, em mensagem ditada na cidade de Bordeaux, em 1861:

Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se possuídes esse fogo divino, que é o que podereis temer? [...] Se tendes amor, tereis colocado o vosso tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar e vereis apagar-se da vossa alma tudo o que seja capaz de lhe conspurcar a pureza; sentireis diminuir dia a dia o peso da matéria e, qual pássaro que adeja nos ares e já não se lembra da Terra, subireis continuamente, subireis sempre, até que vossa alma, inebriada, se farte do seu elemento de vida no seio do Senhor.¹

O nome e o número dos amigos que conduziram o cego ficaram escondidos na palavra “trouxeram”. Entretanto, a sublime manifestação de amor ao próximo, citado no texto, atravessa os tempos e deixa as suas marcas, revelando o caráter, a solidariedade e o senso de caridade desses benfeitores que souberam aproveitar a feliz oportunidade da presença de Jesus entre eles (“e trouxeram-lhe um cego e rogaram-lhe que lhe tocasse”).

Similarmente, podemos dizer que a mesma dinâmica do amor se evidencia no trabalho de incansáveis amigos que encontramos ao longo da nossa caminhada evolutiva, os quais visitando a “Betsaida de nossos corações”, ainda cristalizados no comodismo das deficiências que trazemos das experiências passadas, nos estimulam ao bem.

Não é fácil apartar-se do mal, consubstanciado nos desvios inúmeros de nossa alma através de consecutivas reencarnações, e é muito difícil praticar o bem, dentro das nocivas paixões pessoais que nos empolgam a personalidade, cabendo-nos ainda reconhecer que, se nos conservamos envolvidos na túnica pesada de nossos velhos caprichos, é impossível buscar a paz e segui-la. Cegaram-nos males numerosos, aos quais nos inclinamos nas sendas evolutivas, e acostumados ao exclusivismo e ao atrito inútil, no desperdício de energias sagradas, ignoramos como procurar a tranquilidade consoladora.⁹

A frase: “E rogaram-lhe que lhe tocasse” fala do valor da intercessão. Fundamentados na fé raciocinada, os anônimos benfeitores rogaram a Jesus que tocasse aquele companheiro destituído de visão.

O exemplo é elucidativo para todos nós que atuamos na seara espírita. Perante a criatura em sofrimento, temos o dever cristão de consolá-la. Se estivermos impossibilitados de atendê-la diretamente, podemos nos valer do recurso da intercessão que, por vezes, funciona com mais eficiência se fossemos nós o prestador do benefício. Rogando a quem possa, sob os auspícios da caridade, o sofredor é atendido nas suas necessidades. Entretanto, auxiliar requer, sempre, disposição discernimento e confiança. Tal como os amigos citados nesta passagem do Evangelho, não podemos curar alguém, mas agir como intermediário das forças do bem, aplicando os usuais recursos que a Doutrina Espírita nos disponibiliza: o passe, a prece, a conversa fraterna, o amparo material, o esclarecimento espiritual, o apoio solidário etc.

- » *E tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspidolhe nos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. E, levantando ele os olhos, disse: Vejo os homens, pois os vejo como árvores que andam. Depois, tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele, olhando firmemente, ficou restabelecido e já via ao longe e distintamente a todos. E mandou-o para sua casa, dizendo: Não entres na aldeia (Mc 8:23-26).*

Podemos observar que Jesus, ao iniciar o paciente processo de cura, manifestado na frase: “tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia”, o faz com carinho (“tomando o cego pela mão”) afastando-o do foco de dificuldades (“levou-o para fora da aldeia”).

O gesto de pegar o doente pela mão revela a base em que se fundamenta o trabalho com o Cristo: atenção, simpatia, cuidado, ação eficiente. Por este motivo, as mãos de Jesus são sempre operantes, espalhando o amor de modo incansável.

O trabalho é sempre instrutor do aperfeiçoamento. [...] Em todos os lugares do vale humano, há recursos de ação e aprimoramento para quem deseja seguir adiante. Sirvamos em qualquer parte, de boa vontade, como ao Senhor e não às criaturas, e o Senhor nos conduzirá para os cimos da vida.⁴

O versículo destaca, igualmente, a manifestação de misericórdia pelo cego, sentimento que antecede o auxílio, propriamente dito. Sabemos que a cegueira tem suas raízes nas ações pretéritas, em geral, desencadeada pela inércia, indiferença e desinteresse na prática do bem.

A grande maioria das doenças tem a sua causa profunda na estrutura semimaterial do corpo perispiritual. Havendo o Espírito agido erradamente, nesse ou naquele setor da experiência evolutiva, vinca o corpo espiritual com desequilíbrios ou distonias, que o predispõem à instalação de determinadas enfermidades, conforme o órgão atingido.⁵

O processo de cura se estabelece quando o enfermo começa a se desligar das causas geradoras da doença, sobretudo quando é apoiado pela família e amigos. A estratégia terapêutica utilizada por Jesus estabeleceu que, de imediato, era necessário afastar o cego dos seus problemas, da influência negativa do ambiente psíquico em que se encontrava mergulhado, por este motivo “levou-o para fora da aldeia”.

O processo de cura comporta, basicamente, três etapas: renovação mental do doente, aplicação de recursos terapêuticos para eliminar a doença e o desenvolvimento de ações mantenedoras da saúde. Jesus promove a renovação mental do cego quando, conduzindo-o “para fora da aldeia”, desvincula-o dos elementos perturbadores que lhe alimentava a enfermidade. Os recursos terapêuticos utilizados pelo Mestre estão representados nos fluidos ou energias magnético-espirituais, presentes na sua saliva e nos seus fluidos magnéticos. As ações promotoras da saúde estão indicadas no versículo 26, registrado por Marcos: “E mandou-o para sua casa, dizendo: Não entres na aldeia”. Significa dizer que a saúde estaria garantida se o atendido guardasse a devida vigilância da sua casa mental (“mandou-o para a sua casa”), mantendo-se harmonizado no bem e afastado do foco dos antigos problemas (“não entres na aldeia”).

A cura da cegueira surge como mera possibilidade quando o cego se apoia na benevolência de amigos, os quais, por sua vez, o conduzem até Jesus. Somente com o Mestre a cura se concretiza. Este processo: desejo de ser curado, apoio de benfeitores, encaminhamento a Jesus, permite ao enfermo compreender que as ações individuais, por menores que sejam, repercutem na própria existência, sendo pois necessário desenvolver a capacidade de se fazer escolhas sensatas. Neste sentido, sabemos que “ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não se pode servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24). Mamom representa as paixões inferiores e as coisas materiais supérfluas que, pelo fascínio que exercem sobre as criaturas, podem arrastá-las a grandes desarmonias espirituais e a quedas morais significativas.

Assim, a saída da aldeia, propiciada por Jesus, apresenta também outro significado: coloca o doente no rumo do bem, a serviço de Deus, dando condições ao seu Espírito de acessar outro campo de vibrações, de valores substancialmente diferentes, favoráveis à neutralização do mal.

Trazendo a lição para o campo das nossas cogitações íntimas, percebemos que por muito tempo estivemos prisioneiros de hábitos infelizes e de viciações, antes do entendimento espírita surgir em nossa vida. Isto nos faz refletir o quanto é importante investir na aquisição de valores morais, desenvolvendo virtudes e combatendo o mal. Este processo de mudança pode ser favorecido pelas práticas espíritas, simples, mas eficientes, tais como: reuniões evangélico-doutrinárias ou de estudo; trabalho de assistência e promoção social, de atendimento aos necessitados, encarnados ou desencarnados. São frentes de trabalho que nos fazem manter a mente atenta em interesses edificantes, e que nos desvinculam de antigas conexões geradoras de desconforto espiritual. Agindo assim, estaremos promovendo a desativação de sofrimentos e patologias equivocadamente nutridos pelo nosso Espírito.

O texto de Marcos mostra que Jesus utilizou dois recursos terapêuticos na cura do cego: a saliva e a imposição de mãos. O registro evangélico diz que “e, cuspendo-lhe nos olhos, e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa.” O uso da saliva indica que a enfermidade daquele companheiro exigia, por suas características, uma providência de ordem bastante material. É importante ressaltar que somente ao Cristo coube a utilização da saliva como elemento curativo, em razão da sua elevada pureza e sublimado magnetismo. Não se trata de prática que devemos imitar ou incentivar, uma vez que a nossa saliva não possui a desejável pureza química e biológica, em função de hábitos alimentares, deficiências fisiológicas, energéticas etc.

A saliva é um produto que contribui para a manutenção de certas atividades no corpo físico. É um fluido aquoso e transparente secretado pelas glândulas salivares, tendo a água como o seu maior componente (99%) e uma pequena porcentagem de substâncias orgânicas e minerais (substâncias inorgânicas). Alguns elementos biológicos existentes na saliva, como anticorpos e enzimas, protegem o organismo de infecções e intoxicações. É uma substância encontrada na boca e em toda a extensão do aparelho digestivo e orofaríngeo, hidratando-o e tendo como função adicional controlar o nível de água no organismo.

O passe, transmitido pela imposição de mãos, foi outro recurso que o Mestre utilizou na cura do cego. Este, sim, é naturalmente utilizado por nós. A imposição de mãos produz uma transmissão magnética dos nossos fluidos animalizados (fluido vital) que, associados às energias dos benfeitores espirituais, canalizam elementos de cura ao necessitado, envolvendo-o em vibrações de amor e bem-estar.

Após a transmissão magnético-fluídica, Jesus “perguntou-lhe se via alguma coisa”. A pergunta é significativa: o cego é chamado a reagir, a despertar, sair do estado psíquico em que se encontrava e acordar para a vida, exercitando a visão espiritual que se lhe abria. A magnificência da lição nos mostra como deve ser o processo de auxílio: o enfermo não foi constrangido a ver segundo a ótica de Jesus — que, por efeito contrário, manteria o doente no estado de cegueira, já que a luz excessiva também cega —, mas de acordo com a condição evolutiva do próprio Espírito beneficiado.

Percebemos, então, que em todo processo de auxílio é mais importante que o necessitado não se firme apenas nos recursos de quem o ampara, mas que desenvolva os próprios, ativando-os em benefício da sua felicidade. É preciso não esquecer o respeito que devemos ter pelo livre-arbítrio do beneficiado.

A pergunta do Cristo (vê “alguma coisa?”) demonstra que, sob o influxo do amor, há liberdade integral para o necessitado usar do seu livre-arbítrio, vendo o que deseja e discernir sobre o que lhe é lícito ou conveniente.

Homens comuns, habitualmente, pousam os olhos em determinada situação apenas para fixarem os ângulos mais apreciáveis aos interesses inferiores que lhes dizem respeito. [...] Olhos otimistas saberão extrair motivos sublimes de ensinamento, nas mais diversas situações do caminho em que prosseguem. [...] O homem cristianizado e prudente sabe contemplar os problemas de si mesmo, contudo, nunca enxerga o mal onde o mal ainda não exista.⁶

No versículo 24 temos a resposta do cego a Jesus: “E, levantando ele os olhos, disse: vejo os homens: pois os vejo como árvores que andam”. Esta expressão: “levantando ele os olhos” traduz-se como um inequívoco propósito de elevação, atestado pela sua disposição íntima de curar-se. Se a indagação anterior de Jesus — se o enfermo via alguma coisa — afere o desejo de efetiva transformação moral do

necessitado, o gesto, caracterizado por “levantando ele os olhos”, confirma a determinação do atendido em seguir as orientações do Cristo.

Que esse processo de cura nos sirva de exemplo, pois o mínimo que se espera de todos nós, Espíritos enfermos, é nos mantermos unidos a Jesus, seguindo os seus ensinamentos, sendo beneficiados pela bondade do Alto que nos cumula de bênçãos. Neste sentido, é preciso superar as manifestações de desânimo e de pessimismo que corriqueiramente nos atingem, enfrentando os desafios da vida com ânimo forte (“levantando os olhos”).

Continuando em sua determinação de se libertar da cegueira, diz o cego: “Vejo os homens, pois os vejo como árvores que andam”. Esta informação mostra que a visão distorcida da realidade pode estar relacionada a diferentes causas.

A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobrem a vista. Por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.²

Verifica, porém, que a distorção visual poderia estar relacionada, não a problemas no globo ocular, mas à visão espiritual. *Ver homens que parecem árvores que andam*, indica visão aparente, superficial e embaçada. Estamos conscientes que cada Espírito é um mundo por si. O ambiente ao qual nos vinculamos não é uma floresta de criaturas aparentemente iguais, como sugere a expressão “árvores que andam”. O espírita consciente sabe que o lar, o trabalho, o ambiente em que vive e atua é uma sociedade heterogênea formada de Espíritos portadores de valores e necessidades diferentes.

Cairbar Schutel nos lembra o seguinte:

Colhemos [...] uma lição de inestimável proveito em tudo isso, e refere-se à passagem do Espírito, da materialidade em que está, para a espiritualidade, da ignorância para a sabedoria, das trevas para a luz. Ele não adquire, como o cego não adquiriu, repentinamente a vidência da Verdade; passa por um estado de confusão, assim como o cego — vendo, mas vendo homens como árvores, até que possa distinguir claramente a realidade.³

Na primeira etapa do atendimento espiritual, realizado por Jesus, percebemos que a visão do cego se revelou deficiente. Mesmo não enxergando com nitidez, a revelação que prestou a Jesus foi

sincera, expressando o que efetivamente estava vendo. Não se enganou, movimentando recursos de superfície, se dizendo curado, mas, ao contrário, ao afirmar que não via plenamente, expõe a sua real deficiência por se sentir seguro e amparado em Jesus. Esta informação foi importante para que o Mestre lhe agradecesse com nova assistência (“tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos”).

À semelhança do cego que deseja enxergar com nitidez, devemos dilatar a nossa visão espiritual, buscando de forma incessante o melhor que a vida oferece em termos de conquistas morais e intelectuais. Os valores que dispomos hoje podem ser insuficientes para a realização de empreendimentos elevados. Entretanto, a experiência da vida, se firmada no amor, oferece novos e apropriados ensinamentos que nos impulsionam para a frente. Adotar ação no bem é angariar conhecimentos pelas vias naturais do progresso espiritual, fugindo do impositivo milenar do aprender pelo sofrimento.

Pessoas há que iniciam bons empreendimentos, mas, por falta de perseverança, não concluem as tarefas. Outras, de forma irrefletida, assumem o compromisso de realizar muitas coisas, mas pouco ou nada executam. O Espírito revela progresso efetivo quando passa a ser mais resoluto e constante no seu propósito de melhoria, atestando, assim, assimilação do “olhando firmemente”, indicado no ensinamento evangélico, sob análise. Devemos considerar também que, a despeito das nossas mais nobres e firmes disposições, somente sob o amparo constante de Jesus é que conseguimos forças para, como o cego de Betsaida, saber “olhar firmemente, ficar restabelecido, vendo distintamente a todos.”

A expressão verbal “ficou restabelecido” pode ser interpretada como o retorno do equilíbrio e pela capacidade de retomar à posição de criaturas simples e bem-dispostas. As pessoas simples já não perdem nem se mantém presas no emaranhado de complicações, caracterizado pela indiferença, egoísmo, vaidade etc.

Aprendemos que ver, segundo os padrões determinados por Jesus, significa ser humilde e conhecer a verdade, como está demonstrado na frase: “e já via ao longe e distintamente a todos.” Ver ao “longe” e “distintamente” tem o significado de ver além ou acima das aparências, enxergando o próximo como irmão, já que todos somos filhos do mesmo Pai. Não se trata, pois, de visualizarmos as pessoas como caricaturas humanas (“como árvores que andam”), mas como companheiros em processo de caminhada para Deus, portadores de

peculiaridades e valores próprios, os quais nos concedem a oportunidade de colocar em prática a orientação de Jesus, registrada pelo apóstolo João: “Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei a vós [...]. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13:34-35).

» *E mandou-o para sua casa, dizendo: Não entres na aldeia* (Mc 8:26).

A frase: “mandou-o para sua casa, dizendo”, nos conduz a dupla interpretação. A primeira é literal e está relacionada ao ambiente doméstico, onde convivemos com os familiares e amigos próximos. Trata-se do local apropriado para a execução das responsabilidades e dos deveres definidos pela reencarnação. A segunda diz respeito à casa íntima, à mente do Espírito, plano onde se opera as aquisições necessárias ao progresso espiritual.

Recomenda também Jesus: “não entres na aldeia.” Nada há de complexo ou incoerente nessa instrução, se fizermos uma análise não literal, extraindo o espírito da letra. Trata-se de uma recomendação justa e prudente, indicando que o doente, para se manter permanentemente livre da cegueira, não deve retornar à posição anterior, antes de ser curado. “Não entres na aldeia” é ordenação precisa do Senhor que mostra ao convalescente a necessidade de vibrar em planos mais elevados. A cura só se concretiza quando o imperativo de Jesus “não entres na aldeia” é, de fato, assimilado. Quando o Espírito entende que é preciso recolher-se à própria intimidade (sua “casa”) deve fazer reflexões apropriadas e elaborar estratégias de redenção. Se a mente renovada eleger como padrão de comportamento o manter-se em sintonia com o Alto, é para aí que deve canalizar seus esforços.

A propósito esclarece Emmanuel:

Quase [...] todos os doentes reclamam a atuação do Cristo, exigindo que a dádiva desça aos caprichos perniciosos que lhe são peculiares, sem qualquer esforço pela elevação de si mesmos à bênção do Mestre. Raros procuram o Cristo à luz meridiana; e, de quantos lhe recebem os dons, raríssimos são os que lhe seguem os passos no mundo. Daí procede a ausência da legítima glorificação a Deus e a cura incompleta da cegueira que os obscurecia, antes do primeiro contato com a fé. Em razão disso, a Terra está repleta dos que creem e descreem, estudam e não aprendem, esperam e desesperam, ensinam e não sabem, confiam e duvidam. Aquele que recebe dádivas pode ser

somente beneficiário. O que, porém, recebe o favor e agradece-o, vendo a luz e seguindo-a, será redimido. É óbvio que o mundo inteiro reclama visão com o Cristo, mas não basta ver simplesmente [...] para ver e glorificar o Senhor é indispensável marchar nas pegadas do Cristo, escalando, com Ele, a montanha do trabalho e do testemunho.¹⁰

A interpretação espírita da cura do cego de Betsaida nos faz recordar Saulo de Tarso que, ao encontrar o Cristo na estrada de Damasco, precisou perder temporariamente a visão física para que pudesse enxergar as claridades espirituais. Eis o que aconteceu ao valoroso apóstolo dos gentios, segundo o relato de Emmanuel.

Aqueles três dias em Damasco foram de rigorosa disciplina espiritual. Sua personalidade dinâmica havia estabelecido uma trégua às atividades mundanas, para examinar os erros do passado, as dificuldades do presente e as realizações do futuro. Precisava ajustar-se à inelutável reforma do seu eu. [...] Ninguém acreditaria no ascendente da conversão inesperada; entretanto, havia que lutar contra todos os cétricos, uma vez que Jesus, para falar-lhe ao coração, escolhera a hora mais clara e rutilante do dia, em local amplo e descampado e na só companhia de três homens muito menos cultos do que ele, e, por isso mesmo, incapazes de algo compreenderem na sua pobreza mental. [...] Agora compreendia aquele Cristo que viera ao mundo principalmente para os desventurados e tristes de coração. Antes, revoltava-se contra o Messias Nazareno, em cuja ação presumia tal ou qual incompreensível volúpia de sofrimento; todavia, chegava a examinar-se melhor, agora, haurindo na própria experiência as mais proveitosas ilações. Não obstante os títulos do Sinédrio, as responsabilidades públicas, o renome que o faziam admirado em toda parte, que era ele senão um necessitado da proteção divina? As convenções mundanas e os preconceitos religiosos proporcionavam-lhe uma tranquilidade aparente; mas, bastou a intervenção da dor imprevista para que ajuizasse de suas necessidades imensas. Abismalmente concentrado na cegueira que o envolvia, orou com fervor, recorreu a Deus para que o não deixasse sem socorro, pediu a Jesus lhe clareasse a mente atormentada pelas ideias de angústias e desamparo.⁷

Sabemos que passados três dias em que o apóstolo se encontrava cego, Jesus enviou o idoso Ananias que, em seu nome, curou a cegueira

de Paulo. O diálogo que acontece entre o beneficiado e o benfeitor revela o que acontece quando a cura ocorre sob o amparo do Cristo:

Ressuscitastes-me para Jesus — exclamou jubiloso —; serei dele eternamente. Sua misericórdia suprirá minhas fraquezas, compadecer-se-á de minhas feridas, enviará auxílios à miséria da minha alma pecadora, para que a lama do meu espírito se converta em ouro do seu amor.

Sim, somos do Cristo — ajuntou o generoso velhinho com a alegria a transbordar dos olhos.⁸

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 8, item 19, p. 156-157.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15, item 13, p. 317.
3. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. Cap. 62 (O cego de Betsaida), p. 319.
4. XAVIER. Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 29 (Sirvamos), p. 76.
5. _____. *Leis de amor*. Pelo Espírito Emmanuel. 4. ed. São Paulo: LAKE, 1972. Pergunta 2, p. 13-14.
6. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 169 (Olhos), p. 353-354.
7. _____. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Segunda parte, cap. 1 (Rumo ao deserto), p. 257-258.
8. _____. _____. p. 261.
9. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 27 (Indicação de Pedro), p. 73-74.
10. _____. _____. Cap. 34 (Não basta ver), p. 87-88.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes que façam uma leitura reflexiva do texto e que realizem o exercício que se segue.

Exercício

- » Analisar, à luz do Espiritismo, as frases:
 - a) “E lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse”;
 - b) “E o mandou-o para sua casa, dizendo: não entres na aldeia.”
- » Esclarecer por que a cura da cegueira exigiu duas ações subsequentes, por parte de Jesus: aplicar saliva e fazer imposição de mãos sobre os olhos do doente.
- » Explicar a importância da cura a ser realizada sob o amparo de Jesus.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 3

A CURA DA SOGRA DE PEDRO E DOS ENDEMONIADOS

Objetivos

- » Explicar, à luz do entendimento espírita, a cura da sogra de Pedro e a dos endemoniados, realizadas por Jesus.

Ideias principais

- » *De todos os fatos que dão testemunhos do poder de Jesus, os mais numerosos são, não há contestar, as curas. Queria Ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XV, item 27.
- » *Alivemos a dor, mas não nos esqueçamos de que o sofrimento é criação do próprio homem, ajudando-o a esclarecer-se para a vida mais alta.* Irmão X: *Contos e apólogos*. Cap. 6.
- » Ninguém reuniu sobre a Terra tão elevadas expressões de recursos desconhecidos quanto Jesus. Aos doentes, bastava tocar-lhe as vestiduras para que se curassem de enfermidades dolorosas; suas mãos devolviam o movimento aos paralíticos, a visão aos cegos. [...] Havendo cumprido a lei sublime do amor, no serviço do Pai, entregou-se à sua vontade, em se tratando dos interesses de si mesmo. Emmanuel: *Caminho, verdade e vida*. Cap. 70.

Subsídios

1. Texto evangélico

Ora, levantando-se Jesus da sinagoga, entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava enferma com muita febre; e rogaram-lhe por ela. E, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. E ela, levantando-se logo, servia-os (LUCAS, 4:38-39).

E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos... (MATEUS, 8:16).

Os dois textos evangélicos fazem referências a dois tipos de enfermidades que usualmente atingem o ser humano: as de natureza orgânicas e as psíquicas (obsessivas e mentais). Todas as doenças são provações que, para suportá-las com coragem, é importante estarmos informados a respeito de suas causas.

De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou se preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Uma têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.¹ Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. [...] Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Ora, levantando-se Jesus da sinagoga, entrou em casa de Simão; e a sogra de Simão estava enferma com muita febre; e rogaram-lhe por ela (Lc 4:38).*

Percebemos que a vinda de Jesus ao Orbe estabelece uma nova ordem nos processos evolutivos da humanidade pois, alicerçado na lei de amor, o Mestre nos clareia o entendimento e nos ensina a vivenciá-la em sua plenitude. Neste sentido, os breves registros de Lucas e de Mateus nos anunciam preceitos básicos do Evangelho: a compaixão, a solidariedade, a caridade. Em ambos os textos identificamos o gesto de atenção, ou o cuidado desenvolvidos por pessoas amigas, em geral, permanecidas no anonimato, mas que agem como intercessoras dos sofredores, junto a Jesus.

Relata-nos o Irmão X que à época de Jesus, quanto na atualidade, as doenças sempre foram consideradas um gênero de provas de difícil aceitação. O seguinte diálogo ocorrido entre Jesus e seus apóstolos é elucidativo.

Em face da pausa natural que se fizera, espontânea, na exposição do Mestre, Pedro interferiu, perguntando:

Senhor, as tuas afirmativas são sempre imagens da verdade. Compreendendo que o ensino da Boa-Nova estenderá a felicidade sobre a Terra... No entanto, não concordas que as enfermidades são terríveis flagelos para a criatura? E se curássemos todas as doenças? Se proporcionássemos duradouro alívio a quantos padecem aflições do corpo? Não acreditas que, assim, instalariamos as bases mais seguras ao reino de Deus?

E Filipe ajuntou, algo tímido:

Grande realidade!... Não é fácil concentrar ideias no Alto, quando o sofrimento físico nos incomoda. É quase impossível meditar problemas da alma, se a carne permanece abatida por achaques... [...]

Jesus deixou que a serenidade reinasse de novo, e, louvando a piedade, comunicou aos amigos que, no dia imediato, a título de experiência, todos os enfermos seriam curados, antes da pregação. Com efeito, no outro dia, desde manhãzinha, o Médico celeste, acolitado pelos apóstolos, impôs suas milagrosas mãos sobre os doentes de todos os matizes. No curso de algumas horas, foram libertados mais de cem prisioneiros da sarna, do cancro, do reumatismo, da paralisia, da cegueira, da obsessão... [...].

O Mestre, em breves instantes, falaria com respeito à beleza da Eternidade e à glória do Infinito; demonstraria o amor e a sabedoria do Pai [...]. Os alegres beneficiados, contudo, se afastaram, céleres, entre frases apressadas de agradecimento e desculpa. [...] Com a cura do último ferido, a vasta margem do lago contava apenas com a presença do Senhor e dos doze apóstolos. Desagradável silêncio baixou

sobre a reduzida assembleia. O pescador de Cafarnaum endereçou significativo olhar de tristeza e desapontamento ao Mestre, mas o Cristo falou, compassivo:

Pedro, estuda a experiência e guarda a lição. Alivie a dor, mas não nos esqueçamos de que o sofrimento é criação do próprio homem, ajudando-o a esclarecer-se para a vida mais alta. E sorrindo, expressivamente, arrematou:

A carne enfermiça é remédio salvador para o espírito envenenado. Sem o bendito agulhão da enfermidade corporal é quase impossível tanger o rebanho humano do lodaçal da terra para as culminâncias do Paraíso.¹⁰

Vê-se, pois, que os gestos de solidariedade, assim como o permanente amparo de Jesus, não nos libera do trabalho de melhoria espiritual que nos é próprio, encontrando na prática do bem a prevenção de doenças.

Identificamos em vários grupos espíritas abnegados companheiros que, em trabalho conjunto com benfeitores espirituais, se dedicam ao alívio das enfermidades dos irmãos encarnados, seja pela aplicação dos recursos magnéticos seja pelas das manipulações de fluidos salutares. Este tipo de atividade, porém, não produz a cura verdadeira, uma vez que nem mesmo Jesus “[...] prometeu curar, prometeu apenas aliviar. Ora, aliviar não é curar; a cura completa depende do próprio paciente, do seu progresso moral-espiritual [...]”⁷ É o próprio Senhor que afirma: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28).

A frase: “Ora, levantando-se Jesus da Sinagoga” indica que o ato de “levantar-se” reflete uma disposição íntima para o trabalho, de quem está disposto a servir.

A sinagoga representa, no Judaísmo, não só um local de observância religiosa, mas também uma instituição comunal. Com ela, a natureza do culto oficial apresenta características especiais, tendo a prece, a leitura e o estudo da Torá substituído o sacrifício como maneira de servir a Deus. Simboliza também o centro de cogitações espirituais, lugar apropriado à abordagem dos assuntos que tangem os terrenos da vida em termos de imortalidade, abrindo caminhos para apropriação de conhecimentos ou para as realizações no bem. Significa dizer que todo trabalho de auxílio para ser bem-sucedido, deve ter como referência padrões espirituais elevados.

“Entrou em casa de Simão” tem duas interpretações: a literal, no sentido de local da habitação de Pedro e dos seus familiares; e a não literal, que extrapola a letra, relacionada à casa mental do apóstolo, isto é, ao campo das suas influências e vibrações espirituais. Neste sentido, podemos afirmar que Jesus e os demais benfeitores utilizam as boas disposições dos que com eles estão sintonizados para socorrer os necessitados.

Este texto: “a sogra de Simão estava enferma com muita febre e rogaram-lhe por ela” demonstra que a doença era de natureza orgânica (“com muita febre”), talvez uma infecção passageira, mas que mereceu a atenção de pessoas vigilantes, mantidas em anonimato no texto, mas que souberam agir, rogando a intercessão do coração magnânimo de Jesus. Esta é a atitude dos amigos leais que, em nome do Senhor, estão sempre prestando serviço aos que sofrem.

As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germens malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pelo corrosivo das paixões.³

A expressão “rogaram-lhe” mostra o envolvimento de criaturas humanas sensibilizadas com a necessidade de agir no bem, de auxiliar, de efetivar no campo prático da existência, a lei da solidariedade e, que, perante a própria incapacidade terapêutica, buscaram o auxílio de quem, efetivamente, tinha poder de amparar.

A febre no adulto, citada no texto, é um distúrbio orgânico caracterizado pela elevação da temperatura do corpo acima de 37°C, considerada, neste patamar, como padrão de normalidade. Ocorre, em geral, como consequência da luta dos elementos de defesa do organismo contra invasores microbianos ou contra as suas toxinas, geradores de enfermidade ou do desequilíbrio orgânico. A palavra febre, entretanto, pode simbolicamente significar elevação das emoções, exarcebações de paixões ou de conflitos íntimos, provocadores de perturbações espirituais.

Realizando uma autorreflexão, a respeito do assunto, perguntamos: poderíamos afirmar que, na nossa movimentação por algo fazer

de bom, intercedemos, de fato, pelas pessoas necessitadas? Estaríamos, ao contrário, cegos ou indiferentes à dor do próximo? Ou será que já podemos nos colocar na posição de Simão Pedro, guardadas as devidas proporções, de ser um instrumento utilizado pelo Alto para socorrer os que sofrem?

- » *E, inclinando-se para ela, repreendeu a febre, e esta a deixou. E ela, levantando-se logo, servia-os (Lc 4:39).*

“E, inclinando-se para ela,” é atitude cuidadosa, atenta, de quem sabe auxiliar. Inclinando-se para a doente, Jesus a envolve nas vibrações elevadas do seu poderoso magnetismo curador e, ao mesmo tempo, desce até o nível das necessidades da enferma, identificando suas dificuldades, sem se afastar do próprio plano de superioridade e autoridade espirituais. Essa forma de agir representa o modelo de auxílio: o benfeitor desce ao nível do sofrimento do doente, socorre-o, mas não se deixa contaminar pela enfermidade do doente.

“Repreendeu a febre, e esta a deixou”, mostra que Jesus aplicou uma transfusão de fluidos curativos, ou passe, à sogra de Pedro. “Repreender a febre” é forma de dizer que o Mestre direcionou os seus recursos para neutralizar a ação do mal, o agente da perturbação, manifestado pela febre. Toda doença exige tratamento eficaz, ao passo que o enfermo, a fim de se livrar de novos envolvimento, carece de esclarecimento, compreensão, paciência e, sobretudo, de amor, a fim de não incorrer em novas enfermidades ou em recaídas.

Sob a força magnética do Cristo, revestida por valores morais, pôde a sogra de Pedro assimilar o auxílio, encontrando novas forças para a restauração da sua saúde e do seu bem-estar.

“E ela, levantando-se logo, servia-os”, indica que o tratamento dos males físicos ou psíquicos é bem-sucedido quando traz a moldura do amor. Ocorrendo a cura, o enfermo saiu do estado de perturbação ou de prostração que se encontrava levantando-se para a vida e continua a sua caminhada evolutiva, brevemente interrompida. O sentido reflexivo do verbo (levantando-se) denota que o Mestre, atuando diretamente na raiz do mal, fortaleceu a enferma, colocando-a no caminho do franco restabelecimento.

Analisando de perto a questão, poderíamos nos indagar se, durante a recuperação de uma enfermidade, conseguimos levantar por conta própria ou se foi preciso contar com algum apoio externo, vindo de alma generosa?

“Servia-os” é a dinâmica sublimada de um coração que efetivamente foi curado, a pessoa está pronta para tocar a vida, trabalhando em benefício próprio e do próximo.

- » *E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e Ele, com a sua palavra, expulsou deles os Espíritos e curou todos os que estavam enfermos... (Mt 8:16).*

“Os endemoniados aqui referidos eram pessoas obsidiadas; Jesus, com sua palavra, afastava espíritos obsessores.”⁸

Encontramos também nesse texto do Evangelho outra alusão a benfeitores espirituais anônimos, os quais, num esforço de cooperação e de solidariedade auxiliam os que se encontram sob o jugo de entidades perturbadoras e perturbadas.

Parece que, ao tempo de Jesus, eram em grande número, na Judeia, os obsidiados e os possessos, a oportunidade que Ele teve de curar a muitos.[...] Sem apresentarem caráter epidêmico, as obsessões individuais são muitíssimo frequentes e se apresentam sob os mais variados aspectos que, entretanto, por um conhecimento amplo do Espiritismo, facilmente se descobrem. Podem, não raro, trazer consequências danosas à saúde, seja agravando afecções orgânicas já existentes, seja ocasionando-as.⁶

As manifestações obsessivas têm uma razão de ser, não ocorrendo por acaso, como bem nos esclarece o Espírito Dias da Cruz.

É que pelo ímã do pensamento doentio e descontrolado, o homem provoca sobre si a contaminação fluídica de entidades em desequilíbrio, capazes de conduzi-lo à escabiose e à ulceração, à dipsomania [desejo mórbido e incontrolável por bebidas alcoólicas] e à loucura, à cirrose e aos tumores benignos ou malignos de variada procedência, tanto quanto aos vícios que corroem a vida moral, e, através do próprio pensamento desgovernado, pode fabricar para si mesmo as mais graves eclosões de alienação mental, como sejam as psicoses de angústia e ódio, vaidade e orgulho, usura e delinquência, desânimo e egocentrismo, impondo ao veículo orgânico processos patológicos indefiníveis, que lhe favorecem a derrocada ou a morte.¹¹

O versículo 16 do texto registrado por Mateus, esclarece que Jesus “curou todos os que estavam enfermos”, merecendo de Allan Kardec os comentários que se seguem.

De todos os fatos que dão testemunhos do poder de Jesus, os mais numerosos são, não há contestar, as curas. Queria Ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias. Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros, do que se apenas os maravilhasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se limitasse a produzir surpreendentes fatos materiais, conforme os fariseus reclamavam, a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que *os desocupados iriam apreciar para se distraírem*.⁴

A Doutrina Espírita, na sua posição de Cristianismo Redivivo, procura seguir os exemplos do Cristo.

O Espiritismo, igualmente, pelo bem que faz é que prova a sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais e são esses os maiores prodígios que lhe atestam a procedência. Seus mais sinceros adeptos não são os que se sentem tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para as suas almas; os a quem liberta das torturas da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza, que lhes trouxe, acerca do futuro, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. Esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem. Os que no Espiritismo unicamente procuram efeitos materiais, não lhes podem compreender a força moral.⁵

Realmente, o Cristo foi e é incomparável. Trouxe-nos lições sublimes, doando-nos o seu Evangelho como roteiro de luz a ser seguido por todos os que desejam atingir as culminâncias da espiritualidade superior.

Ninguém reuniu sobre a Terra tão elevadas expressões de recursos desconhecidos quanto Jesus. Aos doentes, bastava tocar-lhe as vestiduras para que se curassem de enfermidades dolorosas; suas mãos devolviam o movimento ao paráliticos, a visão aos cegos. Entretanto, no dia do Calvário, vemos o Mestre ferido e ultrajado, sem recorrer aos poderes que lhe constituíam apanágio divino, em benefício da própria situação. Havendo cumprido a lei sublime do amor, no serviço do Pai, entregou-se à sua vontade, em se tratando dos interesses de si mesmo.

A lição do Senhor é bastante significativa. É compreensível que o discípulo estude e se enriqueça de energias espirituais, recordando-se, porém, de que, antes do nosso, permanece o bem dos outros e que esse bem, distribuído no caminho da vida, é voz que falará por nós a Deus e aos homens, hoje ou amanhã.⁹

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. cap. 5, item 4, p. 98-99.
2. _____. _____. Item: 6, p. 101-102.
3. _____. _____. Cap. 28, item 77, p. 430.
4. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15, item 27, p. 326.
5. _____. _____. Item 28, p. 327.
6. _____. _____. Item 35, p. 330.
7. PEREIRA, Yvonne A. *À luz do consolador*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. Convite ao estudo, p. 190.
8. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003. Cap. 8, item: A sogra de Pedro, p. 68.
9. XAVIER. Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 70 (Poderes ocultos), p. 156.
10. _____. *Contos e apólogos*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 6 (O bendito aguilhão), p. 32-34.
11. _____. *Instruções psicofônicas*. Por diversos Espíritos. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 34 (Parasitose mental), p. 160.

Orientações ao monitor

Organizar a turma em um grande círculo e, em conjunto, realizar análise exploratória do assunto, após leitura reflexiva do texto.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 4

O HOMEM DA MÃO MIRRADA

Objetivos

- » Explicar a cura do homem que tinha a mão mirrada de acordo com as ideias espíritas.

Ideias principais

- » A cura do homem com a mão mirrada é considerada, em diferentes interpretações religiosas, como um milagre. O Espiritismo interpreta de forma diferente, entendendo que o fato foi aceito como milagroso porque era algo excepcional, incomum. Por ignorar o caráter das manifestações espirituais, a teologia acredita que a cura operada por Jesus derroga as leis da natureza, daí ser vista como um milagre.
- » *Jesus como que fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante à guarda desse dia.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XV, item 23.
- » *Observemos, todavia, o socorro do Mestre ao paralítico. Jesus determina que ele estenda a mão mirrada e, estendida essa, não lhe confere as bolsas de ouro nem fichas de privilégio. Cura-a. Devolve-lhe a oportunidade de serviço.* Emmanuel: *Fonte viva*. Cap. 174.

Subsídios

1. Texto evangélico

E aconteceu também, em outro sábado, que entrou na sinagoga e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada. E os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar. Mas ele, conhecendo bem os seus pensamentos, disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé. Então, Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar? E, olhando para todos ao redor, disse ao homem: Estende a mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra. E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus (Lc 6:6-11).

O relato dessa cura, operada por Jesus, é intrigante não por ter sido realizado no dia de sábado que, pela tradição judaica, estava destinado às atividades exclusivamente religiosas, mas pela recuperação física de uma mão paralítica (“mão mirrada”), atrofiada por longo desuso, que ficou completamente sadia (“e a mão lhe foi restituída sã como a outra”).

Os religiosos, em geral, classificariam essa cura como um ato milagroso, uma vez que, para eles, “[...] um milagre implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da natureza, por meio do qual Deus manifesta o seu poder.”²

Kardec esclarece, porém, que o milagre deve ser entendido apenas no sentido etimológico, isto é, de algo admirável, extraordinário, surpreendente,⁴ jamais como uma derrogação das leis naturais. Analisa que um “[...] um dos caracteres do milagre propriamente dito é o ser inexplicável [...]. Outro caráter do milagre é o de ser insólito, isolado, excepcional.”³

O milagre existe porque desconhecemos as leis que regem a manifestação do fenômeno. “[...] Logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea, quer voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não seja conhecida a lei, já não pode haver milagres.”³

Jesus, por efeito da sua poderosa vontade e pelo intenso amor ao próximo, aplicava os seus fluidos altamente purificados no perispírito do doente. Este, por sua vez, secundado pela confiança no Senhor se tornava receptivo à ação curativa.

No que se refere aos poderes curativos, temo-los em Jesus nas mais altas afirmações de grandeza. Cercam-no doentes de variada expressão. Paralíticos estendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos. Alienados mentais, notadamente obsidiados diversos, recobram o equilíbrio. É importante considerar, porém, que o grande benfeitor a todos convida para a valorização das próprias energias. [...] Não salienta a confiança por simples ingrediente de natureza mística, mas sim por recurso de ajustamento aos princípios mentais, na direção da cura.¹⁴

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E aconteceu também, em outro sábado, que entrou na sinagoga e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada. E os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar (Lc 6:6-7).*

As curas no Evangelho sempre despertaram grande interesse. Não apenas pela natureza desses acontecimentos, mas pelo impacto que provocavam na população e nos agrupamentos religiosos, em especial. Os estudiosos do Evangelho, ainda hoje, analisam os relatos das curas realizadas por Jesus, procurando ter uma resposta racional para algumas questões, quais sejam: Como operava Jesus? Como os fatos se desenvolviam? Qual a metodologia utilizada e como eram trabalhadas e aplicadas as técnicas terapêuticas?

A Ciência resolveu a questão dos milagres que mais particularmente derivam do elemento material, quer explicando-os, quer lhes demonstrando a impossibilidade, em face das leis que regem a matéria. Mas, os fenômenos em que prepondera o elemento espiritual, esses, não podendo ser explicados unicamente por meio das leis da natureza, escapam às investigações da Ciência. Tal a razão por que eles, mais do que os outros, apresentam os caracteres *aparentes* do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.⁴

A Doutrina Espírita nos fornece explicações claras e objetivas sobre o assunto, desde que se faça um razoável estudo a respeito dos fluidos e do perispírito, do pensamento e da vontade.

Como se há visto, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula *malsã* por uma molécula *sã*. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseje realizar a cura, *seja homem [encarnado] ou Espírito*.⁵

No caso de Jesus, as curas eram realizadas por Ele mesmo, sem intermediários, diferentemente do que acontece aos médiuns curadores. “[...] Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como o podem fazer, [excepcionalmente] os encarnados, na medida de suas forças.”⁶ As qualidades fluídicas do Mestre “[...] lhe conferia imensa força magnética, secundada pelo incessante desejo de fazer o bem.”⁶

O texto evangélico, registrado por Lucas, informa que a cura aconteceu no sábado (“E aconteceu também, em outro sábado”). Mostra que Jesus considerava absurda a tradição judaica de que o bem deveria ser realizado em dias específicos, daí ter Ele contrariado a norma e provocado reflexões e discussões. Jesus agiu assim como forma de provar que existia uma interpretação literal e equivocada a respeito desta determinação moisaica: “seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu servo, nem tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia de sábado e o santificou” (Ex 20:9-11).

Jesus como que fazia questão de operar suas curas em dia de sábado, para ter ensejo de protestar contra o rigorismo dos fariseus no tocante

à guarda desse dia. Queria mostra-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que a piedade está nos sentimentos do coração. Justificava-se, declarando: “Meu Pai não cessa de obrar até o presente e eu obro incessantemente” (Jo 5:17). Quer dizer, Deus não interrompe as suas obras, nem sua ação sobre as coisas da natureza, em dia de sábado.⁷

A frase: “Entrou na sinagoga e estava ensinando. E havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada”, nos esclarece que, ao entrar na sinagoga, naquele dia, como costumeiramente fazia, mostrou-nos Jesus que a pregação deveria ser ilustrada com um exemplo que demonstrasse, de forma efetiva, que o bem deve ser realizado, continuamente, em qualquer dia e hora. A sinagoga representava, pois, o local ideal, onde se realizavam as reuniões comunais e onde se estudavam as escrituras e executavam as práticas religiosas, fornecia o ambiente propício à implementação de valores espirituais imorredouros.

O homem com a mão mirrada é o exemplo escolhido por Jesus para evidenciar a natureza atemporal da prática do bem. A deficiência física deveria provocar, nesse homem, sofrimentos, sobretudo por se tratar da mão direita, usualmente a mais utilizada no trabalho, já que a maioria dos seres humanos é destra. O texto evangélico não faz qualquer tipo de referência à profissão desse homem. Entretanto, o destaque dado à sua “mão direita” deve ter algum significado especial. Supomos que essa mão deveria ser de extrema necessidade para ele, para o exercício de suas atividades laborais, da mesma forma que a voz ou a audição o são para outras pessoas.

O versículo sete, do registro de Lucas, informa que “os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar”. Sabemos que os escribas e os fariseus eram conhecedores da lei moisaica. Entretanto, por se encontrarem excessivamente presos às práticas ritualísticas do culto, não se revelavam muito sensíveis ao sofrimento do próximo. Por esse motivo, preferiram desconsiderar a dor do irmão para vigiar e acusar Jesus, caso o Senhor violasse a tradição imposta pela legislação moisaica.

Não sabiam eles, que “o filho do homem até do sábado é senhor” (Mc 2:28), segundo palavras textuais do próprio Cristo, ditas em outra oportunidade, mas reveladoras de que Ele, sendo a expressão máxima do amor manifestada no nosso Orbe, opera além das contingências humanas e acima do jugo austero e fechado dos dispositivos legais.

Os escribas eram considerados, no mundo antigo, como seres eminentes pelo fato de saberem ler, escrever, lavrar documentos legais, alguns atuando no palácio real como ministros de finanças ou secretários de Estado.

Durante a subjugação babilônica, eles se tornaram responsáveis pela preservação e interpretação das Escrituras. Mais tarde, os escribas foram também chamados de “sábios” e descritos como os que possuíam conhecimento especial da Lei.⁸

São descritos, no Novo Testamento, como doutores da lei e juízes, que discutiam matérias legais com Jesus.⁸ “Os escribas foram muitas vezes associados a fariseus, mas não eram idênticos. Os escribas [...] eram provavelmente conselheiros jurídicos empregados pelos fariseus.”⁹

Ligados ao Sinédrio, por força do trabalho que exerciam, não criavam leis, mas tinham a obrigação de interpretá-las, defendê-las e executá-las. Entretanto, por serem muito apegados à interpretação literal, transformaram-se em pessoas intolerantes, legalistas reacionários, em permanente confronto com os ensinamentos e as ações do Cristo.

Os fariseus são retratados no Novo Testamento como os principais opositores de Jesus e do movimento cristão primitivo,¹⁰ embora seja de suas fileiras que Paulo veio. Os fariseus perpetuavam a tradição relativa aos conceitos interpretativos da Torá escrita e oral.¹⁰ Sendo assim, exibiam uma postura tradicionalista, legalista e ortodoxa, não se desviando um mínimo que fosse da lei de Moisés. Talvez “[...] seja mais justo dizer que tinham um zelo pelo debate jurídico e por manter viva a tradição de meditação e estudo da Lei.”⁹

É importante nos mantermos atentos a esses dois tipos de personalidades, aqui simbolizadas (escribas e fariseus), que, similarmente, podem estar presentes nos nossos núcleos de trabalho espírita, alimentando contendas, provocando desuniões ou estimulando intrigas pelas imprudentes manifestações do personalismo, da vaidade e da intolerância.

- » *Mas ele, conhecendo bem os seus pensamentos, disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé. Então, Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar? (Lc 6:8-9).*

As aguçadas percepções psíquicas de Jesus captaram os pensamentos e sentimentos reprovadores dos escribas e fariseus. Sendo assim, para se tornar mais patente a cura e valorizar a prática do bem, atraiu o homem de mão mirrada para o centro da sinagoga (“levanta-te e fica no meio”) onde, à vista de todos pôde curá-lo e demonstrar o seu amor. Vemos, assim, que Jesus ao deslocar o foco da atenção dos presentes para o doente, relegou a planos secundários as manifestações de culto externo.

Os doutores da Lei ficaram estupefatos, por certo, com a atitude de Jesus. Primeiro porque, a rigor, não demonstraram preocupação pelo sofrimento do homem, segundo porque a caridade não era uma prioridade. Eram religiosos crentes, cumpridores dos seus deveres no templo, tementes a Deus, cuja fé no Criador supremo estava distanciada da humildade e da solidariedade. Neste sentido, é sempre oportuno lembrar que:

Cumpra não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga com a humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus.¹

A frase: “Levanta-te, e fica em pé no meio. Levantando-se ele, ficou em pé”, revela a autoridade de Jesus, de quem sabe o que faz, que conhece perfeitamente a situação e as suas implicações. É também uma instrução que coloca o necessitado numa posição de reerguimento, físico e espiritual, favorável à concretização da cura. Sob o influxo da personalidade firme e amorosa de Jesus, o doente prontamente atende a sua instrução: “Levantando-se ele, ficou em pé”.

Antes de qualquer iniciativa por parte dos escribas e dos fariseus, Jesus lança-lhes uma questão, concedendo-lhes a oportunidade de refletir: “Uma coisa vos hei de perguntar: é lícito nos sábados fazer bem, ou fazer mal? Salvar a vida, ou matar?”

As perguntas expressam uma estratégia de Jesus junto àquele grupo, constituído por pessoas legalistas e ortodoxas, mas, em sua maioria, endurecidas e insensíveis. A indagação tinha também o intuito de abrir uma brecha naquelas mentes cristalizadas pelo excesso de zelo religioso. De certa forma, Jesus estava dando um estímulo aos interlocutores para pensar, utilizando o precioso acervo de verdades espirituais que possuíam e, a partir daí, tirarem conclusões mais sublimadas.

Acreditamos que os representantes da Lei de Moisés tinham alguma condição de entender a situação que Jesus lhes apresentava, em razão do conhecimento espiritual que possuíam, caso contrário, o Mestre simplesmente realizaria a cura sem maiores delongas. Entretanto, eram pessoas que, usualmente, não exercitavam a solidariedade como norma de conduta, apesar de prescrevê-la.

Examinamos aqui tão somente a estranha atitude daqueles que não negam a eficácia da abnegação, entregando-se, porém, ao desvairado egoísmo de quem costuma distribuir cinco moedas, no auxílio aos outros, com a intenção de obter cinco mil. Efetivamente, o mínimo bem vale por luz divina, mas se levado a efeito sem propósitos secundários [...]. Precatemo-nos desse modo, contra o sistema do meio-bem, por onde o mal se insinua, envenenando a fonte das boas obras. [...] O bem pede doação total para que se realize no mundo o bem de todos.¹³

- » *E, olhando para todos ao redor, disse ao homem: Estende a mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra (Lc 6:10).*

Deduzimos que a mão seca era uma atrofia provocada por ação obsessiva, não por manifestação da lei de causa e efeito. Cessada a ação obsessiva, afastada por Jesus, a mão ficou sã.

Os obsessores conhecem inúmeras técnicas obsessivas. Entre elas encontramos a dominação magnética que, pela retirada do fluido vital, nos processos conhecidos como vampirismo, pode lesar um órgão, sistema ou aparelho do corpo humano, reversível ou irreversivelmente. O Espírito Francisco Menezes Dias da Cruz nos fornece alguns elucidativos esclarecimentos, explicando o mecanismo de ação desse tipo de obsessão.

Justapõem-se à aura das criaturas que lhes oferecem passividade e, sugando-lhes as energias, senhoreiam-lhes as zonas motoras e sensórias, inclusive os centros cerebrais, em que o Espírito conserva as suas conquistas de linguagem e sensibilidade, memória e percepção, dominando-as à maneira do artista que controla as teclas de um piano, criando, assim, no instrumento corpóreo dos obsessos [obsidiados] as doenças-fantasmas de todos os tipos que, em se alongando ao tempo, operam a degenerescência dos tecidos orgânicos, estabelecendo o império de moléstias reais, que persistem até a morte.¹²

Existem situações em que a clareza da linguagem e a interação das ideias são condições indispensáveis, especialmente, quando envolvem responsabilidades pessoais. Assim, as expressões imperativas: “levanta-te”, “fica em pé no meio” e “estende a tua mão” expressam atitudes que o interessado precisou atender, de imediato, para que lhe fosse concedida a cura da mão, necessária ao trabalho de subsistência. O Cristo espera que também nós adotemos a mesma postura, pois o levantar, ficar no meio e estender as mãos refletem o dinamismo da prática da caridade.

Observemos, todavia, o socorro do Mestre ao paraplégico. Jesus determina que ele estenda a mão mirrada e, estendida essa, não lhe confere as bolsas de ouro nem fichas de privilégio. Cura-a. Devolve-lhe a oportunidade de serviço. A mão recuperada naquele instante permanece tão vazia quanto antes. É que o Cristo restituía-lhe o ensejo bendito de trabalhar, conquistando sagradas realizações por si mesmo; recambiava-o às lides redentoras do bem, nas quais lhe cabia edificar-se e engrandecer-se.¹¹

» *E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus (Lc 6:11).*

A oportunidade oferecida por Jesus foi perdida, pois os doutores da Lei não souberam ou não quiseram aproveitar lição. O jogo das conveniências falou mais alto, como demonstra este versículo, o último do texto, ora analisado: “E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus”.

Todos os reformadores deparam com objeções por parte dos que comprazem na ignorância e dos que tiram proveito do estado de ignorância em que se encontra a humanidade. Esses lutam sempre contra os espíritos nobres que se encarnam na Terra, para melhorarem as condições em que vivem os irmãos menores. Árduo é o trabalho dos que aqui vierem para indicar aos povos novos rumos de progresso, trazendo-lhe novos ensinamentos e revelando-lhes novas leis espirituais. Nesse versículo vemos que os beneficiados pela ignorância em que jazia o povo, percebendo que os ensinamentos de Jesus feriam os seus interesses, começam a conspirar contra Ele.¹⁰

Da mesma forma acontece nas fileiras espíritas, onde encontramos os intransigentes que combatem as boas ideias ou resoluções de

almas dedicadas por contrariarem os seus interesses. Nesse particular vem em nosso socorro a assertiva de Jesus: “Olhai, vigiai e orai” (Mc 13:33).

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 19, p. 300.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 13, item 1, p. 259.
3. _____. _____. p. 260.
4. _____. _____. Cap. 14, item 1, p. 273.
5. _____. _____. Item 31, p. 294-295.
6. _____. _____. Cap. 15, item 2, p. 311.
7. _____. _____. Item 23, p.322.
8. DICIONÁRIO da Bíblia. Coordenação de Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan (orgs.). Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, vol. 1: As pessoas e os lugares, p. 75.
9. _____. _____. p. 89.
10. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003. Cap.12, item: Jesus é o senhor do sábado, p. 112.
11. XAVIER. Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 174 (Mãos estendidas), p. 420.
12. _____. *Instruções psicofônicas*. Por diversos Espíritos. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 51 (Domínio magnético-mensagem de Francisco Menezes Dias da Cruz), p. 228.
13. _____. *O livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel.1. ed. Uberaba: CEC, 1964. Cap. 29 (Meio-bem), p. 72.
14. XAVIER. Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.26 (Jesus e mediunidade), item: Mediunidade curativa, p. 204-205.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em dois grupos para a realização do exercício indicado em seguida.

Exercício:

- » Um grupo estuda a mensagem “Cura espiritual”, de André Luiz, existente no livro *O espírito da verdade*, edição FEB; o outro grupo estuda o texto “Doenças e doentes”, de Irmão X, constante do livro *Estante da vida*, editora FEB.
- » Pedir que apresentem as conclusões do estudo, em plenária.
- » Em seguida, solicitar aos participantes que leiam silenciosa e individualmente os subsídios deste Roteiro.
- » Promover um debate, tendo como base as principais ideias desenvolvidas no texto.

EADE LIVRO II | MÓDULO V

APRENDENDO COM OS FATOS COTIDIANOS

APRENDENDO COM OS FATOS COTIDIANOS

Roteiro 1

JOÃO BATISTA

Objetivos

- » Analisar a missão de João Batista, à luz da Doutrina Espírita.

Ideias principais

- » *O [...] verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo, cap. XXI, item 9.*
- » *João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo da verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o reino de Deus prevaleça nos corações. Humberto de Campos: Boa nova. Cap. 2.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E, naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia e dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos Céus. Porque

este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas (Mt 3:1-3).

E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. (Mt 3:11).

2. Interpretação do texto evangélico

João Batista é conhecido como o precursor, aquele que viria antes de Jesus a fim de lhe preparar o caminho. Foi ele quem batizou o Mestre e o designou como Messias.

Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da misericórdia e da bondade. O Mestre dos mestres quis colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos e, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os símbolos imortais do Cristianismo. [...] João era a verdade, e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magoa, deixando-se levar aos sacrifícios extremos.⁵

João Batista foi o grande missionário de Jesus, porque o “[...] verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador.”⁴

Historicamente, ele é conhecido como primo de Jesus, filho de Zacarias e Isabel, nascido em circunstâncias extraordinárias, em decorrência da gravidez de sua mãe em idade avançada.

João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo da verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o reino de Deus prevaleça nos corações. Expressando a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as próprias imperfeições do seu mundo interior, a fim de estabelecer em si mesmo o santuário de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos”⁵

Ele representa aqueles que estão empenhados na luta pela reeducação espiritual, sob o império da lei de causa e efeito. São conhecidos como legalistas da Lei de Deus que, se adotam posturas extremadas, transformam-se em fanáticos e exageradamente ortodoxos.

O primeiro texto evangélico (Mt 3:1-3) nos informa que durante a pregação, João Batista estimulava a multidão a arrepender-se, “porque é chegado o reino dos Céus.” O arrependimento é, pois, a base da melhoria espiritual.

Para que cada qual trabalhe na sua purificação, reprima as más tendências e domine as paixões, preciso se faz que *abdique das vantagens imediatas em prol do futuro*, visto como, para identificar-se com a vida espiritual, encaminhando para ela todas as aspirações e preferindo-a à vida terrena, não basta crer, mas compreender. Devemos considerar essa vida debaixo de um ponto de vista que satisfaça ao mesmo tempo à razão, à lógica, ao bom senso e ao conceito que temos da grandeza, da bondade e da justiça de Deus.¹

Sabemos que sem o arrependimento não ocorre a regeneração do Espírito. É necessário reconhecer as faltas cometidas e se preparar para repará-las. Neste sentido esclarece Emmanuel:

O remorso é a força que prepara o arrependimento, como este é a energia que precede o esforço regenerador. Choque espiritual nas suas características profundas, o remorso é o interstício para a luz, através do qual recebe o homem a cooperação indireta de seus amigos do Invisível, a fim de retificar seus desvios e renovar seus valores morais, na jornada para Deus.⁶

Até João Batista, a tentativa de se obter paz interior estava relacionada às obrigações religiosas ou às manifestações de culto externo: sacrifícios, holocaustos, oferendas, santificação do sábado etc.

Com Jesus, verificamos que Deus não está assentado no altar dos templos religiosos. Mas que se encontra em todo o universo e no âmago do ser humano.

O “Reino”, de que o versículo 2 de *Mateus* faz alusão, tem significado bem diverso daquele que era apregoado pelo Judaísmo, como bem nos esclarece o evangelista Lucas: “O reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Ei-lo ali! Porque eis que o reino de Deus está entre vós” (Lc 17:20-21).

João preparava o caminho para que Jesus pudesse nos fornecer a chave do reino dos Céus, e nos ensinasse as diretrizes para o alcance da harmonia pessoal, estabelecendo o reino de Deus no coração.

João Batista pregava o advento do reino dos Céus com ardor, usando de todo o poder de convencimento que possuía.

A mente, como não ignoramos, é o incessante gerador de força, através dos fios positivos e negativos do sentimento e do pensamento, produzindo o verbo que é sempre uma descarga eletromagnética, regulada pela voz. Por isso mesmo, em todos os nossos campos de atividade, a voz tonaliza a exteriorização, reclamando apuro de vida interior uma vez que a palavra, depois do impulso mental, vive na base da criação; é por ela que os homens se aproximam e se ajustam para o serviço que lhes compete e, pela voz, o trabalho pode ser favorecido ou retardado, no espaço e no tempo.¹¹

Preparar o caminho do Senhor, endireitando as suas veredas, conforme assinala o registro do evangelista (Mt 3:3), tem significado especial.

O homem bem-intencionado refletirá intensamente em melhores caminhos, alimentando de ideais superiores e inclinando-se à bondade e à justiça. [...] É necessário meditar no bem; todavia é imprescindível executá-lo. A Providência divina cerca a estrada das criaturas com o material de edificação eterna, possibilitando-lhes a construção das “veredas direitas” [...]. Semelhante realização por parte do discípulo é indispensável, porquanto, em torno dos seus caminhos, seguem os que manquejam. Os prisioneiros da ignorância e da má-fé arrastam-se, como podem, nas margens do serviço de ordem superior [...]. Somente aqueles que constroem estradas retas escapam-lhes aos assaltos sutis, defendendo-se e oferecendo-lhes também novas bases a fim de que se não desviem inteiramente dos divinos desígnios.¹⁰

No segundo texto de *Mateus* (3:11), lemos que João Batista batiza com água as pessoas que desejam ser convertidas, atendendo ao rito judaico. Sabemos, hoje, que tal simbolismo é dispensável, uma vez que a verdadeira conversão ocorre no íntimo do ser. Esclarece Emmanuel que os “[...] espíritistas sinceros, na sagrada missão de paternidade, devem compreender que o batismo, aludido no Evangelho, é o da invocação das bênçãos divinas [...]”⁹

No Espiritismo não há batismo ou outro ritual de qualquer espécie. Jesus veio em seguida à pregação de João Batista, oferecendo-nos o seu Evangelho de luz e amor.

A [...] Providência divina movimentou todos os recursos indispensáveis ao progresso material do homem físico na Terra, o Evangelho de Jesus é a dádiva suprema do Céu para a redenção do homem espiritual, em marcha para o amor e sabedoria universais. [...] O Evangelho é o roteiro para a ascensão de todos os Espíritos em luta, o aprendizado na Terra para os planos superiores do ilimitado. De sua aplicação decorre a luz do Espírito. No turbilhão das tarefas de cada dia, lembrai a afirmativa do Senhor: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Se vos cercam as tentações de autoridade e poder, de fortuna e inteligência, recordai ainda as suas palavras: “Ninguém pode ir ao Pai senão por mim.” E se vos sentis tocados pelo sopro frio da adversidade e da dor, se estais sobrecarregados de trabalhos no mundo, buscai ouvi-lo sempre no imo da alma: “Quem deseje encontrar o reino de Deus tome a sua cruz e siga os meus passos”.⁸

À medida em que o ser avança sob a inspiração do Alto, vai alcançando novos aprendizados, propiciados pela feira das reencarnações. Aprende a santificar as suas experiências cotidianas sob o “batismo” transformador da mensagem do Cristo.

Neste sentido, nos esclarece a Doutrina Espírita: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.³

O espírita, inspirado pelas orientações do evangelho, explicadas pelos postulados do Espiritismo compreende, então, que é pela caridade que o ser se transforma, ascendendo a planos evolutivos superiores.

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie [...]. A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por Ele à criatura.²

O precursor nos oferece exemplo de transformação moral, obtido sob os ditames da vontade disciplinada, corretamente administrada.

O amor-próprio, o brio, o caráter e a honra deveriam ser traços do aperfeiçoamento espiritual e nunca demonstrações de egoísmo, de vaidade e orgulho, quais se manifestam, comumente, na Terra. Quando o homem se cristianizar, compreendendo essas posições morais no seu verdadeiro prisma, não mais se verificará qualquer colisão entre os acontecimentos da existência comum e os seus conhecimentos do Evangelho, porquanto o seu esforço será sempre o da cooperação sincera a favor do reerguimento e da elevação espiritual dos semelhantes.⁷

Referências

1. KARDEC. Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 58. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte, cap. 1, item 14, p. 172.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 13, item 12, p. 223.
3. _____. _____. Cap. 17, item 4, p. 276.
4. _____. _____. Cap. 21, item 9, p. 323.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2 (Jesus e o precursor), p. 24.
6. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Questão 182, p. 110.
7. _____. _____. Questão 216, p.130.
8. _____. _____. Questão 225, p.135.
9. _____. _____. Questão 298, p. 175.
10. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 86 (Intentar e agir), p. 187-188.
11. _____. *Entre a Terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 22 (Irmã Clara), p. 177-178.

Orientações ao monitor

Enriquecer o estudo deste Roteiro, utilizando a página Jesus e o precursor, de Humberto de Campos, existente em seu livro *Boa nova*. Destacar, também estas afirmativas existentes em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XVII, item 4: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más”.

APRENDENDO COM OS FATOS COTIDIANOS

Roteiro 2

ZAQUEU, O PUBLICANO

Objetivos

- » Esclarecer a respeito da importância da conversão de Zaqueu.

Ideias principais

- » *Muitos viam em Zaqueu o avaro incorrigível; Ele [Jesus], no entanto, nele identificou o homem rico de nobre coração, capaz de transfigurar a riqueza em trabalho e beneficência. Emmanuel: Caridade. Cap. 10.*
- » *Zaqueu foi um arrecadador de impostos que [...] enriquecera ilícitamente e vivia defraudando o próximo com exações e lucros escandalosos, mas, a despeito disso, a doutrina do Mestre encontrara ressonância em seu coração e por isso ardia em desejo de conhecê-lo. Rodolfo Calligaris: Páginas de espiritismo cristão. Cap. 6.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. E eis que havia ali um homem, chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos e era

rico. E procurava ver quem era Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver, porque havia de passar por ali. E, quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque, hoje, me convém pousar em tua casa. E, apressando-se, desceu e recebeu-o com júbilo.

E, vendo todos isso, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador. E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor: Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado.

E disse-lhe Jesus: Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19:1-10).

O episódio de Zaqueu, relatado pelo evangelista Lucas, nos conduz a significativas reflexões.

Por ele compreendemos que há, como sempre houve e haverá, certas almas que se entregam ao mal apenas porque não foram despertadas para o bem; almas que preservam, contudo, alguns escaninhos indenes às misérias e torpezas mundanas, constituindo-se terreno fértil onde a semente dos ideais nobres e generosos pode, a qualquer momento, germinar, florescer e frutificar abundantemente. Zaqueu era uma dessas almas. Arrecadador de impostos, enriquecera ilicitamente e vivia defraudando o próximo com exações e lucros escandalosos, mas, a despeito disso, a doutrina do Mestre encontrara ressonância em seu coração e por isso ardia em desejos de conhecê-lo.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. E eis que havia ali um homem, chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos e era rico. E procurava ver quem era Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali (Lc 19:1-4).*

O encontro de Zaqueu com Jesus ocorreu em Jericó (*Yareah*, do hebraico), cidade localizada a 12 quilômetros do Mar Morto, cujo nome significa, provavelmente, “lua” ou “cidade da lua”.⁴ Essa localidade da Judeia era, à época de Jesus, a segunda cidade mais importante

da Palestina, de comércio intenso, onde ocorria grande circulação de dinheiro.

Aparentemente, o encontro entre Jesus e Zaqueu foi casual. Sabemos, porém, que não foi assim, como se observa no último versículo do texto evangélico: “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”. Por outro lado, sabemos que Jesus aproveitava todas as circunstâncias para ensinar e encaminhar as pessoas ao bem. Assim também aconteceu com Zaqueu que, a partir daquele instante, teve a existência transformada.

A ida a Jericó foi um momento especial para Jesus porque, logo depois, começaria seu suplício culminado com a crucificação.

Humberto de Campos relata como foi o encontro de Zaqueu com Jesus:

Grandes [...] multidões se apinhavam nas estradas. Um publicano abastado, de nome Zaqueu, conhecia o renome do Messias e desejava vê-lo. Chefe prestigioso na sua cidade, homem rico e enérgico, Zaqueu era, porém, de pequena estatura, tanto assim que, buscando satisfazer ao seu vivo desejo, procurou acomodar-se sobre um sicômoro, levado pela ansiosa expectativa com que esperava a passagem de Jesus. Coração inundado de curiosidade e de sensações alegres, o chefe publicano, ao aproximar-se o Messias, admirou-lhe o porte nobre e simples, sentindo-se magnetizado pela sua indefinível simpatia.⁵

Zaqueu era pessoa notoriamente desprezada pelos habitantes da cidade. Primeiro por ser publicano, segundo por ser chefe dos publicanos e, em terceiro lugar, por ser uma pessoa que enriqueceu possivelmente de forma ilícita. Sendo assim, a conversão de Zaqueu ao Cristianismo se reverte de maior importância, indicando que todo pecador pode regenerar-se. “Muitos viam em Zaqueu o avarento incorrigível; Ele [Jesus], no entanto, nele identificou o homem rico de nobre coração, capaz de transfigurar a riqueza em trabalho e beneficência.”⁹

Refletindo, porém, sobre tais acontecimentos percebemos que também nós somos continuamente visitados por Jesus, acudidos pela misericórdia divina, por Ele intermediada em nosso benefício. Vemos igualmente que a prova da riqueza não é fácil de ser suportada. Pode estimular a exacerbação das más tendências e o predomínio das paixões inferiores.

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.¹

Zaqueu não mais se comprazia com a vida que levava, daí a sua evidente necessidade de conhecer Jesus, correndo à frente da multidão e subindo numa árvore para que pudesse localizar o Mestre. É importante destacar, a propósito, algumas características da personalidade de Zaqueu. Mesmo sendo desprezado pelos seus conterrâneos, de viver insatisfeito, talvez preso pelo desânimo ou desespero, não perde tempo em lamentações. A sua percepção espiritual e a sua acuidade mental, desenvolvidas pelo exercício contínuo de calcular e raciocinar que a profissão oferecia, lhes fazem refletir que Jesus é o caminho da sua regeneração espiritual. Diante desse fato, ele enfrenta os obstáculos e “corre” ao encontro do Mestre de Nazaré, subindo numa árvore para, daí, poder enxergar o Senhor e ser visto por Ele.

Pode parecer a alguns que, subindo a uma árvore para conseguir ver as feições de Jesus, Zaqueu tenha cedido apenas à curiosidade. É evidente, porém, que o móvel de sua ação era bem mais elevado: talvez uma ânsia incontida de receber alguma bênção, ou de ouvir-lhe uma palavra que demudasse o rumo de sua existência. Por simples curiosidade, não iria ele expor-se ao ridículo e enfrentar os ápodos e gracejos da multidão, mormente tendo-se em vista a alta posição que ocupava entre os publicanos.²

E, quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque, hoje, me convém pousar em tua casa. E, apressando-se, desceu e recebeu-o com júbilo. E, vendo todos isso, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador. E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor: Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado. E disse-lhe Jesus: Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19:5-10).

Jesus, cujo olhar penetra o âmago das criaturas, percebeu o que ia pela alma de Zaqueu, notou o quanto era sincero aquele arroubo, e daí o ter-lhe solicitado hospedagem, para o escândalo do povo, que, como em outras ocasiões, entrou logo a murmurar, censurando-o por albergar-se em casa de pecadores. Notemos, no entanto, que cena maravilhosa ali ocorre. Ao acolher tal hóspede, Zaqueu cai-lhe aos pés, e exclama:

“Senhor, distribuo aos pobres a metade dos meus haveres; e se lesei a alguém, seja no que for, restituo-lhe quadruplicado”. Não diz: distribuirei, hei de restituir, mas sim: *distribuo, restituo*, o que caracteriza bem a realidade de sua transformação moral. E isso ele o faz publicamente, penitenciando-se num gesto de humildade perfeita, como poucas vezes se descreve nos Evangelhos.³

Zaqueu representa a soma de dificuldades que os arrependidos trazem no coração. Sintonizados, entretanto, com o Evangelho de Jesus, reconhecem que é possível vencer os desvios de caráter e corrigir os erros cometidos.

O serviço de Jesus é infinito. Na sua órbita, há lugar para todas as criaturas e para todas as ideias sadias em sua expressão substancial. Se, na ordem divina, cada árvore produz segundo a sua espécie, no trabalho cristão, cada discípulo contribuirá conforme sua posição evolutiva.⁷

A transformação espiritual de Zaqueu apenas começara naquele encontro com Jesus. Recebendo a oportunidade de se reajustar perante a Lei de Deus, deveria, daí para a frente, desenvolver todos os esforços necessários para o progresso do seu Espírito. O amanhã lhe reservaria as provações, destinadas a combater as imperfeições que ainda lhe marcavam a personalidade. Mas, sob o amparo do Alto saberia, por certo, superá-las e se transformar, definitivamente, em pessoa de bem.

Em meio da grande noite, é necessário acendamos nossa luz. Sem isso é impossível encontrar o caminho da libertação. Sem a irradiação brilhante de nosso próprio ser, não poderemos ser vistos com facilidade pelos mensageiros divinos, que ajudam em nome do Altíssimo, e nem auxiliaremos efetivamente a quem quer que seja. É indispensável organizar o santuário interior e iluminá-lo, a fim de que as trevas não nos dominem. [...] Nossa necessidade básica é de luz própria, de esclarecimento íntimo, de autoeducação, de conversão substancial do “eu” ao reino de Deus.⁸

As provações da vida são desafios que permitem à criatura humana considerar a precariedade dos valores materiais que, em geral, absorvem a humanidade encarnada. Redimensionando a existência à luz do entendimento evangélico, agora revivido pelo Espiritismo, aprendemos fazer distinção entre o certo e o errado, entre o que é de duração passageira e o que é eterno.

Emmanuel esclarece:

Cada criatura recebeu determinado talento da Providência divina para servir no mundo e para receber do mundo o salário da elevação. Velho ou moço, com saúde do corpo ou sem ela, recorda que é necessário movimentar o dom que recebeste do Senhor, para avançares na direção da grande luz. Ninguém é tão pobre que nada possa dar de si mesmo. [...] Quem cumpre o dever que lhe é próprio, age naturalmente em benefício do equilíbrio geral. [...] Todo o dia é ocasião de semear e colher.¹⁰

A conversão de Zaqueu nos traz preciosas lições. Mostram, sobretudo, que em razão das nossas más escolhas, podemos acumular tesouros que nada representam em termos de crescimento espiritual, mas que produzirão dores e privações em futuras reencarnações.

No mundo vivem os que entesouram na Terra e os que entesouram no Céu. Os primeiros escondem suas possibilidades no cofre da ambição e do egoísmo e, por vezes, atiram moedas douradas ao faminto que passa, procurando livrar-se de sua presença; os segundos ligam suas existências a vidas numerosas, fazendo de seus servos e dos auxiliares de esforços a continuação de sua própria família. Estes últimos sabem empregar o sagrado depósito de Deus e são mordomos fiéis, à face do mundo.⁶

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 16, item 7, p. 258.
2. CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de espiritismo cristão*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Cap. 6 (A conversão de Zaqueu), p. 24.
3. _____. _____. p. 24-25.
4. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Volume 1: As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002, p. 130.

5. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 23 (O servo bom), p. 154-155.
6. _____. _____. p. 157.
7. _____. *Caminho verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3 (Examina-te), p. 21.
8. _____. _____. Cap. 180 (Façamos nossa luz), p. 375-377.
9. _____. *Caridade*. Espíritos diversos. 3. ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1981. Cap. 10 (Ante o próximo), p. 42.
10. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 130 (Na esfera íntima), p. 323-324.

Orientações ao monitor

Fazer uma análise do encontro de Jesus com Zaqueu, buscando enriquecer o estudo com textos de outras obras, tais como: *O espírito do cristianismo*, de Cairbar Schutel e *Boa nova*, do Espírito Humberto de Campos, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

APRENDENDO COM OS FATOS COTIDIANOS

Roteiro 3

O CHAMAMENTO DE LEVI (MATEUS), PEDRO, ANDRÉ, JOÃO E TIAGO MAIOR

Objetivos

- » Fazer uma reflexão, à luz do Espiritismo, a respeito do chamamento que Jesus fez aos apóstolos Mateus, Pedro, André, João e Tiago Maior.

Ideias principais

- » *Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que lhes conhecia a disposição íntima e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que tencionava confiar-lhes. E mister se fazia que eles próprios tivessem intuição da missão que iriam desempenhar para, sem hesitação, atenderem ao chamamento de Jesus. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 9.*
- » *O chamamento de Jesus aos seus apóstolos representa o sublime encontro entre o Mestre e os seus discípulos. Nesse sentido, contudo, o Cristo forneceu preciosa resposta aos seus tutelados do mundo. Longe de pleitear quaisquer prerrogativas, não enviou substitutos ao Calvário [...] e, sim, abraçou, Ele mesmo, a cruz pesada, imolando-se em favor das criaturas [...]. Emmanuel: Pão nosso. Cap. 139.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E, depois disto, saiu, e viu um publicano, chamado Levi, assentado na recebedoria e disse-lhe: Segue-me. E ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu (Lc 5:27-28).

E Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles, deixando logo as redes, seguiram-no. E, adiantando-se dali, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no (Mt 4:18-22).

2. Interpretação do texto evangélico

Relata-nos o Espírito Humberto de Campos como aconteceu o chamamento de Mateus, dos irmãos Pedro e André e dos filhos de Zebedeu (João e Tiago) para fazerem parte do colégio dos doze apóstolos de Jesus.

Daí a algum tempo, depois de haver passado por Nazaré, descansando igualmente em Caná, Jesus se encontrava nas circunvizinhanças da cidadezinha de Cafarnaum, como se procurasse, com viva atenção, algum amigo que estivesse à sua espera.

Em breves instantes, ganhou as margens do Tiberíades e se dirigiu, resolutamente, a um grupo alegre de pescadores, como se, de antemão, os conhecesse a todos.

[...]

Jesus aproximou-se do grupo e, assim que dois deles desembarcaram em terra, falou-lhes com amizade:

— Simão e André, filhos de Jonas, venho da parte de Deus e vos convido a trabalhar pela instituição de seu reino na Terra!

André lembrou-se de já o ter visto, nas cercanias de Betsaida [...] enquanto Simão, embora agradavelmente surpreendido, o

contemplava, enleado. No entanto, quase a um só tempo, dando expansão aos seus temperamentos acolhedores e sinceros, exclamaram respeitosamente:

— Sede bem-vindo!...

Jesus então lhes falou docemente do Evangelho, com o olhar incendiado de júbilos divinos.

[...] — Querei ser meus discípulos? [perguntou-lhes Jesus]

André e Simão se interrogaram a si mesmos, permutando sentimentos de admiração embevecida. Refletia Pedro: que homem seria aquele? onde já lhe escutara o timbre carinhoso da voz íntima e familiar? Ambos os pescadores se esforçavam por dilatar o domínio de suas lembranças, de modo a encontrá-lo nas recordações mais queridas. Não sabiam, porém, como explicar aquela fonte de confiança e de amor que lhes brotavam no âmago do Espírito e, sem hesitarem, sem uma sombra de dúvida, responderam simultaneamente:

— Senhor, seguiremos os teus passos.⁸

Seguindo com Simão Pedro e André para o centro de Cafarnaum, encontrou Levi.

[...] Entrou calmamente na coletoria e, avistando um funcionário culto, conhecido publicano da cidade, perguntou-lhe:

— Que fazes tu, Levi?

O interpelado fixou-o com surpresa; mas, seduzido pelo suave magnetismo de seu olhar, respondeu sem demora:

— Recolho os impostos do povo, devidos a Herodes.

— Queres vir comigo para recolher os bens do céu? — perguntou-lhe Jesus, com firmeza e doçura.

Levi, que seria mais tarde o apóstolo Mateus, sem que pudesse definir as santas emoções que lhe dominavam a alma, atendeu comovido:

— Senhor, estou pronto!...

— Então, vamos — disse Jesus, abraçando-o.

[...]

Na tarde desse mesmo dia, o Mestre fez a primeira pregação da Boa-Nova na praça ampla, cercada de verdura e situada naturalmente junto às águas.⁹

O chamamento de Jesus aos irmãos João e Tiago, ocorreu na manhã seguinte à pregação de Jesus.

[...] o Mestre se aproximou de dois jovens que pescavam nas margens [do Tiberíades] e os convocou para o seu apostolado.

— Filhos de Zebedeu — disse, bondoso —, desejais participar das alegrias da Boa-Nova?!

Tiago e João, que já conheciam as pregações do Batista e que o tinham ouvido na véspera, tomados de emoção se lançaram para ele, transbordantes de alegria:

— Mestre! Mestre! — exclamavam felizes.

Como se fossem irmãos bem-amados que se encontrassem depois de longa ausência, tocados pela força do amor que se irradiava do Cristo, fonte inspiradora das mais profundas dedicações, falaram largamente da ventura de sua união perene, no futuro, das esperanças com que deveriam avançar para o porvir, proclamando as belezas do esforço pelo Evangelho do Reino. Os dois rapazes galileus eram de temperamento apaixonado. Profundamente generosos, tinham carinhosos e simples, ardentes e sinceras as almas. João tomou das mãos do Senhor e beijou-as afetuosamente, enquanto Jesus lhe acariciava os anéis macios dos cabelos. Tiago, como se quisesse hipotecar a sua solidariedade inteira, aproximou-se do Messias e lhe colocou a destra sobre os ombros, em amoroso transporte.¹⁰

3. Interpretação do texto

O chamamento de Jesus a esses apóstolos apresenta características inusitadas. Primeiro é a aceitação irrestrita e imediata à convocação. Segundo é a transformação operada nos seus espíritos.

É interessante notar que, por todos os recantos onde Jesus deixou o sinal de sua passagem, houve sempre grande movimentação no que se refere ao ato de levantar e seguir. André e Tiago deixam as redes para acompanhar o Salvador. Mateus levanta-se para segui-lo. Os paralíticos que retomam a saúde se erguem e andam. Lázaro atende-lhe ao chamamento e levanta-se do sepulcro. Em dolorosas peregrinações e profundos esforços da vontade, Paulo de Tarso procura seguir o Mestre divino, [...] depois de se haver levantado, às portas de Damasco. Numerosos discípulos do Evangelho, [...] acordaram de sua noite de ilusões terrestres, ergueram-se para o serviço da redenção e demandaram os testemunhos santificados no trabalho e no sacrifício.¹⁴

A disposição de seguir Jesus, de imediato, é encontrada em todos aqueles que iriam, mais tarde, constituir o grupo dos doze apóstolos. E é natural que assim fosse.

Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que lhes conhecia as disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que tencionava confiar-lhes. E mister se fazia que eles próprios tivessem intuição da missão que iriam desempenhar para, sem hesitação, atenderem ao chamamento de Jesus. [...] Em muitos passos do Evangelho se lê: “Mas Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, lhes diz...”. Ora, como poderia Ele conhecer os pensamentos dos seus interlocutores, senão pelas irradiações fluídicas desses pensamentos e, ao mesmo tempo, pela vista espiritual que lhe permitia ler-lhes no foro íntimo? Muitas vezes, supondo que um pensamento se acha sepultado nos refolhos da alma, o homem não suspeita que traz em si um espelho onde se reflete aquele pensamento, um revelador na sua própria irradiação fluídica, impregnada dele.³

O encontro com o Mestre, e o subsequente chamamento de Jesus, os fazem recordar a missão que tinham assumido antes daquela experiência reencarnatória, quando se encontravam no plano espiritual. Daí o atendimento imediato, colocando em planos secundários a família e as obrigações profissionais. Frente a frente com o Cristo, os apóstolos recordam, ainda que de forma incompleta, que deveriam realizar algo grandioso que concorreria para a harmonia do universo, porque estariam executando a vontade de Deus, na categoria de seus ministros.⁴

As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens [encarnados], são incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas.⁵

Os apóstolos não sabiam, no momento da convocação, qual seria a extensão do trabalho que teriam de realizar junto a Jesus, ignoravam também que a missão do Mestre de Nazaré iria transformar o mundo, estabelecendo um marco divisório de eras: antes e depois do Cristo. Mesmo assim, sem nenhuma vacilação, seguiram-no.

O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar

a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a natureza está submetida, que se cumpre, e o *Espiritismo* é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a humanidade avance.¹

Conhecedor profundo da alma humana, Jesus aproveitava cada momento no trato com as pessoas para preencher-lhes a existência com sua sabedoria, sem se deter nos fatos ou em questões de menor importância, mas procurando auxiliar um maior número de indivíduos, por meio da disseminação do bem.

Em verdade, há dois mil anos, o povo acreditava que Jesus seria um comandante revolucionário, como tantos outros, a desvelar-se por reivindicações políticas, à custa da morte, do suor e das lágrimas de muita gente. Ainda hoje, vemos grupos compactos de homens disciplinados que, administrando ou obedecendo, se reportam ao Cristo, interpretando-o qual se fora patrono de rebeliões individuais, sedento de guerra civil. Entretanto, do Evangelho não transparece qualquer programa nesse sentido. Que Jesus é o divino Governador do Planeta não podemos duvidar. O que fará Ele do mundo redimido ainda não sabemos, porque ao soldado humílimo são defesos os planos do general. A Boa-Nova, todavia, é muito clara, quanto à primeira plataforma do Mestre dos mestres. Ele não apresentava títulos de reformador dos hábitos políticos, viciados pelas más inclinações de governadores e governados de todos os tempos. Anunciou-nos a celeste revelação que Ele viria salvar-nos de nossos próprios pecados, libertar-nos da cadeia de nossos próprios erros, afastando-nos do egoísmo e do orgulho que ainda legislam para o nosso mundo consciencial.¹⁵

Devemos nos empenhar em sair do casulo do orgulho e do egocentrismo aos quais nos recolhemos, procurando nos integrar num sistema existencial caracterizado pela convivência, interação e auxílio ao próximo. Não basta o esforço da aquisição ou do desenvolvimento de virtudes. É preciso sair de nós mesmos e caminhar em direção aos que necessitam de amparo.

A virtude é sempre grande e venerável, mas não se cristaliza-se à maneira de jóia rara sem proveito. Se o amor cobre a multidão dos pecados, o serviço santificante que nele se inspira pode dar aos pecadores convertidos ao bem a companhia dos anjos, antes que os justos ociosos possam desfrutar o celeste convívio.¹²

Os novos tempos nos convocam a colaborar na obra divina, de melhoria espiritual da humanidade, em que se procura eliminar o egoísmo que, como chaga moral, neutraliza os mais valorosos impulsos de progresso. Neste sentido, a Doutrina Espírita nos fornece os instrumentos do entendimento, do equilíbrio e da sensatez, necessário ao agir com acerto.

O [...] egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. [...] Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens. [...] Expulsai da Terra o egoísmo para que ela possa subir na escala dos mundos, porquanto já é tempo de a humanidade envergar sua veste viril, para o que cumpre que primeiramente o expilais dos vossos corações.²

Quando Jesus se deparou com os futuros membros do seu colégio apostolar, Ele não viu apenas um simples publicano ou humildes pescadores. Sua visão é bem mais transcendental: representa o encontro do pastor com as suas ovelhas, do mestre com os seus discípulos, do orientador com os seus seguidores fiéis. Entretanto, é oportuno lembrar, que mesmo contando com o auxílio de tão inestimáveis colaboradores, o Mestre não se furtou de exemplificar a sua missão, mesmo que às custas de inimagináveis sacrifícios.

Nesse sentido, contudo, o Cristo forneceu preciosa resposta aos seus tutelados do mundo. Longe de pleitear quaisquer prerrogativas, não enviou substitutos ao Calvário ou animais para sacrifícios nos templos e, sim, abraçou, Ele mesmo, a cruz pesada, imolando-se em favor das criaturas e dando a entender que todos os discípulos serão compelidos ao testemunho próprio, no altar da própria vida.¹³

A expressão “segue-me”, dita por Jesus a Mateus, ou, a outra, “vos farei pescadores de homens”, direcionada a Pedro, André, João e a Tiago Maior, são, antes de tudo, uma amorável convocação ao trabalho do bem, cumprindo, assim, o que fora combinado com eles, anteriormente, nos planos do Espírito. Significa dizer também que, quem aceitasse o seu jugo, estaria salvo. A profundidade dessa proposta redentora de Jesus não foi, entretanto, totalmente

apreendida por muitos dos seus discípulos, considerando as dissidências que ocorreram.

Jesus apresentou-se perante a humanidade como Mestre e Salvador. Eu sou o vosso Mestre, dizia Ele aos que o rodeavam para escutar sua palavra sempre inspirada e convincente. Nós somos, pois, seus discípulos: Ele é nosso Mestre. Mestre é aquele que educa. Educar é apelar para os poderes do espírito. Mediante esses poderes é que o discípulo analisa, perquire, discerne, assimila e aprende. O mestre desperta as faculdades que jazem dormentes e ignoradas no âmago do “eu” ainda inculto. [...] O mestre não fornece instrução: mostra como é ela obtida. Ao discípulo cumpre empregar o processo mediante o qual adquirirá instrução. [...] Para que a comunhão entre o mestre e o discípulo seja um fato, é absolutamente indispensável o concurso, a cooperação de ambos.

[...] Jesus veio trazer-nos a redenção. É por isso nosso salvador. Mas só redime aqueles que amam a liberdade e se esforçam por alcançá-la. Os que se comprazem na servidão das paixões e dos vícios não têm em Jesus um salvador. Continuarão vis escravos até que compreendam a situação ignominiosa em que se encontram, e almejem conquistar a liberdade.[...] A redenção, como a educação, é obra em que o interessado tem de agir, tem de lutar desempenhando a sua parte própria; sem o que, não haverá para ele mestre nem salvador.⁷

A conhecida vocação de Mateus (ou Levi), registrada no Evangelho, foi, efetivamente, servir a Jesus, abraçando a causa de salvação da humanidade.

Levi, pelo que se observa, era homem de espírito voltado para as coisas de Deus; sua vocação não era ser empregado do Fisco, cobrador de taxas públicas, de impostos. Nenhuma religião do seu tempo o havia atraído, porque todas elas eram exclusivistas, mercantilizadas, não falavam à alma, nem ao coração, nem à inteligência, pregavam falsidades em vez de anunciarem a Verdade. Mas logo que ele teve conhecimento da Doutrina que o Moço Nazareno ensinava, [...] propendeu imediatamente para o lado de Jesus, porque tinha verdadeira vocação religiosa, era um espírito inclinado às coisas de Deus, sentia-se apto a desempenhar uma tarefa nesse sentido.⁶

Em seguida ao chamamento de Jesus, relata o Evangelho que Mateus, tomado de íntima alegria, “[...] em regozijo, convidou seus

colegas publicanos, e mais outras pessoas do povo, e ofereceu, com a presença dessas testemunhas, um grande banquete a Jesus”.⁶

Não há dúvidas de que Levi, assim como os demais apóstolos que receberam o chamamento do Mestre, nos legaram magnífico exemplo de decisão, relativa ao trabalho que deveriam realizar, e de plena e irrestrita lealdade a Jesus. Foram discípulos que mantiveram perfeita comunhão de ideias e de sentimentos com o Mestre, servindo-o com amor extremado. Importa, porém, saber distinguir os bons dos maus discípulos, para que não venhamos a ser enganados.

Os círculos cristãos de todos os matizes permanecem repletos de estudantes que se classificam no discipulado de Jesus, com inextinguível entusiasmo verbal, como se a ligação legítima com o Mestre estivesse circunscrita a problema de palavras. Na realidade, porém, o Evangelho não deixa dúvidas a esse respeito. A vida de cada criatura consciente é um conjunto de deveres para consigo mesma, para com a família de corações que se agrupam em torno dos seus sentimentos e para com a humanidade inteira. E não é tão fácil desempenhar todas essas obrigações com aprovação plena das diretrizes evangélicas. Imprescindível se faz eliminar as arestas do próprio temperamento, garantindo o equilíbrio que nos é particular, contribuir com eficiência em favor de quantos nos cercam o caminho, dando a cada um o que lhe pertence, e servir à comunidade, de cujo quadro fazemos parte. [...] Se buscamos a sublimação com o Cristo, ouçamos os ensinamentos divinos. Para sermos discípulos dele é necessário nos disponhamos com firmeza a conduzir a cruz de nossos testemunhos de assimilação do bem, acompanhando-lhe os passos. [...] Somente depois de semelhantes aquisições é que atingiremos a verdadeira comunhão com o divino Mestre.¹¹

Referências

1. KARDEC. Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, item 9, p. 60.
2. _____. _____. Cap. 11, item 11, p.191.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15, item 9, p. 314-315.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 558, p. 281.

5. _____. _____. Questão 569, p. 284.
6. SCHUTEL. Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: Casa editora O Clarim, 2001. Cap. 8 (A vocação de Levi – A popularidade de Jesus), p. 74.
7. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. Mestre e salvador, p. 166-167.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3 (As primeiras pregações), p. 27-28.
9. _____. _____. p.29.
10. _____. _____. Cap. 4 (A família Zebedeu), p. 31-32.
11. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 58 (Discípulos), p. 145-146.
12. _____. *Ideias e ilustrações*. Por diversos Espíritos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993. Cap. 3 (Do serviço), (mensagem de Neio Lúcio), p. 22.
13. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 139 (Oferendas), p. 294.
14. _____. *Segue-me*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. Matão: O Clarim. Capítulo: (Segue-me! E ele o seguiu), p. 1.
15. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 174 (Plataforma do Mestre), p. 385-386.

Orientações ao monitor

Orientar os participantes a fazer uma análise reflexiva a respeito do chamamento de Jesus a alguns dos seus apóstolos, destacando a importância da lealdade irrestrita ao Mestre e o esforço de renovação demonstrado por eles.

APRENDENDO COM OS FATOS COTIDIANOS

Roteiro 4

O CENTURIÃO DE CAFARNAUM

Objetivos

- » Interpretar a passagem evangélica do centurião de Cafarnaum, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » Identificamos na passagem evangélica, intitulada *o centurião de Cafarnaum*, valiosas lições que tratam, entre outras, de uma cura à distância, realizada por Jesus e também da importância da prática do bem, da solidariedade, da intercessão, da gratidão e da fé.
- » O centurião representa o exemplo de homem de bem que, por força das qualidades morais e da fé que possuía, conseguiu transformar adversários em amigos, os quais se solidarizaram com ele num momento em que buscou auxílio de Jesus em benefício de um servo doente.
- » *O [...] centurião compreendia perfeitamente aquilo que até hoje muitos ignoram, isto é, a maneira de Jesus agir através das milícias do céu. A analogia que Ele estabeleceu [...] entre seu comando e o comando de Jesus dirigindo os batalhões celestes, é das felizes para aclarar o modo de ação empregado pelo Redentor do mundo na obra de salvação.* Vinícius (Pedro de Camargo): *Em torno do Mestre*. Cap. As milícias do céu.

- » A cura operada à distância por Jesus nada teve de milagroso, considerando a natureza excepcional do seu Espírito. *Sendo Ele o maior Missionário que baixou à Terra, não podia, para o bom exercício de sua missão, deixar de vir revestido de poderes e forças que o distinguissem dos demais homens.* Cairbar Schutel: *O espírito do cristianismo*. Cap. 53.

Subsídios

1. Texto evangélico

E o servo de um certo centurião, a quem este muito estimava, estava doente e moribundo. E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo. E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno de que lhe concedas isso. Porque ama a nossa nação e ele mesmo nos edificou a sinagoga. E foi Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou-lhe o centurião uns amigos, dizendo-lhe: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; e, por isso, nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará. Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: vai; e ele vai; e a outro: vem; e ele vem; e ao meu servo: faze isto; e ele o faz. E, ouvindo isso, Jesus maravilhou-se dele e, voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé. E, voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo (Lc 7:2-10).

Cafarnaum, aldeia situada na margem noroeste do mar da Galileia, significa “cidade de Naum” (do grego *Kapharnaoum*). É também identificada como “Tell Hum”, nome de uma colina, praticamente inexistente nos dias atuais devido às inúmeras escavações a que foi submetida ao longo dos tempos.

Consta que Jesus teria se estabelecido em Cafarnaum e feito ali seu lar no início de seu ministério. Dali realizou suas primeiras pregações e fez muitas curas [...]. Ali curou o escravo do centurião que havia construído a sinagoga. [...] No século I a.C., quando suas casas foram construídas, Cafarnaum era evidentemente uma aldeia de pescadores e tinha uma população de não mais de mil pessoas.¹

Essas informações históricas, associadas aos registros de Lucas, nos fazem situar, no tempo e no espaço, revelando que o centurião era uma pessoa de bem, mesmo sendo romano, povo conquistador da Galileia, considerado inimigo. Estimado na aldeia, respeitava a tradição religiosa dos conquistados, a ponto de erguer-lhes uma sinagoga, cujo construtor era um criado, judeu, a quem devotava amizade, retratado no texto como o doente que Jesus curou.

O texto de Lucas nos revela, além da cura à distância realizada por Jesus, importantes ensinamentos relacionados a outros personagens: exemplificação no bem, a força da solidariedade, os benefícios da gratidão, o valor da intercessão e o poder da fé.

2. Interpretação do texto evangélico

E o servo de um certo centurião, a quem este muito estimava, estava doente e moribundo. E, quando ouviu falar de Jesus, enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo. E, chegando eles junto de Jesus, rogaram-lhe muito, dizendo: É digno de que lhe concedas isso. Porque ama a nossa nação e ele mesmo nos edificou a sinagoga (Lc 7:2-5).

A narrativa apresenta uma sequência de acontecimentos que podem ser considerados, no mínimo, inusitados. Primeiro porque o pedido de auxílio a Jesus veio de um centurião, indivíduo pertencente ao quadro do exército invasor. Segundo porque o beneficiado não era alguém social ou politicamente importante, mas um escravo. Terceiro pelo endosso, concedido pelos anciãos ao pedido do romano, que também destacaram as suas qualidades morais. Por último, evidencia-se a surpreendente fé do romano.

Na verdade, a principal mensagem do texto é mostrar a força do bem que marca as ações de todos os personagens envolvidos nessa história. Nesse sentido, é oportuno o conselho de Bezerra de Menezes:

Continuemos buscando Jesus em todos os irmãos da Terra, mas especialmente naqueles que sofrem problemas e dificuldades maiores que os nossos obstáculos, socorrendo e servindo e sempre mais felizes nos encontraremos sob as bênçãos dele, nosso Mestre e Senhor.⁵

O oficial romano considerado, *a priori*, inimigo, se revelou como pessoa de boa índole, respeitando as tradições culturais e religiosas dos

habitantes da aldeia, subjugados ao domínio de César, conquistando-lhes a simpatia e a amizade. Esse romano deve ter sido, efetivamente, alguém especial que, não se valendo da posição política que ocupava e, sem fugir dos deveres inerentes ao cargo, soube cativar a comunidade de Cafarnaum pela construção de uma sinagoga.

O exemplo do centurião nos deve calar fundo, considerando a missão do Espiritismo na revivência da mensagem cristã.

Há [...] um talento de luz acessível a todos. Brilha entre ricos e pobres, cultos e incultos. Aparece em toda parte. Salienta-se em todos os ângulos da luta. Destaca-se em todos os climas e sugere engrandecimento em todos os lugares. É o talento da oportunidade, sempre valioso e sempre o mesmo, na corrente viva e incessante das horas. É o desejo de doar um pensamento mais nobre ao círculo da maledicência, de fortalecer com o sorriso o ânimo abatido do companheiro desesperado, de alinhar uma frase amiga que enteneça os maus a se sentirem menos duros e auxilie os bons a se revelarem sempre melhores, de prestar um serviço insignificante ao vizinho, plantando o pomar da gratidão e da amizade, de cultivar algum trato anônimo de solo, onde o arvoredo de amanhã fale sem palavras de nossas elevadas intenções.⁶

Os representantes dos judeus, por outro lado, revelaram possuir o nobre sentimento da gratidão, quando, ao se dirigirem a Jesus, passam por cima das diferenças religiosas, possivelmente existentes entre eles e o Cristo, e endossam o pedido do centurião, afirmando: “É digno de que lhe concedas isso. Porque ama a nossa nação e ele mesmo nos edificou a sinagoga”.

O benefício recebido do preposto de César encontrou eco no coração daqueles judeus.

Concluímos do exposto que o maior benefício que recebemos, através duma graça que nos é concedida, não está propriamente no objeto alcançado, mas no reconhecimento que o fato pode despertar. A gratidão é o elo indissolúvel que une o beneficiário ao benfeitor.³

A forma de agir do representante de César e a dos judeus indica também que as pessoas de boa vontade conseguem, efetivamente, superar as divergências pessoais e culturais para, juntas, viverem em paz.

Não existem tarefas maiores ou menores. Todas são importantes em significação.

Um homem será respeitado pelas leis que implanta, outro será admirado pelos feitos que realiza.

[...]

A comunidade é um conjunto de serviço, gerando a riqueza da experiência. E não podemos esquecer que a harmonia dessa máquina viva depende de nós.

Quando pudermos distribuir o estímulo do nosso entendimento e de nossa colaboração com todos, respeitando a importância do nosso trabalho e a excelência do serviço dos outros, renovar-se-á a face da Terra, no rumo da felicidade perfeita.

Para isso, porém, é necessário nos devotemos à assistência recíproca, com ardente amor fraterno...

[...]

Seremos compreendidos na medida de nossa compreensão.

Vejamos nosso próximo, no esforço que despende, e o próximo identificar-nos-á nas tarefas a que nos dedicamos.

[...]

O capital mais precioso da vida é o da boa vontade. Ponhamo-lo em movimento e a nossa existência estará enriquecida de bênçãos e alegrias, hoje e sempre, onde estivermos.⁸

Outra ideia perpassa pelos registros do evangelista, além da força do bem. Trata-se da intercessão em benefício de alguém: o centurião intercede pelo criado, os anciãos intercedem pelo centurião e Jesus intercede, junto a Deus, por todos.

E foi Jesus com eles; mas, quando já estava perto da casa, enviou-lhe o centurião uns amigos, dizendo-lhe: Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; e, por isso, nem ainda me julguei digno de ir ter contigo; dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará. Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o meu poder, e digo a este: vai; e ele vai; e a outro: vem; e ele vem; e ao meu servo: faze isto; e ele o faz. E, ouvindo isso, Jesus maravilhou-se dele e, voltando-se, disse à multidão que o seguia: Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé. E, voltando para casa os que foram enviados, acharam são o servo enfermo (Lc 7:6-10).

A forma de tratamento utilizada pelo centurião quando se dirige a Jesus, chamando-o, respeitosamente, de Senhor, indica

que reconheceu encontrar-se diante de uma autoridade a quem caberia reverenciar. Percebeu, igualmente, a fenomenal grandeza do Espírito do Cristo, a ponto de se sentir constrangido com o esforço do Senhor se deslocar até a sua residência. Por esse motivo disse: “Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu telhado; e, por isso, nem ainda me julguei digno de ir ter contigo [...]”.

São palavras saturadas de humildade que revelam a beleza da alma daquele centurião. Outras características do seu caráter são também reveladas na conclusão do seu diálogo com Jesus.

O centurião que procurou a Jesus para curar-lhe o fâmulos que se encontrava gravemente enfermo, mostrou compreender perfeitamente a organização do exército sideral. Retrucando a Jesus que prometera atendê-lo indo a sua casa, disse: Senhor, não é preciso que te incomodes tanto. Nem eu mesmo sou digno de te receber em minha casa. Dize somente uma palavra, e meu servo se curará. Eu também sou homem sujeito à autoridade, e tenho inferiores às minhas ordens, e digo a este: vem cá, e ele vem; faz isto, e ele faz.

Pelos dizeres acima, vemos que o centurião compreendia perfeitamente aquilo que até hoje muitos ignoram, isto é, a maneira de Jesus agir através das milícias do céu. A analogia que ele estabeleceu [...] entre seu comando e o comando de Jesus dirigindo os batalhões celestes, é das mais felizes para aclarar o modo de ação empregado pelo Redentor do mundo na obra da salvação. [...] Há, portanto, exércitos divinos como há os humanos. A diferença é que aqueles combatem por amor, e estes, por egoísmo. O amor fecunda as almas prodigalizando a vida e vida em abundância. O egoísmo vai disseminando entre os homens o luto, a dor e a morte. No combate sustentado pelas milícias celestes não há vencidos: todos são vencedores.⁴

Aliás, não é difícil perceber que o servo doente serviu de instrumento da misericórdia divina para que o centurião manifestasse seu livre-arbítrio. Verificamos, assim, que são nos acontecimentos cotidianos que temos a oportunidade de fazermos as nossas escolhas, revelando as próprias disposições íntimas que caracterizam nosso nível evolutivo.

Causa admiração a Jesus a firmeza das ideias do centurião, a ponto de afirmar à multidão que o seguia: “Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé”. O soldado romano não cansa de

nos surpreender: além dos valores morais e da inteligência arguta, demonstra confiança e fé no Mestre.

A árvore da fé viva não cresce no coração, miraculosamente. Qual acontece na vida comum, o Criador dá tudo, mas não prescinde do esforço da criatura [...]. A conquista da crença edificante não é serviço de menor esforço. A maioria das pessoas admite que a fé constitua milagrosa auréola doada a alguns espíritos privilegiados pelo favor divino. Isso, contudo, é um equívoco de lamentáveis consequências. A sublime virtude é construção do mundo interior, em cujo desdobramento cada aprendiz funciona como orientador, engenheiro e operário de si mesmo. Não se faz possível a realização, quando excessivas ansiedades terrestres, de parceria com enganos e ambições inferiores, torturam o campo íntimo, à maneira de vermes e malfeitores, atacando a obra. A lição do Evangelho é semente viva. [...] É imprescindível tratar a planta divina com desvelada ternura e instinto enérgico de defesa.⁹

Voltando para casa, o centurião encontrou o servo curado. Natural que fosse assim, considerando o prodigioso magnetismo de Jesus e as elevadíssimas qualidades do seu Espírito. O Mestre não precisou se deslocar até a casa do centurião para realizar a cura, esta foi realizada à distância.

O poder de curar, em Jesus, era um dom *sobre-humano*. Quando dizemos *sobre-humano*, excluimos da nossa tese a palavra *sobrenatural*, visto nada existir que não seja natural. Era *sobre-humano* visto ser esse dom, em Jesus, perfeito, ultrapassando, portanto, os limites do *poder humano*, mesmo dos melhores curadores. Sendo Jesus um Espírito perfeito, claro está que perfeitos deveriam ser todos os seus dotes. Sendo Ele o maior Missionário que baixou à Terra, não podia, para o bom exercício de sua missão, deixar de vir revestido de poderes e forças que o distinguissem dos demais homens. Assim é que, o seu grande conhecimento das leis que regem universo e dos fluidos neles existentes, a sua força para dominação e transformação desses fluidos, a sua vontade soberana de fazer realçar a Lei de Deus, o seu amor imenso pelos sofredores, pelos deserdados da sorte, o auxílio constante que recebia diretamente de Deus, a enorme Milícia celeste e a multidão de Espíritos que se achavam sob as suas ordens, tudo concorria para que Ele dissesse ao cego: “Vê”; ao paralítico: “Anda”; ao leproso: “Sê limpo”; à sua Palavra, tudo se cumpria!²

Por último, é importante considerar que as curas e outros acontecimentos prodigiosos operados por Jesus representavam um meio para a divulgação do seu Evangelho.

É que o Mestre divino não veio à Terra apenas para religar ossos quebrados ou reavivar corpos doentes, mas acima de tudo, descerrar horizontes libertadores à sublime visão da alma, banindo o cativo da superstição e do fanatismo. Em meio ao coro de hosanas que fazia levantar a turba de enfermos e paralíticos, efetuava a pregação do reino de Deus que, no fundo, era sempre aula de profunda sabedoria, despertando a mente popular para a imortalidade e para a justiça. Fosse no topo do monte, ao pé da multidão desorientada ou no recinto das sinagogas onde lia os escritos sagrados para ouvintes atentos, fosse na casa de Pedro, alinhando anotações da Boa-Nova, ou na barca dos pescadores que convertia em cátedra luminosa na universidade da natureza, foi sempre o Mestre, leal ao ministério do ensino, erguendo consciências e levantando corações, não somente no socorro às necessidades de superfície, mas na solução integral dos problemas da Vida eterna.⁷

Referências

1. DICIONÁRIO DA BÍBLIA. Vol. As pessoas e os lugares. Organizado por Bruce M. Metzger e Michael D. Coogan. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 38.
2. SCHUTEL. Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, 2001. Cap. 53 (As curas de Jesus), p. 276-277.
3. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. O médico das almas, p.106.
4. _____. _____. Cap. As milícias do céu, p. 134-135.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Caridade*. Por diversos Espíritos. 12. ed. Araras: IDE, 2000. Cap. 11 (Quanto mais – mensagem de Bezerra de Menezes), p. 46.
6. _____. _____. Cap. 14 (O talento esquecido – mensagem de Emmanuel), p. 54.
7. _____. *Doutrina-escola*. Por diversos Espíritos. 1. ed. Araras: IDE, 1996. Cap. 11 (Jesus e estudo-1: mensagem de Emmanuel), p. 63-64.
8. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 122 (Entendamo-nos), p. 307-308.
9. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 40 (Fé), p. 99-100.

Orientações ao monitor

Os participantes devem interpretar, à luz da Doutrina Espírita, a passagem evangélica que trata do centurião de Cafarnaum, tendo como base as ideias desenvolvidas nos *Subsídios* deste Roteiro. Devem, em seguida, correlacionar o assunto a acontecimentos cotidianos.

APRENDENDO COM OS FATOS COTIDIANOS

Roteiro 5

A CAMINHO DE EMAÚS

Objetivos

- » Analisar os ensinamentos contidos na passagem “Os dois discípulos a caminho de Emaús”, à luz da Doutrina Espírita.

Ideias principais

- » *Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 61.*
- » Os acontecimentos ocorridos na estrada de Emaús não se resumem a mais uma aparição do Cristo após a sua crucificação. Suscitam valiosos aprendizados a respeito de uma série de fenômenos psíquicos: a imortalidade do Espírito após a morte do corpo, a comunicação mediúnica, a materialização de Espíritos etc. Há, porém, profundas lições relativas à fé, ao entendimento da vida espiritual e, sobretudo, ao amor irrestrito de Jesus para com todos nós, habitantes do Planeta.

- » *Ainda existem aprendizes na “estrada simbólica de Emaús”, todos os dias. Atingem o Evangelho e espantam-se em face dos sacrifícios necessários à eterna iluminação espiritual. Não entendem o ambiente divino da cruz e procuram “paisagens mentais” distantes... Entretanto, chega sempre um desconhecido que caminha ao lado dos que vacilam e fogem. [...] Sua voz é diferente das outras, seus esclarecimentos mais firmes, seus apelos mais doces. Emmanuel: Caminho, verdade e vida. Cap. 95.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E eis que, no mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido. E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem.

E Ele lhes disse: que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós e por que estais tristes? E, respondendo um, cujo nome era Cléopas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias? E Ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte e o crucificaram.

E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel; mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que tinham visto uma visão de anjos, que dizem que Ele vive. E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram.

E Ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse

essas coisas e entrou na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.

E chegaram à aldeia para onde iam, e Ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o conheceram, e Ele desapareceu-lhes. E disseram um para o outro: Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava e quando nos abria as Escrituras? E, na mesma hora, levantando-se, voltaram para Jerusalém e acharam congregados os onze, e os que estavam com eles, os quais diziam: Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor, e já apareceu a Simão. E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão (Lc 24:13-35).

Os acontecimentos ocorridos na estrada de Emaús dizem respeito à aparição de Jesus a dois discípulos, após a sua crucificação, atestando, dessa forma, a sobrevivência do Espírito.

Jesus apareceu aos seus discípulos, apóstolos e ou seguidores, em quatro diferentes ocasiões depois da crucificação, aparições que são denominadas *ressurreição*.

Voltando no tempo, um pouco antes da ressurreição, sabemos que Jesus foi sepultado no dia do martírio na cruz, possivelmente no final da noite de sexta-feira (Lc 23:54), dia conhecido como da “Preparação” para a Páscoa judaica (Mc 15:42), por José, rico judeu da cidade de Arimateia (Mt 27:57-61, Mc 15:42-47, Lc 23: 50-55 e Jo 19:38-42), auxiliado por Nicodemos (Jo 19:39-40) e observados por Maria de Magdala e outra Maria, possivelmente mãe de Tiago, filho de Alfeu (Mt 27:61).

No dia seguinte ao da “Preparação”, no sábado, um grupo de sacerdotes e fariseus procuraram Pilatos e solicitaram uma guarda para vigiar o sepulcro, justificando que Jesus afirmara que iria ressuscitar no domingo de Páscoa, três dias após a crucificação (Mt 27:62-64). Pilatos ordenou que a pedra do sepulcro fosse selada e que uma guarda ali permanecesse, ininterruptamente (Mt 27:65-66).

Todo esse controle se revelou inútil porque, no raiar do dia de domingo, Jesus apareceu a Maria Madalena, a Salomé (esposa de Zebedeu), e a Maria (mãe de Tiago Menor) (Mc 16:1). Veja também nota de rodapé “c”, da *Bíblia de Jerusalém* referente à identidade das

mulheres, citadas em Mc, 15:40 e outros evangelistas. Lucas fala também da presença de uma certa Joana (Lc 24:9-10).

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus apareceu a dois discípulos na estrada para Emaús (Lc 24:13-35). Manifestou-se também aos apóstolos quando esses se encontravam à mesa (Mc 16:14), censurando-lhes a incredulidade a respeito da sua ressurreição. Tornou-se visível a Pedro, Tomé, Natanael, aos filhos de Zebedeu e a mais dois discípulos não identificados no Evangelho (Jo 21:1-17), junto ao lago de Tiberíades. A última aparição de Jesus, e a sua ascensão ao Céu, aconteceu em Betânia (Lc 24:50-53).

2. Interpretação do texto evangélico

E eis que, no mesmo dia, iam dois deles para uma aldeia que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido. E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem. E Ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós e por que estais tristes? E, respondendo um, cujo nome era Cléopas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias? E Ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; e como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte e o crucificaram (Lc 24:13-20).

Segundo o registro de Lucas, dois discípulos, Cléopas (*Kleopatros*, do grego: “pai famoso”) e outro desconhecido, caminhavam de Jerusalém para Emaús (nome que literalmente significa “águas quentes”), uma cidade situada 12 Km para o norte, dia da Páscoa.

Estavam abatidos e desiludidos e discutiam os acontecimentos terríveis de alguns dias antes. Quando um estranho juntou-se a eles manifestando ignorância da história que tanto os comovera, eles explicaram sobre o Jesus crucificado e como “nós esperávamos que fosse Ele quem iria redimir Israel” (Lc 24:21). Convidado para participar da ceia com Cléopas e o seu companheiro, o estranho revelou ser Jesus ao benzer o pão e parti-lo; imediatamente depois, desapareceu. Os dois voltaram

com pressa para Jerusalém para levar a notícia aos outros discípulos e, enquanto isso, Jesus aparecia a todos eles.⁷

Apesar do sofrimento que traziam na alma, os discípulos seguiam adiante trocando, entre si, ideias a respeito do martírio do seu Messias. Traziam os olhos fechados, como assinala o texto evangélico, possivelmente para qualquer tipo de percepção, decorrente da desarmonia íntima produzida pelo trauma emocional da crucificação. Entretanto, não estavam abandonados pelo Senhor.

Jesus seguira-os, qual amigo oculto, fixando-lhes a verdade no coração com as fórmulas verbais, carinhosas e doces. Grande parte do caminho foi atravessada em companhia daquele homem, amoroso e sábio, que ambos interpretaram por generoso e simpático desconhecido e, somente ao partir do pão, reconhecem o Mestre muito amado. Os dois aprendizes não conseguiram a identificação nem pelas palavras, nem pelo gesto afetoso; contudo, tão logo surgiu o pão materializado, dissiparam todas as dúvidas e creram. Não será o mesmo que vem ocorrendo no mundo há milênios?¹²

Os ensinamentos espíritas demonstram que a aparição de Jesus aos discípulos, mesmo sob a aparência de um simples viajante, nada teve de surpreendente quando se conhece os mecanismos que produzem o fenômeno. Na verdade, as “[...] manifestações mais comuns se dão durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões.”

Os Espíritos bem-intencionados aparecem para consolar “[...] as pessoas que deles guardam saudades, provar-lhes que existem e estão perto delas; dar conselhos e, algumas vezes, pedir para si mesmos assistência.”¹ Evidentemente, Jesus, diretor espiritual do orbe, tornou-se visível para prestar amparo, revelando a imortalidade do seu Espírito.

A despeito das aparições espirituais serem consideradas fatos naturais, não acontecem permanentemente. O motivo básico é que estando “[...] o homem cercado de Espíritos, o vê-los a todos os instantes o perturbaria, embaraçar-lhe-ia os atos e tirar-lhe-ia a iniciativa na maioria dos casos, ao passo que, julgando-se só, ele age mais livremente.”²

O princípio das aparições de Espíritos “[...] é o mesmo de todas as manifestações, reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações, ao sabor do Espírito.”³

Devemos, entretanto, considerar os seguintes esclarecimentos prestados por Allan Kardec:

As aparições propriamente ditas dão-se quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob a forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. [...] Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa. [...] Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. [...] Os Espíritos superiores têm uma figura bela, nobre e serena; os mais inferiores denotam alguma coisa de feroz e bestial, não sendo raro revelarem ainda vestígios dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que padeceram.⁵

Continuemos, um pouco mais, com as elucidações do Codificador do Espiritismo a respeito das materializações de Espíritos.

O Espírito, que quer ou pode fazer-se visível, reveste às vezes uma forma ainda mais precisa, com todas as aparências de um corpo sólido, ao ponto de causar completa ilusão e dar a crer, aos que observam a aparição, que têm diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, finalmente, e sob o império de certas circunstâncias, a tangibilidade se pode tornar real, isto é, possível se torna ao observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência, o mesmo calor que num corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça com a rapidez do relâmpago. Nesses casos, já não é somente com o olhar que se nota a presença do Espírito, mas também pelo sentido tátil.⁶

São essas as explicações espíritas relativas à aparição de Jesus aos seus discípulos, sua tangibilidade e o seu desaparecimento, ocorrido durante a refeição, no momento em que foi reconhecido por seus companheiros de viagem.

Não deixa de ser um fato curioso Jesus ter-se manifestado como simples viajante aos discípulos na estrada de Emaús, quando se revelou como o Cristo a Maria de Magdala, nas primeiras horas daquele dia, e aos apóstolos, durante a refeição do meio-dia.

Algum motivo superior justificou essa atitude do Mestre. Podemos apenas levantar algumas conjecturas, sem que com isso

encontremos a resposta concreta ou satisfatória: será que a sua aparição abrupta não iria assustar os discípulos, ainda bastante impressionados com os acontecimentos do calvário e da crucificação? Talvez a necessidade de ampará-los libertando-os da tristeza e da saudade fosse mais urgente? Quem sabe ocorreu ao Senhor a necessidade de, anonimamente, sondar-lhes as disposições íntimas relacionadas ao trabalho de cristianização do mundo, que lhes caberia no futuro?

E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel; mas, agora, com tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que Ele vive. E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram. E Ele lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras (Lc 24:21-27).

Independentemente das motivações de Jesus de manter-se em anonimato, o texto de Lucas registra algo efetivamente relevante: os sentimentos de afeto e ternura, atenção e cuidados do Mestre para com os dois viajantes, como bem nos esclarece Emmanuel.

Os discípulos, a caminho de Emaús, comentavam, amargurados, os acontecimentos terríveis do Calvário. Permaneciam sob a tormenta da angústia. A dúvida penetrava-lhes a alma, levando-os ao abatimento, à negação. Um homem desconhecido, porém, alcançou-os na estrada. Oferecia o aspecto de mísero peregrino. Sem identificar-se, esclareceu as verdades da Escritura, exaltou a cruz e o sofrimento. Ambos os companheiros, que se haviam emaranhado no cipoal de contradições ingratas, experimentaram agradável bem-estar, ouvindo a argumentação confortadora. Somente ao termo da viagem, em se sentindo fortalecidos no tépido ambiente da hospedaria, perceberam que o desconhecido era o Mestre.

Ainda existem aprendizes na “estrada simbólica de Emaús”, todos os dias. Atingem o Evangelho e espantam-se em face dos sacrifícios necessários à eterna iluminação espiritual. Não entendem o ambiente divino da cruz e procuram “paisagens mentais” distantes. Entretanto,

chega sempre um desconhecido que caminha ao lado dos que vacilam e fogem. Tem a forma de um viandante incompreendido, de um companheiro inesperado, de um velho generoso, de uma criança tímida. Sua voz é diferente das outras, seus esclarecimentos mais firmes, seus apelos mais doces.

Quem partilha, por um momento, do banquete da cruz, jamais poderá olvidá-la. Muitas vezes, partirá mundo afora, demorando-se nos trilhos escuros; no entanto, minuto virá em que Jesus, de maneira imprevista, busca esses viajores transviados e não os desampara enquanto não os contempla, seguros e livres, na hospedaria da confiança.⁹

O diálogo ocorrido durante a viagem para Emaús apresenta pontos que merecem ser destacados. O primeiro diz respeito ao entendimento de Cléopas e do seu companheiro de viagem sobre Jesus: “[...] foi um profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo” (versículo 19); o segundo retrata a triste constatação do que fizeram ao Senhor: “E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte e o crucificaram.” (versículo 20); o terceiro indica a decepção, ou amargura, pela crucificação: “E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel [...]” (versículo 21); o quarto demonstra o sentimento de incerteza, comum nos que ainda não possuem fé sólida, acreditando ou desacreditando: “É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; e, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que Ele vive. E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro e acharam ser assim como as mulheres haviam dito, porém, não o viram” (versículos 22, 23 e 24).

Após ouvi-los, captando-lhes as dúvidas e a frágil confiança, Jesus lhes restaura o bom ânimo, conduzindo-os à nova posição vibracional quando lhes afirma com energia: “[...] Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (versículos 25 a 27).

O Cristianismo é uma doutrina que precisa ser aprendida e sentida. [...] Aquele que não sente em si mesmo a influência da moral cristã, desconhece o que ela é, embora tenha perfeito conhecimento teórico

de todos os seus preceitos e postulados. [...] Na fé em Jesus Cristo não há confusão. Sua doutrina é integral; e só podemos conhecê-la seguindo as pegadas do Senhor, que é a sua personificação. Jesus é um mestre cuja escola é Ele mesmo. [...] O Cristianismo não se reduz a teorias: é luz, é verdade, é vida.⁸

Por outro lado, o Mestre também percebeu que os discípulos tinham pouco esclarecimento a respeito da vida após a morte do corpo, daí terem sido assaltados pelo desânimo e pelas dúvidas. Esta postura, aliás, é comum em todos nós, Espíritos imperfeitos: emitimos opiniões superficiais, às vezes irresponsáveis, sobre acontecimentos e pessoas, por falta de esclarecimento ou por espírito de intolerância para com as ações dos que conosco convivem.

Foi necessário, pois, que Jesus falasse de forma incisiva aos seus interlocutores, convocando-os a se libertarem daquela postura mental cristalizada. Por esse motivo, Jesus lhes indaga com veemência: “Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?”.

Ante o silêncio dos discípulos, passa então a explicar-lhes o significado do seu sofrimento, realizando um retrospecto histórico que começa com Moisés e todos os profetas.

E chegaram à aldeia para onde iam, e Ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e Ele desapareceu-lhes. E disseram um para o outro: Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras? E, na mesma hora, levantando-se, tornaram para Jerusalém, e acharam congregados os onze, e os que estavam com eles, os quais diziam: Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão. E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão (Lc 24:28-35).

Quando aprendemos exercitar a observação, percebemos que há um sentido maior nas coisas mais simples que fazem parte do cotidiano. Entendemos, assim, que uma sabedoria divina rege todas as manifestações relacionadas à existência do ser humano. Neste sentido, após ouvir o Senhor, criar com ele um elo de vibrações simpáticas e harmônicas, os dois discípulos chegam à aldeia, ao final do dia.

Estando em paz, insistem ao viajante desconhecido para permanecerem juntos, compartilhando a refeição.

Outra lição valiosa diz respeito à necessidade gregária inerente ao ser humano, sobretudo quando o gregarismo resulta da livre escolha. A atmosfera espiritual reinante ao final da jornada era completamente diferente de quando esta foi iniciada. Envolvidos, assim, numa vibração de paz, o Senhor senta com eles à mesa, aceitando e compreendendo a extensão do convite que lhe era feito. Chegara, pois, o momento de sair do anonimato e revelar-se aos discípulos. Dessa forma, utiliza um gesto bastante conhecido, assim expresso por Lucas: “Tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu”. Não se tratava, evidentemente de uma gesticulação mecânica, sem propósito, mas de uma marca capaz de identificar o Cristo: a bênção do pão. Retirando o bloqueio mental que os impedia de ver com lucidez, reconheceram que Jesus estivera com eles o tempo todo. Essa situação se repete conosco, Espíritos em processo evolutivo: nem sempre reconhecemos a presença do Senhor ao nosso lado, nem sempre entendemos a sua mensagem.

A linguagem do Cristo sempre se afigurou a muitos aprendizes indecifrável e estranha. [...] Isso ocorre a muitos seguidores do Evangelho, porque se utilizam da força mental em outros setores. Creem vagamente no socorro celeste, nas horas de amargura, mostrando, porém, absoluto desinteresse ante o estudo e ante a aplicação das leis divinas. [...] Registram os chamamentos do Cristo, todavia, algemam furiosamente a atenção aos apelos da vida primária. Percebem, mas não ouvem. Informam-se, mas não entendem. Nesse campo de contradições, temos sempre respeitáveis personalidades humanas e, por vezes, admiráveis amigos. Conservam no coração enormes potenciais de bondade, contudo, a mente deles vive empenhada no jogo das formas perecíveis. São preciosas estações de serviço aproveitáveis com o equipamento, porém, ocupado em atividades mais ou menos inúteis. Não nos esqueçamos, pois, de que é sempre fácil assinalar a linguagem do Senhor, mas é preciso apresentar-lhe o coração vazio de resíduos da Terra, para receber-lhe, em espírito e verdade, a palavra divina.¹⁰

Somente após a bênção do pão, foi que “abriram-se-lhes então os olhos. E o conheceram, e ele desapareceu-lhes.”

É surpreendente o fato de Jesus desaparecer no momento em que é identificado pelos companheiros de viagem. Entendemos, porém, que

Jesus agiu assim porque o seu trabalho de auxílio junto aos peregrinos da estrada de Emaús tinha sido concluído. “Desapareceu-lhes” porque o momento não era mais de instrução, de orientação, de estímulo e de apaziguamento.

Felizes e abençoados pelo encontro com o Mestre, retornam, de imediato, a Jerusalém para testemunharem aos demais cristãos a ressurreição de Jesus.

Por onde formos, Jesus, Mestre silencioso, nos chama ao testemunho da lição que aprendemos. Nas menores experiências, no trabalho ou no lazer, no lar ou na via pública, eis que nos convida ao exercício incessante do bem. Nesse sentido, o discípulo do Evangelho encontra no mundo o santuário de sua fé e na humanidade a sua própria família. Assinalando, pois, a norma cristã, como inspiração para todas as lides cotidianas, ouçamos a palavra do Senhor em todos os ângulos do caminho, procurando segui-lo com invariável fidelidade, hoje e sempre.¹¹

Referências

1. KARDEC. Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 76 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segunda parte, cap. 6, item 100/6.ª, letra “a”, p. 131.
2. _____. _____. Item100/7.ª, p. 131-132.
3. _____. _____. Item100/21.ª, p. 136.
4. _____. _____. Item101, p. 139.
5. _____. _____. Item 102, p. 139-140.
6. _____. _____. Item 104, p. 141-142.
7. READER’ DIGEST. *Quem é quem na bíblia: enciclopédia biográfica ilustrada*. Tradução de Jaime Clasen. [et al]. Rio de Janeiro: 2005, p. 65 (verbete Cléofas).
8. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. Crer e crer, p. 207-208.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 95 (O amigo oculto), p. 205-206.
10. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 48 (Diante do Senhor), p. 117-118.
11. _____. _____. Cap. 153 (Ouçamos), p. 376.
12. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 129 (Ao partir do pão), p. 273.

Orientações ao monitor

O estudo deve ser conduzido de tal forma que possibilite, aos participantes, realizarem análises espíritas reflexivas sobre: ressurreição, aparições de Jesus, após a sua crucificação, acontecimentos ocorridos na estrada de Emaús etc.

EADE LIVRO II | MÓDULO VI

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 1

A PESCA MARAVILHOSA

Objetivos

- » Explicar o significado da pesca maravilhosa à luz do conhecimento espírita.

Ideias principais

- » Nada existe de surpreendente na pesca maravilhosa quando se conhece as causas que a originaram. *A prodigiosa força espiritual de Jesus, sua grande autoridade, os seus inúmeros auxiliares que no invisível punham em ação a sua palavra, todos esses elementos, sós ou reunidos explicam muito bem a reunião dos peixes em determinado lugar, para que as redes se enchessem, e o efeito desse fenômeno calasse no ânimo de seus discípulos.* Cairbar Schutel: *O espírito do cristianismo*. Cap. 6.
- » *O [...] Espírito humano é um “pescador” dos valores evolutivos, na escola regeneradora da Terra. A posição de cada qual é o “barco”. Em cada novo dia, o homem se levanta com a sua “rede” de interesses.* Emmanuel: *Caminho, verdade e vida*. Cap. 21.

Subsídios

1. Texto evangélico

E, entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco à multidão. E, quando acabou de falar, disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas, lançarei a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede. E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique. E, vendo isso Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador. Pois que o espanto se apoderara dele e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca que haviam feito (Lc 5:3-9).

Os fatos narrados nesse texto evangélico aconteceram pouco tempo depois da morte de João Batista.

E Jesus começa a trabalhar. Antes de tudo, cerca-se de cooperadores. Devemos admirar nesta passagem a humildade de Jesus: Ele, o Espírito excelso, convida modestos colaboradores para a sua obra grandiosa. Assim nos adverte que, em quaisquer setores de atividades, todo trabalho exige cooperação. Os apóstolos eram elevados Espíritos encarnados com a missão de ajudarem Jesus. Por conseguinte, estavam em condições de compreenderem o trabalho que Jesus lhes confiaria. Esses missionários, escolhidos por Jesus quando ainda estavam no mundo espiritual, seriam os primeiros depositários do Evangelho. E quando Jesus partisse, deles se irradiaria o movimento de evangelização da humanidade.²

2. Interpretação do texto evangélico

E entrando num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, assentando-se, ensinava do barco à multidão. E, quando acabou de falar, disse a Simão: faze-te ao mar alto, e lançaí

as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas, lançarei a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes, e rompia-se-lhes a rede. E fizeram sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique (Lc 5:3-7).

O povo cercava Jesus, atraído pelo magnetismo do seu verbo e cativado pelas amorosas vibrações da sua personalidade iluminada.

Diz Lucas que, assediado pelas multidões que pretendiam detê-lo para que não as deixasse mostrou-lhes a necessidade que tinha de pregar o Evangelho do reino de Deus também em outras cidades; mas, oprimido por essa multidão, quando se achava na praia do Lago de Genesaré, provavelmente o Tiberíades, que era atravessado pelo Rio Jordão, entrou na barca de Simão e pediu a este humilde pescador que a afastasse um pouco da terra. Então, mais livre do povo, dali ensinava a multidão. [...] Pedro, bem como seus sócios Tiago e João, [...] não eram capazes de imaginar que, sob as ordens daquele moço, fosse possível, após insana lida, durante uma noite inteira de atirar redes, sem colherem peixe algum, essas redes encheram-se por encanto, a ponto de ser preciso chamar outros companheiros que estavam em outra barca para auxiliá-los a puxá-las para terra, pois se rompiam ao peso de tantos peixes. [...] A prodigiosa força espiritual de Jesus, sua grande autoridade, os seus inúmeros auxiliares que no invisível punham em ação a sua Palavra, todos esses elementos, sós ou reunidos, explicam muito bem a reunião dos peixes em determinado lugar, para que as redes se enchessem, e o efeito desse fenômeno calasse no ânimo de seus discípulos.³

A pesca maravilhosa nada tem de surpreendente nem de miraculoso, “[...] desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade. Jesus a possuía em grau elevado e pode dizer-se que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande número de atos da sua vida [...]”¹

Examinando, de perto, esse texto evangélico percebe-se que, num primeiro momento, o apóstolo Pedro se revelou descrente quanto à possibilidade de encontrar peixes, uma vez que ele e os seus companheiros, passaram a noite trabalhando e nada obtiveram. Mas em razão da confiança depositada no Mestre, atende-lhe a orientação e lança as redes no local indicado, obtendo surpreendente êxito.

A atitude de Pedro revela características marcantes de sua personalidade: trata-se de um trabalhador incansável, que não teme assinalar as dificuldades enfrentadas (informa ao Mestre que passara toda a noite trabalhando no mar e nada pescara), mas que se revela extremamente obediente, pronto para cumprir instruções, vindas de uma autoridade superior. Na verdade, percebe-se que no íntimo do seu coração, o venerável servidor aguardava o auxílio de Deus.

As orientações precisas de Jesus ao apóstolo foram: “faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar”. São instruções que nos conduzem a outras reflexões, conforme assinala o benfeitor Emmanuel:

Este versículo nos leva a meditar nos companheiros de luta que se sentem abandonados na experiência humana. [...] Em surgindo, pois, a tua época de dificuldade, convence-te de que chegaram para tua alma os dias de serviço em “mar alto”, o tempo de procurar os valores justos, sem o incentivo de certas ilusões da experiência material. Se te encontras sozinho, se te sentes ao abandono, lembra-te de que, além do túmulo, há companheiros que te assistem e esperam carinhosamente. O Pai nunca deixa os filhos desamparados, assim, se te vês presentemente sem laços domésticos, sem amigos certos na paisagem transitória do Planeta, é que Jesus te enviou a pleno mar da experiência, a fim de provares tuas conquistas em supremas lições.⁷

Há um outro ponto que merece destaque: é comum encontrarmos referências à pesca, ao mar e a barcos em alguns textos evangélicos. Representam simbolismos, assim interpretados pelo Espírito Emmanuel:

Figuradamente, o Espírito humano é um “pescador” dos valores evolutivos, na escola regeneradora da Terra. A posição de cada qual é o “barco”. Em cada novo dia, o homem se levanta com a sua “rede” de interesses.⁶

Da nossa parte, vemos que o tempo passa e continuamos em nossos “barcos”, operando “no mar da vida” com maior ou menor sucesso, segundo a posição a que nos ajustamos no contexto evolutivo. No entanto, é bom não esquecer que a qualquer momento Jesus pode requisitar o nosso barco, tal como faz ao de Simão, e nos conduzir ao mar alto para, ali, realizarmos a pescaria de valores eternos.

Nos “barcos” que nos situamos estão depositados os recursos que dispomos para a realização da nossa transformação espiritual. O cristão sincero, o espírita dedicado, se esforça para, todos os dias,

lançar as “redes” de interesses renovados no bem no imenso mar da existência. Dessa forma, é necessário enriquecê-los, entre outros, com os valores da inteligência, da família, das amizades, das relações sociais, dos recursos profissionais.

E, vendo isso Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador. Pois que o espanto se apoderara dele e de todos os que com ele estavam, por causa da pesca que haviam feito (Lc 5:8-9).

Se Pedro não tivesse atendido à orientação do Mestre, possivelmente não teria acontecido a pesca que passou à posteridade como maravilhosa. Da mesma forma, sabendo aproveitar as inúmeras oportunidades que nos são cotidianamente concedidas pelo Alto, evitamos o curso de acontecimentos nefastos que poderiam nos assaltar a existência. Neste sentido, conforme o trabalho que devemos realizar, ora buscamos as águas rasas e calmas da praia ora as mais profundas e agitadas do mar alto.

Destaca o texto, o gesto de gratidão de Pedro. Reconhecido pelas bênçãos recebidas, prostra-se aos pés de Jesus, humilde, reconhecendo-se como criatura pecadora. São outras facetas da personalidade do apóstolo que se revelam naturalmente: gratidão e humildade. Não foi por acaso que ele se transformou na pedra angular da Doutrina Cristã. Assim, é oportuno destacar, o conselho que Jesus transmitiu a Zebedeu, pai de Tiago e João:

“Em verdade” replicou o Mestre, “a mensagem da Boa-Nova é excelente para todos; contudo, nem todos os homens são ainda bons e justos para com ela”. É por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e é ainda por isso que deixarei o júbilo e a energia como as melhores armas aos meus discípulos. Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um glorioso campo de batalha. Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé.⁵

É importante desenvolvermos a capacidade de discernimento, tal como aconteceu ao apóstolo Pedro, não se deixando sucumbir pelos insucessos que ocorrem na nossa existência. Imaginamos como foi grande o desapontamento quando, após uma noite de intenso labor, nada pescou que pudesse garantir a subsistência própria e a dos familiares e amigos. Supomos também o quanto a sua alma se encheu de júbilo, após seguir as instruções de Jesus, e obter tão rica pescaria.

Quantas vezes, procuramos a paz, experimentando a tortura do sedento que anseia pela glória. Em momentos assim, o passo mais expressivo será sempre a nossa incondicional rendição a Deus, cuja sabedoria nos guiará no rumo da tranquilidade operosa e tonificante. Imperioso pensar nisso, porque frequentemente surgem no cotidiano crises inesperadas que se nos envolvem na vida mental, à feição de problemas classificados por insolúveis no quadro das providências divinas. [...] Todos nós, os Espíritos em evolução no Planeta, somos ainda humanos e, nessa condição, nem sempre conseguimos em nós mesmos a energia suficiente para a superação de nossas deficiências... [...] Nenhum de nós está órfão de amparo e socorro, luz e bênção, porque ainda mesmo fracassem todas as nossas forças, na direção do bem para o desempenho de nossas obrigações, muito acima de nós e muito acima de nossos recursos limitados e frágeis, temos Deus.⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15, item 9, p. 314.
2. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 16. ed. São Paulo: Pensamento, 2004. Cap. 4 (A tentação de Jesus), p. 25.
3. SCHUTEL, CAIRBAR. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. Cap. 6 (A pesca maravilhosa), p. 63-64.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: Pensamento, 2006. Cap. 20 (Acima de nós), p. 49-50.
5. _____. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (A família Zebedeu), p. 35-36.
6. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21 (Caminhos retos), p. 58.
7. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 21 (Mar alto), p. 57-58.

Orientações ao monitor

Analisar o texto evangélico por meio de uma discussão circular, destacando, ao final, o significado espírita da “pesca maravilhosa”.

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 2

AS BODAS DE CANÁ

Objetivos

- » Explicar a importância das bodas de Caná para o Cristianismo, segundo a ótica espírita.

Ideias principais

- » *É digno de nota o [...] comparecimento do Mestre com sua família e seus discípulos numa festa de bodas. Com esse ato de presença, quis Ele exemplificar aos seus discípulos o caráter social da sua Doutrina, que deveria ser ensinada em toda a parte e não, somente, em templos especializados para tal fim. Cairbar Schutel. O espírito do cristianismo. Cap. 48.*
- » *Jesus afirma que [...] as bodas de Caná foram um símbolo da nossa união na Terra. O vinho, ali, foi bem o da alegria com que desejo selar a existência do reino de Deus nos corações. Humberto de Campos: Boa nova. Cap. 12.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galileia; e estava ali a mãe de Jesus. E foram também convidados Jesus e os seus discípulos para as bodas. E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe disse aos empregados: Fazei tudo quanto Ele vos disser.

E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas. Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. E disse-lhes: Tirai agora e levai ao mestre-sala. E levaram. E, logo que o mestre-sala provou a água feita vinho (não sabendo de onde viera, se bem que o sabiam os empregados que tinham tirado a água), chamou o mestre-sala ao esposo. E disse-lhe: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então, o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho. Jesus principiou assim os seus sinais em Caná da Galileia e manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. (Jo 2:1-11.)

As bodas de Caná, ocorridas numa cidade da Galileia, apresentam características especiais. Uma delas é a transformação da água em vinho, realizada por Jesus, outra foi o início da pregação evangélica do Mestre nessa festa.

Kardec destaca também que, a despeito de Jesus ter modificado a estrutura química da água, ser tal fato considerado milagroso, não foi citado pelos demais evangelistas, mas apenas por João.

Este milagre [...] é apresentado como o primeiro que Jesus operou e, nessas condições deveria ter sido um dos mais notados. Entretanto, bem fraca impressão parece haver produzido, pois que nenhum outro evangelista dele trata. Fato tão extraordinário era para deixar espantados, no mais alto grau, os convivas e, sobretudo, o dono da casa, os quais, todavia, parece que não o perceberam. Considerado em si mesmo, pouca importância tem o fato, em comparação com os que, verdadeiramente, atestam as qualidades espirituais de Jesus.¹

2. Interpretação do texto evangélico

E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galileia; e estava ali a mãe de Jesus. E foram também convidados Jesus e os seus discípulos para as bodas. E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora. Sua mãe disse aos empregados: Fazei tudo quanto Ele vos disser (Jo 2:1-5).

Admitido [...] que as coisas hajam ocorrido, conforme foram narradas, é de notar-se seja esse, de tal gênero, o único fenômeno que se tenha produzido. Jesus era de natureza extremamente elevada, para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então, o teria nivelado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe granjeariam mais adeptos, do que as que facilmente passariam por fruto de grande habilidade e destreza. Se bem que, a rigor, o fato se possa explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que houvesse, como o magnetismo oferece muitos exemplos, mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho, pouco provável é se tenha verificado semelhante hipótese, dado que, em tal caso, a água, tendo do vinho unicamente o sabor, houvera conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado. [...] Provavelmente, durante o repasto, terá ele aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento. Justificam esta opinião as palavras que a respeito lhe dirige o mordomo: “Toda gente serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, guardas até agora o bom vinho”¹

Os fenômenos psíquicos são, em geral considerados milagrosos ou sobrenaturais, por não se conhecerem as causas que os produzem. Incluem-se nesse grupo os prodígios realizados por Jesus. Efetivamente, são fenômenos inusitados que despertam a atenção das pessoas. Entretanto, um estudo minucioso consegue explicá-los, subtraindo, assim, o aspecto de derrogação das leis naturais. O progresso científico vem contribuindo para elucidar muitos fatos que foram considerados milagres.

Ninguém nega que fenômenos servem para acordar a mente, contudo, é imperioso reconhecer que as criaturas humanas, na experiência diária, comunicam-se umas com as outras, através de montanhas deles sem a mínima comoção. Eis os motivos pelos quais os Espíritos superiores, conscientes da responsabilidade que abraçam colocarão

sempre os fenômenos em última plana no esquema das manifestações com que nos visitam. Assim procedem porque a curiosidade inerte ou deslumbrada não substitui o serviço e o serviço é a única via que nos faculta crescimento e elevação, compelindo-nos a estudar para progredir e a evoluir para sublimar.⁵

A Doutrina Espírita, aliada aos avanços da Ciência, apresenta explicações lógicas a respeito dos prodígios operados por Jesus. Importa considerar que os “[...] fenômenos podem ajudar na elaboração da fé, porque ensinam a observação da vida espiritual, constatando a sua realidade, permitindo adquirir conhecimentos sobre ela.”³

Retratando alguns aspectos ocorridos nas bodas de Caná, vemos que o início da pregação do Senhor foi marcada por um momento de expressiva alegria. Acreditamos que Jesus escolheu de forma proposital o momento. É como se o Mestre quisesse nos dizer que o aprendizado evangélico deva ocorrer num clima de união, de júbilos fraternos.

É digno de nota o [...] comparecimento do Mestre com sua família e seus discípulos numa festa de bodas. Com esse ato de presença, quis Ele exemplificar aos seus discípulos o caráter social da sua Doutrina, que deveria ser ensinada em toda a parte e não, somente, em templos especializados para tal fim.⁴

A presença de familiares e de amigos próximos nas bodas, como assinalam as frases “estava ali a mãe de Jesus” e “foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas”, indicam que os acontecimentos e a mensagem que o Cristo trazia marcariam a reunião com um sentido muito especial, capaz de tanger os meandros sutis do sentimento puro.

Vemos, de um lado, Jesus, o Mestre por excelência, modelo e guia da humanidade e, de outro, seus familiares e discípulos, vinculados ao seu coração, mas prontos para recolher informações que redundariam em experiências e testemunhos futuros.

Devemos considerar a maneira humilde de Jesus, a despeito da excelssitude do seu Espírito.

Sim, o Cristo não passou entre os homens como quem impõe. Nem como quem determina. Nem como quem governa. Nem como quem manda. Caminhou na Terra à feição de servidor. Legou-nos o Evangelho da vida, escrevendo-lhe a epopeia no coração das criaturas.⁸

A frase de Maria: “E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: não têm vinho”, revela os cuidados que as almas gentis têm para com as pessoas. Maria simboliza também a abençoada representante do sentimento reto, a mãe e inspiradora da mensagem do Cristo, no mundo. Representa o berço geratriz das mais belas iniciativas, do sentimento enobrecido, destituído de interesses pessoais, que age em sintonia com o pensamento superior.

Maria de Nazaré, uma mulher simples e da mais humílima condição social, foi uma das figuras mais salientes no processo de revelação do Cristianismo. (É inegável que a sua missão teve um cunho relevante, alcançando a magnitude que, ainda agora), [...] a sua figura excelsa se impõe à veneração de toda a humanidade, motivo pelo qual muitas religiões da Terra passaram denominá-la “Rainha do Céu”, “Mãe Santíssima”, “Virgem Maria”, “Nossa Senhora”, além de toda uma gama de qualificativos. Servindo de dócil instrumento da vontade de Deus, ela contribuiu, como Espírito, para o grandioso quadro de revelação do Cristianismo à humanidade sofredora, fato que representou uma das mais sublimes dádivas vinda dos Céus.²

O vinho era uma bebida que fazia parte da cultura judaica e da maioria dos povos da Antiguidade, assim como nos tempos contemporâneos. O que causa espanto na narrativa evangélica, porém, não foi o anúncio de Maria de que o vinho acabara, mas a forma como Jesus lhe respondeu, segundo os registros de João: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”.

Analisada esta citação, exclusivamente na letra, entendem muitos (inclusive alguns espíritas) que Jesus teria destrutado a sua mãe. Cairbar Schutel emite a seguinte opinião:

Entretanto, não cremos que a troca de palavras entre Jesus e sua extremosa mãe fosse tal como se acha registrada na versão evangélica. Sabemos perfeitamente quanto as traduções deformam e desnaturam as narrativas. E, quando pensamos que os Evangelhos passaram por várias traduções, a juízo dos tradutores, inscientes às mais das vezes do pensamento íntimo dos seus autores, mais nos convencemos de que as Escrituras não podem mesmo ser estudadas de relance, nem tomadas ao pé da letra. Quantas vezes deixamos de encontrar, num idioma, uma palavra que exprima exatamente o que outra exprime em outro idioma! Jesus não usou de aspereza com sua mãe; pelo

contrário, a troca de ideias entre ambos não podia realizar-se sem a máxima cordialidade e respeito. ⁴

A segunda resposta de Jesus a Maria, “ainda não é chegada a minha hora”, pode ser uma alusão que Jesus fez à hora de transformação espiritual que iria ocorrer-lhe. Hora que seria marcada por testemunhos sacrificiais, em razão do processo de total doação à humanidade que tutelava e tutela.

Atestamos que no breve diálogo ocorrido entre Jesus e a sua mãe estabeleceu-se perfeita sintonia entre ambos: a mãe intercede junto ao filho que tem poder superior, o filho argumenta e esclarece, mas, ao influxo de sentimentos elevados e sublimes, na esteira do amor legítimo, acontece perfeito entendimento. Maria então, dirige-se aos empregados e diz: “Fazei tudo quanto Ele vos disser”.

O Evangelho é roteiro iluminado do qual Jesus é o centro divino. Nessa Carta da Redenção, rodeando-lhe a figura celeste, existem palavras, lembranças, dádivas e indicações muito amadas dos que lhe foram legítimos colaboradores no mundo. [...] temos igualmente, no Documento Sagrado, reminiscências de Maria. Examinemos suas preciosas palavras em Caná, cheias de sabedoria e amor materno. [...] Em verdade, o versículo do apóstolo João não se refere a paisagens dolorosas. O episódio ocorre numa festa de bodas, mas podemos aproveitar-lhe a sublime expressão simbólica. Também nós estamos na festa de noivado do Evangelho com a Terra. Apesar dos quase vinte séculos decorridos, o júbilo ainda é de noivado, porquanto não se verificou até agora a perfeita união... Nesse grande concerto da ideia renovadora, somos serventes humildes. Em muitas ocasiões, esgota-se o vinho da esperança. Sentimo-nos extenuados, desiludidos... Imploramos ternura maternal e eis que Maria nos responde: *Fazei tudo quanto Ele vos disser*. O conselho é sábio e profundo e foi colocado no princípio dos trabalhos de salvação. Escutando semelhante advertência de Mãe, meditemos se realmente estaremos fazendo tudo quanto o Mestre nos disse.⁷

E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam duas ou três metretas. Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. E disse-lhes: Tirai agora e levai ao mestre-sala. E levaram. E, logo que o mestre-sala provou a água feita vinho (não sabendo de onde viera, se bem que o

sabiam os empregados que tinham tirado a água), chamou o mestre-sala ao esposo. E disse-lhe: Todo homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então, o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho. Jesus principiou assim os seus sinais em Caná da Galileia e manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele (Jo 2:6-11).

Temos atualmente muitas informações a respeito da *transmutação* de elementos. Para a Física e a Química, transmutação é a conversão de um elemento químico em outro. Entretanto, desde os tempos imemoriais há relatos sobre o assunto. A alquimia acreditava ser possível a transmutação através de reações químicas, principalmente, a partir do momento que se percebeu que a densidade do ouro e do chumbo eram muito semelhantes. Os alquimistas tentaram transmutar os metais inferiores em ouro.

A partir da descoberta do átomo — considerado a menor porção que existe e que pode ser reduzida a um único elemento químico, mantendo-se as suas propriedades físico-químicas elementares —, longo período de tempo foi necessário para que o homem tivesse domínio do processo. A transmutação tem como princípio a *fissão nuclear* dos átomos que se transformam em novos elementos de números atômicos inferiores, até que os seus núcleos se tornem estáveis (geralmente adquirindo a estabilidade do chumbo). Há produção de radioatividade durante a fissão atômica.

A transmutação pode também ser entendida no sentido espiritual, ou seja, a mudança de um estado inferior para um estado espiritualmente superior.

À luz do entendimento científico atual, podemos afirmar que a transformação da água em vinho foi um processo de transmutação. Percebemos que essa transformação ocorreu perante a circunstância de existir a água usada nas purificações dos rituais judaicos. Deveria ser uma água mais pura, livre de impurezas. O Mestre teria agido, atuando diretamente nas moléculas de água.

O Espírito Humberto de Campos nos transmite preciosos ensinamentos a respeito do significado da transmutação realizada por Jesus, a qual teve um propósito maior, de natureza espiritual, tão natural que, além de ter sido captado apenas por João Evangelista, possivelmente não tenha causado impacto aos circunstantes. Acompanhemos atentamente o diálogo que se segue, ocorrido entre o Mestre e o apóstolo Pedro.

O manto da noite caía de leve sobre a paisagem de Cafarnaum e Jesus, depois de uma das grandes assembleias populares do lago, se recolhia à casa de Pedro em companhia do apóstolo. [...] Simão, no entanto, ia pensativo como se guardasse uma dúvida no coração. Inquirido com bondade pelo Mestre, o apóstolo esclareceu: “Senhor, em face dos vossos ensinamentos, como deveremos interpretar a vossa primeira manifestação, transformando a água em vinho, nas bodas de Caná? Não se tratava de uma festa mundana? O vinho não iria cooperar para o desenvolvimento da embriaguez e da gula?” Jesus compreendeu o alcance da interpelação e sorriu.

“Simão” disse Ele, “conheces a alegria de servir a um amigo?” Pedro não respondeu, pelo que o Mestre continuou: “As bodas de Caná foram um símbolo da nossa união na Terra. O vinho, ali, foi bem o da alegria com que desejo selar a existência do reino de Deus nos corações. Estou com os meus amigos e amo-os a todos. Os afetos da alma, Simão, são laços misteriosos que nos conduzem a Deus. Saibamos santificar a nossa afeição, proporcionando aos nossos amigos o máximo da alegria; seja o nosso coração uma sala iluminada onde eles se sintam tranquilos e ditosos. Tenhamos sempre júbilos novos que os reconfortem, nunca contaminemos a fonte de sua simpatia com a sombra dos pesares! As mais belas horas da vida são as que empregamos em amá-los, enriquecendo-lhes as satisfações íntimas.[...]”

E com o olhar absorto na paisagem crepuscular, onde vibravam sutis harmonias, Jesus ponderou, profeticamente:

“O vinho de Caná poderá, um dia, transformar-se no vinagre da amargura; contudo, sentirei, mesmo assim, júbilo em sorvê-lo, por minha dedicação aos que vim buscar para o amor do Todo-Poderoso”. Simão Pedro, ante a argumentação consoladora e amiga do Mestre, dissipou as suas derradeiras dúvidas, enquanto a noite se apoderava do ambiente, ocultando o conjunto das coisas no seu leque imenso de sombras.⁶

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 15, item 47, p. 337-338.
2. GODOY, Paulo Alves. *O evangelho por dentro*. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1992. Cap. 3 Personagens centrais do evangelho, p. 24.

3. OLIVEIRA, Therezinha. *Estudos espíritas do evangelho*. 3. ed. Capivari: EME, 1997. Unidade 4, cap. 22 (Os feitos de Jesus), item 6: fenômenos e entendimento, p. 208.
4. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. Cap. 48 (As bodas de Caná), p. 255.
5. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 5. ed. Uberaba: CEC, 1982. Cap. 31 (Fenômenos e nós – mensagem de André Luiz), p. 109-110.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 12 (Amor e renúncia), p. 81-83.
7. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 171 (Palavras de mãe), p. 357-358.
8. _____. *Segue-me*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. Matão: O Clarim. Capítulo: O grande servidor, p. 87.

Orientações ao monitor

Fazer um estudo reflexivo das bodas de Caná e o significado do acontecimento para o Cristianismo, à luz do entendimento espírita.

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 3

A TEMPESTADE ACALMADA

Objetivos

- » Analisar o significado espírita da tempestade acalmada, registrada pelo evangelista Marcos (Mc 4:35-41).

Ideias principais

- » A tempestade acalmada é uma passagem evangélica que tem dois enfoques fundamentais: ação de Jesus sobre os elementos da natureza e o valor da fé.
- » *Os [...] fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acham hoje completamente demonstrados pelo magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais.* Allan Kardec: *Obras póstumas*. Primeira parte, p. 125-126.
- » A fé é um sentimento que pode ser desenvolvido, utilizando a força da vontade, do conhecimento e das virtudes. Sendo assim, a [...] *alma humana, neste vinte séculos de Cristianismo, é uma consciência esclarecida pela razão, em plena batalha pela conquista dos valores iluminativos.* Emmanuel: *Fonte viva*. Cap. 25.
- » *No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que*

desabrochem e cresçam [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XIX, item 12.

Subsídios

1. Texto evangélico

E, naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes: Passemos para a outra margem. E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia também com ele outros barquinhos. E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água. E Ele estava na popa dormindo sobre uma almofada; e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos?

E Ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança. E disse-lhes: Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé? E sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: Mas quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem? (Mc 4:35-41).

O texto evangélico apresenta duas ordens de ideias: a tempestade que foi controlada pelo Cristo e a importância da fé.

A tempestade acalmada é mais um dos prodígios existentes no Evangelho. Podemos interpretar o ocorrido de duas maneiras: ação direta de Jesus sobre o fenômeno atmosférico “repreendendo o vento” ou por intermédio dos Espíritos ligados à natureza que, ouvindo-o, atenderam à sua solicitação. De qualquer forma, porém, sabemos que não ocorreu um milagre, por mais insólito que o fato pareça.

Deixa [...] de ser milagre um fato, desde que possa explicar-se e que se ache ligado a uma causa conhecida. Desse modo foi que as descobertas da Ciência colocaram no domínio do natural muitos efeitos que eram qualificados de prodígios, enquanto se lhes desconheciam as causas. Mais tarde, o conhecimento do princípio espiritual, da ação dos fluidos sobre a economia geral, do mundo invisível dentro do qual vivemos, das faculdades da alma, da existência e das propriedades do perispírito, facultou a explicação dos fenômenos de ordem psíquica, provando que esses fenômenos não constituem, mais do que os outros,

derrogações das leis da natureza, que, ao contrário, decorrem quase sempre de aplicações destas leis. [...]

A possibilidade da maioria dos fatos que o Evangelho cita como operados por Jesus se acha hoje completamente demonstrada pelo magnetismo e pelo Espiritismo, como fenômenos naturais. Pois que eles se produzem às nossas vistas, quer espontaneamente, quer quando provocados, nada há de anormal em que Jesus possuísse faculdades idênticas às dos nossos magnetizadores, curadores, sonâmbulos, videntes, médiuns etc. Do momento em que essas mesmas faculdades se encontram, em diferentes graus, numa multidão de indivíduos que nada têm de divino, até em heréticos e idólatras, elas não implicam, de maneira alguma, a existência de uma natureza sobre-humana.⁷

A intervenção de Espíritos nos fenômenos da natureza acontece de forma intencional ou executando ordens superiores, como consta em *O livro dos espíritos*.⁵

Falanges de Espíritos em evolução trabalham ativamente, zelando pela manutenção dos reinos da natureza: o mineral, o vegetal e o animal. Os fenômenos atmosféricos também são presididos por plêiades de Espíritos, sob orientação superior, encarregados de manterem o equilíbrio planetário. Nem sempre compreendemos o porquê dos fenômenos, que muitas vezes causam verdadeiras calamidades em determinadas regiões do mundo. Mas o Espiritismo nos ensina que não há efeito sem causa. Por conseguinte, os fenômenos tais como: tempestades, terremotos, maremotos, inundações, são orientados por entidades espirituais, em obediência a desígnios divinos, visando o apressamento da evolução não só do Planeta, como também nas populações atingidas. Jesus aqui não fez milagre ao apaziguar a tempestade. Usou apenas de seu conhecimento das forças que regem o universo e de sua superioridade moral para ordenar aos orientadores invisíveis da atmosfera, que fizessem cessar a tempestade.⁸

2. Interpretação do texto evangélico

E, naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes: Passemos para a outra margem. E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia também com ele outros barquinhos. E levantou-se

grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água. E Ele estava na popa dormindo sobre uma almofada; e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos? (Mc 4:35-38)

A pessoa que se engaja consciente no processo de melhoria atende ao chamamento de renovação espiritual dos Espíritos orientadores. Sabe também adequar-se com firmeza e perseverança às convocações do plano maior, pela correta utilização do livre-arbítrio.

“Passemos para a outra banda” é uma expressão que, além de literalmente significar sair de um lado para outro, indica mudança de comportamento, sob o amparo do Cristo. Envolve a percepção de que sou a hora da necessária transformação espiritual. Independentemente dos desafios que a pessoa possa enfrentar, sente-se amparada por Jesus que lhe direciona a existência. A mudança de comportamento exige cuidados, assim como o processo de travessia implica riscos, ainda quando se navega em águas tranquilas.

A vontade imprime, neste sentido, papel relevante, permitindo que a criatura opere os mecanismos de progresso de forma consciente. Dessa forma, é necessário deixar a “multidão” de erros e equívocos para trás e levar junto a si, no “barco” da vida, o próprio Jesus. Medida que lhe será útil sobretudo quando a travessia de um estado evolutivo para outro se revele mais difícil.

O período atual por que passa a humanidade terrestre é marcado por uma época de significativa transição moral. Sendo assim, é de fundamental importância trazermos o Cristo na mente e no coração, a fim de que não venhamos a sucumbir sob o peso dos temporais e das ventanias morais que nos assaltam a existência.

A alma humana, neste vinte séculos de Cristianismo, é uma consciência esclarecida pela razão, em plena batalha pela conquista dos valores iluminativos.

O campo de luta permanece situado em nossa vida íntima.

Animalidade *versus* espiritualidade.

Milênios de sombras cristalizadas contra a luz nascente.

E o homem, pouco a pouco, entre as alternativas de vida e morte, renascimento no corpo e retorno à atividade espiritual, vai plasmando em si mesmo as qualidades sublimes, indispensáveis à ascensão, e que, no fundo, constituem as virtudes do Cristo, progressivas em cada um de nós.

Daí a razão de a graça divina ocupar a existência humana ou crescer dentro dela, à medida que os dons de Jesus, incipientes, reduzidos, regulares ou enormes nela se possam expressar.¹⁰

O registro de Marcos assevera que “havia também com ele outros barquinhos.” Quer dizer que a travessia espiritual de uma pessoa afeta, necessariamente, os que se encontram em sua órbita. Revela, igualmente, que todos os Espíritos são convocados a participar da grande transição, mesmo aqueles que possuem reduzidos recursos morais ou intelectuais.

A humanidade inteira é convocada ao crescimento espiritual. O chamamento é destinado, indiscriminadamente a todos os habitantes do planeta, independentemente do plano de vida em que se situem, porque, esclarecem os Espíritos superiores, são “[...] chegados os tempos, dizem-nos de todas as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para a regeneração da humanidade.”¹¹

Registra também o evangelista que durante a travessia, Jesus e os apóstolos foram surpreendidos por um “grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água.” Todos os navegantes estão sujeitos a esse tipo de risco, exigindo dos condutores conhecimento especializado. Da mesma forma, diante das mudanças previstas para a melhoria da humanidade, somos atingidos por convulsões sociais e por reações inferiores de muitos, provocadores de revoltas, vinganças, mágoas etc. São formas de resistência erguidas pelos Espíritos não sintonizados com a paz, por lhes serem escassos os conhecimentos espirituais.

As reações violentas dos indivíduos, somadas às situações de calamidades ocorridas na natureza — simbolizadas na frase “e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água” — fazem parte do quadro de provações que assolam o nosso planeta. É importante compreender que a humanidade passa, atualmente, por significativo processo de transição moral, caracterizado por provas coletivas e individuais.

O versículo 38 do texto em estudo, entretanto, informa que, a despeito do temporal e da forte ventania, Jesus dormia na popa do barco, sobre uma almofada. Para os desavisados, pode parecer desinteresse, ou alheamento total de Jesus às dificuldades vivenciadas pelos discípulos. Sendo inconcebível tal atitude no Cristo, o fato expressa algo de maior alcance. Na verdade, sendo o Senhor o Mestre por

excelência, não retirou dos apóstolos a oportunidade educativa de ensinar com acerto. O sono de Jesus é um exemplo de como devemos agir perante as situações calamitosas da vida: com calma, “dormindo” na certeza da fé em Deus, que nos agasalha, protegendo-nos das intempéries. Dormir, no significado expresso no texto, não deve ter a conotação de invigilância ou de descuido.

A falta ou escassez de fé tem colocado muitos “barcos” humanos à deriva. Entretanto, ainda que pareça paradoxal, são muitas vezes as situações periclitantes que despertam as pessoas para as realidades do Evangelho, clamando por Jesus (“E, despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos?”).

E Ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquietate. E o vento se aquietou, e houve grande bonança. E disse-lhes: Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé? E sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: Mas quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem? (Mc 4: 39-41).

A trama existente no texto evangélico nos faz supor que Jesus conduziu os apóstolos para uma situação desafiante, tendo em vista a necessidade de conhecer-lhes a capacidade de resolução de problemas, numa situação difícil, e aferir-lhes a dimensão da fé que possuíam.

No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade. [...] A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que se não chegue a vencer.⁴

Destaca-se, nesta mensagem, existente em *O evangelho segundo o espiritismo*, que a fé, tendo como instrumento a vontade, pode ser aperfeiçoada pela aquisição de conhecimentos e pelo desenvolvimento

de valores morais. A pessoa fortalecida pela fé imprime postura positiva no comportamento, servindo de exemplo a todos que lhe compartilham a existência.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, torna-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.²

A fé não deve, porém, ser entendida fora do seu verdadeiro sentido, alerta-nos, em boa hora, Allan Kardec.

Cumpra não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.³

Relata-nos o texto de Marcos que Jesus foi despertado pelos apóstolos e que o Mestre “repreendeu o vento e disse ao mar: cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou e houve grande bonança”. O primeiro ponto que se destaca nessa citação evangélica é a poderosa personalidade de Jesus que, agindo diretamente sobre os elementos da natureza, ou por intermédio dos Espíritos que os presidem, fez cessar a tempestade e a forte ventania. Subjetivamente, há outro ensinamento. Trata-se de buscar Jesus, em todas as ocasiões, sobretudo nos momentos mais desafiantes da vida, por ser ele o guia e modelo da humanidade.⁷

É comum que o “barco” da nossa existência seja, em diferentes instantes, açoitado pelas provações, simbolizadas pelos ventos e tempestades que nos relata o evangelista. Em tais momentos é importante estejamos preparados, armando-nos da couraça da fé, cientes da proteção do Senhor, a fim de que possamos responder às indagações de Jesus: “Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?”.

Perante as provações previstas no nosso quadro existencial, devemos nos manter firmes na fé, alimentando as forças morais e intelectuais que possuímos, erguendo barreiras morais que concedam segurança à existência.

Pela fé, o aprendiz do Evangelho é chamado, como Abraão, à sublime herança que lhe é destinada. A conscrição atinge a todos. O grande patriarca hebreu saiu sem saber para onde ia... E nós, por nossa vez, devemos erguer o coração e partir igualmente. Ignoramos as estações de contato na romagem enorme, mas estamos informados de que o nosso objetivo é Cristo Jesus. Quantas vezes seremos constrangidos a pisar sobre espinheiros da calúnia? Quantas vezes transitaremos pelo trilho escabroso da incompreensão? Quantos aguaceiros de lágrimas nos alcançarão o espírito? Quantas nuvens estarão interpostas, entre o nosso pensamento e o Céu, em largos trechos da senda?

Insolúvel a resposta.

Importa, contudo, marchar sempre, no caminho interior da própria redenção, sem esmorecimento. Hoje, é o suor intenso; amanhã, é a responsabilidade; depois, é o sofrimento e, em seguida, é a solidão... Ainda assim, é indispensável seguir sem desânimo. Quando não seja possível avançar dois passos por dia, desloquemo-nos para diante, pelo menos, alguns milímetros. Abre-se a vanguarda em horizontes novos de entendimento e bondade, iluminação espiritual e progresso na virtude.⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 48. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap.18, item 1, p. 401.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 19, item 3, p.300.
3. _____. _____. Item 4, p. 300.
4. _____. Item 12 (mensagem de um espírito protetor), p. 306-307.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 85. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 538, p. 273.
6. _____. _____. Questão 625, p. 308.
7. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 38. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte, Item: Estudos sobre a natureza do Cristo. Cap. 2 (Os milagres provam a divindade do Cristo?), p. 125-126.

8. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 16. ed. São Paulo: Pensamento, 2004. Cap. 8. Item: Jesus apazigua a tempestade, p. 69-70.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 3 (Na grande romagem), p. 19-20
10. _____. _____. Cap. 25 (Nos dons do Cristo), p. 67-68.

Orientações ao monitor

Analisar a ação de Jesus sobre os elementos da natureza e o valor da fé na condução da nossa vida.

ESTUDO APROFUNDADO DA DOUTRINA ESPÍRITA

Ensinos e Parábolas de Jesus – Livro II

EDIÇÃO	IMPRESSÃO	ANO	TIRAGEM	FORMATO
1	1	2013	5.000	18x25
1	2	2014	3.000	18x25
1	3	2015	1.000	18x25
1	4	2015	1.500	18x25
1	5	2016	4.000	17x25
1	6	2017	3.500	17x25
1	7	2018	1.200	17x25
1	8	2019	1.000	17x25
1	9	2019	2.000	17x25



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery - Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho - Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Elizabete de Jesus Moreira
Renata Alveti

Capa:

Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Luciano Carneiro de Holanda

Diagramação:

Rones José Silvano de Lima – www.bookebooks.com.br

Foto da Capa:

<http://www.istockphoto.com/kamisoka>

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com uma tiragem de 2 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 130x205 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 11,5/14,5 e os títulos em Zurich Cn BT 14/16,8. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*

Livro
III

Estudo
aprofundado da
Doutrina Espírita

Ensinos e parábolas de Jesus

parte 2



ESTUDO APROFUNDADO DA
DOUTRINA ESPÍRITA

ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas
ao estudo do aspecto religioso do Espiritismo

Livro III
Ensinos e parábolas de Jesus
Parte II

organizadora
Marta Antunes de Oliveira de Moura



Copyright © 2013 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 7ª impressão – 1,1 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-7328-772-1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira (Org.), 1946–

Estudo aprofundado da doutrina espírita: Ensinos e parábolas de Jesus – Parte II. Orientações espíritas e sugestões didático-pedagógicas direcionadas ao estudo do aspecto religioso do espiritismo / Marta Antunes de Oliveira Moura (organizadora). – 1. ed. – 7. imp. – Brasília: FEB, 2019.

V. 3; pt. 2; 335 p.; 25 cm

Inclui referências

ISBN 978-85-7328-772-1

1. Espiritismo. 2. Estudo e ensino. 3. Educação. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.00.00

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	7
<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Esclarecimentos</i>	11
Módulo I – Aprendendo com as profecias.....	15
Roteiro 1 – O consolador	17
Roteiro 2 – Ninguém é profeta em sua terra	27
Roteiro 3 – A pedra angular.....	37
Roteiro 4 – Sinais dos tempos.....	47
Roteiro 5 – Um rebanho e um pastor	57
Módulo II – Ensinos diretos de Jesus	65
Roteiro 1 – O jugo de Jesus	67
Roteiro 2 – A autoridade de Jesus	77
Roteiro 3 – A casa edificada sobre a rocha.....	85
Roteiro 4 – As moradas na casa do pai.....	93
Roteiro 5 – Impositivo da renovação.....	103
Roteiro 6 – Palavras de vida eterna.....	111
Roteiro 7 – O mandamento maior.....	119
Módulo III – Ensinos por parábolas.....	125
Roteiro 1 – O filho pródigo.....	127
Roteiro 2 – Os trabalhadores da vinha	139
Roteiro 3 – Os talentos	147
Roteiro 4 – As parábolas da figueira.....	161

Roteiro 5 – O credor incompassivo	169
Roteiro 6 – A festa das bodas.....	177
Roteiro 7 – O tesouro e a pérola.....	185
Roteiro 8 – A parábola do rico e de Lázaro	191
Roteiro 9 – O amigo importuno	199
Roteiro 10 – O poder da fé.....	207
Módulo IV – Aprendendo com as curas	219
Roteiro 1 – A cura da mulher que sangrava	221
Roteiro 2 – Ressurreição da filha de Jairo	229
Roteiro 3 – Obsessões espirituais	239
Roteiro 4 – Cura de cegueira	249
Roteiro 5 – Cura de hanseníase	259
Módulo V – Aprendendo com fatos cotidianos	267
Roteiro 1 – Marta, Maria e Maria de Magdala	269
Roteiro 2 – A mulher sirofenícia.....	279
Roteiro 3 – A vinda do reino	287
Módulo VI – Aprendendo com fatos extraordinários.....	295
Roteiro 1 – A ressurreição de Lázaro.....	297
Roteiro 2 – A multiplicação de pães e peixes.....	309
Roteiro 3 – Jesus caminha sobre as águas	319
Roteiro 4 – A transfiguração de Jesus.....	327

APRESENTAÇÃO

Em sequência ao estudo EADE, colocamos à disposição do Movimento Espírita, o terceiro livro do Curso: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 2.

O assunto não se esgota na publicação deste material, uma vez que o Evangelho nos oferece uma riqueza inesgotável de aprendizados: cada versículo, cada expressão, cada frase proferida pelo Cristo é motivo para reflexão e análise aprofundada.

Uma só existência reencarnatória se revela insuficiente para apreender as sublimes lições que Jesus nos legou. Outras tantas são necessárias para colocá-las em prática.

Contudo, o estudo dos ensinamentos evangélicos, à luz da Doutrina Espírita, é uma feliz oportunidade que devemos aproveitar, tendo em vista a urgente necessidade da nossa transformação moral.

Brasília (DF), janeiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a Honório Onofre Abreu (1930–2007), valoroso trabalhador espírita e amigo querido que, no Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, elaborou o programa e os textos dos livros II e III – Ensinos e Parábolas de Jesus, partes 1 e 2, analisados à luz da Doutrina Espírita.

Somos tomados por profundas e felizes emoções quando, voltando ao passado, recordarmos os primeiros contatos com Honório e a sua imediata aceitação em realizar o trabalho. Por dois anos consecutivos, de 2003 a 2005, estabeleceu-se entre nós fraterna convivência, período em que tivemos a oportunidade de aprender estudar o Evangelho de Jesus, ampliando o entendimento do assunto que extrapola interpretações literais ainda comuns, inclusive no meio espírita.

Conviver com Honório foi, efetivamente, uma jornada de luz. Ele não foi apenas um simples interpretador do Evangelho, causa a que se dedicou ao longo da última existência. Realizava a tarefa com simplicidade, conhecimento e sabedoria que encantavam os ouvintes, independentemente do nível sociocultural que apresentassem. Contudo, importa destacar, efetivamente Honório soube vivenciar os ensinamentos de Jesus junto a todos os que foram convocados a compartilhar, direta ou indiretamente, a sua última reencarnação.

Dirigimos também o nosso agradecimento a outro amigo, Haroldo Dutra Dias, dedicado estudioso espírita do Evangelho, que transcreveu os textos gravados por Honório, adequando-os à linguagem escrita.

Brasília (DF), 29 de janeiro de 2013.

MARTA ANTUNES MOURA

ESCLARECIMENTOS

Organização e Objetivos do Curso

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) é um curso que tem como proposta enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, estudado de forma geral nos cursos de formação básica, usuais na Casa Espírita.

O estudo teórico da Doutrina Espírita desenvolvido no EADE está fundamentado nas obras da Codificação e nas complementares a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente por Jesus e por Allan Kardec.

Os conteúdos do EADE priorizam o conhecimento espírita e destaca a relevância da formação moral do ser humano. Contudo, sempre que necessário, tais as orientações são comparadas a conhecimentos universais, filosóficos, científicos e tecnológicos, presentes na cultura e na civilização da Humanidade, com o intuito de demonstrar a relevância e a atualidade da Doutrina Espírita.

Os objetivos do Curso podem ser resumidos em dois, assim especificados:

- » Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico.
- » Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano.

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita tem como público-alvo todos os espíritas que gostem de estudar, que desejam prosseguir nos seus estudos doutrinários básicos, realizando aprofundamentos de temas que conduzam à reflexão, moral e intelectual.

Neste sentido, o Curso é constituído por uma série de cinco tipos de conteúdos, assim especificados:

- » Livro I: Cristianismo e Espiritismo
- » Livro II: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 1
- » Livro III: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 2

- » Livro IV: O Consolador prometido por Jesus
- » Livro V: Filosofia e Ciência Espíritas

Fundamentos espíritas do curso

- » A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. [...]
- » O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, do seu passado e do seu futuro [...]. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. I, item 56.
- » O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão V.
- » [...] O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força, pois aí é invulnerável. [...] Allan Kardec: *Revista Espírita*, 1861, novembro, p. 495.
- » [...] Ainda uma vez [o Espiritismo], é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião e na moral do Cristo [...]. Allan Kardec: *Revista Espírita*, 1862, maio, p. 174-175.
- » Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VIII.
- » Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais.
- » A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo de nobres investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do

homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual. Emmanuel: *O consolador*. Definição, p. 13-14.

- » A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução, item 17.
- » Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais [...]. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. [...] Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade [...]. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VI.
- » [...] o Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Allan Kardec: *O que é o espiritismo*. Preâmbulo.
- » [...] o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão VIII.
- » O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, VII.

Sugestão de Funcionamento do Curso

a) Requisitos de admissão: os participantes inscritos devem ter concluído cursos básicos e regulares da Doutrina Espírita, como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ou ter conhecimento das obras codificadas por Allan Kardec.

b) Duração das reuniões de estudo: sugere-se o desenvolvimento de uma reunião semanal, de 1 hora e 30 minutos a 2 horas.

c) Atividade extraclasse: é de fundamental importância que os participantes façam leitura prévia dos temas que serão estudados em cada reunião e, também, realizem pesquisas bibliográficas a fim de que o estudo, as análises, as correlações e reflexões, desenvolvidas no Curso, propiciem melhor entendimento dos conteúdos.

EADE LIVRO III | MÓDULO I

APRENDENDO COM AS PROFECIAS

APRENDENDO COM AS PROFECIAS

Roteiro 1

O CONSOLADOR

Objetivos

- » Explicar as características de o Consolador Prometido por Jesus, à luz do entendimento espírita.
- » Esclarecer porque a Doutrina Espírita é entendida como o Consolador.

Ideias principais

- » *Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda a gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. I, item 7.*
- » *O Espiritismo realiza [...] todas as condições do Consolador que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes o completa e o elucidada. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, item 40.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito. (JOÃO, 14:26.)

Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a Verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. (JOÃO, 16:12-13.)

Vários textos do Evangelho de Jesus, como esses, registrados por João, apresentam acentuado sentido profético. As profecias assemelham-se a um homem situado no cume de uma montanha e que observa, lá de cima, a paisagem que se desdobra à sua volta, até onde os seus olhos podem alcançar. Vê, inclusive, um viajor que percorre o caminho localizado abaixo, sob seus pés.

O viajor que pela primeira vez percorra essa estrada, sabe que, caminhando chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples previsão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos da água que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em perflustrar o caminho. Tirei-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: “Em tal momento, encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido.” Estará predizendo o futuro, mas, futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois que, para ele, esse futuro é presente.⁸

As previsões e avisos proféticos são comuns no Evangelho de Jesus. Significa dizer que o Mestre lançou ao futuro o entendimento espiritual, e definitivo, de sua mensagem.

Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, pela razão de que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos, visto que a eles é que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que Ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles, com relação ao que foi dito; ter-se-ão possivelmente enganado, quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica.⁷

Emergem dos dois textos de João, além do sentido premonitório, outros elementos importantes para nós espíritas, os quais nos fazem acreditar ser o Espiritismo o Consolador anunciado por Jesus.

O Espiritismo realiza [...] todas as condições do *Consolador* que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes o completa e o elucida. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe pressentiram a vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem na Terra.⁹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito* (Jo 14:26).

A promessa do Cristo de enviar outro Consolador prende-se ao fato de que a Humanidade não estava madura, à época, para entender a essência e a verdade contidas nos seus ensinamentos. O advento do Consolador, também denominado Espírito Santo ou Espírito de Verdade, tem dupla finalidade: explicar e recordar os ensinamentos do Cristo, não de forma literal como aconteceu ao longo dos séculos, mas em espírito e verdade.

A expressão “Espírito Santo”, citada no primeiro texto de João, tem significado espírita específico que nada tem a ver com a teologia de outras interpretações cristãs: indica fonte sábia e inesgotável de bens espirituais, recursos que dimanam do Alto, da fonte da vida, no trabalho justo e incansável que se estende pelo Universo. A outra expressão, “Espírito de Verdade”, encontrada na segunda citação do evangelista, indica que o Consolador interpreta corretamente os ensinamentos do Cristo, conforme o entendimento espiritual. Kardec explica, assim, o Consolador na sua feição de Verdade:

Então, quando o campo estiver preparado, eu vos enviarei o *Consolador*, o *Espírito de Verdade*, que virá restabelecer todas as coisas, isto é, que, dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, porá termo à luta fratricida que desune os filhos do mesmo Deus. Cansados, afinal, de um combate sem resultado, que consigo traz unicamente a desolação e a perturbação até ao seio das famílias, reconhecerão os homens onde estão seus verdadeiros interesses, com relação a este mundo e ao outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da tranquilidade deles. Todos então se porão sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que vos tenho ensinado.⁴

A vinda do Consolador tem, pois, o poder de ampliar os horizontes do entendimento humano, favorecendo a busca pelos legítimos valores de libertação do Espírito.

Para o espírita, o Espiritismo representa a consubstanciação da mensagem cristã porque explica e revive os ensinamentos do Evangelho. A Doutrina Espírita levantou o véu que encobria o entendimento das parábolas e dos demais ensinamentos de Jesus.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. [...] O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias [...].²

A Doutrina Espírita faz ressurgir a mensagem cristã em bases claras e lúcidas, orientando como aplicá-la no dia a dia, sem a utilização de simbolismos ou de metáforas. O Espiritismo é considerado o

Consolador Prometido porque a sua mensagem, sendo de fácil entendimento, está destinada a todas as pessoas, sem exceção e, ao mesmo tempo, consola, agasalha, auxilia e esclarece as pessoas que passam por aflições ou que buscam esclarecimento espiritual.

Mostra [...] a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. [...] Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.³

As orientações espíritas ensinam que a pessoa que erra não deve ser julgada, mas amparada. Precisa receber o conforto necessário para saber superar as provações da vida.

Este nome [Consolador], significativo e sem ambiguidade, encerra toda uma revelação. Assim, ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.⁵

No final do versículo 26, consta a seguinte anotação do apóstolo: “Que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (Jo 14:26). Este registro faz referência quanto à chegada do Consolador, mas não explicita a época certa, pois tal acontecimento dependeria do grau de maturidade espiritual existente na humanidade terrestre.

Na segunda metade do século XIX, o Consolador Prometido chegou ao plano físico, na França, por meio do trabalho incansável de inúmeros médiuns. Sob a coordenação de Allan Kardec, cognome do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, ensinamentos ditados pelos Espíritos superiores foram organizados na forma de uma doutrina, a Doutrina Espírita, codificada na obra *O livro dos espíritos*, publicada em 18 de abril de 1857.

Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.¹

Erguida no alicerce das leis universais, o Espiritismo, chegou no momento em que o avanço das conquistas humanas revelava maior discernimento para implementação da fé raciocinada.

Os seus abençoados ensinamentos foram sustentados e transmitidos pela abnegada ação dos mensageiros do Cristo. O Espiritismo pode, pois, ser compreendido como a manifestação da misericórdia divina, iluminando os passos dos que se encontram cansados, desiludidos e oprimidos, os quais, sustentados pelo Amor divino, cooperam para a edificação de uma Humanidade regenerada.

A frase “Vos ensinará todas coisas”, indica o caráter dinâmico e atual das orientações espíritas, uma vez que os médiuns em processo de sintonia com os orientadores da Vida Maior, deles receberão contínuos e renovados esclarecimentos.

A última frase do versículo — “E vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” — é uma referência, explícita, à necessidade de estudar o Evangelho à luz do Consolador Prometido. O conhecimento dos postulados espíritas oferece subsídios para o entendimento completo da mensagem do Cristo. É tarefa sem êxito querer compreender o Evangelho somente pelo sentido literal. É preciso captar-lhe a essência, o seu significado espiritual e atemporal, tal como propõe a Doutrina Espírita. A palavra de Jesus submetida às lentes espíritas se desdobra em cada lance, de modo simples e natural, favorecendo melhor e mais amplo entendimento.

- » *Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir (Jo 16:12-13).*

O versículo 12 informa: “Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”. Por esta afirmativa, o Cristo nos

projeta para o grande futuro, conscientizando-nos que o aprendizado espiritual prossegue sempre, de forma infinita, porque nunca está completo. À medida que evoluímos, percebemos uma nova verdade que, como uma reação em cadeia, nos conduz a outra, sucessivamente, ao longo dos tempos.

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como Ele próprio confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que Ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.⁶

A Teologia tradicional ensina que o Consolador teria vindo no dia de Pentecostes. Acreditamos que é um equívoco de interpretação, pois não seria em apenas 50 dias — contados da Ressurreição ao dia de Pentecostes que os discípulos estariam suficientemente preparados para apreender todo ensinamento do Mestre. Na verdade, Pentecostes marca, de forma indelével, o início do trabalho apostolar, as lutas e os testemunhos que eles teriam de submeter por amor ao Senhor. Sobretudo se considerarmos que os praticantes da lei de Moisés, daquela época, ainda se encontravam na adolescência espiritual, por se manterem presos aos ritualismos dos cultos.

Ora, se o Cristo não dissesse tudo quanto tinha a dizer, porque nem mesmo seus discípulos podiam, ainda, entender certas verdades, será que, *algumas semanas depois*, já haviam esses mesmos homens alcançado as luzes necessárias à compreensão do que Ele deixara de dizer? Só mesmo quem desconhecesse por completo a natureza humana poderia admitir tal hipótese.¹⁰

No período do surgimento da Doutrina Espírita, a Humanidade estava espiritualmente mais adiantada. Daí a pujança que aportou ao mundo, elegendo o Amor, na forma de caridade, e a Fé raciocinada como princípios fundamentais.

Os cinquenta dias que decorreram da ressurreição ao Pentecostes, assim como não seriam suficientes para dar aos homens os conhecimentos que só podem ser adquiridos a longo prazo, seriam poucos,

igualmente, para que houvessem esquecido as palavras do Mestre e se fizesse preciso “recordá-las”, tanto mais que, durante quarenta dias, permaneceu ele [Jesus] cá na Terra, manifestando-se aos discípulos, antes de ascender aos céus.¹¹

No versículo 13 está escrito: “Mas, quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”.

As palavras de Jesus revelam que o Consolador tem como característica básica guiar os aprendizes no caminho da verdade. Não existirão mais simbolismos, nem rituais, nem interpretações pessoais, apenas o ensinamento puro da mensagem cristã.

Devemos considerar, entretanto, que a Doutrina Espírita não detém a pretensão do tudo saber, de ser dona da verdade, e nem veio ao mundo para substituir as outras crenças.

O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das gloriolas efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus Cristo.¹³

O Espírito de Verdade é, pois, concessão divina que representa a soma de valores espirituais que alcança o campo operacional da existência humana, auxiliando a redenção de cada Espírito.

É a verdade essencial que liberta e promove o crescimento do Espírito, demonstrada pela natureza dos seus pensamentos, pelas ideias que expressa e pelas ações que realiza. Essa verdade corresponde à verdade individual de cada pessoa, definindo-lhe o seu piso evolutivo. Daí a importância da afirmativa de Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (JOÃO, 8:32).

A Verdade suprema, contudo, está em Deus. Jesus reflete-a com autoridade, e sabedoria, enquanto os seres humanos a manifestam segundo o nível de evolução espiritual que possuem.

O Espírito de Verdade, portanto, não falará de si mesmo, mas revelará, sempre, a obra divina, intermediada pelos instrumentos mediúnicos, de todos os tempos, que estejam sintonizados com os valores sublimados da vida.

Em síntese, esclarece Emmanuel:

O Espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos, espalham as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de Cristianismo redivivo, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.¹²

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 7, p. 60.
2. _____. _____. Cap. 6, item 4, p. 140.
3. _____. _____. p.141.
4. _____. _____. Cap. 23, item 16, p. 390.
5. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006 Cap. 1, item 27, p. 35.
6. _____. _____. Item 26, p. 35.
7. _____. _____. Cap. 17, item 37, p. 440.
8. _____. _____. Cap. 16, item 2, p. 408.
9. _____. _____. Item 40, p. 441.
10. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. 14 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3 (A progressividade da revelação divina), p. 27.
11. _____. _____. p. 28.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 26 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, questão 352, p. 199.
13. _____. _____. Questão 353, p. 200.

Orientações ao monitor

É importante que o estudo apresente um roteiro básico em que fique estabelecido, claramente:

- » O que é o Consolador, também chamado de o *Espírito Santo* ou de *Espírito de Verdade*.

- » As características de o Consolador Prometido por Jesus.
- » Porque o Espiritismo é considerado o Consolador Prometido.

APRENDENDO COM AS PROFECIAS

Roteiro 2

NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

Objetivos

- » Explicar, à luz do entendimento espírita, a afirmativa de Jesus de que ninguém é profeta em sua terra.

Ideias principais

- » O preconceito social, motivado pelo orgulho e vaidade, assim como a inveja e o ciúme são imperfeições espirituais que refletem o caráter de alguns indivíduos que não conseguem reconhecer o valor moral ou intelectual das pessoas que lhes são próximas. Por este motivo, afirmou Jesus, com sabedoria: *Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa.* (MATEUS, 13:57.)

Subsídios

1. Texto evangélico

E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam e diziam: Donde veio a este a sabedoria e estas

maravilhas? Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe veio, pois, tudo isso? E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa. E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles. (MATEUS, 13:54-58.)

O poder dessa afirmativa de Jesus, de que *ninguém é profeta em sua terra* atravessou os séculos e continua a ser utilizada como verdade incontestável.

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias ordinárias da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que, muitas vezes, faz que a maioria deles se negue a reconhecer superioridade moral num de quem foram companheiros ou comensais, que saiu do mesmo meio que eles e cujas primeiras fraquezas todos testemunharam. Sofre-lhes o orgulho com o terem de reconhecer o ascendente do outro. Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja. Os que se sentem incapazes de chegar à altura em que aquele se encontra esforçam-se para rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; tanto mais forte gritam, quanto menores se acham, crendo que se engrandecem e o eclipsam pelo arruído que promovem. Tal foi e será a História da Humanidade, enquanto os homens não houverem compreendido a sua natureza espiritual e alargado seu horizonte moral. Por aí se vê que semelhante preconceito é próprio dos Espíritos acanhados e vulgares, que tomam suas personalidades por ponto de aferição de tudo.³

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam e diziam: Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas? Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe veio, pois, tudo isso? (MATEUS 13:54-56).*

A natureza humana revela-se controvertida em muitas ocasiões, sobretudo quando se trata das relações pessoais. No texto em análise percebemos que, da mesma forma que os ensinamentos de Jesus produziam admiração, as pessoas não conseguiam ignorar o fato de ser Ele o filho de um simples carpinteiro.

Tal situação nos faz deduzir que ninguém se revelaria surpreso se a origem de Jesus fosse outra, se viesse de uma classe intelecto-social mais elevada, conhecida como a dos “bem-nascidos”.

As indagações e murmurações proferidas na sinagoga durante a preleção do Mestre, saturadas de desdém e descrença, indicam, de um lado, preconceito social contra alguém pertencente a uma família desprovida de bens materiais ou de destaque social, ainda que essa família fosse conhecida pela sua notória respeitabilidade. Por outro lado revelam, igualmente, o estado de indigência espiritual dos circunstantes.

O preconceito e o estado de pouca evolução espiritual estão subentendidos nas seguintes perguntas proferidas: “Não é este o filho do carpinteiro?” “E não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, e José, e Simão, e Judas?” “E não estão entre nós todas as suas irmãs?” “Donde lhe veio, pois, tudo isso?”

De acordo com as definições existentes no dicionário, preconceito é opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico; é ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado *a priori*, sem maior conhecimento, ponderação ou sentimento; é atitude, sentimento ou parecer insensato, especialmente de natureza hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio.⁸

Tanto menos podia Jesus escapar às consequências deste princípio, inerente à natureza humana, quanto pouco esclarecido era o meio em que Ele vivia, meio esse constituído de criaturas votadas inteiramente à vida material. Nele, seus compatriotas apenas viam o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto Ele e, assim sendo, não percebiam o que lhe dava superioridade e o investia do direito de os censurar. Verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus, que o desprezavam, do que sobre os estranhos, preferiu ir pregar para os que o escutavam e aos quais inspirava simpatia.⁴

Nos dias atuais o preconceito ainda fala muito alto, causando imenso sofrimento às suas vítimas. Quem possui certa maturidade espiritual resiste à tendência de se julgar pessoa especial, portadora de privilégios, em decorrência da posição social que ocupe na sociedade. Reconhece que perante as leis divinas nenhum ser humano é melhor do que o outro. “Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus a

nenhum homem concedeu superioridade natural, nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.”⁵

O ser humano, na verdade, se distingue dos demais pelo esforço de iluminação espiritual que realiza.

Esse esforço individual deve começar com o autodomínio, com a disciplina dos sentimentos egoísticos e inferiores, com o trabalho silencioso da criatura por exterminar as próprias paixões. Nesse particular, não podemos prescindir do conhecimento adquirido por outras almas que nos precederam nas lutas da Terra, com as suas experiências santificantes — água pura de consolação e de esperança, que poderemos beber nas páginas de suas memórias ou nos testemunhos de sacrifício que deixaram no mundo.¹²

Revela imperfeição moral quem se julga superior aos demais irmãos em humanidade, apenas porque possui maior soma de bens materiais ou porque ocupa posição de destaque na sociedade. O espírita, sobretudo, que está informado a respeito das consequências do uso do livre-arbítrio, da realidade da vida no além-túmulo, dos processos de reencarnação do Espírito, entre outros, deve vigiar mais os pensamentos, as palavras e os atos. Jamais esquecer que a regra de conduta se resume nesta orientação dos Espíritos superiores:

“Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”⁶

Importa considerar também que é faltar com a caridade agir com discriminação, uma vez que “[...] amor e caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito.”⁶

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores [socialmente falando]. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. [...] O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.⁶

O texto de Mateus, em estudo, faz também referência explícita aos irmãos e irmãs de Jesus. Em termos históricos, desconhece-se a

existência de documentos ou evidências de que Maria de Nazaré e José tiveram outros filhos, além de Jesus.

A teologia católica romana defende a ideia de que os irmãos de Jesus eram, na verdade, seus primos ou irmãos no sentido espiritual. Esta ideia ganhou força com Jerônimo, a partir do século IV d.C., tendo como base informações de Orígenes — um dos pais da Igreja Católica — que, no século II da nossa Era, se fundamentou em duas obras apócrifas: *o Proto-evangelho de Tiago* e *o Evangelho de Pedro*.

A tradição católica grega, também chamada oriental ou ortodoxa, ensina, porém, que os irmãos de Jesus citados no Novo Testamento eram meio-irmãos, uma vez que José sendo viúvo quando casou com Maria, tivera filhos do casamento anterior. Esse ponto de vista foi promulgado no século III e defendido por Epifânio (outro pai da Igreja) no século seguinte.⁷

A teologia protestante discorda do posicionamento das igrejas romana e ortodoxa, defendendo a ideia de que Maria teve outros filhos após Jesus.

Para a Doutrina Espírita esse fato é secundário, uma vez que considera efetivamente importante os ensinamentos de Jesus. Se Ele teve irmãos ou meio-irmãos pela consanguinidade, primos-irmãos ou irmãos pela união espiritual não é relevante e em nada altera o valor e a grandiosidade da missão do Mestre.

A frase que faz o fechamento do versículo 56 do texto de Mateus citado, traz uma interrogação relacionada à sabedoria da pregação de Jesus: “Donde lhe veio, pois, tudo isso?”

Essa pergunta revela perplexidade por parte de quem a proferiu, a despeito dos ouvintes se mostrarem maravilhados pelos esclarecimentos do Mestre. Revela, igualmente, que eles não souberam ou não quiseram identificar Jesus como o Messias aguardado, em razão de se manterem arraigados às tradições do culto religioso e à interpretação literal da Torá.

Nos dias atuais a situação não difere muito. A ignorância espiritual e a rigidez dos chamados “pontos de vista”, muito têm contribuído para o retardamento do nosso processo evolutivo. Daí Jesus ter dito, em outra ocasião: “Por que não entendeis a minha linguagem? Por não poderdes ouvir a minha palavra.” (JOÃO, 8:43.) A propósito, esclarece Emmanuel:

A linguagem do Cristo sempre se afigurou a muitos aprendizes indecifrável e estranha. [...] Muita gente escuta a Boa-Nova, mas não lhe penetra os ensinamentos. Isso ocorre a muitos seguidores do Evangelho, porque se utilizam da força mental em outros setores. Creem vagamente no socorro celeste, nas horas de amargura, mostrando, porém, absoluto desinteresse ante o estudo e ante a aplicação das leis divinas. A preocupação da posse lhes absorve a existência. [...] Registram os chamamentos do Cristo, todavia, algemam furiosamente a atenção aos apelos da vida primária. Percebem, mas não ouvem. Informam-se, mas não entendem. Nesse campo de contradições, temos sempre respeitáveis personalidades humanas e, por vezes, admiráveis amigos. Conservam no coração enormes potenciais de bondade, contudo, a mente deles vive empenhada no jogo das formas percíveis. [...] Não nos esqueçamos, pois, de que é sempre fácil assinalar a linguagem do Senhor, mas é preciso apresentar-lhe o coração vazio de resíduos da Terra, para receber-lhe, em espírito e verdade, a palavra divina.⁹

» *E escandalizavam-se nele* (Mt 13:57).

A palavra “escandalizavam”, citada no texto, tem o significado de indignação. A pregação de Jesus que no início causou admiração e perplexidade, foi considerada ofensiva, após a racionalização. Eis, aí outro ponto controverso da natureza humana, totalmente compatível com o seu nível de imperfeição espiritual. No primeiro momento, por se encontrarem mentalmente desarmados, os ouvintes ficaram maravilhados com a fala do Mestre. Contudo, logo que reconheceram Jesus — identificado como um conterrâneo, filho de humilde carpinteiro —, despencaram abruptamente do plano de vibrações superiores para onde o Mestre os conduzira e proferiram indagações, compatíveis com o patamar evolutivo em que se encontravam.

Na verdade, a reação indignada demonstrada por aquelas pessoas foi direcionada a elas próprias (“escandalizavam-se”), não ao Cristo. Mesmo sendo envolvidas pelo elevado magnetismo da personalidade de Jesus, pela sua sabedoria e pelas harmonias superiores do seu Espírito, não conseguiram entender o que estava acontecendo, não compreenderam, sequer, as elucidações prestadas por Jesus.

“Escandalizavam-se” demonstra existência de orgulho e vaidade, de forma inequívoca. Naquele fugaz espaço de tempo, eles se viram sem máscaras, como criaturas imperfeitas. Daí a indignação. Daí banalizarem a valiosa pregação do Cristo porque, segundo a distorcida

percepção demonstrada, tratava-se apenas de um nazareno comum, filho de pessoas comuns.

Diante dessa atitude, o Mestre amado reconheceu, com humildade, que ninguém é profeta em sua terra e seguiu adiante, em busca de corações receptivos aos seus ensinamentos sublimes.

Com Jesus, percebemos que a humildade nem sempre surge da pobreza ou da enfermidade que tanta vez somente significam lições regeneradoras, e sim que o talento celeste é atitude da alma que olvida a própria luz para levantar os que se arrastam nas trevas e que procura sacrificar a si própria, nos carreiros empedrados do Mundo, para que os outros aprendam, sem constrangimento ou barulho, a encontrar o caminho para as bênçãos do Céu.¹³

- » *Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa. E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles (Mt 13:57-58).*

A reação dos praticantes da lei de Moisés foi de certa forma esperada, uma vez que sempre há resistência a uma nova ideia. Tratando-se da mensagem cristã, sobretudo, a oposição foi ferrenha, pois esta contrariava múltiplos interesses. É comum encontrarmos oposição nas pessoas que convivem próximas a nós, quando oferecemos proposta de mudança. A oposição “[...] é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere”¹

Jesus vinha proclamar uma doutrina que solaparia pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo. Imolaram-no, portanto, certos de que, matando o homem, matariam a ideia. Esta, porém, sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus e, nascida num pequeno e obscuro burgo da Judeia, foi plantar o seu estandarte na capital mesma do mundo pagão, à face dos seus mais encarniçados inimigos, daqueles que mais porfiavam em combatê-la, porque subvertia crenças seculares a que eles se apegavam muito mais por interesse do que por convicção. Lutas das mais terríveis esperavam aí pelos seus apóstolos; foram inumeráveis as vítimas; a ideia, no entanto, avolumou-se sempre e triunfou, porque, como verdade, sobrelevava as que a precederam.²

Irmão X relata que, após a entrada gloriosa de Jesus em Jerusalém, “[...] O povo judeu suspirava por alguém, com bastante

autoridade, que o libertasse dos opressores. Não seria tempo da rendição de Israel? [...] O romano orgulhoso apertava a Palestina nos braços tirânicos. Por isso, Jesus simbolizava a renovação, a promessa. Quem operara prodígios iguais aos dele? [...]”¹⁰ Mesmo entre os sacerdotes e os membros do Sinédrio, a expectativa era grande quanto ao advento do Messias.

Percebendo a intenção e os desejos do povo e de alguns dos seus representantes religiosos, Jesus reuniu-se com os doze apóstolos, esclarecendo-os a respeito da situação.

Concluída a conversa reservada, seis dos apóstolos se dirigiram cautelosos, à via pública, onde se encontrava um patriarca que se posicionava à frente da multidão. O diálogo que se segue sintetiza a assertiva de Jesus de que “não há profeta sem honra, a não ser na sua pátria e na sua casa”.

— Que disse o profeta? — perguntou o patriarca, chefe daquele movimento de curiosidade. — Explicou-se, afinal?

— Sim — esclareceu Filipe com benevolência.

— E a base do programa de nossa restauração política e social?

— Recomendou o Senhor para que o maior seja servo do menor, que todos deveremos amar-nos uns aos outros.

— O sinal do movimento? — indagou o ancião de olhos lúcidos.

— Estará justamente no amor e no sacrifício de cada um de nós — replicou o apóstolo, humilde.

— Dirigir-se-á imediatamente a César, fundamentando o necessário protesto?

— Disse-nos para confiarmos no Pai e crermos também nele, nosso Mestre e Senhor.

— Não se fará, então, exigência alguma? — exclamou o patriarca, irritado.

— Aconselhou-nos a pedir ao Céu o que for necessário e afirmou que seremos atendidos em seu nome — explicou Filipe, sem se perturbar.

Entreolharam-se, admirados, os circunstantes.

— E a nossa posição? — resmungou o velho — não somos o povo escolhido na Terra?

Muito calmo, o apóstolo esclareceu:

— Disse o Mestre que não somos do mundo e por isso o mundo nos aborrecerá, até que o seu Reino seja estabelecido.

[...]

— Não te disse, Jafet? — falou um antigo fariseu ao patriarca. — Tudo isso é uma farsa.

[...]

Desde essa hora, compreendendo que Jesus cumpria, acima de tudo, a vontade de Deus, longe de qualquer disputa com os homens, a multidão abandonou-o. [...] E, desde esse instante, a perseguição do Sinédrio tomou vulto e o Messias, sozinho com a sua dor e com a sua lealdade, experimentou a prisão, o abandono, a injustiça, o açoite, a ironia e a crucificação.

Essa, foi uma das últimas lições dele, entre as criaturas, dando-nos a conhecer que é muito fácil cantar hosanas a Deus, mas muito difícil cumprir-lhe a divina Vontade, com o sacrifício de nós mesmos.¹¹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 23, item 12, p. 386.
2. _____. _____. Item 13, p. 387.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17, item 2, p. 422.
4. _____. _____. p. 423-424.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 803, p. 421.
6. _____. _____. Questão 886, p. 457.
7. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 624.
8. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2282.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 48 (Diante do Senhor), p. 117-118.
10. _____. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17 (Lição em Jerusalém), p. 85.
11. _____. _____. p. 87-89.

12. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 230, p. 138.
13. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Jesus e humildade, p. 48.

Orientações ao monitor

É importante que se analise as razões comportamentais, culturais, históricas etc., relativas à afirmação de Jesus de que *ninguém é profeta na sua terra*.

APRENDENDO COM AS PROFECIAS

Roteiro 3

A PEDRA ANGULAR

Objetivos

- » Esclarecer, à luz do Espiritismo, por que o Cristianismo é considerado pedra angular.
- » Realizar análise espírita destas palavras do Cristo: “O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24:35).

Ideias principais

- » *O objetivo da religião é conduzir a Deus o homem. [...] Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. VIII, item 10.*
- » *A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, item 28.*
- » *As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos.*
[...] Será eterno o seu código de moral, porque consagra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, item 26.

Subsídios

1. Texto evangélico

Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos. E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. (MATEUS, 21:42-44.)

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar. (MATEUS, 24:35.)

Os dois textos nos informam sobre a perenidade da mensagem cristã, que é a pedra angular, o marco estruturador da religião e da moralidade humanas. Todavia, algumas reflexões se impõem à altura do nosso processo evolutivo, uma vez que o Cristianismo se encontra entre nós há mais de dois mil anos.

Mas[...] terão as suas palavras chegado até nós puras de toda ganga e de falsas interpretações? Apreenderam-lhes o espírito todas as seitas cristãs? Nenhuma as terá desviado do verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da Natureza? Nenhuma as transformou em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, em degrau, não para se elevar ao céu, mas para elevar-se na Terra? Terão todas adotado como regra de proceder a prática das virtudes, prática da qual fez Jesus condição expressa de salvação? Estarão todas isentas das apóstrofes que Ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? Todas, finalmente, serão, assim em teoria, como na prática, expressão pura da sua doutrina?⁴

Lançando um olhar ao passado, ainda que breve, veremos que foram poucos os Espíritos que souberam colocar em prática, efetivamente, os ensinamentos de Jesus. Percebe-se, dessa forma que, se ainda não conseguimos vivenciar a mensagem cristã é porque somos Espíritos moralmente retardatários, a despeito de toda ciência e tecnologia existentes no mundo atual. Para que a Humanidade se transforme para melhor, faz-se necessário que os desafios da vida moderna sejam submetidos a um perseverante plano de transformação moral, distanciado das falsas expectativas de mudança.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos?* (Mt 21:42).

A palavra “pedra” citada no texto evangélico traz o significado de verdade essencial que foi anunciada por meio de uma *revelação*. Ainda que a Filosofia e a Ciência não utilizem como referência metodológica o aprendizado espiritual e o religioso — por considerá-los conhecimentos do senso comum, obtidos pela intuição ou pela ação mediúnica —, não podem, contudo, ignorá-los ou rejeitá-los como incorretos.

A *revelação* religiosa e moral (espiritual) é o esclarecimento “[...] que se presta com o intuito de fazer outrem conhecer alguma coisa ainda desconhecida, ignorada.”⁹ *Revelação* vem de *revelo*, substantivo latino derivado do verbo *revelare*, expressão empregada comumente nos textos religiosos, a partir da tradução do termo hebraico *galah* ou do grego *apokalypto*, cuja ideia é a mesma em ambos: desvendar alguma coisa oculta com a intenção de fazê-la conhecida.⁶

Em termos religiosos, sobretudo no sentido expresso no Velho Testamento, *revelação* é literalmente entendida como a “Palavra ou Pensamento de Deus”.⁶ Em consequência, algumas doutrinas teológicas cristãs apresentam um discurso inflexível relativo ao conceito de fé.

A [...] *revelação* é ao mesmo tempo indicativa e imperativa, e sempre normativa. As manifestações de Deus sempre são feitas no contexto de uma exigência que pede confiança e obediência àquilo que é revelado — uma resposta, que é inteiramente determinada e controlada pelo conteúdo da própria *revelação*. Em outras palavras, a *revelação* de Deus chega ao homem não como uma informação sem qualquer obrigação, mas antes, como uma regra mandatória de fé e de conduta. A vida do homem precisa ser governada, não pelos caprichos particulares e fantasias humanas, nem por adivinhações acerca das coisas divinas não reveladas, mas antes, pela crença reverente em tudo quanto Deus lhe revela, o que conduz a uma aceitação consciente de todos os imperativos que a *revelação* porventura contenha (Dt 29,29).⁶

Esses esclarecimentos, se levados aos extremos de interpretação, geram atos arbitrários no campo da fé. Representam também o pomo da discórdia entre as concepções científicas e as religiosas, uma vez que, nas primeiras, faz-se necessário a apresentação de evidências ou

de provas comprobatórias para legitimá-las. A Doutrina Espírita, por outro lado, não rejeita as orientações espirituais superiores advindas da *revelação*, até porque o Espiritismo é doutrina revelada. Ensina, porém, que a fé deve ser analisada, examinada, traçando diferença entre a fé cega e a raciocinada.

Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Em assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.³

São considerações importantes, a fim de que não se perca de vista o sentido espiritual do registro de Mateus: “A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos?”

Numa construção, “pedra angular” é “cada uma das pedras que forma o cunhal de um edifício.”⁸ Cunhal é cada canto externo (ou quina), de uma edificação formado por duas paredes. Este canto é mantido firme e com abertura angular precisa por meio de uma pilastra ou pilar de pedras lavradas (trabalhadas ou esculpidas) na junção das paredes convergentes. A pedra colocada como “cabeça de ângulo” é a mais importante porque sustenta e serve de base às demais.

O Evangelho é a pedra angular, o sustentáculo para que se compreenda Deus e a criação divina. Entretanto, o Evangelho foi e ainda é desprezado por muitos. O Cristo foi rejeitado, inclusive, pelos edificadores do monoteísmo no caso, o povo judeu.

Com o progresso moral percebemos que o ensino de Jesus “[...] se tornou a pedra angular, isto é, a pedra da consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Havendo os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitado essa pedra, ela os esmagou, do mesmo modo que esmagará os que, depois, a desconhecaram, ou lhe desfiguraram o sentido em prol de suas ambições”⁵

Importa considerar que a palavra “esmagar”, empregada por Kardec no texto, não tem o sentido atual de destruir ou de aniquilar.

Traduz-se como “afligir, fatigar-se, perder as forças”, significados encontrados nos escritos da Língua Portuguesa do passado.⁷

Com a evolução espiritual do ser humano, o Evangelho de Jesus será reconhecido como o mais perfeito código de moralidade existente na Humanidade. O único capaz de erguer o verdadeiro edifício da fé, tão necessário à melhoria moral da Humanidade.

Os sacerdotes e os seguidores do Cristianismo que não lhe captam a essência moralizadora, deturpando-a e adequando-a aos seus interesses mesquinhos e imediatos, responderão por seus atos, segundo os ditames da lei de causa e efeito. Entretanto, os cristãos que se esforçam por compreendê-la e colocá-la em prática, usufruirão de felizes reencarnações no porvir.

- » *Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos. E quem cair sobre esta pedra despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó (Mt 21:43-44).*

A história relata que os judeus além de não aceitarem Jesus como o Messias aguardado, desprezaram-no, perseguiram-no e o crucificaram. Mesmo no seio da igreja cristã os ensinamentos do Mestre foram deturpados, situação causadora de terríveis desastrosos, crimes contra a Humanidade. “Verificou-se o mesmo com a doutrina moral do Cristo, que acabou por ser atirada para segundo plano, donde resulta que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, consideram mais garantida a salvação por meio das práticas exteriores, do que pelas da moral.”¹

O objetivo da religião é conduzir a Deus o homem. Ora, este não chega a Deus senão quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue poder apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal o resultado que dão as em que a forma sobrepõe ao fundo. Nula é a crença na eficácia dos sinais exteriores, se não obsta a que se cometam assassínios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem danos ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas, fanáticos; não, porém, homens de bem. Não basta se tenham as aparências da pureza; acima de tudo, é preciso ter a do coração.²

Perante essas considerações, compreende-se porque o Cristo anunciou: “Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos” (Mt 21:43).

Que nação teria condições de fazer cumprir essa profecia de Jesus?
O Espírito Humberto de Campos informa que é o Brasil:

Jesus transplantou da Palestina para a região do Cruzeiro a árvore magnânima do seu Evangelho, a fim de que os seus rebentos delicados florescessem de novo, frutificando em obras de amor para todas as criaturas. Ao ceticismo da época soará estranhamente uma afirmativa desta natureza. O Evangelho? Não seria mera ficção de pensadores do Cristianismo o repositório de suas lições? Não foi apenas um cântico de esperança do povo hebreu, que a Igreja Católica adaptou para garantir a coroa na cabeça dos príncipes terrestres? Não será uma palavra vazia, sem significação objetiva na atualidade do globo, quando todos os valores espirituais parecem descer ao “sepulcro caído” da transição e da decadência? Mas a realidade é que, não obstante todas as surpresas das ideologias modernas, a lição do Cristo aí está no planeta, aguardando a compreensão geral do seu sentido profundo.[...]¹³

As inúmeras dificuldades vivenciadas pelos brasileiros, sobretudo nos dias atuais, levantam algumas dúvidas a respeito de ser o Brasil a Pátria do Evangelho, mesmo que se considere a seriedade e a integridade do Espírito e do médium envolvidos na transmissão da mensagem. Entretanto, se não nos detivermos no peso das provações atuais, se estendermos a nossa visão para o futuro, veremos que a informação não está desprovida de lógica.

As provas e expiações que acontecem aos brasileiros, desde os tempos coloniais, moldaram-lhes o caráter, imprimindo-lhes uma índole mais pacífica, marcada por acentuada religiosidade, nem sempre encontrada nos demais povos. Outro ponto favorável é a intensa miscigenação racial e cultural presentes no Brasil, fatores representativos da integração social e da nacionalidade brasileira. De uma maneira geral, não há separatividade étnica no país. Os povos que imigraram para o Brasil não são discriminados e nem se sentem estrangeiros, mas “em casa”.

De qualquer forma, não devemos nos preocupar muito com a questão. Caso o povo brasileiro se transvie, optando por seguir caminhos que o afaste dos padrões de integridade e de moralidade, caberá a outra nação o cumprimento da profecia.

A respeito do assunto, Emmanuel endossa as palavras de Humberto de Campos e acrescenta:

[...] O Brasil não está somente destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta, mas, também, a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e de fé raciocinada e a ser o maior celeiro de claridades espirituais do orbe inteiro.[...]

Se outros povos atestaram o progresso, pelas expressões materializadas e transitórias, o Brasil terá a sua expressão imortal na vida do Espírito, representando a fonte de um pensamento novo, sem as ideologias de separatividade, e inundando todos os campos das atividades humanas com uma nova luz.[...]¹²

Somente o futuro, porém, comprovará, ou não, a posição do Brasil como Pátria do Evangelho. A questão deve ser conduzida, porém, com responsabilidade, sem manifestações de “patriotada” ou de ufanismo “verde-amarelo”, pois o processo de evangelização é desafiante, em qualquer situação ou lugar, exigindo contínuas manifestações de humildade, de renúncia e de dedicação ao bem. É preciso guardar serenidade quanto ao assunto, pois se não for o Brasil será outra nação, conforme garante esta outra afirmativa de Jesus: “Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada” (Mt 15:13).

O que efetivamente interessa, e que deve ser considerado relevante, é a vitória do Evangelho, o triunfo do Cristo na mente e no coração dos homens que, cedo ou tarde, acontecerá. Neste sentido, podemos e devemos fazer o melhor: “Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências. Todos somos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder ao apelo do Escolhido.”¹⁴

» *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar* (Mt 24:35).

Esta outra profecia de Jesus complementa as ideias anteriores. Ora, se o Evangelho é a pedra angular, necessária à construção do novo edifício da fé, deverá ser aceito, estudado e compreendido por todos os povos do Planeta. Com o triunfo do Evangelho, a Humanidade regenerada do futuro será governada pela prática da lei de amor, ainda que se mantenham as características individuais e coletivas de manifestação da fé. Ocorrerá, inclusive, a esperada aliança entre a Ciência e a Religião.

As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos. Será eterno o seu código de moral, porque consagra as condições

do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. [...] Sendo uma só, e única, a verdade não pode achar-se contida em afirmações contrárias e Jesus não pretendeu imprimir duplo sentido às suas palavras. Se, pois, as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram verdadeiro o que outras condenam como heresias, impossível é que todas estejam com a verdade. Se todas houvessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas se teriam encontrado no mesmo terreno e não existiriam seitas. O que *não passará* é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o sentido falso que deram a essas mesmas palavras. Tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina, *em toda a pureza*, pode exprimir esse pensamento.⁴

A vivência da mensagem cristã em toda a sua pureza definirá o perfil do religioso que habitará a Terra, então transformada em mundo de regeneração. Este religioso não será “[...] o escravo do culto que repete maquinalmente as orações do breviário, mas, sim, o que estuda e compreende as revelações que lhes são transmitidas.”¹⁰

A Doutrina Espírita, na sua feição de Cristianismo redivivo, desempenhará papel de agente transformador do processo de mudanças previstas para a melhoria espiritual do ser humano. À luz do entendimento espírita, o Cristianismo será vivenciado em toda a sua plenitude.

O Cristianismo é uma doutrina que precisa de ser apreendida e de ser sentida. Estuda-se a sua ética mais com o coração que com a inteligência. Aquele que não sente em si mesmo a influência da moral cristã, desconhece o que ela é, embora tenha perfeito conhecimento teórico de todos os seus preceitos e postulados. O coração registra emoções: nossos atos, nossa conduta gera as emoções. O Cristianismo é a verdadeira doutrina positiva, visto como é a doutrina da prova e da experiência pessoal.¹¹

Emmanuel elucida que a cristianização da Humanidade ocorrerá após dolorosos processos de renovação social e moral.

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.¹⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8, item 10, p. 167.
2. _____. _____. p. 167-168.
3. _____. _____. Cap. 19, item 6, p. 341-342.
4. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17, item 26, p. 432.
5. _____. _____. Item 28, p. 433.
6. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1162.
7. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1218.
8. _____. _____. p. 2165.
9. _____. _____. p. 2451.
10. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2004. Item: Exame das religiões, p.215.
11. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. Os verdadeiros cristãos, p. 41.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Prefácio (pelo Espírito Emmanuel), p. 10-11.
13. _____. _____. Esclarecendo, p. 14-15.
14. _____. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 25 (O Evangelho e o futuro), p. 215.

Orientações ao monitor

Independentemente das técnicas e recursos utilizados no desenvolvimento da aula, o estudo deve, prioritariamente, explicar à luz do entendimento espírita:

- a) por que o Cristianismo é considerado pedra angular do edifício da religião e da fé;
- b) qual o significado desta assertiva de Jesus: “o céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24:35).

APRENDENDO COM AS PROFECIAS

Roteiro 4

SINAIS DOS TEMPOS

Objetivos

- » Interpretar, à luz da Doutrina Espírita, a profecia do Cristo que anuncia a era da regeneração da Humanidade.
- » Identificar as características do período que antecede a era da regeneração.

Ideias principais

- » *São chegados os tempos, dizem-nos de toda as partes, marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para a regeneração da Humanidade.[...] Allan Kardec: A gênese. Cap. XVIII, item 1.*
- » No período de mudanças, o que antecede a regeneração humana, “[...] *surgirão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará.*” (MATEUS, 24:11-12.)
- » *Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral. [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVIII, item 6.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores. (MATEUS, 24:6-8.)

Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito, porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. (MATEUS, 24:23-24.)

E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da Terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. (MATEUS, 24:29-30.)

Na verdade, na verdade vos digo que vós chorastes e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria. [...] Assim também vós, agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará. (JOÃO, 16:20 e 22.)

Registradas sob a forma alegórica, essas profecias de Jesus referem-se às provações reservadas à Humanidade, consoantes os ditames da lei de progresso.

Entretanto, sob essas alegorias, grandes verdades se ocultam. Há, primeiramente, a predição das calamidades de todo o gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade, calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho restaurado na sua pureza primitiva; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será, verdadeiramente, o reino de Jesus, pois que Ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver

sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, porquanto diz Ele que — “depois dos dias de aflição, virão os de alegria.”³

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são o princípio das dores (Mt 24:6-8).*

São profecias que produzem reações antagônicas nos indivíduos. Os incrédulos conservam-se indiferentes, concedendo-lhes pouca ou nenhuma importância. Os crentes, que tudo aceitam sem análise, conferem-lhes um caráter místico ou sobrenatural. “São igualmente errôneas ambas essas interpretações; a primeira, porque envolve uma negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas o cumprimento dessas leis.”⁵

Em geral, as pessoas se agarram ao sofrimento, atrelando-se às suas consequências, sem se preocuparem em conhecer-lhes as causas. Contudo, é sinal de sabedoria identificar a origem das dores, descobrir por que elas acontecem. Somente assim é possível amenizá-las, neutralizá-las ou mesmo impedi-las. De uma maneira geral, podemos afirmar que a principal causa do sofrimento é o atraso moral, a ignorância das leis de Deus. As guerras e outras calamidades existentes no mundo, por exemplo, são lutas fratricidas originárias da imperfeição moral e intelectual. Confirma, igualmente, esta outra assertiva do Cristo: “É preciso que haja escândalo no mundo, [...] porque, imperfeitos como são na Terra, os homens se mostram propensos a praticar o mal, e porque, árvores más, só maus frutos dão.”¹

Ocorrem duas formas de destruição na Natureza: a natural e a abusiva. A primeira garante a diversidade biológica e a manutenção da vida no Planeta. Faz parte do processo de “[...] transformação, que tem por fim a renovação e a melhoria dos seres vivos”.⁹ A segunda, a exemplo das guerras e outros flagelos destruidores provocados pelo homem, acontece porque a espécie humana ainda se deixa governar pela “[...] natureza animal sobre a natureza espiritual e [pelo] transbordamento das paixões”.¹¹

Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas

necessidades; enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.¹⁰

Justamente por conhecer profundamente a natureza humana é que Jesus afirmou: “E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares” (Mt 24:6-7).

O texto põe em evidência os dois tipos de flagelos destruidores que atingirão a Humanidade, citados anteriormente: os provocados pela ação irresponsável do homem (guerras e fomes) ou relacionados à sua incapacidade de controlar as doenças (pestes), assim como os flagelos naturais (terremotos), que ocorrem à revelia da ação humana.

Jesus aconselha não temer tais calamidades: “não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça”. É importante compreender que o sofrimento é um dos mecanismos educativos, permitido por Deus quando o homem se revela rebelde à sua Lei. O ser moralizado, entretanto compreende o valor das provações, vendo nelas o remédio amargo, mas útil à sua melhoria espiritual. É sempre medida inteligente, e de coragem, não temer ou fugir do sofrimento, mas enfrentá-lo com bom ânimo e fé, extraindo de suas lições o devido aprendizado.

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Ambos esses progressos se realizam paralelamente, porquanto o melhoramento da habitação guarda relação com o do habitante. Fisicamente, o globo terráqueo há experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes.⁶

Jesus também anuncia que “todas essas coisas são o princípio das dores”. Trata-se, portanto, de movimentos que marcam o atual período de transição, no qual estamos mergulhados, porém fundamentais para que se estabeleça, no futuro, a era da regeneração humana.

A Humanidade tem realizado, até ao presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de *fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral*. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho.⁷

- » *Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito, porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.* (Mt, 24:23-24.)

As principais características que assinalam o período de transição são ocorrências de flagelos destruidores, naturais ou provocados pelo homem, como terremotos, maremotos, erupções vulcânicas, acidentes de graves proporções, guerras e demais conflitos bélicos, epidemias ou pandemias etc. Essas calamidades estão acompanhadas, em geral, pela degradação moral e dissolução dos bons costumes, situação típica dos conflitos de moralidade existentes nos momentos de transformação social.

Almas generosas e caridosas estarão presentes no momento de transição, empenhadas em minorar o sofrimento dos seus irmãos em humanidade. Por outro lado, surgirão aproveitadores de todo tipo que, à semelhança das aves de rapina, se alimentarão do sofrimento presente no Planeta. São Espíritos inescrupulosos e mentirosos que nos fazem recordar, também, outro ensinamento de Jesus: “pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias” (Mt 24:28).

É preciso agir com muito cuidado para não sermos por eles envolvidos e enganados, sobretudo porque, submetidos ao peso das provações, estaremos mais expostos e mais fragilizados.

Apresentando a imagem do cadáver e das águias, referia-se o Mestre à necessidade dos homens penitentes, que precisam recursos de combate

à extinção das sombras em que se mergulham. Não se elimina o pântano, atirando-lhe flores. Os corpos apodrecidos no campo atraem corvos que os devoram. Essa figura, de alta significação simbólica, é um dos mais fortes apelos do Senhor, conclamando os servidores do Evangelho aos movimentos do trabalho santificante. [...] É imprescindível lembrar sempre que as aves impiedosas se ajuntarão em torno de cadáveres ao abandono. Os corvos se aninham noutras regiões, quando se alimpa o campo em que permaneciam. [...] Luta contra os cadáveres de qualquer natureza que se abriguem em teu mundo interior. Deixa que o divino sol da espiritualidade te penetre, pois, enquanto fores ataúde de coisas mortas, serás seguido, de perto, pelas águias da destruição.¹³

A despeito do sofrimento presente no período de transição, é também momento propício para aferição de valores morais. Os falsos profetas e os falsos cristos provocam, é verdade, muitas desordens e desarmonias. Suas ações, entretanto, fornecem condições para testar o caráter dos verdadeiramente bons (“os escolhidos”, da citação de Mateus). Diante dos falsos profetas devemos agir com prudência e vigilância dobradas, pois segundo o Evangelho, eles “farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos”.

Em todos os tempos, homens houve que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um pseudopoder sobre-humano, ou de uma pretendida missão divina. São esses os falsos Cristos e falsos profetas. A difusão das luzes lhes aniquila o crédito, donde resulta que o número deles diminui à proporção que os homens se esclarecem. [...] O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais.²

Assim, desenvolvendo o discernimento, enxergaremos além das aparências; e, sobretudo, agiremos da forma como ensina o valoroso Paulo de Tarso em sua primeira epístola aos Tessalonicenses: “Examinai tudo. Retende o bem” (1Ts 5:21).

- » *E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da Terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória (Mt, 24:29-30).*

Este registro de Mateus destaca de maneira inequívoca a vitória do Cristo. Passado o período de transição, os Espíritos que permaneceram fiéis ao bem receberão, em contrapartida, uma habitação planetária habitada por uma Humanidade desejosa de progredir, que foi transformada pela força do amor.

“Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal.”⁴ Fazendo reviver os ensinamentos do Cristo, o Espiritismo ocupará papel relevante na construção da Era Nova.

“É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos. Trabalhais, portanto, mais para o futuro, do que para o presente. Era, porém, necessário que esses trabalhos se preparassem antecipadamente, porque eles traçam as sendas da regeneração, pela unificação e racionalidade das crenças. Ditosos os que deles aproveitam desde já. Tantas penas se pouparão esses, quantos forem os proveitos que deles auferirem.”⁸

- » *Na verdade, na verdade vos digo que vós chorastes e vos lamentareis, e o mundo se alegrará, e vós estareis tristes; mas a vossa tristeza se converterá em alegria. [...] Assim também vós, agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará (Jo 16:20 e 22).*

As palavras de Jesus, anotadas por João, indicam a paz conquistada, resultante do sofrimento; a alegria conseqüente à tristeza; a bonança após a tempestade. No clarão do dia que marcará novo impulso evolutivo da humanidade terrestre, o Cristo permanece firme e forte no coração e na mente dos bem-aventurados habitantes do Planeta, os quais, ao tomarem posse da herança que lhes foi prometida pelo Senhor, recordarão esta sua promessa: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra” (Mt 5:5).

Na época da regeneração, a Humanidade se encontrará mais permanentemente feliz. É óbvio que o progresso espiritual não estará completo, pois a caminhada evolutiva é longa. Os terráqueos ainda enfrentarão provas, porém, sem as agruras das expiações, individuais ou coletivas.

É, pois, o fim do *mundo velho*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade,

pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim.” Esse fim, porém, para chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que advirão os males por Ele previstos.⁴

Ao término do estudo desenvolvido neste Roteiro, esforcemos para jamais esquecer as últimas palavras dos versículos 20 e 22 do texto evangélico citado: “mas a vossa tristeza se converterá em alegria”; “mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria, ninguém vo-la tirará”.

São palavras que traduzem a promessa do Cristo a respeito dos dias futuros que nos aguardam, depois de concluído o processo de transição. Ainda que as nossas provações pesem e nos causem profundos sofrimentos, não nos deixemos conduzir pela dor, porque “a nossa tristeza se converterá em alegria”. Confiemos, então, no Cristo!

Nas horas que precederam a agonia da cruz, os discípulos não conseguiam disfarçar a dor, o desapontamento. Estavam tristes. Como pessoas humanas, não entendiam outras vitórias que não fossem as da Terra. Mas Jesus, com vigorosa serenidade, exortava-os: “Na verdade, na verdade, vos digo que vós chorareis e vos lamentareis; o mundo se alegrará e vós estareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.”

[...]

No entanto, essa pesada bagagem de sofrimentos constitui os alicerces de uma vida superior, repleta de paz e alegria. Essas dores representam auxílio de Deus à terra estéril dos corações humanos. Chegam como adubo divino aos sentimentos das criaturas terrestres, para que de pântanos desprezados nasçam lírios de esperança.

[...]Cristo, porém, evidenciando suprema sabedoria, ensinou a ordem natural para a aquisição das alegrias eternas, demonstrando que fornecer caprichos satisfeitos, sem advertência e medida, às criaturas do mundo, no presente estado evolutivo, é depor substâncias perigosas em mãos infantis. Por esse motivo, reservou trabalhos e sacrifícios aos companheiros amados, para que se não perdessem na ilusão e chegassem à vida real com valioso patrimônio de estáveis edificações.

Eis por que a alegria cristã não consta de prazeres da inconsciência, mas da sublime certeza de que todas as dores são caminhos para júbilos imortais.¹²

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8, item 13, p. 169.
2. _____. _____. Cap. 21, item 5, p. 362.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 51 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17, item 56, p. 449.
4. _____. _____. Item 58, p. 450.
5. _____. _____. Cap. 18, item 1, p. 457.
6. _____. _____. Item 2, p. 458.
7. _____. _____. Item 5, p. 460.
8. _____. _____. Item 9 (Mensagem do Doutor Barry), p. 465.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 728, p.389.
10. _____. _____. Questão 735, p.391.
11. _____. _____. Questão 742, p.395.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 93 (Alegria cristã), p. 201-202.
13. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 32 (Cadáveres), p. 79-80.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em pequenos grupos para leitura e interpretação dos quatro textos evangélicos, objeto de estudo deste Roteiro. Em seguida, pedir-lhes que relatem, em plenária, as conclusões. Finalizados os relatos, realizar uma atividade exploratória e interpretativa das ideias desenvolvidas no texto, viabilizada por meio de perguntas inteligentes, que conduzam à reflexão, que façam os participantes raciocinar a respeito do período de transição, vivenciado atualmente, e o de regeneração que nos aguarda.

APRENDENDO COM AS PROFECIAS

Roteiro 5

UM REBANHO E UM PASTOR

Objetivos

- » Explicar a sentença do Cristo de que “haverá um rebanho e um pastor” (Jo10:16).
- » Identificar condições favoráveis para o cumprimento desta profecia.
- » Destacar a contribuição do Espiritismo no contexto da previsão.

Ideias principais

- » Com a profecia de que na Terra haverá “um rebanho e um pastor”, [...] *Jesus claramente anuncia que os homens um dia se unirão por uma crença única [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, item 32.*
- » A fim de que os homens se unam por meio de uma única crença é necessário que [...] *as religiões se encontrem num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conformemente à multiplicidade dos seus dogmas particulares. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, item 32.*
- » *Por meio do Espiritismo, a Humanidade tem que entrar numa nova fase, a do progresso moral que lhe é consequência inevitável. [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Conclusão V.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor. (JOÃO, 10:14-16.)

Em algumas regiões do Planeta existem, atualmente, acordos comerciais, econômicos, políticos e sociais coordenados, na sua maioria, por respeitáveis organizações internacionais, públicas ou privadas. São iniciativas que visam à aproximação e a integração de diferentes nacionalidades. A Comunidade Econômica Europeia (CEE) é um exemplo desse tipo de união.

As palavras do Cristo, contudo, extrapolam essas ligações sociopolítico-econômicas. Indicam que acontecerá também uma integração religiosa entre os diferentes povos que compõem a humanidade planetária. É uma profecia que não deixa de representar um grande desafio, sobretudo se analisarmos a situação atual, em que predominam o separatismo, o fundamentalismo e os extremismos religiosos. Entretanto, se foi profetizado por Jesus, tal acontecimento ocorrerá, cedo ou tarde. Mas, como será possível efetuar essa união?

[...] Difícil parecerá isso, tendo-se em vista as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre os seus adeptos, a obstinação que manifestam em se acreditarem na posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se fará em seu proveito e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão, no que respeita às suas crenças.

[...] Ela se fará pela força das coisas, porque há de tornar-se uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana, que se tornará apta a compreender a puerilidade de todas as dissidências; pelo progresso

das ciências, a demonstrar cada dia mais os erros materiais sobre que tais dissidências assentam [...].¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido* (Jo, 10:14).

A palavra pastor (do hebraico *ro'eh* e do grego *poimen*) apresenta diferentes significados nos textos bíblicos. *Pastor* ou *guardador de gado* é o mais conhecido: identifica as pessoas que cuidam de um rebanho, especialmente o de ovelhas. Exemplo: “E todas as nações serão reunidas diante dele e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas” (Mt 25:32). Pode referir-se a *ministro de uma igreja*. Exemplo: “Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que não de dar conta delas” (Hb 13:17). Indica também *governante espiritual* ou *guia* de um povo, nação ou Humanidade. Ismael é considerado pelos espíritas como o guia espiritual do Brasil. Jesus é o governante ou governador da humanidade terrestre. Exemplo: “Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande Pastor das ovelhas”. (Hb 13:20) Encontramos, ainda, o significado de pastor como indicativo de Deus, o Criador supremo, sobretudo nos textos do Velho Testamento: “O Senhor é o meu Pastor; nada me faltará”. (Sl 23:1.)

Jesus aplica a si mesmo o cognitivo “pastor” ou “porta”, no sentido de governador ou dirigente da humanidade terrestre. “[...] O Cristo, porém, é a porta da Vida abundante. Com Ele, submetemo-nos aos desígnios do Pai celestial e, nessa diretriz, aceitamos a existência como aprendizado e serviço, em favor de nosso próprio crescimento para a imortalidade.”¹¹

Fora dos textos bíblicos, “[...] Homero e outros escritores seculares frequentemente chamavam os reis e governadores de pastores (Ilíada, I, 263)”⁸

No contexto da citação de João, a afirmativa do Cristo “Eu sou o bom Pastor”, tem como significado expresso o de ser Ele, Jesus, o Governador espiritual do Orbe, o condutor dos nossos destinos, o guia e modelo da Humanidade. Nenhum dos demais significados estudados anteriormente se aplicam ao Mestre: Jesus não deve ser confundido

com guardador de ovelhas, com ministro ou chefe de igreja cristã, com governantes de províncias da Terra, e, especialmente, com Deus.

Cristo é a linha central de nossas cogitações. Ele é o Senhor único, depois de Deus, para os filhos da Terra, com direitos inalienáveis, porquanto é a nossa luz do primeiro dia evolutivo e adquiriu-nos para a redenção com sacrifícios de seu amor. Somos servos dele. Precisamos atender-lhe aos interesses sublimes, com humildade.¹⁰

Emmanuel esclarece no seu livro *A caminho da luz*, a posição de Jesus como dirigente planetário:

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos puros e eleitos pelo Senhor supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.⁹

Neste sentido, Jesus não é apenas “o pastor”, mas “o bom pastor” porque conhece verdadeiramente as suas ovelhas, guiando-as com segurança e amor ao longo do processo ascensional.

Compadecendo-se de nossa ignorância, a divina Providência deliberou enviar alguém que nos instrísse nos caminhos da elevação, e Jesus, o sublime governador do planeta terrestre, veio em pessoa explicar-nos que Deus não nos pede nem adulações e nem pompas, nem vítimas e nem holocaustos, e sim o coração inflamado de fraternidade, a serviço do bem, para que a Terra se abra, enfim, à glória e à felicidade do seu Reino.¹²

O vocábulo ovelha, usualmente empregado nos textos religiosos, testamentais e não testamentais, apresenta três interpretações: a) a forma literal conhecida, de animal, fêmea do carneiro. Exemplo: “Que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?” (Mt 18:12.) b) a que faz referência aos crentes, religiosos, adeptos ou seguidores de uma religião. Exemplo: “[...]”

mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel [...]” (Mt 10:6). Neste aspecto, as ovelhas perdidas representam os judeus afastados da sinagoga ou desiludidos com o Judaísmo; c) a que indica todos os Espíritos bons, justos ou benevolentes. Exemplo: “E, quando o Filho do Homem vier em sua glória [...]; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e deste-me de comer [...]. Então, os justos lhes responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer? [...]” (Mt 25:31-37).

Fica claro que Jesus considera como “ovelhas” o sentido expresso nos itens “b” e “c”.

- » *Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor (Jo, 10:16).*

Jesus anuncia, com essas palavras, a diversidade religiosa que existia na sua época, em todas as partes do mundo, cuja maioria abraçava a crença em vários deuses. Mesmo entre os judeus, monoteístas por natureza, existiam divisões quanto à interpretação da revelação de Moisés. Em Jerusalém, a sede do monoteísmo hebreu, conviviam diversas seitas do Judaísmo: dos fariseus e saduceus; dos nazarenos e essênios; dos samaritanos e terapeutas etc. Os judeus que nasceram e viveram fora de Jerusalém sofreram, especialmente, forte influência dos povos gentílicos. Um exemplo que se destaca diz respeito aos chamados “judeus helênicos” envolvidos, em geral, com as ideias dos filósofos gregos, sobretudo os da famosa Escola de Alexandria.

Nos dias atuais, percebemos que o politeísmo não é tão expressivo como era na Antiguidade, em razão da existência das três grandes revelações monoteístas, firmemente estabelecidas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Contudo, a mensagem cristã não é crença universal. Daí Jesus anunciar a conveniência de agregar ao seu aprisco outras ovelhas, as que ainda não aceitam ou desconhecem a sua mensagem de amor. A profecia do Cristo se aplica tanto à Humanidade daquela época quanto a da atualidade.

Trata-se de uma profecia que será cumprida, possivelmente, durante o período de regeneração, quando a humanidade terrestre estará mais unida em torno de ideias comuns, sobretudo no campo da fé:

A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão assente em base inabalável e essa base é a fé, não a fé em tais ou tais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, porquanto, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que toda a gente pode aceitar e aceitará: *Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinito, a perpetuidade das relações entre os seres*. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada de injusto pode querer; que não dele, porém dos homens vem o mal, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros. Essa a fé que o Espiritismo faculta e que doravante será o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam os cultos e as crenças particulares.²

É equívoco supor que a união dos homens em torno de uma única crença eliminará a diversidade religiosa existente no Planeta. As pessoas se manterão unidas pela crença em princípios espirituais universais e por um laço de fraternidade. Compreenderão, às duras penas, que somente “[...]o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade”³

Será ele [o progresso moral] que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará cair os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros. Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos.³

Os livros sagrados das religiões e as características culturais de cada movimento religioso serão mantidos, pois representam o patrimônio cultural da Humanidade. Ocorrerá, porém, uma espécie de diversidade religiosa que se apoiará na unidade de certas ideias fundamentais.

Quer isto dizer que continuarão existindo judeus, católicos, islâmicos, protestantes, espíritas etc. Somente assim podemos compreender a afirmativa de Jesus de que “haverá um rebanho e um Pastor”.

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.⁴

O Espiritismo, na sua missão de Cristianismo redivivo, mostra que durante o período de transição moral, a “[...] geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido de progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana”.⁵

“Um rebanho e um Pastor” representa a idade de maturidade espiritual da Humanidade. Indica o surgimento de uma geração nova, solidária e fraterna, que caminhará unida em busca da felicidade espiritual.

A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, o Espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno. Aos homens progressistas se deparará nas ideias espíritas poderosa alavanca e o Espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Dado esse estado de coisas, que poderão fazer os que entendam de opor-se-lhe?⁶

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 51. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 17, item 32, p. 436-437.
2. _____. _____. Cap. 18, item 17, p. 470-471.
3. _____. _____. Item 19, p. 471.
4. _____. _____. p. 471-472.
5. _____. _____. Item 20, p. 472.
6. _____. _____. Item 24, p. 474.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 625, p. 346.

8. DOUGLAS, J. D. BRUCE, F. F [et cols]. *O novo dicionário da bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.1004.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1 (A gênese planetária), item: A comunidade dos espíritos puros, p. 17-18.
10. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 142 (Um só senhor), p. 299-300.
11. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 172 (Ante o Cristo libertador), p. 416.
12. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 24, item: Deus e caridade (mensagem de Emmanuel), p. 141.

Orientações ao monitor

Sugerimos que o estudo siga, criteriosamente, os objetivos definidos na página inicial deste Roteiro, independentemente dos recursos audiovisuais e técnicas didáticas selecionados.

OBSERVAÇÃO: Ao término da aula, o monitor solicita aos participantes a realização de uma pesquisa sobre as expressões “jugo” e “autoridade”, tanto no sentido indicado por Jesus quanto no que é, usualmente, utilizado nas relações sociais e profissionais (sentidos filosófico, científico, político, religioso e espiritual). Esta pesquisa servirá de base para o estudo previsto para as próximas reuniões (módulo II).

EADE LIVRO III | MÓDULO II

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 1

O JUGO DE JESUS

Objetivos

- » Explicar, à luz da Doutrina Espírita, o significado do jugo do Cristo.
- » Refletir sobre a necessidade de nos submetemos ao amparo de Jesus.

Ideias principais

- » *O jugo a que Jesus se reporta é justamente a sua Doutrina, o conhecimento e a prática das regras de bem-viver, expostos no Sermão da Montanha e na Revelação espírita; é a prática do Amor, os deveres da Caridade, a consciência dos princípios das leis eternas e sua observância possível, divulgadas no alto do Sinai.* Yvonne A. Pereira: *À luz do consolador*. Cap. Convite ao estudo.
- » *Todos os sofrimentos [...] encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 6, item 2.

Subsídios

1. Texto evangélico

Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da Terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos

e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve. [...] Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve. (MATEUS, 11:25-26; 28-30.)

Por esse ensino direto, Jesus nos faz ver a importância do seu Evangelho como rota segura da conquista da felicidade verdadeira. Esclarece Emmanuel:

Apresentar-nos com volumosa bagagem de débitos do passado escuro, ante a verdade; mas desde o instante em que nos rendemos aos desígnios do Senhor, aceitando sinceramente o dever da própria regeneração, avançamos para região espiritual diferente, onde todo jugo é suave e todo fardo é leve.¹²

Sob seu amparo e orientação adquirimos fortaleza moral que nos liberta dos velhos hábitos que nos mantêm presos ao solo das imperfeições. Neste propósito, a orientação espírita nos fornece a chave para a compreensão da mensagem do Cristo, necessária à nossa felicidade verdadeira.

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação em a fé no futuro, em a confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados [cansados e oprimidos], que eu vos aliviarei.” Entretanto, faz depender de uma condição a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por Ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas, esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da Terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve (Mt 11:25-26).*

As lições do Evangelho têm caráter atemporal: orientaram o discípulo à época em que o Cristo esteve no plano físico (“naquele

tempo”), orientam no presente e orientação nos dias futuros. Independentemente do nosso estágio evolutivo, importa considerar que Jesus continua conosco, sempre solícito, disposto a nos ensinar como edificar o reino dos céus, em nós mesmos.

As palavras: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da Terra” indicam, além de louvor, reverência e submissão ao jugo, ou vontade, de Deus (o “Pai”), Criador supremo (“Senhor do céu e da Terra”). Os vocábulos “céu” e “Terra” revelam, respectivamente, e sob forma simbólica, os valores imortais que transmitem felicidade eterna (“céu”) ao Espírito e o campo ou laboratório das experiências necessárias ao aprendizado humano (“Terra”).

Jesus louva o Criador supremo porque certas verdades são reveladas aos pequeninos e ocultas aos sábios e instruídos. Na linguagem do Evangelho, “pequeninos” faz referência aos humildes, às almas pacíficas e boas, que se encontram abertas aos ensinamentos morais do Cristo. Os “sábios e instruídos” representam o grupo de intelectuais ciosos do saber que possuem. Por se julgarem “donos da verdade” são incapazes de perceber que revelam o estado de ignorância moral em que se encontram, por ora. São os intelectuais de todas as épocas, que enxergam através de lentes míopes, mas se avaliarem como superiores aos semelhantes, porque possuem alguma cultura fornecida pelo mundo, ou em razão da posição social ou econômica que ocupam. Na verdade, quem se julga sábio entroniza a própria ignorância, pois a verdadeira sabedoria consiste em aplicar o conhecimento na construção do bem, por meio de exemplificações moralmente elevadas. Os “sábios e instruídos” a que Jesus faz alusão, se revelam, paradoxalmente, incapazes de entender orientações espirituais básicas, uma vez que trazem o espírito saturado de arrogância e de vaidade.

Deus não esconde as coisas aos sábios e aos entendidos; é o orgulho que não os deixa vê-las. Ao passo que os pequeninos, isto é, os despidos de orgulho e de presunção, iluminados pela fé pura que lhes concede segura intuição, assimilam facilmente as lições divinas e fazem delas caminho para a felicidade espiritual.⁸

Os humildes, ao contrário, por se curvarem aos desígnios divinos, não se julgam superiores. Sendo Espíritos mansos e benevolentes captam a essência das verdades imortais, por inspiração superior, ainda que na reencarnação se apresentem desprovidos de maiores conhecimentos intelectuais.

O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, por isso que a derrama em ondas por toda a parte, de tal sorte que só cegos não a veem. *A esses não quer Deus abrir à força os olhos, dado que lhes apraz tê-los fechados.* [...] Para vencer a incredulidade, Deus emprega os meios mais convenientes, conforme os indivíduos. Não é à incredulidade que compete prescrever-lhe o que deva fazer, nem lhe cabe dizer: “Se me queres convencer, tens de proceder dessa ou daquela maneira, em tal ocasião e não em tal outra, porque essa ocasião é a que mais me convém.” Não se espantem, pois, os incrédulos de que nem Deus, nem os Espíritos, que são os executores da sua vontade, se lhes submetam às exigências. Inquiram de si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores se lembrasse de lhes prescrever fosse o que fosse. Deus impõe condições e não aceita as que lhe queiram impor. Escuta, bondoso, os que a Ele se dirigem humildemente e não os que se julgam mais do que Ele.²

Jesus exemplifica sujeição à vontade de Deus quando afirma: “Sim, ó Pai, porque assim te aprouve.” Ele “[...] tinha certeza de que seus ensinamentos jamais se perderiam. No caminho do progresso, o que a alma não aceita hoje, aceitará no futuro”.⁸ Entretanto, Jesus respeita o livre-arbítrio dos seus interlocutores, de aceitar ou rejeitar as suas sábias orientações. “Não nos esqueçamos de que o Evangelho é para ser semeado, e a partir daí, germinar, crescer e frutificar no coração.”⁴

O exemplo do Cristo ilustra o tipo de comportamento que devemos adotar perante pessoas que rejeitam ou desconhecem os ensinamentos espíritas. Precisamos respeitar, com serenidade, a indiferença ou as opiniões contrárias emitidas sobre a Doutrina Espírita. Com o tempo, todas as criaturas humanas absorverão seus princípios. “Atrás do ‘aprove’ do Pai, pode estar presente o recurso menos agradável, mas imprescindível ao ressarcimento de débitos pretéritos, ou outros, destinados à aferição das conquistas já operadas, com vistas ao futuro [...]”⁵

O Mestre demonstra que os Espíritos que rejeitam as verdades do Evangelho o fazem porque estão transitoriamente incapacitados de enxergar mais além. “*O orgulho é a catarata que lhes tolda a visão.* De que vale apresentar a luz a um cego? Necessário é que, antes se lhe destrua a causa do mal.”³

Essa condição nos faz lembrar a seguinte afirmativa de Paulo: “E, se alguém cuida saber alguma *coisa*, ainda não sabe como convém saber” (1Co 8:2), cuja interpretação de Emmanuel não deve ser ignorada:

A civilização sempre cuida saber excessivamente, mas, em tempo algum, soube como convém saber.

É por isto que, ainda agora, o avião bombardeia, o rádio transmite a mentira e a morte, e o combustível alimenta maquinaria de agressão.

Assim também, na esfera individual, o homem apenas cogita saber, esquecendo que é indispensável saber como convém.

Em nossas atividades evangélicas, toda a atenção é necessária ao êxito na tarefa que nos foi cometida.

Aprendizes do Evangelho existem que pretendem guardar toda a revelação do Céu, para impô-la aos vizinhos; que se presumem de posse da humildade para tiranizarem os outros; que se declaram pacientes, irritando a quem os ouve; que se afirmam crentes, confundindo a fé alheia; que exibem títulos de benemerência, olvidando comezinhas obrigações domésticas.

Esses amigos, principalmente, são daqueles que cuidam saber sem saberem de fato.

Os que conhecem espiritualmente as situações ajudam sem ofender, melhoram sem ferir, esclarecem sem perturbar. Sabem como convém saber e aprenderam a ser úteis. Usam o silêncio e a palavra, localizam o bem e o mal, identificam a sombra e a luz e distribuem com todos os dons do Cristo. Informam-se quanto à Fonte da eterna Sabedoria e ligam-se a ela como lâmpadas perfeitas ao centro da força. Fracassos e triunfos, no plano das formas temporárias, não lhes modificam as energias. Esses sabem porque sabem e utilizam os próprios conhecimentos como convém saber.¹⁴

- » *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11:28-30).*

Este texto revela uma das mais belas e consoladoras manifestações de Jesus. Demonstra a sensibilidade do educador cõscio de seu ministério e do que efetivamente necessita ser repassado ao aprendiz.

Ninguém como Cristo espalhou na Terra tanta alegria e fortaleza de ânimo. Reconhecendo isso, muitos discípulos amontoam argumentos contra a lágrima e abominam as expressões de sofrimento.

O Paraíso já estaria na Terra se ninguém tivesse razões para chorar. Considerando assim, Jesus, que era o Mestre da confiança e do otimismo, chamava ao seu coração todos os que estivessem cansados e oprimidos sob o peso de desenganos terrestres.

Não amaldiçoou os tristes: convocou-os à consolação.

[...]

Caracterizam-se as lágrimas através de origens específicas. Quando nascem da dor sincera e construtiva, são filtros de redenção e vida; no entanto, se procedem do desespero, são venenos mortais.¹⁰

A expressão “Vinde a mim” está saturada de vibrações amorosas.

Convidando-nos, Jesus espera que nos movimentemos para Ele. Apesar de nos aguardar no decorrer dos milênios, essas suas palavras ainda soam nas consciências, trabalhando nossas reservas, até que o livre-arbítrio, imprescindível em tal decisão, possa ser acionado na direção dele que se constitui na porta de solução de todas as dores e apreensões.⁶

Sabemos, como cristãos e espíritas, que Jesus possui a suprema graça divina. Dele frui o bem superior, em razão de sua íntima e perfeita união com o Pai celestial.⁹ “Em tais condições, um desejo ardente domina o seu amorável coração: tornar os homens tais como ele é, fazê-los co-herdeiros com Ele, da paterna herança.”⁹

A ternura expressa no “Vinde a mim”, indica a possibilidade de nos libertarmos do peso das provações. É um apelo sincero que se assemelha às mãos estendidas; ao abraço fraterno; ao secar de lágrimas; à oferta de ombro amigo; é também manifestação de socorro, consolo e proteção.

Criados simples e ignorantes, optamos, contudo, em perambular pelos desvios que nos afastam do caminho do bem, a despeito das inúmeras oportunidades de elevação que nos são oferecidas.

Todos os males que nos afetam têm origem na falta de comunhão com Deus. Consequentemente, tudo que nos causa aflições, mágoas e sofrimentos, resolver-se-á como que por encanto, mediante o estabelecimento de nossas relações com a Divindade.⁹

O ser humano, para ser feliz, necessita desprender-se da opressão que a vida material proporciona. A questão que se coloca,

naturalmente, não é a do Cristo vir até nós, mas decidirmos, efetivamente, ir ao encontro do Cristo.

Todos ouvem as palavras do Cristo, as quais insistem para que a mente inquieta e o coração atormentado lhe procurem o regaço refrigerante...

[...]

Aqui, as palavras do Mestre se derramam por vitalizante bálsamo, entretanto, os laços da conveniência imediatista são demasiado fortes; além, assinala-se o convite divino, entre promessas de renovação para a jornada redentora, todavia, o cárcere do desânimo isola o espírito, por meio de grades resistentes; acolá, o chamamento do Alto ameniza as penas da alma desiludida, mas é quase impraticável a libertação dos impedimentos constituídos por pessoas e coisas, situações e interesses individuais, aparentemente inadiáveis.

Jesus, o nosso Salvador, estende-nos os braços amoráveis e compassivos. Com Ele, a vida enriquecer-se-á de valores imperecíveis e à sombra dos seus ensinamentos celestes seguiremos, pelo trabalho santificante, na direção da Pátria Universal ...¹¹

Faz-se necessário, pois, que o ser humano priorize a sua felicidade, orientando-se pelo poder do amor. Assim, quando Jesus afirma “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei”, destaca que a força do amor é a única capaz de produzir paz e alegria duradouras. O jugo do Cristo é o jugo do amor, que educa e promove o ser humano. Sob sua tutela, conhecemos e colocamos em prática a sua Doutrina, que se resume na prática da caridade. Entretanto, agindo como Espíritos rebeldes e imaturos, fugimos de sua assistência, através de ações infelizes, contra nós próprios e contra o próximo.

Por não buscá-lo pela via do Amor, Ele nos aguarda após as muitas lutas e desarmonias experimentadas nas veredas do sofrimento e da desilusão. Oprimidos, porque as coisas da Terra não apenas cansam, oprimem também. As desilusões aniquilam. As derrotas afligem. Depois de tanta luta, tudo passa deixando cicatrizes a nos induzirem à reflexão, para tomada de uma nova posição com Ele nas trilhas do progresso.⁷

É importante não nos submetermos às pseudonecessidades alimentadas pelo ego que, por serem fictícias e transitórias, atordoam os sentidos, envenenam os sentimentos, obliteram o raciocínio, interpondo obstáculos à melhoria espiritual. O atraso moral torna o Espírito escravo de paixões inferiores, em que o orgulho e o egoísmo

estabelecem reinado desolador. Libertos, porém, dos seus apelos inferiores, fazendo opção pelo amor do Cristo, constata-se e que o seu jugo liberta e ampara por estar fundamentado no amor.

Os versículos 29 e 30, do registro de Mateus, trazem uma promessa de Jesus que deve ser considerada com muita seriedade: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.”

Importa destacar que se o Cristo fala do seu jugo é porque existem outros jugos, como o das paixões inferiores, anteriormente assinaladas. Nessas condições, a pessoa corre o risco de ficar indiferente ao bem. Preferindo manter-se à margem da vida, indolente, é então subjugada pelas oscilações dos interesses egoísticos que lhe alimentam a existência. Presa às manifestações do egocentrismo, passa a ignorar o valor do sacrifício em benefício do próximo, incapaz que se encontra de renunciar às atrações impostas por posições e cargos existentes na vida em sociedade.

É necessário ficarmos atentos ao real sentido destas palavras de Jesus, evitando-se qualquer tipo de equívoco: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.” Não existe, na transcrição, estímulo à falta de compromisso moral quando Jesus anuncia: “aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração”; nem à ociosidade quando afirma: “encontrareis descanso para a vossa alma”; ou, ainda, desprezo pelo esforço e pelo trabalho, quando alega que o seu jugo é suave e que o seu fardo é leve. Recordemos que o processo de renovação no bem exige dedicação e persistência, obtido, em geral, à custa de suor e de lágrimas.

Neste contexto, orienta o benfeitor Emmanuel com propriedade:

Dirigiu-se Jesus à multidão dos aflitos e desalentados proclamando o divino propósito de aliviá-los.

— “Vinde a mim! — clamou o Mestre —, tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei comigo, que sou manso e humilde de coração!”

Seu apelo amoroso vibra no mundo, através de todos os séculos do Cristianismo.

Compacta é a turba de desesperados e oprimidos da Terra, não obstante o amorável convite.

É que o Mestre no “Vinde a mim!” espera naturalmente que as almas inquietas e tristes o procurem para a aquisição do ensinamento divino. Mas nem todos os aflitos pretendem renunciar ao objeto de suas desesperações e nem todos os tristes querem fugir à sombra para o encontro com a luz.

A maioria dos desalentados chega a tentar a satisfação de caprichos criminosos com a proteção de Jesus, emitindo rogativas estranhas.

Entretanto, quando os sofredores se dirigirem sinceramente ao Cristo, hão de ouvi-lo, no silêncio do santuário interior, concitando-lhes o espírito a desprezar as disputas reprováveis do campo inferior.

Onde estão os aflitos da Terra que pretendem trocar o cativeiro das próprias paixões pelo jugo suave de Jesus Cristo?

Para esses foram pronunciadas as santas palavras “Vinde a mim!”, reservando-lhes o Evangelho poderosa luz para a renovação indispensável.¹³

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 6, item 2, p. 139-140.
2. _____. _____. Cap. 7, item 9, p. 151.
3. _____. _____. Item 10, p. 151-152.
4. GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL. *Luz imperecível*. Coordenação de Honório Onofre de Abreu. 2. ed. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1997. Cap. 57 (Proposta divina), p. 171.
5. _____. _____. p. 172.
6. _____. _____. Cap. 59 (Cansados e oprimidos), p. 176-177.
7. _____. _____. p. 176-177.
8. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 16. ed. São Paulo: Pensamento, 2004. Cap. 11, item: O jugo de Jesus, p. 108.
9. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. Vinde a mim, p. 119.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 172 (Lágrimas), p. 359-360.
11. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 5 (Consegues ir?), p. 25-26.

12. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 81 (No paraíso), p. 178.
13. _____. _____. Cap. 130 (Onde estão?), p. 275-276.
14. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 44 (Saber como convém), p. 107-108.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes que apresentem os resultados da pesquisa solicitada na reunião anterior, a que trata das diferentes utilizações da palavra “jugo”. Em seguida, trabalhar os objetivos especificados no Roteiro, tendo como base as referências citadas.

OBSERVAÇÃO: esclarecer que a pesquisa sobre o significado de “autoridade” será utilizada na próxima reunião.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 2

A AUTORIDADE DE JESUS

Objetivos

- » Analisar em que se resume a autoridade do Cristo.
- » Esclarecer como Espiritismo explica essa autoridade.

Ideias principais

- » Sob a autoridade moral do Cristo, o ser humano é guiado na sua busca pela conquista da felicidade plena. *Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade varar as trevas. Esse dia foi o do advento do Cristo.[...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. I, item 10.*
- » *O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer ente os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. I, item 9.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Eu sou o pão da vida. (JOÃO, 6:48.)

Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida. (JOÃO, 8:12.)

Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. (JOÃO, 10:9-10.)

Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim. (JOÃO, 14:6.)

Como Governador do planeta, Jesus detém a plena autoridade para suprir a Humanidade de recursos favoráveis à sua redenção espiritual. É uma autoridade que se manifesta de forma branda e pacífica, sem violência de qualquer espécie. Fundamenta-se na lei de amor que, por sua vez, reflete as leis sábias do Criador. A autoridade e a sabedoria de Jesus são legítimas, oriundas de Deus. Seu Evangelho é o maior código de moralidade existente, ensinando como colocar em prática a Lei de Deus, Lei que Jesus “[...] veio cumprir-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depara, nessa Lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base de sua doutrina”.¹

Em cada ensinamento do Evangelho identificamos o Mestre na sua divina missão de educador de almas que imprime o selo do amor e da sabedoria nas suas orientações superiores. É por este motivo que, em outra oportunidade, afirma o Cristo: “Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou” (Jo 13:13).

Mas o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e de sua missão divina.²

Ele viera ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir,

para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, respeito a muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo Ele próprio o declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos implícitos. Para ser apreendido o sentido oculto de algumas palavras suas, mister se fazia que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, ideias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade.³

Os ensinamentos espíritas nos orientam como interpretar com segurança a mensagem de Jesus, inclusive pontos que permaneceram obscuros ou foram interpretados equivocadamente. “O Espiritismo é a chave com auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.”⁴

A Boa-Nova apresenta sublimadas orientações que definem com clareza inequívoca a autoridade de Jesus e a sua condição de dirigente maior dos destinos da Humanidade. Neste contexto, a fórmula da nossa definitiva libertação espiritual encontra-se neste conselho de Jesus: “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8:31-32).

2. Interpretação do texto evangélico

» *Eu sou o pão da vida* (Jo 6:48).

No sentido elementar, “pão” significa alimento básico, o que nutre as células e mantém a vida humana. Afirmando-se, porém, como “o pão da vida”, Jesus nos apresenta o sentido espiritual do seu ensinamento: o de alimento essencial, que garante os nutrientes necessários para o sustento moral do Espírito. Jesus é o pão que fornece, cotidianamente, conforto espiritual. Este conforto não “[...] é como o pão do mundo, que passa, mecanicamente, de mão em mão, para saciar a fome do corpo, mas sim como o Sol, que é o mesmo para todos, penetrando, porém, somente nos lugares onde não se haja feito um reduto fechado para as sombras”⁹

Através dos tempos, Jesus vem, saciando a fome espiritual de quantos dele se aproximam, suprindo-os fartamente em termos de harmonia, equilíbrio, bom ânimo e força moral. Acrescenta, ainda, Emmanuel:

Dentro de nossa pequenez, sucumbiríamos de fome espiritual, estacionados na sombra da ignorância, não fosse essa videira da verdade

e do amor que o supremo Senhor nos concedeu em Jesus Cristo. De sua seiva divina procedem todas as nossas realizações elevadas, nos serviços da Terra. Alimentados por essa fonte sublime, compete-nos reconhecer que, sem o Cristo, as organizações do mundo se perderiam por falta de base. Nele encontramos o pão vivo das almas e, desde o princípio, o seu amor infinito no orbe terrestre é o fundamento divino de todas as verdades da vida.¹⁰

Conclui-se, dessa forma, que precisamos trazer o Cristo no coração e na mente. As lições do seu Evangelho nos convidam ao grande esforço de cooperação e de doação no bem, que devemos aderir voluntariamente, sem falsas expectativas, mas conscientes do trabalho que nos cabe realizar.

- » *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida* (Jo 8:12).

Por essa afirmativa compreendemos a missão de Jesus como iluminador de consciências, num trabalho incessante que se desenrola ao longo das eras, nas vias do progresso humano. Sob a projeção da sua magnífica luz espiritual somos esclarecidos, porém, sem deixar de reconhecer o estado de escuridão que ainda trazemos no íntimo do ser.

Nossos pobres olhos não podem divisar particularidades nesse deslumbramento, mas sabemos que o fio da luz e da vida está nas suas mãos. É Ele quem sustenta todos os elementos ativos e passivos da existência planetária. No seu coração augusto e misericordioso está o Verbo do princípio. Um sopro de sua vontade pode renovar todas as coisas, e um gesto seu pode transformar a fisionomia de todos os horizontes terrestres.¹¹

Como Governador espiritual da Terra, Jesus fornece os meios e os recursos necessários ao aprendizado humano e, sob o seu jugo amorável, a Humanidade adquire a tão esperada iluminação espiritual.

Ele é a Luz do princípio e nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo. Seu coração magnânimo é a fonte da vida para toda a humanidade terrestre. Sua mensagem de amor, no Evangelho, é a eterna palavra da ressurreição e da justiça da fraternidade e da misericórdia. Todas as coisas humanas passarão, todas as coisas humanas se modificarão. Ele, porém, é a Luz de todas as vidas terrestres, inacessível ao tempo e à destruição.¹²

Identificando e aceitando a luz do Mestre, as criaturas humanas transformam-se, pouco a pouco, em instrumentos de auxílio, em autênticos discípulos, que sabem refletir a luz do Evangelho nas inúmeras atividades de amor e caridade. Tais discípulos são assim denominados pelo Mestre: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5:14).

» *Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. [...] Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas (Jo 10:9 e11).*

A porta é uma passagem situada entre dois ambientes que, no sentido do Evangelho, expressa níveis de entendimento ou de planos evolutivos. A passagem de um lado para o outro está intermediada pela porta, aqui claramente representada pelo Cristo. Quer isso dizer que as oportunidades de progresso, advindas das provações ou em razão de escolhas sensatas, são concessões que Jesus faz aos seres humanos, em nome de Deus.

Há também outro sentido para “porta”. Pode indicar sinal de renovação mental, ou mudanças de atitudes e de comportamentos. Devemos considerar, porém, que nem sempre o desejo de melhoria corresponde a ações efetivas.

Quando notarmos a presença de um crente de boa palavra, mas sem o íntimo renovado, dirigindo-se ao Mestre como um prisioneiro carregado de cadeias, estejamos certos de que esse irmão pode estar à porta do Cristo, pela sinceridade das intenções; no entanto, não conseguiu, ainda, a penetração no santuário de seu amor.⁸

Encontramos muitas portas na vida: as “portas largas” que conduzem às perturbações e às desarmonias espirituais. Da mesma forma, existem “portas estreitas”, caracterizadas pela renúncia aos valores transitórios e às ilusões da matéria. (Mt 7:13-14.) Com o Cristo, porém, a palavra “porta” apresenta grande significância, porque quando Ele afirma “Eu sou a porta”, acrescenta, em seguida: “se alguém entrar por mim, salvar-se-á”. Jesus é, assim, meio de progresso moral-intelectual e salvação. É o Guia e Modelo da Humanidade.⁶

Jesus é a referência legítima do bem e da felicidade. Simbolizando-se como porta, demonstra que a sua mensagem conduz a um patamar mais amplo, mais elevado, fértil de valores edificantes para o Espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens

e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance.⁵

No final do versículo nove, da citação de João, o Mestre afirma: “Salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens”. Percebe-se, aqui, que a ideia de “salvar-se” não é algo estático ou passivo. Envolve movimentação de um nível evolutivo para outro, determinada por ações precisas. “Salvar-se” significa integrar-se ao serviço do Cristo, colocar-se à sua disposição, onde o indivíduo encontrará sempre oportunidades de realizações nobres (“achará pastagens”).

Fica claro também que a pessoa é salva porque se libertou ou encontrase em processo de libertação das próprias imperfeições. O Espírito é livre a partir do momento que aceita e vivência ensinamentos do Cristo (“a porta”). Sendo livre, “entrará, e sairá, e achará pastagens”, ou seja, é capaz de vencer as tentações do caminho porque a sua alimentação mental, “a pastagem”, agora, é farta, decorrente da sua nova atuação no cenário da vida: a vitória sobre si mesmo, sobre as próprias imperfeições.

- » Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo14:6).

A autoridade de Jesus é de cunho moral. A que se impõe, naturalmente, sem ofensas e violências. É a autoridade do amor. O dia em que a Humanidade tiver conhecimento da mensagem do Cristo, uma nova ordem se estabelecerá no planeta, que de mundo de expiação e provas se elevará à categoria de regeneração. Os seres humanos, mais fraternos e solidários, entenderão e aceitarão a liderança real, legítima e verdadeira: a de Jesus.

A liderança real, no caminho da vida, não tem alicerces em recursos amodados. Não se encastela simplesmente em notoriedade de qualquer natureza. Não depende unicamente da argúcia ou sagacidade. Nem é fruto da erudição pretensiosa. A chefia durável pertencem aos que se ausentam de si mesmos, buscando os semelhantes para servi-los... Esquecendo as luzes transitórias da ribalta do mundo... renunciando à concretização de sonhos pessoais em favor das realizações

coletivas.... Obedecendo aos estímulos e avisos da consciência... E por amar a todos sem reclamar amor para si, embora na condição de servo de todos, faz-se amado da vida, que nele concentra seus interesses fundamentais.¹³

Existindo uma sociedade mais pacífica na Terra, unida por um laço de sincera fraternidade, a Humanidade compreenderá, finalmente, o significado de o Cristo ser o Caminho, a Verdade e a Vida.

Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Sua luz imperecível brilha sobre os milênios terrestres, como o Verbo do princípio, penetrando [...].

Lutas sangüinárias, guerras de extermínio, calamidades sociais não lhe modificaram um til nas palavras que se atualizam, cada vez mais, com a evolução multiforme da Terra. Tempestades de sangue e lágrimas nada mais fizeram que avivar-lhes a grandeza. Entretanto, sempre tardios no aproveitamento das oportunidades preciosas, muitas vezes, no curso das existências renovadas, temos desprezado o Caminho, indiferentes ante os patrimônios da Verdade e da Vida.

O Senhor, contudo, nunca nos deixou desamparados.

Cada dia, reforma os títulos de tolerância para com as nossas dívidas; todavia, é de nosso próprio interesse levantar o padrão da vontade, estabelecer disciplinas para uso pessoal e reeducar a nós mesmos, ao contato do Mestre divino. Ele é o Amigo generoso, mas tantas vezes lhe olvidamos o conselho que somos suscetíveis de atingir obscuras zonas de adiamento indefinível de nossa iluminação interior para a vida eterna.⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 3, p. 58.
2. _____. _____. Item 4, p. 58-59.
3. _____. _____. p. 59.
4. _____. _____. Item 5, p.59.
5. _____. _____. Item 9, p. 62-63.
6. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 625, p. 346.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução: Interpretação dos textos sagrados, p. 13-14.

8. _____. _____. Cap. 7 (Tudo novo), p. 30.
9. _____. _____. Cap. 11 (Conforto), p. 38.
10. _____. _____. Cap. 54 (A videira), p. 124.
11. _____. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p.15.
12. _____. _____. p. 16.
13. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 64 (O primeiro: mensagem do Espírito Emmanuel), p. 152.

Orientações ao monitor

Como motivação inicial, pedir aos participantes que informem os diferentes significados da palavra autoridade. Dividir, em seguida, a turma em pequenos grupos para o estudo dos textos evangélicos, citados neste Roteiro. Promover, em seguida, ampla análise do assunto, mantendo-se atento às orientações espíritas correspondentes.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 3

A CASA EDIFICADA SOBRE A ROCHA

Objetivos

- » Analisar, à luz da Doutrina Espírita, o simbolismo da “casa construída sobre a rocha”, constante em MATEUS, 7:24-27 e em LUCAS, 6:46-49.
- » Esclarecer por que todas as pessoas podem e devem colocar em prática os ensinamentos de Jesus.

Ideias principais

- » *Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! — De que serve, porém, lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não lhe seguem os preceitos? [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XVIII, item 9.*
- » *São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. [...] Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XVIII, item 9.*
- » *Na qualidade de político ou de varredor, num palácio ou numa choupana, o homem da Terra pode fazer o que lhe ensinou Jesus. Emmanuel: Caminho, verdade e vida. Cap. 47.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo? Qualquer que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre rocha. Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa. (LUCAS, 6:46-49.)

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda. (MATEUS, 7:24-27.)

Por esse ensinamento de Jesus, registrado por Lucas e por Mateus, identificamos duas questões fundamentais, dirigidas a todo cristão, independentemente da interpretação religiosa que segue: 1) a importância de colocar em prática os ensinamentos de Jesus; 2) a sabedoria, ou prudência, em edificar o próprio caráter em bases sólidas. A propósito, esclarece Kardec:

Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! – De que serve, porém, lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não lhe seguem os preceitos? Serão cristãos os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. [...] Não espereis dobrar a Justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões. O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante Ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade.

[...] Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha.[...]¹

2. Interpretação do texto evangélico

» *E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?* (Lc 6:46).

No Velho Testamento, a palavra “Senhor” faz referência exclusiva a Deus (do hebraico *Yhvh*, transliterado para *Yahweh*, *Javé* ou *Jeová*),³ Criador supremo, também chamado de “O Eterno”. Nessa escritura bíblica existe também a palavra *Adonay* indicativa de “Senhor”.

[*Adonay*] é [...] uma forma plural que designa Deus como ser pleno de vida e poder. Significa “Senhor”, ou em sua forma extensiva, “Senhor de senhores”, e “Senhor de toda a Terra”, apontando Deus como governante a quem tudo está sujeito e com quem o homem está relacionado como servo (Gn 18:27). Era a forma favorita do nome divino pelo escritores judeus posteriores, os quais usavam-na para substituir o nome sagrado YHVH.²

Importa considerar, porém, que seguindo a tradição definida pelos escritores da *Septuaginta* (tradução grega das escrituras hebraicas), as modernas traduções do Velho Testamento usam a palavra “Senhor” como equivalente de YHVH (Javé), “[...] A forma JAVÉ é a mais aceita entre os eruditos. A forma JEOVÁ (JEHOAH), que só aparece a partir de 1518, não é recomendável por ser híbrida, isto é, consta da mistura das consoantes de YHVH (o Eterno) com as vogais de ADONAY (Senhor).⁷

No Novo Testamento, o vocábulo “Senhor” é usado tanto para Deus, o Pai, como para Jesus, o Filho — também confundido, equivocadamente, com Deus por algumas religiões cristãs —, “[...] sendo às vezes impossível afirmar com certeza de qual dos dois se está falando”.⁷

Referências históricas à parte, o que realmente é essencial diz respeito à vivência da mensagem do Cristo. Trata-se de questão que todo cristão, todo espírita, deve analisar com seriedade.

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. [...] Os homens as conservarão porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.¹

Considerando o período de tempo que a mensagem cristã se encontra entre nós, entende-se que um esforço maior deva ser levado avante pelos cristãos — notadamente o espírita que detém maiores esclarecimentos sobre as consequências dos seus atos —, no sentido de vivenciá-la, tendo em vista esta orientação do apóstolo Tiago: “E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos” (Tg 1:22).

Falsos discursos enganaram indivíduos, famílias e nações. Acreditaram alguns em promessas vãs, outros em teorias falaciosas, outros, ainda, em perspectivas de liberdade sem obrigações. E raças, agrupamentos e criaturas, identificando a ilusão, atritam-se, mutuamente, procurando a paternidade das culpas.

[...]

No turbilhão de lutas, todavia, o amigo do Cristo pode valer-se do tesouro evangélico, em proveito de sua esfera individual.

Cumprir a palavra do Mestre em nós é o programa divino. Sem a execução desse plano de salvação, os demais serviços sob nossa responsabilidade constituirão sublimada teologia, raciocínios brilhantes, magnífica literatura, muita admiração e respeito do campo inferior do mundo, mas nunca a realização necessária.

Eis o motivo pelo qual é sempre perigoso estacionar, no caminho, a ouvir quem foge à realidade de nossos deveres.¹²

Fazendo uma reflexão mais apurada, percebemos que não conseguimos nos furtar de certo constrangimento, de vergonha mesmo, quando deparamos com a interrogação do Mestre: “E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?”

Em lamentável indiferença, muitas pessoas esperam pela morte do corpo, a fim de ouvirem as sublimes palavras do Cristo.

Não se compreende, porém, o motivo de semelhante propósito. O Mestre permanece vivo em seu Evangelho de amor e luz.

É desnecessário aguardar ocasiões solenes para que lhes ouçamos os ensinamentos sublimes e claros.

[...]

Tais companheiros não sabem ouvir o Mestre divino em seu verbo imortal. Ignoram que o serviço deles é aquele a que foram chamados, por mais humildes lhes pareçam as atividades a que se ajustam.

Na qualidade de político ou de varredor, num palácio ou numa choupana, o homem da Terra pode fazer o que lhe ensinou Jesus.

É por isso que a oportuna pergunta do Senhor deveria gravar-se de maneira indelével em todos os templos, para que os discípulos, em lhe pronunciando o nome, nunca se esqueçam de atender, sinceramente, às recomendações do seu verbo sublime.⁹

- » *Qualquer que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as observa, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante ao homem que edificou uma casa, e cavou, e abriu bem fundo, e pôs os alicerces sobre rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre rocha. Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa (Lc 6:47-49).*

Observar os ensinamentos de Jesus (“as palavras”) significa adquirir força moral necessária, a que impulsiona a evolução espiritual do ser, que o protege quando se encontra sob o peso das provações. “Com o espírito fortificado pelo conhecimento que possuímos das leis divinas, facilmente triunfaremos das vicissitudes terrenas e edificaremos nossas vidas em bases sólidas, que não poderão ser abaladas pelas ilusões da Terra.”⁵

É interessante verificar que o Mestre destaca, entre todos os discípulos, aquele que lhe ouve os ensinamentos e os pratica. Daí se conclui que os homens de fé não são aqueles apenas palavrosos e entusiastas, mas os que são portadores igualmente da atenção e da boa vontade, perante as lições de Jesus, examinando-lhes o conteúdo espiritual para o trabalho de aplicação no esforço diário.¹¹

A pessoa que ouve e coloca em prática a mensagem cristã revela-se como sábia, prudente. Orientando-se pelo Evangelho, o Espírito se coloca acima das coisas transitórias, comuns da vida no plano físico, porque segue o roteiro moral seguro de combate às imperfeições que ainda possui. Nisso se resume a “edificação da casa sobre a rocha”.

Um dos principais pontos onde poderemos fracassar é a não observância das lições do Evangelho, com conhecimento de causa. Uma vez que estudamos as leis divinas, temos obrigação de viver de acordo com elas. O Evangelho não é um repositório de máximas para o uso dos outros apenas, mas, principalmente, para nosso próprio uso. Os que pregam e ensinam e, todavia, não vivem em harmonia com o que ensinam e pregam, estão construindo a casa sobre a areia [ou terra].[...] Outros que também fracassam são aqueles que não possuem a força moral suficiente

para seguirem a orientação espiritual que pediram e receberam, mas que não veio consoante seus desejos. [...] Finalizando, podemos dizer que também constroem sobre a areia aqueles que não aceitam resignadamente as provas e as expiações que lhes couberam; e os que usam dos bens que o Senhor lhes confiou, unicamente para a satisfação do seu egoísmo.⁶

Cristo simbolizou a edificação do caráter humano por meio de uma casa assentada sobre a rocha, uma casa de base sólida, contra a qual as tormentas e as tempestades da vida são incapazes de destruir ou abalar. Essa lição é muito atual, pois vivemos uma época difícil, em que os valores morais são questionados. Nesse sentido, toda prudência é pouca, a fim de que, inadvertidamente, venhamos a construir nossa casa sobre a areia, fácil de ruir e, em consequência, provocar grandes sofrimentos ou ruínas a nós próprios e ao próximo.

Não se pode esquecer, também, que toda edificação de valores espirituais eternos deve erguer-se, no dia a dia, pedra a pedra, tijolo a tijolo, unidos com o cimento da atenção, da vigilância e da perseverança.

A construção do caráter, ou a sua melhoria, não deve restringir-se às boas intenções, mas ao esforço disciplinado de combate às imperfeições e às más inclinações.

A frase evangélica: “Qualquer um que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as observa [...]” está dirigida a quem ouve com atenção, que se esforça em entender ou assimilar a lição para, em seguida, colocá-la em prática. A vontade de se transformar em pessoa de bem é o primeiro passo, em continuidade, é necessário vivenciar esse propósito.

Os que vivem na certeza das promessas divinas são os que guardam a fé no poder relativo que lhes foi confiado e, aumentando-o pelo próprio esforço, prosseguem nas edificações definitivas, com vistas à eternidade.

Os que, no entanto, permanecem desalentados quanto às suas possibilidades, esperando em promessas humanas, dão a ideia de fragmentos de cortiça, sem finalidade própria, ao sabor das águas, sem roteiro e sem ancoradouro.

[...]

Na esfera de cada criatura, Deus pode tudo; não dispensa, porém, a cooperação, a vontade e a confiança do filho para realizar.[...] ¹⁰

Sem dúvida, a exemplificação dos ensinamentos do Mestre tem sido o maior desafio enfrentado pelo cristão. “Edificar a casa de modo seguro e adequado é a meta do progresso espiritual. Para que tal solidez seja

alcançada, necessitamos de componentes selecionados, de disposição para o trabalho, perseverança e projeto bem definido.”⁴

As chuvas, ventos, enchentes e correntes de água, citados no texto de Mateus e no de Lucas, representam as dificuldades, as intempéries que assolam a existência humana, sobretudo quando o indivíduo se dispõe a melhorar. São as provações e os desafios da vida.

Devemos considerar, porém, que há Espíritos que diante do ensino de Jesus deixam-se conduzir por uma torrente de entusiasmo contraproducente. São criaturas boas, mas precipitadas. Querem transformar-se de um dia para o outro, sem dispensar os devidos cuidados exigidos no processo de edificação moral: estudo, exemplos, esforço, experiência. Sabemos que são poucas as pessoas que conseguem, por esforço hercúleo, mudarem rapidamente de posição evolutiva, num reduzido espaço de tempo. Na verdade, não devemos ser excessivamente morosos nas nossas conquistas espirituais, nem imprudentes.

Tal situação nos faz lembrar esta outra citação do Evangelho: “Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar” (Lc 14:28-30). O Espírito Emmanuel se pronuncia a respeito do assunto.

Constitui objeto de observação singular as circunstâncias do Mestre se referir, à essa altura dos ensinamentos evangélicos, à uma torre, quando deseja simbolizar o esforço de elevação espiritual por parte da criatura.

A torre e a casa são construções muito diversas entre si. A primeira é fortaleza, a segunda é habitação. A casa proporciona aconchego, a torre dilata a visão. Um homem de bem, integrado no conhecimento espiritual e praticando-lhe os princípios sagrados está em sua casa, edificando a torre divina da iluminação, ao mesmo tempo. Em regra vulgar, porém, o que se observa no mundo é o número espontâneo de pessoas que nem cuidaram ainda da construção da casa interior e já falam calorosamente sobre a torre, de que se acham tão distantes. Não é fácil o serviço profundo da elevação espiritual, nem é justo apenas pintar projetos sem intenção séria de edificação própria. É indispensável refletir nas contas, nos dias ásperos de trabalho, de autodisciplina. Para atingir o sublime desiderato, o homem precisará gastar o patrimônio das velhas arbitrariedades e só realizará esses gastos com o desprendimento sincero da vaidade humana e com excelente disposição para

o trabalho da elevação de si mesmo, a fim de chegar ao término, dignamente. Queres construir uma torre de luz divina? É justo. Mas não comeces o esforço, antes de haver edificado a própria casa íntima.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 18, item 9, p. 330-331.
2. DOUGLAS, J. D. BRUCE, F. F. [et cols]. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. Item: Palavras hebraicas para Deus: c) 'adonay, p. 332.
3. _____. Item: Nomes básicos: e) Yahweh, p.335.
4. GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL. *Luz imperecível*. Coordenação de Honório Onofre de Abreu. 2. ed. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1997. Cap. 44 (Edificação), p.138.
5. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. 7 (Continuação do sermão da montanha), p. 61.
6. _____. p. 63.
7. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia on-line*. Módulo básico expandido. Item: Dicionários bíblicos. Verbete Senhor, encontrado em Mateus, 7:21 e 22.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. Araras: IDE, 2000. Cap. 15 (A torre), p.71-73.
9. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 47 (A grande pergunta), p. 109-110.
10. _____. Cap. 14 (Em ti mesmo), p. 43-44.
11. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 9 (Homens de fé), p. 33.
12. _____. Cap. 165 (Falsos discursos), p. 345-346

Orientações ao monitor

Elaborar, previamente, cerca de doze questões relacionadas às principais ideias desenvolvidas neste Roteiro. Em seguida, pedir aos participantes que formem um círculo para a realização de uma discussão em torno das questões elaboradas. Concluída a discussão, fazer o fechamento do estudo, tendo como referência o que está especificado nos objetivos citados na primeira página.

OBSERVAÇÃO: É importante que o tempo seja controlado harmonicamente, de forma que cada participante possa ter oportunidade de emitir a sua opinião do assunto.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 4

AS MORADAS NA CASA DO PAI

Objetivos

- » Explicar o significado destas palavras de Jesus: “Na casa de meu Pai há muitas moradas.” (JOÃO, 14:2.)

Ideias principais

- » *A casa do Pai é o universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito.... Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. III, item 2.*
- » *Independentemente da diversidade dos mundos essas palavras de Jesus podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. III, item 2.*
- » *Ao longo do processo evolutivo, o Espírito [...] cresce no conhecimento e aprimora-se na virtude, estruturando, pacientemente, no seio do espaço e do tempo, o veículo glorioso com que escalaremos, um dia, os impérios deslumbrantes da beleza imortal. Emmanuel: Roteiro. Cap. 4.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também. Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho. (JOÃO, 14:1-4.)

“As moradas da casa do Pai”, expressão cunhada por Jesus, é muito conhecida dos espíritas por representar um dos princípios da Doutrina Espírita. Tal ensinamento evangélico abrange, a rigor, três ordens de ideias.

A primeira refere-se à pluralidade dos mundos habitados no Universo.

A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.¹

A segunda indica as regiões ou esferas vibracionais existentes no mundo espiritual para onde iremos após a desencarnação.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado venturoso ou desgraçado do Espírito na erraticidade. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, variarão ao infinito o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente, as percepções que tenha.¹

A terceira tem relação com os níveis ou graus evolutivos (“moradas”) de cada Espírito, independentemente do plano de vida em que se situe. Esta é a razão de ser a Humanidade constituída por Espíritos de “[...] diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado”.⁵

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim* (Jo 14:1).

Tais palavras foram proferidas durante a última ceia de Jesus, antes do seu martírio e crucificação. Fazem parte do conjunto das derradeiras instruções que o Mestre prestou aos discípulos, cuja tônica é despedir-se dos irmãos e irmãs que lhe compartilharam a existência durante os três anos em que pregou o seu Evangelho, e também firmar, mais uma vez, seu amor e compaixão por toda a Humanidade. No discurso de despedida, suas palavras estão saturadas de compaixão por todos os discípulos, do presente e do futuro, que em seu nome deveriam submeter-se aos mais ásperos testemunhos. O inequívoco sentimento de esperança, presente na exortação de Jesus, segundo o registro de João, manifesta-se na forma de um apelo que solicita aos seus seguidores manterem a fé na assistência do Criador supremo e, também, nele, o Messias celestial.

A confiança em Deus se torna dinâmica, atuante, renovadora, no momento em que depositamos fé no Cristo, pela aplicação em nossa vida prática dos postulados que nos legou, capazes de nos aproximar da Divindade; consoante a sua afirmativa: *“Ninguém vem ao Pai, senão por mim.”* (JOÃO, 14:6.)⁸

Os verbos turbar — que significa “causar ou sofrer perturbação, desequilíbrio, alteração da ordem”¹¹ — e crer são empregados de forma incisiva, no texto, porque há intenção de atingir diretamente os sentimentos dos ouvintes, não apenas o raciocínio, tendo em vista a necessidade de levantar-lhes o bom ânimo. Refletindo sobre esse ensinamento de Jesus (“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim”) e trazendo-o para os dias atuais, fazemos nossas as seguintes palavras do Espírito André Luiz:

A tempestade espanta. Entretanto, acentuar-nos-á a resistência, se soubermos recebê-la. A dor dilacera. Mas aperfeiçoar-nos-á o coração, se buscarmos aproveitá-la. A incompreensão dói. Contudo, oferece-nos excelente oportunidade de compreender. A luta perturba. Todavia, será portadora de incalculáveis benefícios, se lhe aceitarmos o concurso. O desespero destrói. Diante dele, porém, encontramos ensejo de cultivar a serenidade. O ódio enegrece. No entanto, descortina bendito horizonte à revelação do amor. A aflição esmaga. Abre-nos, todavia,

as portas da ação consoladora. O choque assombra. Nele, contudo, encontraremos abençoada renovação. A prova tortura. Sem ela, entretanto, é impossível a aprendizagem. O obstáculo aborrece. Temos nele, porém, legítimo produtor de elevação e capacidade.¹³

- » *Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar (Jo 14:2).*

Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que muito diferentes umas das outras são as condições dos mundos, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há os em que estes últimos são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhes são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.²

Por força da lei do progresso, à medida que o Espírito completa seu aprendizado num mundo, passa a habitar outro, e assim sucessivamente, evoluindo sem cessar.

Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram.³

Os Espíritos superiores relatam, por meio de médiuns confiáveis, que inúmeros são os mundos habitados no Universo, criados por Deus para atender a diferentes finalidades.

Sabemos hoje que moramos na Via Láctea — a galáxia comparável a imensa cidade nos domínios universais. Essa cidade possui mais de duzentos milhões de sóis, transportando consigo planetas, asteróides, cometas, meteoros, aluviões de poeira e toda uma infinidade de turbilhões energéticos. Entre esses sóis está o nosso, modestíssimo foco de luz, considerando-se que Sirius, um de seus vizinhos, apresenta brilho quarenta vezes maior. E, acompanhando-o, a nossa Terra, com todo o cortejo de suas orgulhosas nações, tem a importância de uma “casa nos fundos”, visto que, se a Lua é satélite nosso, o Globo que nos

asila é satélite pequenino desse mesmo Sol que nos sustenta.[...] Nesse critério, vamos facilmente encontrar, em todos os círculos cósmicos, os seres vivos da asserção de Kardec, embora a instrumentação do homem não os divise a todos. Eles se desenvolvem através de inimagináveis graus evolutivos, cabendo-nos reconhecer que, em aludindo à pluralidade dos mundos habitados, não se deverá olvidar a gama infinita das vibrações e os estados múltiplos da matéria. Temos, assim, no Espaço incomensurável, mundos-berços e mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos-reformatórios, mundos-hospitais e mundos-prisões.¹⁷

A propósito, é oportuno informar sobre um planeta recém-descoberto, com características semelhantes à Terra. “O achado resultou em algo significativo para o astrônomo francês Xavier Bonfils, da Universidade de Lisboa, e para os seus colegas de estudo que, junto com ele esperam descobrir outros.”¹² O planeta recebeu o nome de Gliese 581 c.

“As moradas na casa do meu Pai” também se aplica às diferentes dimensões espirituais existentes no além-túmulo, nitidamente caracterizadas na Série André Luiz. Sabemos que após a desencarnação o Espírito passa pela fase de reintegração no outro plano vibratório, onde dá continuidade a sua existência. Liberto do corpo físico, o seu perispírito revela propriedades e funções próprias que, sob o comando da mente, oferecem condições de adaptação na nova moradia.

Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme. [...] Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre. [...] Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do Planeta, com extensas zonas cavitárias, sob linhas que lhes demarcam o início de aproveitamento, qual se observa na crosta da própria Terra, a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz.¹⁸

No mundo espiritual, os Espíritos formam grupos ou famílias de acordo com as mútuas manifestações de simpatia, afeição ou afinidade.⁴ Esses grupos se organizam em comunidades, mais ou menos extensas, genericamente denominadas *colônias espirituais*, que apresentam todas as características de uma sociedade organizada, de acordo com a moralidade e conhecimento dos seus habitantes. Há nessas comunidades níveis ou regiões de sombra e de dor, de ventura e alegria, cuja gradação evolutiva forma uma escala que se desdobra ao infinito, conforme o progresso alcançado pelos Espíritos que aí vivem.

Antes mesmo da Codificação do Espiritismo, o vidente sueco Emmanuel Swedenborg nos informava que “[...] o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual”.⁷

As “muitas moradas da casa do Pai” estão relacionadas, igualmente, aos degraus evolutivos que caracterizam a longa caminhada ascensional do Espírito, iniciada quando ele foi criado por Deus, ainda no estágio de “simples e ignorante” até o nível de Espírito puro, ou angélico. Recebemos, assim, inúmeras concessões do Criador, em razão da sua misericórdia, necessárias ao nosso aprimoramento espiritual. Tudo isso indica que o “[...] Pai forneceu ao filho homem a casa planetária, onde cada objeto se encontra em lugar próprio, aguardando somente o esforço digno e a palavra de ordem, para ensinar à criatura a arte de servir”.¹⁶

As moradas podem também ser representadas por planos, que se expressam por vibrações e não propriamente por lugar. Assim sendo, consoante o estado ou a província mental em que situamos as ações e as aspirações interiores, é que moldaremos o ambiente ou a “morada” evolutiva a que nos ligaremos no plano exterior. Sob este prisma a “Casa do Pai” é o íntimo de cada qual, e as “moradas”, os estados de alma que alimentamos consoante os nossos desejos e aspirações pessoais.⁹

De posse dessas informações, compreendemos a extensão que o símbolo “Casa do Pai” representa: os diferentes mundos do Universo, as moradias do plano espiritual ou níveis de progresso moral-intelectual. Dessa forma, entendemos que tudo “[...] é belo, tudo é grande, tudo é santo na casa de Deus”.³

- » *E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também. Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho* (Jo 14:3-4).

Identificamos nesse texto mais uma promessa do Cristo, entre tantas com que nos abençoou a existência. “Preparar o lugar” revela a diligência do seu amor, a assistência contínua, manifestada diretamente por Ele ou pelos seus mensageiros celestiais. De acordo com o interesse, disposição e esforço dos aprendizes são organizados caminhos e planos de trabalho.

Na categoria de nosso Guia e Orientador maior, Jesus segue à frente, oferecendo meios e recursos para que se concretize a nossa melhoria espiritual, de sorte que, quando estivermos livres das imperfeições, estaremos definitivamente unidos ao seu coração.

Assim, as frases: “se eu for e vos preparar o lugar”; “virei outra vez”; “vos levarei para mim mesmo” e “onde eu estiver, estejais vós também” indicam as felizes possibilidades que nos reservam o futuro, junto ao Cristo, na situação de Espíritos redimidos. “Então, nossos sentimentos, pensamentos, palavras e ações serão semelhantes aos dele, na consolidação da sábia afirmativa contida no Evangelho: *“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós...”* (Jo 17:21).¹⁰

A afirmativa: “Para onde eu estiver estejais vós também” indica perfeita sintonia do discípulo com o Mestre. Trata-se do cumprimento do ideal de ser feliz, nossa herança ancestral, a qual deve ser perseguida intensamente ao longo dos tempos. Destacamos, ainda, os dois modos de conjugação do verbo estar (“estiver” e “estejais”), presentes na frase ora citada. Refletem, na verdade, o instante em que o discípulo se integra, definitivamente, ao Evangelho de Jesus. Nesse momento, acontece entre Jesus e o seu fiel servidor um nível de compreensão mútua, indicativa de que a criatura alcançou o estágio de Espírito puro. Toda essa caminhada, contudo, só acontece após um árduo trabalho de ascensão.

Sabia o Mestre que, até à construção do Reino divino na Terra, quantos o acompanhassem viveriam na condição de desajustados, trabalhando no progresso de todas as criaturas, todavia, “sem lugar” adequado aos sublimes ideais que entesouram. Efetivamente, o cristão leal, em toda parte, raramente recebe o respeito que lhe é devido: Por destoar, quase sempre, da coletividade, ainda não completamente cristianizada, sofre a descaridosa opinião de muitos. [...] Reconhecendo que o domicílio de seus seguidores não se ergue sobre o chão do mundo, prometeu Jesus que lhes prepararia lugar na vida mais alta.¹⁵

O versículo 4 do registro de João contém essa afirmativa: “Mesmo vós sabeis para onde vou e conhecereis o caminho”. A palavra “caminho” é de ocorrência comum nos registros do Evangelho, cuja ideia tem origem no fato de alguém seguir uma estrada pública onde se tornava conhecido pelos desejos e alvo que pretendia alcançar. Como metáfora religiosa, expressa a vontade e os propósitos de Deus para cada pessoa. No Novo Testamento, porém, há três significados específicos:⁶

“Caminho” como sinônimo de igreja cristã primitiva: *Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles e separou os discípulos [...]. Naquele mesmo tempo, houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho.* (ATOS DOS APÓSTOLOS, 19:9 e 23.)

“Caminho” no sentido de rota, meio ou via da salvação: *E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.* (MATEUS, 7:14.)

“Caminho” aplicado ao Cristo, referido a si mesmo, como meio de o Espírito chegar a Deus: *Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.* (JOÃO, 14:6.)

Obviamente, a orientação de Jesus, sob análise (“mesmo vós sabeis para onde vou e conhecereis o caminho”), abrange os dois últimos conceitos: Jesus é o caminho da salvação, e, por Ele, iremos ao Pai e Criador.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3, item 2, p. 76.
2. _____. _____. Item 3, p. 76-77.
3. _____. _____. Item 5, p. 77.
4. _____. _____. Cap. 4, item 18, p. 98.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 96, p.105.
6. DOUGLAS, J. D. BRUCE, F. F [et cols]. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3.ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. Item: caminho, p. 189.
7. DOYLE, Arthur Conan. *História do espiritismo*. A História de Swedenborg. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1960, p. 38.
8. GRUPO ESPÍRITA EMMANUEL. *Luz imperecível*. Coordenação de Honório Onofre de Abreu. 2. ed. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1997. Cap. 206 (Crescimento da fé), p. 553.

9. _____. _____. Cap. 207 (Moradas), p. 555.
10. _____. _____. Cap. 208 (Transformação), p. 558.
11. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2787.
12. SILVA, Davilson. *Planeta parecido com a Terra é descoberto*. In: *Reformador*. Rio de Janeiro, FEB, setembro de 2007. Ano 25, nº. 2141, p. 345.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Agenda cristã*. Pelo Espírito André Luiz. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 13 (Realmente), p. 49-51.
14. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11, (Glorifiquemos), p. 38.
15. _____. _____. Cap. 44, (Tenhamos fé), p.107-108.
16. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (Antes de servir), p. 23-24.
17. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Pluralidade dos mundos habitados, p. 219-220.
18. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 13 (Alma e fluidos), item: Vida na espiritualidade, p.120-122.

Orientações ao monitor

Fazer explanação do assunto por meio de uma exposição dialogada, mas que permita a efetiva participação da turma, dirigindo aos participantes, sempre que possível, questões instigantes, pertinentes ao tema. Utilizar imagens como forma de ilustrar e dinamizar o estudo.

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 5

IMPOSITIVO DA RENOVAÇÃO

Objetivos

- » Explicar, à luz da Doutrina Espírita, o significado deste ensinamento de Jesus: “Ninguém deita remendo de pano novo em veste velha. [...] Nem se deita vinho novo em odres velhos”. (MATEUS, 9:16-17.)

Ideias principais

- » As ideias materialistas assim como a interpretação literal do Evangelho, representam o remendo novo em veste velha ou o vinho novo em odres velhos, que podem conduzir o ser humano a uma existência desoladora, sem expectativa de mudanças para melhor. Neste aspecto, a Humanidade se defronta com uma ciência arrogante, uma [...] *filosofia e religião nebulosa, impalpáveis, dubitativas quando não ferozes e dogmáticas; o resultado aí temos nesta ebulição de ódios, de lutas e reivindicações, que dão ao nosso mundo na hora atual o aspecto de campo de batalhas sem prólogos nem epílogos*. Editorial de Reformador, setembro de 1927.
- » *Há indivíduos que se aferram à rotina, aos preconceitos sociais, às conveniências mundanas, ou por comodismo ou por orgulho. Quais odres velhos que não suportam vinho novo, tais pessoas são inacessíveis às ideias novas*. Eliseu Rigonatti: *O evangelho dos humildes*. Cap. IX.

Subsídios

1. Texto evangélico

Ninguém deita remendo de pano novo em veste velha, porque semelhante remendo rompe a veste, e faz-se maior a rotura. Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás, rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam. (MATEUS, 9:16-17.)

Está implícita nessa mensagem de Jesus uma proposta de renovação espiritual, relativa à aquisição de virtudes, base do processo de melhoria do ser humano. “A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso.”²

A superioridade moral caracteriza o homem de bem, elemento da sociedade justa e pacífica do futuro. As principais qualidades do homem de bem são as seguintes:

O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem. Deposita fé em Deus, na sua bondade, na sua justiça e na sua sabedoria. [...] Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais. [...] Possui do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma [...]. Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. [...] O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. [...] Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade [...]. Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas [...]. É indulgente para as fraquezas alheias [...]. Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los.

[...] Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. [...] Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem [...]. Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais [...]. Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus [...]. Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Ninguém deita remendo de pano novo em veste velha, porque semelhante remendo rompe a veste, e faz-se maior a rotura* (Mt 9:16).

O significado literal desta imagem elaborada por Jesus é de fácil compreensão: é trabalho inglório remendar roupa velha, desgastada pelo tempo de uso, com remendo novo. Tal tentativa ampliará a rotura, isto é, o rasgão ou ruptura.

Essa mensagem evangélica reflete profundas advertências para todos que querem afastar-se dos comportamentos infelizes e pretendem operar no bem, seguindo os ensinamentos do Cristo. Neste sentido, o Evangelho, para ser integralmente entendido e vivenciado, requer rompimento com os antigos padrões comportamentais, assimilados ao longo das experiências reencarnatórias, aqui representados pelos símbolos “veste velha” e “odres velhos”, (pronuncia-se “ôdres”).

Quem deseja implementar mudanças de comportamento, priorizando a própria melhoria espiritual, deve estar consciente que a transformação precisa ocorrer sob novas bases. É ilusão querer colocar remendo nas imperfeições, maquiando-as, ainda que existam predisposições favoráveis. Quem age assim, falseia a verdade e se colocará, cedo ou tarde, numa posição constrangedora, quando num momento de descontrole os maus comportamentos assomarem à superfície da personalidade. Faz-se, pois, necessário que se associe à vontade de mudança, uma ação persistente.

Há indivíduos que se aferram à rotina, aos preconceitos sociais, às conveniências mundanas, ou por comodismo ou por orgulho. Quais odres velhos que não suportam vinho novo, tais pessoas são inacessíveis às ideias novas. Com pessoas dessa categoria, o trabalhador de boa vontade do Evangelho e do Espiritismo nada tem a fazer. É deixá-la entregues aos cuidados do Pai Celestial, que por meio das

reencarnações em ambientes diversos, lhes modificará a atitude mental, transformando-as em odres novos, aptos a receberem o generoso vinho novo das ideias novas e progressista.⁵

Providências parciais, ou remendos na própria personalidade, sempre resultam frustrações, desilusões, que acabarão por trair e fazer sofrer o indivíduo quando este se vê frente a frente com a própria realidade. Assim, é importante fazer análise mais apurada destas incisivas exortações de Jesus: “ninguém deita remendo de pano novo em vestido velho”. “Nem se deita vinho novo em odres velhos”. Esta recomendação não se aplica à simples costura de roupas ou à produção de vinhos, menos ainda aos processos de renovação espiritual.

Um bom exemplo de transformação definitiva no bem, livre de autopiedade ou autocondescendência, encontra-se em (MARCOS, 10:42), que registra a seguinte cura de um cego:

Depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto ao caminho, mendigando. E, ouvindo que era Jesus de Nazaré, começou a clamar e a dizer: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele clamava cada vez mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim! E Jesus, parando, disse que o chamassem; e chamaram o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, que ele te chama. E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus. E Jesus, falando, disse-lhe: Que queres que te faça? E o cego lhe disse: Mestre, que eu tenha vista. E Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou. E logo viu, e seguiu a Jesus pelo caminho.

A citação demonstra, em linhas gerais, o seguinte: Bartimeu não se limitou apenas ao desejo da própria cura, mas fez alarde de forma enfática, no momento em que identificou aquele que o curaria (“E, ouvindo que era Jesus de Nazaré”). Encontrando Jesus, ouviu o que Ele pregava e partiu para a ação: foi em busca da cura (“E ele, lançando de si a sua capa, levantou-se e foi ter com Jesus”). Ao suplicar auxílio de forma insistente foi notado tanto pelos que se sentiram constrangidos com a mudança revelada pelo mendigo, daí repreendê-lo, quanto pelo próprio Cristo que, acalmando-o, fez o cego testemunhar a vontade de curar-se. Por este motivo pergunta ao mendigo: “Que queres que te faça?”.

- » *Nem se deita vinho novo em odres velhos; aliás, rompem-se os odres, e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam (Mt, 9:17).*

A análise espírita dos dois versículos, tanto o 16, estudado no item anterior, quanto este, o 17, extrapola o sentido simbólico claramente expresso, pois, obviamente, Jesus estava dando muito mais do que lições de costura ou indicação sobre preferíveis processos de preparação de vinho.

O vinho foi amplamente trabalhado por Jesus em suas mensagens. Assim, importa considerar que o vinho novo indica fermentação recente da uva, devendo ser colocado em recipientes adequados porque, durante o processo, há produção e expansão de gases que multiplicam o volume do líquido fermentado. Antigamente a fermentação e o transporte de vinho eram feitos em recipientes denominados *odres*, espécie de saco feito de pele de animais. A expansão dos gases, decorrentes da fermentação, exigia que os odres fossem novos para não se romperem. Por outro lado, a fabricação cuidadosa do vinho evita a deterioração provocada por certos micróbios, em geral presentes nos vinhos velhos, quando muito manuseados.

Tais vinhos, assim como as vestes velhas, indicam que a Humanidade se defronta com uma ciência materialista, uma filosofia obscura que discute os efeitos não as causas dos atos humanos, e, também, uma religião distanciada da vida, dogmática e inacessível.³

O resultado aí temos nesta ebulição de ódios, de lutas e reivindicações, que dão ao nosso mundo na hora atual o aspecto de campo de batalhas sem prólogos nem epílogos. Os sistemas políticos, impotentes para sintonizar aspirações e anseios coletivos, oscilam entre anarquia e despotismo; as legislações se ressentem do exclusivismo de interesses emergentes e flutuantes, sem balizas de equidade e justiça na consciência das massas. Todas as medidas e alvitre postos em equação, reduntam improficuos e ruem fragorosamente na prática, porque de fato não têm a vivê-los e justificá-los mais que uma finalidade unilateral, por só decalcadas nas conveniências fortuitas de uma existência falaz e transitória.³

A produção de vinho, de forma correta, indica na mensagem um simbolismo que pode ser assim esclarecido: a maceração da uva é necessária para que surja o substrato ou essência do vinho. Da mesma forma, é preciso que o Espírito se entregue à “maceração” das provas existenciais através dos inevitáveis sacrifícios, afim de que surja a essência do homem de bem, liberto das imperfeições.

É necessário que se dê o renascimento do Espírito pela modificação das ideias, e do corpo, sem o que não se verá o Reino de Deus.

A esta operação Paulo chamou “a substituição do homem novo pelo despojamento do *homem velho*”; e acrescentou: “os que são de Cristo se tornam *novas criaturas*.”⁶

Os ensinamentos espíritas além de oferecerem a chave para o entendimento da mensagem cristã, em sua pureza e sentido originais, esclarecem a criatura humana a respeito das consequências dos seus atos impensados e, também, como corrigi-los. O espírita deve estar consciente de que não é suficiente aceitar a doutrina que lhe ensina de onde vem, o que faz aqui e para onde vai.

A essa noção precisa ele acrescentar a de uma ética superior, a de uma lei moral absoluta — divina diremos — que legitime as vicissitudes e incertezas da própria vida, de modo a poder harmonizá-la com a dos semelhantes em justificados lances de justiça e liberdade. Assim e só assim ele compreenderá que o benefício próprio está no alheio benefício; que a postergação dos direitos de outrem vale pela postergação dos seus direitos e que, se na luta pela vida corpórea e no ambiente psíquico, em suma, a reação é sempre igual à ação, o mesmo se dá para o ambiente espiritual, no plano universal.³

A aceitação do Evangelho de Jesus sem dogmas, sem interpretação literal, representa o vinho novo, livre de impurezas, que é colocado em odres novos, não contaminados, é proposta do Espiritismo, na sua feição de Cristianismo redivivo.

Essa mentalidade assim formada poderá, então e só então resistir aos embates e seduções do mundo e, onde quer que no mundo lhe seja dado irradiar influências estas serão benéficas por colimarem princípios e não pessoas, ideias e não interesses efêmeros, visando não já uma família restrita, uma classe, uma sociedade, um povo, mas a Humanidade no que esta tem de mais grandioso e se não afere não por um ciclo de gerações, mas de Eternidade.⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17, item 3, p. 307-309.
2. _____. _____. Item 8, p.315.
3. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Reformador*. Ano 45, n.º 17, setembro de 1927. Editorial, p. 382.

4. _____, _____, p. 382-383.
5. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. IX, item: O jejum, p.77.
6. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinamentos de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2000. Item: Odres novos — vinho novo. Odres velhos — panos novos e vestidos velhos, p. 238-239.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em pequenos grupos para o estudo do texto evangélico. Realizar, em seguida, um debate em que se analise os equívocos das ideias materialistas e da interpretação literal do Evangelho, tendo como base os ensinamentos espíritas desenvolvidos neste Roteiro.

Como atividade extraclasse (veja anexo), escalar três participantes para que façam a leitura dos temas a seguir indicados, cuja síntese será apresentada na próxima aula.

Anexo

ATIVIDADE EXTRACLASSE		
» Resumo de tema indicado » Apresentação do resumo, em plenário		
AUTOR	OBRA ESPÍRITA E TEMA	RESPONSÁVEL
XAVIER, Francisco C., pelo Espírito Emmanuel	<i>Seara dos médiuns</i> , editora FEB. Cap. 27, Palavra, p. 89-91.	
XAVIER, Francisco C., pelo Espírito Humberto de Campos	<i>Reportagens de além-túmulo</i> , editora FEB. Cap. 34 (A conselheira invigilante), p. 239-244.	
VINÍCIUS (Pedro Camargo)	<i>Nas pegadas do mestre</i> , editora FEB. Cap. A palavra da vida, p. 84-85.	

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 6

PALAVRAS DE VIDA ETERNA

Objetivos

- » Esclarecer por que os ensinamentos de Jesus são “palavras de vida eterna”.
- » Refletir sobre o efeito da palavra nos relacionamentos sociais.

Ideias principais

- » As palavras do Cristo são de vida eterna porque consagram [...] *a verdade.*
Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre.
Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XVIII, item 9.
- » *A palavra vibra no alicerce de todos os males e de todos os bens do mundo.*
Falando, o professor alça a mente dos aprendizes às culminâncias da educação, e, falando, o malfeitor arroja os companheiros para o fojo do crime.
Sócrates falou e a visão filosófica foi alterada.
Jesus falou e o Evangelho surgiu.

O verbo é plasma da inteligência, fio da inspiração, óleo do trabalho e base da escritura. Emmanuel: Seara dos médiuns. Cap. 27, Palavra.

Subsídios

1. Texto evangélico

Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com Ele. Então, disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus. (JOÃO, 6:66-69.)

As palavras do Cristo são de vida eterna porque são verdadeiras. Atendem às necessidades e aos anseios de todos, os felizes e os infelizes, que viveram, vivem e viverão ao longo das eras. “Será eterno o seu código de moral, porque consagra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno.”²

É importante ficarmos atentos às palavras da vida eterna, tão úteis quanto necessárias ao nosso aprimoramento moral. Neste aspecto, aconselha Emmanuel:

Rodeiam-te as palavras, em todas as fases da luta e em todos os ângulos do caminho. Frases respeitáveis que se referem aos teus deveres. Verbo amigo trazido por dedicações que te reanimam e consolam. Opiniões acerca de assuntos que te não dizem respeito. Sugestões de variadas origens. Preleções valiosas. Discursos vazios que os teus ouvidos lançam ao vento. Palavras faladas... palavras escritas... [...] “Palavras, palavras, palavras...” Esquece aquelas que te incitam à inutilidade, aproveita quantas te mostram as obrigações justas e te ensinam a engrandecer a existência, mas não olvides as frases que te acordam para a luz e para o bem; elas podem penetrar o nosso coração, através de um amigo, de uma carta, de uma página ou de um livro, mas, no fundo, procedem sempre de Jesus, o divino Amigo das criaturas. Retém contigo as palavras da vida eterna, porque são as santificadoras do espírito, na experiência de cada dia, e, sobretudo, o nosso seguro apoio mental nas horas difíceis das grandes renovações.⁵

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com Ele (Jo 6:66).*

Durante a sua missão, o Cristo enfrentou muitos obstáculos, sendo duramente criticado e perseguido, sobretudo por representantes do clero. Nunca se abateu ou se revelou desiludido. Entretanto, abençoou e perdoou a todos, sem restrições.

A linguagem do Cristo sempre se afigurou a muitos aprendizes indecifrável e estranha. [...] Muita gente escuta a Boa-Nova, mas não lhe penetra os ensinamentos. Isso ocorre a muitos seguidores do Evangelho, porque se utilizam da força mental em outros setores. Creem vagamente no socorro celeste, nas horas de amargura, mostrando, porém, absoluto desinteresse ante o estudo e ante a aplicação das leis divinas. A preocupação da posse lhes absorve a existência.⁴

Como acontecia a alguns discípulos, à época do Cristo, nem sempre revelamos disposição para renunciar às infundáveis requisições do mundo e seguir Jesus. O apego a bens e a posições ainda exerce poderoso efeito sobre o nosso Espírito. A propósito, elucida o Espírito Lacordaire: “O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruís as vossas faculdades de amar, com as aplicardes todas às coisas materiais”¹

A natureza humana se revela contraditória quando, frente a frente com o conhecimento verdadeiro, o qual eleva e engrandece o Espírito, deixa-se consumir por dúvidas, enredando-se nas malhas de conflitos existenciais. De um lado fica evidente o desejo de seguir o bem, de envolver-se com ele, mas, em razão da escassez de fortaleza moral, a pessoa não consegue pôr em prática os ditames da vontade.

Esta é causa da maioria dos processos de fuga, os que produzem recuos perante os desafios da vida. As pessoas ficam, então, desorientadas e se deixam levar por temores infrutíferos, agindo da forma assinalada pelo registro do apóstolo João: “e tornam para trás”. Outros indivíduos são até corajosos, mas preferem manter-se no nível do conhecimento teórico, sem maiores implicações ou compromissos com a mudança de comportamento.

Faz-se necessário perseverar no desenvolvimento do senso moral a fim de que o desejo de melhoria espiritual se transforme em ações efetivas, porque, neste contexto, o conhecimento nem sempre é suficiente.

“Já não andavam com Ele” retrata, em alguns Espíritos, o efeito do entusiasmo passageiro, das decisões apressadas, não filtradas pelo bom senso, e que é o oposto da fé raciocinada. Não andar com Jesus significa também abandonar o trabalho digno, forjado na luta redentora. Vemos, assim, que no cotidiano somos sempre defrontados com desafios que nos apontam para o valor de aprimorar a capacidade de andar com o Cristo, até para demonstrar a nossa fidelidade ao Pai celestial.

Na causa de Deus, a fidelidade deve ser uma das primeiras virtudes. Onde o filho e o pai que não desejam estabelecer, como ideal de união, a confiança integral e recíproca? Nós não podemos duvidar da fidelidade do nosso Pai para conosco. Sua dedicação nos cerca os Espíritos, desde o primeiro dia. Ainda não o conhecíamos e já Ele nos amava. E, acaso, poderemos desdenhar a possibilidade da retribuição? Não seria repudiarmos o título de filhos amorosos, o fato de nos deixarmos absorver no afastamento, favorecendo a negação? [...] Tudo na vida tem o preço que lhe corresponde. Se vacilais receosos ante as bênçãos do sacrifício e as alegrias do trabalho, meditai nos tributos que a fidelidade ao mundo exige. O prazer não costuma cobrar do homem um imposto alto e doloroso? Quanto pagarão, em flagelações íntimas, o vaidoso e o avaro? Qual o preço que o mundo reclama ao gozador e ao mentiroso?³

“Andar com Jesus” é, portanto, decisão séria, pessoal, intransferível. Se erguida sobre o alicerce do discernimento, aprendemos a conciliar as expectativas da vida no plano físico com as necessidades de melhoria espiritual.

- » *Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? (Jo, 6:67-68).*

Estas palavras de Jesus: “Quereis vós também retirar-vos?” devem ser meditadas com mais profundidade. Elas nos fazem ver que perante as grandes decisões que repercutem em nossa existência, somos convocados a agir como espíritas. A despeito da pergunta ser dirigida aos apóstolos, que possuíam melhor entendimento e maior capacidade de servir, aplica-se a nós, também, já esclarecidos à luz dos princípios espíritas.

Independentemente dos desafios que iremos deparar, dos testemunhos ou renúncias que exemplificaremos, não devemos sucumbir ao desespero e fugir aos deveres. Não é por acaso que o Espiritismo está presente na nossa vida. É por esta razão que Jesus afirmou, em outra oportunidade: “E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá” (Lc 12:48). Diante do sofrimento, sobretudo, jamais devemos nos afastar do Cristo, mas estreitar mais os laços afetivos com Ele.

À medida que o Mestre revelava novas características de sua doutrina de amor, os seguidores, então numerosos, penetravam mais vastos círculos no domínio da responsabilidade. Muitos deles, em razão disso, receosos do dever que lhes caberia, afastaram-se, discretos, do cenáculo acolhedor de Cafarnaum. O Cristo, entretanto, consciente das obrigações de ordem divina, longe de violar os princípios da liberdade, reuniu a pequena assembleia que restava e interrogou aos discípulos:

Também vós quereis retirar-vos?

Foi nessa circunstância que Pedro emitiu a resposta sábia, para sempre gravada no edifício cristão. Realmente, quem começa o serviço de espiritualidade superior com Jesus jamais sentirá emoções idênticas, a distância dele. [...] Quem comunga efetivamente no banquete da revelação cristã, em tempo algum olvidará o Mestre amoroso que lhe endereçou o convite. Por este motivo, Simão Pedro perguntou com muita propriedade:

Senhor, para quem iremos nós?⁸

Partindo do princípio de que a Doutrina Espírita é o Consolador prometido, o Cristianismo redivivo, não podemos alegar ignorância a respeito dos seus princípios quando as dificuldades da caminhada evolutiva se revelam mais ásperas. Ao contrário, esse é o momento exato para revelarmos a firmeza da nossa fé, sem temer os obstáculos que atacam no porto da nossa existência sob a forma de provações. Armados do escudo da coragem, da perseverança e da confiança irrestrita no Cristo, sairemos vitoriosos.

» *Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus* (Jo, 6:68-69).

Não podemos esquecer do valor da palavra no processo da comunicação e do relacionamento humano. Ainda que o exemplo

arrasta, a palavra, em si, é neutra. Está sempre sujeita à intenção de quem a pronuncia: harmonizar ou degradar. É força poderosa porque plasma as ideias transmitidas pelo pensamento.

A palavra é vigoroso fio da sugestão. É por ela que recolhemos ensinamento dos grandes orientadores da Humanidade, na tradição oral, mas igualmente com ela recebemos toda espécie de informações no plano evolutivo em que se nos apresenta a luta diária. Por isso mesmo, se é importante saber como falas, é mais importante saber como ouves, porquanto, segundo ouvimos, nossa frase semeará bálsamo ou veneno, paz ou discórdia, treva ou luz.⁷

É, pois, medida de prudência jamais descuidar da palavra na nossa conduta, mesmo posicionados como aprendizes do Evangelho. “Se buscamos o Cristo, decerto é necessário refleti-lo. É imprescindível, assim, saibamos agir como se lhe fossemos representantes fiéis, no caminho em que estagiamos.”⁶

Mais uma vez o venerável apóstolo revela a sua superioridade espiritual, e, igualmente, fé incomparável no Senhor, o Messias, quando expressa de forma singela, mas verdadeira: “Tu tens as palavras da vida eterna e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o filho de Deus.”

Dentre as expressões verbalistas articuladas ou silenciosas, junto das quais a tua mente se desenvolve, encontrarás, porém, as palavras da vida eterna. Guarda teu coração à escuta. Nascem do amor insondável do Cristo, como a água pura do seio imenso da Terra. Muitas vezes te manténs despercebido e não lhes assinalas o aviso, o cântico, a lição e a beleza. Vigia no mundo, isolado de ti mesmo, para que lhes não percas o sabor e a claridade. Exortam-te a considerar a grandeza de Deus e a viver de conformidade com as suas Leis. Referem-se ao Planeta como nosso lar e à Humanidade como a nossa família. Revelam no amor o laço que nos une a todos. Indicam no trabalho o nosso roteiro de evolução e aperfeiçoamento. Descerram os horizontes divinos da vida e ensinam-nos a levantar os olhos para o mais alto e para o mais além.⁵

As palavras da vida eterna simbolizam o Evangelho de Jesus, legado abençoado que aponta diretrizes seguras que devem nortear o nosso aprendizado na escalada evolutiva.

Jesus indicou a estrada e seguiu-a; pregou a fé e viveu-a; induziu discípulos e companheiros à coragem e demonstrou-a em si mesmo; difundiu a lição do amor, entregando-se amorosamente a cada um, expôs a necessidade do sacrifício pessoal e sacrificou-se; exaltou a beleza do verbo dar e deu sem recompensa; engrandeceu a confiança no Pai e foi fiel até o fim.⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 16, item 14, p. 299.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 17, item 26, p. 432.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos (Irmão X). 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 6 (Fidelidade a Deus), p. 44-45.
4. _____. *Fonte viva*. Cap. 48 (Diante do Senhor), p.117.
5. _____. _____. Cap. 59 (Palavras da vida eterna), p.147-149.
6. _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Uberaba: Comunhão Espírita Cristã, 2005. Cap. 22 (Na palavra e na ação), p. 57.
7. _____. _____. Cap. 52 (Palavra falada), p. 121.
8. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 151 (Ninguém se retira), p.317-318.
9. _____. *Reportagens de além-túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 34 (A conselheira invigilante), p. 244.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes escalados para realizar a atividade extraclasse (veja anexo), solicitada na reunião anterior, que apresentem a síntese da página estudada. Em sequência, fazer breve exposição sobre o texto de João, objeto de estudo deste Roteiro. Após a explanação, debater o tema em plenária, fazendo correlações com o resumo apresentado no início da reunião.

Anexo

ATIVIDADE EXTRACLASSE		
<ul style="list-style-type: none"> » Resumo de tema indicado » Apresentação do resumo, em plenário 		
AUTOR	OBRA ESPÍRITA E TEMA	RESPONSÁVEL
XAVIER, Francisco C., pelo Espírito Emmanuel	<i>Seara dos médiuns</i> , editora FEB. Cap. 27, Palavra, p. 89-91.	
XAVIER, Francisco C., pelo Espírito Humberto de Campos	<i>Reportagens de além-túmulo</i> , editora FEB. Cap. 34 (A conselheira invigilante), p.239-244.	
VINÍCIUS (Pedro Camargo)	<i>Nas pegadas do mestre</i> , editora FEB. Cap. A palavra da vida, p. 84-85.	

ENSINOS DIRETOS DE JESUS

Roteiro 7

O MANDAMENTO MAIOR

Objetivos

- » Interpretar, à luz da Doutrina Espírita, O mandamento maior, ensinado por Jesus.

Ideias principais

- » *Ensinou-nos Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. (MATEUS, 22:37-39.)*
- » *[...] não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XV, item 5.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? E ele lhe disse: Que está escrito

na lei? Como lês? E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo. E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? (LUCAS, 10:25-29.)

O Cristianismo é uma doutrina que se assenta em dois fundamentos: amor a Deus e ao próximo.

Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.* Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal.³

Esses dois mandamentos retratam uma síntese dos Dez Mandamentos, recebidos por Moisés. Amar a Deus sobre todas as coisas é reconhecer que, Ele, é o Pai e Criador de todos os seres e de todas as coisas existentes no Universo. Que devemos adorá-lo em espírito e verdade, não por manifestações de culto externo. Amar o próximo como a si mesmo define as normas de relações humanas, cujo fundamento é a lei de amor.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? (Lc 10:25).*

Vemos aqui um conhecedor da lei de Moisés procurando o Cristo para testá-lo. Não foram poucos os momentos em que o Mestre foi assediado pelas forças contrárias à sua mensagem, sobretudo porque o Evangelho renovava e ampliava os ensinamentos da Torá. Jesus, porém, não se afasta e estabelece significativo diálogo com o religioso, aproveitando a feliz oportunidade de esclarecê-lo. Este versículo registra o encontro da lei antiga com o amor.

Vemos, ainda hoje, que as pessoas que mais resistem aos propósitos do bem são os letrados, as autoridades ou sábios do mundo, altamente intelectualizados, mas, quase sempre, são baldos de entendimento espiritual. Grande número revela interesse pelo processo de renovação espiritual, mas exigem “sinais do céu” na forma de acontecimentos extraordinários.

A pergunta do doutor da lei (“Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”) se enquadra nesse contexto, mas também revela intenção de testificar possível contradição doutrinária entre a lei de Moisés e o Cristianismo. Sob certo aspecto, não deixa de ser uma atitude pueril, comum nos que se julgam superiores porque possuem titulações acadêmicas ou religiosas.

» *E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lêis? (Lc 10:26).*

A sabedoria se revela inequívoca nesta pergunta. Ignorando a armadilha do doutor da lei, inicia o trabalho de atendimento espiritual, pelo diálogo, fazendo o religioso recordar e expressar o que já possuía de bom e verdadeiro. É a habilidade ou a psicologia do amor, que jamais fere nem agride, mas educa. Com a primeira pergunta (“Que está escrito na Lei?”) Jesus faz o interlocutor recordar o ensinamento aprendido. Na outra indagação (“Como lêis?”), porém, o Mestre identifica a interpretação pessoal do religioso, o nível de entendimento que ele tem sobre o assunto. Agindo dessa forma percebe as carências e necessidades daquele que o interroga, e, a partir deste piso, auxilia-o com proveito.

O diálogo que se segue fez o religioso esquecer o teste, inicialmente proposto, deixando-se mergulhar nas águas profundas das verdades superiores, para onde o Mestre habilmente o conduziu.

» *E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo (Lc 10:27).*

O mandamento maior ensinado por Jesus é constituído de dois preceitos: Amar a Deus e amar ao próximo. Significa dizer “[...] que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus”²

O entendimento espírita de Deus — “[...] a inteligência suprema, causa primária [primeira] de todas as coisas” —,⁴ dos seus atributos e da Providência divina segue a orientação de Jesus que, ao apresentá-lo como Pai, justo e misericordioso, ensina que não se deve temê-lo, tal como acontecia na orientação moisaica.

Entretanto, perguntarás, como amarei a Deus que se encontra longe de mim? Cala, porém, as tuas indagações e recorda que, se os pais e as mães do mundo vibram na experiência dos filhos, se o artista está invisível em suas obras, também Deus permanece em suas criaturas. Lembra que, se deves esperar por Deus onde te encontras, Deus

igualmente espera por ti em todos os ângulos do caminho. Ele é o Todo em que nos movemos e existimos.⁶

Por este motivo é que a assertiva “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento” tem caráter direto e incisivo. Reflete, porém, o sentido verdadeiro da lei de adoração, realizada em espírito e verdade, não mais por simples manifestações de culto externo, idólatra e ritualista. Implica, igualmente, profundo entendimento da solicitude do Pai para com todas as criaturas criadas.

Esse entendimento abrange o conhecimento de si mesmo.

Conhecer implica a pesquisa das causas. A causa primária de tudo o que existe é Deus, o Criador. Conhecer-nos significa a busca de todos os potenciais de nosso ser, compreendendo o uso da razão e a conquista das virtudes, realizando o destino na luta permanente pelo autoaperfeiçoamento. Para bem dirigir esse esforço incessante de cada criatura, o Pai celestial enviou à Humanidade seu Filho, o Mestre por excelência de cada um, o Cristo de Deus, que nos mostra como encontrar “o caminho, a verdade e a vida”.⁵

Amar a Deus revela, pois, compreensão de que o “[...] amor puro é o reflexo do Criador em todas as criaturas. Brilha em tudo e em tudo palpita na mesma vibração de sabedoria e beleza. É fundamento da vida e justiça de toda a Lei”⁹

O segundo preceito, “amar ao próximo como a si mesmo” resume a lei de amor, fundamentada na prática da caridade. É a regra áurea da vida.

Incontestavelmente, muitos séculos antes da vinda do Cristo já era ensinada no mundo a Regra Áurea, trazida por embaixadores de sua sabedoria e misericórdia. Importa esclarecer, todavia, que semelhante princípio era transmitido com maior ou menor exemplificação de seus expositores. Diziam os gregos: “Não façais ao próximo o que não desejais receber dele.” Afirmavam os persas: “Fazei como quereis que se vos faça.” Declaravam os chineses: “O que não desejais para vós, não façais a outrem.” Recomendavam os egípcios: “Deixai passar aquele que fez aos outros o que desejava para si.” Doutrinavam os hebreus: “O que não quiserdes para vós, não desejeis para o próximo.” Insistiam os romanos: “A lei gravada nos corações humanos é amar os membros da sociedade como a si mesmo.”[...] Com o Mestre, todavia, a Regra Áurea é a novidade divina, porque Jesus a ensinou e exemplificou,

não com virtudes parciais, mas em plenitude de trabalho, abnegação e amor, à claridade das praças públicas, revelando-se aos olhos da Humanidade inteira.⁷

Mas, o que significa amar ao próximo como a si mesmo?

“Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que quereíamos que os outros fizessem por nós”, é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. [...] A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão somente, união, concórdia e benevolência mútua.¹

» *E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás (Lc 10:28).*

Jesus elogia o doutor da lei, o conhecimento que Ele tinha da Torá, mas exorta-o a vivenciá-lo quando afirma: “faze isso, e viverás.” O Mestre demonstra de maneira fraterna que ter conhecimento dos preceitos divinos não é suficiente para ganhar a vida eterna. É preciso vivenciá-los. Este deve ser também o nosso esforço cotidiano. “O discípulo de Jesus, porém — aquele homem que já se entediou das substâncias deterioradas da experiência transitória —, pede a luz da sabedoria, a fim de aprender a semear o amor em companhia do Mestre...”¹⁰

» *Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? (Lc 10:29).*

Esta é, em geral, a posição mental do religioso que desperta do sono das práticas ritualísticas, por julgá-las estéreis e sem sentido, e que se abre para as verdades espirituais. Assim, se nos depararmos com tais companheiros em nosso caminho, devemos exercitar a tolerância, uma vez que o despertamento espiritual nem sempre se realiza abrupto, mas aos poucos.

Vive a tolerância na base de todo o progresso efetivo. As peças de qualquer máquina suportam-se umas às outras para que surja essa ou aquela produção de benefícios determinados. Todas as bênçãos da Natureza constituem larga sequência de manifestações da abençoada virtude que inspira a verdadeira fraternidade. Tolerância, porém, não é conceito de superfície. É reflexo vivo da compreensão que nasce, límpida, na fonte da alma, plasmando a esperança, a paciência e o perdão com esquecimento de todo o mal. Pedir que os outros pensem

com a nossa cabeça seria exigir que o mundo se adaptasse aos nossos caprichos, quando é nossa obrigação adaptar-nos, com dignidade, ao mundo, dentro da firme disposição de ajudá-lo. A Providência divina reflete, em toda parte, a tolerância sábia e ativa. Deus não reclama da semente a produção imediata da espécie a que corresponde. Dá-lhe tempo para germinar, crescer, florir e frutificar. Não solicita do regato improvisada integração com o mar que o espera. Dá-lhe caminhos no solo, ofertando-lhe o tempo necessário à superação da marcha. Assim também, de alma para alma, é imperioso não tenhamos qualquer atitude de violência.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 126. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11, item 4, p. 203.
2. _____. _____. Cap. 15, item 5, p. 278.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 51. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1, item 25, p. 34.
4. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 89. ed. Rio de Janeiro, 2007. Questão 1, p. 65.
5. SOUZA, Juvanir Borges. *Tempo de transição*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 7 (O mandamento maior), p. 66.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. Araras: IDE, 2000. Cap. 5 (O maior mandamento), p. 33-34.
7. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 41 (A regra áurea), p. 97-98.
8. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 25 (Tolerância), p. 115-116.
9. _____. _____. Cap. 30 (Amor), p. 136.
10. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Brilhe vossa luz, p. 14.

Orientações ao monitor

Interpretar, à luz da Doutrina Espírita, O mandamento maior, ensinado por Jesus. Para tanto, utilizar a técnica da exposição dialogada, correlacionando o estudo a situações cotidianas.

EADE LIVRO III | MÓDULO III

ENSINOS POR PARÁBOLAS

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 1

O FILHO PRÓDIGO

Objetivos

- » Explicar a parábola do filho pródigo, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » A parábola do filho pródigo, interpretada à luz do entendimento espírita, encerra os seguintes ensinamentos básicos:
 - 1.º *Imutabilidade de Deus — princípio sustentado, não teoricamente apenas, mas de modo positivo, condizente com os fatos e testemunhos da vida humana.*
 - 2.º *Unidade do destino, isto é, a redenção completa pelo Amor e pela Dor, abrangendo todos os pecadores.*
 - 3.º *A lei da causalidade, ou seja, de ação e reação, causas e efeitos, determinando, em dado tempo, o despertar das consciências adormecidas.*
 - 4.º *A relatividade do livre arbítrio, o qual não pode ser absoluto, a ponto de ser dado ao homem alterar os desígnios de Deus.*
 - 5.º *Finalmente, a evolução individual dos seres racionais e conscientes, de cujo número o homem faz parte, processada no recesso íntimo das almas, livre e espontaneamente, como lei natural e irrevogável.* Vinícius (Pedro de Camargo): *Na seara do mestre*, Cap. Parábola do filho pródigo.

Subsídios

1. Texto evangélico

E disse: Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas [ou alfarrobas] que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantandose, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se. E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. (LUCAS, 15:11-32.)

O texto destaca a figura de um pai que atende com amor e misericórdia as diferentes necessidades evolutivas dos seus filhos, representados por dois irmãos, um pródigo, outro egoísta.

A parábola reflete, igualmente, a utilização do livre-arbítrio, a manifestação da lei de causa e efeito e os fundamentos do processo de evolução do Espírito.

“À simples leitura da parábola, percebemos que aquele pai é Deus. Seus dois filhos representam os homens, nós, os pecadores de todos os matizes.”⁶

Os dois irmãos representam a Humanidade. O *Pródigo* é a fiel imagem dos pecadores cujas faltas transparecem, ressaltam logo à primeira vista. Semelhantes transviados deixam-se arrastar ao sabor das voluptuosidades, como barcos que vogam à mercê das ondas, sem leme e sem bússola. Sabem que são pecadores, estão cômicos das imperfeições próprias e, comumente, ostentam para os que têm olhos de ver, de permeio com as graves falhas de seus caracteres, apreciáveis virtudes. E assim permanecem, até que o agulhão da dor os desperte.

O filho mais velho, o *Egoísta* é a perfeita encarnação dos pecadores que se julgam isentos de culpa, protótipos de virtudes, únicos herdeiros das bem-aventuranças eternas, pelo fato de se haverem absterido do mal. São os orgulhosos, os exclusivistas, os sectários que se apartam dos demais para não se contaminarem, como faziam os fariseus. A soberba não lhes permite conceber a unidade do destino.[...] Descreem da reabilitação dos culpados. Só podem ver a sociedade sob seus aspectos de camadas diversas, camadas inconfundíveis. Imaginam-se no alto, e os demais em baixo.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E disse: Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua e ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com*

as bolotas [ou alfarrobas] que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada (Lc 15:11-16).

O filho mais moço, identificado “pródigo”, tinha uma personalidade ativa, mais determinada, enquanto seu irmão revela-se acomodado no contexto em que vivia. Sentindo, porém, necessidade de vivenciar outras experiências, à distância do lar, o caçula da família comunica ao pai este desejo e solicialhe a parte da herança que lhe cabia. O pai não só lhe atende o pedido, como demonstra compreender ser um acontecimento natural. Divide a herança entre os filhos, de forma justa, não interpondo obstáculo à manifestação do livre-arbítrio dos seus herdeiros.

O texto evangélico informa que “o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua”, isto é, manteve-se distante da proteção paterna, conduzindo a existência na forma que lhe aprazia, segundo os critérios estabelecidos pela vida material. É por esse motivo que o filho pródigo “[...] é a personificação daquele que se entrega desvairadamente aos prazeres sensuais, concentrando na gratificação dos sentidos todas as suas aspirações e ideias, consumindo em bastardos apetites as riquezas herdadas do divino progenitor”⁶.

O desregramento da conduta produziu-lhe grande sofrimento. “[...] Empobrecido e arruinado, faminto e roto, espiritual e materialmente, acaba reconhecendo-se o único culpado de tamanha desventura, o único responsável pela crítica situação em que se vê.”⁶

Arrependendo-se dos erros cometidos, o jovem toma, então, a decisão de retornar à casa paterna. A disposição para se reajustar perante a lei divina é o primeiro sinal de transformação moral que, em geral, atinge os que se transviaram ao longo da caminhada evolutiva.

A história desse moço desassisado é a da grande maioria dos homens. Verificamos no transcurso dos acontecimentos passados com ele a manifestação das leis naturais que regem o destino das almas na sua caminhada pela senda intermínua da vida, sob o influxo incoercível da evolução. [...] O desfecho de toda a odisseia dos pecadores que passam pela Terra, é o retorno ao lar paterno. [...] Outro ensinamento de relevância que da mesma ressalta é o que respeita à doutrina da causalidade [lei de causa e efeito], propagada pela Terceira Revelação. A redenção do Pródigo deu-se mediante a influência dessa lei. Ele criou uma série de causas que determinaram uma série de efeitos análogos. Como as causas eram más, os efeitos foram dolorosos. Suportando-os,

como era natural, e não como castigo ou pena imposta por agente estranho, o moço acabou compreendendo a insensatez que praticara, considerando-se, outrossim, o próprio causador dos sofrimentos e da humilhação que suportava.⁷

Percorrendo as estradas largas dos interesses humanos, o filho pródigo conheceu a realidade da vida material, subjugando-se aos seus mecanismos e leis, razão pela qual foi colhido pelas frustrações e desilusões, que lhe forneceram lições retificadoras, capazes de reajustá-lo perante as leis divinas.

Nesta situação, esclarece o texto evangélico que o jovem viveu graves problemas, assim especificados: após ter “gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos”.

Uma análise superficial do texto sugere que o jovem enfrentou sérias privações, todas de ordem material: aniquilou os bens herdados (“ele desperdiçou a sua fazenda”); para sobreviver, precisou trabalhar para um dos cidadãos da terra, como guardador de porcos; passou tanta fome que até desejou ingerir o alimento destinado aos porcos.

É óbvio que a parábola oculta ensinamentos transcendentais, sob o véu do símbolo. A herança desperdiçada representa o desprezo pelos valores espirituais que lhes foram concedidos pelo Criador supremo: [...] “a retidão do juízo, a candura do sentimento, a sensibilidade da consciência e o discernimento justo do bem e do mal”.¹

A “grande fome” que se abateu sobre aquela terra indica o cansaço, a insatisfação, o fastio que os prazeres materiais, cedo ou tarde, produzem no ser. Chega, então, o momento em que a pessoa se revela faminta de bens espirituais, arde-lhe o desejo de ser bom, de melhorar-se.

Entretanto, nem sempre o Espírito mostra-se suficientemente forte para mudanças extremas. Faz-se necessário passar por um período de ajuste, que lhe conceda as condições apropriadas à verdadeira transformação espiritual. No texto em estudo, esse período está simbolizado no imenso sofrimento que vivenciou como apascentador de porcos. Importa considerar que não foi o trabalho, em si, que lhe causou sofrimento, pois nada há de indigno em cuidar de animais, mas as condições precárias em que se encontrava o Espírito daquele jovem. Sua queda moral foi profunda, destruindo-lhe qualquer vestígio

de alegria ou prazer de viver, uma vez que, agindo para satisfazer os sentidos, sua existência assemelhava-se à dos animais, que são governados pelo instinto. Subjugado à lei de causa e efeito, colheu o que semeou, guiando-se apenas pelo uso do seu livre-arbítrio.

Precisou, todavia, chegar a um doloroso estado de carência espiritual para lembrar-se do Pai, da vida abençoada que tivera, um dia, no lar paterno. Esta foi, porém, a brecha espiritual que lhe permitiu reconhecer os erros cometidos, admitir a situação de indignidade espiritual em que se encontrava e, arrependido, impor nova diretriz à sua existência. Reconhecemos, neste sentido, que há filhos pródigos de diferentes tipos na Humanidade.

Examinando-se a figura do filho pródigo, toda gente idealiza um homem rico, dissipando possibilidades materiais nos festins do mundo. O quadro, todavia, deve ser ampliado, abrangendo as modalidades diferentes. Os filhos pródigos não respiram somente onde se encontra o dinheiro em abundância. Acomodam-se em todos os campos da atividade humana, resvalando de posições diversas. Grandes cientistas da Terra são perdulários da inteligência, destilando venenos intelectuais, indignos das concessões de que foram aquinhoados. Artistas preciosos gastam, por vezes, inutilmente, a imaginação e a sensibilidade, através de aventuras mesquinhas, caindo, afinal, nos desvãos do relaxamento e do crime. Em toda parte, vemos os dissipadores de bens, de saber, de tempo, de saúde, de oportunidades...¹²

- » *E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e pondelhe um anel na mão e sandálias nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se (Lc 15:17-24).*

O conhecimento espírita nos faz ver, neste texto do Evangelho, o momento preciso em que o Espírito, cansado de sofrer, busca o amor celestial, reconhecendo-lhe a excelsitude. Este momento está

representado na expressão “cair em si.” É instante de grande valor, pois indica que a criatura humana toma consciência do efetivo estado de evolução espiritual em que se encontra.

Este pequeno trecho da parábola do filho pródigo desperta valiosas considerações em torno da vida. Judas sonhou com o domínio político do Evangelho, interessado na transformação compulsória das criaturas; contudo, quando caiu em si, era demasiado tarde, porque o divino Amigo fora entregue a juizes cruéis.[...] Maria de Magdala pusera a vida íntima nas mãos de gênios perversos, todavia, caindo em si, sob a influência do Cristo, observa o tempo perdido e conquista a mais elevada dignidade espiritual, por intermédio da humildade e da renúncia. Pedro, intimidado ante as ameaças de perseguição e sofrimento, nega o Mestre divino; entretanto, caindo em si, ao se lhe deparar o olhar compassivo de Jesus, chora amargamente e avança, resoluto, para a sua reabilitação no apostolado. Paulo confia-se a desvairada paixão contra o Cristianismo e persegue, furioso, todas as manifestações do Evangelho nascente; no entanto, caindo em si, perante o chamado sublime do Senhor, penitencia-se dos seus erros e converte-se num dos mais brilhantes colaboradores do triunfo cristão. [...] Cai, contudo, em ti mesmo, sob a bênção de Jesus e, transferindo-te, então, da inércia para o trabalho incessante pela tua redenção, observarás, surpreendido, como a vida é diferente.⁹

É admirável observar que, a partir do instante em que teve consciência dos seus méritos e deméritos, o filho pródigo aliou o desejo de melhoria à ação, facilmente percebidos neste trecho do Evangelho: “Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai”.

Quando o filho pródigo deliberou tornar aos braços paternos, resolveu intimamente levantar-se. Sair da cova escura da ociosidade para o campo da ação regeneradora. Erguer-se do chão frio da inércia para o calor do movimento reconstrutivo. Elevar-se do vale da indecisão para a montanha do serviço edificante. Fugir à treva e penetrar a luz. Ausentar-se da posição negativa e absorver-se na reestruturação dos próprios ideais. Levantou-se e partiu no rumo do lar paterno.⁸

A atitude do pai ao reencontrar o filho não deve passar despercebida: “viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo,

lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou.” A compaixão é o atributo divino que mais nos atinge, em qualquer estágio evolutivo. Reflete a misericórdia divina. A compaixão demonstra que o Criador supremo não “[...] esperou que o filho se penitenciasse de rojo, não exigiu escusas, não solicitou justificativas e nem impôs condições de qualquer natureza para estender-lhe os braços; apenas aguardou que o filho se levantasse e lhe desejasse o calor do coração”.¹⁰

- » *E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado (Lc 15:25-32).*

O filho mais velho ilustra, na história contada por Jesus, o exemplo do egoísmo.

A parábola não apresenta somente o filho pródigo. Mais aguçada atenção e encontraremos o filho egoísta.

O ensinamento velado do Mestre demonstra dois extremos da ingratidão filial. Um reside no esbanjamento; o outro, na avareza. São as duas extremidades que fecham o círculo da incompreensão humana.

De maneira geral, os crentes apenas enxergaram o filho que abandonou o lar paterno, a fim de viver nas estroinices do escândalo, tornando-se credor de todas as punições; e raros aprendizes conseguiram fixar o pensamento na conduta condenável do irmão que permanecia sob o teto familiar, não menos passível de repreensão.

Observando a generosidade paterna, os sentimentos inferiores que o animam sobem à tona e ei-lo na demonstração de sovinnice.

Contraria-o a vibração de amor reinante no ambiente doméstico; alega, como autêntico preguiçoso, os anos de serviço em família; invoca, na posição de crente vaidoso, a suposta observância da Lei divina e desprezita o genitor, incapaz de partilhar-lhe o justo contentamento.

Esse tipo de homem egoísta é muito vulgar nos quadros da vida. Ante o bem-estar e a alegria dos outros, revolta-se e sofre, por meio da secura que o aniquila e do ciúme que o envenena.¹³

Ora, o amor verdadeiro não se ajusta aos padrões da contabilidade tradicional: é espontâneo, natural, não cobra, não exige. No entanto, aquele servidor, aparentemente correto, por estar presente de modo ostensivo na casa do Pai realizando as suas obrigações, revelou-se egocêntrico e intransigente, mesmo que as explicações concedidas pelo Pai fossem lógicas e ponderadas: “Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas. Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado.”

Verificamos, assim, que nem sempre o que permanece na “Casa do Pai”, cumprindo deveres e obrigações está, efetivamente, transformado no bem. Pode revelar-se mesquinho e egoísta, julgando-se único merecedor das atenções e cuidados do Pai. Da mesma forma, nem todo dissoluto — o que prioriza as sensações materiais em detrimento das conquistas espirituais —, é criatura má. Ele pode, inclusive, revelar virtudes que estão abafadas pelo gênero de vida que leva. Essas virtudes irão manifestar-se, no momento apropriado, servindo de recursos para admitir erros cometidos e reajustar condutas. Devemos reconhecer, em suma, que o filho pródigo é sempre alguém que “pecou, sofreu, amou. A dor despertou-lhe os sentimentos, iluminou-lhe a consciência, converteu-o. A humildade, essa virtude que levanta os decaídos e engrandece os pequeninos, exaltou-o, apagando todas as máculas do seu Espírito, então redimido”.⁴

O mesmo não aconteceu com o outro irmão. Isso nos faz recordar que Jesus, antes mesmo de contar esta parábola, afiançou: “Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”. (LUCAS, 15:7)

Dessa forma, a recepção que o pai deu ao filho pródigo traduz-se em lição inesquecível: a alegria do acolhimento ao filho mais jovem, o melhor vestido, o anel e as alparcatas, assim como o banquete, a festa e a música foram concessões que expressam a misericórdia divina, perante as propostas de mudança dos que, sob os fundamentos da humildade, se arrependem. Por outro lado, essa boa receptividade provoca ciúme e inveja no filho mais velho, que ainda não se encontrava livre do ciúme,

da inveja e do egoísmo, julgando-se o único merecedor dos cuidados e atenção do genitor. Trata-se de uma atitude mesquinha e rancorosa do primogênito, que busca justificá-la por meio da alegação pueril de jamais ter se afastado do lar.

O *Pródigo*, a seu ver, deve ser excluído do lar. [...] O mal do Egoísta é muito mais profundo, está muito mais radicado que o do *Pródigo*. Este tem qualidades ao lado dos defeitos. Aquele não tem vícios, mas igualmente não tem virtudes. [...] O *Egoísta* não esbanja os dons: esconde-os, como o avarento esconde as moedas. Não mata, porém é incapaz de arriscar um fio de cabelo para salvar alguém. Não rouba, mas também não dá. Não jura falso, mas não se abalança ao mais ligeiro incômodo na defesa dum inocente. Seus atos e atitudes são invariavelmente negativos. Tais pecadores acham-se, por isso, mais longe de Deus que os demais, apesar das aparências denunciarem o contrário.³

O egoísta encontra muitas dificuldades para levar avante os propósitos da própria melhoria espiritual, uma vez que raramente considera as necessidades e as virtudes do próximo.

O egoísta insula-se de todos pela influência de seus próprios pensamentos. É orgulhoso, é sectário. Separa-se dos demais porque se julga perfeito. Jacta-se intimamente em não alimentar vícios, mas nenhuma virtude, além da abstenção do mal, nele se descobre. É um cristalizado: não suporta as consequências dos desvarios, mas não goza dos prazeres da virtude. Sua conversão é mais difícil que a de qualquer outra espécie de pecadores. A presunção oblitera-lhe o entendimento, ofusca-lhe as ideias. Imaginando-se às portas do céu, dista ainda dele um abismo. Supõe-se um iluminado, e não passa de um cego.⁵

Sendo assim, guardemos este sábio conselho do benfeitor espiritual Emmanuel: “Se te sentes ligado à Esfera superior por teus atos e diretrizes, palavras e pensamentos, não te encarceres na vaidade de ser bom. Não te esqueças, em circunstância alguma, de que Deus é Pai de todos, e, se te ajudou para estares com Ele, é para que estejas com Ele, ajudando aos outros.”¹¹

Referências

1. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. A ovelha, a dracma e o filho pródigo, p. 96.

2. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. O pródigo e o egoísta, p. 22-23.
3. _____. _____. p. 23.
4. _____. _____. Cap. Por que será? p. 24.
5. _____. _____. p. 24-25.
6. _____. *Na seara do mestre*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. Parábola do filho pródigo, p. 41.
7. _____. _____. p. 41-43.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 13 (Ergamo-nos), p. 41.
9. _____. _____. Cap. 88 (Caindo em si), p. 229-230.
10. _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Uberaba: Comunhão Espírita Cristã, 2005. Cap. 97 (Pai e amigo), p. 211.
11. _____. _____. Cap. 98 (Filho e censor), p. 213.
12. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 24 (Filhos pródigos), p. 63-64.
13. _____. _____. Cap. 157 (O filho egoísta), p. 329-330.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em grupos para leitura, troca de ideias e elaboração de um resumo a respeito dos assuntos desenvolvidos na interpretação do texto evangélico. Pedir-lhes, em seguida, que apresentem as conclusões do resumo, em plenário. Citar exemplos — e solicitar outros aos participantes — que ilustrem as características dos dois filhos citados na parábola.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 2

OS TRABALHADORES DA VINHA

Objetivos

- » Explicar, sob a ótica espírita, a parábola dos trabalhadores da vinha.

Ideias principais

- » *[...] os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XX, item 3.*
- » *A formosa parábola dos servidores envolve conceitos profundos. Em essência, designa o local dos serviços humanos e refere-se ao volume de obrigações que os aprendizes receberam do Mestre divino.*
- » *Por enquanto, os homens guardam a ilusão de que o orbe pode ser o tablado de hegemonias raciais ou políticas, mas perceberão em tempo o clamoroso engano, porque todos os filhos da razão, corporificados na crosta da Terra, trazem consigo a tarefa de contribuir para que se efetue um padrão de vida mais elevado no recanto em que agem transitoriamente. Emmanuel: Pão nosso. Cap. 29.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Porque o Reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, ajustando com os trabalhadores a um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha. E, saindo perto da hora terceira, viu outros que estavam ociosos na praça. E disse lhes: Ide vós também para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo. E eles foram. Saindo outra vez, perto da hora sexta e nona, fez o mesmo. E, saindo perto da hora undécima, encontrou outros que estavam ociosos e perguntou-lhes: Por que estais ociosos todo o dia? Disseram-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Diz-lhes ele: Ide vós também para a vinha e recebereis o que for justo. E, aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o salário, começando pelos derradeiros até aos primeiros. E, chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um; vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas, do mesmo modo, receberam um dinheiro cada um. E, recebendo-o, murmuravam contra o pai de família, dizendo: Estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco, que suportamos a fadiga e a calma do dia. Mas ele, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não ajustaste tu comigo um dinheiro? Toma o que é teu e retira-te; eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti. Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom? Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros, porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos. (MATEUS, 20:1-16.)

Três ideias básicas são identificadas nessa parábola: o valor do trabalho para o progresso humano, o significado de trabalhador da vinha e o princípio da reencarnação. De maneira geral, tais temas estão desenvolvidos na seguinte mensagem de Henri Heine, ditada em Paris, em 1863:

[...] os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente,

pelos espíritas. Estes, que por último vieram, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. [...] Últimos chegados, eles aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque coletivos são os trabalhos humanos [...]. Aliás, muitos dentre aqueles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram no meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não já na base, e sim na cumeeira do edifício. Receberão, pois, o salário proporcionado ao valor da obra.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Porque o Reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, ajustando com os trabalhadores a um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha (Mt 20:1-2).*

A expressão “Reino dos céus” é comum no Evangelho, referindo-se ao estado de plenitude espiritual, que será alcançado de forma ativa, perseverante e corajosa, jamais como concessão ou graça divina. Segundo a Doutrina Espírita, o ser humano atingirá esse estado de perfeição por meio do conhecimento e da transformação moral, obtidos nas inúmeras reencarnações e no plano espiritual.

O pai de família é Deus; a vinha somos nós, a Humanidade; e o trabalho, a aquisição das virtudes que devem enobrecer nossas almas. Para realizar esse desiderato, uns precisam de menos tempo, outros de mais, conforme cumpram, bem ou mal, os seus deveres. O prêmio, entretanto, é um só: a alegria, o gozo espiritual decorrente da própria evolução alcançada.⁵

A afirmativa, “sair de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha”, indica o supremo dinamismo do trabalho no bem, caracterizado por ser diligente e produtivo, não perde tempo e que começa cedo. Como é prioritário o progresso humano, o Senhor tem enviado ao Planeta Espíritos missionários, desde as eras mais remotas. A evolução espiritual é uma meta divina definida desde que ocorreu

o processo de humanização do princípio inteligente, isto é, na “madrugada” da vida humana, quando o Espírito era simples e ignorante.

A vinha é a própria Humanidade, o grande campo de aprendizado que precisa evolver, pelo trabalho-subsistência e pelo trabalho espiritual, firmado nos testemunhos, sacrifícios e doações incessantes que assinalam a via de progresso dos povos e de cada indivíduo. Em outras palavras, “[...] designa o local dos serviços humanos e refere-se ao volume de obrigações que os aprendizes receberam do Mestre divino”⁸

O texto evangélico esclarece que o pagamento ajustado dos trabalhadores foi de “um dinheiro por dia”. A gerência divina, sempre atenta e atuante, sabe ajustar o trabalho em nível da conscientização e do entendimento do obreiro. Neste contexto, é possível definir o tipo de compromisso que cada um pode oferecer à vinha, identificado na equação produção versus benefício. Sendo assim, o Pai celestial, o dono da vinha, disponibiliza o serviço ao trabalhador, o local onde este deva atuar e, também, a forma e valor da remuneração. O filho ou trabalhador, por outro lado, recebe a oportunidade de progredir, no campo que lhe foi destinado, selecionado em função da experiência que possui.

A parábola nos mostra que há um plano diretor, sábio e inteligente, que define o processo evolutivo da Humanidade. Nada é feito de improvisado ou de forma eventual. Implica estudo, planejamento e estratégias seriamente estipulados, a fim de que o sucesso esteja assegurado.

O planeta não é um barco desgovernado.

As coletividades humanas costumam cair em desordem, mas as leis que presidem aos destinos da Casa Terrestre se expressam com absoluta harmonia. Essa verificação nos ajuda a compreender que a Terra é a vinha de Jesus. Aí, vemo-lo trabalhando desde a aurora dos séculos e aí assistimos à transformação das criaturas, que, de experiência a experiência, se lhe integram no divino amor.⁸

- » *E, saindo perto da hora terceira, viu outros que estavam ociosos na praça. E disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo. E eles foram. Saindo outra vez, perto da hora sexta e nona, fez o mesmo. E, saindo perto da hora undécima, encontrou outros que estavam ociosos e perguntou-lhes: Por que estais ociosos todo o dia? Disseram-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Diz-lhes ele: Ide vós também para a vinha e recebereis o que for justo. E, aproximando-se a noite, diz o*

senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga lhes o salário, começando pelos derradeiros até aos primeiros (Mt 20:3-8).

As horas de contratação dos trabalhadores equivalem às diferentes convocações de Deus, aos seus filhos, para o cultivo de virtudes. “Uns começam mais cedo a cuidar dos seus espíritos para o bem; outros começam mais tarde. E no entanto, para os bons trabalhadores o salário é o mesmo, não importa a hora em que iniciaram o trabalho de se regenerarem.”⁶

Os trabalhadores da primeira hora são os Espíritos que contam com maior número de encarnações, mas que não souberam aproveitá-las, perdendo oportunidades que lhes foram concedidas para se regenerarem e progredirem. Os trabalhadores contratados posteriormente simbolizam os Espíritos que foram gerados há menos tempo, mas que, fazendo melhor uso do livre-arbítrio, [...] lograram em apenas algumas existências o progresso que outros tardaram a realizar.⁵

As oportunidades de melhoria espiritual são diuturnamente oferecidas pelo Criador supremo, através de Jesus. Existe trabalho para todos porque o progresso é Lei divina ou Natural. Entretanto, é importante considerar outras características que fazem parte do processo evolutivo humano, claramente identificadas nesta parábola do trabalhador da vinha.

As condições essenciais para os trabalhadores são: a constância, o desinteresse, a boa vontade e o esforço que fazem no trabalho que assumiram. Os bons trabalhadores se distinguem por estes característicos. O mercenário trabalha pelo dinheiro; seu único fito, sua única aspiração é receber o salário. [...] Assim é em todas as ramificações dos conhecimentos humanos: há os escravos do dinheiro e há o operário do progresso. Na lavoura, na indústria, como nas Artes e Ciências, destacam-se sempre o operário e o mercenário. O materialismo, a materialidade, a ganância do ouro arranjaram, na época em que nos achamos, mais escravos do que a vinha arranhou mais obreiros. Por isso, grande é a seara e poucos são os trabalhadores!⁷

Merece destaque o conteúdo do versículo oito, assim especificado: “E, aproximando-se a noite, diz o senhor da Vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o salário, começando pelos derradeiros até aos primeiros”. Trata-se de uma ordenação divina

referente ao acerto de contas, à aferição de resultados. É momento em que se verifica se ocorreu efetivo progresso ou melhoria espiritual do trabalhador. Essa aferição é de grande valor, tendo em vista os investimentos posteriores, os próximos planejamentos reencarnatórios. A expressão, “aproximando-se a noite”, não está relacionada ao término de um dia, que acontece após o declínio do sol. Pode indicar tanto o final de uma existência física quanto o fechamento de um ciclo evolutivo.

- » *E, chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um; vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas, do mesmo modo, receberam um dinheiro cada um. E, recebendo-o, murmuravam contra o pai de família, dizendo: Estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualas-te conosco, que suportamos a fadiga e a calma do dia. Mas ele, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não ajustaste tu comigo um dinheiro? Toma o que é teu e retira-te; eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti. Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom? (Mt 20:9-15).*

Percebe-se que na Vinha, o Senhor não faz “[...] questão da *quantidade do trabalho*, mas sim da *qualidade*, e ainda mais, da permanência do obreiro *até o fim*. Os que trabalharam na vinha, desde a manhã até à noite, não mereceram maior salário que os que trabalharam uma única hora, dada a *qualidade* do trabalho”.

O pagamento que os trabalhadores recebem é o mesmo para todos os obreiros, independentemente do número de horas que tenham trabalhado. Cada hora de labor representa uma encarnação ou período de aprendizado. Há Espíritos que consomem muitas reencarnações para se tornarem criaturas melhores, outros realizam o mesmo processo em poucas existências corporais. Da mesma forma, existem obreiros que despendem muitas horas para realizar uma tarefa que, sendo feita por outros, é executada em breve espaço de tempo.

Há operários diligentes, de boa vontade, que, devotando-se de corpo e alma às tarefas que lhe são confiadas, produzem mais e melhor, em menos tempo que o comum, assim como há os mercenários, os que não têm amor ao trabalho, os que se mexem somente quando são vigiados, os que estão de olhos pegados no relógio, pressurosos de que passe o dia, cuja produção, evidentemente, é muito menor que a dos primeiros. Uma vez, pois que o mérito de cada obreiro seja aferido, não pelas horas de serviço, mas pela produção, que interessa ao dono

do negócio saber se, para dar o *mesmo rendimento*, um precisa de doze horas, outro de nove, outro de seis, outro de três e outro de uma?⁴

A reencarnação deve ser vista como a manifestação da justiça divina. É significativa oportunidade para o Espírito reparar o passado de erros, reajustando-se perante a Lei de Deus, e, ao mesmo tempo, ensejo de progresso pelo desenvolvimento dos valores morais e intelectuais.

» *Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros, porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos* (Mt 20:16).

Os indivíduos escolhidos serão os primeiros no Reino dos céus porque souberam aproveitar, integralmente, os trabalhos na Vinha do Senhor, ao longo das sucessivas reencarnações. Não temeram as lutas nem os desafios impostos pelas provações, sempre agindo como alunos aplicados. Estes são os trabalhadores de última hora.

O obreiro da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o haja conservado à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem ele direito ao salário, porque desde a alvorada esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho. Laborioso, apenas lhe faltava o labor.¹

A parábola dos trabalhadores da vinha deve calar fundo aos espíritas, em razão do conhecimento que possuem a respeito da realidade espiritual e da necessidade da prática da caridade, base da transformação moral. Neste sentido, é sempre útil lembrar estas recomendações de o Espírito de Verdade:

Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Ditosos serão os que houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro móvel, senão a caridade! [...] Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!” [...]

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas

aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus.”³

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 20, item 2, p. 350-351.
2. _____. _____. Item 3, p. 352.
3. _____. _____. Item 5, p. 356-357.
4. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Parábola dos trabalhadores e da diversas horas do dia, p. 34.
5. _____. _____. p. 35.
6. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. XX (A parábola dos trabalhadores e das diversas horas do trabalho), p. 181.
7. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2004. Item: Parábola dos trabalhadores da vinha, p. 54.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 29 (A vinha), p. 73.

Orientações ao monitor

Pedir à turma que faça leitura silenciosa do texto evangélico (MATEUS, 20:1-16), assinalando os pontos que considerem mais significativos. Realizar, em seguida, breve explanação sobre as principais ideias desenvolvidas neste Roteiro, debatendo-as com os integrantes da reunião. Ao final, entregar aos participantes uma cópia da mensagem “Os obreiros do Senhor”, de autoria de o Espírito de Verdade, constante em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XX, para leitura e correlação com a parábola estudada.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 3

OS TALENTOS

Objetivos

- » Explicar, à luz da Doutrina Espírita, a parábola dos talentos.

Ideias principais

- » Os talentos são benefícios concedidos por Deus à Humanidade com a finalidade de fazê-la progredir material, intelectual e moralmente. Devem ser utilizados sob a forma de diferentes tipos de trabalhos e esforços que cabe ao homem desenvolver. *A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XVI, item 7.
- » A parábola trata da distribuição, feita por Deus, de oito talentos entre três servidores. O primeiro servo recebeu cinco concessões divinas, assim representadas: a saúde, a riqueza, a habilidade, o discernimento e a autoridade. O segundo recebeu os talentos da inteligência e do poder. O terceiro servo recebeu um único talento: a dor. Irmão X: *Luz acima*. Cap. 33.
- » Os oito talentos podem significar, também, outras manifestações do Pai celestial, concedidas aos três servidores. *Ao primeiro transmitiu*

o dinheiro, o poder, o conforto, a habilidade e o prestígio; ao segundo concedeu a inteligência e a autoridade, e ao terceiro entregou o conhecimento espírita. Irmão X: Estante da vida. Cap. 4.

Subsídios

1. Texto evangélico

Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens, e a um deu cinco talentos, e a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois granjeou também outros dois. Mas o que recebera um foi, e cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor. E, muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximou-se o que recebera cinco talentos e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles ganhei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas, chegando também o que recebera um talento disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; e, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabes que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei; devias, então, ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o que é meu com os juros. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes. (MATEUS, 25:14-30.)

As principais ideias da parábola podem ser assim resumidas:

Está visto que o senhor, aí, é Deus; os servos somos nós, é a Humanidade; os talentos são os bens e recursos que a Providência nos outorga para

serem empregados em benefício próprio e de nossos semelhantes; o tempo concedido para a sua movimentação é a existência terrena. A distribuição de talentos em quantidades desiguais, ao contrário do que possa parecer, nada tem de arbitrária nem de injusta: baseia-se na *capacidade* de cada um, adquirida antes da presente encarnação, em outras jornadas evolutivas.¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens, e a um deus cinco talentos, e a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois granjeou também outros dois. Mas o que recebera um foi, e cavou na terra, e escondeu o dinheiro do seu senhor. (Mt 25:14-18).*

Por estas palavras, ensina Jesus sobre a confiança depositada por Deus a seus filhos, concedendo-lhes o gerenciamento de bens, de acordo com as possibilidades de cada um.

Se te afeiçoas, assim, aos ideais de aprimoramento e progresso, não te afastes do trabalho que renova, do estudo que aperfeiçoa, do perdão que ilumina, do sacrifício que enobrece e da bondade que santifica... Lembra-te que o Senhor nos concede tudo aquilo de que necessitamos para comungar-lhe a glória divina, entretanto, não te esqueças de que as dádivas do Criador se fixam, nos seres da Criação, conforme a capacidade de cada um.¹⁰

O texto revela também a bondade divina, sempre plena de misericórdia, que fornece, em cada experiência reencarnatória, as bênçãos necessárias ao reajuste espiritual. Neste sentido, aconselha Emmanuel: “Melhorar para progredir — eis a senha da evolução. [...] Não olvides que os talentos de Deus são iguais para todos, competindo a nós outros a solução do problema alusivo à capacidade de recebê-los.”⁹

Os servidores que receberam os talentos representam três diferentes categorias evolutivas de Espíritos.

Os que recebem cinco talentos são Espíritos já mais experimentados, mais vividos, que aqui reencarnam para missões de repercussão social;

os que recebem dois, são destinados a tarefas mais restritas, de âmbito familiar; os que recebem um, não têm outra responsabilidade senão a de promoverem o progresso espiritual de si mesmos, mediante a aquisição de virtudes que lhes faltam.¹

Os servidores incluídos nos dois primeiros grupos corresponderam à confiança do Senhor. Demonstraram responsabilidade perante as dádivas recebidas, agindo com diligência, bom senso, trabalho e dedicação, de sorte que conseguiram duplicar os benefícios que lhes foram confiados.

O terceiro depositário, entretanto, não seguiu o exemplo dos demais. Portador de personalidade inibida e temerosa, imatura e descompromissada, não soube utilizar, como deveria, a concessão celeste. Representa os homens que usam mal os dons recebidos do Pai Celestial. A maioria das pessoas, no estágio atual de evolução, procede de forma similar, daí a necessidade das inumeráveis reencarnações como processo reeducador.

Há milhares de pessoas que efetuam a romagem carnal, amontoando posses exteriores, à gana de ilusória evidência. [...] E imobilizam-se do medo ou do tédio [...], até que a morte lhes reclama a devolução do próprio corpo. Não olvides, assim, a tua condição de usufrutuário do mundo e aprende a conservar no próprio íntimo os valores da Grande Vida. [...] Lembra-te de que amanhã restituirás à vida o que a vida te emprestou, em nome de Deus, e que os tesouros do teu Espírito será apenas aqueles que houveres amealhado em ti próprio, no campo da educação e das boas obras.¹¹

Os talentos simbolizam os infinitos recursos divinos, disponibilizados pelo Criador supremo em prol do nosso progresso espiritual. O Espírito Irmão X nos apresenta, de forma criativa e inteligente, duas versões da parábola, nos livros *Luz acima* e *Estante da vida*, respectivamente. Apresentamos, em seguida, as ideias gerais existentes no primeiro livro.

Relata o Espírito amigo que os talentos recebidos pelo primeiro servo foram: saúde, riqueza, habilidade, discernimento e autoridade. O Senhor prestou-lhe, também, as seguintes recomendações: “[...] Multiplica-os, aonde fores, em benefício dos meus filhos e teus irmãos que, em situação inferior à tua, avergados ao solo do planeta a que levarás minhas bênçãos, se esforcem mais intensamente”.⁵

Dirigindo-se ao segundo servidor, o Senhor orientou-o, assim:

— Transporta contigo estas duas preciosidades, que se destinam ao esclarecimento e auxílio do mundo a que te diriges. São ambas, a inteligência e o poder. Estende estes patrimônios respeitáveis às minhas construções eternas.⁵

Ao terceiro, confiou apenas um “talento”, aclarando, cuidadoso:

— Apossa-te desta lâmpada sublime e segue. É a dor, o dom celeste da iluminação espiritual. Acende-a em teu campo de trabalho, em favor de ti mesmo e dos semelhantes. Seus raios abrem acesso aos tabernáculos divinos.⁶

- » *E, muito tempo depois, veio o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximou-se o que recebera cinco talentos e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles ganhei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas, chegando também o que recebera um talento disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; e, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabes que ceifo onde não semei e ajunto onde não espalhei; devias, então, ter dado o meu dinheiro aos banqueiros, e, quando eu viesse, receberia o que é meu com os juros (Mt 25:19-27).*

“E muito tempo depois”, assinala o período posterior ao aprendizado desenvolvido pelo Espírito. Indica a avaliação do estágio probatório, quando o Pai afere o resultado das provas ou testes que serviram de lições à criatura, no seu processo de ascensão espiritual.

O “ajuste de contas” é, pois, uma aferição de valores que cedo ou tarde nos alcança. Não há como fugir dessa avaliação divina. Neste sentido, os planejamentos reencarnatórios têm como base essa aferi-

ção, ou seja, a análise dos resultados dos trabalhos desenvolvidos pelo Espírito em cada etapa de aprendizado.

Segundo a parábola e a interpretação do Espírito Irmão X, o servo que recebera cinco talentos, duplicou-os esclarecendo, feliz, ao Senhor:

— Senhor, eis tuas dádivas multiplicadas. Deste-me cinco e restituo-as em dobro. Respeitando a saúde, adquiri o tempo; espalhando a riqueza, aliciei a gratidão; usando a habilidade, recebi a estima; movimentando o discernimento, conquistei o equilíbrio, e distribuindo a autoridade em teu nome, ganhei a ordem. O teu plano de júbilo e evolução foi executado.⁷

O que recebera dois talentos também se posiciona jubiloso perante o Pai e explica como se conduziu:

— Senhor, recebe teus haveres multiplicados. Elevando a inteligência obtive o trabalho e, submetendo o poder à tua vontade sábia, atraí o progresso. A tua expectativa de instrução e ajuda no meu setor de atividade foi atendida.⁷

Logo após, acercou-se o terceiro e último servo da expedição e, devolvendo, intacto, o patrimônio que recebera, notificou:

— Senhor, recolhe de volta a indesejável herança que me deste... Sei que és austero e exigente, que colhes o que não semeias e que ordenas por toda parte... Experimentando enorme dificuldade para aguentar a carga que me puseste nos ombros e temendo-te o juízo, escondi-a na terra e reponho-a, agora, em tuas mãos... Esta dádiva é um fardo difícil de carregar... Constituiu-se desagradável recordação por onde passei, estorvou-me os desejos e, de modo algum, desejaria possuí-la, outra vez. É impossível obter lucros ou vantagens com semelhante obstáculo. Retoma, pois, teu estranho e insuportável depósito!...⁸

Duas atitudes se destacam, de imediato, no comportamento desse servo: a) não assume a responsabilidade pelo próprio fracasso; b) culpa o Senhor pelos seus insucessos. Em consequência, foi denominado “mau e inconsequente” (Mt 25:26) ou “servo mau e infiel” (Irmão X).

O Poderoso contemplou-o, triste, e falou, enérgico:

— Servo mau e infiel, como poderias multiplicar minha bênção se nem ao menos te deste ao esforço de examiná-la? Como iluminar o cami-

nho se mantiveste a lâmpada apagada? Tua ociosidade transformou alguns gramas de serviço benéfico em várias toneladas de angústia que doravante pesarão sobre ti. Criaste fantasmas que nunca existiram, multiplicaste preocupações e receios que te levaram a gritar e espreitar como simples tolo, no avançado círculo de minhas obras... Por fim, atiraste-me o tesouro ao pântano do desespero e da revolta e vens comentar o temor e o zelo que minha presença te infunde, quando foste tão somente preguiçoso e insensato! A dor era a tua oportunidade sagrada e única de iluminação ao próprio caminho, para que a tua claridade amparasse os companheiros de luta regenerativa e salutar. Repeliste o dom que te confiei [...]»⁹

O servidor que enterrou o talento tenta justificar o seu mau procedimento, dizendo-se “atemorizado” (versículo 25). É oportuno refletir sobre esse estado de ânimo, procurando, com paciência e determinação, identificar a natureza do sentimento alegado. Emmanuel esclarece com sabedoria, no texto que se segue.

Na parábola dos talentos, o servo negligente atribui ao medo a causa do insucesso em que se infelicitava.

Recebera mais reduzidas possibilidades de ganho.

Contara apenas com um talento e temera lutar para valorizá-lo.

Quanto aconteceu ao servidor invigilante da narrativa evangélica, há muitas pessoas que se acusam pobres de recursos para transitar no mundo como desejariam.

E recolhem-se à ociosidade, alegando o medo da ação.

Medo de trabalhar.

Medo de servir.

Medo de fazer amigos.

Medo de desapontar.

Medo de sofrer.

Medo da incompreensão. Medo da alegria.

Medo da dor.

E alcançam o fim do corpo, como sensitivas humanas, sem o mínimo esforço para enriquecer a existência.

Na vida, agarram-se ao medo da morte.

Na morte, confessam o medo da vida.

E, a pretexto de serem menos favorecidos pelo destino, transformam-se, gradativamente, em campeões da inutilidade e da preguiça.

Se recebeste, pois, mais rude tarefa no mundo, não te atemorizes à frente dos outros e faze dela o teu caminho de progresso e renovação. Por mais sombria seja a estrada a que foste conduzido pelas circunstâncias, enriquece-a com a luz do teu esforço no bem, porque o medo não serviu como justificativa aceitável no acerto de contas entre o servo e o Senhor.⁴

- » *Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado. Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes (Mt 25:28-30).*

“Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado” “[...] significa que todo aquele que diligencia por corresponder à confiança do Senhor, receberá auxílio e proteção para que possa aumentar as virtudes que possui”² O esforço desenvolvido lhe proporciona existências futuras mais tranquilas, livres de expiações.

Há, entretanto, outro significado para estas ordenações do Pai: “mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado.” “Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes.”

Quer [...] dizer que, aquele que não se esforçar para acrescentar alguma coisa àquilo que recebe da misericórdia divina, expiará, em futuras reencarnações de sofrimentos, a incúria, a preguiça, a má vontade de que deu provas, quando se verá privado até do pouco que teve, por empréstimo.²

Serão existências marcadas por provas e expiação, em que o indivíduo estará submetido ao jugo da lei de causa e efeito.

A outra interpretação da parábola, anteriormente citada, também elaborada pelo Irmão X, encontra-se no livro *Estante da vida*. Nessa interpretação, os talentos destinados aos três servidores são os seguintes: “Ao primeiro transmitiu o dinheiro, o poder, o conforto a habilidade e o prestígio; ao segundo concedeu a inteligência e a autoridade, e ao terceiro entregou o conhecimento Eespírita.”³

Sugerimos que esta versão da Parábola dos Talentos, inserida em anexo, seja estudada em sala de aula.

Referências

1. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 9. ed. Rio de Janeiro:FEB, 2006. Cap. Parábola dos talentos, p. 55.
2. _____. _____. p. 57.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Estante da vida*. Pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (Estudo na parábola), p. 29-30.
4. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 132 (Tendo medo), p. 327-328.
5. _____. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 33 (Lembrando a parábola), p. 143.
6. _____. _____. p. 143-144.
7. _____. _____. p. 144.
8. _____. _____. p. 144-145.
9. _____. _____. p. 145.
10. _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Uberaba: Comunhão Espírita Cristã, 2005. Cap. 7 (Melhorar para progredir), p. 28.
11. _____. _____. Cap. 8 (Vida e posse), p. 29-30.

Orientações ao monitor

Pedir à turma que faça leitura silenciosa do texto evangélico (MATEUS, 25:14-30), assinalando os pontos que julguem mais significativos. Em seguida, organizar dois grupos de estudo e solicitar-lhes a realização das seguintes tarefas:

Grupo 1: leitura do texto “Estudo da parábola”, do Espírito Irmão X — veja anexo —, seguida de troca de ideias e elaboração de resumo que expresse o pensamento do autor. Um ou mais relatores apresentarão, em plenária, um resumo da história e o resumo elaborado.

Grupo 2: os participantes realizam as mesmas atividades do outro grupo, só que estudarão o texto intitulado “Lembrando a parábola” — veja anexo —, também de autoria do Espírito Irmão X.

Após os relatos do grupo, analisar em conjunto com a turma, outras ideias que não foram consideradas, correlacionando-as à existência cotidiana.

Anexo

Estudo na parábola*

Irmão X

Comentávamos a necessidade da divulgação da Doutrina Espírita, quando o rabi Zoar ben Ozias, distinto orientador israelita, hoje consagrado às verdades do Evangelho no mundo espiritual, pediu licença a fim de parafrasear a parábola dos talentos, contada por Jesus, e falou, simples:

— Meus amigos, o Senhor da Terra, partindo, em caráter temporário, para fora do mundo, chamou três dos seus servos e, considerando a capacidade de cada um, confiou-lhes alguns dos seus próprios bens, a título de empréstimo, participando-lhes que os reencontraria, mais tarde, na vida superior...

Ao primeiro transmitiu o dinheiro, o poder, o conforto, a habilidade e o prestígio; ao segundo concedeu a inteligência e a autoridade, e ao terceiro entregou o conhecimento espírita.

Depois de longo tempo, os três servidores, assustados e vacilantes, compareceram diante do Senhor para as contas necessárias.

O primeiro avançou e disse:

— Senhor, cometi muitos disparates e não consegui realizar-te a vontade, que determina o bem para todos os teus súditos, mas, com os cinco talentos que me puseste nas mãos, comecei a cultivar, pelo menos com pequeninos resultados, outros cinco, que são o trabalho, o progresso, a amizade, a esperança e a gratidão, em alguns dos companheiros que ficaram no mundo... Perdoa-me, ó divino Amigo, se não pude fazer mais!...

O Senhor respondeu tranquilo:

— Bem está, servo fiel, pois não erraste por intenção... Volta ao campo terrestre e reinicia a obra interrompida, renascendo sob o amparo das afeições que ajudaste.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Estante da vida*. Pelo Espírito Irmão X. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4 (Estudo na parábola), p.29-32.

Veio o segundo e alegou:

— Senhor, digna-te desculpar-me a incapacidade... Não te pude compreender claramente os desígnios que preceituam a felicidade igual para todas as criaturas e perpetrei lastimáveis enganos... Ainda assim, mobilizei os dois valores que me deste e, com eles, angariei outros dois que são a cultura e a experiência para muitos dos irmãos que permanecem na retarguada...

O Excelso benfeitor replicou, satisfeito:

Bem está, servo fiel, pois não erraste por intenção... Volta ao campo terrestre e reinicia a obra interrompida, renascendo sob o amparo das afeições que ajuntaste.

O terceiro adiantou-se e explicou:

— Senhor, devolvo-te o conhecimento espírita, intocado e puro, qual o recebi de tua munificência... O conhecimento espírita é Luz, Senhor, e, com ele, aprendi que a tua Lei é dura demais, atribuindo a cada um conforme as próprias obras. De que modo usar uma lâmpada assim, brilhante e viva, se os homens na Terra estão divididos por pesadelos de inveja e ciúme, crueldade e ilusão? Como empregar o clarão de tua verdade sem ferir ou incomodar? E como incomodar ou ferir, sem trazer deploráveis consequências para mim próprio? Sabes que a Verdade, entre os homens, cria problemas onde aparece... Em vista disso, tive medo de tua Lei e julguei como a medida mais razoável para mim o acomodar-me com o sossego de minha casa... Assim pensando, ocultei o dom que me recomendaste aplicar e restituo-te semelhante riqueza, sem o mínimo toque de minha parte!...

O Sublime credor, porém, entre austero e triste, ordenou que o tesouro do conhecimento espírita lhe fosse arrancado e entregue, de imediato, aos dois colaboradores diligentes que se encaminhariam para a Terra, de novo, declarando, incisivo:

— Servo infiel, não existe para a tua negligência outra alternativa senão a de recomeçares toda a tua obra pelos mais obscuros entraves do princípio...

Senhor!... Senhor!... — chorou o servo displicente. — Onde a tua equidade? Deste aos meus companheiros o dinheiro, o poder, o conforto, a habilidade, o prestígio, a inteligência e a autoridade, e a mim concedeste tão só o conhecimento espírita... Como fazes cair sobre mim todo o peso de tua severidade?

— O Senhor, entretanto, explicou, brandamente:

— Não desconheces que te atribuí a luz da Verdade como o bem maior de todos. Se a ambos os teus companheiros não acertaram em tudo, é que lhes faltava o discernimento que lhes podias ter ministrado, através do exemplo, de que fugiste por medo da responsabilidade de corrigir amando e trabalhar instruindo... Escondendo a riqueza que te emprestei, não só te perdeste pelo temor de sofrer e auxiliar, como também prejudicaste a obra deficitária de teus irmãos, cujos dias no mundo teriam alcançado maior rendimento no Bem eterno, se houvessem recebido o quinhão de amor e serviço, humildade e paciência que lhes negaste!...

— Senhor!... Senhor!... por quê? — soluçou o infeliz — por que tamanho rigor, se a tua Lei é de misericórdia e justiça.

Então, os assessores do Senhor conduziam o servo desleal para as sombras do recomeço, esclarecendo a ele que a Lei, realmente, é disciplina de misericórdia e justiça, mas com uma diferença: para os ignorantes do dever, a justiça chega pelo alvará da misericórdia; mas, para as criaturas conscientes das próprias obrigações, a misericórdia chega pelo cárcere da justiça.

Anexo

Lembrando a parábola*

Irmão X

Ao enviar três servos de confiança para servi-lo em propriedade distante, onde outros milhares de trabalhadores, em diversos degraus da virtude e da sabedoria, lavravam a terra em louvor de tua grandeza divina, o supremo Senhor chamou-os à sua presença e distribuiu com eles preciosos dons.

Afagado o primeiro, entregou-lhe cinco “talentos”, notificando:

— Conduze contigo estes tesouros da alegria e da prosperidade. São eles a saúde, a riqueza, a habilidade, o discernimento e a

* XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 33 (Lembrando a parábola), p. 143-145.

autoridade. Multiplicaos, aonde fores, em benefício dos meus filhos e teus irmãos que, em situação inferior à tua, avergados ao solo do planeta a quem levarás minhas bênçãos, se esforçam mais intensamente.

Ao segundo servidor passou dois “talentos”, acentuando:

— Transporta contigo esta duas preciosidades, que se destinam ao esclarecimento e auxílio do mundo a que te diriges. São ambas, a inteligência e o poder. Estende estes patrimônios respeitáveis às minhas construções eternas.

Ao terceiro, confiou apenas um “talento”, aclarando, cuidadoso:

Apossa-te desta lâmpada sublime e segue. É a dor, o dom celeste da iluminação espiritual. Acende-a em teu campo de trabalho, em favor de ti mesmo e dos semelhantes. Seus raios abrem acesso aos tabernáculos divinos.

Em seguida, fixou os três colaboradores que partiam e explicou:

— Aguardá-los-ei de regresso, para as contas.

O tempo correu, célere, e veio o dia em que os mensageiros voltaram ao pátrio lar.

O Soberano esperava-os no pórtico, esperançoso e feliz.

Findas as saudações usuais, o primeiro enviado adiantou-se e entregou dez “talentos”, relacionando:

— Senhor, eis tuas dádivas multiplicadas. Deste-me cinco e restituo-as em dobro. Respeitando a saúde, adquiri o tempo; espalhando a riqueza, aliciei a gratidão; usando a habilidade, recebi a estima; movimentando o discernimento, conquistei o equilíbrio, e distribuindo a autoridade em teu nome, ganhei a ordem. O teu plano de júbilo e evolução foi executado.

O Justo abençoou-o e explicou:

Já que foste fiel nestes negócios de pouca monta, conceder-te-ei a intendência de importantes interesses de minha casa.

Aproximou-se o segundo e depositou-lhe nas mãos quatro “talentos”, informando:

Senhor, recebe teus haveres multiplicados. Elevando a inteligência obtive o trabalho e, submetendo o poder à tua vontade sábia, atraí o progresso. A tua expectativa de instrução e ajuda no meu setor de atividade foi atendida.

O Pai louvou-lhe a conduta e falou, contente:

— Já que revelaste lealdade no “pouco”, ser-te-á conferido o “muito” das grandes tarefas.

Logo após, acercou-se o terceiro e último servo da expedição e, devolvendo, intacto, o patrimônio que recebera, notificou:

— Senhor, recolhe de volta a indesejável herança que me deste... Sei que és austero e exigente, que colhes o que não semeias e que ordenas por toda parte... Experimentando enorme dificuldade para aguentar a carga que me puseste nos ombros e temendo-te o juízo, escondi-a na terra e reponho-a, agora, em tuas mãos... Esta dádiva é um fardo difícil de carregar... Constituiu-se desagradável recordação por onde passei, estorvou-me os desejos e, de modo algum, desejaria possuí-la, outra vez. É impossível obter lucros ou vantagens com semelhante obstáculo. Retoma, pois, teu estranho e insuportável depósito!...

O Poderoso contemplou-o, triste, e falou, enérgico:

— Servo mau e infiel, como poderias multiplicar minha bênção se nem ao menos te deste ao esforço de examiná-la? Como iluminar o caminho se mantiveste a lâmpada apagada? Tua ociosidade transformou alguns gramas de serviço benéfico em várias toneladas de angústia que doravante pesarão sobre ti. Criaste fantasmas que nunca existiram, multiplicaste preocupações e receios que te levaram a gritar e esperar como simples tolo, no avançado círculo de minhas obras... Por fim, atiraste-me o tesouro ao pântano do desespero e da revolta e vens comentar o temor e o zelo que minha presença te infunde, quando foste tão somente preguiçoso e insensato! A dor era a tua oportunidade sagrada e única de iluminação ao próprio caminho, para que a tua claridade amparasse os companheiros de luta regenerativa e salutar. Repeliste o dom que te confiei... Volta, portanto, à sombra e à desesperação que abraçaste!...

E o servo, que se perdera pela imprevidência e pela inconformação, somente entendeu o sublime valor da lâmpada do sofrimento quando se viu sozinho e desamparado, nas trevas exteriores.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 4

AS PARÁBOLAS DA FIGUEIRA

Objetivos

- » Explicar, sob a ótica espírita, os ensinamentos morais existentes nas duas parábolas da figueira.

Ideias principais

- » Em diferentes oportunidades, Jesus utiliza o recurso das alegorias para transmitir um ensinamento moral. É o que faz quando identifica os sinais de transformação ocorridos na figueira, em razão da mudança climática, com o processo de renovação espiritual que, cedo ou tarde, alcança o Espírito. No caso desta parábola, [...] *grandes verdades se ocultam. Há, primeiramente, a predição das calamidades de todo o gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade, calamidades decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVII, item 56.*
- » *A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XIX, item 9.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados. E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima. E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira e para todas as árvores. Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabei que o Reino de Deus está perto. (LUCAS, 21:25-31.)

E, no dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. Vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos. E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E os seus discípulos ouviram isso. (MARCOS, 11:12-14.)

Essas duas parábolas da figueira tratam de assuntos distintos, mas há uma relação de causa e efeito entre ambas.

A primeira figueira está na fase de surgimento de novos brotos quando o verão se aproxima. Simboliza os indivíduos que iniciaram o despertar de valores espirituais. Na segunda parábola a figueira encontra-se noutro período, já coberta de folhagem vistosa, porém destituída de frutos. Trata-se de uma alegoria referente às pessoas que possuem algum entendimento espiritual, explanam sobre eles, mas são incapazes de produzir frutos, isto é, de exemplificarem o que pregam.

A primeira árvore é apenas uma promessa, que pode ou não se concretizar em determinado período de tempo. A segunda é um projeto que se encontra em fase de execução, mas que fracassa em razão de deficiências intrínsecas.

Da mesma forma, o Espírito só produzirá no momento certo, depois de, ter incorporados valores intelectuais e morais. São conquistadas que irão produzir frutos do bem, os quais capacita a criatura

a transformar-se em auxiliar do Pai, como anuncia Paulo, o apóstolo dos gentios, em sua primeira carta aos coríntios: “Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus” (1Co 3:9).

Asseverando Paulo a sua condição de cooperador de Deus e designando a lavoura e o edifício do Senhor nos seguidores e beneficiários do Evangelho que o cercavam, traçou o quadro espiritual que sempre existirá na Terra em aperfeiçoamento, entre os que conhecem e os que ignoram a verdade divina. [...] O serviço é de plantação e edificação, reclamando esforço pessoal e boa vontade para com todos, porquanto, de conformidade com a própria simbologia do apóstolo, o vegetal pede tempo e carinho para desenvolver-se e a casa sólida não se ergue num dia.¹¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E haverá sinais no sol, e na lua, e nas estrelas, e, na terra, angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, porquanto os poderes do céu serão abalados. E, então, verão vir o Filho do Homem numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, quando essas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai a vossa cabeça, porque a vossa redenção está próxima. E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira e para todas as árvores. Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabeis que o Reino de Deus está perto (Lc 21:25-31).*

O registro de Lucas refere-se às provações que a Humanidade está destinada a passar, durante a transição que antecede a era da regeneração (veja Módulo I, roteiro 4).

Há, primeiramente, a predição das calamidades [...], decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Há, em segundo lugar, a difusão, por toda a Terra, do Evangelho *restaurado na sua pureza primitiva*; depois, ao reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em pratica por todos os povos.³

Catástrofes e destruições assinalarão o período de transição. Os Espíritos orientadores assim se expressam: “[...] Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e a melhoria dos seres vivos.”⁷

Os sinais que definem a era de transição e a de regeneração estão simbolizados nestes versículos: “Olhai para a figueira e para todas as árvores. Quando já começam a brotar, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer essas coisas, sabeis que o Reino de Deus está perto.”

Na época de transição, a destruição abusiva que o homem perpetuou ao longo dos tempos chegará ao ápice. As forças da Natureza reagirão, visto que, ao lado dos agentes de destruição encontram-se também os meios de conservação, concedidos pela sabedoria divina, os quais delimitam os limites do livre arbítrio humano. “É o remédio ao lado mal.”⁸

Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, esta submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Ambos esses progressos se realizam paralelamente, porquanto o melhoramento da habitação guarda relação com o do habitante. Fisicamente, o globo terráqueo há experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes.⁴

No período de transição, vivido atualmente pela Humanidade, surgirão não apenas os falsos profetas, mas também pessoas cujas ideias mais perturbam do que auxiliam. São “[...] as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carente de base sólida”¹

São pessoas que [...] aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, revelem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações.²

As expiações coletivas, relativamente comuns durante a transição, representam recurso divino de reajuste espiritual.

A noção de pessoa, reconhecida pela ordem jurídica, facilita-nos o entendimento das responsabilidades individuais e coletivas. [...] Assim, não se torna difícil entender que as expiações coletivas são os resgates de ações anteriores praticadas em conjunto pelo grupo envolvido. [...] Ainda se pode acrescentar [...] que os grupos se reúnem na Terra para tarefas ou missões comuns, assim como são reunidos, em outras épocas e circunstâncias, para purgar faltas cometidas em conjunto, solidariamente. [...] A Providência divina tem meios e formas para determinar os reencontros, o reinício de tarefas, os resgates, tanto no plano individual quanto no coletivo [...].¹⁰

É importante permanecer atentos aos sinais que assinalam os momentos de mudança, da mesma forma que os brotos surgidos na figueira anunciam outra estação do ano, o verão. Na transição, “[...] os períodos de renovação moral da Humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo [...]”.⁵

Os benfeitores espirituais orientam que é importante não perder a oportunidade de melhoria, concedido por Jesus, nessa ocasião: “Retire-se cada um dos excessos na satisfação egoística, fuja ao relaxamento do dever, alije as inquietações mesquinhas — e estará preparado à sublime transformação.”¹²

A regeneração, por outro lado, será marcada pela transformação moral, situação em que o Evangelho estabelecerá seu reinado definitivo. “A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social; mas, não há fraternidade real, sólida, efetiva, senão assente em base inabalável e essa base é a fé [...]”.⁶

- » *E, no dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. Vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos. E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E os seus discípulos ouviram isso (Mc 11:12-14).*

Estas anotações do evangelista indicam que a figueira estéril é o símbolo das pessoas inclinadas ao bem, à aquisição de valores espirituais, mas ainda incapaz de praticá-los. “Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são [...]”.¹¹

O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, porquanto dia virá em que

se acharão secas até à raiz. Quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que nenhum bem para a Humanidade houverem produzido, cairão reduzidas a nada; que todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.¹

É necessário, contudo, fazer reflexão sobre o conteúdo do versículo treze, do texto de Marcos: “Vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos.” No primeiro momento, parece existir contradição nas ideias expressas, uma vez que, se não “era tempo de figos”, Jesus só poderia encontrar na figueira apenas as folhas. Faz-se necessário explicar o significado do simbolismo para que não se julgue, equivocadamente, a ação seguinte, assim expressa pelo Cristo: “Nunca mais coma alguém fruto de ti” (versículo 14).

A figueira cheia de folhas assemelha-se aos indivíduos que receberam oportunidades de se transformar para melhor; conseguem discernir entre o falso e verdadeiro e são portadores de razoável conhecimento. Falam bem, atraindo pessoas, até multidões, em razão das habilidades pessoais que possuem. São, porém, incapazes de praticar o que recomenda porque não possuem, ainda, moralidade elevada nem domínio dos assuntos que ensina.

Em geral, são pessoas portadoras de algumas virtudes, mas que gostam de impor a própria opinião. São personalistas e não se animam a considerar outras opiniões, por se julgarem “donos da verdade”. Os que se aproximam deles afastam, em seguida, decepcionados, por não encontram nem a fé pregada nem a consistência dos ensinamentos divulgados.

A figueira não dava fruto porque sua organização celular era insuficiente ou deficiente, e Jesus, conhecendo esse mal, quis dar uma lição aos seus discípulos, não só para lhes ensinarem a terem fé, mas também para lhes fazer ver que os homens e as instituições infrutíferas, como aquela árvore, sofreriam as mesmas conseqüências. Pelo lado filosófico, realça da parábola a necessidade indispensável da prática das boas obras, não só pelas instituições, como pelos homens. Um indivíduo, por mais bem vestido e mais rico que seja, encaramujado no seu egoísmo, é semelhante a uma figueira, da qual, em nos aproximando, não vemos mais do que folhas. [...] O que precisamos da árvore são os frutos. O que precisamos da religião são as boas obras. [...] A religião do Cristo não é religião das “folhas”, mas, sim, a dos frutos!⁹

O Espiritismo nos orienta como proceder nestes tempos de transformação, em que o homem se revela demasiadamente preocupado com as dificuldades da vida material, em detrimento da aquisição de valores espirituais. Apóia-nos na fase de transição, em curso no Planeta, concedendo-nos os recursos necessários para que possamos integrar a Humanidade regenerada do futuro.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19, item 9, p. 345.
2. _____. _____. p. 344-345.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 17, item 56, p. 449.
4. _____. _____. Cap. 18, item 2, p. 458.
5. _____. _____. Item 10, p. 466.
6. _____. _____. Item 17, p.470.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, questão 728, p. 389.
8. _____. _____. Questão 731, p. 390.
9. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2004. Item: Parábola da figueira estéril, p.57.
10. SOUZA, Juvanir Borges. *Tempo de transição*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 14 (Expições coletivas), p.122-123.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 68 (Sementeira e construção), p. 177-178.
12. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 23 (E olhai por vós), p. 66.

Orientações ao monitor

Fazer uma breve explanação no início da aula, destacando os pontos principais que são desenvolvidos neste Roteiro. Em seguida, dividir a turma em dois grupos, cabendo, a cada um, o estudo de uma das parábolas da figueira; elaboração de uma síntese das ideias expressas por Jesus no texto evangélico e apresentação das conclusões do trabalho em grupo, em plenária. Ouvir os relatos, contextualizando os assuntos estudados no cotidiano da vida atual.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 5

O CREDOR INCOMPASSIVO

Objetivos

- » Interpretar a parábola do credor incompassivo, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » A parábola do credor incompassivo refere-se a alguém que teve vultosa dívida perdoada, mas que não soube perdoar quem lhe devia pouca coisa. Recebeu misericórdia e perdão em abundância, mas não se fez merecedor desses benefícios quando colocado em situação similar. Perdeu, desta forma, a oportunidade de quitar suas dívidas de acordo com os preceitos indicados pela lei de amor e foi constrangido pagá-las segundo as determinações da lei de causa e efeito, em reencarnações provocacionais.
- » *A misericórdia é o complemento da brandura, porquanto aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão as ofensas. [...] O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir. [...]*
- » *Ai daquele que diz: nunca perdoarei. Esse, se não for condenado pelos homens, sê-lo-á por Deus. Com que direito reclamaria ele o perdão de*

suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. X, item 4.

Subsídios

1. Texto evangélico

Por isso, o Reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos; e, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos. E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher, e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. Então, aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Então, o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem dinheiros e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me debes. Então, o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis; antes, foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. Então, o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas. (MATEUS, 18:23-35.)

Em linhas gerais, esta parábola analisa o perdão e a compaixão.

Todos [...] estamos sobrecarregados de imensos débitos para com a Providência divina; todos, continuamente, lhe suplicamos o perdão. Todavia, somos incapazes de perdoar do fundo do coração a menor falta que alguém cometer contra nós. Queremos que Deus nos perdoe e nos tolere, mas não queremos perdoar, nem tolerar nossos semelhan-

tes. Por meio desta tão singela quanto expressiva parábola o Mestre nos ensina que devemos cobrir com o manto do perdão e do amor os erros, que são cometidos contra nós, porque se assim não o fizermos, compareceremos com nossos erros descobertos na presença de Deus, o qual nos tratará exatamente como tivermos tratado os nossos irmãos.⁷

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Por isso, o Reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos; e, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos. E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher, e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. Então, aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Então, o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida (Mt 18:23-27).*

A parábola faz referência a uma prática que existia na Antiguidade: as pessoas que não podiam pagar as suas dívidas transformavam-se em escravos, podendo ser vendidos, eles e seus familiares. Os bens materiais que possuíam como casa, terras, moedas, animais etc., eram transferidos para o novo proprietário. O devedor citado na parábola devia uma quantia fabulosa. Vendo-se, porém, “[...] ameaçado de ser vendido, e mais a mulher, os filhos, e tudo quanto possuía, para resgate da dívida, pediu moratória, isto é, um prazo para que pudesse satisfazer a tão vultoso compromisso, e o rei [ou senhor], compadecendo-se dele, deferiu-lhe o pedido”.²

Inúmeras vezes fez o Mestre referência ao perdão, destacando-o por valioso e indispensável imperativo à evolução humana. Interpelado por Pedro se devia perdoar “sete vezes”, respondeu-lhe que devia perdoar “setenta vezes sete” [Mt 18:21-22], que equivale a dizer: perdoar indefinitivamente, tantas vezes quantas forem necessárias.⁵

Realizando uma análise mais apurada da história, verificamos que o perdão, concedido porque aquele senhor, provinha de uma alma elevada, portadora de sentimentos nobres como misericórdia, tolerância, generosidade, capacidade para ouvir e para perceber as dificuldades do endividado. São atributos comuns aos Espíritos superiores, cuja benevolência é incomparável, uma vez que têm por norma de conduta seguir este procedimento: “[...] tudo o que vós quereis que

os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas” (Mt 7:12).

Esta [...] é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento para conosco, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão somente, união, concórdia e benevolência mútua.¹

- » *Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem dinheiros e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis; antes, foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida (Mt 18:28-30).*

A situação, aqui, é outra. O mesmo devedor que teve a dívida perdoada, revela-se como pessoa mesquinha e implacável: “Pois bem, mal havia obtido tão generoso atendimento, eis que encontrou um companheiro que lhe devia uma bagatela, ou sejam, cem denários [ou cem dinheiros] [...] e, para reaver o seu dinheiro, não titubeou em usar de recursos violentos.”³

Infelizmente, esta tem sido a regra geral da conduta humana. Há pessoas que estão sempre prontas para receber benefícios e defender os próprios interesses. Não procedem, porém, da mesma forma para com o próximo. Trata-se de um comportamento contraditório, considerando que somos carentes do perdão e da misericórdia de Deus, e das pessoas que ofendemos. Não foi por acaso que Jesus incluiu na oração “Pai-nosso” a sentença: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6:12).

O conceito de perdão, segundo o Espiritismo, é idêntico ao do Evangelho, que lhe é fundamento: concessão, indefinida, de oportunidades para que o ofensor se arrependa, o pecador se recomponha,

o criminoso se libere do mal e se erga, redimido, para a ascensão luminosa. Quem perdoa, segundo a concepção espírita-cristã, esquece a ofensa. Não conserva ressentimentos. Ajuda o ofensor, muita vez sem que este o saiba. Não convém ao aprendiz sincero, sob pena de ultraje à própria consciência, adotar um perdão formal, aparente, socialmente hipócrita. Perdão formal é o que não tem feição evangélica. Guarda rancor. Alegra-se com os insucessos do adversário. Nega-lhe amparo moral e material.⁶

Faltou ao personagem que possuía uma grande dívida agir com misericórdia, mesmo recebendo-a em abundância. É regra da vida que, quem age com misericórdia, perdoa. Quem perdoa, é perdoado. “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mt 6:14-15).

O perdão se reveste de grande poder moral porque se fundamenta na lei do amor e da caridade. Assim, se “[...] pretendemos banir os males do mundo, cultivemos o amor que se compadece no serviço que constrói para a felicidade de todos. Ninguém se engane. As horas são inflexíveis instrumentos da Lei que distribui a cada um, segundo as suas obras”⁹

- » *Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. Então, o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas (Mt18:31-35).*

Este trecho, do registro de Mateus, nos reporta à manifestação da lei de causa e efeito. Percebemos, em primeiro, lugar que a criatura endividada recebeu a indulgência e o perdão, mas, malbaratando-os, adquiriu novas dívidas. Em segundo lugar o pagamento que, no início, seria governado pela lei de amor passou para a custódia e rigor da lei de ação e reação, simbolizada na expressão “atormentadores”, existente no seguinte período gramatical: “indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia”.

Este tópico da narrativa evangélica é de suma importância. Revela, claramente, que há sempre um limite no pagamento das dívidas. Estas

podem, algumas vezes, ser realmente muito vultosas, como no caso prefigurado — dez mil talentos! — mas, uma vez pago esse montante, o devedor fica com direito à quitação. Semelhantemente, o pagamento dos dez mil talentos pode determinar longos períodos de sofrimento, muitas existências expiatórias [...].⁴

A primeira alternativa, relacionada ao pagamento de uma dívida, está sempre vinculada à misericórdia divina, pois é o resgate pelo amor, que é simbolizado na prática da caridade, como ensina o apóstolo Pedro: “Mas, sobretudo, tende ardente caridade uns para com os outros, porque a caridade cobrirá a multidão de pecados” (1Pe 4:8).

A segunda possibilidade só é estabelecida quando o amor é ignorado. Assim, a dívida passa a ser administrada pela lei da causalidade, cujo pagamento ocorre não sem a manifesta misericórdia de Deus, sempre presente, mas vinculada aos ditames da Justiça divina.

Fica evidente que os reajustes espirituais, quando governados pela lei de amor, são os preferidos, ainda que sob o peso das renúncias.

Neste propósito esclarece o benfeitor Emmanuel:

Em qualquer parte, não pode o homem agir, isoladamente, tratando-se da obra de Deus, que se aperfeiçoa em todos os lugares.

O Pai estabeleceu a cooperação como princípio dos mais nobres, no centro das leis que regem a vida.

No recanto mais humilde, encontrarás um companheiro de esforço. Em casa, ele pode chamar-se “pai” ou “filho”; no caminho, pode denominar-se “amigo” ou “camarada de ideal”.

No fundo, há um só Pai que é Deus e uma grande família que se compõe de irmãos.

[...] Santifica os laços que Jesus promoveu a bem de tua alma e de todos os que te cercam.

[...] Observa em cada companheiro de luta ou do dia uma bênção e uma oportunidade de atender ao programa divino, acerca de tua existência. Há dificuldades e percalços, incompreensões e desentendimentos? Usa a misericórdia que Jesus já usou contigo, dando-te nova ocasião de santificar e de aprender.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 11, item 4, p. 203.
2. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Parábola do credor incompassivo, p. 29.
3. _____. _____. p. 29-30.
4. _____. _____. p. 30-31.
5. PERALVA, Martins. *Estudando o evangelho*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 20 (Perdão), p. 100-101.
6. _____. _____. p. 102.
7. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. XVIII, item: A parábola do credor incompassivo, p. 172.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 20 (O companheiro), p. 55-56.
9. _____. *Jesus no lar*. Pelo Espírito Neio Lúcio. 35. ed. 2006. Cap. 42 (A mensagem de compaixão), p. 247.

Orientações ao monitor

Realizar um amplo debate a respeito do assunto desenvolvido no Roteiro, procurando destacar o valor do perdão e da misericórdia como mecanismos de reajustes espirituais.

ATIVIDADE EXTRACLASSE: pedir aos participantes que façam leitura e elaborem uma síntese interpretativa das alegorias constantes dos dois textos evangélicos, objeto de estudo da próxima reunião: (LUCAS, 14:16-24.) e (MATEUS, 22:1-14.)

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 6

A FESTA DAS BODAS

Objetivos

- » Realizar interpretação espírita da parábola das bodas.

Ideias principais

- » A parábola das bodas ensina que, partindo do princípio de [...] *que todos os recursos da vida são pertences de Deus, anotaremos o divino convite à lavoura do bem, em cada lance de nossa marcha. Os apelos do Céu, em forma de concessões, para que os homens se ergam à lei de amor, voam na Terra em todas as latitudes. Todavia, raros registram-lhes a presença.* Emmanuel: *Religião dos espíritos*. Cap. Versão prática.
- » — *Jesus compara o Reino dos Céus, onde tudo é alegria e ventura, a um festim. Falando dos primeiros convidados, alude aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei.[...] Os convidados que se escusam, pretextando terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XVIII, item 2.

Subsídios

1. Texto evangélico

Então, Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: O Reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho. E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; e estes não quiseram vir. Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas. Porém eles, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio; e, os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram. E o rei, tendo notícias disso, encolerizou-se, e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade. Então, disse aos servos: As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas a todos os que encontrardes. E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial ficou cheia de convidados. E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: Amarraí-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos. (MATEUS, 22:1-14.)

Sob a forma de alegorias, esta parábola transmite lições que nos ajudam compreender a vida atual. É evidente que o “Reino dos céus” representa o estado de plenitude espiritual, o ápice do processo evolutivo. O “rei” é Deus, o Pai celestial, o Criador dos seres e de todas as coisas do Universo. O “filho” para o qual as bodas foi preparada é Jesus. Os “servos” são os seus enviados, Espíritos guardiões da Humanidade. As “iguarias” (“bois e cevados”) simbolizam as lições do Evangelho.

O incrédulo sorri a esta parábola, que lhe parece de pueril ingenuidade, por não compreender que se possa opor tanta dificuldade para assistir a um festim e, ainda menos, que convidados levem a resistência a ponto de massacrarem os enviados do dono da casa.¹

A narrativa revela duas ordens de ideias: primeira é que o estado de plenitude espiritual (“Reino dos céus”) é convite destinado a todos

os seres humanos, indistintamente. A segunda diz respeito à forma como atingir a perfeição espiritual: por meio de uma festa de casamento, ou união com Jesus, guia e modelo da humanidade terrestre. Nesta festa, os discípulos do Mestre encontrarão uma farta provisão de bens para suprir todas as suas necessidades de fome e sede espirituais.

Jesus compara o reino dos Céus, onde tudo é alegria e ventura, a um festim. Falando dos primeiros convidados, alude aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua Lei. Os enviados do rei são os profetas que os vinham exortar a seguir a trilha da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram escutadas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se escusam, pretextando terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Então, Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: O Reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho. E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; e estes não quiseram vir (Mt 22:1-3).*

O processo de evolução espiritual começa, efetivamente, a partir de certo nível de entendimento e de experiências, vivenciadas pelo Espírito. Somente a partir desse patamar pode o homem abrir-se para as verdades transcendentais. Dessa forma, os primeiros convidados foram os hebreus.

Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a espargir-se pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade *espiritual* “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento”. Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: a prática do culto exterior.³

Entretanto, o chamamento não foi atendido pela maioria dos judeus, a despeito da base religiosa que possuíam.

Vemos a situação se repetir nos dias atuais: existem milhares de pessoas que receberam educação moral, proveniente de diferentes interpretações religiosas. Entretanto, não aceitam o convite de se melhorarem. Preferem atender às sensações imediatistas e transitórias da vida material, numa clara manifestação de egoísmo tiranizante. Vivem como sonâmbulos que, indiferentes aos benefícios espirituais recebidos na existência, não avaliam o preço que terão de pagar por este descaso. Neste sentido, um amigo espiritual esclarece:

Melhor é aquele que se julga insignificante e vive cercado de servos, com os quais trabalha para o bem comum, do que o homem preguiçoso e inútil, faminto de pão, mas sempre interessado em honrar a si mesmo. [...] Enquanto as mãos do ímpio tecem a rede dos males, prepara com o teu esforço a colheita das bênçãos. Tudo passa no mundo. O mentiroso pagará pesados tributos. O desapiadado ferirá a si mesmo. O imprudente acordará nas sombras da própria queda. O avarento será algemado às riquezas que amontoou. O revoltado estará em trevas. Mas o homem justo e diligente vencerá o mundo.⁸

Os primeiros convidados podem representar, também, “[...] os doutos, os ricos, os sábios, os aristocratas, os sacerdotes, porque ninguém melhor do que estes estavam em condições de participar das bodas [...]”⁵

- » *Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e às bodas. Porém eles, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio; e, os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram. E o rei, tendo notícias disso, encolerizou-se, e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade (Mt 22:4-7).*

Com o ritualismo imposto pelas diferentes castas sacerdotais, a religião judaica revelou, à época de Jesus, grandes desvirtuamentos. A Lei de Deus, sintetizada nos Dez Mandamentos, era letra morta, mantida no esquecimento. Foi quando o Pai enviou-lhes Jesus para lembrá-los dos compromissos morais e espirituais assumidos.

O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas; a incredulidade atingira mesmo o santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para os chamar à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos *primeiros* a ser convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o imolaram. Perderam

assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera. Fora, contudo, injusto acusar-se o povo inteiro de tal estado de coisas. A responsabilidade tocava principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação por efeito do orgulho e do fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São, pois, eles, sobretudo, que Jesus identifica nos convidados que recusam comparecer ao festim das bodas.³

O número de cristãos que segue o Evangelho ainda é pouco. Em geral, são pessoas que ouvem, leem, falam, interpretam e pregam as verdades imortais, mas pouco se esforçam para vivenciá-las. Não se revelam preocupadas com a salvação da própria alma. Estão sempre adiando, indefinitivamente, o momento da transformação espiritual: no próximo ano, no futuro, na reencarnação seguinte...

São criaturas tão absorvidas com o dia a dia que não sentem necessidade do Evangelho — indicadas no registro de Mateus como os que foram para o “campo” e foram cuidar dos “negócios” —, sem se darem conta do mal que infligem em si mesmas. O tesouro que trazem no coração é o amor pelo dinheiro e pela aquisição de bens; pela realização de negócios lucrativos; pela vivência de prazeres.

A negligência e a indiferença pelas coisas espirituais simbolizam o “ultraje” e a “morte” dos servos, ilustrados na parábola.

O versículo sete “E o rei, tendo notícias disso, encolerizou-se, e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade” faz referência à manifestação da lei de causa e efeito. No caso dos judeus, a história relata os sofrimentos que passaram ao longo dos tempos, a começar com o ocorrido no ano 70 d.C. foram trucidados pelos romanos, e sua capital, Jerusalém, foi quase totalmente destruída como relata, com detalhes, Flávio Josefo, o historiador da Antiguidade, em seu livro *História dos hebreus*.

- » *As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, às saídas dos caminhos e convidai para as bodas a todos os que encontrardes. E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial ficou cheia de convidados. E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos (Mt 22:8-14).*

Nestes versículos, Jesus informa “[...] que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e estes, acolhendo-a, seriam admitidos no festim, em lugar dos primeiros convidados”.³ Sabemos que este trabalho foi realizado, após a crucificação, pelos apóstolos e alguns discípulos do Cristo, em especial o desenvolvido por Paulo de Tarso junto aos povos gentílicos.

Entretanto, para participar da festa é preciso estar vestido adequadamente, com o “traje nupcial”, isto é, faz-se necessário que a pessoa traga puro o coração, livre de más intenções, ainda que não possua base religiosa ou moral significativas. “*A veste de núpcias simboliza o amor, a humildade, a boa vontade em encontrar a verdade para observá-la [...]*”.⁶ Em síntese, é preciso que o Espírito seja guiado pelos preceitos do mandamento maior: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mt 22:37-39).

[...] não basta a ninguém ser convidado; não basta dizer-se cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter puro o coração e cumprir a lei segundo o espírito. Ora, a lei toda se contém nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*. Entre todos, porém, que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no Reino dos Céus! Eis por que disse Jesus: “*Chamados haverá muitos; poucos, no entanto, serão os escolhidos*.”⁴

Dessa forma, os hipócritas, os que promovem e executam lutas fratricidas, desuniões e perturbações; os egoístas, os orgulhosos e vaidosos; os falsos profetas e falsos cristos, oportunistas e embusteiros, que enganam as pessoas sob a aparência de bondade e de religiosidade; os que se mantêm indiferentes ao sofrimento do próximo, e que traficam com as coisas celestiais para obtenção de vantagens materiais, todos eles, serão retirados da festa por não vestirem o “traje nupcial”. Tais criaturas serão, portanto, conduzidos a reencarnações dolorosas, representadas, no texto, como “trevas exteriores” onde haverá “pranto e ranger de dentes”.

Para que atinjamos no mundo, o Reino de Deus, não nos pede o Senhor peregrinações de sacrifício a regiões particulares; espera, entretanto, demonstremos coragem suficiente para viver, dia por dia, no exato cumprimento de nossos deveres, na viagem difícil da reencarnação. Não exige nos diplomemos nos preceitos gramaticais do idioma [...]; espera, porém, que saibamos dizer sempre a palavra equilibrada e reconfortante [...]. Não nos obriga a renúncia dos bens terrenos; espera,

todavia, que nos dediquemos a administrá-los sensatamente [...]. Não nos impele as ginásticas especiais para o desenvolvimento prematuro de forças físicas e psíquicas; espera, entretanto, nos esforcemos para barrar pensamentos infelizes, dominando as nossas tendências inferiores. Não nos solicita a perfeição moral de um dia para outro; espera, contudo, nos disponhamos a cooperar com ele, suportando injúrias e esquecendo-as, em favor do bem comum. Não nos determina sistemas sacrificiais de alimentação [...]; espera, porém, sejamos no respeito ao corpo que a lei da reencarnação nos haja emprestado [...]. Não nos aconselha o afastamento da vida social [...]; espera, no entanto, que exerçamos é bondade e paciência, perdão e amor [...]. Jesus não nos pede o impossível; solicita-nos apenas a colaboração e trabalho na medida de nossas possibilidades humanas, cabendo-nos, porém, observar que, se todos aguardamos ansiosamente o mundo feliz de amanhã, é preciso lembrar que, assim como um edifício se levanta da base, o Reino de Deus começa de nós.⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 18, item 2, p. 324.
2. _____. _____. p. 325.
3. _____. _____. p. 326.
4. _____. _____. p. 327.
5. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2004. Item:Parábola das bodas, p. 72.
6. _____. _____. p. 74.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: Cultix, 2006. Item: Para o reino de Deus, p. 33-34.
8. _____. *Falando à terra*. Por diversos Espíritos. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. De Salomão – mensagem de Souza Caldas, p. 161-162.

Orientações ao monitor

Ler em voz alta o texto evangélico que trata do festim das bodas, (MATEUS, 22:1-14), pedindo à turma que acompanhe a leitura. Em seguida, solicitar aos participantes que apresentem o resultado da pesquisa, indicada na reunião anterior como atividade extraclasse. Ouvir os relatos, comentando-os. Realizar uma exposição dialogada conclusiva dos assuntos, correlacionando-os com a vivência no mundo atual.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 7

O TESOURO E A PÉROLA

Objetivos

- » Interpretar as parábolas do tesouro escondido e da pérola de grande valor, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » As duas parábolas colocam em relevo o estado de plenitude espiritual, simbolizado na expressão “Reino dos céus”, situação em que o indivíduo se desfaz do apego às posses dos bem materiais. Compreende então que a [...] *riqueza real é atributo da alma eterna e permanece incorruptível naquele que a conquistou*. Emmanuel: *Ceifa de luz*. Cap. 11.
- » O homem que encontrou o tesouro escondido no campo ou o negociante que achou a pérola de grande valor são Espíritos que souberam vivenciar a lei de amor, sublimando as suas conquistas espirituais. Trabalharam incessantemente pela conquista do “Reino dos céus”, por entenderem que *para se granjear um lugar neste reino, são necessárias a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos*. [...]. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. II, item 8.

Subsídios

1. Texto evangélico

Também o Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo. Outrossim, o Reino dos céus é semelhante ao homem negociante que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha e comprou-a. (MATEUS, 13:44-46.)

No capítulo 13 de Mateus há seis parábolas que fazem referência direta ao “Reino dos céus”: a do trigo e do joio; do grão de mostarda; do fermento; do tesouro escondido; da pérola e a da rede.

Nas parábolas do “tesouro oculto no campo” e da “pérola de grande valor”, Jesus enfatiza a felicidade e a ventura de quem encontra tais riquezas, a ponto de dispor todos os demais bens que possui. Em ambas histórias predomina o sentido de transformação espiritual, pela aquisição de virtudes.

Jesus aqui nos adverte de que a verdadeira finalidade de nossa vida terrena é obtermos a riqueza espiritual. Tão logo chegarmos a compreender que a real felicidade não consiste na posse transitória das coisas do mundo, de bom grado passaremos a trabalhar ativamente para entrarmos na posse dos bens espirituais. É assim como o homem que vendeu tudo o que tinha para comprar o campo e o negociante de pérolas que trocou tudo por uma pérola de alto preço, assim também nós, quando compreendermos o valor dos bens espirituais, tudo trocaremos por eles. Quaisquer sacrifícios serão pequenos para realizarmos o reino de Deus no íntimo de nossa alma.²

O processo de aquisição de bens espirituais é variável de indivíduo para indivíduo, entretanto, há um momento decisivo na vida de cada um, caracterizado pela transformação definitiva no bem, ou de conquista do “Reino dos céus”.

Na infância da Humanidade, o homem só aplica a inteligência à cata do alimento, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos seus inimigos. Deus, porém, lhe deu, a mais do que outorgou ao animal, o *desejo incessante do melhor*, e é esse desejo que o impele à pesquisa dos meios de melhorar a sua posição [...].

Pelas suas pesquisas, a inteligência se lhe engrandece, o moral se lhe depura. Às necessidades do corpo sucedem as do espírito: depois do alimento material, precisa ele do alimento espiritual. É assim que o homem passa da selvageria à civilização.¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Também o Reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem e compra aquele campo (Mt 13:44).*

A parábola do tesouro escondido, de extraordinária beleza e simplicidade, aplica-se aos Espíritos que já possuem desenvolvida a capacidade de discernimento relativa às suas reais necessidades para a edificação de uma vida feliz.

Graças [...] aos ensinamentos espíritas, aos Espíritos do Senhor, hoje é muito fácil ao homem achar esse tesouro. Mais difícil lhe pode ser, “vender o que tem e comprar o campo”, isto é, desembaraçar-se das suas velhas crenças, do egoísmo, do preconceito, do amor aos bens terrestres, para possuir os bens celestes. Materializado como está, o homem prefere sempre os bens aparentes e precívuos, porque os considera positivos; os bens reais e imperecíveis ele os julga abstratos. A Parábola do Tesouro Escondido é significativa e digna de meditação: o homem terreno morre e fica sem seus bens; o homem espiritual permanece para a vida eterna e o tesouro do Céu, que ele adquiriu é de sua posse permanente.³

A expressão “Reino dos céus”, citada no texto evangélico, não se refere a um lugar específico, situado no plano físico ou no espiritual. De acordo com o entendimento espírita, indica “estado de alma” ou de plenitude espiritual.

Afirma Jesus que o Reino de Deus não vem com aparência exterior. É sempre ruínosa a preocupação por demonstrar pompas e números vaidosamente, nos grupos da fé. Expressões transitórias de poder humano não atestam o Reino de Deus. A realização divina começará do íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno. Não surge à comum apreciação, porque a maioria dos homens transitam semicegos, através do túnel da carne, sepultando os erros do passado culposo.⁶

A parábola informa que o tesouro que o homem encontrou no campo causou-lhe imensa felicidade, tão pura e verdadeira que ele correu e vendeu tudo que o possuía, a fim de adquirir aquele campo.

Percebe-se, claramente, o sentido simbólico deste ensinamento de Jesus: o tesouro encontrado representa o ápice do esforço humano de transformação para o bem. Trata-se de um marco de grande significância, que faz o Espírito ascender de um patamar evolutivo para outro. É por este motivo que ele abre mão de todos as suas posses, passando a viver a vida do Espírito.

O “campo”, local onde o tesouro foi encontrado, indica o plano onde são desenvolvidas as experiências do aprendizado humano: na existência física, durante as reencarnações; no além-túmulo, nos estágios realizados nos diferentes planos vibracionais.

Neste contexto, é importante não deixar passar as oportunidades de crescimento espiritual que nos alcançam a existência, em geral manifestadas sob a forma de provas. É preciso exercitarmos a faculdade de “ver” e “ouvir”, segundo o Espírito.

O egoísta fala de seu tesouro, exaltando as posses precárias; o avaro refere-se a mesquinhas preocupações; o gozador demonstra apetites insaciáveis; o fanático repete pedidos loucos. Cada qual apresenta seu capricho ferido como a dor maior. Cristo ouve-lhes as solicitações e espera a oportunidade de dar-lhes a conhecer o tesouro imprecável.⁵

- » *Outrossim, o Reino dos céus é semelhante ao homem negociante que busca boas pérolas; e, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha e comprou-a (Mt 13:45-46).*

As pérolas verdadeiras costumam ser muito caras, em razão das dificuldades para capturá-las e pelo tempo consumido em sua produção por um certo tipo de animal marinho: o molusco. As pérolas crescem no interior das conchas desses moluscos que vivem nas águas profundas dos mares, sendo constituídas de secreções solidificadas e opacas, expelidas do corpo deste animal marinho, quando ele é seriamente ferido. A beleza e o brilho da pérola só se revelam quando expostos à luz do Sol.

Nada mais justo, pois, Jesus comparar o Reino dos Céus a uma pérola de grande valor que, ao ser encontrada pelo negociante, vendeu tudo o que tinha para tê-la consigo.

À semelhança da produção da pérola, o homem que alcança o Reino dos céus passou por muitas provações e dores; foi “ferido” em diferentes oportunidades, durante o seu processo de ascensão. Superados, porém, tais desafios, ele sai da “concha” e resplandece a sua luz espiritual, à vista de todos. Somente assim, após ter passado pela

forja das dores e das lágrimas, consegue revelar a beleza e o brilho do cabedal de virtudes que conquistou.

O homem vale mais que o mundo com as suas jazidas, os seus diamantes, e toda a sorte de pedras preciosas. Não obstante, o homem, esquecido de seu valor intrínseco, cujo preço é inestimável, consome-se e esgota-se na conquista do que é perecível, daquilo cujo valor é muito discutível, visto como só vale mediante certa convenção estabelecida pelos caprichos e veleidades do mesmo homem. [...] Mas o verdadeiro valor está interior do homem: está no seu caráter, nos seus sentimentos, na sua inteligência [...]: é o Espírito, é a alma, o eu imortal, sede das faculdades e poderes cuja origem é divina.⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 25, item 2, p. 406.
2. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. XIII (A parábola do semeador), item: parábolas do tesouro escondido, da pérola, da rede, p. 137-138.
3. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2004. Item: Parábola do tesouro escondido, p. 41-42.
4. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *O mestre na educação*. 8. ed. 2005. Cap. 19 (Valor imprecível), p. 87-88.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 64 (O tesouro maior), p. 143-144.
6. _____. _____. Cap. 107 (Vinda do reino), p. 229-230.

Orientações ao monitor

Realizar uma exposição dialogada com a turma, contemplando as ideias desenvolvidas neste Roteiro. Em sequência, pedir aos participantes que se organizem em pequenos grupos, tendo como incumbência a elaboração de um plano que retrate procedimentos, ações ou atividades que possam auxiliar alguém a descobrir o tesouro do Reino dos céus no campo da existência humana. Utilizar os subsídios deste Roteiro como referência. Solicitar a apresentação das linhas gerais do plano, em plenária, opinando a respeito.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 8

A PARÁBOLA DO RICO E DE LÁZARO

Objetivos

- » Interpretar a Parábola do homem rico e do pobre Lázaro, à luz do entendimento espírita.

Ideias principais

- » *Vemos representados nesta parábola os dois extremos: opulência e miséria. Ricos e pobres são Espíritos em provação. A indigência é uma prova dura. A riqueza é uma prova perigosa. [...] Vinícius (Pedro de Camargo): Nas pegadas do mestre. Cap. Lázaro e o rico.*
- » *Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 16, item 7.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lambe-lhe as chagas. E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá. E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite. (LUCAS, 16:19-31.)

Esta parábola analisa algumas questões fundamentais relativas à riqueza: utilidade, emprego e provas; desigualdades socioeconômicas; apego aos bens materiais. Proclama, também, a importância da prática da caridade e revela as consequências do egoísmo, do orgulho e da humildade, assim como do desprendimento das coisas materiais.

A utilidade e benefício providencial da riqueza é o controle da pobreza, não um obstáculo à melhoria de quem a possui. É um instrumento de progresso espiritual como tantos outros disponibilizados por Deus.

Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do

orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamentos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Mas, do fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que dela sabe servir-se [...].¹

O emprego correto da riqueza impulsiona o progresso por meio dos trabalhos desenvolvidos pelos homens.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o meio primordial de execução, sem ela não mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estimulante, nem pesquisas. Com razão, pois, é a riqueza considerada elemento de progresso.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas (Lc 16:19-21).*

O rico e Lázaro personificam os extremos de duas classes socio-econômicas existentes na Humanidade: uma possuidora de recursos e facilidades concedidas pela riqueza: bens (“homem rico”); vestimentas (“vestia-se de púrpura e linho finíssimo”), alimentação e confortos (“viviu todos os dias regalada e esplendidamente”). A outra pobre e portadora de dificuldades decorrentes da privação ou escassez de bens materiais: extrema pobreza ou miséria (“certo mendigo, chamado Lázaro”), enfermidades (“que jazia cheio de chagas”), fome (“e desejava alimentar-se com migalhas”), ausência de cuidados básicos de saúde (“os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas”).

Este rico que vestia de púrpura e que todos os dias se regalava esplendidamente, é o símbolo daqueles que querem tratar da vida do corpo e esquecem-se da vida da alma. São os que buscam a felicidade no comer, no beber e no vestir; são os que se entregam a todos os gozos da matéria, são os egoístas que vivem unicamente para si, os orgulhosos que, entronados nos altares das paixões vis, da vaidade, da soberba, não veem senão o que pode saciar a sede de prazeres, não cultivam senão a luxúria, que mata os sentimentos afetivos e anula os dotes do coração.⁴

A riqueza é um meio concedido por Deus para avaliar a sabedoria e a bondade do ser humano. É forma de testar-lhe a capacidade moral. “[...] Dando-lhe o livre-arbítrio, quis Ele que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal [...]. Cada um tem de possuí-la, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso fazer dela.”³

Representa [...] os excluídos da sociedade terrena, aqueles que, quando muito, pode chegar ao portão dos grandes templos, aqueles que não podem atravessar os umbrais dos palácios dourados, aqueles que essa sociedade corrompida do mundo despreza, amaldiçoa, cobre de labéus [desonra], crava de setas venenosas que lhes chagam o corpo todo.⁵

Os lázaros da parábola simbolizam todos os que, a despeito da difícil situação em que vivem, sofrem com resignação, por compreenderem que os bens do mundo são passageiros. São Espíritos que confiam em Deus, em sua bondade e misericórdia. Ainda que submetidos às dolorosas provações, determinadas pela lei de causa e efeito, não se revoltam, mas mantêm-se pacientes, guiando-se pela esperança em dias melhores, no futuro, após o ressarcimento de suas faltas.

Outro ponto relevante da parábola diz respeito ao que é necessário e ao que é supérfluo na vida, temas estudados nas questões 704 a 710 de *O livro dos espíritos* em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulos IX e XVI, itens 5 e 14, respectivamente. É preciso refletir sobre as implicações morais dos desperdícios, considerando o estado de fome e miséria existente no mundo.

A sobra em todas as situações é o agente aferidor do nosso ajustamento à Lei eterna que estatui sejam os recursos do Criador divididos justificarmente por todas as criaturas, a começar pela bênção vivificante do Sol. É assim que o leite a desperdiçar-Se, na mesa, é a migalha de

alimento que sonegas à criancinha órfã de pão, tanto quanto a roupa a emalar-se, desnecessária, no recanto doméstico, é o agasalho que deves à nudez que a noite fria vergasta. [...] Não olvides, assim, que toda sobra desaproveitada nos bens que desfrutas, por efeito de empréstimo da Providência maior, se converte em cadeia de retaguarda, situando-te pensamentos e aspirações na cidadela da sombra. E, repartindo com o próximo as vantagens que te enriquecem os dias, seguirás, desde a Terra, pelos investimentos do amor puro e incessante, em direitura à Plenitude celestial.¹¹

- » *E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e, agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quissem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá (Lc 16:19-21).*

Os efeitos de nosso proceder durante a existência atual vão refletir-se na outra vida. O rico banquetear-se, ria, folgava. Lázaro gemia, chorava resignadamente. Vem a morte e a ambos arrebatava, porque a morte é inexorável. O corpo para o túmulo, a alma para o Juízo. A consciência é a faculdade que o Espírito possui de refletir sobre si mesmo a luz da divina justiça. Cada um traz consigo o seu juiz. Por isso o rico se viu envolvido nas chamas devoradoras do remorso, enquanto Lázaro fruía o repouso do justo.⁸

Cairbar Schutel compara a situação do rico e a de Lázaro, no além-túmulo, com os dois lados de uma moeda, ou medalha, esclarecendo sobre as dificuldades de compreender o que cada face simboliza, efetivamente.

O [...] mendigo vai para a abundância, e o rico é que passa a mendigar! É o reverso da medalha. Vós tendes visto muitas medalhas? Figuremo-las numa libra esterlina: de um lado traz a figura do rei [ou rainha], mas, do outro o seu valor real. [...] Cada um de nós é uma medalha; e como medalha, a libra de ouro vale segundo o câmbio corrente, assim

também nós valemos de acordo com o câmbio espiritual, que taxa o valor das nossas almas. Aqueles que olham só a efígie, não conhecem o valor do dinheiro [...]. Assim também os que olham o homem só pelas aparências, pelo exterior, não conhecem o homem, porque o exterior do homem é a efígie da vaidade, do egoísmo e do orgulho. O que vale na moeda é o reverso; o que vale no homem é o interior, ou seja, o Espírito. O rico trazia no verso o característico do rei, mas, depois que morreu, mas, depois que morreu, apurou-se o valor da medalha gravado no reverso, e esse valor não permitiu o rico senão uma “entrada” no Hades [submundo, “inferno”].⁶

A situação de Lázaro, no plano espiritual, é de alguém vitorioso que, ao vencer a prova da pobreza, desenvolveu também a paciência, a humildade e a fé. Esta é a razão de sua felicidade, compartilhada junto a Abraão, o grande patriarca do povo hebreu. O rico por sua vez, falhou na prova, uma vez que a riqueza lhe obliterou os sentimentos de amor ao próximo, desenvolveu-lhe o egoísmo, acirrou-lhe o orgulho, “[...] tornando-o homem licencioso, amigo de bebedices e deleites”.⁷

Merece comentário o significado da palavra “abismo” existente nestes versículos: “E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá”. “Abismo” indica a distância evolutiva que há entre um e outro Espírito. Nesta situação, Lázaro não pode retroceder à posição anteriormente ocupada porque, pelas provações sabiamente suportadas, ascendeu na escala espiritual. Por outro lado, o rico não possuía, ainda, qualidades que o colocasse em um nível mais adiantado. Por este motivo esclarece Abraão: “de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá”.

O sofrimento e o remorso, vivenciados pelo rico, e as benesses desfrutadas por Lázaro, no plano espiritual, são representativas da palavra “abismo.”

Abismo de ordem moral, visto que como Abraão e o rico se viam e conversava. Para o Espírito culpado ou falido se reabilitar não basta o arrependimento, que é o primeiro passo a dar; é necessária a reparação. Portanto o rico não podia ser atendido em seu pedido. Cumpra-lhe voltar à Terra, e reparar o mal.⁹

A súplica do rico (“Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama”) revela que ele não só reconheceu as dificuldades em que se encontrava, como soube curvar a cabeça e pedir auxílio. Não era, pois, um rico tão orgulhoso; talvez tenha sido mais negligente ou indiferente ao sofrimento do próximo do que propriamente mau.

- » *E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite (Lc 16:22-31).*

É admirável a persistência do rico em minorar, de alguma forma, as consequências do mau uso da riqueza: se não podia, naquele momento, reparar as ações cometidas, tentou beneficiar os seus familiares que ainda permaneciam reencarnados. Esta característica da sua personalidade indica que ele não era também pessoa excessivamente egoísta. Existiam aqueles que eram objeto de sua preocupação, ainda que restrita ao círculo familiar.

Lázaro fortificou-se na dor: resistiu, venceu, subiu. O mesmo rico, apesar de sucumbir, tirou sérios proveitos da própria queda. Acordou para a realidade, arrependeu-se, humilhou-se e mostrou interesse pela sorte dos irmãos; numa palavra: as cordas de seus sentimentos despertaram. Ele viu Lázaro. Não viu os demais. Certamente Lázaro não era o único habitante da celestial mansão; mas, cumpria que o rico o visse, porque fora sobre ele que incidira a dureza do seu coração. O algoz deve ver e reconhecer sua vítima.⁷

A resposta de Abraão é sábia: o testemunho de um Espírito desencarnado não seria jamais considerado, tendo em vista que Espíritos de categoria superior, como Moisés e os profetas, não foram acreditados. Esta resposta nos faz refletir que temos o Evangelho e a Doutrina Espírita para nos guiar e nos garantir a felicidade eterna. Entretanto, agimos como crianças espirituais que muitas vezes desprezam as seguras orientações e se enveredam por caminhos que resultam em amargas provações. A propósito, esclarece Emmanuel:

A resposta de Abraão ao rico da parábola ainda é ensinamento de todos os dias, no caminho comum. Inúmeras pessoas se aproximam das fontes de revelação espiritual, entretanto, não conseguem a libertação dos laços egoísticos de modo que vejam e ouçam, qual lhes convém aos interesses essenciais. [...] Ninguém justifique a própria cegueira com a insatisfação do capricho pessoal. O mundo está repleto de mensagens e emissários, há milênios. O grande problema, no entanto, não está em requisitar-se a verdade para atender ao círculo exclusivista de cada criatura, mas na deliberação de cada homem, quanto a caminhar com o próprio valor, na direção das realidades eternas.¹⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 16, item, 7, p. 289.
2. _____. _____. p. 291.
3. _____. _____. Item 8, p. 292.
4. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão: O Clarim, 2004. Item:Parábola do rico e Lázaro, p. 133.
5. _____. _____. p. 134.
6. _____. _____. p. 135.
7. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 11. ed. 2007. Cap. Lázaro e rico, p. 156.
8. _____. _____. p. 156-157.
9. _____. _____. p. 157.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 116 (Ouçam-nos), p. 247-248.
11. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. Sobras, p. 37-38.

Orientações ao monitor

Após uma rápida introdução do assunto, pedir a turma que se organize em grupos, cabendo a cada um a tarefa de ler, trocar ideias e apresentar, em plenária, a conclusão da atividade grupal. Como sugestão, caberia a cada grupo analisar uma parte do texto evangélico e os respectivos comentários espíritas, constantes da divisão proposta nos subsídios deste Roteiro.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 9

O AMIGO IMPORTUNO

Objetivos

- » Explicar, à luz da Doutrina Espírita, a parábola do amigo importuno.

Ideias principais

- » A parábola do amigo importuno é um teste que define a verdadeira amizade.
- » Revela que, [...] *aqui mesmo na Terra, se recorrermos a um amigo quando tenhamos necessidade de um favor, haveremos de o conseguir.* [...] Rodolfo Calligaris: *Parábolas evangélicas*. Cap. Parábola do amigo importuno.
- » *Toda gente no mundo pode consolar a miséria e partilhar as aflições, mas raros aprendem a acentuar a alegria dos entes amados, multiplicando-a para eles, sem egoísmo e sem inveja no coração. O amigo verdadeiro, porém, sabe fazer isto.* Neio Lúcio. *Alvorada cristã*. Cap. 18.
- » “O amor sobrepuja a fé, a esperança, a beneficência, o profetismo e o sacrifício” — *preceitua o Apóstolo dos Gentios. No amor se contém a Lei e os profetas — rezam os Evangelhos. “Fora do amor não há salvação” — sentencia o Espiritismo.* Vinícius (Pedro de Camargo): *Nas pegadas do mestre*. Cap. O verbo amar.

Subsídios

1. Texto evangélico

Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo e, se for procurá-lo à meia-noite, lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho o que apresentar-lhe; se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar. Digo-vos que, ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister. (LUCAS, 11:5-8.)

Esta parábola nos faz refletir sobre o valor da amizade e da intercessão.

Principia [a parábola] fazendo-nos compreender que, aqui mesmo na Terra, se recorrermos a um amigo quando tenhamos necessidade de um favor, haveremos de o conseguir. Pode esse amigo não nos valer imediatamente, de boa vontade, pode até relutar em atender à nossa solicitação, mas, se instarmos com ele, ainda que seja para ver-se livre de nossa importunação, acabará cedendo. Pois se desconhecidos, ou mesmo adversários, quando pedem com tato e insistência, muitas e muitas vezes são atendidos, como não o seriam aqueles que gozam da simpatia e amizade do solicitado?¹

Jesus atesta que o verdadeiro amigo não se sente aborrecido pelas solicitações do amigo, que corre em acudi-lo.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo e, se for procurá-lo à meia-noite, lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho o que apresentar-lhe; se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar (Lc 11:5-7).*

O registro de Lucas destaca implicações existentes nos relacionamentos entre amigos, os quais, vezes sem conta são submetidos a

testes. No caso, o amigo é considerado importuno não só porque busca amparo em hora tardia, num momento de descanso, mas também para resolver problema de uma terceira pessoa que, por sua vez, lhe busca o concurso fraterno. Trata-se de uma situação em que, existindo laços de verdadeira amizade, os incômodos serão ignorados e o amigo será prontamente atendido. Na verdade, o momento mais propício para reconhecer uma amizade verdadeira é quando passamos por dificuldades.

Muitos companheiros de luta exigem cooperadores esclarecidos para as tarefas que lhes dizem respeito, amigos valiosos que lhes entendam os propósitos e valorizem os trabalhos, esquecidos de que as afeições, quanto as plantas, reclamam cultivo adequado.

Compreensão não se improvisa. É obra de tempo, colaboração, harmonia.

[...]

Existe uma ciência de cultivar a amizade e construir o entendimento. [...]

Examina, pois, diariamente, a tua lavoura afetiva. Observa se está exigindo flores prematuras ou frutos antecipados. Não te esqueças da atenção, do adubo, do irrigador. Coloca-te na posição da planta em jardim alheio e, reparando os cuidados que exigis, não desdenhes resgatar as tuas dívidas de amor para com os outros.⁴

Nos círculos de amizade, contudo, é comum encontrarmos amigos importunos. A despeito das qualidades que possuem e dos vínculos fraternos existentes, não possuem o necessário discernimento que garantem as boas relações sociais. Incomodam. Aborrecem. Estabelecem constrangimentos. Dificultam a vida em comum: uma imposição aqui, uma provocação ali. Em dado momento são gentis e dedicados, noutra são ásperos e autoritários. Num instante se revelam afáveis, gratos, bondosos, noutra ocasião se deixam levar pela aspereza do trato, pela ingratidão, pela inflexibilidade. Trata-se de situações conflitantes que exigem dos envolvidos tato, paciência e tolerância.

Surgem no cotidiano determinadas circunstâncias em que somos impedidos a reformular apreciações, em torno da conduta de muitos daqueles a quem mais amamos.

[...]

Nesses dias, em que o rosto dos entes amados se revela diferente, é natural que apreensões e perguntas imanifestas nos povoem o espírito. Abstemo-nos, porém, tanto de feri-los, através do comentário desairoso, quanto de interpretar-lhes as diretrizes inesperadas à conta de ingrati-dão. [...] Reflitamos que se a temporária falta deles nos trouxe sensações de pesar e carência afetiva, possivelmente o mesmo lhes acontece e, em vez de reprovar-lhes as atitudes — ainda mesmo afastados pela força das circunstâncias —, procuremos envolvê-los em pensamentos de simpatia e confiança, a fim de que nos reencontremos, mais tarde, em mais altos níveis de trabalho e alegria.⁵

Reconhecemos que há muitos amigos importunos na vida. Nós mesmos podemos ser assim qualificados, em diferentes oportunidades. Como criaturas situadas em processo de ascensão espiritual, nem sempre conseguimos administrar os reflexos das ações negativas perpetradas no passado, que ainda se mantêm entranhadas na nossa personalidade. Daí a ocorrência de comportamentos cíclicos, que oscilam entre pontos opostos. “Para isso, entesouremos serenidade. Serenidade que nos sustente e nos ajude a sustentar os outros.”⁶

O amigo importuno deve ser amparado pelas nossas preces e tratado, vida afora, com carinho e afeto, jamais como um peso. Não lhe recusemos a presença em nossa vida: cedo ou tarde ele se ajustará perante a lei de amor, da mesma forma que nós também. Aceitemos, pois, os seus incômodos, suas aparentes imposições, agindo com retidão, sem desprezo, não lhes acatando, porém, exigências descabidas. Estejamos com ele. Oremos por ele, oferecendo-lhe o abrigo da compreensão e da amizade.

Um fato que não pode passar despercebido, na parábola, é a intercessão. O amigo importuno busca auxílio em benefício de outro por não possuir recursos próprios para auxiliar; dirige-se então a quem oferece condições para tal.

A súplica da intercessão é dos mais belos atos de fraternidade e constitui a emissão de forças benéficas e iluminativas que, partindo do espírito sincero, vão ao objetivo visado por abençoada contribuição de conforto e energia. Isso não acontece, porém, a pretexto de obséquio, mas em consequência de leis justas.[...]²

Quantas vezes a Boa-Nova registra a ação de Jesus em favor dos sofrendores e desvalidos por intercessão de terceiros. Recordemos, como

ilustração, a cura do paralítico de Cafarnaum (Lc 5:18-20) ou do cego de Betsaida (Mc 8:22-26) que são conduzidos à presença do Mestre pelo auxílio de terceiros. Sendo assim, devemos, sempre, atender os amigos, de acordo com as nossas possibilidades.

Naturalmente, na pauta das possibilidades justas, ninguém deverá negar amparo ou assistência aos companheiros que acenam de longe com solicitações razoáveis

[...].

A lavoura alheia e as ocorrências futuras, para serem examinadas, exigem sempre grandes qualidades de ponderação.

Além do mais, é imprescindível reconhecer que o problema difícil, ao nosso lado ou a distância de nós, tem a finalidade de enriquecer-nos a experiência própria, habilitando-nos à solução dos mais intrincados enigmas do caminho.

[...]

Atendamos aos imperativos do serviço divino que se localiza em nossa paisagem individual, não por meio de constrangimento, mas pela boa vontade espontânea, fugindo cada vez mais aos nossos interesses particularistas e de ânimo firme e pronto para servir ao bem, tanto quanto nos seja possível.³

- » *Digo-vos, ainda que se não levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação e lhe dará tudo o que houver mister (Lc 11:5-8).*

A questão da amizade é da maior importância no texto. Estamos ligados aos amigos pelos vínculos da simpatia. Todavia, não podemos desconhecer que eles possuem concepções de vida, conquistas e processos evolutivos próprios, diferentes dos nossos. Se um amigo nos ofende, voluntária ou involuntariamente, não devemos nos conduzir por melindres, pelas suscetibilidades ou mágoas. Nas relações fraternas faz-se necessária a presença da compreensão e da tolerância. Devemos relevar as ofensas, por maiores que sejam.

O dom mais precioso que existe é a amizade. As paixões esfriam. As ilusões de cargos, de posições e de poder se desintegram como em um breve sonho. Da mesma forma, posses, dinheiro e bens desaparecem, assim como surgiram. Tudo é passageiro na existência, menos a amizade. Se bem cultivada, ela se perpetua, amplia e se fortalece ao longo do tempo.

Devemos atender as pessoas por amizade ou solidariedade, jamais para se ver livres delas. Esta é a atitude cristã e espírita.

Diante dessas considerações, podemos então fazer uma nova leitura da parábola: na verdade, o amigo importuno busca auxílio na hora mais propícia, quando surge a necessidade, e, também, por ser o momento em que será possível testar a capacidade de fraternidade de quem apresenta condições para socorrer. Colocada numa situação assim, a pessoa pode vacilar: atender o amigo, apesar do sono, do cansaço, da hora tardia etc., ou desculpar-se e não lhe prestar atendimento?

Trata-se, portanto, de um momento de suma importância na vida de qualquer pessoa. A verdadeira amizade, porém, não considera os sacrifícios, sabe que não deve delegar a outrem o que lhe cabe realizar. Inseridos nessas circunstâncias, ambos — o que apela por socorro e o que pode conceder auxílio —, são entrelaçados numa teia de acontecimentos, aparentemente fortuitos. É o instante em que a amizade passa pelo teste da validade.

Até a hora tardia, assinalada no texto evangélico, tem razão de ser. Meia-noite indica o fim de um ciclo diário e começo de outro. Pode ser aplicado, igualmente, no encadeamento do ciclo evolutivo do ser: de um lado o teste aferidor de uma etapa concluída, do outro o início de novo processo ascensional, caso tenha ocorrido aprovação no teste.

Assim, o amigo bate à porta na hora propícia, quando é possível testificar o nível de aprendizado moral de quem atende.

Os desafios da amizade são muitos e acontecem ao longo da existência. Importante meditar a respeito. Neste sentido, relata-nos o Espírito Hilário Silva que quando Jesus entrou vitorioso em Jerusalém, por ocasião do “domingo de ramos”, vibravam no ar ecos de grande êxito, tendo em vista a atmosfera festiva, a alegria reinante, os cânticos, as algazaras e os perfumes no ar. “[...] Não longe, Simão Pedro, que negaria o Senhor. Judas, que o negociaria. Tomé, que o abandonaria. Tiago e João, que dormiriam descuidados, sem lhe perceberem a angústia. E toda uma legião de admiradores que, no dia seguinte, se transformariam em adversários.”⁷

Bartolomeu, feliz, observou a atmosfera festiva e disse, contente:

— Oh! Mestre, quanta felicidade! Afinal! Afinal a glória, apesar dos perseguidores!

Notando que Jesus continuava em grave silêncio, o aprendiz perguntou:

— Por que tristeza, Senhor, se estamos triunfando de tantos inimigos? O Cristo, porém, meneou a cabeça e, fitando a turba próxima, falou sereno:

— Bartolomeu, Bartolomeu, vencer, mesmo tendo inimigos, é sempre fácil, porque os inimigos se colocam à distância, por si mesmos.

E profundamente desencantado:

— A batalha mais árdua é vencer com os amigos.⁸

Referências

1. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Parábola do amigo importuno, p. 68.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 17 (Intercessão), p. 45-46.
3. _____. _____. Cap. 26 (Trabalhos imediatos), p. 63-64.
4. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 121 (Amizade e compreensão), p. 255-256.
5. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Amigos modificados – mensagem de Emmanuel, p. 170-171.
6. _____. _____. Cap. Provações de surpresa – mensagem de André Luiz, p. 172.
7. _____. *A vida escreve*. Pelo Espírito Hilário Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 25 (Amigos), p. 105.
8. _____. _____. p. 105-106.

Orientações ao monitor

Pedir à turma que faça leitura silenciosa do texto evangélico (LUCAS, 11:5-8). Em seguida, fazer breve exposição dialogada sobre o conteúdo desenvolvido neste Roteiro. Concluída esta fase da reunião, dividir a turma em dois grupos, cabendo-lhes a leitura de um destes textos: “O verbo amar”, de autoria de Vinícius, constante no livro *Nas pegadas do mestre*, edição FEB; e “A amizade real”, de Neio Lúcio, psicografia de Francisco Cândido Xavier, existente no livro *Alvorada cristã*, editado pela FEB. Ouvir os relatos das conclusões do trabalho em grupo, correlacionando-os com o texto evangélico estudado.

ENSINOS POR PARÁBOLAS

Roteiro 10

O PODER DA FÉ

Objetivos

- » Explicar a parábola do poder da fé, à luz da Doutrina Espírita.

Ideias principais

- » A parábola analisa duas questões imprescindíveis à melhoria espiritual do ser humano: o valor da fé e o esforço para desenvolvê-la. *A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo que se deva crer. E, para crer, não basta ver: é preciso, sobretudo, compreender.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XIX, item 7.
- » *Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa: não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 19, item 11.
- » *A fé inoperante é problema credor da melhor atenção, em todos os tempos, a fim de que os discípulos do Evangelho compreendam, com clareza, que o ideal mais nobre, sem trabalho que o materialize, em benefício de todos, será sempre uma soberba paisagem improdutiva.* Emmanuel: *Fonte viva*. Cap. 39.

Subsídios

1. Texto evangélico

Disseram, então, os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé. E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui e planta-te no mar, e ela vos obedeceria. E qual de vós terá um servo a lavar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te e assenta-te à mesa? E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu? Porventura, dá graças ao tal servo, porque fez o que lhe foi mandado? Creio que não. Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer. (LUCAS, 17:5-10.)

Por estes ensinamentos, Jesus esclarece que a fé possui um poder inimaginável, a ponto de “transportar montanhas”, como consta no registro de Mateus (Mt 17:20), ainda que pequena como um grão de mostarda. Esclarece, igualmente, que a fé se desenvolve por meio do trabalho incessante no bem. Não é algo que se adquire de uma hora para outra. Exige esforço, dedicação, perseverança.

A pessoa que tem a fé desenvolvida confia em Deus, no seu amor e providência, mas também em si mesma, por conhecer os próprios limites e a própria capacidade de ação. Sabe que a verdadeira fé jamais é confundida com a presunção, mas que esta deve ser conjugada à humildade:

Aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.³

Por outro lado, a fé legítima “[...] dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta confiança”.²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Disseram, então, os apóstolos ao Senhor: Acrescenta-nos a fé. E disse o Senhor: Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraiga-te daqui e planta-te no mar, e ela vos obedeceria (Lc 17:5-6).*

O discípulo sincero reconhece, humilde, que perante as provações nem sempre é possível demonstrar a fé que gostaria. Da mesma forma, os apóstolos pedem ao Mestre que lhes conceda a fé, como se esta fosse um bem material que pode ser transferido de uma pessoa para outra, como doação ou herança.

“Ninguém pode, pois, em sã consciência, transferir, de modo integral, a vibração da fé ao Espírito alheio, porque, realmente, isso é tarefa que compete a cada um.”¹⁰

Diz-se vulgarmente que *a fé não se prescreve*, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, *nem*, o que ainda é mais certo, *se impõe*. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe ao encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la.⁵

Na verdade, o processo de aquisição da fé é trabalho cotidiano e persistente. As pessoas de caráter fraco ou que desanimam perante os obstáculos, demoram mais na construção do edifício da fé no íntimo do ser. Muitos iniciam essa aquisição através da religião, outros pelo controle mental, desenvolvido pela meditação e vontade disciplinada.

Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Em assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana*.⁴

É importante considerar que outras situações podem oferecer oportunidade de despertar da fé. O seu desenvolvimento, porém, é outra história.

Curiosidade ou sofrimento oferecem portas à fé, mas não representam o vaso divino destinado à sua manutenção.

Em todos os lugares, observamos pessoas que, em seguida a grandes calamidades da sorte, correm pressurosas aos templos ou aos oráculos novos, manifestando esperança no remédio das palavras.

O fenômeno, entretanto, muitas vezes, é apenas verbal. O que lhes vibra no coração é o capricho insatisfeito ou ferido pelos azorragues de experiências cruéis...

[...]

É imprescindível guardar a fé e a crença em sentimentos puros. Sem isso, o homem oscilará, na intranqüilidade, pela insegurança do mundo Intimo.

[...]

O divino mistério da fé viva é problema de consciência cristalina. Trabalhem, portanto, por apresentarmos ao Pai a retidão e a pureza dos pensamentos.¹¹

Para a Doutrina Espírita “[...] a fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. [...] *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade*”⁶

Por não ignorar que a aquisição da fé é, em muitos casos, obra dos séculos, foi que Jesus optou por exaltar-lhe o poder, em resposta ao pedido que lhe dirigiram os apóstolos. Entretanto, a fé não precisa ser grandiosa, algo fora do comum, basta que seja verdadeira. Ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda, uma semente tão pequena, se ela for exercitada, plantada no terreno da vida, ela crescerá e será capaz de trazer grande providência, ou seja, de realizar coisas prodigiosas: deslocando montanhas (Mt 17:20) ou fazendo uma amoreira desenraizar-se e ser transportada até o mar (Lc 17:6).

A árvore da fé viva não cresce no coração, miraculosamente. Qual acontece na vida comum, o Criador dá tudo, mas não prescinde do esforço da criatura.

[...]

A maioria das pessoas admite que a fé constitua milagrosa auréola doada a alguns espíritos privilegiados pelo favor divino.

Isso, contudo, é um equívoco de lamentáveis consequências.

A sublime virtude é construção do mundo interior, em cujo desdobraimento cada aprendiz funciona como orientador, engenheiro e operário de si mesmo.⁹

Transportar montanhas e árvores, por ação da fé, são simbolismos usualmente utilizados por Jesus com o intuito de fixar um ensinamento. Não devem, pois, serem considerados literalmente.

[...] As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.¹

- » *E qual de vós terá um servo a lavrar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega-te e assenta-te à mesa? E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu? Porventura, dá graças ao tal servo, porque fez o que lhe foi mandado? Creio que não. Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que devíamos fazer (Lc 17:7-10).*

A fé estacionária não é produtiva, e se abala às menores contrariedades ou provações. Está claramente representada na alegoria dos “servos inúteis”, isto é, dos servidores que nada mais fazem do que a própria obrigação, que agem de forma mecânica ou rotineira. Depois de exaltar o poder da fé, Jesus faz os apóstolos compreenderem “[...] que, para ser fortalecida, a fé tem que se apoiar em atos de benemerência, em devotamento ao próximo, em renúncia pessoal em benefício dos semelhantes”⁷.

Os bons obreiros, os servos úteis, sabem que é preciso cultivar a fé. Daí o apóstolo Tiago ter afirmado com convicção: “Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.” (Tg 2:18)

Em todos os lugares, vemos o obreiro sem fé, espalhando inquietação e desânimo.

[...]

E transita de situação em situação, entre a lamúria e a indisciplina, com largo tempo para sentir-se perseguido e desconsiderado.

Em toda parte, é o trabalhador que não termina o serviço por que se responsabilizou ou o aluno que estuda continuamente, sem jamais aprender a lição.

Não te concentres na fé sem obras, que constitui embriaguez perigosa da alma, todavia, não te consagres à ação, sem fé no Poder divino e em teu próprio esforço.

O servidor que confia na lei da vida reconhece que todos os patrimônios e glórias do Universo pertencem a Deus. Em vista disso, passa no mundo, sob a luz do entusiasmo e da ação no bem incessante, completando as pequenas e grandes tarefas que lhe competem, sem enamorar-se de si mesmo na vaidade e sem escravizar-se às criações de que terá sido venturoso instrumento.

Revelemos a nossa fé, por meio das nossas obras na felicidade comum e o Senhor conferirá à nossa vida o indefinível acréscimo de amor e sabedoria, de beleza e poder.⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19, item 2, p. 340.
2. _____. _____. Item 3, p. 340.
3. _____. _____. Item 4, p. 341.
4. _____. _____. Item 6, p. 341-342.
5. _____. _____. Item 7, p. 342.
6. _____. _____. Item 7, p. 343.
7. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Parábola dos servos inúteis, p. 114.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 26 (Obreiro sem fé), p. 69-70.
9. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 40 (Fé), p. 99-100.
10. _____. _____. p. 100.
11. _____. _____. Cap. 131 (Consciência), p. 293-294.

Orientações ao monitor

Projetar o texto evangélico (LUCAS, 17:5-10), objeto do estudo deste Roteiro. Em seguida, analisar em conjunto com a turma, de forma dinâmica e objetiva, a explicação que a Doutrina Espírita dá sobre a importância da fé e de como desenvolver esta virtude. Terminada esta etapa, pedir aos participantes que leiam, silenciosamente, o texto *A crença interessada*, de autoria do Espírito Humberto de Campos (veja anexo). Após a leitura, promover um debate, correlacionando os assuntos estudados com as ideias desenvolvidas pelo autor do texto.

Anexo

A crente interessada*

Humberto de Campos

Dona Marcela Fonseca vivia os últimos instantes na Terra.

Não obstante a gravidade do seu estado orgânico, a agonizante mantinha singular lucidez e dirigia-se à família, com voz comovedora:

— A confiança em Deus não me abandonará... A celeste misericórdia nunca desatendeu minhas rogativas... O Mestre divino estará comigo na transição dolorosa...

Alguns parentes choravam, em tom discreto, buscando, em vão, reter as lágrimas, no amarguroso adeus.

— Não chorem, meus amigos — consolava-os dona Marcela — o Espírito de minha mãe, que tantas vezes há socorrido minha alma, há de estender-me os braços generosos!... Há mais de trinta dias, sofro neste leito pesado de tormentos físicos. Que representa a morte senão a desejada bênção para mim, que estou ansiosa de liberdade e de novos mundos?!... Se me for permitido, voltarei muito breve a confortá-los. Não esquecerei os companheiros em tarefas porvindouras. Creio que a morte não me oferecerá dilacerações, além da saudade natural, por motivo do afastamento... Sempre guardei minha crença em Deus, não só na qualidade de católica e protestante, como também no que se refere ao Espiritismo, que abracei tomada de sincera confiança... com o mesmo fervor de minha assistência às missas e cultos evangélicos, dei-me às nossas sessões esperando assim que nada me falte nos caminhos do Além... Devemos aguardar as esferas felizes, os mundos de repouso e redenção!...

Os familiares presentes choravam comovidíssimos.

Dona Marcela calou-se. Depois de longos minutos de meditação, pediu fossem recitadas súplicas à Providência divina,

* XAVIER, Francisco Cândido. *Reportagens de além-túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 32, p. 225-231.

acompanhando-as em silêncio. Suor gelado banhava-lhe o corpo emagrecido e, pouco a pouco, perceberam os circunstantes que a agonizante exalava os últimos suspiros.

Qual sucede na maioria dos casos, portas adentro da sociedade comum, a câmara mortuária transformou-se imediatamente em zona de prantos angustiosos, onde os que não choravam se referiam em voz alta às virtudes da morta, e, em surdina, aos seus defeitos.

A desencarnada, contudo, não mais permanecia no ambiente de velhos desentendimentos e reiteradas dissimulações.

Sentira-se bafejada por sono caricioso e leve, após a crise orgânica destruidora. Branda sensação de repouso adormentara-lhe o coração. Sem poder, todavia, explicar quanto durara aquele estado de tranquilidade espiritual, dona Marcela despertou num leito muito limpo, mas extremamente desguarnecido de conforto. A seu lado, uma velhinha carinhosa abraçava-a, chorando de júbilo, a exclamar:

Até que enfim, querida filha! Marcela, minha adorada Marcela, que saudades do teu convívio!...

A filha correspondeu às manifestações afetivas, porém, depois de fixar detidamente a paisagem nova, não disfarçou o desapontamento que lhe dominava o Espírito voluntarioso. Já não era a mesma criatura, que revelava tamanha humildade na agonia corporal. Estava agora sem o influxo das dores. Experimentava plena liberdade para respirar e mover-se. Não mais o suor incômodo, nem a martirizante dispneia a lhe torturarem o organismo. Não mais a agonizante vencida, mas a dona Marcela da estrada comum, atrabiliária, exigente, insatisfeita. Embora o impulso natural de prosseguir beijando a carinhosa mãe-zinha, não sopitou o orgulho ferido e perguntou:

— Mamãe, explique-me. Por que permanece nesses trajes? Que significa esta choupana sem conforto? Que região de vida é esta, onde a vejo tão fortemente desamparada? Será crível que seja este o seu lugar? Não foi uma crente sincera, no curso das experiências terrestres?

A velhinha, com o olhar sereno de quem não mais teme a verdade, acentuou resignada:

— Estamos no mundo de nossas próprias criações mentais, minha filha. Segundo nossas reminiscências, fui católica fundamentalmente arraigada aos meus velhos princípios; contudo, não podes negar minha antiga preocupação de descansar nos esforços alheios.

Recordas como torturava os servidores de nossa casa? Lembras minha tirania no lar, nos serviços de teu pai, nos atos da igreja? Quando acordei aqui, meus sofrimentos foram ilimitados, pois minhas criações individuais eram péssimas. As feras da inquietação, do remorso e do egoísmo observavam-me de todos os lados. Foi quando, então, roguei a Deus me permitisse destruir os trabalhos imperfeitos, para reconstruir conscientemente de novo. E aqui me tens. Tudo pobre, humilde, desvalioso, mas para mim que já desacertei demasiadamente, ferindo o próximo e desprezando as coisas sagradas, esta choupana paupérrima é a bênção do Pai, no recomeço de santas experiências.

A recém-desencarnada contemplou a escassez dos objetos de serviço, fixou a miserabilidade das peças expostas, arregalou os olhos e exclamou :

— Meu Deus! quantas situações estranhas! Mamãe, sempre a julguei nas esferas felizes!...

Esses planos começam em nós mesmos — retrucou a genitora, com a tranquilidade da experiência vivida.

Recordando as inúmeras manifestações religiosas a que emprestara o concurso de sua presença, a senhora Fonseca redarguiu:

— Não me conformo com a miséria a que a senhora parece andar presentemente habituada. E o meu lugar próprio? Visitei milhares de vezes os templos de fé, no mundo. É impossível que esteja esquecida de nossos guias e benfeitores. Onde estão Bernardino e Conrado, os amorosos diretores espirituais de nossas reuniões? Preciso interpelá-los relativamente à minha situação.

A velhinha bondosa sorriu e informou:

— Ambos prosseguem na abençoada faina de orientar, distribuindo benefícios; mas, as reuniões continuam na esfera do globo e nós nos achamos em círculo diferente. Que seria dos trabalhos terrestres, minha filha, se os servos de Deus abandonassem suas tarefas, apenas porque uma de nós fosse chamada a nova expressão de vida?

Marcela entendeu o profundo alcance daquelas palavras e observou:

— Qualquer outra autoridade espiritual pode servir-me. Necessito receber elucidações diretas, a respeito de minha atual posição.

A velhinha carinhosa fixou na filha o olhar afetuoso e compadecido, explicando-lhe prudentemente:

— Poderei conduzir-te à presença do generoso diretor da nossa comunidade espiritual. Da bondade dele, recebi permissão para buscar-te no mundo. Creio, pois, que a sabedoria de nosso benfeitor será bastante aos esclarecimentos desejáveis.

Com efeito, na primeira oportunidade, foi Marcela conduzida por sua mãe à presença do venerável amigo. Recebeu-as o sábio, com espontâneo carinho, o que a Sr^a. Fonseca interpretou como subalternidade, sentindo-se livre de manifestar as mais acerbas reclamações, a lhe explodirem da alma revoltada. Após minuciosa e irritante exposição, concluía lamentando:

— Como sabeis, minha crença foi invariável e sincera: Na igreja católica, no templo evangélico, como no grupo espiritual, fui assídua nas manifestações de fé e nunca alvitrei a devoção. Não me conformo, portanto, com este abandono a que me sinto votada.

O orientador solícito, que ouvira pacientemente a relação verbal da interlocutora, acentuou a essa altura:

— Não se encontra, porém, desamparada. Autorizei sua mãe a buscá-la nas zonas inferiores, com o máximo de carinho.

— Mas a própria situação de minha genitora, a meu ver, merece reparos especiais — clamou a Sra. Fonseca, intempestivamente.

Sorriu o bondoso mentor ao verificar-lhe o nervosismo e explicou em seguida:

— Já sei. Sente-se ferida no amor à personalidade. Entretanto, talvez esteja enganada.

E, chamando um auxiliar, recomendou:

— Traga as anotações de Marcela Fonseca.

Daí a instantes, o portador reaparecia, sobraçando um livro de proporções enormes. Curiosa e inquieta, a visitante leu o título: — *“Pensamentos, palavras e obras de Marcela Fonseca”*.

Quem escreveu esse volume? — perguntou aterrada.

— Não sabe que este livro é de sua autoria? — perguntou o mentor tranquilamente — é um trabalho de substância mental, que sua alma grafou, em cada dia e cada noite da existência terrena, pensando, falando e agindo.

A interessada não sabia disfarçar a surpresa; mas o orientador, abrindo as páginas, acrescentou:

— Não posso ler todo o livro em sua companhia. Vejamos, porém, o resumo de suas atividades religiosas. Fixando a mão em determinada folha, o sábio esclareceu:

— Conforme se vê, assistiu no mundo a 6.705 missas, a 2.500 cerimônias do culto protestante e a 7.012 sessões espiritistas. No entanto, é curioso notar que seu coração nunca foi a esses lugares para agradecer a Deus ou desenvolver serviços de iluminação interior, ou fora do seu círculo individual. Seu único objetivo foi sempre pedir ou reiterar solicitações, esquecendo que o Pai colocara inúmeras possibilidades e tesouros no seu caminho. Recitando fórmulas, cantando hinos ou concentrando-se na meditação, somente houve um propósito em sua fé — o pedido. Mudou rotulagens, mas não transformou seu íntimo.

Ante o assombro de Marcela, o sábio continuava, delicado:

— É justo pedir; entretanto, é preciso igualmente saber receber as dádivas e distribuí-las. A própria Natureza oferece as mais profundas lições neste sentido. Deus dá sempre. A fonte recebe as águas e espalha os regatos cristalinos. A árvore alcança o benefício da seiva e produz flores e frutos. O mar detém a corrente dos rios e faz a nuvem que fecunda a terra. As montanhas guardam as rochas e estabelecem a segurança dos vales. Somente os homens costumam receber sem dar coisa alguma.

Mas... — concluiu o sábio orientador — não disponho de tempo para prosseguir na leitura. Finda esta, restituirá o volume aos arquivos da casa.

A Sra. Fonseca iniciou o serviço de recapitulação das próprias reminiscências e só terminou daí a cinco meses.

Extremamente desapontada, restituiu o livro enorme e, após encorajadora advertência do magnânimo diretor espiritual, explicou-se humilhada:

— Sempre fui sincera em minha crença.

— Sim, minha filha, mas a crença fiel deve ser lição viva do espírito de serviço. Sua convicção é incontestável. Sua ficha, contudo, é a dos crentes interessados.

Com enorme tristeza a lhe transparecer dos olhos, a recém-desencarnada começou a chorar. O dedicado mentor abraçou-a e disse paternalmente:

— Renove suas esperanças. Seu pesar não é único. Existem coletividades numerosas nas suas condições. Além disso, há fichas muito piores que a sua, em matéria de fé religiosa, como, por exemplo, as dos simoníacos, mentirosos e investigadores sem consciência. Anime-se e continue confiando em Deus.

Reconhecendo a própria indigência, Marcela recebeu o acolhimento pobre de sua mãe, como verdadeira bênção celestial.

Todavia, a nota mais interessante foi a sua primeira visita ao círculo dos irmãos encarnados. Em plena sessão, contou a experiência comovedora e relacionou as surpresas que lhe haviam aguardado o coração no plano espiritual. Sua história era palpitante de realidade, mas todos os presentes lembraram a velha dona Marcela Fonseca e concordaram, entre si, que a manifestação era de um Espírito mistificador.

EADE LIVRO III | MÓDULO IV

APRENDENDO COM AS CURAS

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 1

A CURA DA MULHER QUE SANGRAVA

Objetivos

- » Explicar como se realizou a cura da mulher com hemorragia.
- » Analisar as finalidades das curas operadas por Jesus.

Ideias principais

- » As curas operadas por Jesus testemunham a grandiosidade do seu Espírito.
[...] Queria Ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 27.
- » Na mulher que sangrava [...] *É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 11.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo

quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior, ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na sua vestimenta. Porque dizia: Se tão somente tocar nas suas vestes, sararei. E logo se lhe secou a fonte do seu sangue, e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal. E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão e disse: Quem tocou nas minhas vestes? E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? E ele olhava em redor, para ver a que isso fizera. Então, a mulher, que sabia o que lhe tinha acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dele, e disse-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal. (MARCOS, 5:25-34.)

O texto evangélico destaca a cura de uma enfermidade crônica que acometia a mulher durante doze anos. Uma doença debilitante, cuja cura partiu da iniciativa da própria enferma quando viu Jesus caminhar no meio da multidão. Movida de poderosa fé acreditou que, bastasse tocar a túnica do Mestre que ela se veria livre do mal que a atingia, como de fato, assim aconteceu.

De todos os fatos que dão testemunho do poder de Jesus, os mais numerosos são, não há contestar, as curas. Queria Ele provar dessa forma que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias. Aliviando os sofrimentos, prendia a si as criaturas pelo coração e fazia prosélitos mais numerosos e sinceros, do que se apenas os maravilhasse com espetáculos para os olhos. Daquele modo, fazia-se amado, ao passo que se se limitasse a produzir surpreendentes fatos materiais, conforme os fariseus reclamavam, a maioria das pessoas não teria visto nele senão um feiticeiro, ou um mágico hábil, que *os desocupados iriam apreciar para se distraírem*.⁴

O Espiritismo explica de que forma o poder da fé pode produzir curas de doenças, geralmente classificadas como “milagrosas” por se desconhecer as leis que regem o fenômeno.

O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos

antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E certa mulher, que havia doze anos tinha um fluxo de sangue, e que havia padecido muito com muitos médicos, e despendido tudo quanto tinha, nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior, ouvindo falar de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou na sua vestimenta. Porque dizia: Se tão somente tocar nas suas vestes, sararei. E logo se lhe secou a fonte do seu sangue, e sentiu no seu corpo estar já curada daquele mal. E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão e disse: Quem tocou nas minhas vestes? (Mc 5:25-30).*

Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra*, são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operara de Jesus para a doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se. É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização, nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.³

Nunca é demais destacar o poder da fé, sobretudo nos mecanismos de cura de doenças. Há no Evangelho e na literatura espírita inúmeros relatos sobre os prodígios da fé. Em mensagem existente no Evangelho segundo o Espiritismo, recomenda José, Espírito protetor: “Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé.”²

Razão, pois, tinha Jesus para dizer: Tua fé te salvou. Compreende-se que a fé a que Ele se referia não é uma virtude mística, qual a entendem muitas pessoas, mas uma verdadeira força atrativa, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou, pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Assim sendo, também, se compreende que, apresentando-se ao curador dois doentes da mesma enfermidade, possa um ser curado e outro não.³

Não podemos desconhecer, todavia, que toda enfermidade tem raízes nas ações do Espírito. Possivelmente, a hemorragia citada no texto evangélico, estava associada a um processo de vampirização. Não se pode marginalizar o fato de que a situação tangia outros ângulos terapêuticos que, efetivamente, fugiam à ação dos médicos. Apesar

do processo hemorrágico caracterizar um problema físico, havia uma ascendência de ordem espiritual.

A doença sempre constitui fantasma temível no campo humano, qual se a carne fosse tocada de maldição; entretanto, podemos aprofundar que o número de enfermidades, essencialmente orgânicas, sem interferências psíquicas, é positivamente diminuto. A maioria das moléstias procede da alma, das profundezas do ser. [...] Quantas enfermidades pomposamente batizadas pela ciência médica não passam de estados vibratórios da mente em desequilíbrio? Qualquer desarmonia interior atacará naturalmente o organismo em sua zona vulnerável. Um experimentar-lhe-á os efeitos no fígado, outro, nos rins e, ainda outro, no próprio sangue. Em tese, todas as manifestações mórbidas se reduzem a desequilíbrio, desequilíbrio esse cuja causa repousa no mundo mental. [...] A cura jamais chegará sem o reajustamento íntimo necessário, e quem deseje melhoras positivas, na senda de elevação, aplique o conselho de Tiago [“Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros para que sareis.” TIAGO, 5:16]; nele, possuímos remédio salutar para que saremos na qualidade de enfermos encarnados ou desencarnados.⁸

O importante não é apenas a restauração da saúde do paciente, em termos físicos, o que muitos podem operar pelo magnetismo. O segredo das curas, conduzidas por Jesus, era o fim a que visavam: reestruturação moral da alma, fortificando-a e preparando-a para os embates da edificação espiritual, agora sob novas bases, com a estrutura orgânica sadia.

Uma das maiores preocupações do Cristo foi alijar os fantasmas do medo das estradas dos discípulos. A aquisição da fé não constitui fenômeno comum nas sendas da vida. Traduz confiança plena. [...] Não temamos, pois, o que possamos vir a sofrer. Deus é o Pai magnânimo e justo. Um pai não distribui padecimentos. Dá corrigendas e toda corrigenda aperfeiçoa.⁵

Sendo assim, é imperioso assimilarmos as bênçãos recebidas do Cristo, esforçando para nos transformar em pessoas de bem. “Não basta fazer do Cristo Jesus o benfeitor que cura e protege. É indispensável transformá-lo em padrão permanente da vida, por exemplo e modelo de cada dia.”⁷

A cura da mulher com fluxo sanguíneo foi catalogada, por algumas interpretações cristãs, como milagrosa. No entanto, pelos ensinamentos

espiritistas sabemos que nada mais houve do que uma emanção de fluidos terapêuticos de Jesus, com a consequente apropriação por parte daquela paciente.

Mas, por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e tinha a cercá-lo a multidão? É bem simples a razão. Considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a matéria orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, numa palavra: pela fé do doente. Com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba calcante e o segundo como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; doutras, basta uma só. O segundo caso foi o que ocorreu na circunstância de que tratamos.³

- » *E logo Jesus, conhecendo que a virtude de si mesmo saíra, voltou-se para a multidão e disse: Quem tocou nas minhas vestes? E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? E ele olhava em redor, para ver a que isso fizera. Então, a mulher, que sabia o que lhe tinha acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dele, e disse-lhe toda a verdade. E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal (Mc 5:30-34).*

Consideremos o seguinte trecho: “E disse Jesus: Quem tocou nas minhas vestes? E disseram-lhe os seus discípulos: Vês que a multidão te aperta, e dizes: Quem me tocou? E Ele olhava em redor, para ver a que isso fizera.” Sabia Jesus que dele irradiara-se uma virtude. De igual modo, assim também acontece no movimento de auxílio ao próximo. São processos universais definidos pela Lei divina: os valores sublimados que circulam pelo Universo, na forma de bênçãos, são sempre recolhidos por alguém, em algum lugar e em momento específico.

Depois de Jesus localizar a mulher que fora beneficiada pela sua poderosa irradiação magnética, e ouvir a sua história, acrescenta, complementando o auxílio prestado: “Filha, a tua fé te salvou; vai em paz e sê curada deste teu mal.” Emmanuel esclarece, com propriedade, a respeito desse procedimento de Jesus:

É importante observar que o divino Mestre, após o benefício dispensado, sempre se reporta ao prodígio da fé, patrimônio sublime daqueles que o procuram. Diversas vezes, ouvimo-lo na expressiva afirmação: — “A tua fé te salvou.” Doentes do corpo e da alma, depois do alívio

ou da cura, escutam a frase generosa. É que a vontade e a confiança do homem são poderosos fatores no desenvolvimento e iluminação da vida. O navegante sem rumo e que em nada confia, somente poderá atingir algum porto em virtude do jogo das forças sobre as quais se equilibra, desconhecendo, porém, de maneira absoluta, o que lhe possa ocorrer. O enfermo, descrente da ação de todos os remédios, é o primeiro a trabalhar contra a própria segurança. O homem que se mostra desalentado em todas as coisas, não deverá aguardar a cooperação útil de coisa alguma. As almas vazias embalde reclamam o quinhão de felicidade que o mundo lhes deve. As negações, em que perambulam, transformam-nas, perante a vida, em zonas de amortecimento, quais isoladores em eletricidade. Passa corrente vitalizante, mas permanecem insensíveis. Nos empreendimentos e necessidades de teu caminho, não te isoles nas posições negativas. Jesus pode tudo, teus amigos verdadeiros farão o possível por ti; contudo, nem o Mestre e nem os companheiros realizarão em sentido integral a felicidade que ambicionas, sem o concurso de tua fé, porque também tu és filho do mesmo Deus, com as mesmas possibilidades de elevação.⁶

A cura dos males espirituais traduz-se como grande desafio para todos nós. Ainda que abençoados pela cura de enfermidades que atingem a organização física, poderão ocorrer recidivas, se não existir ajustamento espiritual aos ditames das leis divinas que regem a vida.

No que se refere aos poderes curativos, temo-los em Jesus nas mais altas afirmações de grandeza. Cercam-no doentes de variada expressão. Paralíticos estendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos. Alienados mentais, notadamente obsidiados diversos, recobram equilíbrio. É importante considerar, porém, que o grande benfeitor a todos convida para a valorização das próprias energias. Reajustando as células enfermas da mulher hemorroíssa, diz-lhe, convincente: — “Filha, tem bom ânimo! A tua fé te curou.” [...] Não salienta a confiança por simples ingrediente de natureza mística, mas sim por recurso de ajustamento dos princípios mentais, na direção da cura. E encarecendo o imperativo do pensamento reto para a harmonia do binômio mente-corpo, por várias vezes o vemos impelir os sofredores aliviados à vida nobre, como no caso do paralítico de Betsaida, que, devidamente refeito, ao reencontrá-lo no templo, dele ouviu a advertência inesquecível: — “Eis que já estás são. Não peques mais, para que te não suceda coisa pior.” [JOÃO, 5:14]⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 19, item 5, p. 341.
2. _____. _____. Item 11, p. 347.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15, item 11, p. 361-362.
4. _____. _____. Item 27, p. 372-373.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 26 (Padecer), p. 67-68.
6. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 113 (Tua fé), p. 241-242.
7. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 100 (Que fazemos do mestre?), p. 227.
8. _____. _____. Cap. 157 (O remédio salutar), p. 351-352.
9. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 26 (Jesus e mediunidade), item: Mediunidade curativa, p. 204-205.

Orientações ao monitor

Organizar os participantes em pequenos grupos para o estudo das ideias desenvolvidas neste Roteiro. Após ouvir os relatos dos grupos, realizar um roteiro direcionado para a cura espiritual, em conjunto com a turma. Ao final, projetar as orientações do Espírito André Luiz sobre o assunto (veja anexo), comparando-as com o roteiro realizado.

Anexo

Cura espiritual*

André Luiz

Comece orando.
A prece é luz na sombra em que a doença se instala.

Semeie alegria.
A esperança é medicamento no coração.

Fuja da impaciência.
Toda irritação é desastre magnético de consequências imprevisíveis.

Guarde confiança.
A dúvida deita raios de morte.

Não critique.
A censura é choque nos agentes da afinidade.

Conserve brandura.
A palavra agressiva prende o trabalho na estaca zero.

Não se escandalize.
O corpo de quem sofre é objeto sagrado.

Ajude espontaneamente para o bem.
Simpatia é cooperação.

Não cultive desafetos.
Aversão é calamidade vibratória.

Interprete o doente qual se fosse você mesmo.
Toda cura espiritual lança raízes sobre a força do amor.

* XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 53, p. 129-130.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 2

RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO

Objetivos

- » Explicar o significado espírita de ressurreição.
- » Analisar a ressurreição da filha de Jairo, à luz do Espiritismo.

Ideias principais

- » *[...] Racionalmente, pois, não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação.[...]* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Comentário das q. 1010 e 1011.
- » A filha de Jairo não estava, efetivamente, desencarnada, pois Jesus não permitiu que os laços perispirituais se rompessem, por efeito da sua vontade e do seu magnetismo superiores. Considerando o [...] poder fluídico que Ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda não se romperá definitivamente.[...] Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XV, item 39.

Subsídios

1. Texto evangélico

E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o, prostrou-se aos seus pés e rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare e viva. E foi com ele, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava. [...] Estando ele ainda falando, chegaram alguns do principal da sinagoga, a quem disseram: A tua filha está morta; para que enfadas mais o Mestre? E Jesus, tendo ouvido essas palavras, disse ao principal da sinagoga: Não temas, crê somente. E não permitiu que alguém o seguisse, a não ser Pedro, e Tiago, e João, irmão de Tiago. E, tendo chegado à casa do principal da sinagoga, viu o alvoroço e os que choravam muito e pranteavam. E, entrando, disse-lhes: Por que vos alvoroçais e chorais? A menina não está morta, mas dorme. E riam-se dele; porém ele, tendo-os feito sair, tomou consigo o pai e a mãe da menina e os que com ele estavam e entrou onde a menina estava deitada. E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talitá cumi, que, traduzido, é: Menina, a ti te digo: levanta-te. E logo a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto. (MARCOS, 5:22-24; 35-42.)

A história relatada no texto evangélico ilustra exemplos de ressurreição citados no Evangelho, como por exemplo, a de Lázaro (JOÃO, 11:30-44) e a do filho da viúva de Naim (LUCAS, 7:11-17). A palavra “ressurreição” significava, naquela época, reencarnação ou retorno do Espírito ao corpo físico sem que tivesse morrido.

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. [...] As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da

alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo.¹

O registro de Marcos não se refere, obviamente, à reencarnação. A filha de Jairo estava reencarnada há doze anos, mas por um motivo, não indicado no texto, entrou num estado de morte aparente. Por desconhecer esse estado, lamentáveis equívocos de sepultar pessoas ainda vivas aconteceram no passado. Em consequência, ao fazer a exumação, encontrava-se o cadáver em posição diferente da que foi sepultado. Felizmente, tal fato é raro nos dias atuais, considerando os progressos médicos de comprovação da morte.

A “ressurreição” da filha de Jairo pode ser catalogada como *fenômeno de quase-morte*, estado comatoso ou de catalepsia.

A chamada experiência de quase morte é o estado de morte clínica experimentado durante alguns momentos, após os quais a pessoa retorna à vida do corpo físico. Os relatos do que se passou, feitos aos médicos e enfermeiras, por indivíduos de várias culturas e credos, coincidem com o que diz o Espiritismo e demais religiões reencarnacionistas.³

Tais pessoas relatam a ocorrência de acontecimentos semelhantes, vividos nos breves instantes entre uma parada cardíaca mais prolongada e a ressuscitação corporal, subsequente. Entre essas ocorrências, afirmam encontrar, após a travessia de um túnel ou de outras passagens, seres de luz que as acolhem carinhosamente. É frequente a recepção pelos parentes e amigos falecidos.⁴

No coma ocorre um estado de inconsciência, similar ao sono profundo, do qual não se consegue despertar o indivíduo. Infecções, traumatismos, distúrbios metabólicos são alguns exemplos de agentes indutores do coma.⁵

A catalepsia é uma condição na qual o doente entra numa espécie de transe. Não consegue reagir ou fornecer respostas aos estímulos externos, mas as conversas são ouvidas. A catalepsia pode ser induzida por substâncias psicoativas ou por grave distúrbio psíquico.⁶

Por outro lado, a ressurreição pode ser compreendida como o símbolo de renovação espiritual, como esclarece Emmanuel:

Ressurreição é ressurgimento. E o sentido de renovação não se com-padece com a teoria das penas eternas. Nas sentenças sumárias e definitivas não há recurso salvador. Através da referência do Mestre,

contudo, observamos que a Providência divina é muito mais rica e magnânima que parece. Haverá ressurreição para todos, apenas com a diferença de que os bons tê-la-ão em vida nova e os maus em nova condenação, decorrente da criação reprovável deles mesmos.¹²

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E eis que chegou um dos principais da sinagoga, por nome Jairo, e, vendo-o, prostrou-se aos seus pés e rogava-lhe muito, dizendo: Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare e viva. E foi com ele, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava (Mc 5:22-24).*

O fato de um dos dirigentes da Sinagoga ter procurado Jesus para “ressuscitar” a sua filha não deve surpreender, uma vez que, ainda que os judeus não aceitassem os ensinamentos cristãos, se curvavam à superioridade moral e espiritual de Jesus. Dessa forma, o Mestre estava sempre rodeado de uma “grande multidão, que o apertava”.

Outro ponto que chama atenção é que Jairo não via a filha como morta, mas como moribunda, daí a atitude humilde de prostrar-se aos pés de Jesus e suplicar-lhe auxílio, pedindo-lhe para impor as mãos sobre a filha e fazê-la retornar à vida.

A menina, realmente, não estava desencarnada, como se constatou mais tarde. Entretanto, as ligações perispirituais com o corpo físico deveriam estar muito enfraquecidas.

Em certos estados patológicos, quando o Espírito há deixado o corpo e o perispírito só por alguns pontos se lhe acha aderido, apresenta ele, o corpo, todas as aparências da morte e enuncia-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, pode o Espírito, quer por uma ação enérgica, da sua própria vontade, quer por *um influxo fluídico estranho*, igualmente forte, ser chamado a volver ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições.²

Jairo devia desconhecer o mal que atingiu a filha, entretanto, sabia que o magnetismo poderoso do Cristo, associado ao imenso amor do Mestre, era a única forma de beneficiar a enferma querida. “Jesus

impunha as mãos nos enfermos e transmitia-lhes os bens da saúde. Seu amoroso poder conhecia os menores desequilíbrios da Natureza e os recursos para restaurar a harmonia indispensável.”⁹

- » *Estando ele ainda falando, chegaram alguns do principal da sinagoga, a quem disseram: A tua filha está morta; para que enfadas mais o Mestre? E Jesus, tendo ouvido essas palavras, disse ao principal da sinagoga: Não temas, crê somente (Mc 5:35-36).*

Situação semelhante ainda se repete nos dias atuais: diante da aflição do próximo sempre há indivíduos que fazem julgamentos precipitados, que emitem opiniões taxativas, como se conhecessem todos detalhes do problema. São criaturas que dificultam, ou até impedem, o acesso do sofredor à fonte de auxílio. Nem sempre o fazem de forma deliberada, ou com espírito de maldade, mas por força do hábito. Todavia, trata-se de um comportamento antifraterno, antissolidário, que merece ser revisto, combatido mesmo porque, independentemente da situação, não se justifica abafar a esperança de alguém, ainda que a situação se revele desesperadora ou sem solução.

Não te faças portador das mensagens de pessimismo. A Terra já possui legiões enormes para a força do mal. Sê a palavra que reconforte e auxilie. Ainda que te encontres diante daqueles que se mostram nas vascas da agonia, fala em esperança e não lhes vaticines o mergulho na morte, porque Deus é também misericórdia e a misericórdia de Deus poderá desmentir-te. Lázaro, enfaixado no túmulo, era alguém com atestado de óbito indiscutível, mas Jesus chamou-o a mais amplo aproveitamento das horas, e Lázaro reviveu.¹³

Devemos seguir o exemplo de Jesus perante o pai aflito que lhe buscava o concurso fraterno: “E Jesus, tendo ouvido essas palavras, disse ao principal da sinagoga: Não temas, crê somente.” Esta é a segurança que o Mestre nos concede: com Ele, não há motivo para temores. Afinal, Ele é o Cristo, o amigo maior, orientador supremo e guia seguro.

Ao pronunciar as palavras “não temas” é como se Ele pedisse para não colocar obstáculos à manifestação da misericórdia celestial. “Crê somente”, expressão pronunciada em seguida, indica a necessidade de o solicitante elevar o padrão de vibração mental, favorecido pela firme confiança ou fé.

- » *E não permitiu que alguém o seguisse, a não ser Pedro, e Tiago, e João, irmão de Tiago. E, tendo chegado à casa do principal da sinagoga, viu*

o alvoroço e os que choravam muito e pranteavam. E, entrando, disse-lhes: Por que vos alvoroçais e chorais? A menina não está morta, mas dorme. E riam-se dele; porém ele, tendo-os feito sair, tomou consigo o pai e a mãe da menina e os que com ele estavam e entrou onde a menina estava deitada. E, tomando a mão da menina, disse-lhe: Talitá cumi, que, traduzido, é: Menina, a ti te digo: levanta-te. E logo a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos; e assombraram-se com grande espanto (Mc 5:37-42).

O Mestre, não há dúvida, [...] ressuscitou a filha de Jairo porque, se não chegasse a tempo, ela iria para a sepultura imediatamente e então morreria. [...] Mas como se deu a cura? Não é difícil explicar pelo Espiritismo. A morte é separação da alma do corpo, devido a deficiência do fluido vital. Assim, nos casos de síncope e catalepsia, há desequilíbrio do fluido vital. Jesus, conhecedor das leis dos fluidos e da natureza humana, pelo seu amplo poder magnético, preencheu a deficiência do fluido na menina, deficiência que proibia o Espírito de agir naturalmente sobre o corpo; equilibrando esse fluido por todo o organismo, restituiu a saúde à paciente; ela pôde tomar posse do seu corpo.⁷

Não podemos ignorar o ensinamento moral dessa cura. Jesus acalma e estimula fé nos aflitos. Não se aborrece com os incrédulos, ou pessimistas, quando estes zombam ao ouvi-lo afirmar que a garota não estava morta, mas que dormia. Afasta os presentes que alimentavam o clima desarmônico de alvoroço e de desgaste emocional pelo excesso de pranto. Junto com três apóstolos e os pais da enferma, adentra ao local onde a menina estava deitada e realiza a cura.

Trata-se de uma situação que merece maiores reflexões. O gesto de solidariedade é sempre bem-vindo. As lágrimas são, muitas vezes, manifestações de afeto ou de sentimento. Uma cartase natural. Entretanto, é preciso saber administrar as emoções para que estas não se transformem em processos de desequilíbrio. No momento da provação é importante buscar o conforto na oração, apoiar-se no amor de Jesus e do Pai celestial, a fim de que a dor não resulte em lamentações e queixas, sempre improdutivas e perturbadoras. É fundamental acreditar no supremo Bem.

Jesus ressuscitando Lázaro, a filha de Jairo e o filho da viúva de Naim, teve em mira promover ressurreições de almas. Operava milagres como meio de atingir um fim: ressuscitar Espíritos mortos, sepultados em túmulos de carne. Tal é o que de fato o interessava.⁸

“Ressuscitar Espíritos mortos, sepultados em túmulos de carne”, significa dizer que há muita gente doente perambulando pelo mundo. Em geral, não padecem de males físicos, mas enfermidades morais. De sorte que as curas realizadas por Jesus visavam, também, a cura espiritual, causa das enfermidades físicas.

Novos elementos emergem na continuidade do texto: “Mas Ele, pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: Levanta-te, menina, e o seu Espírito voltou, e ela logo se levantou e andou”. E todos ficaram maravilhados. Tais fatos evidenciam atitudes que envolvem, não apenas interesse do Mestre em operar no bem, mas, ainda, aspectos de consideração, de envolvimento afetivo e de respeito. A atitude de Jesus: “pegando-lhe na mão” indica muito mais que força e providência terapêuticas. Define aproximação e segurança à paciente. Tal gesto, o de “segurar a mão”, não se restringe a mero contato físico, mas uma forma de garantir envolvimento, proteção, apoio.

Em seguida, vemos o comando de Jesus associado à sua autoridade, atitudes que lhe atestam a elevada hierarquia espiritual. A frase “levanta-te menina” é mais do que simples ordenação, mas um afirmação imperativa, necessária à postura positiva que o Espírito enfermo deveria tomar para livrar-se daquela situação. Os fatos tomam dimensões ampliadas, atingido o Espírito que se encontrava desdobrado, parcialmente desligado do corpo físico, fora do estado normal de consciência. E, como o corpo encontrava-se em condições de continuar servir ao Espírito, este foi reintegrado à vestimenta física, claramente expressa neste registro: “E logo a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos”.

No sentido mais amplo, podemos afirmar que todos os que se encontram “mortos” para a realidade espiritual, podem, em determinado momento, por si mesmos ou por intercessão de um Espírito amigo, ouvir o chamamento do Cristo, despertando-se para a vida.

É também neste sentido que Paulo exclama: “Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá” (EFÉSIOS, 5:14). Sendo assim, é necessário que a pessoa acorde para a vida. “A criatura necessita indagar de si mesma o que faz, o que deseja, a que propósitos atende e a que finalidades se destina.”¹¹

O episódio da cura da filha de Jairo encerra inestimável lição de despertar espiritual, não só para as conquistas facultadas pela reencarnação, mas a respeito da conscientização moral, ambas necessárias ao progresso do Espírito imortal.

Há milhares de companheiros nossos que dormem, indefinidamente, enquanto se alonga debalde para eles o glorioso dia de experiência sobre a Terra. Percebem vagamente a produção incessante da Natureza, mas não se recordam da obrigação de algo fazer em benefício do progresso coletivo. Diante da árvore que se cobre de frutos ou da abelha que tece o favo de mel, não se lembram do comezinho dever de contribuir para a prosperidade comum. De maneira geral, assemelham-se a mortos preciosamente adornados. Chega, porém, um dia em que acordam e começam a louvar o Senhor, em êxtase admirável... Isso, no entanto, é insuficiente. Há muitos irmãos de olhos abertos, guardando, porém, a alma na posição horizontal da ociosidade. É preciso que os corações despertados se ergam para a vida, se levantem para trabalhar na sementeira e na seara do bem, a fim de que o Mestre os ilumine. Esforcemo-nos por alertar os nossos companheiros adormecidos, mas não olvidemos a necessidade de auxiliá-los no soerguimento.¹⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 4, item 4, p. 90-91.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 30, p. 335.
3. ANDRADE, Hernani Guimarães. *Morte: uma luz no fim do túnel*. Prefácio de Carlos Eduardo Noronha Luz. São Paulo: FÉ, 1999. Prefácio, p. XVI.
4. _____. _____. Item: Experiência de quase morte (EQM), p. 18.
5. DICIONÁRIO MÉDICO BLAKISTON. Organização de Arthur Osol, presidente do conselho editorial. 2. ed. São Paulo: Organização Andrei, 1987, p. 248.
6. DICIONÁRIO MÉDICO ENCICLOPÉDICO TABER. Tradução de Fernando Gomes Nascimento. 1. ed. São Paulo: Manole, p. 285.
7. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. Cap. 58 (ressurreição da filha de Jairo), p. 303.
8. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB: 2007. Cap. Ressurreição, p. 186.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 153 (Passes), p. 321. 10.
10. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 66 (Acordar-se e erguer-se), p. 171-172.
11. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 68 (Necessário acordar), p. 152.
12. _____. Cap. 127 (Lei de retorno), p. 270.
13. _____. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Em ouvor da esperança, p. 214.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes que leiam, individual e silenciosamente, os subsídios deste Roteiro. Em seguida, solicitar-lhe resposta ao questionário inserido em anexo. Após a correção do questionário, fazer o fechamento do assunto, destacando os pontos fundamentais.

Anexo

Questionário para o trabalho em grupo

1. Quais são os diferentes significados para a palavra “ressurreição” indicados no texto?
2. Que tipo de problema poderia, como hipótese, justificar a enfermidade da filha de Jairo? Quase morte, catalepsia, coma? Justificar a resposta.
3. Por que razão Jesus não realizou a cura à distância?
4. Que comportamentos ou atitudes devemos adotar perante alguém que se encontra doente, sobretudo se for uma enfermidade grave? Justificar a resposta.
5. Como proceder perante uma pessoa que, sem perceber, emite opiniões negativas sobre o estado de saúde de alguém que se encontra passando por uma dificuldade deste tipo, à semelhança do que foi registrado por Marcos, neste versículo: “A tua filha está morta; para que enfadas mais o Mestre?”
6. Quais são os principais ensinamentos morais que o texto de Marcos, objeto do estudo, nos oferece?
7. Que parte do estudo você julgou mais interessante? Justificar a resposta.
8. Que parte da passagem evangélica mais lhe sensibilizou? Justificar a resposta.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 3

OBSESSÕES ESPIRITUAIS

Objetivos

- » Refletir a respeito do caráter epidêmico das obsessões.
- » Citar diferentes tipos de obsessão que Jesus curou.

Ideias principais

- » *Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter. Allan Kardec: A gênese. Cap. XIV, item 45.*
- » Há no Evangelho diferentes relatos de cura de obsessões realizados por Jesus.

Por exemplo: a do homem mudo e subjugado (Mt 9:32-34); a do lunático (Mt 17:14-20); a do subjugado, cego e mudo (Mt 12:22-28); a do homem dominado por uma legião de Espíritos (Mc 5:1-15).

Subsídios

1. Texto evangélico

E estava na sinagoga deles um homem com um Espírito imundo, o qual exclamou, dizendo: Ah! Que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruírnos? Bem sei quem és: o Santo de Deus. E repreendeu-o Jesus, dizendo: cala-te e sai dele. Então, o Espírito imundo, agitando-o e clamando com grande voz, saiu dele. (MARCOS, 1:23-26.)

E, havendo-se eles retirado, trouxeram-lhe um homem mudo e endemoninhado. E, expulso o demônio, falou o mudo; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel. [...] Trouxeram-lhe, então, um endemoninhado cego e mudo; e, de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via. (MATEUS, 9:32-33; 12:22.)

E eis que um homem da multidão clamou, dizendo, Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que eu tenho. Eis que um Espírito o toma, e de repente clama, e o despedaça até espumar; e só o larga depois de o ter quebrantado. E roguei aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam. E Jesus, respondendo, disse: Ó, geração incrédula e perversa! Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei? Traze-me cá o teu filho. E, quando vinha chegando, o demônio o derribou e convulsionou; porém Jesus repreendeu o Espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai. (LUCAS, 9:38-42.)

E chegaram à outra margem do mar, à província dos gadarenos. E, saindo ele do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com Espírito imundo, o qual tinha a sua morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender. Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por ele feitas em pedaços, e os grilhões, em migalhas, e ninguém o podia amansar. E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes e pelos sepulcros e ferindo-se com pedras. E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o. E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjurro-te por Deus que não me atormentes. (Porque lhe dizia: sai deste homem, Espírito imundo.) E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos. E rogava-lhe muito que não os enviasse para fora daquela província. E andava ali pastando no monte

uma grande manada de porcos. E todos aqueles demônios lhe rogaram, dizendo: Manda-nos para aqueles porcos, para que entremos neles. E Jesus logo lho permitiu. E, saindo aqueles Espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despeñadeiro no mar (eram quase dois mil) e afogou-se no mar. E os que apascentavam os porcos fugiram e o anunciaram na cidade e nos campos; e saíram muitos a ver o que era aquilo que tinha acontecido. E foram ter com Jesus, e viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido e em perfeito juízo, e temeram. (MARCOS, 5:1-15.)

A obsessão é um mal epidêmico que afeta a Humanidade desde os tempos imemoriais. Decorre da imperfeição moral do ser humano, da mesma forma que as doenças resultam de imperfeições físicas.² Allan Kardec classifica a obsessão em três níveis, conforme a gravidade ou intensidade do problema: *Obsessão simples, fascinação e subjugação.*⁶

Chama-se obsessão à ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.¹

A *obsessão simples* é de ocorrência comum e raras são as pessoas que, em algum momento da existência, não lhe tenham sofrido a ação. O obsessor se imiscui na vida da pessoa, alimenta-lhe ideias fixas que, se mantidas, afetam-lhe o equilíbrio emocional e psíquico. Surgem como efeito de inquietações, desconfianças, inseguranças, enfermidades que conduzem a pessoa ao leito.¹¹

A *obsessão simples* é parasitose comum em quase todas as criaturas, em se considerando o natural intercurso psíquico vigente em todas as partes do Universo. Tendo-se em vista a infinita variedade das posições vibratórias em que se demoram os homens, estes sofrem, quanto influem em tais faixas, sintonizando, por processo normal, com os outros comensais aí situados.¹⁰

A *fascinação* tem consequências mais graves que a *obsessão simples*. “É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium [obsidiado] e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio.”⁷ Em geral, o fascinado não acredita que esteja sendo enganado: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente.⁷

A *fascinação* ocorre por meio de persistente indução telepática, produzida pelo obsessivo sobre a mente do obsidiado. Esta ação repercute no corpo físico que, paulatinamente, se revela debilitado e enfermo, em razão do vampirismo associado ao processo. À medida que o campo mental da vítima cede à influência obsessiva, assimila não apenas a indução telepática, mas também as atitudes e formas de ser do seu hóspede.

A *subjugação* é uma obsessão muito grave, daí ter sido chamada de “possessão” no passado, uma vez que há domínio mais severo do obsessivo sobre o obsidiado. A subjugação “é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*”.⁸

No painel das obsessões, à medida que se agrava o quadro da interferência, a vontade do *hospedeiro* perde os contatos de comando pessoal, na razão direta em que o invasor assume a governança. A [...] subjugação pode ser física, psíquica e simultaneamente físiopsíquica. A primeira, não implica na perda da lucidez intelectual, porquanto a ação dá-se diretamente sobre os centros motores, obrigando o indivíduo, não obstante se negue à obediência, a ceder à violência que o oprime. [...] No segundo caso, o paciente vai [sendo] dominado mentalmente, tombando em estado de passividade, não raro sob tortura emocional, chegando a perder por completo a lucidez [...]. Por fim, assenhoreiase, simultaneamente, dos centros do comando motor e domina fisicamente a vítima, que lhe fica inerte, subjugada, cometendo atrocidades sem nome.¹²

Jesus curou muitos processos obsessivos, ilustrados neste Roteiro com exemplos, sendo duas de Mateus, duas de Marcos e uma de Lucas. Nos dias atuais, como à época de Jesus, a obsessão apresenta caráter epidêmico, em razão do elevado número de casos existentes. Nos textos evangélicos mencionados percebemos que a obsessão, entre outros fatores, pode ser provocada por um ou mais Espíritos e que traz danos à saúde, alguns sérios, altamente lesivos.

Importa considerar que o obsessivo é usualmente denominado “demônio”, ou “Espírito imundo” nos textos bíblicos, em decorrência dos danos provocados.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E estava na sinagoga deles um homem com um Espírito imundo, o qual exclamou, dizendo: Ah! Que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste*

destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus. E repreendeu-o Jesus, dizendo: cala-te e sai dele. Então, o Espírito imundo, agitando-o e clamando com grande voz, saiu dele (Mc 1:23-26).

Temos, aqui, um exemplo de obsessão simples, caracterizada pela provocação de um Espírito perturbado que indaga o Cristo de forma irônica e com falsa lisonja. Jesus, porém, conhecendo-lhe as intenções, repreende-o de forma direta e incisiva, afastando-o do obsidiado.

Precisamos guardar vigilância contra as ações obsessivas, entretanto, o cuidado deve ser redobrado quando são originárias de Espíritos hipócritas, enganadores, acostumados a estimular “[...] a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos. Especialmente os que lhes podem desmascarar as imposturas são objeto da maior animadversão [desaprovação, advertência, censura, reprimenda] da parte deles”.⁹

Refere-se o evangelista a entidades perversas que se assenhoreavam do corpo da criatura. Entretanto, essas inteligências infernais prosseguem dominando vastos organismos do mundo.

Na edificação da política, erguida para manter os princípios da ordem divina, surgem sob os nomes de discórdia e tirania; no comércio, formado para estabelecer a fraternidade, aparecem com os apelidos de ambição e egoísmo; nas religiões e nas ciências, organizações sagradas do progresso universal, acodem pelas denominações de orgulho, vaidade, dogmatismo e intolerância sectária.

Não somente o corpo da criatura humana padece a obsessão de Espíritos perversos. Os agrupamentos e instituições dos homens sofrem muito mais.

E quando Jesus se aproxima, com o Evangelho, pessoas e organizações indagam com pressa: “Que temos com o Cristo? que temos a ver com a vida espiritual?”

É preciso, permanecer vigilante à frente de tais sutilezas, porquanto o adversário vai penetrando também os círculos do Espiritismo evangélico, vestido nas túnicas brilhantes da falsa ciência.¹⁴

- » *E, havendo-se eles retirado, trouxeram-lhe um homem mudo e endemoninhado. E, expulso o demônio, falou o mudo; e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel (Mt 9:32-33). Trouxeram-lhe,*

então um endemoninhado cego e mudo; e de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via (Mt 12:22).

Estes dois registros de Mateus põem em evidência um processo obsessivo que produz mudez e cegueira, isto é, lesando de forma mais intensa o organismo. Afastado “[...] o hóspede estranho pela bondade do Senhor, o enfermo foi imediatamente reconduzido à fala. Temos aí a obsessão complexa, atingindo alma e corpo”.¹⁶ Ambas as obsessões podem ser categorizadas como fascinação.

Em geral, desconhecemos as motivações que fazem um Espírito atuar sobre um ou outro órgão do corpo físico do obsidiado. É possível que tal instrumento orgânico apresente alguma fragilidade na sua constituição, sendo mais acessível às influências, pois na “[...] obsessão, o Espírito atua exteriormente, com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade”.⁴

O homem, na estruturação fisiopsíquica, é uma grande bateria criando e acumulando cargas elétricas, com que influencia e é influenciado. Todo sentimento é energia estática. Todo pensamento é criação dinâmica. Toda ação é arremesso, com todos os seus efeitos. Cada individualidade, assim, conforme os sentimentos que nutre na estrutura espiritual e segundo os pensamentos que entretém na mente, atrai ou repele, constrói ou destrói, através das forças que emite nas obras, nas palavras, nas atitudes, com que se evidencia pela instrumentação mental que lhe é própria.¹⁵

- » *E eis que um homem da multidão clamou, dizendo, Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que eu tenho. Eis que um Espírito o toma, e de repente clama, e o despedaça até espumar; e só o larga depois de o ter quebrantado. E roguei aos teus discípulos que o expulsassem, e não puderam. E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei? Traze-me cá o teu filho. E, quando vinha chegando, o demônio o derribou e convulsionou; porém Jesus repreendeu o Espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai (Lc 9:38-42).*

Este texto evangélico evidencia um processo obsessivo mais grave, do tipo subjugação. O enfermo é portador de uma afecção mental, semelhante à epilepsia, em razão do domínio do Espírito, que o subjuga e o atormenta. Este caso, também narrado por Mateus e Marcos, é peculiar porque os discípulos de Jesus não conseguiram

curar o enfermo, libertando-o do obsessivo. Indagado a respeito, Jesus faz duas colocações de suma importância, relatadas por um ou outro evangelista: a) os discípulos não curaram o epilético, subjugado por um Espírito malévolo, “por causa da pouca fé” (Mt 17:20); b) neste tipo de obsessão, o Espírito perseguidor só é afastado “por oração e jejum” (Mt 17:21 e Mc 9:29).

Os Espíritos endurecidos são perseguidores implacáveis, vingadores que não se compadecem de suas vítimas, daí não serem convencidos com facilidade. O trato com eles exige paciência e perseverança, uma vez que o senso moral lhes é reduzido. Em geral, “[...] não atendem às exortações, não aceitam conselhos, não obedecem a razões e não há sentimento, por mais generoso que seja que os comova.”¹³ As subjugações espirituais vinculam-se a ações passadas, desta ou de outras existências, cuja mágoa e ódio mantêm ligados obsessivo e obsidiado.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessivo, em precedente existência. Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É daquele fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, *preciso se faz expelir um fluido mau com o auxílio de um fluido melhor*. Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso se possua o direito de falar com autoridade, que, entretanto, falece a quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela. Mas, ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios [...].³

- » *E chegaram à outra margem do mar, à província dos gadarenos. E, saindo ele do barco, lhe saiu logo ao seu encontro, dos sepulcros, um homem com Espírito imundo, o qual tinha a sua morada nos sepulcros, e nem ainda com cadeias o podia alguém prender. Porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram por ele feitas em pedaços, e os grilhões, em migalhas, e ninguém o podia amansar. E andava sempre, de dia e de noite, clamando pelos montes e pelos sepulcros e ferindo-se com pedras. E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o. E, clamando com grande voz, disse: Que tenho eu*

contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes. (Porque lhe dizia: sai deste homem, Espírito imundo.) E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? E lhe respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos. E rogava-lhe muito que não os enviasse para fora daquela província. E andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos. E todos aqueles demônios lhe rogaram, dizendo: Manda-nos para aqueles porcos, para que entremos neles. E Jesus logo lho permitiu. E, saindo aqueles espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despeñadeiro no mar (eram quase dois mil) e afogou-se no mar. E os que apascentavam os porcos fugiram e o anunciaram na cidade e nos campos; e saíram muitos a ver o que era aquilo que tinha acontecido. E foram ter com Jesus, e viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido e em perfeito juízo, e temeram (Mc 5:1-15).

Esta passagem evangélica, além de ilustrar o processo obsessivo por subjugação, demonstra que um mesmo obsidiado pode ser dominado por vários Espíritos. Nesta situação, a criatura não é mais dona da própria vontade, ficando à mercê das imposições dos perseguidores espirituais. A mente do encarnado, nestas condições, vive mergulhada em graves perturbações, tendo as energias físicas espoliadas, ao longo do tempo, pelo vampirismo degradante dos subjugadores, tão desarmonizados quanto ele próprio. O obsidiado, comumente classificado como portador de loucura, vive imensos suplícios, totalmente alienado. Somente o Cristo para libertar o “[...] pobre gadareno, tão intimamente manobrado por entidades cruéis, e que mais se assemelhava a um animal feroz, refugiado nos sepulcros”.¹⁶

É necessário interpretar corretamente estes versículos de Marcos, não os analisando de forma literal: “E andava ali pastando no monte uma grande manada de porcos. E todos aqueles demônios lhe rogaram, dizendo: Mandanos para aqueles porcos, para que entremos neles. E Jesus logo lho permitiu. E, saindo aqueles Espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despeñadeiro no mar (eram quase dois mil) e afogou-se no mar.”

Obviamente, nos parece fora de propósito supor que o Cristo iria permitir a morte dos animais. Ele jamais eliminaria um mal com outro mal.

Uma possibilidade é que, existindo de fato uma vara de porcos no local, os obsessores ficaram tão enraivecidos porque Jesus libertou

o ser que eles subjugavam, que direcionaram a sua fúria contra os irracionais, tal como acontece com pessoas iradas que quebram objetos, esmurram paredes ou móveis e maltratam animais que cruzam o seu caminho, quando se encontram ensandecidos pela raiva. Allan Kardec nos fornece estas explicações:

O fato de serem alguns maus Espíritos mandados meter-se em corpos de porcos é o que pode haver de menos provável. Aliás, seria difícil explicar a existência de tão numeroso rebanho de porcos num país onde esse animal era tido em horror e nenhuma utilidade oferecia para a alimentação. Um Espírito, porque mau, não deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer mal, depois de desencarnar, como o fazia antes, e é contra todas as leis da Natureza que lhe seja possível fazer morada no corpo de um animal. No fato, pois, a que nos referimos, temos que reconhecer a existência de uma dessas ampliações tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, então, será uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.⁵

Como fechamento deste estudo inserimos estes sábios esclarecimentos de Emmanuel:

Que a obsessão é moléstia da alma, não há negar. A criatura desvalida de conhecimento superior rende-se, inerte, à influência aviltante, como a planta sem defesa se deixa invadir pela praga destruidora, e surgem os dolorosos enigmas orgânicos que, muitas vezes, culminam com a morte. Dispomos, contudo, na Doutrina Espírita, à luz dos ensinamentos do Cristo, de verdadeira ciência curativa da alma, com recursos próprios à solução de cada processo morboso da mente, removendo o obsessor do obsidiado, como o agente químico ou a intervenção operatória suprimem a enfermidade no enfermo, desde que os interessados se submetam aos impositivos do tratamento. Se conduzes o problema da obsessão com lucidez bastante para compreender as próprias necessidades, não desconheces que a renovação da companhia espiritual inferior, a que te ajustas, depende de tua própria renovação. Ouvirás preleções nobres, situando-te os rumos. Recolherás, daqui e dali, conselhos justos e precisos. Encontrarás, em suma, nos princípios espíritas, apontamento certo e exata orientação. Entretanto, como no caso da receita formulada por médico abnegado e culto, em teu favor, a lição do Evangelho consola e esclarece, encoraja e honra aqueles que a recebem, mas, se não for usada, não adianta.¹⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 45, p. 347.
2. _____. _____. Item 46, p. 347.
3. _____. _____. Item 46, p. 348.
4. _____. _____. Item 47, p. 349.
5. _____. _____. Cap. 15, item 34, p. 376-377.
6. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 23, itens 237, 238, 239, 240, p. 317-320.
7. _____. _____. Item 239, p. 318.
8. _____. _____. Item 240, p. 320.
9. _____. _____. Item 267, questão 20.^a, p. 348-349.
10. FRANCO, Divaldo P. *Nas fronteiras da loucura*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador [BA]: Alvorada, 1982. Item: Análise das obsessões, p. 11.
11. _____. _____. p. 12.
12. _____. _____. p. 15-16.
13. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: 2001. Cap. 60 (A cura de um epilético), p. 311.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 144 (Que temos com o Cristo?), p. 303-304.
15. _____. *Falando à terra*. Por diversos Espíritos. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. mentalismo – mensagem do Espírito Miguel Couto, p. 212.
16. _____. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. Obsessão e evangelho, p. 182.
17. _____. _____. Cap. Obsessão e cura, p. 195-196.

Orientações ao monitor

Identificar nos pontos principais da Doutrina Espírita a chave de entendimento do Evangelho.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 4

CURA DE CEGUEIRA

Objetivos

- » Explicar, à luz do Espiritismo, como Jesus realizou a cura do cego de nascença e a cura do cego de Jericó.
- » Identificar as lições que essas curas transmitem.

Ideias principais

- » A cura do cego de nascença, quanto a do cego de Jericó, se [...] *não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito [...]*. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XV, item 25.
- » *O mais importante da narrativa é que os cegos curados, cheios de reconhecimento pelo benefício que acabaram de receber, seguiram a Jesus. [...] A ação do Mestre não lhes afetou superficialmente o cérebro: gravou-se-lhes no coração e ficou inscrita em seus Espíritos com letras indeléveis.* Cairbar Schutel: *O espírito do cristianismo*. Cap. 61, Os cegos – Bartimeu e os de Jericó.

Subsídios

1. Texto evangélico

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais,

para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Tendo dito isso, cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo.[...] Levaram, pois, aos fariseus o que dantes era cego. E era sábado quando Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. Tornaram, pois, também os fariseus a perguntar-lhe como vira, e ele lhes disse: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me e vejo. Então, alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles. (JOÃO, 9:1-7; 13-16.)

E aconteceu que, chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo. E disseram-lhe que Jesus, o Nazareno, passava. Então, clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim! Então, Jesus, parando, mandou que lho trouxessem; e, chegando ele, perguntou-lhe, dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja. E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou. (LUCAS, 18:35-42.)

As curas realizadas por Jesus indicam o extraordinário poder terapêutico do Mestre. Afirmou, porém, que tempo viria em que os seus discípulos, do passado e do presente, poderiam realizar as mesmas coisas. O Mestre movimentava expressivos elementos de ordem espiritual nas curas, claramente explicadas pelo Espiritismo que as despojam do caráter místico ou miraculoso.

Com Jesus, as curas apresentam finalidades de ordem superior: curar não apenas o corpo, mas também o Espírito.

Realmente Jesus curou muitos enfermos e recomendou-os, de modo especial, aos discípulos. Todavia, o Médico celestial não se esqueceu de requisitar ao Reino divino quantos se restauram nas deficiências humanas.

Não nos interessa apenas a regeneração do veículo em que nos expressamos, mas, acima de tudo, o corretivo espiritual.

Que o homem comum se liberte da enfermidade, mas é imprescindível que entenda o valor da saúde. Existe, porém, tanta dificuldade para compreendermos a lição oculta da moléstia no corpo, quanta se verifica em assimilarmos o apelo ao trabalho santificante que nos é endereçado pelo equilíbrio orgânico.

Permitiria o Senhor a constituição da harmonia celular apenas para que a vontade viciada viesse golpeá-la e quebrá-la em detrimento do Espírito?

[...] É

sempre útil curar os enfermos, quando haja permissão de ordem superior para isto, contudo, em face de semelhante concessão do Altíssimo, é razoável que o interessado na bênção reconsidere as questões que lhe dizem respeito, compreendendo que raiou para seu Espírito um novo dia no caminho redentor.⁹

As enfermidades originam-se de diferentes causas: ações cometidas pelo doente em existências anteriores, relação com processos obsessivos e, igualmente, testemunhos que fazem parte das provações previstas no planejamento reencarnatório do Espírito. O caso do cego de nascença está inserido nesta última possibilidade.

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele *nascesse* cego? revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de *nascença*, se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior. Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: “Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?” Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe importaria um sofrimento sem utilidade.¹

A doença do cego de Jericó parece indicar equívocos que o Espírito cometeu em existências precedentes, que alcançam o presente na forma de lesão física. Por outro lado, é possível que esse tipo de cegueira estivesse associado, também, à influência obsessiva.

A cegueira é uma enfermidade curável em certos casos, mas qual o médico que já restabeleceu a vista a um cego, unicamente com a virtude da palavra? Poderia também a cegueira ter por causa a ação de um Espírito maléfico que, para se vingar de Bartimeu [...], dirigisse fluidos deprimentes sobre o nervo óptico [...]. Conhecida hoje a ação dos fluidos, e as obsessões que se verificam a todos os momentos produzindo moléstias que enganam os mais perspicazes facultativos, não há [como] negar a probabilidade de tais afecções terem por causa um mal psíquico.⁵

2. Interpretação do texto evangélico

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus (Jo 9:1-3).

A pergunta dos discípulos sobre os motivos da cegueira daquele homem não foi descabida. No entanto, o caso não era de expiação para o padecente, nem de provação para seus pais. Tratava-se de modesta, porém significativa missão. O Espírito encarnado no moço cego assumira, no Além, o compromisso de nascer privado da vista a fim de dar testemunho público de que Jesus é a luz do mundo, o Messias prometido.⁶

A missão do cego como programação definida no plano espiritual está claramente evidenciada nestas palavras de Jesus, registradas por João: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus.”

O cego de nascença exemplifica os diferentes tipos de cooperadores que o Cristo requisitou para auxiliá-lo na execução de sua divina missão. De acordo com as possibilidades de cada Espírito, alguns abraçam tarefas de vulto e os sacrifícios inerentes ao compromisso assumido, outros executam tarefas menores, porém, não menos importantes.

Onde estivermos, atendamos ao impositivo de nossas tarefas, convencidos de que nossas mãos substituem as do celeste Trabalhador, embora em condição precária. O Senhor age em nós, a favor de nós. É indiscutível que Jesus pode tudo, mas, para fazer tudo, não prescinde da colaboração do homem que lhe procura as determinações. Os

cooperadores fiéis do Evangelho são o corpo de trabalho em sua obra redentora. Haja, pois, entre o servo e o orientador legítimo entendimento. Jesus reclama instrumentos e companheiros. Quem puder satisfazer ao imperativo sublime, recorde que deve comparecer diante dele, demonstrando harmonia de vistas e objetivos, em primeiro lugar.¹⁴

- » *Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. Tendo dito isso, cuspiu na terra, e, com a saliva, fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo. [...] Levaram, pois, aos fariseus o que dantes era cego. E era sábado quando Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. Tornaram, pois, também os fariseus a perguntar-lhe como vira, e ele lhes disse: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me e vejo. Então, alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles. (Jo 9:4-7; 13-16).*

Jesus, por sua vez, tinha um trabalho a executar, “enquanto é dia”, segundo suas palavras; isto é, quando surge o momento certo, às claras, sob a bênção da paz e da alegria que o encontro do discípulo com o seu Mestre favorece. Mais tarde viria a noite, símbolo das limitações espirituais dos fariseus que questionaram a cura e o fato desta ter sido realizada no sábado.

Por que teria o Senhor usado aquela original terapêutica? Não poderia operar a cura independente do processo empregado? Ele agiu assim para completar o testemunho que o moço havia de dar, por isso que a denominação *Siloé* quer dizer Enviado. Se os homens daquele tempo, e de todos os tempos, dispendo, embora, de vista física, tivessem “olhos de ver”, por certo se convenceriam de que Jesus, de fato, é o filho de Deus. Sendo, porém, cegos de espírito, nenhuma conclusão tiraram outrora, nem tiram na atualidade, dos prodígios e das maravilhas por Ele levadas a efeito.⁷

O Espiritismo esclarece o mecanismo da cura realizada. Em primeiro lugar destaca-se o amor inestimável do Cristo pela Humanidade, oferecendo-se como fonte de alívio aos cansados e oprimidos (Mt 11:28). Em segundo mobiliza poderosos recursos magnéticos de si mesmo para curar e amenizar o sofrimento do próximo. Em qualquer lugar,

dia e hora, estende “[...] a mão e cegos veem, e paralíticos se levantam, e feridentos se alimpam e obsidiados se recuperam.”¹²

Do ponto de vista físico, é plenamente explicável que Jesus, conhecedor das leis físicoespirituais que nos governam, tenha, através de sua saliva, depositado na terra elementos que a tornaram medicamentosa e puderam, desta forma, fazer com que aquele homem visse a luz pela primeira vez.⁴

O Espiritismo esclarece como a energia magnética opera modificação nas propriedades das substâncias materiais, “[...] donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.”²

Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? [...] A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas.²

A cura foi realizada em duas etapas: na primeira Jesus desobstruiu as estruturas biológicas responsáveis pela visão que se encontravam adormecidas, parcialmente paralisadas, em razão do período de tempo sem uso. Fato semelhante aconteceu com Paulo, o apóstolo dos gentios, que ficou temporariamente cego porque “escamas” lhe bloquearam a visão. (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:18). Jesus aplicou, então, uma ação magnética mais intensa (saliva e terra), nos olhos do cego para desbloquear-lhe a visão. O Mestre elaborou, na verdade, uma espécie de cataplasma com terra e saliva, denominado “lodo”, no texto evangélico, de forma que os elementos curativos penetrassem lentamente nos olhos, sem traumas.

A etapa seguinte foi retirar o tampão ocular nas águas límpidas do poço de Siloé, uma das principais fontes de suprimento líquido de Jerusalém. O poço estava situado na direção leste-sudeste da cidade e era alimentado por um canal (chamado “enviado” ou “enviador”) de águas subterrâneas, vindas do lençol freático. Nos tempos do Novo Testamento, esse poço era usado para abrigar pessoas enfermas nas suas cercanias.³

É possível que a procura dos doentes pelo poço estivesse relacionada às propriedades medicinais de suas águas, da mesma forma que procuramos benefícios nas estâncias hidrotermais ou hidrominerais.

É oportuno lembrar que a cura só se efetiva no corpo físico se a intervenção magnética atuar no perispírito. O Espírito André Luiz elucidou: “Atuando nos centros do perispírito, por vezes efetuamos

alterações profundas na saúde dos pacientes, alterações essas que se fixam no corpo somático, de maneira gradativa.”⁸

- » *E aconteceu que, chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho, mendigando. E, ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo. E disseram-lhe que Jesus, o Nazareno, passava (Lc 18:35-37).*

Quem segue a cartilha dos valores espirituais sabe que a vida é, acima de tudo, movimento incessante, onde Jesus, na categoria de guia e modelo da Humanidade, desempenha ação ininterrupta. Assim, o “cego assentado junto ao caminho” simboliza os indivíduos que observam o desenrolar dos acontecimentos da vida, mas de forma passiva, sem delas participarem efetivamente. Encontram-se à margem. Na verdade, são criaturas estacionárias em termos de progresso espiritual, cuja cegueira as mantém à distância do processo evolutivo, por preguiça, medo ou indiferença. Neste sentido, esclarece Emmanuel:

Má vontade gera sombra.

A sombra favorece a estagnação.

A estagnação conserva o mal.

O mal entroniza a ociosidade.

A ociosidade cria a discórdia.

A discórdia desperta o orgulho.

O orgulho acorda a vaidade.

A vaidade atíça a paixão inferior.

A paixão inferior provoca a indisciplina.

A indisciplina mantém a dureza de coração.

A dureza de coração impõe a cegueira espiritual.

A cegueira espiritual conduz ao abismo.

Entregue às obras infrutuosas da incompreensão, pela simples má vontade pode o homem rolar indefinidamente ao precipício das trevas.¹⁰

Entretanto, ainda que mergulhado no estado de inércia em que se encontrava, o enfermo foi despertado pelo ruído da multidão, indagando “que era aquilo”. Ouviu, então, a resposta de que “Jesus, o Nazareno, passava”. Este foi o momento decisivo para aquele enfermo,

em que ele despertou para a realidade pujante da vida, deixando para trás a sua desinteressante existência.

Retiramos também desse episódio convicta constatação: o Cristo não passa por acaso em nossa vida e, quando passa, deixa a sua marca de amor e compaixão, nos estimulando à renovação espiritual. Sendo assim, rendamos graças.

Roguemos à Providência celeste suficiente luz para que nossos olhos identifiquem o celeiro da graça em que nos encontramos.

É a cegueira íntima que nos faz tropeçar em obstáculos, onde só existe o favor divino.

[...]

Rendamos graças, pois, por todas as experiências do caminho evolutivo, na santificante procura da Vontade divina, em Jesus Cristo, nosso Senhor.¹¹

- » *Então, clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim! E os que iam passando repreendiam-no para que se calasse; mas ele clamava ainda mais: Filho de Davi tem misericórdia de mim! Então, Jesus, parando, mandou que lho trouxessem; e, chegando ele, perguntou-lhe, dizendo: Que queres que te faça? E ele disse: Senhor, que eu veja. E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou (Lc 18:38-42).*

Ao reconhecer Jesus como a fonte de todo o bem, a luz do mundo, o cego fez o que qualquer um faria: suplicou por misericórdia, e, ainda que lhe pedissem para silenciar, continuou clamando por misericórdia, pedindo ao Senhor que o libertasse da cegueira em que se encontrava prisioneiro.

O enfermo só começa, efetivamente, o processo de cura quando admite a própria doença e identifica as causas geradoras. Nesta situação, a criatura aprende a andar sobre os próprios passos e, humilde, rever as ações cometidas, reconhecendo que nelas se encontram as raízes de sua doença.

Daí o pedido do cego por misericórdia, que implicava piedade, compaixão e solidariedade por parte de Jesus, a fim de que ele pudesse “exorcizar os próprios demônios” e não fizesse, a sós, a árdua caminhada de reconhecimento de faltas.

O clamor emitido traduz-se como um grito que partiu do íntimo do ser, saturado de profundo sentimento. Mas o cego não ficou apenas na manifestação desse sentimento. Modificado pela presença do Mestre, identificou nele o Salvador e, por isso, suplicou-lhe a assistência espiritual de que carecia para progredir.

Por outro lado, a multidão que seguia Jesus não se apercebia da transformação e das necessidades operadas no cego, por isso “os que iam passando repreendiam-no para que se calasse”. Quão desavisada é, às vezes, a criatura ao interpor obstáculos nos processos de auxílio, dificultando ou criando empecilhos à melhoria de alguém necessitado!

Jesus, porém, por conhecer as imperfeições de todos nós, ignora as dificuldades impostas e volta-se para o enfermo, “dizendo: que queres que te faça?” O cego, por sua vez, consciente do mal que o afligia, responde-lhe: “Senhor, que eu veja”. Este pedido pode, evidentemente, ser interpretado, de forma literal, como alguém que sendo cego, do ponto de vista físico, deseja enxergar. Todavia, não podemos esquecer que os ensinamentos do Evangelho destinam-se, eminentemente à melhoria do Espírito. Assim, o pedido expresso: “Senhor, que eu veja”, pode significar auxílio para dilatar a visão espiritual, adquirindo a capacidade de ter “olhos para ver”.

A maioria das moléstias procede da alma, das profundezas do ser. [...] Quantas enfermidades pomposamente batizadas pela ciência médica não passam de estados vibratórios da mente em desequilíbrio?

[...]

Em tese, todas as manifestações mórbidas se reduzem a desequilíbrio, desequilíbrio esse cuja causa repousa no mundo mental.¹⁵

“E Jesus lhe disse: Vê; a tua fé te salvou”. São palavras que confirmam a cura realizada, e que transmitem valiosa lição: a partir daquele ponto, o Espírito teria condições para discernir, enxergando com mais lucidez, e, conseqüentemente, fazer escolhas mais acertadas. A propósito, esclarece Emmanuel, com sabedoria:

A atitude do cego de Jericó representa padrão elevado a todo discípulo sincero do Evangelho.

O enfermo de boa vontade procura primeiramente o Mestre, diante da multidão. Em seguida à cura, acompanha Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, observando o benefício, a gratidão e a fidelidade reunidos, volta-se para a confiança no divino Poder.

[...]

É óbvio que o mundo inteiro reclama visão com o Cristo, mas não basta ver simplesmente; os que se circunscrevem ao ato de enxergar podem ser bons narradores, excelentes estatísticos, entretanto, para ver e glorificar o Senhor é indispensável marchar nas pegadas do Cristo, escalando, com Ele, a montanha do trabalho e do testemunho.¹³

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15, item 25, p. 371-372.
2. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 8, item 131, p. 180.
3. DOUGLAS, J. D. BRUCE, F. F [et cols]. *O novo dicionário da bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1266.
4. FAJARDO, Cláudio. *Jesus terapeuta*. Vol. II. Belo Horizonte: AME-BH, 2003. Cap. 4 (Cura dum cego de nascença), p. 43.
5. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O clarim, 2001. Cap. 61 (Os cegos – Bartimeu e os de Jericó), p. 316.
6. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Na seara do mestre*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. O cego de nascença, p. 108.
7. _____. _____. p. 109.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 5 (Valiosos apontamentos), p. 39.
9. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 44 (Curas), p. 103-104.
10. _____. _____. Cap. 67 (Má vontade), p. 149-150.
11. _____. _____. Cap. 100 (Rendamos graças), p. 216.
12. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. Fenômeno magnético, p. 158.
13. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 34 (Não basta ver), p. 87-88.
14. _____. Cap. 148 (Membros divinos), p. 332.
15. _____. Cap. 157 (O remédio salutar), p. 351-352.

Orientações ao monitor

Analisar o assunto em discussão circular, discutindo de forma aprofundada os dois tipos de cura estudados nos *subsídios*. Terminada a análise, fazer uma exposição que caracterize as principais ideias debatidas.

APRENDENDO COM AS CURAS

Roteiro 5

CURA DE HANSENÍASE

Objetivos

- » Explicar, à luz do Espiritismo, a cura dos enfermos que possuíam hanseníase.
- » Identificar as lições transmitidas por esta cura.

Ideias principais

- » A cura de leprosos, ou portadores de hanseníase, e de tantas outras doenças, realizadas por Jesus, teve como base a fé do enfermo. *O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XIX, item 5.*
- » *[..] Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, dava Jesus, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância.[...] A gênese. Cap. XV, item 17.*

Subsídios

1. Texto evangélico

E aproximou-se dele um leproso, que, rogando-lhe e pondo-se de joelhos diante dele, lhe dizia: Se queres, bem podes limpar-me. E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero, sê limpo! E, tendo ele dito isso, logo a lepra desapareceu, e ficou limpo. (MARCOS, 1:40-42.)

E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galileia; e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe. E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos. E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz. E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano. E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou. (LUCAS, 17:11-19.)

Ao concluir o estudo de algumas curas realizadas por Jesus, trazemos à análise uma das doenças mais antigas existentes no mundo: *Hanseníase* ou *Mal de Hansen*, também denominada *lepra*, no passado.

A enfermidade *tsar'at*, traduzida por *lepra*, é descrita com detalhes em Lv 13 [Levítico, livro do Velho Testamento], mas a descrição podia, e provavelmente incluía mesmo, outras doenças de pele. [...] O próprio termo também é aplicado às vestes e às casas (Lv 14:55) e parece ter sido geralmente empregado para escrever algo que era cerimonialmente impuro. Quando um leproso era “purificado” e assim pronunciado pelo sacerdote, é provável que a condição era autolimitadora, e não aquilo que atualmente chamaríamos de *lepra*, isto é, uma enfermidade causada por uma bactéria específica.³

Em 1873, o médico norueguês Gerhard Henrick Armauer Hansen (1841 – 1912), identificou a bactéria *Mycobacterium leprae* como o agente causador da *lepra*. Tempos depois, a palavra *lepra* passou a ser substituída por *hanseníase* ou *mal de Hansen*, em razão do caráter discriminatório,

estigmatizante e preconceituoso que o nome lepra produzia. Nos últimos cem anos ocorreram significativos avanços científicos relativos ao diagnóstico, tratamento e controle da doença. Há, porém, um caminho a ser percorrido para a cura definitiva do tipo mais grave da enfermidade, a virchowiana, conhecido como forma “L”, de “lepromatosa”.

A hanseníase é enfermidade infecciosa crônica que pode ocorrer sob várias formas clínicas, sendo algumas benígnas. As principais manifestações clínicas são a forma *lepromatosa* (HL) — possivelmente a que é citada nos textos evangélicos — e a forma *tuberculoide* (HT). O primeiro tipo (HL) é mais grave, produz lesões cutâneas e envolvimento dos nervos periféricos. É comum a presença de mutilações, sobretudo na pele e trato respiratório superior. Nesta forma de manifestação clínica, a imunidade é muito reduzida, e a bactéria se multiplica excessivamente, levando a um quadro mais grave, com anestesia dos pés e mãos que favorece os traumatismos e feridas que podem causar deformidades, atrofia muscular, inchaço das pernas e surgimento de lesões elevadas na pele (nódulos). Órgãos internos também são acometidos pela doença.

O segundo tipo (HT) é, usualmente, benigno. As lesões são poucas (ou única), de limites bem definidos e um pouco elevados e com ausência de sensibilidade (dormência). Ocorrem alterações nos nervos próximos à lesão, podendo causar dor, fraqueza e atrofia muscular.

Entre essas duas formas principais, existem: a) *hanseníase limiar* (HLim) — uma espécie de combinação das formas HL e HT—, também denominada de *borderline* ou *dimorfa*: o número de lesões é maior, formando manchas que podem atingir grandes áreas da pele, envolvendo partes da pele sadia. O acometimento dos nervos é mais extenso; b) *hanseníase indeterminada*, caracterizada pelo menor número de lesões. É a fase inicial da doença que, ou evolui espontaneamente para a cura, na maioria dos casos, ou para as outras formas da doença, em cerca de 25% dos casos. Geralmente, encontra-se apenas uma lesão, de cor mais clara que a pele normal, com diminuição da sensibilidade. É mais comum em crianças.

A hanseníase é doença expiatória que atinge mais de 11 milhões de pessoas em todo o mundo. Surgem, em cada ano, cerca de 700.000 casos novos da doença, no mundo. No entanto, em países desenvolvidos é quase inexistente, por exemplo, a França conta com apenas 250 casos declarados.

2. Interpretação do texto evangélico

2.1 Análise do texto de Marcos: a cura de um leproso (hanseniano)

- » *E aproximou-se dele um leproso, que, rogando-lhe e pondo-se de joelhos diante dele, lhe dizia: Se queres, bem podes limpar-me. E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero, sê limpo! E, tendo ele dito isso, logo a lepra desapareceu, e ficou limpo (Mc 1:40-42).*

A expressão “limpar-me” não sugere, exatamente, um processo de cura, ainda que o desaparecimento das lesões tenha sido imediato, após o toque magnético de Jesus.

A limpeza não é cura, mas é condição essencial para que ela se dê. No plano físico, muitos casos, o médico exige primeiro a assepsia daquele envolvido no tratamento, para só depois iniciar o processo terapêutico propriamente dito. Jesus pôde limpar o leproso das chagas existentes em seu corpo físico, como forma auxiliá-lo na cura, cura essa que, tratando-se do Espírito, só ele mesmo, o enfermo, poderia fazer através do tempo pela vivência no bem.⁴

Neste sentido, informa o Espírito Amélia Rodrigues a origem da hanseníase, cuja história deste doente é relatada por Marcos, no texto que é objeto de estudo, mas também por MATEUS, 8:1-4 e por LUCAS, 5:12-16.

O leproso de hoje contaminou-se espiritualmente em pretérito próximo. Ontem, soberbo e egoísta, banhou-se nas lágrimas dos oprimidos, abusando do corpo como os ventos bravios nas tamareiras solitárias. Retornou aos caminhos de tormento em si mesmo atormentado, para ressarcir penosamente. O legado que hoje recebeu é de responsabilidade antes que de merecimento. O pai misericordioso não deseja a punição do filho rebelde e ingrato, mas a sua renovação...⁵

Amélia Rodrigues esclarece, também, que o enfermo não soube, efetivamente, aproveitar do benefício da cura, esclarecendo: “A cura mais importante não a experimentou: é aquela que não se restringe à forma, e sim, ao Espírito.”⁵

2.2 Análise do texto de Lucas: a cura de dez leprosos (hansenianos)

E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galileia; e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao

encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe. E levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós! E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos. E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz. E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano. E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou (Lc 17:11-19).

Há três pontos diferentes entre este relato e o de Marcos, anteriormente estudado: a) o número de leprosos atendidos é maior, dez em vez de um; b) a “limpeza” das lesões não foi por contato magnético direto, mas por irradiação natural das energias superiores do Cristo; c) Jesus deu a instrução de informar a cura aos sacerdotes, que é fato incomum.

Por que razão Jesus instrui os doentes para relatar o acontecimento aos sacerdotes?

A resposta a esta pergunta encontra-se nos versículos dezesseis e dezessete, indicando que um dos doentes era samaritano, por sinal o único que agradeceu a Jesus o benefício recebido: “E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz. E caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano”. Este, pela fé que possuía foi, efetivamente, o único curado. Os demais receberam a oportunidade de merecer a cura definitivamente.

Chama atenção de ser, justamente, o samaritano revelar gratidão e ser efetivamente curado em razão da fé que possuía, conforme se deduz destas palavras de Jesus: “Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te e vai; a tua fé te salvou”.

Os judeus desprezavam os samaritanos, em razão das divergências políticas e religiosas, considerando-os hereges.

Após o cisma das dez tribos, Samaria se constituiu a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, tornou-se, sob os romanos, a cabeça da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. [...] Os samaritanos estiveram quase constantemente em guerra com os reis de Judá. Aversão profunda, datando da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas. Aqueles, para tornarem maior a cisão e não terem de vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram

para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram posteriormente anexados. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos.¹

Fica demonstrado, assim, que a valorização das práticas exteriores afasta o homem dos propósitos superiores que toda religião ensina.

Como se explica o fato de a cura destes leprosos ter despertado precisamente no samaritano, tido como herege, um avivamento íntimo que não se produziu nos demais? Por que não ficaram os nove judeus possuídos do mesmo entusiasmo, do mesmo ardor sagrado, que invadiu o coração do samaritano? Por que não vieram, como ele, transbordantes de júbilo, render graças ao seu benfeitor? Não receberam, acaso, o mesmo benefício? Por que não experimentaram, como era natural, necessidade de expandirem em demonstrações positivas de gratidão, sentimento este, tão nobre e tão belo? [...] Encontramos a resposta na qualidade da fé alimentada pelos leprosos. A dos nove judeus era a fé falseada em sua natureza, adstrita aos dogmas e às ordenanças de uma igreja sectária.⁶

A cura realizada por Jesus atendeu, pois, a objetivos maiores, que chegam até nós, após a sucessão dos séculos, como lições inestimáveis.

Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, dava Jesus, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância; e fazendo ressaltar que só o samaritano voltara a glorificar a Deus, mostrava que havia nele maior soma de verdadeira fé e de reconhecimento, do que nos que se diziam ortodoxos. Acrescentando: “Tua fé te salvou”, fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, também os outros tinham sido curados. Fora mister que tal se verificasse, para que ele pudesse dar a lição que tinha em vista e tornar-lhes evidente a ingratidão. Quem sabe, porém, o que daí lhes haja resultado; quem sabe se eles terão se beneficiado da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: “Tua fé te salvou”, dá Jesus a entender que o mesmo não aconteceu aos outros.²

Devemos considerar que, independentemente dos benefícios que recebemos ao longo da jornada evolutiva, a gratidão é uma virtude

que deve ser cultivada. Neste aspecto, o apóstolo Paulo, já destacava a necessidade de sermos agradecidos (COLOSSENSES, 3:5):

Entre os discípulos sinceros, não se justifica o velho hábito de manifestar reconhecimento em frases bombásticas e laudatórias. Na comunidade dos trabalhadores fiéis a Jesus, agradecer significa aplicar proveitosamente as dádivas recebidas, tanto ao próximo, quanto a si mesmo.

Para os pais amorosos, o melhor agradecimento dos filhos consiste na elevada compreensão do trabalho e da vida, de que oferecem testemunho.

Manifestando gratidão ao Cristo, os apóstolos lhe foram leais até ao último sacrifício; Paulo de Tarso recebe o apelo do Mestre e, em sinal de alegria e de amor, serve à Causa divina, por meio de sofrimentos inomináveis, por mais de trinta anos sucessivos.

Agradecer não será tão somente problema de palavras brilhantes; é sentir a grandeza dos gestos, a luz dos benefícios, a generosidade da confiança e corresponder, espontaneamente, estendendo aos outros os tesouros da vida.⁸

A gratidão e a fé do samaritano doente são sentimentos admiráveis, que devem ser estimulados em todos os círculos do relacionamento humano.

Diante da lição eloquente deste soberbo episódio, cumpre imitarmos o leproso samaritano. Cultivemos, portanto, a fé, e não *uma fé*. Identifiquemo-nos com a religião, e não com *uma religião*. Pertencamos à igreja, e não a uma igreja. Seja o nosso culto, o da verdade, o da justiça, o do amor. É tal o que Jesus ensina e exemplifica em seu santo *Evangelho*.⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Introdução, item: Samaritanos, p. 41.
2. _____. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15, item 17, p. 364.
3. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 360.

4. FAJARDO, Cláudio. *Jesus terapeuta*. Vol. I. Belo Horizonte: AME-BH, 2003. Cap. 1 (O leproso purificado), p. 33.
5. FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 1987. Cap. 13 (Sê limpo), p. 149.
6. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. O leproso samaritano, p. 49.
7. _____. _____. p. 51.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 163 (Agradecer), p. 342.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em dois grandes grupos, cabendo, a cada um, o estudo de um dos textos evangélicos desenvolvido neste Roteiro, apoiando-se nas citações bibliográficas indicadas. Em seguida, cada grupo indica um relator que deverá se deslocar para o outro grupo, com a incumbência de apresentar: a) relato do assunto analisado; b) síntese das conclusões do estudo. Ao final, o monitor indaga os participantes a respeito de ideias-chave relacionadas às citações evangélicas, de Marcos e de Lucas, conferindo se ocorreu bom entendimento do assunto.

EADE LIVRO III | MÓDULO V

APRENDENDO COM FATOS COTIDIANOS

APRENDENDO COM FATOS COTIDIANOS

Roteiro 1

MARTA, MARIA E MARIA DE MAGDALA

Objetivos

- » Esclarecer a importância de Maria de Magdala e das irmãs Marta e Maria no Evangelho de Jesus.

Ideias principais

- » A visita de Jesus desencadeou diferentes comportamentos em seus amigos de Betânia: Lázaro, atento, ouve as narrações do Mestre sobre os últimos acontecimentos; Maria, embevecida, prostra-se aos seus pés, quando este começa ensinar; Marta, afatigada, preocupa-se com os afazeres da casa. Diante deste quadro, Jesus afirma: *Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.* (LUCAS, 10:41-42.)
- » Jesus apareceu primeiro a Maria Madalena, na ressurreição: *Foi então, quando, na manhã do terceiro dia, a ex-pecadora de Magdala se acercou do sepulcro com perfumes e flores. Queria, ainda uma vez, aromatizar aquelas mãos inertes e frias [...]. Estupefata, por não encontrar o corpo, já se retirava entristecida, para dar ciência do que verificara aos companheiros, quando uma voz carinhosa e meiga exclamou brandamente aos*

seus ouvidos: — Maria!... [...]. Instintivamente, Madalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lágrimas de inextinguível ventura. Humberto de Campos: Boa nova. Cap.22.

Subsídios

1. Texto evangélico

E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada. (LUCAS, 10:38-42.)

Foi, pois, Jesus seis dias antes da Páscoa a Betânia, onde estava Lázaro, o que falecera e a quem ressuscitara dos mortos. Fizeram-lhe, pois, ali uma ceia, e Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Então, Maria, tomando uma libra de unguento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do unguento. (JOÃO, 12:1-3.)

E, no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu, pois, e foi a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram. [...] E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro. [...] E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. E, tendo dito isso, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer Mestre)! (JOÃO, 20:1-2; 11; 13-16.)

A tradição judaica mantinha a liberdade feminina semelhante à dos homens, nos tempos antigos. “Israel vivia num mundo patriarcal,

mas sua sociedade era sempre conformada por uma fé que dava igualdade às mulheres aos olhos de Deus.”⁴ Antes do exílio babilônico (587–586 a.C.), encontram-se mulheres profetisas, juízas, rainhas, sem jamais serem excluídas do culto de Deus.

São, por vezes, veneradas como modelo de sabedoria. A honra das mães é equivalente à dos pais na lei básica de Israel, os Dez Mandamentos. Os direitos de família de viúvas e mães são protegidos por lei. A mulher que se envolve em empreendimentos comerciais lucrativos, que ensina com sabedoria, e que serve à comunidade mediante atos de caridade é reverenciada como ideal. [...] Quando Israel foi levada para o exílio babilônico, seus sacerdotes no exílio determinaram que iriam traçar um plano para a vida de Israel que asseguraria que ela [a nação judia] jamais seria de novo julgada por Deus. Assim, coletaram e escreveram uma legislação sacerdotal que iria assegurar o ritual e a pureza social de Israel. Ao mesmo tempo, enfatizaram a importância da circuncisão como sinal de aliança. Essa ênfase levou a sexualidade para o domínio do culto e relacionou as mulheres à comunidade da aliança apenas através de seus homens.⁵

As ordenações religiosas foram, aos poucos, limitando a ação da mulher. Por exemplo: ao eliminar a prática de derramamento de sangue na sinagoga, pelo sacrifício de animais, as mulheres foram excluídas do culto no período de parto ou de menstruação; o marido podia anular os votos a Deus pronunciados por sua esposa; não podiam aprender ou ensinar a Torá etc. As ações de Jesus em relação às mulheres foram consideradas revolucionárias, também neste sentido.

Ele não hesitou em envolver até mulheres estrangeiras impuras em conversação pública. Ignorou todas as restrições de impureza ritual. Ele próprio ensinou mulheres, deu-lhes uma posição igual às dos homens [...] e conferiu-lhes o mais elevado respeito como pessoas.⁵

Estas medidas foram mantidas pelos apóstolos e discípulos nos tempos do Cristianismo primitivo: as mulheres podiam, entre outras atividades, ser batizadas; praticar a caridade; ser ministras da Igreja; pregar no culto; profetizar e ensinar.⁶

Marta era irmã de Maria que ungiu nosso Senhor pouco antes de sua morte [Mt 26:7; Mc 14:3; Jo: 12:3] [...]; e de Lázaro, a quem Jesus ressuscitou dos mortos (Jo:11), que era irmão de ambas. Segundo Jo

11:1 a família veio de Betânia, uma vila provavelmente cerca de 3 km distante de Jerusalém, na estrada de Jericó.²

O nome Maria Madalena, outra importante personagem do Evangelho, sugere que ela veio da aldeia galileia de Magdala.

Em Lucas, 8:2 [...] lemos que entre as mulheres curadas de possessão demoníaca [isto é, subjugação], e que passaram a acompanhar o Senhor e seus discípulos durante o ministério de evangelização dos mesmos, estava também “Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios” [sete obsessores] (cf. Mc 16:9; na terminação mais longa).¹

2. Interpretação do texto evangélico

2.1 Análise do texto de Lucas: Marta e Maria

- » *E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada (Lc 10:38-42).*

As irmãs, Marta e Maria, recebem a bênção da visita de Jesus na intimidade do lar, oportunidade em que manifestam entusiasmo pela presença do Mestre, na forma que lhes é própria, consoante o temperamento, necessidades e entendimento espirituais.

Maria, cujo nome aparece citado em LUCAS, 10:38-42 e em JOÃO, 11:2; 2832 e 12:3, prostra-se aos pés de Jesus, ouvindo, embevecida, suas narrações e ensinamentos. Naquele momento, nada mais lhe era importante, tudo se tornou secundário, a não ser acomodar-se e escutar o Mestre. Reconhece-se nesta ação de Maria uma espontânea demonstração de devoção ao Salvador.

Marta, porém, interpreta equivocadamente o comportamento da irmã, pedindo auxílio ao Mestre: “Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude”. O Senhor, porém, faz-lhe suave advertência, esclarecendo-lhe para não valorizar em

demasia as coisas materiais, ainda que importantes, como a alimentação e o conforto da hospedagem, por serem bens passageiros. Por isto, afirma: “Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.

“Ela não era menos devotada a Jesus do que Maria, mas não percebeu o caminho certo para recebê-lo, aquele que mais o agradaria.”²² A lição é inestimável, e deve nos conduzir a reflexões mais aprofundadas. O mundo moderno, com as suas contínuas requisições, pode colocar o ser humano à deriva, se ele não tomar cuidado. É importante, à semelhança da atitude de Maria, fazer uma pausa e não deixar passar uma feliz oportunidade de melhoria espiritual, por excesso de zelo ou apego às ações cotidianas.

Envolvidos pelas atividades comuns da vida no plano físico, nem sempre agimos com bom senso. É comum as pessoas alegarem falta de tempo, por se encontrarem assoberbadas pelas requisições do dever profissional, familiar, social ou religioso.

Neste sentido, surpreendem-se certos comportamentos e atitudes radicais de alguns companheiros de estrada evolutiva que se atrelam a cronogramas rígidos, imutáveis, sem oferecerem espaço para improvisações ou mínimas alterações: não há tempo para contato fraterno, telefonema, carta, e-mail ou visita. As atividades são conduzidas, dia após dia, num ritmo frenético, metódico, tiranizante.

Nos tempos atuais há, em geral, uma doentia subjugação a horários, rotinas e processos que mantêm as criaturas distantes, cada vez mais afastadas. Devemos analisar melhor esta questão. É bom investir na qualidade de vida. Ponderar que é possível reestruturar a existência, “escolher a boa parte”, como fez Maria, sair dessa “camisa de força”, mantendo, ainda, a responsabilidade, ordem e disciplina, exigidas pela existência.

Maria escolheu a boa parte porque concedeu o valor preciso às necessidades de hospedagem e alimentação. A maior parte do seu tempo, os esforços e energias foram canalizados para o essencial. O Cristo encontrava-se presente em sua casa, por algumas horas. Talvez, não mais o visse naquela reencarnação. Assim, por que perder esses instantes, tão especiais, para se dedicar mais tempo às coisas materiais, ainda que estas fossem importantes?

“Busquemos o lado melhor das situações, dos acontecimentos e das pessoas. “Maria escolheu a boa parte, que não lhe será tirada”

— disse-nos o Senhor. Assimilemos a essência da divina lição. Quem procura a “boa parte” e nela se detém, recolhe no campo da vida o tesouro espiritual que jamais lhe será roubado.”¹³

“Uma só coisa é necessária”, asseverou o Mestre, em sua lição a Marta, cooperadora dedicada e ativa. Jesus desejava dizer que, acima de tudo, compete-nos guardar, dentro de nós mesmos, uma atitude adequada, ante os desígnios do Todo-Poderoso, avançando, segundo o roteiro que nos traçou a divina Lei. Realizado esse “necessário”, cada acontecimento, cada pessoa e cada coisa se ajustarão, a nossos olhos, no lugar que lhes é próprio. Sem essa posição espiritual de sintonia com o celeste instrutor, é muito difícil agir alguém com proveito.¹⁴

2.2 Análise do texto de João: a unção dos pés de Jesus

- » *Foi, pois, Jesus seis dias antes da Páscoa a Betânia, onde estava Lázaro, o que falecera e a quem ressuscitara dos mortos. Fizeram-lhe, pois, ali uma ceia, e Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Então, Maria, tomando uma libra de unguento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do unguento (Jo 12:1-3).*

Vemos, neste texto, situação semelhante à analisada no anterior: Marta que serve a ceia, Maria que unge os pés de Jesus com um bálsamo. Ela está sempre aos pés do Senhor, revelando atitude humilde e devotada. Marta encontra-se ao lado de Jesus, atende-o com afeto e dedicação, mas não se desliga dos demais. O quadro reflete duas modalidades de servidores: um que se abstrai de tudo para estar com o Mestre, fervorosamente. Outro que é fiel e dedicado, também, mas que faz uma ponte entre Jesus e os demais seres humanos.

Os dois comportamentos estão corretos e são necessários. Em determinado contexto, a atitude de Maria é a mais indicada, noutra é a de Marta. O desafio é fazer o que é certo. “Fazer algo em Cristo é fazer sempre o melhor para todos: sem expectativa de remuneração. Sem exigências. Sem mostrar-se. Sem exibir superioridade. Sem tributos de reconhecimento. Sem perturbações.”¹²

Entre saber e fazer existe singular diferença. Quase todos sabem, poucos fazem. Todas as seitas religiosas, de modo geral, somente ensinam o que constitui o bem. Todas possuem serventuários, crentes e propagandistas, mas os apóstolos de cada uma escasseiam cada vez

mais. Há sempre vozes habilitadas a indicar os caminhos. É a palavra dos que sabem. Raras criaturas penetram valorosamente a vereda, muita vez em silêncio, abandonadas e incompreendidas. É o esforço supremo dos que fazem.¹¹

Há outro ponto a considerar, útil na análise do comportamento das duas irmãs: a liderança de Marta se justifica, no sentido de fornecer condições de boa hospedagem, por indicar, segundo a tradição judaica, que ela era a dona da casa — casada com certo Simão, o leproso — e a irmã mais velha, a quem cabia as iniciativas de dirigir as atividades diárias, no lar.²

Em relação às unções a Jesus, o Evangelho relata que ocorreram duas: uma administrada por uma pecadora penitente, na Galileia (Lc 7:37-38), outra pela piedosa Maria de Betânia, indicada neste Roteiro. Em ambas as situações, o sentido é o mesmo: devoção, atenção, cuidados, reverência ao Senhor. A ação de ungir apresentava caráter sagrado para os judeus. Tratava-se de uma prática considerada santa. Além disso, a unção simbolizava o “derramamento” do Espírito de Deus sobre a criatura ungida. Assim, era comum ungir os doentes com azeite (Tg 5:14) para que este recebesse benefícios de Deus, o doador da vida.³

2.3 Análise do segundo texto de João: Maria de Magdala

- » *E, no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro. Correu, pois, e foi a Simão Pedro e ao outro discípulo a quem Jesus amava e disse-lhes: Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram. [...] E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Estando ela, pois, chorando, abaixou-se para o sepulcro. [...] E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. E, tendo dito isso, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? Quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer Mestre)! (Jo, 20:1-2; 11; 13-16).*

Maria de Magdala representa o exemplo dos que cometem equívocos graves em sua marcha evolutiva, mas que conseguem, ao toque do amor do Cristo, reajustar-se perante a Lei de Deus e voltar-se, definitivamente, para o bem. Seguiu Jesus em muitas de suas

peregrinações, estando presente nos momentos dolorosos da crucificação, em companhia de outras mulheres, e também no sublime instante da ressurreição do Senhor.

Humberto de Campos nos transmite oportunas informações sobre esse valoroso Espírito:

Maria de Magdala ouvira as pregações do Evangelho do Reino, não longe da vila principesca onde vivia entregue a prazeres, em companhia de patrícios romanos, e tomara-se de admiração profunda pelo Messias. Que novo amor era aquele apregoado aos pescadores singelos por lábios tão divinos? Até ali, caminhara ela sobre as rosas rubras do desejo, embriagando-se com o vinho de condenáveis alegrias. No entanto, seu coração estava sequeioso e em desalento. Jovem e formosa, emancipara-se dos preconceitos férreos de sua raça; sua beleza lhe escravizara aos caprichos de mulher os mais ardentes admiradores; mas seu Espírito tinha fome de amor. O profeta nazareno havia plantado em sua alma novos pensamentos. Depois que lhe ouvira a palavra, observou que as facilidades da vida lhe traziam agora um tédio mortal ao Espírito sensível. As músicas voluptuosas não encontravam eco em seu íntimo, os enfeites romanos de sua habitação se tornaram áridos e tristes. Maria chorou longamente, embora não compreendesse ainda o que pleiteava o profeta desconhecido. Entretanto, seu convite amoroso parecia ressoar-lhe nas fibras mais sensíveis de mulher. Jesus chamava os homens para uma vida nova.⁷

Procurou, decidida, o Mestre, a quem abriu o coração: “— Senhor, ouvi a vossa palavra consoladora e venho ao vosso encontro!... [...] Sou uma filha do pecado. Todos me condenam. Entretanto, Mestre, observai como tenho sede do verdadeiro amor!...Minha existência, como todos os prazeres, tem sido estéril e amargurada ...”⁸

Jesus escutou-lhe atencioso o desabafo sincero e falou-lhe, então, sobre a Boa-Nova, o reino dos céus, a bondade e misericórdia do Pai celestial. Mostrou-lhe os sacrifícios que marcam a vida dos que buscam o amor verdadeiro. Não lhe criticou os desvios, nem as faltas cometidas, mas abraçou-a como irmã querida, oferecendo o seu apoio inestimável. Sabe-se que, a partir desse instante, Maria Madalena se transformou, dedicando-se com fervor e humildade em servir Jesus, irrestritamente, pelo amor ao próximo. Renunciou a todos os prazeres que o mundo lhe oferecia, acolhendo como filhas as irmãs que sofriam, os infelizes do caminho, os aleijados e os leprosos. Passou a viver junto a eles, em permanente dedicação.⁹

Submeteu-se a todo tipo de infortúnio, exemplificando-se como fiel servidora do Cristo, sem jamais desfalecer ou reclamar de algo. Vivendo junto aos leprosos (hansenianos), cuidando deles, foi contaminada pelo agente infeccioso, responsável pela doença. A morte do corpo a alcançou num momento em que a enfermidade se espalhava, inflexível, por todo o seu organismo, cobrindo-o de pústulas e lesões deformantes. Entretanto, o seu Espírito estava em paz, ela conseguira passar pela porta estreita e alcançara a glória da felicidade verdadeira.¹⁰

Referências

1. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 840.
2. _____. _____. p. 841.
3. _____. _____. p. 1362.
4. METZER, Bruce M. COOGAN, Michael D. *Dicionário da Bíblia*. Vol. 1: As pessoas e os lugares. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Item: Mulheres – texto de Elisabeth Achtemeier, p. 206.
5. _____. _____. p. 207.
6. _____. _____. p. 207-208.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 20 (Maria de Magdala), p. 131.
8. _____. _____. p. 132-133.
9. _____. _____. p. 135-137.
10. _____. _____. p. 137-140.
11. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 49 (Saber e fazer), p. 113.
12. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 2 (Modo de fazer), p. 19-20.
13. _____. _____. Cap. 32 (A boa parte), p. 82.
14. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 3 (O necessário), p. 23-24.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em três grupos, numerando-os de 1 a 3. Cada grupo deve estudar um dos textos evangélicos e as respectivas análises espíritas, indicadas neste Roteiro e, em seguida, elaborar breve síntese.

Concluída esta tarefa, os participantes indicam os respectivos relatores que, na forma de rodízio, se deslocam para os demais grupos, assim:

a) 1 vai para 2; 2 vai para 3; 3 vai para 1; b) após o deslocamento, os relatores apresentam a síntese que foi elaborada pela sua equipe; c) faz-se novo rodízio até que os relatores retornem ao seu grupo inicial. O monitor realiza, então, o fechamento do assunto, apresentando ideias-chave relacionadas aos registros de Lucas e de João, conferindo se ocorreu bom entendimento do assunto.

APRENDENDO COM FATOS COTIDIANOS

Roteiro 2

A MULHER SIROFENÍCIA

Objetivos

- » Elucidar, à luz dos ensinamentos espíritas, as ideias desenvolvidas durante o diálogo ocorrido entre a mulher sirofenícia e Jesus, desencadeado após pedido de auxílio que ela dirigiu ao Mestre.

Ideias principais

- » A mulher sirofenícia, ou cananeia, embora fosse politeísta e de formação cultural diferente dos judeus, revelou poderosa fé em Jesus quando lhe rogou auxílio.
- » *A mulher cananeia simboliza todas as nações da Terra que um dia acorrerão a abraçar o Evangelho.* Eliseu Rigonatti: *O evangelho dos humildes*. Cap. XV, item: A mulher cananeia.

Subsídios

1. Texto evangélico

E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha

filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Então, chegou ela e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me. Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então, respondeu Jesus e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé. Seja isso feito para contigo, como tu desejas. E, desde aquela hora, a sua filha ficou sã. (MATEUS, 15:21-28.)

A atitude de Jesus perante a mulher que lhe roga auxílio se revela, à primeira vista, surpreendente. O acontecimento em estudo envolve aspectos valiosos para quantos têm buscado na Boa-Nova o sentido de compreender, não somente os valores de ordem educacional, mas, também aspectos da maior transcendência no que se reporta ao mecanismo da própria evolução. Retirando, porém, o espírito da letra, compreende-se porque Jesus agiu daquela forma. Algumas informações históricas são importantes para a contextualização da história.

A palavra *cananeu* tem origem em *Canaã*, filho de Cam (ou Cão), neto de Noé, cujos descendentes falavam a língua semítica. Há três referências históricas relacionadas ao vocábulo, assim especificadas:¹

- » Habitantes que viviam restritos na região sirofenícia, propriamente dita, em especial, a Fenícia: os arqueus, os sineus e os zemareus.
- » Povos existentes nas regiões conhecidas como sirofenícia e siro-palestina (vale do Sidom a Gaza; mar Morto; cidades de Sodoma e Gomorra e região de Lasa, ao Norte): heteus, jebuseus, amorreus, heveus, girgaseus, além dos arqueus, sineus e zemareus, citados no item anterior.
- » Qualquer mercador ou comerciante, visto que o comércio era a atividade que mais caracterizava os cananeus. Os sirofenícios eram famosos pela produção de artigos de luxo, artesões que trabalhavam, admiravelmente, o mármore e outras pedras lavradas.

Quanto à religião, os cananeus eram politeístas, adoradores de vários deuses, sendo os mais conhecidos Baal, Hadade e Dagom, assim como as deusas Aserá, Astarte e Anate.¹

Retornando ao texto evangélico, registrado por Mateus, percebemos que a fama de Jesus não se limitava à Palestina, estendendo-se além-fronteiras. A cada instante, os registros evangélicos apontam a capacidade polarizadora do Mestre. Sua autoridade faz-se presente

como um sol a irradiar vida abundante. Não necessitava fazer-se anunciar. Bastava sua presença, sua movimentação e, às vezes, ligeiras informações durante a sua passagem ou chegada a algum lugar, para que dele se aproximassem os trôpegos e os carentes de toda ordem, criaturas ávidas de orientação e arrimo.

A proposta orientadora de Jesus é dirigida, preferencialmente, aos deserdados, aos caídos, como era a situação da mulher sirofenícia. Por considerar a origem étnico-cultural da mulher cananeia, e para evitar dar “aos cães as coisas santas”, ou deitar-se “aos porcos as vossas pérolas” (MATEUS, 7:6), segundo a linguagem evangélica, Jesus agiu com cautela, a fim de não imprimir ação coercitiva, capaz de violentar a personalidade da irmã que, aliás, soube receber o auxílio com lucidez, porque sabia, realmente, o que necessitava.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada. Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós. E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 15:21-24).*

A mulher cananeia simboliza todas as nações da Terra que um dia acorrerão a abraçar o Evangelho. Jesus pregou o Evangelho aos israelitas e assim mesmo a uma diminuta parte deles. Ele veio plantar a semente do Evangelho; outros se encarregariam de cuidar dela, até que se tornasse uma árvore generosa, a cuja sombra descansaria a Humanidade. Por isso é que Ele diz que foi enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel.²

A ida para “as partes de Tiro e de Sidom” sugere atendimento circunstancial, realizado pelo Mestre e que passaria à História como exemplo. Parece que não havia intenção, por parte de Jesus, em pregar naquela região específica, constituída por povos de tradições culturais e religiosas tão diversas, que ainda não possuíam consciência da ideia de Deus único. Daí Ele responder aos discípulos que lhe pediram para dispensar a solicitante: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”.

O aprendiz do Evangelho, entretanto, deve estar suficientemente esclarecido, mantendo-se atento aos acontecimentos que surgem, espontaneamente, em sua caminhada evolutiva. Deve considerar que,

independentemente dos planejamentos, das diferenças religiosas, do nível de entendimento espiritual, assim como das circunstâncias, pessoas e locais, a necessidade de auxiliar o próximo se revela como prioridade maior da existência. Em geral, é exatamente nesses acontecimentos que se manifesta a vontade do Pai.

À primeira vista, parece que Jesus não tinha se apiedado da mulher cananea, cuja filha estava obsidiada. Tal não era, porém, o pensamento do Mestre, cujo coração pulsava em uníssono com os corações dos sofrendores que o chamavam. Com sua palavra, que parece envolver uma recusa, quis Jesus provar se aquela mulher tinha fé suficiente para merecer a graça que pedia.²

Importante atentar-se para a forma como o fato é narrado: “eis que uma mulher cananea, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo”. Está claro que se tratava de um Espírito portador de cultura espiritual pouco abrangente, ainda preso aos campos da evolução natural. Saindo daquelas “cercanias” indica a sua origem. O verbo “sair”, presente na frase, sugere que, nada obstante seus parcos conhecimentos espirituais, ela já revelava possuir alguma informação, não se mantendo presa às orientações da prática politeísta.

A mulher cananea foi atraída por uma fonte vibracional diferente, plena de amor e de energias positivas, consubstanciada na figura de Jesus que, eventualmente, por ali se movimentava.

Jesus, em sua passagem pelo Planeta, foi a sublimação individualizada do magnetismo pessoal, em sua expressão substancialmente divina. As criaturas disputavam-lhe o encanto da presença, as multidões seguiam-lhe os passos, tocadas de singular admiração. Quase toda gente buscava tocar-lhe a vestidura. Dele emanavam irradiações de amor que neutralizavam moléstias recalcitrantes. Produzia o Mestre, espontaneamente, o clima de paz que alcançava quantos lhe gozavam a companhia.⁵

Por outro lado, o pedido da mulher extrapolava as meras necessidades de ordem física, revelando o desejo sincero de libertar do sofrimento um ente querido, ainda que a súplica pedisse misericórdia para si mesma: “Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada”. O pedido de socorro, na verdade, era para um ser amado, preso ao doloroso processo obsessivo da subjugação. Nessas condições, as circunstâncias são alteradas pela força do amor, cujo poder é inestimável.

Só o amor consegue totalizar a glória da vida. Quem vive respira. Quem trabalha progride. Quem sabe percebe. Quem ama respira, progride, percebe, compreende, serve e sublima, espalhando a felicidade.⁶

Informa, contudo, o versículo 23 de MATEUS que: “Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós”. Trata-se de uma situação especial em que o silêncio é a melhor resposta, a forma mais prudente de agir, diante de pessoas que demonstram pouco entendimento da realidade dos fatos, ou que se encontram sob o impacto de forte emoção. É medida de bom senso silenciar e aguardar o trabalho do tempo.

Por outro lado, é possível que os discípulos tenham interpretado equivocadamente o silêncio de Jesus, por isto disseram ao Senhor: “Despede-a, que vem gritando atrás de nós”. Esta colocação provocou a manifestação de Jesus por meio destas palavras, constantes do versículo 24: “Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”. Quer isto dizer que, a despeito de sua mensagem ser destinada a todos os povos do planeta, do passado, presente e futuro, naquele momento específico recordava que, primordialmente, era preciso semeá-la, com proveito, no meio em que oferecia melhores condições: os judeus, os quais possuíam base monoteísta firme, a despeito dos desvios religiosos e dos equívocos existentes.

Os povos gentílicos seriam objeto de atendimento especial, posteriormente.

Era preciso, antes de conhecer o Evangelho, ter noção de Deus único. De acordo com as orientações espíritas, as “ovelhas perdidas da casa de Israel” referem-se a um grupo de Espíritos, vindos de Capela, cujo aproveitamento dos ensinamentos superiores foi praticamente nulificado, a despeito da crença monoteísta que possuíam. Renasceram na Terra para reparar erros cometidos contra a Lei de Deus. Degredados no nosso orbe, assumiram o compromisso de cooperarem no progresso da humanidade terrestre, transmitindo-lhe a ideia de Deus único. Ao mesmo tempo, reajustavam-se perante a Lei divina.

Emmanuel esclarece a respeito desses degredados no nosso mundo:

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes. Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no

esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de lutas que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.⁴

- » *Então, chegou ela e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me. Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então, respondeu Jesus e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé. Seja isso feito para contigo, como tu desejas. E, desde aquela hora, a sua filha ficou sã (Mt 15:25-28).*

A mulher sirofenícia não se deixa abater pelo silêncio de Jesus nem com as palavras dos discípulos. Persiste no seu propósito de receber o auxílio, implorando e argumentando com o Senhor. Alimentada pela força do amor que devotava à filha e pela confiança em Jesus, o mensageiro celestial, multiplicou as forças íntimas, prostrando-se junto ao Mestre, dizendo com mais convicção: “Senhor, socorre-me”.

Há algo mais na postura dessa mulher: ela depositou toda a sua esperança, alimentada pela fé inarredável na pessoa do Senhor. Os verbos: “chegou” e “adorou-o” definem o alto grau de segurança e de humildade dessa criatura. Fica evidente também que ela realmente possuía muito mais informações sobre os poderes de Jesus, do que usualmente um sirofenício teria. Mesmo assim, em nenhum momento agrediu, revoltou-se ou insurgiu-se de qualquer maneira. Simplesmente, disse: “Senhor, socorre-me”. Temos, assim, o valor da humildade associado à fé.

O acontecimento ficou preso no tempo, mas o ensinamento permanece e se irradia pelos séculos. Jesus não pronunciou qualquer palavra, no primeiro momento. Entretanto, um diálogo inarticulado foi instaurado, que culminou com o pedido de socorro daquela mulher confiante e esperançosa, que soube submeter-se ao amparo da misericórdia do Senhor.

O Mestre, entretanto, ao ouvir o segundo apelo, lhe responde: “Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos”. A interpretação literal deste versículo 26 é totalmente imprópria. Aliás, esta afirmativa costuma escandalizar alguns aprendizes mais desavisados. A expressão é direta, mas acentuadamente afetiva, respeitosa, considerando o sentido didático da lição que o Mestre estava produzindo.

Existiu uma razão para Jesus pronunciar aquelas palavras: era preciso que ela, a mulher sirofenícia, recordasse a sua origem de “ovelha perdida da casa de Israel”, renascida, naquela existência, no seio de um povo politeísta. Ela é o símbolo de alguém que renega a sua origem divina (tal como aconteceu ao filho pródigo) para entregar-se às sensações e aos prazeres da vida material. Preferiu Mamom a Deus. Entretanto, os reflexos da sua escolha infeliz se faziam presentes. Por isso ela buscou Jesus com tanta veemência.

Por outro lado, importa considerar que o Mestre testou a fé que ela, aparentemente, revelava possuir, a fim de que a lição ficasse clara para o aprendiz do Evangelho: “Seria ela uma ovelha perdida que desejava voltar ao redil?” ou “Seria alguém que, por ser informada dos prodígios operados por Jesus, desejava se ver livre de um problema que lhe atormentava a existência?”

Apesar da incipiente base de conhecimento espiritual que ela recebeu naquela existência expiatória, o Mestre a reconheceu (“ovelha perdida da casa de Israel”), de imediato, de forma que o diálogo que se seguiu, foi para revelar quem ela era e de onde ela vinha. Condição que ficou plenamente demonstrada não só porque a cananea busca e adora Jesus, reconhecendo-o como o benfeitor maior, mas, também, pela lucidez do diálogo que com Ele estabelece.

Quando Jesus responde-lhe que “não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos” não a estava humilhando, comparando-a com os filhotes de cães. A palavra “cachorrinhos” tem o sentido de “criancinhas” que, no texto, simbolizava o pouco conhecimento espiritual dos sirofenícios que, por serem politeístas, ainda se encontravam no estágio inicial dos processos que levam à compreensão de Deus único. Os “filhos” simbolizavam os judeus, monoteístas por natureza, isto é, Espíritos que se encontravam um passo à frente, em termos de entendimento espiritual, a despeito das distorções religiosas existentes.

Dessa forma, o alimento espiritual destinado aos seres humanos, simbolizados como “filhos”, deveria ser diferente do que era fornecido aos “cachorrinhos” — animais fiéis, muito próximos dos homens — ou “filhotes” que, por representarem crianças espirituais, requisitavam uma alimentação menos consistente, apropriada à idade infantil.

Cairbar Schutel complementa a lição com estas explicações:

A mulher sirofenícia, embora não fosse da “casa de Israel”, era uma dessas ovelhas. A sua intuição de procurar a Jesus, o seu gesto de prostrar-se a seus pés, o seu modo decisivo e claro de falar-lhe, a sua insistência na rogativa dirigida ao Mestre, mostra bem claramente que se tratava de uma pessoa que não podia deixar de ter afinidade espiritual com Jesus. Para afirmar mais ainda a sua fé, e certamente porque aquela mulher havia cometido a grande falta do “desgarramento” do seu rebanho em anterior encarnação, Jesus propositadamente tratou-a com severidade, pois assim despertaria nela fundas intuições de haver abandonado o Mestre e ela se firmaria ainda mais no dever de reparar a falta [...]. Já não era somente a cura de sua filha que ela desejava; queria também, embora “como um cachorrinho”, comer uma migalha daquele pão da Vida que Jesus estava distribuindo tão fartamente e com tanto amor, para os deserdados da sorte. Aberto o Espírito para as coisas divinas e publicamente proclamada a fé e a crença resoluta que ela mantinha, Jesus não se fez mais rogado, e, satisfazendo-lhe o desejo, frisou bem: “Por esta palavra vai-te, faça-se contigo como queres. Mulher, grande é a tua fé!” E daquela hora em diante a sua filha ficou sã.³

Referências

1. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 190-191.
2. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. 15 (A tradição dos antigos), item: A mulher cananeia, p. 151.
3. SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. Cap. 63 (A cura da filha da mulher sirofenícia), p. 323.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 3 (As raças adâmicas), item: Espíritos exilados na Terra, p. 35.
5. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 110 (Magnetismo pessoal), p. 235-236.
6. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 78 (Na exaltação do amor – texto de André Luiz), p. 178-179.

Orientações ao monitor

Analisar o assunto desenvolvido no Roteiro por meio da técnica de discussão circular. Concluída a análise, fazer uma exposição final como fechamento das principais ideias estudadas.

APRENDENDO COM FATOS COTIDIANOS

Roteiro 3

A VINDA DO REINO

Objetivos

- » Explicar o que é Reino dos céus, segundo a Doutrina Espírita.
- » Citar as principais condições para o estabelecimento do Reino de Deus na Terra.
- » Analisar que tipos de desafios podem ser encontrados pelo discípulo que deseja alcançar o Reino dos céus.

Ideias principais

- » O Reino dos céus é [...] *trabalho perseverante pelo bem real da Humanidade inteira*. Humberto de Campos: *Boa nova*. Cap. 4.
- » *O Reino do Céu no coração deve ser o tema central de nossa vida. Tudo mais é acessório*. Humberto de Campos: *Boa nova*. Cap. 12.
- » [...] *é indispensável procuremos o Reino de Deus e sua justiça, que expressam felicidade com merecimento*.
- » *Façamos o melhor, sentindo, pensando e falando o melhor que pudermos*.
- » *Honrando o Reino de Deus e sua justiça, o nosso divino Mestre passou na Terra em permanente doação de si mesmo...*

- » *Eis o padrão que nos deve inspirar as atividades, porque não nos bastará crer acertadamente e ensinar com brilho, mas, acima de tudo, viver as lições.*
- » *O Reino de Deus inclui todos os bens materiais e morais, capazes de serem incorporados ao nosso Espírito, seja onde for, no entanto, importa merecê-lo por justiça e não apenas desejá-lo pela fé. Álvaro Reis: Instruções psicofônicas. Cap. 3.*

Subsídios

1. Texto evangélico

O povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou. Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus. (MATEUS, 4:16-17.)

Por este registro de Mateus — também citado por MARCOS, 1:14-15 e LUCAS, 4:43 — Jesus anuncia o início da era que marcaria o período de efetiva melhoria espiritual da humanidade terrestre. Trata-se de um processo que implica evolução moral do Espírito e secundado pelas conquistas do conhecimento. O progresso dos seres se desenvolve ao longo das reencarnações sucessivas e durante estadias no plano espiritual. O sucesso desse empreendimento depende da predisposição e dos esforços individuais.

O Reino dos céus ou reino de Deus é o tema central da pregação de Jesus, segundo os evangelhos sinóticos. Enquanto Mateus, que se dirige aos judeus, na maioria das vezes fala em “Reino dos céus”, Marcos e Lucas falam sobre o “Reino de Deus”, expressão esta que tem o mesmo sentido daquela, ainda que mais inteligível para os não judeus. O emprego de “Reino dos céus”, em Mateus, certamente é devido à tendência, no Judaísmo, de evitar o uso direto do nome de Deus. Seja como for, nenhuma distinção quanto ao sentido, deve ser suposta entre essas duas expressões [...].²

A “vinda do Reino dos céus” atinge diretamente o coração. Não há imposição nem violência, de qualquer espécie, uma vez que o “Reino dos céus” se manifesta nos escaninhos profundos da alma, sem o fantasma do constrangimento ou da coação. Por não compreender a

essência do reinado divino, que é a prática da lei de amor, a legislação humana impõe, pune e exige. Entretanto, por ser o amor o substrato da construção do Reino dos céus, opera com paciência e perseverança até que os homens despertem totalmente e o recebam definitivamente. Por este motivo, afirmou Jesus, segundo o registro de Lucas: “O Reino de Deus está entre vós” (Lc 17:21).

O Reino divino não será concretizado na Terra, pela prática de atitudes extremistas.

O próprio Mestre asseverou-nos que a sublime realização está no meio de nós.

A edificação do Reino divino é obra de aprimoramento, de ordem, esforço e aplicação aos desígnios do Mestre, com bases no trabalho metódico e na harmonia necessária.¹²

2. Interpretação do texto evangélico

» *O povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou (Mt 4:16).*

A palavra “povo” traz o sentido de coletividade ou de agrupamento de indivíduos, como se sabe. Pode fazer referência a todos os habitantes do planeta ou de uma parte destes. No texto evangélico em questão, refere-se a um povo específico o “que estava assentado em trevas”, que faz, por sua vez, referência cruzada com ISAÍAS, 9:2. Mas, há algo mais: o referido povo além de se encontrar em trevas, estava “assentado”, ou seja, totalmente acomodado na situação.

Afinal, o que significa “estar em trevas”? Que povo era aquele que “estava assentado em trevas”?

A palavra “trevas” significa estado de ignorância e de desinformação, relativo às verdades espirituais. O indivíduo pode até possuir informações de natureza espiritualista ou religiosa. Entretanto, tais informações são mantidas na superfície do processo evolutivo, sem força moral suficiente para operar uma verdadeira transformação no ser, tornando-o melhor. É por este motivo que o Cristo assevera: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8:12).

A Doutrina Espírita esclarece que não é suficiente o indivíduo estar informado sobre um ou outro ensino moral. É necessário desenvolver esforço persistente de melhoria espiritual, combatendo as imperfeições.

O espírita, nesse particular, está suficientemente esclarecido de que para se libertar das trevas é preciso seguir Jesus, incorporando em suas ações cotidianas a mensagem de amor ensinada no Evangelho. Entretanto, para se transformar em “a luz do mundo” (“vós sois a luz do mundo” – Mt 5:14), é preciso esforço maior.

Há quem admire a glória do Cristo. Mas a admiração pura e simples pode transformar-se em êxtase inoperante.

Há quem creia nas promessas do Senhor. Todavia, a crença só por si pode gerar o fanatismo e a discórdia.

Há quem defenda a revelação de Jesus. Entretanto, a defesa considerada isoladamente pode gerar o sectarismo e a cegueira.

Há quem confie no divino Mestre. Contudo, a confiança estagnada pode ser uma força inerte.

Há quem espere pelo eterno benfeitor. No entanto, a expectativa sem trabalho pode ser ansiedade inútil.

Há quem louve o Salvador. Louvor exclusivo, porém, pode coagular a adoração improdutiva.

A palavra do Enviado celeste, entretanto, é clara e incisiva: “Aquele que me segue não andaré em trevas.”⁴

“O povo que estava assentado em trevas” representa, em especial, os religiosos que priorizam as práticas e a teologia em detrimento do ensinamento espiritual, elemento renovador da posição evolutiva do ser humano. Sendo assim, é imperativo penetrar na essência dos ensinamentos e segui-los na íntegra. Há religiões mais esclarecidas do que outras, mas todas ensinam o bem. O religioso que se prende às práticas da religião, não se revela suficientemente atento ao processo de transformação moral e, em geral, não mede os efeitos dos seus atos na vida das pessoas e na sociedade. Em consequência, desenvolve excessivo apego às ordenações da existência material. Por exemplo, pelo “[...] simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao porvir, dá tudo ao presente”.¹

“O povo que estava assentado nas trevas” pode indicar, igualmente, qualquer coletividade humana que se mantém indiferente ao processo de melhoria espiritual. Esse povo representa os grupos de pessoas descuidadas, ignorantes da realidade e alheias à manifestação

da vida. Cedo ou tarde, serão sacudidas pela lei do progresso e verão a “grande luz”, segundo o relato do texto evangélico.

Sigamos de perto o sentido desta orientação de Emmanuel, a fim de não nos comprometer com a ignorância e retardar o nosso processo evolutivo:

Cede aos poderes humanos respeitáveis o que lhes cabe por direito lógico da vida, mas não te esqueças de dar ao Senhor o que lhe pertence.

[...]

Não convém concentrar em organizações mutáveis do plano carnal todas as nossas esperanças e aspirações.

O homem interior renova-se diariamente. Por isso, a ciência que lhe atende as reclamações, nos minutos que passam, não é a mesma que o servia, nas horas que se foram, e a do futuro será muito diversa daquela que o auxilia no presente. A política do pretérito deu lugar à política das lutas modernas. Ao triunfo sanguinolento dos mais fortes ao tempo da selvageria sem peias, seguiu-se a autocracia militarista. A força cedeu à autoridade, a autoridade ao direito. No setor das atividades religiosas, o esforço evolutivo não tem sido menor.

[...]

Examinando a fisionomia indisfarçável da verdade, como hipertrofiar o sentimento, definindo-te, em absoluto, por instituições terrestres que carecem, acima de tudo, de teu próprio auxílio espiritual?³

A evolução se encaminha de forma que envolve toda a comunidade humana, em um ou outro momento: ao lado das criaturas já plenamente esclarecidas, encontram-se as ignorantes, de diferentes graus. Estas, no momento propício, porém, serão banhadas por uma “grande luz” implementadora do progresso espiritual. E os que estavam “assentados” se erguerão.

A segunda parte do versículo 16 apresenta esta informação: “E aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou.” Não deixa de ser interessante este detalhe. Percebemos que, o esclarecimento doutrinário não se aplica apenas ao povo “que estava assentado em trevas” (ou seja, todos os ignorantes e desinformados), mas, especificamente, aos que “estavam assentados na região e sombra da morte”.

As anotações do evangelista apontam, portanto, para um grupo de Espíritos que se encontrava em uma esfera, morada ou região evolutiva. É preciso atenção: tais localidades não devem ser confundidas

com habitações físicas. São moradas mentais, os locais onde a mente se encontra, de acordo com o progresso evolutivo alcançado. São regiões eleitas por cada um, de acordo com as manifestações do livre-arbítrio, e em decorrência dos desejos, vontade e seleções íntimos.

- » *Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus (Mt 4:17).*

Nesta exortação de Jesus há um alerta-convite: “Arrependei-vos!” e um anúncio: “é chegado o Reino dos céus”.

“Arrependei-vos!” é expressão portadora do convite que tem percorrido os séculos, aguardando o despertar e a disposição de cada um. Muitos, pelos percalços e provações existenciais, aproximam-se desse momento decisório. Não basta apenas o remorso dos erros cometidos nem o simples desejo de se tornar criatura melhor. Muitos indivíduos iniciam o trabalho renovador, não porque estejam esclarecidos da importância do progresso espiritual, mas porque sofrem remorso. Submetidos à tutela do arrependimento, buscam então alívio para a consciência culpada.

Vemos, assim, que o remorso tem conduzido muitos Espíritos ao arrependimento que, por sua vez, oferece bases para programar a reparação dos erros cometidos perante a Lei de Deus.

A conquista do Reino de Deus, ou dos céus, apresenta, em síntese, as seguintes características, transmitidas pelo Espírito Irmão X, pela mediunidade de Chico Xavier:

1. Está substanciado no Evangelho, transmitido por Jesus, o mensageiro da Vida eterna.⁵

2. Tem como finalidade construir um mundo renovado, onde não exista

“[...] nem opressores, nem vítimas, e, sim, irmãos, filhos do mesmo Pai...”⁵

3. Obedece ao seguinte lema: “O amor a Deus, acima de tudo, e ao próximo como a nós mesmos.”⁵

4. A norma de trabalho é: “Bondade para com todos os seres, inclusive os próprios inimigos.”⁵

5. O programa se fundamenta na cooperação “[...] com o Pai supremo, sob todos os aspectos, em favor do mundo regenerado.”⁵

6. O objetivo é garantir: “Felicidade para todas as criaturas.”⁵

7. São diretrizes da conquista do Reino de Deus:

Perdão extenso e sincero, esquecimento do mal, auxílio mútuo, fraternidade legítima, oração pelos adversários e perseguidores, serviço desinteressado e ação altruística sem recompensa, com absoluta perseverança no bem, até ao fim da luta.⁶

8. A implantação do Reino ocorrerá sem a presença de homens armados:

“O Mestre confia no concurso dos homens de boa vontade, na salvação da Terra. [...] Nossa batalha é da luz contra a sombra; dispensa a competição sangrenta.”⁷

9. Além das qualidades ou virtudes morais comuns, o candidato deve demonstrar: “Extrema fidelidade a Deus, num coração valoroso e fraterno, disposto a servir na Terra em nome do Céu.”⁷

Para que tais condições sejam atendidas, o candidato deve estar informado a respeito destas instruções:

- » Os alicerces da nova ordem estão estabelecidos nas “[...] obrigações do trabalho para todos”⁹
- » Há uma organização hierárquica de Espíritos na qual os mais evoluídos auxiliam os que se encontram em situação pior, e a ocupação dos mais inteligentes é instruir os ignorantes.¹⁰
- » Os homens bons ajudarão “[...] aos maus, a fim de que estes se façam igualmente bons”.¹¹
- » Os ricos deverão amparar “[...] os mais pobres para que também se enriqueçam de recursos e conhecimentos”.¹¹

Todas essas normas serão ditadas conforme “[...] amor pelo sacrifício, que florescerá em obras de paz no caminho de todos.”¹¹ Da mesma forma, a fiscalização desse novo regime contará com o nível de compreensão da responsabilidade de cada colaborador.¹¹

A implantação do Reino dos céus no coração dos homens dispensará imposições, prisões, impostos, castigos e lutas armadas, mas reclamará de todos nós dedicação constante, pois a “[...] atividade divina jamais cessa e justamente no quadro da luta benéfica é que o discípulo insculpirá a própria vitória”.⁸

O [...] espírito de renúncia, de serviço, de humildade, de paciência, de fraternidade, de sinceridade e, sobretudo, do amor de que somos

credores, uns para com os outros, e a nossa vitória permanecerá muito mais na ação incessante do bem com o desprendimento da posse, na esfera de cada um, que nos próprios fundamentos da Justiça, até agora conhecidos no mundo.¹¹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 2, item 5.
2. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.1148.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 148 (O herdeiro do Pai), p. 363-364.
4. _____. _____. Cap. 166 (Sigamo-lo), p. 403.
5. _____. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15 (O candidato apressado), p. 71.
6. _____. _____. p. 71-72.
7. _____. _____. p. 72.
8. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 133 (O grande futuro), p. 282.
9. _____. *Pontos e contos*. Pelo Espírito Irmão X. 110. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 1 (O programa do Senhor), p. 16.
10. _____. _____. p. 16-17.
11. _____. _____. p. 17.
12. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 177 (Edificação do reino), p. 392.

Orientações ao monitor

Fazer uma apresentação das ideias norteadoras do estudo, inseridas neste Roteiro. Em sequência, pedir à turma que realize as seguintes atividades, em grupos: a) leitura do Roteiro; b) destaque dos pontos considerados mais importantes; c) indicação dos principais obstáculos que poderiam dificultar ou impedir a implantação do Reino dos céus no nosso planeta, tendo como base os itens dos Subsídios numerados de 1 a 9 e, também, os colocados em seguida a estes, assinalados com marcadores.

EADE LIVRO III | MÓDULO VI

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 1

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

Objetivos

- » Analisar a ressurreição de Lázaro, à luz do entendimento espírita.
- » Enfatizar as lições de natureza espiritual de que o episódio se reveste.

Ideias principais

- » Em razão da poderosa vontade do Cristo e do seu excepcional magnetismo, Jesus permitiu que Lázaro retornasse à vida, reintegrando o seu perispírito ao corpo físico. Fez [...] *voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispírico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 39.*
- » Lázaro [...] *estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é sinal de decomposição. Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 40.*

Subsídios

1. Texto evangélico

Estava, então, enfermo um certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. E Maria era aquela que tinha unguido o Senhor com unguento e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos, cujo irmão, Lázaro, estava enfermo. Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas. E Jesus, ouvindo isso, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela. [...] Assim falou e, depois, disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono. [...] Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá. Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar. [...] Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, foi ao sepulcro; e era uma caverna e tinha uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias. Disse-lhe Jesus: Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram, pois, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isso, clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir. (João, 11:1-4; 11; 21-23; 38-44.)

A ressurreição de Lázaro nada tem de milagroso e, a despeito de ser considerada um acontecimento extraordinário, oferece oportunidade para muitas reflexões, no que diz respeito aos aspectos físicos, propriamente ditos, quanto às implicações espirituais.

A “morte” de Lázaro era mais aparente que real, em razão da enfermidade que o atingiu. Encontrava-se em avançado estado letárgico, de coma profundo, sugestivo de morte do veículo físico. Se Jesus não tivesse reintegrado o Espírito Lázaro ao corpo, a desencarnação ocorreria de fato e muito em breve, pois o veículo somático revelava sinais de decomposição.

Em certos estados patológicos, quando o Espírito há deixado o corpo e o perispírito só por alguns pontos se lhe acha aderido, apresenta ele, o corpo, todas as aparências da morte e enuncia-se uma verdade absoluta, dizendo que a vida aí está por um fio. Semelhante estado pode durar mais ou menos tempo; podem mesmo algumas partes do corpo entrar em decomposição, sem que, no entanto, a vida se ache definitivamente extinta. Enquanto não se haja rompido o último fio, pode o Espírito, quer por uma ação enérgica, da sua própria vontade, quer por um influxo fluídico estranho, igualmente forte, ser chamado a volver ao corpo. É como se explicam certos fatos de prolongamento da vida contra todas as probabilidades e algumas supostas ressurreições. É a planta a renascer, como às vezes se dá, de uma só fibrila da raiz. Quando, porém, as últimas moléculas do corpo fluídico se têm destacado do corpo carnal, ou quando este último há chegado a um estado irreparável de degradação, impossível se torna todo regresso à vida.¹

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Estava, então, enfermo um certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. E Maria era aquela que tinha unguido o Senhor com unguento e lhe tinha enxugado os pés com os seus cabelos, cujo irmão, Lázaro, estava enfermo. Mandaram-lhe, pois, suas irmãs dizer: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas. E Jesus, ouvindo isso, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela. [...] Assim falou e, depois, disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, dorme, mas vou despertá-lo do sono. [...] Disse, pois, Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá. Disse-lhe Jesus: Teu irmão há de ressuscitar (Jo 11:1-4; 11; 21-23).*

Desde o momento que Jesus recebeu a notícia da doença de Lázaro, percebeu o que se passava, daí afirmar: “Esta enfermidade não é para morte”, ou, “Lázaro, o nosso amigo, dorme”. A transcendência espiritual do acontecimento ainda repercute nos dias atuais, impondo reflexões mais profundas.

O episódio de Lázaro era um selo divino identificando a passagem do Senhor, mas também foi o símbolo sagrado da ação do Cristo sobre o homem, testemunhando que o seu amor arrancava a Humanidade do seu sepulcro de misérias, Humanidade a favor da qual tem o Senhor

dado o sacrifício de suas lágrimas, ressuscitando-a para o sol da vida eterna, nas sagradas lições do seu Evangelho de amor e de redenção.¹³

O sono de Lázaro tem sido objeto de discussão entre estudiosos. Que sono era aquele? Coma? Letargia? Fenômeno de quase-morte? É tarefa inglória definir o fenômeno. Mais importante foi a ação de Jesus, que sutilmente demonstra a existência do perispírito, elemento intermediário entre o Espírito e o corpo físico, mas cujo entendimento só poderia ser claramente estudado com o advento do Espiritismo, séculos à frente. “Jesus veio a este mundo para exemplificar o poder da vida sobre a morte; morreu para que todos vissem como se morre; ressuscitou para que todos vissem como se ressuscita.”⁹

A ressurreição de Lázaro conduz a outras considerações, que merecem ser destacadas.

Jesus realizou duas categorias de ressurreição: ressurreição do corpo, e ressurreição do Espírito. Ressuscitou Lázaro, e ressuscitou Madalena. Aos olhos do mundo, a primeira destas duas maravilhas assume maiores proporções, mas, aos olhos de Deus, o segundo prodígio é mais belo, mais valioso. O corpo de Lázaro veio a morrer após aquela ressurreição. Madalena nunca mais morreu, porque o que nela ressurgiu não foi a carne, foi o Espírito. A carne ressurge para a morte, a alma ressurge para a vida. Jesus, ressuscitando Lázaro, ressuscitou um vivo, porque Lázaro já vivia a vida do Espírito. Ressuscitando Madalena, ressuscitou um cadáver, porque sua alma era morta para a espiritualidade. Jesus ressuscitando Lázaro, a filha de Jairo, e o filho da viúva de Naim, teve em mira promover ressurreições de almas. [...] Jesus foi muito grande ressuscitando Lázaro, mas foi maior ainda ressuscitando Madalena.¹⁰

“Teu irmão há de ressuscitar” — asseverou o Mestre a Marta.

Daí a instantes, Lázaro era restituído à experiência terrestre, surpreendendo os observadores do inesperado acontecimento. Gesto que se transformou em vigoroso símbolo, sabemos hoje que o Senhor nos reergue, em toda parte, nas esferas variadas da vida. Há ressurreição vitoriosa e sublime nas zonas carnis e nos círculos diferentes que se dilatam ao infinito. O Espírito mais ensombrado no sepulcro do mal e o coração mais duro são arrancados das trevas psíquicas para a luz da vida eterna.¹⁵

- » *Jesus, pois, movendo-se outra vez muito em si mesmo, foi ao sepulcro; e era uma caverna e tinha uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: Tirai a pedra. Marta, irmã do defunto, disse-lhe: Senhor, já cheira mal, porque é já de quatro dias. Disse-lhe Jesus: Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram, pois, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste (Jo 11:38-42).*

Os judeus não sepultavam os seus mortos, usualmente, como assinala o registro de João, fato que contribuiu para a ressuscitação de Lázaro. As cerimônias fúnebres judaicas incluíam:² a) lavagem do cadáver (ATOS DOS APÓSTOLOS, 9:37); b) em seguida era ungido (MARCOS, 16:1) com óleos e essências; c) o defunto era envolvido em faixas de linho impregnadas com especiarias (JOÃO, 19:40); d) os membros eram amarrados próximos ao corpo e o rosto coberto com um lenço (JOÃO, 11:44). É possível que este cerimonial fosse realizado por um grupo específico de pessoas, segundo se deduz da descrição existente em ATOS DOS APÓSTOLOS, 5:6.

A higiene corporal, a unção, as especiarias e o não sepultamento impediam a rápida decomposição, amenizavam os maus odores e dificultavam a proliferação de infecções. Além disso, era prática comum entre os povos orientais chorar, lamentar e bater no peito, inclusive arrancar os cabelos, como acontecia entre os egípcios. Em todas as cerimônias fúnebres estavam presentes pessoas contratadas para realizar essa etapa do serviço: as carpideiras — mulheres mercenárias que pranteavam os mortos durante os funerais.²

Os sepulcros e os cemitérios usualmente ficavam fora das cidades ou aldeias. Existiam cemitérios comuns (Mt 27:7), mas eram largamente usados túmulos individuais e familiares. [...] Os ataúdes não eram usados para transportar os mortos até os seus sepulcros; eram carregados em simples esquifes (Lc 7:12, 14). A cremação nunca foi uma prática judaica, mas havia diversos lugares de sepulcros. Havia sepulcros simples, na terra, alguns sem nenhuma assinalação (Lc 11:44). Além disso, havia túmulos escavados na rocha ou covas, que bem poderiam ter monumentos ou colunas erigidas sobre os mesmos.³

A afirmativa de Marta, quando Jesus ordenou a remoção da pedra do sepulcro, de que o corpo “cheira mal” (porque havia quatro dias que ele ali se encontrava), sugere que esta supunha que Lázaro

estava morto. O Espírito estava, realmente, ligado por um fio ao corpo. Um pouco mais de tempo e a desencarnação seria definitiva.

É preciso compreender a extensão desse episódio, pois, se quisesse, Jesus recuperaria a saúde de Lázaro logo que foi informado da sua enfermidade. Poderia ter realizado uma cura à distância, que seria apenas mais uma entre tantas que o Mestre realizou. O escrito integral de Marcos — apresentado de forma resumida neste Roteiro, para tornar o estudo mais objetivo — indica, no versículo 6: “Ouvindo, pois, que estava enfermo, ficou ainda dois dias no lugar onde estava”.

Por que motivo Jesus esperou tanto tempo para auxiliar o amigo enfermo? A resposta é óbvia: quis destacar o fato, para que a ressurreição ficasse marcada indelevelmente na memória das pessoas, daí afirmar: “Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa da multidão que está ao redor, para que creiam que tu me enviaste” (Jo 11:41-42).

Quis demonstrar que existia algo mais que ligava o Espírito ao corpo: o perispírito. “Lázaro foi um missionário na Terra: veio para dar testemunho de que Jesus era o Cristo, o Ungido de Deus.”¹¹

Tanto isto é verdade que no versículo 4, logo no início do texto evangélico, João anotou esta informação de Jesus: “Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela”.

- » *E, tendo dito isso, clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora. E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto, envolto num lençol. Disse-lhes Jesus: Desligai-o e deixai-o ir* (Jo 11:43-44).

Por esses versículos compreendemos que a ressurreição de Lázaro foi realizada em três estágios.

Atendendo ao aflitivo chamado das moças [Maria e Marta], que choravam o irmão morto, pronunciou as três frases que, segundo a elucidação espírita, indicam o lento despertar do Espírito para as belezas da imortalidade.

“Tirai a pedra.”

“Lázaro, sai para fora.”

“Desligai-o, e deixai-o ir”.⁵

Por outro lado, considerando as implicações espirituais das ações e ensinamentos de Jesus, importa considerar:

O despertamento é gradativo e se condiciona ao funcionamento, equânime e perfeito, das leis naturais que regem a evolução. Ninguém desperta instantaneamente. Ninguém se ergue, de um momento para outro, do túmulo da ignorância, para o santuário do conhecimento. Ninguém dá um salto da cova do egoísmo para a catedral da abnegação. Ninguém, após levantar-se, conseguirá desenfaixar-se, com facilidade, sem o concurso de amigos e benfeitores, sejam eles encarnados ou desencarnados. Há sempre alguém intercedendo por nós, à maneira de Marta e Maria, que se apressaram a enviar mensageiros ao Cristo, a fim de que pudesse Lázaro ser restituído à dinâmica da vida.⁴

É importante analisarmos, à luz da Doutrina Espírita, cada etapa da ressurreição de Lázaro, brilhantemente interpretada por Martins Peralva. Começemos pela primeira ordenação de Jesus: “Tirai a pedra” (Jo 11:39).

Entre Jesus e o morto havia uma pedra. Entre a claridade e a sombra havia uma barreira, um obstáculo enorme e pesado. No estreito recinto onde se presumia que Lázaro começava a apodrecer, e no amplo mundo exterior, onde o Cristo meditava, duas estranhas realidades se defrontavam. Estranhas, diferentes, antagônicas... A vida e a morte. Cá fora, com a primeira, a luz fulgurando na ribalta da Natureza em festa. Lá dentro, com a segunda, a escuridão, a inércia. [...] Era indispensável, portanto, o concurso dos circunstantes, a colaboração dos que ali se encontravam, mesmo por curiosidade ou descrença, a ajuda dos amigos de Lázaro. [...] Apelou, então, Jesus, para a cooperação dos seus amigos: “Tirai a pedra.” Em outras palavras: “Tirai o entulho mental que impede a visão dos magníficos panoramas da Vida imortal.”⁶

A segunda ordenação de Jesus é: “E, tendo dito isso, clamou com grande voz: Lázaro, vem para fora” (Jo 11:43).

Mas, tão logo estabeleceu contato visual com o jovem de Betânia, falou-lhe diretamente, sem reticências. Não mais intermediários: dá-lhe a ordem, incisiva e categórica. Intima-o, com bondosa energia, a deixar a sombra do túmulo, num convite a que viesse aspirar o oxigênio cá de fora; a que viesse reaquecer-se sob a claridade do Sol que buscava, àquela hora, a linha do horizonte.⁷

Na última etapa do processo de ressurreição, Jesus entrega Lázaro aos cuidados de familiares e amigos. A lição cala fundo no nosso ser, fazendo-nos refletir sobre o valor da amizade.

Mais uma vez, no entanto, uma vez mais o Mestre roga o concurso de nossos queridos cireneus, velhos amigos que removeram a pedra, quando não apenas “dormíamos”, mas estávamos “mortos” para as realidades da Vida mais alta. Devotados amigos, benfeitores incansáveis de outras existências, que estiveram ao nosso lado na “morte”, no “sono”, no “despertamento”, acorrem de novo, pressurosos, para nos desligarem as faixas e o lenço que nos perturbam, nos inibem, nos impedem de dar o passo decisivo. [...] Embora desperto — Lázaro não podia caminhar. Estava enfaixado, inibido, obliterado.⁸

A ressurreição de Lázaro é preciosa oportunidade de aprendizado espiritual, oferecida pelo Evangelho e pela Doutrina Espírita. Muitos outros comentários poderiam ser acrescentados. Destacamos, porém, alguns esclarecimentos de Emmanuel, sabiamente analisados por este benfeitor espiritual.

É importante pensar que Jesus não apenas arrancou Lázaro à sombra do túmulo. Trazendo-o, de volta, à vida, pede para que seja restituído à liberdade. “Desatai-o e deixai-o ir” — diz o Senhor. O companheiro redivivo deveria estar desalgemado para atender às próprias experiências.¹⁴

Emmanuel faz uma reflexão mais aprofundada do que deve significar para nós, pequenos aprendizes do Evangelho de Jesus, o retorno de Lázaro à vida.

O regresso de Lázaro à vida ativa representa grandioso símbolo para todos os trabalhadores da Terra. Os criminosos arrependidos, os pecadores que se voltam para o bem, os que “trincaram” o cristal da consciência, entendem a maravilhosa característica do verbo recomençar. Lázaro não podia ser feliz tão só por revestir-se novamente da carne perecível, mas, sim, pela possibilidade de reiniciar a experiência humana com valores novos. E, na faina evolutiva, cada vez que o Espírito alcança do Mestre divino a oportunidade de regressar à Terra, ei-lo desenfaixado dos laços vigorosos... exonerado da angústia, do remorso, do medo... A sensação do túmulo de impressões em que se encontrava, era venda forte a cobrir-lhe o rosto... Jesus, compadecido, exclamou para o mundo: — *Desligai-o, deixai-o ir*. Essa passagem evangélica é assinalada de profunda beleza. Preciosa é a existência de um homem, porque o Cristo lhe permitiu o desligamento dos laços criminosos com o pretérito, deixando-o encaminhar-se, de novo, às

fontes da vida humana, de maneira a reconstituir e santificar os elos de seu destino espiritual, na dádiva suprema de começar outra vez.¹²

É natural fazermos especulações sobre o que aconteceu a Lázaro depois da sua ressurreição, como ele tocou a sua vida, que lições foram retiradas de tão significativa experiência. O Espírito Irmão X, nos fala a respeito, em uma mensagem transmitida pela gloriosa mediunidade de Chico Xavier, a qual incluímos anexo, para leitura e desenvolvimento da atividade grupal.

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.14, item 30, p. 335-336.
2. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1254.
3. _____. _____. p. 1254-1255.
4. PERALVA, Martins. *Estudando o evangelho*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 40 (Cristo e Lázaro), item 1, p. 177.
5. _____. _____. p. 178.
6. _____. _____. Cap. 41 (Cristo e Lázaro), item 2: A primeira fase: Tirai a pedra, p. 180-181.
7. _____. _____. Cap. 42 (Cristo e Lázaro), item 3: A segunda fase: Lázaro sai para fora, p. 184.
8. _____. _____. Cap. 43 (Cristo e Lázaro), item 4: A terceira fase: Desligai-o e deixai-o ir, p. 187.
9. VINÍCIUS (Pedro de Camargo). *Em torno do mestre*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. Ressurreição, p. 160.
10. _____. *Nas pegadas do mestre*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. Ressurreição, p. 186-187.
11. _____. _____. p. 187.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 112 (Como Lázaro), p. 239-240.
13. _____. *O consolador*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 317, p. 182.
14. _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Uberaba: CEC, 2005. Cap. 75 (Libertemos), p. 167.
15. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 151 (Ressuscitará), p. 338.

Orientações ao monitor

No início da reunião, pedir aos participantes que façam leitura atenta do registro de JOÃO, 11:1-44. Em seguida, organizá-los em grupos para a interpretação do texto evangélico, de acordo com o roteiro detalhado abaixo. Cada grupo indica um relator para apresentar, em plenária, a síntese elaborada. Concluídas as apresentações, o monitor promove amplo debate do assunto, destacando pontos importantes.

ROTEIRO PARA O TRABALHO EM GRUPO:

Grupo 1: leitura e resumo do conteúdo que trata da análise das citações 11:1-4; 11; 21-23, de JOÃO.

Grupo 2: leitura e resumo do conteúdo que trata da análise das citações 11:38-42, de JOÃO.

Grupo 3: leitura e resumo do conteúdo que trata da análise das citações 11:43-44, de JOÃO.

Grupo 4: leitura e resumo da página de Irmão X (anexo), intitulada “Lázaro redivivo”.

Anexo

Lázaro redivivo*

Irmão X

Conta-se que Lázaro de Betânia, depois de abandonar o sepulcro, experimentou, certo dia, fortes saudades do Templo, tornando ao santuário de Jerusalém para o culto da gentileza e da camaradagem, embora estivesse de coração renovado, distante das trocas infundáveis do sacerdócio.

Penetrando o átrio, porém, reconheceu a hostilidade geral.

Abiud e Efraim, fariseus rigoristas, miraram-no com desdém e clamaram:

* XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 9-11.

— É morto! É morto! Voltou do túmulo, insultando a Lei!...

Ambos os representantes do farisaísmo teocrático demandaram os lugares sagrados, onde se venerava o Santo dos Santos, num deslumbramento de ouro e prata, marfim e madeiras preciosas, tecidos raros e perfumes orientais, espalhando a notícia. Lázaro de Betânia, o morto que regressara da cova, zombando da Lei, e dos profetas, trazia, ali, afrontosa presença aos pais da raça.

Foi o bastante para revolucionar fileiras compactas de adoradores, que oravam e sacrificavam, supondo-se nas boas graças do Altíssimo.

Escribas acorreram apressados, pronunciando longos e complicados discursos; sacerdotes vieram, furiosos e rígidos, lançando maldições, e aprendizes dos mistérios, com zelo vestalino, chegaram, de punhos cerrados, expulsando o irreverente.

— Fora! Fora!

— Vai para os infernos, os mortos não falam!...

— Feiticeiro, a Lei te condena!

Lázaro contemplava o quadro, surpreendido. Observava amigos da infância vociferando anátemas, escribas que ele admirava, com sincero apreço, vomitando palavras injuriosas.

Os companheiros irados passaram da palavra à ação. Saraivadas de pedras começaram a cair em derredor do redivivo, e, não contente com isso, o arguto Absalão, velha raposa da casuística, segurou-o pela túnica, propondo-se encaminhá-lo aos juízes do Sinédrio para sentença condenatória, depois de inquérito fulminante.

O irmão de Marta e Maria, contudo, fixou nos circunstantes o olhar firme e lúcido e bradou sem ódio:

— Fariseus, escribas, sacerdotes, adoradores da Lei e filhos de Israel: aquele que me deu a Vida, tem suficiente poder para dar-vos a morte!

Estupor e silêncio seguiram-lhe a palavra.

O ressuscitado de Betânia desprendeuse das mãos desrespeitosas que o retinham, recompôs a vestimenta e tomou o caminho da residência humilde de Simão Pedro, onde os novos irmãos comungavam no amor fraternal e na fé viva.

Lázaro, então, sentiu-se reconfortado, feliz...

No recinto singelo, de paredes nuas e cobertura tosca, não se viam, alfaias do Indostão, nem vasos do Egito, nem preciosidades da Fenícia, nem custosos tapetes da Pérsia, mas ali palpitava, sem as dúvidas da Ciência e sem os convencionalismos da seita, entre corações fervorosos e simples, o pensamento vivo de Jesus Cristo, que renovaria o mundo inteiro, desde a teologia sectária de Jerusalém ao absolutismo político do Império Romano.

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 2

A MULTIPLICAÇÃO DE PÃES E PEIXES

Objetivos

- » Interpretar, à luz do Espiritismo, a multiplicação dos pães e dos peixes, realizada por Jesus.

Ideias principais

- » O fenômeno da multiplicação dos pães e dos peixes pode ser interpretado sob dois enfoques espíritas: como figura alegórica, representativa de alimento espiritual; como efeito da doação magnética do Cristo, que produziu materialização dos alimentos, necessários a alimentar a multidão faminta.
- » *A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e alimentado, ao mesmo tempo, as zombarias dos incrédulos. [...] Entretanto, a maioria das pessoas sérias há visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.*
- » *Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorra ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma*

coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada há, pois, de espantar em que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre os que o cercavam, elas não tenham experimentado a necessidade material de comer. Allan Kardec: A gênese. Cap. XV, item 48.

Subsídios

1. Texto evangélico

1.1 Primeira multiplicação de pães e peixes

E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida. E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura. E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos campos e aldeias ao redor, se agasalhem e achem o que comer, porque aqui estamos em lugar deserto. Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes, salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo. Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse, então, aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em grupos de cinquenta em cinquenta. E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos. E, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão. E comeram todos e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços. (LUCAS, 9:10-17)

1.2 Segunda multiplicação de pães e peixes

E Jesus, chamando os seus discípulos, disse: Tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias e não tem o que comer, e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho. E os seus discípulos disseram-lhe: Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão? E Jesus disse-lhes: Quantos pães tendes? E eles disseram: Sete e uns poucos peixinhos. Então, mandou à multidão que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães e os peixes e dando graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos, à multidão.

E todos comeram e se saciaram, e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços. Ora, os que tinham comido eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E, tendo despedido a multidão, entrou no barco e dirigiu-se ao território de Magdala. (MATEUS, 15:32-39.)

O fenômeno da multiplicação dos pães e dos peixes, considerado milagre por algumas teologias cristãs, é relatado pelos quatro evangelistas e aconteceu em duas oportunidades distintas: uma num lugar deserto nas proximidades de Betsaida, outra, antes do território de Magdala. Na primeira multiplicação, a partir de cinco pães e dois peixes, Jesus alimenta cinco mil pessoas, e ainda sobram doze cestos com pedaços desses alimentos. Na segunda multiplicação, quatro mil pessoas tiveram a fome saciada, tendo como base sete pães e alguns peixinhos, sobrando sete cestos com pedaços.

A primeira multiplicação é relatada nesse texto de Lucas e, também, por MATEUS, 14:13-21, MARCOS, 6:34-35 e JOÃO, 6:1-14. A segunda, por Mateus, no texto citado e por Marcos, 8:1-10. Não há dúvida, portanto, de que o fato aconteceu.

Importa, entretanto, indagar: como ocorreu, efetivamente, a multiplicação de pães e peixes?

Para o Espiritismo, o Cristo produziu materialização de pães e de peixes. Entretanto, é importante que este efeito físico conduza o estudioso ao entendimento das implicações espirituais de que o fenômeno se reveste: mais importante que o alimento material, deve-se ficar atento à alegoria do “alimento espiritual”, simbolizado nos ensinamentos de Jesus.

Temos de distinguir dois aspectos: o material e o espiritual. Materialmente falando, o fato pertence aos gênero dos fenômenos de efeitos físicos. E nas sessões espíritas de efeitos físicos, já se tem observado a formação de objetos pelos Espíritos com auxílio dos médiuns. Jesus, médium de Deus, ajudado pela mediunidade de seus doze discípulos e assistido pelos Espíritos que o secundavam nos trabalhos evangélicos, faz com que se materialize em suas mãos os bocados de pão para o povo.⁸

Pode-se perceber nessas passagens evangélicas “[...] mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorra ao prodígio”.³

A interpretação que se segue dos registros de Lucas e de Mateus, inseridas neste Roteiro, será realizada concomitantemente, destacando-se que as poucas diferenças existentes entre os dois registros, são mais de forma do que de conteúdo.

2. Interpretação do texto evangélico: primeira parte

2.1 Texto de Lucas: primeira multiplicação

- » *E, regressando os apóstolos, contaram-lhe tudo o que tinham feito. E, tomando-os consigo, retirou-se para um lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida. E, sabendo-o a multidão, o seguiu; e ele os recebeu, e falava-lhes do Reino de Deus, e sarava os que necessitavam de cura. E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos campos e aldeias ao redor, se agasalhem e achem o que comer, porque aqui estamos em lugar deserto. Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. E eles disseram: Não temos senão cinco pães e dois peixes, salvo se nós próprios formos comprar comida para todo este povo. Porquanto estavam ali quase cinco mil homens. Disse, então, aos seus discípulos: Fazei-os assentar, em grupos de cinquenta em cinquenta (Lc 9:10-14).*

2.2 Texto de Mateus: segunda multiplicação

- » *E Jesus, chamando os seus discípulos, disse: Tenho compaixão da multidão, porque já está comigo há três dias e não tem o que comer, e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho. E os seus discípulos disseram-lhe: Donde nos viriam num deserto tantos pães, para saciar tal multidão? E Jesus disse-lhes: Quantos pães tendes? E eles disseram: Sete e uns poucos peixinhos. Então, mandou à multidão que se assentasse no chão (Mt 15:32-35).*

No texto de Lucas, os apóstolos revelam preocupação com a quantidade de pessoas para alimentar. Pedem, então, a Jesus para dispensá-las: “E já o dia começava a declinar; então, chegando-se a ele os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indo aos campos e aldeias ao redor, se agasalhem e achem o que comer, porque aqui estamos em lugar deserto”.

No outro texto, Mateus anota que o Cristo percebeu a necessidade de alimentar as pessoas, movido pela compaixão: “E Jesus, chamando os seus discípulos, disse: Tenho compaixão da multidão,

porque já está comigo há três dias e não tem o que comer, e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça no caminho”.

Em ambas as citações se identifica a necessidade de auxiliar a multidão faminta. Há, porém, uma grande diferença: o primeiro texto informa que a iniciativa foi dos apóstolos, por desejarem ficar livres do problema, daí terem pedido ao Cristo: “Despede a multidão”. O segundo texto relata que a percepção inicial foi do Cristo, que tendo compaixão dos que o seguiam por três dias, quis alimentá-los. Ambos, Jesus e os apóstolos identificaram a problemática: alguém com fome. A resolução do problema, entretanto, seguiu o nível de entendimento de cada um: livrar-se da dificuldade ou amparar os que sofriam a privação.

Lucas registrou que, por ter Jesus detectado nos apóstolos o sentimento de “querer livrar-se do problema”, disse-lhes: “Dai-lhes vós de comer” (Lc 9:13). Justamente o que eles não queriam fazer, por ignorar como, afinal só possuíam alguns pães e peixes. Uma inesquecível lição foi ensinada por Jesus naquele momento:

Diante da multidão fatigada e faminta, Jesus recomenda aos apóstolos: — “Dai-lhes vós de comer”. A observação do Mestre é importante, quando realmente poderia Ele induzi-los a recriminar a multidão pela imprudência de uma jornada exaustiva até o monte, sem a garantia do farnel. O Mestre desejou, porém, gravar no espírito dos aprendizes a consagração deles ao serviço popular. Ensinou que aos cooperadores do Evangelho, perante a turba necessitada, compete tão somente um dever — o da prestação de auxílio desinteressado e fraternal. Naquela hora do ensinamento inesquecível, a fome era naturalmente do corpo, vencido de cansaço, mas, ainda e sempre, vemos a multidão carecente de amparo, dominada pela fome de luz e de harmonia, vergastada pelos invisíveis azorragues da discórdia e da incompreensão. Os colaboradores de Jesus são chamados, não a obscurecê-la com o pessimismo, não a perturbá-la com a indisciplina ou a imobilizá-la com o desânimo, mas sim a nutri-la de esclarecimento e paz, fortaleza moral e sublime esperança.¹¹

Com sua autoridade, o Mestre veio abrir o entendimento dos seres quanto às realidades que norteiam o crescimento espiritual. Ensinou que todo processo renovador sublima-se nos fundamentos do amor e da caridade, perfeitamente identificáveis nos textos em estudo. Afiançava Jesus, quanto à multidão, que não queria “despedi-la em jejum”, para que não desfalecesse pelo caminho. O amor é, sem dúvida,

o substancioso alimento das almas. Erguido no alicerce da realização efetiva e consciente, identifica necessidades e peculiaridades a cada criatura humana, em processo de auxílio continuado do Senhor junto do semelhante.

Assim, quando informado sobre a escassa provisão de alimentos, a primeira providência do Mestre foi manter a situação sob controle, com equilíbrio, daí afirmar: “Fazei-os assentar, em grupos de cinquenta em cinquenta” (Lc 9:14), ou, “mandou à multidão que se assentasse” (Mt 15:35). É importante que a ordem e a harmonia sejam preservadas, principalmente quando surge a dificuldade. Emmanuel interpreta com lucidez essas orientações de Jesus, tendo como base não os dois textos evangélicos citados neste Roteiro, mas o de JOÃO, 6:1-14:

Esta passagem do Evangelho de João é das mais significativas. Verifica-se quando a multidão de quase cinco mil pessoas tem necessidade de pão, no isolamento da natureza. Os discípulos estão preocupados. Filipe afirma que duzentos dinheiros não bastarão para atender à dificuldade imprevista. André conduz ao Mestre um jovem que trazia consigo cinco pães de cevada e dois peixes. Todos discutem. Jesus, entretanto, recebe a migalha sem descrever de sua preciosa significação e manda que todos se assentem, pede que haja ordem, que se faça harmonia. E distribuí o recurso com todos, maravilhosamente. A grandeza da lição é profunda. Os homens esfomeados de paz reclamam a assistência do Cristo. Falam nele, suplicam-lhe socorro, aguardam-lhe as manifestações. Não conseguem, todavia, estabelecer a ordem em si mesmos, para a recepção dos recursos celestes. Misturam Jesus com as suas imprecações, suas ansiedades loucas e seus desejos criminosos. Naturalmente se desesperam, cada vez mais desorientados, porquanto não querem ouvir o convite à calma, não se assentam para que se faça a ordem, persistindo em manter o próprio desequilíbrio.¹⁰

É de fundamental importância, contudo, analisar que a preocupação dos apóstolos era justa. É natural admitir que ante “[...] o quadro da legião de famintos, qualquer homem experimentaria invencível desânimo, considerando a migalha de cinco pães e dois peixes. Mas Jesus emprega o imenso poder da bondade e consegue alimentar a todos, sobejamente”.¹⁴

O texto de Mateus assinala, por outro lado, a seguinte indagação de Jesus: “Quantos pães tendes?”. Então, os apóstolos respondem: “Sete e uns poucos peixinhos”

Observemos que o Senhor, diante da multidão faminta, não pergunta aos companheiros: “De quantos pães necessitamos?” mas, sim, “Quantos pães tendes?”. A passagem denota a precaução de Jesus no sentido de alertar os discípulos para a necessidade de algo apresentar à Providência divina como base para o socorro que suplicamos. Em verdade, o Mestre conseguiu alimentar milhares de pessoas, mas não prescindiu das migalhas que os apóstolos lhe ofereciam.¹³

“Quantos pães tendes?” é indagação que traz implicações de ordem espiritual.

A pergunta denuncia a necessidade de algum concurso para o serviço da multiplicação. Conta-nos o evangelista Marcos que os companheiros apresentaram-lhe sete pãezinhos, dos quais se alimentaram mais de quatro mil pessoas, sobrando apreciável quantidade. Teria o Mestre conseguido tanto se não pudesse contar com recurso algum? A imagem compele-nos a meditar quanto ao impositivo de nossa cooperação, para que o celeste benfeitor nos felicite com os seus dons de vida abundante. [...] — Que tendes? Infinita é a Bondade de Deus, todavia, algo deve surgir de nosso “eu”, em nosso favor. Em qualquer terreno de nossas realizações para a Vida mais alta, apresentemos a Jesus algumas reduzidas migalhas de esforço próprio e estejamos convictos de que o Senhor fará o resto.¹²

3. Interpretação dos textos evangélicos: segunda parte

3.1 Texto de Lucas: primeira multiplicação

- » *E assim o fizeram, fazendo-os assentar a todos. E, tomando os cinco pães e os dois peixes e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão. E comeram todos e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços (Lc 9:15-17).*

3.2 Texto de Mateus: segunda multiplicação

- » *E, tomando os sete pães e os peixes e dando graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos, à multidão. E todos comeram e se saciaram, e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços. Ora, os que tinham comido eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E, tendo despedido a multidão, entrou no barco e dirigiu-se ao território de Magdala (Mt 15:36-39).*

Allan Kardec considera a possibilidade de ter Jesus eliminado a sensação de fome, não por materialização de pães e peixes, mas pela irradiação de suas energias magnéticas sobre a multidão.

Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada há, pois, de espantar em que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que Ele exercia sobre os que o cercavam, elas não tenham experimentado a necessidade material de comer. [...] Desse modo, a par do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico, natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, poderosa bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa, ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que tem de ser considerada como alegoria.⁴

Essa teoria tem razão de ser, uma vez que as energias magnéticas exercem poderoso efeito, bons ou maus, conforme a natureza da emissão fluídica e as intenções do operador. Em relação a Jesus, esse efeito é inimaginável, pois o Mestre sabia (e sabe) conjugar, entre si, profundo amor ao semelhante e inigualável conhecimento das leis que regem a produção dos fenômenos espirituais e materiais.

O Espiritismo ensina que os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, “[...] empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem.”¹ Esta ação produz efeitos materiais, em decorrência das transformações ocorridas nas propriedades da matéria, como acontece nas curas, aparições e materializações de Espíritos, transporte de objetos etc.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera. [...] Por análogo efeito, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar. [...] Para o Espírito, que é, também ele, fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais, como o eram, no estado material, para o homem vivo [reencarnado]; mas, pela razão de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugitiva quanto a deste.²

Não podemos esquecer, contudo que, em outras oportunidades, Jesus agiu sobre as propriedades da matéria, modificando-a, tal como aconteceu na transformação de água e vinho, na bodas de Caná (Jo 2;1-12). Cairbar Schutel, assim como André Luiz,¹⁵ defendem a ideia de materialização de pães e peixes, da mesma forma que Espíritos e objetos são materializados, até porque, sobraram cestos contendo pedaços desses alimentos.

A “panificação do trigo”, sob as ordens e direção de Jesus Cristo, no deserto, não pode deixar de obedecer à lei da materialização dos corpos, tenham eles a natureza que tiverem, sejam de carne, de massa, de pedra. O fenômeno da materialização tem como complemento o da desmaterialização, e se assenta justamente num princípio positivo proclamado pela ciência materialista, que é a existência, no Universo, da força e da matéria: *força e matéria são os princípios constitutivos do Universo*. Mas como está mais que provado que a força e matéria não podem por si sós produzir fenômenos inteligentes, e todo efeito inteligente deve forçosamente ter uma causa inteligente, o Espiritismo vem demonstrar a existência de inteligências livres e individualizadas que presidem à direção da força e manipulam a matéria em suas múltiplas manifestações objetivas.⁶

Cairbar considera também que de “[...] duas naturezas eram os pães que Jesus ofertou à multidão que, pressurosa, seguia seus passos: o pão para o corpo e o pão para a alma, o pão que sacia a fome do Espírito”.⁷ Não, nenhuma dúvida a esse respeito, pois, como esclarece Kardec, Jesus estava “[...] empenhado em fazer que seus ouvintes compreendessem o verdadeiro sentido do alimento espiritual. [...] Esse alimento é a sua palavra, pão que desceu do céu e dá vida ao mundo”.⁵

Jesus é o despenseiro divino. Compadeceu-se da Humanidade que marchava na aridez da matéria, e franqueou-lhe a despensa celeste, onde há pão espiritual para todas as almas famintas, luz para clarear todas as trevas, consolo para todas as aflições, esperanças para todos os desalentados. Jesus multiplica incessantemente sua palavra, de modo que nunca deixará de faltar as multidões que acorrem a Ele, e sempre sobrarão para os que vierem depois.⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 14, p. 322.

2. _____. _____. p. 322-323.
3. _____. _____. Cap. 15, item 48, p.386.
4. _____. _____. p. 386-387.
5. _____. _____. Item 51, p. 389.
6. CAIRBAR, Schutel. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. Cap. 12 (As multiplicações dos pães), p. 92-93.
7. _____. _____. p. 96.
8. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. 14 (A morte de João Batista), item: A primeira multiplicação dos pães, p. 143.
9. _____. _____. Cap. 15 (A tradição dos antigos), item: A segunda multiplicação dos pães, p. 152.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 25 (Tende calma), p. 65-66.
11. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.131 (No campo social), p. 325-326.
12. _____. _____. Cap. 133 (Que tendes?), p.329-330.
13. _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Uberaba: CEC, 2005. Cap. 9 (Socorro e concurso), p. 31.
14. _____. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 91 (Migalha e multidão), p. 205.
15. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 26 (Jesus e mediunidade), item: Efeitos físicos, p. 202.

Orientações ao monitor

Pedir à turma que leia os subsídios deste Roteiro mais uma vez, anotando pontos considerados importantes. Em seguida, promover ampla discussão a respeito da interpretação espírita, relativa aos textos de Lucas e Mateus que tratam da multiplicação dos pães e dos peixes.

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 3

JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS

Objetivos

- » Fornecer a explicação espírita para o fenômeno de Jesus andar sobre as águas.
- » Analisar as implicações espirituais do feito.

Ideias principais

- » *Jesus, embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água, com uma forma tangível, estando alhures o seu corpo.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XV, item 42.
- » Jesus produziu muitos fenômenos, considerados milagres. Hoje, porém, tais prodígios são plenamente explicados pelo Espiritismo, revelando que não aconteceu nenhuma derrogação das leis naturais. Assim, [...] *no campo da fenomenologia física ou metapsíquica objetiva, identificamo-lo em plena levitação, caminhando sobre as águas [...]*. André Luiz: *Mecanismos da mediunidade*. Cap. 26, item: Divina mediunidade – Efeitos físicos.

Subsídios

1. Texto evangélico

E logo ordenou Jesus que os seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante, para a outra banda, enquanto despedia a multidão. E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só. E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário. Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, caminhando por cima do mar. E os discípulos, vendo-o caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram, com medo. Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou eu; não temais. E respondeu-lhe Pedro e disse: Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas. E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste? E, quando subiram para o barco, acalmou o vento. (MATEUS, 14:22-32.)

Dois fenômenos se destacam no texto, ambos considerados milagrosos: Jesus caminhar sobre as águas e acalmar o vento. Em relação ao primeiro, pode-se pensar em duas hipóteses:

- » Jesus andou em Espírito sobre as águas, enquanto o seu corpo dormia, fora do barco, no local onde fora orar.
- » Jesus levitou sobre as águas.

Acalmar ventos e tempestades não representava dificuldade para o Mestre, que tinha controle sobre os elementos materiais e espirituais do Planeta que governa.

O texto evangélico traz também lições relativas ao auxílio e à fé.

2. Interpretação do texto evangélico

- » *E logo ordenou Jesus que os seus discípulos entrassem no barco e fossem adiante, para a outra banda, enquanto despedia a multidão. E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar à parte. E, chegada já a tarde, estava ali só. E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário. Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, caminhando por cima do mar. E os discípulos, vendo-o*

caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram, com medo (Mt 14:22-26).

Allan Kardec considera viáveis as duas possibilidades: aparição e levitação.

Jesus, embora estivesse vivo pôde aparecer sobre a água, com uma forma tangível, estando alhures o seu corpo. É a hipótese mais provável. Fácil é mesmo descobrir-se na narrativa alguns sinais característicos das aparições tangíveis. Por outro lado, também pode ter sucedido que seu corpo fosse sustentado e neutralizada a sua gravidade pela mesma força fluídica que mantém no espaço uma mesa, sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.¹

Vamos considerar, primeiramente, que o surgimento do Cristo, junto aos apóstolos, no momento em que o barco era açoitado pelas ondas, como uma aparição tangível. Tais aparições se assemelham muito às materializações de Espíritos, diferindo, entretanto, destas, por serem mais fluídicas ou vaporosas. A Ciência costuma classificá-las como alucinações.

Os que não admitem o mundo incorpóreo e invisível julgam tudo explicar com a palavra *alucinação*. Toda gente conhece a definição desta palavra. Ela exprime o erro, a ilusão de uma pessoa que julga ter percepções que realmente não tem. Origina-se do latim *hallucinari*, errar, que vem de *ad lucem*. Mas, que saibamos, os sábios ainda não apresentaram a razão fisiológica desse fato.⁴

Na linguagem comum, as aparições são, genericamente, denominadas “fantasmas”.

As aparições propriamente ditas se dão quando o vidente se acha em estado de vigília e no gozo da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Apresentam-se, em geral, sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes vaga e imprecisa. A princípio é, quase sempre, uma claridade esbranquiçada, cujos contornos pouco a pouco se vão desenhando. Doutras vezes, as formas se mostram nitidamente acentuadas, distinguindo-se os menores traços da fisionomia, a ponto de se tornar possível fazer-se da aparição uma descrição completa. [...] Podendo tomar todas as aparências, o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível, se tal é o seu desejo. [...] Coisa interessante é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos acentuadas são os membros inferiores, enquanto que a cabeça, o tronco, os braços e as mãos são sempre claramente desenhados. Daí vem que quase nunca são vistos a andar, mas a deslizar

como sombras. [...] Os Espíritos superiores têm uma figura bela, nobre e serena; os mais inferiores denotam alguma coisa de feroz e bestial [...].³

Materializações e aparições são fenômenos mediúnicos diversos, raramente confundíveis.

Materialização é o fenômeno pelo qual os Espíritos se corporificam, tornando-se visíveis a quantos estiverem no local das sessões. Não é preciso ser médium para ver o Espírito materializado. Materializando-se, incorporando-se, pode o Espírito ser visto, sentido e tocado. Podemos abraçá-lo, sentir-lhe o calor da temperatura, ouvir-lhe as pulsações do coração e com ele conversar naturalmente. Aparição é o fenômeno pelo qual o Espírito é visto apenas por quem tiver vidência. A materialização é um fenômeno objetivo e a aparição é um fenômeno subjetivo.⁵

A aparição do Cristo pode também ser considerada como uma levitação. Nesta situação, imaginamos que o Cristo, percebendo, à distância, o perigo que os apóstolos enfrentavam, dentro de um barco no mar da Galileia — forma usual de referir-se ao lago de Genesaré ou de Tiberíades — se deslocou até onde eles se encontravam, levitando ou volitando.

Levitação é o fenômeno pelo qual pessoas, animais ou coisas erguem-se do solo, elevando-se no ar, a pequenas ou consideráveis alturas, com eventuais deslocamentos, sem evidente causa física. Há casos em que a pessoa ou o objeto levantado vai até o teto ou paira sobre as copas das árvores ou sobre a crista de montes. [...] Não só a literatura espírita, mas também a Bíblia e o próprio Hagiológico da Igreja Católica narram casos de médiuns, de profetas e de santos que se elevaram no ar, ou levitaram em ambientes fechados, templos e ao ar livre.⁶

Kardec explica que quando alguém ou um objeto “[...] é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o tome, empurre e suspenda, como o faríamos com a mão. O Espírito o *satura*, por assim dizer, do seu fluido, combinando com o do médium [...]”² Dessa forma, cria uma substância (força ou energia) intermediária e própria para a realização dos fenômenos de levitação.

É difícil discernir se o fenômeno foi de levitação ou de simples aparição. Há quem considere como aparição, pelo fato de os discípulos terem afirmado: “É um fantasma” (versículo 26). Por outro lado, os estudiosos que defendem a hipótese da levitação, afirmam que Jesus entrou no barco e lá permaneceu com os apóstolos, como informa o texto que se segue.

» *Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou eu; não temais. E respondeu-lhe Pedro e disse: Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por*

cima das águas. E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste? E, quando subiram para o barco, acalmou o vento (Mt 14:27-32).

É natural que os discípulos se assustassem com o surgimento inesperado do Cristo, ainda mais deslizando sobre as águas, mesmo que tivessem presenciado inúmeros prodígios realizados por Jesus. Tiveram medo e pensaram, no primeiro momento, que era um fantasma cuja aparência lembrava o seu Mestre. Foi por esse motivo que Pedro disse: “Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas”. E o Senhor responde, prontamente: “Vem”.

A dúvida é um sentimento atroz, que nos lança numa situação de conflito íntimo. Neste sentido, afirmava o apóstolo Tiago em sua epístola: “[...] porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte” (Tg 1:6).

A dúvida, no plano externo, pode auxiliar a experimentação, nesse ou naquele setor do progresso material, mas a hesitação no mundo íntimo é o dissolvente de nossas melhores energias. Quem duvida de si próprio, perturba o auxílio divino em si mesmo. Ninguém pode ajudar àquele que se desajuda.¹⁰

Confiado e desconfiado, Pedro atendeu, de certa forma, à solicitação do Mestre de ir até ele, andando sobre as águas. Entretanto, a dúvida foi maior que a confiança, por isso ele começou a afundar nas águas do lago de Genesaré. É possível que lhe tenha faltado fé, não no Mestre, mas em si próprio.

E façamos dentro de nós o silêncio preciso, emudecendo qualquer indisciplina mental. Sintonizemos o coração em ponto certo, ou, melhor, liguemos o pensamento para a Infinita sabedoria, tendo o cuidado imprescindível para que a estática de nossas paixões e sensações não interfira com a recepção da bênção que nos advirá da divina Bondade.¹¹

Os versículos 29, 30 e 31, indicam que Pedro não conseguiu manter-se sobre as águas, afundando: “E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste?” Tal apontamento fornece inequívocas lições que devem ser refletidas mais profundamente:

A tempestade estabelecera a perturbação no ânimo dos discípulos mais fortes. Desorientados, ante a fúria dos elementos, socorrem-se de Jesus, em altos brados. Atende-os o Mestre, mas pergunta depois: — *Onde está a vossa fé?* O quadro sugere ponderações de vasto alcance. A interrogação de Jesus indica claramente a necessidade de manutenção da confiança, quando tudo parece obscuro e perdido. Em tais circunstâncias, surge a ocasião da fé, no tempo que lhe é próprio. Se há ensejo para trabalho e descanso, plantio e colheita, revelar-se-á igualmente a confiança na hora adequada. Ninguém exercitará otimismo, quando todas as situações se conjugam para o bem-estar. É difícil demonstrar amizade nos momentos felizes. Aguardem os discípulos, naturalmente, oportunidades de luta maior, em que necessitarão aplicar mais extensa e intensivamente os ensinamentos do Senhor. Sem isso, seria impossível aferir valores. Na atualidade dolorosa, inúmeros companheiros invocam a cooperação direta do Cristo. E o socorro vem sempre, porque é infinita a misericórdia celestial, mas, vencida a dificuldade, esperem a indagação: — *Onde está a vossa fé?* E outros obstáculos sobrevirão, até que o discípulo aprenda a dominar-se, a educar-se e a vencer, serenamente, com as lições recebidas.⁸

Importa destacar o cuidado e o amor do Cristo, auxiliando os discípulos em dois momentos específicos, citados no texto em estudo. Primeiro quando percebeu a agitação das águas: “E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas, porque o vento era contrário. Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, caminhando por cima do mar” (Mt 14:24-25). Segundo quando evitou que Pedro se afogasse: “E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me. E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Homem de pequena fé, por que duvidaste?” (Mt 14:29-31) Na verdade, o Mestre está sempre presente quando precisamos do seu auxílio. É bom não esquecer.

Na localização histórica do Cristo, impressiona-nos a realidade de sua imensa afeição pela Humanidade.

Pelos homens, fez tudo o que era possível em renúncia e dedicação.

Seus atos foram celebrados em assembleias de confraternização e de amor. [...] Era amigo fiel dos necessitados que se socorriam de suas virtudes imortais. Pelas lições evangélicas, nota-se-lhe o esforço para ser entendido em sua infinita capacidade de amar. A última ceia representa uma paisagem completa de afetividade integral. Lava os pés aos discípulos, ora pela felicidade de cada um...⁹

O registro de Mateus encerra-se com esta anotação: “E, quando subiram para o barco, acalmou o vento” (Mt 14:32). Considerando a prodigiosa personalidade do Cristo, o seu conhecimento sobre as coisas da “terra e do céu”, é natural que Ele acalmasse ventos, tempestades e outros fenômenos da Natureza, com ou sem o auxílio de Espíritos que agiam como seus colaboradores. O que permanece, o que deve marcar o nosso Espírito, não são os seus atos exteriores, mas as suas lições sublimes, uma vez que “Jesus foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua bondade infinita”.⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15, item 42, p. 382.
2. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 4, item. 77, p. 103.
3. _____. _____. Cap. 6, item 102, p. 146 -147.
4. _____. _____. Item 111, p.153.
5. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 42 (Materialização-I), p. 216.
6. NÁUFEL, José. *Do abc ao infinito*. Espiritismo experimental. 13. Vol. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. 16 (Levitação), p. 146.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica de natal*. Por diversos Espíritos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 66 (Jesus – texto de Emmanuel), p. 183.
8. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.40 (Tempo de confiança), p. 95-96.
9. _____. _____. Cap. 86 (Jesus e os amigos), p. 187.
10. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 165 (Não duvides), p. 401.
11. _____. *Segue-me*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. Matão: 1992. Item: Confiaremos, p. 83-84.

Orientações ao monitor

Realizar breve exposição introdutória do assunto, destacando pontos relevantes. Em seguida, organizar a turma em dois grupos: um deverá defender o ponto de vista de que Jesus andou sobre as águas por meio de levitação; o outro grupo defenderá a ideia de aparição. Em ambas as defesas, os participantes justificam as ideias tendo como base os conteúdos espíritas desenvolvidos neste Roteiro. Ao final, fazer a integração do assunto debatido.

APRENDENDO COM FATOS EXTRAORDINÁRIOS

Roteiro 4

A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Objetivos

- » Explicar o fenômeno de transfiguração, à luz da Doutrina Espírita.
- » Analisar as implicações espirituais do fato.

Ideias principais

- » Nas transfigurações ocorrem modificações nas propriedades do perispírito, que se refletem no corpo físico. *O fenômeno resulta, portanto, de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispírita, que se produz sobre o próprio corpo do vivo [reencarnado] e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XIV, item 39.
- » A transfiguração [...] *é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo [...].* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XV, item 44.

Subsídios

1. Texto evangélico

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte.

E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias. E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o. E os discípulos, ouvindo isso, caíram sobre seu rosto e tiveram grande medo. E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos e não tendes medo. E, erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus. E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos. (MATEUS, 17:1-9.)

A transfiguração do Cristo é uma das mais belas cenas narradas no Evangelho que, segundo a tradição, aconteceu quarenta dias antes de sua crucificação. É fenômeno claramente explicado pela Doutrina Espírita, tendo como base as alterações ocorridas nas propriedades do perispírito, as quais se refletem no corpo físico, automaticamente.

Podendo o Espírito operar transformações na contextura do seu envoltório perispíritico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluídica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. Pode a imagem real do corpo apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, assumir outra aparência; ou, então, vistos através da camada fluídica modificada, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do terra a terra, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, pode a expressão de um semblante feio tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.¹

Além do registro de Mateus, citado neste Roteiro, ela é também relatada por MARCOS, 9:2-8, por LUCAS, 9:28-36 e por PEDRO, 1:16-18. Os textos dos evangelistas Mateus e Marcos acrescentam uma informação importante: o anúncio da ressurreição do Cristo.

Nos evangelhos sinópticos o evento teria tido lugar cerca de uma semana depois da confissão de Pedro sobre o caráter messiânico de Jesus; Ele escolheu os seus três discípulos mais íntimos, Pedro, Tiago [Maior] e João, e levou-os a um monte [...] Ali passou por uma transformação

(e não por uma simples mutação de aspecto), e as suas vestes brilharam com resplendor celestial. Então Moisés e Elias apareceram e falavam com Ele, quando Pedro sugeriu que fizesse três tendas para as três personagens. Foi nessa ocasião que se fez ouvir uma voz de uma nuvem, declarando a filiação de Cristo e a sua autoridade, após o que cessou a visão. [...] A transfiguração assinala um importante estágio na revelação de Jesus como o Cristo e Filho de Deus.⁹

Há divergências históricas quanto ao monte em que ocorreu a transfiguração.

Alguns estudiosos acreditam que tenha sido no monte Hermom, outros, como os espíritas, no monte Tabor. Hermom é uma montanha com 2.800 metros de altura, a mais alta dos arredores da Palestina, situada na serra do Antilíbano. É mais conhecido como monte Siom.⁷ Tabor é um monte de cerca de 562 metros de altura, situado na planície de Jezreel.⁸

Desde o séc. IV d.C., e talvez mais cedo ainda, a tradição tem sustentado que o monte Tabor foi a cena da transfiguração do Senhor Jesus. Isso não é muito provável, especialmente em vista do fato que nos dias do N.T. [Novo Testamento] havia uma aldeia em seu cume.⁸

O dicionário fornece três significados para verbo *transfigurar*, que se aplicam ao conceito espírita: “Fazer mudar ou mudar de figura, feição ou caráter [...]; fazer passar ou passar de um estado ou condição a outro; converter(-se), transformar(-se).”¹¹

O fenômeno [da transfiguração] resulta [...] de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritica, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o serem, geralmente, perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.²

É importante não se fixar apenas no fenômeno, de beleza insuperável, mas, sobretudo, nas lições espirituais que o subsidiam: a autoridade espiritual do Cristo, o entendimento de ser Ele o Messias aguardado, a ideia da sobrevivência do espírito e da reencarnação, os fenômenos mediúnicos etc.

Tomada em seu sentido simbólico, a transfiguração significa que as provas materiais, quando cumpridas de conformidade com as leis divinas, transfiguram o Espírito, tornando-o puro e luminoso.¹⁴

2. Interpretação do texto evangélico

- » *Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte. E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz (Mt 17:1-2).*

Verificamos, mais uma vez, a presença dos três apóstolos Pedro, João e Tiago, seu irmão. É possível que, entre os demais colegas do colégio apostolar, tenham sido poderosos médiuns de efeitos físicos, doadores incomuns de energias magnéticas. Eles se encontram presentes nos mais importantes acontecimentos relatados no Evangelho, a ponto de Paulo denominá-los “colunas da comunidade” (Gl 2:9).

É importante considerar que as transfigurações podem ser classificadas como de natureza mediúnica — se um Espírito imprime no médium mudanças fisionômicas — ou de natureza anímica, como aconteceu com o Cristo. Trata-se de um fenômeno que revela o nível evolutivo do Espírito, encarnado ou desencarnado. As transfigurações “[...] refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito”.²

A transfiguração de Jesus demonstra a grandiosidade do seu Espírito: “e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz” (Mt 17:2).

As transfigurações são consideradas variedades das manifestações visuais; fazem parte dos fenômenos naturais, nada apresentando de excepcionais, no sentido de milagrosos, quando se conhece as leis que regem as suas ocorrências.⁵

“A transfiguração, em certos casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, ao ponto de tornar quase irreconhecível a pessoa.”⁶

De qualquer forma, independentemente de ser o efeito de origem mediúnica ou anímica, sabe-se que a transformação da aparência está fundamentada nas alterações perispirituais. Para melhor entender o fenômeno, admitamos os seguintes princípios:

Que [...] o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva [reencarnada], isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação dos fluidos.⁶

Na situação de uma pessoa reencarnada, seu perispírito não se encontra livre, mas preso ao corpo físico. Nestas condições, por ação do próprio encarnado (fenômeno anímico) ou de um Espírito comunicante (fenômeno mediúnic), o perispírito é envolvido por energias irradiantes, uma espécie de “vapor fluídico”, denso e tangível, que se deposita sobre e ao redor do corpo físico, escondendo-o ou tornando-o invisível, momentaneamente. O corpo físico fica como que mergulhado numa bruma.⁶

Poderá então o perispírito mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se tal for a vontade do Espírito e se este dispuser de poder para tanto. Um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de fluidos, imprimir a aparência que lhe é própria, de tal sorte, que o corpo real desapareça sob um envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho fenômeno e raro, cumpra se diga, da transfiguração.⁶

Com o Cristo o fenômeno se revela sublime. A “[...] pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor”³

De todas faculdades que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da Humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, Ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos.⁴

- » *E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. E Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, façamos aqui três tabernáculos, um para ti, um para Moisés e um para Elias (Mt 17:3-4).*

A comprovação da imortalidade do Espírito, sobrevivente à morte do corpo físico, está evidente nessa citação do Evangelho.

Várias escolas religiosas, defendendo talvez determinados interesses do sacerdócio, asseguram que o Evangelho não apresenta bases ao movimento de intercâmbio entre os homens e os Espíritos desencarnados que os precederam na jornada do mais Além... [...] Aliás, em diversas circunstâncias encontramos o Cristo em contato com almas perturbadas ou perversas, aliviando os padecimentos de infortunados perseguidos. Todavia, a mentalidade dogmática encontrou aí a manifestação de Satanás, inimigo eterno e insaciável. Aqui, porém, trata-se de sublime acontecimento no Tabor. Não vemos qualquer demonstração diabólica e, sim, dois espíritos gloriosos em conversação íntima com o Salvador. E não podemos situar o fenômeno em associação de generalidades, porquanto os “amigos do outro mundo”, que falaram com Jesus sobre o monte, foram devidamente identificados. Não se registrou o fato, declarando-se, por exemplo, que se tratava da visita de um anjo, mas de Moisés e do companheiro, dando-se a entender claramente que os “mortos” voltam de sua nova vida.¹⁷

A materialização de Moisés e Elias tem razão de ser: os dois Espíritos traziam a garantia da amizade e fidelidade ao seu orientador maior, sobretudo por se tratar do momento em que se aproximava a crucificação. Neste encontro sublime, o Mestre radiante, na plenitude do seu Espírito, imprime continuidade à Lei e aos profetas. Vemos, assim, que Elias permanece ligado a Moisés na Antiga Aliança, da qual um é o legislador e, o outro, o grande profeta que a manteve intacta. A presença de ambos no Tabor é para testemunhar que a missão do Cristo renova e faz coroamento da Antiga Aliança.

Quanto à percepção da presença de Moisés e de Elias, por parte dos apóstolos, pode ser catalogada como vidência mediúnica ou como materialização espiritual, que independe da faculdade de ver Espíritos. O fenômeno foi, entretanto, muito nítido, a ponto de Pedro pedir ao Senhor para construir um tabernáculo ou tenda, citada em outras versões. Fala, pois, mais a favor de uma materialização dos dois emissários do povo hebreu.

O exuberante fenômeno mediúnico, que trouxera de além da morte os ilustres líderes da raça, Moisés e Elias, deveria ficar ignorado pelas massas, que não o podiam compreender. Somente as pessoas preparadas emocional e psiquicamente dispunham da percepção necessária para

entender que, ali, Moisés revogava a *proibição de se falar com os mortos*, vindo, ele próprio, demonstrar a possibilidade, ora tornada real.¹⁰

A lição da ressurreição também estava sendo transmitida. Assim, quando Jesus fosse crucificado, esses apóstolos “[...] recordariam da cena da transfiguração e não perderiam a fé”.¹²

Foi tão real a materialização dos dois profetas ao lado de Jesus, que Pedro pede permissão para levantar os tabernáculos, um para cada um. Esta ideia foi afastada não só pela impossibilidade de executá-la, como também porque Jesus quer que seu tabernáculo seja o nosso próprio coração, purificado pela fiel observância de seus ensinamentos.¹³

- » *E, estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu. E da nuvem saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; escutai-o. E os discípulos, ouvindo isso, caíram sobre seu rosto e tiveram grande medo. E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos e não tendes medo. E, erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus. E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos (Mt 17:5-9).*

Mais um efeito físico acontece no alto do monte, onde se encontravam reunidos Jesus, três apóstolos e dois Espíritos desencarnados: o fenômeno de voz direta, vinda do interior de uma nuvem luminosa, também materializada. “A voz que ouviram era um hino de glória, que os Espíritos superiores entoavam em louvor do Mestre.”¹⁴

Conta-nos o Evangelho a formosa história de uma nuvem. Encontravam-se os discípulos deslumbrados com a visão de Jesus transfigurado, tendo junto de si Moisés e Elias, aureolados de intensa luz. Eis, porém, que uma grande sombra comparece. Não mais distinguem o maravilhoso quadro. Todavia, do manto de névoa espessa, clama a voz poderosa da revelação divina: “*Este é o meu amado Filho, a ele ouvi!*”. Manifestava-se a palavra do Céu, na sombra temporária. A existência terrestre, efetivamente, impõe angústias inquietantes e aflições amargas. É conveniente, contudo, que as criaturas guardem serenidade e confiança, nos momentos difíceis. As penas e os dissabores da luta planetária contêm esclarecimentos profundos, lições ocultas, apelos grandiosos. A voz sábia e amorosa de Deus fala sempre através deles.¹⁶

Terminado o episódio, e as lições espirituais apreendidas, Jesus e os seus dedicados discípulos retornam às atividades cotidianas. O Mestre, porém, faz-lhes significativa advertência: “A ninguém conteis a visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos” (Mt 17:9).

Jesus pedia a seus discípulos que guardassem sigilo, por causa da incompreensão dos homens da época, os quais ainda não estavam preparados para compreenderem tudo quanto Jesus fazia ou ensinava. Era preciso que o tempo lhes fosse aumentando o cabedal de conhecimentos espirituais, a fim de aprenderem o significado das palavras e dos atos de Jesus. Caso os discípulos espalhassem certas particularidades que o Mestre lhes mostrava, possivelmente surgiriam dúvidas, confusão e mesmo até o descrédito de sua missão.¹⁵

Na conclusão deste Roteiro e do Curso Ensinos e Parábolas de Jesus, repetimos com Emmanuel:

Todas as expressões do Evangelho possuem uma significação divina e, no Tabor, contemplamos a grande lição de que o homem deve viver a sua existência, no mundo, sabendo que pertence ao Céu, por sua sagrada origem, sendo indispensável, desse modo, que se desmaterialize, a todos os instantes, para que se desenvolva em amor e sabedoria, na sagrada exteriorização da virtude celeste, cujos germes lhe dormitam no coração.¹⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 14, item 39, p. 341-342.
2. _____. _____. p. 342.
3. _____. _____. Cap. 15, item 44, p. 383-384.
4. _____. _____. p. 384.
5. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, cap. 7, item 114, p. 159.
6. _____. _____. Item 123, p. 168.
7. DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 585.
8. _____. _____. p. 1293.
9. _____. _____. p. 1352.
10. FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 1. ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1993. Cap. 23 (O Tabor e a imortalidade), p. 131.

11. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2750.
12. RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes*. 15. ed. São Paulo: Pensamento, 2003. Cap. 17 (A transfiguração), p. 160.
13. _____. _____. p. 160-161.
14. _____. _____. p. 161.
15. _____. _____. p. 161-162.
16. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 32 (Nuvens), p. 79-80.
17. _____. _____. Cap. 67 (Os vivos do além), p. 149-150.
18. _____. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 310, p. 180-181.

Orientações ao monitor

Conduzir o estudo na forma de seminário ou painel, previamente combinado com os participantes. Se possível, convidar alguém de fora do grupo, para ser um dos responsáveis pelo seminário ou painel. Destacar, ao final, as implicações espirituais envolvidas na transfiguração do Cristo.



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery - Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho - Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Ana Luisa de Jesus Miranda
Lígia Dib Carneiro

Capa:

Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Luciano Carneiro de Holanda

Diagramação:

Luisa Jannuzzi Fonseca

Foto de Capa:

<http://www.istockphoto.com/kamisoka>

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com tiragem de 1,1 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 140x205 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 11,5/14,5 e os títulos em Zurich Cn BT 14/16,8. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*

Livro
IV

Estudo aprofundado da Doutrina Espírita

Espiritismo, o Consolador Prometido por Jesus



ESTUDO APROFUNDADO DA
DOUTRINA ESPÍRITA

ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Livro IV
Espiritismo, o Consolador Prometido por Jesus

organizadora
Marta Antunes de Oliveira de Moura



Copyright © 2013 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 6ª impressão – 1,5 mil exemplares – 8/2019

ISBN 978-85-7328-773-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

Estudo aprofundado da doutrina espírita: espiritismo, o consolador prometido por Jesus. / Marta Antunes de Oliveira de Moura (organizadora). – 1. ed. – 6. imp. – Brasília: FEB, 2019.

V. 4; 316 p.; 25 cm.

Inclui referências

ISBN 978-85-7328-773-8

1. Espiritismo. 2. Estudo e ensino. 3. Educação. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.04.00

SUMÁRIO

Apresentação	7
Esclarecimentos.....	9
Módulo I – Esperanças e consolações	15
Roteiro 1 – O cristo consolador	15
Roteiro 2 – A providência divina.....	25
Roteiro 3 – Assistência espiritual.....	37
Roteiro 4 – A felicidade atual e futura.....	49
Módulo II – A morte e seus mistérios.....	63
Roteiro 1 – O temor da morte.....	63
Roteiro 2 – Mortes prematuras	75
Roteiro 3 – A continuidade da vida.....	87
Roteiro 4 – O espírito imortal	99
Módulo III – Os vícios e as virtudes	113
Roteiro 1 – O bem e o mal.....	113
Roteiro 2 – Os vícios e as paixões	123
Roteiro 3 – Sofrimentos humanos: origem e causas.....	137
Roteiro 4 – Necessidade de transformação moral.....	147
Roteiro 5 – O poder transformador da prece.....	157
Roteiro 6 – Virtudes: conceito e classificação.....	167
Roteiro 7 – Conquista e desenvolvimento de virtudes.....	181
Roteiro 8 – As virtudes segundo o espiritismo	193

Módulo IV – A humanidade regenerada	207
Roteiro 1 – A lei divina e a lei humana	207
Roteiro 2 – Amor a Deus e ao próximo	219
Roteiro 3 – Fora da caridade não há salvação	231
Roteiro 4 – A família: célula fundamental da organização social.....	241
Roteiro 5 – A transição evolutiva da Humanidade.....	251
Roteiro 6 – Amor e evolução	263
Roteiro 7 – O homem de bem	271
Roteiro 8 – Os bons espíritos	279
Roteiro 9 – A humanidade regenerada	291
Roteiro 10 – Os obreiros do Senhor	301

APRESENTAÇÃO

Disponibilizamos aos confrades do Movimento Espírita o quarto livro do Curso Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, denominado: *Espiritismo, o Consolador Prometido por Jesus*.

Os três livros anteriores apresentam conteúdos que permitem ao estudioso uma visão sistêmica e espírita relacionada:

- » à formação religiosa da humanidade (Livro IV - Cristianismo e Espiritismo), destacando-se a excelência dos ensinamentos cristãos, consubstanciados no Evangelho de Jesus;
- » aos principais Ensinamentos e Parábolas de Jesus (Livros IV e III), cujas interpretações utilizam a chave oferecida pela Doutrina Espírita, assim sintetizada nestas palavras de Emmanuel: “Jesus, a porta; Kardec, a chave”;

Os temas inseridos neste novo livro fazem relação com os estudos anteriores (Livros I, II e III) e com o próximo, que completa a série: *Filosofia e Ciência Espíritas*. Contudo, o objetivo principal deste Livro, em particular, e do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, em geral é:

“O excelso Benfeitor, acima de tudo, espera de nossa vida o coração, o caráter, a conduta, a atitude, o exemplo e o serviço pessoal incessante, únicos recursos com que poderemos garantir eficiência de nossa cooperação, em companhia dele, na edificação do reino de Deus”.

Brasília-DF, 08 de junho de 2010.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 4. ed. Uberaba: CEC, 1973. Cap. 2 (O mestre e o apóstolo — mensagem de Emmanuel), p. 25.

** Id. *Ave, Cristo!* Pelo Espírito Emmanuel. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução, p. 9.

ESCLARECIMENTOS

Organização e Objetivos do Curso

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) é um curso que tem como proposta enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, estudado de forma geral nos cursos de formação básica, usuais na Casa Espírita.

O estudo teórico da Doutrina Espírita desenvolvido no EADE está fundamentado nas obras da Codificação e nas complementares a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente, por Jesus e por Allan Kardec.

Os conteúdos do EADE priorizam o conhecimento espírita e destacam a relevância da formação moral do ser humano. Contudo, sempre que necessário, tais orientações são comparadas a conhecimentos universais, filosóficos, científicos e tecnológicos, presentes na cultura e na civilização da humanidade, com o intuito de demonstrar a relevância e a atualidade da Doutrina Espírita.

Os objetivos do Curso podem ser resumidos em dois, assim especificados:

- » Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico;
- » Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano.

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita tem como público-alvo todos os espíritas que gostem de estudar, que desejem prosseguir nos seus estudos doutrinários básicos, realizando aprofundamentos de temas que conduzam à reflexão, moral e intelectual.

Neste sentido, o Curso é constituído por uma série de cinco tipos de conteúdos, assim especificados:

- » Livro IV: Cristianismo e Espiritismo
- » Livro IV: Ensinos e Parábolas de Jesus -Parte 1
- » Livro IV: Ensinos e Parábolas de Jesus -Parte 2
- » Livro IV: Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus
- » Livro V: Filosofia e Ciência Espíritas

FUNDAMENTOS ESPÍRITAS DO CURSO

- » A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. [...] O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, do seu passado e do seu futuro [...]. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. I, item 56.
- » [...] O Espiritismo é forte porque assenta sobre as próprias bases da religião: Deus, a alma, as penas e as recompensas futuras; [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 5.
- » [...] O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas conseqüências morais que triunfará, pois aí está a sua força, pois aí é invulnerável [...]. Allan Kardec: *Revista Espírita*, 1861, novembro, p. 359.
- » [...] Mais uma vez, [o Espiritismo] é uma filosofia que repousa sobre as bases fundamentais de toda religião e sobre a moral do Cristo [...]. Allan Kardec: *Revista Espírita*, 1862, maio, p.121.
- » [...] Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob forma alegórica. E, juntamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 8.

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais: a Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo de nobres investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a

renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual. Emmanuel: *O consolador*. Definição, p. 19-20.

- » A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução, item 17.
- » Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais [...]. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. [...] Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade [...]. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apóiam no nada. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 6.
- » O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Allan Kardec: *O que é o espiritismo*. Preâmbulo.
- » O Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus [...]. Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, juntamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 8.

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, dos princípios e da filosofia que delas decorrem e a aplicação desses princípios. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 7.

Sugestão de Funcionamento do Curso

a) Requisitos de admissão: os participantes inscritos devem ter concluído cursos básicos e regulares da Doutrina Espírita, como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ou ter conhecimento das obras codificadas por Allan Kardec.

b) Duração das reuniões de estudo: sugere-se o desenvolvimento de uma reunião semanal, de 1 h 30 min a 2 h.

c) Atividade extraclasse: é de fundamental importância que os participantes façam leitura prévia dos temas que serão estudados em cada reunião e, também, realizem pesquisas bibliográficas a fim de que o estudo, as análises, as correlações e reflexões, desenvolvidas no Curso, propiciem melhor entendimento dos conteúdos.

EADE LIVRO IV | MÓDULO I

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Roteiro 1

O CRISTO CONSOLADOR

Objetivos

- » Explicar o significado da expressão espírita: O Cristo Consolador.
- » Esclarecer por que o Espiritismo é o consolador prometido por Jesus.

Ideias principais

- » O Cristo Consolador é feliz expressão utilizada por Allan Kardec para indicar que todas [...] *as misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens [...]*. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. VI, item 2.
- » A expressão tem como referência estes ensinamentos de Jesus: *Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve.* (Mateus, 11:28-30. *Bíblia de Jerusalém*).
- » O Espiritismo é entendido como sendo o consolador prometido por Jesus porque [...] *chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. [...] O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem*

alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. VI, item 4.

Subsídios

A ideia de Deus, presente na humanidade desde os tempos remotos, é identificada nas práticas de adoração do politeísmo e do monoteísmo nascente. No politeísmo, os rituais de adoração eram caracterizados por práticas devocionais, algumas simples, como a oferta de alimentos, frutos da terra e flores, às divindades; outras, de feição bárbara e desumana tinham como princípio o sacrifício de animais e ou de pessoas.

Com o monoteísmo, ocorreu paulatino abandono dos rituais primitivos, indicando que alguma transformação ocorreu no íntimo do ser humano, a princípio de forma tímida, pois o ser ainda sentia necessidade de adorar a Deus de forma figurada — representada nas diferentes manifestações da idolatria — antes que pudesse alcançar a compreensão de adorar a Deus, em Espírito e Verdade, como ensina o Espiritismo.

As práticas devocionais de adoração, primitivas e idólatras, apresentavam uma característica comum: o temor a Deus. Nasceu, daí, a necessidade da construção de nichos de adoração, coletivos e particulares, associados ou não à prática de sacrifícios, como tentativas de “agradar” ou “acalmar” a divindade.

Com o advento do Cristianismo, porém, Jesus revela Deus, o Criador supremo, como Pai, amoroso e misericordioso, que não exige dos crentes manifestações externas de devoção. Essa ideia, diametralmente oposta ao “deus dos exércitos”, que determina a morte, o sofrimento e a destruição dos próprios filhos, provocou muitos conflitos e entrechoques de opiniões entre os judeus e, mesmo entre os primeiros cristãos.

Neste sentido, esclarece Emmanuel¹

[...] O Cristianismo, inaugurando um novo ciclo de progresso espiritual, renovou as concepções de Deus no seio das ideias religiosas;

todavia, após a sua propagação, várias foram as interpretações escriturísticas, dando azo a que as facções sectaristas tentassem, isoladamente, ser as suas únicas representantes; a Igreja Católica e as numerosas seitas protestantes, nascidas do ambiente por ela formado, têm levado longe a luta religiosa, esquecidas de que a Providência divina é Amor. Estabeleceram com a sua acanhada hermenêutica os dogmas de fé, nutrindo-se das fortunas iníquas a que se referem os Evangelhos, prejudicando os necessitados e os infelizes.

Sob o império da lei de progresso, porém, o homem é impulsionado a ascender planos mais elevados, a rever as suas concepções religiosas, a entender o significado de sua existência e qual é a sua destinação espiritual. Com o advento do Cristo Consolador, a humanidade caminha em outra direção, buscando Deus dentro de si, para mais tarde, com o Espiritismo, transformar-se em colaborador de Deus. Neste sentido, vemos que

[...] O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. [...].²

1. O Cristo Consolador

Importa considerar que

[...] Jesus não foi um filósofo nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas. Enviado de Deus, ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.³

Tais ideias são condizentes com outras existentes em *O livro dos espíritos*, questão 625, em que os Orientadores da Codificação Espírita

informam ser Jesus o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo. Sendo assim, ainda que não tenhamos noção exata da dimensão espiritual de Jesus, da sua missão e do que ele representa para a humanidade terrestre, é necessário, como medida de prudência e de fé, seguir as orientações e esclarecimentos prestados pelo próprio Jesus e pelos benfeitores espirituais a respeito do Mestre, ao longo dos séculos.

Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. É por isso que se encontra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. [...] Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical do que as reduzindo a esta única prescrição: “Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e acrescentando: aí estão toda a lei e os profetas. Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota”, Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, isto é, praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e conseqüências. [...].⁴

No capítulo sexto de *O evangelho segundo o espiritismo*, intitulado *O Cristo Consolador*, Allan Kardec discorre sobre a importância de aceitarmos o jugo do Cristo, e, a necessidade de envidarmos todos os esforços para entender e praticar a sua mensagem imortal. Esclarece também que este entendimento pode ser realizado por meio dos ensinamentos espíritas, uma vez que o Espiritismo é o consolador prometido, pois Jesus “[...] é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a humanidade avance.”²

Em outro momento, afirma o Codificador:²

São chegados os tempos em que as ideias morais hão de desenvolver-se, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Porém, não se deve acreditar que esse desenvolvimento se faça sem lutas. Não, aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, e eles se dedicarão a uma

ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. [...].

2. O jugo do Cristo

Em geral, a mensagem cristã é aceita e admirada no mundo inteiro. Raros são os povos, sobretudo os do Ocidente, que não reconhecem o elevado teor moral do Evangelho. Entretanto, este fato está longe de os fazer submissos ao jugo do Cristo e de colocar em prática os seus ensinamentos. Aliás, é preciso entender o verdadeiro sentido da expressão “jugo do Cristo”. Significa o auxílio concedido pelo Senhor para nos conduzir ao caminho da verdadeira liberdade e felicidade. Não se refere a uma imposição ou subjugação, como erroneamente foi interpretada no passado, diametralmente oposta ao sentido destes ensinamentos de Jesus: *Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve. (Mateus, 11:28-30. Bíblia de Jerusalém).*

Desta forma,

Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram sua consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele, ao contrário, que nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança vem amenizar o seu amargor. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim todos vós que estais fatigados, que eu vos aliviarei”. Entretanto, Jesus estabelece uma condição para a sua assistência e a felicidade que promete aos aflitos. Essa condição está na lei por Ele ensinada. Seu jugo é a observância dessa lei; mas esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe, como dever, o amor e a caridade.⁵

Vemos, então, que é sempre de âmbito individual a decisão de transformar-se para melhor. Cada pessoa, com os recursos de que dispõe, onde e como viva, tem condições de renovar-se espiritualmente, libertando-se do círculo vicioso de erro e acerto, determinado pela lei de causa e efeito. É preciso trabalhar a vontade e empenhar-se no próprio esforço evolutivo.

O crente escuta o apelo do Mestre, anotando abençoadas consolações. [...] Todos ouvem as palavras do Cristo, as quais insistem para que a mente inquieta e o coração atormentado lhe procurem o regaço refrigerante... Contudo, se é fácil ouvir e repetir o “vinde a mim” do Senhor, quão difícil é “ir para Ele”! Aqui, as palavras do Mestre se deram por vitalizante bálsamo, entretanto, os laços da conveniência imediatista são demasiado fortes; além, assinala-se o convite divino, entre promessas de renovação para a jornada redentora, todavia, o cárcere do desânimo isola o espírito, através de grades resistentes; acolá, o chamamento do Alto ameniza as penas da alma desiludida, mas é quase impraticável a libertação dos impedimentos constituídos por pessoas e coisas, situações e interesses individuais, aparentemente inadiáveis. Jesus, o nosso Salvador, estende-nos os braços amoráveis e compassivos. Com ele, a vida enriquecer-se-á de valores imperecíveis e à sombra dos seus ensinamentos celestes seguiremos, pelo trabalho santificante, na direção da Pátria universal...⁶

Não há dúvidas de que o processo de melhoria espiritual é árduo, especialmente quando se aplica a Espíritos seriamente comprometidos com a Lei de Deus. Os recursos divinos, contudo, são inesgotáveis e, com eles, podemos imprimir nova direção à existência. As provações, neste aspecto, se revelam como oportunidade de aprendizado que, se bem aproveitadas, impulsionam o progresso individual e coletivo.

Por outro lado, é sempre bom ter em mente que o crescimento espiritual não acontece apenas pelas trilhas da dor, mas, também, pelo exercício do amor, como ensina o apóstolo Pedro, em sua primeira epístola: *Acima de tudo, cultivai, com todo ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados.* (I Pedro, 4:8. *Bíblia de Jerusalém*).

Nunca é demais, pois, nos manter atentos a estas orientações:

Através de numerosas reencarnações, temos sido cristãos sem Cristo. [...] Agora que a Doutrina Espírita no-lo revela por mentor claro e direto da alma, ensinando-nos a responsabilidade de viver, é imperioso saibamos dignificá-lo na própria consciência, acima de quaisquer demonstrações exteriores, procurando refleti-lo em nós mesmos. Entretanto, para que isso aconteça, é preciso, antes de tudo, matricular o raciocínio na escola da caridade, que será sempre a mestra sublime do coração.⁷

3. O consolador prometido por Jesus

Antes da crucificação, no momento da última ceia de Jesus com os apóstolos e discípulos, ele promete enviar outro consolador, denominando-o de Espírito de Verdade.

Este consolador só viria no futuro, quando a humanidade estivesse mais esclarecida. As seguintes palavras de Jesus expressam a sua promessa: *Se me amais observareis os meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito [Espírito de verdade, Espírito Santo], para que convosco permaneça para sempre, o Espírito de Verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco. Não vos deixarei órfãos. Eu virei a vós.* (João, 14:15-18. *Bíblia de Jerusalém*).

Por sua vez, acrescenta Kardec:⁸

O Espiritismo vem no tempo previsto cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei: ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas. Disse o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Em outras palavras, não basta lembrar os ensinamentos proferidos por Jesus, mas, entendê-los plenamente, sem as limitações da linguagem literal ou simbólica, comum dos textos evangélicos. O primeiro consolador é, obviamente, o próprio Evangelho. O outro, o consolador prometido, é o Espiritismo, assim entendido porque revive as lições evangélicas, na forma como Cristo ensinou, livres de dogmas e normas teológicas, e, também, por esclarecê-las, em Espírito e verdade.

Percebe-se, então, que

[...] o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio dar cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim no reino dos Céus; veio ensinar-lhes o caminho que conduz a esse

reino, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de presentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, a respeito de muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo Ele próprio declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos. Para apanhar o sentido oculto de certas palavras suas, era necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhe trouxessem a chave e essas ideias não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade.⁹

Contudo, para compreendermos integralmente a mensagem de Jesus, devemos aprender a decodificá-la. Precisamos de uma chave. Esta chave é a Doutrina Espírita: “Jesus, o Mestre. Kardec, o Professor. [...] Jesus, a porta. Kardec, a chave”,¹⁰ como afirma Emmanuel.

Assim, conclui Allan Kardec: “[...] o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra; um chamamento aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.”^{11,6}

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXVI, p. 182.
2. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. I, item 9, p. 63.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 283, p. 229-230.
4. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. I, item 3, p. 57-58.
5. _____. Cap. VI, item 2, p. 149-150.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 5, p. 25-26.
7. _____. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 9. ed. Uberaba: CEC, 1987. Cap. 14, p. 58-59.
8. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap VI, item 4, p. 151.
9. _____. Cap. I, item 4, p. 58.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 5. ed. Uberaba: CEC, 1982. Cap. 2, item 4, p. 23-25.
11. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap VI, item 4, p.151-152.

Orientações ao monitor

O monitor poderá iniciar a aula propondo um trabalho em duplas (técnica do cochicho). Em seguida, pedir aos participantes que façam uma análise interpretativa do significado da expressão “Cristo Consolador”, orientando-se pelo texto inserido em anexo (Ante o Cristo Consolador).

Realizar, então, comentários sobre o assunto, manifestados em plenária, ouvindo as explicações complementares do monitor.

Prosseguindo, dividir a turma em dois grupos com a finalidade de ler e destacar as ideias principais do item três do Roteiro (O Consolador prometido por Jesus). Após esta fase da atividade, um relator de cada grupo apresenta para os demais colegas uma síntese do estudo realizado.

O monitor faz o fechamento da reunião, reafirmando em breves palavras : a) o que significa a expressão Cristo Consolador; b) o que é o jugo do Cristo; c) e o significado de o consolador prometido por Jesus.

Anexo

Ante o Cristo Consolador*

Emmanuel

Nas consolações e tarefas do Espiritismo, é necessário que o coração vibre acordado em sintonia com o cérebro para que não venhamos a perder valiosas oportunidades no tempo.

Provarás a sobrevivência da alma, além da morte, através de testemunhos insofismáveis da experimentação; entretanto, que valor apresentará semelhante esforço, se não auxiliais o aperfeiçoamento moral do Espírito em peregrinação na carne?

* XAVIER, Francisco Cândido. *Escrínio de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Matão [SP]: O Clarim, 1973. Item: Ante o Cristo Consolador, p. 3-4.

Movimentarás equações filosóficas, anunciando à mente do povo os princípios da reencarnação; contudo, que adiantarão teus assertos, se não ofereces ao próximo os recursos indispensáveis à sublimação da vida interior?

Aproveitarás a mediunidade, distribuindo ideias novas e novas convicções, entre os homens sedentos de esperança, por intermédio da argumentação irretorquível; no entanto, de que te servirá o interesse fortuito, nas revelações graciosas, se não despertas a noção de responsabilidade naqueles que te observam e ouvem?...

Realizarás as melhores demonstrações científicas, positivando a vida consciente em outros mundos e em outras esferas de ação; todavia, de que valerá semelhante empreendimento se te não dispões a ajudar o pedaço de chão em que nasceste contribuindo de algum modo, na construção da Terra melhor?

É por isso que, quase sempre, Espiritismo sem Cristianismo é simples empresa intelectual, destinada a desaparecer no sorvedouro de caprichos da inteligência.

Não se entrelaçariam dois mundos diferentes para o simples trabalho da pesquisa ociosa ou do êxtase inoperante.

Não se abririam as portas do Grande Além para que o homem se infantilizasse na irresponsabilidade ou na inconsequência.

Cristo é o ponto de equilíbrio em nosso reencontro.

Espíritos desencarnados e encarnados, todos nos achamos em degraus diferentes da escada evolutiva.

Sem Jesus, estaríamos confinados à sombra de nós mesmos, e, sem a disciplina do Seu Evangelho de Luz e Amor, com todas as pompas de nossa fenomenologia convincente e brilhante não passaríamos de consciências extraviadas e inquietas a caminho do caos.

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Roteiro 2

A PROVIDÊNCIA DIVINA

Objetivos

- » Explicar como se manifesta a ação providencial de Deus.
- » Identificar os benefícios advindos da providência divina.

Ideias principais

- » Tendo como base o princípio de que a providência é a “solicitude de Deus para com as suas criaturas”, a ação providencial se manifesta porque [...] *Deus está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais insignificantes [...]. Allan Kardec: A gênese, cap. 2, item 20.*
- » O Espiritismo explica que [...] *quer o pensamento de Deus atue diretamente, quer por intermédio de um fluido, representemo-lo, para facilitar a nossa compreensão, sob a forma concreta de um fluido inteligente preenchendo o universo infinito, e penetrando todas as partes da Criação: a natureza inteira mergulhada no fluido divino. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à*

sua providência, à sua solicitude. Não haverá nenhum ser, por mais ínfimo que o suponhamos, que de algum modo não esteja saturado dele. Allan Kardec: *A gênese*, cap. 2, item 24.

Subsídios

Com o advento do Consolador prometido por Jesus, a compreensão a respeito da divindade ganha uma nova dimensão, visto que o Espiritismo vem nos revelar que a ação divina se manifesta por meio da aplicação de leis naturais e imutáveis, criadas por Deus. A ação do Criador na criação é o que chamamos de providência divina, conforme nos esclarece Kardec, em *A gênese*: “A providência é a solicitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte, tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mais mínimas. É nisto que consiste a ação providencial [...]”¹

Perante o simbolismo e poesia de Léon Dennis, a Providência divina: [...] “é o Espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero, cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga; é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida [...]”²

A respeito, assevera Emmanuel:³

São tão grandes as expressões da Misericórdia divina que nos cercam o espírito, em qualquer plano da vida, que basta um olhar à natureza física ou invisível, para sentirmos, em torno de nós, uma aluvião de graças. O favor divino, porém, como o homem pretende receber no seu antropomorfismo, não se observa no caminho da vida, pois Deus não pode assemelhar-se a um monarca humano, cheio de preferências pessoais ou subornado por motivos de ordem inferior. A alma, aqui ou alhures, receberá sempre de acordo com o trabalho da edificação de si mesma. É o próprio espírito que inventa o seu inferno ou cria as belezas do seu céu. E tal seja o seu procedimento, acelerando o processo de evolução pelo esforço próprio, poderá Deus dispensar na Lei, em seu favor, pois a Lei é uma só e Deus o seu Juiz supremo e eterno.

1. A ação da Providência divina

Para entender os mecanismos de ação da providência divina, é preciso ter alguma compreensão das leis que regem os fluidos, os tipos e frequências das vibrações energéticas, pois são estes elementos materiais que servem de veículo à manifestação da vontade do Criador e de todos os Espíritos, ainda que em escala bem reduzida. Assim, Kardec faz a seguinte reflexão:¹

“Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, intrometer-se em pormenores sem importância, preocupar-se com os menores atos da nossa vida e com os mais ínfimos pensamentos de cada indivíduo?” Tal a interrogação que o incrédulo dirige a si mesmo, concluindo por dizer que, admitida a existência de Deus, só se pode aceitar, quanto à sua ação, que ela se exerça sobre as leis gerais do universo; que o universo funcione de toda a eternidade, em virtude dessas leis, às quais toda criatura se acha submetida na esfera de suas atividades, sem que seja preciso a intervenção incessante da Providência.

Ainda que os fluidos e energias sirvam de manifestação da ação providencial, não são dotados de inteligência, por mais poderosos que sejam, mesmo em se tratando dos fluidos etéreos ou de vibrações sutilíssimas. Para melhor entender o assunto, o Codificador recorda como se expressam as propriedades do perispírito, já conhecidas pelos espíritas:

As propriedades do fluido perispiritico dão-nos disso uma ideia. Ele não é inteligente de si mesmo porque é matéria, mas serve de veículo ao pensamento, às sensações e percepções do Espírito. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento. Sendo ele quem o transmite, fica, de certo modo, impregnado do pensamento transmitido [...].⁴

Neste sentido, o fluido que serve de veículo à ação mental simula algum efeito inteligente (apenas simula!), uma vez que está impregnado de elementos inteligentes oriundos da mente emissora.

Seja ou não assim no que respeita ao pensamento de Deus, isto é, quer o pensamento de Deus atue diretamente, quer por intermédio de um fluido, representemo-lo, para facilitar a compreensão, sob a forma concreta

de um fluido inteligente preechendo o universo infinito e penetrando todas as partes da Criação: *a natureza inteira mergulhada no fluido divino*. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que ele, cada átomo desse fluido, se assim nos podemos exprimir, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade e estando o mesmo fluido em toda parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solícitude. Não haverá nenhum ser, por mais ínfimo que o suponhamos, que de algum modo não esteja saturado dele. Achemo-nos assim, constantemente, em presença da Divindade; não lhe podemos subtrair ao olhar nenhuma de nossas ações; o nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, havendo, pois, razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refulgos do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo. [...] ⁵

Fica, pois, evidente a forma como age a Providência divina, utiliza os elementos materiais (fluídicos e energéticos), existentes na natureza para se manifestar.

Para estender a sua solícitude a todas as criaturas, Deus não precisa lançar o olhar do Alto da imensidade. Para que as nossas preces sejam ouvidas, não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, porque, estando Deus continuamente ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente. ⁶

Essas explicações são tanto mais esclarecedoras quanto maior for o nosso entendimento a respeito de Deus. Se o entendimento que temos de Deus ainda é o de natureza antropomórfica, dificilmente iremos compreender como acontece a Providência divina. É preciso, por outro lado, agir com humildade e, também coragem para rever a concepção que, usualmente, temos de Deus, escapando das armadilhas das opiniões pessoais, dos dogmas fornecidos pelas religiões ou conclusões filosóficas apressadas, as quais se restringem, em geral, a meros palpites, destituídos de cunho filosófico ou embasamento religioso mais aprofundado.

No estado de inferioridade em que ainda se encontram, só com muita dificuldade podem os homens compreender que Deus seja infinito, visto que, sendo eles mesmos limitados e circunscritos, imaginam também que Deus seja circunscrito e limitado, figurando-o à imagem e semelhança deles. [...] Para a maioria, Ele é um soberano poderoso, sentado

num trono inacessível e perdido na imensidade dos céus. Como suas faculdades e percepções são limitadas, não compreendem que Deus possa ou se digne de intervir diretamente nas pequeninas coisas.⁷

Há, contudo, um fato concreto que não podemos ignorar: a Providência divina existe e somos dela beneficiários, cotidianamente, no plano físico e no espiritual. Eis o que Emmanuel tem a dizer:⁸

Seja onde for, recorda que Deus está sempre em nós e agindo por nós. Para assegurar-nos, quanto a isso, basta-nos-á a prática da oração, mesmo ligeira ou inarticulada, que desenvolverá em nós outros a convicção da presença divina, em todas as faixas da existência. Certamente, a prece não se fará seguida de demonstrações espetaculares, nem de transformações externas imprevistas. Pensa, todavia, no amparo de Deus e, em todos os episódios da estrada, senti-lo-ás contigo no silêncio do coração. Nos obstáculos de ordem material, esse apoio não te chegará na obtenção do dinheiro fácil que te solva os compromissos, mas na força para trabalhar a fim de que os recursos necessários te venham às mãos; nas horas de dúvida, não te virá em fórmulas verbais diretas que te anulem o livre arbítrio e sim na inspiração exata que te ajude a tomar as decisões indispensáveis à paz da própria consciência; nos momentos de inquietação, não surgirá em acontecimentos especiais que te afastem dos testemunhos de fé, mas percebê-los-ás contigo em forma de segurança e bom ânimo, na travessia da aflição; nos dias em que o mal te pareça derrotar a golpes de incompreensão ou de injúria, não se te expressará configurado em favores de exceção que te retirem dos ombros a carga das provas redentoras e sim na energia bendita da fé viva que te restaure a esperança, revestindo-te de coragem, a fim de que não esmoreças na rude jornada, em direção à vida nova. Seja qual for a dificuldade em que te vejas ou a provação que experimentes, recorda que Deus está contigo e nada te faltará, nos domínios do socorro e da bênção, para que atraveses todos os túneis de tribulação e de sombra, ao encontro da paz e a caminho da luz.

2. As bênçãos da Providência divina

O indivíduo materialista ou pouco espiritualizado ignora a ação providencial de Deus em sua vida; que só é percebida à medida em que ele aprende a se libertar das influências da vida material e

desenvolve aprendizado espiritual. No começo desse aprendizado, visualiza apenas os benefícios mais patentes: as boas condições do corpo físico, da inteligência, da vida em família, de acesso ao conhecimento, de sobrevivência material por meio de profissão digna, entre outros.

Mais tarde, tendo adquirido outros conhecimentos, que o eleva em termos espirituais, consegue identificar inúmeros outros benefícios que lhe abençoam a existência. Nessa fase da evolução, o Espírito realmente se renova: empenha-se no combate aos vícios e imperfeições que ainda possui, e se esforça no propósito de desenvolver virtudes.

Vemos, então, que a existência da Providência divina, e o seu consequente aproveitamento, acompanha o amadurecimento espiritual do ser humano:

Dá-se com os homens, em geral, o que se dá em particular com os indivíduos. As gerações têm sua infância, sua juventude e sua maturidade. Cada coisa deve vir a seu tempo; a semente lançada à terra, fora da estação, não germina.”⁹⁹

Esse é o principal motivo porque “[...] em sua previdente sabedoria, a Providência não revela as verdades senão gradualmente, sempre as desvenda à medida que a humanidade está amadurecida para recebê-las. [...]”⁹⁹

Os ensinamentos de Jesus que seguem fornecem maiores esclarecimentos a respeito da Providência divina.

Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração.

A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se teu olho estiver são, todo teu corpo ficará iluminado; mas se teu olho estiver doente todo teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas!

Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro.

Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer, nem com o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? Olhai as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros. E, no entanto, vosso Pai celeste as alimenta. Ora, não valeis vós mais do que elas? Quem dentre vós, com as suas preocupações, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida? E com a roupa, por que andais preocupados? Observai os lírios do campo, como crescem, e não trabalham e nem fiam. E, no entanto, eu vos asseguro que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje e amanhã será lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, homens fracos na fé? Por isso, não andeis preocupados, dizendo: Que iremos comer? Ou, que iremos beber? Ou, que iremos vestir? De fato, são os gentios que estão à procura de tudo isso: vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas essas coisas. Buscai, em primeiro lugar, o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal. (Mateus, 6:19-34. Bíblia de Jerusalém).

A Providência divina nos concede bens favoráveis ao nosso progresso intelectual e moral. Alguns destes bens são transitórios, úteis à vida no plano físico, durante a reencarnação. Outros são eternos, imprescindíveis à felicidade do Espírito, independentemente do plano de existência onde ele se encontre. A sabedoria está em sabermos utilizar os primeiros, sem nos escravizarmos a eles, mas priorizar a aquisição dos segundos.

Infelizmente, são características da imperfeição espiritual apreciarmos a aquisição de bens materiais, sempre de caráter transitórios, e as sensações que eles nos proporcionam, mesmo estando cientes que o acúmulo de bens materiais jamais poderá ser considerado processo de felicidade. Ao contrário, pode estimular o egoísmo e o orgulho, retardando o progresso individual.

Sendo assim, é importante destacarmos os principais ensinamentos presentes no texto evangélico, anteriormente citado (*Mateus, 6:19-34. Bíblia de Jerusalém*):

- » Aprender a acumular bens ou tesouros imperecíveis, imortais, não sujeitos à destruição por efeito dos elementos da natureza (“traça e

ferrugem”) ou que possam ser retirados (“roubados”). Esses tesouros são as virtudes e as conquistas intelectuais edificantes.

- » É preciso estar atentos à aquisição de valores imperecíveis ao Espírito, aprendendo a distinguir o supérfluo do necessário, o bom do ruim, o superior do inferior, educando a conduta, pois, onde está o “nosso tesouro aí estará o nosso coração”. O ser humano feliz conhece com clareza o significado dos verbos “ter” e “ser”.
- » Os olhos percebem o mundo, as pessoas e as coisas, mas só teremos luz espiritual se transformarmos os olhos em “candeias”, isto é, olhos que enxergam a vida verdadeira e os valores eternos que promovem a melhoria do Espírito. Combatendo as imperfeições ou “trevas” que existem em nosso íntimo, veremos o mundo e as pessoas sob nova ótica.
- » O homem espiritualizado conhece o valor relativo dos bens materiais e o peso que eles representam. Esforça-se, então, para dominar e não ser dominado pelas paixões inferiores. Conduz seu destino, discernindo o certo do errado e fazendo escolhas mais acertadas.
- » O ser espiritualizado, ou que já possui alguma evolução espiritual, esforça-se para levar uma vida mais simples, conduzindo-se com prudência ao longo do processo ascensional, evitando excessos de qualquer natureza: no vestir, no alimentar, na acumulação de bens, no desfrutamento de prazeres etc. Trabalha para ter o necessário à existência, não entorpecendo os sentidos com os excessos que a vida material oferece. Por este motivo, não se preocupa em demasia com o que beber, comer e vestir, sabendo que “a vida é mais do que o alimento” e o “corpo mais do que a vestimenta”, sobretudo porque, “se Deus veste a erva do campo com admirável beleza, que existe hoje e amanhã será lançada ao fogo, que não tecem nem fiam”, o que o Pai Celestial não fará em benefício dos seres inteligentes da sua Criação?
- » A inquietação sobre os dias futuros revela falta de fé na bondade e misericórdia divinas. Ser prudente é uma coisa. Ser inquieto ou estressado é outra, bem diferente. O homem angustiado está sempre aflito (e sempre doente: doente do espírito). O homem materialista é, notadamente, infeliz, pois desconhece o valor da fé, o poder da prece, não percebe o amparo que os benfeitores espirituais lhe endereçam. O Pai celestial sabe do que precisamos, efetivamente. E nos concederá as suas bênçãos, pois a felicidade faz parte da nossa destinação espiritual.

- » A condição única para alcançarmos a felicidade verdadeira é, primeiramente, “buscarmos o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais nos será concedido em acréscimo”. Enquanto não estivermos conscientes desta verdade, entraremos e sairemos das reencarnações em processo de sofrimento, sob o peso de expiações que parecem não ter fim. Enquanto não buscarmos o reino dos Céus e sua justiça (pela reparação dos erros cometidos), estaremos presos aos processos expiatórios determinados pela lei de causa e efeito. Esta é a realidade.
- » Praticando o bem, desenvolvendo virtudes e combatendo as imperfeições estaremos, por certo, edificando o reino de Deus em nós mesmos. Cada dia, na reencarnação, é único. Saibamos aproveitá-lo! Cada dia reflete uma oportunidade de crescimento espiritual, cujo aproveitamento depende da nossa vontade e do nosso esforço em superar os obstáculos do caminho. Cada dia é uma lição, que deve ser lida no livro da vida, analisada e assimilada para ser bem aproveitada como aprendizado. Assim, não devemos “nos inquietar com o dia de amanhã”, pois o dia de hoje é o que merece destaque e atenção, por ser o momento de vivenciar a lição que nos é reservada. O amanhã pertence a Deus e às consequências dos nossos atos. “Basta a cada dia o seu mal”!

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. II, item 20, p. 78.
2. DENIS, Léon. *Depois da morte*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Parte quarta. Cap. XL, p. 328.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 227, p. 185-186.
4. KARDEC, Allan. *A gênese*. Op. Cit. Cap. II, item 23, p.79-80.
5. _____. Item 24, p. 80-81.
6. _____. p. 81.
7. _____. Item 21, p. 79.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 5, p. 27-28.
9. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXIV, item 4, p. 429.

Orientações ao monitor

O monitor inicia a reunião com breve exposição do assunto a ser estudado, fornecendo uma visão panorâmica do conteúdo.

Em seguida, pede aos participantes que se organizem em três grupos, cabendo a cada um a tarefa de fazer leitura, seguida de troca de ideia, do texto em seguida especificado, que faz parte do Roteiro de Estudo.

Grupo 1: Ação da Providência divina. Grupo 2: As bênçãos da Providência divina. Grupo 3: Proteção de Deus.

O monitor realiza um amplo debate em torno das ideias desenvolvidas no Roteiro de Estudo, após ouvir o resumo apresentado pelo relator de cada grupo, e utiliza as ideias do texto inserido em anexo (Proteção de Deus) para encerrar o estudo.

Anexo

Proteção de Deus *

Emmanuel

Clamamos pela proteção de Deus, mas, não raro, admitimos que semelhante cobertura unicamente aparece nos dias de caminho claro e céu azul.

O amparo divino, porém, nos envolve e rodeia, em todos os climas da existência.

Urge reconhecê-los nos lances mais adversos.

Às vezes, o auxílio do Todo-Misericordioso tão somente se exprime através das doenças de longo curso ou das dificuldades materiais de extensa duração, preservando-nos contra quedas espirituais em viciação ou loucura.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 60, p. 221-223.

Noutros ângulos da experiência, manifesta-se pela cassação de certas oportunidades de serviço ou pela supressão de regalias determinadas que estejam funcionando para nós à feição de corredores para a morte prematura.

Proteção de Deus, por isso mesmo, é também o sonho que não se realiza, a esperança adiada, o ideal insatisfeito, a prova repentina ou o transe aflitivo que nos colhe de assalto.

Encontra-se no amor de nossos companheiros, na assistência de benfeitores abnegados, na dedicação dos amigos ou no carinho dos familiares, mas igualmente na crítica dos adversários, no tempo de solidão, na separação dos entes queridos ou nos dias cinzentos de angústia em que nuvens de lágrimas se nos represam nos olhos.

Isso ocorre porque a vida é aprimoramento incessante, até o dia da perfeição, e todos nós, com frequência, necessitamos do martelo do sofrimento e do esmeril do obstáculo para que se nos despoje o espírito dos envoltórios inferiores.

Pensa nisso e toda vez que te sacrifiques ou lutes, de consciência tranquila, ou toda vez que te aflijas e chores, sem a sombra da culpa, regozija-te e espera o melhor, porque a dor, tanto quanto a alegria, são recursos da proteção de Deus, impulsionando-te o coração para a luz das bênçãos eternas.

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Roteiro 3

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL

Objetivos

- » Citar e analisar o principal fundamento da assistência espiritual conduzida pelos Espíritos benfeitores.
- » Esclarecer como ocorre o atendimento espiritual na Casa Espírita.

Ideias principais

- » A assistência espiritual desenvolvida pelos Espíritos benfeitores tem como fundamento a seguinte passagem do Evangelho: *Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá. Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe pedem! (Mateus, 7:7-11. Bíblia de Jerusalém).*
- » Ação protetora dos Espíritos benfeitores ocorre sempre com o intuito de ajudar o seu tutelado a encontrar o caminho do bem, sem jamais tolher o seu livre arbítrio, pois o [...] *Espírito precisa de experiência para adiantar-se, experiência que, na maioria das vezes, deve ser adquirida à sua custa. É necessário que exercite suas forças, pois, do contrário,*

seria como uma criança a quem não permitem que ande sozinha. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 501.

- » A Casa Espírita deve apresentar condições favoráveis de esclarecimento doutrinário, de apoio moral e de conforto espiritual aos que lhes batem às portas, orientando-os fraternalmente como superar as próprias dificuldades, à luz das orientações do Evangelho e do Espiritismo.

Subsídios

A assistência espiritual, entendida como o conjunto de atividades organizadas de modo a proporcionar o reequilíbrio espiritual à coletividade que busca a Casa Espírita, pode ser classificada em dois tipos: a que é intermediada por benfeitores desencarnados, voluntariamente ou em atendimento a um pedido, e a realizada por pessoas encarnadas, vinculadas ou não a uma instituição benemerita. Ainda que a metodologia e as características de assistência apresentem diferenças na execução das ações, o objetivo deve se fundamentar sempre em um único propósito: auxiliar o próximo.

Os binômios auxílio-prestado e benefício-recebido são bem aproveitados quando o benfeitor respeita as características individuais do assistido, não lhe impõe condições para o recebimento do benefício, respeitando-lhe as manifestações do livre-arbítrio. Por outro lado, é fundamental que o assistido desenvolva o próprio esforço na superação dos desafios existenciais.

1. Os fundamentos da assistência espiritual

A assistência espiritual, segundo a orientação espírita, tem como fundamento principal estes ensinamentos de Jesus: *Pedi e vos será dado; buscai e achareis; batei e vos será aberto; pois todo o que pede recebe; o que busca acha e ao que bate se lhe abrirá. Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir pão? Ou lhe dará uma cobra, se este lhe pedir peixe? Ora, se vós que sois maus sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas aos que lhe perdem!* (Mateus, 11:28-30. Bíblia de Jerusalém).

Ao analisar essa passagem evangélica, Kardec apresenta a seguinte argumentação: “Do ponto de vista terreno a máxima *Buscai e*

achareis é semelhante a esta outra. *Ajuda-te, que o céu te ajudará*. É o princípio da lei do trabalho e, por conseguinte, da *lei do progresso*, pois o progresso é filho do trabalho, visto que o trabalho põe em ação as forças da inteligência.”¹

Enfatiza também que:

Se Deus houvesse dispensado o homem do trabalho do corpo, seus membros se teriam atrofiado; se o tivesse dispensado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. É por isso que Ele fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: *Busca e acharás; trabalha e produzirás*. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás o mérito delas e serás recompensado de acordo com o que hajas feito.²

Compreende-se, então, por que o necessitado deve cooperar, fazer a parte que lhe cabe sempre que solicita auxílio a alguém. Jamais deve entregar-se ao jogo das circunstâncias, revoltar-se ou sucumbir-se às provações, condições que lhe agravam o sofrimento. É preciso não confundir submissão às provas da vida com resignação. A primeira produz alienação, quando não conduz ao desespero. A segunda é sempre ativa por se encontrar alicerçada na fé.

Há inúmeros fatores envolvidos no processo de assistência espiritual, os quais podem ser assim considerados, sem nenhuma pretensão de ter esgotado o assunto:

- » A assistência espiritual deve favorecer o crescimento individual
- » Os Espíritos benfeitores esclarecidos jamais estimulam a inércia, a preguiça ou a indolência em seus tutelados. [...] “Não, os Espíritos não vêm dispensar o homem da lei do trabalho, mas mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: anda e chegarás. Encontrarás pedras sob os teus passos; olha e tira-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar.”³
- » A assistência espiritual envolve compromisso moral

Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus [“Buscai e achareis”. “Batei à porta e ela vos será aberta”] significam: pedi a luz que deve iluminar o vosso caminho e ela vos será dada; pedi forças para resistirdes ao mal e a tereis; pedi a assistência dos Espíritos bons e

eles virão acompanhar-vos e vos servirão de guia, tal como o anjo de Tobias; pedi bons conselhos e eles jamais vos serão recusados; batei à nossa porta: ela se abrirá para vós; mas, pedi sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentai-vos com humildade e não com arrogância, sem o que sereis abandonados às vossas próprias forças e caireis, como justo castigo do vosso orgulho.⁴

» O auxílio espiritual não comporta ostentação de qualquer natureza

Jesus pronuncia, a respeito, um alerta que deve ser objeto de reflexão:

Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles. Do contrário, não recebereis recompensa junto ao vosso Pai que está nos céus. Por isso, quando deres esmola, não te ponhas a trombetear em público, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, com o propósito de ser glorificados pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa. Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz tua direita, para que tua esmola fique em segredo; e o teu Pai, que vê, te recompensará. (Mateus, 6:1-4. Bíblia de Jerusalém).

Em complementação, analisa Kardec:

Há grande mérito em fazer o bem sem ostentação; ocultar a mão que dá é ainda mais meritório; constitui sinal incontestável de grande superioridade moral, porque, para encarar as coisas de mais alto do que o faz o vulgo, é preciso fazer abstração da vida presente e se identificar com a vida futura; numa palavra, é necessário colocar-se acima da humanidade, para renunciar à satisfação que resulta do testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que prefere o sufrágio dos homens ao sufrágio divino, prova que tem mais fé nos homens do que em Deus e que dá mais valor à vida presente do que à vida futura, ou mesmo que não crê na vida futura. Se diz o contrário, age como se não acreditasse no que diz.⁵

» O legítimo amparo espiritual não aguarda retribuição

[...] Quantos há que só dão na expectativa de que o que recebe irá bradar por toda a parte o benefício recebido! que, publicamente, dariam grandes somas e que, às ocultas, não dariam uma única moeda! Foi

por isso que Jesus declarou: “Os que fazem o bem com ostentação já receberam a sua recompensa”.⁶

» A assistência espiritual não impõe condições de auxílio

Qual será, então, a recompensa daquele que faz pesar os seus benefícios sobre aquele que os recebe, que lhe impõe, de certo modo, testemunhos de reconhecimento, que lhe faz sentir a sua posição, exaltando o preço dos sacrifícios a que se impõe para beneficiá-lo? [...] O bem que praticou não resulta em nenhum proveito para ele, pois que o deplora, e todo benefício deplorado é moeda falsa e sem valor.⁷

» O amparo espiritual não deve ser divulgado

A beneficência praticada sem ostentação tem duplo mérito. Além de ser caridade material, é caridade moral, visto que resguarda a suscetibilidade do beneficiado, faz-lhe aceitar o benefício sem que seu amor-próprio se ressinta e salvaguardando-lhe a dignidade de homem, porque aceitar um serviço é coisa bem diversa de receber uma esmola. Ora, converter o serviço em esmola, pela maneira de prestá-lo, é humilhar o que o recebe, e há sempre orgulho e maldade em humilhar os outros. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa em dissimular o benefício, em evitar até as simples aparências capazes de melindrar, já que todo atrito moral aumenta o sofrimento que se origina da necessidade. Ela sabe encontrar palavras brandas e afáveis que colocam o beneficiado à vontade em presença do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. A verdadeira generosidade torna-se sublime quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de figurar como beneficiado diante daquele a quem presta serviço. Eis o que significam estas palavras: “Não saiba a mão esquerda o que dá a direita”.⁸

2. Os benfeitores espirituais

São Espíritos devotados ao bem que demonstram sincera alegria em auxiliar o próximo. Fazem parte de diferentes grupos, de acordo com a escala espírita que consta de *O livro dos espíritos*, sendo que alguns possuem qualidades morais e intelectuais superiores. Há três categorias principais: Anjos da guarda, Espíritos protetores, familiares ou simpáticos.

2.1. Anjo da guarda ou guardião espiritual

O Espírito guardião é sempre de ordem elevada. A missão do guardião é semelhante a [...] “de um pai em relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas aflições e sustentar sua coragem nas provas da vida.”⁹ O guardião acompanha o tutelado durante toda a reencarnação, do [...] “nascimento até a morte. Muitas vezes ele o segue após a morte, na vida espiritual, e mesmo através muitas existências corporais” [...].¹⁰ A ação protetora do Espírito guardião, porém, raramente se manifesta de forma ostensiva, a fim de não impedir a livre manifestação da vontade do protegido.

Se contásseis com o amparo deles, não agiríeis por vós mesmos e o vosso Espírito não progrediria. O Espírito precisa de experiência para adiantar-se, experiência que, na maioria das vezes, deve ser adquirida à sua custa. É necessário que exercite suas forças, pois, do contrário, seria como uma criança a quem não permitem que ande sozinha. A ação dos Espíritos que vos querem bem é sempre regulada de maneira a não tolher o vosso livre-arbítrio, visto que, se não tivésseis responsabilidade, não avançaríeis no caminho que vos há de conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se entrega às suas próprias forças; seu guia, entretanto, vela por ele e, de vez em quando, em alto e bom som, o adverte do perigo.¹¹

2.2. Espíritos simpáticos

São protetores que, em geral, desempenham missões temporárias junto aos seus assistidos. Aproximam-se destes em razão de afinidades ou similitude de gostos. Apesar das boas intenções reveladas, a ação dos Espíritos simpáticos nem sempre alcança o êxito desejado, pois o protetor ou o protegido podem ainda estar presos a certas imperfeições humanas.

Os Espíritos simpáticos são os que se sentem atraídos para nós por afeições particulares e por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos, tanto para o bem quanto para o mal. A duração de suas relações se acha quase sempre subordinada às circunstâncias. [...].¹²

2.3. Espíritos familiares

Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, a fim de lhes serem úteis, dentro dos limites do poder

de que dispõem, quase sempre muito restrito. São bons, mas às vezes pouco adiantados e mesmo um tanto levianos. Ocupam-se de boa vontade com as particularidades da vida íntima e só atuam por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores. [...].¹²

Emmanuel orienta que conduta deve ser seguida perante o auxílio transmitido pelos benfeitores espirituais:

Confiemos nos benfeitores e nas bênçãos que nos enriquecem os dias, sem, no entanto, esquecer as próprias obrigações, no aproveitamento do amparo que nos ofertam. Pais abnegados da Terra, que nos propiciam o ensejo da reencarnação, por muito se façam servidores de nossa felicidade, não nos retiram da experiência de que somos carecedores. Mestres que nos arrancam às sombras da ignorância, por muito carinho nos dediquem, não nos isentam do aprendizado. Amigos que nos reconfortam na travessia dos momentos amargos, por mais nos estimem, não nos carregam a luta íntima. Cientistas que nos refazem as forças, nos dias de enfermidade, por mais nos amem, não usam por nós a medicação que as circunstâncias nos aconselham. Instrutores da alma que nos orientam a viagem de elevação, por muito nos protejam, não nos suprimem o suor da subida moral. [...].²¹

3. A assistência espiritual na Casa Espírita

Trata-se de [...] “um conjunto de atividades que visa a atender, adequadamente, as pessoas que buscam e frequentam o Centro Espírita visando a obter esclarecimento, orientação, ajuda e assistência espiritual e moral”.¹³

O atendimento espiritual na Casa Espírita tem como finalidade precípua: “Acolher as pessoas, por meio de ações fraternas e continuadas, de conformidade com os princípios do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, oferecendo aos que frequentam o Centro Espírita — em especial aos que o procuram pela primeira vez — o apoio, o esclarecimento, a consolação e o amparo de que necessitam para vencer as suas dificuldades”.¹⁴

O trabalho engloba, em geral, as seguintes atividades:

Recepção: “consiste em receber os que chegam ao Centro Espírita, de forma fraterna e solidária, conforme orienta o Evangelho à luz da Doutrina Espírita”.¹⁵

Atendimento fraterno pelo diálogo: [...] “consiste em receber fraternalmente aquele que busca o Centro Espírita, dando-lhe a oportunidade de expor, livremente e em caráter privativo e sigiloso, suas dificuldades e necessidades”.¹⁶

Explicação do Evangelho: “é uma reunião pública para a explicação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, de maneira programada e com uma sequência de trabalho previamente estabelecida”.¹⁷

Atendimento pelo passe: “o passe, à luz da Doutrina Espírita, é uma transmissão de energias fluídicas de uma pessoa — conhecida como médium passista — para outra pessoa que as recebe, em clima de prece, com a assistência dos Espíritos superiores”.¹⁸

Irradiação: “é uma reunião privativa de vibração em conjunto para irradiar energias de paz, de amor e de harmonia, inspiradas na prática do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, em favor de encarnados e desencarnados carentes de atendimento espiritual”.¹⁹

Evangelho no lar: “é uma reunião semanal da família, em dia e hora previamente estabelecidos, para o estudo do Evangelho à luz da Doutrina Espírita e a oração em conjunto”.²⁰

À medida que o ser humano aperfeiçoa, fortalece-lhe a vontade de fazer o bem, de ser útil, de alguma forma, aos que sofrem. A Casa Espírita conta com o trabalho desses trabalhadores, que persistem no propósito de reduzir a carga de sofrimento que pesa sobre os ombros de seus irmãos em humanidade. Em geral, são colaboradores anônimos, mas não menos devotados, os quais, com o passar do tempo, se transformam em instrumentos dóceis e sinceros dos benfeitores espirituais.

Neste contexto, aconselha Emmanuel:²²

Se já acordaste para o conhecimento superior, caminhas à frente com a função de guiar. Convence-te de que quanto mais se te amplie o aperfeiçoamento íntimo, mais dilatado o número dos olhos e dos ouvidos que te procuram ver e escutar, de vez que todos aqueles que se afinam contigo, em subalternidade espiritual, passam, mecanicamente, à condição de aprendizes que te observam. Não te descuides, pois, do amparo aos que te acompanham no educandário da vida, entendendo-se que existem quedas de pensamento determinando

lamentáveis acidentes de espírito. Em toda a situação, seleciona palavras e atitudes que possam efetivamente ajudar. Ante as falhas alheias, não procedas irrefletidamente, censurando ou aprovando isso ou aquilo, sem análise justa, a pretexto de assegurar a harmonia, mas define-te com bondade, providenciando corretivos aconselháveis, sem alarde e sem aspereza. Se aparece a necessidade de advertência ou repreensão, já que toda escola respeitável reclama disciplina, oferece o próprio exemplo no dever retamente cumprido, antes de falar, e, falando, escolhe, tanto quanto seja possível, lugar, tempo e maneira, segundo os comprometimentos havidos na causa do bem comum. [...]Administra, onde estiveres, o auxílio espiritual com a alavanca do próprio equilíbrio. Vigilância sem violência. Calma sem preguiça. Consolo sem mentira. Verdade sem drama. Se já sabes o que deves fazer, no plano da alma, trazes o coração chamado a instruir, e um professor verdadeiro, enxergando mais longe, não apenas informa e ensina, mas também socorre e vela.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXV, item 2, p. 439.
2. _____. Item 3, p. 440-441.
3. _____. Item 4, p. 441.
4. _____. Item 5, p. 441-442.
5. _____. Cap. XIII, item 3, p. 256.
6. _____. p. 257.
7. _____. p. 257-258.
8. _____. p. 258.
9. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Parte segunda. Cap. IX, questão 491, p. 335.
10. _____. Questão 492, p. 335.
11. _____. Questão 501, p. 340.
12. _____. Questão 514, 345.
13. Federação Espírita Brasileira, Conselho Federativo Nacional. *Orientação ao centro espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. III, p. 31.
14. _____. Cap. III, p. 32.
15. _____. Cap. III-a, p. 33.

16. _____. Cap. III-b, p. 35.
17. _____. Cap. III-c, p. 39.
18. _____. Cap. III-d, p. 43.
19. _____. Cap. III-e, p. 47.
20. _____. Cap. III-f, p. 49.
21. XAVIER, Francisco Cândido. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 4 (Benfeitores e bênçãos, mensagem de Emmanuel), p. 33-34.
22. _____. Cap. 34 (Amparo Espiritual – mensagem de Emmanuel), p. 198-200.

Orientações ao monitor

Pedir aos participantes que façam leitura silenciosa do texto *Seja Voluntário*, de Cairbar Schutel, inserido no anexo deste Roteiro de Estudo.

Trocar opiniões a respeito das ideias desenvolvidas no texto lido. Ato contínuo, analisar em conjunto com os participantes: a) os fundamentos da assistência espiritual; b) como se processa a ação dos Espíritos benfeitores e, c) como desenvolver o serviço de atendimento espiritual na Casa Espírita.

É importante que o conteúdo seja, efetivamente, analisado por meio de discussão fraterna.

Anexo

*Seja Voluntário**

Cairbar Schutel

Seja voluntário na evangelização infantil.

Não aguarde convite para contribuir em favor da Boa-Nova no coração das crianças. Auxilie a plantação do futuro.

Seja voluntário no Culto do Evangelho.

* XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 58, p. 140-141.

Não espere a participação de todos os companheiros do lar para iniciá-lo. Se preciso, faça-o sozinho.

Seja voluntário no templo espírita.

Não aguarde ser eleito diretor para cooperar. Colabore sem impor condições, em algum setor, hoje mesmo.

Seja voluntário no estudo edificante.

Não espere que os outros lhe chamem a atenção. Estude por conta própria.

Seja voluntário na mediunidade.

Não aguarde o desenvolvimento mediúnico, sistematicamente sentado à mesa de sessões. Procure a convivência dos Espíritos superiores, amparando os infelizes.

Seja voluntário na assistência social.

Não espere que lhe venham puxar o paletó, rogando auxílio. Busque os irmãos necessitados e ajude como puder.

Seja voluntário na propaganda libertadora.

Não aguarde riqueza para divulgar os princípios da fé. Dissemine, desde já, livros e publicações doutrinárias.

Seja voluntário na imprensa espírita.

Não espere de braços cruzados a cobrança da assinatura. Envie o seu concurso, ainda que modesto, dentro das suas possibilidades.

Sim, meu amigo. Não se sinta realizado. Cultive espontaneidade nas tarefas do bem.

“A sementeira, é grande e os trabalhadores são poucos.” Vivemos os tempos da renovação fundamental.

Atravessemos, portanto, em serviço, o limiar da Era do Espírito! Ressoam os clarins da convocação geral para as fileiras do Espiritismo.

Apresente-se em alguma frente de atividade renovadora e sirva sem descansar.

Quase sempre, espírita sem serviço é alma a caminho de tenebrosos labirintos do Umbral.

Seja voluntário na Seara de Jesus, Nosso Mestre e Senhor!

ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES

Roteiro 4

A FELICIDADE ATUAL E FUTURA

Objetivos

- » Compreender o verdadeiro sentido da felicidade na Terra.
- » Explicar o processo de aquisição da felicidade atual e futura.

Ideias principais

- » O conceito de felicidade, atual e futura, pode ser resumido na seguinte orientação espírita: *Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 922.*
- » As aquisições materiais não acompanharão o Espírito quando a sua partida para o mundo espiritual. Assim disse Jesus: *Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração. (Mateus, 6:19-21. Bíblia de Jerusalém).*
- » Assinalam os Espíritos superiores: *nada vos pertence na Terra, nem mesmo o vosso próprio corpo: a morte vos despoja dele, como de todos*

os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vos emprestou, tendes que lhe restituir; e Ele vos empresta com a condição de que o supérfluo, pelo menos, reverta em favor dos que não têm sequer o necessário. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espíritismo*. Cap. XVI, item 14.

Subsídios

O conceito de felicidade, atual e futura, pode ser resumido na seguinte orientação espírita: “Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro”.¹ É preciso, contudo, analisar com segurança a abrangência deste ensino espírita.

O estado de felicidade ainda é relativo, considerando as lutas e os desafios provocacionais existentes na Terra. A felicidade completa é um ideal a ser alcançado, a partir da transformação do homem para melhor, como esclarecem os Espíritos da Codificação: [...] “porque a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Mas depende dele amenizar os seus males e ser tão feliz quanto possível na Terra”.²

Cedo ou tarde, porém, a humanidade terrestre será feliz, pois esta é a sua destinação, prevista nos códigos divinos. Com a evolução paulatina, o ser humano aprende a construir a própria felicidade, uma vez que ele [...] “é quase sempre o artífice da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, ele pode poupar-se de muitos males e alcançar felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.”³

O homem que se acha bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária; é como uma parada momentânea numa hospedaria precária. Consola-se facilmente de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que deve conduzi-lo a uma posição tanto melhor, quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para realizá-la. Somos punidos já nesta vida pelas infrações que cometemos às leis que regem a existência corporal, por meio dos males decorrentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se remontarmos pouco a pouco à origem do que chamamos nossas desgraças terrenas, veremos que, na maioria dos casos, são a consequência de um primeiro afastamento do caminho reto. Em virtude desse desvio, enveredamos por outro, mau, e, de consequência em consequência, caímos na desgraça.⁴

1. Em que consiste a felicidade na Terra

A busca da felicidade em um mundo de transição como a Terra pode resultar infrutífera, caso a pessoa concentre suas ações na posse de bens materiais e se descuide da aquisição de valores espirituais. Os bens materiais devem ser considerados, neste aspecto, os meios e não fins da felicidade.

Todo discípulo do Evangelho precisará coragem para atacar os serviços da redenção de si mesmo. Nenhum dispensará as armaduras da fé, a fim de marchar com desassombro sob tempestades. O caminho de resgate e elevação permanece cheio de espinhos. O trabalho constituir-se-á de lutas, de sofrimentos, de sacrifícios, de suor, de testemunhos. [...].⁵

É por este motivo que os bons Espíritos ensinam que devemos aprender a discernir a respeito do que, efetivamente, é necessário e o que é supérfluo à existência. Trata-se, na verdade, de poderoso desafio, considerando o utilitarismo e o consumismo presentes na sociedade moderna.

Em lúcida mensagem transmitida em 1863, em Paris, o Espírito François-Nicoles-Madeleine apresenta estas considerações:⁶

Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! Exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova, melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do Eclesiastes: “A felicidade não é deste mundo”. Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a juventude em flor são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão desejadas, porque incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram. [...] Neste mundo, por mais que se faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, pelo que é fácil chegar-se à conclusão de que a Terra é um lugar de provas e de expiações. [...] Em tese geral, pode-se afirmar que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais conseguirem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado. Aquilo em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que

não se deixa guiar pela ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e decepções [...].

O apego sempre reflete imperfeição moral, seja ele direcionado aos bens materiais ou às pessoas. Não se deve, contudo, confundir apego com amor. O apego é sempre de natureza restritiva, egoística. O amor, ao contrário, sabe dividir, concede liberdade e desapego.

Emmanuel esclarece bem essa situação e faz algumas recomendações oportunas:⁷

[...] A nobreza de caráter, a confiança, a benevolência, a fé, a ciência, a penetração, os dons e as possibilidades são fios preciosos, mas o amor é o tear divino que os entrelaçará, tecendo a túnica da perfeição espiritual. A disciplina e a educação, a escola e a cultura, o esforço e a obra, são flores e frutos na árvore da vida, todavia, o amor é a raiz eterna. Mas, como amaremos no serviço diário? Renovemo-nos no espírito do Senhor e compreendamos os nossos semelhantes. Auxiliemos em silêncio, entendendo a situação de cada um, temperando a bondade com a energia, e a fraternidade com a justiça. Ouçamos a sugestão do amor, a cada passo, na senda evolutiva. Quem ama, compreende; e quem compreende, trabalha pelo mundo melhor.

Há também outro aspecto da questão: os bens materiais não acompanharão o Espírito no mundo espiritual após a morte do corpo físico. Nem mesmo este será levado. Assim, é sempre útil meditar a respeito desta orientação de Jesus: *Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração.* (Mateus, 6:19-21. *Bíblia de Jerusalém*).

A última frase do ensinamento do Mestre, a que afirma: “pois onde está teu tesouro, aí estará também teu coração”, é plena de sabedoria. Jesus destaca o valor do amor, representado na palavra “coração”. Significa dizer que a pessoa que ama concentra todas as suas energias, sentimentos e emoções no objeto do seu afeto, no seu “tesouro”, de acordo com o conceito evangélico. Além disso, destaca-se nessa passagem evangélica a questão da perecibilidade dos bens materiais e a perenidade dos tesouros espirituais.

Conforme esclarecem os Espíritos Superiores, os bens materiais são transitariamente concedidos por Deus aos homens para serem utilizados em proveito de seu crescimento espiritual:

Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui à vontade, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus anula frequentemente todas as previsões, o que faz a riqueza escapar daquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la. [...].⁸

Todas as coisas da matéria desaparecerão um dia, mesmo as que se revelam duráveis, seja pela natural corrosão do tempo seja pela transformação operada na natureza. Assim, ninguém é proprietário de qualquer bem material. Ainda que os processos de segurança sejam eficientes, esses bens não resistem aos assaltos da cobiça de alguns indivíduos, ao roubo, à destruição proposital ou por acidentes, de forma que mais dia, menos dia, serão inevitavelmente transferidos a outrem.

É o que ensina Pascal, em mensagem transmitida em Genebra, na Suíça, no ano de 1860, mas que permanece atual:

O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece. Desde, porém, que é forçado a abandonar tudo isso, não tem a posse real das suas riquezas, mas, simplesmente, o usufruto. Que possui ele, então? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso é o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, porque, daquilo que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. [...].⁹

Os homens prudentes empenham-se em adquirir tesouros eternos, não transitórios. Já afirmava, a propósito, um Espírito Protetor:

Quando considero a brevidade da vida, impressiona-me dolorosamente a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, enquanto dais tão pouca importância ao vosso aperfeiçoamento moral, a que consagrais pouco ou nenhum tempo e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que

desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer as necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Quanta aflição, inquietações e tormentos cada um se impõe; quantas noites de insônia, para aumentar uma fortuna muitas vezes mais que suficiente! Por cúmulo da cegueira, não é raro se encontrarem pessoas escravizadas a penosos trabalhos pelo amor imoderado da riqueza e dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de não para si mesmas! Insensatos!¹⁰

A felicidade futura encontra-se estritamente na dependência das ações realizadas no presente. Sendo assim, é importante viver o momento atual, consciente de que esta vivência terá consequências na vida futura. Para tanto, é necessária a aquisição de bens imperecíveis, representada pelo tesouro do conhecimento e da moral. Trata-se, é verdade, de uma tarefa árdua, de investimento contínuo, mas, com certeza, garantidor de felicidade duradoura, no presente e no futuro, em ambos os planos da vida.

A chave da felicidade revela-se, segundo o Espiritismo, na prática do bem, no qual se é possível exercitar a caridade. Tal prática deve ter como fundamento as lições do Evangelho, conforme assinala Vicente de Paulo:¹¹

Sede bons e caridosos, pois essa é a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se acha contida neste preceito: Amai-vos uns aos outros. A alma não pode elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo e só encontra consolação e ventura nos arroubos da caridade. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, o caminho da vida eterna se vos abrirá. [...] Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa vontade. Vede a multidão de homens de bem, cuja lembrança é guardada pela vossa História. O Cristo não vos disse tudo o que tem relação com as virtudes da caridade e do amor? Por que deixar de lado os seus divinos ensinamentos? Por que fechar os ouvidos às suas divinas palavras, o coração a todas as suas suaves sentenças? Gostaria que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. [...] Vossos males provêm apenas do abandono voluntário a que relegais esse resumo das leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus e meditai-as. Homens

fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, tende mais constância na propagação da vossa nova doutrina.

2. Aspectos que garantem a felicidade atual e futura

O Espírito Lacordaire¹² analisa com sabedoria as más consequências do apego aos bens terrenos, assinalando aspectos que garantem a felicidade, atual e futura. Destacamos, em seguida, os trechos mais significativos desta importante mensagem que se encontra em *O evangelho segundo o espiritismo*:

- » *O amor aos bens terrenos é um dos mais fortes entraves ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruí as vossas faculdades de amar, ao aplicá-las todas às coisas materiais. Sede sinceros: a riqueza proporciona uma felicidade sem mescla?*
- » *Compreendo a satisfação, bem justa, aliás, que experimenta o homem que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna; mas, dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração vai grande distância, tão grande quanto a que separa a prodigalidade exagerada da sórdida avareza, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixeza.*
- » *Nada vos pertence na Terra, nem mesmo o vosso próprio corpo: a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos enganeis sobre isto. Deus vos emprestou e tereis que restituir; e Ele vos empresta com a condição de que o supérfluo, pelo menos, reverta em favor dos que não têm sequer o necessário.*
- » *Os bens que Deus vos confiou despertam nos vossos corações ardente e desvairada cobiça. Já pensastes, quando vos apegais imoderadamente a uma riqueza perecível e passageira, como vós mesmos, que um dia tereis de prestar contas ao Senhor daquilo que vos veio dele?*

- » *É em vão que procurais iludir-vos na Terra, colorindo com o nome de virtude o que muitas vezes não passa de egoísmo. Em vão chamais economia e previdência ao que é apenas cupidez e avareza, ou generosidade ao que não passa de prodigalidade em proveito vosso. Um pai de família, por exemplo, se abstém de praticar a caridade, economizando, amontoando ouro, para, diz ele, deixar aos filhos a maior soma possível de bens e evitar que caiam na miséria. É muito justo e paternal, convenho, e ninguém pode censurar; mas, será esse o único motivo que o guia?*
- » *Infelizmente, no homem que possui bens de fortuna há um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho.*
- » *Esbanjar a riqueza não é demonstrar desprendimento dos bens terrenos: é descaso e indiferença. Como depositário desses bens, o homem não tem o direito de os dilapidar, nem de os confiscar em seu proveito. Prodigalidade não é generosidade; é, muitas vezes, uma forma de egoísmo. Alguém que esbanje a mancheias o ouro de que disponha, para satisfazer a uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um serviço.*
- » *O desapego aos bens terrenos consiste em apreciar a riqueza no seu justo valor, em saber servir-se dela em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por ela os interesses da vida futura, em perdê-la sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-la.*
- » *Ponderai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa ideia vos ajudará a desprender-vos destes últimos. O pouco apreço que se ligue a uma coisa torna menos sensível a sua perda.*
- » *O homem que se apega aos bens terrenos é como a criança, que só vê o momento presente. O que deles se desprende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, por compreender estas palavras proféticas do Salvador: “O meu reino não é deste mundo”.*
- » *O Senhor não ordena a ninguém que se despoje do que possui, condenando-o, assim, a uma mendicidade voluntária, porquanto, quem assim agisse, tornar-se-la uma carga para a sociedade. Proceder desse modo seria compreender mal o desprendimento dos bens terrenos, um egoísmo de outro gênero, porque seria o indivíduo eximir-se da responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui.*

- » *O rico tem, pois, uma missão, que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo. Rejeitar a riqueza, quando Deus vo-la dá, é renunciar aos benefícios do bem que se pode fazer administrando-a com sabedoria.*
- » *Aí tendes, meus amigos, o que eu queria vos ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: sabeis vos contentar com pouco. Se sois pobres, não invejais os ricos, porque a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que esses bens apenas vos estão confiados e que deveis justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela.*

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 922, p. 558.
2. _____. Questão 920, p. 557.
3. _____. Questão 921, p. 557-558.
4. _____. Questão 921 – comentário, p. 558.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 5, p. 27.
6. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. V, item 20, p. 129-130.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Op. Cit., p. 27-28.
8. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. VI, item 10, p. 321.
9. _____. Item 9, p. 320.
10. _____. Item 12, p. 324.
11. _____. Cap. XIII, item 12, p. 170-171.
12. _____. Cap. XVI, item 14, p. 326-331.

Orientações ao monitor

Introduzir o tema, apresentando a orientação de Jesus que consta em *Mateus*, 6:19-21 (veja ideias principais), que deve ser analisado em conjunto com a turma.

Em seguida, pedir aos participantes que façam leitura reflexiva do Roteiro e, ao final, trocar ideias, em plenário, a respeito dos dois

conteúdos: a) o significado de felicidade atual e futura; b) condições que garantem a felicidade atual e a futura

Realizar o fechamento do estudo com base na mensagem de Emmanuel (Riqueza para o céu), inserida em anexo.

Anexo

Riqueza para o Céu*

Emmanuel

“Ajuntai tesouros no céu...” Jesus. (*Mateus*, 6:20.)

Quem se aflige indebitamente, ao ver o triunfo e a prosperidade de muitos homens impiedosos e egoístas, no fundo dá mostras de inveja, revolta, ambição e desesperança. É preciso que assim não seja!

Afinal, quem pode dizer que retém as vantagens da Terra, com o devido merecimento?

Se observamos homens e mulheres, despojados de qualquer escrúpulo moral, detendo valores transitórios do mundo, tenhamos, ao revés, pena deles.

A palavra do Cristo é clara e insofismável.

— “Ajuntai tesouros no céu” — disse-nos o Senhor. Isso quer dizer “acumulemos valores íntimos para comungar a glória eterna!”

Efêmera será sempre a galeria de evidência carnal.

Beleza física, poder temporário, propriedade passageira e fortuna amoadada podem ser simples atributo da máscara humana, que o tempo transforma, infatigável.

Amealhemos bondade e cultura, compreensão e simpatia.

Sem o tesouro da educação pessoal é inútil a nossa penetração nos céus, porquanto estaríamos órfãos de sintonia para corresponder aos apelos da Vida Superior.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 177, p. 425-426.

Cresçamos na virtude e incorporemos a verdadeira sabedoria, porque amanhã seremos visitados pela mão niveladora da morte e possuiremos tão somente as qualidades nobres ou aviltantes que houvermos instalado em nós mesmos.

EADE LIVRO IV | MÓDULO II

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS

Roteiro 1

O TEMOR DA MORTE

Objetivos

- » Explicar por que o momento da morte é, em geral, temido.
- » Analisar características do processo de perturbação espiritual presente na desencarnação.
- » Esclarecer, à luz do Espiritismo, como ocorre a desencarnação e quais são suas principais etapas.

Ideias principais

- » Desinformações sobre a continuidade da vida em outro plano, o espiritual, produzem o temor da morte, pois, como ensina o Espiritismo, a [...] *existência terrestre é transitória e passageira, espécie de morte, se comparada ao esplendor e atividade da vida espiritual. O corpo não passa de vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual ele se sente feliz em libertar-se. [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XXIII, item 8.*
- » O [...] *sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem*

dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável. Allan Kardec: *O céu e o inferno*. Segunda parte, Cap. I, item 5.

- » *A [...] perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono [...].* Allan Kardec: *O céu e o inferno*. Segunda parte, Cap. I, item 6
- » *Durante a desencarnação ou morte do corpo físico, [...] o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira [na reencarnação], e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito [...].* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XI, item 18.

Subsídios

A morte do corpo físico, ou desencarnação segundo terminologia espírita, pode apresentar alguns mistérios, em geral fornecidos pelas religiões ou pela educação que foi transmitida ao Espírito, a despeito de ser a desencarnação um fenômeno natural e inexorável. Há muita superstição, fantasias e desinformações sobre a morte do corpo físico, causando temores e até situações de desespero ou revolta.

Pode-se dizer, contudo, que o temor da morte está relacionado a dois fatores básicos: ignorância a respeito da vida no além-túmulo e processos de culpa ou remorso decorrentes da lembrança dos atos cometidos durante a existência física. Esclarece Allan Kardec que durante

a vida, o Espírito está preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é apenas a destruição do corpo, e não a desse segundo envoltório, que se separa do corpo quando cessa neste a vida orgânica. A observação comprova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo-se dizer que o momento da morte é também o da libertação; em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica a existência, no corpo, da menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida [...].¹

Percebe-se, então, que a primeira providência é preparar-se para morrer. Há necessidade de o indivíduo aprender a libertar-se do jugo das influências materiais, porque elas são, todas, de caráter transitório, evitando apego excessivo a elas. É de fundamental importância que o Espírito reencarnado desenvolva, desde a infância, aprendizados de ordem moral, capazes de lhe fornecer certa dignidade espiritual, refletida nos seus atos cotidianos, independentemente das convicções religiosas que possua ou da forma como foi educado.

Não há dúvida que a consciência culpada, atormentada por remorsos, sofre durante e após a desencarnação, senão antes do final da existência física. Neste sentido, assinala Espírito Lacordaire “[...] O amor aos bens terrenos é um dos mais fortes entraves ao vosso adiantamento moral e espiritual [...]”²

Um fato que merece destaque é que, quando se aproxima o instante de retornar à vida espiritual, a pessoa é, geralmente, tomada por uma espécie de lucidez sobre as consequências dos seus atos e escolhas executados ao longo da reencarnação. Entretanto, já não há mais tempo, o que foi feito foi feito, não há como voltar atrás. Por conseguinte, o indivíduo sofre, deixando-se conduzir por medos, alguns até injustificados. São tormentos impostos ao indivíduo por ele mesmo, por efeitos de atos e comportamentos desenvolvidos, por ignorância ou imprudência.

O homem vive incessantemente em busca da felicidade, que lhe escapa a todo instante, porque a felicidade sem mescla não existe na Terra. Entretanto, apesar das vicissitudes que formam o cortejo inevitável da vida terrena, poderia ele, pelo menos, gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais, em vez de procurá-la nos prazeres da alma, que são um gozo antecipado das alegrias celestes, imperecíveis; em vez de procurar a paz do coração, única felicidade real neste mundo, ele se mostra ávido de tudo que o possa agitar e perturbar e, coisa curiosa! O homem parece criar para si, propositadamente, tormentos que está nas suas mãos evitar. Haverá maiores tormentos do que os causados pela inveja e pelo ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão perpetuamente febris. O que não têm e os outros possuem lhes causa insônias; os sucessos dos rivais lhes dão vertigem; são movidos apenas pela vontade de sobrepujar seus vizinhos; toda a sua alegria consiste em excitar, nos insensatos como eles, a raiva e o ciúme que os devora. Pobres insensatos, com efeito, não pensam que

amanhã, talvez, terão de deixar todas essas futilidades, cuja cobiça lhes envenena a vida! [...].³

Dessa forma, o Espírito preso às paixões inferiores sofre, sim, com a morte do corpo físico, que lhe parece perda irreparável, uma dolorosa tragédia. Daí a preocupação e o temor demonstrados no instante da morte.

Na verdade, ele já se encontrava morto, em termos espirituais, pela cegueira que se conduziu vida afora. Estava morto, mesmo quando o corpo físico se encontrava em plena vitalidade. Para ele, por ora, cabe apenas o conselho de Jesus: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos” (*Lucas, 9:6. Bíblia de Jerusalém*), considerando que essa pessoa ainda não revela possuir o necessário discernimento para buscar os valores espirituais. É um aprendizado que está por fazer, mas que, cedo ou tarde, lhe será concedido nas inúmeras experiências reencarnatórias.

Situação diversa acontece com o Espírito que durante a existência física se deixou conduzir por uma vida mais simples, sem ganâncias ou ambições exageradas; que procurou desenvolver virtudes, combatendo imperfeições; que praticou a caridade, promovendo o bem; que cumpriu seus deveres familiares, profissionais e sociais.

A sua desencarnação será mais amenizada, os sofrimentos ou angústias dos momentos finais serão perfeitamente suportados, porque tem consciência de que “fez o melhor que lhe foi possível”. E mais: mesmo que essa pessoa não possua maiores informações sobre o plano espiritual para onde se encaminha, sua conduta moral responsável durante a existência tem o poder de atrair Espíritos benfeitores que, voluntariamente posicionados ao seu lado, o ampara e lhe ameniza possíveis sofrimentos nessa fase de transição. Tocado pelas vibrações superiores e pelo apoio dos amigos espirituais, adquire a necessária tranquilidade para atravessar os momentos finais da desencarnação. Nesta situação, é comum o Espírito adquirir certa lucidez e perceber, intuitivamente, que a vida não acaba com a morte do corpo físico. Verifica, então, que:

a vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre é transitória e passageira, espécie de morte, se comparada ao esplendor e atividade da vida espiritual. O corpo não passa de vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual ele se sente feliz em libertar-se. [...].⁴

1. O desligamento perispiritual durante a desencarnação

Os Orientadores da Vida Maior informam que, a rigor, não é dolorosa a separação da alma do corpo no momento da desencarnação, uma vez que, em geral, o Espírito encontra-se em estado de inconsciência: “Na morte natural, a que resulta do esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo”.⁵

Outra informação, não menos importante, é de que nos instantes limítrofes entre a morte do corpo físico e o desligamento perispiritual,

[...] a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo a que se restituiu subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e se confundem, de modo que o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o prendiam: eles se desatam, não se quebram.⁶

Ensina a Doutrina Espírita que, durante a reencarnação, o perispírito acha-se enraizado no corpo físico. Com a desencarnação, “[...] o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira [na reencarnação], e o Espírito é restituído à liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito [...]”.⁷

Entretanto, é preciso considerar que

[...] as sensações que precedem e se sucedem à morte, bem como a duração do processo de rompimento dos laços fluídicos que unem a alma ao corpo físico, variam de caso para caso, dependendo das circunstâncias do trespasse e da maior ou menor elevação moral do trespasado. Via de regra, nas mortes repentinas e violentas, o desprendimento da alma é tanto mais prolongado e penoso quanto mais fortes sejam aqueles liames, ou, em outras palavras, quanto mais vitalidade exista no organismo, sendo que os suicidas se mantêm presos ao corpo por muito tempo, às vezes até à sua decomposição completa, sentindo, horrorizados, “os vermes lhes corroerem as carnes”. Depois de longa enfermidade, ou quando a velhice tenha debilitado as forças orgânicas, o desprendimento, em geral, se efetua fácil e suavemente, semelhandando-se a um sono muito agradável. Para os que só cuidaram de si mesmos, os que se deixaram empolgar pelos gozos deste mundo, os que se empenharam apenas em amontoar bens materiais, os malfeitores e os criminosos, a hora da separação é angustiosa e cruel;

agarram-se, desesperados, à vida que se lhes esvai, porque a própria consciência lhes grita que nada de bom podem esperar no futuro [...].⁸

Assim, é preciso desenvolver um sentimento de compaixão e de solidariedade para com os Espíritos que desencarnam em situações difíceis, como acontece nos casos de morte violenta e nos suicídios. Nestas condições, o Espírito pode apresentar um estado de perturbação extremamente variável, conforme o peso das causas geradoras da desarmonia. Uma forma de manifestar atenção e piedade para esses sofrendores é orar por eles. A prece ameniza-lhes o sofrimento.

Os Espíritos sofrendores reclamam preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem pense neles, sentem-se menos abandonados, menos infelizes. Mas, a prece tem sobre eles uma ação mais direta: reanima-os, incute-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e pode desviar-lhes o pensamento do mal. É nesse sentido que a prece pode não apenas aliviar, como abreviar seus sofrimentos.⁹

O destino que é dado aos despojos do corpo físico pode, em alguns casos, ser motivo de desarmonia espiritual. Há indivíduos que têm horror ao sepultamento, outros são indiferentes. Sendo assim, os familiares ou amigos mais relacionados devem obter informações a respeito, na possibilidade de não existir uma decisão expressa. É uma forma fraterna de facilitar a desencarnação de um ente querido.

Nos dias atuais, há cada vez mais preferência pela cremação, invés do sepultamento. Realmente, como medida sanitária a cremação é mais indicada. Mas este não deve ser o único critério que deve guiar a tomada de decisão. Um deles é que tenha ocorrido anterior manifestação escrita ou verbal do desencarnado. Importa também considerar:

[...] Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o ‘tônus vital’, nas primeiras horas seguintes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.¹⁰

Outra situação, bastante atual diz respeito à doação de órgãos. É importante avaliar se não haveria a possibilidade de o doador ficar

preso às vísceras. Perguntando a Chico Xavier a respeito, ele nos responde por meio das seguintes considerações:

[...] Sempre que a pessoa cultiva desinteresse absoluto por tudo aquilo que ela cede para alguém, sem perguntar ao beneficiado o que fez da dádiva recebida, sem desejar qualquer remuneração, nem mesmo aquela que a pessoa humana habitualmente espera com o nome de compreensão, sem aguardar gratidão alguma, isto é, se a pessoa chegou a um ponto de evolução em que a noção da posse não mais a preocupa, esta criatura está em condições de doar, porque não vai afetar o perispírito em coisa alguma. [...] Quando o doador é pessoa habituada ao desprendimento da posse [...], a doação prévia de órgãos que lhe pertençam, por ocasião da morte física, não afeta o corpo espiritual do doador [...].¹¹

2. Etapas da desencarnação

Os Espíritos nos relatam algumas características inerentes ao momento da desencarnação, o que nos leva a supor que existe certo padrão no processo. Existe a informação bem conhecida de que durante a desencarnação a criatura nunca está a sós. Mas o tipo de companhia pode ser categorizada em dois grupos.

O primeiro é constituído de benfeitores espirituais e de Espíritos especializados nos processos que conduzem à desencarnação. Encontram-se também familiares e amigos queridos, já desencarnados, que ali permanecem aguardando ou auxiliando o processo de desligamento final. No segundo grupo os desencarnantes que não souberam amellar amizades, que levaram uma existência marcada por ações más, podem defrontar-se com entidades malévolas, direta ou indiretamente ligadas a ele, causando-lhe transtornos dos mais variados e intensos.

De qualquer forma, há sempre benfeitores espirituais que, como voluntários, auxiliam o desencarnante, mesmo que este não possua grandes méritos: “[...] O esforço e abnegação dos Mentores Espirituais, na desencarnação de determinadas criaturas, é realmente digno de menção. Cooperados especializados aglutinam esforços no afã de desligarem, sem incidentes, o Espírito eterno do aparelho físico terrestre [...]”¹²

Há indicações de que o processo de desligamento perispiritual, operado por esses Espíritos especialistas, se desenvolve em etapas,

devendo haver, naturalmente, variações, conforme as condições apresentadas pelo Espírito desencarnante e o tipo de morte (suicídio, morte natural etc.).

Esse processo se desenrola, de forma ampla, segundo informações retiradas do livro *Voltei*¹³ cujo autor espiritual, Irmão Jacob (pseudônimo de Frederico Figner), relata a própria desencarnação, revelando-nos que a sequência de todas as etapas perdurou por mais de trinta horas seguidas, antes que ocorresse o desligamento final.

- » A [...] operação inicial é efetuada na região do ventre, à qual se acha ligado o Centro Vegetativo, como sede das manifestações fisiológicas. Com essa providência, o moribundo começa a esticar os membros inferiores, sobrevivendo, logo após, o esfriamento do corpo.
- » Atuando os Espíritos Superiores, a seguir, sobre o Centro Emocional, sediado no tórax e representando a zona dos sentimentos e desejos, novos sintomas se verificam: desregularidade do coração, aflição, angústia e pulso fraco. [...].
- » A [...] operação final é no cérebro, onde fica situado o Centro Mental, a região mais importante. O trabalho magnético se realiza inicialmente sobre a fossa romboidal, que a Medicina define mais ou menos com as seguintes palavras: “Assoalho do quarto ventrículo, que, por sua vez, é uma cavidade situada na face posterior do bulbo e protuberância, portanto anteriormente ao cerebelo”. [...] Após essa última operação magnética, sobre a fossa romboidal, [...] sobrevém o estado de coma, embora o Espírito esteja ligado — e bem ligado ao veículo físico [...].
- » Por fim, o ocorre o último desatamento do laço fluídico, em nível de sistema nervoso central. Só então está concluído desligamento perispiritual do corpo físico, concluindo a desencarnação.

Importa ponderar que, a despeito de ter ocorrido o desligamento perispiritual, propriamente dito, há Espíritos que permanecem ligados aos despojos do corpo físico, às vezes por muitos anos. Trata-se de uma situação dolorosa, cujas causas residem na vida que o Espírito levou quando encarnado, e que podem estar associadas ao gênero de morte (suicídio, por exemplo).

Outra situação, digna de nota, diz respeito ao relato dos desencarnados de que, quando tomam consciência que, de fato, estão desencarnados, surge-lhes uma visão panorâmica e retrospectiva da última existência corporal. Parece que há um mecanismo interno,

presente nos refolhos da memória integral do Espírito, que é acionado no momento dessa tomada de consciência, a fim de que o Espírito possa, por ele mesmo, rever, em toda riqueza de detalhes, as próprias ações realizadas, erros e acertos, julgando-as por si mesmo. O livro *A crise da morte*,¹⁴ de Ernesto Bozzano, é uma das obras espíritas clássicas que informa a respeito dessa visão panorâmica. Merece ser lido.

3. Perturbação espiritual no momento da desencarnação

Já estamos plenamente informados de que a

[...] extinção da vida orgânica resulta na separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo. Essa separação, contudo, nunca é brusca: o fluido perispirítico só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não resta nenhum átomo do perispírito ligado à molécula do corpo [...].¹⁵

Ainda que o desencarnante possua títulos de virtudes e méritos, não se furta aos momentos finais, o do desligamento perispiritual, que caracteriza o fim da existência física.

Daí resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma não experimentará nenhuma sensação desagradável.¹⁶

Allan Kardec denominou de Perturbação o espaço de tempo que se inicia com os processos agônicos e que se conclui com o desligamento perispiritual. Acrescenta que, mesmo que este estado seja muito breve e não provoque maiores desconfortos, nesse “[...] instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento [...]”¹⁷

[...] A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas

horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acorda-lhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.¹⁷

O estado de maior ou menor sofrimento que acontece nos estertores da agonia, no momento da desencarnação, resulta da situação moral do desencarnante, como ensina o Codificador:

O estado moral da alma é a causa principal maior ou menor facilidade de desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, que atinge o seu máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusiva e unicamente à vida e gozos materiais. Ao contrário, nas almas puras, que antecipadamente se identificam com a vida espiritual, o apego é quase nulo. E desde que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, de nós somente depende o tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento.¹⁸

Analisamos, em seguida, outros pontos importantes relacionados ao estado de perturbação que acompanha os momentos finais da existência no Espírito que, conforme as circunstâncias, pode prolongar-se após o desligamento perispiritual.

- » O grau de lucidez que acompanha a perturbação não é o mesmo grau para todos os desencarnantes. “[...] Depende da elevação de cada um. Aquele que está mais purificado se reconhece quase que imediatamente, porque se libertou da matéria durante a vida no corpo. Ao passo que o homem carnal, aquele cuja consciência não é pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”¹⁹
- » O conhecimento espírita a respeito da desencarnação e da vida no Além é importante, pois exerce influência “[...] muito grande, visto que o Espírito já compreendia de antemão a sua situação. Mas a prática do bem e a confiança pura exercem maior influência.”²⁰
- » O tempo de duração do estado de “[...] perturbação que se segue à morte é muito variável. Pode ser de algumas horas, bem como de vários meses e até de muitos anos [...]”²¹

- » A perturbação varia, também, de pessoa para pessoa, apresentando “[...] circunstâncias particulares, de acordo com as características individuais e, principalmente, com o gênero de morte. Nas mortes violentas, por suicídio, suplício, acidente, apoplexia [sufocamento], ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado, não acredita que esteja morto e sustenta esta ideia com obstinação. No entanto, vê o seu corpo, sabe que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele: acerca-se das pessoas a quem estima, fala-lhes e não entende por que elas não o ouvem. Esta ilusão dura até o completo desprendimento do perispírito.”²¹
- » Importa considerar que a perturbação pode ser agravada nas mortes violentas: “Como não houve nenhuma desagregação parcial capaz de levar a uma separação antecipada entre o corpo e o perispírito, a vida orgânica é subitamente aniquilada no auge da exuberância. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como aturdido: sente, pensa e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda a sua posição.”²²
- » No suicida, essa situação é, principalmente, “[...] mais aflitiva. Preso ao corpo por todas as suas fibras, o perispírito faz repercutir na alma todas as sensações daquele, com atrozes sofrimentos.”²³

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 155-a – comentário, p.161.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. XVI, item 14, p. 326.
3. _____. Cap. V, item 23, p. 135.
4. _____. Cap. XXIII, item 8, p. 419.
5. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 154 – comentário, p. 160.
6. _____. Questão 155-a, p. 160.
7. _____. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. XI, item 18, p. 272.
8. CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de espiritismo cristão*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 22, p. 77-78.
9. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XXVII, item 18, p. 466-467.

10. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Pergunta 151, p. 122.
11. _____. *Lições de sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita*. 1. ed. São Paulo: Editora Fé, 1997. ítem: Doações de órgãos, p. 47.
12. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 34, p. 243-244.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Voltei*. Pelo Espírito Irmão Jacob. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. p. 29-32.
14. BOZZANO, Ernesto. *A crise da morte: segundo o depoimento dos espíritos que se comunicam*. Tradução de Guillon Ribeiro. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
15. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Segunda parte, Cap. I, item 4, p. 221.
16. _____. Segunda parte, Cap. I, item 5, p. 222.
17. _____. Segunda parte, Cap. I, item 6, p.222 .
18. _____. Segunda parte, Cap. I, item 8, p. 223.
19. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 164, p. 164.
20. _____. Questão 165, p. 164.
21. _____. Questão 165 – comentário, p. 165.
22. _____. *O céu e o inferno*. Op. Cit. Segunda parte, Cap. I, item 12, p.225.
23. _____. p. 226.

Orientações ao monitor

1. Dividir a turma em dois grandes grupos.
2. Solicitar a um dos grupos que descreva, com as próprias palavras, o processo da desencarnação, após a leitura do item 1, deste Roteiro de Estudo: O desligamento perispiritual durante a desencarnação.
3. Empregar com o outro grupo o mesmo critério, mas após a leitura do item 3: Perturbação espiritual no momento da desencarnação.
4. Fazer a integração da aula por meio de breve exposição do item 2 do Roteiro (Etapas da desencarnação).

Observação: para a próxima reunião, os participantes serão incumbidos de pesquisar na internet, em periódicos ou livros subsídios referentes às mortes prematuras (suicídio, aborto, eutanásia e homicídios), oferecendo condições de debater estes temas com mais profundidade.

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS

Roteiro 2

MORTES PREMATURAS

Objetivos

- » Identificar os principais tipos de mortes prematuras e em que condições elas ocorrem.
- » Analisar, em cada caso de morte prematura estudado, as consequências espirituais desse tipo de desencarnação.

Ideias principais

- » As principais mortes prematuras podem ser assim classificadas: aborto deliberado; desencarnação de crianças; suicídio; eutanásia.
- » [...] *Uma mãe, ou qualquer outra pessoa, cometerá crime sempre que tirar a vida de uma criança antes do nascimento, pois está impedindo uma alma de suportar as provas de que serviria de instrumento o corpo que estava se formando.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 358.
- » *A duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que nela está encarnado, o complemento de uma existência interrompida antes do término devido, e sua morte, quase sempre, constitui provação ou expiação para os pais.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 199.
- » No suicídio, [...] *atormentada de dor, a consciência desperta no nível de sombra a que se precipitou, suportando compulsoriamente as companhias que elegera para si própria, pelo tempo indispensável à justa*

*renovação. Contudo, os resultados não se circunscrevem aos fenômenos de sofrimento íntimo, porque surgem os desequilíbrios consequentes nas sinergias do corpo espiritual, com impositivos de reajuste em existências próximas. [...]. Emmanuel: *Religião dos espíritos*. Item: suicídio.*

- » O Espiritismo não apoia a eutanásia. Por este motivo, pondera Emmanuel: [...] *Não te creias autorizado a desferir o golpe supremo naqueles que a agonia emudece, a pretexto de consolação e de amor, porque, muita vez, por trás dos olhos baços e das mãos desfalecentes que parecem deitar o último adeus, apenas repontam avisos e advertências para que o erro seja sustado ou para que a senda se reajuste amanhã. [...]. Emmanuel: *Religião dos espíritos*. Item: sofrimento e eutanásia.*

Subsídios

Há várias situações que podem ser identificadas como mortes prematuras, mas, em termos objetivos, podemos considerar os casos de: a) abortamentos, naturais e provocados; b) desencarnação infantil e na adolescência; c) suicídios, diretos ou indiretos; d) eutanásia.

As desencarnações ocorridas pelo uso de substâncias psicoativas, por homicídio e por atos de violência podem se enquadrar, direta ou indiretamente, em uma dessas categorias de mortes prematuras. Importa considerar, todavia, que somente a justiça e a misericórdia divina têm poder para analisar caso a caso, definindo atenuantes e agravantes.

Há mortes prematuras que independem da vontade e ação humanas, uma vez que fazem parte do quadro de expiação e provações definidas no planejamento reencarnatório. Em sentido oposto, existem mortes que são antecipadas, em meses ou anos, por invigilância e uso indevido do livre arbítrio por parte dos envolvidos. Nesta situação, o estado de perturbação se prolonga por um período de tempo difícil de precisar.

Para o Espírito [...] “cuja consciência não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à medida que ele reconhece a sua nova situação. [...]”⁴¹

1. O abortamento

O aborto pode ocorrer de forma espontânea ou provocada. No primeiro caso, os envolvidos não são julgados culpados, uma vez que

nada executaram, na presente reencarnação, que pudesse ser catalogado como atentado à vida do ser em vias de reencarnar. A segunda possibilidade é considerada delito grave contra as leis de Deus, sendo que a legislação do Brasil faculta duas exceções: quando a gestação implica risco de vida para a mãe ou nos casos de estupro.

Os Espíritos Orientadores da Codificação Espírita apresentaram a seguinte resposta a Kardec, quando ele perguntou se a provocação do aborto constituiria crime:²

[...] Há crime toda vez que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou qualquer outra pessoa, cometerá crime sempre que tirar a vida de uma criança antes do nascimento, pois está impedindo uma alma de suportar as provas de que serviria de instrumento o corpo que estava se formando.

Esses mesmos Espíritos somente justificaram a indicação do aborto se a gestação e o nascimento da criança colocassem em risco a vida da gestante, apresentando o seguinte argumento: “É preferível sacrificar o ser que ainda não existe a sacrificar o que já existe”³

A mulher, como todo ser humano, pode usar do seu livre-arbítrio na forma que bem lhe aprouver, não resta dúvida. Entretanto, deve estar ciente que responderá pelas consequências, boas ou más, dos atos praticados.

Assim, ela pode, evidentemente, tomar decisões relacionadas ao próprio corpo, até por uma questão de liberdade individual. Não tem direito, contudo, de decidir sobre o corpo ou a vida de outra pessoa, mesmo que este corpo se encontre temporariamente alojado no interior do seu, na condição de embrião ou feto.

No que diz respeito à sua capacidade reprodutiva, ela possui também liberdade para decidir se deseja uma gravidez ou se quer evitá-la pela utilização de métodos anticonceptivos. Analisemos, porém, que não [...] “existe liberdade e respeito sem obrigação e [amor ao próximo]. Meditemos na lição para não cairmos de novo sob o antigo e pesado jugo de nossas próprias paixões.”⁴

A nenhum ser humano, sob quaisquer justificativas, é concedida a liberdade de atentar contra a vida do seu semelhante, principalmente a que se encontra em fase de gestação, totalmente vulnerável à vontade de quem lhe deve proteção. Assim é totalmente falsa a ideia de que a mulher pode dispor de forma absoluta de seu corpo para a prática

do aborto. Não se trata de um direito, uma vez que o corpo que ela abriga, durante a gravidez, pertence a outro ser humano. O direito de escolha da mulher precede o ato da concepção, mas se subordina ao direito absoluto da vida do reencarnante.

O aborto voluntário faz a consciência entrar em choque contra si mesma, situação geradora de culpas e remorsos inevitáveis que, cedo ou tarde, atingirão a organização física e psíquica dos que cometeram semelhante ação.

Sendo assim, é importante recordar:

Convictos de que o Espírito escolhe as provações que experimentará na Terra, quando se mostre na posição moral de resolver quanto ao próprio destino, é justo recordar que a criatura, durante a reencarnação, elege, automaticamente, para si mesma, grande parte das doenças que se lhe incorporam às preocupações. [...] Guardemo-nos, assim, contra a perturbação, procurando o equilíbrio e compreendendo no bem — expressando bondade e educação — a mais alta fórmula para a solução de nossos problemas.⁵

Assim, perante uma gravidez indesejável a mulher tem liberdade para decidir se deseja criar o filho gerado ou se prefere entregá-lo à adoção, jamais abortá-lo voluntariamente. Na realidade, a decisão entre uma e outra ação caracteriza, sempre, o exercício do seu livre-arbítrio, cujas consequências delinearão a sua vida futura.

2. Desencarnação de crianças

Esclarecem os postulados espíritas que a “[...] duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que nela está encarnado, o complemento de uma existência interrompida antes do término devido, e sua morte, quase sempre, constitui provação ou expiação para os pais.”⁶

Em mensagem transmitida em 1863, o Espírito Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris, emite comentários sobre a morte precoce de entes queridos. Eis alguns trechos desta confortadora mensagem:⁷

- » Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais jovens antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo,

pois sacrifica o que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que já não servem para nada; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria. Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima do terra a terra da vida, a fim de compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde julgais ver o mal, e a sábia providência onde acreditais ver a cega fatalidade do destino. [...].

- » Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as famílias respeitáveis, ferem um coração de mãe e fazem que os cabelos dos pais embranqueçam antes do tempo. Quase sempre a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez o arrastassem à perdição. Aquele que morre na flor da idade não é vítima da fatalidade; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra.
- » [...] Em vez de vos queixardes, alegrai-vos quando for agradável a Deus retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não seria egoísmo desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! essa dor se concebe naquele que não tem fé e que vê na morte uma separação eterna. Mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem e a lembrança que deles guardais os transporta de alegria; mas as vossas dores desarrazoadas também os afligem, porque denotam falta de fé e constituem uma revolta contra a vontade de Deus.

3. Suicídio

As causas alegadas para cometer o suicídio são várias. Em geral, indicam desconhecimento do valor que as provas representam no mecanismo de reajuste da consciência culpada perante as leis de Deus, e, também, declarada desinformação quanto à continuidade da vida no além-túmulo.

Analisemos o seguinte conjunto de ideias, retirado, respectivamente, de *O evangelho segundo o espiritismo* e de *O livro dos espíritos*.

- » A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio: produzem a covardia moral. Quando se veem homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçarem por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão tentando convencê-los de que, se são infelizes, o melhor que podem fazer é matar-se? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação podem oferecer-lhes? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. [...].⁸
- » A propagação das ideias materialistas é, pois, o veneno que inocula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se fazem seus defensores assumem terrível responsabilidade. Com o Espiritismo a dúvida já não é possível, modificando-se, portanto, a visão que se tem da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para além do túmulo, mas em condições muito diversas. Daí a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; daí, numa palavra, a coragem moral.⁸
- » [...] Deus ajuda aos que sofrem, e não aos que não têm força nem coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados!⁹
- » O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas.

Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso tê-la também para lhe sofrer as consequências. Deus é quem julga e, algumas vezes, conforme a causa, pode abrandar os rigores de sua justiça.¹⁰

As consequências do suicídio são muito diversas. Não há penas fixadas e, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o produziram. Há, porém, uma consequência à qual o suicida não pode escapar: o desapontamento. Ademais, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam sua falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.¹¹
- » De fato, [...] os efeitos do suicídio não são idênticos. Há, porém, os que são comuns a todos os casos de morte violenta e que resultam da interrupção brusca da vida. Isto se deve principalmente à persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, já que esse laço se encontra em todo o seu vigor no momento em que é rompido, enquanto na morte natural ele se enfraquece gradualmente e muitas

vezes se desfaz antes mesmo que a vida se haja extinguido completamente. As consequências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, sucedendo um período de ilusão em que o Espírito, durante mais ou menos tempo, julga pertencer ainda ao número dos vivos [encarnados].¹²

O suicídio pode ser classificado como direto ou indireto, ou consciente em inconsciente.

O suicídio direto, independentemente da causa geradora, é precedido de um planejamento arquitetado, às vezes, em nível de detalhes: “No suicídio intencional, sem as atenuantes da moléstia ou da ignorância, há que considerar não somente o problema da infração ante as Leis divinas, mas também o ato de violência que a criatura comete contra si mesma, através da premeditação mais profunda, com remorso mais amplo.”¹³

Emmanuel prossegue esclarecendo a respeito das consequências do suicídio direto:¹⁴

Atormentada de dor, a consciência desperta no nível de sombra a que se precipitou, suportando compulsoriamente as companhias que elegera para si própria, pelo tempo indispensável à justa renovação. Contudo, os resultados não se circunscrevem aos fenômenos de sofrimento íntimo, porque surgem os desequilíbrios consequentes nas sinergias do corpo espiritual, com impositivos de reajuste em existências próximas. [...] Ser-nos-á fácil, desse modo, identificá-los, no berço em que repontam, entremostrando a expiação a que se acolhem. Os que se envenenaram, conforme os tóxicos de que se valeram, renascem trazendo as afecções valvulares, os achaques do aparelho digestivo, as doenças do sangue e as disfunções endocrínicas, tanto quanto outros males de etiologia obscura; os que incendiaram a própria carne amargam as agruras da ictiose ou do pêfigo; os que se asfixiaram, seja no leito das águas ou nas correntes de gás, exibem os processos mórbidos das vias respiratórias, como no caso do enfisema ou dos cistos pulmonares; os que se enforcaram carregam consigo os dolorosos distúrbios do sistema nervoso, como sejam as neoplasias diversas e a paralisia cerebral infantil; os que estilhaçaram o crânio ou deitaram a própria cabeça sob rodas destruidoras, experimentam desarmonias da mesma espécie, notadamente as que se relacionam com o cretinismo, e os que se atiraram de grande altura reaparecem

portando os padecimentos da distrofia muscular progressiva ou da osteíte difusa. Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas derivadas, que correspondem a diversas calamidades congênicas, inclusive a mutilação e o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, a representarem terapêutica providencial na cura da alma.

No suicídio indireto o atentado contra a própria vida ocorre em decorrência dos comportamentos e hábitos desenvolvidos pelo indivíduo, os quais, de uma forma ou de outra, lesam a saúde física, psíquica, ou ambas, ao longo dos anos. Enquadram nesta categoria todos os vícios, desde os chamados lícitos ou legalmente tolerados, e os ilícitos (drogatização por substâncias psicoativas), destituídos do apoio da lei. Os graves processos obsessivos e enfermidades mentais severas fazem parte dessa classificação, uma vez que o indivíduo não tem mais domínio sobre si mesmo, sobre os seus pensamentos e atos.

Não existem dúvidas sobre os efeitos produzidos pela dependência de drogas ilícitas no organismo físico e na mente do Espírito. A utilização sistemática de substâncias consideradas lícitas, entretanto, apresenta consequências danosas de pequena, média ou grande magnitude, conforme o caso, as quais, em geral, não são seriamente consideradas pelos usuários. Na verdade, o uso de drogas toleradas pela lei representa terrível armadilha à saúde física e mental, sobretudo se o usuário dispõe de algum esclarecimento intelectual e espiritual. Daí a existência de inúmeras campanhas educativas a respeito das consequências do tabagismo, do alcoolismo, do sexo irresponsável, da gula desenfreada, entre outros. Todo cuidado é pouco, pois, nessa situação, não é incomum Espíritos aportarem no mundo espiritual como suicidas.

Por fraqueza moral, esses Espíritos ingeriram ou absorveram tóxicos considerados permissíveis, durante o período da existência física, não ponderando seriamente, contudo, sobre os efeitos dessas substâncias na produção de lesões que debilitaram o corpo físico, predispondo-o a doenças não programadas, antecipando, dessa forma, o tempo programado para a desencarnação. Isto sem considerar os maus exemplos que fornecem e os sofrimentos que produzem nas pessoas queridas. Analisemos, a propósito, este depoimento do Espírito Joaquim Dias:¹⁵

Alcoólatra! Que outra palavra existirá na Terra, encerrando consigo tantas potencialidades para o crime? O alcoólatra não é somente o destruidor de si mesmo. É o perigoso instrumento das trevas, ponte viva para as forças arrasadoras da lama abismal. O incêndio que provoca desolação aparece numa chispa. O alcoolismo que carrega a miséria nasce num copinho. De chispa em chispa, transforma-se o incêndio em chamas devoradoras. De copinho a copinho, o vício alcança a delinquência. [...].

Quanto ao suicídio, produzido por obsessão grave, inserimos, em seguida, trechos de significativa mensagem presente no livro *Vozes do grande além*, que relata a triste experiência vivenciada pelo Espírito Hilda. A mensagem fornece preciosos ensinamentos a respeito do assunto.¹⁶

Amigos: Há duas palavras com significação muito diferente na Terra e na Vida espiritual. Uma delas é “consciência”, a outra é “responsabilidade”. No plano físico, muitas vezes conseguimos sufocar a primeira e iludir a segunda temporariamente, mas, no campo das Verdades Eternas, não será possível adormecer ou enganar uma e outra. A consciência revela-nos tais quais somos, seja onde for, e a responsabilidade marca-nos a frente com os nossos merecimentos, culpas ou compromissos. Enquanto desfrutais o aprendizado na experiência humana, acautelai-vos na conceituação dessas duas forças, porque o pensamento é a energia coagulante de nossas aspirações e desejos. Por isso, não fugiremos aos resultados da própria ação. Fala-vos humilde companheira que ainda sofre, depois de aflitiva tragédia no suicídio, alguém que conhece de perto a responsabilidade na queda a que se arrojou, infeliz. O pensamento delituoso é assim como um fruto apodrecido que colocamos na casa de nossa mente. De instante a instante, a corrupção se dilata e atraímos em nosso desfavor todos aqueles elementos que se afinam com a nossa invigilância e que se sentem garantidos por nossa incúria, presidindo-nos a perturbação que fatalmente nos arrasta a grande perda. [...] Agora, que se me refazem as energias, recebi a graça de acordar nos amigos encarnados a noção de “responsabilidade” e “consciência”, no campo das imagens que nós mesmos criamos e alimentamos, serviço esse a que me consagrei, até que novo estágio entre os homens me imponha a recapitulação total da prova em que vim a desfalecer. É por essa razão que terminamos as nossas

frases despreziosas, lembrando a vós outros que o pensamento deplorável, na vida íntima, é assim como o detrito que guardamos irrefletidamente em nosso templo doméstico. Se somos atenciosos para com a higiene exterior, usando desinfetantes e instrumento de limpeza, assegurando a saúde e a tranquilidade, movimentemos também o trabalho, a bondade e o estudo, contra a dominação do pensamento infeliz, logo que o pensamento infeliz se esboce levemente na tela de nossos desejos imanifestos. Cumpramos nossas obrigações, visitemos o amigo enfermo, atendamos à criança desventurada, procuremos a execução de nossas tarefas, busquemos o convívio do livro nobre, tentemos a conversação robusta e edificante, refugiemo-nos no santuário da prece e devotemo-nos à felicidade do próximo, instalando-nos sob a tutela do bem e agindo sempre contra o pensamento insensato, porque, através dele, a obsessão se insinua, a perseguição se materializa, e, quando acordamos, diante da própria responsabilidade, muitas vezes a nossa consciência chora tarde demais.

4. Eutanásia

Em *O evangelho segundo o espiritismo* Kardec indaga à São Luís: *Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito lhe pouparmos alguns instantes de angústias, apressando-lhe o fim?*¹⁷

A resposta, transmitida pelo Espírito em reunião mediúnica ocorrida em Paris, no ano de 1860, revela o terrível equívoco da prática da eutanásia, fato que ainda persiste nos dias atuais:¹⁷

Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode Ele conduzir o homem até à beira do sepulcro, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e modificar-lhe os pensamentos? Ainda que um moribundo haja chegado ao último extremo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe tenha soado a última hora. A Ciência não se terá enganado alguma vez em suas previsões? Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, não há inúmeros exemplos em que o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanima-se e recobra suas faculdades por alguns instantes? Pois bem!

Essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância, pois ignorais as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe podem poupar um relâmpago de arrependimento. O materialista, que apenas vê o corpo e não leva em nenhuma conta a alma, não pode compreender essas coisas; mas o espírita, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, tanto quanto puderdes; guardai-vos, porém, de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro.

Realmente, não é fácil presenciar o sofrimento de entes queridos em razão de enfermidades ou nos momentos finais da existência física, sobretudo se estes se prolongam e se revelam dolorosos: produzem angústias e sofrimentos.

Entretanto, como nada acontece por acaso, sabemos que atrás de cada acontecimento há uma causa justa, determinada pela misericórdia divina. Assim, aconselha Emmanuel:¹⁸

Quando te encontres diante de alguém que a morte parece nimbar de sombra, recorda que a vida prossegue, além da grande renovação... Não te creias autorizado a desferir o golpe supremo naqueles que a agonia emudece, a pretexto de consolação e de amor, porque, muita vez, por trás dos olhos baços e das mãos desfalecentes que parecem dei-tar o último adeus, apenas repontam avisos e advertências para que o erro seja sustado ou para que a senda se reajuste amanhã. Ante o catre da enfermidade mais insidiosa e mais dura, brilha o socorro da infinita Bondade facilitando, a quem deve, a conquista da quitação. Por isso mesmo, nas próprias moléstias reconhecidamente obscuras para a diagnose terrestre, fulgem lições cujo termo é preciso esperar, a fim de que o homem lhes não perca a essência divina. E tal acontece, porque o corpo carnal, ainda mesmo o mais mutilado e disforme, em todas as circunstâncias, é o sublime instrumento em que a alma é chamada a acender a flama de evolução. [...] Em todos eles, contudo, palpita a concessão do Senhor, induzindo-nos ao pagamento de velhas dívidas que a eterna Justiça ainda não apagou. Não desrespeites, assim, quem se imobiliza na cruz horizontal da doença prolongada e difícil, administrando-lhe o veneno da morte suave, porquanto, provavelmente, conhecerás também mais tarde o proveitoso decúbito indispensável à grande meditação [...].

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 165– comentário, p. 166.
2. KARDEC, Allan. Questão 358, p. 268.
3. _____. Questão 359, p. 268.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 16, p. 70.
5. _____. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: doenças escolhidas, p. 233 e 235.
6. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 199, p. 184.
7. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. V, item 21, p. 131-133.
8. _____. Item 16, p. 123-124.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 946, p. 573.
10. _____. Questão 948, p. 574.
11. _____. Questão 957, p. 578-579.
12. _____. Questão 957 – comentário, p. 579.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Op. Cit. Item: Suicídio, p. 181.
14. _____. p. 181-183.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do grande além*. Diversos Espíritos, 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. cap. 30 (mensagem do Espírito Joaquim Dias), p. 121-122.
16. _____. Cap. 39 (mensagem do Espírito Hilda), p. 163-166.
17. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. V, item 28, p.144-145.
18. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Op. Cit. Item: sofrimento e eutanásia, 87-89.

Orientações ao monitor

De acordo com a orientação dada no Roteiro de Estudo, da reunião anterior, os participantes apresentam, em plenária, o resultado da pesquisa realizada sobre mortes prematuras.

Estimular um debate sobre os tipos de mortes prematuras, com base nos conteúdos apresentados neste Roteiro. O assunto deve ser analisado mais profundamente, daí a recomendação de realizar o estudo em duas reuniões, no mínimo.

Observação: informar à turma que o assunto da próxima reunião será desenvolvido por um convidado.

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS

Roteiro 3

A CONTINUIDADE DA VIDA

Objetivos

- » Realizar análise reflexiva a respeito das ideias espíritas que tratam da continuidade da vida no além-túmulo.
- » Identificar as condições de vida após a desencarnação.

Ideias principais

- » Com a desencarnação, o Espírito retorna ao plano espiritual, sua pátria de origem, o [...] *mundo espiritual, que preexiste e sobrevive a tudo*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 85.
- » À medida que o Espírito se integra à vida no além-túmulo, reduzem-se, naturalmente, as influências oriundas do plano físico. Dessa forma, [...] *a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade*. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Introdução, item XI.
- » *A condição dos Espíritos na vida de além-túmulo, sua elevação, sua felicidade, tudo depende da respectiva faculdade de sentir e de perceber, que é sempre proporcional ao seu grau evolutivo*. Léon Denis: *Depois da morte*. Parte quarta, cap. XXXIII.
- » *Além disso, temos a observar que a sociedade, para lá da morte, carrega consigo os reflexos dos hábitos a que se afeiçoava no mundo*. Emmanuel: *E a vida continua*. Prefácio.

Subsídios

Com a desencarnação, o Espírito retorna ao plano espiritual, sua pátria de origem, o “[...] mundo espiritual, que preexiste e sobrevive a tudo”,¹ afirmam os esclarecidos orientadores espirituais, acrescentando que:

A vida espiritual é, realmente, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre é transitória e passageira, espécie de morte, se comparada ao esplendor e atividade da vida espiritual. O corpo não passa de vestimenta grosseira que reveste temporariamente o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual ele se sente feliz em libertar-se. [...].²

Com a desencarnação, inicia-se, então, a fase de adaptação ao novo plano existencial de diferente nível vibratório, que pode ser mais ou menos acelerada, mais ou menos confortável, de acordo com as condições íntimas de cada desencarnado. Nesta situação, o espírita detém todas as condições para não temer a morte e, se esclarecido e prudente, soube preparar-se cuidadosamente para esse momento, garantindo um retorno feliz à pátria verdadeira.

O espírita sério não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina; a vida futura é uma realidade que se desdobra incessantemente a seus olhos; realidade que ele toca e vê, por assim dizer, a cada passo e de modo que a dúvida não tem guarida em sua alma. A vida corpórea, tão limitada, se apaga diante da vida espiritual, que é a verdadeira vida. Daí a pouca importância que atribui aos incidentes da jornada e a resignação nas vicissitudes que enfrenta cujas causas e utilidade compreende perfeitamente. Sua se alma eleva pelas relações que mantém com o mundo invisível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando-se por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação, inseparável da transição, é de curta duração, porque, uma vez franqueado o passo, ele logo reconhece, nada estranhando e se dando conta imediatamente da nova situação em que se encontra.³

À medida que o Espírito se integra à vida no além-túmulo, reduzem-se, naturalmente, as influências oriundas do plano físico. Dessa

forma, “[...] a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.”⁴

A adaptação do desencarnado no plano espiritual pode, contudo, não ocorrer de imediato, às vezes se revela marcada por angústias e tristezas, nem sempre relacionada às imperfeições morais do Espírito, propriamente ditas, mas em razão da desinformação ou ignorância a respeito da sobrevivência do Espírito ou das condições de vida após a morte do corpo físico. Nesta situação, não se preparando adequadamente para a morte, a pessoa apresenta dificuldades de integração à realidade da qual faz parte agora.

A difusão das ideias espíritas pode, assim, reverter ou amenizar esse quadro.

Como é horrível a ideia do nada! Como são de lastimar os que acreditam que se perde no vácuo, sem encontrar eco que lhe responda, a voz do amigo que chora o seu amigo! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com a sua vasta inteligência é uma combinação de matéria, que, como um sopro, se extingue para sempre; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado não restará senão um pouco de pó que o vento fatalmente dispersará. Como pode um homem de coração manter-se frio a essa ideia? Como não o gela de terror a ideia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje a razão não lhe foi suficiente para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissipar toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. É por isso que em toda parte essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe, de agora em diante, que a vida terrena é apenas uma breve passagem que conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos neste mundo não lhe ficam perdidos e que as mais santas afeições não se destroem sem mais esperanças.⁵

1. A reintegração do Espírito no além-túmulo

Há várias condições que favorecem a adaptação do Espírito ao mundo espiritual, mas todas elas estão subjugadas ao processo evolutivo, intelectual e moral, do desencarnado. Vamos, então, analisar

os principais fatores favoráveis à adaptação do Espírito na moradia que passa a viver, antes que lhe ocorra, outra vez, nova reencarnação.

1.1. Condições do desligamento do perispírito do corpo físico

O Codificador considera que, conforme sejam as condições de desligamento do perispírito, a travessia de um plano para outro pode caracterizar, ou não, sofrimento ao Espírito.

Estabeleçamos em primeiro lugar, e como princípio geral, as quatro condições que se seguem, sem perder de vista que entre elas há uma infinidade de variantes:

1º) Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma não sentiria absolutamente nada.

2º) Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma.

3º) Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.

4º) Se após a cessação completa da vida orgânica existirem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo até que esse laço se desfaça inteiramente.

Daí resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável.⁶

1.2. Estado de perturbação que acompanha a desencarnação

O estado de perturbação, diretamente relacionado às condições de desligamento perispiritual, facilita ou dificulta a integração do Espírito no Além. Assim, partindo do princípio de que a perturbação é fato normal que acompanha a desencarnação, a sua duração, contudo,

[...] é indeterminada [e pode] perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta,

a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; vê como que através de um nevoeiro, aclarando-se a vista pouco a pouco e lhe despertando a memória e o conhecimento de si mesma. Esse despertar, contudo, bem diverso, conforme os indivíduos; nuns é claro é calmo e cheio de sensações deliciosas; noutros é repleto de terrores e de ansiedades, qual se fora horrível pesadelo.⁷

Nessas condições, se os laços que prendem o Espírito ao corpo forem frágeis, em decorrência do sentido que o desencarnante deu à existência pelo desencarnante, o desligamento não é demorado e, conseqüentemente, não é doloroso: “[...] Há pessoas nas quais a coesão [perispiritual] é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, com a maior naturalidade. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro que se desprende do seu caule. É o caso das mortes calmas e de despertar pacífico”⁸

1.3. Condições morais do Espírito

Assevera Allan Kardec que moralidade do desencarnante exerce peso fundamental no seu desligamento perispiritual, amenizando o processo de perturbação, fato que favorece a rápida adaptação no mundo dos Espíritos.

[...] estado moral é causa principal da maior ou menor facilidade de desprendimento a alma. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria, atingindo o seu máximo no homem cujas preocupações se concentram exclusivamente na vida terrena e nos gozos materiais. Tal afinidade é quase nula naqueles cujas almas, já depuradas, identificam-se por antecipação com a vida espiritual. E uma vez que a lentidão e a dificuldade do desprendimento estão na razão do grau de pureza e desmaterialização da alma, depende de cada um de nós tornar fácil ou penoso, agradável ou doloroso, esse desprendimento. [...].⁹

1.4. Condições relacionadas ao gênero de morte

O tipo de desencarnação que conduz à morte do corpo físico exerce influência no processo e adaptação no plano espiritual.

- » Nos casos [...] de morte natural — a que resulta da extinção das forças vitais por velhice ou doença — o desprendimento opera-se gradualmente; para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos

pensamentos se elevam acima das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, enquanto o corpo ainda tem vida orgânica, o Espírito já penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração. Nesta situação o Espírito pode já ter recuperado a sua lucidez, de forma a tornar-se testemunha consciente da extinção da vida do corpo, do qual se sente feliz por tê-lo deixado. Para esse a perturbação é quase nula, ou antes, não passa de ligeiro sono calmo, do qual desperta com indizível impressão de esperança e felicidade.¹⁰

- » Na morte violenta as condições não são exatamente as mesmas. Como não houve nenhuma desagregação parcial capaz de levar a uma separação antecipada entre o corpo e o perispírito, a vida orgânica é subitamente aniquilada no auge de sua exuberância. Nestas condições, o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e sente, e pensa, e acredita-se vivo, prolongando-se esta ilusão até que compreenda a sua posição. Este estado intermediário entre a vida corporal e a espiritual é um dos mais interessantes para ser estudado, porque apresenta o espetáculo singular de um Espírito, que julga material o seu corpo fluídico, experimentando ao mesmo tempo todas as sensações da vida orgânica. [...].¹¹
- » Integrado à vida espiritual, o desencarnado prossegue a sua marcha evolutiva, desenvolvendo os aprendizados necessários, mantendo-se vinculado aos Espíritos que lhes são afins, os quais, por sua vez, fazem parte das diferentes organizações sociais (colônias, cidades, postos, organizações) existentes do além-túmulo. A desencarnação não opera mudanças bruscas, razão porque nas “[...] esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existência material [...]”.¹²

Na verdade, aqui como no plano espiritual, o estado de felicidade e infelicidade encontra-se no próprio Espírito, em razão das suas escolhas, crenças e interesses. Assim, no plano espiritual há diferentes tipos de moradas, estabelecidas em decorrência das afinidades e simpatias espirituais dos seus habitantes. Os Espíritos moralmente esclarecidos têm trânsito livre nas diferentes organizações, onde atuam como instrumento de auxílio aos que sofrem.

Pondera Léon Denis que os “[...] Espíritos inferiores, sobrecarregados pela densidade de seus fluidos, ficam ligados ao mundo onde

viveram, circulando em sua atmosfera ou envolvendo-se entre os seres humanos [encarnados].¹³ Argumenta, também, que:

as alegrias e as percepções do Espírito não procedem do meio que ele ocupa, mas de suas disposições pessoais e dos progressos realizados. Embora com o perispírito opaco e envolto em trevas, o Espírito atrasado pode encontrar-se com a alma radiante cujo invólucro sutil se presta às delicadas sensações, às mais extensas vibrações. Cada um traz em si sua glória ou sua miséria. A condição do Espírito na vida de além-túmulo, sua elevação, sua felicidade, tudo depende da respectiva faculdade e sentir e de perceber, que é sempre proporcional ao seu grau evolutivo. [...] As almas colocam-se e agrupam-se no espaço segundo o grau de pureza do seu respectivo invólucro [perispiritual]; a condição do Espírito está em relação direta com a sua constituição fluídica, que é a própria obra, a resultante do seu passado e de todos os seus trabalhos. Determinando a sua própria situação, acham, depois, a recompensa que merecem. [...].¹⁴

Como a maioria dos Espíritos que integra o plano espiritual terrestre retornará à reencarnação, por inúmeras vezes, até que alcance o nível evolutivo de Espírito puro — patamar dos que só reencarnam na Terra se quiser — são classificados de *Espíritos Errantes*. A palavra “errante” —, utilizada por Kardec (*O livro dos espíritos*, questão 226) para designar o Espírito que ainda precisa reencarnar —, causa, às vezes, algumas dúvidas. Assim, importa considerar que errante, do francês *errant*, significa, neste contexto, o que não é fixo, o que vagueia. O estado de erraticidade cessa quando o Espírito atinge o estágio da Perfeição Moral, tornando-se Espírito puro. Nesta situação, ele não é mais considerado errante, pois não precisa reencarnar no planeta a que se encontra filiado, pois já alcançou o nível de conhecimento, moral e intelectual, que este mundo comporta. Poderá, então, renascer em outro orbe planetário, prosseguindo em sua marcha evolutiva.

A duração da erraticidade é extremamente variável, sendo mais ou menos prolongada conforme o nível evolutivo de cada Espírito. Sabe-se, porém, que os Espíritos imperfeitos renascem mais vezes.

Ante tais argumentações, um fato se destaca dos demais: a necessidade premente de nos prepararmos adequadamente para a desencarnação e para a experiência em outra dimensão da vida.

Eis como Emmanuel fecha essa questão da reintegração do Espírito na nova realidade, após a morte do veículo somático, com sabedoria e simplicidade:¹⁵

A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas so ciedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra.

Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 85, p. 120.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXIII, item 8, p. 419.
3. _____. *O céu e o inferno*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Segunda parte. Cap. I, item 14, 227.
4. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Introdução, item XI, p. 50.
5. _____. Cap. XXVIII, item 62, p. 527-528.
6. _____. *O céu e o inferno*. Op. Cit. Segunda parte. Op. Cit. Cap. I, item 5, p. 221-222.
7. _____. Item 6, p. 222.
8. _____. p. 223.
9. _____. Item 8, p. 223.
10. _____. Item 9, p. 224.
11. _____. Item 12, p.225-226..
12. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008, pergunta 160, p. 128.

13. DENIS, Léon. *Depois da morte*: exposição da doutrina dos espíritos. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Parte quarta, cap. XXXIII, p. 285.
14. _____. p. 285-287.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Op. Cit., pergunta 148, p. 119-120.

Orientações ao monitor

O monitor faz apresentação do expositor convidado, e informa aos participantes que após a exposição de aproximadamente 40 minutos, a turma disporá de 30 minutos para dirigir perguntas ao convidado.

Terminada a sessão de tira dúvidas, o monitor faz o fechamento do assunto, tendo como referência os conteúdos estudados e a mensagem de Emmanuel *A incógnita do Além*, inserida no anexo.

Observação: Indicar três participantes para, respectivamente, pesquisarem os itens que se seguem, cujos conteúdos serão apresentados na próxima aula (Roteiro 4: O espírito imortal).

Itens para serem pesquisados:

1. Sensações e percepções dos espíritos desencarnados.
2. Organização social no plano espiritual (características e tipos de comunidades espirituais existentes no além-túmulo).
3. Aspectos da vida no plano espiritual.

Anexo

A incógnita do Além *

Emmanuel

Meus amigos, Deus vos conceda muita paz espiritual no caminho diário.

Conheço a ansiedade com que muitos de vós outros batem às portas da revelação; sei de vossas aspirações e já experimentei vosso desejo infinito.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Escrínio de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Matão [SP]: O Clarim, Rio 1973. Item: A incógnita do Além, p. 143-145.

O homem defrontará sempre a incógnita do além túmulo, tomado de indizíveis angústias, quando se distancia do alimento espiritual, matéria prima da vida externa. É o que ocorre no cenário de vosso século, repleto de acontecimentos de profunda significação científica e filosófica, cercados de realizações, da máquina e empolgados de ideologias políticas; permaneceis à beira de abismos que solapam os séculos laboriosos de realizações.

O homem moderno cresceu em suas realizações puramente intelectualísticas avançando no domínio das organizações materiais entretanto, por trás de muralhas de livros, ao longo de códigos pacientemente elaborados, à sombra de laboratórios, a inteligência da criatura se esconde para preferir a morte. A ciência que devassou desde o subsolo à estratosfera, manifesta a sua impossibilidade de dominar o vulcão mortífero. Vinte séculos de pensamento cristão não bastaram. Milhares de mensagens da Providência divina, convertidas em utilidades para a civilização de nossos tempos sopitaram os novos surtos de devastações e misérias. Não lamentamos porém. Apenas nos referimos à semelhante derrocada para exaltar a grandeza da experiência espiritual.

O homem econômico de nossas filosofias atuais não pode subsistir no quadro da evolução divina. O homem é espírito antes de tudo. A Terra é a nossa escola milenária, aguardando resignadamente a nossa madureza de sentimentos.

É por isto que acorrestes à presente reunião, em vossa maioria tangidos pelo desejo de auscultar o desconhecido. É por isso que esperáveis expressões fenomênicas que vos modificassem inteiramente. No fundo, meus amigos, desejais a Fé, quereis tocar a certeza. Entretanto, a curiosidade não pode substituir o trabalho perseverante e metódico. Nenhuma técnica profissional por mais singela pode se eximir de cultores da experiência sentida e vivida.

Alguns dentre vós formulais indagações mentais enquanto outros aguardam manifestações que firmam as percepções externas. Todavia, apesar do desejo de vos atender particularmente, não seria possível quebrar a lei universal da iniciativa de cada um no campo do livre arbítrio que nos rege os destinos. A humanidade suplica expressões novas que lhe definam as diretrizes para o mais alto e vossos corações permanecem cansados do atrito despensivo. Sois, de modo geral, os viajores que extenuados do caminho árido começam a indagar as profundezas do

céu, tendo sempre uma resposta para quantos o contemplam, convictos de que a vida é testemunho de trabalho, de realizações e de confiança. Nenhuma elevação se verificará sem o esforço próprio.

É por este motivo que as ideias religiosas antigas, embora respeitáveis pelas mais sublimes tradições, não mais satisfazem. Os templos de pedra deixam exalar ainda o incenso da poesia, mas as novas esperanças pedem esclarecimentos concretos e roteiros precisos.

Sim, nossa sede é justa.

A fonte, porém, ainda é aquela que o Mestre nos trouxe há dois mil anos.

Procurai esta água da vida eterna.

Não vos deixeis dominar tão somente pela ânsia que às vezes é doentia. Procurai de fato conhecer.

Não vos restrinjas ao campo limitado da curiosidade. Toda curiosidade é boa quando conduz ao trabalho.

Recebei, portanto, os serviços de Deus, em vós mesmos. Vosso coração e vossa inteligência constituem a grande oficina. Aí dentro operareis maravilhas desde que não condeneis vossas melhores ferramentas de observação e possibilidades de serviço à ferrugem do esquecimento.

Que a vossa curiosidade seja um marco útil na estrada da sabedoria.

Continuai no vosso esforço lembrando que se viestes hoje bater à porta do mais além, o mais além respondendo vem bater igualmente às vossas portas. Ansiedade palpita em todo Estudo.

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS

Roteiro 4

O ESPÍRITO IMORTAL

Objetivos

- » Analisar os principais aspectos que caracterizam a existência e a sobrevivência do Espírito.

Ideias principais

- » É “[...] chegada a época de reconhecermos que todos somos vivos na Criação Eterna. Em virtude de tardar semelhante conhecimento nos homens, é que se verificam grandes erros. [...]”. Emmanuel: *Pão nosso*. Cap. 42.
- » É ainda reduzido o número dos que despertam na luz espiritual plenamente cômicos da sua situação, porque diminuta é a percentagem de seres humanos que se preocupam sinceramente com as questões do seu aprimoramento moral. A maioria dos desencarnados, nos seus primeiros dias da vida além do túmulo, não encontram senão os reflexos dos seus péssimos hábitos e das suas paixões, que, nos ambientes diversos de outra vida, os aborrecem e deprimem. O corpo das suas impressões físicas prossegue perfeito, fazendo-lhes experimentar acerbos torturas e inenarráveis sofrimentos. Emmanuel: *Emmanuel*. Cap. XXX, item: situação dos recém-libertos da carne.
- » No além-túmulo, os Espíritos [...] se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou antipatia de seus sentimentos, tal qual sucede entre vós. É

todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 278.

Subsídios

Esclarece o benfeitor Emmanuel que:¹

A Doutrina dos Espíritos [...] veio desvendar ao homem o panorama da sua evolução, e esclarecê-lo no problema das suas responsabilidades, porque a vida não é privilégio da Terra obscura, mas a manifestação do Criador em todos os recantos do universo. Nós viveremos eternamente, através do Infinito, e o conhecimento da imortalidade expõe os nossos deveres de solidariedade para com todos os seres, em nosso caminho; por esta razão, a Doutrina Espiritista é uma síntese gloriosa de fraternidade e de amor. O seu grande objeto é esclarecer a inteligência humana. [...].

O apóstolo Paulo, por sua vez, apresenta admirável simbolismo, nos versículos que se seguem, ao argumentar que a verdadeira morte é o pecado e que a alma purificada no bem se torna incorruptível e vive eternamente: *Quando, pois, este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei (I Coríntios, 15:54-56. Bíblia de Jerusalém).*

Assim, ter consciência plena de que somos seres imortais, que a vida continua após a morte do corpo físico, que existem planos existenciais nos quais o Espírito continua a sua jornada evolutiva, na Terra e fora dela, implica aquisição de conhecimento e discernimento espirituais.

Conhecimento porque nem sempre a pessoa recebe, durante uma reencarnação, os corretos esclarecimentos sobre a imortalidade do Espírito no além-túmulo. A usual educação religiosa não fornece esclarecimentos mais aprofundados, mantendo o adepto em estado de dúvida, seja porque lhe falta leituras complementares sobre o assunto, seja por equívocos de interpretação dos textos sagrados.

Neste sentido, os indivíduos são cerceados “[...] pelas imensas barreiras que lhes levantam os dogmas e preconceitos de todos os matizes, nas escolas científicas e facções religiosas, militantes em todas as partes do globo.”²

Muitos Espíritos, afeitos ao tradicionalismo intransigente e rotineiro, são incapazes de conceber a estrada ascensional do progresso, como de fato ela é, cheia de lições novas e crescentes resplendores; é assim que, completando as longas fileiras de retardatários, perturbam, às vezes, a paz dos que estudam devotamente no livro maravilhoso da Vida, com as suas opiniões disparatadas, prevalecendo-se de certas posições mundanas, abusando de prerrogativas transitórias que lhes são outorgadas pelas fortunas iníquas. Não conseguem, porém, mais do que estabelecer a confusão, sem que as suas mentes egoístas tragam algo de belo, de novo ou de verdadeiro, que aproveite ao progresso geral. [...].³

Ainda que a compreensão da imortalidade do Espírito se revele lógica e racional para o Espiritismo — e mais de acordo com a bondade e misericórdia divinas — não é aceita por escolas religiosas tradicionais e, somente na última década, tem merecido maior atenção da Ciência. A persistência em tais posições pode resultar desagregação social, sempre geradora de sofrimento porque, encontrando-se o homem desinformado a respeito de sua realidade espiritual para além das fronteiras do mundo físico, se apega em demasiado à vida material, dá pouca ou nenhuma importância à aquisição de valores morais que o transforma em pessoa de bem. Aceitando que a vida termina com a morte do corpo físico, comete uma série de desatinos contra si mesmo e contra o próximo.

Desalentadoras são as características da sociedade moderna, porque, se a coletividade se orgulha dos seus progressos físicos, o homem se encontra, moralmente, muito distanciado dessa evolução. Semelhante anomalia é a consequência inevitável da ignorância das criaturas, com respeito à sua própria natureza, desconhecimento deplorável que as incita a todos os desvios. Vivendo apenas entre as coisas relativas à matéria, submergem nas superficialidades prejudiciais ao seu avanço espiritual. Ignoram, quase que totalmente, o que sejam as suas forças latentes e as suas possibilidades infinitas, adormecendo ao canto embalador dos gozos falsos do eu pessoal, e apenas os sofrimentos e as dificuldades as obrigam a despertar para a existência espiritual,

na qual reconhecem quanta alegria dimana do exercício do bem e da prática da virtude, entre as santas lições da verdadeira fraternidade.⁴

Por ainda se manter prisioneira dos limites das formas existentes plano de vida, onde estamos atualmente, somente agora é que a humanidade começa a se dar conta que a matéria se manifesta em outras dimensões, sempre a serviço da manifestação do Espírito. Cedo ou tarde a sociedade humana reconhecerá, a si mesma, como seres imortais, habitantes de diferentes planos vibracionais. Entenderá que além da existência física há uma realidade espiritual pulsante, socialmente organizada, constituída de seres humanos que não possuem corpo físico, mas que atuam no meio ambiente onde vivem, interagindo com outros habitantes, através de outro corpo, o perispírito.

Neste sentido, afirma Irmão Claudio, personagem que consta do livro *Nosso lar*.⁵

[...] Chame-se a este mundo em que existimos, neste momento, “outra vida”, “outro lado”, “região extrafísica” ou “esfera do Espírito”, estamos num centro de atividade tão material quanto aquele em que se movimentam os homens, nossos irmãos ainda encarnados, condicionados ao tipo de impressões que ainda lhes governam, quase que de todo, os recursos sensoriais. O mundo terrestre [dos encarnados] é aquilo que o pensamento do homem faz dele. Aqui, é a mesma coisa. A matéria se resume a energia. Cá e lá [no plano físico] o que se vê é a projeção temporária de nossas criações mentais...

Como para a Doutrina Espírita não há dúvida sobre a imortalidade do Espírito e a organização social existente no plano extrafísico, apresentaremos, em seguida, alguns conteúdos doutrinários relacionados à temática.

1. Sensações e percepções dos espíritos desencarnados

A maioria dos Espíritos que aportam ao mundo espiritual não tem, de imediato, consciência da nova realidade da vida para onde foi transferido após a desencarnação. É o que esclarece Emmanuel:

É ainda reduzido o número dos que despertam na luz espiritual plenamente cômicos da sua situação, porque diminuta é a percentagem de seres humanos que se preocupam sinceramente com as questões

do seu aprimoramento moral. A maioria dos desencarnados, nos seus primeiros dias da vida além do túmulo, não encontram senão os reflexos dos seus péssimos hábitos e das suas paixões, que, nos ambientes diversos de outra vida, os aborrecem e deprimem. O corpo das suas impressões físicas prossegue perfeito, fazendo-lhes experimentar acerbos torturas e inenarráveis sofrimentos.⁶

É equívoco supor que pelo fato de não possuir corpo físico, os desencarnados não têm sensações e percepções. O perispírito é o veículo de manifestação no novo plano vibratório cuja natureza semimaterial revela que as células, tecidos, órgãos, aparelhos e sistemas perispirituais são mais etéreas. Entretanto, verifica-se que os Espíritos mais atrasados possuem perispírito muito denso, guardando significativa semelhança com o corpo físico da última encarnação.

Assim, o estado de equilíbrio ou de desarmonia que o desencarnado carrega em si é fortemente impresso nesse veículo sutil. O sofrimento apresentado pelos Espíritos produz somatizações perispirituais, semelhantes às encontradas em reencarnados portadores de desarmonias psíquicas ou emocionais.

Mas, como os Espíritos captam sensações e percepções, na ausência do corpo físico? Eis como responderam a esta pergunta os Espíritos orientadores da Codificação:

[...] A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar-se, nem se queimar. [...] Todos sabem que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede ou o ponto de partida da dor; o cérebro é que guardou esta impressão, eis tudo. É lícito, pois admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte. [...] É preciso, porém, tomar cuidado para não se confundir as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo; [...] Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, já que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: já os vimos atravessar chamas, sem nada experimentarem de penoso; a temperatura, pois, não lhes causa nenhuma impressão. Logo, a dor que sentem não é uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre

compreende bem, precisamente porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa [...].⁷

Diferentemente do que acontece no corpo físico, no qual as sensações e percepções se concentram em determinada parte do corpo, em geral captadas pelos órgãos do sentido, nos desencarnados a sensações e percepções são sentidas em toda a extensão do perispírito. Por este motivo a dor, quando existe, é mais intensa, porque não é focal, mas atinge todos os recantos do veículo espiritual.

2. Organização social no plano espiritual

A desencarnação não opera mudanças bruscas, razão porque nas esferas espirituais mais próximas do planeta, as almas desencarnadas praticamente conservam características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existência material, buscando se relacionar com aqueles que lhes são afins. Nesse sentido, ensinam os orientadores da Codificação Espírita que as relações de simpatia representam a base da organização social no além-túmulo. “A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. [...]”⁸

[...] Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou antipatia de seus sentimentos, tal qual sucede entre vós. É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.⁹

As comunidades existentes no plano espiritual lembram, segundo palavras do Codificador do Espiritismo, “[...] uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde o vício e a virtude convivem lado a lado sem se falarem.”¹⁰

Entretanto, nem todos os Espíritos têm acesso livre aos diferentes grupos ou sociedades: “Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos bons são interditas aos Espíritos imperfeitos, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”¹¹

O Espírito André Luiz fornece uma riqueza de informações a respeito da vida no plano espiritual que, realmente, merecem ser conhecidas. Esclarece, por exemplo, que a Sociedade Espiritual está organizada em níveis evolutivos, à semelhança de “[...] mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. [...]”¹² Em seguida, registramos breves anotações a respeito dessas sociedades existentes no Além, em caráter de ilustração.

2.1. Comunidades abismais

São regiões inóspitas, de trevas, situadas abaixo da crosta planetária, conforme se encontram descritas pelo Espírito André Luiz em *Nosso Lar*,¹³ capítulo 44 (As trevas) e em *Obreiros da vida eterna*,¹⁴ capítulo 8 (Treva e sofrimento). Para esse Espírito a expressão trevas é o nome dado: “[...] às regiões mais inferiores que conhecemos. [...]”¹⁵

São localidades de grande sofrimento existentes no Além, onde vivem milhares de Espíritos que preferem “[...] caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado [...]”¹⁵

2.2. Comunidades umbralinas

O Umbral é uma região que “[...] começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...]”¹⁶

Os habitantes do Umbral mantêm-se fortemente vinculados aos encarnados, acompanham-nos de perto, imiscuindo-se nas suas atividades e negócios. “[...] O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena. [...]”¹⁷

2.3. Comunidades de transição

São comunidades fronteiriças, situadas acima do Umbral e abaixo das regiões superiores. Como exemplo ilustrativo, temos a Colônia Nosso Lar.¹⁸

Nela ainda existe sofrimento, mas os seus habitantes, de evolução mediana, são mais esclarecidos. Tal posição espiritual favorece a natureza, caracterizada por belezas e harmonias inexistentes nos planos inferiores. A Colônia possui várias avenidas enfeitadas de árvores frondosas. O ar ali é puro, e a atmosfera ambiental reflete profunda tranquilidade espiritual.

Não há, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, visto que as vias públicas estão sempre repletas de entidades numerosas em constantes atividades, indo e vindo.

2.4. Comunidades superiores

São regiões espirituais consideradas verdadeiros paraísos, tendo em vista o nível de evolução moral e intelectual dos seus habitantes. Expressam, na verdade, “[...] diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade.[...]”¹⁹

Tal como acontece nas demais regiões citadas, há diferentes planos de superioridade nessas comunidades. Por exemplo, André Luiz nos informa da existência de elevada comunidade nos planos superiores, denominadas *redimidas*.

Os seus habitantes possuem entendimento “[...] muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo o contacto direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de enviados e missionários de grande poder. [...]”²⁰

3. Aspectos da vida no plano espiritual

Emmanuel pondera que é “[...] chegada a época de reconhecermos que todos somos vivos na Criação eterna. Em virtude de tardar semelhante conhecimento nos homens, é que se verificam grandes erros. [...]”²¹

Neste aspecto, é útil então recordar alguns ensinamentos espíritos que tratam diretamente do assunto, e que fazem parte do livro *Evolução em dois mundos*, transmitido pelo Espírito André Luiz.

3.1. Alimentação

O desencarnado comum, o que estava acostumado à ingestão de quantidades significativas de alimentos no plano físico, é encaminhado

“[...] aos centros de reeducação do plano espiritual [...]”²², onde aprendem a alimentar-se com equilíbrio.

- » [...] Abandonado o envoltório físico profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar, e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no autorreajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular [...].²²
- » Ali, [...] encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma porquanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutilizados ou sínteses quimio-eletromagnéticas, hauridas no reservatório da natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si [...].²³

3.2. Linguagem

[...] Incontestavelmente, a linguagem do Espírito é, acima de tudo, a imagem que exterioriza de si próprio. [...] Círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmar, com as próprias ideias, quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam.²⁴

3.3. Locomoção

[...] após a transfiguração ocorrida na morte, a individualidade ressurge com naturais alterações na massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral, munindo-se de aquisições diferentes para o novo campo de equilíbrio a que se

transfere, com possibilidades de condução e movimento efetivamente não sonhados, já que o pensamento contínuo e a atração, nessas circunstâncias, não mais encontram certas resistências peculiares ao envoltório físico [...].²⁵

3.4. Linhas morfológicas e aparência

- » [...] As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados. A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas [...].²⁶
- » [...] Os Espíritos superiores, pelo domínio natural que exercem sobre as células psicossomáticas, podem adotar a apresentação que mais proveitosa se lhes afigure, com vistas à obra meritória que se propõem realizar. [...] É importante considerar, todavia, que os Espíritos desencarnados, mesmo os de classe inferior, guardam a faculdade de exteriorizar os fluídos plasticizantes que lhes são peculiares, espécie de aglutininas mentais com que envolvem a mente mediúcnica encarnada, recursos esses nos quais plasmam, como lhes seja possível, as imagens que desejam expressar [...].²⁷

Há, naturalmente, inúmeros outros aspectos que caracterizam a existência no além-túmulo. São mínimas as ideias apresentadas neste Roteiro de Estudo, mas trazem a finalidade de demonstrar que um estudo mais completo deve ser realizado, por todos os interessados em descortinar a realidade da vida no plano espiritual.

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXVI, item: Nós viveremos eternamente, p. 185.
2. _____. Cap. XXVII, p. 187.
3. _____. Cap. XXVII, item: Ações perturbadoras, p. 187-188.
4. _____. Cap. XXVII, item: Características da sociedade moderna, p. 188-189.

5. _____. E a vida continua. Pelo Espírito André Luiz. 30. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 9, p. 82-83.
6. _____. Cap. XXX, item: A situação dos recém-libertos da carne, p. 206.
7. KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão. 257 – comentário, p. 222-223.
8. _____. Questão 301, p. 248.
9. _____. Questão 278, p. 241-242 .
10. _____. Questão 278 – comentário, p. 242 .
11. _____. Questão 279, p. 242.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15, p. 100.
13. _____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 59. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 44, p. 289-290.
14. _____. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8, p. 149.
15. _____. *Nosso Lar*. Op. Cit. Cap. 44, p. 291.
16. _____. Cap. 12, p. 79-80.
17. _____. Cap. 12, p. 81.
18. _____. Cap. 8, p. 55-59.
19. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 1017, p. 619.
20. XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Op. Cit. Cap. 3, p. 60.
21. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 42, p. 95-96.
22. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 1, p. 211.
23. _____. Cap. 1, p. 211-212.
24. _____. Cap. 2, p. 213.
25. _____. Cap. 3, p. 215-216.
26. _____. Cap. 4, p. 219.
27. _____. Cap. 5, p. 223-224.

Orientações ao monitor

O monitor pede aos três participantes — os que na reunião anterior, ficaram incumbidos de pesquisar conteúdos deste Roteiro de Estudo —, para apresentem o resultado da pesquisa realizada.

Os demais participantes, por sua vez, anotam perguntas ou comentários que gostariam de fazer, após as exposições.

Concluída as exposições, o monitor inicia a fase de perguntas ou de comentários, relativos aos assuntos que foram apresentados.

Em seguida, destaca a importância da pessoa preparar-se, desde a atual existência, para a desencarnação e para uma vida mais feliz no plano espiritual.

Retoma, ao final, o teor da mensagem de Emmanuel, *A incógnita do além*, inserida no anexo do Roteiro 3 (A continuidade da vida), estudado na semana passada, para reforçar o conjunto de ideias desenvolvido na reunião.

EADE LIVRO IV | MÓDULO III

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 1

O BEM E O MAL

Objetivos

- » Conceituar bem e mal.
- » Explicar o significado de bem e de mal, segundo as orientações espíritas.

Ideias principais

- » Bem é [...] *aquilo que enseja as condições ideais ao equilíbrio, à manutenção, ao aprimoramento e ao progresso de uma pessoa ou de uma coletividade. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, p.275.*
- » Mal é tudo [...] *o que é prejudicial ou fere; o que concorre para o dano ou a ruína de alguém ou algo; o que é nocivo para a felicidade ou o bem-estar físico ou moral. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, p.1219.*
- » Para os Espíritos da Codificação Espírita, o [...] *bem é tudo o que é conforme à lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringir essa lei. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Questão 630.*
- » [...] *As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes o homem comete faltas que, embora decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis. Mas a sua responsabilidade é proporcional aos meios de que ele dispõe para compreender*

o bem e o mal. É por isso que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Questão 637 – comentário.

Subsídios

O conceito de bem e de mal existe desde as épocas imemoriais, mas nem sempre delineado de forma precisa nas sociedades primitivas. Alguns filósofos antigos expressavam opiniões sobre o bem, como o fazia Aristóteles, mas foi somente com ideias do filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804), que o bem passou a ser reconhecido como um conjunto de valores imprescindíveis à melhoria do ser humano. Meta a ser alcançada, sempre atuando integrada com o intelecto, o sentimento e a vontade.

O conceito de mal está sempre correlacionado ao bem, seja no sentido de lhe fazer oposição, seja como aptidão negativa do ser humano.

Segundo o dicionário, bem “[...] é aquilo que enseja as condições ideais de equilíbrio, à manutenção, ao aprimoramento e ao progresso de uma pessoa ou de um empreendimento humano ou de uma coletividade.”¹ Indica também “[...] conjunto de princípios fundamentais de determinada sociedade propícios ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento moral, quer dos indivíduos, quer da comunidade.”¹

Em outro sentido, mal é algo irregular; “[...] diversamente do que convém ou do que se desejaria; modo ruim [...]; de maneira imperfeita, incompleta; insuficientemente; de maneira insatisfatória, que não corresponde às expectativas; de modo incorreto; erradamente [...]; de modo pouco adequado; defeituosamente [...]”²

1. Conceitos filosóficos de bem e de mal

Bem, segundo a Filosofia, expressa “[...] tudo o que possui valor, preço, dignidade, a qualquer título.”³ É uma palavra que traz o significado implícito de moralidade, significando, portanto, beleza de caráter ou virtude humana. O mal é tudo o que faz oposição ao bem, e representa característica dualista marcante do ser humano (ser e não ser mau). Mas o mal poderia subjetivamente ser considerado como uma aptidão negativa ou juízo negativo.⁴

Para os filósofos neoplatônicos, a presença do mal estimularia ações no bem, “[...] de tal modo que, p. ex., não haveria justiça se não houvesse ofensas, não haveria trabalho se não houvesse indolência, não haveria verdade se não houvesse mentira [...]”⁴

Para os filósofos cristãos, como Agostinho de Hipona (354–430), o mal não se identifica com o bem, pois nenhuma natureza é má e todas as coisas são boas.⁴ A palavra “mal” refere-se, apenas, à privação do bem em dadas circunstâncias, afirma esse teólogo católico, mais conhecido como santo Agostinho, que participou mais tarde da plêiade dos instrutores da Codificação Espírita.

O outro sentido de mal, amplamente estudado pelos filósofos de diferentes épocas, consiste em considerá-lo como algo inerente à personalidade humana. Ou seja, o homem, encontra-se em permanente conflito consigo mesmo porque convive com duas forças antagônicas: o bem e o mal. Esta visão da dualidade foi (e é) amplamente defendida pelos metafísicos.⁴

2. Conceitos espíritas de bem e de mal

Os conceitos de bem e de mal existentes nas obras espíritas são muito claros. São de abrangência universal e atemporal, além de não produzirem dúvidas ou interpretações equivocadas, pois estão destinados a todas as pessoas, independentemente do nível evolutivo em que se encontram.

Para os Espíritos da Codificação Espírita, por exemplo, o “[...] bem é tudo o que é conforme à lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringir essa lei.”⁵

Mas há outros conceitos, como os que se seguem

Por que o bem está relacionado à moral?

- » “[...] A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus.”⁶
- » A prática do bem se resume no Amor: “O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quanto mais avançado e corrompido, só

tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. [...]”⁷

- » O bem está relacionado à virtude: “A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso [...]”⁸

Porque existe o mal no mundo? O mal é necessário?

- » “[...] os Espíritos foram criados simples e ignorantes. Deus deixa ao homem a escolha do caminho. Tanto pior para ele, se toma o mau caminho: sua peregrinação será mais longa. Se não existissem montanhas, o homem não compreenderia que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito adquira experiência e, para isso, é necessário que conheça o bem e o mal. Eis por que existe a união do Espírito e do corpo.”⁹ (Nesse contexto, recomenda-se também a leitura das perguntas 115 e 119 de “O livro dos espíritos”).
- » Disse Jesus: Ai do mundo por causa dos escândalos! É necessário que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem! (*Mateus, 18:7. Bíblia de Jerusalém*).
- » “É preciso que haja escândalo no mundo, disse Jesus, porque os homens, em razão de sua imperfeição, se mostram inclinados a praticar o mal, e porque as más árvores dão maus frutos. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens e não que haja, para estes, obrigação de praticá-lo.”¹⁰
- » É necessário que o escândalo venha, porque, estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, buscarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. É assim que do mal Deus faz emergir o bem e que os próprios homens utilizam as coisas más ou sem valor.”¹¹
- » “Mas, ai daquele por quem venha o escândalo. Quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que serviu, sem o saber, de instrumento à Justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e de merecer punição [...]”¹²

Como fazer distinção entre o bem e o mal?

- » “[...] Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro.”¹³
- » “Jesus vos disse: vede o que gostaríeis que vos fizessem ou não vos fizessem. Tudo se resume nisso. Não vos enganareis.”¹⁴
- » “[...] Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática desta sentença: Não façais aos outros o que não gostaríeis que os outros vos fizessem; fazei, ao contrário, todo o bem que puderdes fazer-lhes [...]”¹⁵
- » “[...] À medida que a alma, comprometida no mau caminho, avança na vida espiritual, pouco a pouco se esclarece e se despoja de suas imperfeições, conforme a maior ou menor boa vontade que demonstre, em virtude do seu livre-arbítrio. Todo pensamento mau resulta, pois, da imperfeição da alma; mas, de acordo com o desejo que alimenta de depurar-se, mesmo esse mau pensamento se torna para ela uma ocasião de adiantar-se, porque o repele com energia. É indício de esforço por apagar uma mancha. Não cederá, caso se apresente ocasião de satisfazer a um mau desejo. Depois que haja resistido, sentir-se-á mais forte e contente com a sua vitória [...]”¹⁶
- » “[...] Em resumo, naquele que nem sequer concebe a ideia do mal, já há progresso realizado; naquele em quem surge essa ideia, mas a repele, há progresso em vias de realizar-se; naquele, finalmente, que pensa no mal e nele se compraz, o mal ainda existe em toda a sua plenitude. Num, o trabalho está feito; no outro, está por fazer-se. Deus, que é justo, leva em conta todas essas gradações na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.”¹⁶

Há quem não consiga fazer o bem?

- » “Não há ninguém que não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra oportunidade de o praticar. Basta que se esteja em relação com outros homens para se ter ocasião de fazer o bem, e cada dia da existência ofereça essa possibilidade a quem não estiver cego pelo egoísmo. Fazer o bem não consiste somente em ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, toda vez que o auxílio se fizer necessário.”¹⁷
- » “[...] É um fato que muitas vezes pudestes constatar: por mais abjeto, vil e criminoso que possa ser, o homem dispensa, a um ser ou a um objeto

qualquer, uma afeição viva e ardente, à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la, alcançando, muitas vezes, sublimes proporções [...]”¹⁸

Como proceder sempre de acordo com o bem?

- » “Quando comeis em excesso, isso vos faz mal. Pois bem, é Deus quem vos dá a medida do que necessitais. Quando ultrapassais essa medida, sois punidos. Dá-se o mesmo em tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se o homem sempre escutasse essa voz que lhe diz basta, evitaria a maior parte dos males, de que acusa a natureza.”¹⁹
- » “As condições de existência do homem mudam de acordo com os tempos e os lugares, resultando para ele necessidades diferentes e posições sociais apropriadas a essas necessidades. Já que essa diversidade está na ordem das coisas, ela é conforme à lei de Deus, lei que não deixa de ser una em seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades reais das necessidades artificiais ou convencionais.”²⁰
- » “As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes o homem comete faltas que, embora decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis. Mas a sua responsabilidade é proporcional aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. É por isso que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.”²¹
- » “[...] Aproveitar do mal é participar do mal. Talvez tivesse recuado diante da ação, mas, se tira partido do mal, por encontrá-lo realizado, é que o aprova e o teria praticado, se pudesse ou se tivesse ousado.”²²
- » “[...] Deveis sempre ajudar os fracos, embora sabendo de antemão que aqueles a quem fizerdes o bem não vos agradecerão por isso. Ficai certos de que, se a pessoa a quem prestais um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se o beneficiado vos houvesse pago com a sua gratidão. Deus permite que às vezes sejais pagos com a ingratidão, para experimentar a vossa perseverança em praticar o bem [...]”²³

Não fazer o mal é suficiente para o Espírito progredir?

- » “Não; é preciso que faça o bem no limite de suas forças, pois cada um responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem.”²⁴

- » “O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo. Não há mérito algum em fazer o bem sem esforço e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte seu único pedaço de pão, do que o rico que apenas dá do que lhe sobra. Jesus já disse isto a propósito do óbolo da viúva.”²⁵
- » “Se alguém vem a mim, escuta minhas palavras e põe em prática, mostrar-vos-ei a quem é comparável. Assemelha-se ao homem que, ao construir uma casa, cavou, aprofundou e lançou o alicerce sobre a rocha. Veio a enchente, a torrente deu contra essa casa, mas não a pôde abalar, porque estava bem construída. Aquele, porém, que escutou e não pôs em prática é semelhante ao homem que construiu sua casa ao rés do chão, sem alicerce. A torrente deu contra ela, e imediatamente desabou; e foi grande sua ruína!” (*Lucas, 6:47-49. Bíblia de Jerusalém*).
- » “Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! — Mas, de que serve lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não seguem os seus preceitos? Serão cristãos os que o honram por meio de atos exteriores de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porque, assim como os fari-seus, eles têm a prece nos lábios e não no coração [...]”²⁶

O ambiente no qual o Espírito renasceu, ou vive, influencia a prática do bem? O ambiente de vício exerce arrastamento irresistível ao homem?

- » “Sim, mas ainda aí há uma prova que o Espírito escolheu, quando em liberdade. Ele quis se expor à tentação para ter o mérito da resistência.”²⁷
- » “[...] Há virtude em resistir-se voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando se tem a possibilidade de satisfazer a esse desejo. Se, porém, faltou apenas ocasião para isso, o homem é culpado.”²⁸
- » “Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o caminho do mal é frequentado pelo maior número. É estreita a da salvação, porque o homem que a queira transpor deve fazer grandes esforços sobre si mesmo para vencer suas más tendências, e poucos são os que se resignam com isso [...]”²⁹
- » “Arrastamento, sim; irresistível, não; porque, mesmo dentro dessa atmosfera viciosa podeis encontrar, algumas vezes, grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes.”³⁰

Referências

1. HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro Salles e FRANCO, Francisco Melo. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (com a nova ortografia). 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 275.
2. _____. p. 1219.
3. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 107.
4. _____. p. 638.
5. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 630, p. 406.
6. _____. Questão 629, p. 405.
7. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 11, item 8, p. 223–224.
8. _____. Cap. 17, item 8, p. 344.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 634, p. 407.
10. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 8, item 13, p. 184. 11.
11. _____. Item 14, p.184.
12. _____. Item 16, p. 185.
13. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 631, p. 406. 14.
14. _____. Questão 632, p. 406.
15. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 11, item 9, p. 226. 16.
16. _____. Cap. 8, item 7, p. 179.
17. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 643, p. 410.
18. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 11, item 9, p. 225.
19. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 633, p. 406.
20. _____. Questão 635 – comentário, p. 407.
21. _____. Questão 637– comentário, p. 408.
22. _____. Questão 640, p. 409.
23. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 13, item 19, p. 281 – 282.
24. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 642, p. 409. 25.
25. _____. Questão 646, p. 410– 411.
26. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 18, item 9, p. 360.
27. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 644, p. 410. 28.
28. _____. Questão 641, p. 409.
29. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 18, item 5, p. 358.
30. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 645 – comentário, p. 410.

Orientações ao monitor

- » Após a prece inicial, pedir aos participantes que leiam e comentem o texto Convite ao bem, de Emmanuel, inserido em anexo.
- » Realizar exposição dialogada, favorecendo a efetiva participação da turma, tendo como base as seguintes perguntas que devem ser dirigidas aos participantes ao longo da explanação.
 - a) O bem está relacionado à moral?
 - b) Por que existe o mal? O mal é necessário no mundo?
 - c) É possível fazer distinção entre o bem e mal?
 - d) Existe alguém que não pode fazer o bem?
 - e) Como proceder sempre de acordo com o bem?
 - f) Não fazer o mal é suficiente para o Espírito progredir?
 - g) O ambiente no qual o Espírito renasceu ou vive influencia a prática do bem?
 - h) O ambiente de vício exerce arrastamento irresistível ao homem?

Anexo

Convite ao Bem *

Emmanuel

Em todas as épocas, o bem constitui a fonte divina, suscetível de fornecer-nos valores imortais.

O homem de reflexão terá observado que todo o período infantil é conjunto de apelos ao sublime manancial.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 39, p. 93-94.

O convite sagrado é repetido, anos a fio. Vem através dos amourosos pais humanos, dos mentores escolares, da leitura salutar, do sentimento religioso, dos amigos comuns.

Entretanto, raras inteligências atingem a juventude, de atenção fixa no chamamento elevado. Quase toda gente ouve as requisições da natureza inferior, olvidando deveres preciosos.

Os apelos, todavia, continuam...

Aqui, é um livro amigo, revelando a verdade em silêncio; ali, é um companheiro generoso que insiste em favor das realidades luminosas da vida...

A rebeldia, porém, ainda mesmo em plena madureza do homem, costuma rir inconscientemente, passando, todavia, em marcha compulsória, na direção dos desencantos naturais, que lhe impõem mais equilibrados pensamentos.

No Evangelho de Jesus, o convite ao bem reveste-se de clari-dades eternas.

Atendendo-o, poderemos seguir ao encontro de Nosso Pai, sem hesitações.

Se o clarim cristão já te alcançou os ouvidos, aceita-lhe as clari-dades sem vacilar.

Não esperes pelo aguilhão da necessidade.

Sob a tormenta, é cada vez mais difícil a visão do porto.

A maioria dos nossos irmãos na Terra caminha para Deus, sob o ultimato das dores, mas não aguardes pelo açoite de sombras, quando podes seguir, calmamente, pelas estradas claras do amor.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 2

OS VÍCIOS E AS PAIXÕES

Objetivos

- » Conceituar vício e paixão.
- » Esclarecer como prevenir e erradicar vícios e paixões.

Ideias principais

- » [...] *Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? [...] De outro modo, a lei do progresso não existiria para o homem.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 9, item 10.
- » [...] *A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer. Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Questão 908 – comentário.
- » No combate aos vícios e paixões é importante manter-se vigilante: [...] *Quando surge em nós um mau pensamento, podemos, pois, imaginar um Espírito malfazejo a nos atrair para o mal, mas a cuja atração somos totalmente livres para ceder ou resistir, como se tratasse das solicitações*

de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar que, por seu lado, o nosso anjo da guarda, ou Espírito protetor, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que vamos tomar. A nossa hesitação em praticar o mal é a voz do Espírito bom, a se fazer ouvir pela nossa consciência. [...] Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap.28, item 20.

Subsídios

Os vícios e as paixões decorrem da nossa indigência espiritual. Demonstram o estado de ignorância espiritual que ainda vivemos, com o qual nos comprazemos, às vezes. Modificar para melhor exige esforço e dedicação, dia após dia, aprendendo agir com equilíbrio para que a felicidade não se transforme em um ideal inatingível.

É o que esclarece o Espírito Hahnemann: “Segundo a ideia muito falsa de que não lhe é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de fazer esforços para se corrigir dos defeitos em que se compraz voluntariamente, ou que exigiriam muita perseverança para serem extirpados. [...]”¹

Sabemos, contudo, que o Espírito pode libertar-se de todos os vícios e paixões que possua, caso realmente queira.

[...] Todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito não tem nenhuma ação sobre isso; mas, pode modificar o que é do Espírito, quando tem vontade firme para isso. A experiência não vos mostra, espíritas, até onde é capaz de ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam aos vossos olhos? Dizei, pois, que o homem só se conserva vicioso, porque quer permanecer vicioso; que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, a lei do progresso não existiria para o homem.¹

Neste sentido, enfatiza Emmanuel que é necessário adquirir conhecimentos sobre as normas que regem “os usos” e “os abusos”, permitindo, assim, que a criatura humana se situe plenamente dentro do processo de melhoria espiritual.²

O uso é o bom senso da vida e o metro da caridade. Vida sem abuso, consciência tranquila.

Uso é moderação em tudo. Abuso é desequilíbrio O uso exprime alegria. Do abuso nasce a dor.

Existem abusos de tempo, conhecimento e emoção. Por isso, muitas vezes, o uso chama-se “abstenção.”

O uso cria a reminiscência confortadora. O abuso forja a lembrança infeliz. Saber fazer significa saber usar.

Todos os objetos ou aparelhos, atitudes ou circunstâncias exigem uso adequado, sem o que surge o erro.

Doença — abuso da saúde. Vício — abuso do hábito.

Supérfluo — abuso do necessário. Egoísmo — abuso do direito.

Todos os aspectos menos bons da existência constituem abusos. O uso é a lei que constrói.

O abuso é a exorbitância que desgasta.

Eis por que progredir é usar bem os empréstimos de Deus.

1. Vício

A palavra vício (do latim *vitium*, é “falha ou defeito”) apresenta vários significados no dicionário, mas, no que diz respeito aos vícios humanos, podemos considerar como sendo: imperfeição grave; disposição natural para praticar o mal e cometer ações contrárias à moral; tendência ou conduta superficial, prejudicial ou censurável, capaz de realizar algo indecoroso, nocivo e/ou censurável.

O vício passa a ser encarado como problema quando associado a qualquer tipo de *dependência*, orgânica, psico-social ou mista.

A Filosofia conceitua vício como tudo que faz oposição às virtudes. Seguindo o conceito aristotélico e dos estóicos* “[...] de virtude,

* Estoico, estoicismo: doutrina filosófica que afirma ser o universo governado por um Logos divino (ou razão universal) e que a alma está identificada com este princípio divino. O Logos ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele, graças a ele o mundo é um kosmos (termo que em grego significa “harmonia”).

como hábito racional de conduta, o vício é um hábito (ou uma disposição) irracional. [...]”³

Neste caso, são vícios os *extremos* opostos cujo meio-termo é a virtude; p. ex., a abstinência e a intemperança diante da moderação, a covardia e a temeridade diante da coragem, etc. Neste sentido, a palavra vício só se aplica às virtudes éticas. Com relação às virtudes dianoéticas ou intelectivas, vício significa simplesmente a falta de delas: falta que, segundo Aristóteles, é vergonhosa somente como participação malograda nas coisas excelentes de que participam todos os outros, ou quase todos, ou pelo menos os que são semelhantes a nós, ou seja, os que têm a nossa idade ou que são da nossa cidade, família ou classe social.³

A Doutrina Espírita analisa a questão do vício de forma mais abrangente, considerando as aquisições do Espírito imortal, que existe, pré-existe e sobrevive à morte do corpo físico. Considera que as más tendências, citadas nos compêndios médicos e filosóficos, resultam de experiências infelizes vivenciadas pelo ser humano, na existência atual e nas passadas, e sempre decorrentes do seu nível de evolução, moral e intelectual.

Como Espírito evolui em cada experiência reencarnatória e no plano espiritual, as más tendências são substituídas pelas boas, de forma que o homem vicioso de hoje, será o virtuoso de amanhã.

Os Espíritos orientadores da Codificação Espírita analisam que uma sociedade só pode ser considerada, efetivamente, civilizada quando o seu desenvolvimento moral supera, ou no mínimo iguala, o progresso da inteligência, pois, como afirma Kardec, “[...] À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral. [...]”⁴

[...] Credes que estais muito adiantados, porque fizestes grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque vos alojais e vos vestis melhor do que os selvagens. Contudo, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando houverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que só percorreram a primeira fase da civilização.⁵

O ideal seria que o crescimento intelectual acompanhasse o moral, mas parece que há uma tendência humana de, primeiro, progredir

intelectualmente, e, só depois, ocorrer a transformação moral, com o desenvolvimento de virtudes. Kardec apresenta outras considerações a respeito desse assunto:⁶

[...] De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos, tanto para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; onde haja menos infelizes; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário.

2. Paixão

Paixão é um sentimento intenso que ofusca a razão. A pessoa dominada pela paixão revela sinais físicos e psicológicos de tensão emocional, espécie de estado febril, que lhe oblitera parcial ou totalmente a autonomia ou escolhas racionais. Existindo controle das paixões, estas até funcionam como estímulo à melhoria moral e intelectual. Entretanto, em sentido oposto, se a razão não impõe sua vontade, é fácil o indivíduo perder o controle emocional, desarmonizando-se espiritualmente, situação que pode arrastá-lo aos vícios ou a comportamentos nocivos.

Ensinam os Espíritos iluminados que as “[...] paixões são como um cavalo, que só tem utilidade quando é governado e que se torna perigoso quando passa a governar. Reconhecei, pois, que uma paixão se torna perniciosa a partir do momento em que não mais conseguis dominá-la, resultando num prejuízo qualquer para vós mesmos ou para outros.”⁷

As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência. Mas, se em vez

de as dirigir, deixa que elas o dirijam, o homem cai nos excessos e a própria força, que em suas mãos poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga. Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou numa necessidade natural. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, já que repousa sobre uma das condições providenciais da nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa e este excesso se torna um mal, quando tem como consequência um mal qualquer. Toda paixão que aproxima o homem da natureza animal afasta-o da natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da natureza animal denota predominância do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.⁸

Para administrar os impulsos dominadores da paixão é imprescindível o uso da razão, que deve ser mantida sob o firme controle da vontade. Segundo Emmanuel, “[...] A vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental. A divina Providência concedeu-a por auréola luminosa à razão, depois da laboriosa e multimilenária viagem do ser pelas províncias do instinto. [...]”⁹

3. Prevenção e controle dos vícios e paixões inferiores

No combate aos vícios e paixões é importante manter-se vigilante, emitindo pensamentos relacionados ao bem, neutralizadores das consequências indesejáveis decorrentes dos processos viciosos, sérios obstáculos ao progresso intelectual e moral do Espírito. Para tanto, recomenda-se observar medidas de prevenção e controle.

3.1. Medidas de prevenção

Em qualquer processo educativo, a prevenção é sempre a melhor medida. Evitar o mal e incorporar hábitos saudáveis à existência é caminho seguro. Contudo, não basta desejar ser bom, é preciso trabalhar incessantemente para que o bem integre, definitivamente, o comportamento. Neste sentido, analisa Emmanuel:¹⁰

Há vícios de nutrição da alma, tanto quanto existem na alimentação do corpo. Muitas pessoas trocam a água pura pelas bebidas excitantes, qual ocorre a muita gente que prefere lidar com a ilusão pernicioso, em se tratando dos problemas espirituais. O alimento do coração, para ser efetivo na vida eterna, há de basear-se nas realidades simples do

caminho evolutivo. É imprescindível estejamos fortificados com os valores iluminativos, sem atender aos deslumbramentos da fantasia que procede do exterior. [...] Quando um homem se coloca nessa posição íntima, fortifica-se realmente para a sublimação, porque reconhece tanto material de trabalho digno, em torno dos próprios passos, que qualquer sensação transitória, para ele, passa a localizar-se nos últimos degraus do caminho.

Perante a imperfeição que nos caracteriza, ainda, o Espírito, refletimos tendências instintivas malsucedidas, adquiridas em existências pretéritas, ou na presente reencarnação.

Daí os Espíritos superiores afirmarem: “[...] Os maus pendores naturais são resquícios das imperfeições de que o Espírito ainda não se despojou; são também indícios das faltas que cometeu, o verdadeiro *pecado original*. Em cada existência, tem ele que se lavar de algumas impurezas.”¹¹

Nessa situação, é preciso investir nos critérios educativos. Educação que começa no lar se estende na escola e se completa na vida em sociedade. Entretanto, para que a prevenção atinja seus verdadeiros fins, que é a melhoria do ser humano, é necessário que esteja fundamentada em orientações morais. A orientação correta, promovida pela educação, pouco vale se não existir a vontade sincera do ser humano em educar-se.

As afeições familiares, os laços consanguíneos, as simpatias naturais podem ser manifestações muito santas da alma, quando a criatura as eleva no altar do sentimento superior, contudo, é razoável que o espírito não venha a cair sob o peso das inclinações próprias. O equilíbrio é a posição ideal. Por demasia de cuidado, inúmeros pais prejudicam os filhos. Por excesso de preocupações, muitos cônjuges descem às cavernas do desespero, defrontados pelos insaciáveis monstros do ciúme que lhes aniquilam a felicidade. Em razão da invigilância, belas amizades terminam em abismo de sombra [...].¹²

É preciso que a pessoa se esforce, cotidianamente, para renovar a própria atitude mental, fixando em si mesmo comportamentos alinhados com o Bem.

[...] Os homens, contudo, demoram se largamente a distância da grande verdade. Habitualmente, preferem o convencionalismo a rigor

e, somente a custo, abrem o entendimento às realidades da alma. Os costumes, efetivamente, são elementos poderosos e determinantes na evolução, todavia, apenas quando inspirados por princípios de ordem superior. É necessário, portanto, não asfixiarmos os germens da vida edificante que nascem, todos os dias, no coração, ao influxo do Pai misericordioso. Irmãos nossos existem que regressam da Terra pela mesma porta da ignorância e da indiferença pela qual entraram. Eis por que, no balanço das atividades de cada dia, os discípulos deverão interrogar a si mesmos: “Que fiz hoje? Acentuei os traços da criatura inferior que fui até ontem ou desenvolvi as qualidades elevadas do espírito que desejo reter amanhã?”.¹³

3.2. Medidas de controle

As medidas de controle variam conforme a gravidade dos vícios e das paixões. Mas a utilização delas implicam sacrifício e disciplina por parte dos envolvidos. A perseverança na mudança de comportamento, para melhor, é de fundamental importância.

Nos casos mais simples a vontade firme e o apoio espiritual, no lar e no Centro Espírita, são suficientes. Na situações mais graves, é necessário associar assistência espiritual às intervenções médicas e/ou psicoterapêuticas.

Não adianta a transformação aparente da nossa personalidade na feição exterior. Mais títulos, mais recursos financeiros, mais possibilidades de conforto e maiores considerações sociais podem ser simples agravo de responsabilidade. Renovemo-nos por dentro. É preciso avançar no conhecimento superior, ainda mesmo que à marcha nos custe suor e lágrimas. Aceitar os problemas do mundo e superá-los, à força de nosso trabalho e de nossa serenidade, é a fórmula justa de aquisição do discernimento. Dor e sacrifício, aflição e amargura, são processos de sublimação que o Mundo maior nos oferece, a fim de que a nossa visão espiritual seja acrescentada. Facilidades materiais costumam estagnar-nos a mente, quando não sabemos vencer os perigos fascinantes das vantagens terrestres. Renovemos nossa alma, dia a dia, estudando as lições dos vanguardeiros do progresso e vivendo a nossa existência sob a inspiração do serviço incessante. Apliquemo-nos à construção da vida equilibrada, onde estivermos, mas não nos esqueçamos de que somente pela execução de nossos deveres, na concretização do bem,

alcançaremos a compreensão da vida, e, com ela, o conhecimento da “perfeita vontade de Deus”, a nosso respeito.¹⁴

Assim, é importante que a pessoa desenvolva um plano de combate às imperfeições, que, em geral, começa por evitar tentações, a fim de não se repetir comportamentos indesejáveis.

Em *O evangelho segundo o espiritismo* encontram-se as seguintes orientações:

Qualquer pensamento mau pode ter duas fontes: a própria imperfeição de nossa alma, ou uma funesta influência que se exerça sobre ela. Neste último caso, há sempre indício de uma fraqueza que nos sujeita a receber essa influência e, por conseguinte, indício de uma alma imperfeita. [...] Quando surge em nós um mau pensamento, podemos, pois, imaginar um Espírito malfazejo a nos atrair para o mal, mas a cuja atração somos totalmente livres para ceder ou resistir, como se tratasse das solicitações de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar que, por seu lado, o nosso anjo da guarda, ou Espírito protetor, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que vamos tomar. A nossa hesitação em praticar o mal é a voz do Espírito bom, a se fazer ouvir pela nossa consciência [...].¹⁵

Por outro lado, nem sempre é possível discernir o certo do errado. O que fazer em tal situação? Jesus oferece uma sábia orientação a respeito, conhecida como “regra de ouro”: *Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas. (Mateus, 7: 12. Bíblia de Jerusalém).*

Allan Kardec, por sua vez, orienta como reconhecer um pensamento mau:

[...] Reconhece-se que um pensamento é mau, quando se afasta da caridade, que constitui a base da verdadeira moral, quando tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar qualquer prejuízo a outrem; quando, enfim, nos induz a fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem.¹⁵

Todo comportamento que produz sofrimento, a si ou a outrem, reflete, em princípio, conduta moral inferior. Existem, porém, algumas ações e atitudes humanas que resultam maiores prejuízos. Como não é possível enumerar todas, destacamos apenas algumas para ilustrar o estudo:

Interesse pessoal

[...] Muitas vezes, as qualidades morais se assemelham, como num objeto de cobre, à douração que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas essas qualidades, embora assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas, bastando algumas vezes que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa tão rara na Terra que quando é admirado como fenômeno quando se manifesta. O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais o homem se prende aos bens deste mundo, tanto menos compreende o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.¹⁶

Prodigalidade excessiva

[...] Se o desinteresse [aos bens materiais] é uma virtude, a prodigalidade irrefletida constitui sempre, quando menos, falta de juízo. A fortuna não é dada a uns para ser lançada ao vento, nem a outros para ser enterrada num cofre-forte. É um depósito de que terão de prestar contas, porque responderão por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter enxugado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam.¹⁷

Criticar e divulgar as imperfeições do próximo

Se for para os criticar e divulgar, incorrerá em grande culpa, porque será faltar com a caridade. [...] Não se deve esquecer, porém, de que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes que fazem parte da caridade. Antes de censurardes as imperfeições dos outros, vede se não poderão dizer o mesmo a vosso respeito. Tratai, pois, de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticais nos semelhantes; esse é o meio de vos tornardes superiores a eles. [...].¹⁸

Não exemplificar o que ensina:

A moral sem as ações é como a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente, se não a fazeis dar frutos que vos alimentem?" [...].¹⁹

Fraqueza em permitir o avanço do mal:

[...] Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, haverão de preponderar.²⁰

Não se esforçar para vencer as imperfeições:

O mérito do bem está na dificuldade em praticá-lo. Não há mérito algum em fazer o bem sem esforço e quando nada custa.[...].²¹

Manter-se invigilante quanto às influências dos Espíritos moralmente atrasados

Embora as paixões não existam materialmente, ainda persistem no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus entretêm esses pensamentos, conduzindo suas vítimas a lugares que ofereçam o espetáculo daquelas paixões e de tudo que as possa excitar.²²

Mas, de que servem essas paixões, já que não têm objeto real? ‘E justamente nisso que consiste o seu suplício: o avarento vê o ouro que não pode possuir; o devasso, as orgias de que não pode participar; o orgulhoso, as honras que lhe causam inveja e de que não pode gozar.’²³

Acreditar que o ambiente vicioso tem apelo inexorável

Quando o homem se acha, de certo modo, mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna para ele um arrastamento quase irresistível? Arrastamento, sim; irresistível, não; porque, mesmo dentro da atmosfera do viciosa podeis encontrar, algumas vezes, grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes.²⁴

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 9, item 10, p.198.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 7, item: Uso e abuso, p.51-52.

3. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 1000.
4. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 793 – comentário, p. 482.
5. _____. Questão 793, p. 482.
6. _____. Questão 793 – comentário, p. 482-483.
7. _____. Questão 908, p. 543.
8. _____. Questão 908 – comentário, p. 543.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 2. p. 13-14.
10. _____. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 134, p. 283-284.
11. KARDEC, Allan. *O espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 1, item 21, p. 44.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Op. Cit. Cap. 141, p. 297.
13. _____. Cap. 135, p. 285-286.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 107, p. 277-278.
15. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 28, item 20, p. 500.
16. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 895, p. 536-537.
17. _____. Questão 896, p. 537.
18. _____. Questão 903, p. 540-541.
19. _____. Questão 905, p. 542.
20. _____. Questão 932, p. 563.
21. _____. Questão 646, p. 410.
22. _____. Questão 972, p. 589.
23. _____. Questão 972-a, p. 589.
24. _____. Questão 645, p. 410.

Orientações ao monitor

Analisar as ideias desenvolvidas no Roteiro por meio da técnica de discussão circular. Para tanto, elaborar previamente um questionário cujas perguntas considerem todos os conteúdos desenvolvidos neste estudo.

Fazer o fechamento da reunião com base no texto em anexo (Hábitos infelizes), do Espírito André Luiz.

Anexo

Hábitos Infelizes*

André Luiz

Usar pornografia ou palavrões, ainda que estejam supostamente na moda.

Pespegar tapinhas ou cutucões a quem se dirija a palavra.

Comentar desfavoravelmente a situação de qualquer pessoa.

Estender boatos e entretecer conversações negativas.

Falar aos gritos.

Rir descontroladamente.

Aplicar franqueza impiedosa a pretexto de honorificar a verdade.

Escavar o passado alheio, prejudicando ou ferindo os outros.

Comparar comunidades e pessoas, espalhando pessimismo e desprestígio.

Fugir da limpeza.

Queixar-se, por sistema, a propósito de tudo e de todos.

Ignorar conveniências e direitos alheios.

Fixar intencionalmente defeitos e cicatrizes do próximo.

Irritar-se por bagatelas.

Indagar de situações e ligações, cujo sentido não possamos penetrar.

Desrespeitar as pessoas com perguntas desnecessárias.

Contar piadas suscetíveis de machucar os sentimentos de quem ouve.

Zombar dos circunstantes ou chicotear os ausentes.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Sinal verde*. Pelo Espírito André Luiz. 37 ed. São Paulo: Petit, 2004. Cap. 33, p.93-97.

Analisar os problemas sexuais seja de quem seja.

Deitar conhecimentos fora de lugar e condição, pelo prazer de exibir cultura e competência.

Desprestigiar compromissos e horários.

Viver sem método.

Agitar-se a todo instante, comprometendo o serviço alheio e dificultando a execução dos deveres próprios.

Contar vantagens, sob a desculpa de ser melhor que os demais.

Gastar mais do que se dispõe.

Aguardar honrarias e privilégios.

Não querer sofrer.

Exigir o bem sem trabalho.

Não saber aguentar injúrias ou críticas.

Não procurar dominar-se, explodindo nos menores contratempos.

Desacreditar serviços e instituições.

Fugir de estudar.

Deixar sempre para amanhã a obrigação que se pode cumprir hoje.

Dramatizar doenças e dissabores.

Discutir sem racionar.

Desprezar adversários e endeusar amigos.

Reclamar dos outros aquilo que nós próprios ainda não conseguimos fazer.

Pedir apoio sem dar cooperação.

Condenar os que não possam pensar por nossa cabeça.

Aceitar deveres e largá-los sem consideração nos ombros alheios.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 3

SOFRIMENTOS HUMANOS: ORIGEM E CAUSAS

Objetivos

- » Explicar o que caracteriza a aflição.
- » Analisar a origem e as causas do sofrimento humano, sob a ótica do espiritismo.

Ideias principais

- » *A Aflição é tribulação que se caracteriza por profundo sofrimento. Por persistente sentimento de dor física ou moral. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, p. 62.*
- » Na visão espírita, as aflições podem ser consideradas como oportunidades de reajustes perante a lei de Deus, sendo necessário compreendê-las e saber aproveitá-las como preciosa lição, conforme asseverou Jesus: *Felizes os aflitos, porque serão consolados (Mateus, 5:5. Bíblia de Jerusalém).*
- » *O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que não acarrete a sua punição. [...] Assim, o homem é constantemente o árbitro da sua própria sorte; pode abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua*

desventura dependem da vontade que tenha de praticar o bem. Allan Kardec. *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XXVII, item 21.

Subsídios

A aflição pode ser representada por simples mal-estar, traduzido na forma de dor ou sofrimento, até intensa preocupação, real ou fictícia, física ou moral, causada por algo que pode, inclusive, por em risco a própria existência. O grau de aceitação da aflição varia conforme o estágio evolutivo da pessoa.

Existem, porém, aflições que podem produzir maiores desarmonias, como as que provocam depressões ou são indutivas de atitudes extremas, como o suicídio. Entretanto, tudo está mais ou menos relacionado às disposições íntimas de cada um: há indivíduos que revelam grande resistência ao sofrimento, não se subjugando a eles. Outros, já se desestruturam perante as menores dificuldades.

O Espiritismo considera, entretanto, que as aflições são, em geral, oportunidades de reajustes perante a lei de Deus, sendo necessário compreendê-las e aproveitá-las como preciosa lição, conforme, asseverou Jesus: *Felizes os aflitos, porque serão consolados* (Mateus, 5:5. *Bíblia de Jerusalém*).

Pondera, a respeito, o Espírito Camilo Chaves: “[...] Cada criatura traz, em si, traiçoeira região de ciladas e armadilhas. Ao atravessá-las sob justos impositivos da evolução, vê onde pisa, como te exprimes e pensas. [...] Aflição, na essência, é reflexo intangível do mal forjado pela criatura que a experimenta [...]”¹

O conceito espírita de aflição é explicado por Emmanuel, assim:²

Examina a própria aflição para que não se converta a tua inquietude em arrasadora tempestade emotiva. Todas as aflições se caracterizam por tipos e nomes especiais.

A aflição do egoísmo chama-se egolatria. A aflição do vício chama-se delinquência. A aflição da agressividade chama-se cólera. A aflição do crime chama-se remorso. A aflição do fanatismo chama-se intolerância. A aflição da fuga chama-se covardia. A aflição da inveja chama-se despeito. A aflição da leviandade chama-se insensatez. A aflição da indisciplina chama-se desordem. A aflição da brutalidade chama-se

violência. A aflição da preguiça chama-se rebeldia. A aflição da vaidade chama-se loucura. A aflição do relaxamento chama-se evasiva. A aflição da indiferença chama-se desânimo. A aflição da inutilidade chama-se queixa. A aflição do ciúme chama-se desespero. A aflição da impaciência chama-se intemperança. A aflição da sovinice chama-se miséria. A aflição da injustiça chama-se crueldade. Cada criatura tem a aflição que lhe é própria. A aflição do reino doméstico e da esfera profissional, do raciocínio e do sentimento... Os corações unidos ao Sumo Bem, contudo, sabem que suportar as aflições menores da estrada é evitar as aflições maiores da vida e, por isso, apenas eles, anônimos heróis da luta cotidiana, conseguem receber e acumular em si mesmos os talentos de amor e paz reservados por Jesus aos sofredores da Terra, quando pronunciou no monte a divina promessa: “Bem-aventurados os aflitos!”.

1. Origem do sofrimento humano

O sofrimento humano tem origem nos atos cometidos pelo Espírito no passado, em outras encarnações, ou na atual existência. É resultado da própria imperfeição humana, que não sabe utilizar adequadamente a liberdade de escolha. À medida que o ser evolui, porém, a imperfeição atenua, e o sofrimento resultante de suas más escolhas, vai desaparecendo, até cessar de vez.

Portanto, para a Doutrina Espírita, o “[...] sofrimento é consequência inelutável da incompreensão e dos transviamentos da Lei que rege a evolução humana.”³

Sendo Deus soberanamente bom e justo, não haveria de permitir que fôssemos excrucia-dos, salvo por uma boa razão ou causa justa; assim, sofremos é porque, por ignorância ou rebeldia, ficamos em débito com a Lei, seja nesta ou em anteriores encarnações. Criados para a felicidade completa, só a conheceremos, entretanto, quando formos perfeitos; qualquer jaça ou falha de caráter interdita-nos a entrada nos mundos venturosos e, pois, através das existências sucessivas, neste e em outros planetas, que nos vamos purificando e engrandecendo, pondo-nos em condições de fruir a deleitável companhia das almas santificadas.³

Por medida de bom senso, é importante avaliarmos, de forma mais reflexiva, para onde estamos caminhando, que escolhas estamos

realizando e que resultados elas podem produzir. Se já existe o propósito de seguir o bem, a despeito das imperfeições que ainda possuímos, este esforço será recompensado, cedo ou tarde. Entretanto, se a nossa felicidade se concentra apenas no mundanismo, estaremos semeando um futuro de aflições.

O reinado de Jesus, que pela inferioridade moral dos seres terrenos ainda não pertence a este mundo, não deve ser confundido, pois, com os reinados da Terra, onde o homem apropria-se do ouro, dos títulos, dos territórios e do temporário poder, desencarnando pobre e odiado por todos. Se a felicidade do homem terreno, por se respaldar no orgulho e no egoísmo, consiste no elevado patamar social que o situa acima do seu semelhante, o mesmo não acontece com os Espíritos superiores, que procuram ocultar sua superioridade espiritual para não ferir os seres que assistem.⁴

A origem das nossas aflições está, pois, diretamente relacionada ao mau uso do livre arbítrio. Todavia, a despeito dos nossos equívocos, a Bondade divina sempre nos concede oportunidades para “[...] resgatar nossos compromissos, de há muito vencidos nos refolhos da Lei [...]”.⁵

Todos temos, portanto, no trabalho do bem, nosso grande remédio. Se caíste, surgirá ele como apoio em que te levantes. Se amargurado, ser-te-á reconforto. Se erraste, dar-te-á corrigenda. Se ignoras, abençoar-te-á por lição. Deus sabe que todos nós, encarnados e desencarnados em serviço na Terra, somos ainda Espíritos imperfeitos, mas concedeu-nos o trabalho do bem, que podemos desenvolver desenvolver e sublimar, segundo a nossa vontade, para que a nossa vida se aperfeiçoe.⁶

2. Tipos de aflições

O sofrimento humano é antigo e acompanha o homem desde as suas origens, no começo de sua caminhada evolutiva, a partir do momento em que começou a se desviar das Leis divinas. Assim, esclarece o Codificador da Doutrina Espírita:

- » As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se quisermos, têm duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos

males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e da conduta dos que os suportam. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição! Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas uniões infelizes, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade, e nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas dissensões e disputas funestas se teriam evitado com mais moderação e menos suscetibilidade! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram as más tendências desde o princípio! [...].⁷

- » Mas se há males nesta vida, de que o homem é a causa principal, há outros para os quais ele é, pelo menos na aparência, completamente estranho e que parecem atingi-lo como que por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previdência poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho; as deformidades, a idiotia, o cretinismo, etc. [...] Todavia, em virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que devem ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também deve ser justa. Ora, como a causa sempre precede o efeito, se a causa não se encontrar na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, deve estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se não fizemos esse mal na presente vida, é que o fizemos em outra. É uma alternativa a que ninguém pode escapar e em que a lógica decide de que lado está a justiça de Deus [...].⁸
- » O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que não acarrete a sua punição. [...] Assim, o homem é constantemente o árbitro da sua própria sorte; pode abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desventura dependem da vontade que tenha de praticar o bem [...].⁹

Ainda que as aflições físicas, por doenças ou dificuldades materiais, produzam sofrimento ao homem são as “[...] angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que os sofrimentos físicos”,¹⁰

propriamente ditos, mesmo que, muitas vezes, o sofredor nem se dê conta desta situação. Por isto nos esclarecem os Orientadores da Vida Maior:¹¹

É inegável que em vosso aprendizado terrestre atravessareis dias de inverno ríspido, em que será indispensável recorrer às provisões armazenadas no íntimo, nas colheitas dos dias de equilíbrio e abundância. Contemplareis o mundo, na desilusão de amigos muito amados, como templo em ruínas, sob os embates de tormenta cruel. As esperanças feneceram distantes, os sonhos permanecem pisados pelos ingratos. Os afeiçoados desapareceram, uns pela indiferença, outros porque preferiram a integração no quadro dos interesses fugitivos do plano material. Quando surgir um dia assim em vossos horizontes, compelindo-vos à inquietação e à amargura, certo não vos será proibido chorar. Entretanto, é necessário não esquecerdes a divina companhia do Senhor Jesus. Supondes, acaso, que o Mestre dos mestres habita uma esfera inacessível ao pensamento dos homens? Julgais, porventura, não receba o Salvador ingratidões e ápodos, por parte das criaturas humanas, diariamente? Antes de conhecermos o alheio mal que nos aflige, Ele conhecia o nosso e sofria pelos nossos erros. Não olvidemos, portanto, que, nas aflições, é imprescindível tomar-lhe a sublime companhia e prosseguir avante com a sua serenidade e seu bom ânimo.

3. Consequências do sofrimento humano

O sofrimento está diretamente relacionado às escolhas que o Espírito faz ao longo de sua jornada evolutiva. Se bem utilizou o seu livre arbítrio sofre menos, ou não sofre. Se as suas escolhas foram insensatas, irá responder por elas, de acordo com a gravidade dos atos executados. As condições em que vivemos, felizes ou infelizes, guardam sempre relação com os atos cometidos. Nesse sentido, asseveram as orientações espíritas:

A lei humana atinge certas faltas e as pune. O condenado pode então dizer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não alcança, nem pode alcançar todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há uma só falta, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que

não acarrete consequências forçosas e inevitáveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar, a fim de evitar, futuramente, o que redundou para ele numa fonte de amarguras; se não fosse assim, não haveria motivo algum para que se emendasse. [...].¹²

Vemos, assim, que o sofrimento pode ser perfeitamente suportável, até mesmo ter sido deliberadamente escolhido pelo Espírito que já possui certo nível de entendimento. As aflições podem, então, resultar sacrifícios à pessoa, que os acata com a finalidade libertar-se do seu passado de erros e de escolhas insensatas.

É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as tribulações da vida representam um sofrimento para ela; mas, só o corpo sofre materialmente. “Muitas vezes, falando de alguém que morreu, dizeis que ele deixou de sofrer. Nem sempre isto é verdade. Como Espírito, não sofre mais dores físicas, embora esteja sujeito, conforme as faltas que cometeu, a dores morais mais agudas; pode mesmo vir a ser ainda mais infeliz em nova existência. O mau rico pedirá esmola e estará sujeito a todas as privações da miséria; o orgulhoso, a todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e crueldade os seus subordinados se verá forçado a obedecer a um patrão mais duro do que ele o foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outra existência, quando não resultam de faltas da vida atual. [...] O homem que se considera feliz na Terra, porque pode satisfazer às suas paixões, é o que emprega menos esforços para se melhorar. Se muitas vezes ele começa a expiar essa felicidade efêmera já nesta vida, com certeza a expiará em outra existência tão material quanto aquela.”¹³

As almas fortes, que trazem o caráter temperado nas lutas, não se deixam abater ou não se declaram vencidas pelas aflições que sofrem. Diante das lutas existenciais não se deixa arrastar pelo torvelinho do sofrimento, mas fogem das inquietações que geram perturbações destrutivas.

Buscam conforto na prece e na fé, recebendo dos benfeitores espirituais doses extras de coragem e de bom ânimo, com as quais

enfrentam, dia após dia, os desafios que a vida lhe determina, de cabeça erguida, sem temores exagerados.

Não é, pois, novidade saber que a imperfeição do Espírito gera sofrimento e representa a raiz do seu atraso espiritual. Neste particular, surgem, então algumas questões fundamentais:

Como lidar com a imperfeição? Como proceder para erradicá-la? Como conviver com as ações intempestivas, próprias e alheias, que causam sofrimento? Como administrar conflitos íntimos que nos impelem à realização ações infelizes, decorrentes das tendências inferiores que ainda possuímos? Como não se vincular às mentes enfermigas que nos rodeiam?

A resposta a esta e a outras indagações guarda relação com a força da vontade e do esforço desenvolvido por cada indivíduo em superar as dificuldades. Não resta dúvida, porém, que a solução definitiva está no trabalho incansável do bem, que transforma o ser para melhor.

Nesse sentido, Emmanuel nos convida à seguinte reflexão.¹⁴

Que somos Espíritos endividados perante as Leis divinas, em nos reportando a nós outros, os companheiros em evolução na Terra, não padece dúvida. Urge, porém, saber como facear construtivamente as necessidades e problemas do mundo íntimo. Reconhecemo-nos falhos, em nos referindo aos valores da alma, ante a Vida superior, mas abstenhamo-nos de chorar inutilmente no beco da autopiedade. Ao invés disso, trabalhem na edificação do bem de todos. [...] Observemos o que estamos realizando com o tesouro das horas e de que espécie são as nossas ações, a benefício dos semelhantes. E, procurando aceitar-nos como somos, sem subterfúgios ou escapatórias, evitemos estragar-nos com queixas e autocondenação, diligenciando buscar, isto sim, agir, servir e melhorar-nos sempre. Em tudo o que sentirmos, pensarmos, falarmos ou fizermos, doemos aos outros o melhor de nós, reconhecendo que, se as árvores são valorizadas pelos próprios frutos, cada árvore recebe e receberá invariavelmente atenção e auxílio do pomicultor, conforme os frutos que venha a produzir.

Por último, vale destacar que o “[...] sofrimento não é um inimigo, como se acredita. É um companheiro que não sabe mentir. [...]”¹⁵ Temos nele “[...] a grande escola dos indivíduos e dos povos. Quando

eles se afastam do caminho reto e resvalam para a sensualidade e para a decomposição moral, ele, com seu agulhão, os faz retomar o verdadeiro caminho [...].”¹⁶

As dores “[...] são capazes de produzir frutos excelentes de experiência e compreensão. São processos reparadores visando ao reajustamento da criatura nos seus transvios, no curso da evolução.”¹⁷

Referências

1. VIEIRA, Waldo. *Seareiros de volta*. Por vários Espíritos. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Item: Sê um reflexo do Cristo (mensagem do Espírito Camilo Chaves), p.73.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Capítulo: Examina a própria aflição, p. 41-43.
3. CALLIGARIS, Rodolfo. *O sermão da montanha*. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Capítulo: Bem aventurados os que choram ..., p.18.
4. MOUTINHO, João de Jesus. *Notícias do reino*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 46 – A conquista do reino. p. 140.
5. MARCUS, João (pseudônimo de Hermínio C. Miranda). *Candeias na noite escura*. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 6. p. 32.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Seara dos médiuns*. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. Imperfeições. p. 111.
7. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 5, item 4, p.111-112.
8. _____. Cap. 5, item 6, p. 114-115.
9. _____. Cap. 27, item 21, p. 469.
10. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 255, p. 222.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 83, p.181-182.
12. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 5, item 5, p. 113.
13. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 983, p. 596.
14. _____. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 23, p. 88-89.
15. DEJEAN, Georges. *A nova luz*. Trad. de Guillon Ribeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Utilidade dos livros de Maeterlinck -Palavras de Lyssargo acerca do sofrimento. p. 90.
16. SOARES, Sílvio Brito. *Páginas de Léon Dennis*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991. Cap. Espiritismo e a guerra. p. 113.
17. SOUZA, Juvanir Borges de. *Tempo de renovação*. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 5. p. 51.

Orientações ao monitor

Realizar breve introdução do assunto, fazendo análise do conceito de aflição, registrado por Mateus no capítulo cinco, versículo 5, do Evangelho.

Em seguida, dividir a turma em três grupos para que estudem, troquem ideias e elaborem resumo de um dos itens que se seguem, desenvolvidos neste Roteiro:

Grupo 1: A origem do sofrimento humano.

Grupo 2: Tipos de aflições

Grupo 3: Consequências do sofrimento humano

Após a apresentação dos resumos pelos re-latores indicados por cada grupo, pedir aos participantes que apresentem exemplos de situações em que o sofrimento foi bem administrado ou superado.

Esclarecer possíveis dúvidas, ao final da reunião.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 4

NECESSIDADE DE TRANSFORMAÇÃO MORAL

Objetivos

- » Destacar a importância da transformação moral.
- » Identificar atitudes que concorrem para a melhoria evolutiva do ser humano.

Ideias principais

- » [...] *o trabalho de purificar não é tão simples quanto parece. Será muito fácil ao homem confessar a aceitação de verdades religiosas, operar a adesão verbal a ideologias edificantes... Outra coisa, porém, é realizar a obra da elevação de si mesmo, valendo-se da autodisciplina, da compreensão fraternal e do espírito de sacrifício [...].* Emmanuel: *Caminho, verdade e vida*. Cap. 18.
- » Um meio prático que o homem pode adotar para se transformar moralmente é seguir a recomendação de santo Agostinho: *Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. [...]*”. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Questão 919-a.

Subsídios

As imperfeições morais conduzem o homem ao cometimento de faltas contra a Lei de Deus, que podem resultar desequilíbrios, alguns graves, causadores de grandes perturbações espirituais. Nas condições em que se encontram, essas almas acumulam inimizades e antipatias e, por isso, muitas vezes, vivem isoladas, sem desfrutar das singelas manifestações das verdadeiras amizades.

Em situação oposta, o homem que tudo faz para vivenciar a Lei de Amor, trabalhando diuturnamente pela sua melhoria espiritual, encontra-se envolvido em saudável atmosfera psíquica mantenedora da harmonia espiritual.

A calma e a resignação adquiridas na maneira de considerar a vida terrestre e a confiança no futuro dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria desses casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem coragem de suportar. Se, portanto, pela maneira com que o Espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o teriam desesperado em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva-lhe a razão dos abalos, que, se não fora isso, a teriam perturbado.¹

Em geral, o homem se mantém desatento quanto aos imperativos da sua melhoria espiritual: ignora os chamamentos que as provações proporcionam; valoriza excessivamente a si próprio; impõe vontades, ações, opiniões e caprichos às pessoas mais próximas. Age como se fosse um ente superior aos demais — alheio à pequenez espiritual em que vive e se compraz —, porque possui mais bens materiais, mais cultura ou mais poder. O seu roteiro de vida está centrado no “eu quero”, “eu preciso”.

[...] entre os povos mais adiantados do Planeta avançam duas calamidades morais do materialismo corrompendo-lhe as forças: o suicídio e a loucura, ou, mais propriamente, a angústia e a obsessão. [...]. Para suportar os atritos necessários à evolução e aos conflitos resultantes da luta regenerativa, precisa alimentar-se com recursos da alma e apoiar-se neles. [...].²

1. Importância da melhoria moral

Raras são as pessoas que não admitem o valor da melhoria espiritual pelo desenvolvimento moral. Entre o desejo e a ação, porém, há grande distância, pois o “querer” nem sempre se traduz como o “fazer”. Mas como bem assinala Emmanuel, “[...] o trabalho de purificar não é tão simples quanto parece. Será muito fácil ao homem confessar a aceitação de verdades religiosas, operar a adesão verbal a ideologias edificantes... Outra coisa, porém, é realizar a obra da elevação de si mesmo, valendo-se da autodisciplina, da compreensão fraternal e do espírito de sacrifício [...]”.³

Neste aspecto, lembra o apóstolo Tiago aos discípulos ainda presos às imperfeições: *Purificai vossas mãos, pecadores, e santificai vossos corações dúbios. (Tiago, 4:8. Bíblia de Jerusalém).*

[...] O apóstolo Tiago entendia perfeitamente a gravidade do assunto e aconselhava aos discípulos que limpassem as mãos, isto é, retificassem as atividades do plano exterior, renovassem suas ações ao olhar de todos, apelando para que se efetuasse, igualmente, a purificação do sentimento, no recinto sagrado da consciência, apenas conhecido pelo aprendiz, na soledade indevassável de seus pensamentos. O companheiro valoroso do Cristo, contudo, não se esqueceu de afirmar que isso é trabalho para os de duplo ânimo, porque semelhante renovação jamais se fará tão-somente à custa de palavras brilhantes.³

A importância da transformação moral surge quando a criatura humana constata que os prazeres da vida material já não lhe satisfazem. Trata-se do primeiro estágio da evolução espiritual. Diz-se, então, que o Espírito inicia a sua jornada para cima, em direção ao supremo Bem, afastando-se, aos poucos, da caminhada horizontal, nitidamente assinalada pelas ordenações da subsistência biológica: alimentação, reprodução, controle do outro, desenvolvimento exclusivo das faculdades intelectivas etc. Percebe-se, nessa fase da evolução, que a vontade é vacilante, marcada por conflitos: “querer e não querer”, “fazer e não fazer”. O indivíduo revela dificuldades em administrar as suas imperfeições, as suas más tendências, os seus condicionamentos comportamentais. Agrada e desagrada, pois se há os que aplaudem as suas atitudes de mudança, outros fazem críticas graves, desaprovando ou duvidando.

[...] Como vencer os nossos conflitos interiores? De que modo eliminar as tendências menos construtivas que ainda nos caracterizam a individualidade? — indagamo-nos. De que modo esparzir a luz se muitas vezes ainda nos afinamos com a sombra? E perdemos tempo longo na introspecção sem proveito, da qual nos afastamos insatisfeitos ou tristes. [...] Felicitemo-nos pelo fato de já conhecer as nossas fraquezas e defini-las. Isso constitui um passo muito importante no Progresso Espiritual, porque, com isso, já não mais ignoramos onde e como atuar em auxílio da própria cura e burilamento. Que somos espíritos endividados perante as Leis divinas, em nos reportando a nós outros, os companheiros em evolução na Terra, não padece dúvida. Urge, porém, saber como facear construtivamente as necessidades e problemas do mundo íntimo. Reconhecemo-nos falhos, em nos referindo aos valores da alma, ante a Vida Superior, mas abstenhamo-nos de chorar inutilmente no beco da autopiedade. Ao invés disso, trabalhem na edificação do bem de todos. [...].⁴

É processo amargo, não resta dúvida, não receber apoio de quem gostaríamos, de pessoas que representam, para nós, modelo de conduta moral (familiares, amigos, líderes religiosos, terapeutas etc.). Natural que surjam, portanto, decepções e desconfiças no relacionamento com essas pessoas, principalmente quando, ao se lhes revelar fragilidades e imperfeições, não contamos com o devido auxílio.

Por outro lado, à medida que nos transformamos para melhor, identificamos não só as imperfeições próprias como as dos que nos compartilham a jornada evolutiva. Em algum momento, esta constatação pode nos causar desconfortos e decepção, as quais devem ser superadas. É provável, também, que reconheçamos, no processo, Espíritos mais adiantados caminhando junto conosco, sem que nunca lhes tenhamos dado o devido valor ou consideração. São almas bondosas que nos socorrem, despretensiosamente, nestes momentos:

Quando a espiritualidade sublime te clareou por dentro, passaste a mentalizar perfeição nas atitudes alheias. Entretanto, buscando, aqui e ali, padrões ideais de comportamento, nada mais recolheste que necessidades e negações. Irmãos que te pareciam sustentáculos da coragem tombaram no desânimo, em dificuldades nascentes; criaturas que supunhas destinadas à missão da bênção, pela música de carinho que lhes vibrava na boca, amaldiçoaram leves espinhos que lhes roçaram a vestimenta; se afiguravam troncos na fé resvalaram

facilmente nos atoleiros da dúvida, e almas que julgavas modelos de fidelidade e ternura abandonaram-te o clima de esperança, nas primeiras horas da luta incerta. Sofres, exiges, indagas, desarvoras-te... Trilhando o caminho da renovação que te eleva, solicitas circunstâncias e companhias em que te escores para seguir adiante; contudo, se estivesses no plano dos amigos perfeitos, não respirarias na escola do burilamento moral [...].⁵

No estágio seguinte, depois de superadas as vacilações iniciais, a pessoa desenvolve a conscientização de que é preciso permanecer firme no programa de melhoria espiritual, em atendimento a uma necessidade íntima, esforçando-se para combater as imperfeições e em desenvolver virtudes. Nestas condições, o Espírito compreende que é preciso abrir mão de certos comportamentos e atitudes, sacrificando-se, ainda que sob o peso de provações ou de graves desafios. A vontade funciona, então, como “[...] a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental [...]”.⁶

Quando atinge esse estágio de compreensão, o indivíduo torna-se mais tolerante em relação às falhas dos outros; aprende perdoar ofensas; revela-se mais solidário e fraterno; vigia mais a si mesmo que o outro, atento ao preceito evangélico: *Por que olhas o cisco no olho de teu irmão, e não percebes a trave que há no teu?* (Lucas, 6: 41. Bíblia de Jerusalém).

Sofre pelas lutas que têm de enfrentar, mas, sem alarde, empenha-se em libertar do mal, mesmo que intimamente esteja aflito, como aconselha o apóstolo Tiago: *Entristecerei-vos, cobri-vos de luto e chorai. Transforme-se vosso riso em luto e vossa alegria em desalento. Humilhai-vos diante do Senhor e ele vos exaltará.* (Tiago, 4:9-10. Bíblia de Jerusalém).

2. O empenho da transformação moral

A ação incessante de transformação moral é trabalho de todo dia, de toda hora. Não dá tréguas. A vigilância deve ser permanente, a fim de evitar tropeços e quedas. Mesmo não sendo possível fugir das recaídas, é essencial não se deixar levar por excessivos sentimentos de culpa. É importante, sim, conservar uma atitude positiva, de vigilância mental e emocional.

[...] Jesus, o Mestre dos mestres, apresenta uma chave simples para que se lhe identifiquem os legítimos seguidores: “conhecê-los-eis pelos frutos”. Observemos o que estamos realizando com o tesouro das horas e de que espécie são as nossas ações, a benefício dos semelhantes. E, procurando aceitar-nos como somos, sem subterfúgios ou escapatórias, evitemos estragar-nos com queixas e autocondenação, diligenciando buscar, isto sim, agir, servir e melhorar-nos sempre. Em tudo o que sentirmos, pensarmos, falarmos ou fizermos, demos aos outros o melhor de nós, reconhecendo que, se as árvores são valorizadas pelos próprios frutos, cada árvore recebe e receberá invariavelmente atenção e auxílio do pomicultor, conforme os frutos que venha a produzir.⁷

É quase impossível melhorar-se moralmente sem sacrifícios ou renúncias. Estes são experiências educativas que favorecem o desenvolvimento da capacidade de discernir entre o bem e o mal. Dessa forma, o Espírito aprende fazer escolhas mais sensatas, conquistar amizades preciosas que lhe auxiliam no propósito da mudança. Entende, finalmente, que não é possível evoluir sem a sincera manifestação de amor ao semelhante, de acordo com esta conhecida instrução evangélica:

[...] Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Mateus, 22: 37-39. Bíblia de Jerusalém).

A transformação para melhor, segundo Emmanuel, está simbolicamente representada em duas asas que “[...] conduzirão o espírito humano à presença de Deus. Uma chama-se amor; a outra, sabedoria [...]”.⁸ Vale à pena ampliar este conceito, anunciado por esse orientador espiritual:

[...] Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço aos semelhantes, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo, em favor dos outros, o reflexo de suas próprias virtudes; e pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhe comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a para o Alto. Através do amor valorizamo-nos para a vida. Através da sabedoria somos pela vida valorizados. Daí o imperativo de marcharem juntas a inteligência e a bondade. Bondade que ignora é assim como o poço amigo em plena sombra, a dessedentar o viajor sem ensinar-lhe o caminho. Inteligência que não ama pode ser comparada a valioso poste de aviso, que traça ao peregrino informes

de rumo certo, deixando-o sucumbir ao tormento da sede. Todos temos necessidade de instrução e de amor. Estudar e servir são rotas inevitáveis na obra de elevação [...].⁸

A Doutrina Espírita representa, neste contexto, poderoso meio de auxílio, pois orienta que, a despeito de termos sido criados “simples e ignorantes”, estamos destinados à felicidade que, cedo ou tarde, alcançaremos por meio do esforço próprio. Eis algumas práticas que favorecem o esforço de melhoria espiritual:

2.1. O conhecimento de si mesmo

No diálogo que se segue, ocorrido entre Kardec e santo Agostinho, e que constitui as perguntas 919 e 919-a, de *O livro dos espíritos*, encontramos sábia orientação, relacionada ao autoconhecimento:⁹

919. Qual o meio prático mais eficaz que tem o homem de se melhorar nesta vida e de resistir ao arrastamento do mal?

Resposta: “Um sábio da Antiguidade vos disse: Conhece-te a ti mesmo”.⁹

919-a. Compreendemos toda a sabedoria desta máxima, mas a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?¹⁰

- » **Resposta:** “Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma [...]”.⁹

2.2. O caminho reto

“O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando compreende antecipadamente a vida espiritual.”¹¹

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interroga a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo o bem que podia, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros tudo quanto queria que os outros lhe fizessem. Imbuído do sentimento de caridade e de amor

ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa, e sacrifica seus interesses à justiça. É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças [...].¹²

2.3. Combate as más inclinações e maus hábitos

[...] Enquanto puderes escutar ou perceber a palavra Hoje, com a audição ou com a reflexão, no campo fisiológico, vale-te do tempo para registrar as sugestões divinas e concretizá-las em tua marcha. [...] Todos os pequenos maus hábitos, aparentemente inexpressivos, devem ser muito bem extirpados pelos seus portadores que, desde a Terra, já disponham de algum conhecimento da vida espiritual [...].¹³

2.4. O cultivo de laços de amizade e de simpatia

Os laços de amizade extrapolam aos da família consanguínea, como ensina Jesus:

Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E apontando para os discípulos com a mão, disse: Aqui estão a minha mãe e meus irmãos, porque aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, irmã e mãe. (Mateus, 12:48-50. Bíblia de Jerusalém).

[...] Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corpóreos. As primeiras são duráveis e se fortalecem pela purificação, perpetuando-se no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; [...].¹⁴

2.5. Fortalecimento espiritual por meio da oração

Pela prece o homem atrai o concurso dos Espíritos bons, que vêm sustentá-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se deste se afastou [...].¹⁵

2.6. Trabalho incessante

É pela bênção do trabalho que podemos esquecer os pensamentos que nos perturbam, olvidar os assuntos amargos, servindo ao

próximo, no enriquecimento de nós mesmos. Com o trabalho, melhoramos nossa casa e engrandecemos o trecho de terra onde a Providência divina nos situou. Ocupando a mente, o coração e os braços nas tarefas do bem, exemplificamos a verdadeira fraternidade e adquirimos o tesouro da simpatia, com o qual angariaremos o respeito e a cooperação dos outros. Quem não sabe ser útil não corresponde à Bondade do Céu, não atende aos seus justos deveres para com a humanidade e nem retribui a dignidade da pátria amorosa que lhe serve de Mãe. O trabalho é uma instituição de Deus.¹⁶

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 5, item 14, p. 122-123.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Segue-me*. Pelo Espírito Emmanuel. Matão: O Clarim, 1973. Cap. Esta noite!..., p. 29.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 18, p. 52.
4. _____. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 23, Autoaprimoramento, p. 86-88.
5. _____. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: Reforma íntima, p. 231-232.0
6. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 2, Vontade, p. 13.
7. _____. *Rumo certo*. Pelo Espírito Emmanuel. Op. Cit. Cap. 23, Autoaprimoramento, p. 89.
8. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. Op. Cit. Cap. 4, Instrução, p. 21-22.
9. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 919.
10. _____. 919-a, p. 551.
11. _____. Questão 918, p. 550.
12. _____. Questão 918-comentário, p. 550.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 169, p. 376.
14. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 14, item 8, p. 291.
15. _____. Cap. 27, item 11, p. 461.
16. XAVIER, Francisco Cândido. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 90.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em dois grupos: um estuda, troca ideias e faz resumo do item um do Roteiro (Importância da melhoria moral); o outro grupo faz a mesma coisa, mas em relação ao item dois (O empenho da transformação moral).

Pedir aos grupos que anotem em folha de cartolina as ideias-chave dos conteúdos estudados, cujas conclusões devem ser apresentadas, em plenário, por representantes de cada grupo.

Fazer o fechamento da reunião, destacando pontos principais necessários à melhoria moral do indivíduo, principalmente os que foram analisados pelo Espírito Emmanuel e que constam das referências bibliográficas deste Roteiro.

Observação: pedir a três participantes que anotem relatos de histórias que sugerem benefícios alcançados por meio da prece. Informar-lhes que tais relatos servirão de base para o desenvolvimento do estudo da próxima reunião, os quais serão analisados na forma de estudo de caso.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 5

O PODER TRANSFORMADOR DA PRECE

Objetivos

- » Destacar a importância e benefícios da prece.
- » Identificar as características da prece.

Ideias principais

- » *Pela prece o homem atrai o concurso dos Espíritos bons, que vêm sustentá-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 27, item 11.*
- » *Segundo o Codificador, [...] a principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são apenas enfeites de lantejoulas. Cada palavra deve ter seu alcance próprio, despertar uma ideia, mover uma fibra. Numa palavra: deve fazer refletir. Somente sob essa condição a prece pode alcançar o seu objetivo; de outro modo, não passa de ruído. [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 28, item 1.*

- » *No entanto, temos de orar sempre. Não devemos subestimar o valor da nossa comunicação com Deus. Teremos de atravessar épocas difíceis? Estamos deprimidos? Continuemos a orar. A prece é luz e orientação em nossos próprios pensamentos. Espírito Anderson: Entre irmãos de outras terras. Cap. 39.*

Subsídios

A oração pode ser entendida como uma aproximação com Deus, por meio de palavras ou do pensamento, realizada em particular ou em público. Inclui um ato de louvor ou adoração, um agradecimento ou um pedido: “[...] A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.”¹

Percebe-se que, à medida que o Espírito evolui, este se contenta mais em louvar ou agradecer a Deus, a Jesus ou aos Espíritos protetores, do que endereçar-lhes petições, uma vez que já consegue identificar as inúmeras bênçãos que a bondade e misericórdia divinas acumulam sobre a sua existência, todos os dias.

Entretanto, independentemente das características da prece (louvar, agradecer, pedir): “O poder da prece está no pensamento. Não depende de palavras, nem de lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte, e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar e do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento [...]”²

1. A importância da prece

A prece é um ato muito importante de ligação com os planos mais elevados da vida. Infelizmente, ainda não é inteiramente compreendida (ou exercitada) pela maioria dos que oram, mesmo por pessoas que possuem maiores esclarecimentos a respeito da ação dos fluidos magnéticos e da proteção espiritual.

Pela prece o homem atrai o concurso dos Espíritos bons, que vêm sustentá-lo em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio,

pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimento; terá o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, porque poderia ter encontrado na prece a força de resistir às tentações.³

Reforçando mais ainda a importância da prece, o Codificador destaca que:

Seria ilógico concluir desta máxima: “Seja o que for que peçais na prece, crede que vos será concedido”, que basta pedir para obter, como seria injusto acusar a Providência se não atender a toda súplica que lhe é feita, uma vez que ela sabe, melhor do que nós, o que é para o nosso bem. É assim que procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. O homem, em geral, só vê o presente. Ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura. O que Deus concederá ao homem, se ele lhe pedir com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. Também lhe concederá os meios de se lhe livrar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará que os Espíritos bons lhe sugiram, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele assiste os que se ajudam a si mesmos, conforme esta máxima: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará” [...].⁴

2. Característica da prece

Segundo Kardec, “a principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que são apenas enfeites de lantejoulas. Cada palavra deve ter seu alcance próprio, despertar uma ideia, mover uma fibra. Numa palavra: *deve fazer refletir*. Somente sob essa condição a prece pode alcançar o seu objetivo; de outro modo, não passa de ruído. [...]”⁵ Além disso, “uma condição essencial da prece, segundo São Paulo (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 27, item 16), é que seja inteligível, a fim de que nos possa falar ao espírito. [...]”⁵

2.1. Maneira correta de orar

Os Espíritos sempre disseram, a respeito, que:

A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um, segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom

pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais o coração em nada tome parte.” Os Espíritos jamais prescreveram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas ideias, pois algumas pessoas não acreditariam ter orado realmente, desde que não formulassem seus pensamentos [...].⁶

Um exemplo de prece:

*Senhor, ensina-nos a oferecer-te o coração puro e o pensamento elevado na oração. Ajuda-nos a pedir, em Teu Nome, para que a força de nossos desejos não perturbe a execução de teus desígnios. Ampara-nos, a fim de que o nosso sentimento se harmonize com a tua vontade e que possamos, cada dia, ser instrumentos vivos e operosos da paz e do amor, do aperfeiçoamento e da alegria, de acordo com a tua Lei. Assim seja.*⁷

Todas as preces fervorosas são boas:

- » O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não de lábios. Não impõe nem reprova nenhuma. Deus, segundo ele, é grande demais para repelir a voz que lhe implora ou lhe entoa louvores, porque o faz de um modo e não de outro. Quem quer que lance anátema às preces que não estejam no seu formulário provará que desconhece a grandeza de Deus. Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da humanidade [...].⁸
- » A sincera atitude da alma na prece não obedece aos movimentos mecânicos vulgares. Nas operações da luta comum, a criatura atende, invariavelmente, aos automatismos da experiência material que se modifica de maneira imperceptível, nos círculos do tempo; todavia, quando se volta a alma aos santuários divinos do plano superior, através da oração, põe-se a consciência em contato com o sentido eterno e criador da vida infinita.⁹

2.2. A prece não nos isenta das provações

- » Se é do interesse do aflito que a sua prova siga o seu curso, ela não será abreviada a nosso pedido. Mas seria ato de impiedade desanimarmos por não ter sido satisfeita a nossa súplica. Aliás, em falta de cessação da prova, podemos esperar alguma outra consolação que lhe suavize o amargor. O que de mais precisa aquele que se acha aflito é a

resignação, a coragem, sem as quais não lhe será possível sofrê-la com proveito para si, porque terá de recomeçar a prova. É, pois, sobretudo para esse objetivo que se deve dirigir os esforços, quer pedindo que os Espíritos bons lhe venham em auxílio, quer levantando-lhe o moral por meio de conselhos e encorajamentos, quer, enfim, assistindo-o materialmente, se for possível. A prece, neste caso, pode também ter efeito direto, dirigindo, sobre a pessoa por quem é feita, uma corrente fluídica com vistas a lhe fortalecer o moral.¹⁰

- » Diante da prova, orar, envidando meios de transformá-la em experiência benéfica. Diante da penúria, orar, desenvolvendo serviço que a desfaça. Diante da ignorância, orar, acendendo luz que lhe dissipe a sombra. Diante da enfermidade, orar, procurando medicação que lhe afaste os prejuízos. Diante do desastre, orar, empreendendo ações que lhe anulem os efeitos. Diante da dificuldade, orar, aproveitando a lição dos obstáculos de modo a evitá-los futuramente. Diante do sofrimento, orar, construindo caminhos para a devida libertação. Diante da discórdia, orar, edificando recursos para o estabelecimento da paz. Orar sempre, mas agir cada vez mais para que se realize o melhor. Disse-nos o Senhor: vigiai e orai para que não entreis em tentação... e, realmente, acima de tudo vigiam e oram aqueles que ativamente se esforçam para que, em tudo, se faça o bem que nos cabe fazer.¹¹

2.3. A prece não dispensa esforço para superar os desafios da vida

- » No versículo sétimo do capítulo sete dos apontamentos do apóstolo Mateus, no Evangelho, diz-nos Jesus: “Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.” Em linguagem de todos os tempos, isto quer dizer; desejai ardentemente e as oportunidades aparecerão; empenhai-vos a encontrar o objeto de vossos anseios e tê-lo-eis à vista; todavia é preciso combater o bom combate, trabalhar, agir e servir, para que se vos descerrem os horizontes e as realizações que demandais. Semelhantes princípios regem as leis da prece. A oração ampara sempre; no entanto, se o interessado em proteção e socorro não lhe prestigia a influência, ajudando-lhe a ação, a benefício dos seus próprios efeitos, de certo que não funciona.¹²
- » Na floresta mental em que avança, o homem frequentemente se vê defrontado por vibrações subalternas que o golpeiam de rijo, compelindo-o à fadiga e à irritação, sejam elas provenientes de ondas enfermias, par-tidas dos desencarnados em posição de angústia e que lhe partilham o clima psíquico, ou de oscilações desorientadas

dos próprios companheiros terrestres desequilibrados a lhe respirarem o ambiente. Todavia, tão logo se envolva nas vibrações balsâmicas da prece, ergue-se-lhe o pensamento aos planos sublimados, de onde recolhe as ideias transformadoras dos Espíritos benevolentes e amigos, convertidos em vanguardeiros de seus passos, na evolução.¹³

2.4. Ponderar sobre o que pedir na oração

Orar constitui a fórmula básica da renovação íntima, pela qual divino entendimento desce do Coração da Vida para a vida do coração. Semelhante atitude da alma, porém, não deve, em tempo algum, resumir-se a simplesmente pedir algo ao Suprimento divino, mas pedir acima de tudo, a compreensão quanto ao plano da Sabedoria infinita, traçado para o seu próprio aperfeiçoamento, de maneira a aproveitar o ensejo de trabalho e serviço no bem de todos, que vem a ser o bem de si mesma.¹³

3. O poder transformador da prece

- » Na construção de simples casa de pedra, há que despender longo esforço para ajustar ambiente próprio, removendo óbices, eliminando asperezas e melhorando a passagem. [...] Assim também na esfera de cogitações de ordem espiritual. Na edificação da paz doméstica, na realização dos ideais generosos, no desdobramento de serviços edificantes, urge providenciar recursos ao entendimento geral, com vistas à cooperação, à responsabilidade, ao processo de ação imprescindível. E, sem dúvida, a prece representa a indispensável alavanca renovadora, demovendo obstáculos no terreno duro da incompreensão. A oração é divina voz do espírito no grande silêncio. Nem sempre se caracteriza por sons articulados na conceituação verbal, mas, invariavelmente, é prodigioso poder espiritual comunicando emoções e pensamentos, imagens e ideias, desfazendo empecilhos, limpando estradas, reformando concepções e melhorando o quadro mental em que nos cabe cumprir a tarefa a que o Pai nos convoca. [...] A prece tecida de inquietação e angústia não pode distanciar-se dos gritos desordenados de quem prefere a aflição e se entrega à imprudência, mas a oração tecida de harmonia e confiança é força imprimindo direção à bússola da fé viva, recompondo a paisagem em que vivemos e traçando rumos novos para a vida superior.¹⁴

- » [...] De essência divina, a prece será sempre o reflexo positivamente sublime do Espírito, em qualquer posição, por obrigá-lo a despedir de si mesmo os elementos mais puros de que possa dispor. No reconhecimento ou na petição, na diligência ou no êxtase, na alegria ou na dor, na tranquilidade ou na aflição, ei-la exteriorizando a consciência que a formula, em efusões indescritíveis, sobre as quais as ondulações do Céu corrigem o magnetismo torturado da criatura, insulada no sofrimento educativo da Terra, recompondo-lhe as faculdades profundas. A mente centralizada na oração pode ser comparada a uma flor estelar, aberta ante o Infinito, absorvendo-lhe o orvalho nutriente de vida e luz. Aliada à higiene do espírito, a prece representa o comutador das correntes mentais, arrojando-as à sublimação.¹⁵
- » Examine cada aprendiz as sensações que experimenta em se colocando na posição de rogativa ao Alto, compreendendo que se lhe faz indispensável a manutenção da paz interna perante as criaturas e quadros circunstanciais do caminho. A mente que ora, permanece em movimentação na esfera invisível [...].¹⁶
- » No entanto, temos de orar sempre. Não devemos subestimar o valor da nossa comunicação com Deus. Teremos de atravessar épocas difíceis? Estamos deprimidos? Continuemos a orar. A prece é luz e orientação em nossos próprios pensamentos.¹⁷
- » Como poderá alguém manter a própria consciência tranquila sem intenções sinceras? De igual modo, poderemos indagar: Como sustentar o coração sereno durante a prece, sem análise real de si mesmo? A oração para surtir resultados essenciais de conforto exige enfrentemos a consciência em todas as circunstâncias. [...] A coexistência do mal e do bem no íntimo do ser impossibilita o estabelecimento da paz. Sentimentos odiosos e vindicativos impedem a floração da espiritualidade superior. A Deus não se ilude. E a oração exterioriza a nossa emoção real [...].¹⁸

Abraça o trabalho e a prece, como sendo a embarcação e a bússola do caminho. Rochedos de incompreensão escondem-se, traiçoeiros, sob a crista das ondas, ameaçando-te a rota. No entanto, ora e serve. A prece ilumina. O trabalho liberta. Monstros do precipício surgem a tona, inclinado-te a perturbação e ao soçobro. Contudo, ora e serve. A prece guia. O trabalho defende. Tempestades de aflição que aparecem de chofre, vergastando-te o refúgio. Entretanto, ora e serve. A prece reanima. O trabalho restaura. Companheiros queridos que te suavizavam

as agruras da marcha desembarcam nas ilhas de enganoso descanso, deixando-te as mãos sob multiplicados encargos. Todavia, ora e serve. A prece consola. O trabalho sustenta. Em todos os problemas e circunstâncias que te pareçam superar o quadro das próprias forças, ora e serve. A prece é silêncio que inspira. O trabalho é atividade que aperfeiçoa. O viajor mais importante da Terra também passou pelo oceano do suor e das lágrimas, orando e servindo. Tão escabrosa lhe foi a peregrinação, entre os homens, que não sobrou amigo algum para compartilhar-lhe espontaneamente os júbilos da chegada pelo escaler em forma de cruz. Tão alto, porém, acendeu ele a flama da prece, que pôde compreender e desculpar os próprios algozes, e tão devotadamente se consagrou ao trabalho, que conseguiu vencer os abismos da morte e voltar aos braços dos amigos vacilantes, como a repetir-lhes em regozijo e vitória: “Tende bom animo! Eu estou aqui”.¹⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 659, p. 417.
2. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 27, item 15, p. 465.
3. _____. item 11, p. 461-462.
4. _____. item 7, p. 458-459.
5. _____. Cap. 28, Preâmbulo, item 1, p. 477.
6. _____. P. 475, 476.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. Prece, p. 103.
8. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 28, item 1, p. 476.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 45, p. 105.
10. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 28, item 42, p. 512-513.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Bênção de paz*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. São Bernardo do Campo: GEEM, 1981. Cap. 59, p.145-146.
12. _____. *Segue-me*. Pelo Espírito Emmanuel. Matão: O Clarim, 1973. Cap. Ação e prece, p.163-164.
13. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 25 (Oração), item: Prece e renovação, p.197.

14. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 98, p. .
15. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 25. Item: Grandeza da oração. p.195.
16. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 45, p. 105.
17. XAVIER, Francisco Cândido Xavier e VIEIRA, Waldo. *Entre irmãos de outras terras*. Pelo Espírito Anderson. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 39, p.135.
18. _____. *Ideal espírita*. Diversos Espíritos. 7. ed. Uberaba: CEC. Cap. 90 (Orar e perdoar, mensagem do Espírito Emmanuel), p. 213-214.
19. XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. Ora e serve, p.131-133.

Orientações ao monitor

- » Fazer breve explanação sobre a importância e as características da prece.
- » Em seguida, pedir aos três participantes, convidados na reunião anterior, que apresentem para os colegas relatos sobre os benefícios da prece.
- » Concluídas as apresentações, fazer, em conjunto com a turma, análise dos relatos, estudando detalhes dos casos: circunstâncias que marcaram a história, pessoas envolvidas, ocorrências de situações inusitadas ou especiais, aprendizados evidenciados e benefícios decorrentes, entre outros.
- » Destacar a importância do trabalho e do esforço pessoal que devem ser conjugados à prece, enquanto se aguarda as respostas do Alto.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 6

VIRTUDES: CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO

Objetivos

- » Citar o conceito espírita e não espírita de virtude.
- » Analisar a classificação das virtudes.

Ideias principais

- » *Virtude é qualidade do que se conforma com o considerado correto e desejável do ponto de vista da moral, da religião, do comportamento social.* Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p.1951.
- » Para o Cristianismo, assim como para a Filosofia, as virtudes são qualidades efetivadas pelo hábito, tendo como base a atuação simultânea da inteligência e da vontade. São as virtudes que regulam os atos humanos, ordenam suas paixões e guiam sua conduta, segundo a razão e a fé. Entretanto, os teólogos cristãos consideravam as virtudes como uma *concessão divina*, jamais uma conquista evolutiva do Espírito.
- » Na visão Espírita, *a virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo.* Cap. 17, item 8.

- » As [...] *virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. [...] A mais meritória é a que se baseia na mais desinteressada caridade.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Questão 893.

Subsídios

Virtude (do latim *virtus*) é a [...] disposição constante de praticar o bem e evitar o mal; [...] qualidade própria para produzir certos efeitos [...].¹ É mais do que uma simples potencialidade ou uma inclinação para a realização de uma determinada ação considerada nobre, mas uma verdadeira disposição que se manifesta sempre em benefício do outro.

O significado é genérico quando aplicado a tudo o que é considerado correto e desejável em relação à moral, à ética, à vida em sociedade, às práticas educacionais, científicas e tecnológicas, assim como à eficácia na execução de uma atividade. Em sentido específico o conceito se restringe a duas capacidades humanas: conduta moral no bem e habilidade para fazer algo corretamente.²

1. Conceitos filosóficos de virtudes

Os primeiros registros sobre a virtude aparecem nos tempos da Grécia de Homero com a palavra *areté*, que etimologicamente, significa *excelência*. O pensamento da época, contudo, não empregava a palavra *areté* unida à concepção de moralidade que, em geral, faz parte da concepção atual de virtude. Nos poemas homéricos, ela era utilizada para “definir a excelência de qualquer tipo: o corredor veloz exhibe a *areté* dos pés e o filho supera os pais em todos os tipos de *areté* — como atleta, soldado e intelectualmente.”³

A palavra grega *areté* foi, mais tarde, traduzida para o latim como *virtus*, dando origem à forma atualmente usada em nossa língua e nas outras línguas latinas.

É possível que a sistematização dos estudos sobre a virtude comece, efetivamente, com Sócrates (470–399 a.C), filósofo grego da Antiguidade, para o qual a virtude se identificava com o bem (aspecto moral) e representava o fim da atividade humana (aspecto funcional

ou operacional). Pelo aspecto moral, o homem virtuoso sabe discernir o bem e o mal. Pelo sentido funcional, ou fim da atividade humana, a virtude é a capacidade de bem realizar uma tarefa.

Para Sócrates (470–399 a.C.) “[...] o homem é uma *alma encarnada*. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; [...]”⁴ Além disso, segundo a doutrina Socrática “[...] a virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem. [...]”⁵ Nesta concepção, se o homem é a própria alma, então a sua *areté* é tudo que lhe engrandece a alma, que depende do maior ou menor conhecimento adquirido pelo homem.⁶ Com tais pensamentos vemos que Sócrates associava a *areté* aos bens intrínsecos da alma e não às qualidades exteriores, adquiridas por educação ou prática, conceituação admitida à época de Homero.

Seja como for, e como reconhece o próprio Aristóteles, a doutrina da virtude-ciência — que supõe [...] resolvido o problema da aquisição da virtude pelo sábio — ao estabelecer a necessidade da razão para a prática da virtude, inaugura a história da Ética como ciência do ethos, e essa será a marca indelével de sua origem socrática.⁷

Segundo o filósofo grego Aristóteles (384–322 a.C.), discípulo de Platão, a virtude seria entendida como uma “pré” disposição ou qualidade inata para o bem, que pode ser adquirida e aperfeiçoada pelo hábito, através da força da vontade. Ensinava também que a repetição dos bons hábitos gerava os bons costumes, daí serem as virtudes tão socialmente valorizadas.

Aristóteles considerava, todavia, que os atos impostos pela vontade, no sentido do desenvolver de virtudes, deveriam ser praticados na medida justa, nem mais nem menos, a fim de que o indivíduo não se sentisse pressionado em se transformar, de uma hora para outra, em alguém que ainda não tinha ainda condições de ser.

Percebemos, então, que o conceito de virtude para os filósofos da Antiguidade abrangia duas ordens de ideias: um dom inato que, pela prática ou educação, poderia ser desenvolvido.

Outros filósofos, surgidos ao longo da história humana, aceitaram parcialmente as ideias de Sócrates, Platão e, em especial, as de Aristóteles. Porém, acrescentaram que a virtude poderia representar também

qualquer tipo de habilidade humana e não apenas as relacionadas à moralidade que se destaca independentemente dos resultados que produz. Immanuel Kant (1724–1804), por exemplo, a despeito de ser considerado um dos mais notáveis filósofos da Idade Moderna, não utilizava, em seus ensinamentos, a palavra virtude como uma qualidade moral, substituindo-a por moralidade. A palavra virtude era empregada apenas no sentido de cumprimento do dever porque este poderia ser definido e controlado pela razão.⁸

2. Conceitos cristãos de virtudes

Ainda que a noção de virtude encontra-se presente em algumas tradições orientais, vinte séculos antes de Cristo, só adquiriu significativa importância com o advento das ideias cristãs. Alguns teólogos e filósofos cristãos entendiam que as virtudes são qualidades efetivadas pelo hábito, tendo como base a atuação simultânea da inteligência e da vontade. Assim, seriam as virtudes que regulariam os atos humanos, que ordenariam as paixões e guiariam a conduta, segundo a razão e a fé.

Por outro lado, importa considerar que a maioria dos teólogos cristãos considerava as virtudes como uma concessão, ou graça, divina. Para o pensamento de muitos a concessão divina estaria apenas em estado embrionária em alguns indivíduos, ou plenamente desenvolvida, em outros. A concessão de virtudes era critério determinado por Deus. Jamais cogitaram, contudo, que a aquisição de virtudes poderia ser conquista evolutiva do Espírito.

Em resposta à pergunta se a “virtude é concessão de Deus, ou é aquisição da criatura”,⁹ Emmanuel responde:

A dor, a luta e a experiência constituem uma oportunidade sagrada concedida por Deus às suas criaturas, em todos os tempos; todavia, a virtude é sempre sublime e imorredoura aquisição do espírito nas estradas da vida, incorporada eternamente aos seus valores, conquistados pelo trabalho no esforço próprio.⁹

Os orientadores da Codificação Espírita esclarecem, inclusive, que há “[...] virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. Mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem segundas

intenções. A mais meritória é a que se baseia na mais desinteressada caridade.¹⁰ Neste aspecto, ensina Emmanuel:

Cada qual de nós, no internato da reencarnação, é examinado nas tendências inferiores que trazemos das existências passadas, a fim de aprendermos que somente nos será possível conquistar o bem, vencendo o mal que nos procure, tantas vezes quantas necessárias, mesmo além do débito pago ou da sombra extinta. Fácil, pois, observar que sem a presença da tentação, a virtude não aparece e assim será sempre para que a inocência não seja uma flor estéril e para que as grandes teorias de elevação não se façam sementes frustras no campo da humanidade.¹¹

3. Classificação das virtudes

Para Sócrates existem quatro virtudes fundamentais, também denominadas virtudes cardeais, que se encontram explicadas no livro *A República*, escrito por Platão. São virtudes consideradas essenciais porque representam a chave para a conquista das demais.

Tendo como base as virtudes cardeais socráticas, Aristóteles (384–322 a.C) “[...] classificou as virtudes em dois grupos, quanto à natureza, classificação aceita nos dias atuais: *virtudes éticas* ou *do caráter* — indicam todas as qualidades ético-morais, inclusive o dever, as quais nem sempre são submetidas à razão; *virtudes dianoéticas* ou *do pensamento* — abrangem as competências intelectuais (inteligência, discernimento, conhecimento científico, aptidões técnicas), controladas pela razão.”²

As primeiras são desenvolvidas pela educação e pela prática que conduz ao hábito. Filósofos, do passado e do presente, defendem a ideia de que as virtudes ético-morais são dons inatos, desenvolvidos por seres humanos especiais. Diferentes interpretações religiosas pregam que essas virtudes somente ocorrem por graça ou concessão divinas. As segundas, as virtudes dianoéticas ou do pensamento, podem ser ensinadas por meio da instrução, daí serem muito valorizadas pelas ciências humanas, sobretudo as educacionais.²

Com o Cristianismo, as virtudes cardeais sofreram acréscimos teológicos, sobretudo no período que constituiu a Idade

Média (Agostinho e Tomás de Aquino são os teólogos católicos que mais forneceram contribuições). Alguns desses acréscimos foram bons, outros não.

Na visão Espírita, a virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem.

3.1. Classificação filosófica das virtudes

Virtudes cardeais (Sócrates/Platão)¹²

- » Prudência, também conhecida como sabedoria. “É a virtude do conhecimento superior, das coisas excelentes. O grau mais elevado do conhecimento.”¹³
- » Fortaleza, entendida como coragem. É a “opinião reta e conforme a lei sobre o que se deve e o que não se deve temer.”¹⁴ É a virtude do entusiasmo (thymoiedés), a que administra os impulsos da sensibilidade, dos sentimentos e do afeto.
- » Temperança, vista como autodomínio, medida, moderação. É a “amizade e a concordância das partes da alma, existentes quando a parte que comanda e as que obedecem concordam com a opinião do que cabe ao princípio racional governar, e assim não se lhe opõem.”¹⁵ Neste sentido, a temperança aplica-se tanto ao indivíduo como ao Estado.
- » Justiça estabelece discernimento entre o bem e o mal. “Pode estabelecer dois significados principais: 1º) Justiça como conformidade da conduta a uma norma; 2º) Justiça como eficiência de uma norma (ou sistema de normas), entendendo-se por eficiência de uma norma certa capacidade de possibilitar as relações entre os homens.” É a virtude que conduz à equidade, ao saber considerar e respeitar o direito do outro, a valorizar ações e coisas que garantem o funcionamento harmonioso da vida, individual e coletiva.¹⁶

Virtudes éticas (Aristóteles)¹⁷

São em número de sete, e estão relacionadas à moralidade.

1. Coragem – é “o justo meio entre o medo e a temeridade. É a virtude da firmeza de propósitos.”¹⁴

2. Temperança – esta virtude age sobre os impulsos do instinto, colocando freios nos prazeres e paixões corporais. “Consiste

no justo uso dos prazeres físicos”¹⁴, sobretudo os prazeres “que derivam da alimentação, da bebida e do sexo.”¹⁵

3. liberalidade – qualidade da pessoa generosa ou pródiga. Mais tarde, com o Cristianismo, este conceito aristotélico evolui para o de caridade.¹⁸

4. Magnanimidade – qualidade da pessoa indulgente e tolerante, que sabe perdoar ofensas. “Segundo Aristóteles, a virtude que consiste em desejar grandes honras e ser digno delas. [...] Esta virtude acompanha e “engrandece” todas as outras. Quem é digno de pequenas coisas e se considera digno delas é moderado, mas não magnânimo, a Magnanimidade é inseparável da grandeza.”¹⁹ Este conceito, modificado por Descartes, é o aceito atualmente: “[...] identifica-se com a virtude de avaliar-se de acordo com seu próprio valor e não sentir ciúme ou inveja”.¹⁹

5. Mansidão – é a brandura de índole, de forma de agir ou de expressar.

6. Franqueza – a virtude expressa no sentido de “dizer a verdade”, de ser sincero, não de ser rude.

7. Justiça – “é a virtude integral e perfeita: integral porque compreende todas as outras, perfeita porque quem a possui pode utilizá-la não só em relação a si mesmo, mas também em relação aos outros”, sendo esta última considerada pelo filósofo como a maior de todas as virtudes éticas.¹⁶

Virtudes dianoéticas (Aristóteles)²⁰

São em número de cinco. Todas apresentam natureza intelectual e são governadas pela razão.

1. Arte ou “hábito, acompanhado pela razão, de produzir alguma coisa” – não se refere, necessariamente, à concepção atual obra artística, mas de qualquer produção humana que tem significado.²¹

2. Ciência – conhecimento que se demonstra ou comprova, não é uma mera opinião.²²

3. Sabedoria ou “o mais perfeito dos saberes”, afirmava Aristóteles se “a sabedoria pode ser chamada ao mesmo tempo de

intelecto e ciência, encabeçando todas as ciência será a ciência das coisas excelentes”²³

4. Sapiência – é a virtude dos sábios, dos que possuem sabedoria, a que se expressa em “ grau mais elevado do conhecimento, ou seja, o mais sólido e completo. Por ter como objetivo as coisas elevadas e sublimes, que são as coisas divinas.”²³

5. Intelecto – termo utilizado pelos filósofos com dois sentidos: “1º) genérico, como faculdade de pensar em geral; 2º) específico, como uma atividade ou técnica particular de pensar.”²⁴ Aristóteles, e também Platão, admitia o primeiro conceito, pois o intelecto, definido como capacidade de pensar, “confere limites, ordem e medidas às coisas.” ²⁴

É importante fazer distinção entre duas virtudes que fazem parte dessa classificação aristotélica: sabedoria faz referência à pessoa que possui muito conhecimento, mas nem sempre possui moralidade compatível. A *sapiência* significa erudição sempre associada à moral.

Em *O livro dos espíritos*, item Escala Espírita, essas duas virtudes aristotélicas (sabedoria e sapiência) apresentam, igualmente, diferenças, assim especificadas quando são caracterizadas três classes dos Bons Espíritos, entre as cinco que compõe a ordem.

Quarta classe. ESPÍRITOS DE CIÊNCIA – Distinguem-se especialmente pela amplitude de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as científicas, para as quais têm maior aptidão; entretanto, só encaram a Ciência do ponto de vista da utilidade e jamais dominados pelas paixões peculiares aos Espíritos imperfeitos.²⁵

Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA – As qualidades morais da ordem mais elevada constituem o seu caráter distintivo. Sem possuírem conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes faculta juízo reto sobre os homens e as coisas.²⁶

Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES – Reúnem em si a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem, que só transpira a benevolência, é constantemente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem as mais justas noções sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos

limites do que é permitido ao homem saber. [...] Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo.²⁷

3.2. Classificação teológica das virtudes²⁸

A teologia católica e a protestante consideram que há três tipos de virtudes, denominadas *teologais*, ou essenciais, e, outras, as secundárias, que decorrem das primeiras. O grande equívoco da interpretação teológica é supor que as virtudes, sobretudo as teologais, são concedidas ao homem por graça ou favor divinos.

Por esta interpretação, não se admite que o ser humano possa pelo próprio esforço, atingir o estado de plenitude espiritual ou de bem-aventurança, pelo esforço de adquirir e desenvolver virtudes. Sendo assim, as pessoas que possuem tais virtudes, as receberam por concessão divina. É um privilégio que Deus lhes concedeu.

As virtudes teologais passaram, então, a apresentar um caráter sobrenatural, em razão desse conceito de intervenção divina. Não deixa, porém, de ser ensino teológico restritivo, pois ignora os esforços individuais, o trabalho de livre arbítrio, entre outros, ainda que, *a priori*, todas as bênçãos vêm de Deus.

As virtudes teologais são:

1. Fé – em termos filosóficos significa crença religiosa entendida “como confiança na palavra revelada. Enquanto a crença, em geral, é o compromisso com uma noção qualquer, Fé é o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade.”²⁹

Em relação à teologia, a palavra fé é sinônima de fidelidade (o hebraico *emun/emunah*) no Velho Testamento, isto é, fidelidade a Deus. O vocábulo pode ser interpretado também como ato de “crer”, de “confiar” ou de “esperar”.³⁰ No Novo Testamento a palavra fé é muito comum, aparecendo mais de 240 vezes.³¹ Esta é a interpretação teológica:

A fé é atitude mediante a qual o homem abandona toda confiança em seus próprios esforços para obter salvação, que sejam eles ações de piedade, da bondade ética, ou seja lá o que for. É atitude de completa

confiança em Cristo, de dependência exclusiva dele, a respeito de tudo quanto está envolvido na salvação.³¹

Para o Espiritismo, não há dúvida de que devemos depositar irrestrita confiança em Jesus, mas ensina que cabe ao homem fazer a sua parte, para evoluir.

Assim, segundo a Doutrina Espírita, no

[...] homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros: é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação de sua vontade. [...] O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao objetivo que tem em vista, e essa certeza lhe dá uma força imensa. O homem de bem, crente em seu futuro celeste, deseja preencher a sua existência de belas e nobre ações, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres da caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que se não consiga vencer.³²

Em síntese: “[...] Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.”³³

2. Esperança – que é vista mais como uma emoção, a mais fundamental delas, segundo a Filosofia, do que conceito virtude, em seu amplo significado.³⁴

Para as religiões cristãs tradicionais, esperança é a capacidade de entregar-se nas mãos do Cristo, aguardando o futuro sem medo e temor, pois onde “[...] existe a crença no Deus vivo, que age e intervém na vida humana, e no qual pode confiar de que porá em vigor as suas promessas, a esperança, no sentido especificamente bíblico, se torna possível.”³⁵

Não devemos abandonar a esperança, em qualquer situação.

Não [...] te deixes arrasar pelas aflições transitórias que te visitam com fins regenerativos ou edificantes. [...] Não importa, entretanto, o problema, embora sempre nos pesem as responsabilidades assumidas, quaisquer que sejam. Desliga-te, porém, do pessimismo e do desânimo, recordando que a vida, — mesmo na vida que desfrutas, — em

suas origens profundas, não é obra de tuas mãos. Recordemos isso e seja de que espécie for a provação que te amargue a alma, continue trabalhando na sustentação do bem geral, porquanto [...] reconhecê-rás, para logo, que o amor é um sol a brilhar para todos e que ninguém existe sem esperança e sem Deus.³⁵

3. Caridade – é “ a virtude cristã fundamental porque consiste na realização do preceito cristão fundamental: “Ama o próximo como a si mesmo.”¹⁸

Em relação à caridade, recomenda o Espiritismo:

Sede bons e caridosos, pois essa é a chave dos céus, chave que tendes em vossa mãos. Toda a eterna felicidade se acha contido neste preceito: Amais-vos uns aos outros. A alma não pode elevar-se às altas regiões espirituais, senão elo devotamento ao próximo e só encontra consolação e ventura nos arroubos da caridade [...]. A caridade é a virtude fundamental que há de sustentar todo o edifício das virtudes terrestres. Sem a caridade não há esperança de melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não passa de um raio muito puro que torna brilhante a alma caridosa. A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação: é a mais pura emanção do Criador: é a sua própria virtude, dada por Ele à criatura [...].³⁶

Referências

1. KOOGAN-HOUAISS. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Seifer, 2000, p. 1666.
2. MOURA, Marta Antunes. *As virtudes essenciais*. Rio de Janeiro: FEB, Revista *Reformador*. Janeiro de 2009. Ano 127. N.º 2.158, p. 26.
3. MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude*. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001, p. 211.
4. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Introdução IV, p. 44.
5. _____.p. 52.
6. REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga I: Das origens a Sócrates*. Tradução de Marcelo Perini. São Paulo: Editora Loyola, 1999. p. 267-268.
7. VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 97.

8. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003. Item: Moralidade, p. 683.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, pergunta 253, p. 206.
10. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 893, p. 535.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: Pensamento, 2006. Cap. 59, p. 128.
12. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit. Item: Virtudes cardeais, p. 117.
13. _____. Item: Sabedoria, p. 864.
14. _____. Item: Coragem, p. 210.
15. _____. Temperança, p. 944.
16. _____. Item: Justiça, p. 594.
17. _____. Item: Virtudes éticas, p.387.
18. _____. Item: Caridade, p. 118.
19. _____. Item: Magnanimidade, p. 637.
20. _____. Item: Dianoético, p. 275.
21. _____. Item: Arte, p. 81.
22. _____. Item: Ciência, p. 136.
23. _____. Item: Sabedoria, p. 864.
24. _____. Item: Intelecto, p. 571.
25. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 109, p. 134. 26.
26. _____. Questão 110, p. 134.
27. _____. Questão 111, p. 134.
28. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit. Item: Virtudes teologais, p. 949.
29. _____. Item: Fé, p. 431.
30. DOUGLAS, J. D (organizador). *O novo dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. Item: Fé, p.496.
31. _____. p.497.
32. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XIX, item 12, p. 377-378.
33. _____. Item 7, p. 374.
34. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit. Item: Esperança, p. 354.
35. XAVIER, Francisco Cândido. *Mãos unidas*. Pelo espírito Emmanuel. 24. ed. Araras [SP]: IDE, 2008. Cap.4, p. 22-23.
36. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XIII, item 12, p. 270-271.

Orientações ao monitor

- » Fazer breve exposição dos conceitos e da classificação de virtude, de acordo com a Filosofia e a Religião Cristã.
- » Em seguida, dividir a turma em quatro grupos para discutir e apresentar uma análise sobre os seguintes temas:
 - a) Conceitos de virtude: espírita e não espírita.
 - b) Virtudes cardeais.
 - c) Virtudes éticas e dianoéticas.
 - d) Virtudes teológicas.
- » Ao final dos debates, o monitor deve fazer uma síntese do estudo, procurando esclarecer possíveis dúvidas, fortalecendo o entendimento do assunto.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 7

CONQUISTA E DESENVOLVIMENTO DE VIRTUDES

Objetivos

- » Explicar como adquirir e desenvolver virtudes, segundo a orientação espírita.

Ideias principais

- » As virtudes se adquirem, em geral, por meio de provações e repetidos aprendizados, nas sucessivas experiências reencarnatórias, pois a [...] *dor, a luta e a experiência constituem uma oportunidade sagrada concedida por Deus às suas criaturas, em todos os tempos; todavia, a virtude é sempre sublime e imorredoura aquisição do espírito nas estradas da vida, incorporada eternamente aos seus valores, conquistados pelo trabalho no esforço próprio.* Emmanuel: *O consolador*, pergunta 253.
- » *A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem [...].* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XVII, item 8.
- » [...] *Mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita com orgulho.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XVII, item 8.

Subsídios

Vimos no Roteiro anterior que a aquisição e o desenvolvimento de virtudes exigem esforços e firmeza de propósitos. Que as virtudes não são concessões divinas, um dom ou graça fornecidos por Deus a alguns Espíritos. São conquistas individuais, alcançadas por meio de proações e repetidos aprendizados, em sucessivas experiências reencarnatórias. Emmanuel assevera que a

[...] dor, a luta e a experiência constituem uma oportunidade sagrada concedida por Deus às suas criaturas, em todos os tempos; todavia, a virtude é sempre sublime e imorredoura aquisição do espírito nas estradas da vida, incorporada eternamente aos seus valores, conquistados pelo trabalho no esforço próprio.¹

Para o Espiritismo, todas

[...] as virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária no arrastamento dos maus pendores. Mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem segundas intenções. A mais meritória é a que se baseia na mais desinteressada caridade.²

A aquisição de virtudes exige, pois, empenho e persistência. Não é algo que se consegue de um dia para outro, nem é obtido por meio de graça ou concessão divina. Neste sentido, os ensinamentos espíritas são claros, “[...] dizendo que aquele que possui virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus concede a todo homem de boa vontade para se livrar do mal e fazer o bem.”³

1. Aquisição de virtudes

Importa considerar, contudo, que há pessoas que não fazem muito esforço para desenvolver virtudes, praticando-as naturalmente, enquanto que, em outras, o processo é sacrificial. Uma vez que não há concessão divina, como ensina o Espiritismo, o que se passa, então?

Eis o que os Espíritos da Codificação responderam a Kardec, quanto este lhes fez pergunta semelhante:⁴

As [pessoas] que não têm que lutar são aquelas em quem o progresso já está realizado; lutaram outrora e triunfaram. É por isso que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e suas ações lhes parecem muito naturais; para elas o bem se tornou um hábito. Deve-se, pois, honrá-las como a velhos guerreiros, pela posição elevada que conquistaram. Como ainda estais longe da perfeição, esses exemplos vos espantam pelo contraste e os admirais tanto mais, quanto mais raros são. Ficai sabendo, porém, que nos mundos mais adiantados do que o vosso, o que entre vós constitui exceção, lá é a regra [...]. Assim se dará na Terra, quando a humanidade se houver transformado e quando compreender e praticar a caridade na sua verdadeira aceção.

Para nós, Espíritos imperfeitos, mas que desejam melhorar-se, é preciso aproveitar as oportunidades que Deus nos oferece, cotidianamente, ainda que revestidas na forma de provações, a fim de que possamos desenvolver virtudes.

Neste sentido, ouçamos o conselho do apóstolo Pedro, tão a propósito:

Por isso mesmo, aplicai toda a diligência em juntar a vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança a piedade, à piedade o amor fraterno e amor fraterno a caridade. (II Pedro, 1:5-7. Bíblia de Jerusalém).

A recomendação de Pedro nos faz refletir que o desenvolvimento de virtudes envolve a melhoria integral do ser humano, independentemente do contexto em que este se situe: no lar, no ambiente profissional, no templo religioso, nos locais de lazer, etc. A mensagem demonstra que a aquisição de um valor moral, ou virtude, leva à conquista de outro, e, assim, sucessivamente, até que o indivíduo se transforme em pessoa de bem.

Assinala o apóstolo que o primeiro desses valores é a fé. Assim, é preciso acreditar, firmemente, que a bondade e a misericórdia divinas nos amparam em qualquer situação. O segundo refere-se ao conhecimento que, por iluminar a consciência, ensina fazer o que é certo perante os diferentes desafios da vida. Por sua vez, sabendo o que fazer, o conhecimento produz o autodomínio, que nada mais é

do que a vontade inteligentemente administrada. O terceiro valor, resultante da fé e do conhecimento, é a prática da perseverança que, por oferecer fortaleza moral, tempera o caráter, tornando-o mais forte, ainda que a pessoa esteja submetida a grandes dificuldades. O quarto valor é a piedade, ou seja, a capacidade de ter misericórdia para com o sofrimento do próximo. A pessoa piedosa amplia a sua capacidade de empatia, procurando, em qualquer situação, colocar-se no lugar do outro. Aprende, então, a não julgar as ações do próximo, condição necessária para a aquisição e desenvolvimento do amor fraterno, que é a base da prática da caridade, a última virtude, e que coroa as demais.

Emmanuel analisa mais o assunto, tendo como base a mesma citação de Pedro, mas traduzida por João Ferreira de Almeida, que consta assim: [...] *E à ciência temperança, e à temperança paciência e à paciência piedade (II Pedro, 1:6).*

Aprender sempre, instruir-nos, abrilhantar o pensamento, burilar a palavra, analisar a verdade e procurá-la são atitudes de que, efetivamente, não podemos prescindir, se aspirarmos à obtenção do conhecimento elevado; entretanto, milhões de talentosos obreiros da evolução terrestre, nos séculos que se foram, esposaram a cultura intelectual, em sentido único, e fomentaram opressões que culminaram em pavorosas guerras de extermínio. Incapazes de controlar apetites e paixões, desvairaram-se na corrida ao poder, encharcando a terra com o sangue e o pranto de quantos lhes foram vítimas das ambições desregradas. Toda grandeza de inteligência exige moderação e equilíbrio para não desbordar-se em devassidão e loucura. Ainda assim, a temperança e a paciência, por si só, não chegam para enaltecer o lustre do cérebro. [...] O apontamento do Evangelho, no entanto, é claro e preciso. Não vale a ciência sem temperança e toda temperança pede paciência para ser proveitosa, mas para que esse trio de forças se levante no campo da alma, descerrando-lhe o suspirado acesso aos mundos superiores, é necessário que o amor esteja presente, a enobrecer-lhes o impulso, de vez que só o amor dispõe de luz bastante para clarear o presente a santificar o porvir.⁵

Em outra oportunidade, o benfeitor espiritual assinala, fazendo o fechamento do tema:

[...] É forçoso coroar a fé e a bondade com a luz do conhecimento edificante. Todos necessitamos esperar no infinito Amor, todavia, será

justo aprender “como”; todos devemos ser bons, contudo, é indispensável saber “para quê”. Eis a razão pela qual se nos impõe o estudo em todos os lances da vida, porquanto, confiar realizando o melhor e auxiliar na extensão do eterno bem, realmente demanda discernir.⁶

2. O desenvolvimento de virtudes

Sem sombra de dúvida, as virtudes são qualidades desenvolvidas pelo Espírito ao longo de suas vivências reencarnatórias e em suas estadias no plano espiritual. Como o Espírito jamais retrograda, sempre que ele retorna ao plano físico, traz consigo o produto de suas conquistas, tanto no plano intelectual como no moral. Como o processo evolutivo é contínuo, desenvolve aprendizados que ainda necessitam de burilamento. É assim que, retornando à encarnação, passa pela fase de infância que lhe oferece melhores condições para adquirir e/ou desenvolver virtudes.

[...] Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A fragilidade dos primeiros anos os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. É quando se pode reformar o seu caráter e reprimir seus maus pendores. Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder. [...].⁷

Se a criança recebe boa educação no lar, sobretudo a moral, seu Espírito é fortificado e a sua conduta se revela de acordo com os princípios do bem, principalmente se já ocorreu aprendizado anterior, refletidas em suas boas tendências. A repetição dos bons atos, em nova reencarnação, tem o poder de fixar não só competências intelectuais, mas em desenvolver valores morais, embrionários ou não.

A importância da educação dos sentimentos nas crianças, que resulta a aquisição de virtudes, é destacada pelo confrade Jason de Camargo quando afirma: “[...] as crianças aprendem aquilo que vivem.”⁸

Se uma criança vive com críticas, ela aprende a condenar. Se uma criança vive com zombarias e ridículo, ela aprende a ser tímida. Se uma criança vive com vergonha e humilhação, ela aprende a se sentir culpada. Se uma criança vive com incentivo e estímulo, ela aprende a ter e sentir confiança. Se uma criança vive com retidão e

imparcialidade, ela aprende a conhecer a justiça e a ser justa. Se uma criança vive com aceitação, amizade e amor, ela aprende que o mundo é um ótimo lugar para se viver.⁸

Importa considerar que nem sempre é suficiente a pessoa ter nascido com a inclinação para o bem: é preciso que a sua vontade em se transformar em pessoa melhor seja exercitada constantemente, de forma que o desejo de ser bom se evidencie em ações concretas: “A virtude não é veste de gala para ser envergada em dias e horas solenes. Ela deve ser o nosso traje habitual. A virtude precisa fazer parte da nossa vida, como alimento que ingerimos cotidianamente, como o ar que respiramos a todo instante.”⁹

A virtude não é para a ostentação: é para uso comum. É falsa a virtude que aparece para os de fora, e não se verifica para os familiares. Quem não é virtuoso dentro do seu lar, não o será na vida pública, embora assim aparente. Ser delicado e afável na sociedade, deixando de manter esses predicados em família, não é ser virtuoso, mas hipócrita. A virtude não tem duas faces, uma interna, outra externa: ela é integral, é perfeita sob todos os aspectos e prismas. Não há virtude privada e virtude pública: a virtude é uma e a mesma, em toda parte. O hábito da virtude, quando real, reflete-se em todos os nossos atos, do mais simples ao mais complexo, como o sangue que circula por todo corpo. As conjunturas difíceis, as emergências perigosas, não alteram a virtude quando ela já constitui o nosso modo habitual de vida. [...].⁹

Ainda segundo Jason de Camargo, a técnica para solidificar qualquer virtude é “[...] aprendê-la, analisá-la e repeti-la nas atividades práticas do cotidiano. [...] Quanto mais vão sendo repetidos os atos relativos à mesma perfeição, tanto mais fácil será praticá-los com esforço cada vez menor, até a liberação ou dispensa de qualquer energia consciente [...]”¹⁰

[...] O hábito da virtude é fruto de porfiada conquista. Possui-la é suave e doce. Praticá-la é fonte perene de infinitos prazeres. A dificuldade não está no exercício da virtude, mas na oposição que lhe faz o vício., que com ela contrasta. É necessário destronar um elemento, para que o outro impere. O vício não cede lugar sem luta. A virtude nos diz: eis-me aqui, recebei-me, dai-me guarida em vosso coração; mas lembrai-vos de que, entre mim e o vício, existe absoluta incompatibilidade. Não podeis servir a dois senhores.¹¹

O desenvolvimento de virtudes representa significativo desafio na superação das próprias imperfeições e dos impulsos dominadores das paixões inferiores. Nessa situação, o homem deve usar a razão, mantendo-a sob o seguro controle da vontade, para que um roteiro de melhoria espiritual seja planejado e seguido.

Segundo Emmanuel, a vontade exerce fundamental papel, considerando que a “[...] vontade é gerência esclarecida e vigilante, governando todos os se-tores da ação mental. A divina Providência concedeu-a por auréola luminosa à razão, depois da laboriosa e multimilenária viagem do ser pelas províncias obscuras do instinto. [...]”¹²

Ser virtuoso significa desenvolver bons hábitos, ter senso de dever e pautar as ações de acordo com o bem. Esta é a regra, e não há como fugir dela: “[...] Virtude sem proveito é brilhante no deserto. Inteligência sem boas obras é tesouro enterrado. [...] Em qualquer parte a vida te conhece pelo que és, mas apenas te valoriza pelo que fazes de ti.”¹³

O Espírito André Luiz nos lembra que a virtude “[...] não é flor ornamental. É fruto abençoado do esforço próprio que você deve usar e engrandecer no momento oportuno.”¹⁴

Acrescenta, por fim, Emmanuel:

Virtude, quanto acontece à pedra preciosa lapidada, não surgirá no mostruário de nossas realizações sem burilamento e sem sacrifício. Se desejamos construí-la, em nossos corações, é imprescindível não nos acovardemos diante das oportunidades que o mundo nos oferece. [...] Recordemos que o trabalho e a luta são os escultores de Deus, criando em nós as obras-primas da vida. Quem pretende, porém, a fuga e o repouso indébitos, certamente desistirá, por tempo indefinido, do esforço de aprimoramento, transformando-se em sombra entre as sombras da estagnação e da morte.¹⁵

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, pergunta 253, p. 206.
2. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 893, p. 535.
3. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Introdução IV, item XVII, p. 52.

4. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 894, p. 536.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33. ed. Uberaba [MG]: CEC, 2005. Cap. 121, p. 258-259.
6. _____. Cap. 122, p. 261.
7. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 385, p. 281.
8. CAMARGO, Jason de. *Educação dos sentimentos*. Porto Alegre: Letras de Luz, 2001. Capítulo: A psicologia aplicada, p. 102.
9. VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Capítulo: A virtude, p. 21.
10. CAMARGO, Jason de. *Educação dos sentimentos*. Op. Cit. Cap. 15, p. 178.
11. VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. Op. Cit., p. 22.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 2, p. 13-14.
13. _____. *Bênção de paz*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. São Bernardo do Campo: GEEM, 1981. Cap. 54, p. 135.
14. _____. *Agenda Cristã*. Pelo Espírito André Luiz. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, Cap. 29, p. 95.
15. _____. *Correio fraterno*. Por Espíritos Diversos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 56 (Virtude, mensagem do Espírito Emmanuel), p. 129-130.

Orientações ao monitor

Pedir à turma que faça leitura silenciosa do Roteiro de Estudo, assinalando pontos considerados importantes. Após a leitura, orientá-los a emitir opiniões, em plenário, sobre os destaques selecionados.

Fazer breve explanação, focalizando as principais ideias desenvolvidas em todo o Roteiro.

Em seguida, dividir a turma em pequenos grupos, entregando a cada, duas perguntas relacionadas à aquisição e/ou desenvolvimento de virtudes. As perguntas devem ser lidas e analisadas pelos participantes, e respondidas com base nos conteúdos no Roteiro.

Ouvir as conclusões, esclarecendo pontos, se necessário.

Fazer o fechamento do estudo destacando ideias desenvolvidas pelo Irmão X (Espírito Humberto de Campos) no texto *Nos limites do céu*, inserido em anexo.

Observação: informar aos participantes que o assunto da próxima reunião será desenvolvido por um expositor, especialmente

convidado. Recomendar-lhe leitura reflexiva prévia do assunto (As virtudes segundo o espiritismo), a fim de que as perguntas ou dúvidas que serão apresentadas ao palestrante revelem entendimento doutrinário.

Anexo

Nos limites do Céu*

Irmão X

No extremo limite da Terra com o Céu, aportou um peregrino envolto em nevado manto. Irradiava pureza e brandura. A fronte denunciava-lhe a nobreza pelos raios diamantinos que emitia em todas as direções. Extenso halo de luz assinalava-lhe a presença.

Recebido pela entidade angélica, que presidia à importante passagem, apresentou sua aspiração máxima: ingressar definitivamente no paraíso, gozar-lhe o descanso beatífico.

O divino funcionário, embora admirado e reverente perante Espírito tão puro, esboçou o gesto de quem notava alguma falha menos visível ao olhar inexperiente e considerou:

— Meu irmão, rendo homenagem à alvura de tuas vestes, entretanto, vejamos se já adquiriste a virtude perfeita.

Sorridente, feliz, o viajor vitorioso pôs-se à escuta.

— Conquistaste entesourar o amor sublime? — perguntou o anjo, respeitoso.

— Graças a Deus! — informou o interpelado.

— Edificaste a humildade?

— Sim.

— Guardaste a esperança fiel?

— Todos os dias.

— Seguiste o bem?

* XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X (Humberto de Campos). 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 4.

— Invariavelmente.

— Cultivaste e pureza?

— Com zelo extremado.

— Exemplificaste o trabalho construtivo?

— Diariamente.

— Sustentaste a fé?

— Confiei no divino Poder, acima de tudo.

— Ensinaste a verdade e testemunhaste-a?

— Com todas as minhas forças.

— Conservaste a paciência?

— Sem perdê-la jamais.

— Combateste os vícios em ti mesmo, tais como a vaidade e o orgulho, o egoísmo e o ciúme, a teimosia e a discórdia?

— Esmeradamente.

— Guerreaste os males que assolam a vida, como sejam o ódio e a perversidade, a insensatez e a ignorância, a brutalidade e a estupidez?

— Sempre.

O anjo interrompeu-se, refletiu longos minutos, como se estivesse em face de grave enigma, e indagou:

— Meu amigo, já trabalhaste no inferno?

— Ah! isto não! — respondeu o peregrino, escandalizado. — Como haveria de ser?

O fiscal da celeste alfândega sorriu, a seu turno, e observou:

— Falta-te semelhante realização para subir mais alto.

— Oh! que contrassenso! — aventurou o interessado —, Como servir entre gênios satânicos, de olhos conturbados pela permanente malícia, de ouvidos atormentado pela gritaria, de mãos atadas pelos impedimentos do mal soberano, de pés cambaleantes sobre o terreno inseguro, com todas as potências da alma perturbadas pelas tentações?

— Sim, meu amigo — acentuou o preposto divino —, o bem é para salvar o mal, o amor foi criado para que amemos, a sabedoria se destina em primeiro lugar, ao ignorante. A maior missão da virtude

é eliminar o vício e amparar o viciado. Por isto mesmo, o Céu não perde o inferno de vista...

E, perante o assombro do ouvinte, rematou:

— Torna à Terra, desce ao inferno que o homem criou e serve ao Senhor supremo, voltando depois... Então, cogitaremos da travessia. Lembra-te de que o Sol, situado cerca de cento e cinquenta milhões de quilômetros além do teu mundo, lança raios luminosos e salvadores ao mais profundo abismo planetário...

Em seguida, o controlador da Porta celestial cerrou a passagem ligeiramente entreaberta e o peregrino, de capa lirial, espantadiço e desapontado, sentou-se um pouco, a fim de meditar sobre as conquistas que havia feito.

OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Roteiro 8

AS VIRTUDES SEGUNDO O ESPIRITISMO

Objetivos

- » Caracterizar as virtudes segundo o Espiritismo.
- » Explicar porque a caridade é a mais meritória das virtudes.

Ideias principais

- » Para a Doutrina Espírita todas as virtudes têm seu valor e devem ser cultivadas pelo homem. Mas, tendo como base o Evangelho, importa considerar que toda [...] *a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Ele aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade [...].* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 15, item 3.
- » *Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão contidos os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra dessa bandeira eles viverão em paz; no céu, porque os que a tiverem praticado acharão graça diante do Senhor [...].* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 15, item 10.

- » *Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como Jesus a entendia? “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Questão 886.

Subsídios

Nos estudos anteriores vimos que todas as virtudes são importantes, e o Espírito que as possui revela melhoria espiritual. Mas as orientações espíritas deixam claro que a caridade é a mais meritória de todas as virtudes: Todas as virtudes têm seu mérito, porque todas são sinais de progresso no caminho do bem. “[...] Mas a sublimidade consiste no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem segundas intenções. A mais meritória é a que se baseia na mais desinteressada caridade.”¹

O materialismo presente na sociedade moderna, associado aos desregramentos morais, produz efeitos infelizes na mente e nos sentimentos das pessoas que aspiram a um mundo melhor. Entretanto, a humanidade está sempre amparada pela Providência divina que permite o renascimento de Espíritos mais esclarecidos, em bondade e em conhecimento, a fim de impulsionar o desenvolvimento da sociedade humana. Esclarecem os benfeitores espirituais, a respeito:

[...] a virtude não está inteiramente banida da Terra, como pensam certos pessimistas. Sem dúvida nela o mal ainda domina, mas quando se procura na sombra, percebe-se que, sob a erva daninha, há mais violetas, isto é, maior número de almas boas do que se pensa. Se elas surgem a intervalos tão espaçados, é que a verdadeira virtude não se põe em evidência, porque é humilde; contenta-se com os prazeres do coração e a aprovação da consciência, ao passo que o vício se manifesta afrontosamente, em plena luz; faz barulho, porque é orgulhoso. O orgulho e a humildade são os dois pólos do coração humano: um atrai todo o bem; o outro, todo o mal; um tem calma; o outro, tempestade; a consciência é a bússola que indica a rota conducente a cada um deles [...].²

1. As virtudes segundo o Espiritismo

Sabemos que as pessoas virtuosas desenvolveram virtudes ao longo das experiências reencarnatórias. São Espíritos que fazem o bem

de forma natural, e, mesmo se colocadas perante condições adversas, demonstram conquistas adquiridas anteriormente, que “[...] lutaram outrora e triunfaram. É por isso é que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e suas ações lhes parecem muito naturais; para elas o bem se tornou um hábito. [...]”³

A mensagem do Espírito Francois-Nicolas-Madeleine,⁴ que faz parte de *O evangelho segundo o espiritismo*, pode ser considerada uma síntese dos ensinamentos espíritas relacionados à virtude, cujas principais ideias são apresentadas, em seguida:⁴

- » A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso.
- » Infelizmente, elas são quase sempre acompanhadas de pequenas enfermidades morais, que lhes tiram o encanto e as atenuam.
- » Aquele que faz ostentação não é virtuoso, visto que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho.
- » A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de exibir-se.
- » Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das multidões.
- » S. Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno Cura d’Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse completo e inteiro esquecimento de si mesmos.
- » É à virtude assim compreendida e praticada que vos convido, meus filhos; é a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que vos incito a consagrar-vos.
- » Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre tiram o encanto das mais belas qualidades.
- » Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e faz alarde, ele próprio, das suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma porção de pequenas torpezas e de odiosas covardias [...].

As ideias espíritas favorecem o desenvolvimento de fé inabalável na bondade e na misericórdia de Deus, condição que nos faz acreditar

no advento de um mundo de paz e felicidade. Pelo Espiritismo vemos, também, que as dificuldades atuais são temporárias, indicativas de que a humanidade está vivenciando um período de transformação por força da lei do progresso.

Verificamos, igualmente, que uma geração nova está surgindo no Planeta, uma “geração eleita”, segundo estas palavras do apóstolo Pedro:

Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa, (I Pedro, 2:9. Bíblia de Jerusalém).

Em relação a essa geração nova de Espíritos que já está reencarnando no Planeta, é importante destacar alguns trechos da seguinte a mensagem do Espírito Doutor Barry, que se encontra em *A gênese*.⁵

Sim, por certo a humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral. Tendo chegado a um desses períodos de crescimento, a humanidade terrena está plenamente, há quase um século, no trabalho da transformação. É por isto que ela se agita por todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, até que retome o equilíbrio sobre novas bases. Quem a vir, então, a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, em suas leis, em suas crenças; numa palavra, em todo o seu estamento social. [...] À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, por vezes e mesmo na maioria das vezes, já que tudo se conjuga, na natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, depois do que o céu se torna sereno, e a humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, percorre uma nova etapa de progresso. É no período que ora se inicia que o Espiritismo florescerá e dará frutos [...].

Aprendendo a suportar as convulsões sociais do *período de transição*, a humanidade será abençoada com o raiar de um novo dia, que se seguirá à noite de tormentas, marcado pelo estabelecimento de

uma nova ordem social. O homem encontrará, assim, campo livre para desenvolver plenamente suas capacidades intelectuais e, especialmente, as morais. As principais características dessa nova era, como esclarece Kardec, estão sintetizadas a seguir:⁶

- » O progresso moral, secundado pela inteligência, refreará as paixões e garantirá a felicidade na Terra;
- » A unidade de crença, fundamentada na fraternidade universal, dissiparão os principais antagonismos religiosos;
- » Multiplicar-se-á o número de instituições beneméritas, apoiando os que sofrem;
- » A legislação penal será mais justa;
- » Os preconceitos estarão enfraquecidos, senão eliminados;
- » A humanidade estará mais espiritualizada pela rejeição das ideias materialistas; e
- » O mundo será governado por esta divisa: caridade, fraternidade, benevolência para todos, tolerância para todas as crenças.

Para os Orientadores da Vida Maior, qualquer programa de desenvolvimento de virtudes deve começar com o combate ao egoísmo: “De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de extirpar é o egoísmo, porque resulta da influência da matéria.[...] O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material [...]”⁷

Desta forma, esclarece o Espírito Emmanuel em mensagem transmitida em Paris, no ano de 1861:⁸

O egoísmo, esta chaga da humanidade, tem que desaparecer da Terra, porque impede seu progresso moral. [...] O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, sua força, sua coragem. Digo: coragem, porque é preciso mais coragem para vencer a si mesmo, do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que este monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é a fonte de todas as misérias terrenas. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens. [...].

Em *O livro dos espíritos*, Kardec analisa como proceder para eliminar o egoísmo:⁹

Louváveis esforços são empregados para fazer que a humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época; não obstante, o verme roedor do egoísmo continua a ser a praga social. É um mal real, que se espalha por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Assim, é preciso combatê-lo como se combate uma moléstia epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: remontando à causa do mal. [...] Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então combatê-las, senão todas ao mesmo tempo, pelo menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. A cura poderá ser demorada, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for cortado pela raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. Bem entendida, a educação constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, como se faz com as plantas novas. [...]. O homem quer ser feliz e esse sentimento é muito natural. Por isso ele trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra: procura as causas dos seus males, a fim de remediá-los. Quando compreender bem que o egoísmo é uma das causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada instante magoam, que levam a perturbação a todas as relações sociais, provoca dissensões, destrói a confiança, obrigando-o a manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim, a causa que faz do amigo um inimigo, então ele compreenderá que este vício é incompatível com a sua própria felicidade, e acrescentamos, com a sua própria segurança.

Esclarece ainda a Doutrina Espírita que há dois grandes obstáculos que dificultam o desenvolvimento de virtudes no ser humano: o interesse pessoal e o apego às coisas materiais.

Quanto ao **interesse pessoal**, os Espíritos orientadores da Codificação Espírita informam que este é o sinal mais característico da imperfeição.

[...] Muitas vezes as qualidades morais se assemelham, como num objeto de cobre, à douração que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas qualidades, embora assinalem um

progresso, nem sempre suportam certas provas, bastando algumas vezes que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa tão rara na Terra que é admirado como fenômeno quando se manifesta. [...].¹⁰

Quanto ao **apego às coisas materiais**, os mesmos Espíritos orientadores informam:¹¹

O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais o homem se prende aos bens deste mundo, tanto menos compreende o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado.

2. Caridade: a mais meritória das virtudes

Ensina a Doutrina Espírita que a “[...] caridade é a virtude fundamental que há de sustentar todo o edifício das virtudes terrestres. Sem ela não existem as outras. [...] A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por Ele à criatura. [...]”¹²

Devemos ponderar, contudo, que a transformação de indivíduos em seres caridosos, de acordo com o entendimento espírita, demanda esforço e tempo, maior ou menor, dependendo das disposições íntimas de cada um. O aprendizado para tal propósito começa, em geral, com a execução de simples gestos de filantropia, desenraizando, assim, o egoísmo que tiraniza e adoce a criatura; continua com a aquisição de novas virtudes e o aperfeiçoamento de outras, como a fé e a esperança.

Ensina o Espírito Meimei que a caridade ilumina:¹³

a quantos se consagram ao amor pelos semelhantes, redimindo sentimentos e elevando almas, porque, acima de todas as forças que renovam os rumos da criatura, nos caminhos humanos, a caridade é a mais vigorosa, perante Deus, porque é a única que atravessa as barreiras da inteligência e alcança os domínios do coração.

O apóstolo Paulo ensina, igualmente:

Agora, portanto, permanecem fé, esperança e caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade (I Coríntios, 13: 13. Bíblia de Jerusalém).

O ser humano que, efetivamente, pratica a caridade já aprendeu, por sua vez, vivenciar esta sentença de Jesus, registrada pelo apóstolo João:

Isto vos mando: amai-vos uns aos outros (João, 15:1. Bíblia de Jerusalém).

Daí o Espiritismo ensinar que:

1. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Ele aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade [...]. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, Ele mesmo, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. Jesus, porém, não se limita a recomendar a caridade: põe-na claramente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura. [...].¹⁴

2. Para que a vida se transforme numa bênção perene, é fundamental que cada indivíduo não apenas se liberte do egoísmo, mas que desenvolva a capacidade de doação em benefício do próximo. Este é o primeiro estágio do aprendizado, podemos assim afirmar. Nesse sentido Emmanuel esclarece que, a “[...] rigor, todas as virtudes têm a sua raiz no ato de dar. Beneficência, doação dos recursos próprios. Paciência, doação de tranquilidade interior. Tolerância, doação de entendimento. Sacrifício, doação de si mesmo. [...].”¹⁵

Ampliada a sua capacidade de doação, o Espírito compreende que a prática da caridade não se restringe à doação de bens e serviços. Este é o trabalho da filantropia. Aprende a discernir, então, sobre o valor da fé e da esperança, virtudes corolárias da caridade, que devem ser cultivadas para que as ações no bem não sejam enfraquecidas.

A esperança está para a fé como o Sol está para a Lua. Esta não tem luz própria: reflete aquela que recebe do Sol. [...] Assim a fé: é força comunicativa que, do coração de quem a tem, passa reflexamente para o coração de outrem, gerando neste a esperança. [...] Assim, a esperança faz nascer no coração do homem as boas e nobres aspirações; só a fé, porém, as realiza. A esperança sugere, a fé concretiza. A esperança desperta nos corações o anseio de possuir luz própria; conduz, portanto, à fé. Quem alimenta esperança está, invariavelmente, sob o influxo da fé oriunda de alguém. A força da fé é eminentemente conquistadora. [...]

Bem-vinda seja a esperança! Bendita seja a fé! Uma e outra espancam as trevas interiores. [...] Se é doce ter esperança, é valor e virilidade ter fé. Se a esperança gera o desejo, a fé gera o poder. Se a esperança suaviza o sofrimento, a fé neutraliza seus efeitos depressivos. Finalmente, se a esperança sustenta o homem nas lutas deste século, a fé assegura desde já a vitória da vida sobre a morte. E a caridade? Da caridade nada podemos dizer, porque — caridade é amor — e o amor é o indizível, o incomparável; sente-se como a mesma vida: não se define.¹⁶

O Espiritismo dá muito valor à prática da caridade, considerando-a como fator primordial de renovação íntima do ser humano, tanto isto é verdade que a principal bandeira da Doutrina Espírita está sintetizada nesta máxima: “Fora da caridade não há salvação”.¹⁷

Não é por outro motivo que Ismael, Espírito protetor do Brasil, adotou a caridade como lema imortal, ao definir as bases do seu programa de cristianização nas terras brasileiras, assim sintetizado: “Deus, Cristo e Caridade”.¹⁷

Nesse aspecto, destaca-se a mensagem de Paulo de Tarso, transmitida mediunicamente em Paris, em 1860:¹⁸

Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação, estão contidos os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra dessa bandeira eles viverão em paz; no céu, porque os que a tiverem praticado acharão graça diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para o conduzir à Terra Prometida. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, do que essa máxima de ordem divina. O Espiritismo não poderia provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, pois ela é o reflexo do mais puro Cristianismo. Com semelhante guia, o homem nunca se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a compreender-lhe o sentido profundo e as consequências, a buscar, por vós mesmos, todas as suas aplicações. Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também vos levará a praticar o bem, já que

não basta uma virtude negativa: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, é preciso sempre a ação da vontade; para não se praticar o mal, basta muitas vezes a inércia e a indiferença. Meus amigos, agradecei a Deus por haver permitido que pudésseis gozar da luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos, é sim porque, ajudando-vos a compreender melhor os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Fazei, pois, com que os vossos irmãos, ao vos observarem, possam dizer que o verdadeiro espírito e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, visto que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 893, p. 535.
2. _____. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Vol. 6 (1863, outubro). Item: Benfeitores Anônimos, p. 416-417.
3. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 894, p. 536.
4. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XVII, item 8, p. 344-345.
5. _____. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 18, item 9, p. 521-522.
6. _____. Itens 19, 20, 22, 23, p. 529-532.
7. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 917, p. 546.
8. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XI, item 11, p. 229-230.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 917 – comentário, p. 548-549.
10. _____. Questão 895, p. 536-537.
11. _____. p. 537.
12. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XIII, item 12, p. 271.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Meditações diárias*. Pelos Espíritos Bezerra de Menezes e Meimei. 1 ed. Araras [SP]: IDE, 2009. Capítulo: A lenda da caridade (mensagem de Meimei), p. 40.
14. _____. Cap. 15, item 3, p. 302.
15. _____. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1969. Cap. 6, p. 21.
16. VINÍCIUS. *Em torno do mestre*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Capítulo: Fé, esperança e caridade, p. 247-248.

17. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XV, item 8, p. 306.
18. XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 32. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 3, p. 37.
19. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XV, item 10, p. 307-308.

Orientações ao monitor

Apresentar o expositor à turma, que foi especialmente convidado para desenvolver o assunto por, aproximadamente, 45 minutos.

Pedir aos participantes que anotem perguntas ou dúvidas que serão encaminhadas ao palestrante ao final.

Após a exposição, passar ao convidado as perguntas ou dúvidas registradas pela turma.

Fazer o fechamento do estudo com base nas ideias contidas no texto em anexo (*Necessidade da caridade*), de autoria do apóstolo Paulo.

Anexo

Necessidade da caridade

Primeira epístola de Paulo aos coríntios, 13: 1 a 13.

Bíblia de Jerusalém

E ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine.

E ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria.

Ainda que distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse caridade, isso nada me adiantaria.

A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente,

não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A caridade jamais passará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia.

Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá.

Quando eu era criança, falava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido.

Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade.

EADE LIVRO IV | MÓDULO IV

A HUMANIDADE REGENERADA

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 1

A LEI DIVINA E A LEI HUMANA

Objetivos

- » Citar as principais características da lei divina e da lei humana.
- » Esclarecer a importância da mensagem cristã para o entendimento e vivência da lei divina.

Ideias principais

- » As leis de Deus são perfeitas e jamais se modificam: *Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar as suas leis, por serem imperfeitas; mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral se baseia em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 616.
- » [...] *O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. [...].* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. I, item 9.

Subsídios

A legislação divina é imutável, ao contrário do que acontece com as leis humanas, que modificam à medida que a humanidade progride. Com o processo evolutivo, mudam-se hábitos, costumes e normas que regulam a vida em sociedade.

Só o que vem de Deus é imutável. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. [...]”¹

Somente com o advento da mensagem cristã é que o ser humano passou a compreender a excelssitude das Leis divinas, aprendendo, ao longo das reencarnações, como vivenciá-las em espírito e verdade. As seguintes palavras se Jesus, registradas pelo evangelista Lucas, nos indicam a importância da mensagem cristã para o entendimento e vivência da Lei Divina:

A Lei e os Profetas até João! Daí em diante, é anunciada a Boa-Nova do reino de Deus, e todos se esforçam em entrar nele com violência. É mais fácil passar céu e terra do que uma só vírgula cair da lei. (Lucas, 16:16-17. Bíblia de Jerusalém).

Estes ensinamentos indicam, igualmente, o poder renovador da mensagem cristã, visto que antes da vinda de Jesus, a humanidade se encontrava mais preocupada em reverenciar Deus por meio de cultos e rituais, sem compreendê-Lo, efetivamente. Com o Cristo, surge uma nova era no horizonte evolutivo humano, caracterizada pelos ditames da Lei de Amor. Definem-se, então, novas diretrizes para que a prática da Lei de Deus.

Por outro lado, entre os cristãos surgiram (e por muito tempo surgirá), aqueles que não possuem a necessária força moral para fazer o bem e, ignorantes, vaidosos e orgulhosos, tentarão apossar-se do reino de Deus de assalto, pela violência. São pessoas cujos comportamentos revelam notória imperfeição espiritual. Ainda não totalmente renovadas nas trilhas do bem, mantém-se prisioneiros das manifestações do personalismo, exaltadas pelas posições que alcançam na escala social. São indivíduos que preferem os louvores dos rituais do culto exterior, vazios por si mesmos, que mais referenciam o Senhor por palavras do que por ações.

A passagem do Evangelho citada demonstra, também, que só seremos verdadeiramente felizes quando compreendermos que a lei de Deus é “[...] a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou não fazer e ele só é infeliz porque dela se afasta.”²

Sendo assim, é praticamente impossível o homem ignorar o que é certo e errado, independentemente da interpretação religiosa que acata, uma vez que a lei de Deus está escrita na consciência, conforme elucida a Codificação Espírita. Fica claro, então, que tudo que é contrário ao bem não é lei divina.

Mesmo diante dos maiores desafios existenciais é importante estarmos atentos à sabedoria das leis divinas, de acordo com o seguinte conselho que Emmanuel nos dá:

Certifica-te, sobretudo, de que Deus, nosso Pai, é o autor e o sustentador do sumo Bem. Nenhum mal lhe poderia alterar o governo supremo, baseado em amor infinito e bondade eterna. A vista de semelhante convicção, o que te parece doença é processo de recuperação da saúde. Pequenos dissabores que categorizas por ofensas, serão convites a reexame dos impeços que te crivam a estrada ou apelos à oração por aqueles companheiros de humanidade que levemente se transformam em perseguidores das boas obras que ainda não conseguem compreender. Contratemos que interpretas como sendo ingratidão das pessoas queridas, quase sempre apenas significam modificações dos desígnios Superiores [...]. Discórdia é problema que te pede ação pacificadora. Desarmonias domésticas mais não são que exigência de mais serviço aos familiares para que te concilies em definitivo com adversários do pretérito [...] e até mesmo a presença da morte não se define senão por mais renovação e mais vida.³

1. CARACTERÍSTICAS FUNDAMENTAIS DAS LEIS DIVINAS

As leis divinas são perfeitas.

As leis de Deus são perfeitas e jamais se modificam: “[...]Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar as suas leis, por serem imperfeitas; mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral se baseia em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade”⁴, pois a Lei de Deus é “[...] eterna e imutável como o próprio Deus.”⁵

As leis da natureza são divinas .

- » Todos os fenômenos da natureza são governados por “[...] leis divinas, visto que Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as leis divinas.”⁶
- » “Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: são as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem em si mesmo e às suas relações com Deus e com seus semelhantes. Abrangem tanto as regras da vida do corpo quanto as da vida da alma: são as leis morais.”⁷

As leis divinas são reveladas aos homens, paulatinamente.

- » As leis divinas são reveladas gradualmente aos homens por Espíritos esclarecidos, a fim de que o ser humano aprenda vivenciá-las em espírito e em verdade. “[...] Em todos os tempos houve homens que receberam essa missão. São Espíritos Superiores, encarnados com o objetivo de fazer a humanidade progredir.”⁸
- » “A verdade [...] para que seja útil, precisa ser revelada de conformidade com o grau de entendimento de cada um de nós. Daí não ter sido posta, sempre, ao alcance de todos, igualmente dosada.”⁹

Para os que já alcançaram apreciável desenvolvimento espiritual, muitas crenças e cerimônias religiosas vigentes aqui, ali e acolá, parecerão absurdas, ou mesmo risíveis. Todas têm, todavia, o seu valor, porquanto satisfazem à necessidade de grande número de almas simples que a elas ainda se apegam e nelas encontram o seu caminho para Deus.¹⁰

- » Entretanto, é preciso saber diferenciar os verdadeiros emissários do Senhor dos falsos interpretadores da legislação divina, os quais, por ignorância ou má fé confundem as pessoas e as desviam do bom caminho.

[...] Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na lei de Deus, algumas vezes o desencaminharam, ensinando-lhe falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma, com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como leis divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e para dominar os homens.¹¹

Em síntese, o aprendizado da Lei de Deus ocorre dentro de um momento preciso do processo evolutivo do ser humano. Não há violência de espécie alguma. Neste sentido, já afirmava Paulo de Tarso:

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido (I Coríntios, 13: 11-12. Bíblia de Jerusalém).

2. IMPORTÂNCIA DA MENSAGEM CRISTÃ PARA A HUMANIDADE

A mensagem cristã nos ensina como vivenciar as leis divinas, pois para “[...] o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua Lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito divino o animava. [...]”¹¹

Sendo o Cristo o governador espiritual do Planeta, chegará o momento em que todos os habitantes da Terra, encarnados e desencarnados, conhecerão o seu Evangelho, pois, ao longo dos séculos, os ensinamentos de Jesus têm sido revelados por Espíritos missionários que renascem continuamente no Planeta com o intuito de encaminhar a humanidade a níveis superiores de aprendizado espiritual.

A mensagem libertadora do Evangelho permanece desconhecida aos homens porque estes recusam a vivência da Lei do Amor. São indivíduos que preferem se manter cegos e surdos ao chamamento divino. Entram e saem das reencarnações sem revelarem significativa melhoria espiritual, prisioneiros que se encontram das exigências da vida material, como bem recorda o evangelista Mateus: *Porque o coração deste povo se tornou insensível. E eles ouviram de má vontade, e fecharam os olhos, para não acontecer que vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e entendam com o coração, e se convertam, e assim eu os cure (Mateus, 13-15. Bíblia de Jerusalém).*

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar

os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual a natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a humanidade avance. [...].¹²

O Evangelho representa a fonte de ensinamentos que tem o poder de nos transformar para o bem. Pelo Cristo descobriremos, finalmente, o reino de Deus que já se encontra dentro de nós.

Sob o imperativo da cultura terrena, o termo “reino” recorda sempre o trono, o cetro e a coroa de ouro com que déspotas se mostram no mundo dos excessos, das fantasias e das extravagâncias, exibindo poder e arbitrariedade, semeando terror, fome e miséria. [...] É imperioso lembrar que tais reinados são permitidos, neste mundo, pelo “Senhor da Vinha”, em face da inferioridade moral das criaturas terrenas e de seus elevados compromissos espiritual. [...] O reinado de Jesus, que pela inferioridade moral dos seres terrenos ainda não pertence a este mundo, não deve, pois, ser confundidos com os reinados da Terra, onde o homem apropria-se de ouro, dos títulos, dos territórios e do temporário poder, desencarnando pobre e odiado por todos.¹³

Vemos então, que o caminho para o reino de Deus passa, necessariamente, pelo estudo e vivência do Evangelho, pois, acima de tudo a “[...] conquista do reino de Deus é conquista de si mesmo [...]”,¹⁴ combatendo imperfeições morais e desenvolvendo virtudes.

A Doutrina Espírita desempenha relevante papel neste contexto: revela e divulga a mensagem cristã, a fim de que o homem conheça a lei de Deus em sua essência, e sempre encontre o definitivo caminho da felicidade.

Em termos de aprendizado espiritual, compreendemos que o entendimento das leis divinas passaram por três períodos fundamentais: “[...] Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.”¹²

3. DIFICULDADES DE VIVÊNCIA DAS LEIS DIVINAS

O principal obstáculo que à plena vivência das leis divinas é a imperfeição humana, manifestada de diferentes formas, mas, sobretudo, em razão de escolhas insensatas que o Espírito faz.

O espírito consciente, criado através dos milênios, nos domínios inferiores da natureza, chega à condição de humanidade, depois de haver pago os tributos que a evolução reclama. À vista disso, é natural que compreenda que o livre-arbítrio estabelece determinada posição para cada alma, porquanto cada pessoa deve a si mesma a situação em que se coloca.

Possuis o que deste. Granjearás o que vem dando. Conheces o que aprendeste. Saberás o que estudas. Encontraste o que buscavas. Acharás o que procuras. Obtiveste o que pediste. Alcançarás o que almejas. É hoje o que fizeste contigo ontem. Será amanhã o que fazes contigo hoje.¹⁵

As más escolhas, o uso incorreto do livre arbítrio, conduzem a criatura humana a instâncias de sofrimento. Cabe, pois, a ela sair do círculo vicioso dos equívocos e, aproveitar adequadamente as lições oferecidas pelas provas. Neste sentido, esclarece Emmanuel:¹⁶

Em verdade, quando as aflições se sucedem umas às outras, simultaneamente, em nossa vida, sentimo-nos à feição do viajor perdido na selva, intimado pelas circunstâncias a construir o próprio caminho. Quando atinjas um momento, assim obscuro, em que as crises aparecem gerando crises, não atribuas a outrem a culpa da situação embaraçosa em que te vejas e nem admitas que o desânimo se te aposses das energias. Analisa o valor do tempo e não canalizes a força potencial dos minutos para os domínios da queixa ou da frustração. Ora, levanta-te dos obstáculos em pensamento e age em favor da própria libertação, na certeza de que, por trás da dificuldade, a lei do bem está operando. [...].

Entretanto, à medida que a criatura humana desenvolve a capacidade de discernir entre o bem e o mal, passa a vivenciar a Lei de Deus. Em geral, os homens “[...] podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem são os que melhor a compreendem. Todos, entretanto, a compreenderão um dia, pois é preciso que o progresso se realize.”¹⁷

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois a cada nova existência sua inteligência se acha mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal. Se, para ele, tudo tivesse que se realizar numa única existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenha dependido o próprio esclarecimento?¹⁸

Como o espírita não desconhece as manifestações da lei de causa e efeito, deve vigiar com mais atenção os seus pensamentos, sentimentos, palavras e atos, sempre buscando apoio nas orientações do Evangelho, evitando submeter à onda de desarmonia existente no atual momento evolutivo da vida planetária.

Nestas condições, revela-se como processo educativo eficiente o empenho em desenvolver o autoconhecimento, capaz de revelar os limites e as possibilidades individuais. A pessoa reeducada nessas bases é mais prudente, revelando-se incapaz de julgar as ações do próximo. A postura de censor do comportamento alheio representa sério obstáculo à melhoria espiritual, capaz de manter o indivíduo à margem do progresso, pois, estando este mais preocupado com o que o próximo faz, ou deixa de fazer, retarda o seu progresso individual, mantendo-se estacionário no combate às próprias imperfeições.

Para vivenciar as leis divinas é importante não ser conivente com o mal, apresentado sob múltiplas expressões, nem se vincular à perturbação reinante na sociedade atual, intoxicada pelo materialismo. Trata-se de significativo desafio, mas se a criatura humana agir com inteligência e moralidade encontrará, no cotidiano, excelentes oportunidades para se transformar em pessoa melhor. Para tanto, é necessário ter firme a vontade.

Todos temos, assim, na vontade a alavanca da vida, com infinitas possibilidades de mentalizar e realizar. O governo do universo é a justiça que define, em toda parte, a responsabilidade de cada um. A glória do universo é a sabedoria, expressando luz nas consciências. O sustento do universo é o trabalho que situa cada inteligência no lugar que lhe compete. A felicidade do universo é o amor na forma do bem de todos. O Criador concede às criaturas, no espaço e no tempo, as experiências que desejem, para que se ajustem, por fim, às leis de bondade e equilíbrio que o manifestam. Eis por que, permanecer na

sombra ou na luz, na dor ou na alegria, no mal ou no bem, é ação espiritual que depende de nós.¹⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXII, item 2, p. 408.
2. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 614, p. 399.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: Pensamento, 2006. Cap. 9, p. 27-28.
4. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 616, p. 400.
5. _____. Questão 615, p. 399.
6. _____. Questão 617, p. 400..
7. _____. Questão 617-a – comentário, p. 400.
8. _____. Questão 622, p. 402.
9. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais*. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Capítulo: O conhecimento da lei natural, p. 13-14.
10. _____. p.14.
11. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 625 – comentário, p. 403.
12. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. I, item 9, p. 63.
13. MOUTINHO, João de Jesus. *Notícias do reino: interpretações bíblicas e evangélicas à luz da Codificação Kardequiana – II*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap.46, p. 139-140.
14. _____. p. 140.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Capítulo: Diante da lei, p.101-102.
16. XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e coração*. Op. Cit. Cap. 9, p. 27.
17. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 619, p. 401.
18. _____. Questão 619 – comentário, p. 401.
19. XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Op. Cit. Capítulo: Diante da lei, p.102.

Orientações ao monitor

- » Realizar uma breve introdução sobre os principais aspectos que caracterizam as leis divina e humanas, a importância da mensagem cristã para humanidade e as dificuldades de vivenciá-las.

- » Pedir aos participantes que façam leitura do texto de Neio Lúcio, inserido em anexo.

Concluída a leitura, desenvolver amplo debate em torno das ideias desenvolvidas no texto, correlacionando-as com os conteúdos doutrinários deste Roteiro de Estudo.

Anexo

O juízo reto*

Neio Lúcio

Ao tribunal de Eliaquim ben Jefté, juiz respeitável e sábio, compareceu o negociante Jonatan ben Cafar arrastando Zorobabel, miserável mendigo.

— Este homem — clamou o comerciante, furioso — impingiu-me um logro de vastas proporções! Vendeu-me um colar de pérolas falsas, por cinco peças de ouro, asseverando que valiam cinco mil. Comprei as joias, crendo haver realizado excelente negócio, descobrindo, afinal, que o preço delas é inferior a dois ovos cozidos. Reclamei diretamente contra o mistificador, mas este vagabundo já me gastou o rico dinheiro. Exijo para ele as penas da justiça! É ladrão reles e condenável!...

O magistrado, porém, que cultuava a Justiça suprema, recomendou que o acusado se pronunciasse por sua vez:

— Grande juiz — disse ele, timidamente —, reconheço haver transgredido os regulamentos que nos regem. Entretanto, tenho meus dois filhos estirados na cama e debalde procuro trabalho digno, pois mo recusam sempre, a pretexto de minha idade e de minha pobre apresentação. Realmente, enganei o meu próximo e sou criminoso, mas prometo resgatar meu débito logo que puder.

O juiz meditou longamente e sentenciou:

* XAVIER, Francisco Cândido. *Alvorada cristã*. Pelo Espírito Neio Lúcio. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 8, p. 41-44.

— Para Zorobabel, o mendigo, cinco bastonadas entre quatro paredes, a fim de que aprenda a sofrer honestamente, sem assalto à bolsa dos semelhantes, e, para Jonatan, o mercador, vinte bastonadas, na praça pública, de modo a não mais abusar dos humildes.

O negociante protestou, revoltado:

— Que ouço?! Sou vítima de um ladrão e devo pagar por faltas que não cometi? Iniquidade! Iniquidade!...

O magistrado, todavia, bateu forte com um martelo sobre a mesa, chamando a atenção dos presentes, e esclareceu, em voz alta:

— Jonatan ben Cafar, a justiça verdadeira não reside na Terra para examinar as aparências. Zorobabel, o vagabundo, chefe de uma família infeliz, furtou-te cinco peças de ouro, no propósito de socorrer os filhos desventurados, porém, tu, por tua vez, tentaste roubar dele, valendo-te do infortúnio que o persegue, apoderando-te de um objeto que acreditaste valer cinco mil peças de ouro ao preço irrisório de cinco. Quem é mais nocivo a sociedade, perante Deus: o mísero esfomeado que rouba um pão, a fim de matar a fome dos filhos, ou o homem já atendido pela Bondade do Eterno, com os dons da fortuna e da habilidade, que absorve para si uma padaria inteira, a fim de abusar, calculadamente, da alheia indignação? Quem furta por necessidade pode ser um louco, mas quem acumula riquezas, indefinidamente, sem movimentá-las no trabalho construtivo ou na prática do bem, com absoluta despreocupação pelas angústias dos pobres, muita vez passará por inteligente e sagaz, aos olhos daqueles que, no mundo, adormeceram no egoísmo e na ambição desmedida, mas é malfeitor diante do Todo-Poderoso que nos julgará a todos, no momento oportuno.

E, sob a vigilância de guardas robustos, Zorobabel tomou cinco bastonadas em sala de portas lacradas, para aprender a sofrer sem roubar, e Jonatan apanhou vinte, na via pública, de modo a não mais explorar, sem escrúpulos, a miséria, a simplicidade e a confiança do povo.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 2

AMOR A DEUS E AO PRÓXIMO

Objetivos

- » Explicar o que caracteriza amor a Deus e amor ao próximo.
- » Apresentar ações que favoreçam o seu desenvolvimento.

Ideias principais

- » *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (Mateus, 22:37-40. Bíblia de Jerusalém).*
- » *Quantas vezes terás dito que amas a Deus e te dispões a servi-lo? E quantas outras tantas terás afirmado a tua fé na Providência divina? Provavelmente, porém, não te puseste ainda a raciocinar que os teus votos foram acolhidos e que o Todo-Misericordioso, por intermédio de vasta corrente hierárquica de assessores, te enviou tarefas de cooperação com a Sua Infinita Bondade, junto de causas, organizações, situações e pessoas, que lhe requisitam assistência e intervenção. [...]. Emmanuel: Encontro marcado, cap.1.*
- » *Quem ama o próximo sabe, acima de tudo, compreender. E quem compreende sabe livrar os olhos e os ouvidos do venenoso visco do*

escândalo, a fim de ajudar, ao invés de acusar ou desservir. É necessário trazer o coração sob a luz da verdadeira fraternidade, para reconhecer que somos irmãos uns dos outros, filhos de um só Pai. [...]. Emmanuel: Fonte viva, cap. 159.

Subsídios

O evangelista Mateus anotou a sabedoria da seguinte resposta de Jesus a alguém que lhe indagou qual seria o maior mandamento da Lei de Deus:

E um deles — a fim de pô-lo à prova — perguntou-lhe : “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Ele respondeu: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse : amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.” (Mateus, 22:35-40. Bíblia de Jerusalém).

São ensinamentos que estabelecem as regras de bem viver, com Deus e com o próximo, mesmo na nossa condição de Espíritos imperfeitos. Emmanuel analisa, assim, esse ensino de Jesus:¹

Entretanto, perguntarás, como amarei a Deus que se encontra longe de mim? Cala, porém, as suas indagações e recorda que, se os pais e as mães do mundo vibram na experiência dos filhos, se o artista está invisível em suas obras, também Deus permanece suas criaturas. Lembra-se que, se deves esperar por Deus onde te encontras, Deus igualmente espera por ti em todos os ângulos do caminho. Ele é o Todo em que nos movemos e existimos. [...] Amemos ao próximo com toda a alma e com todo o coração e estaremos amando ao Senhor com forças mais nobres de nossa vida.

Há outra orientação de Jesus — conhecida como a “regra de ouro” — que complementa este ensinamento do Maior Mandamento, assim registrada por Mateus e por Lucas, respectivamente:

- » *Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas (Mateus, 7:12. Bíblia de Jerusalém).*
- » *Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles (Lucas, 6:31. Bíblia de Jerusalém).*

Esclarece Allan Kardec que “Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós, é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. [...]”² Acrescenta, também:

[...] Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, do que tomar, como medida do que devemos fazer aos outros, aquilo que desejamos para nós mesmos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando os homens as adotarem como regra de conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas apenas união, concórdia e benevolência mútua.

1. AMOR A DEUS

O indivíduo que ama a Deus revela que já possui alguma compreensão sobre as leis divinas, que tem discernimento entre o que é certo ou errado; do que é moral, imoral ou amoral; assim como do que é bom ou ruim em termos da evolução humana. Sobre o assunto, esclarece o Espírito Emmanuel:³

Já se disse que duas asas conduzirão o Espírito humano à presença de Deus. Uma chama-se amor; a outra, sabedoria. Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço aos semelhantes, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo, em favor dos outros, o reflexo de suas próprias virtudes; e pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhe comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a para o Alto. Através do amor valorizamo-nos para a vida. Através da sabedoria somos pela vida valorizados. Daí o imperativo de marcharem juntas a inteligência e a bondade. Bondade que ignora é assim como o poço amigo em plena sombra, a dessedentar o viajor sem ensinar-lhe o caminho. Inteligência que não ama pode ser comparada a valioso poste de aviso, que traça ao peregrino informes de rumo certo, deixando-o sucumbir ao tormento da sede. Todos temos necessidade de instrução e de amor. Estudar e servir são rotas inevitáveis na obra de elevação [...].

Amor e sabedoria são, portanto, instrumentos do amor a Deus. Trata-se de aquisições que demandam esforço e perseverança, uma vez que inúmeros são os desafios que surgem durante a caminhada evolutiva. Contudo, se o Espírito desenvolver paciência, perseverando na fé, entrega-se ao trabalho de renovação espiritual com bom ânimo, adquirindo a força espiritual necessária para vencer dificuldades do caminho e para superar imperfeições.

Agindo dessa forma, o ser humano não só evolui, mas se transforma em cooperadores de Deus, como afirma o apóstolo Paulo:

Nós somos cooperadores de Deus; vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus. Segundo a graça que Deus me deu, como bom arquiteto, lancei o fundamento; outro constrói por cima. Mas cada um veja como constrói. (I Coríntios 3:9-10. Bíblia de Jerusalém).

Importa considerar, igualmente :

Indubitavelmente, Deus, nosso Pai e Criador, fará que a Terra alcance a perfeição, mas é preciso descobrir a parte de trabalho que nos compete, na condição de filhos e criaturas de Deus, no aprimoramento geral, a começar de nós e a refletir-se fora de nós. Clareando o pensamento exposto, digamos que Deus necessita de nós outros, conquanto não nos constranja o livre-arbítrio à cooperação; e vale notar que, através das operações que nomeamos por “nossos deveres imediatos”, é possível saber a que tarefas somos conduzidos. Detém-te, assim, de quando em quando, para considerar os encargos de que a Providência divina te incumbiu, de modo indireto no quadro das lides cotidianas[...].⁴

A execução de tais encargos requisita, por sua vez, alguma compreensão sobre os atributos de Deus, como os registrados em seguida:

Deus é a Paternidade suprema

[...] Em razão disso, terá concedido ao teu coração um ou alguns dos seus filhos, no instituto da consanguinidade, a fim de que o ajudes a moldar-lhes o caráter, embora te vejas temporariamente, muitas vezes, em absoluto esquecimento de ti mesmo, para que a abnegação atinja a sua obra completa [...].⁵

Deus é Amor

[...] Em vista de semelhante verdade, ele te pede que ames o próximo, de tal maneira que te transfigures em mensagem viva de compreensão e socorro fraternal a cada irmão da humanidade que te partilhe a experiência [...].⁶

Deus é Misericórdia

[...] Fácil reconhecer que ele aguarda lhe adotes as normas de tolerância construtiva, perdoadando quantas vezes se fizerem necessárias o companheiro que se terá desviado da senda justa, propiciando-lhe novas oportunidades de serviço e elevação, no nível em que se coloque[...].⁶

Deus é Trabalho

[...] Imperioso aceitar as pequenas obrigações do dia-a-dia, quais sejam o trato da terra, o zelo da casa, a lição a ser administrada ou recebida, o compromisso afetivo, o dever profissional ou até mesmo a proteção a uma flor, na altura de tarefas que ele te solicita realizar com alegria, em favor da paz e da eficiência nos mecanismos da vida [...].⁶

É preciso, pois, nos manter atentos aos chamamentos divinos que, cotidianamente, surgem na nossa existência, reconhecendo, todavia, que para amar e servir a Deus é necessário aliar ação aos sinceros desejos de melhoria, a fim de que o ideal acalentado não se restrinja a mero anseio, mas sejam demonstrado por meio de fatos concretos.

Quantas vezes terás dito que amas a Deus e te dispões a servi-lo? e quantas outras tantas terás afirmado a tua fé na Providência divina? Provavelmente, porém, não te puseste ainda a raciocinar que os teus votos foram acolhidos e que o Todo Misericordioso, por intermédio de vasta corrente hierárquica de assessores, te enviou tarefas de cooperação com a Sua Infinita Bondade, junto de causas, organizações, situações e pessoas, que lhe requisitam assistência e intervenção. Exposto, assim, o problema do teu setor de ação individual, será justo considerar que esforço e dedicação constituem ingredientes inevitáveis no encargo que te foi confiado, a fim de que obtenhas o êxito que denominamos por “dever cumprido perante Deus”[...].⁷

O homem de bem vivencia o amor a Deus quando desenvolve ações que extrapolam os limites do cumprimento do dever, independentemente da situação, posição ou local em que se encontre, executando-as com boa vontade, sem queixas, nos momentos felizes e nos de provações.

Onde estiveres e sejas quem for, no grau de responsabilidade e serviço em que te situas, agradece aos Céus as alegrias do equilíbrio, as afeições, os dias róseos do trabalho tranquilo e as visões dos caminhos pavimentados de beleza e marginados de flores que te premiam a fé em Deus; quando, porém, os espinhos da provação te firam a alma ou quando as circunstâncias adversas se conjuguem contra as boas obras a que te vinculas, como se atormenta do mal intentasse efetuar o naufrágio do bem, recorda que terás chegado ao instante do devotamento supremo e da lealdade maior, porque, se confias em Deus, Deus igualmente confia em ti.⁸

2. AMOR AO PRÓXIMO

Paulo de Tarso, recordando Jesus (*Mateus, 22:39; Marcos, 12:31; Lucas, 10:27, Gálatas, 5:14*), ensina que o amor aos semelhantes deve ser entendido como “[...] amarás o teu próximo como a ti mesmo.[...]” (*Mateus, 22:37-40. Bíblia de Jerusalém*).

A expressão “amar o próximo como a si mesmo” foi cunhada por missionários, antes mesmo da vinda de Jesus, como a Regra de Ouro ou Regra Áurea.

[...] Diziam os gregos: “Não façais ao próximo o que não desejais receber dele”. Afirmavam os persas: “Fazei como quereis que se vos faça”. Declaravam os chineses: “O que não desejais para vós, não façais a outrem”. Recomendavam os egípcios: “Deixai passar aquele que fez aos outros o que desejava para si”. Doutrinavam os hebreus: “O que não quizerdes para vós, não desejeis para o próximo”. Insistiam os romanos: “A lei gravada nos corações humanos é amar os membros da sociedade como a si mesmo”. Na antiguidade, todos os povos receberam a lei de ouro da magnanimidade do Cristo. Profetas, administradores, juizes e filósofos, porém, procederam como instrumentos mais ou menos identificados com a inspiração dos planos mais altos da vida. Suas figuras apagaram-se no recinto dos templos iniciáticos

ou confundiram-se na tela do tempo em vista de seus testemunhos fragmentários. Com o Mestre, todavia, a Regra Áurea é a novidade divina, porque Jesus a ensinou e exemplificou, não com virtudes parciais, mas em plenitude de trabalho, abnegação e amor, à claridade das praças públicas, revelando-se aos olhos da humanidade inteira.⁹

O apóstolo Pedro destaca que o amor ao próximo, para ser legítimo, deve ser assim manifestado: Pela obediência à verdade purificastes as vossas almas para praticardes um amor fraternal sem hipocrisia. Amai-vos uns aos outros ardentemente e com coração puro.[...] (I Pedro, 1:22. *Bíblia de Jerusalém*).

A sublime exortação [de Pedro] constitui poderosa síntese das teorias de fraternidade. O entendimento e a aplicação do “amai-vos” é a meta luminosa das lutas na Terra. E a quantos experimentam dificuldade para interpretar a recomendação divina temos o providencial apontamento de Pedro, quando se reporta ao coração puro. [...] O amor a que se refere o Evangelho é antes a divina disposição de servir com alegria, na execução da Vontade do Pai, em qualquer região onde permanecemos. [...] Relativamente ao assunto, porém, o apóstolo fornece a nota dominante da lição. Amemo-nos uns aos outros, ardentemente, mas guardemos o coração elevado e puro.¹⁰

O evangelista João considera que é justamente a capacidade de amar que revela a origem divina do ser humano e que, quanto mais desenvolvida for esta capacidade mais evoluído é o Espírito. Por isto afirmou: *Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor (I João, 4:7-8. Bíblia de Jerusalém)*.

Em outra oportunidade, o apóstolo retorna ao ensinamento, mas com outras palavras:

O que ama o seu irmão permanece na luz, e nele não há ocasião de queda. Mas o que odeia o seu irmão está nas trevas; caminha nas trevas, e não sabe onde vai, porque as trevas cegaram os seus olhos. (I João, 2:10-11. Bíblia de Jerusalém).

Quem ama o próximo sabe, acima de tudo, compreender. E quem compreende sabe livrar os olhos e os ouvidos do venenoso visco do escândalo, a fim de ajudar, ao invés de acusar ou desservir. É necessário

trazer o coração sob a luz da verdadeira fraternidade, para reconhecer que somos irmãos uns dos outros, filhos de um só Pai. Enquanto nos demoramos na escura fase do apego exclusivo a nós mesmos, encarceramo-nos no egoísmo e exigimos que os outros nos amem. Nesse passo infeliz, não sabemos querer senão a nós próprios, tomando os semelhantes por instrumentos de nossa satisfação. Mas se realmente amamos o companheiro de caminho, a paisagem de vida se modifica, de vez que a claridade do amor nos banhará a visão.[...]¹¹

Kardec considera, por sua vez, que a faculdade de amar é inerente ao ser humano. O egoísmo é grave imperfeição espiritual que cria empecilhos a aquisição da verdadeira felicidade.

A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores prazeres que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que simpatizem com o seu; dá-lhe ela, assim, as primícias da felicidade que lhe está reservado no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benevolência. Esse prazer é recusado ao egoísta.¹²

O amor ao próximo é exercício de todo instante. Começa com simples manifestações de atenção e bondade, limitadas a uma ou poucas pessoas. Amplia-se com a prática, podendo atingir comunidades e até a humanidade toda. O importante é cultivar o hábito de fazer o bem, dia após dia, como aconselha o conhecido benfeitor espiritual, Emmanuel:

[...] Empenha-te ao bem que possas fazer de imediato: algumas horas de colaboração gratuita nas casa beneficentes, onde jazem irmãos nossos encadeados a sofrimentos que talvez nunca, nem de longe, sentiste na própria pele; o gesto de amparo, em favor de uma das muitas crianças que conheces desprotegidas; o bilhete confortador para algum daqueles companheiros em prova, com os quais estejamos em débito no setor da palavra escrita; a visita mesmo rápida aos enfermos em solidão para quem a tua frase amistosa será um tesouro de lenitivos; a obra singela de entendimento e fraternidade, no socorro ao lar de alguém; a bagatela de ação, no auxílio aos irmãos que, por necessidade de segregação curativa, foram emparedados na cadeia ou no manicômio; alguma pequenina doação de serviço à natureza que funcionará em benefício de todos. [...] Milhares de oportunidades para a construção do bem te desafiam a cada passo. [...] Diante de fraquezas, deserções, obstáculos, desgostos e mesmo à frente dos próprios erros, continua trabalhando. O bem extingue o mal.[...]¹³

O verdadeiro sentido de caridade encontra-se refletido no amor ao próximo, especialmente se este é praticado de forma desinteressada, porque é sempre secundado pela compaixão e pela misericórdia, sentimentos que unem o benfeitor ao necessitado. O exemplo da caridade como expressão de amor ao próximo, encontra-se ilustrado de forma sublime na parábola do Bom Samaritano (*Lucas*, 10:30-37).

Tantas vezes encontramos pela frente a parábola do Bom Samaritano e tantas outras nela encontramos inesperados ensinamentos. [...] Realmente, a história contada por Jesus expõe a caridade por brilhante divino, com revelações prismáticas de inexprimível beleza. A atitude daquele cavaleiro desconhecido resume todo um compêndio de bondade. Enquanto o sacerdote e o levita, pessoas de reconhecido valor intelectual, se afastam deliberadamente do ferido, o samaritano pára sensibilizado. Até aí, o assunto patenteia feição comum, porque nós todos, habitualmente, somos movidos à piedade, diante do sofrimento alheio. Situemo-nos, entretanto, em lugar do viajante generoso... Talvez estivesse ele com os minutos contados... Muito compreensivelmente, estaria sendo chamado com urgência e teria pressa de atingir o término da viagem... Provável que fosse atender a encontro marcado... É possível que atravessasse naquela hora o fim do dia e devesse acautelar-se contra qualquer trecho perigoso da estrada, na sombra da noite próxima... No entanto, à frente do companheiro anônimo abatido, detém-se e se compadece. Olvida a si mesmo e não pergunta quem é. Interrompe-se. Aproxima-se. Faz pensos e efetua curativos. Para ele, contudo, isso não basta. Coloca-o na montada. Apresenta-o na hospedaria e responsabiliza-se por ele. Além disso, compromete-se sem indagar se está preservando um adversário. Pagará pelos serviços que receba. Vê-lo-á, quando regressar. [...] Segundo é fácil de ver, a indicação para entesourar a luz da vida eterna, em nós próprios, é clara e simples. Amor ao próximo é o sublime recurso na base de semelhante realização. Mas não basta reconhecer os méritos da receita. É preciso usá-la.¹⁴

Referências

1. Xavier, Francisco Cândido. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. Araras [SP]: IDE, 2000. Cap. 5, p. 33-34.
2. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XI, item 4, p. 221.

3. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 4, p. 21-22.
4. _____. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 16, p. 75.
5. _____. p. 75-76.
6. _____. p. 76.
7. _____. Cap.1, p. 15.
8. _____. p. 17.
9. _____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 41.
10. _____. *Vinha de Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 90, p. 203 e 204.
11. _____. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 159, p. 389.
12. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 938-a – comentário, p. 569.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 21, p. 93-95.
14. _____. Cap. 23, p.101-103.

Orientações ao monitor

- » Pedir a turma que faça leitura do texto de Meimei, inserido em anexo, individual e silenciosamente, sublinhando os pontos que considerem importantes.
- » Em seguida, consultar os participantes a respeito dos pontos destacados, correlacionando-os com o estudo do dia.
- » Dividir a turma em dois grupos: o primeiro faz leitura e síntese do item um deste Roteiro (Amor a Deus). O segundo grupo lê e sintetiza o item dois (Amor ao próximo).
- » Solicitar a apresentação das sínteses por relatores indicados pelos grupos
- » Fazer, então, perguntas aos participantes a respeito dos temas estudados, conferindo se ocorreu entendimento do assunto.

Anexo

A Palavra de Jesus*

Meimei

Meus irmãos.

Deus nos abençoe.

A palavra do Cristo é a luz acesa para encontrarmos na sombra terrestre, em cada minuto da vida, o ensino divino de nossa construção espiritual.

Erguendo-a, vemos o milagre do pão que, pela fraternidade, em nós se transforma, na boca faminta, em felicidade para nós mesmos.

Irradiando-a, descobrimos que a tolerância por nós exercida se converte nos semelhantes em simpatia a nosso favor.

Distribuindo-a, observamos que o consolo e a esperança, o carinho e a bondade, veiculados por nossas atitudes e por nossas mãos, no socorro aos companheiros mais ignorantes e mais fracos, neles se revelam por bênçãos de alegria, felicitando-nos a estrada.

Geme a Terra, sob o pedregulho imenso que lhe atapeta os caminhos...

Sofre o homem sob o fardo das provações que lhe aguilhoam a experiência.

E assim como a fonte nasce para estender-se, desce o dom inefável de Jesus sobre nós para crescer e multiplicar-se.

Levantemos, cada hora, essa luz sublime para reerguer os que caem, fortalecer os que vacilam, reconfortar os que choram e auxiliar os que padecem.

O mundo está repleto de braços que agriem e de vozes que amaldiçoam.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Vozes do grande além. Por diversos Espíritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 17.

Seja a nossa presença junto dos outros algo do Senhor inspirando alegria e segurança.

Não nos esqueçamos de que o tempo é um empréstimo sagrado e quem se refere a tempo diz oportunidade de ajudar para ser ajudado, de suportar para ser suportado, de balsamizar as feridas alheias para que as nossas feridas encontrem remédio e de sacrificarmo-nos pela vitória do bem, para que o bem nos conduza à definitiva libertação.

Nós que tantas vezes temos abusado das horas para impor, aos que nos seguem, o reino do Senhor, à força de reprovações e advertências, saibamos edificá-lo em nós próprios, no silêncio do trabalho e da renúncia, da humildade e do amor.

Meus irmãos, no seio de todos os valores relativos e instáveis da existência humana, só uma certeza prevalece — a certeza da morte, que restitui às nossas almas os bens ou os males que semeamos nas almas dos outros.

Assim, pois, caminhemos com Jesus, aprendendo a amar sempre, repetindo com Ele, em nossas proveitosas dificuldades de cada dia: “Pai Nosso, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos Céus”.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 3

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Objetivos

- » Analisar o significado de caridade, segundo o Evangelho e o Espiritismo.
- » Interpretar esta máxima de Kardec: “Fora da caridade não há salvação”.
- » Identificar nos conceitos espíritas de caridade o princípio do amor ao próximo, base do processo evolutivo humano.

Ideias principais

- » Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como Jesus a entendia?
Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 886.
- » [...] *A caridade é a virtude fundamental que há de sustentar todo o edifício das virtudes terrestres. Sem ela não existem as outras. [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XIII, item 12.*
- » *A máxima — Fora da caridade não há salvação — é a consagração do princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência.*

Tendo-a esta máxima por regra, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica. [...]. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. XV, item 8.

Subsídios

Em sua primeira carta à comunidade de Corinto o apóstolo Paulo destaca o valor da caridade quando declara: *Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade (I Coríntios, 13:13. Bíblia de Jerusalém).*

[...] Coloca, assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de todo o mundo, do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e porque independe de qualquer crença particular. Faz mais: define a verdadeira caridade; mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência, para com o próximo.”¹

O texto completo da mensagem de Paulo é o que se segue.

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria. Ainda que distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria. A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais passará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá. Quando era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz

desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas depois, conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade. (I Coríntios, 13:1-13. Bíblia de Jerusalém).

1. FUNDAMENTOS DA CARIDADE

É importante considerar que a palavra caridade é traduzida por *amor* em algumas traduções do Evangelho, mas o significado de “ação em benefício do próximo” permanece. A prática da caridade promove a evolução espiritual do ser, quando se considera os seguintes princípios:

- » a pessoa caridosa ou amorosa jamais desampara o próximo, independentemente da situação, gravidade ou tipo problema existentes;
- » a caridade é sempre manifestação de amor a Deus e ao próximo;
- » a caridade promove o desenvolvimento de outras virtudes, daí se revelar como o principal instrumento da salvação humana, por vivenciar a Lei de Amor:

[...] A caridade é a virtude fundamental que há de sustentar todo o edifício das virtudes terrestres. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperança de melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não passa de um raio muito puro que torna brilhante uma alma caridosa. A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por Ele à criatura [...].²

A pessoa caridosa vê a outra como irmão, estabelecendo entre ambas uma sintonia que extrapola os laços consanguíneos, características de raça, nação e cultura. Segundo Emmanuel, o título de “irmão” só é concedido a quem desenvolveu o verdadeiro sentido de ser caridoso, isto é, quem pratica a caridade ensinada e exemplificada pelo Evangelho, cujos fundamentos encontram-se sintetizados no texto de Paulo, anteriormente citado.

Quem dá para mostrar-se é vaidoso. Quem dá para torcer o pensamento dos outros, dobrando-o aos pontos de vista que lhe são peculiares, é tirano. Quem dá para livrar-se do sofredor é displicente. Quem dá

para exibir títulos efêmeros é tolo. Quem dá para receber com vantagens é ambicioso. Quem dá para humilhar é companheiro das obras malignas. Quem dá para sondar a extensão do mal é desconfiado. Quem dá para afrontar a posição dos outros é soberbo. Quem dá para situar o nome na galeria dos benfeitores e dos santos é invejoso. Quem dá para prender o próximo e explorá-lo é delinquente potencial. Em todas essas situações, na maioria dos casos, quem dá se revela um tanto melhor que todo aquele que não dá, de mente cristalizada na indiferença ou na secura; todavia, para aquele que dá, irradiando o amor silencioso, sem propósitos de recompensa e sem mescla de personalismo inferior, reserva o Plano maior o título de Irmão.³

Com o objetivo de identificar a essência dos ensinamentos do Cristo em relação à caridade, Allan Kardec dirigiu aos Espíritos esta indagação: “Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, tal como Jesus a entendia?”⁴ Os orientadores da Vida maior transmitiram-lhe, então, esta sábia resposta: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”⁴

Este esclarecimento mereceu a seguinte comentário do Codificador do Espiritismo:⁵

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos que nos fosse feito. [...] A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola; abrange todas as relações com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque nós mesmos precisamos de indulgência; ela nos proíbe humilhar os desafortunados, ao contrário do que comumente fazemos. [...].

2. FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Kardec esclarece que toda a “[...] moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho.[...]”. Em complementação a este pensamento, considera:⁶

Em todos os seus ensinamentos, ele [Jesus] aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade: bem-aventurado, disse, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos

Céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são mansos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que gostaríeis que vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, ele mesmo, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. Jesus, porém, não se limita a recomendar a caridade: põe-na claramente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura.

Kardec analisa, ainda, que a máxima “[...] — *Fora da caridade não há salvação* — se apoia num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma — *Fora da Igreja não há salvação* — se baseia não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. [...]”⁷

A máxima — *Fora da caridade não há salvação* — é a consagração do princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a esta máxima por regra, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma — *Fora da Igreja não há salvação* — anatematizam-se e se perseguem mutuamente, vivendo como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pede pelo pai, nem o amigo pelo amigo, já que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.⁷

3. O QUE DIZEM OS BONS ESPÍRITOS SOBRE A CARIDADE

Todos os Espíritos esclarecidos defendem a ideia de que a caridade é imprescindível à evolução do ser humano. Encontramos, por exemplo, inscrito na bandeira de Ismael, Espírito protetor do Brasil, “[...] o lema imortal: Deus, Cristo e Caridade [...]”⁸

Como exemplo ilustrativo, apresentamos, em seguida, o pensamento de alguns Espíritos, colhidos aleatoriamente, com o intuito de transmitir a unidade doutrinária espírita a respeito do tema:

André Luiz

Todos pensamos na caridade, todos falamos em caridade!... A caridade, indubitavelmente, é o coração que fala, entretanto, nas situações anormais da vida, há que ouvir o raciocínio, a fim de que ela seja o que deve ser. [...] O raciocínio, em nome da caridade, não tem decerto, a presunção de violentar consciência alguma, impondo-lhe freios ou drásticos que lhe objetivem o aperfeiçoamento compulsório. A Misericórdia divina é paciência infatigável com os nossos multimilenários desequilíbrios, auxiliando a cada um de nós, através de meios determinados, de modo a que venhamos, saná-los, por nós mesmos, com o remédio amargoso da experiência, no veículo das horas. Surge a autoridade do raciocínio, quando os nossos males saem de nós, em prejuízo dos outros. [...].⁹

Bezerra de Menezes

“O maior título que o homem pode ambicionar é o de ser cristão em Cristo; que o sentimento de que pode fazer alarde, em sua consciência, é o do amor de Deus e do próximo”. [...].¹⁰

“O espírita cristão é chamado aos problemas do mundo, a fim de ajudar-lhes a solução; contudo, para atender em semelhante mister, há que silenciar discórdia e censura e alongar entendimento e serviço. É por esta razão que, interpretando o conceito “salvar” por “livrar da ruína” ou “preservar do perigo”, colocou Allan Kardec, no luminoso portal da Doutrina Espírita, a sua legenda inesquecível: “Fora da caridade não há salvação”. [...].¹¹

Casimiro Cunha

A caridade é o amor,

É o sol que Nosso Senhor

Fez raiar claro e fecundo;

Alegrando nesta vida

A existência dolorida

Dos que sofrem neste mundo! [...].¹²

Emmanuel

Na sustentação do progresso espiritual precisamos tanto da caridade quanto do ar que nos assegura o equilíbrio orgânico. Lembra-te de que a interdependência é o regime instituído por Deus para a estabilidade de todo o universo e não olvides a compreensão que devemos a todas as criaturas. Compreensão que se exprima, através de tolerância e bondade incessantes, na sadia convicção de que ajudando aos outros é que poderemos encontrar o auxílio indispensável à própria segurança. [...] Só o amor é o clima adequado ao entrelaçamento de todos os seres da Criação e somente através dele integrar-nos-emos na sinfonia excelsa da vida. Guarda, em todas as fases do caminho, a caridade que identifica a presença do Senhor nos caminhos alheios, respeitando-lhes a configuração com que se apresentem.[...].¹³

Fabiano de Cristo

Grande é a seara de Nosso Senhor Jesus Cristo, a expressar-se no trabalho constante do Seu Apostolado de Redenção. Dentro dele, há naturalmente quem administre, quem legisle, quem doutrine, quem esclareça, quem teorize, quem corrija, quem defenda o direito, quem defina a estrada certa, quem consulte as necessidades alheias para dosar o conhecimento, quem analise a mente do próximo para graduar a revelação, quem advogue a causa da Verdade e quem organize os círculos determinados de tarefas, nos horizontes da inteligência... Entretanto, em todas essas manifestações a que somos chamados na obra do Senhor, é imprescindível tenhamos quem atenda à caridade — a caridade que é o próprio Jesus, de braços abertos, induzindo-nos à renúncia de nós mesmos para que prevaleça a divina Vontade. Ainda assim, para que a sublime virtude nos tome a seu serviço, é indispensável que a humildade do Mestre nos marque os corações, a fim de que Lhe retratemos a Bondade Infinita. Permaneçamos, desse modo, com a caridade, estendendo-lhe a generosa luz. [...].¹⁴

Humberto de Campos (Irmão X).

[...] Caridade é servir sem descanso, ainda mesmo quando a enfermidade sem importância te convoque ao repouso; é cooperar espontaneamente nas boas obras, sem aguardar o convite dos outros; é não

incomodar quem trabalha; é aperfeiçoar-se alguém naquilo que faz para ser mais útil; é suportar sem revolta a bÍlis do companheiro; é auxiliar os parentes, sem reprovação; é rejubilar-se com a prosperidade do próximo; é resumir a conversação de duas horas em três ou quatro frases; é não afligir quem nos acompanha; é ensurdecer-se para a difamação; é guardar o bom-humor, cancelando a queixa de qualquer procedência; é respeitar cada pessoa e cada coisa na posição que lhes é própria... [...] Não olvides, pois, que a execução de teus deveres para com o próximo será sempre a tua caridade maior.¹⁵

Joanna de Ângelis

Enquanto vigoravam conceitos religiosos procedentes das mais diversas escolas de fé, os excelsos Benfeitores da humanidade, através de Allan Kardec, foram concludentes: “Fora da caridade não há salvação”. Caridade não apenas como virtude teologal. Caridade não somente como diretriz religiosa. Caridade não implícita como condicionamento de f. Caridade pura e simplesmente como norma de comportamento. [...].¹⁶

José Silvério Horta

[...] S a Caridade, filha do Amor celeste,  invariável. Com ela, desceu Nosso Senhor Jesus Cristo  treva humana e, abraçando os fracos e enfermos, os vencidos e desprezados, levantou os alicerces do reino de Deus que as Forças do Bem na Terra ainda estão construindo. Vinde, pois,  Seara do Evangelho, trazendo no coração a piedade fraternal que tudo compreende e tudo perdoa!...[...].¹⁷

Maria Dolores

[...] Caridade recorda a natureza

Que na bênção de Deus se concebe e aglutina,

Revelando no todo,

Da cpula do Céu às entranhas do lodo,

Que a presença do amor é sempre luz divina. [...].¹⁸

Paulo, o apóstolo

Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão contidos os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra dessa bandeira eles viverão em paz; no céu, porque os que a tiverem praticado acharão graça diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para o conduzir à Terra Prometida. Ela brilha no céu, como auréola santa, na frente dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-eis pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. [...].¹⁹

Vicente de Paulo

Sede bons e caridosos, pois essa é a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se acha contida neste preceito: Amai-vos uns aos outros. A alma não pode elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo e só encontra consolação e ventura nos arroubos da caridade. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo [...].²⁰

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 15, item 7, p. 305.
2. _____. Cap. 13, item 12, p. 271.
3. Xavier, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 163, p. 363-364.
4. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 886, p. 530.
5. _____. Questão 886 – comentário, p. 530-531.
6. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 15, item 3, p. 302.
7. _____. Item 8, p. 306.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 32 ed. Rio de Janeiro, 2006. Cap. 3 (Os degredados), p. 37.
9. _____. *Opinião espírita*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 4. ed. Uberaba: CEC, 1973. Cap. 30 (caridade e raciocínio – mensagem do Espírito André Luiz), p. 105-107.

10. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Bezerra de Menezes, ontem e hoje*. Coordenação de Juvanir Borges de Souza. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte, item 3: A verdadeira propaganda (página escrita por Bezerra de Menezes quando encarnado), p.39.
11. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap.3 (Legenda espírita – mensagem de Bezerra de Menezes), p. 19.
12. _____. *Parnaso de além-túmulo*. Por diversos Espíritos. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Item: Supremacia da caridade (mensagem do Espírito Casimiro Cunha), p.201.
13. _____. *Ceifa de luz*. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap.1 (Caridade do entendimento), p. 15-16.
14. _____. *Relicário de luz*. Por diversos Espíritos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Item: Em louvor da caridade (mensagem do Espírito Fabiano de Cristo), p. 13.
15. _____. *Cartas e crônicas*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.27, p. 118-119.
16. FRANCO, Divaldo Pereira. *Lampadário espírita*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap.50, p. 203.
17. XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções psicofônicas*. Por diversos Espíritos. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 35 (Caridade – mensagem do Espírito José Silvério Horta), 164.
18. _____. *Antologia da espiritualidade*. Pelo Espírito Maria Dolores. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap.22, p. 75.
19. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 15, item 10, p. 307-308.
20. _____. Cap. 13, item 12, p. 270.

Orientações ao monitor

Apresentar aos participantes as concepções existentes acerca da caridade, segundo a interpretação dos bons Espíritos

Dividir a turma em dois grupos para análise e elaboração de um resumo dos seguintes temas que fazem parte deste Roteiro de Estudo: *A caridade segundo o apóstolo Paulo* e *A caridade segundo a Doutrina Espírita*.

Pedir aos relatores dos grupos para apresentarem o resumo do texto estudado.

Ao final, o monitor faz a integração dos assuntos, destacando os pontos considerados relevantes.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 4

A FAMÍLIA: CÉLULA FUNDAMENTAL DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Objetivos

- » Analisar os conceitos espíritas e não-espíritas de família.
- » Explicar as implicações dos laços consanguíneos e espirituais na organização familiar.

Ideias principais

- » No sentido restrito, família é a organização social constituída por pessoas que possuem laços consanguíneos. Em termos gerais, o significado abrange o conjunto de pessoas unidas por convicções ou interesses, independentemente da existência de ligações ancestrais.
- » [...] *A família tem suas próprias leis, que consubstanciam as regras do bom comportamento dentro do impositivo do respeito ético, recíproco entre os seus membros, favorável à perfeita harmonia que deve vigir sob o mesmo teto em que se agasalham os que se consorciam.* Joanna de Angelis: *S.O.S família*. Item: Família.
- » *Os laços do sangue não estabelecem necessariamente os vínculos entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do*

Espírito, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo. [...].
Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XIV, item 8.

Subsídios

No sentido restrito, família é uma organização social constituída por pessoas que possuem laços consanguíneos. No sentido amplo, abrange o conjunto de pessoas unidas por convicções ou interesses, independentemente da existência de ligações ancestrais. Em qualquer situação, porém, o a constituição da família traz a noção da existência de algo comum entre os elementos que a constitui: “ [...] De todas as associações existentes na Terra — excetuando naturalmente a humanidade — nenhuma talvez mais importante em sua função educadora e regenerativa[...]”¹ assinala Emmanuel, que também acrescenta:²

[...] Arraigada nas vidas passadas de todos aqueles que a compõem, a família terrestre é formada, assim, de agentes diversos, porquanto nela se reencontram, comumente, afetos e desafetos, amigos e inimigos, para os ajustes e reajustes indispensáveis ante as leis do destino. Apesar disso, importa reconhecer que o clã familiar evolve incessantemente para mais amplos conceitos de vivência coletiva, sob os ditames do aperfeiçoamento geral, conquanto se erija sempre em educandário valioso da alma. Temos, dessa forma, no instituto doméstico uma organização de origem divina, em cujo seio encontramos os instrumentos necessários ao nosso próprio aprimoramento para a edificação do mundo melhor.

É por este motivo que Paulo de Tarso enfatiza: “Se alguém não cuida dos seus, e sobretudo dos da própria casa, renegou a fé e é pior do que um incrédulo” (*I Timóteo*, 5:8. *Bíblia de Jerusalém*).

As palavras do apóstolo têm como foco tanto a família consanguínea quanto a espiritual, constituída pelos laços da fraternidade. Contudo, independentemente de como o grupo familiar estar organizado deve ser considerado uma parte, uma célula da família universal, ou humanidade. Com esta conceituação, os deveres e cuidados destinados à família consanguínea são tão importantes quanto os vinculados à família universal, mantida à custa da união social, como lembra Paulo de Tarso, “porque nenhum de nós vive para si” (*Romanos*, 14:7. *Bíblia de Jerusalém*).

Neste contexto, os “[...] laços sociais são necessários ao progresso e os de família tornam mais apertados os laços sociais: eis por que os laços de família são uma lei da natureza. Quis Deus, dessa forma, que os homens aprendessem a amar-se como irmãos.”³

Queiramos ou não, é a Lei que nossa existência pertença às existências que nos rodeiam. Vivemos para nossos familiares, nossos amigos, nossos ideais ... Ainda mesmo o usurário exclusivista, que se julga sem ninguém, está vivendo para o ouro ou para as utilidades que restituirá a outras vidas superiores ou inferiores para as quais a morte lhe arrebatará o tesouro.⁴

Ensina a Doutrina Espírita que há dois tipos de parentela: “[...] *as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corpóreos.* [...]”⁵ As primeiras permanecem unidas para sempre, nos planos físico e espiritual, as segundas podem desvincular ainda mesmo durante o período de uma encarnação.

Os laços do sangue não estabelecem necessariamente os vínculos entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo. [...] Os Espíritos que encarnam numa mesma família, sobretudo como parentes próximos, são, na maioria das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores, que se traduzem por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer que sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se expressam na Terra por um mútuo antagonismo, a fim de lhes servi de provação. Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade e sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que prendem os Espíritos *antes, durante e depois* de suas encarnações. Consequentemente, dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. [...].⁶

1. A FAMÍLIA PELOS LAÇOS CONSAGUÍNEOS

A família, considerada segundo os preceitos sócio-culturais de unidade básica da sociedade, é governada por uma série de valores nem sempre adequadamente conhecidos e vivenciados pelos seus membros, ou por aqueles que desejam constituir um grupamento dessa natureza.

[...] A família tem suas próprias leis, que consubstanciam as regras do bom comportamento dentro do impositivo do respeito ético, recíproco entre os seus membros, favorável à perfeita harmonia que deve vigir sob o mesmo teto em que se agasalham os que se consorciam. [...] O lar, no entanto, não pode ser configurado como a edificação material, capaz de oferecer segurança e paz aos que aí se resguardam. A casa são a argamassa, os tijolos, a cobertura, os alicerces e os móveis, enquanto o lar são a renúncia e a dedicação, o silêncio e o zelo que se permitem àqueles que se vinculam pela eleição afetiva ou através do impositivo consanguíneo, decorrente da união. [...] Quando a família periclita, por esta ou aquela razão, sem dúvida a sociedade está a um passo do malogro...[...].⁷

Nestas condições, “[...] a família é mais do que o resultado genético... São os ideais, os sonhos, os anelos, as lutas e árduas tarefas, os sofrimentos e as aspirações, as tradições morais elevadas que se cimentam nos liames da concessão divina [...]”.⁸

Ainda que os elementos de um núcleo familiar sejam heterogêneos em termos de ascendência espiritual — fato que é comum —; ainda que exista pouca afinidade entre os seus membros e, até mesmo, certa aversão ou inimizade, devemos admitir que há uma razão superior que permite a diferentes Espíritos renascer juntos, numa família.

A casualidade não se encontra nos laços da parentela. Princípios sutis da Lei funcionam nas ligações consanguíneas. Impelidos pelas causas do passado a reunir-nos no presente, é indispensável pagar com alegria os débitos que nos imanam a alguns corações, a fim de que venhamos a solver nossas dívidas para com a humanidade. Inútil é a fuga dos credores que respiram conosco sob o mesmo teto, porque o tempo nos aguardará implacável, constringendo-nos à liquidação de todos os compromissos. [...] Sem dúvida, a equipe familiar no mundo nem sempre é um jardim de flores. Por vezes, é um espinheiro de preocupações e de angústias, reclamando-nos sacrifício. Contudo, embora necessitemos de firmeza nas atitudes para temperar a afetividade que nos é própria, jamais conseguiremos sanar as feridas do nosso ambiente particular com o chicote da violência ou com o emplastro do desleixo. [...] Os parentes são obras de amor que o Pai Compassivo nos deu a realizar. Ajudem-os, através da cooperação e do carinho, atendendo aos designios da verdadeira fraternidade. Somente adestrando paciência e compreensão, tolerância e bondade,

na praia estreita do lar, é que nos abilitaremos a servir com vitória, no mar alto das grandes experiências.⁹

Importa, pois, fazer distinção entre família espiritual e a parentela corporal:

[...] Nem sempre os laços de sangue reúnem as almas essencialmente afins. Frequentemente, pelas imposições da consanguinidade, grandes inimigos são obrigados ao abraço diuturno, sob o mesmo teto. É razoável sugerir-se uma divisão entre os conceitos de “família” e “parentela”. O primeiro constituiria o símbolo dos laços eternos do amor, o segundo significaria o cadinho de lutas, por vezes acerbas, em que devemos diluir as imperfeições dos sentimentos, fundindo-os na liga divina do amor para a eternidade. A família não seria a parentela, mas a parentela converter-se-la, mais tarde, nas santas expressões da família. [...].¹⁰

2. A FAMÍLIA PELOS LAÇOS ESPIRITUAIS

Allan Kardec ensina que os laços espirituais são os que, efetivamente, mantêm as criaturas unidas, uma vez que vão além das condições biológicas, definidas pela herança genética.

[...] No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias unidos pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Felizes por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas os separa momentaneamente, porque, ao regressarem à erraticidade, reúnem-se novamente como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que estão livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, deram mais um passo no caminho da perfeição. [...].¹¹

Nos processos primários da evolução humana, as vinculações familiares são muito tênues, praticamente inexistentes. No passo evolutivo seguinte começa, efetivamente, surgir os laços familiares, como os que constituem as diferentes organizações tribais e clãs.

Nesta posição, o inimigo ou amigo do grupamento está nitidamente delimitada, ainda que em momentos específicos se estabeleçam ligações transitórias, motivadas por diversas necessidades e interesses comuns, com outros grupos.

À medida que o ser humano ascende na escala evolutiva, absorve valores espirituais que lhe permite estender o seu olhar para além do seu núcleo familiar. Consegue, então, localizar Espíritos afins situados fora da sua família. Com este reconhecimento inicia-se, então, as ligações fraternas com diferentes grupos, os quais, no futuro, se organizarão em aldeias, cidades e nações.

Em processo evolutivo mais adiantado, os diferentes povos unem-se a outros, inicialmente por meio de acordos econômico e políticos, formando blocos de nações. A partir dessa união surge, como inevitável, as miscigenações biológicas e culturais e, pouco a pouco, os blocos de nações formam conglomerados e, a partir destes, organiza-se a família universal. É mais ou menos por esta linha que é desenvolvida a noção de família universal, ou de humanidade destinada a se unir não apenas por interesses econômicos, políticos ou sociais, mas pelos laços da afetividade.

Neste sentido, Bezerra de Menezes considera com muito bom senso:

[...] Entretanto, a nós outros, os espíritas, compete a obrigação de enxergar mais longe e reconhecer mais amplos os deveres que nos prendem à experiência comunitária. Não somente suportar os conflitos de casa com denodo e serenidade, abraçando os entes queridos com a certeza de que os amamos, livre de nós, se assim o desejam, para serem mais cativos aos desígnios de Deus. Não apenas isso. Entender também nos grupos em que nos movimentamos a nossa família maior. E amar, auxiliar, apoiar construtivamente e servir sempre a todos os que nos compartilhem o trabalho e a esperança! ... A independência existe unicamente na base da interdependência. As Leis divinas criaram com tamanha sabedoria os mecanismos da evolução que todos nós, de algum modo, dependemos uns dos outros. Não se renasce na Terra, sem o concurso dos pais ou dos valores genéticos que forneçam. Não se adquire cultura sem professores ou recursos que eles decidam a formar. Não se obtém alimento sem esforço próprio, nem sob o amparo do esforço alheio. [...]... há famílias de ordem material e aquelas outras de ordem espiritual — afirma-nos o Evangelho, na

Doutrina Espírita. [...] Família e família! Família do coração entre algumas paredes e família maior do espírito a espriar-se em todos os domínios da humanidade! [...].¹²

Na seguinte passagem evangélica, às vezes interpretada equivocadamente, Jesus demonstra que a organização familiar fundamentada na união espiritual é a verdadeira, por persistir por toda a eternidade.

Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Havia uma multidão sentada entorno dele. Disseram-lhe: Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram. Ele perguntou: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe. (Marcos, 3:31-35. Bíblia de Jerusalém).

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Vida e sexo*. Pelo Espírito Emmanuel. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 2, p. 17.
2. _____. p. 19.
3. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 774, p. 470.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 154, p. 375-376.
5. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XIV, item 8, p. 291.
6. _____. p. 290-291.
7. FRANCO, Divaldo Pereira. S.O.S. *Família*. Por diversos Espíritos. 2. ed. Salvador: LEAL, 1994. Item: Família (mensagem do Espírito Joanna de Ângelis), p. 17-18.
8. _____. p.18.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Op. Cit. Cap. 156, p.381-382.
10. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. IV, item 18, p. 100-101.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Bezerra, Chico e você*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 5. ed. São Bernardo do Campo: GEEM, 1980. Cap. 44, p. 64-67.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 62, p. 139-140.

Orientações ao monitor

- » Introduzir o assunto por meio de breve exposição que trata dos conceitos espíritas e não-espíritas de família.
- » Em seguida, dividir a turma em dois grupos para leitura dos subsídios deste Roteiro. Cada grupo deve discutir e elaborar uma breve apresentação sobre os seguintes temas: 1) *família pelos laços corporais* família; 2) *família pelos laços espirituais*.
- » Após a apresentação dos grupos, favorecer a reflexão sobre as principais implicações dos laços consanguíneos e dos espirituais na organização familiar.
- » Fazer o fechamento do estudo com base nas ideias desenvolvidas no texto em anexo, do Espírito Emmanuel (*Em família*).

Anexo

Em família*

Emmanuel

Aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria família e a recompensar seus pais, porque isto é bom e agradável diante de Deus.” – Paulo (*I Timóteo*, 5:4).

A luta em família é problema fundamental da redenção do homem na Terra. Como seremos benfeitores de cem ou mil pessoas, se ainda não aprendemos a servir cinco ou dez criaturas? Esta é indagação lógica que se estende a todos os discípulos sinceros do Cristianismo.

Bom pregador e mau servidor são dois títulos que se não coadunam.

O apóstolo aconselha o exercício da piedade no centro das atividades domésticas, entretanto, não alude à piedade que chora sem

* XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap.117, p. 249-250.

coragem ante os enigmas aflitivos, mas àquela que conhece as zonas nevrálgicas da casa e se esforça por eliminá-las, aguardando a decisão divina a seu tempo.

Conhecemos numerosos irmãos que se sentem sozinhos, espiritualmente, entre os que se lhes agregaram ao círculo pessoal, através dos laços consanguíneos, entregando-se, por isso, a lamentável desânimo.

É imprescindível, contudo, examinar a transitoriedade das ligações corpóreas, ponderando que não existem uniões casuais no lar terreno. Preponderam aí, por enquanto, as provas salvadoras ou regenerativas. Ninguém despreze, portanto, esse campo sagrado de serviço por mais se sinta acabrunhado na incompreensão. Constituiria falta grave esquecer-lhe as infinitas possibilidades de trabalho iluminativo.

É impossível auxiliar o mundo, quando ainda não conseguimos ser úteis nem mesmo a uma casa pequena — aquela em que a Vontade do Pai nos situou, a título precário.

Antes da grande projeção pessoal na obra coletiva, aprenda o discípulo a cooperar, em favor dos familiares, no dia de hoje, convicto de que semelhante esforço representa realização essencial.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 5

A TRANSIÇÃO EVOLUTIVA DA HUMANIDADE

Objetivos

- » Citar as características do período de transição, anunciadas por Jesus no seu Sermão Profético.
- » Analisar os principais desafios que a humanidade enfrentará durante o período.

Ideias principais

- » No seu Discurso profético afirma Jesus, entre outras informações: *Haveis de ouvir falar sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que estas coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação, reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores. (Mateus, 24: 6-8. Bíblia de Jerusalém).*
- » A humanidade tem realizado, até ao presente, [...] *incontestáveis progressos. Os homens, com sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado [...]. Resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: fazerem que reinem entre si a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. XVIII, item 5.*

- » Um dos maiores desafios do período de transição está relacionado à educação, [...] *não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem.*[...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 917 – comentário.

Subsídios

Vivemos atualmente uma época de mudanças denominada *Período de Transição*, que apresenta as seguintes características fundamentais: a) acelerado desenvolvimento tecnológico e científico; b) convulsões sociais e morais; c) transformações na estrutura geológica e atmosférica do Planeta.

Não restam dúvidas que são condições portadoras de inquietudes, a despeito do progresso intelectual alcançado pela humanidade até então. Entretanto, no “[...] dizer dos Espíritos a Terra não deverá transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.”¹

O período que vivemos atualmente é denominado de *transição*. Primeiro porque está localizado entre duas gerações bem diferentes. Segundo porque com o acelerado crescimento intelectual, o Espírito descuroou do seu crescimento moral. Assinala Kardec, a propósito:²

A época atual os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares. As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais e, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

O *período de transição*, e o que imediatamente se lhe segue, denominado de *período de regeneração*, foram anunciados por Jesus no seu Evangelho, sob o título de *Discurso Escatológico ou Sermão Profético* (*Mateus*, 24:1-28. *Marcos*, 13:1-23. *Lucas*, 21:5-24).

Como este Sermão já foi anteriormente estudado (Programa *Religião à Luz do Espiritismo*, Tomo 2 – Ensinos e Parábolas de

Jesus , parte 2, Roteiro 4), vamos focar, neste Roteiro, aspectos que marcam o *período de transição* e os principais desafios que a humanidade enfrentará.

1. CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

O período da grande travessia evolutiva são marcados pelos chamados “sinais dos tempos”, em plena vigência na atualidade, no qual as conquistas morais e intelectuais do pretérito fazem reflexo no dia-a-dia da existência, da mesma forma que as ações desenvolvidas pelo homem, no presente, influenciarão a sua vida futura.

Em termos espíritas, a *transição planetária* caracteriza-se por uma fase existencial, nitidamente marcada no tempo e no espaço, na qual ocorrerão significativos desafios em todos os campos do conhecimento, decorrentes das ações humanas do passado e do presente que, naturalmente, definirão o futuro da humanidade. Essas ações, nem sempre fruto das boas escolhas têm gerado perturbações sociais, as mais diversas, produtoras de sofrimento. Mas passada a fase de reajustes espirituais, o ser humano se transformará em pessoa melhor, fazendo surgir uma era nova, a *regeneração*.

Não é fácil afirmar quanto tempo irá durar a Transição, pois depende do livre-arbítrio individual e coletivo. Pode ter duração de décadas ou de séculos. Independentemente do período de tempo e da extensão dos desafios, a *transição* indica tempos “[...] marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da humanidade. [...]”³

A *transição* está marcada por provações e por processos expiatórios, também denominados purificadores, mas, acredita-se, que na regeneração não ocorrerão as amargas dores da expiação, ainda que as provas impulsionadoras do progresso permaneçam.

De forma geral, podemos dizer que as principais características do período de transição são as que se seguem.

Os falsos profetas

- » *Atenção para que ninguém vos engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: “O Cristo sou eu”, e enganarão a muitos. (Mateus, 24:4-5. Bíblia de Jerusalém).*

Em todos os tempos houve homens que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um suposto poder sobre-humano, ou de uma pretensa missão divina. São esses os falsos cristos e os falsos profetas. A difusão das luzes lhes destrói o crédito, razão pela qual o número deles diminui à medida que os homens se esclarecem. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, já que pode resultar de conhecimentos que cada um pode adquirir, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno pode possuir tão bem, quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por características mais sérias e exclusivamente morais.⁴

Guerras

- » *Haveis de ouvir falar sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que essas coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. (Mateus, 24:6-7. Bíblia de Jerusalém).*

As guerras, como todo tipo de violência humana, individual ou coletiva, não são resultantes da vontade de Deus, mas sim expressões do egoísmo e do orgulho imperantes nos mundos atrasados como o nosso.⁵

A guerra existe porque há predominância “[...] da natureza animal sobre a natureza espiritual e satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito do mais forte, daí por que, para eles, a guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, a guerra se torna menos frequente, porque ele evita suas causas, e quando a julga necessária, sabe adicionar-lhe humanidade.⁶

Catástrofes naturais

- » *E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores. (Mateus, 24:8. Bíblia de Jerusalém).*

Os flagelos e cataclismos [...] Os flagelos são provas que dão ao homem oportunidade de exercitar a sua inteligência, de demonstrar paciência e resignação ante a vontade de Deus, permitindo-lhe manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, caso o egoísmo não o domine.⁷

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, devem ser colocados na linha de frente a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais às produções da terra. Entretanto, não tem o homem encontrado na Ciência, nas obras de Engenharia, no aperfeiçoamento da Agricultura, nos afofamentos e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, meios de neutralizar, ou, pelo menos, de atenuar tantos desastres? Certas regiões, outrora assoladas por terríveis flagelos, não estão hoje livres deles? Que não fará, então, o homem pelo seu bem-estar material, quando souber aproveitar-se de todos os recursos da sua inteligência e quando, sem prejuízo da sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento de verdadeira caridade para com os seus semelhantes?⁸

As tribulações estarão presentes, portanto, no período de transição. Assim, é necessário que o homem se esforce por adquirir a força necessária capaz de transformá-lo em pessoa de bem, mais espiritualizada. Afirma Kardec, a propósito:⁹

Sim, por certo a humanidade se transforma, como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são, para os indivíduos, as crises de crescimento; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral. “Tendo chegado a um desses períodos de crescimento, a humanidade terrena está plenamente, há quase um século, no trabalho da transformação. É por isto que ela se agita por todos os lados, presa de uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, até que retome o equilíbrio sobre novas bases. Quem a vir, então, a achará muito mudada em seus costumes, em seu caráter, em suas leis, em suas crenças; numa palavra, em todo o seu estamento social. [...] À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, por vezes e mesmo na maioria das vezes, já que tudo se conjuga, na natureza, as perturbações dos elementos físicos; é então, por um tempo, uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, depois do que o céu se torna sereno, e a humanidade, reconstituída sobre novas bases, imbuída de novas ideias, percorre um nova etapa de progresso.

Não há dúvida de que a humanidade estará sob o jugo da dor: caos social e moral de um lado e distúrbios na natureza de outro são fatores promotores do sofrimento. Entretanto, a humanidade

renascerá mais forte e espiritualizada. Aliás, o Espírito conhecido como Dr. Barry, informa que é justamente neste período de profundas transformações que o “Espiritismo florescerá e dará frutos.”¹⁰ Acrescenta também: “É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados previamente, porque preparam as vias da regeneração pela unificação e pela racionalidade das crenças. Felizes os que os aproveitam desde hoje; será para eles tanto de ganho e de penas poupadas.”¹⁰

2. A RAZÃO DE SER DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Os conflitos bélicos, as lutas fratricidas, a violência e as calamidades produzidas pelo homem, decorrem do seu atraso moral, cujas ações resultam sofrimento, a si mesmo e à sociedade, assim como prejuízos à natureza que, ecologicamente desequilibrada, reage contra os agressores. Assim, os acontecimentos previstos têm como finalidade estimular a melhoria espiritual do homem, pois se trata de uma fase de evolução moral da humanidade terrestre.

[...] Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses progressos se realizam paralelamente, visto que a perfeição da habitação guarda relação com a do habitante. Fisicamente, o globo terrestre tem sofrido transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens concorrem para isso pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra.¹¹

Considerando a finalidade e as características do *período de transição*, Allan Kardec também esclarece:

Se, pelo encadeamento e a solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovação moral da humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, podem os

referidos períodos ser acompanhados ou precedidos de fenômenos naturais, insólitos para os que com eles não se acham familiarizados com eles, de meteoros que parecem estranhos, de recrudescência e intensidade fora do comum dos flagelos destruidores, que não são nem causa, nem presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se opera no mundo físico e no mundo moral.¹²

Diante dessas considerações, compreende-se porque o ser humano deve agir com mais prudência, vigilante no pensar, falar ou executar. Mais do que nunca, o “orai e vigiai”, recomendado por Jesus, deve ser levado a sério. Eis o conselho de Emmanuel, a respeito:¹³

[...] Muitas vezes, referimo-nos ao “orai e vigiai”, sem meditar-lhe a complexidade e a extensão. É indispensável guardar os caminhos, imprescindível se torna movimentar possibilidades na esfera do bem, entretanto, essa atitude não dispensa a visão com entendimento. [...] É preciso olhar, isto é, examinar, ponderar, refletir, para que a vigilância não seja incompleta. Discernir é a primeira preocupação da sentinela. O discípulo não pode guardar-se, defendendo simultaneamente o patrimônio que lhe foi confiado, sem estender a visão psicológica, buscando penetrar a intimidade essencial das situações e dos acontecimentos. Olhai o trabalho de cada dia. O serviço comum permanece repleto de mensagens proveitosas. Fixai as relações afetivas. São portadoras de alvíres necessários ao vosso equilíbrio. Fiscalizai as circunstâncias observando as sugestões que vos lançam ao centro d’alma.[...]. Olhai, refleti, ponderai! ... Depois disso, naturalmente, estareis prontos a vigiar e orar com proveito.

3. DESAFIOS DO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Processos educativos

Os conflitos presentes na *era de transição* atingirão, de frente, a organização familiar e a educação dos filhos. Cuidados mais intensos deverão ser estabelecidos, no lar e na escola, a fim de que as provações e desafios não desestremem a família nem a mente dos futuros líderes da sociedade. O período infantil, sobretudo, deverá merecer especial dedicação dos pais e educadores, mais do que usualmente já ocorre.

[...] Cada homem possui, com a existência, uma série de estações e uma relação de dias, estruturadas em precioso cálculo de probabilidades. Razoável se torna que o trabalhador aproveite a primavera da mocidade, o verão das forças físicas e o outono da reflexão, para a grande viagem do inferior para o superior; entretanto, a maioria aguarda o inverno da velhice ou do sofrimento irremediável na Terra, quando o ensejo de trabalho está findo. As possibilidades para determinada experiência jazem esgotadas. Não é o fim da vida, mas o termo de preciosa concessão. E, naturalmente, o servidor descuidado, que deixou para sábado o trabalho que deveria executar na segunda-feira, será obrigado a recapitular a tarefa, sabe Deus quando!¹⁴

Considerando que a *transição* é época de grande desenvolvimento científico e tecnológico, os valores morais nem sempre são devidamente priorizados. O progresso intelectual faz surgir uma humanidade mais instruída, mas nem sempre moralizada.

Até aqui, a humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, resquícios de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave. O homem já não necessita de desenvolver a inteligência, mas de elevar o sentimento; para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho. [...].¹⁵

Assim, é importante considerar que os processos educativos, desenvolvidos dentro ou fora do lar, não devem se resumir a uma educação “[...] que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem.[...]”¹⁶

[...] Bem entendida, a educação, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, como se faz com as plantas novas. Mas essa arte exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro acreditar

que baste o conhecimento da Ciência para exercê-la com proveito. Quem quer que acompanhe o filho do rico, assim como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que atuam sobre eles, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, e como falham quase sempre os meios empregados para moralizá-los, não poderá admirar-se de encontrar tantas imperfeições no mundo. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, também há, em maior número do que se pensa, as que apenas reclamam boa cultura para produzir bons frutos.[...].¹⁷

Combate ao egoísmo

É outro desafio a ser enfrentado no *período de transição*, pois a humanidade terá necessidade de ser mais solidária. Segundo os Espíritos da Codificação Espírita, a imperfeição: “[...] mais difícil de extirpar é o egoísmo, porque resulta da influência da matéria, influência de que o homem, *ainda muito próximo de sua origem*, não pôde libertar-se, já que tudo concorre para mantê-la: suas leis, sua organização social, sua educação. [...]”¹⁸

[...] Louváveis esforços são empregados para fazer que a humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época; não obstante, o verme roedor do egoísmo continua a ser a praga social. É um mal real, que se espalha por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Assim, é preciso combatê-lo, como se combate uma moléstia epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: remontando à causa do mal. Que se procurem em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências, patentes ou ocultas, que excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então combatê-las, senão todas ao mesmo tempo, pelo menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. A cura poderá ser demorada, porque numerosas são as causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for cortado pela raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. [...]”¹⁹

Necessidade de crescimento moral

O combate às imperfeições pelo desenvolvimento de virtudes indicará período de crescimento moral da Transição.

A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas [...] Da adolescência ela passa à idade viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos; não mais se deixa levar por ilusões nem por sortilégios; sua razão amadurecida reclama alimentos mais substanciais. O presente é demasiado efêmero; ela sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corpórea é restrita demais para encerrá-lo inteiramente. Por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de descobrir o mistério da sua existência e de adquirir uma consoladora certeza. E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transborda a vida intelectual, em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio [...].²⁰

O apoio de Espíritos esclarecidos

Durante o *período de transição* a misericórdia divina permitirá a reencarnação de Espíritos mais esclarecidos intelectual e moralmente, em todas as regiões da Terra, com a finalidade de amparar a humanidade em suas provas e expiações, orientando-a na busca de soluções pacíficas para superar as dificuldades.

Por ser um momento especial, marcado por conflitos e calamidades, a dor terá efeito impactante, mas com a capacidade de despertar valores sublimes no homem que, mais esclarecido, ainda que sofrido, não se conformará com o sofrimento e com o estado das coisas reinantes, desenvolvendo, então, ações positivas e libertadoras.

Naturalmente que o Mestre não folgará de ver seus discípulos mergulhados no sofrimento. Considerando, porém, as necessidades extensas dos homens da Terra, compreende o caráter indispensável das provações e dos obstáculos. A pedagogia moderna está repleta de esforços seletivos, de concurso de capacidade, de teste da inteligência. O Evangelho oferece situações semelhantes. O amigo do Cristo não deve ser uma criatura sombria, à espera de padecimentos; entretanto, conhecendo a sua posição de trabalho, num plano como a Terra, deve contar com dificuldades de toda sorte. Para os gozos falsificados do

mundo, o Planeta está cheio de condutores enganados. Como invocar o Salvador para a continuidade de fantasias? Quando chamados para o Cristo, é para que aprendamos a executar o trabalho em favor da esfera maior, sem olvidarmos que o serviço começa em nós mesmos. Existem muitos homens de valor cultural que se constituíram em mentores dos que desejam mentirosos regalos no plano físico. No Evangelho, porém, não acontece assim. Quando o Mestre convida alguém ao seu trabalho, não é para que chore em desalento ou repouse em satisfação ociosa. Se o Senhor te chamou, não te esqueças de que já te considera digno de testemunhar.²¹

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. XVIII, item 27, p. 534.
2. _____. Item 28, p. 535.
3. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XXI, item 5, p. 394.
4. _____. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVIII, item 1, p. 514.
5. SOUZA, Juvanir Borges. *Tempo de renovação*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. 16, p. 131.
6. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 742, p. 457-458.
7. _____. Questão 740, p. 456.
8. _____. Questão 741– comentário, p. 457.
9. _____. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVIII, item 9, p. 521-522.
10. _____. p. 522.
11. _____. Item 2, p. 514.
12. _____. Item 10, p. 523.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 8, p. 189-190.
14. _____. Cap. 113, p. 258.

15. KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVIII, item 5, p. 516.
16. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 917– comentário, p. 548.
17. _____. p. 548-549.
18. _____. Questão 917, p. 546.
19. _____. Questão 917– comentário, 548.
20. _____. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVIII, item 14, p. 525-526.
21. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 71. p. 157-158.

Orientações ao monitor

Dividir a turma em grupos para leitura, troca de ideias e elaboração de resumo a respeito dos assuntos desenvolvidos neste Roteiro de Estudo. Pedir-lhes, após esta fase, que apresentem o resumo, em plenário.

Em seguida, o monitor assinala as principais características do período de transição, explicando o valor das provações na melhoria espiritual do ser humano.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 6

AMOR E EVOLUÇÃO

Objetivos

- » Esclarecer por que a capacidade de amar amplia com a evolução do ser humano.

Ideias principais

- » A [...] palavra do Cristo é insofismável. Não nos faremos titulares da Boa-Nova simplesmente através das atitudes exteriores... Precisamos, sim, da cultura que aprimora a inteligência, da justiça que sustenta a ordem, do progresso material que enriquece o trabalho e de assembleias que favoreçam o estudo; no entanto, toda a movimentação humana, sem a luz do amor, pode perder-se nas sombras... Seremos admitidos ao aprendizado do Evangelho, cultivando o reino de Deus que começa na vida íntima [...]. Emmanuel: *Fonte viva*. Cap. 15.
- » [...] Pouco a pouco a alma se eleva e, conforme vai subindo, nela se vai acumulando uma soma sempre crescente de saber e virtude; sente-se mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica mais intimamente com o seu meio social e planetário. [...] Na necessidade de se elevar a si mesmo, atrai a si, para fazê-los chegar ao estado espiritual, todos os seres humanos que povoam os mundos onde viveram. Quer fazer por eles o que por ele fizeram os seus irmãos mais velhos, os grandes Espíritos que

o guiaram na sua marcha. Léon Denis: *O problema do ser, do destino e da dor*. Cap. IX

Subsídios

Ensina Jesus:

Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros. (João, 13:35. Bíblia de Jerusalém).

A [...] palavra do Cristo é insofismável. Não nos faremos titulares da Boa-Nova simplesmente através das atitudes exteriores... Precisamos, sim, da cultura que aprimora a inteligência, da justiça que sustenta a ordem, do progresso material que enriquece o trabalho e de assembléias que favoreçam o estudo; no entanto, toda a movimentação humana, sem a luz do amor, pode perder-se nas sombras... Seremos admitidos ao aprendizado do Evangelho, cultivando o reino de Deus que começa na vida íntima. Estendamos, assim, a fraternidade pura e simples, amparando-nos mutuamente... Fraternidade que trabalha e ajuda, compreende e perdoa, entre a humildade e o serviço que asseguram a vitória do bem. Atendamo-la, onde estivermos, recordando a palavra do Senhor que afirmou com clareza e segurança: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.”¹

1. O AMOR E O PROCESSO EVOLUTIVO HUMANO

Os Espíritos que ainda se encontram nas fases primárias da evolução, desconhecem as mais singelas manifestações do amor uma vez que se acham presos às necessidades básicas, às paixões, determinadas pelo instinto de sobrevivência da espécie. O desenvolvimento do amor, considerado em sua dimensão elevada, é conquista que se amplia durante o processo evolutivo humano.

O amor puro é o reflexo do Criador em todas as criaturas. Brilha em tudo e em tudo palpita na mesma vibração de sabedoria e beleza. É fundamento da vida e justiça de toda a Lei. Surge, sublime, no equilíbrio dos mundos erguidos à glória da imensidade, quanto nas flores anônimas esquecidas no campo.[...] Plasma divino com que

Deus envolve tudo o que é criado, o amor é o hálito dEle mesmo, penetrando o universo. Vemo-lo, assim, como silenciosa esperança do Céu, aguardando a evolução de todos os princípios e respeitando a decisão de todas as consciências. Mercê de semelhante bênção, cada ser é acalentado no degrau da vida em que se encontra.[...] O amor, repetimos, é o reflexo de Deus, Nosso Pai, que se compadece de todos e que a ninguém violenta, embora, em razão do mesmo amor infinito com que nos ama, determine estejamos sempre sob a lei da responsabilidade que se manifesta para cada consciência, de acordo com as suas próprias obras. E, amando-nos, permite o Senhor perlustrarmos sem prazo o caminho de ascensão para Ele, concedendo-nos, quando impensadamente nos consagramos ao mal, a própria eternidade para reconciliar-nos com o bem, que é a sua regra imutável.²

No processo evolutivo seguinte, após a fase primária, acontece as primeiras manifestações do sentimento. Mas, mesmo neste momento da evolução, a criatura humana ainda se encontra muito distante do amor puro, sublimado. E, a partir desse marco, e por muito tempo, permanecerá centrada em si mesma, amando-se mais a si, e pouco ou nada se interessando pelo próximo.

O desenvolvimento do sentimento ocupa, dessa forma, extenso período da caminhada ascensional humana, antes do Espírito sublimá-lo, libertando-se definitivamente das amarras do egoísmo e do orgulho. Aprende, então, a sair de si mesmo e inicia o seu aprendizado junto ao próximo, servindo-o: “Auxiliarás por amor nas tarefas do benefício [...]. Enxergarás, nos que te rodeiam, irmãos autênticos, diante da Providência divina. Ajudarás os menos bons para que se tornem bons, e auxiliarás os bons, a fim de que se façam melhores.”³

[...] Existe, no entanto, nos trabalhos da Boa-Nova, um tipo de cooperador diferente. Louva o Senhor com pensamentos, palavras e atos, cada dia. Distribui o tesouro do bem, por intermédio do verbo consolador, sempre que possível. Escreve conceitos edificantes, em torno do Evangelho, toda vez que as circunstâncias lho permitem. Ultrapassa, porém, toda pregação falada ou escrita, agindo incessantemente na sementeira do bem, em obras de sacrifício próprio e de amor puro, nos moldes de ação que o Cristo nos legou. Não pede recompensa, não pergunta por resultados, não se sintoniza com o mal. Abençoa e ajuda sempre. Semelhante companheiro é conhecido por verdadeiro discípulo do Senhor, por muito amar.⁴

Nessas condições, o homem, classificado de Espírito Superior, possui conhecimento intelectual associado à vivência da lei de amor, como consta na Escala Espírita, no que diz respeito à segunda e primeira ordem dos Espíritos:

Segunda ordem – Bons Espíritos

1. Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para fazer o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados aliam o saber às qualidades morais.[...].⁵³

2. [...] Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, fonte de inefável ventura, não se alterando nem pela inveja, nem pelo remorso, nem por nenhuma das más paixões que constituem o tormento dos Espíritos imperfeitos. Mas todos ainda tem que passar por provas, até que atinjam a perfeição absoluta.[...].⁵³

3. [...] Como Espíritos, sugerem bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida os que se tornam dignos dessa proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles que não se comprazem em sofrê-la. Quando encarnados, são bons e benevolentes com os seus semelhantes. Não são movidos pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem. A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de *bons gênios*, *gênios protetores*, *Espíritos do bem*. [...].⁵

Primeira ordem – Espíritos Puros

1. [...] Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens. [...] Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria.⁶

2. [...] Gozam de inalterável felicidade, porque não estão sujeitos nem às necessidades, nem às vicissitudes da vida material; essa

felicidade, porém, não é a de *ociosidade monótona vivida em perpétua contemplação*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e designam suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, estimulá-los ao bem ou à expiação das faltas que os mantêm distanciados da suprema felicidade é, para eles, ocupação agradabilíssima. São designados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.⁶

Compreende-se, então, que antes do Espírito atingir as faixas superiores da evolução, ele desenvolve o aprendizado necessário, ao longo das reencarnações e das vivências no plano espiritual. Não somente a espécie humana está submetida ao amor, mas todos os seres vivos e coisas criadas por Deus:

[...] O amor é a lei própria da vida e, sob o seu domínio sagrado, todas as criaturas e todas as coisas se reúnem ao Criador, dentro do plano grandioso da unidade universal. Desde as manifestações mais humildes dos reinos inferiores da natureza, observamos a exteriorização do amor em sua feição divina. Na poeira cósmica, sínteses da vida, temos as atrações magnéticas profundas; nos corpos simples, vemos as chamadas “precipitações” da química; nos reinos mineral e vegetal verificamos o problema das combinações indispensáveis. Nas expressões da vida animal; observamos o amor em tudo, em gradações infinitas, da violência à ternura, nas manifestações do irracional. [...].⁷

Com a melhoria gradual, o Espírito encontra inúmeras oportunidades de expressar o amor, que passa a lhe dirigir a existência.

[...] No caminho dos homens é ainda o amor que preside a todas as atividades da existência em família e em sociedade. Reconhecida a sua luz divina em todos os ambientes, observaremos a união dos seres como um ponto sagrado, referência dessa lei única que dirige o universo. Das expressões de sexualidade, o amor caminha para o supersexualismo, marchando sempre para as sublimadas emoções da espiritualidade pura, pela renúncia e pelo trabalho santificantes, até alcançar o amor divino, atributo dos seres angelicais, que se edificaram para a união com Deus, na execução de seus sagrados desígnios do universo.⁸

2. ESPÍRITOS SUPERIORES: EQUILÍBRIO ENTRE O SABER E A MORALIDADE

A natureza não dá saltos, em termos evolutivos. Da mesma forma, um Espírito só passa de uma categoria para outra mais elevada se já adquiriu toda soma de aprendizado naquele o estágio evolutivo onde estagiava. “[...] Desse modo, a mais singela conquista interior corresponde para a nossa alma a horizontes novos, tanto mais amplos e mais belos, quanto mais bela e mais ampla se faça a nossa visão espiritual. [...]”.⁹

Desde o momento da sua criação, o Espírito está destinado à perfeição:

“A alma contém, no estado virtual, todos os germens dos seus desenvolvimentos futuros. É destinada a conhecer, adquirir e possuir tudo. [...] Para realizar os seus fins, tem de percorrer, no tempo e no espaço, um campo sem limites. É passando por inúmeras transformações, no fim de milhares de séculos, que o mineral grosseiro se converte em diamante puro, refratando mil cintilações. Sucede o mesmo com a alma humana.[...]”.¹⁰

Trata-se de uma lei universal que se aplica à evolução biológica, propriamente dita, e ao aperfeiçoamento moral e intelectual do Espírito.

[...] Pouco a pouco a alma se eleva e, conforme vai subindo, nela se vai acumulando uma soma sempre crescente de saber e virtude; sente-se mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica mais intimamente com o seu meio social e planetário. Elevando-se cada vez mais, não tarda a ligar-se por laços pujantes às sociedades do Espaço e depois ao Ser universal. Assim, a vida do ser consciente é uma vida de solidariedade e liberdade. Livre dentro dos limites que lhe assinalam as leis eternas, faz-se o arquiteto do seu destino. O seu adiantamento é obra sua. Nenhuma fatalidade o oprime, salvo a dos próprios atos, cujas consequências nele recaem; mas, não pode desenvolver-se e medrar senão na vida coletiva com o recurso de cada um e em proveito de todos. Quanto mais sobe, tanto mais se sente viver e sofrer em todos e por todos. Na necessidade de se elevar a si mesmo, atrai a si, para fazê-los chegar ao estado espiritual, todos os seres humanos que povoam os mundos onde viveram. Quer fazer

por eles o que por ele fizeram os seus irmãos mais velhos, os grandes Espíritos que o guiaram na sua marcha. [...].¹¹

As diferentes expressões do amor acompanha, assim, todas as aquisições intelectuais e morais do ser em sua longa trajetória evolutiva: da sensação e do instinto animal até aos puríssimos sentimentos angelicais, pois, em suas manifestações, o amor se revela como “[...] um impulso do ser, que o leva para outro ser com o desejo de unir-se a ele. Mas, na realidade, o amor reveste formas infinitas, desde as mais vulgares até as mais sublimes.[...]”¹²

[...] Princípio da vida universal, proporciona à alma, em suas manifestações mais elevadas e puras, a intensidade de radiação que aquece e vivifica tudo em roda de si; é por ele que ela se sente estreitamente ligada ao Poder divino, foco ardente de toda a vida, de todo o amor. [...] O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, sol das almas, que Deus mais eficazmente atua no mundo. Por ele atrai para si todos os pobres seres retardados nos antros da paixão, os Espíritos cativos na matéria; eleva-os e arrasta-os na espiral da ascensão infinita para os esplendores da luz e da liberdade. O amor conjugal, o amor materno, o amor filial ou fraterno, o amor da pátria, da raça, da humanidade, são refrações, raios refratados do amor divino, que abrange, penetra todos os seres, e, difundindo-se neles, faz rebentar e desabrochar mil formas variadas, mil esplêndidas florescências de amor.[...]¹³

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 15, p. 46-47.
2. _____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 30, p.125-127.
3. _____. *Alma e coração*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: Pensamento – Cultix, 2006. Cap. 39, p. 87-88.
4. _____. *Fonte viva*. Op. Cit. Cap. 63, p. 164.
5. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 107, p. 132-133.
6. _____. Questão 113, p. 135.

7. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 322, p. 255..
8. _____. p. 255-256.
9. _____. *Vozes do grande além*. Por diversos Espíritos. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Cap. 12 (Esclarecimento-mensagem do Espírito André Luiz), p. 57.
10. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Primeira edição especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte, cap. IX, p. 161-162.
11. _____. p. 162-163.
12. _____. Terceira parte, cap. XXV, p. 507.
13. _____. p. 507-508.

Orientações ao monitor

1. Realizar uma breve explanação sobre o desenvolvimento do amor integrado ao natural processo evolutivo do ser humano.
2. Pedir aos participantes que leiam o Roteiro de Estudo, silenciosa e reflexivamente, destacando pontos considerados importantes.
3. Em plenária, debater o assunto, dirigindo perguntas à turma, previamente elaboradas.
4. Ao final, o monitor deve fazer uma síntese dos pontos mais importantes que foram estudados.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 7

O HOMEM DE BEM

Objetivos

- » Relacionar as principais características do homem de bem.
- » Esclarecer porque o homem de bem conhece e pratica os ensinamentos do Evangelho.

Ideias principais

- » *Não há árvore boa que dê fruto mau, e nem árvore má que dê fruto bom; com efeito, uma árvore é conhecida por seu próprio fruto; não se colhem figos de espinheiros. Nem se vindimam uvas de sarças. O homem bom, do bom tesouro do coração, tira o que é bom, mas o mau, do seu mal tira o que é mau; porque a boca fala daquilo de que está cheio o coração. Jesus (Lucas, 6:43-45. Bíblia de Jerusalém)*
- » *O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza. Se interroga a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros tudo quanto queria que os outros lhe fizessem. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 918.*

Subsídios

Independentemente da situação social, cargo ou posição que ocupe na vida, o homem de bem é logo reconhecido pela sociedade, uma vez que as suas obras falam por si, como assevera o seguinte texto evangélico, anotado por Lucas:

Não há árvore boa que dê fruto mau, e nem árvore má que dê fruto bom; com efeito, uma árvore é conhecida por seu próprio fruto; não se colhem figos de espinheiros. Nem se vindimam uvas de sarças. O homem bom, do bom tesouro do coração, tira o que é bom, mas o mau, do seu mal tira o que é mau; porque a boca fala daquilo de que está cheio o coração. (Lucas, 6:43-45. Bíblia de Jerusalém).

Perante tais palavras de Jesus, esclarece Emmanuel:¹

Árvore alguma será conhecida ou amada pelas aparências exteriores, mas sim pelos frutos, pela utilidade, pela produção. Assim também nosso espírito em plena jornada... Ninguém que se consagre realmente à verdade dará testemunho de nós pelo que parecemos, pela superficialidade de nossa vida, pela epiderme de nossas atitudes ou expressões individuais percebidas ou apreciadas de passagem, mas sim pela substância de nossa colaboração no progresso comum, pela importância de nosso concurso no bem geral.

— “Pelos frutos os conhecereis” — disse o Mestre.

— “Pelos nossas ações seremos conhecidos” — repetiremos nós.

Sabemos, contudo, que praticar o bem no mundo atual representa enorme desafio face os conflitos, interesses e perturbações presentes na sociedade. Nem sempre é fácil discernir se uma ação no bem está, a rigor, relacionada à prática da caridade, pura e simples, ou se é movida por interesses ou para a obtenção de vantagens pessoais. Desta forma, o homem de bem encontra uma série de obstáculos para auxiliar o próximo, despretensiosamente. Deve, entretanto, perseverar, jamais desanimando, mas seguir o conselho do amigo espiritual: “[...] Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também vos levará a praticar o bem [...]. Para fazer-se o bem, é preciso sempre a ação da vontade [...]”²

Perante tal ordem de ideias, Bezerra de Menezes traça o roteiro para os que aspiram se transformar em homens de bem:³

...Se indagares, ainda hoje, quanto à solução dos problemas que vos afligem a atualidade terrestre, a *resposta-síntese* ainda é aquela de há quase [mais de] dois mil anos: “caridade de uns para com os outros”. Caridade que vos expresse em respeito e entendimento fraternal no relacionamento de cada dia. Caridade que se torne gentileza diante da agressividade; paciência para com o desequilíbrio; fé viva perante as chamadas desilusões do caminho; otimismo à frente das provas; bênção para todos aqueles que amaldicionam; auxílio para com os mais jovens na experiência física, em forma de bondade e compreensão das lutas que porventura carreguem; reconforto em favor de equantos se vejam transitoriamente detidos na madureza avançada do corpo em marcha perante a renovação...Caridade dos que sabem, ajudando fraternalmente aos que ignoram; dos que usufruem saúde corpórea diante de quantos se vejam corroídos pelos agentes da enfermidade; dos mais fortes, sustentando os fracos e indecisos; dos que entesouram esperança em socorro dos que jazem exaustos nos problemas inquietantes da vida; dos que podem distribuir, pelo menos, migalhas de auxílio, no amparo aos que se viram encarcerados em abatimento e penúria; dos que são apoiados pela realização dos próprios ideais na sustentação dos que choram de angústia; de todos os que podem auxiliar, desse ou daquele modo, para construir o Mundo Melhor. Tão somente a caridade — luz divina — a fluir de nós na direção dos outros, conseguiremos melhorar o que somos e o que temos, para sermos o que nos cabe ser e alcançar os valores que desejamos.

1. O HOMEM DE BEM

As principais características do homem de bem foram devidamente destacadas por Allan Kardec, cuja síntese apresentamos em seguida.

- » O homem de bem pratica a lei de Deus.
 1. O Espírito prova a sua elevação, quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando compreende antecipadamente a vida espiritual.⁴
 2. O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade na sua maior pureza. Se interroga a própria

consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não violou essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem *que podia*, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim, se fez aos outros tudo quanto queria que os outros lhe fizessem.⁵

» O homem de bem é portador de fé verdadeira.

[...] Tem fé em Deus, em sua bondade, na sua justiça e em sua sabedoria. Sabe que nada acontece sem a sua permissão e se submete à sua vontade em todas as coisas. Tem fé no futuro, razão pela qual coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.[...].⁶

» O homem de bem é caridoso.

1. [...] Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte e sacrifica sempre seus interesses pela justiça. [...].⁷

2. [...] Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, em fazer feliz os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar do interesse dos outros antes do seu próprio interesse [...].⁸

» O homem de bem é humanitário.

1. [...] É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças. [...].⁵

2. [...] Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que não pensam como ele. Em todas as circunstâncias, a caridade é o seu guia, pois está ciente de que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amor o próximo e não merece a clemência do Senhor.[...].⁸

3. [...] Se a ordem social colocou outros homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. [...].⁵

4. [...] Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da natureza lhes concedem, como gostaria que respeitassem os seus.⁹

» O homem de bem é virtuoso.

1. [...] Não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas, não se lembrando senão dos benefícios, por saber que lhe será perdoado conforme houver perdoado. É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e se recorda destas palavras do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.” Não se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem em evidenciá-los. Se a necessidade a isto o obriga, procura sempre o bem que possa atenuar o mal [...].⁸

2. [...] Não é vingativo; A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois sabe que *será perdoado na medida em que houver perdoado* [...].⁵

3. [...] Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Emprega todos os esforços para poder dizer, no dia seguinte, que traz em si alguma coisa melhor do que na véspera. Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a custo de outrem; ao contrário, aproveita todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros. Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado [...].¹⁰

» O homem de bem conhece a transitoriedade dos bens materiais

[...] Usa, mas não abusa, dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o emprego mais prejudicial que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões. Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram. O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente [...].¹⁰

Obviamente não estão assinaladas, aqui, todas as qualidades do homem de bem, mas aquelas que se destacam, que em síntese, indicam que a prática do bem é inseparável das orientações do Evangelho, pois a moral do Cristo se resume na vivência da Lei do Amor.

É por este motivo que o homem de bem conhece e se esforça para vivenciar os ensinamentos do Cristo, pois, ensina o Espiritismo:¹¹

[...] Cristo foi o iniciador da moral mais pura, da mais sublime: a moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de Todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, à qual a natureza está submetida, que se cumpre, e o *Espiritismo* é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a humanidade avance.[...].

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap.7, p. 29-30.
2. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XV, item 10 (mensagem do Espírito Paulo, o apóstolo), p. 308.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Bezerra, Chico e você*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. São Bernardo do Campo [SP]: GEEEM, 1973. Cap.13, p. 32-33.
4. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 918, p. 550.
5. _____. Questão 918 – comentário, p. 550.
6. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVII, item 3, p. 335.
7. _____. p. 335-336.
8. _____. p. 336.
9. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 918 – comentário, p. 551.
10. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVII, item 3, p. 337.
11. _____. Op. Cit. Cap. 1, item 9, p. 63

Orientações ao monitor

No início da reunião, pedir aos participantes que façam leitura reflexiva do texto em anexo, do Espírito Emmanuel (*O homem bom*).

Após a leitura, analisar, em plenária, as principais ideias desenvolvidas pelo autor espiritual.

Em seguida, projetar em multimídia (retroprojetor ou cartaz) as principais qualidades do homem de bem, pedindo à turma que interprete os conceitos anunciados.

Ao final, apresentar uma síntese do assunto estudado.

Anexo

O homem bom*

Emmanuel

Reunião pública de 6/7/59

Questão nº 918

Conta-se que Jesus, após narrar a Parábola do Bom Samaritano, foi novamente interpelado pelo doutor da lei, que, alegando não lhe haver compreendido integralmente a lição, perguntou, sutil:

— Mestre, que farei para ser considerado homem bom?

Evidenciando paciência admirável, o Senhor respondeu:

— Imagina-te vitimado por mudez que te iniba a manifestação do verbo escorreito e pensa quão grato te mostrarias ao companheiro que falasse por ti a palavra encarcerada na boca.

“Imagina-te de olhos mortos pela enfermidade irremediável e lembra a alegria da caminhada, ante as mãos que te estendessem ao passo incerto, garantindo-te a segurança.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: o homem bom, p. 185-187.

“Imagina-te caído e desfalecente, na via pública, e preliba o teu consolo nos braços que te oferecessem amparo, sem qualquer desrespeito para com os teus sofrimentos.

“Imagina-te tocado por moléstia contagiosa e reflete no contentamento que te iluminaria o coração, perante a visita do amigo que te fosse levar alguns minutos de solidariedade.

“Imagina-te no cárcere, padecendo a incompreensão do mundo, e recorda como te edificaria o gesto de coragem do irmão que te buscasse testemunhar entendimento.

“Imagina-te sem pão no lar, arrostando amargura e escassez, e raciocina sobre a felicidade que te apareceria de súbito no amparo daqueles que te levassem leve migalha de auxílio, sem perguntar por teu modo de crer e sem te exigir exames de consciência.

“Imagina-te em erro, sob o sarcasmo de muitos, e mentaliza o bálsamo com que te acalmarias, diante da indulgência dos que te desculpassem a falta, alentando-te o recomeço.

“Imagina-te fatigado e intemperante e observa quão reconhecido ficarias para com todos os que te ofertassem a oração do silêncio e a frase de simpatia.”

Em seguida ao intervalo espontâneo, indagou-lhe o divino Amigo:

— Em teu parecer, quais teriam sido os homens bons nessas circunstâncias?

— Os que usassem de compreensão e misericórdia para comigo — explicou o interlocutor.

— Então — repetiu Jesus com bondade —, segue adiante e faz também o mesmo.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 8

OS BONS ESPÍRITAS

Objetivos

- » Citar as principais características dos bons espíritas.
- » Explicar como se identifica o verdadeiro espírita.

Ideias principais

- » Os sinceros adeptos mais sinceros do Espiritismo [...] *não são os que se sentem tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para suas almas; os a quem liberta das torturas da dúvida; aqueles a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza, que lhes trouxe, acerca do futuro, no conhecimento do seu ser espiritual e de seus destinos. Esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem. Os que no Espiritismo unicamente procuram efeitos materiais, não lhe podem compreender a força moral.* [...]. Allan Kardec. *A gênese*: Cap. XV, Item 28.
- » *Outra coisa não fazem os espirítistas, em matéria doutrinária, que não seja admitir os ensinamentos do Cristo, nosso Mestre.* [...]. Carlos Imbassahy. *Religião*: Item: O Cristianismo.
- » [...] *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.* [...]. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*: Cap. XVII, Item 4.

Subsídios

Ensina o Evangelho o papel que os espíritas devem desempenhar na sociedade :

Ninguém pode servir a dois senhores: com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro (Lucas, 16:13. Bíblia de Jerusalém).

Os espíritas são, portanto, servidores que se empenham em se tornar pessoas de bem, que não ignoram a transitoriedade dos atrativos da vida no plano físico e que servem a Jesus, como Mestre e Senhor. Compreendem, igualmente, que como

[...] o reino do Cristo ainda não é da Terra, não se pode satisfazer a Jesus e ao mundo, a um só tempo. O vício e o dever não se aliam na marcha diária. [...] Cristo é a linha central de nossas cogitações. Ele é o Senhor único, depois de Deus, para os filhos da Terra, com direitos inalienáveis, porquanto é a nossa luz do primeiro dia evolutivo e adquiriu-nos para a redenção com os sacrifícios de seu amor. Somos servos Dele. Precisamos atender-lhe aos interesses sublimes, com humildade. E, para isso, é necessário não fugir do mundo, nem das responsabilidades que nos cercam, mas, sim, transformar a parte de serviço confiada ao nosso esforço, nos círculos de luta, em célula de trabalho do Cristo. A tarefa primordial do discípulo é, portanto, compreender o caráter transitório da existência carnal, consagrar-se ao Mestre como centro da vida e oferecer aos semelhantes os seus divinos benefícios.¹

Nem todas as pessoas que participam de uma Casa Espírita são, efetivamente, espíritas, pois existem diferentes motivos que conduzem uma pessoa ao Centro Espírita. Há, inclusive, as que continuam vinculadas a outras interpretações religiosas, a despeito de apreciarem os ensinamentos do Espiritismo. Em geral, são pessoas espiritualistas, que buscam algo além das condições materiais em que o mundo se encontra mergulhado: “[...] Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Quem quer que creia que em nós existe outra coisa, além da matéria, é *espiritualista*, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações.”²

Sendo assim, antes de ser espírita, propriamente dito, é preciso que o indivíduo seja espiritualista. Este é o primeiro passo. “[...]”

Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de que tem uma alma, é começar por onde se deve acabar, pois não lhe será possível aceitar a conclusão, sem que admita as premissas.[...]”³

[...] Antes, pois, de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio dos fatos, convém nos certificarmos de sua opinião relativamente à alma, isto é, se ele acredita na sua existência, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria pura perda de tempo. Eis aí a regra. Não dizemos que não comporte exceções. Mas, neste caso, provavelmente haverá outra causa que o torna menos refratário.³

O segundo passo é conduzir o adepto ao estudo espírita. Ele necessita esclarecer-se a respeito dos fundamentos doutrinários, quais são as proposições, objetivos e finalidades do Espiritismo. Os cursos regulares de Doutrina Espírita, as palestras evangélico-doutrinárias e os livros espíritas são fundamentais para atender a essa finalidade. Neste contexto, Allan Kardec esclarece:⁴

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Portanto, quem quiser conhecê-lo seriamente deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e convencer-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido como se estivéssemos brincando. Também já dissemos que o Espiritismo diz respeito a todas as questões que interessam à humanidade. Seu campo é imenso e devemos encará-lo principalmente pelas suas consequências. A crença nos Espíritos constitui sem dúvida a sua base, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer um teólogo.

1. CATEGORIAS DOS ADEPTOS DO ESPIRITISMO

Entre os frequentadores das casas espíritas, há um grupo numeroso de simpatizantes da Doutrina Espírita, mas que ainda não se revelam como verdadeiros espíritas: ainda têm muitas dúvidas a respeito dos fatos espíritas ou dos ensinamentos do Espiritismo. Kardec os nomeou de *indecisos*.⁵

[...] São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer

coisa que não podem definir. Falta-lhes apenas coordenar e formular os pensamentos. Para eles o Espiritismo é um traço de luz, a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem com avidez, porque ele os liberta das angústias da incerteza.⁵

Há também um outro grupo, que não deixa de ser singular, denominados pelo Codificador do Espiritismo como de espíritas sem o saberem.⁶

[...] A bem dizer, constituem uma variedade, ou uma subdivisão da classe precedente. Sem jamais terem ouvido falar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos seus grandes princípios e esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que os seus ouvintes presumem que eles são completamente iniciados. Encontramos numerosos exemplos desse fato nos escritores profanos e sagrados, nos poetas, oradores, moralistas e nos filósofos antigos e modernos.⁶

Entre os espíritas, propriamente ditos, os que estudam os postulados da Doutrina Espírita, que conhecem as obras espíritas, sobretudo as básicas, há também diferentes categorias, como assinala Allan Kardec.

1º) os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos. Nós lhes chamaremos *espíritas experimentadores*;⁷

2º) os que veem no Espiritismo mais do que fatos; compreendem sua parte filosófica, admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. A influência da Doutrina sobre o caráter deles é insignificante ou nula. Não modificam em nada os seus hábitos e não se privam de um só prazer. O avarento continua sovina, o orgulhoso se conserva cheio de si, o invejoso e o ciumento são sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os *espíritas imperfeitos*;⁸

3º) os que não se contentam em admirar a moral espírita, mas a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se

por fazer o bem e reprimir seus maus pendores. Suas relações são sempre seguras, porque a convicção que nutrem os afasta de todo pensamento do mal. A caridade é, em tudo, a sua regra de conduta. São os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*;⁸

4º) há, finalmente, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, se sempre tomasse o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo ele incute confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante aos fenômenos do mundo invisível, levando a aceitar, com muita facilidade e sem verificação, aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo e mesmo impossível. O entusiasmo, porém, não reflete: deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos desconfiam, e com razão, do julgamento deles. Graças à boa-fé que os anima, são iludidos pelos Espíritos mistificadores e pelos homens que procuram explorar a sua credulidade. [...].⁹

Os bons espíritas estão incluídos, portanto, na terceira categoria, que é a dos verdadeiros espíritas ou dos espíritas cristãos.

2. CARACTERÍSTICAS DOS BONS ESPÍRITAS

Os bons espíritas não são meros seguidores ou adeptos da Doutrina Espírita. Possuem qualidades que os diferenciam dos demais indivíduos, pois se esforçam em ser bons cristãos. Assemelham-se ao servidor que multiplicou os talentos recebidos de Deus, produzindo inúmeros frutos, como ensina a Parábola dos Talentos (Mateus, 25: 14-30).

Podem ser comparados, também, ao semeador que, movido pelo propósito de auxiliar a seus irmãos em humanidade, espalha a boa semente dos ensinamentos pelos campos do mundo, sem esperar qualquer tipo de retribuição, apenas seguindo as orientações do Evangelho, como consta da Parábola do Semeador (Mateus, 13: 3-9).

[...] Seus mais sinceros adeptos não são os que foram tocados pela observação de fenômenos extraordinários, mas os que dele recebem a consolação para suas almas; os que se libertam da tortura da dúvida; aquele a quem levantou o ânimo na aflição, que hauriram forças na certeza de um futuro feliz, no conhecimento do seu ser espiritual e

de seus destinos. São esses os de fé inabalável, porque sentem e compreendem. Os que não veem no Espiritismo senão efeitos materiais, não podem compreender a sua força moral.[...].¹⁰

O bom espírita é, sobretudo, cristão.

1) [...] Outra coisa não fazem os espiritistas, em matéria doutrinária, que não seja admitir os ensinamentos do Cristo, nosso Mestre.[...].¹¹

2) [...] Crede que o Espiritismo é o restaurador do Cristianismo em sua primitiva e gloriosa pureza e que os espíritas sinceros são, por excelência, na atualidade, os cristãos mais diretamente responsáveis pela substancialização dos ensinamentos que o nosso divino Mestre legou à humanidade.[...].¹²

3) [...] E é assim que, atormentados por dificuldades e crises de toda espécie — aflitiva colheita de velhos males —, cada qual de nós tem necessidade de prosternar-se perante o Mestre divino, à maneira do escriba do Evangelho, guardando n' alma o próprio sonho de felicidade, enfermizo ou semimorto, a exorar em contraditória rogativa: Senhor, eu creio! Ajuda a minha incredulidade!¹³

4) Em todos os instantes, reconhecer-se na presença de Jesus, que nos ampara nas obras do bem eterno. [...] Em todas as circunstâncias, eleger, no Senhor Jesus, o Mestre invariável de cada dia. Somos o rebanho, Jesus é o divino Pastor.¹⁴

O bom espírita na descida da sua melhoria espiritual.

1) [...] *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.*[...].¹⁵

2) [...] Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. Todas as verdades encontram-se no Cristianismo; os erros que nele se arraigaram são de origem humana. E eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade”.¹⁶

3) [...] Espírita é, pois, aquele que estuda, aceita e pratica com fidelidade os salutares princípios doutrinários, erigidos por edificante

monumento tendente a operar, com o tempo, a renovação do espírito humano.[...].¹⁷

O bom espírita sabe exemplificar.

[...] Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina a matéria de modo mais completo, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar as fibras que nos outros se conservam inertes. Numa palavra: *é tocado no coração*, daí por que é inabalável a sua fé. Um é como o músico, a quem bastam alguns acordes para comover, ao passo que o outro apenas ouve sons. [...].¹⁸

O bom espírita esforça-se para ser virtuoso, praticante da caridade.

1) A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. [...] À virtude assim compreendida e praticada que vos convindo, meus filhos; é a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que vos incito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre tiram o encanto das mais belas qualidades. [...].¹⁹

2) [...] Sois chamados a entrar em contato com espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. [...] A perfeição está toda, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas, os deveres da caridade se estendem as todas as posições sociais, desde o menor até o maior. O homem que vivesse isolado não teria nenhuma caridade a praticar. Somente no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais penosas é que ele encontra ocasião de praticá-la. [...].²⁰

3) [...] Não imagineis, portanto, que, para viverdes em constante comunhão conosco, para viverdes sob as vistas do Senhor, seja preciso que vos mortifiqueis com cilício e vos cubrais de cinzas. Não, não, ainda uma vez vos dizemos. Sede felizes, segundo as necessidades da humanidade; mas, que na vossa felicidade nunca entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer que se vele o semblante dos que vos amam e dirigem. Deus é amor; Ele abençoa aqueles que amam santamente.²¹

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 142, p. 299-300.
2. KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. I, Item: Espiritismo e espiritualismo, p. 34.
3. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte, Cap.III, Item 19, p. 47.
4. _____. Item 18, p. 45-46.
5. _____. Item 26, p. 51.
6. _____. Item 27, p. 51.
7. _____. Item 28, p. 51-52.
8. _____. p. 52.
9. _____. p. 52-53.
10. _____. *A gênese: os milagres e as previsões segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. XV, Item 28, p. 417.
11. IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Item: O cristianismo, p. 92.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções psicofônicas*. Por diversos Espíritos. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 63 (Orando e vigiando – mensagem do Espírito Guillon Ribeiro), p. 275.
13. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.21(Discípulos do cristo – mensagem do Espírito Jacinto Fagundes), p. 79.
14. VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 47, p. 153 e 155.
15. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XVII, Item 4, p. 340.
16. _____. Cap. VI, Item 5, p. 153.
17. PERALVA, Martins. *Estudando a mediunidade*. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. XL, p. 280 .
18. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XVII, Item 4, p. 340.
19. _____. Item 8, p. 344.
20. _____. Item 10, p. 348.
21. _____. p. 349.

Orientações ao monitor

Realizar uma breve explanação sobre o assunto deste Roteiro de Estudo, oferecendo visão panorâmica dos seus conteúdos.

Dividir a turma em dois grupos para leitura dos subsídios. Cada grupo deve discutir e elaborar breve apresentação sobre um dos seguintes temas: a) as principais características dos bons espíritas; b) como se reconhece o verdadeiro espírita.

Após as apresentações, realizadas por relatores indicados pelos grupos, fazer uma síntese do estudo, procurando esclarecer dúvidas e fortalecer o entendimento do assunto estudado.

Encerrar o assunto, utilizando as ideias de Emmanuel desenvolvidas na mensagem *Palavras aos espíritas*, inserida em anexo.

Observação: informar aos participantes que o assunto da próxima reunião (*A humanidade regenerada*) será desenvolvido na forma de seminário, por um expositor especialmente convidado. Recomenda, então, à turma, leitura prévia do Roteiro de Estudo, e preparação de um questionário que será dirigido ao expositor no momento apropriado.

Anexo

Palavras aos Espíritas*

Emmanuel

Espiritismo revivendo o Cristianismo — eis a nossa responsabilidade.

Como outrora Jesus revelou a Verdade em amor, no seio das religiões bárbaras de há dois mil anos, usando a própria vida como espelho do ensinamento de que se fizera veículo, cabe agora ao

* XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: Palavras aos espíritas.

Espiritismo confirmar-lhe o ministério divino, transfigurando-lhe as lições em serviço de aprimoramento da humanidade.

Espíritas!

Lembremo-nos de que templos numerosos, há muitos séculos, falam Dele, efetuando porfiosa corrida ao poder humano, olvidando-lhe a abnegação e a humildade.

E porque não puderam acomodar-se aos imperativos do Evangelho, fascinados que se achavam pela posse da autoridade e do ouro, erigiram pedestais de intolerância para si mesmos.

Todavia, a intolerância é a matriz do fratricídio, e o fratricídio é a guerra de conquista em ação. E a lei da guerra de conquista é o império da rapina e do assalto, da insolência e do ódio, da violência e da crueldade, proscrevendo a honra e aniquilando a cultura, remunerando a astúcia e laureando o crime, acendendo fogueiras e semeando ruínas em rajadas de sangue e destruição.

Somos, assim, chamados à tarefa da restauração e da paz, sem que essa restauração signifique retorno aos mesmos erros e sem que essa paz traduza a inércia dos pântanos.

É imprescindível estudar educando, e trabalhar construindo.

Não vos afasteis do Cristo de Deus, sob pena de converterdes o fenômeno em fator de vossa própria servidão às cidadelas da sombra, nem algemeis os punhos mentais ao cientificismo pretensioso.

Mantendo o cérebro e o coração em sincronia de movimentos, mas não vos esqueçais de que o divino Mestre superou a aridez do raciocínio com a água viva do sentimento, a fim de que o mundo moral do homem não se transforme em pavoroso deserto.

Aprendamos do Cristo a mansidão vigilante.

Herdemos do Cristo a esperança operosa.

Imitemos do Cristo a caridade intemerata.

Tenhamos do Cristo o exemplo resoluto.

Saibamos preservar e defender a pureza e a simplicidade de nossos princípios.

Não basta a fé para vencer. É preciso que a fidelidade aos compromissos assumidos se nos Instale por chama inextinguível na própria alma.

Nem conflitos estéreis.

Nem fanatismo dogmático.

Nem tronos de ouro.

Nem exotismos.

Nem perturbação fantasiada de grandeza intelectual.

Nem bajulação às conveniências do mundo.

Nem mensagens de terror.

Nem vaticínios mirabolantes.

Acima de tudo, cultuemos as bases codificadas por Allan Kardec, sob a chancela do Senhor, assinalando-nos as vidas renovadas, no rumo do Bem Eterno.

O Espiritismo, desdobrando o Cristianismo, é claro como o Sol.

Não nos percamos em labirintos desnecessários, porquanto ao espírita não se permite a expectativa da miopia mental.

Sigamos, pois, à frente, destemerosos e otimistas, seguros no dever e leais à própria consciência, na certeza de que o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo está empenhado em nossas mãos.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 9

A HUMANIDADE REGENERADA

Objetivos

- » Assinalar as principais mudanças previstas para o período de Regeneração da Terra, anunciadas por Jesus.
- » Analisar as principais características dos Espíritos que constituirão a geração nova que surgirá no Planeta.

Ideias principais

- » *A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sente com direito. É por isso que se despoja das fraldas da infância e se lança, impelida por uma força irresistível, para margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados. É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de crescimento moral, que ora chega a humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril. [...]. E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transborda a vida em que o sentimento da espiritualidade lhe desabrocha no seio [...]. Allan Kardec: A gênese. Cap. 18, item 14.*

- » *Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade. As estrelas estarão caindo do céu, e os poderes que estão nos céus serão abalados. E verá o Filho do Homem vindo entre nuvens com grande poder e glória. Então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu. Jesus (Marcos, 13:24-27. Sermão Profético. Bíblia de Jerusalém).*

Subsídios

Vimos no Roteiro 5 (*A transição evolutiva da humanidade terrestre*) que Jesus anuncia, no seu Sermão Profético ou Discurso Escatológico (*Mateus 24:6-31; Marcos, 13:1-37; Lucas, 21:5-44*), previsões que caracterizam os períodos de *transição* e de *regeneração* da vida planetária, assim sintetizados por Allan Kardec:

[...] Há, primeiramente a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a humanidade, decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho *restaurado na sua pureza primitiva*; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, que resultará do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será verdadeiramente o reino de Jesus, pois que Ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, visto dizer Ele que “depois dos dias de aflição, virão os de alegria”.¹

Kardec informa também, em *A gênese*, que não se sabe exatamente a data de ocorrência de todos esses acontecimentos. Informa, igualmente, lembrando as previsões de Jesus, que eles serão conhecidos por sinais precursores (“sinais dos tempos”), vinculados à situação de convulsão moral e social do que aos fenômenos materiais: “[...] Esses indícios, porém, não estarão nem no Sol, nem nas estrelas, mas no estado social e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, se podem deduzir das suas alusões”.²

Em razão das palavras finais do Sermão Profético, em seguida expressas, muitos religiosos acreditam que Jesus retornará ao mundo, pela segunda vez, durante o período da *regeneração*:

Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes do céu serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem, e todas as tribos da Terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Ele enviará os seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatros ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu (Mateus, 24: 29-31. Bíblia de Jerusalém).

Vemos, assim, que este texto evangélico não oferece a certeza de que o Cristo retornará ao Planeta por meio de um novo nascimento, tal como aconteceu há mais de mil anos, ou se ele surgirá materializado na atmosfera do globo terráqueo. As palavras finais do Sermão Profético podem ser também simbólicas. Isto é, “o aparecimento” de Jesus no céu pode ser uma referência à época em que a humanidade esteja vivenciando o Evangelho. Algo, porém, temos condições de afirmar, ante as previsões anunciadas: para merecermos a oportunidade de continuar nossa evolução na Terra é preciso fortificar o Espírito durante os desafios da Transição, não adiando o aprendizado nem fugindo dos testemunhos edificadores, característicos do período.

Na *regeneração*, não será suficiente ser servidor da seara do Cristo, mas bom servidor.

O bom trabalhador, no entanto, compreende, antes de tudo, o sentido profundo da oportunidade que recebeu. Valoriza todos os elementos colocados em seus caminhos, como respeita as possibilidades alheias. Não depende das estações. Planta com o mesmo entusiasmo as frutas do frio e do calor. É amigo da natureza, aproveita-lhe as lições, tem bom ânimo, encontra na aspereza da sementeira e no júbilo da colheita igual contentamento. Neste sentido, a lição do Mestre reveste-se de maravilhosa significação. No torvelinho das incompreensões do mundo, não devemos aguardar o reino do Cristo como realização imediata, mas a oportunidade dos homens é permanentemente para a colaboração perfeita no Evangelho, a fim de edificá-lo. [...] Os cegos de espírito continuarão queixosos; no entanto, os que acordaram para Jesus sabem que sua época de trabalho redentor está pronta, não passou, nem está por vir. É o dia de hoje, é o ensejo bendito de servir, em nome do Senhor, aqui e agora...³

O início do Período de Regeneração da humanidade terrestre estará assinalada por importante transformação no seio da sociedade planetária.

Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que lhe são mais opostos, para ela trabalham, mesmo sem o saberem. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas. Aliás, todos sabem quanto ainda deixa a desejar a atual ordem de coisas. Depois de se haver, de certo modo, esgotado todo o bem-estar material que a inteligência é capaz de produzir, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar somente pode achar-se no desenvolvimento moral.⁴

1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PERÍODO DE REGENERAÇÃO

A Era da Regeneração corresponde à fase adulta da humanidade, assim como a Transição assemelha-se à adolescência. As principais características que assinalam o período são as que se seguem.

Crescimento moral

- » A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas; compreende o vazio com que foi embaçada, a insuficiência de suas instituições para lhe dar felicidade; já não encontra, no estado das coisas, as satisfações legítimas a que se sente com direito. É por isso que se despoja das fraldas da infância e se lança, impelida por uma força irresistível, para margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados. É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de *crescimento moral*, que ora chega a humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril. [...]. E é no momento em que ela se encontra muito apertada na esfera material, em que transborda a vida intelectual, em que o sentimento de espiritualidade lhe desabrocha. [...].⁵
- » Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, restando as paixões más; somente esse progresso poderá fazer

que reinem entre as criaturas a concórdia, a paz e a fraternidade. Será ele que derrubará as barreiras que separam os povos, que fará que caiam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos e a se auxiliarem mutuamente e não destinados a viver uns à custa dos outros. Será ainda o progresso moral, secundado então pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, por isso mesmo, aceitas por todos.⁶

Compreensão geral sobre sobrevivência do Espírito

[...] O homem já não caminha às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se lhe revela em sua realidade, isento dos prejuízos da ignorância e da superstição. Já não se trata de uma vaga esperança, mas de uma verdade palpável, tão certa como a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que o seu ser não se acha limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não se interrompe com a morte; que já viveu e tornará a viver e que nada se perde do que já ganhou em perfeição; encontra nas existências anteriores a razão do que é hoje e reconhece que, *pelo que é hoje, poderá deduzir o que virá a ser um dia.*⁷

O amor ao próximo é a base das relações sociais

- » A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não se apoiar sobre base inabalável. Essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos e que mutuamente se apedrejam, visto que, anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: *Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres.* Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, nada pode querer de injusto; que o mal vem dos homens e não dele, todos se considerarão filhos do mesmo Pai e se estenderão as mãos uns aos outros. [...]⁸
- » Se supusermos a maioria dos homens imbuída desses sentimentos, poderemos facilmente imaginar as modificações que daí resultarão para as relações sociais; todos terão por divisa: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para todas as crenças. [...]⁹

Rejeição ao materialismo

Um sinal não menos característico do período em que entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas; na repulsão instintiva que se manifesta contra as ideias materialistas. O Espírito de incredulidade que se apoderara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as levava a rejeitar com a forma a própria substância de toda crença, parece ter sido um sono, a cujo despertar se sente a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, lá onde o vácuo se fizera, procura-se alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.¹⁰

Unidade de crença religiosa

A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, impedida de efetivar-se, desde todos os tempos, pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem que os dissidentes sejam vistos pelos outros como se fossem inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados.¹¹

As mudanças atingirão todas as áreas do saber humano

Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por ideias grandes e generosas — que começam a encontrar eco. É assim que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se impregnam dia a dia de sentimentos mais humanos. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a considerar-se membros de uma grande família; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam, e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para os torneios pacíficos da inteligência [...].¹²

As ideias espíritas servirão de apoio à melhoria espiritual

- » A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que houver chegado. Avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos,

o Espiritismo se encontrará com ela no mesmo terreno. Os homens progressistas descobrirão, nas ideias espíritas, uma poderosa alavanca e o Espiritismo achará, nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo [...].¹³

- » O Espiritismo não cria a renovação social; a maturidade da humanidade é que fará dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo, mais do que qualquer outra doutrina, está apto a secundar o movimento regenerador; por isso, ele é contemporâneo desse movimento. Surgiu no momento em que podia ser útil, visto que também para ele os tempos são chegados. [...] Os espíritos cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se lhes abre à frente, o acolhem como âncora de salvação e suprema consolação.¹⁴

2. A GERAÇÃO NOVA

Raramente ocorre transformação abrupta na vida e no comportamento do ser humano. Assim as primeiras mudanças que transcorrerão no período de transição têm como base as provações, individuais e coletivas, e os flagelos naturais. Nesta fase, a misericórdia divina permitirá a reencarnação de Espíritos mais esclarecidos, intelectual e moralmente, em todas as regiões da Terra, que renascerão com a finalidade de amparar a humanidade em suas provações, e de orientá-la na construção do bem, preparando-a para participar da *regeneração*.

Neste sentido, aconselha o Espírito Doutor Barry em mensagem que faz parte de *A gênese*: “É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que trabalhais; mas era necessário que esses trabalhos fossem elaborados previamente, porque preparam as vias da regeneração pela unificação e pela racionalidade das crenças. Felizes os que os aproveitam desde hoje; será para eles tanto de ganho e de penas poupadas”.¹⁵

A humanidade da Regeneração apresentará características próprias, biológicas e espirituais, com desenvolvimento da inteligência e da moral. Entretanto, no início do período nem todos os habitantes da Terra demonstrarão sinais de efetiva transformação: “Certamente o número de retardatários ainda é grande; mas, que podem eles contra

a onda que se levanta, senão atirar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, ao passo que eles somem com a geração que vai desaparecendo todos os dias a passos largos. [...]”¹⁶

No final da Transição, e nos primeiros tempos da Regeneração, acontecerá grande migração de Espíritos, os que chegam mais aperfeiçoados, e os que partem da Terra “[...] *ainda não tocados pelo sentimento do bem*, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, visto que, se assim não fosse, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso [...]”¹⁷

Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinarem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade. No dizer dos Espíritos, a Terra não deverá transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas. Tudo, pois, se processará exteriormente, como de costume, mas com uma única e capital diferença: uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra, aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e *propenso ao bem*.¹⁷

Características dos Espíritos que constituirão a geração nova:

- » As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais e, sobretudo, das disposições *intuitivas e inatas*, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.¹⁸
- » Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, aliadas ao sentimento *inato* do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*.¹⁸
- » Não se comporá de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas

as ideias progressistas e estejam aptos a secundar o movimento de regeneração.¹⁸

- » Não se deve entender que por meio dessa emigração de Espíritos [todos] sejam expulsos da Terra e relegados para mundos inferiores todos os Espíritos retardatários. Muitos, ao contrário, a ela voltarão, pois se atrasaram porque cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a casca é pior do que o miolo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos prejuízos do mundo corpóreo, a maioria deles verá as coisas de maneira inteiramente diversa da que viam quando em vida, conforme os numerosos exemplos que conhecemos. Para isso, são auxiliados por Espíritos benévolos que por eles se interessam e se dão pressa em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso caminho em que seguiam.¹⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 17, item 56, p. 504.
2. _____. Item 57, p. 505.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 73, p. 161-162.
4. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Op. Cit. Cap. 18, item 6, p. 517.
5. _____. Item 14, p. 525-526.
6. _____. Item 19, p. 529.
7. _____. Item 15, p. 526-527.
8. _____. Item 17, p. 528-529.
9. _____. Item 23, p. 532.
10. _____. Item 22, p. 531.
11. _____. Item 19, p. 530.
12. _____. Item 21, p. 530-531.
13. _____. Item 24, p. 532.
14. _____. Item 25, p. 532-533.
15. _____. Item 9, p. 522.
16. _____. Item 26, p. 533.
17. _____. Item 27, p. 534.
18. _____. Item 28, p. 535.
19. _____. Item 29, p. 536.

Orientações ao monitor

Conforme foi anunciado na reunião anterior, apresentar o convidado aos participantes, esclarecendo-lhes que o seminário será desenvolvido em três etapas assim especificadas:

- a) Exposição do tema, pelo convidado, por 45 minutos.
- b) Perguntas que serão dirigidas ao expositor pela turma.
- c) Debate a respeito de ideias suscitadas a partir das respostas dadas pelo expositor, se for o caso.

O monitor encerra o estudo por meio de breve síntese dos temas estudados.

A HUMANIDADE REGENERADA

Roteiro 10

OS OBREIROS DO SENHOR

Objetivos

- » Esclarecer o significado da expressão “obreiros do Senhor”, à luz da Doutrina Espírita.
- » Explicar por que o espírita é considerado “trabalhador da última hora”.
- » Correlacionar a parábola dos trabalhadores da vinha e a parábola das bodas com a interpretação espírita de obreiros do Senhor.

Ideias principais

- » “Obreiros do Senhor” refere-se aos trabalhadores da seara de Jesus que [...] *houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro motivo, senão a caridade!* [...]. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XX, item 5.
- » *Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem varonil, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser desenvolvidas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. [...]* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. XX, item 3.

- » [...] *Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos trabalhadores da última hora. [...] Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grillhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que nela quisésseis entrar!* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*: Cap. XX, Item 2.
- » Nas parábolas da *vinha* e das *bodas*, em especial, Jesus apresenta as principais características dos obreiros do Senhor, o trabalhador que tem [...] *direito ao salário porque, desde o alvorecer, esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho; era laborioso, apenas lhe faltava o labor.* [...] Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*: Cap. XX, Item 2.

Subsídios

“Obreiros do Senhor”, expressão cunhada pelo Espírito da Verdade, refere-se aos trabalhadores da seara de Jesus que “[...] houverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro motivo, senão a caridade! [...]”¹

Os obreiros do Senhor são Espíritos que renascerão, mais comumente, durante o período de *transição* do Planeta, para cooperar na obra de *regeneração*. Daí o Espírito de Verdade ter afirmado, em mensagem transmitida em Paris, no ano de 1862:

Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores corajosos, pois é aos que não recuaram diante de suas tarefas que Ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Cumprir-se-ão estas palavras: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!”²

A frase final desta mensagem do Espírito de Verdade é semelhante ao último versículo da *parábola dos trabalhadores da vinha*, ensinada por Jesus: *Eis como os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos* (Mateus, 20:16. *Bíblia de Jerusalém*). Parábola que traz notável simbolismo sobre o convite ao trabalho que o Senhor faz as diferentes categorias de servidores, ao longo dos tempos. (Veja no anexo 1, o texto integral da parábola).

Este texto evangélico, *parábola dos trabalhadores da vinha*, foi analisado no roteiro 2, módulo III, Tomo II, parte 2, do programa Religião à Luz do Espiritismo, do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita-EADE, cuja releitura sugerimos.

1. OBREIROS DO SENHOR: SIGNIFICADO ESPÍRITA

Jesus, segundo a *Parábola dos trabalhadores da vinha*, revela-se incansável em sua missão de assalariar servidores para a sua vinha de amor e luz. Desde as primeiras às últimas horas do dia está enviando o amorável chamamento para aos humanos fazerem parte de sua equipe espiritual, para aceitarem o seu jugo, manso e humilde, conforme podemos confirmar em *Mateus*, 11:28-30.

Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem varonil, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser desenvolvidas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que vieram por último, foram anunciados e preditos desde a aurora do advento do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? Recompensa maior. Últimos chegados, os espíritas aproveitam dos labores intelectuais dos seus predecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque seus trabalhos e seus resultados são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre eles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram no meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não mais na base e sim na cumeeira do edifício. Seu, salário, pois, será proporcionado ao mérito da obra [...].³

“Jesus compara o reino dos Céus a um pai que, preocupado com o bem-estar dos filhos e, por entender que a felicidade sem mescla e duradoura repousa no patrimônio moral, procurou-os de forma variada e por intermédio de mensageiros [...]”⁴ Assim, cada hora do dia, indicada no texto evangélico, representa um período de evolução espiritual da humanidade, que pode acontecer durante uma ou mais reencarnações, conforme o grau de aprendizado anteriormente

desenvolvido pelo Espírito. E o trabalhador que se dedica à tarefa, na seara do Cristo, impulsiona não só o próprio progresso espiritual como auxilia a melhoria da comunidade à qual se encontra vinculado. Ninguém está só, pois Jesus vela e aguarda.

[...] O Planeta não é um barco desgovernado. As coletividades humanas costumam cair em desordem, mas as leis que presidem aos destinos da Casa Terrestre se expressam com absoluta harmonia. Essa verificação nos ajuda a compreender que a Terra é a vinha de Jesus. Aí, vemo-lo trabalhando desde a aurora dos séculos e aí assistimos à transformação das criaturas, que, de experiência a experiência, se lhe integram no divino amor. A formosa parábola dos servidores envolve conceitos profundos. Em essência, designa o local dos serviços humanos e refere-se ao volume de obrigações que os aprendizes receberam do Mestre divino. Por enquanto, os homens guardam a ilusão de que o orbe pode ser o tablado de hegemonias raciais ou políticas, mas perceberão em tempo o clamoroso engano, porque todos os filhos da razão, corporificados na Crosta da Terra, trazem consigo a tarefa de contribuir para que se efetue um padrão de vida mais elevado no recanto em que agem transitoriamente. Onde quer que estejas, recorda que te encontras na Vinha do Cristo.[...].⁵

Para a Doutrina Espírita, o obreiro do Senhor, também denominado *trabalhador da última hora*, é o indivíduo que realiza todas as tarefas que lhe cabem no mundo com dedicação, sacrifício e amor. E, por ser o “[...] trabalhador cômico das responsabilidades que lhe competem não se desvia dos caminhos retos [...]”.⁶

Fato incontestável é que, quem trabalha com afinco na vinha do Senhor, vivenciando os seus ensinamentos, consegue alcançar todas as realizações, morais e intelectuais. “[...] As condições essenciais para os trabalhadores são: a constância, o desinteresse, a boa vontade e o esforço que fazem no trabalho que assumiram. Os bons trabalhadores se distinguem por estes característicos.”⁷

As condições desses trabalhadores encontram-se na mensagem, anteriormente citada, *Os Obreiros do Senhor*, do Espírito de Verdade, cujos principais conteúdos merecem ser destacados, em razão da relevância dos seus ensinamentos.¹

- » *Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da humanidade. Felizes os que houverem trabalhado no*

campo do Senhor, com desinteresse e sem outro motivo, senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos pelo cêntuplo do que tiverem esperado. [...].

- » [...] *Felizes os que houveram dito a seus irmãos: “Irmão, trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, pois o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!” [...].*
- » [...] *Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão. Clamarão: “Graça! graça!” Mas o Senhor lhes dirá: “Por que implorais graças, vós que não tivestes piedade dos vossos irmãos e que vos negastes a estender-lhes as mãos, que esmagastes o fraco, em vez de o amparardes? Por que suplicais graças, vós que buscastes a vossa recompensa nos gozos da Terra e na satisfação do vosso orgulho? Já recebestes a vossa recompensa, tal qual a quisestes. Nada mais vos cabe pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra!” [...].*

2. OS ESPÍRITAS PODEM SER QUALIFICADOS DE TRABALHADOR DA ÚLTIMA HORA

Em outra mensagem, que também faz parte de *O evangelho segundo o espiritismo*, o Espírito Constantino, afirma que os espíritas são trabalhadores da última hora, expressando-se desta forma:⁸

[...] Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos trabalhadores da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: “Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer”. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grillhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que nela quisésseis entrar! Eis que chegou o momento de embolsardes o salário; empregai bem a hora que vos resta e jamais esqueçais que a vossa existência, por mais longa que vos pareça, não passa de um momento fugaz na imensidade dos tempos que formam para vós a eternidade.

Destacamos que Constantino está se referindo aos *bons* espíritas, os devotados servidores do Senhor que se esforçam para cumprir a lei de justiça, amor e caridade. Almas que aceitam, despretensiosamente,

a tarefa de conhecer e divulgar a mensagem do consolador prometido por Jesus, que é o Espiritismo, doutrina que revive e explica a mensagem cristã. É necessário, portanto, não ignorar esta exortação de Erasto, um dos iluminados Espíritos da Codificação Espírita:⁹

[...] Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai: os Espíritos elevados estão convosco. Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as convida incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas. Palavras perdidas, bem o sei; mas, não importa! É preciso regardes com os vossos suores o terreno onde deveis semear, porque ele não frutificará e não produzirá senão sob os esforços reiterados da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai! [...].

3. OS OBREIROS DO SENHOR E A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA VINHA

Uma leitura apressada da *Parábola do trabalhador da vinha* (anexo 1) pode nos conduzir ao equívoco de supor que Jesus não estaria sendo justo quanto ao pagamento do salário dos trabalhadores, concedendo-lhes o mesmo valor amoedado, independentemente das horas trabalhadas. Haveria falta de equidade, “[...] efetivamente, se todos os trabalhadores tivessem a mesma capacidade e eficiência. Tal, porém não é o que se verifica. [...] Uma vez, pois, que o mérito de cada obreiro seja aferido, não pelas horas de serviço, mas pela produção, que interessa ao dono do negócio saber se, para dar *o mesmo rendimento*, um precisa de doze horas, outro de nove, outro de seis, outro de três e outro de uma? [...]”¹⁰

O valor de nossos feitos não está nas proporções vultosas desses feitos. Deus não olha para o volume, nem para a quantidade, mas para a *qualidade*. Ele não quer o muito, quer o bom, quer o melhor. É preferível, pois, o pouco bom, ao muito regular. Nossas obras devem ser feitas com alegria e singeleza de coração, sem tédio nem cansaço, sem intenção reservada. A virtude exclui cálculos de

qualquer espécie. [...] É um erro exaurir-nos numa labuta febril e penosa, com o propósito de nos tornarmos mais merecedores aos olhos de Deus [...].¹¹

Ao correlacionar os ensinamentos da *Parábola do trabalhador da vinha* com as características dos “obreiros do Senhor” e o significado de “trabalhador da última hora”, os Espíritos Constantino e Henri Heine consideram, respectivamente, em mensagens inseridas em *O evangelho segundo o espiritismo*, dois pontos fundamentais:

3.1. Mensagem de Constantino: o obreiro recebe o salário de acordo com trabalho executado¹²

- » O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o tenha mantido à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem direito ao salário porque, desde o alvorecer, esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho; era laborioso, apenas lhe faltava o labor.[...].
- » [...] Se, porém, ele se houvesse negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se houvesse dito: “tenhamos paciência, o repouso me é agradável, quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! Quanto mais tarde melhor”; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça.[...].
- » [...] Que dizer, então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, haja empregado as horas destinadas ao labor do dia em praticar atos culposos [...] que, enfim, se tenha deleitado em todas as ignomínias da humanidade? Que será dessa criatura? Bastar-lhe-á dizer à última hora: Senhor, empreguei mal o meu tempo; conserva-me até ao fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, a minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o Senhor lhe dirá: “No momento não tenho trabalho para te dar; desperdiçaste o teu tempo; esqueceste o que havias aprendido; já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, portanto, a aprender e, quando estiveres mais bem-disposto, vem ter comigo e eu porei à tua disposição o meu vasto campo, onde poderás trabalhar a qualquer hora do dia”.[...].

3.2. Mensagem de Henri Heine: em cada reencarnação o obreiro tem oportunidade de aprimorar o seu do trabalho na seara do Cristo¹³

[...] A reencarnação [...] eterniza e precisa a filiação espiritual. O Espírito, chamado a prestar contas do seu mandato terreno, compreende continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou no ar o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na liça, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda justiça de Deus, não mais murmuram: adoram. Tal é um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as que Jesus dirigiu ao povo, o gérmen do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro.

4. OS OBREIROS DO SENHOR E A PARÁBOLA DA FESTA DAS BODAS

Nesta outra parábola de Jesus (veja anexo 2) — estudada no roteiro 6, módulo III, Tomo II, parte 2, do EADE —, há também relação com o significado espírita de obreiros do Senhor. Este é identificado no texto evangélico como os convidados das bodas que se apresentam vestidos com o traje nupcial, próprio para a cerimônia. Entretanto, importa considerar:

[...] Mas não basta ser convidado: não basta dizer-se cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter pureza de coração e praticar a lei segundo o espírito. Ora, a lei está toda inteira nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*. Contudo, entre os que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! É por isso que Jesus falou: Muitos serão *chamados*; *poucos, no entanto, serão escolhidos*.¹⁴

Os convidados para a festa das bodas apresentam características semelhantes aos Espíritos que foram chamados para trabalhar na vinha do Senhor, segundo esta interpretação de Kardec:

[...] Nesta parábola, Jesus compara o reino dos Céus, onde tudo é alegria e felicidade, a uma festa de casamento. Pelos primeiros convidados, Ele se refere aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da sua lei. Os enviados do Senhor são os profetas que os vinham exortar a seguir o caminho da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram ouvidas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que recusam o convite, sob o pretexto de terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se mantêm indiferentes às coisas celestiais.[...].¹⁵

Fazendo análise da parábola, no contexto dos tempos atuais, Emmanuel, desenvolve uma linha de raciocínio que leva em consideração o ensinamento de Jesus e, também, o pensamento de Allan Kardec, como se percebe no seguinte texto:

Reconhecendo, embora, a alusão de Jesus aos povos de seu tempo, quando traçou a parábola do festim das bodas, recordemos o caráter funcional do Evangelho e busquemos a versão prática da lição para os nossos dias. Compreendendo-se que todos os recursos da vida são pertences de Deus, anotaremos o divino convite à lavoura do bem, em cada lance de nossa marcha. Os apelos do Céu, em forma de concessões, para que os homens se ergam à Lei do Amor, voam na Terra em todas as latitudes. Todavia, raros registram-lhes a presença. Há quem recebe o dote da cultura, bandeando-se para as fileiras da vaidade; quem recolhe a mordomia do ouro, descendo para os antros da usura; quem senhoreia o tesouro da fé preferindo ajustar-se ao comodismo da dúvida malfazeja; quem exhibe o talento da autoridade, isolando-se na fortificação da injustiça; quem dispõe da riqueza das horas, mantendo-se no desvão da ociosidade, e quem frui o dom de ajudar, immobilizando-se no palanque da crítica. Quase todos os detentores dos privilégios sublimes lhes conspurcam a pureza. Contudo, quando mais se acreditam indenados de responsabilidade e trabalho, eis que surge o sofrimento por mensageiro mais justo, convocando bons e menos bons, felizes e infelizes, credores e devedores, vítimas e verdugos ao serviço da perfeição, e, sacudidos nos refochos do próprio ser, os pobres retardatários anseiam libertar-se do egoísmo e da sombra, consagrando-se, enfim, à obra do bem de todos, em cuja exaltação é possível reter a celeste alegria. Entretanto, ainda

aí, repontam, desditosos, espíritos rebeldes, agressivos e ingratos. Para eles, porém, a vida, nessa fase, reserva tão-somente a cessação do ensejo de avanço e reajuste, porquanto, jugulados pela própria loucura, são forçados na treva a esperar que o futuro lhes oferte ao caminho o tempo expiatório em cárceres de dor. Desse modo, se a luta vos concita a servir para o reino de Deus, com a aflição presidindo os vossos novos passos, tende na paciência a companheira firme, a fim de que a humildade, por excelsa coroa, vos guarde o coração na beleza e na alvura da caridade em Cristo, que vos fará vestir a túnica da paz no banquete da luz.¹⁶

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. XX, item 5, p. 389.
2. _____. p. 389-390.
3. _____. Item 3, p. 384-385.
4. MOUTINHO, João de Jesus. *Código do reino*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB: 2009. Cap.10, p. 46.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap 29, p. 73-74.
6. _____. Cap. 28, p. 72.
7. SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 20. ed. Matão [SP]: O Clarim, 2000. Primeira parte, Item: Parábola dos trabalhadores da vinha, p.54.
8. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XX, item 2, p. 383-384.
9. _____. Item 4, p. 386.
10. CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Item: Parábolas dos trabalhadores e das diversas horas do trabalho, p. 31.
11. VINICIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Item: Últimos que serão primeiros, p. 137.
12. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. XX, item 2, p. 382-383.
13. _____. Item 3, p. 385.
14. _____. Cap. XVIII, item 2, p. 357.
15. _____. p. 355.
16. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: Versão prática, p. 111-113.

Orientações ao monitor

1. Realizar breve explanação sobre o significado espírita de obreiros do Senhor e por que o espírita pode ser considerado o “trabalhador da última hora”.
2. Pedir aos participantes que façam leitura silenciosa dos anexos um e dois (Parábola dos Trabalhadores da Vinha e Parábola das Bodas, respectivamente).
3. Em seguida, fazer correlação das ideias presentes em ambas as parábolas com a interpretação espírita de obreiros do Senhor, por meio da técnica de discussão circular. Neste sentido, é importante preparar, previamente, questões que favoreçam essa correlação e a aplicabilidade da dinâmica.
4. Fazer o fechamento do estudo com narração, resumida, do significado de “servo”, interpretado pelo Espírito Irmão X no texto *Parábola do servo* que integra o anexo três.

Anexo 1

Parábola dos Trabalhadores da Vinha

Mateus, 20:1-16. Bíblia de Jerusalém

1. Porque o reino dos céus é semelhante ao pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha.
2. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, mandou-os para a vinha.
3. Tornando a sair pela hora terceira, viu outros que estavam na praça, desocupados,
4. E disse-lhes: Ide, também vós para a vinha, e eu vos darei o que for justo.
5. Eles foram. Tornando a sair pela hora sexta e pela hora nona, fez a mesma coisa.

6. E saindo pela hora undécima, encontrou outros que lá estavam e disse-lhes: Por que ficais aí o dia inteiro sem trabalhar?
7. Responderam: Porque ninguém nos contratou. Disse-lhes: Ide, também vós, para a vinha.
8. Chegada a tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário começando pelos últimos até aos primeiros.
9. Vindo os da hora undécima, receberam um denário cada um.
10. E vindo os primeiros, pensaram que receberiam mais, mas receberam um denário cada um também eles.
11. Ao receber, murmuravam contra o pai de família, dizendo:
12. Estes últimos fizeram uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor do sol.
13. Ele, então, disse a um deles: Amigo, não fui injusto contigo. Não combinamos um denário?
14. Toma o que é teu e vai. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti.
15. Não tenho o direito de fazer o que quero com que é meu? Ou estás com ciúme porque sou bom?
16. Eis como os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.

Anexo 2

Parábola das Bodas (Festa ou Banquete das Bodas).

Mateus, 22:1-14. Bíblia de Jerusalém

1. Jesus voltou a falar-lhes em parábolas e disse:
2. O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as núpcias do seu filho.
3. Enviou seus servos para chamar os convidados às núpcias; mas estes não quiseram vir.

4. Tornou a enviar outros servos, recomendando: Dizei aos convidados: eis que preparei meu banquete, meus touros e cevados já foram degulados e tudo está pronto. Vinde às núpcias.
5. Eles, porém, sem darem menor atenção, foram-se, um para o seu campo, outro para o seu negócio, e os restantes, agarrando os servos, os maltrataram e os mataram.
6. Diante disso, o rei ficou com muita raiva e, mandando as suas tropas, destruiu aqueles homicidas e incendiou-lhes a cidade.
7. Em seguida, disse aos servos: As núpcias estão prontas, mas os convidados não eram dignos.
8. Ide, pois, às encruzilhadas e convidai para as núpcias todos os que encontrardes.
9. E esses servos, saindo pelos caminhos, reuniram todos os que encontraram, maus e bons, de modo que a sala nupcial ficou cheia de convidados.
10. Quando o rei entrou examinar os convidados, viu ali um homem sem as veste nupcial e disse-lhe: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? Ele, porém, ficou calado.
11. Então disse o rei aos que serviam: Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes.
12. Com efeito, muitos são chamados, mas poucos escolhidos.

Anexo 3

Parábola do Servo*

Irmão X (Humberto de Campos)

Na linha divisória em que se encontram as regiões da Terra e do Céu, nobre Espírito, exibindo alva túnica, solicitava passagem, suspirando pela divina ascensão.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Estante da vida*. Pelo Espírito Irmão X (Humberto de Campos). 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 36.

Guardava a pureza exterior de um lírio sublime, falava docemente como se harpa melodiosa lhe habitasse as entranhas e mostrava nos olhos a ansiedade e a timidez da andorinha sequiosa de primavera.

O anjo do pórtico ouviu-lhe o requerimento com atenção e, admirando-lhe a brancura da veste, conduziu-o à balança de precisão para observar-lhe o peso vibratório.

Contudo, o valioso instrumento foi contra ele. O clima interno do candidato não lhe correspondia à indumentária brilhante.

À frente das lágrimas tristes que lhe vertiam dos olhos, o funcionário divino exortou-o, otimista:

— Desce à Terra e planta o amor cada dia. A colheita da caridade dar-te-á íntima luz, assegurando-te a elevação.

O Espírito faminto de glória celestial renasceu entre os homens e, sempre cauteloso na própria apresentação, muniu-se de casa enorme, adquirida ao preço de inteligência e trabalho, e começou a fazer o bem por intermédio das mãos que o serviam.

Criados numerosos eram mobilizados por ele, na extensão da bondade aqui e ali...

Espalhava alimentação e agasalho, alívio e remédio, através de largas faixas de solo, explorando com felicidade os negócios materiais que lhe garantiam preciosa receita.

Depois de quase um século, tornou à justiceira aduana.

Trazia a roupa mais alva, mais linda.

Ansiava subir às esferas superiores, mas, ajustado à balança, com tristeza verificou que o peso não se alterava.

O Anjo abraçou-o e explicou:

— Pelo teu louvável comportamento, junto à posses humanas, conquistaste a posição de provedor e, por isso, a tua forma é hoje mais bela; no entanto, para que adquiras o clima necessário à vida no Céu, é indispensável regresses ao mundo, nele plantando as bênçãos do amor.

O Espírito, embora desencantado, voltou ao círculo terreno. Todavia, preocupado com a opinião dos contemporâneos, fez-se hábil político, estendendo o bem, por todos os canais e recursos ao seu alcance.

Movimentou verbas imensas construindo estradas e escolas, estimulando artes e indústrias, ajudando a milhares de pessoas necessitadas.

Quase um século se esgotou sobre as novas atividades, quando a morte o reconduziu à conhecida fronteira.

Trazia ele uma túnica de beleza admirável, mas, levado a exame, a mesma balança revelou-se desfavorável.

O fiscal amigo endereçou-lhe um olhar de simpatia e disse, bondoso:

— Trouxeste agora o título de administrador e, em razão disso, a tua fronte aureolou-se de vigorosa imponência... Para que ascendas, porém, é imprescindível retornes à carne para a lavoura do amor.

Não obstante torturado, o amigo do Céu reencarnou no plano físico, e, fundamente interessado em preservar-se, ajuntou milhões de moedas para fazer o bem. Extensamente rico de cabedais transitórios, assalariou empregados diversos que o representavam junto dos infelizes, distribuindo a mancheias socorro e consolação.

Abençoado de muitos, após quase um século de trabalho voltou à larga barreira.

O aferidor saudou-lhe a presença venerável, porque da roupagem augusta surgiam novas cintilações.

Apesar de tudo, ainda aí, depois de longa perquirição, os resultados lhe foram adversos.

Não conseguira as condições necessárias ao santo cometimento.

Debulhado em lágrimas, ouviu o abnegado companheiro, que informou prestimoso:

— Adquiriste o galardão de benfeitor, que te assegura a insígnia dos grandes trabalhadores da Terra, mas, para que te eleves ao Céu, é imperioso voltes ao plano carnal e semeies o amor.

Banhado em pranto, o aspirante à morada divina ressurgiu no corpo denso, e, despreocupado de qualquer proteção a si mesmo, colocou as próprias mãos no serviço aos semelhantes... Capaz de possuir, renunciou às vantagens da posse; induzido a guardar consigo as rédeas do poder, preferiu a obediência para ser útil, e, embora muita vez bafejado pela fortuna, dela se despreendeu a benefício dos outros,

sem atrelá-la aos anseios do coração... Exemplificou o bem puro, sossegou aflições e lavou chagas atrozes... Entrou em contato com os seres mais infelizes da Terra. Iluminou caminhos obscuros, levantou caídos da estrada, curvou-se sobre o mal, socorrendo-lhe as vítimas, em nome da virtude... Paralisou os impulsos do crime, apagando as discórdias e dissipando as trevas... Mas a calúnia cobriu-o de pó e cinza, e a perversidade, investindo contra ele, rasgou-lhe a carne com o estilete da ingratidão.

Depois de muito tempo, ei-lo de volta ao sítio divino.

Não passava, porém, de miserável mendigo, a encharcar-se de lodo e sangue, amargura e desilusão.

— Ai de mim! — soluçou junto ao vigilante da Grande Porta — se de outras vezes, envergando veste nobre não consegui favorável resposta ao meu sonho, que será de mim, agora, coberto de barro vil?

O guarda afagou-o, enternecido, e conduziu-o à sondagem habitual.

Entretanto, oh! surpresa maravilhosa!...

A velha balança, movimentando o fiel com brandura, revelou-lhe a sublime leveza.

Extático, em riso e pranto, o recém-chegado da esfera humana sentiu-se tomado nos braços pelo anjo amigo, que lhe dizia, feliz:

— Bem-aventurado sejas tu, meu irmão! Conquistaste o título de servo. Podes agora atravessar o limite, demandando a vida superior.

Imundo e cabaleante, o interpelado caminhou para a frente, mas, atingindo o preciso lugar em que começava a claridade celeste, desapareceu a lama que o recobria, desagradável, e caíram-lhe da epiderme equimosa as pústulas dolorosas... Como por encanto, surgiu vestido numa túnica de estrelas e, obedecendo ao apelo íntimo, elevou-se à glória do firmamento, coroado de luz.



O que é Espiritismo?

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos superiores ao educador francês Allan Kardec, que compilou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a *Codificação: O livro dos espíritos, O livro dos médiuns, O evangelho segundo o espiritismo, O céu e o inferno e A gênese.*

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o mundo espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse

motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o universo, a humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.

Literatura espírita

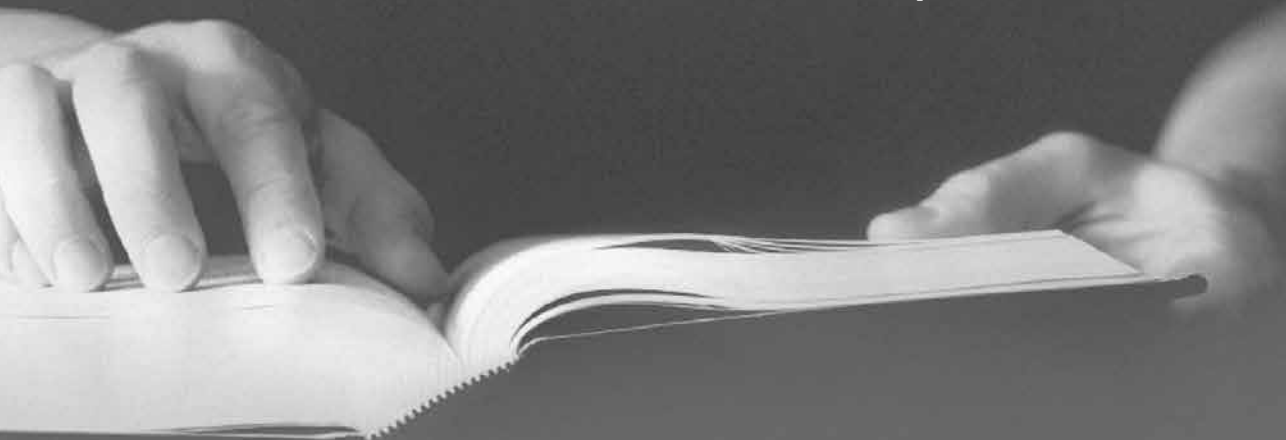
EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, é comum encontrar pessoas que se interessem por assuntos como imortalidade, comunicação com Espíritos, vida após a morte e reencarnação. A crescente popularidade desses temas pode ser avaliada com o sucesso de vários filmes, seriados, novelas e peças teatrais que incluem em seus roteiros conceitos ligados à espiritualidade e à alma.

Cada vez mais, a imprensa evidencia a literatura espírita, cujas obras impressionam até mesmo grandes veículos de comunicação devido ao seu grande número de vendas. O principal motivo pela busca dos filmes e livros do gênero é simples: o Espiritismo consegue responder, de forma clara, perguntas que pairam sobre a humanidade desde o princípio dos tempos. Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

A literatura espírita apresenta argumentos fundamentados na razão, que acabam atraindo leitores de todas as idades. Os textos são trabalhados com afincos, apresentam boas histórias e informações coerentes, pois se baseiam em fatos reais.

Os ensinamentos espíritas trazem a mensagem consoladora de que existe vida após a morte, e essa é uma das melhores notícias que podemos receber quando temos entes queridos que já não habitam mais a Terra. As conquistas e os aprendizados adquiridos em vida sempre farão parte do nosso futuro e prosseguirão de forma ininterrupta por toda a jornada pessoal de cada um.

Divulgar o Espiritismo por meio da literatura é a principal missão da FEB, que, há mais de cem anos, seleciona conteúdos doutrinários de qualidade para espalhar a palavra e o ideal do Cristo por todo o mundo, rumo ao caminho da felicidade e plenitude.





O livro espírita

Cada livro edificante é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregrem na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da

ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reduto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

EMMANUEL



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery - Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho - Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noletto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Elizabete de Jesus Moreira
Renata Alvetti

Capa:

Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Luciano Carneiro de Holanda

Diagramação:

Luisa Jannuzzi Fonseca

Foto da Capa:

<http://www.istockphoto.com/> LukaTDB

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Lis Gráfica e Editora Ltda., Bonsucesso, SP, com tiragem de 1,5 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 140x205 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 11,5/14,5 e os títulos em Zurich Cn BT 14/16,8. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*

Livro
V

Estudo
aprofundado da
Doutrina Espírita

Filosofia e ciência espíritas



ESTUDO APROFUNDADO DA
DOUTRINA ESPÍRITA

ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

Livro V
Filosofia e Ciência espíritas

Organização
Marta Antunes de Oliveira de Moura



Copyright © 2013 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 7ª impressão — 1 mil exemplares – 11/2019

ISBN 978-85-7328-774-5

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — FEB
SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 (61) 2101-6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

Estudo aprofundado da doutrina espírita: Filosofia e ciência espíritas. Marta Antunes de Oliveira Moura (organizadora). – 1. ed. – 7. imp. - Brasília: FEB, 2019.

V. 5; 424 p.; 25 cm.

Inclui referências

ISBN 978-85-7328-774-5

1. Espiritismo. 2. Estudo e ensino. 3. Educação. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 60.04.00

SUMÁRIO

Apresentação	7
Agradecimentos	9
Esclarecimentos	11
Roteiro 1 – Métodos filosóficos e científicos	15
Roteiro 2 – Filosofia e ciência espíritas.....	27
Roteiro 3 – Revelação religiosa.....	35
Roteiro 4 – A revelação espírita.....	45
Roteiro 5 – Educação espírita	53
Roteiro 6 – Consequências do conhecimento espírita	73
Roteiro 7 – Deus.....	81
Roteiro 8 – Jesus	93
Roteiro 9 – Espírito	103
Roteiro 10 – Instinto	113
Roteiro 11 – Inteligência humana	129
Roteiro 12 – Classificação da inteligência humana.....	145
Roteiro 13 – Matéria	167
Roteiro 14 – Perispírito.....	181
Roteiro 15 – O corpo físico.....	193
Roteiro 16 – Livre-arbítrio	205
Roteiro 17 – Causa e efeito.....	215
Roteiro 18 – Evolução.....	229

Roteiro 19 – Plano físico	253
Roteiro 20 – A desencarnação	261
Roteiro 21 – Sobrevivência e imortalidade da alma	275
Roteiro 22 – O mundo espiritual.....	287
Roteiro 23 – Influência dos espíritos no plano físico	297
Roteiro 24 – Comunicabilidade dos espíritos.....	307
Roteiro 25 – Metodologia de análise dos fatos espíritas	319
Roteiro 26 – Estudo científico dos fatos espíritas	327
Roteiro 27 – Ação dos espíritos na natureza.....	343
Roteiro 28 – Pluralidade dos mundos habitados: origem do universo...	359
Roteiro 29 – Pluralidade dos mundos habitados: civilizações cósmicas...	373
Roteiro 30 – Formação da humanidade terrestre	385
Roteiro 31 – Moral e ética	397
Roteiro 32 – Cultura	411
Roteiro 33 – Civilização.....	417

APRESENTAÇÃO

“Entendestes o que lêis? Como poderia, disse ele, se alguém não me explicar?”
Atos dos Apóstolos, 8:31– Bíblia de Jerusalém.

Este programa — *Filosofia e Ciência Espíritas* — faz o fechamento dos conteúdos doutrinários do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita – EADE.

Organizado em 33 Roteiros, Filosofia e Ciência Espíritas prioriza os aspectos filosóficos e científicos do Espiritismo, tendo como base os referenciais do conhecimento universal que integra os saberes da humanidade terrestre, deles retirando subsídios que demonstram a relevância e atualização do pensamento espírita.

Na construção de cada Roteiro de Estudo foi aplicada a metodologia de análise comparativa de textos, demonstrando que cada aprendizado tem um valor específico, necessário à melhoria do Espírito. Contudo, em razão do conteúdo científico ou tecnológico presentes em alguns roteiros de estudo, sugere-se que os assuntos sejam desdobrados e analisados em quantas reuniões se fizerem necessárias, a fim de facilitar o aprendizado.

Importa destacar que Filosofia e Ciência Espíritas é um programa de *estudo espírita*, destinado ao *público espírita*, que prioriza a *interpretação espírita*, que jamais perde de vista a noção da urgente necessidade de aperfeiçoamento moral do ser humano. Neste contexto, considerando o significado e a importância do aspecto científico, filosófico e religioso do Espiritismo, adotamos como norma orientadora do trabalho este ensinamento de Emmanuel:

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a Doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo,

estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.*

Isso nos faz perceber, como indica a citação do Novo Testamento inserida no início, que “[...] o movimento de educação renovadora para o bem é um dos mais impressionantes no seio da humanidade”,** sendo “[...] necessário, porém, que a alma aceite a sua condição de necessidade e não despreze o ato de aprender com humildade [...]”***

FEB, Brasília, agosto de 2011.

* XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, item: Definição.

** XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 175, p. 365.

*** _____. p. 366

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão a Honório Onofre Abreu (1930–2007), valoroso trabalhador espírita e amigo querido que, no Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita, elaborou o programa e os textos dos livros II e III – Ensinos e Parábolas de Jesus, partes 1 e 2, analisados à luz da Doutrina Espírita.

Somos tomados por profundas e felizes emoções quando, voltando ao passado, recordarmos os primeiros contatos com Honório e a sua imediata aceitação em realizar o trabalho. Por dois anos consecutivos, de 2003 a 2005, estabeleceu-se entre nós fraterna convivência, período em que tivemos a oportunidade de aprender a estudar o Evangelho de Jesus, ampliando o entendimento do assunto que extrapola interpretações literais ainda comuns, inclusive no meio espírita.

Conviver com Honório foi, efetivamente, uma jornada de luz. Ele não foi apenas um simples interpretador do Evangelho, causa a que se dedicou ao longo da última existência. Realizava a tarefa com simplicidade, conhecimento e sabedoria que encantavam os ouvintes, independentemente do nível sociocultural que apresentassem. Contudo, importa destacar, efetivamente Honório soube vivenciar os ensinamentos de Jesus junto a todos os que foram convocados a compartilhar, direta ou indiretamente, a sua última reencarnação.

Dirigimos também o nosso agradecimento a outro amigo, Haroldo Dutra Dias, dedicado estudioso espírita do Evangelho, que transcreveu os textos gravados por Honório, adequando-os à linguagem escrita.

Brasília, 29 de janeiro de 2013.

MARTA ANTUNES MOURA

ESCLARECIMENTOS

Organização e Objetivos do Curso

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE) é um curso que tem como proposta enfatizar o tríplice aspecto da Doutrina Espírita, estudado de forma geral nos cursos de formação básica, usuais na Casa Espírita.

O estudo teórico da Doutrina Espírita desenvolvido no EADE está fundamentado nas obras da Codificação e nas complementares a estas, cujas ideias guardam fidelidade com as diretrizes morais e doutrinárias definidas, respectivamente, por Jesus e por Allan Kardec.

Os conteúdos do EADE priorizam o conhecimento espírita e destacam a relevância da formação moral do ser humano. Contudo, sempre que necessário, tais orientações são comparadas a conhecimentos universais, filosóficos, científicos e tecnológicos, presentes na cultura e na civilização da humanidade, com o intuito de demonstrar a relevância e a atualidade da Doutrina Espírita.

Os objetivos do Curso podem ser resumidos em dois, assim especificados:

- » Propiciar o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto: religioso, filosófico e científico;
- » Favorecer o desenvolvimento da consciência espírita, necessário ao aprimoramento moral do ser humano.

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita tem como público-alvo todos os espíritas que gostem de estudar, que desejam prosseguir nos seus estudos doutrinários básicos, realizando aprofundamentos de temas que conduzam à reflexão, moral e intelectual.

Neste sentido, o Curso é constituído de uma série de cinco tipos de conteúdos, assim especificados:

- » Livro I: Cristianismo e Espiritismo
- » Livro II: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 1

- » Livro III: Ensinos e Parábolas de Jesus – Parte 2
- » Livro IV: O consolador prometido por Jesus
- » Livro V: Filosofia e Ciência Espíritas

FUNDAMENTOS ESPÍRITAS DO CURSO

O Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita apresenta fundamentos, em seguida relacionados, os quais devem merecer a atenção da pela equipe integrante do Curso: coordenadores, monitores, equipe de apoio, assessores e participantes.

- » A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução, item 17.
- » Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais [...]. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. [...] Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser por todos compreendido, porque chegados são os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade [...]. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, será sempre mais forte do que os que se apóiam no nada. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 6.
- » O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Allan Kardec: *O que é o espiritismo*. Preâmbulo.
- » O Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus [...]. Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, juntamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 8.
- » O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o das manifestações, dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o aplicação desses princípios. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Conclusão, item 7.

Sugestão de Funcionamento do Curso

a) *Requisitos de admissão:* os participantes inscritos devem ter concluído cursos básicos e regulares da Doutrina Espírita, como o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, ou tenham conhecimento das obras codificadas por Allan Kardec.

b) *Duração das reuniões de estudo:* sugere-se o desenvolvimento de uma reunião semanal, de 1 hora e 30 minutos.

c) *Atividade extraclasse:* é de fundamental importância que os participantes façam leitura prévia dos assuntos que serão estudados em cada reunião, e, também realizem pesquisas bibliográficas a fim de que o estudo, as análises, as correlações e reflexões, desenvolvidas no Curso, propiciem melhor entendimento dos conteúdos.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 1

MÉTODOS FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

Objetivos

- » Estabelecer a diferença entre método e metodologia.
- » Identificar os fundamentos e as ferramentas dos métodos filosóficos e científicos.
- » Esclarecer, à luz do Espiritismo, porque o conhecimento filosófico e o científico são insuficientes à felicidade.

Ideias principais

- » A palavra Método está relacionada à forma de obter o conhecimento.
- » Metodologia indica o conjunto de métodos utilizados em uma pesquisa ou trabalho.
- » *A metodologia filosófica é de natureza dialética e se fundamenta na experiência. A metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados pela Ciência no intuito de conhecer os fenômenos que ocorrem na natureza.*
- » As ferramentas dos métodos filosóficos e científicos ensinam a distinguir o conhecimento verdadeiro do falso, através de análises específicas

e metodológicas. A Filosofia tem como ferramenta principal a argumentação, a Ciência, a sistematização, a partir da observação do fato.

- » *O espetáculo da Criação Universal é a mais forte de todas as manifestações contra o materialismo negativista, filho da ignorância ou da insensatez. [...] O homem conhece apenas as causas de suas realizações transitórias, ignorando, contudo, os motivos complexos de cada ângulo do caminho.* Emmanuel: *Pão nosso*, cap. 55.

Subsídios

Os estudos filosóficos e científicos são realizados por métodos adequadamente selecionados para o desenvolvimento de uma pesquisa, estudo ou trabalho, inclusive dos estudos espíritas. É importante, pois, saber utilizá-los, conceituando-os adequadamente para que se tenha noção de sua abrangência e das ferramentas que lhes servem de instrumento. Sendo assim, é preciso estabelecer a diferença entre *método* e *metodologia*.

- » Método é palavra de origem grega que, etimologicamente, significa “caminho para chegar a um fim”. Indica o *modo* de obter o conhecimento (epistemologia), de acordo com a Filosofia.
- » Metodologia é o conjunto de métodos, de regras, ou de etapas a seguir em um processo, pesquisa, estudo, investigação etc. Como disciplina acadêmica, a metodologia fornece explicação detalhada, rigorosa e exata das ações desenvolvidas pelo método, ou métodos. Fornece explicação sobre o tipo de pesquisa, o instrumental utilizado (questionário, entrevista etc.), o tempo previsto para a sua execução, a equipe de pesquisadores, a divisão do trabalho, as formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que é utilizado na pesquisa.

A assimilação desses conceitos facilita o entendimento e a aplicação dos métodos filosóficos e científicos. Por exemplo, na frase que se segue, o autor se refere ao conceito de método, não ao de metodologia: “o monitor de um curso espírita teve dificuldade para reunir os alunos para organizar um seminário programado porque não havia possibilidade de reuni-los fora dos dias regulares das aulas. Resolveu, então, mudar a “metodologia”, reservando alguns minutos ao final de cada aula semanal para tratar do assunto”. Na verdade, a metodologia

(realizar o seminário) permaneceu a mesma, o que mudou foi o método, substituído pela reunião ao final da aula.

A metodologia filosófica é essencialmente dialética e se fundamenta na experiência. Em sentido amplo, dialética é a arte de discutir, de argumentar. Para tanto, é importante saber indagar: o que, o como e o porquê de algo, de uma atitude, de um significado, de um acontecimento, conteúdo ou comportamento.

Em geral, a dialética apresenta três fases: *tese, antítese e síntese*. É metodologia socrática, por excelência, amplamente utilizada por Kardec.

A metodologia científica é o estudo sistemático e lógico dos métodos empregados nas pesquisas, análises e conclusões, assim como na elaboração de hipóteses, fundamentos, e validação de resultados. Em geral, abrange um conjunto de dados e de operações ordenadas para formular conclusões relacionadas a objetivos pré-estabelecidos. O objetivo primordial da metodologia científica é aproximar o homem dos fenômenos naturais (da natureza) e dos próprios seres humanos, procurando compreender os mecanismos que os governam.

1. Métodos filosóficos

Dominique Folscheid e Jean-Jacques Wunemburger afirmam em relação ao método filosófico:

A Filosofia é método — pensar é também saber pensar —, mas um método acompanhado de sua razão de ser e de uma verdadeira cultura. É por isso que o aprendizado da Filosofia não pode dispensar a leitura, a interpretação de textos e a redação sobre questões constantemente retomadas. [...] Desse modo, cada um poderá, segundo o seu nível, se familiarizar com as regras do jogo para ter sucesso nos estudos filosóficos e, também, aprender a dominar e aperfeiçoar a capacidade do espírito para julgar e raciocinar.¹

Para aprender a pensar, como ensina a arte filosófica, é necessário conhecer, primeiramente, enunciados considerados falsos ou verdadeiros. As ferramentas do método filosófico auxiliam reconhecer se uma proposição é mero palpite, interpretação pessoal ou se são verdades aceitas universalmente. Outro ponto que se aprende com o uso das ferramentas do método filosófico é que nem sempre é

possível chegar a uma conclusão única a respeito de um assunto. Nem sempre é possível fechar a questão a respeito de algo, aceitando-se, então, conclusões provisórias, até que o assunto seja suficientemente analisado e conhecido.

Se para a Filosofia e a Ciência a elucidação de uma dúvida é o elemento-chave na busca da verdade, procura-se, sempre, fugir da ambiguidade que produz confusão de ideias, ou interpretações equivocadas.

Neste sentido, já afirmava Blaise Pascal (1623–1662), filósofo religioso, físico e matemático francês, um dos Espíritos da Codificação:²

Podemos ter três objetivos principais no estudo da verdade: um, descobri-la quando a buscamos; outro, demonstrá-la quando a possuímos; o último, discerni-la do falso quando a examinamos. Não falo do primeiro: trato particularmente do segundo, e ele inclui o terceiro. Pois, se conhecermos o método de provar a verdade, teremos ao mesmo tempo o de discerni-la, pois que ao examinar se a prova que damos dela é conforme as regras que conhecemos, saberemos se ela está exatamente demonstrada.

1.1. Ferramentas do método filosófico

Em Filosofia, a busca pela verdade se faz, principalmente, por meio da *argumentação*, que deve ser antecipada pela indagação e seguida pela reflexão.

Como a base da Filosofia é a experiência e a realidade, os seus métodos partem, naturalmente, do senso comum (o “bom senso”), que é o conhecimento originado da vivência partilhada pelos indivíduos de uma comunidade. Dentro desta ordem de ideias Kardec analisa:

[...] A união do Espiritismo com as ciências filosóficas nos parece, realmente, de magna necessidade para a felicidade humana e para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna [...]. Cabe à Ciência estudar-lhe o alcance e coordenar os princípios gerais, consoante essa nova ordem de fenômenos [mediúnicos]. [...] A Filosofia, ao contrário, tem tudo a ganhar ao considerar seriamente os fatos do Espiritismo. Primeiro, porque estes são a sanção solene de seu ensinamento moral; e depois porque tais fatos provarão, aos mais endurecidos, o alcance fatal de seu mau comportamento. Mas,

por mais importante que seja esta justificação positiva de suas máximas, o estudo aprofundado das consequências, que se deduzem da constatação da existência sensível da alma no estado não encarnado, servir-lhe-á em seguida para determinar os elementos constitutivos da alma, sua origem, seus destinos, e para estabelecer a lei moral e a do progresso anímico sob bases certas e inabaláveis.³

As principais ferramentas do método filosófico são: **observação** (relaciona evidências); **leitura** (para aquisição de informações); **indagações** (definidoras de caminhos ou de possibilidades); **interpretação** (reflexão de ideias); **conclusão** e **publicação** de resultados. São elementos que fornecem a base para a construção do **argumento**, o cerne da dialética ou do debate filosófico.

1.2. O argumento

Quanto à natureza, o argumento reflete “[...] qualquer grupo de declarações ou proposições, uma das quais, conforme se alega, é derivada das demais.”⁴

As declarações ou proposições fornecem evidência para chegar-se a conclusão. Os argumentos formam uma estrutura em que temos as premissas e a conclusão. As premissas são as evidências e a conclusão é a proposição que decorre da evidência. Exemplo:

Todos os homens são mortais.	(premissa)
Sócrates é um homem.	(premissa)
Logo, Sócrates é mortal.	(conclusão) ⁴

O argumento apresenta dois tipos de conceitos: a) “qualquer razão, prova, demonstração, indício, motivo capaz de captar o assentimento e de induzir à persuasão ou à convicção”⁵ b) “[...] o tema ou objeto, o assunto de um discurso qualquer, aquilo em torno de que o discurso versa ou pode versar.”⁵

O primeiro conceito foi amplamente utilizado pelo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) e pelo famoso romano, tribuno e político, Marco Túlio

Cícero (106 a.C.–43 a.C.) que afirmava: “O argumento é qualquer coisa que *dá fé*”, credibilidade.⁵ Tomás de Aquino considerava o argumento como “[...] o que convence a mente [...] a assentir em alguma coisa”.⁵

O segundo conceito de argumento é mais abrangente, e está vinculado ao raciocínio lógico-matemático, sempre que indica “[...] os valores das variáveis independentes de uma função.”⁵

Os argumentos podem ser classificados em: indutivos, dedutivos e análogos.

No argumento indutivo os dados particulares (fatos, experiências) são considerados para se chegar a leis ou a conceitos gerais. Utiliza-se no processo uma sequência de operações cognitivas,⁶ também conhecido como o método da generalização.

O argumento dedutivo, campo usual da matemática e da lógica, determina *a priori* que uma ou mais premissas são verdadeiras. Nesta situação, faz-se uma conclusão geral a partir de um caso particular.⁷

O argumento análogo é o raciocínio fundamentado na semelhança: faz-se um estudo indutivo das partes ou de fatos singulares, visando alcançar uma probabilidade, não uma certeza. A teoria das probabilidades do argumento análogo é muito utilizada nas invenções⁸ e, também, nas sentenças judiciais (direito penal, tributário) que utilizam a Doutrina Jurídica como fonte de argumentação (emissão de sentença jurídica com base na analogia).

Por outro lado, deve-se considerar que todo processo argumentativo fundamenta-se na validade das premissas, na clareza da apresentação das ideias, na confiabilidade dos dados e na solidez da conclusão. Somente assim, é possível dizer que o argumento é fidedigno. Em outras palavras: falsas premissas conduzem a falsas argumentações que apresentam conclusões falsas.

Ou seja, para determinar se uma proposição é falsa ou verdadeira é preciso entender o seu significado, fugindo sempre das ambiguidades. Neste sentido, informam as autoras do excelente livro *A arte de escrever bem*:

Faça declarações claras. Dificultar a compreensão é pôr pedra no caminho do leitor. Para que obrigá-lo a gastar tempo e energia na transposição do obstáculo? Facilite-lhe a passagem. Nas declarações longas, não o deixe ansioso. [...]⁹

A metodologia filosófica e científica está atenta à questão das falácias, que devem ser consideradas quando da elaboração e uso da argumentação: “A falácia é um tipo de raciocínio incorreto, apesar

de ter aparência de correção. É conhecido também como *sofisma* ou *paralogismo*, embora alguns estudiosos façam uma distinção, pela qual o sofisma teria a intenção de enganar o interlocutor, diferentemente do paralogismo.”¹⁰

As falácias são ditas formais quando contrariam as regras do raciocínio correto. As falácias não-formais acontecem pela desatenção, pela ambiguidade de linguagem, ou quando alguém simplesmente quer enganar o outro, aproveitando-se de sua ingenuidade, boa fé, ignorância, ou de suas emoções. É condição muito comum em pessoas manipuladoras.

O mestre da argumentação, e, portanto, da dialética, foi Sócrates, insuperável até hoje. Sua capacidade argumentativa foi denominada maiêutica (parto). Sócrates usava o método de perguntas e respostas, induzindo uma pessoa com pouco conhecimento a raciocinar a respeito de um fato ou ideia para, em seguida, fazê-lo deduzir (interpretar) corretamente.

2. Métodos científicos

Para a Ciência, é fundamental evitar interpretações equivocadas. Estabelece, então, um conjunto de regras racionais ou métodos que ajudem a classificar, registrar e interpretar fatos. Trata-se de princípio que garante economia de tempo e transmissão racional do saber. Independentemente de sua natureza, ou tipo, todo método científico apresenta etapas racionais bem definidas.

O método científico é um conjunto de regras básicas para desenvolver uma experiência, a fim de produzir novo conhecimento, bem como corrigir e integrar conhecimentos pré-existentes. Na maioria das disciplinas científicas consiste em juntar evidências observáveis, empíricas (ou seja, baseadas apenas na experiência) e mensuráveis e as analisar com o uso da lógica. Para muitos autores o método científico nada mais é do que a lógica aplicada à Ciência. Para a Ciência o método caracteriza as regras utilizadas para desenvolver uma pesquisa ou experimento.¹¹

Os pesquisadores primeiro definem proposições lógicas ou suposições (hipóteses), procurando explicar a ocorrência de certos fenômenos e observações subsequentes. A partir deste ponto, desenvolvem experimentos que testam as proposições e as hipóteses. Se

confirmadas, anunciam leis, teorias ou princípios que, integrados em uma estrutura coerente do conhecimento, são aceitas pelos comitês científicos como novo paradigma, modelo ou padrão.

2.1. Elementos do método científico

- » Caracterização: quantificações e medidas.
- » Hipóteses: indagações ou possibilidades surgidas a partir das observações.
- » Previsões: deduções lógicas das hipóteses.
- » Experimentos: indicam os testes utilizados com base nos três elementos anteriormente citados.
- » O experimento ou investigação científica segue os seguintes critérios:
 - » Observação – uma observação pode ser simples e direta, ou pode exigir a utilização de instrumentos apropriados, de natureza mais complexa.
 - » Descrição – o experimento precisa ser detalhado, informado como foi ou deve ser realizado, a fim de facilitar a reprodução/validação.
 - » Previsão – as hipóteses são atemporais: servem no passado, no presente e no futuro.
 - » Controle – toda experiência deve ser controlada para fornecer segurança às conclusões. Entende-se por controle a utilização de técnicas que descartam variáveis que possam desmascarar resultados.
 - » Falseabilidade – significa que toda hipótese está sujeita à refutação. Isto não quer dizer que o experimento é falso ou inválido, mas que pode ser verificado, ou contestado por outros pesquisadores. Por este critério, diz-se que a Ciência não é dogmática.
 - » Causalidade – a Ciência procura identificar as causas do fenômeno ou fato, relacionando-as às observações.

3. Conclusão

O conhecimento científico e tecnológico do mundo atual é imenso. As bibliotecas do Planeta estão repletas de publicações que dissertam sobre as últimas conquistas dos diferentes campos do conhecimento humano: estruturas subatômicas; possibilidades da física, sobretudo quântica; as incríveis e intrincadas dimensões da

mente humana; o valor dos chips de silício; a impressionante noção sobre universos paralelos; as mil possibilidades que resultam na decifração dos códigos genéticos, não só do homem, mas de todos os seres da Criação etc.

Vemos, assim, que a existência atual é definida pelos acordes emitidos pela Ciência, que promete melhoria na qualidade de vida, a cura de doenças, busca por uma sociedade mais civilizada e feliz, enfim. Entretanto, ainda que pesem os significativos progressos intelectuais, nos defrontamos com a realidade de dor e sofrimento no seio da humanidade.

Tal fato indica que o conhecimento humano, por si só, não é suficiente para produzir felicidade nem garantir a paz. Fica óbvio que não basta o homem conhecer, pura e simplesmente. Ele precisa enriquecer-se de valores morais que o tornam mais espiritualizado e o transformem em pessoa de bem.

Dessa forma, é possível imaginar que a felicidade do futuro habitante do planeta Terra dependerá não só do conhecimento, mas também do aperfeiçoamento moral, condição que facilita a aliança entre a Ciência e a Religião, como enfatiza Kardec: “São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo hão de receber o seu complemento; [...] em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual; em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças — Ciência e Religião — apoiando-se uma na outra, marcharão combinadas e se prestarão mútuo concurso. [...]”¹²

A propósito, lembra o apóstolo Paulo que o homem feliz é o que conhece a Deus, honrando-O e Lhe rendendo graças: consciente de [...] *Sua realidade invisível — seu eterno poder e sua divindade — [que] tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas [...]*. (Romanos,1:19-20. Bíblia de Jerusalém).

Emmanuel, por sua vez, complementa com sabedoria:¹³

O espetáculo da Criação Universal é a mais forte de todas as manifestações contra o materialismo negativista, filho da ignorância ou da insensatez. São as coisas criadas que falam mais justamente da natureza invisível. Onde a atividade que se desdobre sem base? Toda forma inteligente nasceu de uma disposição inteligente. O homem conhece apenas as causas de suas realizações transitórias,

ignorando, contudo, os motivos complexos de cada ângulo do caminho. A paisagem exterior que lhe afeta o sensorio é uma parte minúscula do acervo de criações divinas, que lhe sustentam o habitat, condicionado às suas possibilidades de aproveitamento. O olho humano não verá, além do limite da sua capacidade de suportaçãõ. A criatura conviverá com os seres de que necessita no trabalho de elevaçãõ e receberá ambiente adequado aos seus imperativos de aperfeiçoamento e progresso, mas que ninguém resume a expressãõ vital da esfera em que respira no que os dedos mortais sãõ suscetíveis de apalpar. Os objetos visíveis no campo de formas efêmeras constituem breve e transitória resultante das forças invisíveis no plano eterno. Cumpre os deveres que te cabem e receberás os direitos que te esperam. Faze corretamente o que te pede o dia de hoje e não precisarás repetir a experiênciã amanhã.

Referências

1. FOLSCHIED, Dominique e WUNEMBURGUER, Jean-Jacques. Metodologia filosófica. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, orelha do livro.
2. PASCAL, Blaise. *A arte de persuadir*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo, Martins Fontes, 2004. Item: Do espírito geométrico e da arte de persuadir, p. 65.
3. KARDEC, Allan. *Revista espírita* de 1863. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. Rio de janeiro: FEB, 2004. Ano VI, setembro de 1863, n.º 9, p. 358-360.
4. <http://www.bibliapage.com/filosof2.html>
5. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 79.
6. _____. p. 233.
7. _____. p. 556.
8. ARANHA, Maria Lúcia e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003. Cap. 4, p.104.
9. SQUARISI, Dad e SALVADOR, Arlete. *A arte de escrever bem*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 48-49.
10. ARANHA, Maria Lúcia e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. Op. Cit., p. 105.
11. <http://pt.wikipedia.org>
12. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 1, item 8, p. 60-61.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 55, p.125-126.

Orientações ao monitor

1. O monitor inicia a reunião com breve exposição do assunto.
2. Em seguida, pede aos participantes que se organizem em dois grupos. Um grupo deve fazer leitura atenta do item 1 (Métodos Filosóficos), que faz parte deste Roteiro de estudo. Ao outro grupo cabe a leitura reflexiva do item: Métodos científicos.
3. As duas equipes devem, durante a leitura, anotar pontos considerados mais importantes, os que sugerem dúvidas e os que não foram compreendidos.
4. Em sequência, o monitor realiza amplo debate com base nos comentários apresentados pelos participantes, esclarecendo adequadamente os pontos que revelam dúvidas ou incompreensão.
5. Utilizar o texto final do Roteiro (item 3 – conclusão) para fazer o fechamento do estudo, destacando a interpretação que Emmanuel faz das palavras de Paulo de Tarso.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 2

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Objetivos

- » Esclarecer o significado, a abrangência e o objeto da Filosofia e da ciência espíritas.

Ideias principais

- » *O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. [...] O Espiritismo é uma Ciência que trata da origem e do destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo. Allan Kardec. O que é o espiritismo. Preâmbulo.*

Subsídios

1. Conceitos básicos

1.1. Filosofia

Filosofia (do grego, *philos* = amigo ou amante e *sophia* = conhecimento ou saber) indica amor pela sabedoria, condição experimentada apenas pelo ser humano. Acredita-se que a palavra foi cunhada pelo filósofo grego Pitágoras (580? 572? a. C. – 500 ou 490 a.C.). Para Platão (428 ou 427 a.C. – 347 a.C.), outro filósofo grego, a Filosofia se resume na capacidade que tem o homem de utilizar o saber em benefício próprio. Argumentava, então:

De nada serviria possuir a capacidade de transformar pedras em ouro a quem não soubesse utilizar o ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse utilizar a imortalidade, e assim por diante. É necessária, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber utilizar o que é feito, e essa ciência é a Filosofia.¹

Em consequência, a Filosofia propicia: 1) a aquisição de conhecimento válido e aplicável a determinada situação ou contexto; 2) o uso do conhecimento em benefício do progresso humano. Para tanto, os estudos filosóficos devem conduzir à reflexão que amplie a visão do mundo, a sabedoria de vida, a concepção racional do universo. Daí a Filosofia ser entendida como “[...] o processo único que ilumina a ignorância e a transforma em relativa sabedoria [...]”²

Filósofo

É alguém que ama o conhecimento; que gosta de estudar, de saber, movido pela consciência da ignorância inerente à condição humana. Pode-se dizer também que é alguém que investiga princípios, fundamentos ou a essência da realidade circundante.

Metafísica

Também conhecida como a ciência *primeira*, é o alicerce da Filosofia, pois estuda os princípios de todas as ciências. Tendo como

base a teoria geral do conhecimento (gnosilogia), a metafísica classifica o conhecimento em:

a) Deus (teologia); b) ser (ontologia); c) universo (cosmologia); d) homem (antropologia) e) valores (axiologia).

A *Gnosilogia* procura entender a origem, a natureza, o valor e os limites do conhecimento, em função do sujeito cognoscente, ou seja, daquele que conhece o objeto. Por outro lado, a validação do conhecimento é fornecida pela *Epistemologia*, que se refere ao estudo do conhecimento relativo ao campo de uma pesquisa, em cada ramo da Ciência.

No estudo sobre Deus surge a *Teologia* que, por definição, significa o “estudo, discurso ou pregação que trate de Deus ou das coisas divinas”. Cada religião tem a sua teologia, de acordo com a interpretação dos seus mestres. Os dogmas, os cultos externos e rituais, presentes nas teologias, costumam restringir o conhecimento religioso. A *Ontologia* trata de questões relacionadas ao Espírito e à sua evolução. A *Cosmologia* estuda o mundo e o universo. A *Antropologia* é o estudo sistemático dos conhecimentos que se tem a respeito do homem, do ponto de vista de raça, herança biológica, características culturais e étnicas. A *Axiologia* abrange as concepções sobre os valores, estética, ética e moral.

2. Divisão da Filosofia

Quanto à natureza, o conhecimento filosófico pode ser espiritualista ou materialista. No primeiro caso, admite-se a existência de Deus, das potências universais, e da alma. No segundo, a Filosofia materialista admite que o pensamento, a emoção e os sentimentos são reações físico-químicas do sistema nervoso. Sustenta que a existência da matéria é o único fato real porque, fundamentalmente, todas as coisas são compostas de matéria e todos os fenômenos são o resultado de interações materiais.

3. O conhecimento científico

Ciência, do latim *scientia*, é o conhecimento que inclui, necessariamente, “[...] em qualquer forma ou medida, uma garantia da própria validade ou de grau máximo de certeza.”³ Em sentido amplo,

a Ciência contempla o conhecimento sistemático, teórico ou prático. É o conhecimento que:

aspira a objetividade, investiga metodicamente os fatos e os fenômenos procurando suas estruturas universais e necessárias, colocando uns em relação com os outros, de modo que é possível buscar as leis gerais que regem o funcionamento desses fenômenos. Ciência é um sistema ordenado e coerente de conhecimentos que estabelecem relações causais, abertos a mudanças, sobre a natureza, a sociedade e o pensamento, a verdade dos quais é construída racionalmente e corrigida por novas elaborações precisadas no decorrer da prática social. Seu objetivo consiste em estudar detidamente os objetos reais experimentados e prever novos fatos.⁴

Em sentido restrito, Ciência é a forma de adquirir conhecimento pelo estudo racional e pela utilização do método científico. O método científico apoia-se na validade, e tem como princípios gerais:

a. Demonstração – provas ou evidências universais que nada têm a ver com opinião ou palpite. Segundo Platão, “as opiniões não terão grande valor enquanto alguém não conseguir atá-las com um raciocínio causal.”³

b. Descrição – diz-se da interpretação de um fato, acontecimento ou fenômeno. Para o filósofo inglês Francis Bacon (1561–1626) a interpretação descritiva “consiste em conduzir os homens diante de fatos particulares e das suas ordens.”⁵ Em geral, a descrição contém uma análise e uma síntese.

c. Corrigibilidade – também conhecida como Sistema de Autocorreção, indica que não existem verdades absolutas, mas relativas, capazes de ampliar os horizontes da Ciência, à medida que o homem adquire mais esclarecimentos. Por este princípio,

admite-se a falibilidade do conhecimento humano, pois nenhum conhecimento é ‘infalível’, absoluto ou eterno. A ciência se auto-corrigue na medida em que enfrenta “obstáculos epistemológicos” (o paradigma científico existente num dado momento histórico já não é mais suficiente para explicar a realidade) e realiza a “ruptura epistemológica” (substituição de uma teoria científica pela outra); na medida em que descobre novos fatos e inventa novas formas ou instrumentos de investigação.⁴

4. A Ciência Espírita

A *Ciência Espírita*, palavra cunhada por Allan Kardec, fundamenta-se nos aspectos filosóficos e científicos desenvolvidos pelo *Espiritismo* ou de *Doutrina Espírita*, transmitidos por uma plêiade de Espíritos Superiores, como esclarece o Codificador:⁶

Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm aceção bem definida [...]. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua aceção própria. Diremos, pois, que a *Doutrina Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível.

Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*.

Seguindo essa ordem de ideias, analisa Herculano Pires no livro *Ciência espírita e suas implicações terapêuticas*, de sua autoria:⁷

A Revelação Espiritual veio pelo Espírito da Verdade, mas a Ciência Espírita (revelação humana) foi obra de Kardec. Ele mesmo proclamou essa distinção e se entregou de corpo e alma ao trabalho científico, sacrificial e único de elaboração da Ciência Admirável, que Descartes percebeu por antecipação em seus famosos sonhos premonitórios. [...] Graças à sua visão genial, o solitário da Rua dos Mártires conseguiu despertar os maiores cientistas do tempo para a realidade dos fenômenos espíritas, hoje estrategicamente chamados paranormais. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas como entidade científica e não religiosa. Dedicou-se a pesquisas exaustivas e fundou a *Revista Espírita* para divulgação ampla e sistemática dos resultados dessas pesquisas. Sua coragem serviu de amparo e estímulo aos

cientistas que, surpreendidos pela realidade dos fenômenos, fizeram os primeiros rasgos na cortina de trevas que cercava as mais imponentes instituições científicas. [...] Kardec rompera definitivamente as barreiras dos pressupostos para firmar em bases lógicas e experimentais os princípios da Ciência Admirável dos sonhos de Descartes e das previsões de Frances Bacon. A metodologia científica, minuciosa e mesquinha, desdobrou-se no campo do paranormal e aprofundou-se na pesquisa do inteligível com audácia platônica.

As seguintes citações do Codificador indicam por que o Espiritismo pode ser considerado, ao mesmo tempo, filosofia e ciência:

1. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações. [...] O Espiritismo é uma ciência que trata da origem e do destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo.⁸
2. O *Espiritismo* é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. [...].⁹
3. [...] A ciência espírita compreende duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Aquele que observou apenas a primeira está na posição de quem só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem haver penetrado o âmago da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são muito graves para serem adquiridos de outro modo que não seja por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento; somente nessa condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que escapam ao observador superficial e permitem firmar uma opinião. [...].¹⁰
4. Seria formar ideia muito falsa do Espiritismo quem julgasse que ele haure suas forças na prática das manifestações materiais e que, impedindo-se tais manifestações, é possível minar-lhe a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso.[...].¹¹

A partir dessas colocações foi possível analisar os fatos espíritas sob o rigor da metodologia científica e dos princípios filosóficos. Foi como agiram inúmeros cientistas do passado — como William Crookes, apenas para citar o nome de um deles. Entretanto, o objeto da Ciência e do Espiritismo são distintos.

O Espiritismo entra nesse processo histórico dentro de uma característica *sui generis*, ou seja, enquanto a Ciência propicia a revolução material, o Espiritismo deve propiciar a revolução moral. É que Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo (Kardec, 1975, p. 21).¹²

Um ponto que jamais deve ser esquecido pelos espíritas é o seguinte: *Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na Terra: um chamamento aos verdadeiros princípios da lei de Deus e consolação pela fé e pela esperança.*¹³

Referências

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 442.
2. MARCOS, Manoel Pelicas, S. *A filosofia espírita e seus temas*. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1993, p. 17.
3. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit., p. 136.
4. Análise da problemática geral do conhecimento. Disponível em: http://arquivos.unama.br/need/graduacao/ccbs/psicologia/1semestre/funda_epist_da_psicologia/unidade1/unidade1.html
5. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit., p. 138.
6. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Introdução I, p. 23-24.
7. PIRES, Herculano. *Ciência espírita e suas implicações terapêuticas*. Item: O desenvolvimento científico. Disponível em: www.autoresespiritas-classicos.com ou [http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Herculano%20Pires/Nova%20pasta%20\(8\)/Herculano%20Pires%20%20-%20A%20Ci%C3%Aancia%20Esp%C3%ADrita.htm](http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Herculano%20Pires/Nova%20pasta%20(8)/Herculano%20Pires%20%20-%20A%20Ci%C3%Aancia%20Esp%C3%ADrita.htm)

8. KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Preâmbulo, p. 11.
9. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 1, item 5, p. 59.
10. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Introdução XVII, p. 66.
11. _____. Conclusão. Item VI, p. 631.
12. Ciência e Espiritismo. Disponível em: <http://www.ceismael.com.br/artigo/ciencia-e-espiritismo.htm>
13. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 6, item 4, p. 151-152.

Orientações ao monitor

1. Fazer uma apresentação dos conceitos de Filosofia, filósofo, metafísica, ciência, indicando a divisão da Filosofia e as principais características do conhecimento filosófico e científico.
2. Orientar a turma para, em seguida, realizar estas atividades:
 - » Leitura silenciosa e individual do item 4 (A Ciência Espírita), deste Roteiro de estudo.
 - » Formação de quatro minigrupos para analisar as ideias de Allan Kardec (referências 08 a 11), que tratam do caráter filosófico e científico do espiritismo.
 - » Elaboração de resumo para ser apresentado em plenário.
3. Comentar a respeito dos relatos dos grupos, prestando esclarecimentos complementares, se necessário.
4. Apresentar uma síntese que esclareça o significado, a abrangência e o objeto da Filosofia e ciência espíritas.

OBSERVAÇÃO: ao final da aula, pedir aos participantes que respondam, em casa, o questionário que consta do anexo do próximo Roteiro, o de número três, cujo tema é Revelação Religiosa.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 3

REVELAÇÃO RELIGIOSA

Objetivos

- » Explicar o que é revelação religiosa, seus métodos e fundamentos.

Ideias principais

- » A palavra *Revelação* significa divulgar alguma coisa que se encontra oculta.
- » *A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade.* Allan Kardec. *A gênese*, cap. 1, item 3.
- » Subentende-se como revelação religiosa a manifestação da vontade de Deus, desvendando aos homens conhecimentos essenciais à sua melhoria espiritual.
- » A natureza do conteúdo das revelações religiosas é [...] *ao mesmo tempo indicativa e imperativa, e sempre normativa. As manifestações de Deus sempre são feitas no contexto de uma exigência que pede confiança e obediência àquilo que é revelado.* J. D. Douglas. *O Novo Dicionário da Bíblia*.
- » Para o Espiritismo, e no [...] *sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, sem o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração [...].* *A gênese*, cap. 1, item 7.

Subsídios

A palavra *Revelação* significa “[...], intrinsecamente a exposição daquilo que anteriormente era desconhecido. Na teologia judaico-cristã, o termo é usado primariamente para comunicação da verdade divina de Deus para o homem, ou seja: a manifestação de Si mesmo e da Sua vontade.”¹

A *Revelação Religiosa* objetiva divulgar publicamente algo que se desconhece ou que se encontra oculto; entretanto, especificamente, diz respeito à manifestação da vontade de Deus aos homens, a fim de ser por eles conhecida. A revelação religiosa apresenta, tradicionalmente, dois pontos focais: os propósitos de Deus; a “pessoa” de Deus.”^{1,2}

1. Por um lado, Deus informa os homens a respeito de si mesmo [...]. Assim é que o Senhor tomou Noé, Abraão e Moisés, aceitando-os em relação de confiança, informando-os sobre o que havia planejado e qual era a participação dos mesmos nesse plano (Gn 6:13-21; 12.1; 15:13-21; 17:15-21; Êx 3:7-22).²
2. Por outro lado, quando Deus envia sua palavra aos homens, ele também os confronta consigo mesmo. A Bíblia não concebe a revelação como simples transmissão de informações, divinamente garantida, mas antes, como a vinda pessoal de Deus aos indivíduos, para tornar-se conhecido deles (Gn 35:7; Êx 6:3; Num 12:6-8; Gl 1:15).²

A manifestação de Deus aos homens, base da revelação religiosa, é assim considerada pela Doutrina Espírita:

No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem controle, sem exame, nem discussão.³

A revelação religiosa pode, também, ser considerada *geral* ou *universal*, e *específica*, *especial* ou *particular*. A primeira refere-se aos acontecimentos vistos como fatos da manifestação divina que ocorrem

na natureza. Pode-se dizer, então, que “[...] há para a humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.”⁴ A segunda, a especial, refere-se aos atos divinos, propriamente ditos, considerados, em princípio, como de natureza sobrenatural e miraculosa.

Importa considerar que essa classificação é meramente didática porque, a rigor, tudo vem de Deus, o Criador Supremo: todas as revelações, gerais ou particulares, partem desta única fonte.

Deus manifesta-se aos homens através dos próprios homens: todos os povos tiveram (e têm) os seus reveladores, que transmitiram esclarecimentos em todas as áreas do saber, ao longo dos tempos. Da mesma forma, todas “[...] as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores.”⁵

A teologia católico-protestante considera que:

[...] a revelação especial na história sagrada é coroada pela encarnação do Verbo vivo e pelo registro da palavra falada das Escrituras. O evangelho da redenção [ou a Palavra de Deus], portanto, não é uma mera série de teses abstratas, sem relação com eventos históricos específicos; é a notícia dramática de que Deus tem agido na história da salvação, chegando ao clímax na Pessoa encarnada de Jesus Cristo e na sua Obra, para a salvação da humanidade perdida. [...] A série de atos sagrados, portanto, inclui a Providência de Deus em fornecer um cânon autorizado de escritos — as Escrituras Sagradas — que oferece uma fonte fidedigna de conhecimento de Deus e do seu Plano.¹

Mas a revelação divina, considerada como tal, deve ser verdadeira, é um ponto indiscutível, como assinala Allan Kardec:

A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por conseguinte, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser, caso seja atribuída a Deus. E, visto que não podemos conceber Deus mentindo, nem se enganando,

ela não pode emanar dele; logo, deve ser considerada produto de concepção humana.⁶

A grande questão polêmica diz respeito à possibilidade de Deus falar diretamente aos homens, sem intermediários. O Codificador do Espiritismo — o bom senso encarnado —, afirmou:

Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que parece certo é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se impregnam do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de saber a que chegaram, esses podem tirar de seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome deste, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus. As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vidência dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, como se vê tantas vezes na *Bíblia*, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes, o que não significa que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.⁷

A compreensão filosófica e científica da palavra Revelação apresenta sentido distinto da religiosa, e, em consequência, os métodos de investigação ou comprovação são, igualmente, diferentes.

Para os filósofos, revelação é a “manifestação da verdade ou da realidade suprema aos homens”,⁸ o que não deixa de ser algo inatingível, uma vez que, à medida que o homem progride, ampliam-se os horizontes do seu conhecimento. A Ciência compreende revelação como a descoberta e o entendimento das leis que regem a natureza, ou, ainda, a invenção de algo que favoreça o progresso humano.

Outro ponto distintivo é que as filosofias espiritualistas aceitam a ideia de Deus como *religião natural*, isto é, com exclusão de teologias, próprias da maioria das interpretações religiosas. A Ciência ainda não inclui Deus em suas cogitações.

A Filosofia classifica a revelação religiosa, portanto, em **histórica** e **natural**. A *histórica* está presente nas tradições e relatos das religiões — “consiste na iluminação com que foram agraciados alguns membros da comunidade, cuja tarefa teria sido encaminhar a comunidade para a salvação. Neste aspecto, a revelação é um fato histórico, ao qual se atribui a origem da tradição religiosa.”⁸ A *natural* diz respeito à manifestação de Deus na natureza e no homem.⁸

O filósofo alemão, Immanuel Kant (1724–1804) analisou, à luz da razão pura, aspectos da religião natural e da revelada em seu admirável livro *A religião nos limites da simples razão*, publicado pela primeira vez em 1793. Algumas das ideias desse brilhante pensador germânico ainda permanecem atuais, como as que se seguem:

A religião (considerada subjetivamente) é o conhecimento de todos os nossos deveres como mandamentos divinos. Aquela em que devo saber de antemão que alguma coisa é um mandamento divino, para reconhecê-lo como meu dever, é a *religião revelada* (ou que exige uma revelação). Ao contrário, aquela em que devo saber de antemão que alguma coisa é um dever antes que possa reconhecê-lo como mandamento de Deus, é a *religião natural*. [...] Mas se admitir a revelação, sustentando que reconhecê-la e admiti-la como verdadeira não é para a religião uma condição necessária [...]. Disso decorre que uma religião pode ser *natural* ao mesmo tempo que é revelada, se for constituída de tal modo que os homens *pudessem* ou *devessem* chegar a ela graças unicamente ao uso de sua razão [...]. Disso decorre que uma revelação dessa religião num tempo e num local determinado poderia ser sábia e muito proveitosa para o gênero humano, na condição contudo que, a religião assim introduzida tendo sido uma vez estabelecida e tornada pública, cada um possa se convencer daí em diante da verdade que ela comporta para si e para sua própria razão. Nesse caso, a religião é *objetivamente* religião natural, embora *subjetivamente* seja revelada.⁹

Seguindo o pensamento de Kant, podemos, então, admitir que o Espiritismo apresenta características de religião natural e de revelada. É revelação natural porque se fundamenta na fé raciocinada: “Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas

as épocas da humanidade^{7,10}. Na verdade, os estudos filosóficos que tratam da revelação natural tiveram origem nas ideias dos filósofos neoplatônicos, para os quais o mundo é produto da emanção divina (teofania)⁸ — Teofania é o processo natural que caracteriza a descida de Deus ao homem e a subida do homem a Deus.⁸ Como filosofia religiosa revelada, o Espiritismo

[...] foi escrito por ordem e sob o ditado dos Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. [...].¹¹

A questão da revelação divina é amplamente questionada pela Ciência, cujos cientistas apresentam diferentes posicionamentos, desde os mais radicais, de negação absoluta da existência de Deus e, conseqüentemente, de suas manifestações, até os que aceitam parcial ou totalmente a ideia de um Criador Supremo.

Tal divergência é especialmente observada no que se refere à criação dos mundos e dos seres vivos. Entende-se, portanto, porque a Ciência não apoia a tese **criacionista** de algumas religiões, segundo a qual Deus é o Criador Supremo do universo e de todos os seres, vivos e inertes. Não valoriza também o pensamento **teísta**, defendido por algumas interpretações religiosas, que une ideias evolucionistas (inclusive a teoria evolucionista de Charles Darwin) à crença em Deus, como Criador Supremo.

Para a Ciência, propriamente dita, Deus não interfere nos processos da criação universal, nem nos seus mecanismos evolutivos. Tais argumentos, contudo, não impedem a existência de cientistas, em número cada vez maior, que aceitam a ideia de Deus, como Albert Einstein ou Francis S. Collins, iniciador e coordenador do projeto genoma.

Como a ideia de Deus é inerente ao ser humano, acreditamos que no futuro a Ciência irá acatar a crença em Deus, estabelecendo, então, uma aliança entre a Ciência e a Religião, como esclarece Kardec:

[...] A Ciência e a Religião não puderam entender-se até hoje porque cada uma, encarando as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliavam-se mutuamente. Era preciso alguma coisa para preencher o

vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela experiência essas relações, fez-se uma nova luz: a fé dirigiu-se à razão, a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. [...].¹²

Referências

1. ELWELL, Walter A. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Vol. III. Tradução de Gordon Chown. 3. ed. São Paulo: Edições Boa Nova, p. 299.
2. DOUGLAS, J.D (organizador). *O novo dicionário da bíblia*. Tradução João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 1162.
3. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 1, Item 7, p. 25.
4. _____. Item 2, p.22.
5. _____. Item 8, p.25.
6. _____. Item 3, p. 22.
7. _____. Item 9, p. 26-27.
8. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 858.
9. KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Tradução de Ciro Mioranza. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008. Primeira sessão, p.177-179.
10. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 19, item 7, p. 374.
11. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Prolegômenos, p. 70.
12. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 1, item 8, p. 61.

Orientações ao monitor

1. O monitor faz explanação geral do tema previsto para a reunião, destacando os pontos mais significativos.
2. Em seguida, realiza ampla discussão a respeito da revelação religiosa, orientando-se pelo questionário inserido em anexo, previamente respondido pelos participantes.

3. Fazer o fechamento do assunto com apresentação de vídeo ou outra projeção que trate do assunto estudado. Como sugestão, indicamos os seguintes materiais:
 - » DVD N.º 4 da série *Evolução, a incrível jornada da vida*, produzido pela Scientific American Brasil, editado pela Duetto. O item Ciência e Religião atende aos propósitos do estudo.
 - » *Anjos e demônios, segredos revelados I e II* (há outros itens, mas estes dois atendem melhor o tema estudado). You tube, item i: <http://www.youtube.com/watch?v=bPIYwe3bsqY>. You tube, item ii: <http://www.youtube.com/watch?v=rv0d04rHRgM&feature=related>
 - » Evidências da existência de Deus. You tube: <http://www.youtube.com/watch?v=oHs4lsrdhte&feature=related>
 - » *História das Religiões* (3 DVDs). Trata-se de excelente produção realizada nos Estados Unidos, em 1999, com legendas em português, distribuída no Brasil pela Europa Filmes. Encontramos informações fundamentais sobre as religiões, suas origens, formação e práticas. As imagens e as locações são de qualidade excelente. Vários estudiosos e ou representantes das religiões são entrevistados. As narrações são realizadas pelo conhecido ator inglês, de ascendência indiana e judaico-russa, Ben Kingsley.

Anexo – Questionário

Recomenda-se que os participantes do estudo respondam, previamente, o questionário que se segue, a fim de tornar a reunião mais dinâmica e favorecer o aprofundamento do assunto.

1. O que é revelação?
2. Qual o significado de religião revelada?
3. Quais são os dois principais enfoques apresentados pelas religiões reveladas?
4. No sentido amplo (genérico) e no de fé religiosa, como o Espiritismo conceitua revelação?
5. De que forma Deus se manifesta aos homens? Fornecer exemplos.
6. Qual é a classificação filosófica de religião? Explicar.
7. Segundo essa classificação, qual é a posição do Espiritismo?

8. Qual a interpretação dada pelo filósofo alemão, Immanuel Kant, sobre religião?
9. Como a Ciência se posiciona perante a ideia de Deus e de suas manifestações?
10. É possível pensar na realização de uma aliança entre a Ciência e a religião? Justifique a resposta

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 4

A REVELAÇÃO ESPÍRITA

Objetivos

- » Analisar os fundamentos e as características da revelação espírita.

Ideias principais

- » *A Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas ou, se quiserem, os espiritistas. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Introdução I.*
- » *O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações. Allan Kardec: O que é o espiritismo. Preâmbulo.*

Subsídios

A palavra *Espiritismo* é um neologismo criado por Allan Kardec, utilizado pela primeira vez na introdução de *O livro dos espíritos*:

Para coisas novas precisamos de palavras novas; assim o exige a clareza da linguagem, para evitarmos a confusão inerente ao sentido múltiplo dos mesmos termos. As palavras *espiritual*, *espiritualista*, *espiritualismo* têm acepção bem definida; dar-lhes uma nova, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite ter em si alguma coisa além da matéria é espiritualista; mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em lugar das palavras *espiritual*, *espiritualismo*, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras *espírita* e *espiritismo*, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando ao vocábulo *espiritualismo* a sua acepção própria. Diremos, pois, que a Doutrina *Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritas* ou, se quiserem, os *espiritistas*. [...].¹

O conceito de Doutrina Espírita, sua abrangência e finalidade devem ser solidamente compreendidos para evitar equívocos de interpretação. Assim, esclarece Kardec:

[...] O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações. [...] O Espiritismo é uma Ciência que trata da origem e do destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo.²

Enquanto o enfoque da Ciência e da Filosofia é o mundo físico, com suas leis e normas de relações humanas, o Espiritismo estuda, em especial, as leis que regem a vida do mundo espiritual, considerando-as como forças da natureza que atuam incessantemente sobre o plano físico, as quais, por sua vez, influenciam o plano extrafísico.³

Allan Kardec destaca que, em consequência dessa ação recíproca e incessante, o Espiritismo revela

[...] aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. [...] O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.⁴

1. Características gerais da revelação espírita

Tais características estão relacionadas ao próprio conceito de revelação, independentemente da fonte de onde se origina e da forma como chega aos homens. Assim, é preciso considerar:

- » Pode-se “[...] dizer que há para a humanidade uma revelação incessante. [...]”⁵
- » É essencial que a revelação seja verdadeira para ser acatada e divulgada. Toda revelação que é desmentida pelos fatos não é aceita como verdade, principalmente se tem origem atribuída a Deus.⁶
- » As revelações humanas, propriamente ditas, podem apresentar equívocos, tal como acontece com os ensinamentos científicos, modificados em função do progresso. O Decálogo, por exemplo, recebido mediunicamente por Moisés, é o maior código moral da humanidade, aplicável a qualquer povo, em qualquer época da história humana. Entretanto, as leis civis do legislador hebreu foram “[...] essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, [...]”⁷ Tal fato demonstra que a leis criadas pelos homens são substituídas à medida que a sociedade melhora, intelectual e moralmente, enquanto a lei de Deus permanece inalterável.
- » As revelações são transmitidas por Espíritos esclarecidos, os quais, no cumprimento de missão específica, reencarnam para ensinar aos homens verdades que eles, por si mesmos, não conseguiriam ou demorariam a alcançar.⁸
- » Todas as religiões têm os seus reveladores, em geral conhecidos como profetas, reencarnados para transmitir ensinamentos novos,

interpretar os já existentes, ou, sob inspiração superior, orientar a respeito de conceitos e práticas religiosas.⁹

1.1. Características Específicas da Revelação Espírita

1. O Espiritismo nos fornece explicações concretas e claras sobre “[...] o mundo invisível que nos cerca [...], suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem após a morte. [...]”¹⁰
2. “Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. [...]”¹¹

[...] Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desejo premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da Doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, já que hoje estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa; por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a Doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as conseqüências e aplicações. Em suma, *o que caracteriza a revelação espírita é o fato de ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.*¹²

3. Como meio de elaboração e desenvolvimento, “[...] o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplicando o método experimental. [...]”¹³
4. O método experimental, ou racional-lógico, tem por normas: a observação, a comparação, a análise, e “[...] remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os preside; depois, lhes deduz as conseqüências e busca as aplicações úteis. [...]”¹³

5. *A priori*, a Doutrina Espírita não estabelece ensino preconcebido, nem levanta hipóteses que não sejam resultantes da evidência dos fatos. Assim,

[...] não estabeleceu como hipótese a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina. Concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. [...].¹³

6. O Espiritismo tem como princípio que Jesus é o modelo e guia da humanidade (*O livro dos espíritos*, questão 625): “Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei [...]”.¹⁴
7. Segundo informações do Espírito Emmanuel, Jesus é o governador do planeta Terra e nós, seus habitantes, somos tutelados por ele:

Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas. Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.¹⁵

8. A revelação espírita tem como proposta fundamental reviver e explicar, em espírito e verdade, os ensinamentos de Jesus. Daí ser conhecido como O Consolador Prometido ou como O Cristianismo Redivivo. O outro princípio é que toda

[...] a doutrina do Cristo se funda no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei*. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. [...].¹⁶

A revelação espírita esclarece a criatura humana a respeito da sua origem, por que motivo se encontra aqui, no plano material, e qual é a sua destinação, após a morte do corpo físico. “O simples fato de o homem poder comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis, da mais alta gravidade [...]”¹⁷ É, pois,

[...] todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção. O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas ideias, revolução tanto maior e mais poderosa por não se circunscrever a um povo, nem a uma casta, visto atingir simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos. Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. [...].¹⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Introdução I, p. 23-24.
2. _____. *O que é o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Preâmbulo, p. 11.
3. _____. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 1, item 16, p. 31.
4. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. 1. ed. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.1, item 5, p.59.
5. _____. *A gênese*. Op. Cit. Cap. 1, item 2, p.22.
6. _____. Item 3, p. 22.
7. _____. Item 10, p. 27.
8. _____. Item 5, p. 23-24.
9. _____. Item 8, p. 25-26.
10. _____. Item 12, p. 28.
11. _____. Item 13, p. 28.
12. _____. p. 28-29.
13. _____. Item 14, p. 29.
14. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 625-comentário, p. 403.

15. XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro:- FEB, 2008, questão 283, p. 229-230.
16. KARDEC, Allan. *A gênese*. Op. Cit. Cap. 1, item 25, p. 36.
17. _____. Item 20, p. 33-34.
18. _____. p. 34.

Orientações ao monitor

1. Analisar o seguinte texto de Kardec, como introdução do assunto:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações.

2. Após a análise, dividir a turma em dois grupos, A e B, para realização das seguintes tarefas:
 - » O grupo A deverá pesquisar neste Roteiro de Estudo informações que indiquem os fundamentos da revelação espírita. O grupo B deverá localizar ideias que indiquem as características da revelação espírita.
 - » Cada equipe registra a pesquisa em folhas de cartolina ou papel pardo, que deverão ser afixados em locais de fácil visualização, na sala de aula.
 - » Um ou dois relatores, indicados pelos grupos, apresentam o resultado da pesquisa. Se necessário, o monitor esclarece ou reforça pontos significativos.
 - » O monitor correlaciona o assunto estudado com esta citação de Paulo de Tarso, apoiando-se no texto de Emmanuel, inserido em anexo: “na verdade, eu não me envergonho do Evangelho: ele é força de deus para a salvação de todo aquele que crê [...]. Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: *O justo viverá da fé.* (Romanos, 1:16-17. *Bíblia de Jerusalém*)

Anexo – Texto para fechamento do estudo

Viver pela fé*

“Mas o justo viverá pela fé.” – Paulo (Romanos, capítulo 1, versículo 17).

Na epístola aos romanos, Paulo afirma que o justo viverá pela fé.

Não poucos aprendizes interpretaram erradamente a assertiva. Supuseram que viver pela fé seria executar rigorosamente as cerimônias exteriores dos cultos religiosos.

Frequentar os templos, harmonizar-se com os sacerdotes, respeitar a simbologia sectária, indicariam a presença do homem justo. Mas nem sempre vemos o bom ritualista aliado ao bom homem. E, antes de tudo, é necessário ser criatura de Deus, em todas as circunstâncias da existência.

Paulo de Tarso queria dizer que o justo será sempre fiel, viverá de modo invariável, na verdadeira fidelidade ao Pai que está nos céus.

Os dias são ridículos e tranquilos? Tenhamos boa memória e não desdenhemos a moderação.

São escuros e tristes? Confiemos em Deus, sem cuja permissão a tempestade não desabaria. Veio o abandono do mundo? O Pai jamais nos abandona. Chegaram as enfermidades, os desenganos, a ingratidão e a morte? Eles são todos bons amigos, por trazerem até nós a oportunidade de sermos justos, de vivermos pela fé, segundo as disposições sagradas do Cristianismo.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap.23, p. 61-62.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 5

EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Objetivos

- » Indicar as diferenças entre instrução e educação.
- » Esclarecer a respeito dos quatro pilares da educação moderna.
- » Correlacionar os quatro pilares da educação com ensinamentos do Evangelho e do Espiritismo.

Ideias principais

- » *Educar* é disponibilizar condições para o pleno desenvolvimento do ser humano nos aspectos: biológico, intelectual, psíquico, psicológico, social, estético, ecológico e moral. Instruir é transmitir ou adquirir conhecimento.
- » Para o Codificador da Doutrina Espírita, educar [...] *consiste na arte de formar caracteres*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 685-a.
- » A educação deve envolver, necessariamente, aprendizado moral.
- » Os quatro pilares da educação moderna, definidos pelo Relatório Delors são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.
- » Os quatro pilares da educação podem ser correlacionados a estas máximas do Cristo:

Aprender a conhecer: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo, 8:32).

Aprender a fazer: “...Faze isso e viverás”. (Lc, 10:28).

Aprender a conviver: “Fazei aos outros o que gostaríeis que eles vos fizessem” (Mt. 7:12).

Aprender a ser: “Sede perfeitos ...” (Mt. 5:48).

Sandra Maria Borba Pereira:

Reflexões pedagógicas à luz do evangelho. Cap. 2.

Subsídios

1. Educar e instruir

É importante estabelecer a diferença entre educar e instruir ou educação e instrução. Ambos os vocábulos se relacionam, mas não significam a mesma coisa. Um é amplo, abrangente, outro é restritivo, específico.

- » **Educar** é disponibilizar a alguém condições para o pleno desenvolvimento de sua personalidade. Trata-se, pois, de uma ação consciente que permite ao ser humano desenvolver as suas aptidões biológicas (físicas), intelectuais, morais, sociais, psicológicas, estéticas e ecológicas. Dessa forma, a educação é, ao mesmo tempo, processo e resultado que, em princípio, não deve desconsiderar o *valor*, inalienável, de o homem se transformar em criatura melhor — fundamento essencial da educação. Em síntese, educar é promover o desenvolvimento de faculdades físicas, morais e intelectuais.

Daí Allan Kardec considerar que a educação [...] *consiste na arte de formar caracteres* [...].¹

- » **Instruir** é transmitir/adquirir conhecimento, em geral viabilizado pelo ensino formal ou direto. Mas há outras formas de se adquirir instrução: pela observação, imitação, inspiração, intuição, repetição etc. Assim, a Instrução é sempre entendida como a capacidade de ministrar/assimilar conhecimentos e habilidades, direcionados para o aprendizado cognitivo e ou formação de talentos, genericamente destinados ao exercício profissional. Dessa forma, a instrução é necessária à vida profissional, mas só a educação apresenta condições

para a formação de caracteres, por desenvolver no homem valores intelectuais e morais, que nele existem embrionários.

É preciso estar atentos a esses aspectos, pois é comum encontrarmos uma pessoa culta, instruída, mas pouco educada em termos de valores morais. Esta é a razão por que o conhecimento pode ser usado para a destruição. Assim, é ambiguidade empregar os termos educação e instrução como sinônimos, capazes de gerar outras ambiguidades, às vezes difíceis de serem controladas, como confundir processo educacional com processo docente.

Ao analisar o assunto, esclarece Emmanuel:²

Reparamos, assim, a necessidade imprescritível da educação para todos os seres. Lembremo-nos de que o Eterno Benfeitor, em sua lição verbal, fixou na forma imperativa a advertência a que nos referimos: “Brilhe vossa luz”. Isso quer dizer que o potencial de luz do nosso espírito deve fulgir em sua grandeza plena. E semelhante feito somente poderá ser atingido pela educação que nos propicie o justo burilamento. Mas a educação, com o cultivo da inteligência e com o aperfeiçoamento do campo íntimo, em exaltação de conhecimento e bondade, saber e virtude, não será conseguida tão-só à força de instrução, que se imponha de fora para dentro, mas sim com a consciente adesão da vontade que, em se consagrando ao bem por si própria, sem constrangimento de qualquer natureza, pode libertar e polir o coração, nele plasmando a face cristalina da alma, capaz de refletir a Vida Gloriosa e transformar, conseqüentemente, o cérebro em preciosa usina de energia superior, projetando reflexos de beleza e sublimação.

2. Filosofia da educação

Os filósofos, educadores e especialistas concordam que não é possível educar alguém colocando-o fora ou distante do mundo, da realidade da vida. É necessário que os envolvidos no processo educativo, no seio da família ou na escola, adquiram visão mais pragmática da realidade, atentando-se para o fato de que a educação é dinâmica e deve acompanhar de perto as características da época, do progresso e da cultura.

Da mesma forma, não se pode imaginar uma educação espírita que só priorize o conhecimento doutrinário, mas que não auxilia a

pessoa a superar as más inclinações, e que não enfatize como a pessoa pode se transformar em criatura melhor. Entendemos, então, que

[...] Nenhum educador, nenhuma instituição educacional pode colocar-se à margem do mundo, encarapitando-se numa torre de marfim. A educação, de qualquer modo que a entendamos, sofrerá necessariamente o impacto dos problemas da realidade em que acontece, sob pena de não ser educação. Em função dos problemas existentes na realidade é que surgem os problemas educacionais, tanto mais complexos quanto mais incidem na educação todas as variáveis que determinam uma situação. Deste modo, a “*Filosofia na educação*” transforma-se em “*Filosofia da Educação*” enquanto reflexão rigorosa, radical e global ou de conjunto sobre os problemas educacionais. [...].³

Neste sentido, o estudioso do assunto deve procurar conhecer propostas educacionais relevantes que favoreçam o desenvolvimento integral do ser. Apenas como ilustração, citamos alguns exemplos de estudiosos contemporâneos, pois o assunto é vasto.

2.1. A educação pragmática

Refere-se ao método educacional que prioriza a prática ou os efeitos, de grande influência no continente americano, inclusive no Brasil. O pragmatismo focaliza a instrução, é certo, mas como escola filosófica, destaca os aspectos éticos da prática profissional. Nasceu nos Estados Unidos da América como crença generalizada de que só a ação humana, movida pela inteligência e pela energia, pode alterar os limites da condição humana.

Os fundadores do pragmatismo foram os estadunidenses Charles Sanders Peirce (1839–1914), matemático, filósofo e cientista, a partir da publicação do seu artigo “Como tornar claras as nossas ideias” (*How to make our Ideas clear*), e William James (1842–1910), filósofo e psicólogo de renome, para quem o pragmatismo indica que tudo está na utilidade ou no efeito prático que qualquer ato, objeto ou proposição possa ser capaz de gerar.

2.2. Educação progressiva ou instrumentalista

O filósofo e pedagogo estadunidense John Dewey (1859–1952) apresenta um sistema educacional semelhante ao pragmatismo, porém denominado *instrumentalismo*, pois para ele as ideias só têm

importância desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas reais. Nota-se que o enfoque ainda é a instrução, pois os princípios fundamentais do pensamento de John Dewey, sobre a educação, fundamentam-se no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e do espírito crítico do aluno.

A Educação Progressiva considera, contudo, o crescimento constante da vida, na medida em que se amplia a experiência individual e coletiva. O filósofo esclarecia, neste contexto, que o aprendizado só ocorre, efetivamente, quando há compartilhamento de experiências. Nesta situação, compartilha-se não apenas conhecimentos e instruções, a bem dizer, mas também, comportamentos, atitudes, valores.

2.3. A construção da inteligência

A despeito de Jean Piaget (1896–1980) não ter sido educador (era biólogo) e a sua obra não tratar da educação, propriamente dita (está mais relacionada à psicologia), suas ideias conduzem a reflexões pedagógicas — aplicadas, sobretudo, à educação infantil —, pelos conceitos relacionados à construção da inteligência e do conhecimento (epistemologia).

Neste sentido, a contribuição de Jean Piaget é importante, sobretudo por explicar os estágios do desenvolvimento da inteligência e da aprendizagem humanas. Ensina, por exemplo, que a criança é concebida como um ser dinâmico que, a todo momento, interage com a realidade, operando ativamente com objetos e com pessoas. Essa interação permite que ela construa e desenvolva suas estruturas mentais e adquira maneiras (formas) de fazê-las funcionar. O eixo central da doutrina piagetiana é, portanto, a interação organismo-meio, ocorrida através de dois processos simultâneos: a organização interna e a adaptação ao meio, funções exercidas pelo organismo ao longo da vida.

Na prática educacional, porém, nem sempre os ensinamentos de Piaget foram bem utilizados, focalizando-se mais (ou só) a construção da inteligência lógico-matemática e da linguagem, não enfatizando outros recursos da capacidade humana, tão importantes quanto a cognição, como intuição, percepção extrassensorial, e no caso do ensino espírita, as ideias inatas, influências espirituais, entre outros.

Os currículos escolares, inclusive os do ensino espírita, focalizam os autores citados, entre outros, que revelam, entretanto, falhas

consideráveis por não enfatizarem o aprendizado moral. Este tem sido o “calcanhar de Aquiles” do processo educacional vigente no Mundo e nas casas espíritas. As consequências morais do aprendizado devem ser enfaticamente consideradas em qualquer processo de ensino-aprendizado, sobretudo numa época, como a atual, plena de conflitos de toda sorte.

3. Educação moderna

3.1. Os quatro pilares da educação

Em 1996, Jacques Delors, político e economista francês, assinou importante relatório, proveniente dos resultados obtidos nas reuniões da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, da UNESCO, que ele presidia. O relatório, intitulado *Educação, um tesouro a descobrir*, causou grande impacto, cujos ecos continuam nos dias atuais. O Relatório Delors, como ficou conhecido, expõe e analisa os *quatro pilares da educação moderna*. Como esclarece a confreira Sandra Borba, trata-se de

[...] rico material para as reflexões tão necessárias em momentos tão graves como os que vivemos, em que se impõe a urgência de uma educação para todos, comprometida com o bem-estar sócio-moral de todos os habitantes da Terra. Temas importantes são tratados de modo objetivo e de fácil linguagem, como um exercício de espalhar luz, semear ideias e relatar fatos capazes de fundamentar propostas ali contidas, nos velhos Ideais da igualdade e da solidariedade humanas. Educação continuada, cooperação internacional, desenvolvimento autossustentável, educar para o desenvolvimento humano são alguns temas ilustrados com depoimentos, relatos e estatísticas.⁴

É impossível escrever ou falar sobre educação, atualmente, sem fazer referência aos Quatro Pilares, que são:⁵

- » **Aprender a conhecer.** É a aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento. É pilar que pode ser considerado, simultaneamente, meio e finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo do qual faz parte, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para

viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para interagir. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Trata-se de uma busca que [...] *exige libertação interior de pré-conceitos, o afastamento do ceticismo sistematizado que a tudo nega e do absolutismo epistemológico que tudo reduz e “engessa”*.⁶

Só a abertura ao novo aliada a uma busca séria do conhecimento facultará ao ser humano em evolução a consciência crítica, a única capaz de situar-se no mundo e não diante/à parte/sobre/sob o mundo. Estar no mundo e com o mundo, significa identificar-se com a natureza e com os outros, “dialogar” com a Vida buscando-lhe os sentidos.⁷

- » **Aprender a fazer.** Na verdade, aprender a conhecer e aprender a fazer são princípios indissociáveis. Esse pilar, aprender a fazer, está mais estreitamente relacionado à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução. Aprender a fazer não pode, e não deve, no mundo atual, restringir-se ao simples significado de preparar alguém para uma tarefa material específica, bem delineada, para fazê-lo participar, por exemplo, do fabrico de algo.

Tal pilar determina, ao contrário, que os aprendizados devem evoluir em outra dimensão, a que se coloca fora do esquema reducionista da simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de se desprezar. Para tanto, é preciso inovar, liberar a criatividade. É preciso ter [...] *coragem de executar, de correr riscos, de errar na busca de acertar. É um convite permanente à descoberta de métodos e instrumentos mais integradores, que respeitem os saberes e fazeres dos outros e auxiliem na superação do mero tecnicismo*.⁷

- » **Aprender a conviver.** Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual carece de boa convivência, a fraterna, pois estamos inseridos dentro de uma realidade em que a violência dita normas, que se opõe à esperança posta, às realizações nobres e superiores. Não se ignora que a história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado no decorrer do século XX.

Poderemos, então, conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de resolvê-los de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade? É possível, sim. Especialmente quando se prioriza a educação moral. E isto se aprende pelo ensino, mas sobretudo pelo exemplo: [...] *Implica em construir uma identidade própria e cultural, situar-se com os outros seres compartilhando experiências e desenvolvendo responsabilidades sociais. [...] As experiências sociais nos facultam acesso ao saber, ao fazer, ao viver em conjunto, ao crescer em todas as nossas possibilidades.*⁸

Essas experiências geram responsabilidades que reclamam a busca da integração com a natureza, o compromisso com a humanidade e a necessária superação dos egoísmos coletivos ou individuais de cor, raça, gênero, credo ou condições sociais e de localização geográfica. Para o desenvolvimento desse princípio há algo fundamental: a busca de intercessões capazes de oportunizar conhecer o outro, suas ideias, saberes e fazeres, costumes, valores, tradições e espiritualidade. Isto só é possível pelo compartilhamento, pela comunhão, pelo diálogo, pela convivência.⁸

- » **Aprender a ser:** A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentidos estético e ecológico, responsabilidade pessoal, espiritualização. Todo ser humano deve ser preparado pela educação para elaborar pensamentos autônomos e críticos, mas com respeito ao outro, para formular os próprios juízos de valor, de modo a aprender a decidir sobre como conduzir a própria existência e como agir, eticamente, nas diferentes circunstâncias da vida: “[...] Sem qualquer sombra de dúvida é o mais importante entre todos os princípios. Ressalta a necessidade de superação das visões dualísticas sobre os homens, das visões fragmentadas acerca da educação, fruto das limitações, dos preconceitos, das más paixões, da ignorância e do orgulho que são próprios. Contempla uma concepção integral do ser humano [...]”⁹

Aprender a ser — enquanto compromisso — significa também a superação da superficialidade com que se tem tratado, no campo educacional, o ser humano, reduzido muitas vezes a uma cabeça que deve receber conceitos, normas e todo um conteúdo comportamental sem questionamento ou possibilidade de transformação. [...] Descobrir-se

enquanto ser integral — biopsicossocial e espiritual; penetrar na essência de sua humanidade, entrar na posse de sua herança divina e conscientizar-se de sua condição de ser imortal são ações próprias do aprender a ser na perspectiva cristã.¹⁰

4. A educação do futuro

Edgar Morin (pseudônimo de Edgar Nahoum), reconhecido filósofo, sociólogo e pesquisador francês, considerado um dos maiores pensadores da modernidade, nascido em Paris em 1921, é o principal representante da escola filosófica denominada *Complexidade*, muito referenciada nos dias atuais. Trata-se de uma linha de pensamento educacional que define a humanidade como um todo indissociável e que propõe uma abordagem multidisciplinar e multirreferencial para a construção do conhecimento. Entre as mais de 39 obras publicadas, encontra-se o livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, obra muito apreciada pelos educadores.

Os sete saberes apresentam os seguintes eixos de estudo:¹¹

- » *As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão* – indica que a educação deve mostrar por que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão.
- » *Os princípios do conhecimento pertinente* – refere-se à organização e sistematização do conhecimento, o que é pertinente ao homem, para que este não fique fora do processo.
- » *Ensinar a condição humana* – torna-se necessário que se questione e contextualize objetos do conhecimento do homem como: “quem somos”, “onde estamos”, “de onde viemos”, “para onde vamos”.
- » *Ensinar a identidade terrena* – é preciso que os cidadãos do novo milênio compreendam tanto a condição humana no mundo em que vivem, desenvolvendo sentimento ecológico de preservação das espécies e da natureza, como um todo.
- » *Enfrentar as incertezas* – trata-se da capacidade de enfrentar os desafios da existência, tendo em vista que o que se produz no presente tende a ser questionado no futuro, em razão dos atos anteriormente praticados, nem sempre justos ou sábios. Assim, as ideias e teorias por não refletirem, necessariamente, a realidade, são transmitidas (ensinadas) de forma errônea.

- » *Ensinar a compreensão* – este eixo do saber indica que a compreensão humana é a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. O problema da compreensão é duplamente polarizado. Um polo é o da compreensão geral, definido nas relações sociais, culturais e entre os povos. O outro polo é o individual, específico, voltado para as relações particulares entre pessoas próximas. Há duas formas de compreensão: a compreensão intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva, a qual perpassa, naturalmente, pelo grau de moralidade do indivíduo.
- » *A ética do gênero humano* – a educação deve conduzir à “antropoética”, levando em conta o caráter da condição humana, que é ser ao mesmo tempo indivíduo/sociedade/espécie. Desta forma, a ética indivíduo/espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade. A ética não poderia ser ensinada por meio de meras lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. E, segundo o Espiritismo, um Espírito imortal, que antecede a atual experiência física e sobrevive à morte do corpo. Daí surgem duas grandes finalidades ético-políticas do novo milênio: estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos pela democracia, e conceber a humanidade como comunidade planetária.

O texto de Edgar Morin tem o mérito de introduzir uma nova e criativa reflexão nas discussões que acontecem sobre a educação no atual século. Aborda temas fundamentais, por vezes ignorados ou deixados à margem dos debates sobre a política educacional. Sua leitura conduz à reflexão das práticas pedagógicas da atualidade, demonstrando a necessidade de situar a importância da educação integral (corpo-mente e espírito) na totalidade dos desafios e incertezas dos tempos atuais.

5. Educação espírita

Kardec enfatizou a importância da educação como condição para o processo evolutivo humano, entendido nos seus aspectos intelectuais e morais. “[...] Kardec via a educação como um remédio eficaz para o combate ao mal em geral e às más tendências que o Espírito manifesta desde cedo e que devem ser observadas pelos pais. Estes

são os primeiros educadores da criança”¹² afirmou, ainda, o que só “[...] a educação poderá reformar os homens [...]”¹³

Neste contexto, escreveu no seu livro *Plano proposto para a melhoria da educação pública*, quando ainda se encontrava investido da personalidade Hippolyte Léon Denizard Rivail:^{*14}

Todos falam da importância da educação, mas esta palavra é, para a maioria, de um significado excessivamente impreciso [...]. Em geral, nós a vemos somente no sistema de estudos, e este equívoco é uma das principais causas do pouco progresso que ela obteve. Uma outra causa desse atraso prende-se a um preconceito, geralmente admitido, contra tudo o que se une a essa profissão, dela afastando uma infinidade de homens que, por seu mérito, poderiam contribuir para o seu adiantamento. A educação a arte de formar homens, isto é, a arte de neles fazer surgir os germes das virtudes e reprimir os do vício; de desenvolver sua inteligência e dar-lhes instrução adequada às necessidades [...]. Em uma palavra, o objetivo da educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais.

A educação espírita valoriza todas as conquistas no campo da inteligência humana, mas prioriza a melhoria moral, porque, enquanto o conhecimento intelectual tem como base a instrução, o conhecimento moral atende ao propósito de educar o ser imortal. Daí o Codificador afirmar que a educação é fundamental até para os problemas econômicos: “[...] Há um elemento a que não se tem dado o devido valor e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral. [...]”¹

Em relação à questão moral, considerada como pilar da educação espírita, temos a dizer que a

[...] melhoria moral do Espírito, que é a questão essencial, nem sempre é considerada com a seriedade que merece, sendo relegada à Filosofia ou à Religião. A formação moral do indivíduo continua sendo estrategicamente abafada pelos recursos tecnológicos ou por métodos e processos pedagógicos, teóricos e reducionistas, que

* O professor Hippolyte L. D. Rivail só iria tomar conhecimento das ideias espíritas vinte e seis anos depois da publicação do Plano proposto para a melhoria da educação pública, cuja primeira edição foi em 1828. Somente em 1854 teria os primeiros contatos com os fenômenos espíritas. Acreditamos que a frase “talvez mesmo antes” faz referência ao período gestacional.

camuflam a realidade porque não querem ou não sabem enxergar o indivíduo como um ser integral, que antecede e sobrevive à morte do corpo físico.¹⁵

Sem a educação moral, ou com uma educação moral de superfície, dificilmente os indivíduos se transformam em pessoas de bem. Daí o Codificador considerar com a lucidez que lhe era característica:¹

Quando se pensa na grande quantidade de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de admirar as consequências desastrosas que daí resultam? Quando essa arte [educação moral] for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de *ordem e de previdência* para consigo mesmo e para com os seus, *de respeito a tudo o que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar com menos dificuldade os dias ruins que não pode evitar.¹

Na condição de primeiros educadores, os pais devem ser conscientizados do seu papel primordial, pois o “[...] *período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos*”,¹⁶ assevera Emmanuel que, em seguida acrescenta:¹⁷

Até aos sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e estabelecer novo caminho, na consolidação de princípios de responsabilidade, se encontrar nos pais legítimos representantes do colégio familiar. Por isso o lar é tão importante para a edificação do homem, e por que tão profunda é a missão da mulher perante as leis de Deus.

Retomando as ideias de Rivail, ele nos faz ver que não é suficiente, em educação, “[...] conhecer o objetivo que se quer alcançar, é preciso ainda conhecer perfeitamente a estrada que se deve percorrer. [...]”.¹⁸ Sendo assim, conclui:¹⁹

A origem das qualidades morais encontra-se nas impressões que a criança recebe desde o seu nascimento, talvez mesmo antes, e que podem atuar com mais ou menos energia sobre seu espírito, no bem ou no mal. Tudo o que a criança vê, tudo o que ouve, causa-lhe

impressões. Ora, do mesmo modo que a educação intelectual é constituída pela soma das ideias adquiridas, a educação moral é o resultado de todas as impressões recebidas.

Mais adiante, nesse admirável livro, o professor Hippolyte Rivail analisa não só as influências diretas dos pais e dos professores, mas outras, menos sutis que, aparentemente poderiam não fazer intromissão no processo educativo. Ledo engano. Sigamos os seus esclarecimentos:²⁰

Quero, principalmente, falar daquelas impressões que a criança recebe diretamente nas suas relações com as pessoas que a rodeiam, as quais, sem dar à criança maus exemplos ou maus conselhos, muitas vezes, no entanto, dão origem a vícios muito graves, como os pais por sua indulgência exagerada e os mestres por uma severidade mal compreendida, ou pelo pouco cuidado que se tem ao adequar a nossa maneira de agir ao caráter da criança: quando, por exemplo, cede-se às suas solicitações importunas, quando se tolera os seus erros sob pretextos ilusórios, quando se obedece aos seus caprichos, quando se deixa a criança perceber que é vítima das astúcias [...], frequentemente, toma-se as imperfeições ou germes de vício por qualidades, o que acontece muitas vezes aos pais [...].

A formação científica e humanista de Allan Kardec lhe permitiu encarar os fatos espíritas com lucidez, sem negá-los ou aceitá-los, de imediato, só opinando a respeito após criteriosa análise racional. Aplicou a combinação de quatro critérios na tentativa de julgá-los com acerto, mantendo cuidadosa postura antes de emitir conclusões ou fazer publicações. Os critérios foram:

- » *Humanismo*: pesava sempre os valores éticos e as consequências morais das novas ideias.
- » *Racionalismo*: utilizou, com sabedoria, os seguintes instrumentos do método experimental, que lhe forneciam a visão do todo e das partes: observação; análise crítica e criteriosa dos fenômenos; conclusões lógicas.
- » *Intuição*: agiu com bom senso, equilíbrio intelectual e sem fanatismo, sempre que não encontrava resposta racional para um fato.
- » *Universalismo*: impôs controle universal dos ensinamentos dos Espíritos, pela aplicação da metodologia científica. Conjugou então, razão e sentimento,

bom senso e lógica, só aceitando como verdade aquilo que fora submetido à análise racional, pela consulta a outros Espíritos, cujas respostas vinham de diferentes médiuns, da França e de outros países.

Na condição de espírita, Kardec apresenta alguns princípios para elaboração de um plano pedagógico de educação, à luz do Espiritismo, que deve ser utilizado em nossas casas espíritas com êxito, desde que se analise e conheça, efetivamente, o significado dado pelo Codificador.

5.1. Princípios Orientadores do Ensino, por Allan Kardec²¹

1. Cultivar o espírito natural de observação das crianças, dirigindo-lhes a atenção para os objetos que as cercam.
2. Cultivar a inteligência, observando um comportamento que habilite o aluno a descobrir por si mesmo as regras.
3. Proceder sempre do conhecido para o desconhecido, do simples para o composto.
4. Evitar toda atitude mecânica (mécanisme), levando o aluno a conhecer o fim e a razão de tudo o que faz.
5. Conduzi-lo a apalpar com os dedos e com os olhos todas as verdades. Este princípio forma, de algum modo, a base material deste curso de aritmética.
6. Só confiar à memória aquilo que já tenha sido apreendido pela inteligência.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 685-a. Comentário, p. 431.
2. XAVIER, Francisco C. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 5, p. 27-28.
3. <http://educalara.vilabol.uol.com.br/lara2.htm>
4. PEREIRA, Sandra Maria Borba. *Reflexões pedagógicas à luz do evangelho*. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 2009. Cap. 2, p. 39-40.
5. <http://educalara.vilabol.uol.com.br/pilares.htm>
6. PEREIRA, Sandra Maria Borba. Op. Cit., p. 40.
7. _____. p. 41.
8. _____. p. 43.

9. _____. p. 44.
10. _____. p. 45.
11. MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 10. ed. São Paulo, Cortez; Brasília: UNESCO, 2005, p. 13-18.
12. PORTASIO, Manuel. *Fora da educação não há salvação*. São Paulo: DPL, p. 25.
13. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 796, p. 484.
14. RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard : *Plano proposto para a melhoria da educação pública*. Tradução de Albertina Escudeiro Seco. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005, p. 11-12.
15. MOURA, Marta Antunes. *A educação em um mundo de transição*. In: Reformador. Rio de Janeiro: FEB, julho de 2007. Ano 125. N.º 2. 140, p. 27.
16. XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 109, p. 229-230.
17. _____. p. 230.
18. RIVAIL, Hippolyte Léon Denizard : *Plano proposto para a melhoria da educação pública*. Op. Cit., p. 12.
19. _____. p. 13.
20. _____. p. 16-17.
21. WANTUIL, Zéus e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Volume I, cap. 15, p. 98.

Orientações ao monitor

OBSERVAÇÃO: sugerimos que o conteúdo seja desenvolvido em duas reuniões, para melhor aproveitamento do assunto.

Primeira reunião:

1. Fazer breve apresentação das ideias gerais, desenvolvidas neste Roteiro de estudo.
2. Em seguida dividir a turma em grupos, cabendo a cada um ler e trocar ideias a respeito dos itens destacados nos subsídios, com exceção do item educação espírita, a ser desenvolvido no próximo encontro.
3. Os grupos escolhem relatores que apresentam uma síntese do que foi estudado. O monitor complementa informações, se necessário.
4. O monitor faz o fechamento do estudo, destacando os fundamentos da educação do futuro.

Segunda reunião:

1. Tendo como referência o estudo realizado na reunião anterior, o monitor apresenta as principais características da educação espírita, favorecendo a participação da turma.
2. Analisa os Princípios orientadores do ensino, de Allan Kardec.
3. Em seguida, pede à turma que se organize em quatro grupos para fazer correlação dos quatro pilares da educação com os ensinamentos de Jesus, inseridos no seu Evangelho. Para tanto, seguir roteiro de tarefas que se segue, e buscar apoio doutrinário nos textos inseridos em anexo.

Roteiro de tarefas:

Grupo	Pilar	Máxima do evangelho
1	Aprender a conhecer	“conhecereis a verdade e ela vos libertará” (Jo, 8:32)
2	Aprender a fazer	“...Faze isso e viverás.” (Lc, 10:28)
3	Aprender a conviver	“Fazei aos outros o que gostaríeis que eles vos fizessem.” (Mt, 7:12)
4	Aprender a ser	“sede perfeitos ...” (Mt, 5:48)

4. Pedir aos relatores dos grupos que apresentem as conclusões das tarefas.
5. Destacar pontos significativos das correlações realizadas, retornando aos princípios orientadores do ensino, de Allan Kardec, para fechamento do estudo.

Anexo – Textos para subsidiar o trabalho em grupo

Grupo 1: Aprender a conhecer

Ante a luz da verdade*

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”

Jesus (João, capítulo 8:32).

A palavra do Mestre é clara e segura.

Não seremos libertados pelos “aspectos da verdade” ou pelas “verdades provisórias” de que sejamos detentores no círculo das afirmações apaixonadas a que nos inclinemos.

Muitos, em política, filosofia, ciência e religião, se afeiçoam a certos ângulos da verdade e transformam a própria vida numa trincheira de luta desesperada, a pretexto de defendê-la, quando não passam de prisioneiros do “ponto de vista”.

Muitos aceitam a verdade, estendem-lhe as lições, advogam-lhe a causa e proclamam-lhe os méritos, entretanto, a verdade libertadora é aquela que conhecemos na atividade incessante do Eterno Bem.

Penetrá-la é compreender as obrigações que nos competem.

Discerni-la é renovar o próprio entendimento e converter a existência num campo de responsabilidade para com o melhor.

Só existe verdadeira liberdade na submissão ao dever fielmente cumprido. Conhecer, portanto, a verdade é perceber o sentido da vida.

E perceber o sentido da vida é crescer em serviço e burilamento constantes. Observa, desse modo, a tua posição diante da Luz...

Quem apenas vislumbra a glória ofuscante da realidade, fala muito e age menos. Quem, todavia, lhe penetra a grandeza indefinível, age mais e fala menos.

* XAVIER, Francisco Cândido. Fonte viva. Pelo Espírito Emmanuel. 36 ed. Rio de Janeiro, 2010. Cap.173, p. 417-418.

Grupo 2: Aprender a fazer

Faze isso e viverás*

“E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso, e viverás” (Lucas,10:28).

O caso daquele doutor da Lei que interpelou o Mestre a respeito do que lhe competia fazer para herdar a vida eterna, reveste-se de grande interesse para quantos procuram a bênção do Cristo.

A palavra de Lucas é altamente elucidativa.

Não se surpreende Jesus com a pergunta, e, conhecendo a elevada condição intelectual do consultante, indaga acerca da sua concepção da Lei e fá-lo sentir que a resposta à interrogação já se achava nele mesmo, insculpida na tábua mental de seus conhecimentos.

Respondeste bem, diz o Mestre. E acrescenta: faze isso, e viverás.

Semelhante afirmação destaca-se singularmente, porque o Cristo se dirigia a um homem em plena força de ação vital, declarando entretanto: faze isso, e viverás.

É que o viver não se circunscreve ao movimento do corpo, nem à exibição de certos títulos convencionais. Estende-se a vida a esferas mais altas, a outros campos de realização superior com a espiritualidade sublime.

A mesma cena evangélica diariamente se repete em muitos setores. Grande número de aprendizes, plenamente integrados no conhecimento do dever que lhes compete, tocam a pedir orientação dos Mensageiros Divinos quanto à melhor maneira de agir na Terra... a resposta, porém, está neles mesmos, em seus corações que temem a responsabilidade, a decisão e o serviço áspero...

Se já foste banhado pela claridade da fé viva, se foste beneficiado pelos princípios da salvação, executa o que aprendeste do nosso Divino Mestre: faze isso, e viverás.

* XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, verdade e vida. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro, 2010. Cap. 157, p. 329-330.

Grupo 3: Aprender a conviver

Amar o próximo como a si mesmo*

“Fazei aos outros o que gostaríeis que eles vos fizessem” (Mateus, 7:12).

“Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós” é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais segura, a tal respeito, do que tomar, como medida do que devemos fazer aos outros, aquilo que desejamos para nós mesmos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando os homens as adotarem como regra de conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas apenas união, concórdia e benevolência mútua.

Grupo 4: Aprender a ser

Características da perfeição**

“Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial” (Mateus, 5: 48).

Visto que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta máxima: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a este, o que é inadmissível. Mas os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance. Jesus se limita a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforcem por alcançá-lo. Aquelas palavras devem, pois, ser entendidas no sentido

* KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro, 2008. Cap. 11, item 4, p. 221.

** KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro, 2008. Cap. 17, item 2, p. 334-335.

da perfeição relativa, a de que a humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: em “amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem”. Mostra, desse modo, que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes. Com efeito, se observarmos os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconheceremos não haver nenhum que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm o seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação, já que tudo que superexcita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é, por isso mesmo, sempre indício de maior ou menor superioridade moral, donde resulta que o grau de perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de ter dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial”.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 6

CONSEQUÊNCIAS DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

Objetivos

- » Avaliar a importância do conhecimento espírita para o progresso do Espírito.

Ideias principais

- » *O conhecimento do porquê da existência é de consequências incalculáveis para o melhoramento e a elevação do homem. Quem sabe onde vai pisa firme e imprime a seus atos um impulso vigoroso. Léon Denis: Depois da morte. Terceira parte, cap. XLII.*
- » O Espiritismo não só esclarece a respeito da vida espiritual — e todas as consequências daí decorrentes —, como fornece condições para a melhoria moral do ser humano.
- » A moralização do ser humano, para a Doutrina Espírita, tem como base o Evangelho de Jesus: *O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. 11, item 8.*

Subsídios

O conhecimento espírita favorece a melhoria do ser humano porque, como processo libertador de consciência, produz resultados inestimáveis: esclarecimento sobre si mesmo, sua origem, destinação e razão de se encontrar reencarnado; entendimento a respeito da morte (desencarnação) e da vida no plano espiritual; aprendizado sobre a necessidade de se tornar uma pessoa melhor, pelo desenvolvimento de virtudes, decorrente da transformação operada no íntimo do ser.

O Espírito esclarecido adquire nova visão da vida, de si mesmo e do outro. Persegue parâmetros comportamentais que interferem, direta ou indiretamente, na melhoria do mundo, cedo ou tarde.

Já afirmava o Espírito André Luiz que o [...] *conhecimento espírita é tão importante no reino da alma quanto a alfabetização nos domínios da vida comum. [...] A humanidade tem tanta necessidade do conhecimento espírita, como precisa de pão ou de antibiótico, que devem ser fabricados e armazenados antes que a infecção contamine o corpo ou que a fome apareça. [...]*¹

Léon Denis esclarece que o “conhecimento do porquê da existência é de consequências incalculáveis para o melhoramento e a elevação do homem. Quem sabe onde vai pisa firme e imprime a seus atos um impulso vigoroso.”²

Ao fazer uma reflexão sobre os efeitos negativos das ideias materialistas e das interpretações religiosas literais, Denis concluiu que os ensinamentos espíritas favorecem o progresso do Espírito:

As doutrinas negativistas obscurecem a vida e conduzem, logicamente, ao sensualismo e à desordem. As religiões, fazendo da existência uma obra de salvação pessoal, muito problemática, consideram-na de um ponto de vista egoísta e acanhado. Com a filosofia dos Espíritos, modifica-se, alarga-se a perspectiva. O que cumpre procurar já não é a felicidade terrestre, pois neste mundo a felicidade não passa de uma quimera, mas, sim, a melhoria contínua. O meio de realizarmos é a observação da lei moral em todas as suas formas. Com esse Ideal a sociedade é indestrutível: desafia todas as vicissitudes, todos os acontecimentos. Avigora-se nos infortúnios e encontra sempre meios para, no seio da adversidade, superar-se a si mesma.³

Emmanuel, por outro lado, esclarece por que o Espiritismo deve ser considerado, efetivamente, processo libertador de consciência.⁴

A influência do Espiritismo, em verdade, à feição de movimento libertador das consciências, será precioso fator de evolução, em toda parte. Na Ciência criará novos horizontes à glória do espírito. Na Filosofia, traçará princípios superiores ao avanço inelutável do progresso. Na religião, estabelecerá supremos valores interpretativos, liberando a fé viva das sombras que a encarceram na estagnação e na ignorância. Na justiça, descortinará novos rumos aos direitos humanos. No trabalho, proporcionará justa configuração ao dever. Nas artes, acenderá a inspiração da inteligência para os mais arrojados vôos ao país da beleza. Na cultura, desabotoará novas fontes de Luz para a civilização fatigada e decadente. Na política, plasmará nova conceituação para a responsabilidade nos patrimônios públicos. Na legislação, instituirá o respeito substancial ao bem comum. E, em todos os setores do crescimento terrestre, à frente do futuro, ensinará e levantará, construindo e consolando, com a verdade a nortear-lhe a marcha redentora. Entretanto, somente no coração é que o Espiritismo pode realmente transformar a vida.

Tal aprendizado implica, necessariamente, estudo e trabalho, responsabilidade com compromissos e deveres; combate às más tendências e esforço perseverante no bem. E, quando menos se espera, ocorrem mudanças na qualidade dos pensamentos emitidos pelo indivíduo, refletidas nas palavras e comportamentos.

O indivíduo modifica-se, então, para melhor, porque passa a compreender a necessidade de ser bom, de progredir moralmente, não apenas intelectualmente. Neste sentido, a doutrina Espírita lhe aponta caminho seguro que deve seguir ao longo da evolução: vivência dos ensinamentos de Jesus, contidos no seu Evangelho de amor e luz.

O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quanto mais avançado e corrompido, só tem sensações; mais instruído e purificado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas

as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. [...].⁵

A persistência no bem é, contudo, tarefa árdua, que exige firme atuação da vontade. Manejar a vontade, como instrumento providencial para aquisição de novas conquistas evolutivas, deve ser operação consciente de combate às imperfeições. Neste aspecto, é importante adquirir informações sobre a atuação da mente, tendo em vista que a “[...] mente é o espelho da vida em toda parte”⁶, esclarece Emmanuel, recordando que a mente, nos

[...] seres primitivos, aparece sob a garga do instinto, nas almas humanas surge entre as ilusões que salteiam a inteligência, e revela-se nos Espíritos Aperfeiçoados por brilhante precioso a retratar a Glória Divina. Estudando-a de nossa posição espiritual, confinados que nos achamos entre a animalidade e a angelitude, somos impelidos a interpretá-la como sendo o campo de nossa consciência desperta, na faixa evolutiva em que o conhecimento adquirido nos permite operar.⁶

Sobre o império da vontade, o querer ser pode, perfeitamente, se transformar em querer fazer, pois “[...] o reflexo esboça a emotividade. A emotividade plasma a ideia. A ideia determina a atitude e a palavra que comandam as ações.”⁷

Fica evidente, portanto, que o aprendizado espírita extrapola o aspecto consolador, que conforta e solidariza, sob os auspícios da fraternidade e da caridade, ensinadas pelo Evangelho. É mensagem de redenção do ser humano, que considera o esforço individual como mola propulsora da construção do saber e da moralização, ainda que o Espírito viva em um mundo de expiações e provas.

Sendo assim, a mente humana, entendida como “[...] espelho vivo da consciência lúcida [...]”⁸, assemelha-se, segundo o feliz simbolismo utilizado por Emmanuel, “[...] a um grande escritório, subdividido em diversas seções de serviço.”⁸

Aí possuímos o Departamento do Desejo, em que operam os propósitos e as aspirações, acalentando o estímulo ao trabalho; o Departamento da Inteligência, dilatando os patrimônios da evolução e da cultura; o Departamento da Imaginação, amealhando as riquezas do Ideal e da sensibilidade; o Departamento da Memória, arquivando as súmulas da experiência, e outros, ainda, que definem os investimentos

da alma. Acima de todos eles, porém, surge o Gabinete da Vontade. A Vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental. A Divina Providência concedeu-a por auréola luminosa à razão, depois da laboriosa e multimilenária viagem do ser pelas províncias obscuras do instinto. Para considerar-lhe a importância, basta lembrar que ela é o leme de todos os tipos de força incorporados ao nosso conhecimento.⁸

O conhecimento espírita explica a razão das provações, o que a pessoa deve fazer para melhorar sua existência, em termos de aperfeiçoamento moral e intelectual, no período de uma reencarnação. O espírita esclarecido compreende que a finalidade útil das provas existenciais está nesta orientação do benfeitor Cícero Pereira: “[...] para equilibrar os nossos passos, a fim de orientar com segurança os passos alheios, disciplinar-nos dentro de responsabilidades que abraçamos para não ameaçar o trabalho daqueles que nos cercam. [É preciso] Ouvir mais. Fazer mais. E falar menos. [...]”⁹

Por outro lado, ensina Bezerra de Menezes qual deve ser a atitude do espírita chamado à reencarnação:¹⁰

O espírita cristão é chamado aos problemas do mundo, a fim de ajudar-lhes a solução; contudo, para atender em semelhante mister, há que silenciar discórdia e censura e alongar entendimento e serviço. É por essa razão que interpretando o conceito “salvar” por “livrar da ruína” ou “preservar do perigo”, colocou Allan Kardec, no luminoso portal da Doutrina Espírita, a sua legenda inesquecível: “Fora da caridade não há salvação”

A caridade, manifestada como serviço ao próximo, é porta libertadora, demonstrando ser um compromisso espírita inadiável. É preciso, porém, compreender que a caridade não se restringe à filantropia.

Realmente, a caridade expressa a perfeição dentre as manifestações da criatura e dimana, em seus fundamentos, do Amor Infinito de Deus. Um ato de caridade traz em si a argamassa indestrutível da Eterna Perfeição, composta de sabedoria e justiça, trabalho e solidariedade, confiança e paz.¹¹

O simples fato de crer em Deus, segundo o entendimento de fé raciocinada, que não é dogmática, sofre modificações no íntimo do ser: a pessoa passa a reconhecer o valor da providência divina e aproveita a chance de melhorar-se, compreendendo a extensão do

amor, da misericórdia e da justiça divinas. Tal entendimento alimenta a alma do crente sincero e lhe serve de apoio para vencer os desafios existenciais. O espírita esclarecido tem fé, não a que entorpece os sentidos e a vontade, mas a fé raciocinada,

[...] a que se apoia nos fatos e na lógica, [e] não deixa nenhuma obscuridade; a criatura acredita porque tem certeza, e tem certeza porque compreendeu. Eis porque não se dobra. *Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade.* [...].¹²

Todos os indivíduos que têm fé, perseveram no bem. São considerados abençoados e bem-aventurados porque, de acordo com o Espírito Meimei, “[...] sabem aproveitar as pedradas da vida, porque a fé e a perseverança no bem são os dois grandes alicerces do reino de Deus.”¹³

Por último, destacamos que um dos maiores benefícios do conhecimento espírita é, perante as adversidades e desafios impostos pela existência, buscar amparo na prece. A prece funciona também como recurso preventivo de ações nefastas, ou intempestivas, mas é também remédio salutar que alivia feridas morais.

Pela oração, o Espírito adquire novas forças, resiste ao mal, decorrente de ações próprias ou de outrem, permitindo que benfeitores espirituais lhe falem ao coração, pela intuição, transmitindo-lhe conselhos relativos ao melhor caminho a ser trilhado.

Inserimos, em seguida, um trecho de bela página sobre o poder da prece, para reflexão. Trata-se de mensagem psicográfica transmitida pelo Espírito Anderson ao médium Francisco Cândido Xavier, durante uma viagem deste aos Estados Unidos:¹⁴

O poder da prece é a nossa força. Alguns dos seus frutos são a paz, a esperança, a alegria, o amor e a coragem. Confiamos em Jesus. Por conseguinte, porque não buscá-lo sempre para aquilo de que necessitamos? Ele disse: “O reino de Deus está em vós”. Nunca nos deveríamos esquecer dos propósitos divinos e da orientação divina. Cada alma tem seu próprio crédito. A fé se revela nos atos. Quando o homem ajuda a alguém em nome do Cristo, o Cristo responde a esse homem, ajudando-o por meio de alguém. No entanto, temos de orar sempre. Não devemos subestimar o valor da nossa comunicação com Deus. Teremos de atravessar épocas difíceis? Estamos deprimidos? Continuemos a orar. A prece é luz e orientação em nossos próprios pensamentos.

Referências

1. VIEIRA, Waldo. *Sol nas almas*. Pelo Espírito André Luiz. Uberaba [MG]: CEC, 1964. Cap. 56 (Influência do Espiritismo – mensagem de Emmanuel), p. 130.
2. DENIS, Léon. *Depois da morte*. 1. edição especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Parte terceira, cap. XLII, p. 341.
3. _____. p. 342.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *A verdade responde*. Pelos Espíritos André Luiz e Emmanuel. Araras [SP]: IDE, 1990. Cap. 5, p. 24-26.
5. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 11, item 8, p. 223-224.
6. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 1, p. 9.
7. _____. p. 10.
8. _____. Cap. 2, p. 13.
9. _____. *Instruções psicofônicas*. Por diversos Espíritos. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 8 (Palavras de um batalhador – mensagem do Espírito Cícero Pereira), p. 48.
10. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 3 (Legenda Espírita - mensagem do Espírito Bezerra de Menezes), p. 23-24.
11. _____. *Ideal espírita*. Por diversos Espíritos. 11. ed. Uberaba [MG]: CEC, 1991. Cap. 70 (A caridade nunca falha – mensagem do Espírito Emmanuel), p. 171.
12. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Cap. 19, item 7, p. 373-374.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *Pai nosso*. Pelo Espírito Meimei. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Item: Fé e perseverança, p. 41.
14. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Entre irmãos de outras terras*. Por diversos Espíritos. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. 39, p. 134-135.

Orientações ao monitor

1. Realizar breve exposição, destacando os pontos principais do tema.
2. Pedir à turma que faça leitura silenciosa dos subsídios deste Roteiro de estudo, pesquisando no texto palavras, frases ou ideias que indicam a importância do conhecimento espírita para o progresso espiritual do ser humano.
3. Com base na leitura e no exercício realizados, o monitor pede aos participantes que apresentem o resultado da pesquisa e incentiva troca de ideias, em plenário.

4. Após a troca de ideias, o monitor esclarece a respeito de pontos principais presentes no texto e, ao final, apresenta uma síntese do pensamento dos Espíritos esclarecidos (também citados no texto) sobre a importância do conhecimento espírita.

OBSERVAÇÃO: informar aos participantes que na próxima reunião o assunto previsto (Deus) será desenvolvido por meio de um painel de discussão. Para tanto, indicar o nome de três participantes que, convidados previamente, aceitaram a realização das seguintes tarefas: a) concepção religiosa de Deus; b) concepção filosófica e científica de Deus; b) concepção espírita de Deus.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 7

DEUS

Objetivos

- » Fazer uma análise comparativa da ideia de Deus, segundo preceitos religiosos, filosóficos, científicos e espíritas.

Ideias principais

- » A ideia de Deus é inata, encontrando-se presente em todas as manifestações religiosas, politeístas e monoteístas, que marcam o processo evolutivo do ser humano.
- » A filosofia da religião, enquanto disciplina filosófica, investiga nas crenças religiosas princípios universais (como a ideia de Deus, por exemplo) por processos racionais, com o objetivo de determinar se são justificados, ou não, separando-os das tradicionais interpretações teológicas e ritualísticas.
- » Em geral, a Ciência não cogita da existência de Deus, mas há cientistas que aceitam Deus, porém, seguindo entendimentos filosóficos específicos. Assim, os adeptos do Deísmo admitem a existência de Deus, mas questionam a ideia de revelação divina aos homens.
- » Para o Espiritismo *Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 1.

Subsídios

1. Concepção religiosa de Deus

A ideia de Deus é inata, acompanha o progresso humano e sempre esteve relacionada à manifestação da religiosidade do homem. Evoluiu das crenças politeístas — fundamentadas na existência de vários deuses — , para o conceito monoteísta, presente nas diferentes religiões reveladas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), segundo as quais *Deus* é um ser supremo, infinito, perfeito, criador do universo, causa primeira e fim de todas as coisas.

Em geral, as religiões monoteístas são concordantes em três aspectos relacionados aos atributos divinos: *onipotência* (poder absoluto sobre todas as coisas); *onipresença* (poder divino de estar presente em todos lugares, ao mesmo tempo); e *onisciência* (poder de tudo saber). Esses e outros atributos divinos são encontrados nos respectivos livros sagrados — fonte de referência de cada religião.

Assim, no **Judaísmo** temos a **Bíblia Judaica** ou **Tanakh**¹ — composta pelos ensinamentos da Torah (Leis), do livro dos *Profetas* e do livro dos *Ensinos*. A concepção de Deus no Judaísmo é exclusivamente monoteísta. O Deus de Israel é cognominado por dois nomes principais, na Bíblia. Um é YHWH (Yahweh), o outro nome, é Eloim — palavra hebraica utilizada para designar divindades e poderes celestiais, em especial Deus único, do Tanakh e da Bíblia Cristã. Na Torá está escrito no livro Gênesis (Bereshit): “*No princípio criou Elohim aos céus e a terra*”.

O judaísmo é considerado a primeira religião monoteísta a aparecer na face da Terra. Tem como crença principal a existência em Deus único, criador de tudo o que existe no Planeta e fora deste, no universo. Para os judeus, Deus fez uma aliança com os hebreus, tornando-os povo escolhido, e prometendo-lhes a terra prometida. Com base nos registros de suas escrituras sagradas, acredita-se que por volta de 1800 a.C., o patriarca Abraão recebeu um sinal de Deus para abandonar o politeísmo e que fosse viver em Canaã (atual Palestina).

A fé judaica é praticada em várias regiões do mundo, porém é no estado de Israel que se concentra um grande número de praticantes.

A **Bíblia Sagrada** ou **Cristã**² é a principal fonte dos ensinamentos religiosos no Ocidente. Difere em alguns aspectos da Bíblia judaica, mas mantém a divisão em duas seções: Velho ou Antigo Testamento — também conhecido como **Escrituras Hebraicas**, constitui a primeira grande parte da Bíblia cristã, e a totalidade da Bíblia hebraica. Os escritos foram redigidos em hebraico ou aramaico. A tradição cristã divide o Antigo Testamento em outras partes, e reordena os livros, dividindo-os em categorias: *Lei*, *História*, *Poesia* (ou livros de sabedoria) e *Profecias*.

O Novo Testamento relata a história de Jesus e da constituição do Cristianismo. É o nome dado à coleção de livros que compõem a segunda parte da Bíblia cristã. Seu conteúdo foi escrito após a morte de Jesus Cristo e é dirigido explicitamente aos cristãos, embora dentro da religião cristã tanto o Antigo quanto o Novo Testamento sejam considerados, em conjunto, Escrituras Sagradas. Os livros que compõem essa segunda parte da Bíblia foram escritos à medida que o cristianismo era difundido no mundo antigo, refletindo e servindo como fonte para a teologia das doutrinas cristãs. Trata-se de uma coleção de 27 livros que influenciou não apenas a religião, a política e a filosofia, mas também deixou sua marca permanente na literatura, na arte e na música. Os textos originais foram escritos por seus respectivos autores a partir do ano 42 d.C., em grego *koiné*, a língua franca da parte oriental do Império Romano, onde também foram compostos.

Cristo é o termo usado em português para traduzir a palavra grega Χριστός (*Khristós*) que significa “Ungido”. O termo grego, por sua vez, é uma tradução do termo hebraico מָשִׁיחַ (*Māšīaḥ*), transliterado para o português como Messias. A palavra é normalmente interpretada como o apelido de Jesus por causa das várias menções a “*Jesus Cristo*” na Bíblia. A palavra é, na verdade, um título, daí o seu uso tanto em ordem direta “Jesus Cristo” como em ordem inversa “*Cristo Jesus*”, significando neste último *O Ungido, Jesus*. Os seguidores de Jesus são chamados de cristãos porque acreditam que Jesus é o Cristo, ou Messias, sobre quem falam as profecias da Tanakh (que os cristãos conhecem como Antigo Testamento). A maioria dos judeus rejeita essa reivindicação e ainda espera a vinda do Cristo [...]. A maioria dos cristãos espera pela segunda vinda de Cristo quando acredita que Ele cumprirá o resto das profecias messiânicas. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cristo>)

Alcorão³ é o livro sagrado do **Islamismo**, religião monoteísta que surgiu na Península Arábica no século VII, baseada nos ensinamentos religiosos transmitidos pelo Anjo Gabriel ao profeta Maomé (*Muhammad*).

O **Islã** ou **Islamismo** crê que Allah (Alá) é o único Deus, todo poderoso, o misericordioso. Assim islã significa submeter-se à lei e à vontade de Allah, ou seja, os seguidores do Islã devem revelar total submissão a Deus.

Alá é uma palavra formada pelo AL (A) e IDÁ (Divindade). Nome dado a Deus pelos muçumanos, e que eles empregam como exclamação “Meu Deus!”.

A mensagem do Islamismo, referente a Deus e à vontade divina, é revestida de admirável simplicidade: para atingir a salvação basta acreditar num único Deus (Allah), rezar cinco vezes por dia, voltado para a direção de Meca (cidade sagrada), submeter-se ao jejum anual no mês do Ramadan (“jejum”) — que acontece no nono mês lunar do calendário muçulmano, considerado tempo de renovação da fé, da prática mais intensa da caridade, e vivência profunda da fraternidade e dos valores da vida familiar. Neste período pede-se ao crente maior proximidade com os valores sagrados, leitura mais assídua do Alcorão, frequência à mesquita, correção pessoal e autodomínio, pagar dádivas ou tributos ritualísticos e, se possível, fazer peregrinação à cidade de Meca, pelo menos uma vez na vida.

Há outras interpretações religiosas existentes no Planeta, muitas delas derivadas direta ou indiretamente desse núcleo monoteísta. Temos, assim, o *Avesta*⁴ dos zoroastrianos; o *Livro de Mórmon*⁵ dos mórmons, denominados “os santos dos últimos dias”; o livro *do Guru Granth Sahib*⁶, do sikhismo; o *Bayán* (ou *Exposição*)⁷, dos baybismos (ou babis); e o *Kitáb-i-Aqdas*⁸ dos praticantes da Fé Bahá’í.

2. Concepção filosófica de Deus

Para Léon Denis, o grande filósofo espírita do passado, a ideia de Deus “[...] se afirma e se impõe, fora e acima de todos os sistemas, de todas as filosofias, de todas as crenças”.⁹ Importa considerar, porém, que, ainda que a crença em Deus esteja fundamentada nos ensinamentos de uma dada religião ou filosofia, é preciso admitir que tal compreensão se amplia com o tempo, à medida que o homem evolui.

Por mais “legalista” que seja uma religião, por mais que se afere aos dogmas e às interpretações literais da mensagem espiritual, o progresso humano imprime modificações, ainda que a essência dos ensinamentos permaneça inalterada. Dessa forma, o que era considerado inadmissível no passado, às vezes nem tão longínquo, é aceito no mundo atual.

Esta é a principal razão de se acreditar que o futuro nos brindará com uma crença universal em Deus, independentemente do seguimento religioso a que o crente se encontre filiado. Além da ideia de Deus, outros conceitos espirituais serão também objeto de entendimento pacífico, devido à visão universalista que o homem espiritualmente amadurecido terá da religião. Concordamos, pois, com Denis, quando ele afirma que

Deus é maior que todas as teorias e todos os sistemas. Deus é soberano a tudo. O Ser divino escapa a toda a denominação e a qualquer medida e, se lhe chamamos Deus, é por falta de um nome maior, assim o disse Victor Hugo [1802–1885]. A questão sobre Deus é o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de maneira restrita, imperiosa, ao problema do ser humano e do seu destino, ao problema da vida individual e da vida social.⁹

O moderno estudo filosófico das religiões enfatiza a análise das revelações religiosas à luz da razão. Sendo assim, a filosofia da religião, enquanto disciplina filosófica, investiga nas crenças religiosas princípios universais (como a ideia de Deus), com o objetivo de determinar se são justificados, separando-os das práticas teológicas e ritualísticas.

Para melhor compreender o conceito de filosofia da religião, lembramos o que a respeito foi ensinado pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804), considerado o pai da ética moderna, mas que foi proibido pelo rei Frederico Guilherme II, da Prússia, em 1792, de dar aulas ou escrever sobre Deus e religião, por considerar as ideias do filósofo muito avançadas para a época. Hoje, contudo, o pensamento de Kant é naturalmente aceito, como se percebe no texto que se segue, escrito por ele:

A *religião* (considerada subjetivamente) é o conhecimento de todos os nossos deveres como mandamentos divinos. Aquela em que devo saber de antemão que alguma coisa é um mandamento divino, para reconhecê-lo como meu dever, é a religião *revelada* (ou que exige uma

revelação). Ao contrário, aquela em que devo saber de antemão que alguma coisa é um dever antes que possa reconhecê-lo como mandamento de Deus, é a *religião natural*. [...] Disso decorre que uma religião pode ser a religião *natural* ao mesmo tempo que é também revelada, se for construída de tal modo que os homens *pudessem* ou *devessem* chegar a ela graças unicamente ao uso da razão [...]. Disso decorre que uma revelação dessa religião num tempo e local determinado poderia ser sábia e proveitosa para o gênero humano, na condição contudo que [...] cada um possa se convencer daí em diante da verdade que ela comporta para si e para a própria razão. Nesse caso, a religião é *objetivamente* religião natural, embora *subjetivamente* seja revelada.¹⁰

Os religiosos mais esclarecidos apoiam tranquilamente essas ideias de Kant, que nos apresenta uma visão racional e, ao mesmo tempo, universalista. Com base em princípios filosóficos semelhantes, a Filosofia da Religião construiu um sistema que trata da natureza ou atributos de Deus — assim como de outros princípios religiosos básicos, cuja síntese está registrada em seguida.

Teísmo

Teísmo (do grego *Théos*, significa Deus) é a doutrina que etimologicamente se refere à crença na existência de um ser ou seres superiores. O sentido mais difundido na sociedade, a partir do século XVII, é a existência de um único Deus, ser absoluto e transcendental que se manifesta no mundo por meio de Sua Providência (a Providência Divina). Faz oposição ao ateísmo, que nega a existência da Divindade, e à doutrina panteísta que admite seja cada ser uma parcela de Deus.¹¹

A existência de Deus no teísmo pode ser provada pela razão, prescindindo da revelação, mas não a nega. Seu ramo principal é o teísmo cristão, que fundamenta a crença em Deus na Sua revelação sobrenatural, presente na Bíblia. Pode-se afirmar, portanto, que o teísmo “[...] é um aspecto essencial do espiritualismo [...] contemporâneo, especialmente na sua reação ao Idealismo romântico, que é sempre tendencialmente panteísta.”¹²

Há três formas de conceber a manifestação teísta: a) **politeísta** — crença em vários deuses (exemplo: religiões primitivas e animistas); b) **monoteísta** — crença na existência de um único Deus, Criador Supremo (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, e crenças daí derivadas); c) **henoteísmo** — crença em vários deuses, na qual se admite a

existência de um Deus supremo que governa outros menores (exemplo: Hinduísmo).

Deísmo

Deísmo é uma postura filosófico-religiosa que admite a existência de Deus como Criador Supremo, mas questiona a ideia da revelação divina aos homens. Em outras palavras, é a doutrina que considera a razão como a única via capaz de assegurar a existência de Deus. Os deístas não se prendem, em geral, a uma religião organizada.

Voltaire (1694–1778), filósofo e escritor iluminista francês, conhecido pela sua perspicácia e espirituosidade na defesa das liberdades civis, inclusive da liberdade religiosa, legítimo representante do pensamento deísta, afirmou: “O conhecimento de Deus não foi impresso em nós pelas mãos da natureza, pois todos os homens teriam a mesma ideia, e ideia alguma nasce conosco”.¹³

A despeito do brilhantismo do seu pensamento, revelado em diferentes campos do conhecimento, no caso da ideia de Deus, Voltaire descarta a ideia inata de Deus, desconhecendo, portanto, a possibilidade de a criatura humana trazer consigo, desde o nascimento, a crença em Deus, claramente explicada pela tese reencarnacionista.

3. Concepção científica de Deus

Em geral, a Ciência não cogita da existência de Deus, mas muitos cientistas, inclusive alguns de renome, aceitam a ideia e têm apresentado boas contribuições a respeito do assunto. Um deles foi Albert Einstein, que afirmou: “[...] Minha religião consiste em humilde admiração do Espírito superior e ilimitado que se revela nos menores detalhes que podemos perceber em nossos espíritos frágeis e incertos. Essa convicção, profundamente emocional na presença de um poder racionalmente superior, que se revela no incompreensível universo, é a ideia que faço de Deus”.¹⁴

Outro respeitável cientista que aceita e divulga sua crença em Deus é o americano Francis S. Collins, pai do projeto Genoma, autor do livro *A linguagem de Deus*, que merece ser lido. “O cientista percorreu o árduo caminho de ateu confesso a cristão convicto, enfrentando inúmeras dificuldades no meio acadêmico para confessar a sua crença em Deus. Percebeu quão limitada é a visão dos cientistas em relação a

certos questionamentos humanos, tais como: “Por que estamos aqui?”
“Qual o sentido da vida?”.¹⁵

Na última parte do livro, intitulada “Fé na ciência, fé em Deus”, encontramos uma linha histórica da evolução do conceito de Deus, contendo citações do livro bíblico *Gênesis*, de estudos de Galileu e de outros cientistas de renome, do passado e do presente, e as ideias essenciais da Teoria das Espécies, de Charles Darwin. Faz lúcida análise da Criação Divina, tendo como pano de fundo expressivas posições religiosas e científicas, tanto as favoráveis quanto as contrárias. Por fim, propõe a alternativa da união harmônica entre a Ciência e a fé.¹⁶

4. A concepção espírita de Deus

A Doutrina Espírita nos revela Deus de forma semelhante às demais revelações monoteístas (Pai e Criador Supremo), ainda que não ignore a existência de pontos interpretativos diferentes. Os seguintes exemplos servem para exemplificar o assunto.

– *Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.*¹⁷ Significa dizer que o Espiritismo não se orienta pela visão antropomórfica de Deus (“um homem em ponto maior”), ainda que mantenha a concordância com as demais religiões monoteístas de que Deus é o Criador Supremo, do universo e dos seres.

– *A ideia de Deus é inata, não resulta da educação religiosa.* Ensinam os Espíritos superiores que se a ideia de Deus fosse aprendida apenas pelo ensino, os selvagens não trariam consigo este sentimento.¹⁸ Kardec, por sua vez esclarece que se “[...] o sentimento da existência de um ser supremo fosse apenas produto de um ensino, não seria universal e, como sucede com as noções científicas, só existiria nos que houvessem podido receber esse ensino.”¹⁹

– *Devemos amar, não temer a Deus.* Muitas religiões ensinam que os males que nos acontecem são punições divinas pelos nossos pecados. O Espiritismo ensina que devemos amar a Deus, que é Pai justo e misericordioso, na forma que Jesus nos revelou. Os males que sofremos são decorrentes do uso incorreto do livre-arbítrio: “Dando ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa toda a responsabilidade de seus atos e de suas consequências.”²⁰

– *Pelo trabalho no bem o homem aprende a servir a Deus e dele se aproxima.* Inúmeras práticas religiosas existem para agradar a Deus, acreditando que, assim, O esteja servindo. Não deixa de ser um raciocínio ingênuo, uma vez que o Pai Celestial não necessita de manifestações de culto externo. O trabalho no bem revela melhoria espiritual e consciência da necessidade de cumprir as leis divinas: “[...] o progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, amor e caridade. [...] dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem”.²¹

– *A existência de Deus é comprovada por meio do axioma de que “não há efeito sem causa”.*

[...] Lançando o olhar em torno de si, sobre as obras da natureza, observando a providência, a sabedoria, a harmonia que preside a todas as coisas, reconhece-se não haver nenhuma que não ultrapasse os limites da mais talentosa inteligência humana. Ora, desde que o Homem não as pode produzir, é que elas são produto de uma inteligência superior à humanidade, salvo se sustentarmos que há efeitos sem causa.²²

Referências

1. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tanakh>
2. <http://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%ADblia>
3. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcor%C3%A3o>
4. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Avesta>
5. http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_de_M%C3%B3rmon
6. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sikhismo>
7. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Batismo>
8. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kit%C3%A1b-i-Aqdas>
9. DENIS, Léon. *O grande enigma*. 1. edição especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte, cap. V, p. 65.
10. KANT, Immanuel. *A religião nos limites da simples razão*. Tradução de Ciro Mioranza. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008, p. 177-178.
11. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 942-943.
12. _____. p. 943.
13. VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. Tradução Ciro Mioranza e Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2008, p. 207.

14. http://www.guia.heu.nom.br/fe_de_albert_einstein.htm
15. MOURA, Marta Antunes. *A ciência exclui Deus? In: Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, junho de 2007. Ano 125. Nº. 2. 139, p. 26.
16. _____. p. 27.
17. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 1, p. 77
18. _____. Questão 6, p. 78-79.
19. _____. Questão 6-comentário, p. 79.
20. _____. Questão 258-a, p. 230.
21. _____. Conclusão IV, p. 627.
22. _____. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, cap. II, item 5, p. 70-71.

Orientações ao monitor

1. Antes de os painelistas iniciarem as exposições, o monitor informa à turma como será desenvolvido o painel de discussão:
 - » Apresentação dos painelistas e dos temas que cada um irá desenvolver: a) concepção religiosa de Deus; b) concepção filosófica e científica de Deus; c) concepção espírita de Deus.
 - » Tempo destinado à exposição de cada painelista: 15 minutos.
 - » Participação do auditório por meio de perguntas dirigidas aos expositores.
 - » Esclarecimento de dúvidas por parte dos painelistas.
 - » O monitor agradece a participação de todos, sobretudo dos convidados, esclarecendo possíveis dúvidas.
2. Distribuir cópias do poema *Deus e nós*, de autoria do espírito André Luiz (veja em anexo), pedindo a um dos participantes para declamá-lo.
3. Fazer breves comentários da poesia, correlacionando-os ao assunto estudado.

Anexo

Deus e nós*

André Luiz

Somente Deus é a Vida em si. Entretanto, você pode auxiliar alguém a encontrar o contentamento de viver.

Somente Deus sabe toda a Verdade. Mas você pode iluminar de compreensão a parte da verdade em seu conhecimento.

Somente Deus consegue doar todo o Amor. Você, porém, é capaz de cultivar o Amor na alma dessa ou daquela criatura, com alguma parcela de bondade.

Somente Deus é o Criador da verdadeira Paz. No entanto, você dispõe de recursos para ceder um tanto em seus pontos de vista para que a harmonia seja feita.

Somente Deus pode formar a Alegria Perfeita. Mas você pode ser o sorriso da esperança e da coragem, do entendimento e do perdão.

Somente Deus realiza o impossível. Entretanto, diante do trabalho para a construção do bem aos outros não se esqueça de que Deus lhe entregou o possível para você fazer.

* XAVIER, Francisco Cândido. *Meditações diárias*. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. Araras [SP]: IDE, 2009, p. 73-74

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 8

JESUS

Objetivos

- » Realizar estudo sobre Jesus com base nos critérios históricos.
- » Analisar o pensamento espírita referente a Jesus.

Ideias principais

- » Os historiadores do cristianismo utilizam metodologia apropriada para analisar a figura ímpar do Cristo, denominada **Jesus Histórico**. Trata-se de estudo crítico que não considera a imagem construída pelos textos religiosos e teológicos que, em geral, revelam o Mestre Nazareno como o Filho de Deus ou o Messias prometido para a salvação da humanidade.
- » Para a Doutrina Espírita, Jesus é o [...] *tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo*. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 625.

Subsídios

1. Jesus histórico

Os estudos sobre a vida e a obra de Jesus podem ser realizados a partir de duas fontes principais: os textos canônicos e os não canônicos. Os primeiros representam referências das normas eclesiais e dos dogmas definidos pelas igrejas cristãs, ao longo dos séculos. Os segundos são utilizados pelos historiadores como método histórico de análise crítica dos textos evangélicos, denominado **Jesus histórico**,¹ cuja finalidade é reconstruir o contexto histórico do primeiro século da cristandade.

Jesus histórico não considera os axiomas teológicos, religiosos ou determinismos bíblicos. Embora as reconstruções históricas variem, são concordantes em dois pontos: Jesus era um rabino judeu, que atraiu um pequeno grupo de galileus e, após um período de pregação, foi crucificado pelos romanos na Palestina, sob instigação dos sacerdotes judeus, durante a governo de Pôncio Pilatos.

A busca pelo *Jesus histórico* foi iniciada com os estudos do filósofo deísta alemão Hermann Samuel Reimarus (1694–1768) que, junto com outros estudiosos, passaram a duvidar da historicidade relatada pelos textos sagrados, aceita sem controvérsias até o século XVIII, quando surgiu o movimento iluminista na Europa.

A despeito das opiniões nem sempre lisonjeiras desse e de outros autores sobre Jesus, surgem no século XIX estudos fundamentados em achados históricos e arqueológicos, através dos quais os pesquisadores passam a ter melhor compreensão da vida e da mensagem de Jesus.

Após a Primeira Guerra Mundial os alemães Martin Dibelius e Rudolf Bultmann compararam a mensagem original de Jesus com informações contidas em outros textos, provenientes da época da igreja primitiva, identificando pontos concordantes e discordantes. Esses estudiosos empregaram dois métodos para chegarem às conclusões finais, publicadas posteriormente:

- » *Redação criticista* – Trata-se de uma investigação a respeito de como cada escritor do Evangelho compilou seu livro, seguida de comparação com outros escritos e, também, fontes orais.

- » *Crítica formal* – Os críticos concluíram que os evangelhos (segundo Mateus, Marcos, Lucas e João) não foram escritos, originalmente, completos tal como os conhecemos atualmente. Representam coleções de fatos separados, de tradições orais, mitos ou parábolas, propositalmente agrupados para formar uma coletânea, artificialmente elaborada, destinada a divulgar práticas da igreja antiga. A crítica formal tenta reconstruir os episódios originais, separando o que é fato histórico do que é inclusão artificial.

Fato curioso é que, a despeito desse minucioso trabalho científico, há muitos cientistas que consideram Jesus um mito, alguém que nunca existiu. Não se trata, porém, de opinião unânime no meio acadêmico, pois, a despeito de existirem discordâncias quanto a datas de nascimento e morte, e da ocorrência dos fatos relatados no Evangelho, não significa, em absoluto, que o Cristo não tenha existido. De qualquer forma, no que diz respeito aos textos evangélicos, os

[...] dados cronológicos mais importantes da vida de Jesus encontram-se nas narrativas da infância (Mateus, 2; Lucas, 1:5, 2:1-40) e nas narrativas da paixão (Mateus, 26-27; Marcos, 14-15; Lucas, 21-23; João, 13-19). Outros dados relevantes podem ser encontrados nos evangelhos de Lucas e João (Lc., 3:1-2 e 23; Jo., 2:20). [...].²

Na revista *Reformador* de junho de 2008, coluna Cristianismo Redivivo, encontram-se maiores informações sobre essas contradições, que merecem ser conferidas.

Na busca pelo *Jesus Histórico*, alguns estudiosos fundamentam-se na chamada **Fonte Q** (de *Quelle*, nome alemão para fonte), uma coleção de *Ditos de Jesus*, que é uma tradição, oral ou escrita não se sabe ao certo amplamente difundida no mundo cristão da primeira metade do século I, e que serviu de base para a escritura dos evangelhos sinópticos, assim como para alguns apócrifos. Sendo assim, o documento **Q**, ou fonte **Q**, é hipoteticamente considerado como sendo o primeiro texto evangélico escrito, e que teria sido utilizado, mais tarde, por Mateus e Lucas, mas não por Marcos, na redação dos seus escritos, fato que justificaria as coincidências presentes no evangelho de Lucas e de Mateus, e as diferenças com o de Marcos.

Na década de 1970, o controvertido teólogo irlandês e ex-sacerdote católico (abandonou a batina em 1969), John Dominic Crossan,³ considerado um dos maiores críticos da Bíblia e autor do livro *Jesus*

histórico ou *Jesus seminar*, analisou a historicidade de Jesus com base na chamada referência **Q** e no evangelho de Tomé, tido como apócrifo.

A metodologia utilizada por esse autor estava assentada em dois critérios:⁴

- » Exame de fontes arqueológicas, históricas e textuais do primeiro século, aplicando as descobertas à análise sociológica e à antropológica, com a finalidade de melhor compreender Jesus e sua missão.
- » Dar ênfase ao judaísmo de Jesus, contextualizando suas origens e ensinamentos aos acontecimentos do primeiro século do Cristianismo.

Em suma, munidos dos novos instrumentos da pesquisa hodierna, tais como história antiga, crítica literária, crítica textual, filologia, papirologia, arqueologia, geografia, religião comparada, os atuais pesquisadores tentam reconstruir o ambiente sociocultural de Jesus, de modo a experimentar o efeito que as palavras do Mestre produziram nos ouvintes da sua época. Nesse esforço, procura-se evitar juízos preconcebidos, premissas rígidas, preconceitos étnicos, deixando que a mensagem se estabeleça ainda que contrariamente às expectativas dos crentes atuais. No entanto, ao montar o quebra-cabeça da história do Cristianismo Primitivo com as escassas peças disponíveis, nem sempre é possível ao pesquisador humano dispensar certa dose de imaginação.⁵

O historiador John P. Méier, professor da Universidade Católica de Washington-EUA, um dos mais respeitáveis pesquisadores de assuntos bíblicos da atualidade, considera com muita propriedade, que não

[...] podemos conhecer Jesus “real” através da pesquisa histórica, quer isto signifique sua realidade total ou apenas um quadro biográfico razoavelmente completo. No entanto, podemos conhecer o “Jesus histórico”. Por Jesus da história, refiro-me ao Jesus que podemos “resgatar” e examinar utilizando os instrumentos científicos da moderna pesquisa histórica.^{4, 6}

2. Jesus à luz da Doutrina Espírita

Os romances históricos de Emmanuel trazem informações notáveis sobre Jesus e sobre os três primeiros séculos do Cristianismo. Importa considerar, como afirma o confrade Haroldo Dutra Dias,

“[...] nesses romances, alguns dados de pesquisa histórica puramente humana são confirmados, todavia, muitas retificações são feitas. Exige-se do leitor exame cuidadoso, sob pena de serem divulgadas informações incorretas, apenas porque determinado pesquisador encarnado as defende em suas obras.”⁶

A propósito, Emmanuel esclarece, em relação aos textos do Novo Testamento:⁷

Muitas escolas literárias se formaram nos últimos séculos, dentro da crítica histórica, para o estudo e elucidação desses documentos. A palavra “apócrifo” generalizou-se como espantinho em todo o mundo. Histórias numerosas foram escritas. Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das ideias religiosas, não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam, em sua maioria, na exposição dos princípios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo. A grandeza da doutrina não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Não há vantagem nas longas discussões quanto à autenticidade de uma carta de Inácio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o raciocínio absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessária. [...] Todavia, a autoridade literária não poderá apresentar a equação matemática do assunto. É que, portas adentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.

Nunca é demais lembrar a informação que os Espíritos da Codificação transmitiram a respeito de Jesus, relatada em *O livro dos espíritos*:⁸

- » Questão 625: *Qual o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?*
- » Resposta: “Jesus”.
- » Comentário de Allan Kardec:

Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de

sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava.⁸

Ainda que persistam opiniões contraditórias sobre o que Jesus fez, ou não; ainda que sua mensagem não tenha sido suficientemente compreendida, importa destacar, como ensina Emmanuel, que a sua vinda entre nós marcou o início da “[...] era definitiva da maioria espiritual da humanidade terrestre, uma vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.”⁹

Com o intuito de fornecer outros subsídios ao estudo, apresentamos, em seguida, citações de Espíritos esclarecidos, como ilustração do assunto, a fim de que se conheça melhor a posição da Doutrina Espírita em relação a Jesus, o Cristo de Deus.

Meimei:

“A palavra do Cristo é a luz acesa para encontrarmos na sombra terrestre, em cada minuto da vida, o ensejo divino de nossa construção espiritual”.¹⁰

Ewerton Quadros (primeiro presidente da FEB):

Em todas as circunstâncias, reconhecamo-nos defrontados pelo Mestre, no exercício da fraternidade dinâmica. Indubitavelmente, asseverou Ele não ter vindo para destruir a lei e sim para dar-lhe cumprimento. E executou-a, substancializando-lhe os enunciados na ação construtiva com que lhe ampliou todos os preceitos em luzes de ensino e afirmação de trabalho. [...] Ao revés, ajustou-se à comunidade, em penhor de soerguimentos e sustentação do homem integral, amparando-lhe corpo e alma. Explicou a verdade, tanto aos rabinos quanto aos pescadores de vida singela. Pregou a divina mensagem no tope dos montes, alimentando estômagos famintos e clareando cérebros sequiosos de luz. Socorreu mulheres infelizes e crianças abandonadas; leu nas sinagogas; curou cegos; restaurou doentes; ergueu paralíticos; recuperou obsidiados, doutrinando espíritos perturbados e sofredores; encorajou os tristes e banqueteu-se com pessoas apontadas ao escárnio social. Sem qualquer laivo de culto à personalidade, viveu no seio da multidão.¹¹

Emmanuel:

“A lição do Cristo é também comparável à fonte e ao pão, ao fator equilibrante e ao medicamento, que são fundamentalmente os mesmos, em toda parte. No trato, pois, de nós ou dos outros, é forçoso não olvidar que o próprio Senhor nos avisou de que as suas palavras são espírito e vida”.¹²

Irmão X (Humberto de Campos):

Mestre Redivivo, que ainda agora enches de terrível assombro quantos estimariam que não tivesses vivido entre os homens, fixa Teu complacente olhar sobre nós e aparta-nos da treva de todos os que se acomodam com a saliva da injúria! E revigora-nos a consolação e a esperança, porque sabemos, Senhor, que como outrora, ante os discípulos assustados, estarás com os Teus aprendizes fiéis, em todo instante da angústia, exclamando, imperturbável: “Tende bom ânimo! Eu estou aqui”.¹³

Bezerra de Menezes:

“todos os talentos da Bondade do Senhor se nos acumulam agora nas mãos, em torrentes de oportunidades e trabalho, recursos diversos e potencialidades virtuais”.¹⁴

Eurípedes Barsanulfo:

A seara do Senhor no solo infatigável do tempo guarda riquezas inexploradas e filões opulentos. Aquele que grafa uma página edificante, semeia um bom exemplo, educa uma criança, fornece um apontamento confortador, entretece uma palestra nobre ou estende uma dádiva, recolherá, cem por um, todos os grãos de amor que lançou na sementeira do Eterno Bem, laborando com a Vida para a Alegria Sem Fim.¹⁵

Como espíritas, é sempre importante correlacionar as conclusões de estudiosos com os postulados da Doutrina Espírita, a fim de que possamos ter uma ideia mais completa do assunto. Nesse sentido, sob o título *Jesus histórico, muito além do mito*, a União das Sociedades Espíritas-USE, Regional Ribeirão Preto-SP, desenvolveu interessante trabalho comparativo que pode ser visualizado no site: http://www.userp.org.br/downloads/jesus_historico.ppt.

Referências

1. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jesus_hist%C3%B3rico
2. DIAS, Haroldo Dutra. *História da era apostólica: Nascimento de Jesus*. In: *Reformador: Cristianismo redivivo*. Rio de Janeiro: FEB, junho de 2008. Ano 126. N.º 2.151, p. 30.
3. http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IV_1999_2/John_Dominic.pdf
4. MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 35.
5. DIAS, Haroldo Dutra. *História da era apostólica: Jesus – governador espiritual do orbe*. In: *Reformador: Cristianismo redivivo*. Rio de Janeiro: FEB, março de 2008. Ano 126. N.º 2.148, p. 109.
6. _____. *História da era apostólica: novas perguntas*. In: *Reformador: Cristianismo redivivo*. Rio de Janeiro: FEB, janeiro de 2008. Ano 126. N.º 2.146, p. 36.
7. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 37 ed. 2009. Cap. 14, p. 149-150.
8. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 625, p.405.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica do natal*. 5. ed. 2008.
10. Cap. 14, p. 149. Por diversos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB. Cap. 69 (A vinda de Jesus - mensagem de Emmanuel, p. 190.
11. _____. *Vozes do grande além*. Por diversos Espíritos. 5.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap.17 (A palavra de Jesus – mensagem de Meimei), p. 77.
12. _____. *Ideial espírita*. Por diversos Espíritos. 5.ed. Uberaba: CEC, 1991. Cap. 46 (A religião de Jesus – mensagem de Ewerton Quadros), p. 116-117.
13. _____. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 33.ed. Uberaba: CEC, 2005. Cap.118, p.253.
14. _____. *Antologia mediúnica do natal*. Op. Cit. Cap. 25, p.77.
15. _____. *Bezerra, Chico e você*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 1. ed. São Bernardo do Campo: GEEM, 1973. Cap. 39, p.58.
16. _____. *Ideial espírita*. Op. Cit. Cap. 4 (Cem por um – mensagem do Espírito Eurípedes Barsanulfo), p. 24.

Orientações ao monitor

1. Realizar breve palestra sobre Jesus Histórico, utilizando recursos audiovisuais, a fim de dinamizar a exposição.
2. Incentivar a participação dos ouvintes, analisando mais detidamente o assunto.

3. Em seguida, pedir à turma que forme duplas com a finalidade de ler e apresentar, em plenário, a importância de Jesus para a Doutrina Espírita. Os pequenos grupos podem ser formados de acordo com esta distribuição de assuntos:
- Grupo 1: quem é Jesus, segundo os Espíritos orientadores da Codificação Espírita?
- Grupo 2: o que, efetivamente, marca a era do advento do Cristo?
- Grupo 3: o que a palavra do Cristo representa para Meimei?
- Grupo 4: que missão realizou Jesus, segundo Ewerton Quadros?
- Grupo 5: qual é a lição do Cristo, segundo Emmanuel?
- Grupo 6: o que Humberto de Campos suplica a Jesus?
- Grupo 7: como se manifesta a bondade de Jesus, segundo Bezerra de Menezes?
- Grupo 8: que características são destacadas por Eurípedes Barsanulfo relativas à seara de Jesus?
4. Após ouvir as apresentações das duplas, enfatizar a importância de Jesus com base no texto inserido em anexo.

Anexo – Texto para fechamento do estudo

Ante o Divino Semeador*

Emmanuel

“Ouvi: eis que saiu o semeador a semear. . .” – Jesus (Marcos 4:3.)

Jesus é o Semeador da Terra e a humanidade é a Lavoura de Deus em Suas Mãos.

Lembremo-nos da renúncia exigida à semente chamada à produção que se destina ao celeiro para que não venhamos a sucumbir em nossas próprias tarefas.

Atirada ao ninho escuro da gleba em que lhe cabe desabrochar, sofre extremo abandono, sufocada ao peso do chão que lhe esmaga o

* XAVIER, Francisco Cândido. *Antologia mediúnica do natal*. Por diversos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB, cap. 51.

envoltório. Sozinha e oprimida, desenfaiça-se das forças inferiores que a constriem, a fim de que os seus princípios germinativos consigam receber a bênção do céu.

Contudo, mal se desenvolve, habitualmente padece o assalto de vermes que lhe maculam o seio, quando não experimenta a avalanche de lama, por força dos temporais.

Ainda assim, obscura e modesta, a planta nascida crê instintivamente na sabedoria da natureza que lhe plasmou a existência e cresce para o brilho solar, vestindo-se de frondes tenras e florindo em melodias de perfume e beleza para frutificar, mais tarde, nos recursos que sustentam a vida.

A frente do sementeiro sublime, não esmoreças ante os pesares da incompreensão e do isolamento, das tentações e das provas aflitivas e rudes.

Crê no Poder Divino que te criou para a imortalidade e, no silêncio do trabalho incessante no bem a que foste trazido, ergue-te para a Luz Soberana, na certeza de que, através da integração com o amor que nos rege os destinos, chegarás sob a generosa proteção do Celeste Pomicultor, à frutificação da verdadeira felicidade.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 9

ESPÍRITO

Objetivos

- » Conceituar *Espírito* do ponto de vista filosófico, científico e religioso.
- » Refletir a respeito da interpretação espírita de espírito.

Ideias principais

- » Os conceitos filosóficos e científicos mais conhecidos indicam que Espírito é: alma racional ou intelecto; *pneuma* ou sopro animador; ser incorpóreo; matéria sutil; personalidade.
- » A expressão “Penso, logo existo”, de Descartes, é o conceito de Espírito mais aceito no meio científico.
- » Todas as religiões do passado e do presente concordam quanto ao princípio da existência do Espírito, e da sua sobrevivência além da existência física; porém, as interpretações, nesse aspecto, são diversificadas.
- » Para o Espiritismo há dois elementos distintos e gerais do universo, ambos criados por Deus: Espírito e matéria. O Espírito é revestido de matéria semimaterial, o perispírito, que serve de molde à formação do corpo que será utilizado durante a reencarnação. O Espírito sobrevive à morte do corpo físico e pode [...] *renascer quantas vezes se fizerem necessárias, consonante o princípio da reencarnação. Quando encarnado, o Espírito é chamado alma.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questões 27, 134, 135 e 135-a.

Subsídios

Etimologicamente, a palavra Espírito, do latim *spiritus*, significa *respiração* ou *sopro*. Também pode referir-se a *alma*, *coragem* ou *vigor*. No grego, Espírito *pneuma*, traduzida como *respiração* (sopro) que, metaforicamente, significa descreve um ser, um, espírito ou, até mesmo, influência espiritual. No hebraico o termo para Espírito é *ruah* que, modernamente, pode ser simbolizado como *psique* (do grego *psychein* = soprar).

Originalmente, *psique* era utilizado como uma das características da vida humana; mais tarde evoluiu para a ideia de vida, propriamente dita, e, por fim, como sinônimo de alma, considerada o princípio da vida. A psique seria então a “alma das sombras” (dos mortos) em oposição à “alma do corpo”.

A palavra Espírito apresenta, portanto, dois contextos, um metafísico e outro metafórico. O primeiro faz parte das abordagens filosóficas. O segundo está relacionado ao sentido etimológico e ao simbolismo usualmente utilizados pelos poetas e escritores.

As religiões e as tradições espiritualistas consideram Espírito como um princípio incorpóreo. Segundo a Doutrina Espírita, Espírito¹ é a individualização ou humanização do princípio inteligente do universo.

1. Espírito: Conceitos filosóficos e científicos

A Filosofia apresenta cinco interpretações básicas para Espírito, assim expressos:

- » **Alma racional ou intelecto** – que “[...] é o significado predominante na filosofia moderna e contemporânea, bem como na linguagem comum.”²
- » **Pneuma ou sopro animador** – conceito admitido desde a época dos filósofos estoicos*, para os quais Espírito é “aquilo que vivifica”.

* Estoicismo: escola filosófica grega, fundada no século III A.C. por Zenão de Cítio. O estoicismo é uma doutrina filosófica que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um Logos divino (noção que os estoicos tomam de Heráclito e desenvolvem). A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Este logos (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele; graças a ele o mundo é um kosmos (termo que em grego significa “harmonia”).

Essa interpretação permaneceria nos séculos seguintes, como este de Immanuel Kant (1724–1804), para quem Espírito é “[...] o princípio vivificante do sentimento.”²

- » **Ser incorpóreo** – genericamente, engloba as almas dos mortos, anjos e demônios. Dentro desse contexto, Kant também afirmava que “[...] Espírito é um ser dotado de razão e sentimento, que o vivifica.”²
- » **Matéria sutil ou impalpável** – conhecida como força que anima as coisas (conceito semelhante ao de pneuma). Alguns filósofos do Renascimento³ (séculos XIII ao XVII) desenvolveram essa ideia, resgatada dos antigos estudos estoicos. Os seus principais representantes foram o ocultista cristão Heinrich Cornelius Agripa⁴ (1486–1537) e Paracelso⁴ (1493–1541), cujo nome verdadeiro era Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, grande médico e ocultista.
- » **Capacidade pensante**

Foi Descartes (1596–1650) quem introduziu e impôs esse significado. [...] Portanto, a rigor, não sou mais que uma coisa que penso, um Espírito, um intelecto ou uma razão, termos cujo significado antes me era desconhecido² (*Méditations touchant la première philosophie*, 1641).

As ideias de Descartes, sintetizadas na expressão “penso, logo existo” (*cogito, ergo sum*) definiram a linha do pensamento científico dos séculos seguintes, sobretudo entre o XIX e o XX, época da predominância das ideias positivistas. Seu pensamento persiste no meio científico da atualidade, de forma que Espírito pode ser sintetizado no conjunto de faculdades intelectuais, genericamente definidas como *mente*.

Estoicismo: escola filosófica grega, fundada no século III A.C. por Zenão de Cítio. O estoicismo é uma doutrina filosófica que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um Logos divino (noção que os estoicos tomam de Heráclito e desenvolvem). A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Este logos (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele; graças a ele o mundo é um *kosmos* (termo que em grego significa “harmonia”).

Para os filósofos espiritualistas, Espírito é um ser dotado de inteligência e sentimento, ou ser pensante dos cientistas. Para os cientistas materialistas, que nada admitem além da matéria, o Espírito é visto como um princípio material organizado por um conjunto de

leis físicas que produziram, em consequência, o sistema nervoso, sede do pensamento. Nesse sentido Espírito é o mesmo que inteligência (capacidade de conhecer).

Os exageros de algumas concepções filosóficas, religiosas e científicas criaram, contudo, dicotomia entre os conceitos de Espírito e de matéria. Aliás, Voltaire (1694–1778), pseudônimo de François-Marie Arouet, famoso escritor e filósofo iluminista* francês, analisou minuciosamente o verbete alma, distribuindo suas ideias em onze itens do seu livro *Dicionário Filosófico*. Nesses itens, cujo resumo é apresentado em seguida, o filósofo destaca as diferentes ideias existentes à sua época.

- » [...] *Alma é um termo vago, indeterminado, que exprime um princípio desconhecido de efeitos conhecidos, que sentimos em nós [...] No sentido próprio e literal do latim e das línguas que dele derivam significa o que anima.*⁵
- » [...] *Assim é que se disse da alma dos homens, dos animais, às vezes a planta das plantas, para indicar o seu princípio de vegetação e vida.*⁵
- » Neste sentido, a alma era geralmente entendida como a origem, causa e a própria vida, fato que corroborava o conceito de que tudo morria com o corpo. Então, indagava o filósofo: [...] *Mas o que é princípio de nossa vida, o que é o princípio de nossos pensamentos, serão duas coisas diferentes?*⁵
- » [...] *Ousamos por em questão se a alma inteligente é espírito ou matéria; se criada antes de nós; se sai do nada em nosso nascimento; se, depois de nos ter animado um dia na Terra, ela vive depois de nós na eternidade.*⁶
- » [...] *Como, pois, somos tão atrevidos em afirmar o que é alma? Sabemos com certeza que existimos, que sentimos, que pensamos.*⁷
- » [...] *O corpo da Igreja inteira definiu que a alma é imaterial.*⁸
- » [...] *O homem é um ser que age, sente e pensa; aí está tudo o que sabemos dele.*⁹
- » [...] *O maior benefício de que somos devedores ao Novo Testamento é o de nos ter revelado a imortalidade da alma.*¹⁰

* *Iluminismo*: movimento surgido na França do século XVII e que defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. Para os filósofos iluministas o pensamento racional deveria ser levado adiante, substituindo as crenças religiosas e o misticismo que, segundo eles, bloqueavam a evolução do homem. O homem deveria ser o centro e passar a buscar respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé.

2. Conceitos históricos de alma ou Espírito

Para os **egípcios** antigos¹¹ a alma estava ligada ao *KA* (perispírito), elemento imaterial e invisível, que sobrevivia à morte do corpo. A alma renascia inúmeras vezes e podia comunicar-se com os mortos. Os **abilônicos** “[...] acreditavam que a morte não era o fim da existência do homem. A vida futura, para eles, era tida como um “reino subterrâneo”, para onde caminhariam, sem distinção, todos os falecidos.”¹² Os **hindus**¹³ admitiam a reencarnação do Espírito.

O culto aos antepassados, realizado pelos **chineses**¹⁴ indica a crença na imortalidade do Espírito, fortemente arraigada às tradições espirituais desse povo. Já os antigos **persas**¹⁵ (iranianos atualmente) seguiam os preceitos do sábio Zoroastro que, entre outros ensinamentos, pregava que os homens podiam ser influenciados pelos bons ou maus Espíritos.

3. O que é Espírito segundo o Espiritismo

Para a Doutrina Espírita há dois elementos distintos e gerais do universo, criados por Deus: Espírito e matéria.¹⁶ O Espírito, encarnado ou desencarnado, está revestido de uma matéria semimaterial, o perispírito,¹⁷ que serve de molde para construção do corpo físico. Quando encarnado, é chamado de alma, mas alma e Espírito são palavras sinônimas,¹⁸ utilizadas respectivamente apenas para indicar o ser que possui corpo físico (encarnado) e o que não possui (desencarnado).

O estado natural do Espírito é de ser livre, de viver no plano espiritual, no qual o Espírito mantém sua personalidade e suas características individuais. Assim, as reencarnações, por mais numerosas que sejam, são sempre temporárias. Ainda segundo a Doutrina Espírita, a interação do Espírito com o corpo físico se dá, necessariamente, através do perispírito: “[...] Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível e que revestem temporariamente um envoltório carnal para se purificarem e se esclarecerem.”¹⁹

Para os orientadores da Codificação, os “[...] Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.”²⁰

Quanto à natureza do Espírito, sabemos muito pouco a respeito, como esclarece Kardec:²¹

A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é, do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida. Ele se nos revela pelos seus atos e esses atos não podem impressionar os nossos sentidos, a não ser por um intermediário material. O Espírito precisa, pois, de matéria, para atuar sobre a matéria. Tem por instrumento direto de sua ação o perispírito, como o homem tem o corpo. [...] Depois, serve-lhe também de agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre o qual ele atua, como nós atuamos sobre o ar para obter determinados efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão, ou das vibrações.

Outro ponto fundamental, revelado pela Doutrina Espírita, é fazer clara distinção entre Espírito e matéria. O principal atributo do Espírito é a inteligência. O corpo físico e o perispírito são elementos materiais que se submetem à vontade do Espírito. Os órgãos e todas as estruturas biológicas do corpo físico e do perispírito são “animados” pelo fluido vital, uma das modificações do fluido cósmico universal, que lhes concede vitalidade.

Dessa forma, a Doutrina Espírita também não confunde Espírito com a energia vital que faz funcionar os sistemas, órgãos, tecidos e células do corpo físico e do perispírito. No cadáver já não há mais energia vital, fato que caracteriza o fenômeno da morte, mas o Espírito sobrevive, passando a viver em outra dimensão, no mundo espiritual, porém revestido do seu corpo perispiritual. Assim, esclarece Kardec: “O Princípio vital, é o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, e que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. O princípio vital é coisa distinta e independente, já que pode haver vida com exclusão da faculdade de pensar.”²²

4. Conclusão

Em síntese, afirma a Doutrina Espírita em relação ao Espírito:

- » *A dúvida relativa à existência dos Espíritos tem como causa principal a ignorância acerca da sua verdadeira natureza. Geralmente, são figurados como seres à parte na Criação e cuja necessidade não está demonstrada.*²³
- » *Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, a crença neles necessariamente se baseia na existência de um princípio inteligente fora da matéria.*²³

- » *Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso que se admita, também: 1º) que a sua natureza é diferente da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º) que goza da consciência de si mesma, pois é passível de alegria ou sofrimento, sem o que seria um ser inerte e de nada nos valeria possuí-la.*²⁴
- » *Os Espíritos vivem no plano espiritual: [...] não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: é todo um mundo invisível, no meio do qual vivemos, que nos cerca e nos acotovela incessantemente.*²⁵
- » *Ora, essas almas que povoam o espaço são justamente aquilo a que chamamos Espíritos. Assim, pois, os Espíritos são apenas as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo. Se os Espíritos fossem seres à parte, sua existência seria mais hipotética. Se, porém, se admitir que há almas, há que se admitir também os Espíritos que são simplesmente as almas e nada mais. Se se admitir que as almas estão por toda parte, ter-se-á que admitir igualmente que os Espíritos estão por toda parte.*²⁶
- » *O Espírito [...] é o ser que pensa e sobrevive [à morte]. O corpo não passa de um acessório do Espírito, de um envoltório, de uma veste, que ele deixa quando está usada. Além desse envoltório material, o Espírito tem um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, porém não do outro, a que damos o nome de perispírito. Esse envoltório semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria.*²⁷

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questões 23-28, p. 87-90.
2. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 354.
3. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento>.
4. <http://compossivel.wordpress.com/category/filosofia-renascentista/>.
5. VOLTAIRE. *Dicionário Filosófico*. Tradução de Ciro Mioranza e Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, 2008, p. 35.
6. _____. p. 36.
7. _____. p. 37.

8. _____. p. 39.
9. _____. p. 45.
10. _____. p. 47.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.4, p. 50-53.
12. BUENO, Taciano. *O espiritismo confirmado pela ciência*. 1. ed. São Paulo: JR Editora, 2006. Cap.3, item 69, p. 98-99.
13. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Op. Cit. Cap. 5, p. 64.
14. _____. Cap. 8, p.92.
15. IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 200. Item: Zoroastro, p. 181.
16. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 27, p.88-89.
17. _____. Questões 135 e 135-a, p. 149.
18. _____. Questão 134, p. 148.
19. _____. Questão 134-b, p. 149.
20. _____. Questão 79, p. 120.
21. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Segunda parte, cap. 1, item 58, p. 95-96.
22. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Introdução, parte II, p. 26.
23. _____. *O livro dos médiuns*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte, cap. 1, item 1, p.22.
24. _____. Item 2, p.22.
25. _____. p.23.
26. _____. p.24-25.
27. _____. Item 3, p. 25-26.

Orientações ao monitor

1. No início da reunião, o monitor pede à turma para responder esta questão, justificando a resposta: *Há Espíritos?*
2. Ouvir e comentar as ideias apresentadas.
3. Em seguida, dividir a turma em três grupos para leitura, troca de ideias e elaboração da síntese de um dos itens deste Roteiro de estudo, assim especificados:
 - Grupo 1: Espírito: conceitos filosóficos e científicos.
 - Grupo 2: conceitos históricos de alma ou Espírito.
 - Grupo 3: o que é Espírito para o Espiritismo.

4. Ao término do trabalho, pedir aos grupos que indiquem um relator para apresentar a síntese elaborada.
5. O monitor faz esclarecimentos a respeito do que foi relatado, esclarecendo possíveis dúvidas.
6. Como fechamento do estudo, apresenta as ideias que constam do item quatro (conclusão) dos subsídios.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 10

INSTINTO

Objetivos

- » Avaliar os conceitos filosóficos e científicos de instinto, comparando-os com os significados espíritas.

Ideias principais

- » Segundo a Filosofia, instinto (do latim *Instinctus*), é um guia natural, pouco modificável, que independe da conduta, animal ou humana. Trata-se, portanto, de impulso interior que permite ao ser agir de forma inconsciente, executando atos considerados adequados às necessidades de sobrevivência própria, da prole ou da espécie.
- » Segundo a Doutrina Espírita, os atos instintivos foram construídos pelo princípio inteligente em sua longa passagem pelos reinos inferiores da Criação. O instinto é considerado, então, [...] *uma espécie de inteligência. É uma inteligência não racional; é por ele que todos os seres proveem às suas necessidades.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 73.

Subsídios

Em Filosofia, **instinto** é considerado um “[...] guia natural da conduta animal e humana [que] não é adquirido, não é escolhido e é pouco modificável. [...]”¹ Os Espíritos da Codificação afirmam que o instinto é “[...] uma espécie de inteligência. É uma inteligência não racional; é por ele que todos os seres proveem às suas necessidades.”² Ou seja, necessidades de manutenção e sobrevivência da espécie, a fim de atender aos desígnios da Criação em geral, e os da reencarnação em particular.

Contudo, nem sempre é possível estabelecer um limite entre o instinto, propriamente dito, e a inteligência, porque muitas vezes ambos se confundem,³ sobretudo nos processos primários da evolução humana. Por mais que o homem progrida intelectualmente e aprenda a dominar os impulsos da vontade, há instintos que permanecem, refletidos nos automatismos biológicos.

Daí afirmarem os Espíritos superiores: “[...] o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se engana.”⁴

As contribuições do instinto representam, a priori, experiência bem sucedida da sobrevivência da espécie, adequadamente incorporada à memória integral do homem e dos animais. O aprendizado parcial, ainda não automatizado, não se manifesta como ato instintivo, pois o “[...] instinto não raciocina; [só] a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”⁵

De acordo com os estudiosos, especialmente os vinculados à Psicologia,

[...] o instinto difere da *tendência* pelo caráter biológico, porquanto se destina à conservação do indivíduo e da espécie e vincula-se a uma estrutura orgânica determinada; distingue-se do *impulso* por seu caráter estável. Existem duas concepções fundamentais de instinto: 1ª) a metafísica, segundo a qual o instinto é a força que assegura concordância entre a conduta animal e a ordem do mundo; 2ª) a científica, segundo a qual o instinto é um tipo de disposição biológica.¹

Tendência é algo que impele alguém a seguir um caminho. É sinônimo de predisposição, de inclinação ou propensão. Alguma

coisa inata, mas que, conforme as circunstâncias, pode ser controlada pela educação. Difere, portanto, do instinto, porque este independe do controle da razão.

Impulso, por sua vez, é ação irrefletida e espontânea, movida pela emoção, que também pode ser administrada pela educação. A pessoa adquire, então, autocontrole.

Esclarece o Espiritismo que o instinto:

[...] é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita por serem quase sempre espontâneas as suas manifestações, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado. O instinto varia em suas manifestações, conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.⁶

1. Instinto: princípios filosóficos e científicos

Os estudos metafísicos sobre o instinto surgem com os estoicos, para os quais há uma “[...] ordem providencial do mundo, que todos os seres estão destinados a manter, [pois] dirige a conduta animal.”¹ Dessa forma, a natureza faz o animal cuidar de si mesmo, automaticamente, e a conservar-se, contribuindo para manter a ordem do todo.¹

Por esse motivo, já afirmava Marco Túlio Cícero (106 a.C–43 a. C), famoso filósofo, orador, escritor, advogado e político romano: “[...] Para conservar-se, para conservar sua vida e seu corpo, toda espécie animal evita por natureza tudo o que parece nocivo, deseja e trata de arranjar tudo o que é necessário à vida, como alimento, abrigo e todo o resto. Também é comum a todos os seres animais o instinto sexual com vistas à procriação e certo cuidado com as crias.”⁷

Segundo a doutrina metafísica o instinto apresenta as seguintes características:⁷ a) **ação providencial** – garantida pelas leis da natureza; b) **infabilidade** – consequente da característica anterior, o instinto estaria apto para garantir a vida do animal e a sobrevivência da espécie; c) **imutabilidade** – que deriva das duas características anteriores e que resultaria na perfectibilidade do instinto; d) **cegueira** – o instinto independe do controle do animal, age cegamente.⁷

Do ponto de vista científico, o instinto pode ser explicado por meio de duas teorias: **a explicativa e a descritiva**.

1.1. Teoria Explicativa do Instinto

Esta teoria abrange três enfoques: a) o da ação reflexa; b) o do intelecto; c) o do sentimento (ou simpatia).

O enfoque da ação reflexa

Imaginada originalmente por René Descartes (1596-1650), conhecido filósofo francês, partiu-se do pressuposto que o corpo humano funciona como uma máquina, movida por ação reflexa.⁸ Essa conceituação ganhou unanimidade no meio científico, alcançando, inclusive, o século XX, ainda que a teoria dos reflexos de Descartes tenha sido bastante questionada pelos respeitáveis estudos do neurologista escocês Robert Whytt (1714-1766).

[...] Com relação aos reflexos, em 1751 Whytt publicou *The vital and other involuntary motions of animals*, resultante de anos de pesquisas sobre o papel da medula espinhal [nervosa] na mediação do ato reflexo e o primeiro estudo extensivo dos reflexos com base numa pesquisa experimental. [...] Whytt distinguiu os atos voluntários dos involuntários: os primeiros eram controlados pela vontade, originavam-se no cérebro e exigiam que este estivesse intacto; os segundos eram controlados por meio da medula espinhal. A meio caminho entre os controles voluntário e involuntário, e servindo de ligação entre eles, estava a formação de hábitos. Assim, os atos que se iniciam como voluntários, e sob o controle deliberado da vontade, tornam-se semelhantes a reflexos quando são suficientemente praticados.⁹

A teoria de Whytt contribuiu para melhor entender os atos instintivos, abrindo portas para sucessivos estudos nos séculos seguintes. Posteriormente essa teoria foi amplamente defendida por cientistas e filósofos de renome, como Herbert Spencer (1820-1923), filósofo positivista inglês, em sua obra *Princípios de Psicologia* (1855); por seu conterrâneo Charles Darwin (1809-1882), famoso naturalista, no famoso artigo *Descent of Man* (A descendência humana), em 1871;¹⁰ por todos os darwinistas e neodarwinistas, do passado e do presente; e, também, pelos estudiosos que elaboraram a teoria do reflexo condicionado, como o fisiologista russo Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936).¹⁰

Por definição, **reflexo** ou **ação reflexa** é a resposta involuntária a um estímulo. A ação reflexa não é controlada inicialmente pelo Sistema Nervoso Central (SNC), mas pela medula nervosa (reflexo medular) e pelo bulbo. A ação reflexa caracteriza os atos inconscientes, cujos resultados são específicos e previsíveis porque, ao longo da evolução se tornaram adaptativos (automatizados).¹¹ Por exemplo, a tosse, a salivação, o vômito, o piscar e o movimento pupilar são, entre outros, atos reflexos.

Outro ponto a considerar: “[...] Os reflexos dependem de uma via nervosa intacta entre o ponto de estimulação e o órgão que irá responder (músculo ou glândula). Essa via é denominada de arco reflexo”.¹¹ O arco reflexo é uma reação involuntária rápida que visa proteger o organismo, sendo originado de um estímulo externo antes mesmo de o cérebro tomar conhecimento do estímulo periférico, conseqüentemente, antes que possa comandar uma resposta.

O enfoque do intelecto

Refere-se a manifestações instintivas mais complexas, ou mais elaboradas. Trata-se de uma espécie de inteligência automatizada, de aprendizado originado de um hábito adquirido, formado e aperfeiçoado pelo animal, ao longo do tempo.

É enfoque ensinado pela psicologia evolutiva, apresentado pela primeira vez em Cambridge, Reino Unido, pelo inglês George Romanes (1848–1894), e que se encontra no livro *Mental Evolution in Animals* (A Evolução Mental nos Animais), publicado em 1883.

A despeito da aceitação da maior parte de suas ideias, no que se dizia respeito ao comportamento instintivo do animal, o estudo de Romanes foi pouco a pouco desprezado, apelidado de “ método anedótico”, pelos exageros das conclusões apresentadas pelo autor, a respeito das habilidades dos animais. Por exemplo: “[...] ele afirmou que as formigas têm o hábito de criar mascotes. Que os escorpiões se suicidam quando cercados pelo fogo. Que os pássaros são dotados de solidariedade e fidelidade conjugal, e que os castores demonstram “sagacidade e previsão” quando selecionam o local de sua morada”.¹²

O cientista que mais contribuiu para o estudo do comportamento instintivo foi o britânico Douglas Spalding (1840–1877) que, a despeito da sua origem humilde, era portador de inteligência e acuidade mental excepcionais para analisar fatos observados ou para

apresentar conclusões. Este estudioso foi preceptor daquele que seria um influente matemático, lógico e filósofo do século XX: Bertrand Arthur William Russel, 3º conde de Russel (1872–1970).¹³

Apesar do curto período de vida (morreu com 37 anos), Spalding desenvolveu consistentes ideias sobre o instinto, distinguindo os atos involuntários dos voluntários — que podem ser desenvolvidos com a aprendizagem e/ou educação —, e, outros atos instintivos, próprios de cada animal, conhecidos hoje como “específicos das espécies”.¹³

O enfoque do sentimento (ou da simpatia)

Neste enfoque o instinto é relacionado aos sentimentos e, em particular, ao da simpatia, como afirmava Henri Bergson (1859–1941), conhecido filósofo e diplomata francês: “[...] Nos fenômenos do sentimento, nas simpatias e antipatias irrefletidas, sentimos em nós mesmos, de forma bem mais vaga e ainda demasiado penetrada de inteligência, algo que deve acontecer na consciência do inseto que age por instinto. Para desenvolvê-los em profundidade, a evolução distanciou elementos que na origem se interpenetravam”.¹⁴

Segundo o enfoque do sentimento, a inteligência humana se desenvolve cada vez mais, distanciando-se do instinto, propriamente dito, por um processo de especialização, que só os sentimentos concedem.

1.2. Teoria Descritiva do Instinto

Esta teoria representa uma mescla de ideias freudianas, da psicologia humanista, da social, do gestaltismo, da educação e da sociologia. Para perceber as influências dessas distintas áreas do saber, é importante, primeiramente, saber como a Psicologia conceitua instinto: “[...] tendência ou disposição permanente para atuar do modo biologicamente determinado e característico de uma espécie. O ato instintivo é o produto, no comportamento animal [inclusive no homem], das condições específicas resultantes da hereditariedade, do meio ambiente e do impulso (adaptação, frustração, conflito, fuga)”.¹⁵

Sigmund Schlomo Freud (1856–1939), médico neurologista austríaco, considerado o pai da psicanálise, desenvolveu uma divisão estrutural da personalidade humana, em três partes: **id**, **ego** e **superego**. Por esta classificação, os conceitos de instinto e inteligência ficam evidentes.

- » O **id** (inconsciente) representa os processos primitivos do pensamento, sobretudo do sexo e da agressividade, que exige constante satisfação de suas necessidades. O *id* constitui, para Freud, o reservatório das pulsões — palavra de origem alemã que significa instinto.¹⁶
- » O **ego** (consciente) é entendido como elemento de ligação entre o *id* e o *superego*. Ou seja, é “[...] em parte consciente e em parte inconsciente, situa-se no centro da personalidade”.¹⁶

Dessa forma, as ações do indivíduo são determinadas pelas necessidades instintivas do inconsciente (*id*), suas crenças e comportamentos, desenvolvidos pelo aprendizado ao longo das eras. Mas por fazer parte das instâncias da consciência, o *ego* saudável proporciona a habilidade para adaptar-se à realidade e interagir com o mundo exterior, pelos mecanismos da inteligência, de uma maneira que seja cômoda para o *id* e para o *superego*.

- » O **superego** (ou superconsciência) é a parte da personalidade que age contra as manifestações instintivas do *id*, por representar pensamentos morais e éticos, já internalizados (possivelmente pela educação).

Para Freud os instintos influenciam a ação consciente do indivíduo que, conforme esse grau de interferência, o meio e as condições de vida (educação recebida), manifestam-se na forma de processos patológicos mentais, variáveis em intensidade e tipos. Freud cometeu alguns equívocos, claramente definidos hoje, talvez pela ênfase que deu ao instinto sexual, considerado controlador dos demais tipos de instintos.

A **Teoria do Instinto Social**, que integra a Psicologia Social, tem como base os estudos do psicólogo britânico William MacDougal (1871–1938), que afirmou: “[...] o instinto é a base de toda a atividade humana e as operações mentais são apenas instrumentos para a execução dos impulsos criados pelo instinto”.¹⁵ Analisa, também, que:

[...] os aspectos volitivos [da vontade] e cognitivos da natureza humana são suscetíveis de grandes modificações, ao passo que o aspecto emocional é permanente e hereditário, persistindo inalterado e comum a todos os indivíduos em situações idênticas. MacDougal enumera os instintos que considera *sociais*: instinto de fuga e sensação de medo; instinto de repulsa e sensação de repulsa; instinto de curiosidade e sensação de espanto; instinto de luta e sensação de ira; instinto de autodegradação e sensação de sujeição (autossentimento negativo); instinto de autoafirmação (autorrevelação) e sensação de orgulho

(autossentimento positivo); instinto paterno e sensação de ternura. São esses os instintos primários e respectivas emoções “que desempenham função de grande importância para a vida social.”¹⁵

A **Psicologia da Gestalt** (gestaltismo) é escola ou posição sistemática, intrinsecamente relacionada aos processos de percepção. Para o gestaltismo, o entendimento sobre o instinto deve estar totalmente distanciado da teoria dos reflexos, do Behaviorismo — que tem como objeto de estudo o comportamento, caracterizado pela resposta dada a estímulos externos, sem considerar o papel exercido pela consciência do indivíduo. Assim, o instinto deve ser entendido como

[...] uma disposição psicobiofísica, dependente da hereditariedade, muitas vezes completamente formada logo depois do nascimento, outras vezes só depois de certo período de desenvolvimento, que orienta o animal a dar atenção especial a objetos de certa espécie ou de certo modo, e a sentir, depois de perceber esses objetos, um impulso para determinada atividade, em conexão com eles. [G.E. Muller, 1948].¹⁰

Os mais famosos psicólogos gestaltistas foram os alemães Kurt Koffka (1886–1941) e Wolfgang Köhler (1887–1967), e o checo Max Wertneimer (1880–1943). Desenvolveram as **Leis da Gestalt**, válidas até os nossos dias. A Gestalt ampliou seu leque de abrangência, teórica e prática, transformando-se, então, em sólida linha filosófica que envolve, inclusive, processos pedagógicos.

A Psicologia Humanista, por outro lado, faz crítica aberta e

[...] vigorosa às duas correntes psicológicas dominantes na Psicologia: a behaviorista, com suas tendências mecanicistas, reducionistas e elementaristas; e a psicanalítica, que estuda “somente indivíduos perturbados: neuróticos e psicóticos.” [...] Os membros desse movimento consideram que: a) o behaviorismo, na medida em que enfatiza exclusivamente o comportamento manifesto, tende a desumanizar o homem, a reduzi-lo, segundo James Bugental (1967) a “um rato branco maior ou a um computador mais lento.” Eles afirmam que a imagem do homem proposta pela orientação estímulo-reação oferece, na melhor das hipóteses, um quadro incompleto da natureza humana e, na pior, um quadro totalmente inexato. Em suma, “o behaviorismo não se defronta com o que há de único no homem, aquelas qualidades eminentemente subjetivas que o diferenciam do animal de laboratório”; b) a psicanálise, na medida em que estuda apenas indivíduos perturbados, não pode chegar a conhecer

as qualidades e as características positivas do homem. Abraham Maslow afirmou que a psicologia “tem ignorado atributos tais como a alegria, a satisfação, a generosidade e o êxtase”, concentrando-se apenas no lado sombrio, no aspecto ‘doente’ do homem.¹⁷

A Psicologia Humanista parte do princípio que o ser humano é portador de livre-arbítrio e não está preso a determinismos impostos exclusivamente pela herança genética ou adaptações ambientais.

Os seus principais representantes são: os psicólogos estadunidenses Abraham Maslow (1908–1970), Carl Rogers (1902–1987), Gardner Murphy (1895–1979), James Bugental (1915–2008), e os alemães Charlotte Bühler (1893–1974) e Kurt Goldstein (1878–1968). Tais estudiosos propuseram

[...] a criação da Terceira Força na Psicologia, cujo objetivo final seria “[...] a preparação de uma completa descrição do que significa estar vivo como ser humano, [a qual] inclui necessariamente o inventário da dotação inata do homem; suas potencialidades de sentimento, de pensamento e de ação; seu crescimento, evolução e declínio; sua interação com várias condições ambientais; a gama completa de experiências que lhe são possíveis e o seu significado no universo” (James Bugental, no discurso que fez para assumir o cargo do primeiro presidente da Associação Americana de Psicologia humanista em 1962).¹⁷

Percebe-se com nitidez que a Psicologia Humanista possui fundamentos sintonizados com o pensamento espírita.

A **Psicologia Genética** estuda os fenômenos genéticos de acordo com a origem e o desenvolvimento do indivíduo e suas funções mentais. Aceita a ideia de que os “[...] fenômenos psicológicos são o produto de leis herdadas e atávicas, as quais influem na ocorrência e no desenvolvimento das funções [destaque] psicológicas do indivíduo e, concomitantemente, na sua filiação grupal”.¹⁸ A psicologia genética abrange abordagens da psicologia do desenvolvimento, da psicologia comparada e da psicologia de pessoas mentalmente enfermas.

2. Considerações espíritas sobre o instinto

O Espiritismo orienta que, independentemente da forma como a Filosofia e a Ciência analisam a questão instinto, jamais se deve

esquecer que os mecanismos que determinam a evolução do instinto ou da inteligência são mediados pelo perispírito, veículo que molda o corpo físico, do homem e dos animais, imprimindo-lhe as experiências nas múltiplas reencarnações, e nos aprendizados adquiridos nos inúmeros estágios no plano espiritual. A Doutrina Espírita ensina, igualmente, que os atos instintivos foram construídos pelo princípio inteligente em sua longa passagem pelos reinos inferiores da Criação.

Explica André Luiz a respeito:¹⁹

Esse corpo [perispírito] que evolve e se aprimora nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhe são fronteiriças, é suscetível de sofrer alterações múltiplas, com alicerces na adinamia proveniente da nossa queda mental no remorso, ou na hiperdinamia imposta pelos delírios da imaginação, a se responsabilizarem por disfunções inúmeras da alma, nascidas do estado de hipo e hipertensão no movimento circulatório das forças que lhe mantém o organismo sutil, e pode também desgastar-se, na esfera imediata à esfera física, para nela se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda restringir-se a fim de se reconstituir de novo, no vaso uterino, para a recapitulação dos ensinamentos e experiências de que se mostre necessitado, de acordo com as falhas da consciência perante a Lei.¹⁹

O orientador Calderaro apresenta no livro *No mundo maior*, importante conceituação de mente, que facilita o entendimento de “molde mental”, informado por André Luiz e, também as explicações emitidas por Freud, a respeito:²⁰

No sistema nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subscientes; figuremo-lo como sendo o porão da individualidade, onde arquivamos todas as experiências e registramos os menores fatos da vida. Na região do córtex motor, zona intermediária entre os lobos frontais e os nervos, temos o cérebro desenvolvido, consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser. Nos planos dos lobos frontais, silenciosos ainda para a investigação científica do mundo, jazem materiais de ordem sublime, que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução.

Em outro momento, na mesma obra, Calderaro fornece outros esclarecimentos, complementando os anteriores:²¹

Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares: no primeiro situamos a “residência de nossos impulsos automáticos”, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados; no segundo localizamos o “domicílio das conquistas atuais”, onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a “casa das noções superiores”, indicando as eminências que nos cumpre atingir. Num deles moram o hábito e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o Ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, deste modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro.²¹

Um ponto importante, também destacado por André Luiz, é que, em determinado momento evolutivo da construção do instinto, ocorreram processos de automatização dos hábitos os quais, necessariamente, foram repassados à geração seguinte, na forma de aprendizado instintivo. Eis como esclarece o Espírito benfeitor:²²

É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o Auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma. Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. [...] E entendendo-se que a Civilização aludida floresceu há mais ou menos

duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica

Os estudos existentes sobre o instinto são complexos e amplos, pois ainda não existe consenso científico. Não é tema de um único significado, ao contrário, uma nova ideia completa outra já existente. É assunto para muitos anos de pesquisa e estudo. Esclarece, a propósito, Robert Winston, um dos mais conhecidos cientistas britânicos da atualidade: “[...] Darwin estava certo ao dizer que nenhuma das qualidades associadas ao termo “instinto” é rigorosamente universal — sempre há exceções”.¹³

Obviamente, precisamos de uma definição e ela está na diferença entre a mente com a qual nascemos e a mente que “formamos”, via aprendizado, cultura e socialização. Então, instinto é essencialmente a parte do nosso comportamento que não é fruto de aprendizado. Contudo, nosso ambiente (e, portanto, nosso aprendizado) pode ter influência poderosa no modo pelo qual nossos instintos se expressam. O instinto [no homem] é construído de elementos humanos, herdados, da ação, desejo, razão e comportamento; [...]. Hoje, sabemos muito mais a respeito das características herdadas do que Darwin — sabemos que são transmitidos por genes.²³

Em processo de admirável síntese, a sabedoria de Emmanuel sintetiza a longa jornada evolutiva do ser humano: “Da sensação à irritabilidade, da irritabilidade ao instinto, do instinto à inteligência e da inteligência ao discernimento, séculos e séculos correram incessantes. A evolução é fruto do tempo infinito”.²⁴

Referências

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes: 2003, p.567.
2. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 73, p. 115.
3. _____. Questão 74, p. 115.
4. _____. Questão 75, p. 115.
5. _____. Questão 75-a, p. 115.
6. _____. Questão 75-a – comentário, p. 115.
7. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit., p.567-568.
8. GOODWIN, James C. *História da psicologia moderna*. Tradução Marta Rosas. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2005. Cap. 3, p. 82.
9. _____. p. 82-83.
10. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit., p.568-569.
11. Davis, Taber. *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Tradução de Fernando Gomes do Nascimento. 1 ed. São Paulo: Manole, p.1516.
12. GOODWIN, James C. *História da psicologia moderna*. Op. Cit. Cap. 5, p. 168.
13. _____. p.165-167.
14. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit., p. 569.
15. CABRAL, Álvaro e NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2001, p.160.
16. GOODWIN, James C. *História da psicologia moderna*. Op. Cit. Cap. 12, p. 432.
17. CABRAL, Álvaro e NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. Op. Cit., p. 255.
18. _____. p. 251.
19. XAVIER, Francisco Cândido e VIERA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Primeira parte, cap. 2, item: Corpo espiritual depois da morte, p. 35.
20. XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 3, p. 53.
21. _____. p. 54.
22. XAVIER, Francisco Cândido VIERA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Op. Cit. Primeira parte, cap.3, item: evolução no tempo, p.43.
23. WINSTON, Robert. *Instinto humano*. Tradução Mário M. Ribeiro e Sheill Mazzolenis. São Paulo: Globo, 2006. Introdução, p. 19.
24. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 4, p. 23.

OBSERVAÇÃO: sugerimos que o estudo seja realizado em duas reuniões, a fim de que ocorra melhor assimilação dos conteúdos.

Orientações ao monitor

Primeira aula

Estudar os itens *Introdução dos Subsídios e Instinto: princípios filosóficos e científicos*.

1. Fazer uma explanação inicial do item *Introdução*, dos subsídios de Roteiro de estudo. Se possível, utilizar recursos audiovisuais ou eletrônicos.
2. Pedir a turma que faça leitura silenciosa dos conteúdos do item *Instinto: princípios filosóficos e científicos*, recomendando que assinale pontos considerados mais importantes ou passíveis de esclarecimentos complementares.
3. Promover uma análise discursiva do texto lido, em plenário.
4. Pedir aos participantes que estudem, em casa, os demais itens do Roteiro, que serão utilizados na próxima reunião semanal.

Segunda aula

Estudar os itens *Considerações espíritas sobre o instinto e Conclusão*.

1. Realizar breve retrospecto dos assuntos estudados na reunião anterior, destacando os pontos principais.
2. Debater em plenária o conteúdo espírita que apresenta esclarecimento sobre instinto (item 2), elucidando opiniões emitidas pelos participantes.
3. Correlacionar as ideias espíritas e o pensamento filosófico e científico.
4. Expor, ao término da reunião, as ideias que integram o item *Conclusão*, como fechamento do estudo.

Miniglossário

- » *Behaviorismo ou psicologia do comportamento (behavior)*: teoria anunciada pelo psicólogo estadunidense John Broadus Watson (1878–1958), consiste em teoria e método de investigação psicológica que procura examinar, do modo mais objetivo, o comportamento humano e dos animais, com ênfase nos fatos objetivos (estímulos e reações).
- » *Estoicos*: seguidores do estoicismo, filosofia fundada por Zenão de Cítio, que ensina ser o universo governado por um *Logos* divino (ou Razão universal), e que a alma é identificada por este princípio divino, do qual é parte integrante. Esse *logos* ordena todas as coisas, que fez tudo surgir, a partir dele e de acordo com ele. Graças ao *logos*, o mundo é um *kosmos* (palavra grega que significa harmonia).
- » *Metafísica*: saber que pretende penetrar no que está situado além ou por detrás do ser físico (corporal). A metafísica é conceito aristotélico, por ele denominado *filosofia primeira*, que deve ser colocada, ou estudada, antes de qualquer outro tipo de filosofia, pois investiga os princípios e as causas dos seres e das coisas.
- » *Psicologia social*: ramo da Psicologia que estuda processos psicológicos nos grupos de indivíduos, a interação individual dentro de um grupo e entre grupos.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 11

INTELIGÊNCIA HUMANA

Objetivos

- » Conceituar inteligência e intelecto, segundo a ciência e a Doutrina Espírita.
- » Elaborar linha histórica que retrate a evolução da inteligência humana.

Ideias principais

- » *Inteligência* é, entre outros conceitos, a capacidade mental de raciocinar, planejar e resolver problemas.
- » *Intelecto* é função cerebral que viabiliza a manifestação da inteligência.
- » *Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as Leis Eternas.* Léon Denis: *O problema do ser, do destino e da dor*. Primeira parte, cap. IX.
- » O desenvolvimento da inteligência humana inicia com a humanização do princípio inteligente e prossegue continuamente, pois o progresso jamais cessa.

Subsídios

De forma ampla, **inteligência** pode ser conceituada como a capacidade mental de raciocinar, planejar, resolver problemas, abstrair e compreender ideias e linguagens, sobretudo, aprender. Para a Medicina é, simplesmente, a capacidade de “[...] compreender e fazer relações; de solucionar problemas e de se ajustar a novas situações.”¹ Neste contexto, os chamados “testes de inteligência” apresentam valor relativo e, por serem de natureza generalista, tais instrumentos não consideram as peculiaridades de cada indivíduo, procedendo de diferentes extratos sociais, raciais, culturais ou econômicos.¹

Inteligência não é o mesmo que **intelecto**, afirmam os estudiosos, ainda que ambos os conceitos estejam relacionados. Intelecto é **função** cerebral que viabiliza a manifestação da inteligência,¹ entendida como faculdade mental ou pensante do Espírito, considerado “o princípio inteligente do universo”, no dizer dos Espíritos da Codificação.² Inteligência e intelecto são conceitos conhecidos desde a Antiguidade, por Sócrates, Platão e Aristóteles.³

O intelecto se traduz como a possibilidade de conhecer, compreender e aprender, sempre viabilizada pela inteligência. No ser humano, a intelectualidade é favorecida pela emissão de pensamentos contínuos, que constituem a plataforma da inteligência. Os animais apresentam inteligência rudimentar (pensamento descontínuo), que pode ser mais ou menos primitiva de acordo com a posição evolutiva em que se encontram. Não possuem, contudo, intelecto ou intelectualidade, propriamente dita, porque suas ações se baseiam no instinto e no hábito (automatismo).

Nesse contexto, mesmo o homem primitivo é considerado ser inteligente, por emitir pensamentos contínuos, mas não é intelectualizado, pois os seus conhecimentos são escassos. Em oposição, a inteligência do gênio possui elevado grau de intelectualidade, acumulada ao longo das inúmeras experiências reencarnatórias.

A inteligência e o intelecto evoluem de forma gradual, como tudo na natureza: a inteligência, propriamente dita, começa quando o ser passa a emitir pensamentos contínuos, com a humanização do princípio inteligente, mas a capacidade intelectual se desenvolve com a aquisição de conhecimento. Estas conquistas são arquivadas

na memória integral do Espírito por intermédio do perispírito que, igualmente, evolui. Esclarece a respeito o Espírito André Luiz:⁴

Assim como o aperfeiçoado veículo [físico] do homem nasceu das formas primárias da natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência. É necessário não confundir a semente com a árvore ou a criança com o adulto, embora surjam na mesma paisagem de vida. O instrumento perispírico do selvagem deve ser classificado como protoforma humana, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa. Está para o organismo aprimorado dos Espíritos algo enobrecidos, como um macaco antropomorfo está para o homem bem-posto das cidades modernas. Em criaturas dessa espécie, a vida moral está começando a aparecer e o perispírito nelas ainda se encontra enormemente pastoso. Por esse motivo, permanecerão muito tempo na escola da experiência, como o bloco de pedra rude sob marteladas, antes de oferecer de si mesmo a obra-prima... Desperderão séculos e séculos para se rarefazermos, usando múltiplas formas, de modo a conquistarem as qualidades superiores que, em lhes sutalizando a organização, lhes conferirão novas possibilidades de crescimento consciencial. O instinto e a inteligência pouco se transformam em conhecimento e responsabilidade e semelhante renovação outorga ao ser mais avançados equipamentos de manifestação...

A inteligência, enquanto faculdade do Espírito, desenvolve-se não só pelas aquisições intelectuais características do pensamento racional e lógico, mas, também, por outros meios, como a intuição e percepções variadas, assim como pela habilidade de utilizar instrumentos (ferramentas de trabalho, de arte e estética, por exemplo).

1. A inteligência humana

O conhecimento científico sobre a inteligência se revela especialmente desafiante, independentemente das diferentes abordagens fornecidas pelos saberes humanos. Assim, a melhor forma de estudar o assunto é situá-lo no contexto da evolução histórica — orientação seguida neste Roteiro — para, a seguir, procurar entender a natureza e as formas de manifestação da inteligência — tema a ser desenvolvido no próximo Roteiro.

Para a Doutrina Espírita, a inteligência humana começa a ser percebida nos *hominídeos*, condição adquirida depois de longa jornada do princípio inteligente nos reinos inferiores da natureza, no decurso das eras, em ambos os planos da vida. A construção da inteligência foi lenta e laboriosa, iniciada a partir do momento em que o princípio espiritual (inteligente) uniu-se ao princípio material, cuja caminhada evolutiva foi assim sabiamente sintetizada por Léon Denis: “[...] Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as Leis Eternas.”⁵

Para a Filosofia, a evolução histórica da inteligência passou por processos específicos, obtendo consenso científico a partir do pensamento do filósofo René Descartes, para quem a inteligência humana deve ser considerada como capacidade de raciocinar, tendo como base a memória. Inteligência passa a ser vista, então, como sinônimo de cognição, claramente definida por Jean Piaget (1896–1980) como função lógico-matemática.

Com esses dois conceitos (de Descartes e de Piaget), três conclusões surgiram de imediato, conduzindo os estudiosos a ampla repercussão, ainda que alguns aspectos se revelassem equivocados: 1) a inteligência é sempre hereditária; 2) homem é mais inteligente que a mulher; 3) é possível medir a inteligência humana e classificá-la em uma escala, denominada *Coefficiente de Inteligência* (C.I.).

A primeira ideia — a inteligência como algo exclusivamente inato e de transmissão hereditária — foi parcialmente descartada com os estudos da genética, sobretudo com os avanços da biologia molecular. Na verdade, ainda que se considere a existência de um suporte genético, a inteligência se constrói também pelo processo educativo, pela influência do meio e pela experiência. O nível de construção da inteligência e do saber (intelectualidade) se revela, naturalmente, no comportamento humano. Daí acertadamente afirmar o biólogo suíço Jean Piaget que o comportamento dos seres vivos não é, essencialmente, inato ou preso a condicionamentos. Para ele o comportamento resulta da interação do indivíduo com o meio ambiente. Esta sua teoria, conhecida como *epistemológica* (*epistemo* = conhecimento; *logia* = estudo), é de natureza interacionista, acreditando-se que a inteligência humana está vinculada à complexidade da interação indivíduo-meio ambiente. Significa dizer também que, quanto mais complexa for esta interação, mais “inteligente” será o indivíduo.

A segunda ideia nasceu de incorreta (e preconceituosa) interpretação da seguinte afirmativa do cientista britânico Charles Darwin quando ele observou aspectos específicos da evolução das espécies: “[...] cada membro de uma mesma espécie difere dos demais”.⁶

Por equívoco de julgamento, surgiu a teoria de que as mulheres seriam menos inteligentes que os homens, uma vez que teriam aparência desigual e algumas funções orgânicas diferentes (gravidez, por exemplo). Entretanto, o sexo, como gênero, não determina ser a inteligência maior ou menor, uma vez que estruturas cerebrais e a capacidade de aprender são as mesmas, no homem e na mulher. Mesmo quando se verifica que há aptidões e habilidades mais marcantes em um ou outro sexo, sabe-se que são devidas aos estímulos recebidos (oportunidades de aprendizado) e às experiências vivenciadas. Dessa forma a teoria de que a mulher é menos inteligente que o homem não prevalece nem apresenta embasamento científico, sociológico ou antropológico. Contudo, serviu de base para a Psicologia estudar de forma sistemática, a partir do século vinte, as chamadas *diferenças individuais*.

A terceira ideia trouxe a noção de que haveria um quociente de inteligência (QI) individual, passível de ser dimensionado. Verificou-se, posteriormente, contudo, que os testes de QI só mediam (e medem), de forma generalizada, quando muito, a capacidade cognitiva. Não devem ser considerados isoladamente, mas no contexto de múltiplos fatores.

Os testes de inteligência surgiram na China, no século V, e começaram a ser usados cientificamente na França, no século XX. Em 1905, Alfred Binet [1857–1911] e o seu colega Theodore Simon [1872–1961] criaram a Escala de Binet-Simon, usada para identificar estudantes que pudessem precisar de ajuda extra na sua aprendizagem escolar. [...] Em 1912, Wilhelm Stern propôs o termo “QI” (quociente de inteligência) para representar o nível mental, e introduziu os termos “idade mental” e “idade cronológica”. Stern propôs que o QI fosse determinado pela divisão da idade mental pela idade cronológica. Assim uma criança com idade cronológica de 10 anos e nível mental de 8 anos teria QI 0,8.⁷

Com o tempo, novas adaptações foram introduzidas aos testes de QI, de forma que, hoje, já não se utilizam os testes de QI de forma isolada, que são apresentados, agora, com nova roupagem e inseridos dentro de um contexto mais amplo. Para o Espírito Emmanuel, é importante considerar:⁸

Em verdade, o homem inteligente não é aquele que apenas calcula, mas sim o que transfunde o próprio raciocínio em emoção para compreender a vida e sublimá-la. Podendo senhorear as riquezas do mundo, abstém-se do excesso para viver com simplicidade, sem desprezar as necessidades alheias. Guardando o conhecimento superior, não se encastela no orgulho, mas aproxima-se do ignorante para auxiliá-lo a instruir-se. Dispondo de meios para fazer com que o próximo se lhe escravize ao interesse, trabalha espontaneamente pelo prazer de servir. E, entesourando virtudes inatacáveis, não se furta à convivência com as vítimas do mal, agindo, sem escárnio ou condenação, para libertá-las do vício. O homem inteligente, segundo o padrão de Jesus, é aquele que, sendo grande, sabe apequenar-se para ajudar aos que caminham em subnível, consagrando-se ao bem dos outros, para que os outros lhe partilhem a ascensão para Deus.⁸

2. Desenvolvimento histórico da inteligência humana

Na década de 1950 Paul MacLean, conhecido neurologista do Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos, propôs a tese de que o cérebro poderia ser constituído de três partes. “Ele chamou a sua teoria de **cérebro trino**, e acreditava que, quando evoluímos dos anfíbios para mamíferos terrestres, e daí para primatas, nossos cérebros aumentaram.”⁹ Este aumento teria ocorrido mais em nível de “qualidade” do que em “quantidade”, podemos assim exprimir. Quis Maclean dizer que as modificações no cérebro “[...] não se devem a uma completa reestruturação e reorganização, mas, sim, ao desenvolvimento de “extensões” do antigo núcleo interno — melhorias mais avançadas, se preferir”⁹, afirmou.

As explicações sobre o cérebro trino lançaram novas luzes para o entendimento da inteligência, sobretudo a humana, ainda que, atualmente, existam diversas (e legítimas) objeções à teoria de MacLean, sobretudo por ter ele dividido o cérebro de modo tão restrito.

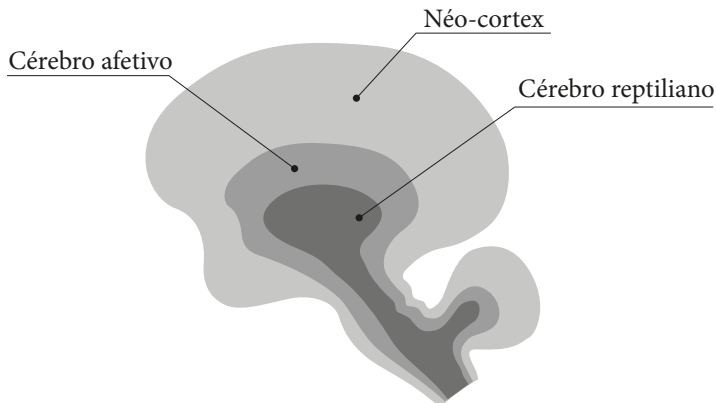
Mas, afinal, o que significa cérebro trino? É uma teoria que parte do pressuposto que, evolutivamente, o cérebro evoluído foi dividido em três partes: *cérebro primitivo* (ou *reptiliano*) — também chamado de cérebro do instinto da sobrevivência; *cérebro intermediário* (ou *límbico*) — conhecido como cérebro emocional; e o *cérebro racional* (*neocórtex*) — identificado como cérebro lógico.¹⁰ Essa divisão apresentaria o seguinte desenvolvimento evolutivo:

Primeiro surgiu o chamado “cérebro reptiliano”, o antigo núcleo interno [nervoso] presente em todos os répteis, responsável pelas funções básicas de respiração, circulação sanguínea e digestão, e, também, por alguns aspectos básicos do comportamento, como acasalamento, agressão e raiva. Nos seres humanos, o cérebro reptiliano fica acima da medula espinhal, na base do cérebro⁹ [Veja figura].

“[...] Foi só com a evolução da espécie e o desenvolvimento do cérebro límbico que surgiu a maioria dos aspectos emocionais básicos, incluindo a proteção da prole. Sentimentos como amor, tristeza e ciúme parecem ter raízes no cérebro límbico.”¹⁰

Acredita-se que a maior parte dos nossos instintos seja controlada pelo cérebro límbico porque neste local há estruturas (hipocampo, tálamo, hipotálamo, tonsila ou amígdala cerebelar) associadas à memória, aos comportamentos ligados ao sexo (reprodução), aos hormônios (que funcionam como moduladores biológicos), à alimentação (sobrevivência da espécie), à percepção do prazer e à competição individual entre espécies semelhantes¹⁰ (Veja figura).

Acrescenta, também, o cientista estadunidense que a “[...] evolução para um cérebro maior resultou o terceiro componente, o neocórtex. Segundo Mac Lean, com o passar do tempo, o cérebro neocórtico produziu a lógica e o pensamento, favorecendo, nos humanos, a fala, a escrita e a capacidade de planejar”¹¹ (Veja figura).



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_j2dLi5ZUlsk/SLBwSCdV9BI/AAACWQ/0ZjirWaVlqg/S760/cerebro_trino.gif

Segundo a Doutrina Espírita, o desenvolvimento da inteligência humana está claramente delineada com a humanização do princípio

inteligente, uma ocorrência gradual estabelecida ao longo dos milênios. Junto com as conquistas da inteligência, acompanha-se o aperfeiçoamento do livre-arbítrio, condição que transforma o homem em construtor do próprio destino. Vemos, então, que desde os primórdios a inteligência é ampliada pelas aquisições obtidas nas inúmeras reencarnações do Espírito e nos seus estágios no plano espiritual. O progresso da inteligência humana é, portanto, infinito.

A alma, dissemos, vem de Deus; é, em nós, o princípio da inteligência e da vida. [...] Desde a hora em que caiu na matéria, qual foi o caminho que seguiu para remontar até ao ponto atual da sua carreira? Precisou de passar vias escuras, revestir formas, animar organismos que deixava ao sair de cada existência, como se faz com um vestuário inútil. Todos estes corpos de carne pereceram, o sopro dos destinos dispersou-lhes as cinzas, mas a alma persiste e permanece na sua perpetuidade, prossegue sua marcha ascendente, percorre as inumeráveis estações da sua viagem e dirige-se para um fim grande e apetecível, um fim que é a perfeição. A alma contém, no estado virtual, todos os germens dos seus desenvolvimentos futuros. É destinada a conhecer, adquirir e possuir tudo. Como, pois, poderia ela conseguir tudo isso numa única existência? A vida é curta e longe está a perfeição! Poderia a alma, numa vida única, desenvolver o seu entendimento, esclarecer a razão, fortificar a consciência, assimilar todos os elementos da sabedoria, da santidade, do gênio? Para realizar os seus fins, tem de percorrer, no tempo e no espaço, um campo sem limites. [...].¹²

Os seres humanos pertencem ao grupo dos mamíferos chamados **primatas** que, atualmente, contam mais de 230 espécies (lêmures, tarsos, macacos e os grandes símios). Derivam de uma ramificação evolutiva de um grupo de símios, ocorrida cerca de seis milhões de anos atrás, na África. Os novos hominídeos apresentavam características únicas que os distinguiram dos demais: **caninos reduzidos e bipedalismo**.¹³

Desse ponto em diante, desencadeiam acontecimentos sucessivos que definem marcos de desenvolvimento da inteligência no homem, apresentados resumidamente, em seguida. Acredita-se, hoje, que o hominídeo que deu origem direta ao homem contemporâneo, e mais parecido com este, apareceu, pela primeira vez, no continente africano, cerca de 150 mil anos atrás e, a partir desta localidade, espalhou-se pelo Planeta, sendo que a chegada ao continente americano é

aceita pela comunidade científica como um dos seus últimos estágios de migração (há 15–12 mil anos).¹³

O andar sobre duas pernas

O erguimento da coluna vertebral e a capacidade bípede são aspectos fundamentais da anatomia que tornaram tais ancestrais dos homem superiores aos símios, propriamente ditos, e aos demais seres da Criação. Acredita-se que tais características teriam surgido nos primeiros homínídeos denominados **Australopithecus**.

O que fez os humanos primitivos andarem sobre as duas pernas em vez de quatro? Algumas pessoas supõem que deve ter sido a cópia do movimento feito pelos chimpanzés para pegar frutas maduras no alto de árvores baixas. Outros acreditam que ser bípede oferecia grandes vantagens para a sobrevivência: podíamos andar distâncias maiores; absorvíamos menos calor do sol [...]; podíamos caçar e percorrer territórios maiores e possivelmente mais lucrativos. Qualquer que seja a sequência exata dos eventos que levaram os nossos ancestrais a andarem sobre duas pernas, sabemos que a postura ereta foi fundamental para a sobrevivência e o sucesso da espécie. [...] Para os homínídeos, uma outra coisa realmente importante surgiu com a prática de andar sobre duas pernas [...]: ficar de pé significava ter as mãos livres.¹⁴

O bipedalismo exigiu algumas mudanças anatômicas nos australopithecinos: osso pélvico mais amplo e côncavo para abrigar órgãos internos e dar mais estabilidade durante a caminhada. Ângulo das pernas e posição dos joelhos adaptados para suportar o peso do corpo. Dedos dos pés mais curtos e menos flexíveis que os dos símios. Coluna em forma de “S”, que se prolonga por uma abertura localizada na base do crânio.¹⁵

A habilidade manual

Em termos evolutivos, supõe-se que um milhão de anos depois do erguimento da coluna vertebral, os *Australopithecus* evoluíram para o gênero **Homo** — linhagem que conduziu à espécie do homem atual (*Homo sapiens, sapiens*), conferindo-lhe habilidades excepcionais, como carregar os próprios filhos pequenos, objetos e alimentos; colher e transportar frutas e vegetais e, sobretudo, construir e utilizar ferramentas.

O gênero *Homo*¹³ revela destacado florescimento da inteligência, ainda que não exista unanimidade científica de como tal ocorreu. As primeiras espécies desse grupo foram *Homo habilis* e *Homo erectus*, já totalmente extintas.¹⁵ Entre

[...] 2,5 e 2,3 milhões de anos ocorreu o surgimento do gênero *Homo*, o qual acredita-se que esteja diretamente relacionado com uma única característica: o desenvolvimento do cérebro. Também não há um consenso sobre a explicação para o desenvolvimento das habilidades mentais dos membros desse grupo. Alguns cientistas afirmam que esse desenvolvimento ocorreu devido à fabricação e ao uso de ferramentas, outros dizem que esse desenvolvimento também se deve à variação da dieta proporcionada pelo próprio uso de ferramentas (raízes, tubérculos e carne).¹⁵

Com o incremento da inteligência, surgiu o **Homo habilis** há 2,5 e 2 milhões de anos, que tinha capacidade para construir ferramentas de pedra, usadas para cortar e raspar, assim como emitir sons, considerados os primeiros vestígios da linguagem.^{13, 15} É conhecido como “o homem da pedra lascada”.

O homem primitivo não era, em muitos aspectos, diferente dos animais, sobretudo quando diante da necessidade de sobreviver. Vivia num mundo pleno de desafios, em perene combate com as forças da natureza, com animais e outros hominídeos. Somente o desenvolvimento da inteligência lhe possibilitou superar as dificuldades do meio, já que não possuía a força física de alguns animais ou acuidades percebidas em outros (visão e audição mais apuradas, por exemplo).

Em meio a essa diversidade havia vislumbres de diferenças de inteligência. O caçador deve ser mais esperto do que o caçado. A fisiologia do sangue quente aumentou os riscos. Mais comida tinha que ser consumida para alimentar os fogos metabólicos; o oportunismo dos répteis [sangue frio] tinha que ser suplantado por estratégias que são em parte instinto, em parte inteligência. E os caçadores inteligentes devem ser vencidos com nervos delicados e sentidos sutis.¹⁶

A descoberta do fogo

O passo evolutivo seguinte caracteriza-se pelo surgimento do **Homo erectus**, cuja inteligência já lhe permite construir ferramentas

mais elaboradas e diversificadas, especializadas para uso diferenciado: caça, pesca, ataque, defesa etc.

Outro acontecimento, marcadamente importante, ocorreu com o *Homo erectus*: a descoberta e a utilização do fogo. Tal conquista evolutiva fez o homem primitivo se projetar, mais ainda, como superior aos demais seres, e, ao mesmo tempo, desenvolver formas mais seguras e confortáveis de sobrevivência: construção de abrigos para a proteção contra o frio e ataques de animais; trabalhar a madeira para construção de moradias, armadilhas para captura de animais; cozinhar carnes e outros alimentos, facilitando a digestão e absorção de nutrientes, etc.^{13,15,16}

A conquista da linguagem

É também no *Homo erectus*^{13, 17} que se desenvolve um mecanismo evolutivo considerado, a rigor, exclusivo da espécie humana: **a linguagem**. Por ela, aprende o homem a se comunicar, emitir sinais de alerta, trocar aprendizagens.

Cientistas da atualidade, como as autoras do livro *A evolução em quatro dimensões*, acreditam que o fator que torna a espécie humana tão diferente e especial é, justamente,

[...] a nossa capacidade de pensar e de comunicar através de palavras e de outros símbolos [...]. Essa ideia foi explorada há mais de um século pelo filósofo alemão Ernest Cassirer [1874–1945], e foi discutida recentemente pelo neurobiologista Terrence Deacon. Assim como Cassirer, nós escolhemos os símbolos como traço diagnóstico dos seres humanos, porque a racionalidade, a capacidade linguística, a habilidade artística e a religiosidade são facetas do pensamento e da comunicação simbólicos.¹⁷

A linguagem “[...] permite comunicação ilimitada acerca de todos os aspectos da realidade, concretos e abstratos, presentes e ausentes. Permite também reinventar o mundo cultural para além da experiência física direta do aqui e agora.”¹⁸

Eis como Emmanuel se expressa a respeito da importância da linguagem:¹⁹

Através da linguagem, o homem ajuda-se ou se desajuda. [...] A palavra é canal do “eu”. Pela válvula da língua, nossas paixões explodem ou

nossas virtudes se estendem. Cada vez que arrojamos para fora de nós o vocabulário que nos é próprio, emitimos forças que destroem ou edificam, que solapam ou restauram, que ferem ou balsamizam. Linguagem, a nosso entender, se constitui de três elementos essenciais: expressão, maneira e voz. Se não aclaramos a frase, se não apuramos o modo e se não educamos a voz, de acordo com as situações, somos suscetíveis de perder as nossas melhores oportunidades de melhoria, entendimento e elevação. [...].

Aprendizagem social humana

O **Homo neandertalensis** (Homem de Neandertal), é o passo evolutivo que se seguiu, caracterizado por inteligência bem mais aprimorada.¹³ Com a capacidade craniana semelhante ao homem atual, viveu na Era do Gelo ou Glacial. Era hábil caçador, conseguia suportar climas extremos, aprendeu a construir as primeiras cabanas, fazia funerais e prestava assistência aos doentes. Viveu há 400 mil anos, extintos há 25 mil, é considerado “**o nosso adão genético**” porque, a partir dele, surgiu o **Homo sapiens**, antecessor da espécie atual: **Homo sapiens, sapiens**.^{13, 15}

A aprendizagem humana pode ser entendida, de forma geral, como a aquisição de novos conhecimentos pelo desenvolvimento de competências, que resultam na mudança de comportamentos. A aprendizagem social, fator evolutivo marcante no homem, “[...] é uma mudança de comportamento que resulta de interações sociais com outros indivíduos, geralmente da mesma espécie.”²⁰

Segundo a Psicologia, a aprendizagem humana é um processo integrado que provoca transformação qualitativa na estrutura mental (intelecto e inteligência) daquele que aprende. Assim, aprendizagem humana é distinta da que se opera no animal, porque no homem se observa: a) *vontade ou intenção de aprender*; b) persistente *dinamismo* pela busca de novas informações; c) *criatividade* na utilização de métodos que aprimoram o próprio conhecimento.

Como o aprendizado é variável nos indivíduos, obviamente são diferentes as suas posições evolutivas, mesmo antes do surgimento do gênero *Homo*. Condição claramente explicada pelo Espiritismo: “Deus criou iguais todos os Espíritos. Cada um deles, porém, viveu mais ou menos tempo, e, por conseguinte, obteve maior ou menor

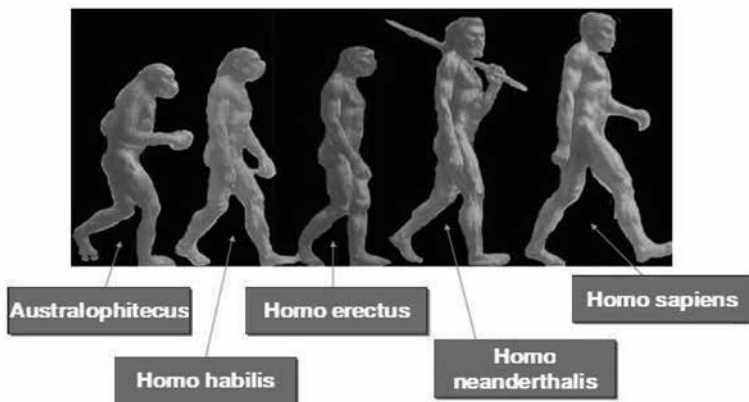
soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade da experiência alcançada e da vontade com que procedem, vontade que é o livre-arbítrio.”²¹

Cultura e civilização humanas

O **Homo sapiens**, também conhecido como **Homem de Cro-Magnon**, é cognominado “animal cultural” porque nele aparecem manifestações artísticas, representações simbólicas e realizações de cerimoniais impregnados de significados, religiosos ou espirituais. Viveu o *H. Sapiens* cerca de 40 mil anos. Apresentava rosto pequeno, testa alta, e queixo largo. Mais socializado que os demais hominídeos, vivia em grupos nas grutas ou nas cercanias, em moradias construídas, constituindo os primeiros agrupamentos humanos (clãs ou tribos).

Esses seres são conhecidos, igualmente, como os primeiros artistas, pois desenvolveram uma arte denominada **rupestre**, caracterizada por pinturas, gravuras e esculturas executadas em pedra e osso. As pinturas rupestres encontradas nas grutas de Altamira, na Espanha, e as de Lascaux, França, são consideradas as primeiras obras artísticas do ser humano. O significado dessa arte revela aspectos mágico, religioso, estético e social.^{13, 15}

Ilustrações: Evolução Humana



Fonte: <http://www.scribd.com/doc/6454529/Evolucao-Humana>

Homo Sapiens



Fonte: <http://www.casdvest.org.br/casddicas%5CEvolu%C3%A7%C3%A3o%20Humana.pdf>

Como fechamento deste estudo, destacamos que atualmente há dois consensos em relação ao conceito de inteligência. O primeiro integra o documento *Intelligence: Knowns and Unknowns*, relatório da Associação Americana de Psicologia-APA, elaborado em 1995 e publicado pela *American Psychologist*, fevereiro de 1996, periódico oficial da APA.²² Segundo esse relatório,

os indivíduos diferem na habilidade de entender ideias complexas, de se adaptarem com eficácia ao ambiente, de aprenderem com a experiência, de se engajarem nas várias formas de raciocínio, de superarem obstáculos mediante o pensamento. Embora tais diferenças individuais possam ser substanciais, nunca são completamente consistentes: o desempenho intelectual de uma dada pessoa vai variar em ocasiões distintas, em domínios distintos, a se julgar por critérios distintos. Os conceitos de 'inteligência' são tentativas de aclarar e organizar esse conjunto complexo de fenômenos.¹⁹

A segunda definição de inteligência consta do manifesto *Mainstream Science on Intelligence*, assinado por cinquenta e dois pesquisadores em inteligência, em 1994, e publicado no periódico *Wall Street Journal*, December, 13, 1994.²³

[É] uma capacidade mental bastante geral que, entre outras coisas, envolve a habilidade de raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de forma abstrata, compreender ideias complexas, aprender rápido e aprender com a experiência. Não é uma mera aprendizagem literária,

uma habilidade estritamente acadêmica ou um talento para sair-se bem em provas. Ao contrário disso, o conceito refere-se a uma capacidade mais ampla e mais profunda de compreensão do mundo à sua volta — ‘pegar no ar’, ‘pegar’ o sentido das coisas ou ‘perceber’ uma coisa.

Referências

1. CLAYTON, L. Thomas. *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Tradução de Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. São Paulo: Manole, 2000, p. 957.
2. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 23, p. 87.
3. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.571-574.
4. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 21, p. 171-172.
5. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 1. ed. (especial) Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte, cap. IX, Evolução e finalidade da alma. p.166.
6. GOODWIN, James C. *História da psicologia moderna*. Tradução de Marta Rosas. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2010. Cap.5, p. 171.
7. Quociente de Inteligência. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%A2ncia>
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Capítulo: O homem inteligente, p.135- 136, p. 105-106.
9. WINSTON, Robert. *Instinto humano*. Tradução Mário M. Ribeiro e Sheill Mazzolenis. São Paulo: Globo, 2006. Cap. 1, p.42.
10. _____. p.43.
11. _____. p.43-44.
12. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Op. Cit. Cap. IX, p. p.161-162.
13. VITÓRIA, Pedro. *Evolução humana*. Acesso em janeiro de 2011 [http:// www.scribd.com/doc/6454529/Evolucao-Humana](http://www.scribd.com/doc/6454529/Evolucao-Humana)
14. WINSTON, Robert. *Instinto humano*. Op. Cit., p.63-64.
15. UNESP-Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita. *Evolução humana e aspectos socioculturais*. Acesso: janeiro de 2011. <http://www.assis.unesp.br/darwinnobrasil/humanev3.htm>
16. FORTEY, Richard. *Vida: uma biografia não-autorizada*. Tradução de Jorge Calife. São Paulo: Record, 2000. Cap. 11, p.314.
17. JABLONKA, Eva e LAMB, Marion J. *Evolução em quatro dimensões*. Tradução de Claudio Angelo. São Paulo: Companhia das Letras. Cap. 6, p. 233.
18. RODRIGUES, Cássio. TOMICH, Leda Maria B. e colaboradores. *Linguagem e cérebro humano*. Cap. 1 (artigo de Fernando e Alessandra Capovilla), p. 20.

19. XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 43, p. 105-106.
20. JABLONKA, Eva e LAMB, Marion J. *Evolução em quatro dimensões*. Op. Cit., Cap.5, p.197.
21. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 804, p. 492.
22. Relatório: *Intelligence: Knowns and Unknowns*. Texto disponível em inglês: http://www.lrainc.com/swtaboo/taboos/apa_01.html
23. Manifesto subscrito por 52 cientistas : *Mainstream Science on Intelligence*. Texto disponível em inglês: <http://www.udel.edu/educ/gottfredson/reprints/1997mainstream.pdf>

Orientações ao monitor

1. Sugerimos que o estudo seja realizado em duas reuniões devido à quantidade de informações presentes no Roteiro.
2. É importante que em ambas as aulas ocorra exposição introdutória, fornecendo visão panorâmica do assunto. Nestas explanações, utilizar ilustrações compatíveis com o conteúdo.
3. Após essa atividade inicial, desenvolver o conteúdo por meio de atividades grupais e plenárias, favorecedoras de análise mais aprofundada.
4. Sugerimos que as ideias espíritas, expressas nas referências 2, 4, 5, 8, 12, 19 e 21 sejam utilizadas como fechamento do estudo, selecionando as mais adequadas para cada aula.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 12

CLASSIFICAÇÃO DA INTELIGÊNCIA HUMANA

Objetivos

- » Fornecer as principais características relativas à classificação da inteligência humana.
- » Correlacionar conceitos espíritas aos diferentes tipos de inteligência.

Ideias principais

- » Durante muito tempo a inteligência humana foi considerada sinônimo de pensamento racional-lógico. Com o progresso, estudos científicos concluíram que há diferentes tipos de inteligência.
- » O conceito de múltiplas inteligências surgiu com as pesquisas de Howard Gardner, na década de 1980, na Universidade de Harvard, Estados Unidos, que classificou a inteligência em: *visual-espacial*, *musical*, *verbal*, *lógico-matemática*, *interpessoal*, *intrapessoal* e *corporal-cinestésica*. Mais tarde, o pesquisador acrescenta à lista: *inteligência naturalista* e *inteligência existencial*.
- » Estudos recentes indicam que a inteligência humana possui outras dimensões, que extrapolam a classificação de Gardner, tais como a *inteligência emocional* e a *inteligência espiritual*.

- » Para o Espiritismo, a inteligência humana não se restringe ao raciocínio, mas apresenta muitos outros aspectos, evidenciados com auxílio dos órgãos corporais, à medida que o Espírito progride: os [...] órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma. *Essa manifestação se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a excelência de um trabalho está subordinada à qualidade da ferramenta.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 369.

Subsídios

Vimos anteriormente que a inteligência humana necessita de implementos corporais, sobretudo os do sistema nervoso central, para se expressar. Não se deve, contudo, confundir função cerebral com inteligência, propriamente dita, que é atributo do Espírito.

Atualmente sabe-se que a inteligência não se constitui de unidade compacta, rígida e indissolúvel, que representa o “altar da razão”, como sempre se imaginou, mas um conjunto de capacidades que extrapolam o raciocínio lógico-matemático, desenvolvidas no ser espiritual por meio de estímulos recebidos ao longo da existência.

Para o Espiritismo, essas capacidades ou inteligências são naturalmente desenvolvidas nas reencarnações sucessivas, de acordo com o planejamento reencarnatório definido para o Espírito.

Para melhor entender o “conglomerado” que integra a inteligência, faz-se necessário acompanhar alguns esclarecimentos obtidos pelos conhecimentos humanos.

1. Inteligência racional

É a capacidade humana de raciocinar, entendida por René Descartes (1596–1650) como a capacidade de pensar (*ego cogito ergo sum*— “penso, logo existo”). Este filósofo francês desenvolveu um método — conhecido como cartesiano — com a finalidade de comprovar a sua teoria. Tal método exerceu notável influência no pensamento científico, com reflexos nos dias atuais, tendo como base a análise da complexidade do raciocínio, a partir de premissas e conclusões, previamente identificadas como lógicas.

Entretanto, por mais relevantes que tenham sido as contribuições de Descartes e seguidores, apenas um aspecto foi trabalhado: a inteligência racional, conhecida também como inteligência matemática e lógica ou pensamento formal-lógico.

Para compreender a inteligência racional é preciso, primeiramente, saber o significado do raciocínio e quais são as suas implicações.

Raciocínio é uma operação lógica discursiva e mental. Neste, o intelecto humano utiliza uma ou mais proposições, para concluir, através de mecanismos de comparações e abstrações, quais são os dados que levam às respostas verdadeiras, falsas ou prováveis. Das premissas chegamos a conclusões. Foi pelo processo do raciocínio que ocorreu o desenvolvimento do método matemático, este considerado instrumento puramente teórico e dedutivo, que prescinde de dados empíricos. Através da aplicação do raciocínio, as ciências como um todo evoluíram para uma crescente capacidade do intelecto em alavancar o conhecimento. Este é utilizado para isolar questões e desenvolver métodos e resoluções nas mais diversas questões relacionadas à existência e sobrevivência humana. O raciocínio, um mecanismo da inteligência, gerou a convicção nos humanos de que a razão unida à imaginação constituem os instrumentos fundamentais para a compreensão do universo, cuja ordem interna, aliás, tem um caráter racional, portanto, segundo alguns, este processo é a base do racionalismo. Logo, resumidamente, o raciocínio pode ser considerado também um dos integrantes dos mecanismos dos processos cognitivos superiores da formação de conceitos e da solução de problemas, sendo parte do pensamento.¹

O pensamento racional tem como instrumentos:

Observação: detecta e relaciona evidências consideradas reais e incontestáveis a respeito do que se pretende estudar.

Análise: divide os acontecimentos, fatos e fenômenos ao máximo, em unidades ou partes mais simples, estudando-as metódica e detalhadamente.

Síntese: agrupa as análises das partes ou unidades analisadas em um todo consistente, a fim de obter visão do conjunto.

Conclusão: relaciona as deduções e interpretações, com base nas etapas anteriores, mantendo-se em todo o processo uma ordenação lógica e gradual — do simples para o complexo.

A inteligência racional utiliza o raciocínio e a lógica (razão) na tomada de decisões, necessários à resolução de problemas ou desafios. Nesta situação, a mente racional procura encontrar a solução (ou soluções) mais adequada, sem envolvimento ou com reduzida participação das emoções e sentimentos.

Esse tipo de entendimento foi amplamente aplicado aos processos educativos tradicionais, no lar e na escola restringindo, de certa forma, a educação. Jean Piaget (1896–1980), considerado o maior expoente do estudo do desenvolvimento cognitivo, apresentou efetivamente conceitos inovadores; contudo, suas ideias ficaram restritas à cognição ou pensamento lógico-matemático. Tais princípios são aceitos como fundamentos da teoria do desenvolvimento, por ele elaborada, conhecida como Epistemologia Genética.

A Epistemologia Genética considera que o indivíduo passa por várias etapas de desenvolvimento cognitivo ao longo da existência, de forma que o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação de aprendizados resultam em adaptação do conhecimento. Segundo esta formulação, o ser humano assimila informações (aprendizados) que lhe chegam do mundo exterior, mas por possuir uma estrutura mental que não está “vazia”, precisa acomodar os novos dados a esta estrutura mental pré-existente. A mudança do comportamento ocorre com a acomodação, ou seja, com a capacidade de o indivíduo assimilar novas informações e adaptá-las ao que já conhecia. Por esse esquema, nenhum conhecimento novo entra em conflito com o aprendizado anteriormente adquirido. Em síntese, Epistemologia Genética ensina:

Somos portanto conduzidos a supor a existência de três grandes tipos de conhecimentos: a) as formas hereditárias, das quais o instinto é protótipo, e que encerram [...] uma lógica, mais cristalizada em uma programação inata e rígida, cujo conteúdo se refere a informações igualmente inatas sobre o meio; b) as formas lógico-matemáticas, progressivamente construídas, como acontece principalmente nos níveis relativamente superiores que caracterizam a inteligência; c) as formas adquiridas em função da experiência (desde a aprendizagem até o conhecimento físico). [...].²

Tais ideias moldaram processos educacionais (filosofia, currículos, metodologia da educação, e a prática educativa), de tal forma, que outros aspectos e tipos da inteligência humana foram ignorados, ou

até desprezados. Sabe-se hoje, contudo (e felizmente), que há outras formas de manifestação da inteligência.

Em recente artigo publicado na revista *Conhecer*, o articulista demonstra que o conhecimento racional é importante, mas quantificá-lo na forma de um Quociente de Inteligência (QI) é obsoleto, frente às conquistas das neurociências. Percebe-se, na verdade, que estamos vivendo um momento de reavaliação de certos conceitos na área cognitiva, anteriormente aceitas como definitivas, concluindo-se que a inteligência humana não pode ser restrita apenas ao racional. Ao contrário, revela possuir “[...] múltiplas capacidades que se misturam à genética, à prática e a fenômenos inconscientes [...]”.³

Tais capacidades envolvem a razão, não há dúvida, mas também a emoção, os sentimentos, a memória de aprendizado anterior, a influência do meio, a educação, atos instintivos, e, em determinadas situações, percepções extra-sensoriais, como a intuição e a inspiração.

Os educadores (pais e professores) de linha cognitiva que se mantêm presos aos conceitos cartesianos ou que só consideram o construtivismo de Piaget, apresentam sérias dificuldades para entender e educar a nova geração de Espíritos que reencarna no Planeta que, a despeito de possuir recursos intelectivos mais acentuados, pode revelar comportamentos e atitudes contrárias aos pressupostos educativos preconizados, justamente, pelos defensores da inteligência racional.

A nova geração de Espíritos apresenta habilidade e destreza mental maiores, se comparadas à média da geração anterior. Independentemente da estrutura moral que possuem os Espíritos que ora reencarnam no Planeta, revelam certo grau de similaridade comportamental: a) são mais criativos e mais perceptivos — condição que podem induzi-los a manipular familiares, professores e chefes; b) se aborrecem exaustivamente com longas explicações, como aulas expositivas, ou com assuntos discursivos lineares, visto que não lhes favorecem a participação; c) a cognição não é, a rigor, priorizada em suas atividades educativas; d) revelam-se rebeldes no acatamento de ordens e diante da rigidez de certos processos educativos, ainda que admitam a necessidade da disciplina; e) apreciam padrões morais, mesmo que não sejam capazes de reproduzi-los, e se revelam amorosos e bons companheiros se a estrutura familiar está erguida no amor e respeito mútuo. Obviamente, há outras características da geração nova

de Espíritos, algumas diretamente relacionadas aos aspectos culturais do ambiente onde renascem ou do tipo de educação familiar recebida.

Neste contexto, os educadores modernos necessitam estar bem informados a respeito do assunto, reconhecendo que, em princípio, a razão não deve entrar em contradição com emoções e sentimentos, e mais: os conflitos éticos ocorridos são sinal de que algo não vai bem no campo moral. Assim, em qualquer decisão racional deve-se, necessariamente, pesar as consequências morais, conciliando os ditames da razão com os sentimentos e as emoções, para a garantia da paz do Espírito, fator imprescindível à vida.

2. As múltiplas inteligências

O estadunidense Howard Gardner (1943–), psicólogo cognitivo da Universidade de Harvard, desenvolveu a teoria das *inteligências múltiplas*, em trabalho conjunto com o colega Nelson Goodman, a partir de um projeto de pesquisa conhecido como *Projeto zero*.

No seu livro mais famoso, *Estruturas da mente*, 1983, Gardner descreve sete dimensões da inteligência: **inteligência visual** ou **espacial**, **inteligência musical**, **inteligência verbal**, **inteligência lógico-matemática**, **inteligência interpessoal**, **inteligência intrapessoal** e **inteligência corporal** ou **cinestésica**. Mais tarde, acrescenta à lista a **inteligência naturalista** e a **inteligência existencial**.

O resultado de suas pesquisas encontra-se no livro *Multiple intelligences – The theory in practice*, publicado em 1993, nos Estados Unidos. Esta obra, de leitura imprescindível, foi traduzida para o português com o título *Inteligências Múltiplas – A teoria na prática*, publicada pela editora Artes Médicas.

Em relação ao conceito de inteligência, propriamente dito, Howard Gardner afirma:⁴

[...] Numa visão tradicional, a inteligência é definida operacionalmente como capacidade de responder a itens de inteligência. A inferência, a partir dos resultados dos testes, de alguma capacidade subjacente é apoiada por técnicas estatísticas que comparam respostas de sujeitos em diferentes idades; a aparente correlação desses resultados de testes através das idades e através dos diferentes testes corrobora a noção de que a faculdade geral da inteligência, não muda muito

com a idade ou com treinamento ou experiência. Ela é uma faculdade inata. A teoria das inteligências múltiplas, por outro lado, pluraliza o conceito tradicional. Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade social. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar a situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a rota adequada a este objetivo. A criação de um produto cultural é crucial nessa função, na medida em que captura e transmite o conhecimento ou expressa as opiniões ou os sentimentos da pessoa [...].

A teoria das inteligências múltiplas não desconhece os efeitos da ação biológica (carga genética) na resolução de problemas, nem ignora a tendência cultural humana para a solução de problemas. Por exemplo, esclarece Gardner: “a linguagem, uma capacidade universal, pode manifestar-se particularmente como escrita em uma cultura, como oratória em outra, e como linguagem secreta dos anagramas numa terceira.”⁴

O universo da pesquisa de Gardner foi amplo: avaliou indivíduos comuns e intelectuais, ambos provenientes de distintos extratos sociais. Mas também estudou:⁵

- » Desenvolvimento de diferentes habilidades em crianças de mediana inteligência e em crianças superdotadas.
- » Adultos com lesões cerebrais, investigando se perdiam, com a enfermidade, a intensidade da produção intelectual e algumas habilidades relacionadas.
- » Populações ditas excepcionais, como autistas.
- » A história do desenvolvimento cognitivo através dos milênios. Psicólogo construtivista muito influenciado por Piaget, Gardner distingue-se de seu colega de Genebra na medida em que Piaget acreditava que todos os aspectos da simbolização partem de uma mesma função semiótica, enquanto que ele acredita que processos psicológicos independentes são empregados quando o indivíduo lida com símbolos linguísticos, numéricos, gestuais ou outros. Segundo Gardner uma criança pode ter um desempenho precoce em uma área (o que Piaget chamaria de pensamento formal) e estar na média ou mesmo abaixo da média em outra (o equivalente, por exemplo, ao estágio sensório-motor).⁵

2.1. Classificação das inteligências múltiplas^{5, 6, 7}

Inteligência verbal ou linguística

Manifesta-se através da linguagem, escrita ou falada. O indivíduo gosta de ler, escrever, ouvir, trocar ideias; tem boa memória para nomes, lugares, datas e trivialidades; geralmente é bom contador de histórias e de anedotas; gosta de ler livros e escrever/contar histórias; tem vocabulário rico e se expressa com fluência; gosta de fazer palavras-cruzadas e jogos com palavras.

Os componentes centrais da inteligência linguística são uma sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de especial percepção das diferentes funções da linguagem, em geral usada para convencer, agradar, estimular ou transmitir ideias.

Nas crianças, esta habilidade se manifesta espontaneamente pela capacidade de contar/reproduzir histórias, ou para relatar, com precisão, experiências vividas. Podemos encontrar essa inteligência bem desenvolvida em redatores, contadores de história, poetas, romancistas, teatrólogos, escritores e oradores.

Inteligência musical

É a habilidade de reproduzir, compor e apreciar a musicalidade com discriminação de sons, e percepção de suas variações. É a inteligência que primeiro se manifesta. Cada indivíduo tem certo nível de habilidade musical, mesmo aqueles considerados “amusicais”. A inteligência musical trabalha a variedade de sons; a habilidade para perceber temas musicais; a sensibilidade para ritmos, texturas e timbre; e a habilidade para produzir e/ou reproduzir música.

As pessoas que possuem essa habilidade normalmente são sensíveis a ritmos e batidas dos sons do ambiente; tocam instrumentos ou gostam bastante de música; lembram facilmente das melodias e das canções, identificando notas musicais desafinadas; preferem estudar e trabalhar ouvindo música; colecionam discos; gostam de cantar e dedicam tempo à música. A criança com habilidade musical desenvolvida percebe, desde cedo, diferentes sons no seu ambiente e, frequentemente, canta para si mesma. Podemos encontrar essa inteligência ampliada em cantores, músicos, compositores e maestros.

Inteligência lógico-matemática

Os componentes centrais desta inteligência são descritos como uma sensibilidade para padrões, ordem e sistematização. A pessoa é capaz de identificar conexões entre peças separadas ou distintas, e a raciocinar sobre problemas matemáticos. Demonstra também capacidade para: manejar habilmente longas cadeias de raciocínio; conhecer problemas e levá-los adiante; explorar padrões, categorias e relações; resolver problemas aritméticos ou lógicos rapidamente; usar computação; apreciar jogos estratégicos e enigmas, como xadrez e damas; fazer experimentos, testando o que não se entende facilmente. Tal inteligência possui uma natureza não-verbal, de modo que a solução de um problema é, em geral, construída mentalmente antes de ser articulada ou escrita.

A criança com especial aptidão para essa inteligência demonstra facilidade para lidar com números, fazer cálculos matemáticos e apresentar notações práticas do seu raciocínio. Encontramos esse tipo de inteligência em programadores de computação, analistas de sistema, engenheiros, matemáticos, banqueiros, contadores, advogados e cientistas.

Inteligência espacial

É a capacidade de criar mapas mentais, de pensar por meio de imagens; de visualizar imagens mentais claras, de ler facilmente mapas e diagramas; de desenhar (mentalmente) representações precisas de pessoas ou coisas. O indivíduo que tem desenvolvida essa inteligência gosta de participar de atividades artísticas, de ver projeções (filmes, slides ou fotos), ou de montar quebra-cabeças.

Nas crianças pequenas o potencial especial dessa inteligência é percebido através da habilidade para resolver quebra-cabeças e outros jogos espaciais, com atenção para detalhes visuais. Encontramos essa inteligência em arquitetos, artistas gráficos, cartógrafos, desenhistas de produtos industriais, pintores e escultores, e também, em cirurgiões, os quais, previamente, visualizam na mente o órgão do corpo físico e a intervenção cirúrgica que irá realizar.

Inteligência cinestésica ou corporal-cinestésica

Esta inteligência está relacionada ao movimento do corpo físico e à habilidade de usar o corpo para expressar uma emoção, sentimento, ou transmitir uma mensagem (história), ou, ainda, para praticar um esporte. O indivíduo aprende melhor movimentando-se. Processa

conhecimentos através de expressões corporais, daí envolver-se em atividades motoras, esportivas ou de dança. Possui habilidade para usar a coordenação grossa ou fina em esportes, artes cênicas ou plásticas, sabendo controlar movimentos do corpo, e, igualmente, manipular instrumentos que exigem destreza manual.

As pessoas dotadas deste tipo de inteligência têm um senso e controle natural do corpo, mesmo sem treinamento prévio. Também está incluída a destreza na manipulação de objetos. A criança especialmente dotada de inteligência cinestésica se move com graça e expressão, a partir de estímulos musicais ou verbais; demonstra grande habilidade atlética ou coordenação motora apurada. A inteligência corporal-cinestésica pode ser melhor observada em desportistas, atores, mímicos, artistas circenses, dançarinos profissionais ou em pessoas que habilmente sabem manipular instrumentos e equipamentos.

Inteligência interpessoal

É a habilidade de interagir com pessoas, entendê-las e interpretar seus comportamentos. O indivíduo que tem desenvolvido esse tipo de inteligência está sempre cercado de várias pessoas; gosta de se comunicar, ainda que, às vezes, utilize a habilidade para manipular pessoas; aprecia atividades em grupo; serve como mediador em discussões e tem capacidade para ler situações ou acontecimentos com precisão. Esse tipo de inteligência não depende da linguagem, portanto, um indivíduo pode possuí-la mesmo sem demonstrar qualquer habilidade linguística apurada.

A inteligência interpessoal se manifesta em crianças pequenas como a habilidade para distinguir pessoas. No adulto, e em algumas crianças, essa inteligência pode evoluir para a apurada percepção de intenções e desejos de outras pessoas, permitindo-lhes reagir apropriadamente a partir dessa percepção. Crianças especialmente dotadas demonstram, muito cedo, habilidade para liderar outras crianças, uma vez que são extremamente sensíveis às necessidades e sentimentos de outros. A inteligência interpessoal pode ser melhor observada em líderes religiosos, políticos, professores e terapeutas.

Inteligência intrapessoal

A pessoa com essa inteligência aperfeiçoada possui capacidade para manter a mente em total concentração, sabendo distinguir,

nitidamente, sentimentos, emoções e expressões do raciocínio. Demonstra independência, força de vontade e autodireção em tudo que faz. Revela certo grau de autoconfiança, sabendo reagir positivamente no transcurso de discussões controvertidas, nas quais predominam opiniões fortes. Como norma de conduta, gosta de abstrair-se e viver no mundo particular, preferindo isolar-se para produzir algo, desenvolver um projeto ou *hobby* pessoal.

Tal inteligência é o correlativo interno da inteligência interpessoal, pois o indivíduo tem desenvolvida habilidade para acessar os próprios sentimentos, sonhos e ideias, discriminá-los e utilizá-los na solução de problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias, a capacidade para formular uma imagem precisa de si próprio e a habilidade para usar essa imagem de forma efetiva.

Nas crianças, a inteligência intrapessoal desenvolvida, se observa pela capacidade que demonstram diante de fatos e acontecimentos. Em geral tendem para a introspecção, são mais caladas e reservadas, condições que podem ser confundidas com timidez. Encontramos esse tipo de inteligência em filósofos, psiquiatras, aconselhadores e pesquisadores.

Inteligência naturalista

Consiste na habilidade de identificar e classificar padrões da natureza. É também conhecida como inteligência biológica ou ecológica. A pessoa tem capacidade para perceber a natureza de maneira integral e demonstra acentuada empatia com animais e plantas — uma afinidade que pode ser vista como sentimento ecológico, percepção avançada dos ecossistemas e dos *habitats*.

A criança demonstra precoce necessidade de viver em contato com a natureza, ao ar livre, a cuidar e proteger animais. Manifesta-se geralmente em biólogos, jardineiros, paisagistas, ecologistas e amantes da natureza.

Inteligência existencialista

Essa nona inteligência, que ainda se encontra em estudo, relaciona-se à capacidade de considerar questões mais profundas da existência, de fazer reflexões sobre quem somos, de onde viemos e por que morremos (para onde vamos). Gardner ainda reluta em aceitar

esta inteligência, justificando que os cientistas ainda não provaram que ela atua/requer áreas específicas do cérebro.



Fonte: http://www.appai.org.br/Jornal_Educar/jornal35/historia_educacao/img_grande.asp

3. Inteligência emocional

A *Inteligência Emocional* envolve habilidades para perceber, entender e influenciar as emoções. Foi introduzida e definida por John D. Mayer, psicólogo e professor da Universidade de New-Hampshire-USA, e por Peter Salovey, professor de Epidemiologia e Saúde Pública na Universidade de Yale.

Salovey e Mayer definiram inteligência emocional como: “[...] a capacidade de perceber e exprimir a emoção, assimilá-la ao pensamento, compreender e raciocinar com ela, e saber regulá-la em si próprio e nos outros”.⁸ Dividiram-na em quatro domínios:⁸

- » **Percepção das emoções** – inclui habilidades envolvidas na identificação de sentimentos por estímulos, como a voz ou a expressão facial, por exemplo. A pessoa que possui essa habilidade identifica a variação e mudança no estado emocional de outra.
- » **Uso das emoções** – implica na capacidade de usar as informações de forma emocional para facilitar o pensamento e o raciocínio.

- » **Entender emoções** – é a habilidade de captar variações emocionais nem sempre evidentes.
- » **Controle (e transformação) da emoção** – constitui o aspecto mais facilmente reconhecido da inteligência emocional — e a aptidão para lidar com os próprios sentimentos.

Genericamente, a Psicologia entende que a inteligência emocional é a capacidade de reconhecer os sentimentos próprios e os dos outros, sabendo lidar com eles.

O conceito de inteligência emocional foi popularizado pelo jornalista e psicólogo estadunidense Daniel Goleman, em 1995, esclarecendo que esse tipo de inteligência pode ser visualizado nas inteligências intrapessoal e interpessoal propostas por Gardner. Contudo, ao analisar o trabalho desse pesquisador, que muito tem contribuído para desvendar a inteligência humana, Goleman considera que ainda há um vasto campo de estudo a ser pesquisado:⁹

As teorizações de Gardner contêm uma dimensão da inteligência pessoal [intra e interpessoal] que é amplamente apontada, mas pouco explorada: o papel das emoções. Talvez isso se dê porque, como me sugeriu ele próprio, seu trabalho é fortemente informado por modelo mental da ciência cognitiva. Assim, sua visão dessas inteligências enfatiza a percepção — a *compreensão* de si e dos outros nas motivações, nos hábitos de trabalho e no uso dessa intuição na própria vida e na de relação com outros. Mas [...] o campo das emoções também se estende além do alcance da linguagem e da cognição.

Outro ponto, não menos importante, também destacado por Goleman, é que embora “[...] haja amplo espaço nas suas descrições das inteligências pessoais para a intuição no jogo das emoções e no domínio do controle, Gardner e os que com ele trabalham não investigaram com muitos detalhes o papel do *sentimento* nessas inteligências, concentrando-se na cognição *sobre* o sentimento.”⁹

Goleman não deixa de ter razão quando assinala que, ainda que não intencionalmente, os estudos sobre inteligências múltiplas “[...] deixa inexplorado o rico mar de emoções que torna a vida interior e os relacionamentos tão complexos, tão absorventes, e muitas vezes desconcertantes. E deixa por sondar tanto o sentido em que há inteligência nas emoções quanto o sentido em que se pode transmitir inteligência às emoções.”⁹

Mas, afinal, qual é o significado de emoção para Goleman? Trata-se de um conceito, como ele mesmo enfatiza, que tem várias interpretações, como sentimento, paixão, agitação ou excitação mental, entre outras. Para o pesquisador, emoção “[...] se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e uma gama de tendências para agir.”¹⁰ Mas concorda que o conceito é limitante, pois a gama de emoções do ser humano é infinita. Prefere não entrar nas discussões teóricas sobre a classificação das emoções em primárias e secundárias, sugerindo, contudo, que algumas emoções, por serem tão evidentes, podem ser agrupadas, desde que não se perca a visão de que cada tipo de emoção pode gerar subtipos, isoladamente, ou atuar em conjunto com outras emoções.

Sua classificação básica das emoções — por ele considerada incompleta, e que pode ser visualizada por meio de expressões faciais e/ou corporais — propõe o agrupamento de sentimentos semelhantes cuja manifestação apresenta uma escala gradativa:¹¹

- » **Ira** – fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação [...], irritabilidade, hostilidade, e talvez no extremo, ódio e violência patológicos.
- » **Tristeza** – sofrimento, mágoa, desânimo, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo, desespero, e, quando patológica, severa depressão.
- » **Medo** – ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, [...] cautela, inquietação, pavor, terror; e como psicopatologia, fobia e pânico.
- » **Prazer** – felicidade, alegria, contentamento, deleite, orgulho [...], diversão, gratificação, satisfação, bom humor, euforia, êxtase e, no extremo, mania.
- » **Amor** – aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão, ágape [afeição entre os antigos cristãos, afeto].
- » **Surpresa** – choque, espanto, pasmo, maravilha.
- » **Nojo** – desprezo, desdém, antipatia, aversão, repugnância, repulsa.
- » **Vergonha** – culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição.

O Espírito Meimei, esclarece, a propósito:¹²

O raciocínio erguido às culminâncias da cultura, mas sem a compreensão e sem a bondade que fluem do entendimento fraterno, pode ser um espetáculo de grandeza, mas estará distante do progresso e

povoado pelos monstros das indagações esterilizantes ou inúteis. Enriqueçamo-lo, porém, com o manancial do sentimento puro e a inteligência converter-se-á, para nós e para os outros, num templo de sublimação e paz, consolo e esperança. Cultivemos o cérebro sem olvidar o coração. Sentir, para saber com amor; e saber, para sentir com sabedoria, porque o amor e a sabedoria são as asas dos anjos que já comungam a glória de Deus.

4. Inteligência espiritual

Há atualmente uma polêmica entre Howard Gardner, da Universidade de Harvard, psiconeurologista especializado no estudo da inteligência humana e Robert Emmons, da Universidade da Califórnia, neuropsicólogo interessado na investigação da religiosidade humana. O primeiro se tornou mundialmente famoso pela teoria das inteligências múltiplas. Emmons, por sua vez, tornou-se conhecido por suas investigações sobre psiconeurologia e religião.¹³

“Tomando as ideias e critérios de Gardner como ponto de partida de um discutido ensaio, ele [Emmons] tentou provar que se pode postular a existência de uma inteligência que ele, sem meias palavras, chama de ‘inteligência espiritual.’”¹³ Entretanto, para Emmons, Gardner não apresenta respostas convincentes a respeito da Inteligência *Existencial* ou *Espiritual*, analisada, igualmente, por outros estudiosos.

Emmons defende, com cerrada argumentação, que a inteligência tem uma faceta espiritual, que pode e obedece a todos os critérios indicados por Gardner deve para ser assumida no espectro das inteligências múltiplas. [...] Trata-se de um envolvimento existencial denso de sentido e de valor [...]. É uma forma inteligente de se posicionar e de se relacionar, teórica e praticamente, com esse Princípio Supremo. Para Emmons essa forma de *inteligência* possibilita ao ser humano estabelecer um contato íntimo não só com o que as religiões chamam de “o divino”, mas consigo mesmo e com o mundo e os fatos da vida, encontrando nisto uma forma de realização cognitiva que merece o adjetivo de “espiritual”.¹⁴

Para esse pesquisador, a Inteligência Espiritual (existencial ou religiosa) apresenta dois aspectos: “[...] Um conjunto de habilidades e capacidades associadas à espiritualidade de grande relevância nas

operações da mente humana; outro que considera as diferenças individuais dessas habilidades como sendo elementos centrais na constituição e na dinâmica da personalidade”.¹⁵ Em outras palavras, há indivíduos que, para se adaptarem e integrarem no meio em que vivem, necessitam estar inseridos em um clima que prioriza a espiritualidade, que pode ser manifestada na forma de práticas religiosas ou de conduta moral edificante.

Alguns cientistas europeus, como o austríaco Viktor Frankl, têm oferecido contribuições relevantes, denominando inteligência espiritual de *noética*, cujas ideias podem ser assim resumidas pelos professores Achilles Gonçalves Coelho Júnior e Miguel Mahfoud, da Universidade Federal de Minas Gerais:¹⁶

Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo, o homem se difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las — o que garante a totalidade do homem (Frankl, 1989a). A dimensão espiritual mostra-se, essencialmente, como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Responsabilidade nada se identifica com um caráter moralista pelo qual o indivíduo se obrigaria a agir de acordo com normas introjetadas, mas caracteriza-se justamente pela capacidade de responder, isto é, pela liberdade atuante no momento em que o homem responde ou se posiciona diante das circunstâncias presentes. Pressupõe “liberdade para” efetivar seu posicionamento no mundo [...], manifestando, então, a “irrepetibilidade e caráter de algo único” constituinte de cada homem (Frankl, *Falar de existência*), na sua dimensão espiritual, é falar sobretudo do “ser-responsável” e do “ser humano consciente de sua responsabilidade” (Frankl, 1993). Trata-se não da *liberdade de* condições biológicas, psicológicas e sociais — a que todo homem está submetido — mas da *liberdade para* uma tomada de posição diante de todas as circunstâncias, cotidianas ou excepcionais.

Recentemente, a física e filósofa estadunidense Danah Zohar (1945–) juntamente com o marido, que é psiquiatra, propõem a

adoção de um quociente para a inteligência espiritual (ou QS: do inglês *Spiritual Quocient*), no livro do mesmo nome que ambos escreveram. Na obra, os autores demonstram que o ser humano possui no cérebro um ponto — “Ponto de Deus” —, uma área que seria responsável pela necessidade de experiências espirituais.

Cientistas de renome como Francis S. Collins, Idealizador do Projeto Genoma Humano, e seu diretor por dez anos, ou Bruce H. Lipton, internacionalmente conhecido na área de biologia celular, apontam para a possibilidade de geneticamente estarmos programados para desenvolver a inteligência espiritual. Ou seja, em determinado momento da caminhada evolutiva, o homem se voltará para a ideia de Deus.

Por outro lado, frente a um mundo de mudanças contínuas e rápidas, no qual estamos inseridos, é preciso admitir que uma série de esclarecimentos nos são transmitidos por cientistas e tecnólogos, com a finalidade de auxiliar o homem no conhecimento da natureza, do mundo no qual está inserido e, também, de si mesmo. Neste sentido, Stanislav Grof, um dos fundadores da psicologia transpessoal, considera em seu livro *Psicologia do futuro* que a “[...] psicologia e a psiquiatria requerem uma revisão radical baseada na investigação intensiva e sistemática dos estados invulgares da consciência.”¹⁷

Quer isso dizer que, além dos processos já considerados comuns ou já absorvidos pelo conhecimento, como as contribuições de Gardner e as de Goleman, é preciso estarmos atentos a outros aspectos, registrados na forma de percepções, que estão surgindo mais intensamente na nova geração de reencarnados.

O significado de *percepção*, aqui apresentado, relaciona-se à faculdade de apreender algo, de ter consciência a respeito de uma impressão sensitiva que foi transmitida por órgãos específicos, ou por meio de associação Ideiacional, de natureza mental. Para o Espiritismo, todas “[...] as percepções são atributos do Espírito e fazem parte de seu ser. Quando está revestido de um corpo material, elas só lhe chegam pelo conduto dos órgãos; mas, no estado de liberdade, deixam de estar localizadas.”¹⁸

Ao lado das percepções comuns surgem, vez ou outra, as percepções inusitadas. O estudo das percepções inusitadas apenas iniciou, revelando-se como de natureza bem abrangente. Por exemplo, há um tipo de percepção, incomum ou inusitada, que tem merecido especial atenção da Ciência. Trata-se da *sinestesia*, cujo conceito se resume na

“sensação subjetiva de um sentido que não é o que está sendo estimulado.”¹⁹ Diz respeito à associação de planos sensoriais diferentes. Por exemplo, há pessoas que associam um som ou uma composição musical a determinada cor ou aroma. Outros unem uma cor específica a um número específico, assim como existem os que percebem sabor nas palavras. Este tipo de percepção, no passado, poderia ser considerada uma anomalia mental. Hoje não.

O cientista estadunidense Richard Feynman (1918–1988), Nobel de Física em 1965, afirmava: “Quando escrevo uma equação na lousa vejo os números e as letras de cores diferentes. E me pergunto: que diabos meus alunos veem?”²⁰

Os Espíritos Orientadores da Codificação Espírita ensinam que os “[...] órgãos são os instrumentos da manifestação das faculdades da alma. Essa manifestação se acha subordinada ao desenvolvimento e ao grau de perfeição desses mesmos órgãos, como a excelência de um trabalho está subordinada à qualidade da ferramenta.”²¹ Ou seja, as aquisições evolutivas do Espírito imprimem alterações no seu perispírito, construindo, em consequência, um corpo físico contendo órgãos aperfeiçoados, muito mais suscetíveis à ação da mente espiritual.

Ao encarnar, o Espírito traz certas predisposições. Admitindo-se para cada uma delas um órgão correspondente no cérebro, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. [...] Admita-se [...] que os órgãos especiais, se é que existem, são consequentes e se desenvolvem pelo exercício da faculdade, como os músculos por efeito do movimento, e nada tereis de irracional. Tomemos uma comparação trivial, à força de ser verdadeira. Por alguns sinais fisionômicos reconheceréis o homem que se entrega à bebida. Serão esses sinais que fazem dele um bêbado, ou será a embriaguez que nele imprime aqueles sinais? Pode-se dizer que os órgãos recebem o cunho das faculdades.²²

Por outro lado, esclarece Joanna de Ângelis, com muita propriedade:²³

A descoberta e a constatação da inteligência espiritual (QS), neste momento, faculta a compreensão da complexidade da alma humana, analisando os dados fornecidos pelo pensamento e elaborando os programas mais compatíveis com as suas necessidades e aspirações no complexo movimento da busca da plenitude. Perfeitamente identificáveis as áreas nas quais se exteriorizam as diferentes inteligências, há, no entanto, em destaque um *ponto-luz* que expressa no cérebro a

existência daquela de natureza espiritual, impulsionando o ser à compreensão da sua transcendência e da sua destinação rumo do infinito. Esse *ponto-luz* ou *divino* está situado entre as conexões dos neurônios nos lobos temporais do cérebro. As pesquisas realizadas mediante a utilização de pósitrons, permitem constatar-se que, nas discussões de natureza religiosa ou espiritual, toda vez que o tema versa a respeito de Deus e do Espírito, da vida transcendental e dos valores da alma, de imediato se produz uma iluminação no campo referido, demonstrando ser aí que sedia a Inteligência Espiritual. É, portanto, essa inteligência que conduz ao cerne das coisas e facilita a compreensão do abstrato, particularmente quando se refere aos valores da imortalidade da alma, da fé religiosa, da Causalidade universal, do bem, do amor...

Os dias futuros nos reservam surpresas na área do conhecimento das faculdades humanas, e, acreditamos, estamos apenas iniciando uma era de estudos mais significativos sobre a inteligência, de algum modo já antecipada pela Doutrina Espírita, como consta nesta informação de Léon Denis:

A alma contém, no estado virtual, todos os germens dos seus desenvolvimentos futuros. É destinada a conhecer, adquirir e possuir tudo. [...] Para realizar os seus fins, tem de percorrer, no tempo e no espaço, um campo sem limites. [...] Pouco a pouco a alma se eleva e, conforme vai subindo, nela se vai acumulando uma soma sempre crescente de saber e virtude; sente-se mais estreitamente ligada aos seus semelhantes; comunica mais intimamente com o seu meio social e planetário. Elevando-se cada vez mais, não tarda a ligar-se por laços pujantes às sociedades do espaço e depois ao Ser Universal. Assim, a vida do ser consciente é uma vida de solidariedade e liberdade. Livre dentro dos limites que lhe assinalam as leis eternas, faz-se o arquiteto do seu destino. O seu adiantamento é obra sua. [...].²⁴

Referências

1. Raciocínio: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Racioc%C3%ADnio>
2. PIAGET, Jean. *Biologia de conhecimento*. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996. Cap. V, p. 305.
3. NOGUEIRA, Salvador. *Revista Conhecer*. São Paulo: Duetto. Outubro de 2010. Artigo: Sua cabeça é mais do que você pensa, p.18.

4. GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas – a teoria na prática*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Parte I, cap. 1, p.21.
5. GAMA, Maria Clara Salgado. *A teoria das inteligências múltiplas e suas implicações para educação*. Disponível em: <http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>
6. GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas – a teoria na prática*. Op. Cit., p. 22-29.
7. CARVALHO, Rebeca. *Howard Gardner e as inteligências múltiplas*. Disponível em: http://www.appai.org.br/Jornal_Educar/jornal35/historia_educacao/howard.asp
8. Inteligência Emocional. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Intelig%C3%A2ncia_emocional
9. GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. Cap. 3, p. 52.
10. _____. Apêndice A (O que é emoção?), p. 305.
11. _____. p. 305-306.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções psicofônicas*. Por diversos Espíritos. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, . Cap. 30 (mensagem do Espírito Meimei), p.144.
13. SILVA, Leonice M. Kaminski. *Existe uma inteligência existencial/espiritual?*
14. *O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons*. São Paulo: Revista de Estudos da Religião, PUC-SP 2001. Nº 3, p. 47. Também disponível em: http://www4.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_silva.pdf
15. _____. p. 48.
16. _____. p. 50.
17. Júnior, Achilles Gonçalves Coelho e MAHFOUD, Miguel. *As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e interrelações na obra de Viktor Frankl. : Psicol. USP*. [online]. 2001, vol.12, no.2 [citado 02 Febrero 2006], p.95-103. Disponível em: http://www.robertexto.com/archivo13/as_dimensoes.htm
18. GROF, Stanislav. *Psicologia do futuro*. Tradução de Selena Cruz. 1. ed. Porto [Portugal]: Via Óptima, 2007, contracapa.
19. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 249-a, p. 186.
20. THOMAS, Clayton. *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Tradução de Fernando Gomes do Nascimento. 17. ed. São Paulo: Manole, p. 1334.
21. BARBERI, Massimo. *Mente e cérebro*. Edição especial, nº 12. São Paulo: Duetto-Scientific American Brasil, 2008. Reportagem: Confusão das sensações, p.10.
22. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op cit., questão 369, p.232.
23. _____. Questão 370-a (comentário), p. 233.
24. FRANCO, Divaldo Pereira. *Triunfo pessoal*. Pelo espírito Joanna de Ângelis. Salvador [BA]: Livraria espírita Alvorada, 2002. Capítulo: O ser pensante, item: inteligência, p. 34-35.
25. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 1. ed. (especial). Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte (O problema do ser), cap. IX (Evolução e finalidade da alma), p. 161-163.

Orientações ao monitor

1. Sugerimos que o conteúdo deste roteiro seja desenvolvido em duas reuniões de estudo, para facilitar a assimilação.
2. Em ambas as reuniões, realizar exposição introdutória do assunto que se pretende desenvolver, dando destaque à classificação científica da inteligência humana.
3. Na primeira reunião, sugerimos que os itens 1 (Inteligência racional) e o 2 (As múltiplas inteligências) sejam analisados e debatidos, em atividades grupais e ou plenárias. Na segunda reunião, os demais itens (inteligência emocional e inteligência espiritual) devem ser estudados reflexivamente.
4. Após a realização do trabalho em grupo e das atividades plenárias, em ambas as reuniões, fazer o fechamento do estudo, dando ênfase às ideias espíritas presentes no Roteiro.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 13

MATÉRIA

Objetivos

- » Analisar o significado filosófico, científico e espírita de matéria.

Ideias principais

- » A Filosofia analisa a matéria como: *sujeito, potência, extensão e energia*. Já a Ciência estuda a matéria segundo as leis (propriedades) de manifestação da *massa* e da *densidade*.
- » O Espiritismo ensina que há dois elementos gerais do universo, criados por Deus: espírito e matéria. *Mas, ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, muito grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, sob certo ponto de vista, se possa classificar o fluido universal como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 27.
- » A matéria resulta das modificações ocorridas no fluido cósmico universal, [...] *cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza.* Allan Kardec: *A gênese*, capítulo 14, item 2.

Subsídios

Segundo a *Gnosiologia*, ciência que trata da teoria geral do conhecimento, **matéria** tem o significado de forma, tudo que é relacionado à forma. Em sentido amplo, a Filosofia e a Ciência definem matéria como “[...] um dos princípios que constituem a realidade natural, isto é, os corpos.”¹

Estudos filosóficos específicos costumam estudar a matéria sob quatro aspectos: *sujeito*; *potência*; *extensão*; e *força* ou *energia*. A Ciência faz análises relacionadas às *leis* da matéria, da *massa* e da *densidade de campo*.

Importa considerar que os filósofos da Antiguidade defendiam a ideia da existência de um único princípio formador de todos os tipos de matéria existentes na natureza. Tales de Mileto (624 ou 625–556 ou 558 a.C.), filósofo considerado um dos sete sábios da Grécia, cognominado Pai da Filosofia, entendia que esse elemento primordial seria a **água**. Anaxímenes (588–524 a.C.) e Anaximandro (610–547 a.C.) acreditavam ser o **ar**. Para Heráclito (540–470 a.C.) era o **fogo**. Entretanto, outro filósofo grego, Empedócles de Agrigento (495/490–435/430 a.C.), admitia que não existisse apenas um elemento formador da matéria, mas quatro: os três elementos fundamentais (água, ar e fogo), os quais deveriam ser acrescidos de mais um: **terra**.

O que se destaca nessa linha de pensamento não é o tipo de elemento considerado primordial (água, ar, fogo e terra), mas o entendimento de que havia um princípio gerador da matéria, ensinado pelo Espiritismo como **Fluido Cósmico Universal** ou **Matéria Cósmica Primitiva**.

1. Matéria: interpretações filosóficas

1.1. Matéria como sujeito

Para a Filosofia, matéria é uma potência real que contém “algo”, alguma coisa. Daí Platão (427 ou 428–348 ou 347 a.C.) e Aristóteles (384–322 a.C.), filósofos gregos da Antiguidade, considerarem matéria *sujeito* ou *potência*. *Sujeito* porque a matéria era vista como sendo a *mãe* (geratriz) de todas as coisas que existem na natureza, exceto o

ser espiritual. Seria “a realidade potencial” (Aristóteles), já “que ela acolhe em si todas as coisas sem nunca assumir forma alguma que se assemelhe às coisas, pois é como a cera que recebe a marca” (Platão, in: *Timaeus*, 50 b-d).¹ Sendo a mãe e desprovida de forma, a matéria era também compreendida como indeterminada, ou seja, uma “substância primeira”, igualmente ensinada pelos filósofos estoicos como concebida pela Razão Divina.¹

Neste contexto, a matéria é de natureza ou essência divina, criada por Deus, já afirmava Giordano Bruno (1548–1600), filósofo, escritor e frade dominicano, condenado por heresia e morto pela inquisição católica, devido à amplitude dessa e de outras ideias.

1.2. Matéria como potência

Por este conceito os filósofos descrevem a matéria como “o princípio ativo e criador da natureza” (Giordano Bruno), presente em todos os corpos e capaz de gerar outros infinitos tipos de corpos. Para Aristóteles *potência* é o mesmo que possibilidade, isto é, capacidade de ser e de não-ser. Assim, o elemento material, considerado em si mesmo, nasce, desenvolve-se, aperfeiçoa-se, passando da potência (do “projeto”, de uma possibilidade) para o efeito.

A passagem da potência ao efeito reflete a execução de uma possibilidade, de uma potencialidade anterior. Significa dizer também que qualquer coisa na natureza não surgiu miraculosamente, ou por acaso, mas a partir de um potencial preexistente, equivalente ao simbolismo da árvore que se origina da semente. Para Aristóteles, essa “potência [semente] não é apenas essa possibilidade pura de ser ou não ser; é uma potência operante e ativa.”² Eis como o filósofo escreve em seu livro *Metaphysica*, parte IX:

Uma casa existe potencialmente se nada houver em seu material que a impeça de tornar-se casa e se nada mais houver que deva ser acrescentado, retirado ou mudado [...]. Essa autosuficiência da potência para produzir, graças à qual a matéria não é apenas material bruto, mas capacidade efetiva de produção exprime um conceito que não é mais de matéria como passividade ou receptividade. Como potência operante, a matéria não é um princípio necessariamente corpóreo.²

Vê-se, assim, que Aristóteles tinha alguma percepção dos diferentes estados da matéria, alguns incorpóreos à nossa visão, como os

gases. O entendimento da matéria não ser corpórea, necessariamente, originou inúmeras discussões ao longo dos tempos, sobretudo na Idade Média (na época da escolástica^{*}), fazendo surgir o questionamento de que as coisas espirituais, como a alma, poderiam ser constituídas de matéria. As discussões conduziram ao absurdo de imaginar Deus como sendo matéria, como supôs David de Dinant (1160–1217), filósofo belga panteísta, morto na inquisição católica por suas ideias.^{2,3}

1.3. Matéria como extensão

Tal significado foi defendido pelo filósofo francês René Descartes (1596–1650) que afirmou: “a natureza da matéria ou dos corpos em geral não consiste em ser uma coisa dura, pesada, colorida ou capaz de afetar nossos sentidos de qualquer outro modo, mas apenas em ser uma substância extensa, em comprimento, largura e profundidade.”² Fica evidente, nesse pensamento de Descartes, a teoria atomista defendida por filósofos da Antiguidade, para os quais o atomismo se apresenta como uma teoria analítica, que considera as formas observáveis na natureza como um agregado de entidades menores, os átomos, invisíveis a olho nu.⁴ Atualmente, sabemos que há partículas menores que o átomo, denominadas subatômicas.

1.4. Matéria como força ou energia

A ideia foi introduzida por filósofos de formação platônica, que atuavam na Universidade de Cambridge⁵, Inglaterra, no século XVII, amplamente acatado por outros filósofos da época, como o alemão Gottfried Wilhelm von Leibnitz (1646–1716) e Isaac Newton (1643–1727), no século seguinte.

Esses estudiosos consideravam a matéria como uma força sólida, ainda que plástica, cujas modificações aconteciam apenas no seu interior, em nível dos espaços intersticiais, não na parte externa ou superficial, caso contrário a matéria perderia a forma e tipo apresentados na natureza. Aceitavam também a ideia de que sendo a matéria uma força viva só poderia ser emanção de Deus.

* **Escolástica:** pensamento cristão da Idade Média, que buscava conciliação entre um Ideal de racionalidade, corporificado especialmente na tradição grega do *platonismo* e *aristotelismo*, e a experiência de contato direto com a verdade revelada, tal como a concebe a fé cristã.

Complementando a teoria, os estudiosos da época defendiam a hipótese de que a matéria seria formada de partículas muito pequenas, indivisíveis, denominadas **mônadas físicas**, de natureza imaterial, pelo menos quando foram formadas. Para Leibnitz⁵ a matéria possuía, além da extensão (como afirmava Descartes), uma força passiva de resistência, que é a *impenetrabilidade* ou *antitipia*. Newton⁵, por sua vez, “julgava impossível que a matéria fosse isenta de qualquer tenacidade e atrito das partes, bem como de comunicação de movimento”.⁵ Immanuel Kant (1724–1804), filósofo alemão, acrescentou que a “matéria enche um espaço, não através de sua existência pura, mas por meio de uma força motriz particular”.⁵

Para outro filósofo alemão, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775–1854), “as três dimensões da matéria são determinadas pelas três forças que a constituem: força expansiva, força atrativa e uma terceira força sintética (de síntese), que correspondem, em sua natureza, ao magnetismo, à eletricidade e ao quimismo, respectivamente”.⁵

No século XX, o conceito de energia foi incorporado ao de matéria, ampliando a visão filosófica e científica do assunto, promovendo significativos debates acadêmicos.

2. Matéria: interpretações científicas

2.1. Matéria como lei

Por este conceito, entende-se que a matéria é uma “conexão determinada por elementos sensíveis em conformidade com uma lei.”⁵ Quer isto dizer que a matéria tem propriedades específicas, que lhe são próprias, ainda que nem todas sejam conhecidas. As propriedades da matéria são vistas como parte integrante de um sistema organizado de leis bem ordenadas. Tal teoria teve origem nas ideias do filósofo e teólogo irlandês George Berkeley (1685–1753). Este estudioso, contudo, desenvolveu concepção radical e empírica sobre as propriedades da matéria ao afirmar “que uma substância material não pode ser conhecida em si mesma. O que se conhece, na verdade, resume-se às qualidades reveladas durante o processo perceptivo”.⁵

2.2. Matéria como massa

É a definição científica de matéria⁵ mais conhecida, muito fácil de localizar em qualquer livro de ensino de segundo grau ou na *internet*: matéria é qualquer coisa que possui massa e ocupa lugar no espaço e está sujeita à inércia. A matéria é algo que existe e que entra na composição dos corpos e das substâncias. É sempre constituída de partículas elementares que possuem, também, massa. Ou seja, os átomos têm massa (peso atômico) mensurável, assim como as partículas atômicas (protons, neutrons, eletrons) e as subpartículas (quarks, e leptons relacionadas aos protons e neutrons; muons e taus ligadas aos eletrons).

As descobertas da física do século XX apoiam-se, principalmente, nas teorias do físico alemão, naturalizado americano, Albert Einstein (1879–1955) —, que afirmou ser “a matéria uma forma de energia” —, e nos estudos teóricos da física quântica. Ambas as teorias indicam que matéria deve ser definida como energia.

- » **Energia** é a capacidade de realizar trabalho, é tudo aquilo que pode modificar a matéria: sua posição, fase de agregação e natureza química. Energia pode também provocar ou anular movimentos e causar deformações.
- » O conceito de **massa** é inerente ao de energia, mas entendido como massa inercial ou peso. A massa inercial indica a resistência que os corpos oferecem à tentativa de lhes alterar o movimento. O valor da massa inercial é proporcional à força de atração gravitacional de outro corpo. Assim, a massa é sempre a mesma, mas o peso varia com a gravidade. Por exemplo, o peso de um corpo é variável no espaço sideral (onde a gravidade está ausente) e em diferentes planetas, ainda que a massa desse corpo permaneça a mesma.

Os célebres experimentos do cientista francês Antoine-Laurent de Lavoisier (1743–1794) enunciaram, entre outros, o princípio da conservação da matéria que estabelece que a quantidade total de energia em um sistema isolado permanece constante. Uma consequência dessa lei é que energia não pode ser criada nem destruída: a energia pode apenas transformar-se (“nada se perde, tudo se transforma”).

2.3. Matéria como densidade de campo

A Ciência contemporânea associa aos conceitos anteriores a densidade do campo formado pela matéria, aspecto que envolve, em consequência, ação do magnetismo.

Campo, em física, significa uma quantidade de matéria existente em qualquer ponto do espaço. No campo há sempre um **potencial gravitacional** que mantém coesas as partículas materiais. Campo é, portanto, uma grandeza física associada ao espaço onde se deduz o valor mensurável de uma carga energética. Uma boa explicação sobre campo é transmitida pelo Espírito André Luiz:

Campo, desse modo, passou a designar o espaço dominado pela influência de uma partícula de massa. Para guardarmos uma ideia do princípio estabelecido, imaginemos uma chama em atividade. A zona por ela iluminada é-lhe o campo peculiar. A intensidade de sua influência diminui com a distância do seu fulcro, de acordo com certas proporções, isto é, tornando-se $1/2$, $1/4$, $1/8$, $1/16$ etc., a revelar valor de fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, porque, em teoria, o campo ou região de influência alcançará o infinito.⁶

Há diversos tipos de campos materiais como, por exemplo, as *isotermas* mostradas diariamente nos boletins meteorológicos, que nada mais são do que a imagem de *campos de temperaturas*, ou térmicos, existentes na superfície terrestre. A sua intensidade se designa como *intensidade do campo*.

A teoria quântica de campos é a aplicação conjunta do conhecimento das partículas elementares (mecânica quântica) e da teoria da matéria condensada (matéria = luz condensada), defendida pela teoria da relatividade especial, de Einstein, que fez este comentário, a propósito: “o que impressiona os nossos sentidos como matéria na realidade é uma grande concentração de energia em um espaço [campo] relativamente limitado. Portanto, parece lícito equiparar matéria a regiões espaciais nas quais o campo é extremamente forte”⁷ (Livro: *A evolução da física*, cap. 3).

Neste sentido, importa destacar que as pesquisas científicas atuais caminham para a unificação do micro e do macrocosmo, através da chamada *Teoria de Tudo* ou *Teoria da Grande Unificação*–TGU, que visa resumir em um único conjunto de equações a origem e a natureza do cosmo, assim como as forças contidas nele.⁸

Esclarece, a respeito, o inglês Robert Matthew, físico-matemático-pesquisador e repórter científico: “Essa união consiste em provar, na prática, o que os cálculos já revelam: a existência de uma matéria primordial, encontrada tanto no universo quanto no átomo”⁹.

A *Teoria de Tudo* representa, na atualidade, a busca pelo Santo Graal da Física Teórica, situação que ainda provoca frustrações, como aconteceu com Albert Einstein, o qual, a despeito da mente privilegiada que possuía, passou os 30 anos finais de sua última reencarnação na vã tentativa de combinar a teoria quântica com as forças que atuam no universo. Há muito investimento científico na *Teoria de Tudo*, acreditando-se que no futuro, não tão remoto, será possível identificar, de forma concreta, esse elemento fundamental, tendo em vista que o macro e o microcosmo apresentam profundas semelhanças entre si e que um reage sobre o outro. Isto está comprovado pela Ciência.⁹

Para a Ciência, há três estados de agregação da matéria, que variam conforme a temperatura e a pressão sobre um corpo: **estado sólido**, que é quando as partículas elementares se encontram fortemente ligadas, e o corpo material apresenta forma e volume definidos; **estado líquido**, no qual as partículas elementares estão unidas mais fracamente do que no estado sólido. Nesta situação, o corpo possui apenas volume definido, mas a forma é variável, de acordo com a do recipiente onde o líquido se encontra; e **estado gasoso**, no qual as partículas elementares encontram-se muito fracamente ligadas, não tendo o corpo nem forma nem volume definidos.

Além desses três principais estados de agregação da matéria, há outros dois. Um, denominado *quarto estado da matéria*, que é o **plasma**, identificado no final do século XX. Nele já não há mais moléculas e os átomos estão desagregados em seus componentes menores. Em temperaturas superiores a 1.000.000°C (um milhão de graus Celsius), todas as substâncias se encontram no estado de plasma. Acredita-se que aproximadamente 90% da matéria cósmica estejam no estado de plasma. Para a física, o **plasma** é um estado similar ao dos gases, no qual certa porção das partículas encontra-se ionizada (eletricamente carregada pela incorporação de elétrons).

O outro estado é conhecido como o *quinto estado da matéria*, previsto em 1925 por Albert Einstein e o físico indiano Satyendra Nath Bose. Esse estado só se manifestaria em temperaturas baixíssimas, próximas ao zero absoluto, valor até então considerado impossível de ser atingido, e que equivale a $-273,16^{\circ}\text{C}$ (duzentos e setenta três e dezesseis centésimos graus Celsius negativos). O zero absoluto seria exatamente a temperatura em que os átomos de um corpo parassem

de movimentar. O quinto estado da matéria recebeu o nome de **Condensado Bose-Einstein**, e, por ora, só existe na teoria.

É possível que haja outros estados da matéria que, cedo ou tarde, serão descobertos pela Ciência.

3. Matéria: Interpretações espíritas

O entendimento espírita sobre matéria e formação do cosmos (cosmologia) não difere do divulgado pela Ciência. Contudo, por considerar a sobrevivência do Espírito e o mundo espiritual, apresenta algumas informações que ainda não foram cogitadas, ou, quando muito, apenas delineadas pelos cientistas.

A Doutrina Espírita apresenta os seguintes conceitos relativos à matéria:

1. Há dois elementos gerais no universo: Espírito e matéria. A matéria tem origem no fluido universal (ou matéria cósmica primitiva) que funciona como elemento de atuação do Espírito, ou elemento intermediário entre a matéria, propriamente dita, e o Espírito. (*O livro dos espíritos*, questão 27. *A gênese*, capítulo 6, itens 5, 17 e 18).
2. Os diferentes tipos de matéria têm origem neste elemento primordial: o fluido cósmico universal:

O fluido cósmico universal é, como já foi demonstrado, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. [...] Como princípio elementar do universo, ele assume dois estados distintos: o de eterização ou imponderabilidade, que se pode considerar o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certo modo, consecutivo ao primeiro. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca, visto que se podem considerar os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.¹⁰

3. As diversas propriedades da matéria “são modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias”.¹¹
4. A matéria primitiva (fluido cósmico universal) é passível de sofrer todo tipo de transformação e adquirir todas as diferentes propriedades. Daí

afirmarem os Espíritos da Codificação: “Isso é o que se deve entender, quando dizemos que *tudo está em tudo!*”,¹² afirmação constatada pela Ciência por meio da Teoria de Tudo.

As modalidades da matéria ou da força movimentam-se num ciclo fechado — o ciclo das transformações. Elas podem mover-se umas nas outras, substituírem-se alternativamente por mudanças na frequência, na amplitude ou na direção dos movimentos vibratórios. [...].¹³

5. A matéria é um feixe de energia coagulada ou condensada, como afirma o Espírito André Luiz: “A matéria congregando milhões de vidas embrionárias, é também a condensação da energia, atendendo aos imperativos do “eu” que lhe preside à destinação”.¹⁴

Quanto mais investiga a natureza, mais se convence o homem de que vive num reino de ondas transfiguradas em luz, eletricidade, calor ou matéria, segundo o padrão vibratório em que se exprimam. Existem, no entanto, outras manifestações da luz, da eletricidade, do calor e da matéria, desconhecidas nas faixas da evolução humana, das quais, por enquanto, somente poderemos recolher informações pelas vias do Espírito.¹⁵

* * *

[...] a matéria quanto mais estudada mais se revela qual feixe de forças em temporária associação [...]. Temo-lo [o homem], [...] por viajante do Cosmo, respirando num vastíssimo império de ondas que se comportam como massa ou vice-versa [...].¹⁶

Perante tais considerações, Emmanuel pondera:

As noções modernas da Física aproximam-se, cada vez mais, do conhecimento das leis universais, em cujo ápice repousa a diretriz divina que governa todos os mundos. Os sistemas antigos envelheceram. As concepções de ontem deram lugar a novas deduções. Estudos recentes da matéria vos fazem conhecer que os seus elementos se dissociam pela análise, que o átomo não é indivisível, que toda expressão material pode ser convertida em força e que toda energia volta ao reservatório do éter universal. Com o tempo, as fórmulas acadêmicas se renovarão em outros conceitos da realidade transcendente, e os físicos da Terra não poderão dispensar Deus nas suas ilações, reintegrando a natureza na sua posição de campo passivo, onde a inteligência divina se manifesta.¹⁷

Referências

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p 646.
2. _____. p 647.
3. <http://pt.shvoong.com/humanities/6307-metaf%C3%ADsica/>
4. MANNION, James. *O livro completo de filosofia*. Tradução Fernanda Monteiro dos Santos. São Paulo: Madras, 2004. Cap. 1, p.25.
5. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit, p. 648.
6. XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 3, p. 45.
7. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Op. Cit, p. 649.
8. MATTHEWS, Robert. *25 grandes ideias: como a ciência está transformando o mundo*. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Cap. 5, p. 50.
9. MOURA, Marta Antunes. *A teoria de tudo*. In: *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, setembro de 2008. N.º 2. 154. Ano 126, p. 25.
10. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 14, item 2, p. 348.
11. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 31, p. 90.
12. _____. Questão 33, p.91.
13. DELANNE, Gabriel. *A evolução anímica: estudo sobre psicologia fisiológica segundo o Espiritismo*. Tradução de Manuel Quintão. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 6, p. 234.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.1, p. 20.
15. _____. XAVIER, Francisco C. e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Op. Cit. “Ante a mediunidade”, p. 21.
16. _____. Cap. 1, p. 25.
17. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 17, p. 26-27.

Orientações ao monitor

1. Fazer breve introdução do assunto, na qual se destaque uma síntese dos conceitos filosóficos, científicos e espíritas de matéria.
2. Em seguida, dividir a turma em três grupos, orientando, cada um, a ler refletidamente um dos textos indicados a seguir:

Grupo 1 - Matéria: interpretações filosóficas.

Grupo 2 - Matéria: interpretações científicas.

Grupo 3 - Matéria: interpretações espíritas.

3. Concluída a leitura, cada grupo responde ao questionário, inserido em anexo.
4. Finalizadas estas etapas das atividades grupais, projetar as perguntas dos questionários e pedir que a turma as responda, em plenário.
5. Ao final, esclarecer as possíveis dúvidas, destacando a contribuição das ideias espíritas para o entendimento do assunto.

OBSERVAÇÃO: a) se necessário, dividir o estudo em duas reuniões; b) convidar três participantes da reunião para desenvolverem o estudo da próxima reunião (Perispírito), utilizando-se a técnica do Painel, cujas orientações constam no próximo Roteiro

Anexo – Questionário de apoio à atividade grupal

Questionário 1 – grupo 1

1. O que significa matéria como: sujeito, potência, extensão e energia?
2. Qual a ideia filosófica, registrada no texto, que mais se aproxima da concepção que você tem de matéria? Explique.
3. Deduza: Espírito desencarnado possui elementos materiais? Justifique a resposta.
4. Por que é absurdo imaginar Deus como sendo matéria?

Questionário 2 – grupo 2

5. Qual é a interpretação científica de matéria, quanto aos aspectos: das suas leis ou propriedades; de sua massa; e da densidade de campo?
6. Quais são os estados da matéria admitidos pela Ciência?
7. No que diz respeito à matéria, o que significa a teoria do campo?
8. Deduza: o plano espiritual seria também constituído de matéria? Justifique a resposta.

Questionário 3 – grupo 3

1. Qual é a concepção espírita de matéria?
2. Qual é a origem dos diferentes tipos de matéria existentes na natureza? Esclareça.
3. O que significa, exatamente, esta afirmativa do Espírito André Luiz: *“A matéria congregando milhões de vidas embrionárias, é também condensação da energia”*?
4. Deduza: o pensamento humano pode ser considerado matéria? Justifique a resposta.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 14

PERISPÍRITO

Objetivos

- » Funções e propriedades do perispírito.
- » Refletir a respeito de mudanças que podem ocorrer no perispírito.

Ideias principais

- » *Há no homem três coisas: 1º) o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º) o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. [...] O laço ou perispírito que une ao corpo o Espírito é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro [corpo]. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal [...]. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Introdução VI.*
- » O perispírito é de natureza semimaterial, elaborado a partir do fluido cósmico universal. Como função primordial, o perispírito é o veículo de transmissão das impressões fisiológicas, sensações e percepções psicológicas. Allan Kardec: *Obras póstumas*. Primeira parte, item I, subitens 10 e 11.
- » As principais propriedades do perispírito são: *plasticidade, densidade, luminosidade, penetrabilidade, visibilidade, sensibilidade, expansibilidade*. Zalmino Zimmermann: *Perispírito*, cap. 2.

- » O perispírito pode sofrer profundas modificações, algumas graves, como acontece com os ovoides que, temporariamente, perdem a forma anatômica humana. Outras mudanças contudo, indicam aquisições evolutivas, como assinala André Luiz: [...] *tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual, conquistando planos mais altos*. André Luiz: *Libertação*, cap. 6.

Subsídios

1. Conceito de perispírito

O vocábulo Perispírito (do grego *peri* = em torno; e do latim *spiritus* = espírito) foi empregado pela primeira vez por Allan Kardec, na introdução VI e na questão 93 de *O livro dos espíritos*:

- a) Há no homem três coisas: 1º) o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º) a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º) o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.¹
- b) O laço ou *perispírito* que une ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do envoltório mais grosseiro [corpo]. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal [...].¹
- c) Assim como o gérmen de um fruto é envolvido pelo perisperma, o Espírito propriamente dito é revestido por um envoltório que, por comparação, se pode chamar *perispírito*.²

A existência do perispírito pode ser facilmente comprovada pelos fenômenos mediúnicos (por exemplo, materialização e fotografia de Espíritos), e pelos de emancipação da alma.

O conhecimento sobre o perispírito não é atual, sendo descrito pelos povos da Antiguidade.^{3, 4, 5} Os egípcios denominavam-no de **Ka** ou **Bai**, indicando ser uma forma semelhante ao corpo físico, e de **Sahu** o Espírito, propriamente dito. O *Ka*, afirmavam, reproduzia

exatamente os traços do corpo físico dos encarnados. Os gregos nomeavam o perispírito como **corpo etéreo** e, com base nos poemas de Orfeu, acreditavam que nos Espíritos atrasados este corpo possuía manchas que caracterizavam as faltas cometidas, daí ser necessário ao Espírito voltar à Terra para depurá-lo. A cabala judaica denomina o perispírito de **rouach**, os budistas de **kuma-rupa**, os chineses de **Khi** e os hindus de **mano-maya-kosha**.

Os ocultistas, esotéricos e teosofistas³ preferiram denominar o perispírito de **corpo astral**; os neognósticos de **aerossoma**; o filósofo e cientista alemão Leibniz⁵ (Gottfried Wilhelm von Leibniz – 1646–1716) preferia chamá-lo de **corpo fluídico**, o filósofo inglês Ralph Cudworth⁵ (1617–1688) denominava-o **mediador plástico**, enquanto o estudioso espírita brasileiro Ernani Guimarães de Andrade⁵ criou um termo próprio: **modelo organizador biológico** (MOB).

O Espírito André Luiz utiliza duas designações sinônimas para perispírito: **psicossoma** (*Mecanismos da mediunidade*, cap. 22) e **corpo espiritual** (*Evolução em dois mundos*, 1ª parte cap. 2, 3, 4 e 5; *Nosso Lar*, cap. 4), que guarda semelhança com a forma como Paulo de Tarso se expressava: “semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual” (I Coríntios, 15:44 – *Bíblia de Jerusalém*).

André Luiz admite que há outros envoltórios espirituais, além do perispírito, como o corpo mental, citado em sua primeira obra (*Nosso Lar*). Envoltórios esses que são, genericamente, englobados pela expressão perispírito, da conceituação kardequiana. A informação de André Luiz tem o mérito de nos indicar que o Espírito, à medida que evolui, adquire a vestimenta adequada para atuar no plano onde vive.

Léon Denis, por sua vez, denomina o perispírito de **corpo fluídico**: “o homem possui dois corpos: um de matéria grosseira, que o põe em relação com o mundo físico; outro fluídico, por meio do qual entra em relação com o mundo invisível”⁶.

2. Natureza e função do perispírito

Os Espíritos da Codificação informam que o perispírito é de natureza semimaterial, uma matéria mais etérea se comparada com a do corpo físico, igualmente originado do “[...] fluido universal de cada globo. É por isso que ele não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais

de roupa.”⁷ Ensinam também que o perispírito é o veículo de transmissão das impressões fisiológicas, sensações e percepções psicológicas;^{8, 10} que “não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa”;⁹ e que é por meio do perispírito que “os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos.”¹¹

André Luiz¹² esclarece que:

[...] do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. [...] Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante, além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas coloides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.

Destacamos nessas informações de André Luiz dois pontos importantes: o primeiro se refere à alteração que ocorre nos sistemas digestivo e reprodutor. A segunda é que as células perispirituais têm estrutura coloidal.

O aparelho digestivo sofre alguma redução, uma vez que a alimentação, no plano espiritual, não é tão consistente, como ocorre no nosso plano. Os desencarnados que não se adaptam a essa realidade “[...] são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém, fluídica, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem [...]”.¹³

Ao contrário, o desencarnado ajustado à nova realidade, aprende a se alimentar por intermédio da respiração,¹⁴ assim como “[...] pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutilizados ou sínteses químio-eletromagnéticas, hauridas do reservatório da natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si.”¹⁵

O aparelho reprodutor do perispírito do desencarnado deve manter os mesmos órgãos e estruturas existentes no corpo físico, pois o perispírito é o molde do veículo somático. Entretanto deve sofrer transformações, pois o impulso sexual é manifestado de forma diferente, da mesma forma que a alimentação se opera diferentemente. André relata alguma coisa, mas não se aprofunda no assunto. Informa, por exemplo, que a perda das características sexuais que definem o sexo masculino e feminino, “[...] ocorrerá, espontaneamente, quando as almas humanas tiverem assimilado todas as experiências necessárias à própria sublimação, rumando, após milênios de burilamento, para a situação angélica [...]”.¹⁶ Daí a expressão: “anjo não tem sexo”. Isso significa que durante muito tempo os habitantes do mundo espiritual estão definidos como pertencentes a um dos dois sexos, masculino ou feminino. Supõe-se, então, que os Espíritos de elevada hierarquia não revelem características sexuais distintivas, sobretudo quando comparadas às do corpo físico.

O perispírito por ser um corpo, ainda que semimaterial, é constituído de células, unidades microscópicas formadoras de tecidos e órgãos, talvez não tão bem delineadas como ocorrem no corpo físico. As células perispirituais são mais leves e mais maleáveis, tendo um aspecto que lembra uma substância gelatinosa mole (coloide), porém ainda classificadas como elementos materiais.

3. Propriedades do perispírito

Sabemos da existência de diferentes propriedades do perispírito, mas o assunto está longe de ser esgotado. Como ilustração, apresentamos considerações sobre as seguintes propriedades:¹⁷ *plasticidade, densidade, luminosidade, penetrabilidade, visibilidade, sensibilidade e expansibilidade*.

- » **Plasticidade:** como o nome indica, é a capacidade do perispírito de ajustar-se ao comando da mente. É moldável, segundo as circunstâncias, sendo que esse poder plástico é mais amplo nos Espíritos superiores, apesar de saber-se que entidades espirituais menos evoluídas podem apresentar graves modificações no seu perispírito, como nos casos obsessivos de zoantropia e ovoidização. Há também obsessores que adquirem, transitoriamente, formas demoníacas ou outras figuras míticas, com a finalidade de perturbar os obsidiados.

Os processos ideoplásticos acontecem em decorrência da plasticidade perispiritual.

- » **Densidade:** sendo o perispírito matéria, tem massa (peso) e ocupa lugar no espaço. Quanto menos evoluído é o Espírito, mais pesado é o seu perispírito, a ponto de ser confundido com o corpo físico. Tal fato explica porque muitos Espíritos não percebem que se encontram desencarnados.
- » **Luminosidade:** é propriedade intimamente relacionada à densidade. A fluidez do perispírito revela densidade menor e, quanto menos denso, mais brilho emite. O brilho está, igualmente, relacionado ao grau de evolução do Espírito. Os mais adiantados emitem um foco de luz irradiante e clara.
- » **Penetrabilidade:** indica que o perispírito dos Espíritos de mediana e superior evolução não encontra qualquer obstáculo ao atravessar a matéria presente no plano físico, mas, ao atuar sobre ela produz efeitos patentes de efeitos físicos (ruídos, pancadas etc.) ou de efeitos intelectuais, pela transmissão do pensamento à mente do encarnado, resultando em manifestações mediúnicas como visão, escrita, fala, tato etc.¹⁸
- » **Visibilidade:** o perispírito é, usualmente, invisível ao encarnado. Entretanto, nos casos de materialização (ou tangibilidade perispiritual) qualquer pessoa situada no plano físico pode enxergá-lo. Já os médiuns videntes veem Espíritos, comumente.
- » **Sensibilidade:** quando encarnado, o perispírito recebe as impressões externas, captadas pelos órgãos dos sentidos, e que lhes chegam pelos nervos sensitivos do sistema nervoso. Este, por sua vez, faz o corpo físico emitir uma resposta que “caminha” nos nervos motores, sempre mediada pelo perispírito. No Espírito desencarnado as sensações e percepções são gerais, captadas em toda a extensão do perispírito, muito diferentes das localizadas ou compartimentalizadas do corpo somático. Daí serem intensos todos os tipos de sensações e de percepções nos desencarnados.
- » **Expansibilidade:** por princípio, o perispírito é indivisível, mas pode expandir-se muito, ampliando a capacidade de visão e as percepções do Espírito. A expansibilidade explica os fenômenos de bicorporeidade, desenvolvida entre alguns encarnados — como acontecia com Eurípedes Barsanulfo e com Antonio de Pádua — fato que sugere a quem desconhece o fenômeno, a impressão de que a pessoa se divide em duas, já que é vista em lugares diferentes.

4. O perispírito pode desaparecer?

Não resta dúvida de que se trata de uma indagação controvertida e para a qual não temos respostas definitivas.

Allan Kardec informa que o perispírito permanece sempre ligado ao Espírito. Entretanto, perante uma análise mais aprofundada, vemos que esta condição é mais especificamente estudada pelo Codificador quando se refere ao Espírito encarnado. Assim:

- » “O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo.”¹⁹
- » “É o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, pois esta reside no Espírito.”¹⁹
- » “ O agente das sensações exteriores.”¹⁹

Allan Kardec, por outro lado, informa que no Espírito verdadeiramente evoluído há sérias e profundas modificações perispirituais, tornando-o muito diferente do perispírito dos espíritos menos evoluídos. Nos Espíritos que alcançaram elevado patamar evolutivo, o perispírito se revela essencialmente modificado, muito depurado, sendo substituído por um veículo mais sutil.

[...] Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda a sensação dolorosa. É o que ocorre com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminuiu à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.²⁰

Isto nos leva a crer que nos Espíritos purificados a natureza do seu envoltório perispirítico é tão sutilizada, tão etérea, que tem muito pouca relação com o perispírito, propriamente dito, dos Espíritos menos evoluídos. Se o envoltório dos Espíritos superiores não tem analogia na Terra, como afirma o Codificador, possivelmente o Espírito se manifesta no plano espiritual por meio de outro corpo sutil, talvez o mental. É algo para se pensar.

Esclarece também Kardec que se os Espíritos constroem o seu perispírito do meio ambiente, “[...] esse envoltório varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do polo ao equador.”²¹

Esta última afirmação nos faz concluir que a mudança no perispírito é possível e, de certa forma, natural ou usual, fácil de ocorrer, pois “os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa.” É possível raciocinar, então, que o perispírito, propriamente dito, tal como o conceituamos, pode deixar de existir, ou que, a partir de determinado nível evolutivo manifesta-se outro envoltório do Espírito. Mesmo que o perispírito permaneça, nessas condições (elevado grau evolutivo do Espírito), estará muito modificado (“cujo envoltório etéreo não tem analogia na Terra”), sem a referência usual.

Os orientadores da Codificação ensinam também que, no caso dos Espíritos puros o perispírito é tão depurado, “[...] esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.”²²

O Espírito André Luiz acena com a possibilidade da perda do perispírito nos níveis superiores de evolução, afirmando: “[...] tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual, conquistando planos mais altos.”²³ Também faz referência ao “corpo mental” que, por sua vez, seria o construtor do perispírito:

Para definirmos de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.¹²

André Luiz acrescenta estas outras informações a respeito do corpo mental:

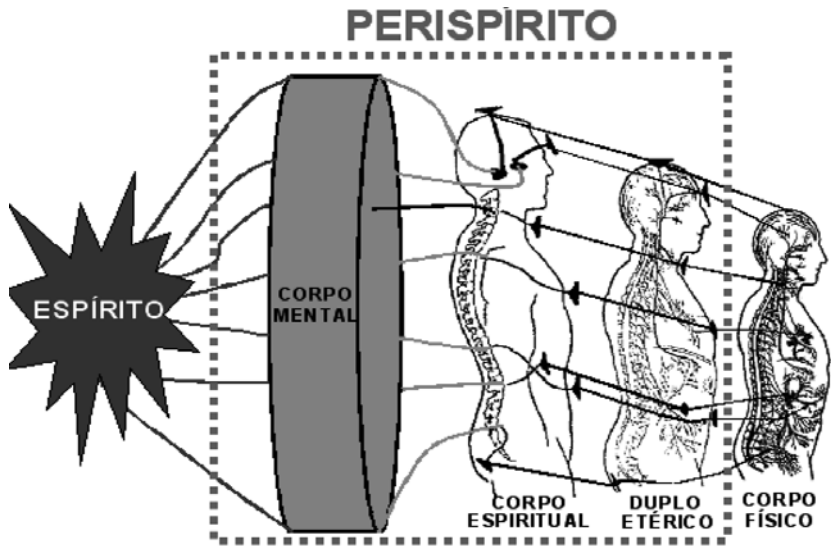
O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre.[...] ¹²

Diante dessas informações, a ideia de que a memória integral do Espírito estaria localizada no perispírito, precisaria ser revista. As aquisições evolutivas do Espírito estariam localizadas na própria mente do Espírito, permanecendo no perispírito uma espécie de memória periférica, necessária à reencarnação.

Há espíritas, como o psiquiatra Jorge Andreas, que supõem a existência de vários “corpos” espirituais ou “camadas” perispirituais.

Nesse sentido, o perispírito da conceituação kardequiana representaria o conjunto desses corpos ou camadas.

De uma maneira geral, estudiosos espíritas e espiritualistas aceitam a existência de vários envoltórios do Espírito, ideia que pode ser resumida no gráfico e na tabela que se seguem, respectivamente:²⁴



Correntes esotéricas	Espiritismo	
	Allan Kardec	André Luiz
Corpo divino ou atmico	Espírito Perispírito	Corpo mental Perispírito, psicossoma, corpo espiritual
Corpo búdico		
Corpo mental		
Corpo astral		
Duplo etérico		
Corpo Físico		

Como o nosso patamar evolutivo ainda não nos permite afirmar como são efetivamente as coisas no planos superiores da vida, as seguintes palavras de Emmanuel nos fazem refletir sobre o que é mais útil para o nosso atual aprendizado:

Como será o tecido sutil da espiritual roupagem que o homem envergará sem o corpo de carne, além da morte? Tão arrojada é a

tentativa de transmitir informes sobre a questão aos companheiros encarnados, quão difícil se faria esclarecer à lagarta com respeito ao que será ela depois de vencer a inércia da crisálida. Colado ao chão ou à folhagem, arrastando-se, pesadamente, o inseto não desconfia que transporta consigo os germes das próprias asas. O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, de conformidade com o seu peso específico. Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno. Organismo delicado, extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir. Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermício. O progresso mental é o grande doador de renovação ao equipamento do espírito em qualquer plano de evolução. [...] O perispírito, quanto à forma somática, obedece a leis de gravidade, no plano a que se afina. Nossos impulsos, emoções, paixões e virtudes nele se expressam fielmente. Por isso mesmo, durante séculos e séculos nos demoraremos nas esferas da luta carnal ou nas regiões que lhes são fronteiriças, purificando a nossa indumentária e embelezando-a, a fim de preparar, segundo o ensinamento de Jesus, a nossa veste nupcial para o banquete do serviço divino.²⁵

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Introdução VI, p. 17.
2. _____. Questão 93, p. 123.
3. <http://www.comunidadeespirita.com.br/TCI/IX%20os%20egipcios%20antigos.htm>
4. <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/perispirito/o-perispirito.html>
5. ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 1. ed. Campinas [SP]: Centro Espírita Allan Kardec, 2000. Cap. 1, p. 22.
6. DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. Tradução de Leopoldo Cirne. Primeira edição especial. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 10, p. 278-279.
7. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit, questão 94, p. 124.

8. _____. *Obras póstumas*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Primeira parte, capítulo: Manifestações dos Espíritos, item I-10, p. 66.
9. _____. Item I-11, p. 67.
10. _____. Item I-12, p. 67.
11. _____. Item I-13, p. 67.
12. XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2008. Primeira parte, cap. 2, p. 29.
13. _____. Segunda parte, cap. 1, p. 211.
14. _____. p. 209-211.
15. _____. p. 211-212.
16. _____. Cap. 11, p. 241-242.
17. ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. Op. Cit. Cap. 2, p. 27.
18. KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Op. Cit., item I-14, p. 68.
19. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit, questão 257, p. 223.
20. _____. p. 227.
21. _____. p. 226.
22. _____. Questão 186, p. 176.
23. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.6, p. 105.
24. <http://msponline.org/frame/cap/08.pdf>
25. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. “Coleção Emmanuel”. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 6, p. 31-33.

Orientações ao monitor

1. Fazer breve explanação sobre o conceito de Perispírito.
2. Em seguida, conduzir as atividades do painel de discussão, programado desde a reunião anterior, de acordo com o seguinte:
 - » Convidar os painelistas a se posicionarem à frente da turma, apresentando-os.
 - » Informar aos participantes que cada painalista desenvolverá um tema, durante 15 minutos, assim especificado:
 - expositor 1: Funções do perispírito;
 - expositor 2: Propriedades do perispírito;
 - expositor 3: O perispírito pode desaparecer?

3. Esclarecer também que durante as exposições os participantes devem anotar suas dúvidas ou elaborar questões que, no momento propício, serão respondidas pelos painelistas.
4. Concluídas as apresentações dos assuntos, promover amplo debate sobre o tema, encaminhando as dúvidas/questões da turma aos painelistas.
5. Ao final, destacar o pensamento de Emmanuel, que faz parte da citação 25 do Roteiro de estudo.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 15

O CORPO FÍSICO

Objetivos

- » Analisar as principais considerações filosóficas, científicas e espíritas a respeito do corpo físico.

Ideias principais

- » Desde a mais remota Antiguidade, os filósofos espiritualistas acreditam ser o corpo físico instrumento da alma.
- » A Ciência considera o corpo humano como um produto bem sucedido da evolução biológica, sobretudo a partir dos mamíferos, animais vertebrados mais evoluídos.
- » Para a Codificação Espírita, o corpo físico [...] *não passa de um envoltório destinado a receber o Espírito, pouco importando a sua origem e os materiais que entram na sua construção.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XI, item 14.
- » Ainda segundo o Espiritismo, o [...] *corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre.* André Luiz: *Evolução em dois mundos*. Parte primeira, cap. 4.

Subsídios

1. O corpo físico segundo a Filosofia

A concepção filosófica antiga mais difundida considera o corpo físico como o instrumento da alma. E, como todo instrumento, “[...] pode receber apreço pela função que exerce, sendo por isso elogiado ou exaltado, ou pode ser criticado por não corresponder a um objetivo específico ou, ainda implicar limites e condições.”¹

Platão (428 ou 427–348 ou 347 a.C.) pregava que o corpo físico é uma prisão ou túmulo da alma, pois a existência física mantém a alma prisioneira, limitando a sua ampla capacidade de manifestação. Contudo, este pensamento platônico, de corpo como prisão, só é aplicado literalmente às pessoas que se deixam subjugar pela vida na matéria, incapazes de regradar os desejos e as tendências.¹

Para Aristóteles (384–322 a.C.) o corpo é o instrumento natural da alma. Entendia que a teoria filosófica de Platão definia a existência de dois mundos: o inteligível, campo de atuação da alma, e o sensível, modulado pelas necessidades corporais. O pensamento platônico é essencial para a compreensão de toda uma linhagem filosófica que valoriza o mundo inteligível em detrimento do sensível.

Os filósofos medievais¹ ensinavam que o corpo físico é a instrumentalidade da alma, conceito firmemente defendido por santo Agostinho (354–430).

Com Renée Descartes² (1596–1650), o corpo físico passa a não ser mais considerado instrumento da alma, considerando-a independente do corpo. Com essa dualidade corpo-espírito fez surgir o conceito de corpo como uma máquina orgânica, que não guardaria qualquer relação com a alma. Entretanto, para os filósofos que viam o corpo como instrumento da alma, o cartesianismo se revelou como equivocado, uma vez que não explica de forma convincente como o corpo seria criado, já que nada tinha a ver com a alma.

As proposições de Descartes serviram de base para o desenvolvimento das ideias científicas que, sobretudo a partir do século XIX, passam a não considerar a alma, focalizando os seus estudos na máquina orgânica.

Para os filósofos materialistas, que não aceitam a existência e sobrevivência da alma, o corpo é sempre exaltado, como o fazia o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844–1900), crítico severo das religiões, inclusive do cristianismo: “Quem estiver desperto e consciente diz: sou todo corpo e nada fora dele”¹

Para a Doutrina Espírita o corpo físico e o Espírito são entidades distintas, ainda que um atue sobre o outro, sendo que o primeiro foi criado pelo segundo, utilizando como molde o perispírito. Ensina também que o homem corpóreo constroi uma personalidade em cada existência física, limitada ao planejamento reencarnatório.

A corporeidade para o espírita deve ser o reconhecimento do corpo como limite para o conhecimento e a sensação do Espírito, bem como a materialização de sua vontade e necessidade. É o elo que o homem tem com o mundo espiritual e as experiências relativas a esta realidade. Para fins de conceituação, o homem encarnado não pode ser dicotomizado em corpo e alma, isso seria o mesmo que separar a música do som.³

2. O corpo físico segundo a ciência

O ser humano tem a estrutura corpórea muito semelhante à dos animais, deles se distanciando, em termos evolutivos, pelo desenvolvimento encefálico, conquista da razão com raciocínio contínuo, aquisição e desenvolvimento de virtudes, livre-arbítrio, noção de si, do outro e de Deus. Nos animais predomina o instinto.

O corpo humano se divide em cabeça, tronco e membros, do ponto de vista anatômico. Mas do ponto de vista morfológico e funcional, é composto de células, tecidos e sistemas orgânicos. Os sistemas são em número de oito, assim especificados: digestivo, circulatório, muscular, esquelético, nervoso, respiratório, urinário e reprodutor feminino/masculino.

As diferentes partes do corpo humano se interrelacionam, funcionando dentro de um sistema fechado, de forma integrada, no qual cada sistema, cada órgão, é responsável por uma ou mais atividades, controladas pelo sistema nervoso central e periférico. Milhares de reações químicas acontecem a todo instante dentro do corpo, seja para captar energia para a manutenção da vida, movimentar os músculos, recuperar-se de ferimentos e doenças, ou manter temperatura adequada à vida.

A unidade básica de formação do ser vivo, animal e vegetal, é a célula, descoberta em 1667 pelo inglês Robert Hooke (1635–1703), ao observar ao microscópio uma pedaço de cortiça (tecido vegetal morto). A célula animal possui as seguintes estruturas básicas: a) *membrana* envoltória, rica em gorduras (lipídios), proteínas e açúcares (glicídios); b) *citoplasma*, local onde existem várias pequenas estruturas (organelas) que desempenham funções específicas: respiração, nutrição, digestão, excreção etc.; c) *núcleo*, região onde estão localizados os *chromossomos*. Estes são quimicamente constituídos de DNA, sigla que, em inglês, significa *deoxyribonucleic acid*, ou, em português, *ácido desoxirribonucleico* (ADN). Nos cromossomos estão situados os *genes* — unidades hereditárias que determinam as características de cada indivíduo (genótipo ou genoma).

O número de cromossomos é variável nas diferentes espécies biológicas. No caso do ser humano, suas células corporais (somáticas) possuem 23 pares de cromossomos. Destes, 22 pares são semelhantes em ambos os sexos e denominados autossomos. O par restante compreende os cromossomos sexuais, de morfologia diferente entre si, que recebem o nome de X e Y. No sexo feminino existem dois cromossomos X e no masculino existem um cromossomo X e um Y.

As células corporais (somáticas) são formadoras de tecidos e as células reprodutoras (gametas) dão origem a outro ser, dentro de cada espécie, animal ou vegetal.

3. A evolução do homem corpóreo

A Ciência considera o corpo humano como um produto bem sucedido da evolução biológica, sobretudo a partir dos mamíferos, animais vertebrados mais evoluídos. Entende que o surgimento do homem decorre de processo evolutivo, tendo como base a Teoria das Espécies, elaborada pelo cientista inglês Charles Darwin (1809–1882), cuja síntese é a seguinte:^{4, 5}

Os peixes originaram os anfíbios; estes deram aparecimento aos répteis e, a partir de grupos diferentes de répteis, surgiram, primeiramente os mamíferos e, a seguir, as aves (ainda que muito comumente se pense que as aves surgiram antes dos mamíferos).

Nos mamíferos surgiram características inexistentes nos demais animais que os antecederam na escala zoológica: glândulas mamárias, útero — órgão exclusivo da fêmea e destinado a abrigar o conceito durante

o desenvolvimento embrionário e fetal — e membranas uterinas, âmnio e alantoide, necessárias ao desenvolvimento embrionário, e placenta, anexo que permite trocas respiratórias e nutritivas entre a mãe e o feto .

Evolutivamente, os mamíferos não necessitaram de pelos para a manutenção da temperatura corpórea, como acontece em outros animais, porque são *homeotérmicos* ou de “sangue quente” — animais, (os mamíferos e as aves) cujo metabolismo lhes permite manter a temperatura corporal constante. Os peixes e répteis são de “sangue frio” (pecilotérmicos), daí precisarem de calor externo, como o do sol, para se aquecerem.

A cabeça dos mamíferos não permite rotação ampla sobre o pescoço, tal como acontece nas aves. A circulação sanguínea é dupla e completa, tendo o coração quatro cavidades distintas, dois átrios e dois ventrículos, sendo os únicos animais da natureza que contêm hemácias bicôncavas e sem núcleo celular, fato que impede a reprodução dessas células (a medula óssea é que produz as células sanguíneas).

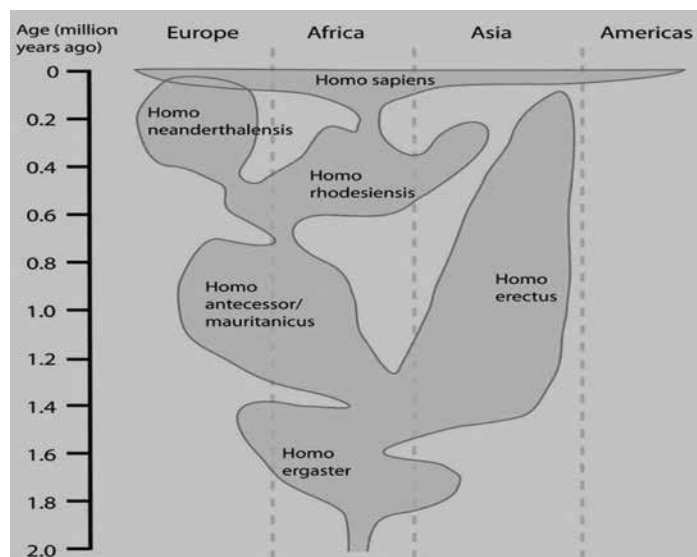
Os mamíferos são também os únicos animais que apresentam pulmões revestidos por uma membrana, a pleura, e possuem um músculo, o diafragma, que separa as cavidades torácica e abdominal. O encéfalo dos mamíferos é altamente desenvolvido, mostrando numerosas circunvoluções que expõem ou fornecem maior extensão à superfície do córtex cerebral, onde se aloja a massa cinzenta, fundamental ao raciocínio e aos processos cognitivos da espécie humana.

O homem pertence ao gênero e espécie *Homo sapiens*, espécie distinta dos demais homínídeos (orangotangos, gorilas e chimpanzés). O estudo da evolução humana engloba várias disciplinas científicas, sendo que a antropologia biológica ou física estuda a evolução biológica, a herança genética, a adaptabilidade e a variabilidade humana, a primatologia e o registro fóssil da evolução humana. É por esta disciplina (evolução) que se sabe que o gênero *Homo* afastou-se, em determinado momento evolutivo, dos *australopithecus*, cerca de 2,3 a 2,4 milhões de anos, na África. Diversas espécies do gênero *Homo* evoluíram, mas por não se adaptarem ao meio ambiente foram extintas, como aconteceu com o *H. erectus* (que habitou a Ásia) e o *H. neanderthalensis*, que viveu na Europa. Acredita-se que o surgimento do *H. sapiens* tenha ocorrido entre 400.000 e 250.000 anos atrás.

Atualmente há duas teorias científicas sobre a evolução da espécie humana. Uma, a mais dominante, é conhecida como “Hipótese da

Origem única”. Prega que o *H. sapiens* surgiu na África e migrou para fora do continente, em torno de 50–100 mil anos atrás, substituindo as populações do *H. erectus* na Ásia, e a do *H. neanderthalensis* na Europa. A outra teoria é denominada “Hipótese Multirregional”, ou seja, o *H. sapiens* surgiu e evoluiu em regiões geográficas distintas e separadas.

Independentemente das teorias da origem do homem moderno, o seguinte mapa oferece uma visão mais ampla da distribuição do *H.sapiens* no Planeta.



Public Library of Science journal.

Fonte: Genetic Analysis of Lice Supports Direct Contact between Modern and Archaic Humans Reed DL, Smith VS, Hammond SL, Rogers AR, Clayton DH PLoS Biology Vol. 2, No. 11, e340 doi:10.1371/journal.pbio.0020340.

<http://biology.plosjournals.org/perlserv/?request=slideshow&type=figure&doi=10.1371/journal.pbio.0020340&id=15540>

4. O corpo humano segundo o espiritismo

A Hipótese Multirregional de formação da espécie humana é a defendida pelo Espiritismo, consoante estas explicações existente em *O livro dos espíritos*:

- » Questão 53: *O homem surgiu em vários pontos do globo?*

- » Resposta: “Sim, e em diversas épocas, e essa é também uma das causas da diversidade das raças. Mais tarde os homens, dispersando-se nos diferentes climas e aliando-se a outras raças, formaram novos tipos.”
- » Questão 53-a: *Essas diferenças constituem espécies distintas?*
- » Resposta: “Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as múltiplas variedades de um mesmo fruto o impedem de pertencer à mesma espécie?”
- » Questão 689: *Os homens atuais formam uma nova criação ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?*
- » Resposta: “São os mesmos Espíritos que *voltaram*, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se extinguem, terá sua fase de decrescimento e de desaparecimento. Será substituída por outras raças mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.”
- » Questão 690: *Do ponto de vista puramente físico, os corpos da raça atual são de criação especial, ou procedem dos corpos primitivos, por meio da reprodução?*
- » Resposta: “A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas, como pertencem todas à grande família humana, qualquer que tenha sido o tronco primitivo de cada uma, elas puderam aliar-se entre si e produzir tipos novos.”

O Espírito André Luiz assinala que o processo evolutivo é bem mais amplo do que se supõe:

O corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre. [...] O veículo do Espírito, além do sepulcro, no plano extrafísico ou quando reconstituído no berço, é a soma de experiências infinitamente repetidas, avançando vagarosamente da obscuridade para a luz. Nele, situamos a individualidade espiritual, que se vale das *vidas menores* para afirmar-se —, das *vidas menores* que lhe prestam serviço — dela recolhendo preciosa cooperação

para crescerem a seu turno, conforme os inelutáveis objetivos do progresso.⁶

Não devemos ignorar, igualmente, que a *hereditariedade* “é mecanismo biológico intimamente relacionado à evolução. Trata-se de processo de transmissão de caracteres genéticos de uma geração para outra. No homem, as células reprodutoras transferem esses caracteres durante a fecundação, definindo, assim, o conjunto de *genes* que cada indivíduo terá em uma reencarnação.”⁷

Embora a Ciência considere os cromossomos e os genes agentes exclusivamente físicos, necessários à transmissão de caracteres hereditários necessários à formação de um novo corpo, o Espiritismo dá-lhes outra dimensão, que extrapola a matéria do plano físico em que estamos situados: “os cromossomas, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza *fisiopsicossomática* partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam.”⁸

É importante assinalar que o corpo físico não é, segundo o Espiritismo, um mero conjunto de células, tecidos, órgãos etc., ainda que harmonioso, e que reflete a sabedoria divina. O Espírito molda o seu corpo físico de acordo com os aprendizados pelos quais necessita passar em cada existência física, como esclarece o ministro Clarêncio, da colônia espiritual Nosso Lar: “No círculo da matéria densa, sofre a alma encarnada os efeitos da herança recolhida dos pais, entretanto, na essência, a lei da herança funciona invariavelmente do indivíduo para ele mesmo [...]”⁹

Tais ideias são admiravelmente completadas pelo Benfeitor Alexandre, destacada personagem da colônia espiritual citada:

O organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretêm a vida [...]; todavia, em semelhante imperativo das leis divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem da Criação Infinita. Por isso mesmo, a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência.¹⁰

Referências

1. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 211.
2. _____. p. 211-212.
3. COELHO, Humberto Schubert. *Genealogia do espírito*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Parte II, item: Corporeidade, p. 25-26.
4. SOARES, José Luís. *Biologia 2.º grau*. Vol. 2 (exemplar do professor). São Paulo: Scipione, 1996. Cap. 15, p. 193.
5. _____. p. 195.
6. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Parte 1, cap. 4, p. 48.
7. MOURA, Marta Antunes. *Evolução e hereditariedade*. In: Reformador. Rio de Janeiro: FEB, setembro de 2009. N.º 2. 166. Ano 127, p. 26.
8. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Op. Cit., cap. 6, p. 62.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 12, p. 98-99.
10. _____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 13, p. 277.

Orientações ao monitor

1. O monitor apresenta ao grupo, no início da reunião, três conjuntos de informações relativas ao assunto estudado neste Roteiro. Cada conjunto deve, por sua vez, conter dois tipos de conteúdos: um que foi retirado do Roteiro – considerado como premissa verdadeira – e outro, que pode ser uma pergunta, uma informação contrária ou completar à premissa verdadeira. (veja em Anexo).
2. Pedir aos participantes que, à medida que as informações forem projetadas, troquem ideias, rapidamente, com o companheiro sentado ao seu lado. O monitor deve dar um tempo para a realização da tarefa.
3. Concluídas as apresentações, o monitor propõe a formação de quatro grupos para análise de itens desenvolvidos no Roteiro, de acordo com esta ordenação:

Grupo 1: O corpo físico segundo a Filosofia.

Grupo 2: O corpo físico segundo a Ciência.

Grupo 3: A evolução do homem corpóreo.

Grupo 4: O corpo humano segundo o Espiritismo.

4. Finalizada a leitura e troca de ideias entre os participantes, propor debater os conteúdos estudados, em plenário.

Observação: preparar previamente um questionário que servirá de subsídio para o desenvolvimento do estudo da próxima reunião (Livre arbítrio), na qual será utilizada a dinâmica grupal discussão circular.

Anexo – Sugestão para trabalho em grupo

1. **Primeiro grupo de informações: comparar ambos os textos, indicando as diferenças de ideias que há entre ambos.**

“Quem estiver desperto e consciente diz: sou todo corpo e nada fora dele.” Wilhelm Nietzsche (1844–1900).

“Desde a fase embrionária do instrumento em que se manifestará no mundo, o Espírito nele [no corpo físico] plasma reflexos que lhe são próprios.” Emmanuel (*Pensamento e vida*, cap. 14).

2. **Segundo conjunto de informações: comparar ambos os textos e identificar correlações.**

“Para a Ciência, o surgimento do homem passou por processo evolutivo, tendo como base a Teoria das Espécies do cientista inglês Charles Darwin (1809–1882), cujo processo pode ser assim sintetizado: os peixes originaram os anfíbios; estes os répteis; e, a partir de diferentes grupos de répteis, surgiram, primeiramente os mamíferos, e depois as aves.” José Luiz Soares (Biologia).

“O corpo é para o homem santuário real de manifestação, obra-prima do trabalho seletivo de todos os reinos em que a vida planetária se subdivide. [...] Da sensação à irritabilidade, da irritabilidade ao instinto, do instinto à inteligência e da inteligência ao discernimento, séculos e séculos correram incessantes. A evolução é fruto do tempo infinito.” Emmanuel (*Roteiro*, cap. 4).

3. **Terceiro conjunto de informações: opinar sobre o teor das ideias presentes nos dois textos.**

“Atualmente há duas teorias científicas sobre a evolução das espécies. Uma, a dominante, é conhecida como ‘hipótese de Origem única’, e prega que o **Homo sapiens** surgiu na África e migrou para fora

do continente, algo em torno de 50 a 100 mil anos atrás, substituindo as populações do *Homo erectus*, na Ásia, e a do *Homo neanderthalensis* na Europa. A outra teoria, denominada ‘Hipótese Multirregional’, diz que o *H. sapiens* evoluiu em regiões geográficas distintas e separadas.” (<http://biology.plosjournals=.org/perlserv/?request=slides>)

“É assim que, dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições [...]” André Luiz (*Evolução em dois mundos*. 1ª parte – cap. 3)

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 16

LIVRE-ARBÍTRIO

Objetivos

- » Correlacionar o conceito de livre-arbítrio ao de ética, moral, vontade, liberdade e determinismo.
- » Analisar o significado espírita de livre-arbítrio.

Ideias principais

- » A vida harmônica em sociedade impõe limites ao comportamento humano, de forma que o exercício do livre-arbítrio deve ser praticado segundo os princípios da ética e da moral, e das noções de vontade, liberdade e determinismo humanos, pois entre o querer e o fazer há efetiva distância deve-se pesar o que é certo ou errado, tendo em vista que a liberdade do indivíduo termina quando começa a do próximo.
- » Fazer ao outro o que gostaríamos que este nos fizesse é regra universal de conduta e de relacionamento humano, ensinada por Jesus. (Mateus, 7:12).
- » O Espiritismo considera que o [...] *livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões baixas, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão.* Léon Denis: *O problema do ser, do destino e da dor*. Terceira parte, capítulo 22.

Subsídios

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa,¹ livre-arbítrio é a “possibilidade de decidir, escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa determinante”. A liberdade de agir está condicionada, portanto, à vontade.

Tudo indica que a expressão “livre-arbítrio” foi utilizada pela primeira vez por santo Agostinho (354–430), mas, desde os tempos mais remotos o livre-arbítrio constitui objeto de análise e de debates, transformando-se em questão central na história da Filosofia e na história da Ciência, pois o conceito

de livre-arbítrio tem implicações religiosas, morais, psicológicas e científicas. Por exemplo, no domínio religioso o livre-arbítrio pode implicar que uma divindade onipotente não imponha seu poder sobre a vontade e as escolhas individuais. Em ética, o livre-arbítrio pode implicar que os indivíduos possam ser considerados moralmente responsáveis pelas suas ações. Em psicologia, ele implica que a mente controla certas ações do corpo.²

Para a Doutrina Espírita, o livre-arbítrio está, necessariamente, relacionado à questão da evolução e da responsabilidade individuais: “[...] O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”³ Entretanto, acrescentam os Espíritos orientadores, para que as ações humanas sejam consideradas benéficas, não basta o desenvolvimento da inteligência, é necessário que esta seja acompanhada do progresso moral:

O progresso completo constitui o objetivo, mas os povos, como os indivíduos, só o atingem gradualmente. Enquanto o senso moral não se houver desenvolvido neles, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. O moral e a inteligência são duas forças que só se equilibram com o passar do tempo.⁴

Outros assuntos estão, direta ou indiretamente, relacionados ao estudo do livre-arbítrio como veremos, em seguida.

1. Livre-arbítrio, ética e moral

A vida em sociedade impõe restrições normais ao amplo exercício do livre-arbítrio, considerando-se os conceitos de *liberdade com ética* e *liberdade com moral*. A primeira diz respeito à autonomia de agir em função do que se quer e do que o outro espera que se faça. A segunda indica agir no bem, que pode ser expresso nesta regra, conhecida como “a regra de ouro”, anunciada pelo Cristo: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mateus, 7:12 *Bíblia de Jerusalém*). Regra que, segundo os Espíritos superiores, pode ser também assim expressa:⁵

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. O homem encontra neste princípio uma regra universal de conduta, mesmo para as suas menores ações.

A vida em sociedade é conquista evolutiva da humanidade. Mas a melhoria das relações pessoais que conduz à vivência harmônica e solidária fundamenta-se em princípios universalmente aceitos, especificados pela *ética* e pela *moral*. Sem muitas especulações filosóficas, podemos afirmar que **ética** é a parte da Filosofia que estuda os princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano. A ética trata, portanto, da conduta humana geral (da vida em sociedade) ou específica (código de ética médica, por exemplo).

A palavra **moral** refere-se aos bons costumes, princípios ou base do conhecimento, a partir dos quais são estabelecidos os códigos de conduta ética humana, na família, na sociedade e no trabalho. Na verdade, ambos os termos estão intrinsecamente correlacionados, uma vez que não se pode supor uma conduta ética sem uma base moral que a sustente e lhe dê validade.

Nesse sentido, Santo Agostinho (354–430) definia “livre-arbítrio” como faculdade da razão e da vontade, por meio do qual é escolhido o bem, mediante o auxílio da graça,^{*} e o mal, pela ausência desta.”⁶

* *Graça*, do latim *gratia* que deriva de *gratus* (grato, agradecido) que, etimologicamente, significa conjunto de qualidades de uma pessoa. Para a teologia judaica, católica e protestante a graça representa os dons que Deus concede, ou não, ao indivíduo.

2. Livre-arbítrio, vontade e liberdade

No sentido genérico, podemos afirmar que há liberdade individual quando a pessoa pensa e age por si mesma, por decisão própria. Contudo, quando se considera os valores éticos e morais, percebemos que o homem tem liberdade relativa, não absoluta, porque o limite da manifestação da vontade individual se encerra quando começa a liberdade alheia.

A liberdade, em sentido filosófico, apresenta duas conceituações: a) ausência de submissão e de servidão, condições opostas à opressão e à escravidão humanas; b) autonomia e espontaneidade na manifestação da vontade ou desejos humanos.

No binômio liberdade-vontade, observa-se que o querer ser livre é força que impulsiona a obtenção da liberdade, tornando o indivíduo independente. Contudo, se esse binômio não for bem apreendido surgem conflitos relacionais que podem conduzir para processos patológicos ou até de natureza criminosa.

A maioria dos filósofos,⁷ da Antiguidade aos dias atuais, admitem que nenhum homem possui liberdade ilimitada, total. Afirmava Aristóteles (384–322 a.C.) que “tanto a virtude como o vício dependem da vontade do indivíduo”.⁶ Em sua obra, *A ética de Nicômaco*, ele afirma: “onde estamos em condições de dizer não, podemos também dizer sim. De forma que, se cumprir uma boa ação depende de nós, dependerá também de nós não cumprir uma ação má.”⁷

Tomás de Aquino (1227–1274), filósofo católico medieval, admitia que o livre-arbítrio é a causa que determina a ação do indivíduo. “Isso porque o ser humano age segundo o juízo, essa força cognitiva pela qual pode escolher entre direções opostas”.⁶

Para Renée Descartes⁷ (1596–1650), a pessoa age com mais liberdade quando compreende as alternativas que envolvem uma escolha. Ao analisar racionalmente as possibilidades de uma tomada de decisão o indivíduo tem chances de fazer escolhas mais acertadas. Assim, para esse filósofo francês, as pessoas que não buscam informações para se esclarecerem, apresentam maiores dificuldades para identificar alternativas oferecidas pela existência ou para a realização de algo. Descartes admitia que:

O ser humano deva procurar sempre procurar dominar a si mesmo, desejando apenas o que se *pode* fazer. Mesmo que as paixões possam

ser boas em si, cabe à razão averiguar como as utilizar, a fim de domá-las, já que a força das paixões está em iludir a alma com razões enganosas e inadequadas. Portanto, o intelecto tem prioridade sobre as paixões, na medida em que o melhor conhecimento delas é condição para que possamos controlá-las.⁶

As noções de vontade e de paixão, presente neste Roteiro de Estudo podem ser complementadas com considerações espíritas que se seguem.

Conceito espírita de vontade:

A vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental. A Divina Providência concedeu-a por auréola luminosa à razão, depois da laboriosa e multimilenária viagem do ser pelas províncias obscuras do instinto. Para considerar-lhe a importância, basta lembrar que ela é o leme de todos os tipos de força incorporados ao nosso conhecimento. [...] O cérebro é o dínamo que produz a energia mental, segundo a capacidade de reflexão que lhe é própria; no entanto, na Vontade temos o controle que a dirige nesse ou naquele rumo, estabelecendo causas que comandam os problemas do destino. Sem ela, o Desejo pode comprar ao engano aflitivos séculos de reparação e sofrimento, a Inteligência pode aprisionar-se na enxovia da criminalidade, a Imaginação pode gerar perigosos monstros na sombra, e a Memória, não obstante fiel à sua função de registradora, conforme a destinação que a natureza lhe assinala, pode cair em deplorável relaxamento. Só a Vontade é suficientemente forte para sustentar a harmonia do espírito.⁸

Conceito espírita de paixão

- » A paixão, em si, não é um sentimento mau: “a paixão está no excesso aliado à vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, e pode levá-lo a grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal”.⁹
- » “As paixões são como um cavalo, que só tem utilidade quando é governado e que se torna perigoso quando passa a governar.”¹⁰
- » “As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o auxiliam na execução dos desígnios da Providência [...]. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, já que repousa sobre uma das condições providenciais da nossa existência.”¹¹

No século XVII o teólogo francês Jacques-Bénigne Bossuet [1627–1704], afirmou na obra *Tratado sobre o livre-arbítrio*:⁶

Por mais que eu procure em mim a razão que me determina, mais sinto que eu não tenho nenhuma outra senão apenas a minha vontade: sinto aí claramente minha liberdade, que consiste unicamente em tal escolha. É isto que me faz compreender que sou feito à imagem de Deus.

Para o filósofo alemão Immanuel Kant⁷ (1724–1804), ser livre é ser autônomo, isto é, dar a si mesmo normas de conduta moral que devem ser seguidas racionalmente. Na obra de sua autoria *Crítica da razão*, Kant discorre que a consciência da liberdade se desenvolve pelo conhecimento racional e pela intuição, ainda que o primeiro (conhecimento racional) sobreponha-se ao segundo. Em outras palavras, a pessoa pode, perfeitamente, fazer uso do seu livre-arbítrio sem intervenções de outrem, mas o fará com segurança se tiver conhecimento e consciência dos limites de sua liberdade.

3. Livre-arbítrio e determinismo

Muitas escolas filosóficas do passado, remoto ou recente, sobretudo as que associavam o livre-arbítrio às práticas religiosas, defendiam a ideia de que os atos humanos seriam guiados por um determinismo imposto por Deus.

Nada há de absurdo nessa forma de pensar, desde que não se considere o determinismo cego, inexorável, no qual o homem não teria a menor possibilidade de opinar sobre os acontecimentos da sua vida, uma vez que estes já estariam definidos pela divindade. Muitos fanáticos religiosos e pensadores radicais trilharam esse caminho, obviamente equivocados.

Contudo, à luz da ideia reencarnacionista, em que a lei de causa e efeito se manifesta, é possível aceitar que alguns atos da vida seguem um determinismo relativo, relacionado ao planejamento reencarnatório. Contudo, esta questão deve ser analisada com bom senso, pois tal planejamento é passível de alteração, não é rígido nem inflexível. Tudo depende da forma como o indivíduo conduz a sua existência e como se posiciona perante os desafios da vida.

Há quem suponha que a lei de causa e efeito (ou de ação e reação) é algo que deva ser cumprido inexoravelmente, independentemente da

vontade e dos esforços individuais. É preciso saber diferenciar causa e efeito, que se expressa sob os auspícios da bondade e da misericórdia divinas, e a rigorosa lei de talião, de “dente por dente” ou de “olho por olho”. Ora, a pessoa consciente das dificuldades e desafios existenciais, sobretudo os que lhe atingem diretamente a vida, pode, num esforço da vontade, fazer com que a lei de ação e reação se cumpra, não pelo sofrimento, mas pelo amor, pois “o amor cobre multidões de pecados”, já afirmava o apóstolo Pedro em sua primeira epístola.

A ideia de um determinismo governando o destino humano tem origem na mitologia grega, com base nas divindades denominadas *moiras* (“destino”, em grego). Trata-se da história de três irmãs que dirigem, respectivamente, o movimento das esferas celestes, a harmonia do mundo e a sorte dos mortais. Essas irmãs presidem o destino e dividem entre si diversas funções: “Cloto (aquele que “fia”) tece os fios dos destinos humanos; Láquesis (que significa “sorte”) põe o fio no fuso; Átropos (ou seja, “inflexível”) corta impiedosamente o fio que mede a vida de cada mortal”.¹²

Muitos filósofos e teólogos foram amplamente influenciados por esta fábula, defendendo o princípio de que se a vida humana está sob o controle divino, o Espírito não tem a menor liberdade para decidir ou modificar seu destino. Foi desta forma que, em algum momento da história, o conceito de determinismo passou a ser considerado sinônimo de lei de causa e efeito. Assim:

O mundo explicado pelo determinismo é o mundo da necessidade, e não o da liberdade. *Necessário* significa tudo aquilo que tem de ser e não pode deixar de ser. Neste sentido, a *necessidade* é o oposto de *contingência*, que significa “o que pode ser de um jeito ou de outro. Exemplificando: se aqueço uma barra de ferro, ela se dilata: a dilatação é necessária, no sentido de que é um efeito inevitável, que não pode deixar de ocorrer. No entanto, é contingente que neste momento eu esteja usando roupa vermelha ou amarela.”¹³

O determinismo foi útil para a Ciência, sobretudo para que a física, a química e a biologia determinassem suas leis básicas e estabelecessem relações entre a ocorrência dos fatos e os mecanismos que os governam. O problema, porém, foi estender o conceito determinista às ações humanas, que são, todas, executadas por um ser pensante. Os filósofos materialistas e, em especial, os da escola positivista de Auguste Comte (1798–1857), concluíram que a livre escolha é uma

mera ilusão, e que todos os atos humanos são simples elos de uma cadeia causal universal.¹³

O Espiritismo, por sua vez, considera que nada acontece sem que Deus saiba, mas não significa que há um controle divino absoluto, que impede a manifestação da vontade do homem. Na verdade, Deus dá ao Espírito a liberdade de escolha, deixando-lhe a responsabilidade de seus atos. “Se vier a sucumbir, resta-lhe o consolo de que nem tudo se acabou para ele e que Deus, em sua bondade, deixa-o livre para recomeçar o que foi malfeito.”¹⁴

Ainda segundo a Doutrina Espírita, o homem desenvolve sua capacidade de fazer escolhas mais acertadas, de saber utilizar corretamente o livre-arbítrio, à medida que evolui espiritualmente, pela aquisição de conhecimento e de moralidade. Nestas condições aprende a distinguir o bem do mal.

Ao analisar a questão do livre-arbítrio, Bezerra de Menezes escreveu quando ainda se encontrava encarnado:

É, pois, a liberdade a condição essencial da perfectibilidade humana e, pela perfectibilidade, da grandeza, da glória e da felicidade dos Espíritos que constituem a humanidade. Sendo assim, compreende-se que a liberdade é um meio pelo qual o homem realiza o seu destino, e que, se o Senhor tivesse repartido desigualmente esse meio aos seus filhos, não teria feito partilha justa, o que repugna à ideia da perfeição infinita. [...] O progresso humano é infinito, e, portanto, a humana liberdade não tem limites, porque não há progresso sem liberdade. Para realizar esse progresso, que mal ensaiamos na Terra, a vida da Terra é insuficiente e Deus nos concedeu o tempo na eternidade, tanto quanto cada um de nós precisarmos e quisermos.¹⁵

Por outro lado, informa Léon Denis, o admirável filósofo espírita do passado:

- » “A liberdade é a condição necessária da alma humana que, sem ela, não poderia construir seu destino.”¹⁶
- » “À primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, considerando a questão mais de perto, vê-se que esta liberdade é sempre suficiente para permitir que a alma quebre este círculo e escape às forças opressoras.”¹⁶

- » “A liberdade e a responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação; é a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais do que um autômato, um juguete das forças ambientes: a noção de moralidade é inseparável da de liberdade.”¹⁶
- » “A responsabilidade é estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza de nossos atos. A sensação do remorso é uma prova mais demonstrativa que todos os argumentos filosóficos.”¹⁶
- » “O livre-arbítrio é, pois, a expansão da personalidade e da consciência. Para sermos livres é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo, libertando-nos da escravidão da ignorância e das paixões baixas, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão.”¹⁷
- » “A questão do livre-arbítrio tem uma importância capital e graves consequências para toda a ordem social, por sua ação e repercussão na educação, na moralidade, na justiça, na legislação etc. Determinou duas correntes opostas de opinião — os que negam o livre-arbítrio e os que o admitem com restrição.”¹⁸
- » “Os argumentos dos fatalistas e deterministas resumem-se assim: “O homem está submetido aos impulsos de sua natureza, que o dominam e obrigam a querer, determinar-se num sentido, de preferência a outro; logo, não é livre.”¹⁸
- » “O livre-arbítrio, a livre vontade do Espírito exerce-se principalmente na hora das reencarnações. Escolhendo tal família, certo meio social, ele sabe de antemão quais são as provações que o aguardam, mas compreende, igualmente, a necessidade destas provações para desenvolver suas qualidades, curar seus defeitos, despír seus preconceitos e vícios.”¹⁹

Referências

1. HOUAISS, Antonio. SALES, Mauro V. DE MELLO FRANCO, Francisco Manoel. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p.1190.
2. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Livre-arb%C3%ADtrio>
3. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 780-a, p. 473.
4. _____. Questão 780-b, p. 473.
5. _____. Introdução VI, p. 41.

6. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3. edição revista. São Paulo: Moderna, 2003. Cap. 25, p. 318.
7. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade>
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 2, p. 13-15.
9. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., Questão 907, p. 542-543.
10. _____. Questão 908, p. 543.
11. _____. Questão 908 – comentário, p. 543.
12. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. Op. Cit., p. 316.
13. _____. p. 317.
14. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., Questão 258, p. 230.
15. MENEZES, Bezerra. *Estudos filosóficos*. Primeira parte. 1. ed. São Paulo: EDICEL, 1977. Cap. 40, p.114-115.
16. DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 1. edição da coleção Léon Denis. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Terceira parte, cap. 22, p. 477.
17. _____. p. 478.
18. _____. p. 480.
19. _____. p. 482.

Orientações ao monitor

1. Introduzir o assunto com breves explicações a respeito de livre-arbítrio, ética, moral, vontade, liberdade e determinismo.
2. Realizar o estudo do tema livre-arbítrio por meio da dinâmica grupal de discussão circular. Para tanto, dirigir aos participantes questões, previamente preparadas, relacionadas aos itens desenvolvidos no Roteiro.
3. Ao final, projetar as ideias espíritas de Bezerra de Menezes e de Léon Denis, analisando-as.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 17

CAUSA E EFEITO

Objetivos

- » Comparar a lei da gravitação Universal e dos Movimentos com o conceito de causa e efeito definido pela Filosofia, pela ciência e pelo Espiritismo.
- » Analisar os diferentes significados de causa e efeito com a de pena de talião, carma, fatalidade, determinismo, e justiça divina.
- » Explicar causa e efeito segundo o Espiritismo.

Ideias principais

- » A expressão “causa e efeito” identifica as consequências (efeitos) geradas pelas ações (causas) humanas. Faz similaridade com a terceira lei física, a da Gravitação Universal e dos Movimentos, conhecida como *Lei do Par de Ação e Reação*.
- » A *Lei ou Pena de Talião* consiste na rigorosa e implacável reciprocidade que existe entre o crime e a punição, amplamente utilizada pelos povos antigos nas suas limitadas concepções de justiça.
- » *Carma* é palavra erroneamente utilizada como sinônimo de causa e efeito, da mesma forma que Pena de Talião, pois ambas consideram apenas os mecanismos de justiça decorrentes das ações humanas, sem considerar a manifestação da lei de amor, como ensina Jesus.

- » Para a Doutrina Espírita a lei de causa e efeito está, efetivamente, relacionada aos atos humanos, mas a manifestação da lei de causa e efeito reflete apenas a escolha de provas definidas no planejamento reencarnatório: [...] *tais provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se delas triunfa, [o Espírito] eleva-se; se sucumbe, tem de recomençar.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 399 – comentário.

Subsídios

A expressão “causa e efeito” é utilizada para especificar as consequências (efeitos) geradas pelas ações (causas) humanas. Faz similaridade com a terceira lei da Gravitação Universal e dos Movimentos, conhecida como “as leis de Newton”, que foram definidas pelo cientista inglês Isaac Newton (1643–1727). Esta terceira lei é conhecida como *Lei do Par de Ação e Reação*,^{1,2} cujos princípios são os que se seguem.

1. Quando um corpo **A** exerce uma força sobre um corpo **B**, simultaneamente o corpo **B** exerce uma força sobre o corpo **A**, na mesma intensidade mas em sentido oposto, constituindo o chamado *par ação-reação* da interação do contato. Tais forças possuem, em princípio, a mesma intensidade, direção, mas agem em sentidos opostos.
2. Ambas as forças possuem a mesma natureza, caso contrário não haveria contato.
3. A interação das forças ocorrem em um mesmo campo e entre dois corpos.
4. Durante o contato e interação, as forças não se equilibram nem se anulam, pois originam de corpos diferentes (cada corpo preserva a própria força).

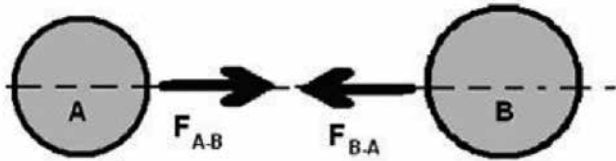
Como exemplo, lembramos o ato de nadar. O nadador desliza na piscina porque aplica uma força (ação) sobre a água, com auxílio das mãos e dos pés; desloca, então, um volume de líquido para trás, fazendo com que a água imprima outra força (reação) ao líquido, fato que permite a movimentação do nadador.

Percebe-se, assim, que a força aplicada pelo nadador sobre o líquido, chamada ação, encontra-se com a força vinda da água, denominada reação. O resultado final (nadar) só acontece porque ambas as forças, do nadador e a da água, são da mesma intensidade, embora de sentido contrário. Ou seja, a força que o nadador aplica sobre a água é semelhante a que o empurra para frente, exercida pela água.

Outro exemplo: se alguém esmurrar um saco de areia, a força exercida pelos punhos é igual a força exercida pelo saco de areia nos punhos do indivíduo.

Veja as seguintes ilustrações, elaboradas por Marco Aurélio da Silva, Equipe Brasil Escola.²

Ilustração 1:



Assim, $|F_{A-B}| = |F_{B-A}|$.

Ilustração 2:



Ilustração 3:



1. Significado espiritual da lei de ação e reação

O princípio newtoniano de ação e reação faz relação simbólica com os conceitos de Pena de Talião, Karma (ou carma), Fatalidade, Determinismo, Justiça Divina e Lei de Ação e Reação (utilizada pelo Espiritismo).

Pena de Talião

Consiste na rigorosa reciprocidade que existe entre o crime e a punição — apropriadamente chamada *retaliação*. Esta lei, frequentemente expressa pela máxima *olho por olho, dente por dente*, é uma das mais antigas leis conhecidas, cujos indícios foram encontrados no Código de Hamurabi.* Existia porque os legisladores da Antiguidade evitavam que a justiça fosse aplicada pelas próprias mãos nas questões de crimes e delitos, mas de acordo com a ordenação jurídica que vigorava na época. A Pena de Talião prescreve que a punição seja do tamanho exato da ofensa, com base no princípio da reciprocidade. Ou seja, se uma pessoa causou a morte de alguém, este homicida deveria ser morto por esse crime, da mesma forma que o assassinato foi cometido. Por exemplo, se alguém matou uma pessoa pela espada, seria também morto pela espada. Se foi por apedrejamento, a morte do assassino seria por apedrejamento.

Para a Doutrina Espírita a Lei de Talião é considerada implacável, uma vez que não considera as causas nem os atenuantes e, também, porque não cogita do perdão. Obviamente, que a todo erro ou crime cometido segue-se a reparação, mas não da forma tão radical explicitada pela Lei de Talião.

Para Emmanuel,³ trata-se de uma lei que:

[...] prevalece para todos os Espíritos que não edificaram ainda o santuário do amor nos corações, e que representam a quase totalidade dos seres humanos. Presos, ainda, aos milênios do pretérito, não cogitaram

* **Código de Hamurabi:** um conjunto antiquíssimo de leis, escrito por Hamurabi, na Babilônia, em 1780 a.C. Trata-se de um monumento monolítico talhado em rocha de diorito, sobre o qual se dispõem 46 colunas de escrita cuneiforme acádica, com 281 leis em 3.600 linhas. A peça tem 2,5 m de altura, 1,60 m de circunferência na parte superior e 1,90 na base. Na parte superior do monólito, Hamurabi é mostrado em frente ao trono do rei Sol Schamasch. Logo abaixo estão escritos, em caracteres cuneiformes acadianos, os artigos regulando a vida cotidiana.

de aceitar e aplicar o Evangelho a si próprios, permanecendo encarcerados em círculos viciosos de dolorosas reencarnações expiatórias e purificadoras. Moisés proclamou a Lei antiga muitos séculos antes do Senhor. Como já dito, o profeta hebraico apresentava a Revelação com a face divina da Justiça; mas, com Jesus, o homem do mundo recebeu o código perfeito do Amor. Se Moisés ensinava o “olho por olho, dente por dente”, Jesus Cristo esclarecia que o “amor cobre a multidão dos pecados”. Daí a verdade de que as criaturas humanas se redimirão pelo amor e se elevarão a Deus por ele, anulando com o bem todas as forças que lhes possam encarcerar o coração nos sofrimentos do mundo.

Karma ou carma

É termo que enfoca as ações humanas e as suas consequências, de uso comum em diferentes doutrinas religiosas de concepção orientalista, como Budismo, Hinduísmo e Teosofia, ainda que cada uma dessas religiões apresentem interpretação própria.

Alguns espíritas utilizam inadequadamente a palavra *karma*, da mesma forma que Pena de Talião, aplicando-as como sinônimo de lei de causa e efeito, fato que deve ser evitado, pois, para o Espiritismo, ambas as leis não se encontram, necessariamente, vinculadas ao livre-arbítrio, individual e coletivo, e à lei de amor, justiça e caridade.

Para o Hinduísmo e o Budismo o homem é *escravo* dos renascimentos sucessivos — isto é, jamais pode fugir da reencarnação —, em razão da existência de um carma individual, particular, impulsionado pelos próprios pensamentos, palavras e ações, manifestados de forma inexorável no ciclo nascimento-morte-renascimento.⁴ Para essas religiões

“o homem colhe aquilo que plantou. Não existe “destino cego” nem “divina providência”. O resultado flui automaticamente das ações. Portanto, é tão impossível escapar do seu carma quanto escapar de sua própria sombra... [...] Embora se possa dizer que a lei do carma possui um certo grau de justiça, ela é vista, no hinduísmo e budismo, como algo um tanto negativo, algo que se deve escapar.”⁴

Além do mais, a reencarnação, para ambas as religiões, apresenta interpretação diversa da espírita, podendo um ser humano renascer no corpo de um animal, uma vez que defendem a teoria da metempsicose. Trata-se de possibilidade inviável até do ponto de vista biológico.

Ensina o Espiritismo, porém, que a lei de causa e efeito pode ser modificada sim, pela força do amor, pela vontade do indivíduo de querer, efetivamente, reparar os erros cometidos. Não se pode ignorar, também, que perante a balança divina todas as atenuantes são consideradas, inclusive as intenções, grau de conscientização, circunstâncias, nível de sanidade mental etc. Daí ser importante lembrar que a justiça divina está, sempre, associada à misericórdia, como esclarece Emmanuel:⁵

As criaturas dedicadas ao bem encontrarão a fonte da vida em se banhando nas águas da morte corporal. Suas realizações no porvir seguem na ascensão justa, em correspondência direta com o esforço perseverante que desenvolveram no rumo da espiritualidade santificadora, todavia, os que se comparam no mal cancelam as próprias possibilidades de ressurreição na luz. [...] Nas sentenças sumárias e definitivas não há recurso salvador. Através da referência do Mestre, contudo, observamos que a Providência Divina é muito mais rica e magnânima que parece.

Fatalidade e determinismo

Os fatalistas

[...] acreditam que todos os acontecimentos estão previamente fixados por uma causa sobrenatural, cabendo ao homem apenas o regozijar-se, se favorecido com uma boa sorte, ou resignar-se, se o destino lhe for adverso. [...] Os deterministas, ao seu turno sustentam que as ações e a conduta do indivíduo, longe de serem livres, dependem integralmente de uma série de contingências a que ele não pode furtar-se, como os costumes, o caráter e a índole da raça a que pertença; o clima, o solo e o meio social em que viva; a educação, os princípios religiosos e os exemplos que receba; além de outras circunstâncias não menos importantes, quais o regime alimentar, o sexo, as condições de saúde, etc.⁶

Os fatalistas e deterministas raciocinam da mesma forma, só que nos primeiros o destino do homem está estipulado por uma causa divina ou transcendental, enquanto que nos segundos são as circunstâncias que determinam os acontecimentos. Em ambas as situações, o excesso pode levar ao fanatismo ou radicalismo, sempre de natureza perniciosas.

Por outro lado, há filosofias que defendem a ideia oposta, a de que o ser humano deve possuir liberdade irrestrita, que “o livre-arbítrio é absoluto, que os pensamentos, palavras e ações do homem são espontâneos e, pois, de sua inteira liberdade”.⁷

Os defensores do fatalismo acreditam que nada ou ninguém é capaz de alterar a ordem estabelecida no universo nem na humanidade. Já os adeptos do determinismo entendem que não só o homem, mas todos os fenômenos da natureza estão ligados entre si por rígidas relações de causalidade, pois as leis universais excluem o acaso — acontecimentos aparentemente fortuitos, estabelecidos por intercessão espiritual ou por efeito das forças de atração existentes na natureza — e o livre-arbítrio.

A verdade encontra-se no meio termo. O homem não goza de irrestrita liberdade, pois está submetido aos limites estipulados pelas ordenações da vida em sociedade e pelos valores morais e éticos. Contudo, é possível pensar na existência de algum determinismo nos acontecimentos da vida, sobretudo quando se considera o planejamento reencarnatório. Ou seja, a partir do momento em que se estabelece um plano para ser executado em nova existência física, são acionados recursos, condições e pessoas, encarnadas e desencarnadas, que tudo fazem para por em prática o referido planejamento. Há, pois, certo determinismo direcionando a vida do reencarnado. Digamos “certo” porque o planejamento reencarnatório não é rígido, procura executar as linhas mestras da programação preparada para uma nova experiência no plano físico, não se prendendo a detalhes ou aspectos secundários.

Para a Doutrina Espírita o homem é construtor do seu destino e, de acordo com suas disposições íntimas, pode modificá-lo para melhor ou, também, complicá-lo. Tudo se reporta, no final, ao livre-arbítrio ou à liberdade de ação de cada um, que sempre é coerente com o nível evolutivo, moral e intelectual, do indivíduo.

Justiça divina

A lei de causa e efeito está diretamente relacionada à noção que se tem da justiça e, mais ainda, da justiça divina.

Justiça significa, a rigor, respeito à igualdade de todos os cidadãos. É o princípio básico que objetiva manter a ordem social através da preservação dos direitos individuais e coletivos, expressa

sob forma legal (constituição das leis) e devida aplicação nos casos específicos (litígio).⁸

Em *A república*, Platão interpreta justiça como o sentido que o homem justo dá a sua vida, mesmo que não possua muitos bens:

Sócrates (personagem principal do diálogo) realiza sua fala buscando uma definição para justiça ou para o justo. Qual dessas atitudes cabe melhor ao cidadão: o justo ou o injusto que tem vida melhor? Como já falamos, a conclusão que cabe melhor é a da vida do justo. Para chegar a esta conclusão, Glauco conta a lenda do Anel de Giges. Um homem através do poder do anel poderia adquirir quase tudo o que desejasse, mas não possui o sentimento de justiça e vive com desculpas inúteis tentando sustentar uma situação que não é própria dele.⁹

Aristóteles¹⁰ apresenta outro conceito de justiça, igualmente importante:

[...] conteúdo das leis é a Justiça, admitida esta sob vários enfoques. O principal fundamento da Justiça é a *igualdade*, sendo esta aplicada de várias maneiras. O princípio da igualdade [...] é entendido [...] de duas formas fundamentais, originando daí duas espécies de *Justiça*: a *Distributiva* e a *Corretiva*. [...]. A justiça distributiva tem por escopo fundamental a divisão de bens e honras da comunidade, segundo a noção de que cada um perceba o proveito adequado aos seus méritos. [...] A justiça corretiva destina-se aos *objetos*, relegando os méritos, mas medindo impessoalmente o benefício ou o dano que cada qual pode suportar. A justiça distributiva situa-se, pois, como entidade reguladora das relações entre a sociedade e seus membros; a corretiva ordena as relações dos membros entre si.

O conceito espírita de justiça está sintetizado nestas conhecidas palavras de Jesus: “Fazei aos homens o que gostaríeis que eles vos fizessem, pois é nisto que consistem a lei e os profetas. (Mateus, 7:12. *Bíblia de Jerusalém*)”.

O entendimento de justiça divina está submetido às diferentes interpretações religiosas; contudo, há unanimidade de que Deus quer o bem para todos os seus filhos, disponibilizando-lhes condições infinitas para sua melhoria espiritual. Dessa forma, Emmanuel¹¹ ensina como entender a justiça divina:

Não digas que Deus sentencia alguém a torturas eternas. Tanto quanto podemos perceber o Pensamento Divino, imanente em todos os seres e em todas as coisas, o Criador se manifesta a nós outros — criaturas conscientes, mas imperfeitas — através de leis que Lhe expressam os objetivos no rumo do Bem Supremo. É inútil que dignitários desse ou daquele princípio religioso te pintem o Todo-Perfeito por soberano purpurado, suscetível de encolerizar-se por falta de vassalagem ou envaidecer-se à vista de adulações. [...] Deus é amor. Amor que se expande do átomo aos astros. Mas é justiça também. Justiça que atribui a cada Espírito segundo a própria escolha. Sendo amor, concede à consciência transviada tantas experiências quantas deseje a fim de retificar-se. Sendo justiça, ignora quaisquer privilégios que lhe queiram impor. Não afirmes, desse modo, que Deus bajula ou condena. [...] O Criador criou todas as criaturas para que todas as criaturas se engrandeçam. Para isso, sendo amor, repletou-lhes o caminho de bênçãos e luzes, e, sendo justiça, determinou possuísse cada um de nós vontade e razão.

2. Lei de ação e reação segundo o Espiritismo

Igualmente denominada Lei de Causa e Efeito, apresenta as seguintes características:

- a. o ser humano tem livre-arbítrio para construir seu destino.
- b. em decorrência da lei de liberdade e do nível evolutivo em que se encontra, o Espírito faz escolhas acertadas ou equivocadas. Escolhas felizes são incorporadas ao patrimônio espiritual, servindo de referência para novas escolhas. As más ações, ou escolhas infelizes, produzem sofrimento ao Espírito porque, ainda que ele não tenha maior compreensão do processo de ação-reação, da repercussão dos seus atos, a voz da consciência (mecanismo regulador da vida) o alerta de que cometeu um atentado contra a Lei de Deus.
- c. os erros ou equívocos cometidos são reparados ao longo das reencarnações sucessivas, por meio das provas, sempre com base na expressão amor-justiça-misericórdia divinos.
- d. os processos de reparação e os novos aprendizados são definidos no planejamento reencarnatório, que não é inflexível nem infalível (o indivíduo pode, quando reencarnado, ignorar o que foi planejado). Neste sentido, a manifestação da lei de causa e efeito, em cada período

reencarnatório, representa a escolha de provas definidas ou aceitas pelo reencarnante. E “tais provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se delas [o Espírito] triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem de recomeçar.”¹²

Mesmo que o Espírito encarnado não recorde os erros cometidos, ou as determinações do planejamento reencarnatório, ensina Kardec¹³ que o

esquecimento das faltas cometidas não é obstáculo à melhoria do Espírito, porque, mesmo não se lembrando delas com precisão, o fato de as ter conhecido na erraticidade e o desejo de repará-las o guia por intuição e lhe dá o pensamento de resistir ao mal. Esse pensamento é a voz da consciência, secundada pelos Espíritos que o assistem, se escuta as boas inspirações que lhe sugerem. Embora o homem não conheça os próprios atos que praticou em suas existências anteriores, sempre pode saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual era o seu caráter dominante. Basta estudar a si mesmo e julgar do que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências. As vicissitudes da vida corporal são, ao mesmo tempo, expiação das faltas passadas e provas para o futuro. [...] A natureza das vicissitudes e das provas que sofreremos também nos pode esclarecer sobre o que fomos e o que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos os atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei.

A reparação de faltas, acionada pela lei de causa e efeito, segundo a interpretação espírita, não se manifesta como única escolha, ou como uma “camisa de força” das proações. O ser humano que já revela possuir algum entendimento da Lei de Deus, pode, perfeitamente, optar por quitar suas dívidas pelo exercício da lei de amor, pois, como nos orienta o apóstolo Pedro, “o amor cobre a multidão de pecados”. (1Pedro, 4:8).

A história de Saturnino Pereira, relatada pelo Espírito Hilário Silva, e inserida em anexo, ilustra com clareza a reparação de faltas pelo amor, situação que impôs modificações nas ações definidas pelo planejamento reencarnatório. A história demonstra também que não há determinismo nem justiça implacável na manifestação da lei de causa e efeito.

1. http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceira_lei_de_Newton. Acesso em 14 de novembro de 2009.
2. <http://www.brasilecola.com/fisica/terceira-lei-newton.htm>
3. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 272, p. 221-222.
4. HELLEN, Victor. NOTAKER, Henry e GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. Tradução de Isa Mara Lando. 9. reimpressão. São Paulo : Companhia das Letras, 2001, p. 54.
5. XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. Rio de Janeiro, FEB 2008, cap. 127, A lei de retorno, p. 270.
6. CALLIGARIS, Rodolfo. *As leis morais: segundo a filosofia espírita*. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Item: O livre-arbítrio, p.147-148.
7. _____. p.147.
8. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Justi%C3%A7a>. Acesso em 16/11/2009.
9. <http://www.webartigos.com/articles/5636/1/definicao-do-conceito-de-justica-em-platao/pagina1.html> Acesso em 17/11/2009.
10. NUNES, Cláudio Pedrosa. O conceito de justiça em Aristóteles. In: *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região*. João Pessoa, v. 8, n. 1 p. 24-32, 2000, p. 26. Disponível em: <http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/19220> ou <http://www.trt13.jus.br/ejud/images/revistasdigitais/revista08_trt13.pdf>.
11. XAVIER, Francisco Cândido. *Justiça divina*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: Nas leis do destino , p. 175-177.
12. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 399, p. 290.
13. _____. p. 291.

Orientações ao monitor

1. Promover um debate exploratório de ideias, partindo dessa indagação: *Quais são os mecanismos da manifestação da lei de causa e efeito?*
2. Em seguida, fazer breve explanação sobre os pontos principais do Roteiro de estudo, esclarecendo o significado de *ação e reação*, segundo a ciência e a Filosofia.
3. Dividir a turma em dois grupos para leitura, troca de ideias e resumo do que foi estudado, seguindo esta orientação: a) grupo um, analisa o item do Roteiro: *Lei de ação e reação segundo o Espiritismo*; b) grupo dois analisa o texto de Hilário Silva, inserido em anexo: *O merecimento*.
4. Pedir aos participantes que indiquem relatores de cada grupo que deverão apresentar, em plenário, as conclusões do estudo.

5. Ao final, refletir em conjunto com a turma as condições da manifestação da lei de causa e efeito, segundo o espiritismo.

Anexo

O Merecimento*

Hilário Silva

I

Saturnino Pereira era francamente dos melhores homens. Amoroso mordomo familiar. Companheiro dos humildes. A caridade em pessoa. Onde houvesse a dor a consolar, aí estava de plantão. Não só isso. No trabalho, era o amigo fiel do horário e do otimismo. Nas maiores dificuldades, era um sorriso generoso, parecendo raio de sol dissipando as sombras.

Por isso mesmo, quando foi visto de mão a sangrar, junto à máquina de que era condutor, todas as atenções se voltaram para ele, entre o pasmo e a amargura.

Saturnino ferido! Logo Saturnino, o amigo de todos...

Suas colegas de fábrica rasgaram peças de roupa, a fim de estancar o sangue a correr em bica.

O chefe da tecelagem, solícito, conduziu-o ao automóvel, internando-o de pronto em magnífico hospital.

Operação feliz. O cirurgião informou, sorrindo:

— Felizmente, nosso amigo perderá simplesmente o polegar. Todo o braço direito está ferido, traumatizado, mas será reconstituído em tempo breve.

Longe desse quadro, porém, o caso merecia apontamentos diversos:

— Porque um desastre desses com um homem tão bom? — murmurava uma companheira.

* XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *A vida escreve*. Pelo espírito Hilário Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, cap. 20.

— Tenho visto tantas mãos criminosas saírem ilesas, até mesmo de aviões projetados ao solo, e justamente Saturnino, que nos ajuda a todos, vem de ser a vítima! — comentava um amigo.

— Devemos ajudar Saturnino.

— Cotizemo-nos todos para ajudá-lo.

Mas também não faltou quem dissesse:

— Que adianta a religião, tão bem observada? Saturnino é espírita convicto e leva a sério o seu Ideal. Vive para os outros. Na caridade é um herói anônimo.

— Por que o infausto acontecimento? — expressava-se um colega materialista.

E à tarde, quando o acidentado apareceu muito pálido, com o braço direito em tipóia, carinho e respeito rodearam-no por todos os lados.

Saturnino agradeceu a generosidade de que fora objeto. Sorriu, resignado. Proferiu palavras de agradecimento a Deus. Contudo, estava triste.

||

À noite, em companhia da esposa, compareceu à reunião habitual do templo espírita que frequentava.

Sessão íntima.

Apenas dez pessoas habituadas ao trato com os sofredores. Consagrado ao serviço da prece, o operário, em sua cadeira humilde, esperava o encerramento, quando Macário, o orientador espiritual das tarefas, após traçar diretrizes, dirigiu-se a ele, bondoso:

— Saturnino, meu filho, não se creia desamparado, nem se entregue a tristeza inútil. O Pai não deseja o sofrimento dos filhos. Todas as dores decretadas pela Justiça Divina são aliviadas pela Divina Misericórdia, toda vez que nos apresentamos em condições para o desagravo. Você hoje demonstra indiscutível abatimento. Entretanto, não tem motivo. Quando você se preparava ao mergulho no berço terrestre, programou a excursão presente. Excursão de trabalho, de reajuste. Acontece, porém, que formulou uma sentença contra você mesmo...

Fez uma pausa e prosseguiu:

— Há oitenta anos, era você poderoso sitiante no litoral brasileiro e, certo dia, porque pobre empregado enfermo não lhe pudesse obedecer às determinações, você, com as próprias mãos, obrigou-o a triturar o braço direito no engenho rústico. Por muito tempo, no Plano Espiritual, você andou perturbado, contemplando mentalmente o caldo de cana enrubescido pelo sangue da vítima, cujos gritos lhe ecoavam no coração. Por muito tempo, por muito tempo...

E continuou:

— E você implorou existência humilde em que viesse a perder no trabalho o braço mais útil. Mas, você, Saturnino, desde a primeira mocidade, ao conhecer a Doutrina Espírita, tem os pés no caminho do bem aos outros. Você tem trabalhado, esmerando-se no dever... Não estamos aqui para elogiar, porque você continua lutando, lutando... e o plantio disso ou daquilo só pode ser avaliado em definitivo por ocasião da colheita. Sei, porém, que hoje, por débito legítimo, alijaria você todo o braço, mas perdeu só um dedo... Regozije-se, meu amigo! Você está pagando, em amor, seu empenho à justiça...

De cabeça baixa, Saturnino derrama a grossas lágrimas. Lágrimas de conforto, de apaziguamento e alegria...

Na manhã seguinte, mostrando no rosto amorável sorriso, compareceu, pontual, ao serviço.

E porque o fiscal do relógio lhe estranhasse o procedimento, quando o médico o licenciara por trinta dias, respondeu simplesmente:

— O senhor está enganado. Não estou doente. Fui apenas acidentado e posso servir para alguma coisa.

E caminhando, fábrica adentro, falou alto, como se todos devessem ouvi-lo:

— Graças a Deus!

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 18

EVOLUÇÃO

Objetivos

- » Esclarecer o significado de evolução, segundo a Filosofia, a ciência e o Espiritismo.
- » Identificar critérios determinantes do processo evolutivo.
- » Citar exemplos de evidências evolutivas.

Ideias principais

- » Evolução é processo gradual de desenvolvimento biológico e espiritual. A Filosofia e a Ciência limitam o entendimento da evolução à vida no plano físico. O Espiritismo considera também a existência no plano espiritual.
- » Evidências da evolução planetária são identificadas nos fósseis, nos estudos da anatomia comparada e nas bases moleculares e hereditárias da organização biológica.
- » O Espiritismo esclarece que a evolução ocorre nos dois planos da vida, o físico e o espiritual, e que todo processo evolutivo teve início com a união do princípio inteligente ao princípio material, uma vez que ambos já se achavam [...] *em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra para começarem existência nova em novo globo [planeta]. Allan Kardec: O livro dos espíritos, questão 45.*

Subsídios

Para os conhecidos filósofos Herbert Spencer (1820–1903) e Henri Bergson (1859–1941), “evolução é processo de desenvolvimento progressivo, biológico e espiritual da natureza, no qual os seres vivos e inanimados se aperfeiçoam.”¹ A Ciência aceita essa conceituação e disponibiliza outras informações, mas ainda não considera a tese espírita da sobrevivência do Espírito.

As evidências fornecidas pelos fósseis, o estudo atento da natureza e as bases bioquímicas/moleculares da herança genética fornecem evidências que explicam a evolução planetária. Sabe-se, assim, que Terra foi formada há cerca de 4,6 bilhões de anos, e que todos os seres vivos do Planeta descendem de organismos muito simples que “[...] surgiram há mais de 3 bilhões de anos.”²

A enorme diversidade dos seres atuais resulta de longo processo de *evolução biológica*, pelo qual a vida vem passando desde que surgiu. É isso o que afirma a moderna teoria evolucionista, respaldada por áreas do conhecimento tão diversas como a Biogeografia, a Geologia, a Anatomia Comparada e a Biologia Molecular.²

Durante séculos perdurou a ideia de que somente as espécies mais evoluídas (alguns animais e o homem) geravam, por reprodução, os seus descendentes. Sendo que as demais espécies, vegetais e muitos animais, por serem menos evoluídas surgiam espontaneamente, pelo processo denominado **Geração Espontânea** — teoria elaborada por Aristóteles (384–322 a.C.). Para este filósofo grego seria possível nascerem seres vivos a partir de matéria morta porque nela existiria um princípio ativo capaz de gerar a vida.

Foi hipótese amplamente aceita até o século XIX. Contudo, com as pesquisas do esclarecido cientista francês, Louis Pasteur (1822–1895), a teoria da Geração Espontânea foi descartada definitivamente, sobretudo quando Pasteur e outros estudiosos demonstraram a presença de seres vivos minúsculos, ou micróbios, em diferentes materiais biológicos, os quais, mesmo sendo invisíveis ao olho nu, eram capazes de reproduzir-se também, ainda que de forma diferente da animal.

Para a Ciência dos dias atuais há dois tipos fundamentais de processo evolutivo: **macro e microevolução**:

Macroevolução ou *Teoria Geral da Evolução* — também conhecida como “darwinismo” —, teoria evolutiva popularizada por Charles Darwin (1809-1882), no século XIX —, indica mudanças genéticas que ocorrem em larga escala, durante um longo período de tempo. Segundo a teoria, todas as formas de vida atuais se desenvolveram durante milhares de anos a partir de um ancestral comum. [...] *Microevolução* ou *Teoria Especial da Evolução*, descreve mudanças menores, limitadas, dentro de uma mesma espécie ou tipo, vegetal ou animal. É o que se percebe nos cães, por exemplo, cujas diferentes características distinguem uma raça da outra.³

1. Adaptação, base da evolução biológica⁴



Segundo os postulados científicos, entre os critérios que justificam a **macroevolução** (evolução geral ou especial), a **adaptação** de uma espécie ao meio ambiente é um dos mecanismos mais importantes da evolução. Ainda que a adaptação seja fato incontestável, a sua origem e forma de ocorrência na natureza não estão bem elucidadas, havendo inúmeras discussões a respeito. Entretanto, é possível delinear as suas características fundamentais:

1. Para os filósofos da Antiguidade havia a suposição de que o processo adaptativo das espécies acontecia em decorrência de uma criação especial, obra do Criador ou da natureza. Com o advento do Cristianismo desenvolveu-se o pensamento de que as espécies adaptadas seriam **fixas** e **imutáveis** (Teoria do Fixismo ou Imutabilidade das Espécies). Os defensores dessa teoria eram chamados *fixistas* ou *criacionistas*, acreditando que a destruição de uma espécie fixa e imutável só aconteceria por meio de grandes catástrofes. (Confira, em anexo, ideias mais recentes sobre a evolução, suas dúvidas e propostas).

2. A teoria do Fixismo ou Criacionismo perdurou por muito tempo, mas foi substituída por outra, a partir do século XIX, conhecida como **Transformismo**. Para o Transformismo a adaptação só acontece porque há mudanças, pois, à medida que o meio ambiente muda, cada espécie deve também modificar-se, para manter-se integrada ao ecossistema. Somente as espécies bem adaptadas ao meio ambiente oferecem chances de sobrevivência às intempéries e, se o meio lhes é favorável, disseminam-se. Foram essas ideias que originaram o **Evolucionismo** ou **Teoria da Evolução das Espécies** de Charles Darwin.
3. A adaptação ao meio ambiente nem sempre implica aperfeiçoamento/melhoramento de uma espécie, que pode manter-se num mesmo nível evolutivo por tempo indeterminado. É o que se observa, por exemplo, com as baratas. Esses insetos encontram-se na Terra desde períodos antiquíssimos, sem que apresentem, aparentemente, mudanças significativas. As samambaias e fetos, outro exemplo, são plantas vasculares, sem sementes, que surgiram nos primórdios da formação do Planeta, no período carbonífero (Era Paleozoica), entre 359 milhões a 299 milhões de anos atrás, aproximadamente.
4. A adaptação das espécies ocorre: no *meio externo*, isto é, na natureza, e no *interior* ou na *superfície* do corpo de animais e do homem. Há, por exemplo, micróbios inofensivos que colonizam a superfície corporal ou que vivem no interior do corpo humano, em perfeito processo de equilíbrio, alguns fornecendo, inclusive, elementos úteis ao hospedeiro. Assim a destruição, total ou parcial desses microrganismos, por antibióticos, por exemplo, afetaria a saúde do hóspede. Por outro lado, há adaptações que não são benéficas, caracterizadas como parasitismo, tal como acontece com alguns vermes de corpo achatado (tênia) que, por não possuírem sistema digestivo, adaptam-se no tubo digestivo do homem e de muitos vertebrados, produzindo doenças.
5. A adaptação produz, em geral, **resistência** às intempéries ou às agressões ambientais. O exemplo mais conhecido é a resistência de insetos aos inseticidas, ou de certas bactérias aos antibióticos.

2. Evidências da evolução biológica

2.1. Os Fósseis⁵



http://3.bp.blogspot.com/_9Xlu1srvmDw/SiW2i5awSGI/AAAAAAAAAf4/1afAijkQlo/s400/o_registro_fossil.jpg

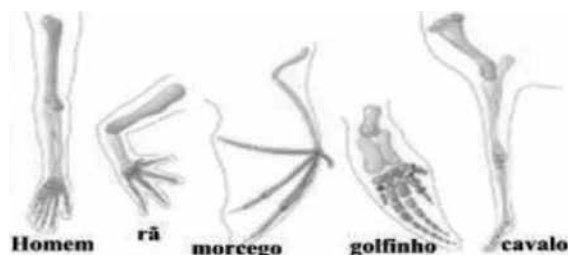
Evidências mais significativas da evolução são fornecidas pelos fósseis, conceituados como “restos e vestígios de seres vivos que viveram em épocas remotas.” Pelo estudo dos fósseis sabe-se que existiram organismos completamente diferentes dos atuais — argumento poderoso usado pelos defensores do transformismo/evolucionismo —, sendo possível, inclusive, deduzir o tamanho e a forma que originalmente os organismos possuíam, por meio de boas e confiáveis reconstruções da imagem que esses seres tinham quando se encontravam vivos.

As melhores condições de fossilização ocorrem quando o corpo de um animal ou planta é sepultado no fundo de um lago e, rapidamente, é coberto por sedimentos. Nestas circunstâncias, é mais fácil retratar imagens.

A idade de um fóssil pode ser estimada pela medição de determinados elementos radioativos nele presentes ou na rocha onde o fóssil está incrustado. Se o fóssil ainda apresenta substâncias orgânicas na sua constituição, a sua idade pode ser calculada com razoável precisão pelo *método do carbono-14*. O carbono-14 (^{14}C) é um isótopo* radioativo do carbono, cuja fórmula é ^{12}C .

* **Isótopos** são átomos de um elemento químico cujos núcleos têm o mesmo número atômico, ou seja, os isótopos de um certo elemento contêm o mesmo número de prótons designado por “Z”, mas que contêm diferentes números de massas atômicas, designadas por “A”. A palavra *isótopo*, que significa “no mesmo lugar”, vem do fato de que os isótopos se situam no mesmo local na tabela periódica. A diferença nos pesos atômicos resulta de diferenças no número de nêutrons nos núcleos atômicos, ou seja, os isótopos são átomos que possuem a mesma

2.2. Anatomia Comparada⁶



<http://www.scribd.com/doc/3204804/Biologia-PPT-Evolucao-I-e-II>

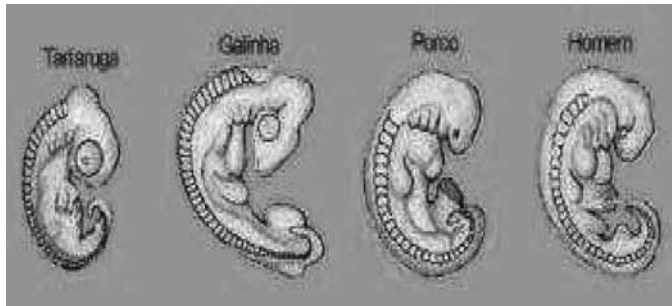
As semelhanças entre embriões de diferentes espécies, ou entre órgãos e estruturas biológicas de várias espécies, fornecem bases para identificar o parentesco evolutivo de grupos de seres vivos. Por exemplo, a asa de uma ave, a nadadeira anterior de um golfinho e o braço do homem são diferentes na aparência, porém possuem estrutura óssea e muscular semelhante entre si. Tal similitude indica a existência de ancestral comum, que forneceu um plano corporal básico. As semelhanças entre os embriões de diferentes grupos e espécies são maiores que as encontradas na fase adulta. Assim, conforme a idade do embrião, é difícil distinguir entre si embriões de peixes, sapos, tartarugas, pássaros e até humanos.



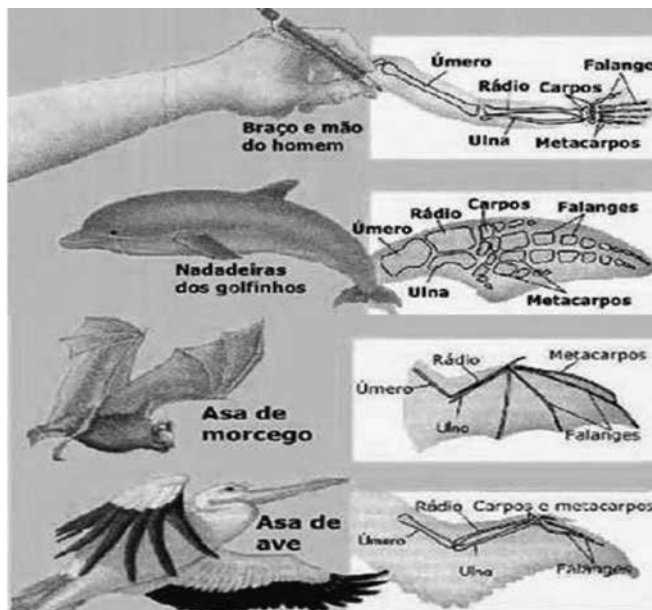
<http://www.vestibularseriado.com.br/biologia/apostilas/item/252-evolucao>

quantidade de prótons, mas não a mesma de nêutrons. Ex.: O átomo de Hidrogênio possui três formas de isótopos: o *Prótio* (1 próton sem nêutron) o *Deutério* (1 próton e 1 nêutron) e o *Tritio* (1 próton e 2 nêutrons). <http://pt.wikipedia.org/wiki/Is%C3%B3topo>

Se órgãos e estruturas anatômicas possuem desenvolvimento embrionário semelhante, com funções iguais ou diferentes, são denominados **homólogos**. Exemplo: o braço humano e a asa das aves seguiram traçado evolutivo semelhante, mas diferem quanto a função. Veja as ilustrações que se seguem. Observe a semelhança do processo evolutivo que há entre as espécies. Tal fato leva à conclusão de que entre os seres vivos há um plano básico de evolução, estruturalmente preciso e bem elaborado para a formação de corpos e órgãos.

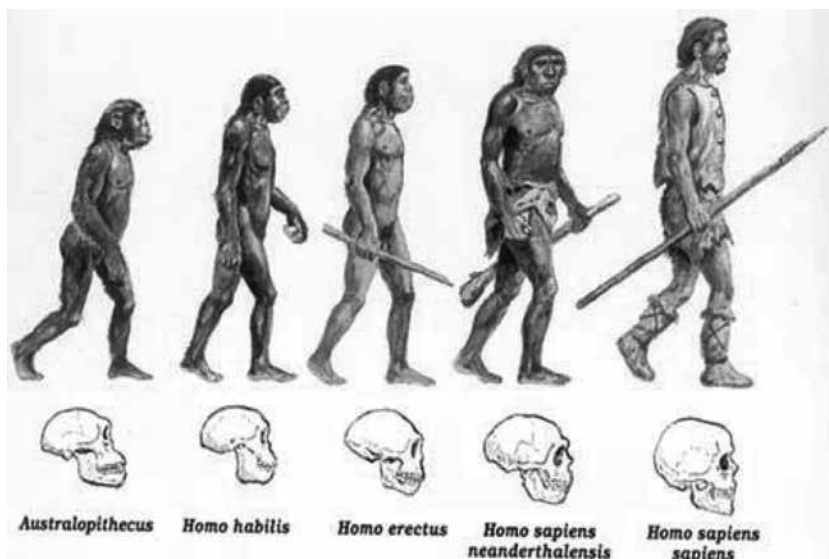


AMABIS, José Mariano e MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Biologia das populações: genética, evolução e ecologia*. Volume 3. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1994. Parte II, cap. 12, item 12.5, [http:// www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/evolucao-dos-seres-vivos/teorias-da-evolucao-2.php](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/evolucao-dos-seres-vivos/teorias-da-evolucao-2.php)



AMABIS, José Mariano e MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Biologia das populações: genética, evolução e ecologia*. Volume 3. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1994. Parte II, cap. 12, item 12.5, [http:// www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/evolucao-dos-seres-vivos/teorias-da-evolucao-2.php](http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/evolucao-dos-seres-vivos/teorias-da-evolucao-2.php)

2.3. Evolução Humana - Crânio

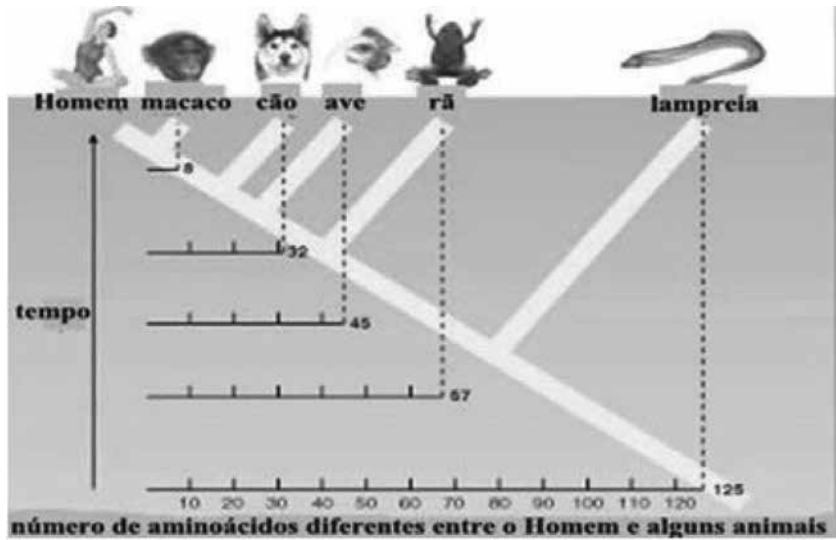


TTP://www.google.com.br/imgres? OU TTP://www.interney.net

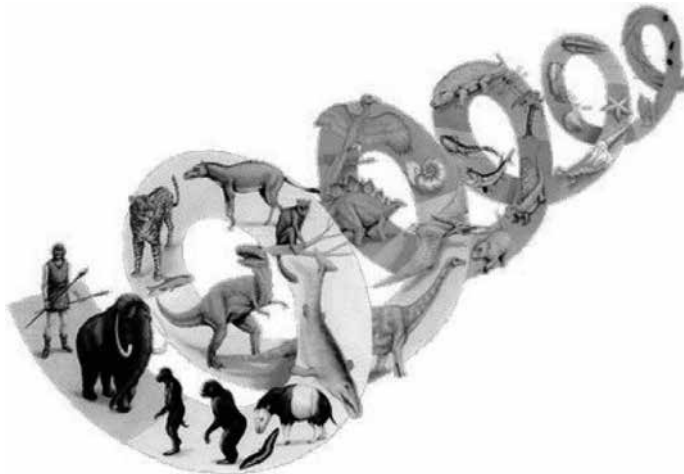
2.4. Evidências Moleculares da Evolução⁷

A comparação entre as moléculas do DNA (em inglês: *deoxyribonucleic acid* ou em português ADN: *ácido desoxirribonucleico*) de diferentes espécies tem revelado várias semelhanças entre os respectivos genes, condição reveladora de parentesco evolutivo. O mesmo ocorre com proteínas e outras substâncias químicas, as quais, em última análise, refletem as semelhanças genéticas e indicam a mesma origem.

As bases genéticas da evolução desempenham, na atualidade, papel fundamental, sobretudo com a instalação do Projeto Genoma — nome de trabalho conjunto realizado por diversos países visando desvendar o código genético de um organismo (animal, vegetal ou microbiano), por mapeamento molecular dos genes.



3. Evolução das espécies^{8,9}



<http://www.mikewood.com.br/c10-15.htm>

O cientista francês Jean-Batiste Lamarck (1744–1829) foi um dos primeiros a propor uma hipótese que explicasse o processo evolutivo. A hipótese lamarckista, ou **lamarckismo**, consistia de duas premissas:

- As características de um ser vivo podem modificar-se no decorrer da existência, como consequência do uso ou do desuso.
- As características adquiridas durante a existência são transmitidas aos descendentes.

Hoje sabemos que alterações fenotípicas (aparência externa do indivíduo que reflete o conjunto de genes que possui, ou genótipo), provocadas por fatores ambientais, não são transmitidas aos descendentes. Por exemplo, se uma pessoa de pele branca tem a epiderme escurecida por ação de raios solares (bronzamento), esta coloração, adquirida por fator externo, não será incorporada ao seu genótipo e, obviamente, não será transmitida aos seus descendentes.

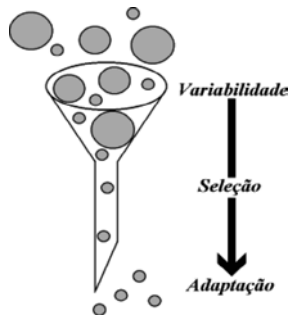
O grande mérito da teoria de Lamarck foi chamar atenção da Ciência para os mecanismos da evolução, em geral, e da adaptação em particular.

Em meados do século XIX, “o naturalista inglês Charles Darwin (1809–1882) lançou a ideia de que a evolução dos seres vivos era dirigida pela seleção natural”⁹

A seleção natural indica que mecanismos hereditários envolvidos na sobrevivência e reprodução se tornam mais comuns numa população, sobrepondo-se às características prejudiciais que, com o tempo, tornam-se raras. Nestas condições, indivíduos portadores de características vantajosas revelam-se mais bem sucedidos, adaptando-se melhor ao meio ambiente, fato que lhes favorece a sobrevivência e disseminação. Acredita-se que durante as inúmeras gerações das espécies ocorram mudanças sucessivas, pequenas, aleatórias e cumulativas, que, pela seleção natural, produzem variantes mais bem adaptadas ao ambiente.

O trabalho de Darwin foi rapidamente aceito pelos transformistas mas, até hoje, os criacionistas lhe impõem reservas, ou se recusam a aceitá-la (conheça melhor o assunto com a leitura do anexo), o que não deixa de ser um contrassenso.

A ilustração que se segue indica o processo da evolução das espécies com base na teoria da seleção natural. Observe que as bolinhas menores, que passam pelo funil da evolução, são as que apresentam melhores condições de se adaptarem ao meio ambiente, oferecendo condições genéticas favoráveis à perpetuação das espécies.



UZUNIAN Armênio; PINSETA, Dan; SASSON, Edésio e Sezar. *Biologia*. Livro 1. São Paulo, Editora Anglo, 1991.

A principal crítica à Evolução das Espécies de Darwin foi a de que o cientista não soube explicar as diferenças individuais existentes entre os membros de uma mesma espécie, ou nos representantes das raças. Tais explicações só foram respondidas mais tarde, a partir da década de 1930, com o conhecimento dos genes, empiricamente estudado no século anterior por Mendel, monge austríaco. Com o estudo dos genes ficou mais fácil entender o mecanismo das mutações (naturais e as produzidas em laboratório – base da biotecnologia atual) e da recombinação gênica. Nasceram, então, os estudos sobre a microevolução.

A Teoria da Evolução de Darwin foi remodelada e rebatizada ao longo do tempo, e, atualmente é denominada **Neodarwinismo**, **Teoria Sintética da Evolução** ou **Microevolução**, assim resumida:

Mutações genéticas => Variabilidade <= Recombinação gênica

||

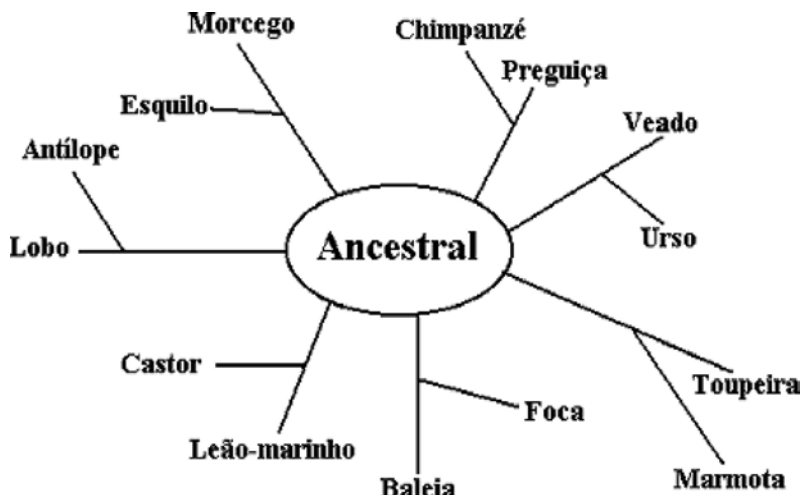
Seleção natural => || <= Seleção natural

||

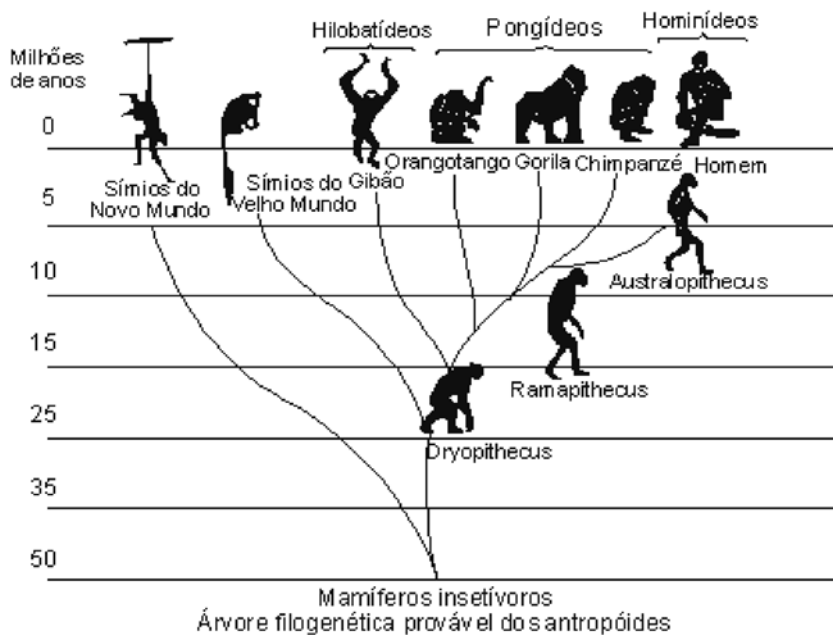
Adaptação

UZUNIAN Armênio; PINSETA, Dan; SASSON, Edésio e Sezar. *Biologia*. Livro 1. São Paulo, Editora Anglo, 1991.

O processo evolutivo dos seres vivos pode ser também visualizado nos seguintes esquemas:



UZUNIAN Armênio; PINSETA, Dan; SASSON, Edésio e Sezar. *Biologia. Livro 1.* São Paulo, Editora Anglo, 1991. *logia. Livro 1.* São Paulo, Editora Anglo, 1991.



http://www.direitosocial.com.br/Imagens/arvore_filogenetica.gif

3.1. Elos Perdidos da Evolução

A **Paleontologia** (ciência que estuda os fósseis) denomina **Elo Perdido** o ser que representa a forma de transição na cadeia evolutiva, isto é, o ponto de ligação entre uma espécie imediatamente anterior e outra nova, recém-surgida.

Tendo em conta que a evolução das espécies é um processo contínuo, é possível supor que todos os organismos vivos, em dado momento, tiveram formas de transição entre os tipos menos e mais evoluídos. A rigor, contudo, só se considera elos perdidos aquelas espécies que chegaram ao topo do processo evolutivo, e que, a partir daí, sofrem transformações que conduzem ao nascimento de outros seres.

Ao observar a figura anterior (Árvore Filogenética Provável dos Antropóides), percebe-se que o mamífero **Dryopithecus** deu origem aos símios do velho mundo, ao gibão, ao orangotango, ao gorila, ao chimpanzé e aos hominídeos. Entretanto, cada um desses tipos deve conter os seus respectivos elos perdidos.

Como foi referido antes, o entendimento da seleção natural proposta por Charles Darwin foi enriquecida com as contribuições do monge austríaco Gregor Johann Mendel (1822–1884), conhecidas como **hereditariedade mendeliana**. Descriminadas em três leis básicas, a partir de estudos com ervilhas, as leis de Mendel definem os fundamentos da transmissão genética. A teoria principal de Mendel é a de que características presentes nas plantas (cores, por exemplo) estão relacionadas a elementos hereditários, atualmente conhecidos como genes. Com suas pesquisas, Mendel passou a ser conhecido como Pai da Genética.

Do resultado de suas observações foi originado o trabalho publicado em 1866, intitulado “*Experimentos com Plantas Híbridas*”, em que Mendel formulou três teorias básicas, estabelecendo o que hoje conhecemos por Leis de Mendel. A primeira Lei de Mendel é também conhecida por princípio da segregação dos caracteres, em que as células sexuais, masculinas ou femininas, devem conter apenas um fator para cada característica a ser transmitida. A segunda lei trata do princípio da independência dos caracteres, ou seja, cada característica hereditária é transmitida independentemente das demais. Na terceira lei Mendel formulou os conceitos da dominância, em que os seres híbridos apresentam um caráter dominante que encobre, segundo determinadas proporções, o chamado caráter recessivo, ou seja, os seres híbridos,

resultado do cruzamento entre seres portadores de caracteres dominantes e recessivos, apresentam as características de dominância.¹⁰

Seres híbridos são os que possuem genes diferentes para um fator específico, oriundos dos genitores. Por exemplo, se em um casal o pai tem olho castanho (**A**) e a mãe olho azul (**a**), os seus filhos serão, obrigatoriamente, híbridos (**Aa**), pois herdaram um gene de cada genitor. No caso da cor dos olhos, o gene dominante é o castanho (**A**), recessivo o azul (**a**). No exemplo, 100% dos descendentes são considerados híbridos (**Aa**) e terão olhos castanhos. Entretanto, se um desses filhos (**Aa**) unirem-se a uma mulher de olhos azuis (**a**), 50% dos seus filhos terão olhos azuis (**a**) e 50% serão híbridos (**Aa**) com olhos castanhos. É a hibridização que produz a variação genética.

4. A evolução explicada pelo Espiritismo

Para a Doutrina Espírita a evolução dos seres vivos, inclusive a humana, ocorre nos dois planos da vida: no físico e no espiritual. Os caracteres biológicos, visíveis e invisíveis, decorrem de alterações no perispírito de cada ser.

Dessa forma, para o princípio inteligente se transformar em Espírito foi preciso percorrer longa jornada evolutiva nos reinos inferiores da natureza, e em ambos os planos da vida, até obter condições para a humanização, transformando-se em um ser dotado de razão e de livre-arbítrio.

Uma pequena observação se faz necessária, à altura deste estudo: todas as vezes que Allan Kardec faz referência ao princípio inteligente, escreve a palavra em letra minúscula: **espírito**. Quando se refere ao homem, representante da espécie humana, escreve em maiúscula: **Espírito**. Neste sentido, esclarecem os orientadores da Codificação Espírita: “[...] Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo dessa formação é que são desconhecidos.”¹¹

4.1. Evolução do Princípio Inteligente

Os Espíritos Superiores ensinam que o princípio inteligente, ou espiritual, é “semeado” pelos Espíritos Crísticos no momento de formação dos mundos. André Luiz nomeia de **mônada** o princípio espiritual, analisando que nos primórdios da formação da Terra, “[...]”

os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do planeta.”¹² Para tanto, uniram o princípio inteligente ao princípio material, preexistente.

Os dois princípios, o inteligente e o material, achavam-se, “[...] por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, esperando a criação da Terra para começarem uma nova existência em novo globo [planeta].”¹³

Assim, o início da formação do nosso Planeta caracteriza-se pela presença e desenvolvimento, posterior, do princípio material, necessário para promover a constituição e organização da matéria, propriamente dita, que integraria a natureza da Terra e a formação dos corpos dos seres vivos. Com o surgimento da Terra, esses dois elementos, o princípio inteligente e o princípio material, foram unidos pelos Ministros Angélicos, encontrando, nessa união, condições propícias para se desenvolverem. Este é o processo básico de formação dos mundos e dos seres, segundo a Doutrina Espírita.

A partir daí foi dada a largada para que se estabelecesse o processo evolutivo contínuo. André Luiz explica como aconteceu a progressão do princípio inteligente, nos reinos da natureza, em ambos os planos da vida, até a sua individualização como Espírito.

A matéria elementar, [...] ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos [...]. A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espriar-se no colo da paisagem primitiva. Dessa geleia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações... Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes [princípio inteligente] exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído. Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos.¹⁴

Ao longo da incessante jornada evolutiva, o princípio inteligente aperfeiçoa-se durante sucessivos estágios no plano espiritual — sempre

sob a ação dos Orientadores da Vida Maior —, imprimindo, em consequência, mudanças nos corpos que se manifestavam no plano físico. O princípio inteligente faz surgir, então, as cristalizações atômicas, presentes nos seres inertes; ganha vitalidade, unindo-se ao princípio vital, e desencadeia a formação dos seres vivos primitivos — como vírus, bactérias e protozoários —; revela maior experiência nos vegetais, onde a sensibilidade é percebida; modifica-se mais profundamente e imprimindo transformações decisivas nos animais, a partir de certos répteis, faz surgir os mamíferos, com aperfeiçoamento do sistema nervoso e vascular.¹⁵

Alcançando [...] os pitecantropoides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.¹⁶

É interessante observar que o princípio espiritual, em sua laboriosa viagem, “adquire entre os dromatérios* [um tipo de lagarto] e nos anfitérios** [mamíferos sem placenta, ancestrais dos placentários] os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência.”¹⁵

Trata-se de informação especialmente importante, transmitida por André Luiz, pois demonstra que o progresso evolutivo não se revela apenas no nível biológico, mas também nos planos da mente.

De qualquer forma, as modificações estruturais são indeléveis, promovidas com a colaboração dos Espíritos orientadores (cocriadores em plano menor) ou por conta das reações naturais

* **Dromatérios:** réptil que melhor floresceu no triássico, período que se caracteriza pela presença de grandes sáurios (lagartos) aquáticos e terrestres; esse réptil desapareceu com o advento dos dinossauros carnívoros, e pode ser o último ancestral da maioria dos grupos mamíferos. In: MESQUITA, José Marques. *Elucidário de evolução em dois mundos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Eurício de Mário, 1984, p.36.

** **Anfitérios:** designação de mamíferos sem placenta, primitivos, cuja importância no terreno da evolução é enorme, sendo considerados a possível origem dos marsupiais, cujas fêmeas possuem bolsa formada pela pele do abdomen, e dos placentários (mamíferos com placentas). Op. Cit, p.33

(mutações, por exemplo). Foi assim que surgiram famílias, gêneros e espécies no Planeta. Entretanto, à medida que um grupo ou espécie se aprimora, por absorver novas mudanças, estabelece distâncias evolutivas entre os seres que os originaram, criando hiatos evolutivos, denominados *elos perdidos da evolução*, como foi anteriormente assinalado.

Em síntese, esclarece André Luiz que a mônada, ou princípio inteligente,

[...] através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra.¹⁷

Com o passar dos milênios, o princípio inteligente permanece em sua marcha ascendente, chegando ao estágio de humanização: “O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.”¹⁸

Todo esse processo evolutivo, percorrido pelo princípio inteligente nos reinos inferiores, indica que o “[...] princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*.”¹⁹

É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior [...]. Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, dispendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos.²⁰

Vemos assim, afirmam os Espíritos orientadores da Codificação, que antes da individualização e conseqüente humanização do princípio inteligente, o Espírito cumpre a primeira fase evolutiva, em uma “[...] série de existências que precedem o período que chamais de humanidade.”²¹

As primeiras encarnações do Espírito podem ocorrer na Terra, mas, em geral, acontecem em mundos apropriados:

A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. Geralmente, o período da humanização começa em mundos ainda mais inferiores. Isto, entretanto, não é regra absoluta, pois pode acontecer que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Esse caso não é frequente; seria antes uma exceção.²²

Referências

1. MOURA, Marta Antunes. Evolução e hereditariedade. In: *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, setembro de 2009. Ano 127. Nº 2.166, p. 25.
2. AMABIS, José Mariano e MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Biologia das populações: genética, evolução e ecologia*. Volume 3. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1994. Parte II, cap. 12, item 12.1, p. 218.
3. MOURA, Marta Antunes. Evolução e hereditariedade. Op. Cit., p. 25-26.
4. UZUNIAN Armênio; PINSETA, Dan; SASSON, Edésio e Sezar. *Biologia*. Livro 1. São Paulo, Editora Anglo, 1991, p. 78-95.
5. AMABIS, José Mariano e MARTHO, Gilberto Rodrigues. Op. Cit. Item 12.5, p. 226-227.
6. _____. p. 228-230.
7. _____. p. 230-231.
8. _____. Cap. 12, item 12.2, p. 218.
9. _____. Item 12.3, p. 219-220.
10. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/gregor-mendel/gregor-mendel-3.php>
11. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 79, p. 118.
12. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Primeira parte. Cap. 3 (Evolução e corpo espiritual), item: Primórdios da vida, p. 37.
13. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 45, p. 97.
14. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Op. Cit. p. 37-38.
15. _____. Item: Dos artrópodos aos dromatérios e anfitérios, p. 40.

16. _____. Item: Faixas inaugurais da razão, p. 41.
17. _____. Item: Elos desconhecidos da evolução, p. 42.
18. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 11, item 6, p. 265.
19. _____. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 607-a, p. 389-390.
20. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Item: Evolução no tempo, p. 42-43.
21. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit., questão 607, p. 389.
22. _____. Questão 607-b, p. 390

Orientações ao monitor

1. Sugerimos que o estudo seja realizado em duas ou três reuniões devido a extensão dos conteúdos desenvolvidos no Roteiro. Recomendamos também que os participantes façam, necessariamente, leitura do texto, a fim de facilitar o entendimento do assunto.
2. Cada reunião de estudo deve ser iniciada com breve exposição dos pontos mais significativos desenvolvidos no Roteiro. Sugerimos a seguinte ordenação:
 - » Primeira aula: estudar o item 1 (Adaptação, base da evolução biológica) e Anexo (teoria da formação da Terra e dos seres vivos).
 - » Segunda aula: estudar os itens 2 (Evidências da evolução biológica) e 3 (Evolução das espécies) .
 - » Terceira aula: estudar o item 4 (A evolução explicada pelo Espiritismo)
 - » Após cada exposição, propor atividades grupais que envolvam intensa participação dos integrantes da reunião.
3. Ficar atento à emissão de conceitos não-espíritas, que devem ser devidamente compreendidos. Se necessário, convidar alguém que tenha boa compreensão do assunto, um profissional da área, para explicar os conceitos científicos que integram os conteúdos do Roteiro.
4. Garantir que os princípios espíritas sejam destacados nas reuniões de estudo.

Anexo – Teorias da formação da terra e dos seres vivos

Fonte: Revista época. Edição especial, N° 346, de 03/01/2005. Editora Globo.

1. SOBRE AS ORIGENS

Há diversos modos de se debruçar sobre o mistério da criação do mundo e do homem. Confira as principais teorias religiosas do tronco judaico-cristão que ora se opõem, ora se entrelaçam com o darwinismo.

CRIACIONISMO

1.1. Criacionistas da Terra Jovem

Em comum, os integrantes desta linha criacionista acreditam que o planeta tenha sido criado por Deus há apenas 6 mil ou, no máximo, 10 mil anos. Subdividem-se em três grupos principais:

- » **Terra Plana:** para esse grupo, que faz interpretação literal da Bíblia, a Terra é chata, coberta por um firmamento, e as águas suspensas seriam as causadoras do Dilúvio. Embora seja um grupo cada vez menos expressivo, essa visão que remete à Antiguidade e à Idade Média persiste em pleno século XXI. Ex.: Charles K. Johnson (*International Flat Earth Society*).
- » **Geocêntricos:** aceitam que a Terra é redonda, mas negam todas as evidências científicas que, desde Copérnico (1473–1543) e Galileu (1564–1642), provam que é a Terra que gira ao redor do Sol e de seu próprio eixo — e não o contrário. Ex.: Gerardus Bouw (*Biblical Astronomer Organization*) e Tom Willis (*Creation Science Association for Mid-America*).
- » **Heliocêntricos:** aceitam as modernas concepções da Mecânica Celeste, embora não concordem com a idade estimada pela Ciência do universo (15 bilhões de anos) e da Terra (4,5 bilhões de anos). Ajudaram a popularizar a Teoria do Dilúvio e o criacionismo científico de George McCready Price. Ex.: Henry Morris e Duane Gish (*Institute for Creation Research*).

1.2. Criacionistas da Terra Antiga

Aceitam as evidências da antiguidade do planeta, mas ainda as encaixam na lógica das escrituras bíblicas. Subdividem-se em quatro grupos principais:

- » **Teoria do Intervalo:** estabelece que houve um longo intervalo temporal entre os versículos 1:1 e 1:2 do Gênesis, após o qual Deus teria criado o mundo em seis dias. Busca assim conjugar evidências geológicas e cosmológicas mais remotas sem abrir mão da criação divina literal registrada na Bíblia. Ex.: Herbert Armstrong (autor de *Mystery of the Ages*).
- » **Teoria do Dia-Era:** estabelece que o conceito de “dia” nas Escrituras representa, de forma figurada, períodos muito mais longos que 24 horas, compreendendo até mesmo intervalos de milhões de anos. Ex.: Testemunhas de Jeová (*Watchtower Bible and Tract Society of New York*).
- » **Teoria Progressiva:** aceita o *big bang* e a maioria das teorias da Física Moderna como reforços do poder criativo de Deus. Mas acredita que todos os seres vivos foram criados de modo progressivo e sequencial por Deus, sem relação de parentesco ou ancestralidade. Ex.: Hugh Ross (autor de *Reasons to Believe*).
- » **Design Inteligente:** versão criacionista mais sofisticada e de maior repercussão nos círculos acadêmicos e de poder do mundo atual. Como estratégia de marketing, seus adeptos não gostam de ser classificados como criacionistas. Afirmam que a complexidade do mundo natural prova uma intencionalidade. Seus argumentos se organizam de forma cada vez mais técnica para combater a teoria darwinista, em campos como Genética e Microbiologia. Ex.: Phillip Johnson, Michael Behe, William Dembski e George Gilder (*Discovery Institute*).

EVOLUCIONISMO

1.3. Evolucionismo teísta

Corrente que aceita completamente a Teoria da Evolução, mas não abre mão de seu caráter divino original. Crê que a descrição do Gênesis é simbólica, levando em conta o estilo literário hebraico da Antiguidade. Acredita que o processo criativo de Deus se expressa através dos postulados da Evolução, não vendo oposição entre Ciência e Fé. É a visão oficial do Vaticano e do papa, assim como da maioria das confissões protestantes, especialmente as denominadas “históricas”. Ex.: Teilhard de Chardin (autor de *The Phenomenon of Man*).

2. Evolucionismo metodológico materialista

Acredita que Deus não interfere no processo evolutivo. Pode ser subdividido em dois grupos principais:

- » **Linha Metodológica:** limita-se a descrever o mundo natural por meio de métodos científicos de investigação, excluindo o componente sobrenatural da equação. Adota uma postura agnóstica, nem defendendo nem negando sua existência. Ex.: Stephen Jay Gould (autor de *Rock of Ages: Science and Religion in the Fullness of Life*).
- » **Linha Filosófica:** mais próxima de uma atitude proclamada como “ateísta positiva”. Entende que o sobrenatural não existe. Mas prefere não discutir sobre isso. Cabe a quem tem fé o ônus da prova. Todos os processos, incluindo aí a Evolução, são naturais e assim devem ser estudados e analisados. Ex.: Richard Dawkins (autor de *The Blind Watchmaker*).

3. Criacionismo evolucionário

Grupo que conjuga influências tanto do ideário criacionista quanto do evolucionista. Considera que Adão não foi o primeiro ser humano criado, mas sim o primeiro dotado de alma por Deus. É muito semelhante ao Evolucionismo Teísta, diferindo apenas em alguns postulados teológicos, sendo mais próximo do Judaísmo que do Cristianismo. Ex.: Susan Schneider (autora de *Evolutionary Creationism: Torah Solves the Problem of Missing Links*).

O TABULEIRO DA DISCÓRDIA

Conheça os argumentos dos criacionistas na tentativa de desacreditar a Teoria da Evolução. E confira o que a Ciência diz.

CRIACIONISMO	EVOLUCIONISMO
Deus criou o homem e os demais seres vivos já na forma atual há menos de 10 mil anos.	O homem e os demais seres vivos são resultado de uma lenta e gradual transformação que remonta há milhões de anos.
Os fósseis (inclusive de dinossauros) são animais que não conseguiram embarcar na Arca de Noé a tempo de salvarem-se do dilúvio.	Os fósseis e sua datação remota confirmam que a extinção de espécies também faz parte do processo evolutivo.

Deus teria criado todos os seres vivos seguindo um propósito e uma intenção.	As transformações evolutivas são resultado de mutações genéticas aleatórias expostas à seleção natural pelo ambiente.
O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus e, portanto, não descende de primatas.	O homem não é descendente dos primatas atuais, mas tem uma relação de parentesco. Ambos descendem de um ancestral comum já extinto.

CRIACIONISMO	EVOLUCIONISMO
Não há como comprovar a hipótese evolutiva em laboratório e, portanto, ela não é científica.	Seres vivos com ciclo de vida mais curto comprovam a evolução por seleção e adaptação, como no caso de populações de bactérias resistentes a determinados antibióticos.
Desde Darwin, vários aspectos de sua teoria já foram revistos, o que prova sua inconsistência.	Apenas detalhes científicos que ainda não estavam claros no tempo em que Darwin viveu, como os avanços na área da Genética e da Biologia Molecular, foram revistos. No essencial, a teoria é válida há 145 anos.
A Segunda Lei da Termodinâmica demonstra que os sistemas tendem naturalmente à entropia (desorganização).	A Segunda Lei da Termodinâmica não se aplica a sistemas abertos, como os seres vivos.
A perfeição dos seres vivos comprova a existência de um Criador inteligente.	Os seres vivos são complexos, mas longe de serem perfeitos. O apêndice humano é um exemplo de estrutura residual sem função.
Mesmo admitindo a Evolução, ela só poderia ser de origem divina por caminhar sempre no sentido da maior complexidade e do aperfeiçoamento biológico.	A evolução não caminha sempre para a maior complexidade. Insetos atuais são mais simples que seus ancestrais já extintos. Nem sempre evolução significa melhoria, apenas maior adaptação ao meio ambiente.
A origem da vida ainda não é explicada de modo satisfatório pelos evolucionistas.	Aspectos fundamentais envolvendo a origem da vida ainda precisam ser mais bem esclarecidos, mas o método científico e não dogmático é o caminho mais adequado.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 19

PLANO FÍSICO

Objetivos

- » Descrever as principais características do plano físico, segundo o conhecimento científico e espírita.
- » Esclarecer o significado de consciência ecológica.

Ideias principais

- » Os estudos científicos sobre a natureza física do Planeta são desenvolvidos por diferentes áreas do conhecimento: Física, Química, Biologia, Matemática, Geologia, etc., genericamente denominadas *Ciências da Terra*.
- » Considerando a forma estrutural do Planeta, os estudos científicos se concentram nas organizações existentes nos quatro ambientes terrestres: litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera.
- » Para o Espiritismo, a Terra é apenas uma das inúmeras moradas existentes no universo e que oferecem, [...] *aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento*. Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. III, item, 2.
- » A consciência ecológica é processo educativo que propõe desenvolver mentalidade de saber utilizar os benefícios oferecidos pelo Planeta a todas as manifestações da vida, sem depredar ou destruir a natureza.

Subsídios

No planeta Terra sabemos da existência de dois planos: o físico e o espiritual. O primeiro tem sido objeto de estudo da Ciência, o segundo da Doutrina Espírita.

O plano físico é local onde se coloca em prática os planos reencarnatórios do Espírito, sendo que a natureza planetária é estudada pelas ciências da Terra, ou geociências, cujos conhecimentos abrangem áreas distintas — Física, Química, Biologia, Matemática — que usualmente se interrelacionam. Por meio do conhecimento oferecido por essas áreas, cientistas e estudiosos analisam a estrutura material do Planeta e as diferentes manifestações da vida: microbiana, vegetal, animal e humana. Contudo, as atividades científicas enfocam mais a superfície terrestre, local onde a vida se manifesta plenamente.

Considerando a forma do Planeta, uma esfera achatada nos polos, e a sua natureza, a moradia terrestre está dividida em quatro ambientes ou geosferas:

- » **Litosfera** (ou crosta terrestre) – camada sólida mais externa da Terra, é formada por rochas e minerais, compreendendo a crosta continental e oceânica. Nessas localidades predominam a vida microbiana, vegetal, animal e a humana.
- » **Atmosfera** – trata-se de uma camada gasosa que envolve a Terra, de aproximadamente 800 quilômetros de extensão, contados na vertical, a partir da superfície do Planeta. É formada de gases, principalmente nitrogênio e oxigênio, mas há outros, em proporções menores. Encontra-se também nesse espaço o vapor de água e o dióxido de enxofre.
- » **Hidrosfera** – esfera composta por toda água que existe no Planeta: águas glaciais, águas dos oceanos e mares, dos rios, das fontes, dos lagos e também as dos lençóis subterrâneos. As águas marinhas e salobras correspondem a 97,4% e, apenas 2,6% são água doce, fato que demonstra a importância da água salgada para a vida planetária.
- » **Biosfera** – comumente denominada “esfera da vida”, é um ambiente que abrange as porções de terra, mar e águas continentais habitadas pelos seres vivos. O homem encontra-se totalmente integrado à biosfera há milhares de anos, de forma que não é possível imaginar a sobrevivência da espécie humana terráquea fora desse ambiente.

Acredita-se que a Terra tenha mais de 4,4 bilhões de anos, mas há locais na superfície planetária que são relativamente recentes: cerca de 100 milhões de anos.

As informações que se seguem¹, retiradas da internet, fornecem esclarecimentos básicos sobre a origem e a formação da Terra.

A **Terra** é o terceiro planeta a partir do Sol. É o quinto maior e mais massivo dos oito planetas do Sistema Solar, sendo o maior e o mais massivo dos quatro planetas rochosos. Além disso, é também o corpo celeste mais denso do Sistema Solar. A Terra também é chamada de *Mundo* ou *Planeta Azul*. Abrigo de milhões de espécies de seres vivos, que incluem os humanos, a Terra é o único lugar no universo onde a existência de vida é conhecida. O planeta formou-se 4,54 bilhões (mil milhões) de anos atrás, e as primeiras evidências de vida surgiram um bilhão de anos depois. Desde então, a biosfera terrestre alterou significativamente a atmosfera do planeta, permitindo a proliferação de organismos aeróbicos, bem como a formação de uma camada de ozônio. Esta, em conjunto com o campo magnético terrestre, absorve as ondas do espectro eletromagnético perigosos à vida (raios gama, X e a maior parte da radiação ultravioleta), permitindo a vida no Planeta. As propriedades físicas do planeta, bem como sua história geológica e sua órbita, permitiram que a vida persistisse durante este período. Acridita-se que a Terra poderá suportar vida por outros 1,5 bilhão (mil milhão) de anos. Após este período, o brilho do Sol terá aumentado, aumentando a temperatura no planeta, tornando o suporte da biosfera insuportável.¹

Muito mais que estrutura física ou geológica, o planeta Terra é plano divino para o aprimoramento de um grupo de Espíritos, conhecido como humanidade Terrestre. Segundo Emmanuel,² a Terra

é um magneto enorme, gigantesco aparelho cósmico em que fazemos, a pleno céu, nossa viagem evolutiva. Comboio imenso, a deslocar-se sobre si mesmo e girando em torno do Sol, podemos comparar as classes sociais que o habitam a grandes vagões de categorias diversas. [...] Temos aí o símbolo das reencarnações. De corpo em corpo, como quem se utiliza de variadas vestiduras, peregrina o Espírito de existência em existência, buscando aquisições novas para o tesouro de amor e sabedoria que lhe constituirá divina garantia no campo da eternidade. De quando em quando, permutamos lugar com os nossos vizinhos e companheiros.²

Esclarece também o benfeitor espiritual que no plano físico, local onde transcorre a existência carnal, é que o Espírito “[...] encontra multiplicados meios de exercício e luta para a aquisição e fixação dos dons de que se necessita para respirar em mais altos climas.”³

Sendo assim, o ser humano deve aprender a preservar a moradia que lhe serve de processo evolutivo, educando-se, desde a mais tenra infância, como desfrutar dos seus benefícios sem provocar-lhe qualquer tipo de agressão. A consciência ecológica é meta que todo Espírito esclarecido almeja, a fim de que o Planeta ofereça boas condições de vida aos seus habitantes. Neste sentido, ensinam os orientadores⁴ da Codificação Espírita:

Deus não podia dar ao homem a necessidade de viver sem lhe conceder os meios indispensáveis. É por essa razão que faz a Terra produzir de modo a fornecer o necessário a todos os seus habitantes, visto que só o necessário é útil; o supérfluo nunca o é.⁴

Entretanto, assinala Allan Kardec: “A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e amor ao próximo.”⁵

O consumo passa a ser questão primordial quando se analisa o equilíbrio planetário, porque, em razão da compulsiva necessidade de consumo, ou consumo abusivo, o homem desenvolveu mentalidade predadora contra a natureza, capaz de pôr em risco a vida no Planeta.

Importa considerar que a exploração sistemática e predatória dos recursos naturais, ao longo dos milênios, está provocando o esgotamento, a extinção de muitos elementos, produzindo uma série de modificações ambientais como, por exemplo, o fim de certos tipos de combustível (petróleo), escassez de água, aumento do aquecimento global e a poluição generalizada da natureza.

O confrade André Trigueiro, em seu livro *Espiritismo e ecologia* aponta: “Enquanto os ecologistas usam ferramentas cada vez mais sofisticadas para medir os impactos do consumo sobre os recursos naturais, os espíritas denunciam os problemas éticos decorrentes do consumismo.”⁶ Considera, porém, que

em linhas gerais, ecologistas e ambientalistas apregoam valores que soam bastante ameaçadores a quem se acostumou a enxergar a

natureza como um gigantesco supermercado do qual basta retirar o que se deseja das prateleiras sem nenhuma preocupação com os limites do estoque.⁷

Sendo assim, é necessário que a nova geração de Espíritos receba, no lar e na escola, uma educação que tenha como base a construção da consciência ecológica, pertinente, madura, distante tanto das manifestações ingênuas da fé — segundo as quais Deus sempre suprirá a humanidade de recursos ilimitados de sobrevivência física, mesmo que o homem não se esforce para manter o equilíbrio planetário — ou de posicionamentos ideológicos radicais que estipulam ser a natureza intocável. É preciso, na verdade, estabelecer um ponto de equilíbrio entre essas duas posições.

A expressão “consciência ecológica” implica, sobretudo, garantia da sustentabilidade da vida no Planeta. Neste aspecto, ensinam os Espíritos da Codificação que é preciso desenvolver entendimento das leis de destruição e de preservação, usando os recursos da natureza sem abuso.

A palavra sustentabilidade é atualmente muito empregada quando se refere à consciência ecológica: traduz-se como “[...] conceito sistêmico, relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana”.

A principal proposta da sustentabilidade é:

Ser um meio de configurar a civilização e atividade humana, de tal forma que a sociedade, os seus membros e as suas economias possam preencher as suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente, e ao mesmo tempo preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir pró-eficiência na manutenção indefinida desses Ideais. A sustentabilidade abrange vários níveis de organização, desde a vizinhança local até o planeta inteiro. Para um empreendimento humano ser sustentável, tem de ter em vista quatro requisitos básicos. Esse empreendimento tem de ser:

- » Ecológicamente correto;
- » Economicamente viável;
- » Socialmente justo; e
- » Culturalmente aceito.⁸

Retornando às considerações de André Trigueiro, fazemos nossas as suas palavras:

Segundo o Espiritismo, a necessidade de destruição não se dá por igual em todos os mundos, e será cada vez menos necessária quanto mais evoluída física e moralmente for o planeta em questão. Importa reconhecer o gênero de destruição sobre o qual estamos falando. Um, de origem natural, conspira em favor da manutenção da vida; o outro, de origem antrópica, determina impactos negativos sobre os ciclos da natureza, precipitando cenário de desconforto ambiental crescente. Há uma questão moral embutida nessa situação. Se entendermos que as práticas sustentáveis, em seus diferentes aspectos, significam fazer o bem, não ser sustentável — ou a inação num cenário de crise global — ajuda a desequilibrar a balança para o outro lado. Se não existe neutralidade no universo, e cada ação ou inação reverbera de maneira distinta na forma como interagimos constantemente com o cosmos, é importante que a tomada de consciência se desdobre na direção de novas ações, novas rotinas, novas escolhas em favor da vida.⁹

Referências

1. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Terra>
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap.8 (A Terra), p. 39-40.
3. _____. Cap. 2 (No plano carnal), p. 16.
4. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, questão 704, p. 440.
5. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 25, item 8, p. 444.
6. TRIGUEIRO, André. *Espiritismo e ecologia*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. O consumo segundo o espiritismo, p. 68.
7. _____. p. 70.
8. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade>
9. TRIGUEIRO, André. *Espiritismo e ecologia*. Op. Cit. Capítulo: Lei de destruição, p. 49.

Orientações ao monitor

1. Como motivação inicial ao estudo, pedir aos participantes que leiam, atenta e silenciosamente, o texto de André Luiz, inserido em anexo.
2. Em seguida, analisar, em plenário, as principais ideias desenvolvidas pelo Espírito.
3. Realizar breve exposição sobre o conhecimento científico relacionado à constituição da terra, desenvolvido neste Roteiro de estudo.
4. Pedir aos participantes que localizem no Roteiro as ideias espíritas sobre o assunto, esclarecendo-as.
5. Fechar o estudo com análise do conceito de consciência ecológica, seu significado e importância.

OBSERVAÇÃO: informar à turma que o assunto da próxima reunião (A desencarnação) será desenvolvido por meio da dinâmica Foro de debates. Assim, convidar três pessoas para debater o assunto, após a realização de breve exposição (veja descrição da dinâmica no anexo do próximo Roteiro de estudo).

Anexo – TEXTO PARA LEITURA E REFLEXÃO

Ouvindo a natureza*

André Luiz

Em todos os ângulos da Vida Universal, encontramos patentes, os recursos infinitos da Sabedoria Divina.

A interdependência e a função, a disciplina e o valor são alguns aspectos simples da vida dos seres e das cousas.

Interdependência – a vida vegetal vibra em regime de reciprocidade com a vida animal. A laranjeira fornece oxigênio ao cavalo e o cavalo cede gás carbônico à laranjeira.

* XAVIER, Francisco Cândido e Vieira Waldo. *Ideal espírita*. 11. ed. Uberaba[MG]: CEC, 1991. Por diversos Espíritos. cap. 44 (Ouvindo a natureza, mensagem do Espírito André Luiz), p. 112-113.

Função – o fruto é o resultado principal da existência da planta. A laranjeira, conquanto possua aplicações diversas, tem na laranja a finalidade maior da própria vida.

Disciplina – cada vegetal produz um só fruto específico. Existem infinitas qualidades de frutos, todavia a laranjeira somente distribui laranjas.

Valor – cada fruto varia quanto às próprias qualidades. A laranja pode ser doce ou azeda, volumosa ou diminuta, seca ou suculenta.

Antes de o homem surgir na superfície do Planeta, o vegetal, há muito, seguia as leis existentes.

Como usufrutuários do universo, saibamos, assim, que toda ação humana contrária à natureza constitui caminho a sofrimento.

Retiremos dos cenários naturais as lições indispensáveis à nossa vida. Somos interdependentes.

Não vivemos em paz sem construir a paz dos outros. Temos funções específicas.

Existimos para colaborar no progresso da Criação, edificando o bem para todas as criaturas.

Carecemos de disciplina.

Sem método em nossos atos, não demandaremos a luz da frente. Somos valorizados pelas leis divinas.

Valemos o preço das nossas ações, em qualquer atividade, onde estivermos.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 20

A DESENCARNAÇÃO

Objetivos

- » Analisar ideias espíritas e não espíritas a respeito da morte ou desencarnação.

Ideias principais

- » *A [...] morte constitui ainda acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em todos os níveis. O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer e com os pacientes moribundos.* Elisabeth Kübler-Ross: *Sobre a morte e o morrer*, cap. 1.
- » *Só o ser humano tem consciência da própria morte. Por se perceber finito, pergunta-se sobre o que poderá ocorrer após a morte. A crença na imortalidade, na vida depois da morte, simboliza bem a recusa da sua destruição e o anseio da eternidade.* Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins: *Filosofando*, unidade IV, quarta parte: A morte.
- » *Com a desencarnação, o Espírito [...] retorna ao mundo dos Espíritos, que havia deixado momentaneamente.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 149–comentário.
- » *Na desencarnação, [...] o perispírito se desprende molécula a molécula [do corpo], conforme se unira, e o Espírito é restituído à liberdade.*

Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito. Allan Kardec: A gênese cap.11, item 18.

Subsídios

1. O que é morrer ou desencarnar

A morte, ou desencarnação segundo a terminologia espírita, é o fenômeno biológico por meio do qual ocorre a cessação da vida orgânica no corpo físico. A desencarnação se dá, exatamente, quando o Espírito se separa do corpo ao qual estava ligado, caracterizando o momento em que “[...] retorna ao mundo dos Espíritos, que havia deixado momentaneamente.”¹ A sua individualidade mantém-se preservada no além-túmulo, e, graças ao seu perispírito conserva, quase sempre, os traços fisionômicos que possuía na última encarnação.² No plano espiritual, o desencarnado aprende, aos poucos, a se relacionar com outros desencarnados, iniciando nova etapa de sua existência.

Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra [...], sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados. [...].³

Em geral, as pessoas temem a morte, e, mesmo entre os espíritas, percebe-se que esse medo não está totalmente ausente. Analisando a questão, esclarece a doutora Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004), renomada psiquiatra de fama mundial, em razão dos profundos conhecimentos adquiridos sobre a morte em sua prática médica junto a pacientes que se encontravam nas fases finais da existência:

Morrer é parte integrante da vida, tão natural e previsível quanto nascer. Mas ao passo que o nascimento é motivo de comemoração, a morte se tornou um temido e inexprimível assunto, evitado de todas as maneiras na sociedade moderna. Talvez porque nos chame atenção para nossa vulnerabilidade humana, apesar de todos os avanços tecnológicos. Podemos retardá-la, mas não podemos escapar a ela. [...] E a morte ataca indiscriminadamente — ela não se importa com o

status ou posição daqueles a quem escolhe; todos devem morrer, ricos ou pobres, famosos e desconhecidos. Até as boas ações não livram da morte seus praticantes; os bons morrem tão frequentemente quanto os maus. Talvez seja essa imprevisível e inevitável qualidade que faça a morte tão apavorante para muitas pessoas. Em especial, os que dão grande valor ao fato de controlar sua própria existência são os que mais se abalam com a ideia de que também estão sujeitos às forças da morte.⁴

2. Concepções filosóficas sobre a morte

As interpretações filosóficas sobre o assunto indicam que a morte pode ser analisada em três níveis:

- a. **Início de um ciclo de vida:** “entendida assim por muitas doutrinas que admitem a imortalidade da alma. Para elas, a morte é o que Platão chamava de *separação entre a alma e o corpo*.”⁵

Com essa separação de fato, inicia-se o novo ciclo de vida da alma: seja ele entendido como reencarnação da alma em novo corpo, seja uma vida incorpórea. Plotino expressava essa concepção dizendo: “Se a vida e a alma existem depois da morte, a morte é um bem para a alma porque esta exerce melhor sua atividade sem o corpo.”⁵

Em decorrência, afirmava o filósofo prussiano, Schopenhauer (1788–1860), “a morte é comparável ao pôr-do-sol, que representa, ao mesmo tempo, o nascer do sol em outro lugar”.⁶

- b. **Fim de um ciclo de vida:** assim compreendido por vários filósofos do passado e do presente. “Marco Aurélio considerava-a como repouso ou cessação das preocupações da vida; conceito que ocorre frequentemente nas considerações da sabedoria popular [...]”⁶

A morte como o término de um ciclo de vida é, da mesma forma, um conceito religioso enquanto associado ao pecado original. Para Moisés, a morte representa o fim das tribulações humanas impostas à humanidade, em razão do pecado de Adão e Eva: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia que em que dela comeres, morrerás” (*Gênesis*, 2:17). Interpretando o caráter legalista do judaísmo, o apóstolo Paulo afirmava: “Eis por que, como por meio de um só homem [Adão] o pecado entrou no mundo e, pelo

pecado, a morte; assim, a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (*Epístola aos Romanos*, 5:12).⁷

- c. **Possibilidade existencial:** “implica que a morte não é um acontecimento particular, situável no início ou no término de um ciclo de vida do homem, mas uma possibilidade sempre presente na vida humana, capaz de determinar as características fundamentais desta”.⁶

Qualquer uma dessas possibilidades é condizente com o pensamento espírita de que a vida no mundo corpóreo é transitória e que todas as criaturas vivas que aí se encontram estão de passagem. A vida verdadeira ocorre no plano espiritual. E não se trata de pensamento recente, ao contrário, é advogado por inúmeros filósofos, desde a mais remota Antiguidade.

No diálogo *Fédon*, Platão descreve os momentos finais da vida de Sócrates antes de sua execução, quando discute com os discípulos sobre a ligação do corpo e alma. Sendo o corpo um estorvo da alma, a serenidade do sábio diante da morte é reconhecimento de que a separação significa liberação do espírito.⁷

Mais recentemente, mas mantendo-se dentro dessa linha de raciocínio, assinala Martin Heidegger (1889–1976), o erudito filósofo alemão, que a morte é “[...] aquilo que confere significado à vida.”⁷ De fato, segundo a Doutrina Espírita só morre bem quem viveu bem, quem deu significado à sua existência.

[...] Para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se elevam acima das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, enquanto o corpo ainda tem vida orgânica, o Espírito já penetra na vida espiritual, apenas ligado por elo frágil que se rompe com a última pancada do coração. [...].⁸

3. Concepções científicas e legais sobre a morte

3.1. Conceito científico de morte

Do ponto de vista da Medicina, a morte é a cessação de todas as funções vitais; a perda dos reflexos do tronco cerebral e medula espinhal, situação comprovada pelos gráficos lineares de eletroencefalogramas (EEG) realizados no período de 24 horas.

O estudo da morte pela Ciência é denominado *Tanatologia* (do grego *tanathos* (morte) + *logia* (estudo)). Por se tratar de matéria complexa, a morte para ser atestada deve estar associada ao critério mínimo de cessação total e irreversível da função cerebral, da função espontânea dos sistemas respiratório e circulatório.

Com o surgimento da prática médica de transplantes de órgãos, contudo, novos critérios para a determinação da morte foram impostos, justamente porque há necessidade de que os órgãos a serem transplantados estejam íntegros e viáveis. Passou-se, então, a valorizar o critério de *morte encefálica*.

Partindo-se do princípio de que a morte é um processo lento e gradual, é necessário fazer algumas distinções: *morte clínica* ou paralisação da função cardíaca e da respiratória; *morte biológica* ou destruição celular; e *morte encefálica* a qual resulta na paralisação das funções encefálicas (não só as do cérebro).

Recordamos que o encéfalo é o centro do sistema nervoso dos vertebrados, inclusive do homem. Está localizado na cabeça, protegido pelo crânio, e possui os seguintes órgãos: cérebro, cerebelo, ponte ou protuberância e bulbo. Em continuação ao encéfalo, temos a medula nervosa ou espinhal. O conjunto, encéfalo e medula cérebro-espinhal, constitui o Sistema Nervoso Central.

A morte clínica é pouco valorizada nos dias atuais, em razão dos avanços tecnológicos da medicina que, conjugados aos processos de reanimação, permitem manter a vida vegetativa do enfermo, mesmo que já exista morte encefálica.

A manutenção do estado vegetativo do paciente, por meio de medicamentos e equipamentos, conduz a outros tipos de discussão, sobretudo a relacionada à eutanásia.

3.2. Eutanásia

É a forma de apressar a morte da pessoa portadora de doença incurável, por meio de procedimentos que não produzam sofrimento. Trata-se de um ato médico com o consentimento do doente, ou da família deste. A eutanásia é um assunto muito discutido nos planos éticos e da ciência jurídica.

Nessa questão, é relevante distinguir eutanásia de “suicídio assistido”, na medida em que na primeira, é uma terceira pessoa que

executa (o médico), e no segundo é o próprio doente que provoca a sua morte, ainda que para isso disponha da ajuda de terceiros.

Do ponto de vista religioso é tida como uma usurpação do direito à vida humana, que é concedida por Deus. No sentido ético, a eutanásia contraria o juramento de Hipócrates — que é o de preservar a vida por todos os meios ao alcance do médico —, partindo-se do fundamento de que a vida é um dom sagrado. Pela perspectiva jurídica, no nosso país e em outros que não aprovam a eutanásia, esta é considerada homicídio.

A **distanásia** é conceito oposto ao de eutanásia, pois defende a ideia de que todas as possibilidades devem ser utilizadas para prolongar a vida do ser humano, ainda que a cura não seja uma possibilidade e o sofrimento do enfermo se prolongue.

3.3. Tipos de eutanásia

A eutanásia pode ser classificada, basicamente, em duas formas, assim expressas:

Como tipo de ação

- » Eutanásia ativa: o ato deliberado de provocar a morte sem sofrimento do paciente, [considerado] por fins misericordiosos.
- » Eutanásia passiva ou indireta: a morte do paciente ocorre, dentro de uma situação de terminalidade, ou porque não se inicia uma ação médica ou pela interrupção de uma medida extraordinária, com o objetivo de minorar o sofrimento [não se aplicam medicamentos, não se utilizam aparelhos, encaminha-se o doente terminal à família para que a morte ocorra naturalmente].
- » Eutanásia de duplo efeito: quando a morte é acelerada como uma consequência indireta das ações médicas que são executadas visando o alívio do sofrimento de um paciente terminal.

Como um consentimento do paciente

- » Eutanásia voluntária: quando a morte é provocada atendendo a uma vontade prévia do paciente.
- » Eutanásia involuntária: quando a morte é contra a vontade do paciente.
- » Eutanásia não voluntária: quando a morte é provocada sem que o paciente tenha manifestado sua posição em relação a ela, mas, em geral,

há aprovação familiar. (Informações disponíveis em: www.bioetica.ufrgs.br/eutanasi.ltm)

3.4. Ortotanásia

O termo ortotanásia, em linguagem médica, significa morte no tempo correto ou morte natural, e é um procedimento que visa à humanização da morte, sem a utilização de meios para abreviá-la e também sem tomar atitudes desproporcionais para mantê-la. O termo para a Medicina tem sido diferente do usado na área jurídica, que o utiliza como sinônimo de eutanásia passiva, gerando equívocos.

O Movimento Médico-Espírita, segundo o Adendo à Carta de Princípios Bioéticos da Associação Médico-Espírita do Brasil - AME-Brasil, estabelecido no VI Congresso Nacional das Associações Médico-Espíritas do Brasil, reafirma, dentre outros, ser:

- a. Contra a eutanásia e a distanásia, referendando a escolha de atitudes terapêuticas que permitam a morte natural com menos sofrimento e total apoio para o paciente e a família.
- b. Contra quaisquer formas de violação do direito à vida, que se inicia, do ponto de vista físico, com a fecundação e cessa na desencarnação.

(Informações disponíveis em: www.amebrasil.org.br/html/adendo.htm. Consulta realizada em 10/08/2011).

3.5. Procedimentos legais relativos à morte

A comprovação do falecimento é especificada em legislação própria, muito semelhante na maioria dos países, inclusive na brasileira.

As normas vigentes na sociedade moderna determinam que a morte seja atestada por meio de procedimentos técnicos e legais, uma vez que a morte pode ter consequências para outras pessoas ou para a natureza. No caso do ser humano, faz-se a confirmação por meio do “Atestado de Falecimento”, assinado por um médico. Procedimentos semelhantes, de base científica, são igualmente utilizados para comprovar a morte de seres não humanos.⁹

Se a pessoa falecida recebia atendimento médico, o profissional de medicina responsável pelo doente emite o *atestado de óbito* que, após o registro no cartório civil, dá início à cerimônia fúnebre, esta sim, variável em diferentes culturas. Contudo, caso o falecimento

tenha acontecido na ausência de acompanhamento médico, deve-se fazer ocorrência na delegacia policial, mais próxima da residência do falecido. A delegacia fará o recolhimento do corpo e providenciará o atestado de óbito.

Na morte registrada no hospital, antes que se completem 24 horas de internação do paciente, o médico responsável pelo doente encaminha o corpo à necropsia, após assinar o atestado de óbito. Caso o falecimento tenha ocorrido depois das 24 horas de hospitalização, o médico responsável assina o atestado de óbito, no próprio hospital, sem necessidade de necropsia.

Nos casos de morte violenta (homicídio ou suicídio), é necessário fazer boletim de ocorrência policial, independentemente do acompanhamento médico.

As cerimônias fúnebres são caracterizadas pelos procedimentos comuns, de velório e sepultamento ou cremação do corpo. No caso específico da cremação, a lei exige declaração de intenção, previamente assinada pela pessoa que morreu, ou autorização de parente mais próximo, sendo que ambas declarações, atestado de óbito e declaração de intenção, devem ser registradas em cartório.

O cerimonial fúnebre faz parte das tradições religiosas, expressando diferentes ritos. Neste sentido, os serviços de saúde, sobretudo os hospitalares, não devem impedir ou dificultar a manifestação de fé do enfermo terminal, ou dos familiares próximos, considerando que

independentemente das diferentes interpretações das diversas correntes religiosas, todas elas consideram bastante valioso o apoio espiritual dado ao paciente em processo de morrer. Para reforçar essa dimensão do cuidado a Associação Médica Mundial na Declaração sobre os Direitos dos Pacientes revisada na 56ª Assembleia, realizada em outubro de 2005, em Santiago, Chile, diz textualmente: *o paciente tem o direito de receber ou recusar o conforto espiritual incluindo a ajuda de um ministro de religião da sua escolha.*¹⁰

Atualmente, a maioria das mortes ocorre no hospital. A despeito dos cuidados e recursos tecnológicos oferecidos ao enfermo e ao agoniante, contraditoriamente, esta “[...] é uma das razões fundamentais que tornam a morte tão dura”,¹¹ assinala Elisabeth Kübler-Ross, pois o hospital é um ambiente impessoal, por natureza, “[...] uma instituição despersonalizaste que não é, por definição, estabelecido para suprir as

necessidades de pessoas cujas condições psicológicas estão além da capacidade hospitalar de socorro; [...] não há nada neste sistema que supra a carência do espírito humano quando o corpo necessita de cuidados.”¹¹

Em consequência, dá-se muita ênfase à humanização da prestação dos serviços de saúde nos dias atuais que, no caso do agonizante, é encaminhado à convivência familiar, a fim de receber carinho e afeto nos seus últimos momentos no corpo físico, se já foram esgotados todos os recursos médico-hospitalares.

As informações sobre a continuidade da vida, a imortalidade do Espírito e as possibilidades de reencontrar entes queridos, já falecidos, podem e devem ser repassadas ao doente terminal, mesmo sendo ele materialista. Entretanto, é preciso usar de muito tato e saber identificar o momento mais propício, evitando sobrecargas de preocupações ao moribundo.

O trabalho com o paciente moribundo requer certa maturidade que só vem com a experiência. Temos de examinar detalhadamente nossa posição diante da morte e do morrer, antes de nos sentarmos tranquilos e sem ansiedade ao lado de um paciente em fase terminal. [...] O terapeuta — médico, capelão ou quem quer que assuma este papel — tentará, através de palavras ou ações, fazer com que o paciente sinta que não vai sair correndo se forem mencionados os termos câncer ou morrer. O paciente entenderá essa dica e se abrirá, ou fará com que o entrevistador perceba que a mensagem o agrada, embora não seja o momento certo. O paciente deixará que essa pessoa perceba quando ele estiver disposto a transmitir seus anseios, e o terapeuta o assegurará de que voltará no momento oportuno. [...].¹²

4. A transição entre a vida corporal e a espiritual

A morte é um fenômeno natural, experimentado pelos Espíritos vezes sem conta, e resultante da falência dos órgãos. Entretanto, conforme o gênero de morte, o desligamento da alma do corpo pode ser mais ou menos lento, situação que provoca, em muitos casos, sofrimento ou desconforto.

Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe. O princípio vital [que animava o corpo], não mais

encontrando elemento para a sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado de vida se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas ou uma roupa imprestável.¹³

O fenômeno da desencarnação é oposto ao da encarnação. Nesta, o perispírito está “enraizado”, molécula a molécula, no corpo físico, semelhante às raízes de uma planta na terra.¹⁴ Na desencarnação, “[...] o perispírito se desprende, *molécula a molécula*, conforme se unira, e o Espírito é restituído à liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.* [...]”¹⁵

O desligamento perispiritual não ocorre de forma abrupta, mesmo em se tratando do suicídio, mas nem sempre é possível demarcar, com precisão, o momento exato da separação do Espírito do corpo. Segundo os Espíritos orientadores, “[...] a alma se desprende gradualmente e não escapa como um pássaro cativo a que se restituiu subitamente a liberdade. Aqueles dois estados [desencarnação e desligamento do corpo] se tocam e se confundem, de modo que o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o prendiam: *eles se desatam, não se quebram.*”¹⁶

[...] A observação comprova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo-se dizer que o momento da morte é também o da libertação; em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi *toda material e sensual*, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica a existência, no corpo, da menor vitalidade, nem a possibilidade de um retorno à vida, mas simples afinidade entre o corpo e o Espírito, afinidade que sempre guarda relação direta com a preponderância que, durante a vida, o Espírito deu à matéria. [...].¹⁷

Segundo Elisabeth Kübler-Ross, já citada, quando a pessoa sabe que sofre de uma doença incurável, e que se encontra muito próxima da desencarnação, é comum ela passar por cinco fases: a) **negação** e **isolamento** (invocando erro de diagnóstico, faz mudança de médico, apela à religião); b) **raiva ou irritação** (sentimento de frustração e injustiça, revolta ou rebeldia contra a situação); c) **barganha** ou **negociação** (a Deus ou a outra força superior); d) **depressão** e, finalmente, e) **aceitação** (adquirindo paz interior pela resignação).¹⁸

Tais condições foram observadas na maioria dos pacientes, entretanto há uma minoria que não segue todas as fases citadas. Os indivíduos esclarecidos sobre a continuidade da vida, eliminam algumas fases, aceitando a morte iminente com certa facilidade. Os materialistas ou os que trazem a consciência presa a remorsos nem sempre aceitam resignadamente o fim da existência.

Nos momentos finais da desencarnação, o Espírito não tem, em geral, consciência de si mesmo, mas, entra no estado de agonia porque ainda existem resquícios da vida orgânica. Conforme a vida que levou, e o gênero de morte, a agonia pode prolongar-se ou retardar-se, produzindo, ou não, sofrimento.

Ensinam os orientadores espirituais que a separação da alma, no exato instante da morte, não é, comumente, dolorosa, porque o Espírito encontra-se no estado de inconsciência, como se estivesse dormindo ou em coma.

O último suspiro quase nunca é doloroso, porque, ordinariamente, ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, durante as convulsões da agonia e, depois, as angústias da perturbação. É bom destacar logo que esse estado não é geral, porquanto, como já dissemos, a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, com a maior naturalidade. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro que se desprende do seu caule. É o caso das mortes calmas e de despertar pacífico.¹⁹

- » Caracteriza-se como **perturbação espiritual** o momento de transição que ocorre entre a vida corporal e a espiritual, durante a desencarnação. Allan Kardec apresenta o significado desse estado, nas explicações que se seguem.

[...] Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se estivesse num estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos *quase nunca* porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento [...]. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte; sua

duração é indeterminada, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as ideias são confusas, vagas, incertas; vê como que através de um nevoeiro, aclarando-se a vista pouco a pouco e lhe despertando a memória e o conhecimento de si mesma. Esse despertar, contudo, é bem diverso, conforme os indivíduos; nuns é calmo e cheio de sensações deliciosas; noutros é repleto de terrores e de ansiedades, qual se fora horrível pesadelo.²⁰

O estado de perturbação varia de Espírito para Espírito: “[...] Para aqueles cuja alma está depurada, a situação dura pouco, porque neles já havia um desprendimento antecipado, cujo termo a morte mais súbita não fez mais que apressar. Em outros, a situação se prolonga por anos inteiros. [...]”²¹

De qualquer forma, independentemente da causa geradora da desencarnação, das condições morais e intelectuais do desencarnante, das suas convicções e ações praticadas, a

alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios? [...] Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.²²

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Questão 149, p. 157.
2. _____. Questões 150 e 150-a, p. 158.
3. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 147, p. 118.
4. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Morte: estágio final da evolução*. Tradução de Ana Maria Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. Cap. 2, p. 32.

5. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 683.
6. _____. p.684.
7. ARANHA, Maria Lúcia Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando. Introdução à filosofia*. 3. ed. revista, São Paulo: Moderna, 2003. Unidade V (Ética), quarta parte: A morte, p. 347.
8. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Segunda Parte, cap. 1, item 9, p. 224.
9. MOURA, Marta Antunes. *O que é morte?* Reformador. Rio de Janeiro: FEB, março de 2006. Ano 124. Nº 2.124, p. 34.
10. GUTIERREZ, Beatriz Aparecida Ozello e CIAMPONE, Maria Helena Trench. *O processo de morrer e a morte no enfoque dos profissionais de enfermagem de UTIs*. Revista da Escola de Enfermagem da USP. vol. 41 no. 4 São Paulo Dec. 2007. Disponível em: (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S008062342007000400017&script=s_ci_arttext)
11. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Morte: estágio final da evolução*. Op. Cit., p. 33-34.
12. _____. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus parentes*. Tradução Paulo Menezes. 9 ed. São Paulo: WMF-Martins Fontes, 2008. Cap. XII (Terapia com doentes em fase terminal), p. 275-276.
13. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 11, item 13, p. 268.
14. _____. Item 18, p. 271.
15. _____. p. 272.
16. _____. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Questão155, p. 160.
17. _____. Questão 155–comentário, p. 161.
18. _____. KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus parentes*. Op. Cit. Capítulos III a VIII, p. 43-162.
19. KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Op. Cit. Segunda Parte, cap. 1, item 7, p. 223.
20. _____. Item 18, p. 271.
21. _____. Item 12, p. 226.
22. _____. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Op. Cit. Questão 148, p. 119-120..

Orientações ao monitor

1. Utilizando a dinâmica do Foro de debates (veja anexo), o coordenador do foro (monitor) apresenta os convidados à turma, indicando o assunto que cada um irá expor, no prazo máximo de 45 minutos (cerca de 10-15 minutos por convidado).

2. O secretário do foro é também apresentado, tendo a função de receber dos demais colegas dúvidas, perguntas e observações, fazendo pré-seleção e repassando-as ao coordenador do foro.
3. Após as explanações, o coordenador do foro encaminha aos convidados as indagações e considerações dos participantes, para serem respondidas ou comentadas.
4. Ao final, o monitor faz uma síntese do assunto estudado no foro, destacando os ensinamentos espíritas.

OBSERVAÇÃO: informar à turma que o assunto da próxima reunião (sobrevivência e imortalidade da alma) será desenvolvido por um convidado que, após a exposição, estará à disposição dos participantes para responder perguntas. Solicitar ao grupo leitura atenta do Roteiro, a fim de que ocorram indagações mais consistentes.

Anexo – Foro de debates

Para facilitar o desenvolvimento do assunto, a dinâmica do Foro de Debates deve ser executada adequadamente; para tanto sugerimos o seguinte:

- » Coordenação do foro: monitor ou alguém com experiência neste gênero de atividade.
- » Secretário do foro: um dos participantes é indicado para ser o auxiliar do coordenador. O secretário registra as principais ideias debatidas (faz uma síntese), que é lida em voz alta após cada exposição; recebe as perguntas/contribuições dos demais participantes do foro, encaminhando-as ao coordenador, após prévia seleção.
- » Expositores do foro: pessoas que têm domínio do assunto, podem ser convidados de fora do grupo, um especialista, monitores da casa espírita ou mesmo integrantes do grupo de estudo. Cada expositor explana um tema específico, por, no máximo, 15 minutos, responde as perguntas do coordenador, que foram formuladas pelo auditório, no momento apropriado.
- » Participantes do foro (ou auditório): são os membros usuais do grupo de estudo que encaminham perguntas/considerações ao secretário do foro, para serem respondidas pelos expositores, após seleção prévia (evita repetições e assuntos não relacionados ao estudo).
- » No final, o coordenador faz a integração do assunto, destacando pontos essenciais do estudo.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 21

SOBREVIVÊNCIA E IMORTALIDADE DA ALMA

Objetivos

- » Identificar argumentos que dificultam a aceitação da sobrevivência imortalidade do Espírito.
- » Analisar ideias filosóficas, religiosas e espíritas sobre o assunto.

Ideias principais

- » A principal dificuldade para aceitação da imortalidade e sobrevivência está relacionada à incapacidade humana de perceber, pelos sentidos físicos, o plano espiritual, os seus habitantes e a vida que ali ocorre.
- » Historicamente, contudo, a ideia de imortalidade e sobrevivência do Espírito faz parte da cultura e religião de diferentes povos.
- » Para o Espiritismo o ser humano é imortal, o que não morre, de acordo com o sentido etimológico, sendo que a sua sobrevivência é consequência inerente à criação do Espírito, naturalmente comprovada pelos fatos mediúnicos e pelos fenômenos de emancipação da alma.

Subsídios

As duas maiores dificuldades para admitir a ideia de sobrevivência do Espírito estão relacionadas aos fatores invisibilidade do plano extrafísico e à escassez de leituras a respeito do assunto.

Uma coisa é não poder perceber algo por limitação dos órgãos corporais, outra, bem diferente, é manter-se desinformado. Assim, o fato de não conseguirmos perceber o infinitamente pequeno, os micróbios, por exemplo, que são invisíveis a olho nu, não impede que eles existam e sejam identificados como agentes envolvidos em processos de saúde e de enfermidades.

Na verdade, com o aperfeiçoamento de equipamentos, métodos e técnicas tem sido possível ampliar as limitações físicas e psíquicas da percepção. Vemos, então, que alguns equipamentos e aparelhagens, acionados por computadores, ampliam os sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato. Da mesma forma, por meio de metodologias apropriadas é possível aprimorar determinadas habilidades: percepção extrassensorial, atenção, meditação, etc.

Importa considerar, também, que o fato de não visualizarmos o plano espiritual ou mesmo outros estados da matéria, propriamente dita (o gasoso, por exemplo), sem o auxílio de equipamentos, não quer dizer que eles não existam. Logo, é importante não aceitarmos como real, ou verdadeiro, apenas o que pode ser visto, ouvido, medido, pesado, apalpado, provado etc.

A realidade espiritual pode ser percebida sem que, necessariamente, sejamos portadores de mediunidade de efeito patente. A intuição e a inspiração são exemplos de faculdades psíquicas que podem ser ampliadas, corriqueiramente.

Um ponto fundamental, muito considerado pela Ciência, em especial na investigação/análise de enfermidades realizada por médicos e psicólogos, diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de perceber além das aparências ou dos relatos/comportamentos dos pacientes.

A observação atenta da realidade objetiva que nos cerca permite o aperfeiçoamento de habilidades, como a empatia, a interpretação correta de gestos e expressões corporais, ou o sentido verdadeiro das palavras proferidas e dos silêncios.

Partindo-se, pois, do conhecido, do visível e audível, pode-se conhecer o invisível ou o que escapa aos sentidos. Por este motivo, James Hillman (1926 –), psicólogo estadunidense, analista junguiano e conferencista de fama mundial afirma e indaga, ao mesmo tempo:

Grandes questões filosóficas giram em torno das relações entre o visível e o invisível. Nossas crenças religiosas separam os céus e a terra, esta vida e a vida após a morte, e nossa mentalidade filosófica dicotomiza mente e matéria, o que força o abismo entre o visível e o invisível. Como fazer uma ponte entre ambos? Como se pode transportar o invisível para o visível? Ou o visível para o invisível?¹

Para esse autor, há três pontes que permitem ou facilitam a travessia do visível para o invisível: **a matemática, a música e o mito**. Considera, também, que é possível pensar em uma quarta ponte: **o misticismo**, porque “[...] o misticismo iguala o visível ao invisível, tudo é transparente e proclama sua base invisível. Portanto, para o místico, não há abismo nem problema.”¹

Destacamos que a palavra “misticismo”, citada por James Hillman não é considerada algo secreto, escondido ou fantástico, como divulgam as teologias religiosas. Está relacionada ao sentido etimológico do vocábulo (misticismo, do grego *mystica*, de *myo* = “eu fecho” os olhos, para me ensimesmar, para ver no meu íntimo), que se traduz como reflexão, experiência psicológica e/ ou psíquica — ou, ainda, mediúnica e de emancipação da alma, segundo a terminologia espírita.

Hillman pondera também que as

equações matemáticas, as notações musicais e as personificações do mito atravessam a área indistinta entre dois mundos. Oferecem uma face sedutora que parece apresentar o outro lado desconhecido [...] Achamos que a verdadeira explicação do mundo invisível é matemática e pode ser expressa pela equação do campo unificado, ou que é uma harmonia musical das esferas, ou que consiste em seres e poderes míticos, com nomes e formas, que puxam cordéis e determinam o visível.¹

Como o indivíduo comum nem sempre revela condições para enveredar pelos abstratos caminhos da matemática e da música, o misticismo surge, então, como o caminho mais viável. A intuição, por exemplo, é uma via de acesso que todos podem trilhar. O mesmo se diz da inspiração, da análise racional e comparativa (reflexiva).

São faculdades e habilidades humanas que podem ser desenvolvidas pelo exercício.

1. Imortalidade e sobrevivência do espírito

A sobrevivência da alma é ponto resolvido pelos espiritualistas e religiosos, sobretudo pelos espíritas, ainda que cada corrente de pensamento tenha interpretação particular. A própria Ciência que tradicionalmente tem como foco o homem corpóreo e a natureza física, já começa a admitir que há algo além do mundo das formas, e que o homem não se restringe a um amontoado de ossos, músculos, nervos e células. A existência e a imortalidade da alma representam um desafio que, cedo ou tarde, a Ciência terá que enfrentar, como comenta a congreira Hebe Laghi de Souza:

Não importa que a ciência nos defina como simplesmente matéria, altamente especializada, mas ... matéria; complexamente organizada, mas ainda matéria, encontrando nos fluxos hormonais e bioquímicos toda a estrutura mental da consciência e da individualidade e onde a personalidade se estende, espalhando ali, nas fontes mentais, a sua marca. Não importa o que digam os cétricos e não importam todas as explicações aparentemente razoáveis dos materialistas, nada muda a verdade do que somos e nem altera a oportunidade de nela nos encontrarmos como seres espirituais.²

2. Evolução histórica da ideia da imortalidade

Do ponto de vista histórico, a ideia da imortalidade do Espírito sempre esteve presente na cultura de diferentes sociedades. Como esclarece Gabriel Delanne: “Verifica-se, com efeito, que os homens da época pré-histórica, a que se deu o nome de megalítica, sepultavam os mortos, colocando-lhes nos túmulos armas e adornos. É, pois, de supor-se que essas populações primitivas tinham a intuição de uma existência segunda, sucessiva à existência terrena.”³

Os cânticos védicos, fundamento milenar da formação religiosa hindu, falam da morada dos “deuses” no mundo espiritual, para onde se dirige a alma purificada: “Depois da morte, essa alma, revestida de um novo corpo, luminosa névoa resplandecente, de forma brilhante,

cujo brilho furta à fraca visão dos vivos [encarnados], é transportada à morada divina.”⁴

Da mesma forma, analisa Delanne, tão “longe quanto possamos chegar interrogando os egípcios, ouvi-los-emos afirmar a sua fé numa segunda vida do homem [...], onde habitam os antepassados.”⁵

Essa ideia de sobrevivência da alma é encontrada nos demais povos da Antiguidade, entre eles destacamos: os *persas*⁶ que seguiam a religião chamada *zoroastrismo* (ou masdeísmo, mitraísmo ou parsismo), organizada a partir dos ensinamentos do profeta Zoroastro ou Zarastutra, e aceitavam a crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final, na vinda de um messias — fato que influenciou as demais religiões monoteístas, constituídas posteriormente.

Os gregos⁶ com os ensinamentos dos filósofos, principalmente Sócrates e Platão, pregavam: “O homem é uma *alma encarnada*. Antes da sua encarnação, unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Alguns escritores, filósofos e teólogos antigos admitiam a imortalidade do espírito.

Dessa forma, é importante lembrar o pensamento de Orígenes (185–254 d.c.), exegeta e teólogo nascido em Alexandria, e as lucubrações dos pais da igreja, alexandrinos [...]. Eles tinham apenas uma dúvida, que afinal foi resolvida: qual seria o corpo que ressuscitaria no juízo final, o físico que baixou à sepultura ou o espiritual, de que nos falou São Paulo e posteriormente santo Agostinho, prevalecendo o segundo, o Ser Etéreo, que seria incorruptível, fino, tênue e imensamente ágil.

O italiano Dante Alighieri (1265–1321), notável escritor medieval, relata em sua monumental obra **Divina comédia** a peregrinação da alma na diferentes regiões do plano espiritual, vulgarmente conhecidas, respectivamente, como inferno, purgatório e céu (ou Paraíso).

Outro escritor e dramaturgo universalmente famoso, William Shakespeare (1564–1616), exprime em várias obras de sua autoria a convicção da imortalidade do espírito, por exemplo: em **Hamlet** o personagem Hamlet vê e ouve o espírito do pai, morto por assassinato, e com ele dialoga; em **Rei Lear** há interferências de espíritos no cotidiano das pessoas envolvidas no drama; em **MacBeth** a trama gira

em torno de premonições anunciadas por três médiuns, denominadas “bruxas”, aparição de espíritos, manifestações de espíritos, fenômenos de sonambulismo, etc.

Nos séculos XIX e XX vários estudiosos e cientistas confirmaram a existência e a sobrevivência da alma por meio de pesquisas e investigações. Na Inglaterra, um dos mais importantes foi Frederick William Henry Myers (1843–1901), fundador da sociedade de pesquisa psíquica, considerado “pai” de pesquisa psíquica.

A respeito de Myers e do seu trabalho, afirmou Theodore Flournoy (1854–1920), renomado médico suíço professor de psicologia e filosofia da universidade de Genebra:

[Considero] Myers uma das personalidades mais notáveis de nosso tempo no reino de ciência mental. Mais ainda, observou: se descobertas futuras confirmam sua tese da intervenção dos desencarnados, na trama de nosso mundo mental e físico, então seu nome será gravado no livro dourado do iniciado, e, unido aos de Copérnico e Darwin, ele completará a tríade dos gênios que mais profundamente revolucionaram o pensamento científico, na ordem, cosmológica, biológica e psicológica.

Na Inglaterra vamos encontrar outros cientistas de renome, quais sejam: o físico e químico William Crookes (1872–1919), cujos experimentos a respeito da imortalidade do Espírito foram amplamente divulgados na época em que viveu e que se encontram descritos no livro *Fatos espíritas*, editado pela FEB.

O matemático e físico Oliver Lodge (1851–1940) escreveu mais de 40 livros sobre a vida após a morte.

O biólogo Alfred Russell Wallace (1823–1913), investigou os fenômenos das mesas girantes e se revelou incansável na pesquisa da vida no além túmulo, a ponto de escrever para um familiar, em 1861: “Mas quanto a haver um Deus e qual seja a Sua natureza; quanto a termos ou não uma alma imortal ou quanto ao nosso estado após a morte, não posso ter medo algum de ter que sofrer pelo estudo da natureza e pela busca da verdade”.¹⁰ Mais tarde, ciente da veracidade das manifestações dos Espíritos afirmou: “são inteiramente comprovadas tão bem como quaisquer fatos que são provados em outras ciências”.¹⁰

Na França, além de Allan Kardec, vemos que o respeitado astrônomo Camille Flammarion (1842–1925), abraçou a causa

espírita e publicou várias obras sobre os desencarnados e suas influências espirituais.

Na Itália, destaca-se o médico criminalista Cesare Lombroso (1835–1909), considerado o “pai” da medicina forense. Durante muitos anos negou os fenômenos psíquicos e espirituais, rotulando-os de charlatanice e credulidade simplória. Porém, após participar de algumas sessões mediúnicas, realizadas pela médium italiana Eusápia Paladino, e verificando a veracidade e autenticidade da produção dos fenômenos de manifestação dos Espíritos, Lombroso iniciou as próprias investigações. Em 15 de julho de 1891 fez publicar uma carta, na qual declarava a sua rendição aos fatos espíritas, afirmando: “[...] estou muito envergonhado e desgostoso por haver combatido com tanta persistência a possibilidade dos fatos chamados espíritos; digo fatos, porque continuo ainda contrário à teoria. Mas os fatos existem, e deles me orgulho de ser escravo.”¹¹

Na Alemanha, encontramos no astrofísico Karl Friedrich Zöllner (1834–1882) e no médico Albert von Schrenck-Notzing (1862–1929) dois grandes estudiosos do mundo espiritual e das influências dos Espíritos. Para Zöllner o universo teria, além das três dimensões ensinadas pela geometria euclidiana, uma quarta, pela qual se explicariam os fenômenos de ordem mediúnica. Essa dimensão suplementar seria uma extensão da própria matéria, invisível e imperceptível aos sentidos físicos humanos. Com isso, os fenômenos espíritas perderiam a sua característica mística e ingressariam no campo da Física. Em seu livro *Provas científicas da sobrevivência*, editora EDICEL, constam inúmeras experiências realizadas pelo autor, e merecem ser conhecidas. Outro livro de sua autoria que trata do assunto, infelizmente edição esgotada (pode ser encontrada em boas bibliotecas), é *Física transcendental*.

No século XX, notadamente depois da segunda guerra mundial, surge um campo fértil de pesquisas científicas relacionadas aos fenômenos produzidos pelos desencarnados e condições de vida em outra dimensão, a espiritual. Na área espírita, não podemos esquecer a imensa contribuição do Espírito André Luiz que, em suas obras, desvendou o mundo espiritual.

Como tais estudos tiveram significativa projeção, alguns cientistas passaram a se interessar por eles. Sob vestimenta acadêmica, surge a **Parapsicologia**, também conhecida como **Pesquisa Psi**.

A Parapsicologia teve início efetivo em 1930, com os trabalhos do Professor Joseph Banks Rhine, que dirigiu o primeiro laboratório de parapsicologia do mundo, na Duke University, Carolina do Norte-USA.

A proposta da Parapsicologia é estudar fatos supostamente catalogados como sobrenaturais, mas associados às ações humanas: a) fenômenos psicocinéticos (PK); b) percepções extrassensoriais (PES).

Os fenômenos psicocinéticos, identificados por PK (*psychokinesis*), são caracterizados pela ação mental sobre o meio ambiente. Os principais fatos, analisados são assim nomeados: **telepatia** (transmissão do pensamento e emoções/sentimentos); **clarividência** (visualização de coisas e acontecimentos do mundo físico, através de um corpo opaco ou à distância); **clariaudiência** (percepções de sons, ruídos, frases, músicas, aparentemente não provenientes do plano físico); **precognição** (conhecimento de fatos que ainda não aconteceram); **retrocognição** (relatos de acontecimentos ocorridos no passado, por meio da PES), **psicocinesia** (ação anímica sobre a matéria por meio da mente).

Os fenômenos extrassensoriais (PES) são classificados em dois tipos: **Psi-Gama** (telepatia, clarividência, clariaudiência, xenoglossia etc.) e **Psi-Kapa** (levitação, transportes, desvios de pequenos corpos etc.).

Parapsicólogos modernos utilizam uma terceira categoria de fenômenos paranormais: os **Psi-Teta** que são os fenômenos mediúnicos, propriamente ditos.

Na atualidade, há grande impulso para o estudo da **parapsicologia forense**. Diz respeito ao trabalho mediúnico que envolve a solução de crimes, viabilizado por médiuns então denominados **investigadores psíquicos** (do inglês *Psychic Witness*). Nos Estados Unidos esse tipo de prática é relativamente comum, permitindo que médiuns trabalhem em conjunto com a polícia na investigação de crimes de difícil solução (inexistência de testemunhas, escassez de provas, excesso de suspeitos etc.).

A abrangência dos fatos espíritas teve novo impulso quando alguns estudiosos verificaram ser possível a comunicação dos Espíritos por meio de instrumentos e máquinas, quais sejam: gravadores de vozes, rádio, televisão, telefone, computador, entre outros. Esse tipo de comunicação foi cunhado com o nome **Transcomunicação Instrumental** (TCI).

A origem da moderna TCI está situada no início do século XX, quando alguns cientistas, como Thomas Alva Edison e Atila Von Szalay, entre outros, começaram suas experiências de TCI com aparelhos pouco sofisticados.

Acredita-se que a primeira obra sobre o assunto foi *Vozes do além pelo telefone*, do brasileiro Oscar D'Argonnel, publicada no Rio de Janeiro, em 1925.

Em 1959 Friedrich Jüergenson, russo naturalizado sueco, obteve gravações de vozes dos Espíritos com uma surpreendente regularidade. Com a publicação de suas pesquisas, em 1964, a TCI tornou-se mundialmente conhecida.

Os resultados do trabalho de Jüergenson estimularam o psicólogo e literato lituano *Konstantin Raudive* (1909–1974) a iniciar pesquisas sobre o tema, em 1965. Raudive é considerado um dos maiores estudiosos do assunto, em todo o Planeta. Este pesquisador realizou a proeza de gravar 72 mil frases dos Espíritos, que estão publicadas em sua obra *O inaudível torna-se audível*. Quem pretender obter maiores informações sobre TCI, não deve deixar de ler o livro *Ponte entre o aqui e o além*, de Hildegard Schäfer, editora Pensamento.

A Experiência de Quase Morte (EQM) é outra linha de pesquisa, especialmente desenvolvida pela médica suíça, naturalizada americana, Elisabeth Kübler-Ross. A pesquisa EQM faz referência a um conjunto de sensações e percepções associadas a situações de morte iminente, em razão da hipóxia cerebral, sendo que as mais divulgadas são o efeito túnel e a “experiência fora do corpo” (EFC), também denominada autoscopia. O termo foi cunhado por Raymond Moody, em seu livro *Vida depois da vida*, escrito em 1975.

As pessoas que vivenciaram o fenômeno de EQM relatam que flutuam acima do corpo físico; têm consciência nítida das duas realidades, a física e a espiritual; viajam por um túnel luminoso e informam que os seus sentidos ficam muito ampliados, sendo possível ter visão de 360 graus. Há encontros com parentes ou amigos desencarnados e, também, com “seres de luz” que lhes proporcionam paz interior. Em alguns relatos há encontros não muito felizes com desencarnados.

Por último, gostaríamos de deixar registrada uma breve referência sobre um plano investigatório da vida após a morte, descrito no livro: *O experimento scole, evidências científicas sobre a vida após a morte*, de autoria de Grant e Jane Solomon.¹²

Trata-se de uma obra, não espírita, que apresenta resultados de cinco anos de investigação sobre a vida no plano espiritual, conduzidos pelo Grupo Experimental Scole da cidade de Norfolk, Inglaterra. A pesquisa foi iniciada, em 1993, por quatro pesquisadores e médiuns curandeiros. Mais tarde, o grupo foi ampliado e, desde então, tem recebido apoio de pesquisadores da prestigiada *Sociedade de Pesquisa Psíquica do Reino Unido*. Todos os acontecimentos que caracterizam a ação dos Espíritos desencarnados foram gravados e/ou fotografados, formando um protocolo que, posteriormente, passa por minucioso estudo científico. Os resultados são considerados surpreendentes pela comunidade científica.

A Doutrina Espírita ensina que, além de sermos Espíritos imortais, conservamos a nossa individualidade no mundo espiritual, para onde retornaremos após a morte do corpo físico.¹³ Neste sentido, afirma Emmanuel que

embalde os corifeus do ateísmo propagarão as suas amargas teorias, cujo objetivo é o aniquilamento da ideia da imortalidade entre os homens; embalde o ensino de novos sistemas de educação, dentro das inovações dos códigos políticos, tentará sufocá-la, porque todas as criaturas nascem na Terra com ela gravada nos corações, inclusive os pretensos incrédulos, cuja mentalidade, não conseguindo solucionar os problemas complexos da vida, se revolta, imprecando contra a sabedoria suprema, como se os seus gritos blasfematórios pudessem obscurecer a luz do amor divino, estacando os sublimes mananciais da vida. Pode a política obstar à sua manifestação, antepondo-lhe forças coercitivas: a ideia da imortalidade viverá sempre nas almas, como a aspiração latente do Belo e o do Perfeito. Acima do poder temporal dos governantes e da moral duvidosa dos pregadores das religiões, ela continuamente prosseguirá dulcificando os corações e exaltando as esperanças, porque significa em si mesma o luminoso patrimônio da alma encarnada, como recordação perene da sua vida no Além, simbolizando o laço indestrutível que une a existência terrena à Vida Eterna, vislumbrada, assim, pela sua memória temporariamente amortecida.¹⁴

Como reflexão final, inserimos os lúcidos esclarecimentos transmitidos pelo apóstolo Paulo, que nos fala da existência do corpo espiritual, imponderável e incorruptível, que acompanha o Espírito em sua jornada reencarnatória e no além túmulo:

Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual. [...] Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? (I Coríntios, 15:44; 51-55. *Bíblia de Jerusalém*).⁹

Referências

1. HILLMAN, James. *O código do ser*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Cap. 4 (Voltando aos invisíveis), p.106.
2. SOUZA, Hebe Laghi. *Darwin e Kardec – um diálogo possível*. Campinas: Centro Espírita Allan Kardec, 2002. Cap. 1 (Novos conhecimentos), p. 26.
3. DELANNE, Gabriel. *A alma é imortal*. 4. edição revista. Tradução de Guillon Ribeiro. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Primeira parte, cap. 1 (Golpe de vista histórico), p. 18.
4. _____. A Índia, p. 20.
5. _____. O Egito, p. 21.
6. _____. A Pérsia. A Grécia, p. 25-28.
7. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Introdução IV, item I (Resumo da doutrina de Sócrates e Platão), p.44.
8. BUENO, Taciano. *O espiritismo confirmado pela ciência*. 1. ed. São Paulo: J.R. Editora, 2006. Cap.3 (O espírito é imortal), item 76, p.102.
9. <http://parapsi.blogspot.com/2008/09/frederic-william-henry-myers-1843-1901.html>
10. http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Russel_Wallace
11. http://pt.wikipedia.org/wiki/Cesare_Lombroso
12. SOLOMON, Grant e Jane. *O experimento scole, evidências sobre a vida após a morte*. Tradução de Henrique Amat Rego Monteiro. 1. ed. São Paulo: Madras, 2002.
13. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, questões 149 e 150, p. 159-160.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.15 (A ideia da imortalidade), p.107-108.

Orientações ao monitor

1. Apresentar à turma o convidado que irá realizar a exposição, esclarecendo que, após a explanação de aproximadamente 30 minutos, os participantes disporão de tempo para dirigirem perguntas ao expositor.
2. Transcorridas as atividades, agradecer as contribuições de todos, especialmente a do expositor convidado.
3. Em seguida, fazer o fechamento do estudo com breve comentário da citação de Paulo de Tarso (I Coríntios, 15:44; 51-55), inserida no final do Roteiro.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 22

O MUNDO ESPIRITUAL

Objetivos

- » Identificar as principais características da vida no plano espiritual.

Ideias principais

- » O mundo espiritual, que [...] é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*. Introdução VI.
- » Os mundos espiritual e físico são independentes, [...] não obstante, a correlação entre ambos é incessante, porque reagem incessantemente um sobre o outro. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 86.
- » [...] Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, já que ele se queixa de frio e calor. [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 257.
- » No mundo espiritual há [...] verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros. Espírito André Luiz. *Evolução em dois mundos*. Segunda parte, capítulo 7, item: Vida social dos desencarnados.

Subsídios

Após a desencarnação, ensina a Doutrina Espírita, o Espírito passa a viver associado às mentes que lhes são afins, em outra dimensão da vida conhecida como **mundo ou plano espiritual**, que “[...] é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.”¹ Esclarece igualmente que o plano espiritual é o “[...] dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas”,² enquanto o mundo visível ou corporal é habitado pelos seres materiais, que possuem um corpo físico.¹

Os dois mundos, espiritual e o físico são, de certa forma, independentes, “[...] não obstante, a correlação entre ambos é incessante, porque reagem incessantemente um sobre o outro.”³

Outra orientação espírita importante é a que, a despeito de o plano espiritual ser considerado a moradia de origem dos Espíritos e o local onde viverão definitivamente, após a conclusão dos ciclos reencarnatórios, os Espíritos não estão, a priori, condenados a viver circunscritos em regiões específicas (céu, inferno, purgatório), como ensinam algumas orientações religiosas. Os orientadores da Codificação Espírita⁴ afirmam que

os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o saibais, já que os Espíritos são uma das forças da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, pois há regiões interditas aos menos adiantados.⁴

Com a desencarnação, o Espírito reinicia a fase de reintegração no plano espiritual, de onde viera. Para alguns indivíduos essa reintegração é rápida e sem maiores obstáculos porque, desde a encarnação anterior, já se prepararam para o retorno à pátria definitiva. Contudo, para os Espíritos que se revelam prisioneiros da vida material e que não se esforçaram para desenvolver faculdades morais ou virtudes, os processos de adaptação se revelam desafiantes, quando não dolorosos.

De qualquer forma, estando o perispírito livre do jugo da matéria pela morte do corpo físico, passa a revelar propriedades mais sutis, de acordo com as aquisições intelectuais e morais do Espírito.

De qualquer forma, a adaptação no plano espiritual é assinalada por importante processo educativo, mesmo para os Espíritos que apresentam melhores condições evolutivas. Condicionamentos, hábitos, características outras que marcaram a vivência no plano físico, e também a forma como ocorreu a desencarnação, exercem poderoso efeito na mente e nos atos do desencarnado. Daí a necessidade, urgente, de se preparar para a morte do corpo físico que, cedo ou tarde chegará.

1. A vida no plano espiritual

É equívoco supor que os desencarnados não possuem sensações e percepções. Primeiro, porque o perispírito é de natureza semimaterial, sendo que em alguns Espíritos é tão denso que se assemelha ao veículo somático. Segundo, o perispírito possui os tecidos e órgãos que existiam no corpo físico, caso contrário este não poderia ser elaborado na reencarnação.

De acordo com o Espírito André Luiz, a desencarnação produz algumas modificações, mais ou menos significativas. As mais marcantes estão relacionadas às “[...] alterações da massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral [...]”⁵

A forma ou expressão fisionômica “[...] em si obedece ao reflexo mental predominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher [...]”⁶

Em geral, os Espíritos se comunicam pela fala, como é usual no plano físico, mas, com a ampliação das faculdades, a comunicação telepática torna-se mais eficiente. Mas há outras formas de comunicação:

Círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmar, com as próprias ideias, quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente subjagam.⁷

As vestimentas e acessórios utilizados são plasmados mentalmente pelos próprios Espíritos, “[...] mesmo os de classe inferior, guardam a facilidade de exteriorizar os fluidos plasticizantes que lhes são peculiares [...]”⁸

A alimentação parece ser um dos pontos mais desafiantes que o desencarnado vai enfrentar no além-túmulo. O homem encarnado está acostumado à ingestão sistemática de alimentos que lhe garantem a nutrição, pelo processo digestivo. Entretanto, não é incomum a ocorrência de excessos alimentares entre nós. Com a desencarnação, porém, a alimentação passa a ser mais fluídica, em razão da menor densidade dos elementos químicos que entram na constituição dos alimentos, por se encontrar o Espírito em outra dimensão da matéria.

André Luiz esclarece que os desencarnados que apresentam dificuldades na mudança de hábitos nutritivos “[...] são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica, recebendo-a em porções adequadas, até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior [...]”⁹

Esclarece também que a absorção nutritiva pode ocorrer por difusão cutânea no perispírito, conhecida como *alimentação psíquica*, comum dos Espíritos mais elevados:¹⁰

[...] a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma, porquanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutílizados ou sínteses químo eletro magnéticas, hauridas no reservatório da natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si. Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a Ideal euforia orgânica e mental da personalidade.

A desarmonia espiritual pode provocar fortes impressões no mundo íntimo do desencarnado, produzindo ações reflexas e somatizações penosas:

O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primeira desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa

percepção é o efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. De fato, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode congelar-se, nem se queimar. [...] Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso, já que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão [...]. Logo, a dor que sentem não é uma dor física, propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem. [...].¹¹

Enquanto o Espírito não completa o ciclo de reencarnações que lhe está destinado em determinado Planeta, decorrente de sua necessidade de progresso, ele é considerado “errante”, e se encontra no estado de “erraticidade”. Assim, no período existente entre uma encarnação e outra, o Espírito pode viver diferentes locais, a fim de desenvolver novos aprendizados e experiências.

A palavra “errante” — utilizada por Kardec designa a situação do Espírito que ainda precisa reencarnar, podendo causar, às vezes, algumas dúvidas. Assim,

Importa considerar errante, do francês *errant*, significa, neste contexto, o que não é fixo, o que é vageia. Indica, pois, um estado transitório. Diz-se do espírito “[...] que aspira novo destino, que espera.”¹²

O estado de erraticidade cessa quando o espírito atinge o grau de perfeição moral, tornando-se espírito puro.¹³ Nesta situação, ele não é mais considerado errante, pois não precisa reencarnar, a não ser que queira, visto que chegou à perfeição.

A duração da erraticidade é extremamente variável, sendo mais ou menos prolongada conforme o nível evolutivo de cada espírito. Sabe-se, porém, que quanto mais imperfeito é o espírito mais vezes ele retorna à vida corporal.” [...] não há, propriamente falando, um limite extremo estabelecido para o estado errante, que pode prolongar-se por muito tempo, mas que nunca é perpetuo. Cedo ou tarde, o espírito encontra sempre oportunidade de recomeçar uma existência que sirva à purificação das suas existência anteriores.”¹⁴

Vemos, então, que a desencarnação não opera mudanças bruscas, razão porque, informa Emmanuel, nas “[...] esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existência material [...]”¹⁵

2. Organização Social dos desencarnados

As relações de simpatia representam a base da organização social no além-túmulo. “A simpatia que atrai um espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos.[...]”¹⁶ os espíritos desencarnados

[...] se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos, tal como cresce em vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo.* Os da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias de Espíritos, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus ,pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.¹⁷

Importa considerar que, em razão das próprias condições evolutivas, sobre tudo as de ordem moral, os Espíritos não tem acesso livre às diferentes regiões do plano espiritual: “os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer influência sobre os maus. Mas as regiões habitadas pelos bons são interditadas aos espíritos imperfeitos, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores”.¹⁸

Para se ter uma ideia mais ampla a respeito da sociedade no plano espiritual, é importante fazer leitura dos treze livros que compõem a coleção *A vida no mundo espiritual*, transmitidos pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, e publicados pela editora FEB.

Uma das informações mais interessantes é a de que a sociedade espiritual está organizada em *níveis evolutivos*, à semelhança de “[...] mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram. [...]”.¹⁹ Nestas esferas aglutinam-se

verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros.²⁰

Como as organizações sociais refletem o nível evolutivo dos seus habitantes, há núcleos populacionais de maior e menor elevação espiritual. Existem locais de purgação e de grande sofrimento. Mas

em todas essas regiões, os Espíritos superiores amparam os que se debatem nos sofrimentos e,

na esfera seguinte à condição humana [plano físico], temos o *espaço das nações*, com as suas comunidades, idiomas, experiências e inclinações, inclusive organizações religiosas típicas, junto das quais funcionam missionários da libertação mental, operando com caridade e discrição para que as ideias renovadoras se expandam sem dilaceração e sem choque.²⁰

Informa André Luiz que cerca de dois terços da população existente no plano espiritual permanecem ligados, “[...] desse ou daquele modo, aos núcleos terrenos [...]”²¹

Assim, encontramos comunidades sociais localizadas muito próximas à crosta terrestre, abaixo desta, nas depressões, gargantas, despenhadeiros, vales, cavernas e seus arredores, genericamente denominadas **regiões abismais, abismos** ou de **trevas**. “Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos”,²² opina André Luiz. São Espíritos que preferindo “[...] caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado [...]”²²

A aparência desses Espíritos causa consternação e medo, pois apresentam expressões desagradáveis estampadas em suas fisionomias, que lhes deformam as feições.²³

Muitos se assemelham a “[...] perigosos gênios da sombra e do mal, personificando figuras diabólicas e assediando, indistintamente, as obras edificantes dos mensageiros do Pai. [...]”²³

A partir da superfície terrestre localiza-se o **Umbral**, uma vasta e heterogênea região. Os habitantes do Umbral mantêm-se fortemente vinculados aos encarnados, acompanham-nos de perto, imiscuindo-se nas suas vidas e atividades: “[...] O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.”²⁴

[...] O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior. [...] Há legiões compactas de almas irresolutas

e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem conduzidas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem enviadas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. [...] É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados. [...] A zona inferior a que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão. [...].²⁵

Acima do Umbral, situada em uma região fronteira, de transição para os planos superiores, encontram-se **Cidades ou Colônias de Transição**, como Nosso Lar, comunidade onde o Espírito André Luiz passou a viver, após a sua última encarnação. Outra colônia de transição conhecida é Alvorada Nova. Nessas comunidades o sofrimento ainda se faz presente, mas os seus habitantes, de evolução mediana, são mais esclarecidos. Essas cidades desenvolvem atividades gerais, comuns às demais que se lhes assemelham, e específicas, de acordo com a necessidade ou interesse dos seus dirigentes.

Acima das colônias de transição, localizam-se as **Comunidades Superiores**, habitadas por Espíritos muito mais esclarecidos, totalmente devotados ao bem e ao progresso humano. Para nós, Espíritos imperfeitos, tais localidades representam o próprio Paraíso. Expressam “[...] diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. [...].”²⁶

Como exemplo de colônias superiores, citamos a denominada **Plano dos Imortais**, citada no livro *Obreiros da vida eterna*, de André Luiz, psicografia de Chico Xavier, capítulo 3 (Sublime visitante).

O habitante das esferas superiores vive “[...] muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo o contato direto com a Crosta Terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de enviados e missionários de grande poder.”²⁷

As esferas ou regiões espirituais ainda permanecem invisíveis à maioria dos encarnados, a despeito de ambos os planos, o físico e o espiritual, se interpenetrem.

Segundo Emmanuel, “[...] se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.”²⁸

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Introdução VI, p.36.
2. _____. Questão 84, p. 122.
3. _____. Questão 86, p. 123.
4. _____. Questão 87, p. 123.
5. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Segunda parte, capítulo 3 (Corpo espiritual e volitação), p. 215.
6. _____. Cap. 4 (Linhas morfológicas dos desencarnados), p. 219.
7. _____. Cap. 2 (Linguagem dos desencarnados), p. 213.
8. _____. Cap. 5 (Apresentação dos desencarnados), p. 223-224.
9. _____. Cap. 1 (Alimentação dos desencarnados), p. 211.
10. _____. p. 211-212.
11. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 257, p. 224-226.
12. _____. Questão 224, p. 212.
13. _____. Questão 226, p. 213.
14. _____. Questão 224-a, p. 212.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 160, p.128.
16. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 301, p. 248.
17. _____. Questão 278, p. 241-242.
18. _____. Questão 279, p. 242.
19. XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 15 (A viagem), p. 100.
20. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Op. Cit. Segunda parte, capítulo 7 (Vida social dos desencarnados), p. 228.
21. _____. p. 229.
22. XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 44 (As trevas), p. 291.
23. _____. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 33. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 8 (Treva e sofrimento), p. 149.

24. _____. *Nosso Lar*. Op. Cit. Cap. 12 (O umbral), p. 81.
25. _____. p. 81-82.
26. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 1017, p. 619.
27. XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Op. Cit. Cap. 3 (Sublime visitante), p. 60.
28. _____. *O consolador*. Op. Cit. Questão 147, p.119.

Orientações ao monitor

1. Realizar palestra introdutória do assunto, apresentando em linhas gerais, as características do plano espiritual.
2. Em seguida, pedir aos participantes que façam leitura silenciosa do Roteiro de estudo, assinalando pontos considerados fundamentais.
3. Concluída a leitura, dirigir aos participantes perguntas ordenadas de acordo com o desenvolvimento das ideias expressas no Roteiro. é importante verificar se ocorreu assimilação dos conteúdos.
4. Projetar, ao final, a seguinte frase de Jesus, comentando-a brevemente:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. (João, 14:1-2. *Bíblia de Jerusalém*).

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 23

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NO PLANO FÍSICO

Objetivos

- » Esclarecer por que a aceitação da influência espiritual comprova a continuidade da vida no plano espiritual.
- » Assinalar características das influências espirituais.

Ideias principais

- » Allan Kardec indaga em *O livro dos espíritos: Os espíritos influem em nossos pensamentos e em nossos atos?* A resposta dos Espíritos Orientadores foi: *Muito mais do que imaginais, pois frequentemente são eles que vos dirigem.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 459.
- » O homem pode eximir-se da má influência dos Espíritos, [...] visto que tais Espíritos só se apegam aos que os chamam por seus desejos, ou os atraem por seus pensamentos. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 467.
- » *Praticando o bem e pondo toda a vossa confiança em Deus, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o império que queiram ter sobre vós.* [...]. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 469.

Subsídios

A admissão da influência dos Espíritos no plano físico passa pela aceitação de que há Espíritos e que estes sobrevivem à morte do corpo físico. “A dúvida relativa à existência dos Espíritos tem como causa principal a ignorância acerca da sua verdadeira natureza. [...] Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, a crença neles necessariamente se baseia na existência de um princípio inteligente fora da matéria.”¹

Desde que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso que se admita, também: 1º) que a sua natureza é diferente da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º) que goza da consciência de si mesma, pois é passível de alegria ou sofrimento, sem o que seria um ser inerte e de nada nos valeria possuí-la. Admitido isto, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai? Segundo a crença vulgar, a alma vai para o céu, ou para o inferno. Mas, onde ficam o céu e o inferno? Antigamente se dizia que o céu era em cima e o inferno embaixo. Porém, o que são o alto e o baixo no universo, uma vez que se conhece a redondeza da Terra e o movimento dos astros, movimento que faz com que em dado instante o que está no alto esteja, doze horas depois, embaixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? É verdade que por lugares inferiores também se designam as profundezas da Terra. Mas, que vêm a ser essas profundezas, desde que a Geologia as investigou? [...] Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da Ciência, outra doutrina mais lógica lhes deve marcar o domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: é todo um mundo invisível, no meio do qual vivemos, que nos cerca e nos acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, ao contrário, nos diz que não pode ser de outra maneira.²

Assim sendo, ensina a Doutrina Espírita que, após a morte do corpo físico, o Espírito sobrevive à morte deste, mantém sua individualidade e passa a viver em outra dimensão, no mundo espiritual; desta forma os “[...] os Espíritos são apenas as almas dos homens, despojadas do invólucro corpóreo.”³

1. A existência dos espíritos

Trata-se, na verdade, de antiga discussão filosófica, evidenciada ao longo dos séculos. O significado predominante na Filosofia moderna e contemporânea é o de que Espírito é *alma racional ou intelecto*:⁴ “Penso logo existo”, no dizer de René Descartes (1596–1650). Nestas condições, não se cogita analisar se há sobrevivência do Espírito após a morte. Da mesma forma, procedem os estoicos* ao afirmarem que Espírito é “*Pneuma* ou sopro animador, também conhecido como “aquilo que vivifica”.⁴

A ideia foi defendida por Immanuel Kant (1724–1804) e por Charles de Montesquieu (1689–1755), respectivamente, em suas obras *Crítica do juízo* e *o Espírito das leis*⁴

Kant e John Locke (1632–1704) admitiam que o Espírito é o ser dotado de razão, mas se revelaram céticos em relação à possibilidade de sobrevivência do Espírito, por acreditarem ser impossível demonstrá-la.⁴

Algumas correntes filosóficas pregam que Espírito é “matéria sutil ou impalpável, força animadora das coisas.”⁴ Este significado, derivado do estoicismo, foi resgatado durante a Renascença, sobretudo por Agrippa (*Da occulta philosophia*) e Paracelso⁴

Nos poemas órficos do século VI a.C., criados e declamados pelos adeptos do orfismo, encontra-se a concepção da psique que entra no homem, ao nascer, trazida pelo sopro do vento. O orfismo era culto religioso filosófico difundido na Grécia, a partir dos séculos VII e VI a. C., ligado ao culto de Dionísio e que se acreditava instituído por Orfeu. Caracterizava-se principalmente pela crença na imortalidade, conquistável por meio de cerimônia, ritos purificadores e regras de conduta moral que propiciavam a libertação da alma das sucessivas transmigrações (passagem da alma de um corpo a outro).⁵

* O **estoicismo** é uma doutrina filosófica fundada por Zenão de Cítio, que afirma que todo o universo é corpóreo e governado por um Logos divino (noção que os estoicos tomam de Heráclito e desenvolvem). A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Este logos (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele, graças a ele o mundo é um *kosmos* (termo que em grego significa “harmonia”).

O Espiritualismo, manifestado em diferentes interpretações, aceita a existência e a sobrevivência do Espírito. As ideias espiritualistas nem sempre são concordantes com os ensinamentos espíritas, sendo que algumas fazem oposição. Por exemplo, o conceito panteísta de que, após a morte do corpo físico, a alma se integra ao grande todo divino. Nesse sentido, o Espírito perderia a sua individualidade, representando uma partícula de Deus que, com a morte, retorna à fonte criadora, assim como as gotas de água se integram no oceano.

Para a Doutrina Espírita, o Espírito sobrevive à morte do corpo físico, mantendo a sua individualidade e as aquisições evolutivas.

As concepções **materialistas** não aceitam a alma, ou entendem que o que se atribui a ela não passa de propriedades do organismo humano. Os autores contemporâneos que adotam esta posição podem admitir muitas variações em torno do tema. Uns insistem que as faculdades humanas são produtos do organismo e de sua hereditariedade, outros valorizam mais a influência das experiências culturais na constituição do espírito humano e outros admitem a construção da subjetividade na vida social, mas todos eles entendem que as faculdades do indivíduo se extinguem com a morte do corpo.⁶

2. A influência dos espíritos

Segundo *O livro dos espíritos*, há grande influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida. Esta ação não ocorre de forma extraordinária, miraculosa, nem aleatória, mas em perfeita consonância com os princípios que regem as leis da natureza.

Imaginamos erroneamente que a ação dos Espíritos só se deva manifestar por fenômenos extraordinários. Gostaríamos que nos viessem ajudar por meio de milagres e sempre os representamos armados de uma varinha mágica. Mas não é assim, razão por que nos parece oculta a sua intervenção e muito natural o que se faz com o concurso deles. Assim, por exemplo, eles provocarão o encontro de duas pessoas, que julgarão encontrar-se por acaso; inspirarão a alguém a ideia de passar por tal lugar; chamarão sua atenção para determinado ponto, se isso levar ao resultado que desejam, de tal modo que o homem, acreditando seguir apenas o próprio impulso, conserva sempre o seu livre-arbítrio.⁷

A ação dos Espíritos nos acontecimentos cotidianos apresenta limites, não havendo interferência no que foi determinado pelo planejamento reencarnatório. Ou seja, os Espíritos influenciam, e muito, mas dentro de uma faixa considerada permissível, que não atente contra as manifestações da lei de causa e efeito.

Estamos falando, obviamente, dos processos de influência comuns, não ao que se relacione ao domínio obsessivo, que apresenta outras características, fundamentadas no domínio de uma mente sobre a outra.

A influência dos Espíritos pode ser **oculta**, ou sutil, **evidente**, ou declarada. Pode ser **boa** ou **má**, **fugaz** ou **duradoura**. Mas como ocorreria a influência, indagamo!

Sabemos que os Espíritos se comunicam pela onda do pensamento, de natureza mento-eletromagnética, que se propaga pelo espaço transportando imagens, movimentos, sons, cores, etc., cuja frequência de irradiação depende do grau de evolução intelectual e moral de cada um. As mensagens codificadas são armazenadas e transportadas em pacotes de energia ou **quanta**. O Espírito que detecta uma onda pensamento e decodifica-a na faculdade mediúnica, assim age porque possui a mesma faixa de frequência vibratória daquele que a emitiu, tem a mesma afinidade de pensamento em relação àquele tema específico e conhece o mecanismo da decodificação.⁸

Tais informações nos conduzem ao processo de influência e de sintonia.

Tais informações nos conduzem ao processo de influência e de sintonia espirituais. No primeiro caso (**fluência espiritual**), diz respeito à existência da faculdade mediúnica. **Médium** é a pessoa que tem mediunidade (e todo ser humano a possui) daí Allan Kardec ter afirmado:⁹

Médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que não possuam alguns rudimentos dessa faculdade. Pode-se, pois, dizer que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificações só se aplica aqueles em quem a faculdade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade,

o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela da mesma maneira em todos os sensitivos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, de modo que há tantas variedades quantas são as espécies de manifestações .

O segundo tipo de ideia envolve o conceito de **sintonia**. Isto é, não basta ter mediunidade para captar pensamentos e sentimentos de outras mentes, é preciso entrar na faixa de suas vibrações mentais, estabelecendo um ponto de união entre o emissor e o receptor. Eis o que Emmanuel tem a dizer, a respeito do assunto:

As bases de todos os serviços de intercâmbio, entre os desencarnados e encarnados, repousam na mente [...]. De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de Espírito a Espírito. [...] A fim de atingirmos tão alto objetivo é indispensável traçar um roteiro para a nossa organização mental, no Infinito Bem, e segui-lo sem recuar. Precisamos compreender — repetimos — que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo Espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas ideias, aspirações, invocações e apelos. Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros. [...] semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida. Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos, com os quais no colocamos em sintonia.[...] mentes enferminadas e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a boa vontade e a boa intenção acumulam os valores do bem. Ninguém está só. Cada criatura recebe de acordo com aquilo que dá. Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade.¹⁰

É oportuno lembrar que, antes de se estabelecer a sintonia, propriamente dita, com outra mente entram em ação os mecanismos da afinidade intelectual ou moral, ou ambas. Assim, também esclarece Emmanuel:¹¹

O homem permanece envolto em largo oceano de pensamentos, nutrindo-se de substância mental, em grande proporção. Toda criatura

absorve, sem perceber, a influência alheia nos recursos imponderáveis que lhe equilibram a existência. Em forma de impulsos e estímulos, a alma recolhe, nos pensamentos que atrai, as forças de sustentação que lhe garantem as tarefas no lugar em que se coloca. [...] A mente, em qualquer plano, emite e recebe, dá e recolhe, renovando-se constantemente para o alto destino que lhe compete atingir. Estamos assimilando correntes mentais, de maneira permanente. De modo imperceptível, “ingerimos pensamentos”, a cada instante, projetando, em torno de nossa individualidade, as forças que acalentamos em nós mesmos. [...] Somos afetados pelas vibrações de paisagens, pessoas e coisas que nos cercam. Se nos confiamos às impressões alheias de enfermidade e amargura, apressadamente se nos altera o “tônus mental”, inclinando-nos à franca receptividade de moléstias indefiníveis. Se nos devotamos ao convívio com pessoas operosas e dinâmicas, encontramos valioso sustentáculo aos nossos propósitos de trabalho e realização. Princípios idênticos regem as nossas relações uns com os outros, encarnados e desencarnados. Conversações alimentam conversações. Pensamentos ampliam pensamentos.

É importante, pois, saber lidar com as influências espirituais, acatando as boas e rejeitando as ruins, pois os “Espíritos inferiores irradiam ondas pensamento na faixa de frequência mais baixa do espectro eletromagnético, onde se enquadram.”⁸

Os Espíritos que ocupam a parte média da escala hierárquica espiritual emitem ondas pensamento que se enquadram na região mediana do espectro eletromagnético pertinente, enquanto os Espíritos mais elevados ocupam a faixa de frequência que corresponde ao extremo superior do espectro eletromagnético conhecido. A baixa frequência das ondas do pensamento dos Espíritos inferiores não impede que eles se comuniquem com Espíritos superiores, mas dificulta esse intercâmbio de informações.¹²

Assim, os Espíritos imperfeitos e de mediana evolução não conseguem se manter, por ora, em permanente sintonia com os Espíritos superiores, mas é necessário ouvir os seus conselhos e ser por eles inspirados, é preciso aprender entrar em sintonia mental com eles. A prece é o recurso por excelência mais fácil de ser executado e aconselhado pelos benfeitores. Mas há outros recursos que devem ser associados ao hábito da oração, e assim ensinados pelos orientadores da Codificação Espírita:¹³

Praticando o bem e pondo toda a vossa confiança em Deus, repeli-
reis a influência dos Espíritos inferiores e destruireis o império que
queiram ter sobre vós. Evitai escutar as sugestões dos Espíritos que
vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós e
excitam todas as paixões más. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o
vosso orgulho, porque eles vos atacam na vossa fraqueza. Essa a razão
por que Jesus vos ensinou a dizer, na oração dominical: *Senhor! Não
nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

Em síntese, o estudo sobre a influência exercida pelos desencar-
nados não pode ignorar os seguintes pontos fundamentais:

1. [...] Os Espíritos exercem sobre o mundo moral, e mesmo sobre o mundo físico, uma ação incessante. [...].¹⁴
2. [...] Agem sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das forças da natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até agora inexplicados ou mal explicados e que não encontram solução racional senão no Espiritismo. [...].¹⁴
3. [...] As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos incitam ao bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é para eles um prazer ver-nos sucumbir e nos identificar com eles. [...].¹⁵
4. A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus pendores e instintos. [...].¹⁶

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Primeira parte, cap. I, item 1, p. 21-22.
2. _____. Item 2, p. 22-23.
3. _____. p. 24-25.
4. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 354.
5. SANCHEZ, Wladimir. *A influência dos espíritos no nosso dia a dia*. 1. ed. São Paulo: USE, 2000. Cap. 1, p.18.
6. SAMPAIO, Jáder. <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/sobre-o-conceito.html>
7. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, questão 525-a- comentário, p. 350-351.

8. SANCHEZ, Wladimyr. *A influência dos espíritos no nosso dia a dia*. Op. Cit. Cap. 5, p. 131.
9. KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Op. Cit. Cap. XIV, item 159, p. 257.
10. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 28, p. 119-120.
11. _____. Cap. 26, p. 111-112.
12. SANCHEZ, Wladimyr. *A influência dos espíritos no nosso dia a dia*. Op. Cit. Cap. 5, p. 131-132.
13. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 469, p. 326.
14. _____. Introdução VI, p. 39.
15. _____. p. 40.
16. _____. Questão 301, p. 248.

Orientações ao monitor

1. Realizar explanação sobre o conteúdo do item 1 do Roteiro (Existência dos Espíritos), utilizando ilustrações e, se possível, relatos de evidências.
2. Em seguida, dividir a turma em pequenos grupos para leitura e síntese das principais ideias contidas no item 2 (Influência dos Espíritos).
3. Após a leitura, fazer perguntas aos participantes, avaliando se ocorreu bom entendimento do assunto. É importante verificar se conceitos fundamentais (sintonia, condições de realização da influência, por que ocorre a influência espiritual, etc.) foram devidamente assimilados.

OBSERVAÇÃO: convidar seis a oito alunos para realizarem o estudo da próxima reunião (Comunicabilidade dos Espíritos), entregando-lhes o seguinte roteiro para a execução do trabalho, fundamentado na técnica didática seminário de grupos diferentes.

Roteiro para realização do Seminário de Grupos Diferentes

4. Formação de 3 grupos, contendo cada um de 2 a 3 participantes.
5. Grupo nº 1: ler atentamente o Roteiro, elaborando um esquema do que foi lido, que será apresentado, em plenária, aos demais colegas por até 10 minutos.

6. Grupo nº 2: ler e apresentar as principais características das influências dos Espíritos (item dois do Roteiro de estudo), que deverão ser apresentadas à turma durante 15 minutos, no máximo.
7. Grupo nº 3: Relacionar as considerações científicas/filosóficas, desenvolvidas no Roteiro, ao pensamento espírita, apresentando-as aos demais colegas, em plenário. o tempo destinado à exposição é de 20 minutos.
8. Concluídas as exposições, o monitor provoca amplo debate, procurando envolver todos os integrantes da turma.
9. Apresentar, ao final, um julgamento e uma síntese do que foi estudado.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 24

COMUNICABILIDADE DOS ESPÍRITOS

Objetivos

- » Identificar os principais critérios da prática mediúnica na casa espírita.
- » Analisar alguns estudos científicos relacionados à prática mediúnica.

Ideias principais

- » *As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Introdução VI.*
- » *A manifestação dos Espíritos se dá [...] sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de médiuns, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens [encarnados]. Allan Kardec: O livro dos espíritos. Introdução IV.*
- » *As vivências tidas como mediúnicas são descritas na maioria das civilizações e têm um grande impacto sobre a sociedade. Apesar de ser um tema pouco estudado atualmente, já foi objeto de intensas investigações por alguns dos fundadores da moderna psicologia e psiquiatria. [...] Esses pesquisadores chegaram a três conclusões distintas. Janet e Freud associaram mediunidade com psicopatologia e a uma origem exclusiva no inconsciente pessoal. Jung e James aceitavam a possibilidade de um*

caráter não patológico e uma origem no inconsciente pessoal, mas sem excluírem em definitivo a real atuação de um espírito desencarnado. Por fim, Myers associou a mediunidade a um desenvolvimento superior da personalidade e tendo como causa um misto entre o inconsciente, a telepatia e ação de espíritos desencarnados. Alexander Almeida e Francisco Neto Lotufo: A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. Tese de doutorado em psiquiatria. Universidade de São Paulo, 2004.

Subsídios

A comunicabilidade dos desencarnados com os encarnados ocorre como consequência natural da influência exercida por eles. Segundo a Doutrina Espírita, essa comunicação acontece, basicamente, em duas situações:

a) quando a pessoa está dormindo, sendo que as lembranças das atividades realizadas no mundo espiritual, inclusive o encontro com Espíritos, encarnados e desencarnados, são registradas na forma de sonho; b) por meio de um médium, indivíduo que serve de intermediário entre os dois planos da vida, sendo capaz de transmitir mensagens dos desencarnados. Ambas as possibilidades são bem conhecidas no meio espírita, mas a prática mediúnica é mais corriqueira nas casas espíritas.

Assim, é possível identificar alguns princípios que governam as leis de intercâmbio espiritual, que não devem ser ignoradas pelo estudioso espírita.

- » [...] As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas ocorrem pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso julgamento discernir as boas das más inspirações. [...].¹
- » [...] As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, na maioria das vezes pelos médiuns que lhes servem de instrumento. [...].¹
- » A manifestação dos Espíritos ocorre “[...] sob a influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de *médiuns*, isto é, meios ou intermediários entre os Espíritos e os homens [encarnados]”. [...].²

- » Há [...] médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Essa faculdade, entretanto, se desenvolve pelo exercício.²
- » Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou por evocação. [...].¹
- » [...] Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, de nossos amigos ou inimigos, e deles obter, por meio de comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a sua situação no além-túmulo, seus pensamentos a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos. [...].¹
- » Os Espíritos são atraídos em razão de sua simpatia pela natureza moral do meio que os evoca. [...].¹
- » [...] Os Espíritos Superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero de instruir-se e melhorar-se. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao contrário, encontram livre acesso e podem agir com toda liberdade entre pessoas frívolas ou guiadas apenas pela curiosidade, e por toda parte onde encontrem maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, gracejos de mau gosto, ou mistificações, pois muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro. [...].¹

No século XIX, à época de Kardec, e no início do século XX era comum a manifestação dos Espíritos por evocação. Passado esse período, com a sistematização da prática mediúnica e melhor conhecimento dos postulados espíritas, praticamente não há mais evocação de Espíritos nas reuniões mediúnicas, permitindo-se que os Espíritos se manifestem de forma espontânea, segundo planificação elaborada e desenvolvida pelos orientadores espirituais.

Importa destacar também que, atualmente, a mediunidade predominante é a de efeitos inteligentes, em vez de efeitos físicos, usual no passado. Da mesma forma, com o estabelecimento do intercâmbio mediúnico de forma regular nas casas espíritas, sobretudo com as orientações fornecidas pelo Espírito André Luiz, a mediunidade é exercitada de forma simples e sem misticismos, entendida como mais um instrumento de melhoria espiritual disponibilizado por Deus.

1. Considerações científicas relacionadas à comunicabilidade dos espíritos.

Há poucos estudos científicos atuais sobre a mediunidade. Contudo, o assunto já começa a despertar atenção, sobretudo na área da psiquiatria, onde ainda é estudado em comum com as psicopatias relacionadas às dissociações mentais, mesmo que o médium se revele pessoa equilibrada.

Em psiquiatria, *dissociação mental* significa “ruptura dos processos normais do raciocínio com relação à consciência [...]”.³ Entretanto, a alteração do estado de consciência pelo transe mediúnico, ou pela percepção extrassensorial de Espíritos ou da realidade extrafísica é entendida, ainda, como anomalia psíquica. Esta visão distorcida, de a mediunidade ser sinônimo de perturbação mental, está se modificando com o surgimento de pesquisas e estudos científicos sérios, publicados em revistas especializadas.

No âmbito deste Roteiro destacamos dois estudos sérios, excelentes publicações realizadas por psiquiatras brasileiros: um é a tese de doutorado do médico Alexander Moreira de Almeida, denominada *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*, apresentada no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo-USP. Outro é um artigo de revisão, intitulado *A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental*, de autoria conjunta deste psiquiatra (Alexander Almeida) e do professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP, Francisco Latufo Neto.

Em sua tese de doutorado Alexander destaca os objetivos do seu trabalho: “Definir o perfil sociodemográfico e a saúde mental em médiuns espíritas, bem como a fenomenologia e o histórico de suas experiências mediúnicas.”⁴ Assim, foram analisados 115 médiuns, selecionados aleatoriamente nos centros espíritas em São Paulo, capital. Os resultados da pesquisa podem ser assim resumidos:⁴

- » 76,5% dos médiuns eram mulheres, espíritas em média há 16 anos, sendo que entre estas a maioria possuía formação escolar superior. A mediunidade predominante foi a psicofonia (entre 72%), seguida da vidência (63%).
- » Os médiuns diferiam das características usualmente encontradas nos portadores de transtornos de identidade dissociativa ou distúrbios classificáveis como desordens mentais.

- » Os principais sinais do surgimento da mediunidade foram relatados como sintomas isolados, ocorridos na infância ou no início da vida adulta, marcados por quadros de oscilação do humor admitidos, sobretudo, durante o curso de formação de médiuns (cursos de estudo da mediunidade).
- » Os pródromos da mediunidade de psicofonia foram identificados como: sensação de presença de alguém junto ao médium, sintomas físicos diversos, sentimentos e sensações estranhas, reconhecidos como não sendo de outra pessoa, mas manifestados nos médiuns. Posteriormente, numa fase mais adiantada da percepção, os médiuns estudados revelaram sentir uma pressão na garganta, e, espontaneamente, começaram a verbalizar um discurso não planejado.
- » A intuição foi caracterizada pelo surgimento repentino de pensamentos ou imagens na mente não reconhecidos como próprios.
- » A vidência e a audiência se caracterizaram, respectivamente, pela percepção de imagens ou vozes no espaço psíquico interno (na mente), ou externamente, com o surgimento abrupto de imagens e vozes.
- » A psicofonia só acontecia, em geral, no centro espírita, mas as demais modalidades mediúnicas ocorriam tanto dentro como fora dos centros espíritas.

A conclusão do trabalho revela que os

[...] médiuns estudados evidenciaram alto nível sócio educacional, baixa prevalência de transtornos psiquiátricos menores e razoável adequação social. A mediunidade provavelmente se constitui numa vivência diferente do transtorno de identidade dissociativa. A Maioria teve o início de suas manifestações mediúnicas na infância, e estas, atualmente, se caracterizam por vivências de influência ou alucinatórias, que não necessariamente implicam num diagnóstico de esquizofrenia.⁴

Esse tipo de estudo representa um avanço científico, pois, além de permitir que a Medicina e a Ciência relacionadas conheçam melhor a mediunidade e os médiuns, evita a ocorrência de diagnósticos precipitados e equivocados, uma vez que, ao contrário do que se pensava no passado, sabe-se hoje que as boas práticas religiosas ou espirituais são favorecedoras da saúde mental. Dessa forma podemos dizer que está ocorrendo uma união entre a Religião e a Ciência, “[...] as duas alavancas da inteligência humana [...]”⁵ nas palavras de Allan kardec, que complemeta, o seu pensamento:

Uma revela as leis do mudo material e a outra as do mundo moral. *Ambas*, porém, tendo o mesmo principio, que é Deus, não podem contradizer-se. [...] A incompatibilidade que se jugou existir entre essas duas ordens de ideias provém apenas de uma observação defeituosa e de um excesso de exclusivismo de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à tolerância.⁵

Entedemos, porém, “[...] que e ainda há um longo caminho a ser percorrido, afim de que se estabeleça a definitiva união entre as duas partes. Entretanto, vemos com redobrado otimismo as inúmeras publicações científicas relacionadas à temática saúde e espiritualidade, surgidas em diferentes partes do mundo, e desenvolvidas por competentes autoridades, nas academias e institutos de ciência espalhados no Planeta.”⁶

Jeff Levin, professor e epidemiologista estadunidense, é uma referência no assunto, não só pela importância e confiabilidade de suas pesquisas, mas pela repercussão obtida nas comunidades leigas e científicas, a ponto de seus trabalhos científicos serem objeto de matéria de capa de revistas de abrangência mundial (*Time*, *Reader's Digest* e *Maclean's*), ou transformados em destacados artigos, publicados em periódicos de renome como *Newsweek*, *USA Today* e *the New York Times*. Em seu livro *Deus, fé e saúde*, publicado entre nós pela editora Pensamento-Cultrix, ele explora com segurança e sensibilidade a conexão espiritualidade-cura.⁶

O outro artigo científico (a mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental) apresenta relatos históricos sobre o conceito de dissociação mental relacionadas à comunicabilidade dos Espíritos.

Os autores artigo científico, assim se expressam:⁷

As vivências tidas como mediúnicas são descritas na maioria das civilizações e têm um grande impacto sobre a sociedade. Apesar de ser um tema pouco estudado atualmente, já foi objeto de intensas investigações por alguns dos fundadores da moderna psicologia e psiquiatria. Foi revisados o material produzido por Janet, James, Myers, Freud e Jung a respeito da mediunidade, com ênfase em dois aspectos: suas causas e relações com psicopatologia. Esses pesquisadores chegaram a três conclusões distintas. Janet e Freud associaram mediunidade com psicopatologia e a uma origem exclusiva no inconsciente pessoal. Jung e James aceitavam a possibilidade de um caráter não patológico e uma origem

no inconsciente pessoal, mas sem excluírem em definitivo a real atuação de um espírito desencarnado. Por fim, Myers associou a mediunidade a um desenvolvimento superior da personalidade e tendo como causa um misto entre o inconsciente, a telepatia e ação de espíritos desencarnados. Como conclusão, é apontada a necessidade de se conhecer os estudos já realizados para dar continuidade nessas investigações em busca de um paradigma realmente científico sobre a mediunidade.

Os estudiosos do passado, citados no referido artigo, trouxeram contribuições médicas e/ou psicológicas referentes à comunicabilidade dos Espíritos, ainda que tal possibilidade tenha sido rotulada de doença ou psicopatia. Entretanto, mesmo considerando este enfoque, o da enfermidade mental, parece-nos proveitoso destacar algumas ideias dos pesquisadores citados no artigo de Almeida e Lotufo para que se tenha uma visão abrangente do desenvolvimento do assunto, desde o século XIX até o atual.

Pierre Janet (1859–1947), em trabalho apresentado na Universidade de Sorbonne, na França, fornece informações sobre as dissociações mentais ou do inconsciente.

Janet, que teve formação em psicologia e psiquiatria, apesar de pouco conhecido atualmente, é amplamente reconhecido como o fundador das modernas visões sobre dissociação. [...] Seu trabalho mais importante intitula-se *L'Automatisme Psychologique*, uma tese defendida em 1889 na Sorbonne (Janet, 1889). [...] É de se notar a relevância que a investigação de diversos tipos de experiências mediúnicas teve nesses esforços iniciais de se entender o inconsciente e a dissociação. O estudo da mediunidade e do Espiritismo ocupa quase todo o capítulo destinado ao estudo das “desagregações psicológicas”, pois buscou perscrutá-las a partir de sujeitos que as apresentavam em seu mais alto grau (médiuns). Apesar de considerar o Espiritismo “uma das mais curiosas superstições de nossa época”, afirmou ser este o precursor da psicologia experimental, assim como a astronomia e a química começaram através da astrologia e da alquimia. Janet defendia a importância de se estudar a mediunidade, pois nos permite “observações psicológicas muito interessantes e refinadas que são longe de inúteis para os observadores de nossos dias.”⁸

O equívoco de Janet foi generalizar como “desagregação psíquica”, ou doenças mentais, casos de alucinações (por drogas, doenças

ou obsessões espirituais), de sonambulismo, de outras manifestações mediúnicas e subjugações espirituais. Para ele o “[...] médium seria quase sempre um nevropata, quando não francamente um histérico, e a faculdade mediúnica dependeria de um estado mórbido particular que poderia originar a histeria e a alienação.”⁸

William James (1842–1910) “além de ter sido um eminente filósofo pragmático, fundou, na Universidade de Harvard, o primeiro laboratório americano de psicologia. [...]”⁹ É considerado um dos cinco psicólogos mais importantes de todos os tempos.⁹ Como estudioso, não negava a comunicabilidade dos Espíritos, traçando diferença entre doença mental e manifestação mediúnica.

Entre as diversas áreas de investigação a que se dedicou está a religião (que resultou em seu famoso livro *As variedades da experiência religiosa*) e a então chamada *psychical research* (pesquisa psíquica). [...] Defendeu um “empirismo radical”, em que um verdadeiro pesquisador, mesmo perante fenômenos considerados absurdos e inabordáveis, precisa enfrentá-los, pensá-los e correlacioná-los. [...] A investigação da mediunidade recebeu especial destaque, tendo realizado, por mais de duas décadas, pesquisas com uma das mais renomadas médiuns do século XIX, Leonora Piper (James, 1886, p. 95; 1890, p. 102). Em 1909, publicou um substancioso relato da suposta manifestação mediúnica de um falecido pesquisador psíquico (Richard Hodgson) através da médium. [...] Considerava a possessão mediúnica uma forma natural e especial de personalidade alternativa em pessoas muitas vezes sem nenhum outro sinal óbvio de problemas mentais. Também dizia que a predisposição para tais vivências não seria algo incomum [...]. O autor asseverava que a investigação do transe mediúnico é uma tarefa árdua, pois seria um fenômeno excessivamente complexo em que muitos fatores concomitantes estariam envolvidos [...]. Entre as possíveis explicações para os fenômenos mediúnicos estariam a fraude, a dissociação com uma tendência a personificar uma outra personalidade e a influência de um espírito desencarnado. [...].⁹

Frederic W. H. Myers (1843–1901) não teve formação médica ou psicológica. Era professor de literatura clássica na Universidade de Cambridge, Reino Unido. Entretanto apresentou diferentes contribuições à psicologia, sobretudo no que diz respeito ao estudo do inconsciente, por ele denominado de *self* subliminal. É considerado o primeiro autor a introduzir os trabalhos de Freud ao público britânico, em 1893.⁹ A despeito

de considerar que a maior parte das manifestações mediúnicas provinham do próprio médium, vindas do seu *self* subliminal, admitiu que certos conhecimentos revelados pelo sensitivo extrapolavam as ideias que defendia.

Em 1882 Myers afirmava que o “*Self* consciente” (ou o *Self* supraliminal, como ele preferia) não representava toda a mente. Existiria “uma consciência mais abrangente, mais profunda, cujo potencial permanece em sua maior parte latente”. Utilizou a palavra subliminal para designar “tudo que ocorre sob o limiar ordinário, fora da consciência habitual”. Haveria continuamente toda uma vida psíquica com pensamentos, sensações e emoções que “raramente emerge na corrente supraliminal da consciência, com a qual nós habitualmente nos identificamos. [...]” Os conteúdos subliminais que atingem a consciência supraliminal frequentemente são qualitativamente diferentes de qualquer elemento de nossa vida supraliminal, inclusive faculdades das quais não há conhecimento prévio. Tais habilidades envolveriam uma grande ampliação de nossas faculdades mentais, incluindo as inspirações dos gênios, telepatia, clarividência e mesmo a comunicação com os mortos.¹⁰

Sigmund Freud (1856–1939), médico austríaco, considerado o pai da psicanálise, desenvolveu especial interesse pela feitiçaria, possessões e fenômenos afins.¹¹ A interpretação que deu para tais fenômenos reflete a influência das ideias de **Jean-Martin Charcot** (1825–1893), cientista e psiquiatra francês, que podem ser assim resumidas:

“Diversos autores, e dentre eles Charcot é o principal, identificaram, como sabemos, manifestações de histeria nos retratos de possessão e êxtase [...]. Os estados de possessão correspondem às nossas neuroses, para cuja explicação mais uma vez recorreremos aos poderes psíquicos. Aos nossos olhos, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instintuais que foram repudiados e reprimidos. Nós simplesmente eliminamos a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo, projeção esta que a Idade Média fazia; em vez disso, encaramo-las como tendo surgido na vida interna do paciente, onde têm sua morada”¹¹

Para Freud as manifestações mediúnicas eram produto da mente dos chamados médiuns. Não haveria manifestação de Espíritos desencarnados, propriamente ditos.

Carl Gustav Jung (1875–1961) revelou interesse pela mediunidade em sua dissertação, publicada em 1902, para obtenção do

diploma de medicina, assim intitulada: *Sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos chamados ocultos*. “Para realizá-la, Jung investigou entre 1899 e 1900, S.W., uma prima de 15 anos que era tida como médium, mas que ele concluiu tratar-se de uma histérica, um caso de “sonambulismo com carga hereditária”¹²

Seguindo a linha de Janet (com quem Jung estudou por um semestre em 1902), considerou que o suposto espírito comunicante era, na realidade, uma personalidade subconsciente que se manifestaria através de uma série de automatismos como a escrita automática (que atualmente chamaríamos de psicografia) e as alucinações. [...] Haveria uma desagregação de complexos psíquicos que se manifestariam como individualidades, cuja existência depende de sugestões do ambiente e de certa predisposição do médium. A individualização da subconsciência teria enorme influência sugestiva sobre a formação de novos e posteriores automatismos. Como afirma o autor: “É desse modo que podemos considerar, em nosso caso, o surgimento das personalidades inconscientes.”¹³

O estudo realizado pelos cientistas do passado, cujas repercussões são francamente visíveis no presente, revela um fator primordial: “[...] o tema mediunidade já recebeu séria atenção de alguns dos principais autores da área mental, que não chegaram a uma posição comum. Podemos, didaticamente, separar suas conclusões em três grupos:”¹⁴

- » Janet e Freud: as experiências mediúnicas são patologias e fruto exclusivo da atividade do inconsciente do médium; não há a participação de qualquer faculdade paranormal.
- » James e Jung: a mediunidade não é necessariamente uma patologia, teria origem no inconsciente do médium, mas não excluíram a possibilidade de uma origem paranormal, inclusive com a efetiva comunicação de um Espírito desencarnado. Reforçam a necessidade de maiores estudos.
- » Myers: a mediunidade pode ser evidência de um desenvolvimento superior da personalidade, e suas manifestações teriam origem em um misto de fontes (inconsciente pessoal, telepatia e comunicação de Espíritos desencarnados).

A despeito de a comunicabilidade dos Espíritos desencarnados ocorrer desde a mais remota Antiguidade e fazer parte de relatos de

diferentes fontes bibliográficas, filosófica, científica, religiosa e laica, deve-se oferecer um tempo à Ciência para que ocorra a compreensão de que a mediunidade e a comunicabilidade dos Espíritos sejam vistas como mecanismos naturais das leis da vida.

Não resta dúvida que a situação atual é bem melhor do que a do passado, sobretudo quando lembramos o sofrimento a que inúmeros médiuns foram submetidos, perecendo nas fogueiras inquisitoriais ou mantidos em manicômios. A psiquiatria moderna já conta com a disciplina “estudos de problemas espirituais e religiosos”, que procura diferenciar patologia mental, propriamente dita, das chamadas faculdades de percepção extrassensorial. A obsessão espiritual, inclusive passou recentemente a ser oficialmente aceita pela Medicina como *possessão e estado de transe*, que é um item do *CID-Código Internacional de Doenças*.

O CID 10, item F.44.3 define o estado de transe e possessão como: perda transitória da identidade com manutenção de consciência. Assim, o transe mediúnico já não é considerado doença mental, propriamente dita. Neste aspecto, a alucinação é sintoma que pode surgir tanto nos transtornos mentais como na interferência de um obsessor.

Os médiuns do presente, pelo menos em termos da Medicina, já não são classificados como endemoniados, feiticeiros ou bruxos. Tal fato, por si só, já representa um avanço, fazendo-nos vislumbrar um futuro mais feliz em que os desencarnados possam comunicar-se livremente com os encarnados, tal como acontece hoje o intercâmbio entre indivíduos de diferentes partes do Planeta, no mesmo plano de vida, via *internet*.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Introdução VI, p. 40.
2. _____. Introdução IV, p. 33.
3. THOMAS, Clayton (coordenador). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. Tradução Fernando Gomes do Nascimento. 1 ed. São Paulo: Manole, 2000, p.520.
4. ALMEIDA, Alexander M. *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. Tese apresentada ao Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências. São Paulo: USP, 2004, p. X. Este artigo encontra-se disponível no site: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos_A_C/almeida_alexander_fenomologia_mediuuns.pdf

5. KARDEC, Allan. *Evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap.1, item 8, p. 60.
6. MOURA, Marta Antunes. *Saúde e espiritualidade. Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, fevereiro de 2010. Ano 128. N.º 2.171, p. 26.
7. ALMEIDA, Alexander M. e LOTUFO, Francisco Neto. *A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. (Mediumship Seen by Some Pioneers of Mental Health)*. Rev. Psiq. Clin. 31 (3); 132-141, 2004, p. 132. Este artigo encontra-se disponível no site: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol31/n3/pdf/132.pdf>
8. _____. p. 133-134.
9. _____. p. 135.
10. _____. p. 136.
11. _____. p. 137.
12. _____. p. 137-138.
13. _____. p. 138.
14. _____. p. 139.

Orientações ao monitor

1. Com base nas orientações prestadas na reunião anterior, apresentar à turma os participantes dos três grupos que irão desenvolver o estudo do Roteiro, utilizando a técnica de seminário de grupos diferentes, assim especificada:
 - » Primeiro grupo: apresenta, em até dez minutos, um esquema dos conteúdos desenvolvidos no Roteiro, fazendo breves explicações.
 - » Segundo grupo: destaca as ideias gerais das duas pesquisas realizadas pelos psiquiatras brasileiros, citados no Roteiro, cujos conteúdos completos foram baixados da internet (veja referências quatro e oito). Utiliza-se 20 minutos para o relato sintético dos dois artigos (10 minutos para cada expositor)
 - » Terceiro grupo: correlaciona as ideias dos expositores dos dois grupos anteriores com o pensamento espírita, citado no Roteiro e/ ou pesquisado em outras fontes. O tempo destinado à realização desta atividade é de 15 minutos.
2. Concluída a apresentação dos grupos, promover um amplo debate do assunto, envolvendo todos os integrantes da reunião.
3. Apresentar, ao final, um julgamento e uma síntese do que foi estudado e discutido.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 25

METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS FATOS ESPÍRITAS

Objetivos

- » Analisar os critérios que definiram a metodologia kardequiana de investigação dos fatos espíritas.

Ideias principais

- » Allan Kardec analisou racionalmente os fatos espíritas, transmitidos por mais de mil médiuns, residentes na França e no exterior, seguindo a metodologia utilizada pelas ciências experimentais. Contudo, não desprezou a própria intuição e, muitas vezes, realizou profundas reflexões antes de opinar a respeito de um assunto transmitido pelos Espíritos orientadores. Tais condições o fizeram concluir: *O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza.* Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. Cap. 1, item 5.
- » Diante das evidências dos fatos espíritas, compreendeu que: *Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do*

princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 1, item 16.

Subsídios

Doutrina Espírita surgiu no século XIX com a publicação de *O livro dos espíritos*, em 18 de abril de 1857, na França. Foi materializada no mundo pelo esforço do eminente educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail que, ao transmitir os princípios espíritas em cinco obras básicas — *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese* —, adotou o pseudônimo de Allan Kardec.

O professor Rivail gozava de destacado prestígio na sociedade francesa da época, não só pelo reconhecido valor de educador emérito, que contribuiu para a reestruturação do ensino na França, mas por ter livre trânsito entre os intelectuais, os oficiais militares e a nobreza, inclusive junto ao imperador Luiz Napoleão, o qual, em diferentes oportunidades, revelou simpatia e interesse pelos fatos espíritas.

Os conteúdos doutrinários espíritas não foram produto da concepção pessoal do professor Rivail, a despeito das inúmeras contribuições por ele fornecidas na correta interpretação dos fatos espíritas, mas transmitidos por Espíritos Superiores, em conhecimento e moralidade, utilizando a desenvolvida sensibilidade psíquica de pessoas denominadas *médiuns*.

É relevante informar o significado de Doutrina Espírita, transmitido pelos Espíritos Superiores, nas seguintes palavras do Codificador:

- » O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra não mais como coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso mesmo, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que Ele disse permaneceram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.¹

- » O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.²

Tais conceitos nos conduzem, em consequência, ao objeto do Espiritismo:

Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. [...].³

Allan Kardec analisou racionalmente os fatos espíritas, transmitidos por mais de mil médiuns, residentes na França, na Europa e em outras partes do mundo. Aplicou na análise dos fatos espíritas a metodologia utilizada pelas ciências experimentais, antes de organizar um corpo de Doutrina e publicá-los na forma de um Código. Por este motivo, Allan Kardec é cognominado Codificador da Doutrina Espírita.

O Espiritismo é uma doutrina espiritualista que apresenta abrangência tríplice, sustentada em três colunas ou aspectos: científico, filosófico e religioso (ou moral). Desta forma, o Espiritismo revela a existência do mundo espiritual, a influência deste sobre as criaturas humanas que possuem corpo físico (encarnadas), e as consequências, intelectuais e morais, que resultam do intercâmbio entre os dois planos de vida. Sendo assim, a Doutrina Espírita, ou o Espiritismo

- » [...] apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, autor daquelas leis. [...].⁴

- » [...] O *Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente*; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. [...].³

1. Acontecimentos que marcaram o surgimento da Doutrina Espírita

Os fatos ou fenômenos espíritas acompanham a humanidade, desde que encarnou o primeiro homem no Planeta. O intercâmbio entre os chamados mortos (desencarnados) e os vivos (encarnados) faz parte da natureza humana, do seu psiquismo. Mas nos tempos passados esse intercâmbio era cercado de misticismo, adquirindo características sobrenaturais.

Com o advento do Espiritismo, tais aspectos perderam força, uma vez que passaram a ser explicados racionalmente. Mas, ao longo da história da civilização humana, sempre existiram filósofos, cientistas e religiosos, iniciados ou não nas verdades espirituais, que estiveram envolvidos com esses fatos, denominados *mediúnicos* pela Doutrina Espírita. Em determinados momentos da História as manifestações mediúnicas foram vistas como um privilégio, produzindo respeito e distinção aos médiuns. Em outras épocas, porém, serviram de palco para perseguições, torturas e morte.

No século XIX os fatos espíritas ocorreram de forma notável em diferentes nações do Planeta, especialmente nos Estados Unidos da América e na França, adquirindo feição de uma invasão organizada pelos Espíritos. Nos EUA, em 31 de março de 1848, teve início uma série de ocorrências mediúnicas, na forma de ruídos, barulhos, pancadas etc., manifestadas na casa da família Fox, que vivia na pequena cidade de Hydesville, no estado de Nova Iorque. O autor dos acontecimentos foi o Espírito Charles Rosna, que, mais tarde, relatou ter sido assassinado e sepultado na residência, em época passada. Os médiuns diretamente envolvidos nos fatos eram duas adolescentes: as irmãs Katherine e Margareth Fox, de 11 e 14 anos de idade, respectivamente. Tais fatos passaram à posteridade com o nome de *Fenômenos de Hydesville*.

A partir de 1850 o impacto da manifestação dos Espíritos é transferido para o continente europeu e, em especial, a França, onde recebeu o nome de *mesas girantes*. Em geral, as pessoas utilizavam

uma pequena mesa redonda de três pés, à volta da qual se sentavam, mantendo as mãos sobre a sua superfície. À medida que as perguntas eram pronunciadas pelos circunstantes, a mesa produzia movimentos, girava, firmava-se sobre um dos pés, ou emitia sons, como que vindos do interior da madeira, marcando letras do alfabeto ou as palavras “sim” e “não”. A conversa com os Espíritos era, em geral, frívola, transformando-se em modismo, presente nas reuniões sociais que se estendiam pela noite, nas festas, saraus e recitais. Entretanto, constatou-se que entre aquelas respostas frívolas surgiam, ocasionalmente, outras sérias, de nível intelectual e moral elevados, conforme a natureza da pergunta que era dirigida ao comunicante espiritual.

Em 1854 Kardec ouviu falar, pela primeira vez, dos fatos espíritas. Em 1855 presenciou o fenômeno das mesas girantes na casa das senhoras Roger e Plainemaison. Foi, porém, nas reuniões da residência da família Boudin que teve contato mais direto e profundo com os Espíritos, percebendo a seriedade de que os acontecimentos se revestiam. Esclareceu a respeito:

- » Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sedo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, de que dispunham se limitava ao grau de adiantamento, a que haviam alcançado, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Recohecida desde o principio esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos espíritos e me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por ou alguns deles.⁵
- » O simples fato da comuicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. Já era um ponto essencial, um imenso campo aberto às nosss explorações, a chave de inúmeros fenômenos até então sem explicação. O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação nos permitia conecer o estado desse mundo, seus costumes, se assim nos podemos exprimir. Logo vi que a cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e dos seus conhecimentos, me desvendava uma face daquele mundo, do mesmo modo como se chega a conhecer os estado de um país, interrogando habitantes de todas as classes e de todas as condições[...].⁶

2. Análise dos fatos espíritas

A formação científica de Allan Kardec lhe permitiu encarar os fatos espíritas com lucidez, sem negá-los ou aceitá-los, de imediato, só opinando a respeito após criteriosa análise racional. Aplicou a combinação de quatro critérios na tentativa de julgá-los com acerto, mantendo cuidadosa postura antes de emitir. Os critérios foram:

- » Humanismo: pensava sempre os valores éticos e as consequências morais das novas ideias.
- » Racionalismo: utilizou, com sabedoria, os seguintes instrumentos do método experimental, que lhe forneciam a visão do todo e das partes: observação; análise crítica e criteriosa dos fenômenos; conclusões lógicas.
- » Intuição: agiu com bom senso, equilíbrio intelectual e sem fanatismo, sempre que não encontrava resposta racional para um fato.
- » Universalismo: impôs controle universal dos ensinamentos dos Espíritos, pela aplicação da metodologia científica. Conjugou então, razão e sentimento, bom senso e lógica, só aceitando como verdade aquilo que fora submetido à análise racional, pela consulta a outros Espíritos, cujas respostas vinham de diferentes médiuns, da França e de outros países.

Podemos afirmar que a análise dos fatos seguiu a sequência de sete passos, assim especificados:

- » **Observação** apurada dos fatos.
- » **Registro** das observações.
- » **Comparação de dados**, consultando Espíritos e médiuns quantas vezes fossem necessárias.
- » **Análise racional e criteriosa dos resultados.**
- » **Sistematização dos dados.**
- » **Conclusões finais.**
- » **Publicação** parcial na *Revista Espírita*, e final, nos livros da Codificação. A utilização desse roteiro teve, por sua vez, fundamentação nos seguintes princípios, publicados pelo Codificador na Introdução de *O evangelho segundo o espiritismo*:⁷

1. “O Espiritismo não tem nacionalidade, não faz parte de nenhum culto particular, nem é imposto por nenhuma classe social, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo.”
2. A “[...] universalidade no ensino dos Espíritos faz a força do Espiritismo; aí reside também a causa de sua tão rápida propagação.”
3. “[...] Daí resulta que, com relação a tudo o que esteja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas como opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que seria imprudente aceitá-las e propagá-las levemente como verdade absoluta.”
4. “O primeiro controle é, incontestavelmente, o da razão, ao qual é preciso submeter, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em notória contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possui, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traz como assinatura.”
5. “Mas, em muitos casos, esse controle ficará incompleto em razão da insuficiência de conhecimentos de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar a própria opinião como juízes únicos da verdade. Em semelhante caso, o que fazem os homens que não depositam absoluta confiança em si mesmos? Vão buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. [...]”
6. “A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, o melhor controle [...]. Prova a experiência que, quando um princípio novo deve ser revelado, ele é ensinado *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao fundo.”
7. “Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias.”
8. “O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que, em proveito próprio, pretendessem introduzir no Espiritismo as seitas que dele quisessem apoderar-se, acomodando-o à sua vontade”.

Referências

1. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Cap. 1, item 5, p. 59.
2. _____. *O que é o espiritismo*. 54. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Preâmbulo, p. 54-55.

3. _____. *A gênese: os milagres e as predições*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap. 1, item 16, p. 31.
4. _____. Item 55, p. 58.
5. _____. *Obras póstumas*. Evandro Noleto Bezerra 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Segunda parte, item: A minha primeira iniciação no espiritismo, p. 350.
6. _____. p. 350-351.
7. _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Op. Cit. Introdução, item II: Controle universal do ensino dos Espíritos, p. 25-35.

Orientações ao monitor

1. Fazer breve exposição introdutória do assunto, fornecendo visão panorâmica dos conteúdos desenvolvidos neste Roteiro.
2. Dividir a turma em dois grupos, cabendo a um deles a leitura, a troca de ideias e a síntese do item *Acontecimentos que marcaram o surgimento do Espiritismo*. O outro grupo realiza as mesmas atividades, porém, em relação ao item *Análise dos fatos espíritas*.
3. Sugerir aos grupos a indicação de relator para apresentar, em plenária, a síntese do texto lido.
4. Esclarecer possíveis dúvidas, destacando pontos importantes do que foi estudado.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 26

ESTUDO CIENTÍFICO DOS FATOS ESPÍRITAS

Objetivos

- » Analisar as contribuições científicas à investigação dos fatos espíritas.

Ideias principais

- » A manifestação maciça dos Espíritos, ocorrida de forma organizada em partes do mundo, no século XIX, caracterizou os fatos espíritas e sua amplitude. Tais fatos despertaram a atenção de todos os segmentos da sociedade, inclusive dos representantes da Ciência, muitos dos quais decidiram investigar a fundo os fenômenos intermediados pelos médiuns.
- » A pesquisa científica, realizada por personalidades conhecidas, nos séculos XIX e XX, resultou na produção de análises consistentes que vieram comprovar, não só a existência e sobrevivência do Espírito, após a morte do corpo físico, mas também o intercâmbio entre os dois planos da vida, o físico e o espiritual.
- » São citadas neste Roteiro de Estudo as contribuições de alguns estudiosos e cientistas na elucidação dos fatos espíritas.

Subsídios

Desde o século XIX, época do surgimento da Doutrina Espírita até os dias atuais, os fatos espíritas despertam a atenção de alguns cientistas e estudiosos, para estudá-los ou criticá-los. Tais fatos, porém, jamais lhes permaneceram indiferentes. Sem a pretensão de ter esgotado o assunto apresentamos, em seguida, breve revisão do trabalho realizado por alguns pesquisadores, citados em ordem alfabética.

1. Estudiosos e cientistas que investigaram os fatos espíritas

- » **Alexandre Aksakof** (1832–1903) – professor pesquisador da Academia de Leipzig, diplomata e conselheiro do czar russo, Alexandre III, doutor em Filosofia, notabilizou-se na investigação e na análise dos fenômenos espíritas durante o século XIX. Realizou diversas pesquisas com alguns dos mais conhecidos sensitivos da época, publicando os resultados em livros, como *Um caso de desmaterialização*, e *Animismo e espiritismo* (ambos pela Editora FEB).
- » **Alfred Russel Wallace** (1823–1913) – famoso naturalista inglês, geógrafo, antropólogo e biólogo evolucionista, íntimo colaborador de Charles Darwin. Em 1865 Wallace investigou os fenômenos das *mesas girantes*, ainda tão em voga na Europa, e a mediunidade dos senhores Marshall e Cuppy, entre outros, afirmando, mais tarde, que as comunicações com os Espíritos “estavam inteiramente comprovadas pela Ciência, tão bem, como quaisquer fatos, provados por outras ciências.”
- » **Carl Gustav Jung** (1875–1961) – nascido na Suíça, foi um dos maiores psiquiatras do século XIX. Discípulo de Freud, fundou a escola analítica da Psicologia, que trouxe novas e significativas contribuições ao estudo da mente e das doenças a ela associadas. Em suas pesquisas mostrou interesse pela mediunidade, uma vez que sua vida sempre esteve marcada por experiências que envolviam fenômenos de clarividência, sonhos premonitórios e psicocinesia. Em 1977 afirmou: “Não hesito em declarar que tenho observado um número suficiente de tais fenômenos [os mediúnicos] para estar completamente convencido de sua realidade”. Em 1902, a dissertação para obter o título de médico tinha este título: *Sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos chamados ocultos*. Neste trabalho, que durou

cerca de um ano para realizar, contou com a ação mediúcnica de sua prima, uma jovem de 15 anos.

- » **Charles Richet** (1850–1935) – médico e fisiologista francês de renome internacional. Prêmio Nobel de Medicina, em 1913. Estudou, com muita dedicação, os fatos espíritas relacionados à obsessão, descritos em sua obra *Tratado de metapsíquica*. Tal obra é, sem dúvida, um verdadeiro arcabouço de experiências psíquicas, analisadas junto a pacientes portadores de demência e outros distúrbios mentais.
- » **Cesare Lombroso** (1835–1909) – médico e cientista italiano, considerado pai da moderna criminalística pelas contribuições fornecidas nos campos da antropologia, da sociologia e da psicologia criminais. Seu livro *Hipnotismo e mediunidade* (editora FEB) é notável estudo de comprovação dos fatos espíritas, intermediados, em especial, pela médium napolitana Eusápia Palladino.
- » **Elisabeth Kübler-Ross** (1926–2004) – médica suíça, naturalizada americana, foi figura de destaque no meio acadêmico e médico do século XX. Dedicou toda a sua vida aos pacientes portadores de doenças terminais, ou com enfermidades graves, internados no CTI (Centro de Terapia Intensiva) dos hospitais por onde trabalhou. Conheceu o fenômeno da morte de perto, vindo a publicar livros sobre o assunto e, também, sobre a Experiência de Quase Morte, tendo como base os casos clínicos que acompanhou. Seus livros são referências em ambos os assuntos e entre eles citamos: *Sobre a morte e o morrer*. Martins Fontes, 1969; *Morte – estágio final da evolução*. Record, 1975; *Perguntas e respostas sobre a morte e o morrer*. Martins Fontes, 1979; *A morte: um amanhecer*. Pensamento, 1991; *A roda da vida: memórias do viver e do morrer*. GMT, 1998.
- » **Ernesto Bozzano** (1862–1943) – conhecido filósofo italiano do século XX, professor de filosofia científica da Universidade de Turim. Estudou, em profundidade, a metapsíquica e os fatos espíritas, publicando inúmeras obras que refletem não só o pesquisador profícuo que foi, mas também o produto de suas experiências e investigações. Citamos, em seguida, as principais obras, seguidas do ano em que se dedicou à pesquisa: *Hipótese espírita e teoria científica*, 1903; *Dos casos de identificação espírita*, 1909; *A crise da morte*, 1930–52; *Investigação sobre as manifestações supranormais*, 1931–40; *Xenoglossia*, 1933; *Dos fenômenos de bilocação*, 1934; *Dos fenômenos de possessão*, 1936; *Animismo ou Espiritismo?*, 1938; *Povos primitivos e manifestações paranormais*,

1941–46; *Dos fenômenos de telestesia*, 1942; *Música transcendental*, 1944; *Os mortos voltam*, 1947; *Literatura de além-túmulo*, 1947; *As visões dos moribundos*, 1947; *A psique domina a matéria*, 1948; *Os animais têm alma?*, 1950; *Pensamento e vontade*, 1967; e *Os fenômenos de transfiguração*, 1967.

- » **Frederic W. H. Myers** (1843–1901) – poeta inglês e professor de cultura clássica da Universidade de Cambridge-Inglaterra, considerado gênio em razão de suas ideias e inteligência. Fundou, junto com outros pesquisadores, a *Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Cambridge* com o objetivo de investigar fatos espíritas, como telepatia, hipnotismo, assombrações e alucinações, contando, para isso, com o auxílio de vários médiuns. Os resultados de suas pesquisas foram publicados nas edições da *Sociedade Psíquica*, mas dois dos seus livros são bastante conhecidos: *A personalidade humana* e *Os fantasmas vivem*. O estudioso defendia a teoria de que, se o mundo espiritual alguma vez se manifestasse aos seres humanos encarnados, uma investigação séria deveria ser feita para descobrir sinais inconfundíveis ou reveladores. Acrescentou, também: “se todas as tentativas para se verificar cientificamente a intervenção de um outro mundo fossem definitivamente mostradas fúteis, isso seria um golpe terrível, um golpe mortal, em todas as nossas esperanças de uma outra vida, assim como na religião tradicional”.
- » **Gustave Geley** (1868–1924) – médico francês, com doutorado em Medicina e filósofo de grande envergadura intelectual do século XX. Notável pesquisador dos fatos espíritas, sobretudo os relacionados aos fenômenos de materialização. É referência obrigatória quando se deseja estudar este tema. No Brasil, dois livros seus são bastante conhecidos: *O ser subconsciente* (editora FEB); e *Resumo da doutrina espírita* (editora LAKE). Dedicou-se com tamanho afinco ao estudo dos fatos espíritas que, aos 42 anos de idade, abandonou a prática médica para dedicar-se, exclusivamente, às pesquisas desse gênero. Em uma de suas obras, publicada na Espanha, afirmou: “A Doutrina Espírita é muito grandiosa para não impor aos pensadores uma discussão profunda. Bom número deles concluiu, seguramente, considerando que uma doutrina baseada sobre fatos experimentais tão numerosos e tão precisos, e acordes com todos os conhecimentos científicos nos diversos ramos de atividade humana, dando solução muito clara e muito satisfatória aos grandes problemas psicológicos e metafísicos, é verossímil; muito mais verdadeira; é muito provavelmente verdadeira.” (*Del Inconsciente al Consciente*, p. 9, Casa Editorial Maucci-Barcelona).

- » **Hernani Guimarães Andrade** (1913–2003) – pesquisador brasileiro, engenheiro, fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiológicas (IBPP), procurou comprovar cientificamente a existência da reencarnação. Desenvolveu notáveis investigações sobre a obsessão e a transcomunicação instrumental.

Além disso, realizou pesquisas laboratoriais para detectar o que denominou campo biomagnético (CBM) ou Modelo organizador biológico (MOB), que é o perispírito, da terminologia espírita usual. As obras publicadas por ele são consideradas de referência, pela seriedade e lucidez das ideias desenvolvidas: *Espírito, perispírito e alma* (Editora Pensamento); *Matéria psi* (Editora Pensamento); *Morte - uma luz no fim do túnel* (Editora FE); *Morte, renascimento e evolução* (Editora FE); *Parapsicologia experimental* (Editora Pensamento); *Parapsicologia - uma visão panorâmica* (Editora FE); *Poltergeist: algumas ocorrências no Brasil* (Editora Pensamento); *Psi quântico* (Editora Didier); *Reencarnação por amor* (Editora O Clarim); *Reencarnação e você* (Editora CEAC); *Renasceu por amor* (Editora FE); *Transcomunicação através dos tempos* (Editora FE); *Teoria corpuscular do espírito* (Editora Didier).

- » **Hemendra Nath Banerjee** (1929–1985) – indiano, psicólogo, parapsicólogo pesquisador científico, diretor do Departamento de Parapsicologia da universidade de Rajasthan-Índia. Iniciou uma série de investigações a respeito de diversos casos de crianças que recordavam existências anteriores, chegando a catalogar três mil casos. Tais casos, disse ele, são numerosos na Índia, bem como em diversos países do oriente. Em seu livro *Vida pretérita e futura*, publicado em 1979, relata 25 anos de estudos sobre a reencarnação. Esta afirmação, contida no referido livro, delinea a abrangência do seu trabalho:

Durante anos, os pesquisadores parapsicólogos que estudam os casos de reencarnação tem sido considerados charlatões, e seus estudos classificados como de efêmero valor. Mas, depois de mais de vinte e cinco anos de pesquisas neste campo, em que estudei mais de 1.100 casos de reencarnação em todo o mundo, e publiquei vários trabalhos sobre o assunto, a crítica diminuiu e surgiu maior interesse. Os fatos que cada vez mais chegam ao nosso conhecimento são tão impressionantes, que agora a comunidade científica passou a considerá-los como dignos de pesquisa. Desde o começo, decidi formar um centro de estudos internacional sobre a reencarnação. Seu objetivo seria estudar cientificamente casos de vidas anteriores

em todo mundo e coligir dados relativos aos mesmos. Minhas pesquisas de um quarto de século convenceram-me de que há muitas pessoas, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, dotadas de memórias diferentes, o que não se pode obter por vias normais. Chamo esse tipo de memória de “memória extracerebral”, porque as afirmações dos sujeitos de possuírem lembranças de vidas anteriores parecem ser independentes do cérebro, principal repositório da memória. É fato científico que ninguém é capaz de lembrar o que não aprendeu anteriormente. Os casos descritos neste livro não se baseiam no ouvir dizer nem em estórias de jornais; baseiam-se em pesquisas dos científicos. Meu estudo sobre a reencarnação foi concebido à luz de várias hipóteses, tais como, a fraude, a captação de lembranças através de meios normais, e a percepção extrassensorial. (BANERJEE, 1987, p. 13-14).

- » **Ian Stevenson**(1918–2007) – médico canadense radicado nos Estados Unidos, onde desencarnou, foi pesquisador do Departamento de Medicina Psiquiátrica da Universidade de Virgínia-EUA. Referência obrigatória quando o assunto é reencarnação, pois estudou 2.600 casos, a maioria em crianças que, em dado momento de suas vidas, sem uma razão muito clara para isso, passaram a dizer que tinham sido outra pessoa em vida diferente, lembrando-se com impressionante nitidez de fatos e situações vividas, assim como o nome de pessoas e de cidades. No Brasil, seu livro mais conhecido é *20 casos sugestivos de reencarnação*. Mas o professor Stenvenson publicou centenas de artigos na imprensa especializada e cerca de dez livros abordando temas relacionados à memória extracerebral. A sua obra, *Reencarnação e biologia*, publicada em dois volumes, em 1997, merece destaque, especialmente o estudo da etiologia das marcas e defeitos de nascimento. No primeiro volume ele descreve marcas de nascimento na pele de bebês recém-nascidos que não podiam ser explicadas pela herança genética. No segundo volume ele se concentra em deformidades e outras anomalias com as quais as crianças nasciam, mas que não podiam ser explicadas pela herança genética, nem por ocorrências pré-natalinas ou perinatalinas (durante o nascimento). Este trabalho contém centenas de fotos que documentam as evidências.

A editora brasileira Centro de Estudo Vida e Consciência publicou, em 2010, dois livros de Ian Stevenson: *Reencarnação, Vinte Casos e Reencarnação na Europa*.

- » **Johann Karl Friedrich Zöllner** (1834–1882) – astrônomo e físico alemão, professor de grande prestígio da Universidade de Leipzig pelos seus trabalhos no campo da física (foi o criador da *ilusão ótica*) e nas dimensões da matéria. Segundo o cientista, a matéria apresenta, além das três dimensões conhecidas, especificadas pela geometria euclidiana, uma quarta, de natureza extrafísica, acessada pelos médiuns. Esta dimensão suplementar seria, na verdade, uma extensão da matéria, propriamente dita, sendo, porém, invisível e nem sempre perceptível pelos sentidos humanos. Realizou vários estudos práticos, apresentando evidências concretas para corroborar a sua tese, que se encontram descritas no livro: *Provas científicas da sobrevivência*, publicado pela EDICEL.
- » **Oliver Joseph Lodge** (1851–1940) – físico e escritor inglês de renome, sobretudo pelos trabalhos relacionados à telegrafia, às velas de ignição, ao éter, aos relâmpagos, à eletrólise e à eletricidade. Foi o inventor do telégrafo sem fio. O cientista é também lembrado pelos estudos sobre a vida após a morte, a telepatia, e manifestações mediúnicas dos Espíritos. Seu livro *Raymond, a vida e a morte* relata fatos comprobatórios da sobrevivência do seu filho, Raymond, morto na primeira guerra mundial, tornando-se, à época, *best-seller*. Mas ele publicou muitas outras obras espíritas, além das não espíritas, todas relacionadas às suas pesquisas. Eis algumas: *Sobrevivência do homem*, 1909; *Vida e matéria*, 1912; *Porque creio na imortalidade da alma*, 1928; *Paredes fantasmas*, 1929; *A realidade do mundo espiritual*, 1930; *Convicção da sobrevivência*, 1930.
- » **Raymond Moody** (1944 –) – parapsicólogo, filósofo e médico, natural dos Estados Unidos. É amplamente conhecido como autor de livros sobre a vida depois da morte e experiências de quase morte, um termo criado pelo próprio em 1975. Seu título mais vendido é *Vida depois da vida*. Moody estudou Filosofia na Universidade da Virgínia, onde obteve bacharelado (1962), mestrado (1967) e doutorado (1969) em Filosofia. Obteve também outro doutorado, em psicologia, pela Universidade da Georgia Ocidental, onde se tornou professor, nesta área. Em 1976, foi premiado com mais um doutoramento, em Medicina, pela Faculdade de Medicina da Georgia. Em 1998, obteve a titulação de Mestre em Estudos da Consciência pela Universidade de Nevada, Las Vegas. Em seguida, obteve o doutorado. Moody trabalhou como psiquiatra forense num hospital de máxima segurança do estado da Georgia. Todas as suas

pesquisas sobre a sobrevivência do Espírito são, exclusivamente, de fundamentação científica.

- » **Semyon Davidovich Kirlian** (1898–1978) e, sua esposa, Valentina Khrisanovna Kirliana (? – 1972) – ele, cientista, pesquisador e inventor russo; ela, professora e jornalista, também de nacionalidade russa. Ambos obtiveram a primeira fotografia da aura humana, em 1939, após dez anos de intensas pesquisas. Utilizou uma máquina fotográfica especial, denominada bioeletrografia ou kirliangrafia.
- » **Willian Jackson Crawford** (1881–1920) – professor do Instituto Técnico e da Universidade de Belfast-Irlanda, estudou, em profundidade, a levitação de objetos. Graças aos componentes do “Círculo Goligher” — grupo de médiuns do qual se destacava a senhorita Kathlen Goligher —, pôde comprovar a formação de uma alavanca (*cantilever*), construída com ectoplasma, de que se valiam os Espíritos para levitarem objetos pesados, como mesas, como consta no livro de sua autoria: *Mecânica psíquica*, editora LAKE.
- » **William Crookes** (1832–1919) – químico e físico inglês, descobridor do elemento químico tálio, inventor do radiômetro, desenvolveu reconhecidas pesquisas no campo da espectrometria. Estudou intensamente, por cinco anos, a materialização de Espíritos, cujos detalhes estão reproduzidos no livro *Fatos espíritas* (editora FEB). O relatório de Crookes sobre a sua pesquisa, em 1874, conclui que os fenômenos mediúnicos de materialização não podiam ser explicados como prestidigitação. Crookes não estava só nessa opinião, pois companheiros cientistas também passaram a confirmar a veracidade da comunicação de Espíritos.
- » **William James** (1842–1910) – filósofo e psicólogo estadunidense, reconhecido como um dos cinco psicólogos mais importantes da história da Psicologia, foi considerado, ao lado de Charles Sanders Peirce, um dos fundadores do pragmatismo. Ele escreveu livros influentes sobre Psicologia, variedades da experiência religiosa e do misticismo, e sobre a filosofia do pragmatismo (ou psicologismo behaviorista). Foi também grande pesquisador de fenômenos parapsíquicos, estudando por mais de duas décadas os fatos mediúnicos intermediados pela médium Leonora Piper. Em conhecido artigo publicado na *Revista de Pesquisas Psíquicas* dos Estados Unidos, edição 1889–1890, analisa o fenômeno do transe e do transe mediúnico, assinalando: “Minha impressão é que a Sra. Piper é portadora de poderes supranormais”.

2. Pesquisas científicas relacionadas aos fatos espíritas

2.1. Fenômenos Psicocinéticos e Fenômenos Extrassensoriais

No século XX surge a **Parapsicologia**, também conhecida como **Pesquisa Psi** — na verdade, é a Metapsíquica de Richet sob nova roupagem —, que foi considerada disciplina científica do currículo de inúmeras universidades do Mundo, sobretudo nos Estados Unidos. A Parapsicologia propõe estudar fatos supostamente catalogados como sobrenaturais, mas associados às ações humanas — são os fenômenos psicocinéticos — assim como as percepções extrassensoriais (PES).

A Parapsicologia surgiu em 1930 com o Professor Joseph Banks Rhine, que dirigiu o primeiro laboratório de Parapsicologia do mundo, na Duke University, Carolina do Norte-EUA. O Professor Rhine é considerado o pai da Parapsicologia Moderna. Em 1940, após dez anos de estudos sérios, afirmou: “O Homem pode perceber por outra via que não a dos sentidos físicos. Esta percepção extrassensorial é extrafísica, e pode ser estudada em laboratório.”

Os fenômenos psicocinéticos, identificados por **PK** (*psychokinesis*), são caracterizados por ações diretas no meio ambiente. Quando estas ações produzem efeitos maiores, e são claramente observáveis, diz-se **macro-PK**. Se ações têm pouco impacto chamam-se **micro-PK**.

Os principais fatos analisados pela Parapsicologia são: **telepatia** (transmissão do pensamento e emoções), **clarividência** (visualização de coisas e acontecimentos do mundo físico, através de um corpo opaco ou à distância), **clariaudiência** (percepções de sons, ruídos, frases, músicas, provenientes do plano físico e extrafísico, não escutados por pessoas comuns), **precognição** (conhecimento fatos que ainda não aconteceram), **retrocognição** (relatos de acontecimentos ocorridos no passado, por meio da PES), **psicocinesia** (ação anímica sobre a matéria por meio da mente),

Os fenômenos extrassensoriais, identificados pela sigla **PES** (percepção extrassensorial) estão divididos em dois tipos: **PSI-GAMA** (telepatia, clarividência, clariaudiência, xenoglosia etc.) e **PSI-KAPA** (levitação, transportes, desvios de pequenos corpos etc.). Alguns parapsicólogos modernos utilizam uma terceira categoria de fenômenos paranormais: os **PSI-TETA**, que são os fenômenos mediúnicos, propriamente ditos.

A Doutrina Espírita considera os fenômenos paranormais, ou extrassensoriais, como de dois tipos: **anímicos e mediúnicos**. Os primeiros, assim denominados por Alexandre Aksakof, ao se apropriar da expressão latina “anima” (alma), designam os fenômenos paranormais produzidos pela própria alma humana. O Codificador preferiu chamá-los de **fenômenos de emancipação da alma**. Os segundos, originalmente designados por Allan Kardec, indicam a faculdade inerente às pessoas de se comunicarem com seres extracorpóreos. Para o Espiritismo, os fenômenos mediúnicos podem apresentar duas formas de manifestação: **de efeitos físicos** — se revela ação no meio ambiente —, e **de efeitos intelectuais** — se a ação está relacionada ao conhecimento ou ao intelecto.

Vemos, então, que os fenômenos mediúnicos e de emancipação da alma são os mesmos fenômenos paranormais ou PES, da Parapsicologia. Mas, enquanto o foco principal da Parapsicologia são os fenômenos anímicos ou psicocinéticos, o Espiritismo se concentra mais nos mediúnicos.

2.2. Parapsicologia Forense

Na atualidade, há grande impulso para o estudo das ações dos chamados *parapsicólogos forenses*, ou médiuns, segundo a terminologia espírita. São conhecidos como *investigadores psíquicos* (do inglês *Psychic Witness*), em especial nos Estados Unidos. Trata-se de médiuns que trabalham em conjunto com a polícia na investigação de crimes de difícil solução (inexistência de testemunhas, escassez de provas, excesso de suspeitos etc.). A Lei americana obriga a polícia a ouvir todos os que dizem saber algo sobre a investigação, incluindo aqueles que se intitulam médiuns ou sensitivos, desde que se apresentem voluntariamente para auxiliar, pois não faz parte do procedimento policial ir em busca de médiuns para a solução de crimes.

Lembramos que no Brasil certos textos psicografados por Francisco Cândido Xavier já foram incorporados a processos criminais na forma de provas documentais.

2.3. Psicotrônica

Na década de 70 surge uma vertente da Parapsicologia na República Tcheca (antiga Tchecoslováquia): a Psicotrônica. A finalidade da Psicotrônica é estudar fenômenos psiconeurológicos do

homem e dos outros seres vivos, e os fenômenos bioenergéticos, envolvidos na produção de efeitos físicos e processo de cura de enfermidades. A Psicotrônica não considera a ação dos Espíritos: tudo é provocado pelo cérebro.

2.4. Transcomunicação Instrumental-TCI

A abrangência dos fatos espíritas teve novo impulso quando estudiosos verificaram ser possível aos Espíritos comunicarem-se, também, por meio de instrumentos e máquinas, quais sejam: gravadores de vozes, de rádio, televisão, telefone, computador, entre outros. Esse tipo de comunicação foi cunhado como *Transcomunicação Instrumental* (TCI).

A origem da moderna TCI está situada no início do século XX, quando alguns cientistas, como Thomas Alva Edison e Atila Von Szalay, entre outros, começaram suas experiências em TCI, utilizando aparelhos pouco sofisticados. Em termos históricos, acredita-se que a primeira obra sobre o assunto foi *Vozes do além pelo telefone*, de Oscar D'Argonnel, publicada, no Rio de Janeiro, em 1925. O autor foi conhecido pesquisador espírita brasileiro do começo do século XX.

Em 1959 *Friedrich Jüergenson*, russo naturalizado sueco, começou a obter gravações de vozes dos Espíritos com regularidade, culminando na publicação de um livro sobre o assunto, em 1964. Foi quando a transcomunicação tornou-se mundialmente conhecida. Os resultados de Jüergenson estimularam o psicólogo e literato lituano *Konstantin Raudive* (1909–1974) a iniciar pesquisas sobre o tema, em 1965, transformando-se em um dos maiores estudiosos do assunto, em todo o Planeta. Raudive realizou a proeza de gravar 72 mil frases dos Espíritos, que estão publicadas em sua obra *O inaudível torna-se audível*, antes de dedicar-se à TCI.

2.5. Bioenergia Humana

A palavra *bioenergia*, integrante do vocabulário dos parapsicólogos, é conhecida pelos espíritas como fluido ou energia vital. Esta energia pode ser transmitida por meio da imposição das mãos (passe espírita), pela prece e por irradiações mentais, estando o beneficiário presente ou ausente.

Estudos acadêmicos sérios, que tratam dos efeitos da bioenergia, estão sendo desenvolvidos por pesquisadores, no Brasil e no exterior.

Atualmente, há uma série de pesquisas que abrangem interação da bioenergia humana com diferentes materiais e situações, quais sejam: modificações da molécula de água; crescimento e tratamento de plantas doentes; tratamento de pessoas hipertensas, com câncer e com infecções; processos de cicatrização; cultivo de tecidos embrionários etc.

A pesquisa, muito atual, relacionada à bioenergia, envolve “o poder da oração”. Uma das grandes autoridades mundiais nesse campo é Jeff Levin, médico epidemiologista social, formado em religião, sociologia, saúde pública, medicina preventiva e gerontologia na Universidade Duke, Carolina do Norte- EUA. É também pesquisador do *National Institute for Healthcare Research*, e seus estudos podem ser definidos como *epidemiologia da religião* — o estudo científico de como fatores espirituais previnem a incidência de enfermidades em determinadas regiões e a mortalidade, e como promovem a saúde e o bem-estar — estabelecendo, assim, o relacionamento existente entre ciência, medicina e espiritualidade. Recomendamos a leitura do seu livro: *Deus, fé e saúde*, publicado no Brasil pela Editora Cultrix.

2.6. Ação Espiritual em Doentes

No Brasil e fora do país, alguns pesquisadores estão desenvolvendo estudos relacionados à ação dos bons Espíritos na recuperação de doentes. Neste sentido, é relevante citar a pesquisa realizada pelos médicos psiquiatras Frederico Leão e Francisco Lotufo, ambos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que constataram significativas melhoras clínicas e comportamentais em 650 *pacientes portadores de deficiências mentais e múltiplas*, depois de submetê-los ao auxílio espiritual de Espíritos benfeitores, durante reuniões mediúnicas. Como resultado do estudo, os autores sugerem a “aplicação do modelo de prática das comunicações mediúnicas como terapia complementar.”

A propósito, o livro *Psiquiatria e espiritismo*, publicado pela FEB, fornece amplos esclarecimentos sobre a mente e as doenças mentais.

Os brasileiros Jorge Andréa, psiquiatra, e Nubor Orlando Facure, neurocientista, fundador do Instituto do Cérebro, da Universidade de Campinas-UNICAMP, São Paulo, são exemplos de estudiosos que pesquisam e publicam trabalhos envolvendo os benefícios da mediunidade. O Professor Facure procura compreender, nos estudos que realiza, a relação entre os núcleos de base dos automatismos psicomotores e

aqueles que geram o fenômeno da mediunidade. Em entrevista concedida à revista *universo Espírita* (Nº35, Ano 3), aponta que há um tipo de neurônio, o neurônio espelho, que pode ser responsável pela “sintonia mediúnica”, a qual permite “sentirmos no lugar do outro”, como ocorre durante os transes mediúnicos.

Recomendamos a leitura destes livros de Nubor Facure: *Muito além dos neurônios; Interação mente e cérebro; e As bases neurológicas das atividades espirituais*. De Jorge Andréa: *Limites entre processo obsessivo; Doenças mentais; Forças sexuais da alma*.

Outra estudiosa do assunto, no Brasil, é a médica Marlene Rossi Severino Nobre, presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil. Recomendamos a leitura destes livros de sua autoria: *Epífyse: Glândula da vida mental; A obsessão e as suas máscaras*.

2.7. Reencarnação

As lembranças de vidas passadas ocorrem de duas formas: **espontâneas** — foco das pesquisas de Banerjee, Stevenson e Hernani —, e **provocadas**. Nesta situação, a pessoa é submetida à hipnose ou sugestão hipnótica, usuais na Terapia de Vidas Passadas – TVP. Este tipo de recordação induzida é mais um instrumento terapêutico, de auxílio a pessoas que revelam distonias mentais e/ ou comportamentais, devendo, portanto, ser conduzida de forma segura, com moral e ética, por médicos ou psicólogos.

A indicação da terapia de vidas passadas deve ser sempre submetida à análise prudente dos terapeutas. Os trabalhos do médico e psiquiatra estadunidense, Brian Weiss, representam pioneirismo, em relação ao tema. Brian Weiss, diplomado pela Universidade de Yale, com especialização em Psiquiatria na Universidade de Columbia, foi professor de Medicina em várias faculdades americanas, antes de se dedicar a TVP. Publicou mais de 40 ensaios científicos nas áreas de psicofarmacologia, química cerebral, distúrbios do sono, depressão, ansiedade, distúrbios causados pelo abuso de drogas e sobre o Mal de Alzheimer.

Atualmente, é diretor emérito do Departamento de Psiquiatria do Hospital Mount Sinai, em Miami. O Dr. Weiss viaja constantemente para promover palestras e *workshops* sobre seu trabalho e contribui para diversas publicações acadêmicas, jornais e revistas, como *The Boston Globe*, *The Miami Herald*, *The Chicago Tribune* e *The Philadelphia*

Inquirir, entre outros. Os livros de sua autoria mais conhecidos são: *Muitos mestres, muitas vidas*; *A divina sabedoria dos mestres*; *Só o amor é real*; *Meditando com Brian Weiss*.

2.8. Experiência de Quase Morte (EQM)

Refere-se a um conjunto de sensações frequentemente associadas a situações de morte iminente, associadas a hipóxia cerebral (baixo teor de oxigênio no cérebro), sendo que as mais divulgadas são “o efeito túnel” e a “experiência fora-do-corpo” (EFC), também denominada *autoscopia*. O termo foi cunhado por Raymond Moody, em seu livro *Vida depois da vida*, escrito em 1975.

A experiência de quase morte, segundo a maior parte dos pacientes, modifica-lhes para melhor a visão que têm do mundo e das pessoas. As mudanças comportamentais são significativamente positivas, sendo a principal, a perda do medo da morte (tanatofobia). Passam a valorizar mais a própria existência e a dos outros. Comumente, reavaliam os seus valores éticos e morais. Com o passar do tempo tornam-se indivíduos mais serenos e confiantes.

2.9. Telepatia

Além das pesquisas realizadas pelos parapsicólogos em inúmeras universidades, voltadas para fins exclusivamente acadêmicos e éticos, que tratam do conhecimento das potencialidades psíquicas do ser humano, é impossível ignorar investigações de natureza militar sobre a telepatia.

Neste sentido, destacam-se trabalhos realizados pelo médico russo Leonid Vasiliev (1891-1966) catedrático de fisiologia da Universidade de Leningrado, membro da Academia Soviética de Medicina. Desde a década de 1920 esse cientista soviético testava os efeitos das sugestões mentais a distância, bem como a ideia de que a irradiação eletromagnética serviria como veículo para a telepatia, ideia que foi logo descartada.

No começo da década de 1950, o Departamento de Estado Americano realizava em seus funcionários exercícios que aumentavam a capacidade intuitiva. Memorandos internos, inclusive da CIA, recomendavam que se direcionassem pesquisas “para aplicações confiáveis aos problemas práticos de segurança”. São questões que servem de alerta e que merecem detida reflexão sobre a utilização dos poderes

da mente, os quais, a rigor, existem para tornar o homem melhor, especialmente em termos morais.

Referências

ATENÇÃO: Todas as referências estão citadas no corpo do Roteiro.

Orientações ao monitor

1. Sugerimos que o conteúdo deste Roteiro seja desenvolvido em duas reuniões.
2. Na primeira, o monitor, em conjunto com a turma, elabora uma linha do tempo que contenha: nome do estudioso/cientista, época e local em que viveu, principais contribuições na investigação dos fatos espíritas, obras publicadas.
3. Na segunda reunião, a turma se organizará em grupos para estudar as pesquisas científicas relacionadas aos fatos espíritas (item 2 deste Roteiro).
4. Em ambas as reuniões, faz-se: a) breve exposição introdutória para fornecer visão panorâmica do assunto; b) exposição conclusiva na forma de síntese dos conteúdos estudados.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 27

AÇÃO DOS ESPÍRITOS NA NATUREZA

Objetivos

- » Relacionar as principais tradições culturais que fazem referência à ação dos espíritos na natureza.
- » Analisar as ideias espíritas que tratam dos espíritos protetores da natureza.

Ideias principais

- » Segundo a tradição cultural de muitos povos existem seres singulares, chamados elementares, presentes em todas as atividades da natureza. *Na cultura religiosa do passado e do presente, encontraremos esses seres sob a denominação de devas, elementais, fadas, gênios, silfos, elfos, djins, faunos...* Manoel Philomeno de Miranda: *Loucura e obsessão*. Cap.9.
- » Pergunta: *Os Espíritos que presidem aos fenômenos da natureza formam categoria à parte no mundo espiritual? Serão seres especiais ou Espíritos que foram encarnados como nós?*

Resposta: *Que serão, ou que foram.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 538.

- » *Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espiritual?*

Resposta: *Depende do papel mais ou menos material ou mais ou menos inteligente que desempenhem. Uns comandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, tanto entre os Espíritos como entre os homens.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 538-a.

Subsídios

A ação dos Espíritos na natureza pode ser estudada sob dois enfoques: o que envolve tradições mitológicas e o que se relaciona às ideias espíritas. No primeiro, se destacam as tradições culturais que descrevem a existência de seres denominados **elementais**, encontradas na sociedade anglo-saxônica, ou as descritas pela mitologia greco-romana quando se referem aos “deuses” protetores da natureza. No segundo enfoque, *O livro dos espíritos* e demais obras da Codificação apresentam nítidas considerações a respeito do assunto.

1. Fontes mitológicas e mitos

Por definição, **mitologia** é o estudo dos mitos, história e lendas de uma civilização ou cultura particular, condições que definem seu sistema de crenças. **Mito**, por sua vez, é considerado um relato fantástico (às vezes misterioso) da tradição oral de um povo, em geral protagonizado por seres que caracterizam as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana.

Os *mitos* são, portanto, histórias baseadas em tradições e lendas feitas para explicar o universo, a criação do mundo, os fenômenos naturais, entre outros. São narrações ou relatos simbólicos que explicam a origem de fatos e a existência de personagens amplificados pelo imaginário popular ou literário de um povo. Ainda que nem em todos os mitos tenham propósito explicativo, há algo comum entre eles: envolvem forças sobrenaturais ou divindades.

Os principais temas do mito são: a criação; deuses e deusas; figuras heroicas, monstros e demônios; animais; o mundo subterrâneo; jornadas, buscas e provas; e os mundos destruídos.

Os mitos da criação fornecem subsídios, históricos e antropológicos que

[...] sustentam as estruturas sociais, a relação dos seres humanos com o mundo natural e as questões da vida e da morte. Algumas vezes, uma deidade criadora faz existir o Sol, a Lua e as estrelas, os mares e as montanhas, assim por diante, junto com as deidades que os personificam, e em seguida a vida vegetal, os animais e os seres humanos que povoam o mundo.²

O **mito dos deuses e deusas** integra as tradições culturais e/ou religiosas de todos os povos do Planeta: “Essas deidades possuem características humanas: têm pais e filhos e pertencem a algum grupo familiar. Um dos papéis importantes da mitologia é o de reforçar e também justificar as relações de poder e liderança.”²

Dessa forma um deus pode personificar força da natureza, assim como um rei ou sacerdote, ou ambos. Distinguem-se, porém, dos seres humanos comuns por possuírem qualidades excepcionais, inimagináveis para a espécie humana. Fato curioso é que as tradições mitológicas aceitam que nem todos os deuses “[...] são imortais, mas, se morrerem, poderão renascer.”²

O mito das figuras heroicas refere-se aos semideuses que, “[...] em muitas mitologias possuem poderes sobre-humanos por causa da ascendência divina; ou podem ter adquirido divindade [...] com ajuda de uma deidade, pelo uso de armas mágicas, ou pela aquisição de poderes mágicos por meio de engenhosidade ou trapaça.”³

O **mito dos monstros e demônios** é tradição comum das fontes mitológicas. São vistos como seres que uma figura heroica luta, enfrenta e derrota. São seres que representam o mal, mas nem sempre revelam aparência deformada ou hedionda como comumente são configurados. Podem ter aparência humana comum, mas os seus atos revelam oposição ao bem, daí serem considerados inimigos sistemáticos dos deuses.³

O **mito dos animais** é também corriqueiro na mitologia de todos os povos. Os animais podem ser figurados “[...] como criaturas selvagens — bestas predatórias, ou a ardilosa presa de caçadores; ou seres úteis domesticados por humanos [...]; ou possuidores de poder, como o voo dos pássaros, que iludem os humanos.”⁴

É importante considerar que os animais raramente são qualificados como deuses, propriamente ditos, mas divindades que podem

adquirir a fisionomia, total ou parcial, de um animal. “Inúmeras mitologias falam de uma época áurea quando os seres humanos, os animais e os deuses não só viviam juntos de forma pacífica como falavam uma língua comum.”⁵

O mito do mundo subterrâneo é relatado por quase todas as mitologias conhecidas, contendo, às vezes, descrições de detalhes.

Associações com sepultamento forçosamente provocam narrativas de trevas e terror do desconhecido não obstante inevitável. [...] A Terra engole os mortos, é verdade, mas também produz alimentos e abriga a riqueza mineral. Daí a associação de deidades da fertilidade e de artefatos com o mundo subterrâneo e os vínculos com os mistérios e a adivinhação.⁵

O mito das jornadas, buscas e provações está presente em todas as mitologias. Serve para apresentar figuras mitológicas, deidades e semideuses, em diferentes situações em que são testados. Enquadra-se no conceito a história de Hércules e os seus desafiantes trabalhos. Ou as perambulações de Odisseu. São exemplos de aventuras que revelam o poder sobre-humano diante dos desafios existenciais, a engenhosidade, inclusive a trapaça, que o herói utiliza para vencer as lutas da vida.⁵

O mito do pós-vida tenta explicar, de alguma forma, a existência após a morte do corpo físico. Talvez seja o mito que mais apresenta variedade de narrações.

[...] Algumas falam de diversas formas de paraíso onde os sofrimentos da vida na Terra são deixados para trás. Entretanto, nem todos podem esperar tal recompensa. Após a morte vem o julgamento: efetua-se uma rigorosa provação, por exemplo, nas crenças egípcia, persa e chinesa. As práticas funerárias refinadas dos antigos egípcios foram planejadas para conduzir a alma a salvo ao longo do processo. [...] Tanto no pensamento hindu quanto no budista a ideia da renovação cíclica por meio da reencarnação sustenta que a morte não é o fim.⁶

Merecem destaque duas ideias, consideradas as mais expressivas do mito da crença da sobrevivência do Espírito: a) o renascimento está necessariamente vinculado ao mérito das ações executadas pela pessoa em vida anterior; b) a questão da liberdade, considerada como a maior recompensa recebida pelo Espírito através das reencarnações sucessivas, pois chegando o momento em que o indivíduo não

precisará mais reencarnar, liberta-se, definitivamente, da escravidão imposta pela vida no plano físico. Para a mitologia hindu e budista, somente os avatares gozam da prerrogativa de não renascerem mais, só o fazendo por livre vontade.⁶

O mito dos mundos destruídos indica que, como os planetas e demais astros da Criação se transformam, deixarão de existir no futuro. Os fatores da destruição dos mundos podem ser resumidos em três, segundo a mitologia de diferentes povos: “[...] por vontade divina, como consequência do ataque de forças do mal ou castigo pelos delitos humanos”.⁷

Realizadas essas considerações gerais, passamos ao estudo específico dos seres mitológicos que integram a natureza, produzindo fenômenos aleatórios ou intencionais.

2. Elementares: seres envolvidos nos fenômenos da natureza

A tradição informa a existência de seres genericamente denominados **elementais** que, a rigor, não existem corporificados no plano físico, mas que podem se tornar visíveis aos encarnados: “São seres singulares, multiformes, invisíveis, sempre presentes em todas as atividades da natureza, além do plano físico. São veículos da vontade criadora, potenciadores das forças, leis e processos naturais.”⁸

Os elementais não são considerados membros da espécie humana, propriamente dita, mas muito próxima a esta. Em termos evolutivos, representariam, possivelmente, um elo imediatamente anterior, por apresentar certas características que estão presentes no homem.

São “[...] encontrados por toda parte: na superfície da Terra, na atmosfera, nas águas, nas profundidades da subcrosta, junto ao elemento ígneo. Invisíveis aos olhos humanos, executam infatigável e obscuramente um trabalho imenso, nos mais variados aspectos, nos reinos da natureza, junto aos minerais, aos vegetais, aos animais e aos homens”.⁸

Como são seres intermediários entre os homens e os animais, possuem estruturas corporais semelhantes às que são vistas nestes últimos: asas, aspectos anatômicos da cabeça, orelhas, olhos, pés e mãos, entre outros.

Inspirado pelo Espírito Vianna de Carvalho, Divaldo Franco apresenta as seguintes considerações sobre os elementais:

Naturalmente, essas entidades, que são orientadas pelos Espíritos Superiores, como ainda não dispõem de discernimento, porque não adquiriram a faculdade de pensar, são encaminhadas a outras experiências evolutivas, de forma que não se lhes interrompa o processo de desenvolvimento.⁹

Também assinala Manoel Philomeno de Miranda, em outro momento:

Na cultura religiosa do passado e do presente encontraremos esses seres sob a denominação de *devas*, *elementais*, fadas, *gênios*, *silfos*, *elfos*, *djins*, *faunos*.... A senhora Helena Blavatsky* fez uma exaustiva pesquisa a tal respeito e os classificou largamente. Os cabalistas também classificaram os elementais mais evoluídos, encarregados do Ar, da Terra, do fogo e da água, respectivamente de Gnomos, Sílfides, Salamandras e Ondinas [...].¹⁰

Apresentamos, em seguida, outras informações sobre os elementais, extraídas de trechos de uma entrevista que Divaldo Franco concedeu ao *Mensageiro, Revista Espírita-Cristã do Terceiro Milênio*.¹¹

- » **P: Existem os chamados espíritos elementais ou Espíritos da natureza?**
- » R: Sim, existem os espíritos que contribuem em favor do desenvolvimento dos recursos da natureza. Em todas as épocas eles foram conhecidos, identificando-se através de nomenclatura variada, fazendo parte mitológica dos povos e tornando-se alguns deles ‘deuses’, que se faziam temer ou amar.
- » **P: Qual é o estágio evolutivo desses Espíritos?**
- » R: Alguns são de elevada categoria e comandam os menos evoluídos, que se lhes submetem docilmente, elaborando em favor do progresso

* Helena Blavatsky Hahn Fadéef nasceu em Ekaterinoslav, Rússia, em 30 de julho de 1831, e desencarnou em 8 de maio de 1891, em Londres. Foi um dos principais ícones da ciência e do ocultismo do século XIX, fundadora da teosofia. Seus Mestres a chamavam de Upasika. Na Rússia era conhecida pelo seu pseudônimo literário, Radha Bai, e considerada a reencarnação de Paracelso.

pessoal e geral, na condição de auxiliares daqueles que presidem aos fenômenos da natureza.

- » **P: Então eles são submetidos hierarquicamente a outra ordem mais elevada de Espíritos?**
- » R: De acordo com o papel que desempenham, de maior ou menor inteligência, tornam-se responsáveis por inúmeros fenômenos ou contribuem para que os mesmos aconteçam. Os que se fixam nas ocorrências inferiores, mais materiais, são, portanto, pela própria atividade que desempenham, mais atrasados, submetidos aos de grande elevação, que os comandam e orientam.
- » **P: Estes Espíritos se apresentam com formas definidas, como por exemplo fadas, duendes, gnomos, silfos, elfos, sátiros etc.?**
- » R: Alguns deles, senão a grande maioria dos menos evoluídos, que ainda não tiveram reencarnações na Terra, apresentam-se, não raro, com formas especiais, pequena dimensão, o que deu origem aos diversos nomes nas sociedades mitológicas do passado. Acreditamos pessoalmente, por experiências mediúnicas, que alguns vivem o Período Intermediário entre as formas primitivas e hominais, preparando-se para futuras reencarnações humanas.
- » **P: Os elementais são autóctones ou vieram de outros planetas?**
- » R: Pessoalmente acreditamos que um número imenso teve sua origem na Terra e outros vieram de diferentes mundos, a fim de contribuir com o progresso do nosso planeta.
- » **P: Que tarefas executam?**
- » R: Inumeráveis. Protegem os vegetais, os animais, os homens. Contribuem para acontecimentos diversos: tempestades, chuvas, maremotos, terremotos... interferindo nos fenômenos “normais” da natureza sob o comando dos Engenheiros Espirituais que operam em nome de Deus, que “não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos”, como responderam os Venerandos Guias a Kardec, na questão 536-b de “*O livro dos espíritos*”.
- » **P: Todos eles sabem manipular conscientemente os fluidos da natureza?**
- » R: Nem todos. Somente os condutores sabem o que fazem e para o que fazem, quando atuam nos elementos da natureza. Os mais atrasados

“oferecem utilidade ao conjunto” não suspeitando sequer que são “Instrumentos de Deus”.

Como vimos, os cabalistas e os teosofistas classificam os elementais em grupos, de acordo com as características comuns que apresentam. Temos, dessa forma,

- » **Gnomos:**¹² seriam espíritos de pequena estatura, amplamente conhecidos e descritos como seres elementais da Terra. A origem das lendas dos gnomos nasceram, provavelmente, no Oriente que influenciou, de forma decisiva, a cultura antiga da Escandinávia. Com a evolução dos contos, o gnomo tornou-se na imaginação popular um anão, senão um ser muito pequeno com poucos centímetros de altura. É comum serem representados como seres mágicos, não só protetores da natureza e dos seus segredos, como dos jardins. Usam barretes vermelhos e barbas brancas, trajando por vezes túnicas azuis ou de cores suaves.
- » **Duendes:**¹³ são personagens da mitologia europeia semelhantes a *Fadas* e *Goblins*. Embora suas características variem um pouco pela Espanha e América Latina, são análogos aos *Brownies* escoceses, aos *Nisse* dinamarqueses-noruegueses, ao francês *Nain Rouge*, aos irlandeses *Clurichaun*, *Leprechauns* e *Far Darrig*, aos *Manx Fenodyree* e *Mooinjer Veggey*, ao galês *Tylwyth Teg*, ao sueco *Tomte* e aos *Trasgos* galego-portugueses.

Federico García Lorca analisa que tais figuras estariam mais próximos da categoria das fadas. Alguns mitos dizem que Duendes tomam conta de um pote de ouro no final do arco-íris. Entretanto, se for capturado, o duende pode comprar sua liberdade com esse ouro. Outras lendas dizem que, para enganar os homens, ele fabrica uma substância parecida com ouro, que desaparece algum tempo depois. Neste caso são chamados *Leprechauns*. Na mitologia irlandesa os *Leprechauns* têm mais ou menos 30 cm e atendem aos desejos humanos. Na mitologia portuguesa, o *Fradinho da mão furada*, e o *Zanganito* são seres encantados, uma espécie de duendes caseiros.

- » **Silfos** ou **Sílfides:**¹⁴ são seres mitológicos da tradição ocidental. O termo provém de Paracelso,* que os descreve como elementais que reinam

* **Paracelso:** pseudônimo de Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, (1493–1541) famoso médico, alquimista, físico e astrólogo suíço. Seu pseudônimo significa “superior a Celso” (famoso médico romano).

no ar, nos ventos, tanto que são fadas, fadas do vento, assemelhando-se às vezes a anjos.

Têm capacidade intelectual sensível, chegando a favorecer o homem na sua imaginação. As lendas contam que são os silfos que modelam as nuvens com as suas brincadeiras, para embelezar o dia a dia do homem na Terra. São reconhecidamente belos, assumindo vários tons, de violeta e rosa. Além de tudo, podem ser nocivos, pois se o ser humano for conhecedor da natureza e usá-la para o mal, esses seres poderão puni-lo. Raramente se enganam por possuírem grande conhecimento.

- » **Ondinas** ou **ondim**:¹⁵ é um espírito da natureza que vive em rios, lagos e mares. São elementais da água. É uma espécie de sereia ou tágide, um gênio do amor, uma figura da imaginação poética. As ondinas aparecem em obras literárias, como *A ondina do lago*, de Teófilo Braga [escritor e ensaísta português] ou nas poesias de Luis de Camões [o maior poeta épico da língua portuguesa].
- » **Salamandras ou espíritos do fogo**:¹⁶ vivem no éter atenuado e espiritual, que é o invisível elemento do fogo. Sem elas, o fogo material não pode existir. Elas reinam no fogo com o poder de transformar e desencadear emoções positivas e negativas. As Salamandras, segundo os especialistas, parecem bolas de fogo e podem atingir até seis metros de altura. Suas expressões, quando percebidas, são rígidas e severas. Dentro de todas as formas energéticas conhecidas, estes seres adquirem formas capazes de suscitar pensamentos e emoções nas pessoas. Esta capacidade derivou do contato direto com o homem e da presença deles em seu cotidiano. Por tal motivo, as Salamandras desenvolvem forças positivas, capazes de bloquear vibrações negativas ou não produtivas, permitindo um clima de bem estar ao homem. O homem é incapaz de se comunicar adequadamente com as Salamandras, pois elas reduzem a cinzas tudo aquilo de que se aproximem.

Muitos místicos antigos, preparavam incensos especiais de ervas e perfumes que, quando queimados, pudessem provocar um vapor especial e assim formar nos rolos de fumaça a figura de uma Salamandra, sentindo, dessa forma, a sua presença.

- » **Devas**:¹⁷ são espíritos intimamente ligados e integrados à natureza, trabalhando nela sem questionar. Não são bons nem maus, mas podem ser manipulados pelos humanos para finalidades boas ou ruins. Em um certo ponto de evolução, eles se individualizam, e podem ser confundidos com anjos, ou fadas.

- » **Fadas:**¹⁸ é um ser mitológico, característico dos mitos célticos, anglosaxões, germânicos e nórdicos. O primeiro autor que mencionou as fadas foi Pompônio Mela, um geógrafo que viveu durante o século I d.C. As fadas também são conhecidas como sendo as fêmeas dos elfos. O termo incorporou-se a cultura ocidental a partir dos assim chamados “contos de fadas”. Nesse tipo de história, a fada é representada de forma semelhante a versão clássica dos elfos de J.R.R. Tolkien, porém apresentando “asas de libélula” nas costas e utilizando-se de uma “varinha de condão” para realizar encantamentos. Dependendo da obra em que aparece, a fada pode ser retratada em estatura de uma mulher normal ou diminuta. No primeiro caso, temos a fada de *Cinderela*. Como exemplo da segunda representação podemos citar “Sininho”, do clássico infantil *Peter Pan*, de J. M. Barrie.
- » **Elfo:**¹⁹ é uma criatura mística da Mitologia Nórdica, que aparece com frequência na literatura medieval europeia. Nesta mitologia os elfos chamam-se *Alfs* ou *Alfr*, também chamados de “*elfos da luz*” — *Ljosalfr*. São descritos como seres belos e luminosos, ou ainda seres semidivinos, mágicos, semelhantes à imagem literária das fadas ou das ninfas. De fato, a palavra “Sol” na língua nórdica era *Alfrothul*, ou seja: *o Raio Élfico*; dizia-se que por isso seus raios seriam fatais a elfos e anões. Eram divindades menores da natureza e da fertilidade. Os elfos são geralmente mostrados como jovens de grande beleza vivendo entre as florestas, sob a Terra, em fontes e outros lugares naturais. Foram retratados como seres sensíveis, de longa vida ou imortalidade, com poderes mágicos, estreita ligação com a natureza e geralmente acompanhados de ótimos arqueiros.
- » **Gênio:**²⁰ é a tradução usual em português do termo árabe *jinn*, mas não é a forma aportuguesada da palavra árabe, como geralmente se pensa. A palavra em português vem do latim *genius*, que significa uma espécie de espírito guardião ou tutelar, designado para proteger uma pessoa desde o seu nascimento. O gênio, em grego *daimon* é concebido como um ente espiritual ou imaterial, Espírito, propriamente dito, que vive muito próximo ao ser humano encarnado, e que sobre ele exerce uma forte, cotidiana e decisiva influência.
- » **Djins:**²¹ é um espírito capaz de assumir a forma de um homem ou animal e exercer influências sobrenaturais sobre pessoas, para o mal ou para o bem. Eram populares na literatura do Oriente Médio, como nas histórias das *Mil e Uma Noites*. Os djins aparecem várias vezes no *Corão*.

- » **Faunos:**²² é nome exclusivo na mitologia romana, de onde o mito originou-se, como um rei do Lácio que foi transmutado em deus e, a seguir, sofreu diversas modificações. Para compreender a figura de Fauno, é preciso saber que o nome era usado para denominar, essencialmente, as seguintes figuras: *Fauno*, rei mítico do Lácio, deificado pelos romanos, muitas vezes confundido com *Pã* (deus dos bosques, rebanhos e pastores, da mitologia grega), com *Silvano* (antigo deus romano das florestas) e com *Lupércio* (deus protetor dos lobos, na mitologia romana). Os Faunos eram semideuses, criaturas que, tal como os *sátiros* gregos, possuíam um corpo meio humano, meio bode, e que seriam descendentes do rei Fauno.

São informações que revelam as nossas raízes culturais, a história da construção do pensamento humano ao longo das eras. Devemos, todavia, desenvolver o bom senso para sabermos extrair conhecimentos reais, efetivos, do símbolo. De qualquer forma, verificamos que os mitos, as histórias mitológicas e as fábulas servem para demonstrar o mundo espiritual, ainda que cercado de fantasias e simbolismo.

3. A ação dos espíritos na natureza

Em *O livro dos espíritos* verificamos que os fenômenos da natureza ocorrem por e sem a ação dos Espíritos, como esclarecem os orientadores da Codificação: “Algumas vezes eles têm o homem como razão imediata de ser. Mas também é frequente terem por único objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza.”²³

É importante considerar que, em geral, todos os fenômenos são produzidos por ação dos Espíritos, os mediúnicos (psíquicos) ou físicos, propriamente ditos, como os que ocorrem na natureza. Mesmo diante da possibilidade de acomodação ou transformação dos elementos geológicos, pode-se pensar na presença de Espíritos. Por exemplo, supomos que uma região do Planeta foi atingida por um furacão desencadeado pelas forças da natureza. Entendemos que, mesmo nessas condições, há Espíritos presentes, controlando o fenômeno natural, atentos à sua manifestação, tendo em vista os ditames da vontade divina. Por este motivo afirmam os Espíritos Superiores: “[...] Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele tem agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos.”²⁴

Merecem atenta reflexão os conteúdos de *O livro dos espíritos*, questões 537 a 540, em seguida registradas, pois elucidam a respeito da ação dos Espíritos nos fenômenos da natureza.²⁵

Questão 537: *A mitologia dos Antigos se fundava inteiramente sobre as ideias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir à vegetação etc. Essa crença é destituída de fundamento?*

Resposta:

“Tão pouco destituída de fundamento que ainda está muito aquém da verdade.”

Questão 537-a: *Pela mesma razão poderia então haver Espíritos que habitem o interior da Terra e que presidam aos fenômenos geológicos?*

Resposta:

“Esses Espíritos não habitam realmente a Terra, mas regulam os fenômenos e os dirigem, conforme suas atribuições. Um dia tereis a explicação de todos esses fatos e os compreenderéis melhor.”

Questão 538: *Os Espíritos que presidem aos fenômenos da natureza formam categoria à parte no mundo espiritual? Serão seres especiais ou Espíritos que foram encarnados como nós?*

Resposta:

“Que o serão, ou que o foram.”

Questão 538-a: *Esses Espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espiritual?*

Resposta:

“Depende do papel mais ou menos material ou mais ou menos inteligente que desempenhem. Uns comandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, tanto entre os Espíritos como entre os homens.”

Questão 539: *Na produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é apenas um Espírito que age, ou eles se reúnem em massa, para produzi-lo?*

Resposta:

“Reúnem-se em massas inumeráveis.”

Questão 540: *Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da natureza agem com conhecimento de causa, em virtude do livre-arbítrio, ou por impulso instintivo e irrefletido?*

Resposta:

“Uns sim, outros não. Fazemos uma comparação. Figurai essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Acreditais que não haja aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais do último grau que realizam essas coisas, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto. Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, dos quais são agentes, mesmo de forma inconsciente. Primeiramente, executam; mais tarde, quando suas inteligências estiverem mais desenvolvidas, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, da qual o vosso Espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto.”

Tais esclarecimentos nos permitem concluir que há uma diferença fundamental entre as crenças teosóficas (e outras tradições espiritualistas semelhantes) e a Doutrina Espírita: para aquelas, os seres elementais, e outras entidades, que regem ou têm ação sobre os fenômenos da natureza, nem sempre são considerados humanos, mas em processo de humanização. São semi-humanos, em sua maioria. Para o Espiritismo, contudo, esses seres são Espíritos, alguns se acham no estágio primitivo, das primeiras encarnações, mas há também os mais evoluídos, que coordenam os seres que estão *ensaiando para a vida*, como consta da questão 540.

Assim, voltamos a repetir: ao estudarmos o assunto devemos ter a cautela de separar o que procede do imaginário popular, dos mitos, da mitologia, das tradições populares — que sempre estão revestidos de simbolismo — e do que ensina o Espiritismo, como pondera Kardec:²⁶

Sob uma imagem pueril e às vezes ridícula, se nos ativermos à forma, a alegoria oculta frequentemente grandes verdades. À primeira

vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, o deus que devorava pedras, tomando-as por seus filhos? Entretanto, quanta filosofia e quanta verdade nessa figura, se lhe buscarmos o sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; como todas as coisas são obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe; mas, também, tudo se destrói com o tempo. Saturno a devorar pedras é o símbolo da destruição, pelo tempo, dos mais duros corpos, seus filhos, visto que se formaram com o tempo. E quem, segundo essa mesma alegoria, escapa a semelhante destruição? Somente Júpiter, símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. É mesmo tão natural essa imagem que, na linguagem moderna, sem alusão à fábula antiga, se diz, de uma coisa que afinal se deteriorou, ter sido devorada pelo tempo, carcomida, devastada pelo tempo. Toda a mitologia pagã, aliás, não é mais, na realidade, do que um vasto quadro alegórico das diversas faces, boas e más, da humanidade. Para quem lhe busca o espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as fábulas da atualidade. O absurdo estava em tomarem a forma pelo fundo.

Referências

1. IONS, Veronica. *História ilustrada da mitologia*. Tradução de Paulo Donizete Siepieri. 1. ed. São Paulo: Manole, 1999. Introdução, p. 7-10.
2. _____. p. 7.
3. _____. p. 8.
4. _____. p. 8-9.
5. _____. p. 9.
6. _____. p. 9-10.
7. _____. p. 10.
8. CASAS ANDRÉ LUIZ. *Os elementais*. Disponível em http://www.nossolar.org.br/n_tema31.php
9. FRANCO, Divaldo P. *Atualidade do pensamento espírita*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. Salvador [BA]: Leal, 1999. Item 2.4 (Ecologia), pergunta 63, p. 67-68.
10. _____. *Loucura e obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Cap.9, p. 115.
11. O MENSAGEIRO. Revista Espírita-Cristã do Terceiro Milênio. Entrevista com Divaldo Franco. Disponível em: <http://www.omessageiro.com.br/entrevistas/entrevista-42.htm>
12. DUENDE. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Duende>

13. SILFOS. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Silfo>
14. ONDINAS. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ondina_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ondina_(mitologia))
15. SALAMANDRAS. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Salamandra_\(elemental\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Salamandra_(elemental))
16. GNOMO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gnomo>
17. DEVA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Deva>
18. FADA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fada>
19. ELFO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Elfo>
20. GENIO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnio>
21. DJINS. Disponível em <http://www.skeptdic.com/brazil/djins.html>
22. FAUNO. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fauno>
23. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 536-a, p. 358.
24. _____. Questão 536-b, p. 358.
25. _____. Questões 537 a 540, p. 358-360.
26. _____. *A gênese*. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Cap.12, item 15, p. 315-316.

Orientações ao monitor

1. Sugerimos que o estudo do Roteiro seja desenvolvido em duas reuniões, em razão da quantidade de informações presentes.
2. Em cada encontro, o estudo pode ser iniciado com uma breve explanação, seguida de trabalho em grupo ou individual, mas que favoreçam, não só o bom entendimento do assunto, mas também a participação ativa dos integrantes da reunião.
3. Ao final, como fechamento do estudo, é importante fazer a integração dos assuntos estudados, apresentando uma síntese dos conteúdos, analisados à luz do entendimento espírita.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 28

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS: ORIGEM DO UNIVERSO

Objetivos

- » Analisar a citação de Jesus de que “há muitas moradas na casa do Pai”, à luz da doutrina espírita.
- » Informar-se a respeito das principais teorias científicas referentes à origem do universo, correlacionando-as aos ensinamentos espíritas.

Ideias principais

- » *Na casa do Pai há muitas moradas. Se não fosse assim não teria dito que vou preparar um lugar para vós. Jesus (João, 14:2 - Novo Testamento, p. 446 - tradução de Haroldo Dutra Dias. EDICEI).*
- » *A casa do Pai é o universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento. Allan Kardec: O evangelho segundo o espiritismo. Cap. III, item 2.*
- » Os principais modelos cosmológicos desenvolvidos pela Ciência são: *Teoria do geocentrismo, Teoria do heliocentrismo, Hipótese nebular, Teoria do Big Bang e Big Bang inflacionário.*

- » Para o Espiritismo, o universo nasceu de uma substância primitiva: o *fluido cósmico universal* ou *matéria cósmica primitiva*: *A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que desdobram suas magnificências diante da eternidade*. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 6, item 17.

Subsídios

A questão 172 de *O livro dos espíritos* informa que as reencarnações sucessivas do Espírito não ocorrem exclusivamente na Terra, mas também em outros mundos habitados do universo: “As [existências corporais] que passamos na Terra não são as primeiras, nem as últimas, embora sejam das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”¹ A questão seguinte, a 173, complementa que só ocorrem inúmeras existências em um mesmo planeta quando o Espírito “[...] não avançou bastante para passar a um mundo superior.”²

A pluralidade dos mundos habitados é princípio básico da Doutrina Espírita, anunciado anteriormente por Jesus: *Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa do Pai há muitas moradas. Se [não fosse assim] não teria dito que vou preparar um lugar para vós*. (João, 14:1-2).³ Para a Doutrina Espírita, tais ensinamentos de Jesus são assim interpretados:

- » *A casa do Pai é o universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, estações apropriadas ao seu adiantamento*. (O evangelho segundo o espiritismo. Cap. III, item 2).
- » *Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos concorrem para o objetivo final da Providência*. [...]. *Ele [Deus] deve ter dado a cada um desses mundos uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Nada, aliás, nem no volume, nem na constituição física da Terra pode levar-nos à suposição de que só ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de mundos semelhantes*. (O livro dos espíritos, questão 55-comentário).

A respeito do assunto há outras importantes orientações em *O livro dos espíritos*, primeira parte, capítulo três, e em *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo três, que devem ser relidas, sobretudo no que se refere às diversas categorias dos mundos habitados.

A História nos relata que há mais de cinco mil anos os sumérios, povo que vivia na Mesopotâmia (atual Iraque), reverenciavam os astros como divindades e, já naquela época, sabiam diferenciar dois tipos de corpos celestes: os que se moviam no céu e os que permaneciam parados; perceberam, também, que alguns corpos cintilavam (as estrelas, como sabemos hoje). Mais tarde, com o advento da mitologia greco-romana, cada astro foi batizado com o nome de uma divindade, cujas características foram associadas aos deuses que representavam. Nasceram, desta forma, a astronomia e a astrologia, que iriam caminhar juntas por muitos séculos.

A partir dos estudos teóricos e das observações do polonês Nicolau Copérnico (1473–1543), do italiano Galilei Galileu (1564–1642) e do alemão Johannes Kepler (1571–1630), a astronomia adquiriu feição científica, separando-se definitivamente da astrologia. O século XVII inicia uma era de notável progresso no campo da astronomia, assinalada por descobertas e invenções sucessivas, culminadas com a viagem do homem à Lua, em 1969, no século XX.

A Ciência, contudo, ainda não encontrou comprovações efetivas da existência de vida extraterrestre, a despeito do atual avanço científico e tecnológico. Há teorias bem elaboradas e têm surgido evidências plausíveis a partir dos elementos fornecidos pelos telescópios, radiotelescópios, sondas espaciais e pelas equações científicas.

É preciso considerar, porém, que antes de o homem lançar um olhar reflexivo para as estrelas, e pensar na possibilidade de vida fora da Terra, foi necessário primeiro desenvolver entendimento sobre as origens do universo, do Sistema Solar e da Terra, em particular.

1. Teorias sobre a origem do universo

A origem dos seres vivos (vegetais e animais), dos planetas e dos demais astros sempre foi objeto da preocupação humana. “[...] Talvez por essa razão, a existência do universo como um todo, sua natureza e origem foram assuntos de explicação em quase todas as civilizações e culturas”,⁴ afirma João Steiner, diretor e professor do Instituto de Estudos Avançados da USP (Universidade de São Paulo). Em seu artigo *A origem do universo*:

[...] os vários modelos cosmológicos ao longo da história são brevemente descritos. A evolução das ideias pode ser entendida

como uma sucessão de modelos, como o da Terra plana, o dos modelos geocêntricos, o do heliocêntrico e o do galactocêntrico. Nos últimos cem anos foi desenvolvida uma teoria, a do *Big Bang*, que descreve as observações mais sofisticadas de que dispomos hoje e que mostra que o universo teve uma origem que pode ser pesquisada cientificamente. Em décadas recentes, esse modelo foi aperfeiçoado para um novo conceito, o do *Big Bang* inflacionário. Na virada do milênio, novas descobertas mostraram que toda a matéria conhecida é apenas a ponta do *iceberg* em um universo dominado pela energia escura e pela matéria escura cujas naturezas permanecem misteriosas.⁵

A teoria da “Terra plana” era defendida pelos povos antigos: egípcios, gregos, chineses, árabes, incas, maias e tupi-guaranis. “Para quase todas as civilizações, sempre foi necessário acomodar não só a face visível da Terra e do Céu, mas também incluir, possivelmente no mesmo espaço, o mundo dos mortos, tanto os abençoados como os condenados, além dos reinos dos deuses e dos demônios.”⁶

Assim, os egípcios imaginavam o universo como

[...] uma ilha plana, cortada por um rio, sobre a qual estava suspensa uma abóbada sustentada por quatro colunas. [...] Para os hindus [...] o universo era um ovo redondo coberto por sete cascas concêntricas feitas com distintos elementos. Já os babilônios imaginavam o universo em duas camadas conectadas por uma escada cósmica. [...] No antigo testamento judaico-cristão, a Terra era relatada em conexão ao misterioso firmamento, às águas acima do firmamento, às fontes do abismo, ao limbo e à casa dos ventos.⁷

Antes de fazer breve análise das principais teorias aceitas pela Ciência sobre a formação do universo e do Sistema Solar, importa considerar que em *A gênese*, capítulo oito, Allan Kardec apresenta três hipóteses, as mais aceitas no século XIX: *Teoria da Projeção*, *Teoria da Incrustação* e a *Teoria da Condensação*.

A Teoria da Projeção, elaborada por Georges Louis Leclerc, conde de Buffon (1707–1788), está totalmente superada, uma vez que considera a formação do Sol anterior e independentemente à dos planetas, fato que contraria as evidências científicas dos últimos cem anos. A **Teoria da Incrustação** não tem base científica, como bem assinalou o Codificador, porque supõe que “Deus, segundo a *Bíblia*,

criou o mundo em seis dias, 4.000 anos antes da Era Cristã. Esta tese é contestada pelos geólogos, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que fazem remontar a origem da Terra a milhões de anos. [...].⁸ A **Teoria da Condensação** fundamenta-se na agregação (condensação) da matéria cósmica, tendo como base os elementos constitutivos do fluido cósmico universal. Esta teoria foi rebatizada, no século XX, com o nome de *Hipótese Nebular*, como veremos em seguida.

2. Modelos cosmogênicos científicos

2.1. Geocentrismo

Trata-se de um modelo mais sofisticado do que o da “Terra plana”, defendido pelos povos da mais remota antiguidade. O geocentrismo foi elaborado há mais de 2.400 anos por alguns filósofos gregos, os quais imaginavam um “[...] universo esférico, a Terra, circundado por objetos celestes, que descreviam Órbitas geométricas e previsíveis, e também pelas estrelas fixas. Uma versão do modelo geocêntrico parece ter sido proposta inicialmente por Eudoxus de Cnidos (400–350 a.C.), matemático e astrônomo grego.”⁹

Essa teoria sofreu, ao longo dos tempos, vários aperfeiçoamentos. Um deles foi “[...] proposto por Aristoteles (384–322 a.C.), que demonstrou ser a Terra esférica; ele chegou a essa conclusão a partir da observação da sombra projetada durante um eclipse lunar.” [...] O modelo geocêntrico de Aristóteles era composto por 49 esferas concêntricas que procuravam explicar os movimentos de todos os corpos celestes. A esfera mais externa era a das estrelas fixas e que controlava todas as esferas internas. Essa, por sua vez, era controlada por uma agencia (entidade) sobrenatural.”⁹

Foi, porém, o matemático e astrônomo grego Claudius Ptolomeu (78–161d.C.) quem, na sua obra *Almagesto*, deu a forma final a esta teoria, que se baseia na hipótese de que a terra estaria parada no centro do universo com os corpos celestes, inclusive o sol, girando ao seu redor. Essa visão predominou no pensamento humano até que o astrônomo e matemático polonês Nicolau Copérnico, ou Nicolaus Copernicus, (1473–1543) apresentou a *teoria heliocêntrica* (a Terra girando ao redor do sol), com base nos estudos do astrônomo grego Aristarco de Samos (310–230 a.C.).¹⁰

2.2. Heliocentrismo

Em Astronomia, *heliocentrismo* é a teoria de que o Sol estaria estacionário no centro do universo, rodeado por planetas. A palavra vem do grego (*hélíos* = sol e *kentron* = centro). Historicamente, o heliocentrismo era oposto ao geocentrismo que colocava a terra no centro do universo. Entretanto, o modelo matemático de Copernicus se revelou mais lógico, passando a ser aceito pela ciência, sobretudo com os aperfeiçoamentos introduzidos pelo matemático e astrônomo alemão Johannes Kepler (1571–1630).¹¹

Quando o famoso astrônomo Nicolau Copérnico, observou os céus, ele chegou a uma conclusão radical:[...] o Sol era o objeto central. Quando Johannes Kepler apresentou a prova final para a teoria de Copérnico, em 1621, o conceito de sistema solar tornou-se irrefutável. Ainda assim, havia muito que descobrir. No início do século XVII, os astrônomos só tinham sido capazes de reconhecer oito corpos que se moviam pelos céus: Sol, Mercúrio, Vênus, Terra e sua lua, Marte, Júpiter e Saturno. Urano não era conhecido até william herschel localizá-lo em 1781. Netuno foi visto pela primeira vez por Johann Gottfried Galle em 1846, e Plutão por Clyde de Tombaugh em 1930. Durante esse período, vários observadores estavam começando a detectar luas orbitando em muitos dos planetas. Em 1610, Galileu localizou Calisto, Europa, Ganimedes e Io, todos orbitando Júpiter. Foi um feito extraordinário, embora ele não tenha reconhecido os outros 21 corpos que orbitam esse planeta distante.¹²

O Heliocentrismo foi descrito por Copérnico “[...] em 1510, na obra *Commentariolus*, que circulou anonimamente; Copérnico parece ter previsto o impacto que sua teoria provocaria, tanto assim que só permitiu que sua obra chegasse ao público após a sua morte. A teoria foi publicada abertamente em 1543 no livro *De Revolutionibus Orbium Coelesti* e foi dedicada ao papa Paulo III.”¹³

Com a publicação da teoria de Copérnico, ocorreram avanços científicos e tecnológicos. Por exemplo, o astrônomo dinamarquês Tycho Brahe (1546–1601)

[...] teve um papel importante ao avançar as técnicas de fazer medidas precisas com instrumentos a olho nu, pois lunetas e telescópios ainda não haviam sido inventados. Essas medidas eram cerca de dez vezes mais precisas do que as medidas anteriores. Mais tarde, Kepler

[astrônomo e matemático alemão] usou as medidas de Tycho para estabelecer suas leis de movimento dos planetas. Essas leis mostravam que as órbitas que os planetas descrevem são elipses, tendo o Sol em um dos focos. Com isso, cálculos teóricos e medidas passaram a ter uma concordância muito maior do que no sistema antigo. [...] Galileu, ao desenvolver a luneta, criou um instrumento vital para a pesquisa astronômica, pois amplia, de forma extraordinária, a capacidade do olho humano. Apontando para o Sol, descobriu as manchas solares; apontando para Júpiter, descobriu as quatro primeiras luas; e ao olhar para a Via-Láctea, mostrou que ela é composta por miríades de estrelas.¹³

As significativas contribuições de dois famosos astrônomos, o italiano Galileu Galilei (1564–1642) e o alemão Johannes Kepler revolucionaram a ciência astronômica no século XVII. O primeiro pelas conclusões e deduções emitidas após observar o universo, o segundo pela compreensão do movimento dos planetas.

2.3. Hipótese Nebular

Nome que foi dado à antiga **Teoria da Condensação**, hipótese concebida, independentemente, pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804) e pelo matemático e astrônomo francês Pierre-Simon, marquês de Laplace (1749–1827). Em 1755, Kant afirmava que o sistema solar teria sido formado a partir de uma nebulosa gasosa, da qual os corpos que originariam o Sol e os planetas se condensaram, girando todos na mesma direção.¹⁴

Essa teoria, fundamento das teorias mais modernas sobre a formação do Sistema Solar, hoje é conhecida como a hipótese de Kant-Laplace. Segundo a teoria nebular de Kant e Laplace, inicialmente teria existido, na região onde hoje está o Sistema Solar, uma enorme nuvem difusa formada por gás e poeira. Essa nuvem, que girava lentamente, foi chamada de *nebulosa protossolar*. Devido à sua autogravidade, ou seja, à gravidade que as partículas que formavam a nuvem exerciam umas sobre as outras, a nuvem gasosa teria iniciado um processo gradual de contração. À medida que a nuvem se contraía sua velocidade de rotação foi aumentando gradualmente, como exige uma das leis fundamentais de conservação, a conservação do momento angular. Consequentemente a força centrífuga teria obrigado a nuvem a ejetar anéis de matéria. Posteriormente, esses anéis foram se condensando o que levou, finalmente, à formação dos planetas.¹⁵

Em face do desenvolvimento tecnológico, em especial no campo da astrofísica que, com análises mais precisas das imagens transmitidas por satélites artificiais e sondas espaciais, a teoria nebular de Kant-Laplace passou por uma série de aperfeiçoamentos, sendo, atualmente, denominada *Hipótese Nebular Reformulada* ou *Modelo padrão*, aceita pela maioria dos membros da comunidade científica do Planeta: “Esta teoria foi sendo refinada ao longo dos anos por eminentes pesquisadores como Safronov (1969), Cameron (1969), Hayashi (1970). Ela passou, então, a ser a mais aceita entre todas as teorias, sendo agora conhecida como “*modelo padrão*”.¹⁵

2.4. Teoria do Big Bang

O desenvolvimento de técnicas ópticas, mecânicas e de imagens fotográficas ampliou o conhecimento sobre os corpos celestes, favorecendo o surgimento de novas teorias sobre a origem do universo, sendo que, na atualidade, a mais conhecida é a da **Grande Explosão** ou **Big Bang**. O Big Bang é a teoria cosmológica dominante que analisa o desenvolvimento inicial do universo.

Os cosmologistas usam o termo *Big Bang* referindo-se à ideia de que o universo estaria, originalmente, muito quente e denso em algum tempo finito no passado, resultando, daí, poderosa explosão, ocorrida possivelmente por volta de 13,3 a 13,9 bilhões de anos atrás. Após essa explosão, iniciou-se o processo de resfriamento e expansão do universo, chegando-se ao estado atual. Esta expansão ainda continua, revelando-se cada vez mais extensa.¹⁶

Georges-Henri Édouard Lemaître, (1894–1966), padre católico, astrônomo e físico belga foi quem propôs a Teoria do Big Bang, embora tenha chamado sua teoria de “hipótese do *átomo* primordial”. A teoria de Lemaître foi, posteriormente, desenvolvida por George Gamow.¹⁶

A teoria do Big Bang foi anunciada em 1948 pelo cientista russo naturalizado estadunidense, George Gamow (1904–1968). Segundo ele, o universo teria surgido após uma grande explosão cósmica, entre 10 e 20 bilhões de anos atrás. O termo explosão refere-se a uma grande liberação de energia, criando o espaço-tempo. Até então, havia uma mistura de partículas subatômicas (quarks, elétrons, neutrinos e suas partículas) que se moviam em todos os sentidos com velocidades próximas à da luz. As primeiras partículas pesadas, prótons e nêutrons, associaram-se para formarem os núcleos de átomos leves,

como hidrogênio, hélio e lítio, que estão entre os principais elementos químicos do universo. Ao expandir-se, o universo também se resfriou, passando da cor violeta à amarela, depois laranja e vermelha. Cerca de 1 milhão de anos após o instante inicial, a matéria e a radiação luminosa se separaram e o universo tornou-se transparente: com a união dos elétrons aos núcleos atômicos, a luz pode caminhar livremente. Cerca de 1 bilhão de anos depois do Big Bang, os elementos químicos começaram a se unir dando origem às galáxias.¹⁷

É a teoria mais aceita pelos cientistas, e se fundamenta na *Teoria da Relatividade Geral*, de Albert Einstein, e na *Teoria da Interação Gravitacional da Matéria* e o *Princípio Cosmológico*. Por tais teorias, o aspecto do universo independe da posição do observador (não há um ponto de observação privilegiado, pois o universo é isotrópico) e da direção em que ele olhe (o universo apresenta o mesmo aspecto não importando a direção em que se o olhe, pois é homogêneo).

2.5. Big Bang Inflacionário

Os cientistas defensores dessa teoria afirmam que o universo está em contínua expansão:

O universo em que vivemos está em contínua expansão. Essa descoberta, feita em 1929 pelo astrônomo americano Edwin Hubble, nos leva à conclusão de que todas as galáxias, assim como as estrelas e os planetas dentro delas, surgiram, há cerca de 15 bilhões de anos, de uma grande explosão chamada de Big Bang. Hoje, o estudo dessa explosão tornou-se uma investigação emocionante. O foco dessa pesquisa é a ideia de que, no instante zero do Big Bang, a expansão cósmica teve um ritmo excepcional muitíssimo mais veloz do que atualmente. Essa fase, chamada de inflação, foi crucial para a evolução posterior do universo, pois, entre outras coisas, teria levado à formação das galáxias. Embora tenha feito muito sucesso desde a sua criação, nos anos 80, o conceito do Big Bang inflacionário tropeça num ponto decisivo, que é a densidade de matéria no Cosmo. [...] O caso da inflação, os cálculos teóricos bateram com os fatos em diversos aspectos, mas falharam quanto ao valor da *densidade*. Na prática, faz-se a estimativa contando as estrelas, as galáxias e os aglomerados de galáxias dentro de um certo volume do espaço. Mas o número obtido dessa forma é três vezes menor do que o fornecido pelos cálculos teóricos. Diante disso, uma saída seria supor que a teoria da inflação está errada.¹⁸

É necessário, então, fazer algumas revisões no Modelo Big Bang, que se revela incompleto na atualidade, ainda que seja a teoria mais aceita.¹⁹

Este breve estudo da origem do universo revela que ainda persistem muitas questões em aberto, aguardando o progresso científico e tecnológico. Entretanto, todas essas teorias e modelos demonstram, de forma patente, que a organização do universo faz parte de uma intenção, admiravelmente direcionada por uma inteligência perfeita. É impossível desconhecer a presença de Deus nos acontecimentos, a “[...] inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”²⁰

3. A formação do universo segundo o espiritismo

Para o Espiritismo, o universo nasceu de uma substância primitiva: o *fluido cósmico universal* ou *matéria cósmica primitiva*, como esclarece o Espírito Galileu, em mensagem transmitida na Sociedade Espírita de Paris:²¹

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluidicos e vitais de todos os universos que desdobram suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. Essa substância, de onde provêm as esferas siderais, não desapareceu de modo algum: essa potência não morreu, pois que ainda gera, sem cessar, novas criações e incessantemente recebe, reconstituídos, os princípios dos mundos que se apagam do livro eterno. A matéria etérea mais ou menos rarefeita que se difunde pelos espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito, nas regiões imensas, ricas de aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades da amplidão, nada mais é do que a substância primitiva onde residem as forças universais, a partir da qual a natureza tirou todas as coisas.

Neste contexto, os Espíritos Orientadores ensinam que pela hábil e sábia utilização do fluido cósmico ou elemento primordial — também chamado de plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio — é que se constroem impérios estelares, pelo processo denominado cocriação em plano maior. O Espírito André Luiz esclarece a respeito:²²

Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível, os grandes Devas da teologia hindu ou os arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros de energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Cocriação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes da Criação Excelsa. Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou cocriar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade.

Referências

1. Kardec, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 172, p. 172.
2. _____. Questão 173, p. 173.
3. NOVO TESTAMENTO. Tradução de Haroldo Dutra Dias. Revisão de Cleber Varandas de Lima. Brasília: EDICEI, 2010, p.446.
4. STEINER, João E. *A origem do universo*. São Paulo, Revista de Estudos Avançados 20 (58), 2006, p. 233. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/20.pdf>
5. _____. p. 248.
6. _____. p. 234.
7. _____. p. 234-235.
8. KARDEC, Allan. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, cap. 8, item 4, p. 216.
9. STEINER, João E. *A origem do universo*. Op. Cit., p.235.
10. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Geocentrismo>
11. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Heliocentrismo>
12. MOORE, Peter. *Ciência – pequeno livro das grandes ideias*. Tradução de Tatiana Camolez.. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. Capítulo:O sistema solar, p. 52.
13. STEINER, João E. *A origem do universo*. Op. Cit., p. 236.
14. *Slideshare*: Formação do Sistema Solar. Vídeo disponível em <http://www.slideshare.net/treis/formao-do-sistema-solar-presentation>
15. MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – OBSERVATÓRIO NACIONAL. *A Formação do Sistema Solar*. Disponível em: C:\Users\Usuario\ Documents\Observatório Nacional.mht

16. A teoria do Big Bang. Disponível em: http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Big_Bang
17. A teoria do Big Bang. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/geografia/big-bang.htm>
18. A Crise do Big Bang. Disponível em: http://super.abril.com.br/superarquivo/1999/conteudo_117424.shtml
19. Inflação Cósmica Disponível em:http://pt.wikipedia.org/wiki/Infla%C3%A7%C3%A3o_c%C3%B3smica
20. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noieto Bezerra.2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010, questão 1, p. 77.
21. _____. *A gênese*. Op. Cit. Cap. 6, item 17, p. 149
22. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Primeira parte, cap. 1, p. 21-22.

Orientações ao monitor

1. Fazer exposição inicial, abrangendo as informações gerais contidas na introdução do Roteiro e no item 1 (teorias sobre a origem do universo).
2. Fechar essa apresentação com o vídeo “viagem pelo universo”, que projeta belas imagens do nosso Planeta e do sistema solar, e está disponível na internet: http://www.youtube.com/watch?v=tlvtbyHe_Ms.
3. Organizar pequenos grupos para ler e resumir os seguintes assuntos, inseridos no Roteiro, e que tratam dos modelos cosmogênicos científicos (item 2):
 - » *Geocentrismo* (grupo 1)
 - » *Heliocentrismo* (grupo 2)
 - » *Hipótese Nebular* (grupo 3)
 - » *Teoria do Big Bang* (grupo 4)
 - » *Big Bang inflacionário* (grupo 5)
4. Pedir aos grupos que apresentem o resumo do texto estudado, esclarecendo possíveis dúvidas.
5. Finalizar o estudo com explanação das ideias espíritas sobre a origem do universo (item 3: A formação do universo segundo o Espiritismo).
6. Projetar um dos seguintes vídeos que tratam da origem do universo, segundo a ciência, disponíveis na internet: <http://www.youtube.com/watch?v=R3-ocZF8-Fc&feature=related> ou <http://www.youtube.com/watch?v=kfgj789nmb4&feature=related>.

OBSERVAÇÃO: A revista *Scientific American Brasil*, editora Duetto, disponibiliza o vídeo *Fronteiras da Física – o universo elegante*, em dois DVDs, fundamentados no *best-seller* de Brian Greene, físico e matemático da Universidade de Columbia - USA. No primeiro DVD há esclarecimentos sobre as teorias que sustentam a origem da matéria e a formação do universo. O segundo DVD revela as dimensões do universo e os mundos paralelos. Trata-se de excelente material, contendo interessantes e elucidativas imagens, além de informações científicas de fácil entendimento pelo público em geral.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 29

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS: CIVILIZAÇÕES CÓSMICAS

Objetivos

- » Conceituar exobiologia ou astrobiologia.
- » Analisar de forma reflexiva as condições de vida de outros planetas, considerando as informações científicas atuais e as ideias espíritas.

Ideias principais

- » *Exobiologia* ou *Astrobiologia* é o ramo da Ciência que estuda a origem, a evolução, a distribuição e o futuro da vida no universo.
- » Algumas agências aeroespaciais, como a NASA, nos Estados Unidos, e a ESA, na Europa, dirigem suas pesquisas para a possibilidade de vida (microbiana, vegetal, animal e humana) em outros planetas, utilizando metodologia específica, entre elas a radioastronomia.
- » *Deus povoou os mundos de seres vivos, e todos concorrem para o objetivo final da Providência.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 55 – comentário.
- » *As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser apropriadas ao meio em que são chamados a viver.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 58 – comentário.

Subsídios

No Roteiro anterior, vimos algumas teorias sobre a formação do universo e dos corpos celestiais, a respeito das quais o Espírito André Luiz assim se expressa:

Devido à atuação desses Arquitetos Maiores [Espíritos de evolução cósmica], surgem nas galáxias as organizações estelares como vastos continentes do universo em evolução e as nebulosas intragalácticas como imensos domínios do universo, encerrando a evolução em estado potencial, todas gravitando ao redor de pontos atrativos, com admirável uniformidade coordenadora. É aí, no seio dessas formações assombrosas, que se estruturam, interrelacionados, a matéria, o espaço e o tempo, a se renovarem constantes, oferecendo campos gigantesco ao progresso do Espírito. Cada galáxia quanto cada constelação guardam no cerne a força centrífuga própria, controlando a força gravítica, com determinado teor energético, apropriado a certos fins. A Engenharia Celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento, e mantêm-se, desse modo, na vastidão sideral, magníficas florestas de estrelas, cada qual transportando consigo os planetas constituídos e em formação, que se lhes vinculam magneticamente ao fulcro central, como os elétrons [eletrons] se conjugam ao núcleo atômico, em trajetos perfeitamente ordenados na órbita que se lhes assinala de início.¹

Em **consequência dos estudos cosmogênicos há**, na atualidade, grande interesse científico pelo estudo da vida extraterrestre, denominado de *Exobiologia* ou *Astrobiologia*, ramo da Ciência que estuda a origem, a evolução, a distribuição, e o futuro da vida no universo.

Este campo interdisciplinar inclui a busca por ambientes habitáveis no nosso Sistema Solar e por planetas habitáveis fora do Sistema Solar, a busca por evidência de química prebiótica, vida em Marte e em outros corpos do Sistema Solar e pesquisas em laboratório e em campo do começo da vida na Terra e em outros possíveis lugares. A astrobiologia é um campo multidisciplinar que se utiliza da física, química, astronomia, biologia, biologia molecular, ecologia, ciência planetária, geografia e geologia para investigar a possibilidade de vida em outros mundos e reconhecer biosferas que podem ser diferentes das da Terra.²

A exobiologia é disciplina científica, ensinada nas universidades, distinta da ufologia — que é o estudo de relatos, registros visuais, evidências físicas e demais fenômenos relacionados aos objetos voadores não identificados, ou OVNI's. A ufologia é, em geral, realizada sem metodologia científica.

Em razão dos resultados dos estudos e pesquisas, a astrobiologia transformou-se em foco de um número crescente de missões da NASA (sigla em inglês de *National Aeronautics and Space Administration*; ou, em português, *Administração Nacional do Espaço e da Aeronáutica*, ou Agência Espacial Norte-Americana), e da Agência Espacial Europeia (AEE ou ESA - *European Space Agency*): organização intergovernamental dedicada à exploração espacial, sediada em Paris, e constituída dos seguintes países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido, Suécia e Suíça. A ESA tem ainda acordos de estreita colaboração com o Canadá, a Hungria e a República Checa.²

Atualmente, a NASA possui um instituto astrobiológico (*NASA Astrobiology Institute*) e um número crescente de universidades norte-americanas, inglesas, canadenses, irlandesas e australianas oferecem programas de graduação em astrobiologia.²

Um foco particular da astrobiologia moderna é a busca pela vida em Marte, em razão de sua proximidade espacial com a Terra e devido a sua história geológica. Existem evidências de que Marte possuía, no passado, quantidade considerável de água em sua superfície. A presença de água, em qualquer estudo realizado na Terra ou fora dela, é considerado indicador essencial para a vida.²

Em excelente artigo publicado pela revista *Super Interessante*, da editora Abril, o jornalista Pedro Burgos fornece uma síntese da atualidade científica a respeito do tema.³

- » “Pesquisas recentes mostram que boa parte dos planetas de fora do sistema solar é a cara da Terra.”
- » “Simulações de computador indicam que pode haver um planeta com características da Terra na estrela mais próxima daqui, Alpha Centauri”. Este planeta estaria situado a 4,3 anos-luz.
- » Há possibilidade de vida, segundo os cientistas, na vizinha galáxia Andrômeda, que possui um trilhão de sóis, e em outras galáxias. Neste sentido afirmou o conhecido astrônomo Carl Sagan, já falecido: “Deve haver

- bilhões de trilhões de mundos. Então por que nós, jogados aqui num canto esquecido do universo, seríamos os afortunados [com a vida]?”
- » O físico e pesquisador de Harvard, Paul Horowitz, ensina: “Vida inteligente no universo? Garantido. Na nossa galáxia? Extremamente provável”.
 - » “As apostas de que, sim, há muita vida lá fora começam com duas certezas.
 - » Primeiro, a de que não faltam planetas fora do sistema solar. [...] A segunda certeza é mais determinante: a de que dois ingredientes fundamentais para a vida, água e moléculas orgânicas [à base de carbono], são comuns no universo.”
 - » Em “2007 o telescópio Hubble detectou pela primeira vez a existência de água num planeta extrassolar, ainda que na forma de vapor. E neste ano [2008] encontrou água e moléculas orgânicas em outro.”
 - » Afirmção do astrônomo Marc Kuchner, do Laboratório de Exoplanetas da NASA: “Estamos tão, tão perto de encontrar vida em outros planetas que é só uma questão de continuar procurando. Parece que é só uma questão de tempo”.
 - » “Enviar sondas espaciais é o melhor jeito de entender o que acontece fora da Terra. Que o diga a nave Phoenix. Ela chegou em Marte em junho [de 2008] e ainda está coletando e analisando informações do solo marciano [...]; confirmou que existe água em forma de gelo no polo norte de lá.”
 - » “Outro alvo na busca pela vida é Europa, uma lua de Júpiter. Ela tem uma fina atmosfera com oxigênio e, ao que tudo indica, uma surpresa embaixo de sua camada de 200 quilômetros de gelo: água líquida.”
 - » “Alguns desses planetas com vida podem ter apenas bactérias e animais — a própria Terra teve só isso por mais de 90,9% do tempo [de sua existência].”

O fato concreto é que a busca pela vida extraterrestre faz parte de vários projetos científicos. Há investimentos financeiros maciços em instituições e em projetos voltados para estudos ou pesquisas exobiológicas, como o Instituto SETI que desenvolve o Projeto Fênix, nos Estados Unidos da América. A palavra SETI é formada pelas iniciais de “Search for ExtraTerrestrial Intelligence” (*Em busca* — ou procura — *de inteligência extraterrestre*, em português).

Os pesquisadores do SETI investem na radioastronomia: captação de ondas sonoras transformadas em eletromagnéticas vindas do

espaço. A radioastronomia é o estudo da física dos corpos celestes, utilizando radiação com comprimentos de onda maiores que a da luz visível, a saber, as ondas de rádio. A faixa de frequências se estende desde as ondas em VLF (*Very Low Frequencies* – Frequência Muito Baixa), com quilômetros de comprimento de onda, às microondas, cujo tamanho das ondas estão na faixa de frações do milímetro.

Dessa forma, os estudiosos “[...] jogam as fichas na espera de receber sinais de rádio dos alienígenas. [...] Não é o Ideal para tentar falar com Andrômeda, a galáxia mais próxima, já que o sinal demoraria 2 milhões de anos para fazer a viagem. Mas dá para tentar aqui pela Via Láctea”,⁴ afirma Pedro Burgos, jornalista anteriormente citado. Entretanto, como o sinal de rádio viaja à velocidade da luz, pode ser detectado pelos radiotelescópios.

Contrastado com um telescópio óptico, que produz imagens a partir da luz visível, um radiotelescópio capta ondas de rádio emitidas por fontes de rádio, normalmente através de uma ou um conjunto de antenas parabólicas, de grandes dimeções.

O objetivo do Instituto SETI, com sede nos Estados Unidos, é a pesquisa e o desenvolvimento de projetos educacionais relacionados ao estudo da vida no universo. O projeto é mantido pela NASA [Agência Espacial Norte-Americana], União Astronômica internacional e várias instituições públicas e privadas. [...] O Instituto SETI realiza pesquisa em diversas áreas do conhecimento — Astronomia, Ciências da Terra, evolução química, origem da Vida, Evolução Biológica, Evolução Cultural. [...] O principal projeto do Instituto SETI é o Fênix (pássaro mitológico do Egito antigo que renasce das cinzas) que se dedica à detecção e análise de ondas de rádio (na faixa de 1.000 a 3.000 MHz) vindas do espaço, procurando identificar algum sinal produzido artificialmente (por algum ser inteligente). Para isso, o projeto Fênix gasta entre quatro e cinco milhões de dolares anualmente e utiliza os maiores radiotelescópios do mundo. Os alvos são estrelas dentro de uma vizinhança relativamente grande do sol. Todas as estrelas observadas até hoje estão a uma distância inferior a 200 anos-luz do sol (um ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano e equivale a 9,5 trilhões de km. [...]).⁵

Para o astrofísico russo Nicolai Kardashev (1932–), a existência de vida humana fora da terra poderia ser classificada em três tipos: as que se encontram no mesmo grau de adiantamento da humanidade

terrestre (tipo 1); as que poderiam enviar sinais que percorreriam distâncias cósmicas de milhões de anos-luz e já saberiam utilizar a energia solar (tipo 2); e as terceiras, capazes de fazer viagens interestelares, seriam detentoras de superior conhecimento científicos e tecnológico (tipo 3).

No caderno *Ciência da Folha Online*, de 30 de julho de 2010, foi publicada a seguinte reportagem:⁶

Pesquisadores identificaram rochas que podem conter fósseis de vida em Marte. A descoberta, descrita na revista *Earth and Planetary Science Letters*, foi realizada na grande e antiga rocha Nili Fossae. As rochas têm 4 bilhões de anos, cerca de três quartos da história de Marte. Em 2008, cientistas descobriram carbonato nessas rochas, evidência de que o planeta vermelho seria habitável. Isso porque muitos organismos acabam virando carbonato quando enterrados. O mineral pode se originar de restos fossilizados de conchas ou ossos, por exemplo. Na nova pesquisa, Adrian Brown, pesquisador do SETI (Instituto para Busca de Inteligência Extraterrestre, na sigla em inglês), na Califórnia, e sua equipe usaram um equipamento de luz infravermelha a bordo da nave Mars Reconnaissance orbiter, da NASA (Agência Espacial Norte-Americana) para estudar a composição mineral da rocha em Marte. A equipe também usou a técnica para estudar rochas muito antigas encontradas no noroeste da Austrália que, acredita-se, foram habitadas por colônias de organismos primitivos durante os primórdios da Terra, formando estruturas chamadas de estromatólitos. Os cientistas descobriram que a composição da rocha terrestre, que abrigou vida, e da rocha marciana são muito semelhantes, o que sugere a possibilidade de vida ter existido em algum momento naquela região do planeta vermelho.

Em outra reportagem mais recente, realizada pela Folha Online (www.folha.com.br), de 22 de agosto de 2010, constam estas outras informações:⁷

- » “Astrônomos dizem que estão prestes a encontrar planetas como a Terra orbitando outras estrelas, um passo-chave para determinar se nós estamos sozinhos no universo.”
- » “Um importante oficial da NASA (Agência Espacial Norte-Americana) e outros importantes cientistas dizem que, dentro de quatro ou cinco anos, eles devem descobrir o primeiro planeta similar à Terra, onde a vida poderia se desenvolver, ou já se desenvolveu.”

- » “Cientistas falam sobre estar em um ‘ponto especialmente incrível na História,’ próximos de responder uma questão que perseguiu a humanidade desde o início da civilização.”
- » “A pergunta fundamental é: Nós estamos sozinhos? Pela primeira vez, há otimismo de que, em algum momento de nosso tempo de vida, vamos conseguir responder esta questão.” É o que diz Simon “Pete” Worden, astrônomo que lidera o Centro de Pesquisas Ames da NASA. “Se eu fosse de apostar, e eu sou, apostaria que nós não estamos sozinhos, que há muita vida [pelo universo]”, completa ele.”
- » Worden disse à Associated Press: “Eu certamente esperaria que, nos próximos quatro ou cinco anos, encontremos um planeta do tamanho da Terra em uma zona habitável.”
- » “O centro de pesquisas do cientista é responsável pelo telescópio Kepler, que está fazendo um intenso censo planetário de uma pequena parte da galáxia. Diferentemente do telescópio espacial Hubble, que é um instrumento genérico, o Kepler é especializado em busca de planetas.”
- » “Seu único instrumento é um sensor que verifica a luminosidade de mais de 100 mil estrelas ao mesmo tempo, atento a qualquer coisa que bloqueie essa luz. Isso frequentemente significa um planeta passando em frente à estrela.”
- » “Qualquer planeta que pudesse suportar vida seria quase com certeza rochoso, ao invés de gasoso. E precisa estar no local certo. Planetas muito próximos de uma estrela serão muito quentes também, e aqueles muito distantes são muito frios. “Em cada lugar que procuramos, encontramos um planeta”, diz Scott Gaudi, astrônomo da Universidade de Empire State (USA). “Eles aparecem em todo tipo de ambiente, todo tipo de lugar.”
- » “Os pesquisadores estão encontrando exoplanetas em uma velocidade muito grande. Nos anos de 1990, eles encontravam cerca de um par de novos planetas por ano. Mas por quase toda a última década, já se chegou a um par desses planetas por mês. E neste ano [2010], os planetas estão sendo encontrados em uma base diária, graças ao telescópio Kepler.”
- » “O número de exoplanetas descobertos já passou bem dos 400. Mas nenhum deles tem os componentes certos para a vida. Isso está para mudar, dizem os especialistas. “Com o Kepler, nós temos fortes indicações de planetas menores em grande quantidade, mas eles ainda não

foram verificados”, diz Geoff Marcy, da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Ele é um dos “pais” da área de estudos para a caça a planetas e um cientista do telescópio Kepler.”

O Espiritismo afirma que há vida em outros mundos, teoria aceita pela maioria dos cientistas, ainda que careça de comprovação. Tal constatação pertence ao futuro, talvez não tão distante.

De qualquer forma, há várias mensagens mediúnicas relacionadas à vida em outros planetas, como as inseridas na *Revista Espírita*, de Allan Kardec. Apenas como ilustração, citamos dois textos publicados na *Revista Espírita* de março de 1858, que merecem ser lidos: *Pluralidade dos mundos* (constam informações sobre a Lua, Mercúrio, Saturno); *Júpiter e alguns outros mundos*.

O capítulo 3 do livro *A caminho da luz*, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, revela como extraterrestres, oriundos de diferentes mundos da Constelação do Cocheiro, chegaram à Terra e se miscigenaram com os habitantes do planeta, impulsionando sua evolução.

Em outra obra, *Cartas de uma morta*, publicada em 1930 pela Editora LAKE, Maria João de Deus, mãe de Chico Xavier, relata as belezas de Saturno (páginas 59-68, 2ª edição, 1936) e fornece informações sobre o planeta Marte (páginas 155-164).

O Espírito Humberto de Campos apresenta esclarecimentos sobre o planeta Marte em seu livro *Novas mensagens*.

Sendo assim, Emmanuel analisa:⁸

Enquanto o homem se encaminha para a Lua, estudando-a de perto, comove-nos pensar que a Doutrina Espírita se referia à pluralidade dos mundos habitados, precisamente há mais de um século. Acresce notar, ainda, que os veneráveis orientadores da Nova Revelação, guiando o pensamento de Allan Kardec, fizeram-no escrever a sábia declaração: “Deus povoou de seres vivos todos os mundos, concorrendo esses seres ao objetivo final da Providência.” Sabemos hoje que moramos na Via-Láctea — galáxia comparável a imensa cidade nos domínios universais. Essa cidade possui mais de duzentos milhões de sóis, transportando consigo planetas, asteroides, cometas, meteoros, aluviões de poeira e toda uma infinidade de turbilhões energéticos. [...] Mas os espelhos telescópicos do homem já conseguem assinalar a existência de milhões e milhões de outras galáxias, mais ou menos

semelhantes à nossa, a se espriarem na vastidão do universo. Até agora, neste breve lembrete, nos reportarmos simplesmente ao campo físico observável pelos homens encarnados, atreitos, como é natural, ao raio reduzido da percepção que lhes é própria, sem nos referirmos às esferas espirituais mais complexas que rodeiam cada planeta, quanto cada sistema. Nesse critério, vamos facilmente encontrar, em todos os círculos cósmicos, os seres vivos da asserção de Kardec, embora a instrumentação do homem não os divise a todos. Eles se desenvolvem através de inimagináveis graus evolutivos, cabendo-nos reconhecer que, em aludindo à pluralidade dos mundos habitados, não se deverá olvidar a gama infinita das vibrações e os estados múltiplos da matéria. Temos, assim, no Espaço Incomensurável, mundos-berços e mundos-experiências, mundos-universidades e mundos-templos, mundos-oficinas e mundos-reformatórios, mundos-hospitais e mundos-prisões.

Referências

1. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Primeira parte, cap. 1, p.23.
2. Exobiologia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Exobiologia>
3. BURGOS, Pedro. *Não estamos sozinhos*. Revista Super Interessante. São Paulo: Abril Cultural. Edição 255, agosto de 2008, p. 62-71.
4. _____. p. 69.
5. INSTITUTO SETI. Art. dos professores Renato Las Casas e Divina Mourão. Disponível em <http://www.observatorio.ufmg.br/pas/05.htm>
6. FOLHA COM. *Composição de rocha sugere vestígio de vida em Marte*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/775137-composicao-de-rocha-sugere-vestigio-de-vida-em-marte.shtml>
7. FOLHA ONLINE. Caderno Ciência. *Astrônomos dizem que planetas habitáveis devem ser encontrados em até 5 anos*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u676607.shtml>
8. XAVIER, Francisco Cândido. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Capítulo: Pluralidade dos mundos habitados, p. 301-304.

Orientações ao monitor

1. Pedir aos participantes que leiam atenta e silenciosamente este Roteiro de estudo.
2. Em seguida, reuni-los em um círculo para analisar os conteúdos lidos. Para tanto, estimular a discussão do assunto por meio de perguntas previamente elaboradas, favorecedoras da troca de opiniões.
3. Terminada a discussão, apresentar uma síntese das ideias desenvolvidas no Roteiro.
4. Fazer o fechamento do estudo com projeção de pequenos trechos retirados das obras espíritas citadas no texto, que trazem informações sobre as condições de vida em outros planetas (veja sugestões, em anexo).

Anexo – Textos indicados para o encerramento da reunião

1. *Saturno: sol azul, mundo sem clorofila, dia de dez horas, habitantes humanos bem mais esclarecidos, que sabem unir a ciência à fé.*
 - » “Avistei, muito distante, como um novelo de luz, levemente azulada, o sol [...]. A luz se espalhava por todas as coisas, dando-me a impressão de frescura e amenidade.”¹
 - » “Uma vegetação estranha coalhava o solo branco, às vezes brilhante: a clorofila [...] devia estar substituída por outro elemento, porque todas as folhagens e ramarias eram azuladas [...].”²
 - » “[...] Na superfície de Saturno, o dia compõe-se de dez horas e onde as estações duram mais de sete anos consecutivos [...].”³
 - » Entre eles, a justiça e a verdade não são um mito e, há muito, a ciência está reunida à fé; não amontoam as riquezas que resplandecem do solo em que pisam, as quais somente são retiradas para ornamentação [...].”³
2. *Marte: as condições de vida e a natureza são melhores e um tanto diferentes das existentes na Terra.*
 - » “[...] Havíamos chegado a um belo cômodo atapetado de verdura florida.
 - » Ante os meus olhos atônitos, rasgavam-se avenidas extensas e amplas [...].”⁴
 - » “Tive então ensejo de contemplar os habitantes do nosso vizinho, cuja organização física difere um tanto do arcabouço típico com que

realizamos nossas experiências terrestres. [...] Uma aura de profunda tranquilidade os envolve. É que os marcianos [...] já solucionaram os problemas do meio [...]. Não conhecem os fenômenos da guerra e qualquer flagelo social seria, entre eles, acontecimento inacreditável.”⁵

- » “A vegetação de Marte [...] sofria grandes modificações, em comparação com a da Terra. É de um colorido mais interessante e mais belo, apresentando uma expressão de tonalidade avermelhada em suas características gerais. Na atmosfera, ao longe, vagavam nuvens imensas, levemente azuladas [...], que se tratavam de espessas aglomerações de vapor d’água, criadas por máquinas poderosas da ciência marciana, a fim de que sejam supridas as deficiências de líquido nas regiões mais pobres e mais afastadas do sistemas de canais que ali coloca os oceanos polares em contínua comunicação, uns com os outros.”⁶

3. Júpiter: é o planeta mais adiantado do Sistema Solar.

- » “De todos os planetas, o mais adiantado sob todos os aspectos é Júpiter. É o reino exclusivo do bem e da justiça, porquanto só tem *bons Espíritos*. A superioridade de Júpiter não está somente no estado moral dos seus habitantes.; está também na sua constituição física.”⁷
- » “A conformação do corpo é mais ou menos a mesma daqui, porém é menos material, menos denso e de uma maior leveza específica. [...] Sendo mais depurada a matéria de que é formado o corpo, dispersa-se após a morte sem ser submetida à decomposição pútrida. Ali não se conhece a maioria das moléstias que nos afligem [...]. A alimentação está em relação com essa organização etérea [...], aliás a maior parte deles [dos habitantes] a haurem no meio ambiente, cujas emanações nutritivas aspiram.”⁷
- » “A duração da vida é, proporcionalmente, muito maior que na Terra; a média equivale a cerca de cinco dos nossos séculos; o desenvolvimento é também muito rápido e a infância dura apenas alguns meses.”⁷

1. (1) XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas de uma morta*. Pelo Espírito Maria João de Deus. 14. ed. São Paulo: LAKE, 2002. Cap. 51, p. 79.
2. (2) _____. Cap. 52, p. 80.
3. (3) _____. Cap. 54, p. 82.
4. (4) _____. *Novas mensagens*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 60.
5. (5) _____. p. 61.
6. (6) _____. p. 62.
7. (7) _____. KARDEC, Allan. *Revista espírita*. Ano primeiro – 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Março, nº 2, p. 117

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 30

FORMAÇÃO DA HUMANIDADE TERRESTRE

Objetivos

- » Explicar, à luz da Doutrina Espírita, como foi formada a humanidade terrestre.
- » Identificar sinais reveladores de evolução espiritual.
- » Fornecer o significado da expressão “raça adâmica” e qual a sua relação na organização da humanidade terrestre.

Ideias principais

- » *Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. Allan Kardec: A gênese. Cap. 11, item 29.*
- » *A Terra se achou povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral. Allan Kardec: A gênese. Cap. 11, item 30.*
- » Raça adâmica é expressão que provém da palavra Adão, considerado pelo Velho Testamento como o homem que deu origens às raças

existentes no Planeta. Para a Doutrina Espírita, contudo, o pensamento é outro: *Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados na paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.* Emmanuel: *A caminho da luz*. Cap. 2.

- » *Segundo o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de Espíritos, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por esse motivo, chamada raça adâmica.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. 11, item 38.
- » Os Espíritos que constituem a raça adâmica, também chamados capelinos, são exilados na Terra, oriundos do sistema solar de Capela, situada na constelação do Cocheiro.

Subsídios

No roteiro anterior estudamos que a vida se manifesta em outros mundos do universo e que, por força da lei de progresso, as coisas e os seres, sobretudo os Espíritos, se transformam, aperfeiçoando-se. Daí estas palavras de Allan Kardec:

O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, sendo incessante, como é, a criação dos mundos e dos Espíritos e progredindo estes mais ou menos rapidamente, conforme o uso que façam do livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, em graus diversos de adiantamento físico e moral, onde é mais ou menos material a encarnação e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Deste ponto de vista a Terra é um dos menos adiantados.¹

O processo evolutivo pode ocorrer lentamente, de acordo com as mudanças naturais, ou rapidamente, pela interferência de elementos externos. Foi o que aconteceu com a humanidade terrestre em determinado momento de sua caminhada evolutiva, quando Espíritos oriundos de outros mundos renasceram na Terra, miscigenando-se com os seus habitantes. Essa miscigenação favoreceu o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, implementando, inclusive, mudanças na aparência dos corpos, que se revelaram mais embelezados.

Depois que os Espíritos realizam a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, deixam-no para encarnar em outro mais adiantado, onde possam adquirir novos conhecimentos e assim por diante, até que, não lhes sendo mais de proveito algum a encarnação em corpos materiais, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, na qual continuam a progredir em outro sentido e por outros meios.²

Parece ser essa a forma usual de progresso espiritual, na Terra e fora dela, conforme ensinam os Espíritos orientadores. Assim, a partir do instante em que determinado globo apresenta condições de habitabilidade, iniciam-se as primeiras encarnações de Espíritos que passarão a constituir-se sua humanidade.

Quando a Terra se encontrou em condições climáticas apropriadas à existência da espécie humana, encarnaram nela Espíritos humanos. De onde vinham? Quer tenham sido criados naquele momento, quer tenham procedido, completamente formados, do espaço, de outros mundos, ou da própria Terra, a presença deles neste planeta, a partir de certa época, é fato, pois que antes deles só havia animais. Revestiram-se de corpos adequados às suas necessidades especiais, às suas aptidões, e que, fisiologicamente, tinham as características da animalidade. Sob a influência deles e por meio do exercício de suas faculdades, esses corpos se modificaram e aperfeiçoaram: é o que a observação comprova.³

1. O progresso espiritual

O progresso espiritual, propriamente dito, é caracterizado por determinados sinais, quando no Espírito começa a manifestar “[...] os germens do livre-arbítrio e do senso moral”,³ lembra Kardec. Dessa forma, as conquistas intelectuais e o aprendizado moral são plano divino de evolução, disponibilizado pela Providência, determinando que o processo evolutivo seja ascensional, sem retroação, manifestado em inúmeras reencarnações e estadias no plano espiritual.

O ambiente físico que serve de moradia do Espírito, encarnado e desencarnado, também evolui, concomitante com o progresso dos seus habitantes.

Esses dois progressos se realizam paralelamente, visto que a perfeição da habitação guarda relação com o do habitante. Fisicamente, o globo terráqueo tem sofrido transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens concorrem para isso pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra.⁴

A humanidade terrestre nunca foi homogênea, desde o início de sua formação, com a chegada dos seus primeiros integrantes, após a humanização do princípio inteligente. A nossa humanidade é e sempre foi constituída pela mescla de Espíritos vindos de outros mundos que, semelhante à enxertia realizada nos vegetais, introduziram modificações, impulsionando o progresso humano.

[...] Assim, a Terra se achou povoada de Espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos a impressão do caráter do Espírito e procriando-se esses corpos na conformidade dos respectivos tipos, resultaram daí diferentes raças, quer quanto ao físico, quer quanto ao moral. [...] Continuando a encarnar entre os que se lhes assemelhavam, os Espíritos similares perpetuaram o caráter distintivo, físico e moral, das raças e dos povos, caráter que só com o tempo desaparece, mediante a fusão e o progresso deles.⁵

Além do mais, analisa o Codificador:

Podem comparar-se os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses bandos de emigrantes de origens diversas, que vão estabelecer-se numa terra virgem. Aí encontram madeira e pedra para erguerem habitações, cada um dando à sua um cunho especial, de acordo com o grau do seu saber e com o seu gênio particular. Grupam-se então por analogia de origens e de gostos, acabando os grupos por formar tribos, depois povos, cada qual com costumes e caracteres próprios.⁶

O progresso de qualquer humanidade, não só a terráquea, “[...] se efetua, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da

natureza são obra da eterna sabedoria e da presciência divina, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus. [...]”⁷

Esse duplo progresso se executa de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra, por meio de mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados, *quanto às particularidades*, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo, fatais em seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como as que se operam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. É por isso que o movimento progressivo se efetua, às vezes, de modo parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação; de outras vezes é geral.⁸

Chegada a um determinado nível evolutivo a humanidade planetária é impulsionada a progredir de forma mais intensa. Esse impulso progressivo se dá pela reencarnação de Espíritos vindos de planos ou mundos mais adiantados: “[...] Pelas mortes e pelos nascimentos, as duas populações, terrestre e espiritual, desaguardam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações deste para aquele: é o estado normal”⁹

Entretanto, em “[...] certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se operam em massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que lhes acarretam a partida simultânea em quantidades enormes, logo substituídas por quantidades equivalentes de encarnações.”¹⁰

Em planetas nos quais o mal predomina, tal como acontece na Terra, às vezes são necessárias mudanças progressivas rápidas, favoráveis ao renascimento de um número maior de Espíritos incumbidos de promover e executar a renovação das ideias, dos hábitos e dos costumes. Assim, os cataclismos naturais ou os flagelos destruidores servem de instrumentos para a desencarnação e reencarnação em massa.

Devem-se, portanto, considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovamento da população corporal do globo, de ela se retemperar pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados.. [...] É de notar-se que todas as grandes calamidades que

dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso de ordem física, intelectual, ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações nas quais elas ocorrem. [...].¹⁰

2. A raça adâmica

A raça adâmica representa, simbolicamente, um conjunto de Espíritos muito mais adiantados que os habitantes da Terra, que aqui renasceram em atendimento às necessidades de progresso deles e da nossa humanidade.

A expressão “raça adâmica” origina-se de Adão, nome que simboliza a espécie humana criada por deus para dominar a criação, segundo estas palavras do livro bíblico Genesis: *“Deus disse: façamos o homem à nossa imagem, como à nossa semelhança, e que eles [representantes da espécie humana] dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Deus os abençoou e lhes disse: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a.” [...] Deus disse: “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos, que dão sementes: isso será o vosso alimento”.* [...]. (Gênesis, 1: 26-29. *Bíblia de Jerusalém*) .

“Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, visto como, desde a segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e duradouros. [...]”¹¹

Mas, o nosso raciocínio ansioso procura os legítimos antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do proscênio da evolução anímica. Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localizá-las no Espaço e no Tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados na paisagem obscura da terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.¹²

A raça adâmica foi, na verdade, constituída por um grupo de Espíritos que reencarnaram na terra, vindo de outros mundos, por meio de grande imigração coletiva ocorrida no planeta. Quando aqui

aportou, esse grupo de Espíritos encontrou os primitivos habitantes da humanidade terrestre.

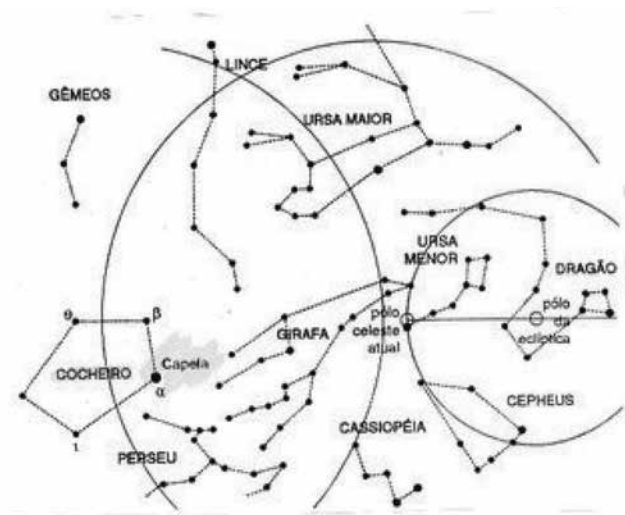
Segundo o ensino dos espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de *espíritos*, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por esse motivo, chamada *raça adâmica*. Quando chegou à terra, o planeta já estava povoado desde tempos imemoriais, como a América, quando chegaram os *européus*. Mais adiantada do que as que a tinham precedido neste globo, a raça adâmica é, com efeito, a mais inteligente, a que impele ao progresso todas as outras. A Gênese no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado aqui pela infância intelectual, o que não se dá com as raças primitivas, mas concorda com a opinião de que ela se compunha de espíritos que já tinham progredido bastante. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que seja considerada como habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, antes tenderia a confirmá-las.¹³

3. Os capelinos

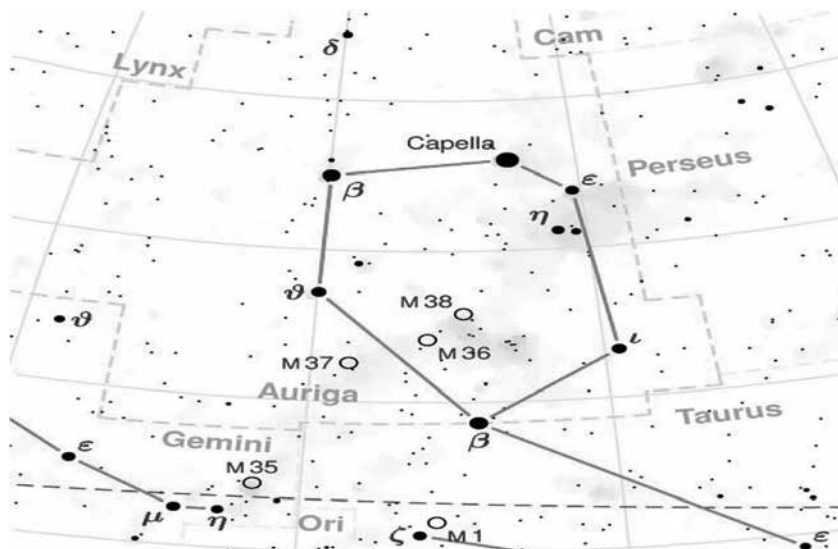
Os Espíritos que constituem a raça adâmica são denominados pelos espíritos de *capelinos*, com base nesta informação de Emmanuel:¹⁴

Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, cantando as glórias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta cerca de 42 anos para chegar à face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distância existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço com a velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo. Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas

de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais comezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho.

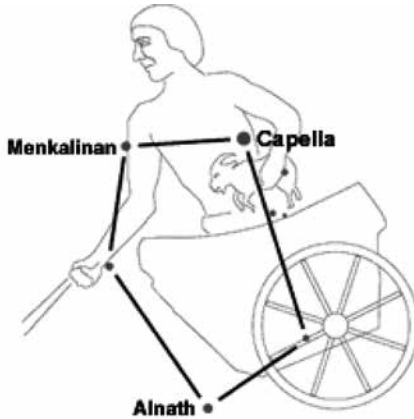


Estas são algumas imagens da Constelação do Cocheiro, (Cabra ou Capela):



Os seguintes dados, retirados da internet, fornecem uma visão panorâmica de Capela,¹⁵ um dos orbes “que guarda muitas afinidades com o globo terrestre”:¹⁶

- » O Cocheiro é uma constelação do hemisfério celestial norte, conhecida desde a Antiguidade. Está situada entre as constelações de Gêmeos e Perseu, ao norte da constelação de Órion, sendo facilmente reconhecível pelo pentágono que forma com as estrelas Alfa de Auriga (Capela), Beta de Auriga, Iota de Auriga, Teta de Auriga e a intrusa Beta do Touro.



- » Capela é a estrela mais brilhante do sistema de Cocheiro. A constelação do Cocheiro representa simbolicamente um homem que tem na mão direita um chicote, enquanto a mão esquerda segura (em algumas ilustrações, sustenta nas costas) uma pequena cabra: é Capela, nome que significa cabrita [pequena cabra].¹⁵
- » Na mitologia greco-romana, Capella é Amaltéa, uma ninfa filha do rei de Creta que cuidou de Júpiter quando ele ainda era bebê e se refugiava da voracidade de seu pai, Saturno, que queria devorá-lo. Segundo outra versão, Capela seria a própria cabra que amamentou Júpiter naquela ocasião.¹⁵
- » A estrela Capela fica a cerca de 42 anos luz de distância da Terra. O Sol fica a 8 minutos-luz de nós, mas Capela é 150 vezes mais brilhante que o Sol. Ela está entre as “dez estrelas mais brilhantes” do céu, figurando na sexta posição no *ranking* das mais brilhantes.¹⁵
- » Facilmente visível a olho nu entre as constelações de Touro e Gêmeos, o pontinho de luz de Capela parece querer dizer que vemos apenas um astro. Mas é apenas um disfarce. Capela integra um sistema formado por duas estrelas gigantes e amarelas, com massas 2,6 e 2,7 vezes a massa do Sol (uma delas é 9 vezes maior que o Sol e a outra é 12 vezes maior). Elas se movem uma em torno da outra, situada a 113 milhões de km (menos que a distância da Terra ao Sol).¹⁵

Capella (Alfa do Cocheiro)						
Cor	Classe espectral	Dinâmica (anos-luz)	Luminosidade (Sol = 1)	Massa (Sol = 1)	Temperatura superficial	Diâmetro (Sol = 1)
Amarela	G1	42	78,5	2,7	5.700K	12

Dados referentes a estrela principal do sistema, Capella A

Esclarece Emmanuel que nos mundos existentes na constelação de Capela havia, em determinada época, alguns

[...] milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.¹⁶

Ensina também esse esclarecido orientador espiritual, em sua admirável obra *A caminho da luz*, leitura imprescindível a todo estudioso espírita:

- » Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas.[...].¹⁷
- » Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas [...], estabelecendo os fatores definitivos na história etnológica dos seres.¹⁸
- » Grande percentagem daqueles Espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na Terra, nos dias que correm, contrariando a regra geral, em virtude do seu elevado passivo de débitos clamorosos.¹⁹

Referências

1. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap.11, item 27, 276-277.
2. _____. Item 28, p. 277.
3. _____. Item 29, p. 278.
4. _____. Cap. 18, item 2, p. 514.
5. _____. Cap. 11, item 30, p. 279.
6. _____. Item 31, p. 279-280.
7. _____. Cap. 18, item 2, p. 515.
8. _____. p. 514-515.
9. _____. Cap. 11, item 35, p. 284-285.
10. _____. Item 36, p. 285.
11. _____. Item 40, p. 288.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 37. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Cap. 2, item: Os antepassados do homem, p. 32-33.
13. KARDEC, Allan. *A gênese*. Op. Cit. Cap. 11, item 38, p. 286-287.
14. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Op. Cit. Cap. 3, item: O sistema de capela, p. 37-38.
15. Capela e seus segredos. Disponível em: <http://www.zenite.nu/>
16. XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Op. Cit. Cp. 3, item: Um mundo em transições, p. 38.
17. _____. Item: Fixação dos caracteres raciais, p. 40.
18. _____. Item: Origem das raças brancas, p. 41.
19. _____. p. 42.

Orientações ao monitor

1. Realizar exposição introdutória do assunto, discorrendo sobre o progresso evolutivo dos mundos e dos Espíritos (item 1 e texto que o antecede).
2. Em seguida, solicitar a formação de dois grupos de estudo. Um dos grupos deve ler e trocar ideias a respeito dos conteúdos que constam do item 2 deste Roteiro (A raça adâmica). O outro grupo deve proceder da mesma forma, porém estudando o item 3 (Os capelinos).
3. Após a realização do trabalho, projetar o mapa zodiacal da constelação do cocheiro, dirigindo aos participantes indagações sobre a origem e

formação da humanidade terrestre, com base nas leituras realizadas. É importante que o monitor faça uma espécie de arguição à turma, a fim de melhor analisar o tema.

4. Incentivar a participação dos integrantes da reunião, apresentando, ao final, uma síntese do que foi estudado e debatido.

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 31

MORAL E ÉTICA

Objetivos

- » Explicar a abrangência da teoria dos valores e sua evolução histórica.
- » Analisar o significado de moral e de ética segundo o pensamento filosófico e o espírita.
- » Relacionar os resultados da revolução ética e moral, ora em andamento na humanidade terrestre.

Ideias principais

- » A teoria dos valores, ou *axiologia*, indica o quanto vale algo ou alguém. Iniciada por Platão quando investigava as manifestações do Bem, essa Teoria sofreu amplo desenvolvimento ao longo dos séculos.
- » Moral, originada da palavra *costumes*, é um valor universal, aplicado a todo ser humano, em qualquer parte: *é o conjunto de valores, individuais e coletivos, considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta humana. Dicionário Houaiss da língua portuguesa.*
- » Ética é a ciência da moral [...] *responsável pela investigação dos princípios que motivam, disciplinam ou orientam o comportamento humano. Dicionário Houaiss da língua portuguesa.*
- » A revolução ética em andamento no Planeta, fundamentada na moral, extrapola os limites territoriais e culturais das nações, permitindo que

as sociedades terrestres se organizem em uma só, na forma de aldeia global, porque a [...] *humanidade tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas.* [...]. Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XVIII, item 14.

- » *Somente o progresso moral, poderá assegurar a felicidade na Terra, restando as paixões más [...].* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XVIII, item 19.
- » *Será ainda o progresso moral, secundado então pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas.* Allan Kardec: *A gênese*. Cap. XVIII, item 19.

Subsídios

Moral e a **ética** integram um ramo da Filosofia denominado *Teoria dos Valores*, que tem como objeto estudar a natureza dos valores e os juízos valorativos.

Valor é a importância que se dá a algo ou a alguém.

Diante dos seres (sejam eles coisas inertes, seres vivos ou ideias) somos mobilizados pela *nossa afetividade*, somos *afetados* de alguma forma por eles, porque nos atraem ou provocam nossa repulsa. Portanto, algo possui valor quando não permite que permaneçamos indiferentes. É nesse sentido que García Morente diz: “os valores não são, mas *valem*. Uma coisa é valor e outra coisa é ser. Quando dizemos de algo que vale, não dizemos nada do seu ser, mas dizemos que não é indiferente. A não indiferença constitui esta variedade ontológica que contrapõe o valor ao ser. A não indiferença é a essência do valer.”¹

Assim, a emissão de juízos de valor, favoráveis ou desfavoráveis, indica a importância do que se dá, ou não, a algo ou a alguém.

A Teoria dos Valores é muito antiga, iniciada por Platão (428/427–348/347 a.C.) quando investigava ideias subordinadas à manifestação do Bem. Posteriormente, seu pensamento foi ampliado por Aristóteles (384–322 a.C.), um dos seus discípulos mais famosos, e também pelos filósofos estoicos e pelos epicuristas (veja miniglossário) que analisaram as diferentes expressões do Supremo Bem (*summum bonum*). Na Idade Média, os filósofos escolásticos concordaram que o *Summum Bonum* representa Deus ou as ações divinas. Tal forma de pensar perdurou no período medieval, na Renascença e na Idade

Moderna, quando surgiram outras ideias. Por exemplo, no século XIX a Teoria dos Valores sofre influência da Economia, da Sociologia e da Psicologia, ampliando seu campo conceitual.

No século XX, rebatizada com o nome de *Axiologia* (do grego *axios*, valor ou dignidade), passou a ser considerada, ciência “[...] que não se ocupa dos seres, mas das relações que se estabelecem entre os seres e o sujeito que os aprecia.”¹

Paradoxalmente,

[...] raros são aqueles que definem axiologia como “ciência dos valores”. Tal definição é descartada por sociólogos e filósofos [...], sendo o termo considerado insustentável, já que tal ciência não existe concretamente e nem foi sistematizada intelectualmente. A definição mais comum de axiologia é que ela é um ramo da Filosofia que tem por objeto o estudo dos valores. [...] Diversos sociólogos dedicaram-se ao estudo dos valores, mas geralmente não utilizaram o termo axiologia, a não ser no sentido de ser sinônimo de “valorativo.”²

Há diversos tipos de valores, como os que se seguem, classificados inicialmente pelo filósofo Max Scheler (veja miniglossário), posteriormente reformulados por José Ortega y Gasset (miniglossário):

- » **Valores Úteis.** Exemplos: capaz/incapaz; caro/barato; abundante/escasso.
- » **Valores Vitais:** são/doente; enérgico/inerte (lento).
- » **Valores Espirituais,** subdivididos em: a) *Valores Intelectuais* (conhecimento/ignorância ou erro; provável ou evidente/improvável; b) *Valores Morais:* bom/mau; justo/injusto; leal/desleal.
- » **Valores Estéticos:** belo/feio; harmonioso/desarmônico.
- » **Valores Religiosos:** sagrado/profano; divino/demoníaco; milagroso/não milagroso (ou mecânico).

No presente Roteiro vamos focalizar os valores morais e éticos.

1. Moral

É palavra derivada dos termos latinos *mos*, *mores*, que significam *costumes*. Este, por sua vez, indica “a maneira de se comportar regulada pelo uso.”³ Assim, a moral procura explicar que os costumes sociais se expressam através do *caráter* e dos *sentimentos* humanos. Todavia, os

conceitos de *moral* e de *ética* são usualmente considerados sinônimos, como veremos ser equívoco.

Para a Filosofia, **moral** é o “conjunto de valores, individuais e coletivos, considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta humana.”⁴

O pensamento espírita não diverge desse conceito, pois afirma: “Moral é a regra de bem proceder, isto é, a distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observância da Lei de Deus. O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de todos, porque então cumpre a Lei de Deus.”⁵

O famoso filósofo iluminista François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo Voltaire (1694–1778), amplia o conceito de moral, que extrapola os dogmas religiosos e as superstições:

A moral não está na superstição, não está nas cerimônias, nada tem de comum com os dogmas. Nunca será demais repetir que todos os dogmas são diferentes e que a moral é a mesma em todos os homens que usam da razão. A moral, portanto, vem de Deus, como a luz. Nossas superstições não passam de trevas. [...].⁶

A moral é, portanto, valor universal, inerente ao homem, independentemente do meio social no qual ele se encontra inserido. A partir deste entendimento, é possível definir, então, regras e prescrições que determinam o comportamento e as condutas, consideradas válidas para um grupo, comunidade social ou para o indivíduo.

À medida que o Espírito evolui, ele aprende a discernir o bem do mal, condição que lhe capacita desenvolver o senso moral. Dessa forma, as orientações morais fornecem subsídios para a construção e aplicação de normas de conduta, coletivas e individuais, subsídios que podem ser utilizados pelo ser humano, independentemente dos seus costumes, religião e tradições.

Por esse motivo, a moral é sempre interpretada como o bem, como tudo que promove a melhoria integral do homem, ajustando-o à realidade da vida. Entretanto, para ser efetivamente bom, o ser humano precisa vivenciar a Lei de Amor, tal como ensina o Espiritismo: “O bem é tudo o que é conforme à Lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a Lei de Deus, fazer o mal é infringir essa lei.”⁷

Se o sentido integral ou holístico (ou sistêmico) de moral é adequadamente absorvido pelo indivíduo, este lhe propicia plena realização (física, emocional, psíquica, afetiva etc.), integrando-o à realidade de forma harmônica, independentemente das suas condições de vida e da comunidade em que esteja inserido.

1.1. Consciência Moral

A consciência moral decorre da estruturação do mundo moral no íntimo do ser, pois o indivíduo moralizado é alguém que considera o sentido da vida dentro de um contexto maior, que não se resume apenas ao atendimento às necessidades de sobrevivência biológica da espécie.

A Filosofia ensina que a consciência moral se constitui de um conjunto de exigências e prescrições consideradas válidas para orientar qualquer tipo de escolha que o indivíduo faz.⁸ É a consciência moral que discerne o valor ou importância dos nossos atos, em última análise.

O homem seriamente empenhado em se transformar em pessoa melhor, admite que é preciso saber distinguir o bem do mal, a fim de agir com acerto. A respeito, há uma regra de conduta, denominada Regra de Ouro, de aceitação universal, e que se encontra no Evangelho, ensinada por Jesus como sendo guia seguro de efetivação moral dos nossos atos: “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas”. (Mateus, 7:12 – *Bíblia de Jerusalém*).

Complementando essa sábia instrução, há outra ensinada por Jesus: “Não julgueis para não serdes julgados. Pois, com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos. Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu? [...] Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão.” (Mateus, 7: 1-3, 5 - *Bíblia de Jerusalém*).

Por outro lado, o ato moral, resultante das imposições da consciência, pode ser classificado em **normativo** e **fatual**.

O *normativo* são as normas ou regras de ação e os imperativos que anunciam o “dever ser”. O *fatual* são atos humanos enquanto se realizam efetivamente. Pertencem ao âmbito do normativo regras como: “Cumpra a sua obrigação de estudar”; “Não minta”; “Não mate”. O

campo do fatural é a efetivação ou não da norma na experiência vivida. Os dois polos são distintos, mas inseparáveis. A norma só tem sentido se orientada para a prática, e o fatural só adquire contorno moral quando se refere à norma.⁹

Enfim, para que um ato seja considerado efetivamente moral, é necessário que seja voluntário, espontâneo, livre, consciente, intencional, jamais imposto. Revestido dessas características, o ato moral apresenta *responsabilidade e compromisso*. “Responsável é aquele que responde pelos seus atos, isto é, a pessoa consciente e livre assume a autoria do seu ato, reconhecendo-o como seu e respondendo pelas suas consequências.”¹⁰

O comportamento moral, por ser consciente, livre e responsável, é também *obrigatório*, cria um *dever*. Mas a natureza da obrigatoriedade moral não está na exterioridade; é moral justamente porque deriva do próprio sujeito que se impõe a necessidade de cumprimento da norma. Pode parecer paradoxal, mas a obediência à lei livremente escolhida não é prisão; ao contrário, é liberdade. A consciência moral, como um juízo interno, avalia a situação, consulta as normas estabelecidas, as interioriza como suas ou não, toma decisões e julga os seus próprios atos.¹⁰

É preciso analisar, contudo, que o desenvolvimento da consciência moral ocorre ao longo das experiências reencarnatórias e nos estágios que o Espírito passa no plano espiritual. São conquistas graduais, tanto maiores quanto mais esforços forem envidados para fazer o bem, pois a “Lei de Deus é a mesma para todos: mas o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre bem e o mal é sempre o mal, seja qual for a posição do homem: a diferença está no grau de responsabilidade.”¹¹

Importa considerar, enfim, que quanto mais esclarecido for o homem, mais possibilidades apresenta de praticar o bem, Contudo, se por algum motivo ele age de forma contrária, as implicações decorrentes dos seus atos serão *mais graves*, pois, sabendo fazer o bem optou pelo mal. Eis como Allan Kardec analisa o assunto:

As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes o homem comete faltas que, embora decorrentes da posição em que a sociedade o colocou, não são menos repreensíveis. Mas a sua responsabilidade é proporcional aos meios de que ele dispõe para

compreender o bem e o mal. É por isso que o homem esclarecido que comete uma simples injustiça é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.¹²

2. Ética

Segundo o dicionário, “ética é a parte da Filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, disciplinam ou orientam o comportamento humano [...]”¹³ Especifica também que a ética diz respeito ao “conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade.”¹³

Enquanto a moral trata dos valores que devem fundamentar o comportamento coletivo e individual, a ética cuida da sua aplicabilidade, por meio de normas e regras que regulam as relações humanas. Pode-se dizer, então, que se a moral atinge todas as culturas, em qualquer época, por serem princípios universais, e a ética se constitui de regras específicas definidas para uma sociedade ou grupos.

Por exemplo, a moral determina que não se deve matar. Trata-se de norma universalmente aceita. A ética médica regula as condições que garantem a vida do ser humano e evitam a morte. Assim, a ética médica é um sistema de princípios que governam a prática médica. Trata-se da relação do médico com seu paciente, família do paciente, colegas de profissão e com a sociedade em geral.

É comum confundir ética com moral, uma vez que ambas têm origem na palavra costumes (*ethos*= do grego, costumes; *mos, mores*= do latim, costumes). Como a ética especifica o que é moralmente aceito em uma sociedade, por definição, a ética pode ser concebida como a ciência da moral, ou seja: “[...] a reconstrução intelectual, organizada pela mente humana, acerca da moral.”¹⁴

Como a ética normatiza os valores morais, estes dependem do nível de compreensão de cada organização social. Assim, os estudos éticos permitem identificar dificuldades ou benefícios absorvidos por grupos ou comunidades, na resolução de problemas e adoção de condutas.

Tradicionalmente, a Filosofia considera que o comportamento ético é aquele que é considerado bom, e, sobre a bondade, os antigos diziam: *o que é bom para a leoa, não pode ser bom à gazela. E, o que é*

bom à gazela, fatalmente não será bom à leoa. Colocado dessa forma, vemos que há um dilema ético, pois, o objeto da ética é justamente determinar o que é bom, para o indivíduo e para a sociedade.

Para evitar, portanto, dilemas semelhantes, a ética procura especificar o que é justo, bom e razoável. Neste contexto, vemos que a ética, inserida no mundo globalizado atual, extrapola os limites dos costumes de um povo ou região, compreendendo que, “[...] por baixo dos comportamentos costumeiros ou culturais, havia algo muito mais importante: moralidade e imoralidade, isto é, bom ou mau agir.”¹⁵ Dessa forma,

[...] o fundamento teórico do estudo ético é a natureza humana, pois é dela que jorra a moralidade, como sua fonte, mas não só isso: a própria natureza à qual o homem está preso, ou na qual está imerso, dita muitas normas de caráter ético. O homem não se pode desentender da sua natureza. De fato, os avanços no conhecimento da natureza humana, em seus aspectos biológicos ou biogenéticos, contribuem muito para a ciência humana. [...].¹⁶

Tradicionalmente, os códigos de ética foram elaborados especificamente para grupos ou coletividades, dentro do contexto de mundo não globalizado, nos quais as fronteiras físicas equivalem às fronteiras culturais. Hoje, contudo, na era da informática e da difusão das redes sociais virtuais, as culturas estão se fundindo e se expandindo além dos limites territoriais. Neste sentido, poderosa revolução ética encontra-se em andamento no Planeta.

Os fundamentos dessa revolução se apoiam na natureza moral do ser humano e na sua capacidade de não viver isolado (o homem é um “animal social”): “O homem é um ser do universo, isto é, do *cosmos*. Pela explicação aristotélica é uma *possibilidade cósmica* (“*matéria-prima*”) da Terra. [...].”¹⁷

Percebe-se claramente que o processo de comunicação humana, que ocorre de forma intensa no Planeta, está superando as barreiras territoriais (espaço da nações) e culturais, viabilizado pelo progresso tecnológico e pelo intercâmbio maciço entre os povos. Neste sentido, a Terra está se transformando em uma grande aldeia global que, na verdade, representa, apenas, mais um estágio da evolução, determinado pela sabedoria divina.

A aproximação de diferentes pessoas, sobretudo via redes virtuais, tem causado significativo impacto nas relações humanas, de forma

que uma cultura está influenciando outra, sutilmente, há algumas décadas, porém mais efetiva nos tempos atuais. No futuro, é possível que ocorra intercâmbio de comunidades planetárias, tal como, agora, acontece entre os povos da Terra.

O pensamento espírita não só é concordante com essas ideias, como demonstra a existência de uma única humanidade no universo, como esclarece Allan Kardec:¹⁸

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade que ainda não sabeis apreciar foram dados a esses mundos. Se esses astros que se harmonizam em seus vastos sistemas são habitados por inteligências, não o são por seres desconhecidos uns dos outros, mas, ao contrário, por seres que trazem marcados na fronte o mesmo destino, que se hão de encontrar temporariamente, segundo as suas funções de vida, e encontrar de novo, segundo suas mútuas simpatias. É a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a extensão dos céus e que permanece como tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

Obviamente, a aparência física dos indivíduos reflete as características dos mundos onde vivem. Eis o que Emmanuel tem a dizer a respeito:¹⁹

Nas expressões físicas, semelhante analogia é impossível, em face das substâncias que regem cada plano evolutivo; mas procuremos entender por humanidade a família espiritual de todas as criaturas de Deus que povoam o universo e, examinada a questão sob esse prisma, veremos a comunidade terrestre identificada com a coletividade universal.

Nas origens evolutivas, a humanidade terrestre formava pequenos grupos isolados, depois clãs ou tribos, em seguida, cidades e nações. Com o aceleramento do contato social há intensa miscigenação cultural e racial, cujo processo civilizatório resultará na constituição da família planetária, propriamente dita. Mais tarde, a humanidade terrestre se unirá a outras famílias das comunidades cósmicas para constituir a grande família universal.

É preciso considerar, todavia, que nesse processo ascensional, os valores éticos se ampliam porque o interrelacionamento social só é viabilizado pelas transformações morais, do ser e das coletividades.

Inserimos, em seguida, algumas considerações de Kardec, relativas à transformação moral da humanidade terrestre que ampliará, por certo, os limites atuais dos códigos de ética, abrangendo todas as áreas do saber humano — por exemplo, os do direito, comércio, política e relações internacionais.

- » A humanidade, tornada adulta, tem novas necessidades, aspirações mais vastas e mais elevadas [...]. É por isso que se despoja das fraldas da infância e se lança, impelida por uma força irresistível, para margens desconhecidas, em busca de novos horizontes menos limitados.²⁰
- » É a um desses períodos de transformação, ou, se o preferirem, de *crescimento moral*, que ora chega a humanidade. Da adolescência ela passa à idade viril. O passado já não pode bastar às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela já não pode ser conduzida pelos mesmos métodos [...].²¹
- » A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social; mas não há fraternidade real, sólida e efetiva se não se apoiar sobre base inabalável. Essa base é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas particulares, que mudam com os tempos e os povos [...] anatematizando-se uns aos outros, alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: *Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres*.²²
- » O progresso intelectual realizado até o presente, nas mais vastas proporções, constitui um grande passo e marca uma primeira fase no avanço geral da humanidade, mas que, sozinho, é impotente para regenerá-la. [...].²³
- » Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso poderá fazer que reinem entre as criaturas a concórdia, a paz e a fraternidade. Será ele que derrubará as barreiras que separam os povos, que fará que caiam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos e a se auxiliarem mutuamente e não destinados a viver uns à custa dos outros.²⁴
- » Será ainda o progresso moral, secundado então pelo progresso da inteligência, que confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, por isso mesmo, aceitas por todos.²⁵

Referências

1. ARANHA, Maria Lúcia e MARTINS, Maria Helena. *Filosofando – introdução à filosofia*. 3. edição revista. São Paulo; Moderna, 2003. Cap. 23, p. 300.
2. Axiologia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Axiologia>
3. ARANHA, Maria Lúcia e MARTINS, Maria Helena. *Filosofando – introdução à filosofia*. Op. Cit. Cap. 23, p. 301.
4. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed – com nova ortografia da língua portuguesa . Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1316.
5. KARDEC, Allan. *Livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2010, questão 629, p. 407.
6. VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. Tradução de Ciro Mioranza e Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, 2008, p. 403.
7. KARDEC, Allan. *Livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 630, p. 408.
8. ARANHA, Maria Lúcia e MARTINS, Maria Helena. *Filosofando – introdução à filosofia*. Op. Cit. Cap. 23, p. 303.
9. _____. p. 303-304.
10. _____. p. 304.
11. KARDEC, Allan. *Livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 636, p. 409-410.
12. _____. Questão 637, p. 410.
13. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Op. Cit., p.847.
14. COIMBRA, José de Ávila (organizador). *Fronteiras da ética*. São Paulo: Editora Senac-São Paulo, 2002, p. 75.
15. _____. p. 76.
16. _____. p. 76-77.
17. _____. p. 78.
18. KARDEC, Allan. *A gênese*. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro, FEB, 2009. Cap. VI, item 56, p. 173.
19. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008, questão 73, p. 65.
20. KARDEC, Allan. *A gênese*. Op. Cit. Cap. XVIII, item14, p. 525-526
21. _____. p. 526.
22. _____. Item 17, p. 528.
23. _____. Item 18, p. 529.
24. _____. Item 19, p. 529.
25. _____. p. 529-530.

Orientações ao monitor

1. Realizar, no início da reunião, breve explanação sobre a abrangência da *teoria dos valores* e sua evolução histórica.
2. Em seguida, dividir a turma em dois grupos para leitura atenta, individual e silenciosa, dos textos que integram este Roteiro: um grupo deve ler o item 1 (Moral), e o outro faz leitura do item 2 (Ética).
3. Concluída essa parte da reunião, verificar se ocorreu correta compreensão das ideias.
4. Em seguida, entregar a cada grupo um questionário que deverá ser respondido pelo consenso dos integrantes de cada equipe. (veja Anexos 1 e 2).
5. Projetar, uma a uma, cada questão do questionário e ouvir a resposta elaborada pelo respectivo grupo.
6. Realizar esclarecimentos relativos às apresentações dos grupos.
7. Apresentar, ao final, o significado das seguintes orientações de Jesus, correlacionando-as ao assunto estudado:
 - » “Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a lei e os Profetas.” (Mateus, 7:12 – *Bíblia de Jerusalém*).
 - » “Não julgueis para não serdes julgados. Pois, com o julgamento com que julgais sereis julgados, e com a medida com que medis sereis medidos. Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão, quando não percebes a trave que está no teu? [...] Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão.” (Mateus, 7: 1-3, 5. *Bíblia de Jerusalém*)

OBSERVAÇÃO: Se necessário, dividir o estudo em duas reuniões.

Miniglossário

(Pela ordem de surgimento no texto)

- » **Manuel Garcia Morente** (1886–1942): filósofo e tradutor espanhol, famoso pelos estudos realizados a respeito do pensamento do notável filósofo prussiano Immanuel Kant (1724–1804) e Henri Bergson (1859–1941), admirável filósofo francês.
- » **Filósofos estoicos:** são seguidores do **estoicismo**, que é uma doutrina filosófica fundada por Zenão de Cítio, que afirmava: o universo é corpóreo e governado por um Logos divino (noção que os estoicos tomam de Heráclito e desenvolvem). A alma está identificada com este princípio divino, como parte de um todo ao qual pertence. Esse Logos (ou razão universal) ordena todas as coisas: tudo surge a partir dele e de acordo com ele, graças a ele o mundo é um *cosmos* (termo que em grego significa “harmonia”). O estoicismo propõe viver de acordo com a lei racional da natureza e aconselha a indiferença (*apatheia*) em relação a tudo que é externo ao ser. O homem sábio obedece à lei natural, reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e propósito do universo, devendo assim manter a serenidade perante as tragédias e coisas boas.
- » **Filósofos epicuristas:** são praticantes do **epicurismo**, sistema filosófico ensinado por Epicuro de Samos, filósofo ateniense do século IV a.C. Epicuro acreditava que o maior bem era a procura de prazeres modestos a fim de atingir um estado de tranquilidade (*ataraxia*) e de libertação do medo, assim como a ausência de sofrimento *corporal* (*aponia*) através do conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. A combinação desses dois estados constituiria a felicidade na sua forma mais elevada. Embora o epicurismo seja doutrina muitas vezes confundida com o hedonismo (já que declara o prazer como o único valor intrínseco), sua concepção da ausência de dor como o maior prazer e sua apologia da vida simples tornam-no diferente do que vulgarmente se chama “hedonismo”. A finalidade da filosofia de Epicuro não era teórica, mas sim bastante prática. Buscava, sobretudo, encontrar o sossego necessário para uma vida feliz e aprazível, na qual os temores perante o destino, os deuses ou a morte estavam definitivamente eliminados. Para isso, fundamentava-se em uma teoria do conhecimento empirista, em uma física atomista e na ética.
- » **Max Scheler** (1874–1928): filósofo alemão fenomenologista, preocupado especialmente com a filosofia dos valores, exercendo grande influência no pensamento filosófico contemporâneo.

- » **Fenomenologia:** estudo descritivo dos fenômenos sem o uso de teorias que os expliquem. Doutrina sistematizada por Edmund Husserl, que se baseia na experiência intuitiva do fenômeno, e tem como premissa que a realidade consiste de objetos e eventos, perceptíveis conscientemente pelos seres humanos.
- » **José Ortega y Gasset (1883–1955):** filósofo espanhol, ativista político e jornalista. Autor da famosa frase: “Debaixo de toda vida contemporânea se encontra latente uma injustiça”. Viveu exilado na Argentina por muitos anos, por ter-se posicionado contrário à ditadura na Espanha. Para o sociólogo brasileiro Hélio Jaguaribe, Ortega y Gasset foi uma espécie de educador do seu povo, a partir de uma profunda convicção de que o que importa, antes de tudo, é a lucidez e a compreensão do mundo para operar nele.

Anexo 1– Questionários sobre moral

1. O que é moral, segundo a Filosofia e o Espiritismo? Quais são as implicações espíritas e sociais da moral? Como a consciência moral se estrutura?
2. Qual a relação existente entre responsabilidade, dever, liberdade e compromisso e ato moral? Apresentar ideias espíritas e não espíritas.
3. Como reflexão, e considerando o texto lido e a troca de ideias, explique esta frase de Kardec: “As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal”.

Anexo 2– Questionários sobre ética

1. Quais são as ideias espíritas e não espíritas que conceituam ética? Qual a diferença entre ética e moral?
2. O que é revolução ética?
3. Quais são as consequências imediatas da revolução ética?
4. Quais são os pontos principais da transformação moral que marcará a humanidade terrestre, segundo o Espiritismo?

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 32

CULTURA

Objetivos

- » Caracterizar cultura.
- » Analisar os principais instrumentos do processo cultural.
- » Relacionar as ideias filosóficas que tratam do assunto com o pensamento espírita.

Ideias principais

- » Cultura pode ser entendida como o [...] o *cabedal de conhecimento de um indivíduo ou grupo social*. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.
- » *Indica a formação do homem, sua melhoria e seu refinamento*. Nicola Abbagnano: *Dicionário de filosofia*.
- » *Espíritas! Amais-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo*. [...]. (Frase do Espírito de Verdade). Allan Kardec: *O evangelho segundo o espiritismo*. cap. VI, item 5.
- » *Já se disse que duas asas conduzirão o Espírito humano à presença de Deus. Uma chama-se amor; a outra, sabedoria. Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço ao semelhante, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo em favor dos outros o reflexo de suas virtudes; e pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe*

a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhes comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a ao Alto. Através do amor, valorizamos-nos para a vida. Através da sabedoria, somos pela vida valorizados. Emmanuel: *Pensamento e vida*. Cap. 4.

Subsídios

Etimologicamente, **cultura** (do latim *colere*) quer dizer ação, processo ou efeito de cultivar a terra. Trata-se de um conceito de várias acepções, sendo a mais corrente a definição genérica formulada pelo antropólogo britânico Edward B. Tylor (1832–1917), segundo a qual cultura é “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.¹

Por ter sido fortemente associada ao conceito de civilização no século XVIII, a cultura muitas vezes se confunde com noções de: desenvolvimento, educação, bons costumes, etiqueta e comportamentos de elite. Essa confusão entre cultura e civilização foi comum, sobretudo, na França e na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, onde cultura se referia a um Ideal de elite. Ela possibilitou o surgimento da dicotomia (e, eventualmente, hierarquização) entre “cultura erudita” e “cultura popular”, melhor representada nos textos de Matthew Arnold, ainda fortemente presente no imaginário das sociedades ocidentais.¹

A cultura representa, necessariamente, todo o acervo de conhecimento e experiências, morais e intelectuais, adquiridos por um povo (ou nação) e pela humanidade.

Todavia, há três ideias que usualmente se vinculam ao conceito de cultura:

a) **contracultura** – mentalidade dos que rejeitam e questionam valores e práticas da cultura dominante da qual fazem parte;² b) **cultura de massa** – entendida como formas culturais — música, literatura etc. — selecionadas, interpretadas e popularizadas visando disseminação junto ao maior número de pessoas;³ c) **cultura popular** ou **folclore** – conjunto de costumes, tradições orais, lendas, manifestações de um grupo social.⁴

Para a filosofia clássica, **cultura** traz o significado de “[...] formação do homem, sua melhoria e seu refinamento.”⁴ Esta formação

corresponde ao sentido grego de *paidéia* (ou *humanitas* dos latinos): educação do homem pelas “boas ou belas artes” próprias da espécie humana, tais como: a poesia, a eloquência (oratória), a Filosofia etc., às quais se atribuíam a capacidade de formar o homem verdadeiro, genuinamente perfeito. Neste sentido, o homem só se realiza pelo conhecimento de si mesmo e pela vivência na comunidade, na *polis*. Trata-se do conceito do homem como “animal social” (ou político), de Aristóteles.⁵

Outro conceito de cultura, utilizada pelos sociólogos e antropólogos, indica ser o conjunto dos meios de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para outra, entre os membros de determinada sociedade. Assim, cultura pode designar tanto um modo rústico de cozer um alimento quanto uma sonata de Beethoven.⁶

A Doutrina Espírita oferece visão abrangente da palavra cultura, destacando não simples acúmulo de conhecimento, mas também aprendizado moral. Daí a importância que dá à afirmação do Espírito de Verdade: “Espíritas! Amais-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.[...]”⁷

Emmanuel esclarece, a propósito, como os orientadores espirituais consideram o patrimônio cultural adquirido pela humanidade terrestre:

Todas as expressões da cultura humana são apreciadas, na esfera invisível, como um repositório sagrado de esforços do homem planetário em seus labores contínuos e respeitáveis. Todavia, é preciso encarecer que, neste “outro lado” da vida, a vossa posição cultural é considerada como processo, não como fim, porquanto este reside na perfeita sabedoria, síntese gloriosa da alma que se edificou a si mesma, através de todas as oportunidades de trabalho e de estudo da existência material. Entre a cultura terrestre e a sabedoria do espírito há singular diferença, que é preciso considerar. A primeira se modifica todos os dias e varia de concepção nos indivíduos que se constituem seus expositores, dentro das mais evidentes características de instabilidade; a segunda, porém, é o conhecimento divino, puro e inalienável, que a alma vai armazenando no seu caminho, em marcha para a vida imortal.⁸

Destaca, ainda, esse sábio orientador que o progresso espiritual do ser humano não se resume à aquisição de conhecimentos: “O sentimento humano e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita.”⁹

No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias.⁹

Referências

1. Cultura. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura>
2. HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. edição – nova ortografia da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 537.
3. _____. p. 583.
4. _____. p. 911.
5. ABBRAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 225.
6. _____. p. 228-229.
7. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1 ed. Rio de Janeiro: FEB: 2008. Cap. VI, item 5, p. 153.
8. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28 ed. Rio de Janeiro, 2008. Questão 197, p.159.
9. _____. Item: Intelectualismo, questão 204, p. 163.

Orientações ao monitor

1. Projetar (ou distribuir cópias) das seguinte afirmação de Emmanuel, que deverá ser analisada em conjunto com a turma:
 - » *Já se disse que duas asas conduzirão o Espírito humano à presença de Deus. Uma chama-se amor; a outra, sabedoria. Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço ao semelhante, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo em favor dos outros, o reflexo de suas virtudes; e pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influencia dos vanguardeiros do progresso, que lhes comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a ao Alto. Através do amor*

valorizamo-nos para a vida. Através da sabedoria somos pela vida valorizados. (Pensamento e vida, cap. 4)

2. Montar um mural na sala de aula, em local visível a todos, no qual consta o título, CULTURA.
3. Pedir, então, à turma que escreva palavras-chave no cartaz, condizentes com o tema indicado no título.
4. Em seguida, pedir aos participantes que façam leitura atenta do Roteiro de estudo, sublinhando os conceitos de cultura citados no texto.
5. Após a leitura debater com a turma os conceitos, instrumentos, ideias espíritas, filosóficas ou científicas relacionados à cultura...
6. Ao final, correlacionar a seguinte citação do espírito de verdade com o processo cultural da humanidade: “Espíritas! Amais-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo.” (*Evangelho segundo o espiritismo*, cap. VI, item 5).

FILOSOFIA E CIÊNCIA ESPÍRITAS

Roteiro 33

CIVILIZAÇÃO

Objetivos

- » Caracterizar civilização.
- » Analisar os principais instrumentos do processo civilizatório.
- » Relacionar as ideias filosóficas que tratam do assunto com o pensamento espírita.

Ideias principais

- » Civilização é o mesmo que progresso social, representado pela aquisição de elementos materiais, intelectuais e espirituais, usufruídos pela sociedade.
- » O Espiritismo faz distinção entre civilização parcial (ou incompleta) e civilização completa. A primeira [...] é um estado transitório, que *gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo; mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.* Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 793 – comentário.
- » A civilização completa é reconhecida pelo seu desenvolvimento moral. *Credes que estais muito adiantados, porque fizestes grandes descobertas e invenções maravilhosas; porque vos alojais e vos vestis melhor*

do que os selvagens. Contudo, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando houverdes banido de vossa sociedade os vícios que a desonram e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que só percorreram a primeira fase da civilização. Allan Kardec: *O livro dos espíritos*, questão 793.

Subsídios

O conhecimento é a base da civilização. Sem ele não há progresso civilizatório. Entretanto, é importante conhecer um pouco mais do assunto, tendo em vista a necessidade de se informar sobre a sua abrangência e aquisição.

No uso comum, **conhecimento** é o ato ou efeito da capacidade humana de apreender intelectualmente ou por efeito da experiência.¹ Neste sentido, especificamos o ato de conhecer, propriamente dito, que é objeto da razão, ou ao produto do conhecimento, transmitido pela experiência e perpetuado pela tradição.¹

Assim, através da epistemologia ou teoria do conhecimento, “[...] um aspecto do saber filosófico que se revela através da reflexão pela qual a inteligência toma consciência de si mesma e de seu poder, verifica, de algum modo, seus métodos e seus processos, na medida que avança na constituição do próprio saber.”²

A reflexão epistemológica nos conduz, contudo, a dois problemas básicos:

a) o problema da natureza ou essência do conhecimento; b) a questão do seu valor ou de suas possibilidades.³

Na primeira possibilidade, *a natureza ou essência do conhecimento*, suscita uma série de questionamentos, nem sempre concordantes, cuja questão crucial é: como descrever o ato de conhecer?

Para o filósofo alemão Nicolai Hartmann (1882–1950), a essência do ato de conhecer repousa no seguinte entendimento:^{3, 4, 5}

1. Há um conhecedor e um conhecido, isto é, sujeito e objeto, sendo que a relação entre ambos constitui o próprio conhecimento;
2. A função do sujeito é apreender o objeto e, a do objeto de ser apreendido pelo sujeito;

3. Para apreender o objeto, o sujeito tem de sair dos limites de si mesmo, desenvolvendo habilidades e ou conhecimentos;
4. Ao conhecer o objeto, o sujeito se transforma e adquire mais conhecimento.

Esses quatro passos podem ser sintetizados em três tempos distintos: o sujeito sai de si; o sujeito está fora de si; o sujeito reencontra a si mesmo.

Na segunda possibilidade — *valor ou possibilidades do conhecimento* — os filósofos concordam que o ato de conhecer implica atividade, em geral determinada por valores, que relaciona conhecimento e consciência. Neste sentido, os nossos saberes e sentimentos são experimentados diante dos fatos e das pessoas, de acordo com os valores que atribuímos à realidade. Esses valores serão sempre uma atribuição do sujeito (quem é capaz de atribuir valores) e não do objeto.

Para a Doutrina Espírita, o conhecimento resulta dos esforços individuais, favorecidos pela lei de progresso, pela aquisição de experiências vividas nas sucessivas reencarnações e nos estágios no plano espiritual, pois o ser humano foi criado para progredir, afastando-se do estado primitivo (ou de natureza) ao longo da caminhada evolutiva.

O estado de natureza é o estado primitivo e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo o homem perfectível e trazendo em si o gérmen do seu aperfeiçoamento, não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não foi destinado a viver eternamente na infância. O estado de natureza é transitório e o homem dele sai em razão do progresso da civilização. [...].⁶

O aprendizado anterior, realizado em outras existências, surge na mente do Espírito encarnado sob a forma de ideias inatas ou tendências instintivas. Neste sentido, nos esclarecem os Espíritos Superiores:

Os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; liberto da matéria, o Espírito sempre se recorda. Durante a encarnação, pode esquecê-los em parte, momentaneamente, mas a intuição que deles guarda lhe auxilia o progresso, sem o que estaria sempre a recomençar. Em cada nova existência o Espírito toma como ponto de partida aquele em que se encontrava em sua existência anterior.⁷

1. Tipos de conhecimento

O conhecimento pode se classificado em **sensível** e **inteligível**. Conhecimento sensível é o que se realiza por meio dos sentidos. Tradicionalmente, o conhecimento sensível é subdividido em *sensorial* e *perceptivo*.

A sensação é um conhecimento cognitivo simples e que se concretiza após uma excitação sensorial (visual, auditiva, gustativa, olfativa ou tátil). Na sensação não haveria conhecimentos conscientes do objeto. Esta consciência ou conhecimento real aconteceria pela percepção, já que consegue projetar o objeto no tempo e no espaço. A percepção é entendida, então como conhecimento mais complexo e que envolve todas as experiências vividas pelo sujeito.⁸

O *conhecimento inteligível* (ou intelectual) é o adquirido por intermédio da razão. É o mundo intelectual do possível, segundo a lógica e a razão que, pela abstração, o conhecimento é processado.⁸

O conhecimento intelectual está, por sua vez, subdividido em *vulgar* ou senso comum, e *científico*. O primeiro é adquirido sem controle metodológico, de forma que fatos, aceitos como verdadeiros, são mantidos pela tradição ou segundo a interpretação do “acho que”, “suponho que”. Dessa forma, não são caracterizados como verdades científicas. O segundo se reveste do rigor do método científico, edificando-se por meio do controle empírico que afirma peremptoriamente: “nenhuma sentença (fato, fenômeno) será aceita como expressão científica se não permitir imediata verificação”.

O Espiritismo apresenta visão mais ampla do assunto, pois considera a abrangência da vida em planos diferentes: o físico e o espiritual. Assim,

Emmanuel ensina que a inteligência ou

[...] valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.⁹

É equívoco supor que apenas o conhecimento intelectual produz civilização. Se fosse assim, a inteligência humana já teria resolvido os problemas do sofrimento, do egoísmo, da maldade, enfim, das paixões inferiores presentes na humanidade.

Há duas espécies de progresso que, embora apoiando-se mutuamente, não marcham lado a lado: o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o primeiro tem recebido, no correr deste século, todos os estímulos desejáveis. Por isso mesmo atingiu um grau até hoje desconhecido. Muito falta para que o segundo esteja no mesmo nível e, contudo, comparando-se os costumes sociais de alguns séculos atrás, só um cego negaria o progresso realizado. Por que, então, essa marcha ascendente haveria de parar, de preferência com relação ao moral, do que com relação ao intelectual?¹⁰

Na verdade, sem as aquisições morais, que abrandam os costumes e fazem o homem transformar-se em pessoa de bem, a inteligência pode ser mal dirigida. Neste contexto, diz-se que a civilização é ainda incompleta.

Para a Doutrina Espírita, a

civilização, como todas as coisas, apresenta gradações. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo; mas nem por isso deixa de constituir um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, e esses males desaparecerão com o progresso moral.¹¹

Neste sentido, é relativamente fácil perceber quais povos são mais civilizados:

De dois povos que tenham chegado ao mais alto grau da escala social, somente pode considerar-se o mais civilizado, na verdadeira acepção do termo, aquele onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência possa desenvolver-se com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos arraigados, porque tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor ao próximo; onde as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para todos, tanto para o último, como para o primeiro; onde a justiça se exerça com menos parcialidade; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais bem respeitadas; onde haja menos infelizes; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de não lhe faltar o necessário.¹¹

Se existe um povo na face da Terra que age assim, podemos afirmar, com segurança, que ele é civilizado. Caso contrário, o processo de civilização está em vias de acontecer.

Referências

1. ABBRAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 624-630.
2. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil. Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1995, volume 6, p. 2743.
3. _____. p. 2744.
4. *Fenomenologia do conhecimento*. Disponível em: <http://www.filoinfo.bem-vindo.net/fenomenologia-do-conhecimento>
5. ABBRAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Op. Cit. 174-183.
6. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. Questão 776, p. 473-474.
7. _____. Questão 218-a, p.194.
8. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Op. Cit., p. 2746.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2008. Questão 117, p. 98.
10. KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Op. Cit. Questão 785 – comentário, p. 478.
11. _____. Questão 793 – comentário, p. 370-371.

Orientações ao monitor

1. Sugerir aos participantes que façam leitura atenta e silenciosa dos subsídios deste Roteiro de estudo, destacando os pontos considerados importantes.
2. Dirigir-lhes, em plenária, as questões que se seguem, avaliando se ocorreu bom entendimento do assunto:
 - » Utilizando as próprias palavras, explique as ideias de Nicolai Hartmann, relativas à essência do conhecimento.
 - » O que é estado de natureza? Por que o ser humano não permanece nele?
 - » O que acontece com o conhecimento adquirido em precedentes reencarnações?
 - » Apresente a divisão e características do conhecimento.

- » Quais são os dois tipos de progresso e como eles se manifestam?
- » O que é *civilização*, *civilização incompleta* e *civilização completa*?
- 3. Entregar aos participantes cópia da mensagem *Momento da Transição* (veja em anexo), de Bezerra de Menezes, recebida pela psicofonia de Divaldo Pereira Franco no encerramento do III Congresso Espírita Brasileiro e centenário de nascimento de Chico Xavier, em 18 de abril de 2010, em Brasília-DF.
- 4. Pedir a um participante que leia em voz alta o texto psicografado.
- 5. Destacar os pontos principais da mensagem, correlacionando-os com o assunto estudado.
 - » OBSERVAÇÃO: essa mensagem está gravada em vídeo nos seguintes endereços eletrônicos:
 - » Veja link Videos, Webpage da Feb: www.febnet.org.br e <http://www.febnet.org.br/site/media/?id=29&Pg=0>
 - » Mensagem com imagens e música de fundo. <http://www.youtube.com/watch?v=WceAcaeRjn8&feature=fvsr>
 - » Psicofonia da mensagem por Divaldo P. Franco: <http://www.youtube.com/watch?v=90cwc0Fmcz8>

Anexo

Momento da Gloriosa Transição*

Estamos agora em um novo período.

Estes dias assinalam uma data muito especial, a data da mudança do mundo de provas e expiações para mundo de regeneração.

A grande noite que se abatia sobre a terra lentamente cede lugar ao amanhecer de bênçãos. Retroceder não mais é possível.

* FRANCO, Divaldo Pereira. *Momento da gloriosa transição*. Por Adolfo Bezerra de Menezes. Mensagem psicofônica transmitida em 18 de abril de 2010. In: III Congresso Espírita Brasileiro e Centenário de Nascimento de Chico Xavier. Memórias do Congresso. Coordenação João Pinto Rabelo; organizado por Marta Antunes Moura e Geraldo Campetti. Rio de Janeiro: FEB, 2010. 2ª parte (Mensagens Mediúnicas recebidas durante o Congresso), item 4.1, p. 381-382.

Firmastes, filhas e filhos da alma, um compromisso com Jesus, antes de mergulhardes na indumentária carnal, o de servi-lo com abnegação e devotamento. Prometestes que lhe seríeis fiel, mesmo que vos fosse exigido o sacrifício.

Alargando-se os horizontes deste amanhecer que viaja para a plenitude do dia, exultemos juntos, os Espíritos desencarnados e vós outros que transitais pelo mundo de sombras. Mas, além do júbilo que a todos nos domina, tenhamos em mente as graves responsabilidades que nos exornam a existência do corpo ou fora dele.

Deveremos reviver os dias inolvidáveis da época do martirologio.

Seremos convidados não somente ao aplauso, ao entusiasmo, ao júbilo, mas também ao testemunho, o testemunho silencioso nas paisagens internas da alma, o testemunho por amor àqueles que não nos amam, o testemunho de abnegação no sentido de ajudar àqueles que ainda se comprazem em gerar dificuldades, tentando inutilmente obstaculizar a marcha do progresso.

Iniciada a grande transição, chegaremos ao clímax e, na razão direta em que o planeta experimenta as suas mudanças físicas, geológicas, as mudanças morais são inadiáveis.

Que sejamos nós aqueles Espíritos espíritas que demonstramos a grandeza do amor de Jesus em nossas vidas.

Que outros reclamem, que outros se queixem, que outros deblaterem, que nós outros guardemos, nos refolhos da alma, o compromisso de amar, e amar sempre, trazendo Jesus de volta com toda a pujança daqueles dias que vão longe, e que estão muito perto. Jesus, filhas e filhos queridos, espera por nós.

Que seja o nosso escudo o amor, as nossas ferramentas o amor, e a nossa vida um hino de amor, são os votos que formulamos os Espíritos espíritas aqui presentes e que me sugeriram representá-los diante de vós.

Com muito carinho, o servidor humílimo e paternal de sempre,

BEZERRA

Muita paz, filhas e filhos do coração

LITERATURA ESPÍRITA

EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, é comum encontrar pessoas que se interessem por assuntos como imortalidade, comunicação com Espíritos, vida após a morte e reencarnação. A crescente popularidade desses temas pode ser avaliada com o sucesso de vários filmes, seriados, novelas e peças teatrais que incluem em seus roteiros conceitos ligados à espiritualidade e à alma.

Cada vez mais, a imprensa evidencia a literatura espírita, cujas obras impressionam até mesmo grandes veículos de comunicação devido ao seu grande número de vendas. O principal motivo pela busca dos filmes e livros do gênero é simples: o Espiritismo consegue responder, de forma clara, perguntas que pairam sobre a Humanidade desde o princípio dos tempos. Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

A literatura espírita apresenta argumentos fundamentados na razão, que acabam atraindo leitores de todas as idades. Os textos são trabalhados com afinco, apresentam

boas histórias e informações coerentes, pois se baseiam em fatos reais.

Os ensinamentos espíritas trazem a mensagem consoladora de que existe vida após a morte, e essa é uma das melhores notícias que podemos receber quando temos entes queridos que já não habitam mais a Terra. As conquistas e os aprendizados adquiridos em vida sempre farão parte do nosso futuro e prosseguirão de forma ininterrupta por toda a jornada pessoal de cada um.

Divulgar o Espiritismo por meio da literatura é a principal missão da FEB, que, há mais de cem anos, seleciona conteúdos doutrinários de qualidade para espalhar a palavra e o ideal do Cristo por todo o mundo, rumo ao caminho da felicidade e plenitude.

O LIVRO ESPÍRITA

CADA LIVRO EDIFICANTE é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregram na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reduto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

EMMANUEL**

** Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 25/2/1963, em Uberaba (MG), e transcrita em *Reformador*, abr. 1963, p. 9.

Codificação

Allan Kardec



- O livro dos Espíritos
- O livro dos Médiuns
- O Evangelho segundo o Espiritismo
- O Céu e o Inferno
- A Gênese
- O que é o Espiritismo
- Obras Póstumas





COLEÇÃO
FORTE VIVA

Integram esta coleção os livros *Caminho, verdade e vida*; *Pão nosso*; *Vinha de luz*; *Fonte viva* e *Ceifa de luz*, todos eles da autoria espiritual de Emmanuel, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier.



Conselho Editorial:

Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente
Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial
Cirne Ferreira de Araújo
Evandro Noleto Bezerra
Maria de Lourdes Pereira de Oliveira
Marta Antunes de Oliveira de Moura
Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi

Produção Editorial:

Rosiane Dias Rodrigues

Revisão:

Ana Luiza de Jesus Miranda
Elizabete de Jesus Moreira

Capa:

Evelyn Yuri Furuta

Projeto Gráfico:

Luciano Carneiro de Holanda

Diagramação:

João Guilherme Andery Tayer

Foto da Capa:

<http://www.istockphoto.com/kamisoka>

Normalização Técnica:

Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro

Esta edição foi impressa pela Gráfica Santa Marta, São Bernardo do Campo, SP, com uma tiragem de 1 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 130x205 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m² para o miolo e o Cartão Triplex 250 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em fonte Minion Pro 11,5/14,5 e os títulos em Zurich Cn BT 14/16,8. Impresso no Brasil.
Presita em Brazilo.